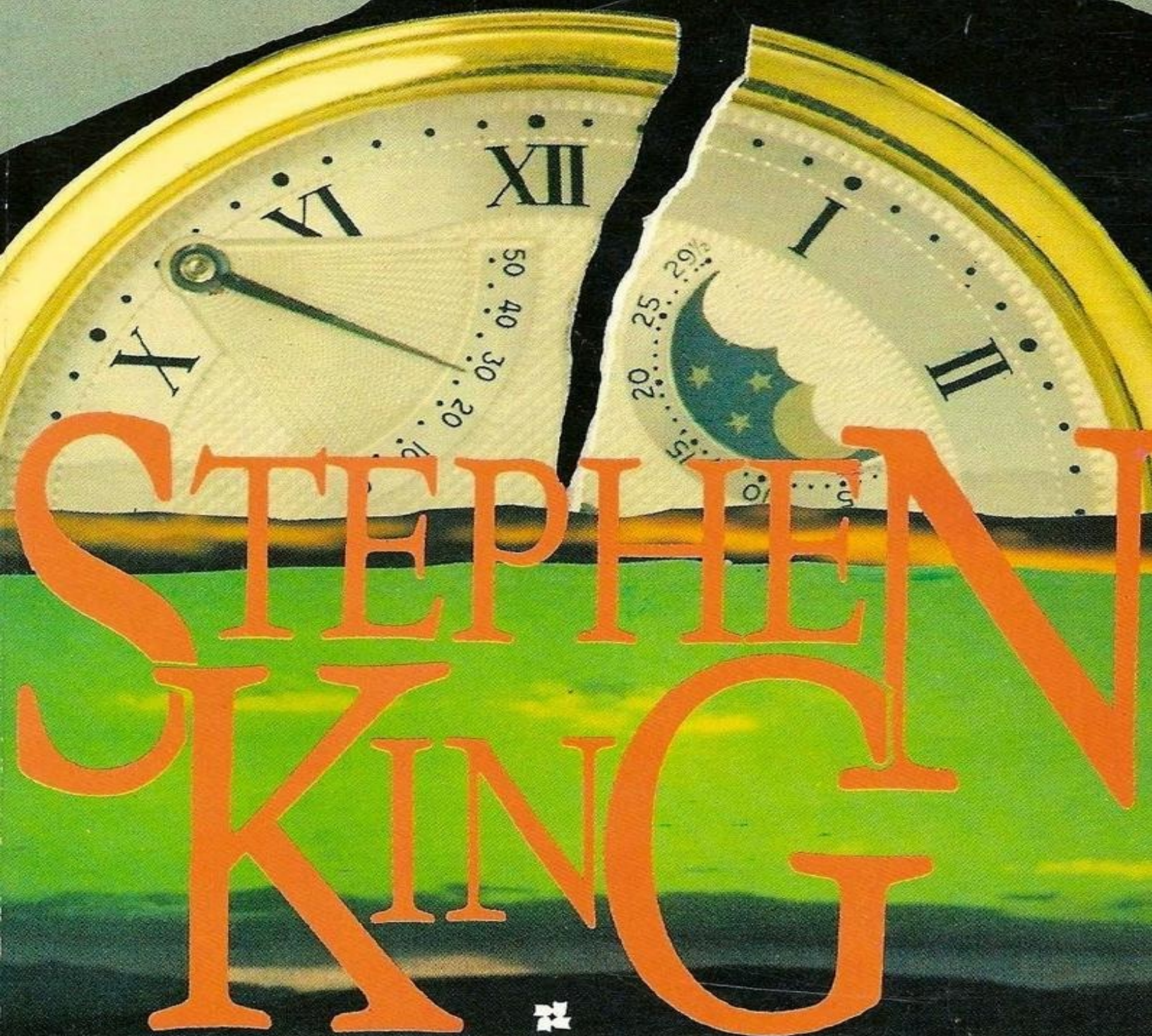
MESTRES DO HORROR E DA FANTASIA

Ha 137 editando o Brasil
FRANCISCO ALVES

Dedicado à todos os Leitores Féis

Dezembro 2019

Stephen King

Depois da Meia-Noite

Tradução

LUÍSA IBANEZ

Francisco Alves
há 137 anos editando o Brasil

No deserto,
Vi uma criatura, nua, bestial,
Que, agachada no chão,
Tinha nas mãos o coração,
E dele comia.
Perguntei, “Está gostoso, amigo?"
“Está amargo — muito amargo", ele respondeu;
“Mas gosto disto
Porque é amargo
E porque é meu coração. ”

Stephen Crane

Vou beijar você, garota, vou abraçá-la,
Vou fazer tudo aquilo que lhe disse
À meia-noite em ponto.

Wilson Pickett

Meia-Noite em Ponto

Nota Introdutória

Bem, consideremos este fato — aqui estamos todos. Reunimo-nos uma vez mais.

Espero que se sinta quase tão feliz quanto eu por estarmos aqui. Aliás, por falar nisto, lembrei me de uma história, e já que contar histórias é o que faço para ganhar a vida (e manter-me lúcido), vou passá-la adiante.

No começo deste ano — estou escrevendo isto em fins de julho de 1989 — estava eu ociosamente diante da televisão, vendo os Red Sox de Boston jogando com os Brewers de Milwaukee. Robin Yount, dos Brewers, foi para o quadrilátero do batedor, e os comentaristas de Boston começaram a maravilhar-se pelo fato de Yount ainda estar com trinta e poucos anos.

— Às vezes, parece que Robin ajudou Abner Doubleday a traçar as primeiras linhas que vão da base do batedor até a primeira e terceira bases — disse Ned Martin, quando Yount se postou no posto do batedor a fim de enfrentar Roger Clemens.

— Certo — concordou Joe Castiglione.—Penso que ele veio para os Brewers assim que saiu do ginásio — está jogando para eles desde 1974.

Endireitei-me na poltrona tão depressa que quase entornei em cima de mim uma lata inteira de Pepsi-Cola. Um momento! eu estava pensando. Esperem aí, um momentinho só! Publiquei meu primeiro livro em 1974! Ora, afinal, não faz tanto tempo assim! Que merda é esta de ele ajudar Abner Doubleday a traçar as primeiras linhas...?

Ocorreu-me então que a percepção de que a forma de como o tempo passa — um tema que surge volta e meia nas histórias que se seguem — é uma coisa altamente individual. É verdade que a publicação de Carrie a na primavera de 1974 (de fato, o livro foi publicado apenas dois dias antes do início da temporada de beisebol e de um adolescente chamado Robin Yount disputar seu primeiro jogo com os Brewers de Milwaukee), não me parece, subjetivamente, ter sido há tanto tempo — em verdade, apenas uma rápida espiada por cima do ombro — porém há outras maneiras de se contar os anos, e algumas delas sugerem que, realmente, quinze anos podem ser um bocado de tempo.

Em 1974, Gerald Ford era Presidente e o Xá ainda dirigia o espetáculo no Irã. John Lennon estava vivo, assim como Elvis Presley. Donny Osmond cantava com os irmãos e irmãs em voz aguda, estridente. Os gravadores em videocassete domésticos tinham sido inventados, mas só podiam ser adquiridos em raros mercados experimentais.

Os entendidos prediziam que quando eles se tomassem largamente disponíveis os aparelhos Beta-format da Sony desbancariam rapidamente formato rival, conhecido como VHS. A ideia de que qualquer um em breve estaria alugando filmes populares, como um dia qualquer um alugara novelas populares em livrarias que faziam este tipo de comércio livreiro, ainda pairava acima do horizonte. Os preços da gasolina haviam atingido altas inconcebíveis: quarenta e oito centavos o galão da comum, cinquenta e cinco centavos o da especial.

Os primeiros cabelos brancos ainda estavam por surgir em minha cabeça e em minha barba. Minha filha, agora segundanista de universidade, tinha quatro anos.

Meu filho mais velho, que hoje está mais alto do que eu, toca blues na harpa e usa suntuosos cachos à Sammy Hagar, que lhe chegam aos ombros, acabava de ser promovido às calcinhas de treinamento de suas funções excretoras. E meu filho caçula, atualmente arremessador e que joga na primeira base de um time que disputa o campeonato dos juvenis, ainda levaria mais três anos para nascer.

O tempo possui esta curiosa qualidade plástica, e tudo que gira acaba retornando.

Quando você toma o ônibus, acha que ele não o levará longe — cruzará a cidade, talvez, não mais do que isso — e, de repente, minha nossa! Você já está a meio caminho para o próximo continente. Acha a metáfora um tanto ingênua? Eu também, e o diabo da coisa é simplesmente isto: não importa. A charada essencial do tempo é tão perfeita que até mesmo observações pueris, como as que acabei de fazer, retêm uma estranha e plangente ressonância.

Uma coisa não mudou durante esses anos — suponho que o principal motivo seja porque às vezes me parece (e, provavelmente, também a Robin Yount) que não se passou tempo algum. Ainda continuo fazendo a mesma coisa: escrevendo histórias.

E isto é ainda muito mais do que o que sei; continua sendo aquilo de que gosto.

Oh, não me entendam mal! Gosto de minha esposa e de meus filhos, amo todos eles, porém continua sendo um prazer descobrir aquelas estradas secundárias típicas, descer por elas, ver quem mora por lá, ver o que eles estão fazendo e a quem estão fazendo isso, talvez até mesmo por que motivo. Continuo a apreciar a singularidade disto, e também aqueles momentos gloriosos, quando os retratos ficam claros e os acontecimentos começam a compor um quadro. A história sempre tem um rabo. O animal é rápido e às vezes o deixo escapar, mas se consigo agarrar, seguro com força... o que é ótimo.

Quando este livro for publicado, em 1990, estarei completando dezesseis anos no ofício do faz-de-conta. A meio caminho no correr destes anos, muito antes de me haver tornado o bicho-papão literário da América — por algum processo que ainda não entendi muito bem — , publiquei um livro chamado Quatro Estações — coleção de quatro novelas anteriores e não publicadas, três delas não sendo histórias de horror. O editor aceitou este livro de boa-fé, mas acho que também com algumas reservas mentais. Sei que eu tinha algumas. O resultado é que nenhum de nós precisaria ter-se preocupado. Às vezes um escritor publica um livro cuja sorte é natural, e Quatro Estações foi desta forma para mim.

Uma das histórias, The Body, tornou-se filme (Stand By Me) e teve uma vitoriosa trajetória... o primeiro filme realmente bem-sucedido e resultante de um trabalho meu, desde Carrie (um filme que desabrochou quando Abner Doubleday e você-sabe-quem estavam traçando aquelas primeiras linhas que vão da base do batedor até... etc., etc.). Rob Reiner, que fez Stand By Me, é um dos mais arrojados e inteligentes produtores cinematográficos que já conheci e fico orgulhoso por minha associação com ele. Também é divertido registrar que a companhia formada pelo Sr. Reiner, em seguida ao sucesso de Stand By Me, é a Castle Rock Productions... um nome com o qual muitos de meus leitores antigos estão familiarizados.

De um modo geral, os críticos também gostaram de Quatro Estações. Quase todos lançaram napalm contra uma determinada novela, mas já que cada um escolheu uma história diferente para carbonizar, decidi que poderia fazer pouco caso deles com total impunidade... e assim foi. Nem sempre semelhante comportamento é possível; quando a maior parte das críticas a respeito de Christine o apontava como um trabalho realmente horrível, cheguei à relutante decisão de que ele talvez não fosse tão bom quanto eu havia esperado (o que, entretanto, não me impediu de embolsar os cheques de direitos autorais).

Conheço escritores que afirmam não lerem o que dizem os críticos ou que não se ofendem com as críticas negativas, se as lêem, e de fato acredito em dois destes indivíduos. Quanto a mim, faço parte da outra espécie — fico obcecado pela possibilidade de críticas ruins e costumo remoê-las, quando aparecem. Entretanto, elas não me deixam abalado pior muito tempo; limito-me a matar algumas criancinhas e senhoras idosas, logo me sentindo novamente bem com a vida e pronto para outra.

Muitíssimo importante é que os leitores gostaram de Quatro Estações. Não me lembro de um só correspondente daquela época que me censurasse por haver escrito algo que não continha horror. Em verdade, a maioria dos leitores queria contar-me que uma das histórias despertara suas emoções de algum modo, que ela os fizera pensar, que os fizera sentir — e essas cartas constituem a legítima retribuição por aqueles dias (e são muitos) em que as palavras surgem com dificuldade e a inspiração parece mínima, inclusive inexistente. Que Deus abençoe e conserve o Fiel Leitor; a boca pode falar, porém um conto não existe, a menos que haja um ouvido solidário para ouvi-la.

O ano 1982, foi isso. O ano em que os Brewers de Milwaukee conquistaram seu único troféu da American League, comandados — sim, você adivinhou — por Robin Yount. Nesse ano, Yount acertou 331 lances, completou vinte e nove circuitos e foi considerado o Mais Valioso Jogador da American League.

Foi um bom ano para nós, os dois velhotes.

Quatro Estações não foi um livro planejado — ele aconteceu, simplesmente. Suas quatro histórias longas surgiram a intervalos irregulares durante um período de cinco anos; eram compridas demais para serem publicadas como contos e algo curtas demais para que cada uma compusesse um livro. Como fazer uma jogada falha ou rebater a bola para o circuito (retirando um, dois e três jogadores e completar o circuito, tudo no mesmo jogo), não se tratou tanto de uma façanha, mas de uma espécie de curiosidade estatística. Senti enorme prazer com seu sucesso e aceitação, mas também um nítido pesar quando o manuscrito foi finalmente apresentado à The Viking Press. Eu sabia que era bom, como também sabia que em toda minha vida provavelmente jamais publicaria outro livro exatamente igual àquele.

Se você espera que lhe diga Bem, eu estava enganado, devo desapontá-lo. O livro que tem em mãos é inteiramente diverso do anterior. Quatro Estações

consistiu de três histórias de "tendências dominantes" e um conto do sobrenatural; neste livro, todas as quatro histórias são de horror. De um modo geral, são um pouco mais longas do que as constantes de Quatro Estações e, foram, em sua maior parte, escritas durante os dois anos em que estive supostamente aposentado. Talvez sejam diferentes por provirem de uma mente que se descobriu, pelo menos temporariamente, voltada para temas mais soturnos.

O tempo, por exemplo, e os efeitos corrosivos que pode ter sobre o coração humano. O passado e as sombras que lança no presente — sombras onde coisas desagradáveis por vezes desenvolvem-se e coisas ainda mais desagradáveis costumam esconder-se... e avolumar-se.

Contudo, nem todos os meus interesses mudaram, e ficou ainda mais forte a maioria de minhas convicções. Continuo acreditando na elasticidade do coração humano e na validade essencial do amor; continuo acreditando que podem ser formadas ligações entre pessoas, nisto às vezes emergindo o alento vital que nos habita. Continuo acreditando que o valor recebido supera, em muito, o preço que deve ser pago. Continuo acreditando, suponho, na vinda do Puro, e como me situar em um lugar onde assumirei posição... defendendo esse lugar até a morte. São crenças e interesses antiquados, mas eu mentiria se não admitisse que ainda os tenho. E que eles ainda me têm.

Também continuo apreciando uma boa história. Adoro ouvir uma e adoro contar uma. Você pode ou não saber (ou talvez não se importe em saber) que me pagaram um bom dinheiro para publicar este livro e mais dois que o seguem, porém, se souber ou importar-se em saber, deveria também ficar sabendo que não recebi um centavo para escrever as histórias do livro. Como tudo o mais que acontece por si mesmo, o ato de escrever se situa além da moeda. É uma grande coisa ter dinheiro, mas quando provém do ato de criar o melhor é não pensar demais nesse dinheiro.

Ele atravanca todo o processo.

Presumo que a maneira de contar minhas histórias também mudou um pouco (espero ter-me aprimorado, é claro, porém, que cada leitor deve julgar e julgará por (si mesmo), embora isto já fosse de esperar. Quando os Brewers conquistaram o troféu em 1982, Robin Yount jogava da segunda base. Agora ele joga de centro. Isto significa, imagino, que ele deve ter desacelerado um pouco... mas continua empalmando todas as jogadas em sua direção.

O mesmo é válido para mim. O que considero excelente.

Uma vez que muitos leitores ficam curiosos sobre a origem de minhas histórias, por certo gostando de saber se elas se encaixariam em um esquema de maior amplitude que o escritor possa estar perseguindo, prefaciei cada uma delas com uma pequena nota a respeito da maneira como chegaram a ser escritas. Você talvez se divirta com essas notas, mas, se preferir, não precisará lê-las; este não é um dever escolar, graças a Deus, e não haverá nenhum exame oral ou arguição mais tarde.

Permita-me encerrar dizendo novamente o quanto é bom estar aqui, vivo e bem, falando mais uma vez com você... e como é bom saber que você continua aí, vivo e bem, à espera de ir para algum outro lugar — um lugar onde, talvez, as paredes tenham olhos e as árvores tenham ouvidos. Um lugar onde algo realmente desagradável tenta escapar do sótão e descer para onde se encontram as pessoas. São coisas que continuam a interessar-me... mas, atualmente, creio que me interessam ainda mais as pessoas que as estejam ou não ouvindo.

Antes que me vá, cumpre-me dizer-lhe como foi encerrado aquele jogo de beisebol. Os Brewers terminaram derrotando os Red Sox. Clemens pôs Yount fora de jogo quando este efetuou sua primeira defesa... mas no segundo tempo Yount (que ajudou Abner Doubleday a traçar aquelas primeiras linhas que vão da base do batedor até... etc., etc., segundo Ned Martin), fez duas jogadas para fora do Monstro Verde, altas o suficiente para lhe permitirem dois circuitos completos pelas bases.

Até o momento, suponho que Robin ainda não está acabado para o ofício de jogador.

Nem eu tampouco, para o meu.

Bangor, Maine

Julho de 1989

Depois da Meia-Noite

Os Langoliers

Janela Secreta, Secreto Jardim

O Policial da Biblioteca

O Cão da Polaroid

Meia-Noite e Um Minuto

Os Langoliers

Esta é para Joe,
outro destemido aviador.

Nota sobre

“Os Langoliers”

Para mim, as histórias surgem em momentos e lugares diferentes: no carro, no chuveiro, enquanto caminho, até mesmo em meio a uma festa ou uma reunião. Em umas duas vezes, as histórias surgiram em sonhos. Entretanto, é muito raro que eu comece a escrever assim que a ideia me vem, e não costumo manter uma “caderneta com idéias”. Não anotar idéias é um exercício de autopreservação. Consigo um bocado delas, porém apenas uma pequena porcentagem tem qualquer validade, de maneira que as confino em uma espécie de arquivo mental. Eventualmente, as idéias imprestáveis terminam autodestruindo-se nesse “arquivo", como a gravação enviada pelo Controle, no início de cada episódio da série Missão:Impossível. Com as boas, não é isto que acontece. De vez em quando, ao abrir a gaveta do arquivo para dar uma espiada no que ficou lá dentro, esse pequeno punhado de idéias levanta os olhos para mim, cada qual com sua própria e vivida imagem central.

Com “Os Langoliers”, essa imagem era a de uma mulher comprimindo a mão sobre uma rachadura, na parede de um jato comercial.

Não adiantou dizer a mim mesmo que pouco sei sobre aviação comercial; fiz isso, porém a imagem permanecia lá, cada vez que abria o arquivo para esmiuçar outra ideia. A coisa chegou a tal ponto que eu passei inclusive a sentir o perfume daquela mulher (era L’Envoi), ver seus olhos verdes e ouvir-lhe a respiração rápida e amedrontada.

Certa noite, enquanto estava na cama, à beira do sono, percebi que essa mulher era um fantasma.

Recordo que me sentei, levantei-me e acendi a luz. Fiquei algum tempo parado na mesma posição, sem pensar muito em coisa alguma... pelo menos superficialmente. No fundo, entretanto, o cara que de fato dirige este negócio para mim estava ocupado em ampliar seu espaço de trabalho e preparando-se para ligar suas máquinas novamente. No dia seguinte, comecei — ou ele começou — a escrever esta história. Ela levou cerca de um mês sendo escrita, e dentre todas as histórias deste livro foi a que fluiu com mais facilidade, compondo-se suave e naturalmente, à medida que prosseguia. Volta e meia, histórias e bebês chegam ao mundo praticamente sem as dores de parto, e foi

assim com esta história. Uma vez que ela possuía um senso apocalíptico similar a uma novela anterior minha, intitulada "O Nevoeiro ', dei início a cada capítulo com um cabeçalho, da mesma forma antiquada, rococó.

Encerrei-a experimentando uma sensação quase tão boa como a sentida enquanto a escrevia... o que é um raro acontecimento.

Sou um pesquisador preguiçoso, mas desta vez esforcei-me bastante em meu dever de casa. Três pilotos — Michael Russo, Frank Soares e Douglas Damon — ajudaram-me a colocar meus fatos corretamente e corretamente mantê-los. Os três mostraram-se muito camaradas quando prometi não infringir coisa alguma.

Terei conseguido manter a correção? Duvido muito. Nem mesmo o grande Daniel Defoe fez isso; em Robinson Crusoé, nosso herói se despe inteiramente, volta a nado até o navio do qual acabara de escapar... e então enche os bolsos com itens de que necessitaria para permanecer vivo em sua ilha deserta. Existe também a novela (cujo título e autor serão misericordiosamente omitidos aqui) a respeito do sistema de trens subterrâneos de Nova Iorque, em que o escritor, aparentemente, confunde os cubículos dos maquinistas com toaletes públicos.

Minha advertência padrão é a seguinte: pelo que fiz certo, agradeçam aos Srs. Russo, Soares e Damon. Pelo que fiz errado, responsabilizem-me. Esta declaração não sugere a mera polidez. Enganos concretos, em geral resultam da falha em fazer a pergunta de maneira adequada, não de Informação errônea. Tomei uma ou duas liberdades com o avião no qual você estará embarcando dentro em pouco; foram pequenas liberdades, mas pareceram necessárias ao andamento da narrativa.

Muito bem, já basta para mim; queira embarcar!

Partamos em um voo por céus inamistosos.

UM

MÁS NOTÍCIAS PARA O CAPITÃO ENGLE.
A GAROTINHA CEGA.
O PERFUME DA DAMA.
O BANDO DOS DALTON CHEGA A TOMBSTONE.
A ESTRANHA CONDIÇÃO DO VÔO 29.

1

Brian Engle manobrou o American Pride L1011 até fazê-lo parar no Portão 22 e desligou a luz do aviso APERTEM OS CINTOS exatamente às 22:14. Deixando escapar um prolongado silvo por entre os dentes, ele soltou os tirantes de ombro.

Não conseguia recordar a última vez em que sentira tamanho alívio — e tamanho cansaço — no final de um voo. Estava com uma dor de cabeça incômoda, latejante, e seus planos para a noite permaneciam inflexíveis. Nada de drinques na sala dos pilotos, nada de jantar e nem mesmo um banho, quando voltasse a Westwood.

Pretendia cair na cama e dormir quatorze horas seguidas.

O Voo 7 — Padrão Máximo da American Pride, de Tóquio para Los Angeles, havia sido atrasado, primeiro por fortes ventos de proa e depois pela típica congestão no aeroporto de Los Angeles... na opinião de Engle o pior aeroporto da América, com exceção do Logan, em Boston. Para piorar a situação, durante a última parte do voo surgira um problema na pressurização. Algo de pouca monta a princípio, mas que gradualmente se intensificara, até tomar-se assustador. Quase atingira o ponto em que poderia ter ocorrido um escape repentino e uma descompressão explosiva. Tais problemas por vezes estabilizavam-se súbita e misteriosamente, o que acontecera desta vez. Os passageiros que agora desembarcavam bem atrás da cabine de controle não tinham a mais remota ideia do quão próximo haviam estado de tomar-se patê humano no voo daquela noite, procedente de Tóquio, mas Brian sabia... e isto lhe provocara aquela tremenda dor de cabeça.

— Esta droga vai daqui direto para o diagnóstico — disse a seu co-piloto. — Já estão esperando e sabem qual é o problema, certo?

O co-piloto assentiu.

— Eles não vão gostar, mas sabem.

— Estou me lixando para o que eles gostam ou não, Danny. Estivemos por pouco esta noite!

Danny Keene tornou a assentir. Sabia que era verdade.

Brian suspirou e friccionou a nuca para baixo e para cima. Sua cabeça latejava como um dente dolorido.

— Talvez eu esteja ficando velho demais para este ofício.

Naturalmente, este era o tipo de coisa que qualquer um fala sobre seu trabalho de quando em quando, em particular no final de um turno difícil, e Brian sabia muitíssimo bem que não era velho demais para aquela tarefa — aos quarenta e três anos, estava apenas chegando à plenitude para os pilotos de empresas aéreas. Não obstante, esta noite quase acreditava em suas palavras. Céus, como estava cansado!

Houve uma batida à porta do compartimento; Steve Searles, o navegador, girou em sua poltrona e abriu a porta, sem se levantar. Um homem envergando o uniforme verde da American Pride estava ali. Parecia um agente de portão, mas Brian sabia que não era. Tratava-se de John (ou talvez fosse James) Deegan, Subchefe de Operações para a American Pride em LAX — o Aeroporto Internacional de Los Angeles.

— Comandante Engle?

— Sim?

Formou-se um conjunto interno de defesas, e a dor de cabeça de Brian chamejou.

Seu primeiro pensamento, nascido não da lógica, mas da tensão e do cansaço, foi de que tentariam impingir-lhe a responsabilidade pelo vazamento no avião. Paranóia, naturalmente, porém ele se encontrava em uma estrutura mental paranóica.

— Lamento ter más notícias para você, comandante.

— Está falando do vazamento?

A voz de Brian soou tão ríspida, que alguns dos passageiros que desembarcavam olharam em torno, porém agora era tarde demais para fazer alguma coisa. Deegan, no entanto, estava sacudindo a cabeça.

— É sobre sua esposa, Comandante Engle.

Por um instante Brian não teve a mais remota noção sobre o que o homem falava e limitou-se a continuar parado e boquiaberto, sentindo-se singularmente idiota.

Então, a moeda caiu. Ele falava de Anne, claro.

— Ela é minha ex-esposa. Faz dezoito meses que nos divorciamos. O que há sobre ela?

— Houve um acidente — disse Deegan. — Talvez seja melhor vir até o escritório.

Brian olhou curiosamente para ele. Após aquelas últimas três longas e tensas horas, tudo isto parecia estranhamente irreal. Resistiu à ânsia de dizer à Deegan que, se aquilo era alguma piada de mau gosto, que ele fosse se foder. Entretanto, é claro que não se tratava disto. Autoridades em empresas aéreas não estão a fim de brincadeiras e peças, em particular à custa de pilotos que, pouco antes, haviam estado à beira de sérios percalços em voo.

— O que há sobre Anne? — Brian se ouviu tornando a perguntar, agora em tom mais brando. Percebia que o co-piloto o fitava com cautelosa solidariedade. — Ela está bem?

Deegan baixou os olhos para seus reluzentes sapatos, e Brian soube que a notícia devia ser mesmo péssima, que Anne estava bastante longe de encontrar-se bem. Ele soube, mas era impossível acreditar. Anne tinha apenas trinta e quatro anos, era saudável, de hábitos cuidadosos. Várias vezes ele a considerara o único motorista inteiramente lúcido na cidade de Boston... talvez em todo o Estado de Massachusetts.

Então, ouviu-se perguntando algo mais, e realmente era como se... como se algo

estranho houvesse penetrado em seu cérebro e usasse sua boca como alto-falante.

— Ela está morta?

John ou James Deegan olhou em torno, como que em busca de apoio, mas havia somente uma comissária de bordo parada junto à portinhola, desejando aos passageiros que desembarcavam uma noite agradável em Los Angeles, volta e meia olhando com ansiedade para a cabine, talvez preocupada com o mesmo que passara pela mente de Brian — que a tripulação, por algum motivo, iria ser responsabilizada pelo lento vazamento que transformara as últimas horas de voo naquele pesadelo.

Deegan viu-se sozinho. Tornou a olhar para Brian e assentiu.

— Sim — receio que esteja. Poderia acompanhar-me, Comandante Engle?

2

À meia-noite e quinze, Brian Engle ocupava a poltrona 5-A, no Voo 29 — Padrão Máximo da American Pride, de Los Angeles a Boston. Dentro de mais ou menos quinze minutos, aquele voo, conhecido como o “olho-vermelho” pelos passageiros transcontinentais, estaria no ar. Brian se lembrou de haver pensado antes que, se o LAX não era o mais perigoso aeroporto comercial da América, então o Logan era.

Graças à mais desagradável coincidência, ele agora teria a chance de experimentar os dois locais, no espaço de oito horas: para LAX, como piloto, e para Logan, como passageiro “penetra”, viajando de graça.

Sua dor de cabeça, agora bastante pior do que estava no pouso do Voo 7, subiu mais um ponto.

Um incêndio, pensou ele. Um maldito incêndio! O que houve com os detectores de fumaça, pelo amor de Deus? Era um prédio novo em folha!

Ocorreu-lhe que mal chegara a pensar em Anne nos últimos quatro ou cinco meses. No decorrer do primeiro ano do divórcio, ela era tudo em que Brian pensara, segundo parecia — o que estaria fazendo, o que vestiria e, claro, com quem saía.

Quando a cura finalmente começou, aconteceu bem depressa... como se lhe tivessem injetado algum antibiótico revigorador do espírito. Havia lido o suficiente sobre divórcio para saber que esse agente revigorador geralmente era não um antibiótico, mas outra mulher. Em outras palavras, o efeito ricochete.

Não houvera outra mulher para Brian — pelo menos, ainda não. Algumas saídas e um cauteloso encontro sexual (ele passara a acreditar que todos os encontros sexuais fora do casamento, na Era da AIDS, eram cautelosos), mas nenhuma outra mulher.

Ele ficara, simplesmente... curado.

Brian ficou espiando o embarque de seus companheiros de viagem. Uma jovem de cabelos louros caminhava com uma menina de óculos escuros. A menina tocava o cotovelo da loura. A mulher murmurava para ela e a menina

imediatamente olhava na direção da voz, fazendo Brian perceber que era cega — por qualquer coisa na maneira de mover a cabeça. É curioso, pensou, como gestos tão mínimos podem dizer tanto.

Anne, pensou. Não era em Anne que eu devia estar pensando?

Sua mente fatigada, no entanto, insistia em desviar-se do assunto Anne — Anne, que havia sido sua esposa, Anne, a única mulher que já agredira levado pela raiva, Anne, que agora estava morta.

Brian supôs que poderia fazer uma excursão de conferências; falaria para grupos de homens divorciados. Diabo, mulheres divorciadas também, por falar nisso. Seu tema seria o divórcio e a arte de esquecer.

O momento ideal para o divórcio é logo depois do quarto aniversário, diria a eles. Vejam o meu caso. Passei o ano seguinte no purgatório, procurando saber quanto daquilo era culpa minha e quanto seria dela, perguntando-me o quão certo ou errado era ficar insistindo com ela a respeito de filhos — aí estava a grande questão entre nós, nada tão dramático como drogas ou adultério, apenas a velha questão de filhos versus carreira —, e tudo se resumia em um elevador expresso dentro de minha cabeça, tendo Anne como passageira, descendo cada vez mais.

Sim. Para baixo ele se fora. E, nos últimos meses, Brian praticamente não pensara mais em Anne... nem mesmo quando vencia o cheque mensal da pensão. Era uma quantia bastante razoável, bastante civilizada; Anne estava ganhando oitenta mil por ano em sua profissão, rendimento bruto, antes da dedução dos impostos. O advogado dele fazia os pagamentos e tudo consistia em apenas um item a mais na prestação mensal de contas que recebia, um pequeno item de dois mil dólares, imprensado entre a conta de energia elétrica e o pagamento da hipoteca do condomínio.

Ele viu um desengonçado adolescente, com um estojo de violino debaixo do braço e um yarmulka na cabeça, vir descendo o corredor. O rapazinho parecia nervoso e excitado, com os olhos transbordantes de futuro. Brian invejou-o.

Houvera bastante amargura e raiva entre eles dois durante o último ano de casamento. Finalmente, cerca de quatro meses antes do fim, acontecera: sua mão havia dito vá antes que o cérebro dissesse não. Brian não gostava de recordar aquilo.

Ela havia bebido além da conta em uma festa e, de fato, caíra na pele dele quando chegaram em casa.

Deixe-me em paz sobre isso, Brian. Apenas deixe-me em paz! Nada mais de falar em filhos. Se quer um exame para contagem de espermatozóides, procure um médico. Meu trabalho é publicidade, não fabricar bebês. Estou tão farta de toda essa sua cascata machista...

Fora então que a tinha esbofeteado, com força, direto na boca. A pancada cortara a última palavra com brutal precisão. Haviam ficado olhando um para o outro, no apartamento onde ela mais tarde morreria, ambos mais chocados e amedrontados do que jamais admitiriam (exceto que, talvez agora, sentado ali na poltrona 5-A, assistindo ao embarque dos passageiros do Voo 29, ele estava admitindo o fato, finalmente admitindo-o para si mesmo). Ela havia tocado a boca, que começara a sangrar.

Estendera os dedos na direção dele.

Você me bateu! havia dito. Não havia raiva na voz, mas espanto. Brian achava que poderia ser aquela a primeira vez que alguém deixara cair uma mão enfurecida sobre qualquer parte do corpo de Anne Quinlan Engle.

Sim, respondera ele. Pode apostar que sim! E tornarei a bater se você não calar a boca! Não irá mais ferir-me com sua língua, minha querida. Será melhor colocar um cadeado nela. Estou falando para o seu próprio bem. Esses dias terminaram. Se quiser chutar alguma coisa pela casa, compre um cachorro!

O casamento capengara por mais alguns meses, mas de fato havia terminado no momento em que a palma da mão de Brian estabelecera um rude contato com o lado da boca de Anne. Havia sido provocado — Deus era testemunha —, mas ainda faria qualquer coisa para eliminar aquele infeliz segundo.

Quando os últimos passageiros começaram a rarear no embarque, ele se viu pensando no perfume de Anne, quase obsessivamente. Podia recordar a fragrância exatamente, mas não o nome. Qual era mesmo? Lissome? Lithesome? Lithium, pelo amor de Deus! Ele bailava logo além do seu alcance. Era enlouquecedor.

Sinto falta dela, pensou foscamente. Agora que se foi para sempre, sinto falta dela.

Não é surpreendente?

Lawnboy? Seria um nome assim tão idiota?

Oh, pare com isto, falou para sua mente esfalfada. Ponha uma pedra sobre esse assunto.

Tudo bem, concordou sua mente. Não há problema, eu posso parar. Posso parar à hora que quiser. Seria Lifebuoy? Não, este é nome de sabonete. Sinto muito.

Lovebite? Lovelorn?

Brian ajustou o cinto de segurança, reclinou-se na poltrona e sentiu o cheiro de um perfume cujo nome não conseguia recordar.

Foi quando a comissária de bordo falou com ele. Claro: Brian Engle tinha uma teoria de que elas aprendiam — em um curso de pós-graduação altamente secreto, talvez intitulado Provocar o Pateta — a esperar até o passageiro fechar os olhos para lhe oferecerem algum serviço não de todo essencial. E, naturalmente, também eram ensinadas a esperar até ficarem razoavelmente certas de que o passageiro dormia, antes de o acordarem perguntando se ele gostaria de uma manta ou travesseiro.

— Perdão... — começou ela, depois parou.

Brian reparou que os olhos dela iam das dragonas nos ombros de sua túnica preta ao quepe com o inexpressivo rabisco de ovos mexidos sobre a poltrona vazia ao lado dele. A comissária reformulou o pensamento e começou de novo.

— Perdão, comandante, mas gostaria de um café ou um suco de laranja?

Brian divertiu-se ligeiramente ao ver que algo a tinha deixado perturbada. Ela fez um gesto para a mesa à frente do compartimento logo abaixo da pequena tela retangular para filmes, havia dois baldes de gelo na mesa. O esguio gargalo verde de uma garrafa de vinho assomava em cada um deles.

— Também tenho champanha, claro — acrescentou ela.

Engle considerou

(Love Boy, estou chegando perto, mas nada de charutos) o champanha, mas apenas brevemente.

— Não quero nada, obrigado — disse. Também nada do serviço de bordo. Acho que vou dormir a viagem inteira até Boston. Que tal o tempo?

— Há nuvens a 20.000 pés em toda a extensão das Grandes Pradarias até Boston, porém não há problema. Iremos a trinta e seis. Oh, recebemos relatos da aurora boreal acima do Deserto de Mojave. Talvez queira estar acordado para vê-la.

Brian ergueu as sombrancelhas.

— Está brincando! Aurora boreal acima da Califórnia? E a esta época do ano?

— Foi o que nos informaram.

— Alguém deve estar tomando drogas baratas em excesso — disse Brian, e ela riu.

— Acho que prefiro minha soneca, obrigado.

— Perfeitamente, comandante. — Ela vacilou um momento mais. — O senhor é o comandante que acabou de perder a esposa, não?

A dor de cabeça latejou e rosnou, mas ele forçou ura sorriso. Esta mulher — que não passava de uma garota — não pretendia feri-lo.

— Era minha ex-esposa, mas fora isso, sim. Sou eu mesmo.

— Lamento profundamente a sua perda.

— Obrigado.

— Já terei voado antes com o senhor?

O sorriso dele reapareceu brevemente.

— Não creio. Nos últimos quatro anos, aproximadamente, estive voando para o estrangeiro. — E, porque de certo modo parecia necessário, ele ofereceu a mão.

— Brian Engle.

A comissária de bordo apertou-a.

— Melanie Trevor.

Engle tornou a sorrir para ela, depois recostou-se e voltou a fechar os olhos.

Deixou-se ficar sonolento, mas sem dormir — os avisos pré-vôo, seguidos pela decolagem, serviriam apenas para acordá-lo de novo. Haveria tempo suficiente para dormir quando estivessem no ar.

O Voo 29, como a maioria dos vôos olho-vermelho, teve início prontamente — Brian refletiu que estava satisfeito com a escassa lista de atrações oferecidas. O aparelho era um 767, com pouco mais da metade ocupada pelos passageiros. Havia uma meia dúzia na primeira classe. Nenhum deles pareceu-lhe embriagado ou criador de casos. Isso era bom. Talvez realmente conseguisse dormir durante todo o voo até Boston.

Observou Melanie Trevor pacientemente, enquanto ela apontava para as portas de saída do avião, demonstrava como usar a pequena taça dourada, caso houvesse alguma perda de pressurização (um procedimento que Brian estivera revendo em sua própria mente — e com certa urgência — não fazia muito tempo), e como inflar o colete salva-vidas, colocado debaixo das poltronas. Quando o avião decolou, ela tornou a aproximar-se e perguntou novamente se podia trazer-lhe alguma coisa para beber. Brian negou com a cabeça, agradeceu, e então pressionou o botão que inclinava a poltrona. Fechando os olhos, adormeceu em seguida.

Nunca mais tornou a ver Melanie Trevor.

3

Cerca de três horas após a decolagem do Voo 29, uma garotinha chamada Dinah Bellman acordou e perguntou para sua tia Vicky se podia beber água.

Como a tia Vicky não respondeu, Dinah tornou a perguntar. Ainda sem receber resposta, estirou o braço para tocar o ombro da tia, mas já absolutamente certa de que sua mão encontraria apenas o encosto de uma poltrona vazia, e foi o que aconteceu. O Dr. Feldman lhe havia dito que crianças cegas desde o nascimento frequentemente desenvolviam uma alta sensibilidade — quase uma espécie de radar — em relação à presença ou ausência de pessoas em sua área imediata, mas Dinah, em verdade, dispensava a informação. Sabia que era verdade. Nem sempre funcionava, mas acontecia geralmente... em particular se a pessoa em questão era a sua Pessoa com Visão.

Bem, ela deve ter ido ao banheiro e logo estará de volta, pensou Dinah, mas sentindo que, assim mesmo, era tomada de estranha e vaga inquietação. Não acordara de repente; havia sido um lento processo, como uma mergulhadora debatendo-se para chegar à superfície de um lago. Se a tia Vicky, que ocupava a poltrona junto da janela, a tivesse roçado quando saía para o corredor, nos dois ou três últimos minutos, Dinah certamente a sentiria.

Então, ela foi antes, disse para si mesma. Provavelmente não queria fazer xixi apenas — afinal de contas, Dinah, não é nada para preocupar-se. Talvez ela tenha parado para conversar com alguém quando vinha para cá.

Dinah não ouvia ninguém conversando na cabine principal do enorme avião — somente o zumbido dos jatos, suave e uniforme. Sua inquietação aumentou.

A voz da Srta. Lee, sua terapeuta (embora Dinah sempre pensasse nela como sua professora cega), falou dentro de sua cabeça: Não deve sentir medo, Dinah — todas as crianças sentem medo de vez em quando, principalmente em situações que são novas para elas. Isto vale em dobro para crianças cegas. Acredite em mim, eu sei.

E Dinah acreditou nela, porque a Srta. Lee, como ela própria, havia nascido cega.

Não abra mão do seu medo... mas tampouco se entregue a ele. Fique quieta e

procure raciocinar sobre a situação. Ficará surpresa em ver quantas vezes isto funciona.

Principalmente em situações que são novas para elas.

Bem, isto certamente se ajustava; aquela era a primeira vez que Dinah voava em alguma coisa, quanto mais um voo de costa a costa, em um imenso jato transcontinental.

Procure raciocinar sobre a situação.

Bem, ela despertara em um lugar estranho e descobrira que sua Pessoa com Visão se fora. Evidentemente, era algo assustador, mesmo quando se sabe ser uma ausência temporária — afinal de contas, sua Pessoa com Visão não poderia resolver dar um pulinho na lanchonete mais próxima porque estava faminta, uma vez que estava trancada em um avião, voando a 37.000 pés de altitude. E quanto ao estranho silêncio na cabine... bem, enfim, aquele era o olho-vermelho. Sem dúvida os outros passageiros estariam dormindo.

Todos eles? perguntou a parte preocupada de sua mente. TODOS eles estariam dormindo? Seria possível?

Então a resposta lhe veio; o filme. Os que permaneciam acordados estavam assistindo ao filme de bordo. Claro!

Uma sensação quase palpável de alívio a invadiu. Tia Vicky lhe dissera que o filme era de Billy Crystal e Meg Ryan, em Quando Harry Conheceu Sally..., e também tinha dito que pretendia assisti-lo... se conseguisse ficar acordada, naturalmente.

Dinah deslizou levemente a mão pela poltrona da tia, querendo encontrar os fones de ouvido que ela usaria, porém não estavam lá. Em vez dos fones, seus dedos tocaram um livro de capa mole. Um dos romances que tia Vicky gostava de ler, sem dúvida — histórias dos tempos em que os homens eram homens e as mulheres não eram, como dizia ela.

Os dedos de Dinah tatearam um pouco mais e encontraram outra coisa — couro liso, de fino granulado. Um momento mais tarde, tateava um zíper e logo depois encontrava a correia.

Era a bolsa de tia Vicky.

A inquietação de Dinah voltou. Os fones de ouvido não estavam na poltrona da tia Vicky, mas a bolsa dela estava. Aquela bolsa continha todos os cheques de viagem, com exceção de uns vinte dólares enfiados bem no fundo da bolsa de Dinah — ela estava bem a par disto, porque ouvira mamãe e tia Vicky falando a respeito antes de saírem de casa, em Pasadena.

Tia Vicky sairia para o banheiro, abandonando a bolsa na poltrona? Ela seria capaz disto, quando sua companheira de viagem tinha somente dez anos e, além de estar dormindo, ainda era cega?

Dinah achava que não.

Não abra mão de seu medo... mas tampouco se entregue a ele. Fique quieta e procure raciocinar sobre a situação.

Não obstante, ela continuava não gostando daquela poltrona vazia, como não gostava do silêncio do avião. Achava que fazia perfeito sentido a maioria dos passageiros estar dormindo, com os acordados mantendo-se quietos o mais possível, em consideração aos outros, porém ela ainda não gostava disto. Um animal, de dentes e garras extremamente aguçados, acordou e começou a rosnar dentro de sua cabeça. Dinah sabia o nome desse animal: era pânico, e, se não o contivesse rapidamente, acabaria fazendo algo que poderia deixá-la constrangida e também à tia Vicky.

Quando eu estiver enxergando, quando os médicos de Boston consertarem meus olhos, não terei que enfrentar coisas idiotas como esta.

Indiscutivelmente, isto era verdade, porém neste momento não a ajudava em absoluto.

De repente, Dinah recordou que, após se terem sentado, tia Vicky lhe tomara a mão, dobrando todos os dedos, exceto o indicador, e então guiara este dedo para o lado de sua poltrona. Os controles ficavam ali — eram apenas alguns, simples, fáceis de lembrar. Havia duas rodinhas que se podia usar uma vez colocados os fones de ouvido — girando uma delas, mudava-se para canais de áudio diferentes; girando a segunda, controlava-se o volume. O pequeno controle retangular era para a luz acima da poltrona. Você não precisará deste, havia dito tia Vicky com um sorriso na voz.

Pelo menos por enquanto. O último era um botão quadrado — quando apertado, chegava uma comissária de bordo.

O dedo de Dinah tocou este botão e deslizou por sua superfície ligeiramente convexa.

Você quer mesmo fazer isto? perguntou a si mesma, e a resposta foi imediata: Sim, quero!

Apertou o botão e ouviu o toque suave. Então, esperou.

Ninguém apareceu.

Havia apenas o suave e aparentemente eterno sussurro dos motores a jato.

Ninguém falava. Ninguém ria. (Talvez esse filme não seja tão engraçado como a tia Vicky achava que fosse, pensou Dinah.) Ninguém tossia. Ao lado dela, a poltrona da tia Vicky continuava vazia e nenhuma comissária de bordo se inclinava para ela, envolta em confortador halo de perfume de xampu e vagos odores de maquiagem, para perguntar se podia trazer-lhe alguma coisa — um sanduiche ou talvez aquele copo d’água.

Somente o regular e suave zumbido dos motores a jato.

O pânico animal urrava mais forte do que nunca. Para combatê-lo, Dinah concentrou-se em focalizar aquele dispositivo de radar, tornando-o uma espécie de bengala invisível, que podia estender de sua poltrona, ali no centro da cabine principal. Era boa nisso; às vezes, quando se concentrava muito, quase acreditava que podia enxergar pelos olhos dos outros. Acontecia se pensasse muito naquilo, se o desejasse muito. Certa vez, falara à Srta. Lee sobre tal sensação, e a resposta havia sido inusitadamente ríspida. A visão partilhada é apenas um a fantasia comum dos cegos, dissera ela. Particularmente das crianças cegas. Não cometa o erro de confiar nessa sensação, Dinah, porque poderá ver-se engessada após despencar por um lance de escada ou passar diante de um carro.

Assim, ela deixara de lado seus esforços sobre “visão partilhada’, como a Srta. Lee a chamara e, nas raras ocasiões em que a sensação a envolvera de novo, a sensação de que estava vendo o mundo, penumbroso, ondulante, mas ali, através dos olhos de sua mãe ou da tia Vicky —, tentara rejeitá-la... como a pessoa que,

receando estar perdendo o juízo, tenta bloquear o murmúrio de vozes fantasmais. Agora, no entanto, Dinah sentia medo, de maneira que “tateou” por outras pessoas, quis fazer contato com elas, mas não as encontrou.

Neste momento, o terror era gigantesco nela e muito alto o urro do pânico animal. Dinah sentiu o choro acumular-se na garganta e trincou os dentes para contê-lo. Porque ele não sairia como lágrimas ou soluços; se o deixasse escapar, partiria de sua boca como um brado estentóreo.

Não quero gritar, disse firmemente para si mesma. Não quero gritar e deixar a tia Vicky envergonhada. Não quero gritar e acordar todos os que estão dormindo nem assustar todos os que estão acordados, porque eles viriam correndo e dizendo: olhem para a garotinha assustada, olhem para a garotinha cega e assustada.

No entanto, agora aquele senso de radar — aquela parte dela que avaliava todos os tipos de vago input sensorial e que, às vezes, parecia enxergar através dos olhos dos outros (pouco importando o que dissesse a Srta. Lee) — mais aumentava seu medo do que o aliviava.

Porque aquele senso lhe dizia que não havia ninguém dentro do círculo de sua percepção real.

Absolutamente ninguém.

4

Brian Engle estava tendo um sonho muito ruim. Nele, via-se novamente pilotando o Voo 7, de Tóquio a Los Angeles, mas agora o vazamento era muito pior. Na cabine de comando havia um palpável senso de predestinação; Steve Searles chorava enquanto comia um pedaço de pastelão dinamarquês.

Se está tão perturbado, como consegue comer? perguntou Brian. Um assobio agudo, de chaleira, começara a encher a cabine — o som do vazamento da pressurização, admitiu ele. Isto era tolice, claro — os vazamentos em geral são silenciosos, até que ocorra o escape repentino de pressão — , porém ele supunha que tudo era possível em sonhos.

Porque eu adoro estas coisas e nunca mais poderei comer outra, respondeu Steve, soluçando mais forte do que nunca.

Então, de repente, cessou o som de assobio agudo. Surgiu uma sorridente e aliviada comissária de bordo — de fato, era Melanie Trevor — para dizer-lhe que o rombo havia sido encontrado e tamponado. Brian levantou-se e a seguiu através do avião até a cabine principal, onde Anne Quinlan Engle, sua ex-esposa, estava de pé em um pequeno compartimento, do qual as poltronas haviam sido removidas. Escrita acima da janela ao lado dela havia a enigmática e, de certo modo, soturna frase: ESTRELAS CADENTES APENAS. As letras eram vermelhas, a cor do perigo.

Anne vestia o uniforme verde-escuro de comissária de bordo da American Pride, o que ele achou estranho — ela era uma executiva de publicidade em uma agência de Boston e sempre olhara de nariz em pé, seu afilado e aristocrático nariz, para as aeromoças com quem seu marido voava. A mão dela estava pressionada contra uma rachadura na fuselagem.

Viu, querido? disse ela, orgulhosamente. Foi tudo providenciado. Nem mesmo tem importância você ter-me agredido. Já o perdoei.

Não faça isso, Anne! gritou ele, mas era tarde demais. Surgiu uma dobra nas costas da mão dela, imitando a forma da rachadura na fuselagem. A dobra ficou mais funda à medida que a pressão diferencial sugava inapelavelmente a mão de Anne para fora. O dedo médio passou primeiro pelo rombo, depois o anular, seguido pelo indicador e o mínimo. Houve um vivo ruído de estouro, como o de

uma rolha de champanha sendo retirada por um garçon muito ansioso, quando toda a mão dela foi sugada através da rachadura na fuselagem do avião.

Ainda assim, Anne continuava sorrindo.

É L’Envoi, querido, disse ela, quando seu braço começou a desaparecer. Os cabelos escapavam do grampo que os prendia para trás e agitavam-se à volta do rosto, em uma nuvem vaporosa. E o que sempre usei, não se lembra?

Ele se lembrava... lembrava-se agora. Entretanto, agora não fazia mais diferença.

Anne, volte! gritou.

Ela continuava sorrindo, enquanto o braço era lentamente sugado para o vazio, fora do avião.

Não dói nem um pouco, Brian, acredite.

A manga do blazer verde da American Pride começou a drapejar, e Brian viu que a carne de Anne estava sendo puxada para fora, através daquela fenda, como pegajosa lama esbranquiçada.

L’Envoi, lembra-se? perguntou Anne, enquanto era sugada aos poucos através da rachadura. Agora Brian podia ouvir novamente — aquele som que o poeta James Dickey certa vez chamou “o vasto silvo animal do espaço”. O som foi ficando mais forte à medida que o sonho ensombrecia e, ao mesmo tempo, começou a estender-se. Para tornar-se não o grito do vento, mas de uma voz humana.

Brian abriu os olhos subitamente. Ficou um momento desorientado pelo vigor do sonho, mas foi apenas um momento — era um profissional em um serviço de alto risco e alta responsabilidade, um trabalho onde um dos absolutos pré-requisitos era o tempo de rapidez da reação. Estava no Voo 29, não no Voo 7, não ia de Tóquio para Los Angeles, mas de Los Angeles para Boston, onde Anne já se encontrava morta — não a vítima de um vazamento na pressurização, mas de um incêndio em seu condomínio da Avenida Atlântico, próximo à orla do mar. O som, no entanto, continuava ali.

Era uma garotinha, gritando agudamente.

5

— Por favor, alguém poderia falar comigo? — perguntou Dinah Bellman, em voz baixa e nítida. — Sinto muito, mas minha tia desapareceu e sou cega.

Ninguém respondeu. Quarenta filas e duas divisões adiante, o Comandante Brian Engle sonhava que seu navegador estava chorando e comendo pastelão dinamarquês.

Havia apenas o continuado zumbido dos motores a jato.

O pânico tornou a ensombrecer-lhe a mente, e Dinah fez a única coisa que julgou capaz de afugentá-lo: desafivelou o cinto de segurança, levantou-se e esgueirou-se para o corredor entre as poltronas.

— Olá! — chamou, em voz mais alta. — Olá, alguém!

Ainda não houve resposta. Ela começou a chorar. Não obstante, procurou controlar-se severamente, enquanto caminhava para diante devagar, ao longo do corredor de bombordo. Não esqueça de ir contando, avisou freneticamente uma parte de seu cérebro. Conte as filas que forem passando a seu lado ou acabará perdida e nunca mais encontrará o caminho de volta!

Parou junto à fila de poltronas a bombordo, logo à frente daquela em que estivera sentada com a tia Vicky, e inclinou-se, os braços estendidos, dedos bem abertos.

Tomara coragem para tocar o rosto do homem sentado ali. Sabia que ali havia um homem, porque tia Vicky falara com ele apenas um ou dois minutos antes do avião levantar voo. Quando ele respondera, a voz viera da poltrona diretamente em frente à de Dinah. Ela sabia disso; marcar a localização de vozes fazia parte de sua vida e era um fato comum da existência, como respirar. O homem adormecido acordaria sobressaltado quando seus dedos estirados o tocassem, mas Dinah deixara de preocupar-se com isto.

Só que a poltrona estava vazia.

Completamente vazia.

Dinah endireitou o corpo novamente, as faces molhadas, a cabeça latejando de medo. Eles não podiam estar no banheiro juntos, podiam? Claro que não.

Talvez houvesse dois banheiros. Em um avião tão grande como aquele, devia haver dois banheiros.

Só que isso também não importava.

Houvesse o que houvesse, tia Vicky não deixaria a bolsa abandonada. Dinah tinha certeza.

Começou a caminhar lentamente para diante, parando a cada fila de poltronas, tateando primeiro as duas mais próximas, a bombordo, em seguida as de estibordo.

Descobriu outra bolsa em uma das poltronas, o que parecia uma pasta de executivo em outra, uma caneta e um bloco de notas em uma terceira. Em outras duas, tateou fones de ouvido. No segundo par de fones, seus dedos sentiram algo pegajoso. Ela esfregou um dedo no outro, fez então uma careta e os limpou no tecido que protegia o encosto de cabeça da poltrona. Aquilo era cera de ouvido. Dinah tinha certeza. Cera de ouvido possuía uma textura toda própria, inconfundível.

Dinah Bellman continuou sua lenta caminhada pelo corredor, não mais se dando ao trabalho de ser delicada em sua investigação. Não fazia diferença alguma. Não chegou a espetar nenhum olho, não beliscou nenhum rosto, não puxou nenhum cabelo.

Cada poltrona que investigava estava vazia.

Não épossível! pensou alucinadamente. Simplesmente, não épossível! Estavam todos à nossa volta quando entramos! Eu os vi! Eu os senti! Eu senti o cheiro deles!

Para onde foram todos?

Ela não sabia, mas todos haviam desaparecido: a cada vez ficava mais convencida disso.

A certa altura, enquanto dormia, sua tia e todos os demais passageiros do Voo 29

tinham sumido.

Não! A voz da Srta. Lee bradou na parte racional de sua mente. Não, isso é impossível, Dinah! Se todos sumiram, quem está pilotando o avião?

Ela começou a mover-se para diante, agora mais depressa, as mãos aferrando-se as bordas das poltronas, os olhos cegos arregalados atrás dos óculos escuros, a barra do vestido rosa de viagem revoluteando. Havia perdido a contagem, mas sua enorme angústia ante o continuado silêncio, aquilo deixara de importar-lhe muito.

Tornou a parar e estendeu as mãos tateantes para a poltrona à direita. Desta vez tocara em cabelo... mas sua localização estava toda errada. O cabelo estava no assento — como era possível?

Suas mãos se fecharam em torno dele... e o ergueram. A compreensão, súbita e terrível, penetrou-lhe no cérebro.

São cabelos, mas o homem a quem pertenciam desapareceu. E um escalpo.

Estou segurando o escalpo de um morto!

Foi então que Dinah Bellman abriu a boca e começou a dar os gritos estridentes que arrancaram Brian Engle de seu sonho.

6

Albert Kaussner estava com a barriga encostada no balcão do bar, bebendo uísque Ferro de Marcar. Os irmãos Earp, Wyatt e Virgill, estavam à sua direita e Doc Holliday, à esquerda. Ele acabava de erguer seu copo para fazer um brinde quando um homem de perna de pau entrou correndo e manquejando no Saloon de Sergio Leone.

— O bando dos Dalton!— gritou ele. — Os Dalton acabaram de entrar na cidade!

Wyatt se virou para encará-lo, sem perder a calma. Seu rosto era afilado, atraentemente queimado de sol. Tinha grande semelhança com Hugh O'Brian.

— Isto aqui é Tombstone, Muffin — disse. E você, procure controlar-se, homem!

Não vá borrar as calças!

— Bem, eles chegaram a cavalo, sejam quem forem! — exclamou Muffin. — E parecem mesmo alucinaaados, Wyatt! Parecem meeesmo alucinaaaaados!

Como que provando suas palavras, começaram a soar tiros na rua lá fora — o pesado troar de pistolas 44 do Exército (provavelmente roubadas), de mistura com as explosões mais agudas, semelhantes a chicotadas, de rifles Garand.

— Não precisa puxar tanto as calças para cima, Mufify. Vão ficar emboladas na barriga — disse Doc Holliday, empurrando o chapéu para trás.

Albert não estava tão surpreso ao ver que Doc era parecido com Robert De Niro.

Ele sempre acreditara que, se alguém tinha o direito indiscutível de representar o dentista tísico, esse alguém era De Niro.

— O que dizem, rapazes? — perguntou Virgil Earp, olhando em torno.

Virgil não mostrava grande semelhança com alguém.

— Vamos — disse Wyatt. — Esses malditos Clanton já me encheram o

suficiente para uma vida inteira!

— São os Dalton — observou Albert, em voz baixa.

— Estou pouco me lixando, se forem John Dillinger e Pretty Boy Floyd! — exclamou Wyatt. — Está conosco ou não, Ace?

— Estou com vocês — assentiu Albert Kaussner, falando no tom macio, mas ameaçador, do matador nato.

Kaussner deixara uma das mãos cair na coronha de seu Buntline Special, cano longo, levando a outra à cabeça por um momento, a fim de certificar-se de que seu yarmulka estava firme. Estava.

— Muito bem, rapazes — disse Doc. — Vamos esquentar o traseiro dos Dalton!

Começaram a caminhar juntos os quatro, ombro a ombro, e cruzaram as portinholas de vaivém precisamente quando o sino da Igreja Batista de Tombstone começou a dar as badaladas do meio-dia.

Os Dalton vinham descendo a Rua Principal a todo galope de suas montarias, furando de balas as vidraças das janelas e fachadas falsas dos prédios. Transformaram em chafariz o barril de aparar água da chuva, diante do Mercantil e Consertos Garantidos de Armas Duke's.

Ike Dalton foi o primeiro a ver os quatro homens de pé na rua poeirenta, os fraques puxados para trás, a fim de que a coronha das armas ficasse livre. Ike sofreou ferozmente o cavalo, fazendo-o empinar-se nas patas traseiras, relinchando, a espuma escorrendo em grossos rolos em torno do freio do cabresto. Ike Dalton parecia-se bastante com Rutger Hauer.

— Vejam só quem temos aqui! — rosnou ele. — Wyatt Earp e seu irmãozinho maricas, Virgil!

Emmett Dalton (parecido com Donald Sutherland, após um mês de farras noturnas) parou o cavalo ao lado de Ike.

— E o dentista fresco, seu amigo, também! — latiu ele. — Quem mais vai querer...

— Então, ele olhou para Albert e empalideceu.

O sorriso debochado de Emmett morreu em seus lábios. Pai Dalton emparelhou a montaria com a dos dois filhos. Era muito parecido com Slim Pickens.

— Cristo! — sussurrou Pai. — É Ace Kaussner!

Agora foi Frank James quem sofreou sua montaria ao lado do cavalo de Pai Dalton.

Seu rosto tinha a cor de pergaminho sujo.

— Que diabo, rapazes! — exclamou Frank. — Não me incomodo de infernizar uma ou duas cidades em um dia monótono, mas ninguém me disse que Judeu Arizona ia estar aqui!

Albert "Ace" Kaussner, conhecido de Sadalia a Steamboat Springs como Judeu Arizona, deu um passo à frente. Sua mão pairava sobre o coldre do Buntline. Lançou para um lado uma cusparada de tabaco, sem afastar os gélidos olhos cinzentos dos sujeitos durões em suas montarias, seis metros à sua frente.

— Vamos, mexam-se, rapazes! — disse Judeu Arizona. — Pela minha contagem, falta encher mais da metade do inferno!

O bando dos Dalton levou as mãos às armas justamente quando o sino do relógio na torre da Igreja Batista de Tomstone lançava a última badalada do meio-dia no ar quente do deserto. Ace também buscou sua arma, empunhando-a com a velocidade do raio, e quando começou a disparar em leque, batendo no percussor as costas da mão esquerda, enviando um chuveiro mortal de balas 45 contra o bando dos Dalton, uma garotinha parada diante do Hotel Longhorn começou a gritar.

Alguém precisa fazer essa pestinha parar de berrar, pensou Ace. O que há com ela, afinal? Tenho a situação sob controle. Não é por nada que me conhecem como o mais rápido hebreu a oeste do Mississípi.

Os gritos, no entanto, continuaram, riscando o ar, obscurecendo-o, enquanto tudo começava a desintegrar-se.

Por um momento Albert não esteve em lugar algum — estava perdido em meio à

escuridão, trevas recheadas de fragmentos de seu sonho, que giravam e rodopiavam em um turbilhão. A única coisa constante era aquele terrível grito; soava como o silvo agudo de uma chaleira fervente.

Ele abriu os olhos e espiou em torno. Estava em sua poltrona, virada para a frente da cabine principal do Voo 29. Vindo da traseira do avião, caminhando pelo corredor entre poltronas, ele viu uma menina de uns dez ou doze anos, usando um vestido rosa e óculos escuros.

O que será ela, alguma atriz de cinema ou coisa assim? pensou ele, mas continuava terrivelmente assustado. Aquela era uma péssima forma de sair de seu sonho favorito.

— Ei! — chamou, mas em voz baixa, a fim de não acordar os outros passageiros. — Ei, garota! O que há?

A menina girou velozmente a cabeça para o som da voz dele. Seu corpo girou um momento depois, e ela colidiu com uma das poltronas enfileiradas de quatro em quatro no centro da cabine. Bateu ali com as coxas, ricocheteou e tombou para trás, sobre o braço de uma poltrona de bombordo, ali caindo no assento, com as pernas para cima.

— Onde está todo mundo? — gritava. Socorro!Ajudem-me!

— Ei, comissária! — gritou Albert, preocupado.

Abriu o fecho do cinto de segurança, levantou-se, deslizou para fora da poltrona, virou-se para a menininha que gritava... e parou. Estava agora inteiramente de frente para a retaguarda do avião, e o que viu o deixou congelado no mesmo lugar.

O primeiro pensamento que lhe cruzou a mente foi: Afinal, acho que não preciso me preocupar em acordar os outros passageiros.

A impressão de Albert foi de que toda a cabine principal do 767 estava vazia.

7

Brian Engle estava quase na divisória que separava as seções da primeira classe e executiva quando percebeu que, agora, a primeira classe estava inteiramente vazia.

Parou por apenas um momento, depois começou a movimentar-se de novo. Talvez os outros houvessem abandonado os assentos querendo saber o que significava toda aquela gritaria.

Evidentemente, ele sabia que não era este o caso. Já estivera pilotando aviões de passageiros pelo tempo suficiente para entender bastante de sua psicologia de grupo. Quando um passageiro se tomava excêntrico, anormal, eram raros — talvez nem isso — os que se moviam do lugar. Em sua maioria, os viajantes aéreos desistiam submissamente de sua opção por uma atitude individual tão logo entravam no grande pássaro, sentavam-se e afivelavam os cintos. Uma vez cumpridas estas coisas simples, todas as tarefas sobre solução de problemas eram responsabilidade da tripulação. O pessoal das aerovias costumava chamá-los de gansos, mas em realidade eles eram cordeiros... uma atitude apreciadíssima pela maioria das tripulações aéreas. Isto tomava mais fácil o manejo dos nervosos.

Não obstante, sendo esta a única coisa que fazia sentido, ainda que remoto, Brian ignorou o que sabia e seguiu em frente. Os farrapos do sonho de pouco antes continuavam envoltos ao seu redor, e uma parte de sua mente acreditava ser Anne quem gritava, que ele a encontraria a meio caminho, descendo a cabine principal, com a mão achatada sobre uma fenda na fuselagem do avião, uma fenda situada abaixo de um aviso dizendo ESTRELAS CADENTES APENAS.

Havia um só passageiro na seção executiva, um homem idoso vestindo terno e colete marrons. Sua cabeça calva luzia suavemente à claridade lançada pela lâmpada de leitura. As mãos inchadas pela artrite estavam dobradas perfeitamente sobre a fivela do cinto de segurança. Ele dormia profundamente, em roncos ruidosos, ignorando toda aquela confusão.

Brian irrompeu na cabine principal, e dali para diante seu movimento foi finalmente sustado por uma total e aturdida incredulidade. Ele viu um adolescente parado perto de uma garotinha caída no assento de uma poltrona de bombordo, quase no final da cabine. O rapazinho, entretanto, não olhava para

ela; seus olhos estavam fixos na retaguarda do avião e o queixo lhe pendia quase até a gola redonda da camiseta, onde havia a inscrição “Hard Rock Cafe”.

A primeira reação de Brian foi quase a mesma de Albert Kaussner: Meu Deus, o avião inteiro está vazio!

Viu então uma mulher a estibordo do avião levantar-se e caminhar para o corredor entre as poltronas, a fim de ver o que ocorria. Ela tinha a expressão estonteada e emaciada de alguém que acabou de ser arrancado de um sono profundo. A meio caminho para o fundo, no corredor central, um rapaz de blusa de malha espichava o pescoço na direção da garotinha, espiando com olhos distantes, sem curiosidade.

Outro homem, este aparentando uns sessenta anos, levantou-se de uma poltrona próxima a Brian e ficou parado, indeciso. Usava uma camisa de flanela vermelha e parecia absolutamente perplexo. Seus cabelos eram como felpos à volta da cabeça, em desmazelados anéis de cientista louco.

— Quem está gritando? — perguntou a Brian. — O avião está com problemas, senhor? Não acha que vamos cair, acha?

A garotinha parou de gritar. Lutou para levantar-se da poltrona onde havia caído, e então tombou para diante, na direção contrária. O adolescente amparou-a no momento exato; ele se movia com aturdida lentidão.

Para onde eles foram? pensou Brian. Oh, meu Deus, para onde foram todos?

Seus pés, no entanto, já se moviam para o adolescente e a garotinha. Enquanto caminhava, passou por outro passageiro que ainda dormia, uma jovem com cerca de dezessete anos. Ela estava de boca aberta, em um bocejo desagradável, respirando em longas e secas inalações.

Brian chegou ao lado do adolescente e da menina de vestido rosa.

— Onde estão eles, cara? — perguntou Albert Kaussner. Tinha um braço em torno dos ombros da criança soluçante, mas não olhava para ela; seus olhos percorriam incansavelmente a cabine principal e quase deserta, indo de um lado para o outro.

Será que pousamos em algum lugar enquanto eu dormia e eles desembarcaram?

— Minha tia sumiu! — soluçou a garotinha. — Minha tia Vicky! Eu pensei que o avião estava vazio! Pensei que só tinha eu aqui dentro! Por favor, onde está minha tia? Eu quero a minha tia!

Brian ficou de joelhos ao lado dela por um momento, a fim de ficarem aproximadamente da mesma altura. Notou os óculos escuros e recordou tê-la visto embarcar com a mulher loura.

— Está tudo bem com você — disse. — Tudo bem com você, mocinha. Como é o seu nome?

— Dinah! — soluçou ela. — Não consigo achar minha tia. Sou cega e não posso vê-la.

Quando acordei, a poltrona estava vazia...

— O que está acontecendo? — perguntou o rapaz de camisa de malha. Falava acima da cabeça de Brian, ignorando-o e também a Dinah. Dirigia-se ao rapazola de camiseta “Hard Rock” e ao homem idoso com a camisa de flanela. — Onde estão os outros passageiros?

— Está tudo bem com você, Dinah — repetiu Brian. — Há outras pessoas aqui. Pode ouvi-las?

— P-posso... Posso ouvi-las... mas onde está a tia Vicky? E quem foi morto?

— Morto? — perguntou rispidamente uma mulher. Era a que estava a estibordo.

Brian ergueu os olhos brevemente e notou que era jovem, de cabelos escuros, bonita. — Alguém foi morto? Fomos sequestrados?

— Ninguém foi morto — disse Brian. Pelo menos, era algo para dizer. Sua mente estava estranha: era como um bote que se soltou das amarras. — Acalme-se, meu bem.

— Eu peguei o cabelo dele! insistiu Dinah. Alguém cortou fora o cabelo dele!

Isto era simplesmente estranho demais para ser manejado, além de todo o resto, de maneira que Brian procurou ignorar. O pensamento anterior de Dinah penetrou subitamente em seu cérebro com gélida intensidade — e quem, raios,

estava pilotando o avião? Levantando-se, ele se virou para o homem idoso de camisa vermelha.

— Tenho que ir lá na frente — disse. — Fique com a garotinha.

— Está bem — respondeu o homem de camisa vermelha —, mas o que está acontecendo?

A eles se juntou um homem de cerca de trinta e cinco anos, usando jeans bem passados e uma camisa de algodão grosso. Ao contrário dos outros, parecia absolutamente calmo. Tirou do bolso um par de óculos com aros de chifre, sacudiu-o por uma das hastes e depois o colocou no rosto.

— Parece que estamos algo escassos de passageiros, não? — disse. Seu sotaque inglês era quase tão áspero quanto a camisa. — E quanto à tripulação? Alguém sabe de alguma coisa?

— É o que estou querendo descobrir — disse Brian.

Recomeçou a andar. No início da cabine principal ele se virou para trás e contou rapidamente. Mais dois passageiros se tinham juntado ao grupo em redor da menina de óculos escuros. Um deles era um adolescente que dormia profundamente; ela oscilava sobre os pés, como se estivesse embriagada ou drogada. O outro era um idoso cavalheiro usando um surrado paletó esporte. Oito pessoas ao todo. Ao grupo, podia adicionar ele próprio e o sujeito na classe executiva que, pelo menos até então, dormira durante o transcorrer de tudo aquilo.

Dez pessoas.

Pelo amor de Deus, onde está o restante delas?

Entretanto, aquele não era o momento para preocupar-se com tal detalhe — havia problemas maiores pela frente. Brian recomeçou a caminhar, apressado, mal lançando um olhar para o velho calvo que roncava na classe executiva.

8

A área de serviço espremia-se atrás da tela de cinema e entre as cabeceiras das duas primeiras classes. Estava vazia. A área destinada à cozinha também estava vazia, mas ali Brian viu algo extremamente perturbador: o carrinho de bebidas, parado junto à quina do banheiro de estibordo. Havia vários copos usados em sua prateleira inferior.

Eles se preparavam para servir drinques, pensou. Quando isto aconteceu que quer que “isto" fosse — tinham acabado de pegar o carrinho. Aqueles copos usados são os recolhidos antes do avião levantar voo. Portanto, o que quer que tenha acontecido, deve ter sido entre meia hora a uma hora após a decolagem, talvez um pouco mais — não houve informes de turbulência acima do deserto?

Penso que sim. E aquela estranha merda sobre a aurora boreal...

Por um instante, Brian quase ficou convencido de que este último fazia parte de seu sonho — de fato, era muito singular — porém uma reflexão maior confirmou que Melanie Trevor, a comissária de bordo, realmente havia dito aquilo.

Isso não vem ao caso; o que aconteceu? Em nome de Deus, o quê?

Ele ignorava, mas sabia que olhar para o carrinho de bebidas abandonado instilava em suas entranhas uma enorme sensação de terror e de medo supersticioso.

Por um momento imaginou ser isto que haviam experimentado as primeiras pessoas que subiram a bordo do Mary Celeste, ao depararem com um navio completamente abandonado, cujas velas estavam perfeitamente içadas, a mesa do capitão preparada para o jantar, todas as cordas caprichosamente enroladas e tendo, no convés de proa, o cachimbo de um marinheiro ainda queimando o final de seu tabaco...

Brian afugentou tais paralisantes pensamentos com um tremendo esforço de vontade e caminhou até a porta entre a área de serviço e a cabine de controle. Bateu.

Como temia, não houve resposta. E, embora sabendo que seria inútil, crispou o

punho e esmurrou a porta.

Nada.

Experimentou a maçaneta. Não se moveu. Tratava-se de um SOP (Procedimento Operacional Padrão), na era das viagens paralelas não programadas para Havana, Líbano e Teerã. Somente os pilotos poderiam abri-la. E ele podia pilotar este avião... porém não dali, do lado de fora da cabine.

— Ei! — gritou. — Vocês aí, rapazes! Abram a porta!

Entretanto, ele podia adivinhar. As comissárias de bordo tinham desaparecido; quase todos os passageiros tinham desaparecido; Brian Engle quase apostava que a tripulação de dois homens, na carlinga do 767, também tinha desaparecido.

Em sua opinião, o Voo 29 rumava para leste através do piloto automático.

Dois

ESCURIDÃO E MONTANHAS.
O TESOURO SEM DONO.
O NARIZ DE CAMISA DE MALHA.
NÃO HÁ SONS DE CÃES LATINDO.
PROIBIDO ENTRAR EM PÂNICO.
UMA MUDANÇA DE DESTINO.

1

Brian pedira ao homem idoso de camisa vermelha que cuidasse de Dinah, mas assim que ela ouviu a mulher de estibordo — aquela de voz jovem e agradável — achegou-se a essa mulher com assustada intensidade, colando-se a seu lado e, com uma tímida espécie de determinação, procurou-lhe a mão. Após os anos passados com a Srta. Lee, Dinah distinguia uma voz de professora quando ouvia uma. A mulher de cabelos escuros segurou sua mão de bom grado.

— Você disse que seu nome era Dinah, meu bem?

— Disse — respondeu Dinah. — Sou cega, mas depois de minha cirurgia em Boston poderei enxergar novamente. Provavelmente. Os médicos dizem que há uma chance de setenta por cento de eu recuperar parte da visão e de quarenta por cento de recuperá-la toda. Como é seu nome?

— Laurel Stevenson — disse a mulher de cabelos escuros.

Seus olhos ainda vasculhavam a cabine principal e seu rosto parecia incapaz de abandonar a expressão inicial: de aturdida incredulidade.

Laurel é uma flor, não é? — perguntou Dinah, expressando-se com febril vivacidade.

— Hum-hum — respondeu Laurel.

— Perdoem-me — disse o homem com óculos de aros de chifre e sotaque britânico, — mas vou lá para a frente, juntar-me ao nosso amigo.

— Também vou — disse o homem idoso de camisa vermelha.

— Quero saber o que está havendo aqui! — exclamou abruptamente o homem da camisa de malha. Seu rosto estava pálido, exceto por duas manchas de cor viva como ruge sobre cada face. — Quero saber o que está acontecendo, imediatamente!

— Não estou nem um pouco surpreso — disse o inglês, começando a caminhar para diante.

O homem da camisa vermelha o seguiu. A adolescente com ar de drogada pareceu acompanhá-los por alguns instantes, parando depois na divisória entre a cabine principal e a classe executiva, como que incerta sobre onde se achava.

O cavalheiro idoso com o surrado paletó esporte foi até uma janela de bombordo, inclinou-se e espiou para fora.

— O que consegue ver? — perguntou Laurel Stevenson.

— Escuridão e montanhas — respondeu o homem do paletó esporte.

— As Rochosas? — quis saber Albert.

O homem do surrado paletó esporte assentiu.

— Acredito que sim, meu jovem.

Albert decidiu seguir também para a dianteira do avião. Tinha dezessete anos, inteligência brilhante, e também lhe ocorrera a Pergunta-Mistério Premiada daquela noite: quem pilotava o avião?

Então, decidiu que não importava... pelo menos por enquanto. Estavam movendo-se regularmente, sendo presumível que alguém pilotava — e mesmo que alguém fosse alguma coisa — em outras palavras, o piloto automático — nada havia que ele pudesse fazer a respeito. Como Albert Kaussner, era um violinista talentoso — não chegando a ser um prodígio — a caminho de estudar música no The Berklee College.

Como Ace Kaussner, era (em seus sonhos, pelo menos) o hebreu mais rápido a oeste do Mississípi, um caçador de recompensas que não se exaltava nos sábados, tomava o cuidado de manter os sapatos fora da cama e sempre ficava com um olho atento à grande chance e o outro a um bom café kosher, em algum

ponto ao longo da trilha poeirenta. Ele supunha que Ace era sua forma de proteger-se de pais extremosos, que já não lhe tinham permitido jogar beisebol nos juvenis porque podia danificar suas mãos talentosas, e que, no íntimo, acreditavam ser cada espirro o prenuncio de uma pneumonia. Era um violinista-pistoleiro — uma interessante combinação —, porém não entendia uma vírgula sobre pilotagem de aviões. E a garotinha havia dito algo que simultaneamente o intrigara e lhe gelara o sangue. Eu peguei o cabelo dele!

Alguém cortou fora o CABELO dele! tinha dito ela.

Albert afastou-se de Dinah e Laurel (o homem do andrajoso paletó esporte fora para estibordo do avião a fim de espiar por uma daquelas janelas, e o homem da camisa de malha tomara o rumo da dianteira do avião a fim de juntar-se aos outros), com os olhos beligerantemente apertados, e começou a seguir pela direção de onde Dinah viera, pelo corredor de bombordo.

Alguém cortou fora o CABELO dele! ela havia dito, e não muitas filas abaixo Albert viu o que a menina quisera dizer.

2

— Estou rezando, senhor—disse o inglês — , para que o quepe de comandante que vi em uma poltrona da primeira classe seja seu.

Brian estava em pé diante da porta trancada, de cabeça baixa, refletindo furiosamente. Quando o outro falou às suas costas, estremeceu de surpresa e girou nos calcanhares.

— Não era minha intenção assustá-lo — disse o inglês, em tom suave. — Sou Nick Hopewell.

Estendeu a mão, e Brian apertou-a. Ao fazer isto, executando sua metade do antigo ritual, ocorreu-lhe que aquilo devia ser um sonho. O amedrontador voo de Tóquio e a notícia da morte de Anne tinham provocado tudo.

Parte de sua mente sabia não ser bem assim, da mesma forma como parte de sua mente soubera que o grito da garotinha nada tinha a ver com a seção deserta da primeira classe, mas aferrou-se a esta ideia como se tinha aferrado àquela. Ajudava, então, por que não? Tudo o mais era uma loucura — uma tamanha loucura, que só em tentar pensar a respeito ele se sentia nauseado e febril. Por outro lado, em realidade não havia tempo para pensar, simplesmente nenhum tempo — e ele descobriu que isto também funcionava como alívio.

— Brian Engle — disse. — É um prazer conhecê-lo, embora as circunstâncias sejam...

Ele deu de ombros, sem saber o que dizer. Exatamente, quais eram as circunstâncias? Brian não conseguia encontrar um adjetivo que as descrevesse com propriedade.

— Um tanto bizarras, não são? — concordou Hopewell. — Acho que é melhor não pensar nelas agora. Houve resposta da tripulação?

— Não — disse Brian, e, frustrado, tornou a esmurrar a porta subitamente.

— Calma, calma! — pediu Hopewell. — Fale-me sobre o quepe, Sr. Engle. Não imagina o quanto eu ficaria satisfeito e aliviado se pudesse dirigir-me ao senhor como Comandante Engle!

Brian sorriu, a despeito de si mesmo.

— Eu sou o Comandante Engle — disse — , mas em vista das circunstâncias acho que pode chamar-me de Brian.

Nick Hopewell agarrou a mão esquerda de Brian e a beijou calorosamente.

— Penso que, em vez disso, vou chamá-lo de Salvador—disse. — Não ficaria muito aborrecido?

Brian jogou a cabeça para trás e começou a rir. Nick se juntou a ele. Ficaram ali, parados diante da porta trancada, no avião quase vazio, rindo desvairadamente, e foi então que chegaram o homem da camisa vermelha e o da camisa de malha, encarando-os como se ambos houvessem enlouquecido.

3

Albert Kaussner segurou o cabelo por vários momentos com a mão direita, contemplando-o pensativamente. Era negro e lustroso às luzes do alto, um adequado pelame, e ele não ficou surpreso pela garotinha ter-se mostrado tão apavorada. Ele agiria da mesma forma se não fosse capaz de vê-lo.

Albert jogou a peruca de volta ao assento da poltrona, olhou de relance para a bolsa sobre o assento vizinho, depois espiou mais de perto para o que jazia próximo.

Era uma aliança de casamento. Apanhou-a, examinou-a e tornou a colocá-la onde estivera. Começou a caminhar lentamente em direção à cauda do avião. Em menos de um minuto, Albert estava tão dominado pelo espanto que havia esquecido tudo a respeito de quem pilotava o aparelho ou de como, diabos, poderiam pousar em terra se estivessem sendo dirigidos pelo piloto automático.

Os passageiros do Voo 29 tinham desaparecido, porém deixando para trás um fabuloso — e por vezes intrigante — tesouro. Albert viu jóias em praticamente todas as poltronas: alianças comuns, em grande maioria, mas também anéis de diamantes, esmeraldas e rubis. Encontrou brincos, geralmente artigos baratos de bijuteria, mas alguns deles pareciam-lhe de alto preço. Sua mãe possuía algumas jóias de valor, mas empalideceriam em comparação com várias daquelas abandonadas ali, pareceriam artigos de liquidação. Havia jogos de abotoaduras e botões de colarinho, colares, pulseiras, braceletes de identidade. E relógios, relógios, relógios. De Timex a Rolex, devia haver cerca de duzentos, jazendo nos assentos, caídos no piso entre as poltronas e nos corredores. Eles cintilavam às luzes.

Ele encontrou pelo menos uns sessenta pares de óculos. Com armação de metal, de chifre ou de ouro. Havia óculos modestos, óculos modeminhos e óculos com imitação de diamantes engastados nas hastes. Havia Ray-Bans, Polaroids e Foster Grants.

Havia fivelas de cintos, grampos de cabelo e pilhas de moedas. Albert não via notas, porém as moedas para troco, de vinte e cinco, dez, cinco e um centavos, somariam quatrocentos dólares, sem dificuldade. Havia carteiras — não tantas quanto bolsas, mas mesmo assim uma boa dúzia delas, desde couro fino a plástico. Havia canivetes. Havia uma dúzia de calculadoras de bolso, pelo

menos.

Também encontrou coisas mais estranhas. Albert recolheu um cilindro de plástico cor de carne e o ficou examinando durante quase trinta segundos antes de largá-lo apressadamente, ao decidir que, de fato, aquilo era um pênis artificial. Havia uma pequena colher de ouro, presa a uma fina corrente também de ouro. Havia brilhantes fragmentos metálicos aqui e ali, em cima dos assentos e no piso, geralmente de prata, mas alguns de ouro. Ele pegou dois a fim de verificar o julgamento de sua própria mente especulativa: uns eram jaquetas dentárias, porém a maioria era de obturações de dentes humanos. E, em uma das filas do fundo, recolheu duas diminutas hastes de aço. Examinou-as por vários momentos antes de concluir que seriam pinos cirúrgicos, que não pertenciam ao piso de uma aeronave quase deserta, mas ao joelho ou ombro de algum passageiro.

Descobriu mais um passageiro, um rapaz barbudo, espalhado sobre duas poltronas, exatamente na última fila, roncando sonoramente e cheirando como uma cervejaria.

Duas poltronas além, encontrou uma engenhoca que parecia ser um marca-passo de implante.

Parado no fundo do avião, Albert olhou para diante, ao longo do amplo e vazio tubo da fuselagem.

— Que merda está acontecendo aqui? — perguntou, em voz baixa e trêmula.

4

— Eu exijo saber o que está acontecendo aqui! — quase gritou o homem da camisa de malha.

Ele irrompeu na área de serviço da fronteira da primeira classe, mais parecendo o membro de alguma associação que, em um ataque de surpresa, dava início a uma hostil tomada do comando.

— Neste momento? Estamos prestes a arrombar esta porta — respondeu Nick Hopewell, encarando Camisa de Malha com olhos brilhantes. — Parece que a tripulação do voo deu o fora, juntamente com todo mundo, mas mesmo assim estamos com sorte. Meu novo conhecido aqui é um piloto que por acaso viajava neste avião, uma espécie de “penetra", mas...

— Certo, alguém por aqui é um penetra — disse Camisa de Malha, e pretendo descobrir quem, acredite! — Ele passou ao lado de Nick sem um olhar e encarou Brian, tão agressivo quanto um jogador de futebol descontente com uma decisão do juiz. — Trabalha para a American Pride, amigo?

— Trabalho — respondeu Brian — , mas por que não esquecemos isso por enquanto, senhor? É importante que...

— Eu lhe direi o que é importante! — gritou Camisa de Malha. Um fino chuvisco de saliva caiu sobre o rosto de Brian, e ele precisou conter um súbito e curiosamente forte impulso de aferrar as mãos à volta do pescoço daquele imbecil e ver até onde poderia torcer-lhe a cabeça, antes que algo se estatelasse no interior. — Às nove horas desta manhã tenho que estar presente a uma reunião no Prudential Center com representantes da Bankers International! As nove em ponto! Comprei uma passagem neste meio de transporte em boa-fé, e não tenho a menor intenção de chegar atrasado ao meu compromisso! Quero saber três coisas: quem autorizou uma parada não programada para esta aeronave enquanto eu dormia, onde foi feita essa parada, e por que foi feita!

— Já assistiu Jornada nas Estrelas? — perguntou Nick Hopewell subitamente.

O rosto de Camisa de Malha, congestionado pelo sangue da fúria, girou para Hopewell. Sua expressão dizia que ele considerava o inglês francamente biruta.

— De que, diabo, está falando? — perguntou.

— É um maravilhoso filme americano — disse Nick. — Ficção científica. Exploração de novos mundos, como aquele que aparentemente existe dentro da sua cabeça. E

se não fechar essa matraca imediatamente, seu maldito idiota, terei o prazer de demonstrar-lhe o famoso golpe dorminhoco “Vulcano”, do Sr. Spock!

— Não admito que fale assim comigo! — rosnou Camisa de Malha. — Sabe quem eu sou?

— Naturalmente — disse Nick. — Você é um maldito cretinozinho, que se equivocou com o bilhete de passagem neste avião, julgando-o serem credenciais proclamando-o como o Muito Importante Bam Bam Bam da Criação. Por outro lado, está morrendo de medo. Não há nada de errado nisso, mas você está atrapalhando.

O rosto de Camisa de Malha agora estava tão congestionado de sangue que Brian começou a recear pela explosão total da cabeça dele. Certa vez vira isto acontecer em um filme. Não queria vê-lo na vida real.

— Não tem o direito de falar assim comigo! Você nem ao menos é cidadão americano!

Nick Hopewell se moveu com tal agilidade que Brian mal viu o que acontecia. Em um momento, o homem da camisa de malha gritava na cara de Nick, que permanecia tranquilo ao seu lado, com as mãos na cintura de seu jeans bem passado. No momento seguinte, o nariz de Camisa de Malha estava firmemente preso entre o primeiro e segundo dedos da mão direita de Nick.

Camisa de Malha tentou libertar-se. Nick apertou mais os dedos... e então girou a mão ligeiramente, no gesto de um homem apertando um parafuso ou dando corda em um despertador. Camisa de Malha berrou.

— Posso quebrá-lo — disse Nick brandamente. — É a coisa mais fácil do mundo, acredite.

Camisa de Malha tentou recuar. Suas mãos bateram inutilmente no braço de Nick.

Nick torceu novamente e novamente Camisa de Malha berrou.

— Acho que você não me ouviu. Eu posso quebrá-lo! Entendeu? Demonstre que entendeu.

Torceu o nariz de Camisa de Malha uma terceira vez. Camisa de Malha não se limitou a berrar desta feita — ele urrou.

— Oh, poxa! — disse atrás deles a jovem com ar de drogada. Um golpe de nariz...

— Não tenho tempo para discutir seus compromissos de negócios — disse Nick suavemente para Camisa de Malha. — Nem tenho tempo para lidar com histeria disfarçada em agressão! Estamos às voltas com uma situação desagradável e perplexa por aqui. Evidentemente, o senhor não faz parte da solução e não pretendo, de maneira alguma, permitir que se torne parte do problema. Portanto, vou enviá-lo de volta à cabine principal. Este cavalheiro de camisa vermelha...

— Don Gaffney — apresentou-se o cavalheiro da camisa vermelha.

Ele observava a cena, parecendo tão profundamente surpreso quanto Brian.

— Obrigado — disse Nick.

Ainda mantinha o nariz de Camisa de Malha fortemente apertado entre seus dedos, e Brian reparou que um fio de sangue orlava uma das pressionadas narinas do sujeito. Nick o puxou mais para perto e disse, em tom cordial, quase confidencial:

— O Sr. Gaffney, aqui presente, será seu acompanhante. Assim que chegar à cabine principal, meu irritante amigo, você ocupará uma poltrona, com seu cinto de segurança firmemente fechado em torno de sua barriga. Depois, quando mais tarde nosso amigo comandante tiver certeza de que não colidiremos com alguma montanha, um prédio ou outro avião, talvez possamos discutir nossa atual situação com mais detalhes. Por ora, no entanto, sua colaboração é desnecessária. Compreendeu bem tudo quanto eu lhe disse?

Camisa de Malha emitiu um grito dolorido e ultrajado.

— Se compreendeu, por favor, levante um polegar para mim.

Camisa de Malha levantou um polegar. Brian viu que a unha estava perfeitamente feita.

— Excelente — disse Nick. — Só mais uma coisinha. Quando eu soltar seu nariz, você talvez sinta vontade de vingar-se. Sentir essa vontade é ótimo. Dar vazão ao sentimento, seria um terrível equívoco de sua parte. Quero recordar-lhe que o que fiz com seu nariz posso fazer em seus testículos, com a mesma facilidade. Aliás, posso torcê-los a tal ponto que, quando os soltar, você pode, realmente, sair voando pela cabine como um aviãozinho de criança. Agora, espero que saia com o Sr....

Olhou inquisitivamente para o homem da camisa vermelha.

— Gaffney — repetiu o homem da camisa vermelha.

— Gaffney, isso mesmo. Perdão. Espero que saia com o Sr. Gaffney. Sem discutir.

Sem querer satisfações. De fato, se disser uma só palavra, irá encontrar-se investigando reinos de dor até agora inexplorados. Mais um polegar para cima, caso tenha entendido isto.

Camisa de Malha agitou o plegar com tal entusisasmo que, por um momento, parecia um carona com diarréia.

— Sendo assim, muito bem! — exclamou Nick, soltando-lhe o nariz.

Camisa de Malha recuou, fitando Nick Hopewell com olhos furiosos e perplexos — parecia um gato após ter recebido um balde de água fria. Por si, a fúria teria deixado Brian insensível. Foi a perplexidade que o levou a sentir certa pena de Camisa de Malha. Ele próprio se sentia francamente perplexo.

Camisa de Malha tocou o nariz com a mão, verificando se continuava no lugar.

Um filete de sangue, não mais largo do que a tira para abrir maço de cigarros, escorria de cada narina. Ãs pontas dos dedos dele saíram manchadas de sangue, e Camisa de Malha as fitou com incredulidade. Abriu a boca.

— Eu não faria isso, senhor — disse Don Gaffney. — O cara falou sério. É melhor acompanhar-me.

Tomou um braço de Camisa de Malha. Este resistiu por um momento ao leve puxão de Gaffney, mas tornou a abrir a boca.

— Má ideia — disse-lhe a garota que parecia dopada.

Camisa de Malha fechou a boca e deixou que Gaffney o levasse de volta ao final da primeira classe. Olhou uma vez por sobre o ombro, os olhos dilatados de espanto, e então tornou a levar os dedos ao nariz.

Enquanto isso, Nick perdera todo o interesse pelo sujeito. Espiava por uma janela.

— Acho que estamos sobre as Rochosas — disse — , e parece que a altitude segura.

Brian também espiou um momento para fora. Eram as Rochosas, sem dúvida, tudo indicando que perto do centro da cordilheira. Avaliou a altitude em cerca de 35.000 pés. Exatamente como Melanie Trevor informara. Portanto, estavam indo muito bem... pelo menos até o momento.

— Vamos — disse. — Ajude-me a arrombar esta porta.

Nick se juntou a ele diante da porta.

— Posso comandar esta parte da operação, Brian? Tenho alguma experiência no assunto.

— Esteja à vontade!

Brian viu-se imaginando como, exatamente, Nick Hopewell adquirira experiência em torcer narizes e arrombar portas. Tinha uma ideia de que provavelmente seria uma longa história.

— Se eu soubesse até que ponto a fechadura é forte, ajudaria bastante — disse Nick.

— Se usarmos força demais, podemos ser impelidos diretamente para a cabine. Eu odiaria colidir contra algo que precise continuar funcionando.

— Não sei — respondeu Brian francamente — , mas creio que não deve ser

muito forte.

— Muito bem — disse Nick. — Vire-se e fique de frente para mim — seu ombro direito apontando para a porta. Eu aponto com o esquerdo.

Brian assim fez.

— Farei a contagem. Meteremos o ombro na porta quando eu contar três. Encolha as pernas um pouco; haverá mais probabilidade de arrebentarmos a fechadura se atingirmos a porta mais para baixo. Não use toda a sua força. Use metade. Se não bastar, repetiremos a dose. Certo?

— Certo.

A jovem, agora parecendo mais desperta e entendendo a situação, disse:

— Imagino que não tenham deixado uma chave debaixo do capacho ou coisa assim, hein?

Nick olhou para ela, surpreso, depois para Brian.

— Eles costumam deixar uma chave em algum lugar, por acaso?

Brian meneou a cabeça.

— Receio que não. É uma precaução antiterrorista.

— Claro — concordou Nick. — Claro que é. — Olhou para a jovem e piscou. — Mesmo assim, isto quer dizer que você usa a cabeça.

Ela sorriu para ele com ar vago. Nick se virou para Brian.

— Preparado, então?

— Preparado.

— Muito bem. Um... dois... três!

Lançaram-se na direção da porta, antes encolhendo as pernas em perfeita sincronicidade, e ela se abriu com absurda facilidade. Havia uma pequena elevação — de pelo menos uns dez centímetros, pequena demais para ser

considerada um degrau entre a área de serviço e a cabine do piloto. Brian bateu nela com a biqueira do sapato e teria caído de lado dentro da cabine, se Nick não o agarrasse pelo ombro.

O sujeito era rápido como um felino.

— Muito bem — disse ele, mais para si mesmo do que para Brian. — Vejamos agora o que temos por aqui, certo?

5

A cabine do piloto estava vazia. Quando viu aquilo, Brian sentiu seus braços e nuca ficarem arrepiados. Tudo ótimo, saber que um 767 podia voar milhares de quilômetros com piloto automático, utilizando informação programada em seu sistema de navegação inercial — Deus era testemunha de que ele próprio já voara quilômetros suficientes desta maneira —, porém era algo bem diferente ver apenas as duas poltronas vazias. Isso é que o arrepiara. Em toda a sua carreira, nunca vira uma cabine de piloto vazia durante o voo.

Estava vendo uma agora. Os controles do piloto se moviam por si mesmos, efetuando as mínimas correções necessárias para manter o aparelho na rota planejada para Boston. O painel estava verde. As duas pequenas asas sobre o indicador de postura do avião estavam firmes acima do horizonte artificial. Além das duas pequenas janelas inclinadas para diante, um bilhão de estrelas piscava no céu da madrugada.

— Oh, poxa! — exclamou suavemente a garota.

— Epa! — exclamou Nick, no mesmo momento. — Veja isto, companheiro!

Nick apontava para uma xícara de café pela metade, sobre o consolo de serviço, ao lado do braço esquerdo do assento do piloto. Perto do café, via-se um pastelão dinamarquês, com a marca de duas dentadas. Isto evocou prontamente o sonho de Brian, e ele estremeceu violentamente.

— O que quer que tenha sido, aconteceu muito depressa — comentou Brian. —

Veja ali. E ali!

Apontou primeiro para o assento da cadeira do piloto e depois para o piso ao lado da cadeira do co-piloto. Dois relógios de pulso cintilavam às luzes dos controles, um Rolex à prova de pressão e um Pulsar digital.

— Se quiserem relógios, escolham à vontade — disse uma voz atrás deles. — Há toneladas de relógios deixados pelos passageiros.

Brian espiou por sobre o ombro e viu Albert Kaussner, parecendo bem arrumado e muito jovem, com seu pequeno solidéu preto e sua camiseta Hard Rock Cafe.

Parado junto dele estava o senhor idoso do paletó esporte surrado.

É mesmo? — perguntou Nick, pela primeira vez parecendo perder a presença de espírito.

— Relógios, jóias e óculos — disse Albert. — Também há bolsas, porém a coisa mais estranha é... bem, coisas que, tenho certeza, vieram de dentro das pessoas. Como pinos cirúrgicos e marca-passos.

Nick olhou para Brian Engle. O inglês empalidecera visivelmente.

— Venho tendo a mesma ideia que nosso abrupto e tagarela amigo — disse ele.

— Ou seja, que o avião pousou em algum lugar, por algum motivo, enquanto eu dormia. E que a maioria dos passageiros — com a tripulação — foi desembarcada de alguma forma.

— Eu teria acordado no minuto em que a descida começasse — afirmou Brian. —

Devido ao hábito.

Enquanto falava, percebeu que não conseguia afastar os olhos dos dois assentos vazios, da xícara de café pela metade e do pastelão comido a meio.

— Em circunstâncias normais, aconteceria o mesmo comigo — concordou Nick —, portanto, concluí que minha bebida havia sido drogada.

Não sei o que este sujeito faz para ganhar a vida, pensou Brian, mas tenho certeza de que não vende carros usados.

— Ninguém drogou a minha — replicou Brian —, porque não bebi coisa alguma.

— Nem eu — disse Albert.

— Seja como for, não poderia haver um pouso e decolagem enquanto dormíamos

— Brian disse para eles. — Um avião pode voar com o piloto automático e o

Concorde pode pousar com o piloto automático, mas há necessidade de um ser humano para a decolagem.

— Sendo assim, então não pousamos — disse Nick.

— Exatamente.

— Então, para onde é que eles foram, Brian?

— Eu não sei — respondeu Brian.

Ele caminhou para a cadeira do piloto e sentou-se nela.

6

O Voo 29 estava acontecendo a 35.000 pés, justamente como Melanie Trevor lhe dissera, e seguia na direção 090. Dentro de mais uma ou duas horas isso mudaria, quando o avião fizesse uma curva fechada mais para o norte. Brian pegou o livro de mapas do navegador, consultou o indicador de velocidade relativa do ar e fez uma série de cálculos rápidos. Em seguida, ajustou os fones à cabeça.

— Torre de Denver, aqui é o Voo 29, da American Pride. Desligo!

Deu um piparote no interruptor... e nada ouviu. Absolutamente nada. Nenhuma estática; nenhuma tagalerice; nenhum controle de terra; nenhum outro avião.

Checou o transpondedor: 7700, exatamente como deveria ser. Ligou novamente o interruptor a fim de retransmitir.

— Torre de Denver, responda, por favor! Aqui é o Voo 29, da American Pride, em dificuldades! Estou com problemas, Denver, estou com problemas!

Desligou, preparando-se para ouvir. Ficou ouvindo.

Então, Brian fez algo que deixou o coração de Albert “Ace” Kaussner batendo mais depressa, com medo: bateu no painel de controle, logo abaixo do equipamento de rádio, com a quina da mão. O Boeing 767 era um avião de passageiros que apresentava o máximo em alta tecnologia. Não se poderia forçar o equipamento de semelhante aparelho a funcionar daquele modo. O que o piloto havia feito era o que a gente faz quando o velho rádio Philco comprado por qualquer preço, de segunda mão, se recusa a funcionar depois que o levamos para casa.

Brian Engle tentou novamente a Torre de Controle de Denver. Não recebeu resposta. Absolutamente nenhuma.

7

Até o momento Brian tinha ficado estonteado e terrivelmente perplexo. Agora passou a sentir-se também amedrontado — amedrontado de fato. Até então não houvera tempo para ter medo. Ele desejou que tudo continuasse como antes... mas era impossível. Chamou novamente, pela faixa de emergência do rádio. Não houve resposta. Isto equivalia a discar-se 911, em Manhattan, e obter-se uma gravação, dizendo que todo mundo se ausentara para o fim de semana. Quando se pede ajuda na faixa de emergência sempre há uma resposta imediata.

Até agora, pelo menos, pensou Brian.

Tentou a UNICOM, que fornecia orientação de pouso a pilotos particulares em pequenos aeroportos. Nenhuma resposta. Ficou ouvindo... e nada ouviu. O que era simplesmente impossível. Pilotos particulares tagarelavam como gralhas em uma linha telefônica. A garota do Piper queria saber como andava o tempo. O cara no Cessna era capaz de cair morto no assento se não encontrasse alguém capaz de telefonar para sua esposa avisando que ele ia levar três pessoas a mais para o jantar.

Os sujeitos no Lear queriam que a atendente no balcão do Aeroporto de Arvada dissesse aos passageiros de seu Charter que eles chegariam com uns quinze minutos de atraso, que aguentassem a mão um pouquinho, porque ainda chegariam a tempo para o jogo de beisebol em Chicago.

Entretanto, nada disto era ouvido no momento. Parecia que todas as gralhas haviam debandado, deixando vazias as linhas telefônicas.

Brian tornou a ligar para a faixa de emergência do Departamento Federal de Aviação.

— Denver, responda! Responda imediatamente! Aqui é o Voo 29, da AP, responda, maldição, responda!

Nick tocou-lhe o ombro.

— Fique calmo, companheiro.

— Os cachorros não latem! — exclamou Brian, frenético. — Impossível, mas é

o que está acontecendo! Cristo, o que será que fizeram, estarão promovendo alguma porra de guerra nuclear?

— Calma — repetiu Nick. — Fique frio, Brian, e explique o que quer dizer com isso de os cachorros não latem.

— Falo da Torre de Denver! — exclamou Brian. — Aqueles cachorros! Também falo daqueles cachorros de Emergência do DFA! Nunca tive...

Ele moveu outro interruptor.

— Aqui — mostrou —, isto é a faixa de ondas médias. Eles deviam estar-se atropelando uns aos outros, como rãs pulando em uma calçada quente, mas não consigo captar merda nenhuma!

Passou para outro interruptor, depois ergueu os olhos para Nick e Albert Kaussner, que, muito juntos, ouviam suas explicações.

— Não há nenhum sinal de VOR de Denver! — exclamou.

— Isto significa...?

— Significa que estou sem rádio, que não tenho sinal de navegação de Denver, embora meu painel diga que está tudo simplesmente formidável. O que é uma merda! Tem queser!

Uma ideia terrível começou a emergirem sua mente, surgindo como um cadáver inchado que emerge à superfície de um rio.

— Ei, garoto, dê uma espiada pela janela! Do lado esquerdo do avião. Diga-me o que vê!

Albert Kaussner olhou para fora. Ficou bastante tempo olhando.

— Nada — disse. — Não vejo absolutamente nada. Apenas o final das Rochosas e o começo das pradarias.

— Não avista luzes?

— Não.

Brian levantou-se, sobre pernas fracas e aquosas. Ficou espiando para baixo por um demorado momento. Por fim, Nick disse, em voz baixa:

— Denver desapareceu, não é isso?

Brian sabia, pelos mapas do navegador e seu equipamento navegacional de bordo, que agora deviam estar voando a menos de oitenta quilômetros ao sul de Denver... mas abaixo deles via apenas a paisagem escura e sem formas que marcava o início das Grandes Pradarias.

— Sim — disse. — Denver desapareceu!

8

Houve um momento de profundo silêncio na cabine de comando, e então Nick Hopewell se virou para a galeria dos espectadores, no momento consistindo de Albert, do homem do paletó esporte surrado e da mocinha. Bateu palmas vivamente, como um professor de jardim de infância. E também parecia um, quando falou:

— Muito bem, pessoal! Todos de volta aos seus lugares! Acho que precisamos de um pouquinho de concentração por aqui!

— Nós ficamos calados! — objetou a jovem, com certa razão.

— Acho que o cavalheiro não se referiu a silêncio, mas a uma certa privacidade — disse o homem do paletó esporte surrado, em voz baixa. — Parece-me um tanto perturbado.

Nick respondeu, no mesmo tom confidencial:

— Sim, ele vai ficar ótimo. Farei com que fique.

— Vamos indo, crianças — disse o homem do paletó esporte surrado. Passou um braço pelos ombros da jovem, o outro pelos de Albert. — Vamos voltar para nossos lugares. Nosso piloto tem trabalho a fazer.

No que dizia respeito a Brian Engle, eles não precisariam ter baixado a voz, mesmo temporariamente. Brian era como um peixe alimentando-se em um riacho enquanto um pequeno bando de pássaros voava mais acima. O som poderia chegar ao peixe, mas ele certamente não lhe daria importância. Estava ocupado demais, manejando as faixas do rádio e passando de um ponto de contato navegacional para outro. Era inútil. Nada de Denver; nada de Colorado Springs, nada de Omaha. Todos tinham desaparecido.

Brian podia sentir o suor escorrendo por suas faces como lágrimas, podia sentir a camisa colando-se às suas costas.

Devo estar fedendo como um porco, pensou, ou um...

Então, surgiu a inspiração. Ligou para a faixa de aeronaves militares, embora

fosse algo expressamente proibido pelos regulamentos. O Comando Estratégico Aéreo era praticamente dono do Omaha. Eles não estariam fora do ar. Poderiam bem depressinha mandá-lo dar o fora de sua frequência, provavelmente ameaçariam denunciá-lo ao DFA, mas Brian aceitaria tudo alegremente. Talvez fosse o primeiro a dizer-lhes que a cidade de Denver, aparentemente, ausentara-se em férias.

— Controle da Força Aérea, Controle da Força Aérea, aqui é o Voo 29 da American Pride, estamos com um problema, um grande problema a bordo, vocês me ouvem?

Desligo!

Nenhum cachorro latiu ali, tampouco.

Foi quando Brian sentiu algo — algo assim como um choque — começando a abrir caminho até o fundo de sua mente. Foi quando sentiu que toda a sua estrutura de ser pensante organizado começou a deslizar lentamente para algum abismo insondável.

9

Nick Hopewell então colocou a mão sobre ele, sobre o ombro, perto do pescoço, e apertou. Brian saltou no assento e quase gritou. Virando a cabeça, deparou com o rosto de Nick a menos de dez centímetros do seu.

Agora, ele vai agarrar meu nariz e começar a torcê-lo, pensou.

Nick não lhe agarrou o nariz. Falou com calma intensidade, os olhos firmemente fixos nos de Brian:

— Noto uma expressão em seus olhos, meu amigo... mas não precisaria ver-lhe os olhos para saber o que mostram. Posso ouvir em sua voz e ver pela maneira como está sentado nesta poltrona. Agora ouça-me, e ouça-me cora atenção: é proibido entrar em pânico.

Brian se virou para ele, gelado por aquele olhar azul.

— Você me entendeu?

Brian respondeu, fazendo um grande esforço:

— Eles não permitiriam que sujeitos fizessem o que faço para viver se tais sujeitos sentissem pânico, Nick.

— Eu sei — disse Nick — , mas esta é uma situação única. Não preciso lembrar-lhe, no entanto, de que neste avião há cerca de uma dúzia de pessoas, e que sua tarefa é a mesma que sempre foi: levá-las para baixo sãs e salvas.

— Não precisa vir dizer-me qual é o meu trabalho! — bufou Brian.

— Acho que foi preciso — replicou Nick — , mas você agora já está parecendo cem por cento melhor, fico aliviado em dizer.

Brian estava fazendo mais do que parecer melhor; começava a sentir-se melhor novamente. Nick espetara um alfinete em seu ponto mais sensível — o senso de responsabilidade. Exatamente onde ele queria espetar, pensou.

— O que faz para viver, Nick? — perguntou, um tanto trêmulo.

Nick jogou a cabeça para trás e deu uma risada.

— Adido secundário, embaixada britânica, meu velho!

— Uma ova!

Nick deu de ombros.

— Bem... é o que consta em meus documentos e admito ser suficientemente bom. Se disserem mais alguma coisa, suponho que seria Mecânico de Sua Majestade. Conserto coisas que precisam ser consertadas. No momento presente, isso significa você.

— Obrigado — respondeu Brian, ofendido —, mas estou consertado!

— Tudo bem, então — o que pretende fazer? Pode navegar sem aquelas coisas, os sinais de terra? Pode evitar outros aviões?

— Posso navegar perfeitamente bem com o equipamento de bordo — respondeu Brian. — E quanto a outros aviões... — Ele apontou para a tela do radar. — Este filho da mãe ali, diz que não há outros aviões.

— Não obstante, poderia haver—disse Nick em voz branda. — Talvez as condições do rádio e do radar estejam confusas, pelo menos por ora. Você falou em guerra nuclear, Brian. Creio que se houvesse alguma coisa similar nós saberíamos. Contudo, isso não significa que não houvesse alguma sorte de acidente. Está familiarizado com o fenômeno denominado PEM, pulsação eletromagnética?

Brian pensou brevemente em Melanie Trevor. Oh, recebemos relatos da aurora boreal acima do Deserto de Mojave. Talvez queira estar acordado para vê-la.

Poderia ser? Algum extravagante fenômeno meteorológico?

Ele supôs que seria possível. Então, como é que não ouvira nenhuma estática no rádio? Como não houvera ondas de interferência na tela do radar? Por que apenas

aquela total opacidade? Aliás, ele não achava que a aurora boreal tivesse sido responsável pelo desaparecimento de cento e cinquenta a duzentos passageiros.

— Então? — perguntou Nick.

— Você é um mecânico e tanto — comentou Brian por fim. — Entretanto, não creio que seja PEM. Todo o equipamento de bordo — incluindo o equipamento direcional — parece estar em excelente funcionamento. — Ele apontou para a readout da bússula digital: — Se tivéssemos experimentado alguma pulsação eletromagnética, essa coisinha aí estaria espalhada por todo canto. No entanto, parece bem firme no lugar.

— Muito bem. Você pretende continuar para Boston?

Você pretende...?

Com isso, o que restava do pânico de Brian evaporou-se. Perfeito, pensou. Sou o comandante desta nave agora... e, no fim , tudo se resume nisto. Se me tivesse lembrado disto em primeiro lugar, meu amigo, pouparia um bocado de problemas para nós dois.

— Logan ao alvorecer, sem qualquer ideia do que está acontecendo no país, abaixo de nós, ou no resto do mundo? De jeito nenhum!

— Então, qual é o nosso destino? Ou precisa de tempo para considerar a questão?

Brian não precisava. E, agora, as outras coisas que deveria fazer começaram a ajustar-se nos lugares.

— Eu sei — respondeu. — E creio já ser hora de falar aos passageiros. Aliás, aos poucos que sobraram.

Pegou o microfone, e foi então que o homem calvo, o que estivera dormindo na classe executiva, enfiou a cabeça na cabine.

— Algum dos cavalheiros poderia ter a gentileza de dizer-me o que aconteceu a todo pessoal de serviço neste avião? — perguntou jovialmente. — Tive um cochilo extremamente agradável... mas agora gostaria de pedir o meu jantar.

10

Dinah Bellman se sentia muito melhor. Era bom ter outras pessoas por perto, sentir sua presença confortadora. Estava sentada em um pequeno grupo, com Albert Kaussner, Laurel Stevenson e o homem do paletó esporte surrado, que se apresentara como Robert Jenkins. Ele acrescentou ter sido o autor de mais de quarenta novelas de mistério e seguia para Boston, onde falaria em uma convenção de apreciadores da literatura de mistério.

— Agora — disse ele — , vejo-me envolvido em um mistério muitíssimo mais extravagante do que qualquer um que teria sonhado escrever!

Os quatro estavam sentados no setor central, perto da cabeceira da cabine principal. O homem de camisa de malha sentava-se no corredor de estibordo, várias filas abaixo, segurando um lenço contra o nariz (que, na verdade, parara de sangrar vários minutos antes) e fumegava sua raiva em solitário esplendor. Don Gaffney sentava-se nas proximidades, mantendo uma inquieta vigilância. Gaffney dirigira-lhe a palavra apenas uma vez, perguntando como se chamava. Camisa de Malha não lhe dera resposta. Limitara-se a encará-lo com um olhar de malévola intensidade, acima do amarfanhado buquê de seu lenço.

Gaffney não repetira a pergunta.

— Alguém faz a mais leve ideia do que está ocorrendo por aqui? — Laurel quase suplicou. — Eu pretendia começar amanhã minhas primeiras férias de verdade, em dez anos, mas agora acontece isto!

Casualmente, Albert estava olhando para a Srta. Stevenson, quando ela falou. Ao mencionar que aquelas eram suas primeiras férias de verdade em dez anos, ele notou que ela desviava subitamente os olhos para a direita, piscando três ou quatro vezes com rapidez, como se algum fragmento de poeira tivesse caído neles. Uma ideia tão forte, que chegava a ser certeza, cresceu em sua mente: ela estava mentindo. Por algum motivo aquela mulher mentia. Ele a fitou com mais atenção, sem ver nada realmente notável — era uma mulher de beleza que se fanava, saindo rapidamente da década dos vinte anos e encaminhando-se para a meia-idade (e, para Albert, trinta anos significava, decididamente, o início da meia-idade), uma mulher que logo se tomaria desbotada e invisível. Entretanto, ela agora tinha colorido; suas faces chamejavam em vermelho. Ele ignorava qual o sentido da mentira, mas podia ver que acentuara momentaneamente sua beleza,

tomando-a quase linda.

Aí está uma dama que devia mentir com mais frequência, pensou Albert.

Então, antes que ele ou mais alguém respondesse ao que ela perguntara, a voz de Brian brotou dos alto-falantes mais acima.

— Senhoras e senhores, fala o comandante.

— Comandante, uma ova! — rosnou Camisa de Malha.

— Cala a boca! — exclamou Gaffney, do outro lado do corredor.

Camisa de Malha olhou para ele, sobressaltado, e silenciou.

— Como sem dúvida todos sabem, estamos enfrentando aqui uma situação muitíssimo estranha — prosseguiu Brian. — Vocês não precisam que eu a explique; basta apenas que olhem em torno, e compreenderão.

— Eu não compreendo coisíssima nenhuma — murmurou Albert.

— Estou também a par de outras coisas. Elas não os ajudarão em nada, receio, mas, já que estamos juntos nisto, serei o mais franco possível. Não disponho de qualquer tipo de comunicação cabine-terra. E, há cinco minutos, devíamos ter visto claramente as luzes de Denver. Não as vimos. Neste momento, a única conclusão que me ocorre é de que todos lá esqueceram de pagar a conta de luz. Até sabermos um pouco mais, penso que nenhum de nós chegará a outra conclusão.

Ele fez uma pausa. Laurel segurava a mão de Dinah. Albert deixou escapar um assobio baixo, temeroso. Robert Jenkins, o escritor de mistério, olhava sonhadoramente para o espaço, com as mãos pousadas nas coxas.

— O que acabei de dizer foi a má notícia — continuou Brian. — A boa notícia é esta: o avião não apresenta avarias, temos combustível suficiente e estou qualificado para pilotar este modelo. Também para pousá-lo em terra. Todos concordamos, imagino, que pousar em segurança é nossa primeira prioridade. Nada há que possamos fazer até isto acontecer, mas quero deixá-los certos de que assim será feito.

“Minha última informação para vocês é que nosso destino agora será Bangor, no Maine.”

Camisa de Malha empertigou-se bruscamente na poltrona.

— O quêêê? — gritou.

— Nosso equipamento de navegação a bordo funciona perfeitamente, mas não posso dizer o mesmo sobre os sinais navegacionais — VOR — que também usamos.

Em vista destas circunstâncias, decidi não penetrar no espaço aéreo de Logan. Não consegui captar ninguém pelo rádio, fosse no ar ou em terra. O equipamento de rádio da aeronave parece estar funcionando, mas em vista das atuais circunstâncias não creio que possa depender das aparências. O Aeroporto Internacional de Bangor possui as seguintes vantagens: uma aproximação curta será antes acima de terra do que de água; o tráfego aéreo será muito menos congestionado por volta de 8:30, nossa ETA* — presumindo-se que existe algum tráfego, e o AIB, que já foi a Base da Força Aérea de Dow, possui a mais longa pista comercial na Costa Leste dos Estados Unidos. É lá que nossos amigos ingleses e franceses pousam o Concorde, se não conseguem pousá-lo em Nova Iorque.

Camisa de Malha bradou:

— Tenho um a importante reunião de negócios na Pru, esta manhã, às nove em ponto. E O PROÍBO DE VOAR PARA ALGUM AEROPORTO IDIOTA DO MAINE'

Dinah sobressaltou-se e procurou fugir do som da voz de Camisa de Malha apertando a bochecha contra o lado do seio de Laurel Stevenson. Não estava chorando — ainda não —, mas Laurel sentiu que o rosto da menina começava a contrair-se.

— VOCÊ ME OUVIU? — Camisa de Malha berrava. — PRECISO ESTAR EM BOSTON PARA DISCUTIR UMA TRANSAÇÃO INCOMUMENTE GRANDE DE

AÇÕES, E TENHO ABSOLUTA INTENÇÃO DE CHEGAR EM TEMPO A ESSA REU

NIÃO! — Ele abriu o cinto e começou a levantar-se. Tinha as faces vermelhas, a testa branca como cera. Havia uma expressão desvairada em seus olhos, que Laurel achou extremamente amedrontadora. — VOCÊ ENTEND...

— Por favor — disse Laurel. — Senhor, por favor, está assustando a garotinha!

Camisa de Malha virou a cabeça e aquele seu inquietante olhar desvairado caiu sobre ela. Laurel podia ter esperado o que ouviu.

— ASSUSTANDO A GAROTINHA? ESTAMOS SENDO DESVIADOS PARA ALGUM

AEROPORTOZINHO PERDIDO E INSIGNIFICANTE NO MEIO DE LUGAR NENHUM, ESUA ÚNICA PREOCUPAÇÃO É SE...

— Sente-se e cale a boca ou vai levar um soco! — disse Gaffney, levantando-se.

Tinha pelo menos vinte anos a mais do que Camisa de Malha, porém era mais pesado e com muito maior largura de tórax. Havia enrolado as mangas da camisa de flanela vermelha até os cotovelos, e quando crispou os punhos os músculos do antebraço avolumaram-se. Tinha a aparência de um madeireiro começando a amolecer na aposentadoria.

O lábio superior de Camisa de Malha distendeu-se, mostrando os dentes. Aquele tipo de careta canina assustou Laurel, porque não acreditava que o homem da camisa de malha soubesse da própria careta. Foi ela a primeira deles a perguntar-se se aquele indivíduo não estaria louco.

— Não creio que consiga isso sozinho, papai — disse.

— Ele não estará sozinho!—disse o homem calvo, da classe executiva. — Eu mesmo sacudo você se não calar essa boca!

Albert Kaussner reuniu coragem e disse:

— Eu também, seu rato!

Dizer isso foi um grande alívio. Ele se sentiu como um dos caras no Álamo cruzando a linha que o Coronel Travis riscara no chão.

Camisa de Malha olhou em torno. Seu lábio se ergueu e tornou a cair, naquele singular rosnado canino.

— Entendo. Entendo. Estão todos contra mim! Ótimo! — Tornou a sentar-se e olhou truculentamente para eles. — No entanto, se soubessem alguma coisa sobre o mercado de ações sul-americanas...

Ele não terminou. Havia um guardanapo de papel pousado no braço da poltrona junto à sua. Ele o pegou, estudou-o e começou a dar-lhe puxões.

— Não é preciso que as coisas sejam assim, senhor — disse Gaffney. — Não sou do tipo agressivo e não sou dado a agressões.—Ele procurava parecer agradável, pensou Laurel, mas também havia prudência em suas palavras, de mistura à raiva. — Procure relaxar, levar a situação com calma. Seja mais otimista! A companhia provavelmente devolverá todo o dinheiro que pagou pela passagem.

Camisa de Malha olhou brevemente na direção de Don Gaffney e voltou a concentrar-se no guardanapo de papel. Parou de esticá-lo e começou a rasgá-lo em compridas tiras.

— Alguém aqui sabe manejar aquele fogãozinho na cozinha? — perguntou Careca, como se nada houvesse acontecido. — Eu quero jantar!

Ninguém respondeu.

— Acho que não — disse tristemente o homem calvo. — Estamos na era da especialização. Uma época vexatória para se viver!

Após seu filosófico pronunciamento, Careca voltou novamente para a classe executiva. Baixando os olhos, Laurel viu que, abaixo da vistosa armação de plástico vermelho dos óculos escuros, as faces de Dinah Bellman estavam banhadas de lágrimas. Esquecendo parte do próprio medo e perplexidade, pelo menos temporariamente, abraçou a garotinha.

— Não chore, meu bem — aquele homem só estava perturbado. Já ficou melhor agora.

— Estou com medo — sussurrou Dinah. — Para aquele homem, todos nós parecemos monstros!

— Não, não acredito — disse Laurel, surpresa e algo chocada. — Por que você pensaria uma coisa destas ?

— Não sei — disse Dinah.

Já gostava desta mulher — gostava dela assim que lhe ouvira a voz — mas não pretendia contar a Laurel que, por um fugaz momento, vira todos eles, inclusive ela própria, olhando para o homem que gritava. Estivera dentro do homem que tinha gritado — seu nome era Sr. Tooms, Sr. Tunney ou qualquer coisa assim — e, para ele, todos os outros pareciam um bando de criaturas malignas e egoístas.

Se contasse tal coisa à Srta. Lee, ela certamente a julgaria maluca. Por que esta mulher, a quem acabara de conhecer, pensaria de maneira diferente?

Assim, Dinah ficou calada.

Laurel beijou-lhe o rosto. Sentiu a pele quente sob seus lábios.

— Não fique assustada, meu bem. Estamos seguindo viagem o melhor que podemos — não pode perceber? — e dentro de apenas mais algumas horas estaremos novamente em segurança no chão.

— Isso é bom, mas mesmo assim quero a minha tia Vicky de volta. Você imagina onde ela possa estar?

— Não, meu bem — disse Laurel. — Eu gostaria de saber...

Dinah tornou a pensar nos rostos que o homem dos gritos vira: faces malévolas, cruéis. Pensou em seu próprio rosto, na maneira como o percebera, uma carinha suja de bebê, com os olhos escondidos atrás de enormes lentes negras. Foi quando sua coragem ruiu, e então começou a chorar, em roucos e sacolejantes soluços, que magoaram o coração de Laurel. Abraçou a menina, porque não podia fazer outra coisa, e logo estava chorando também.

As duas choraram juntas por quase cinco minutos, até Dinah começar a ficar novamente calma. Laurel olhou para o rapazinho esguio, cujo nome era Albert — ou Alvin, não conseguia recordar qual fosse —, percebendo que também ele tinha os olhos molhados. Notando que era observado, ele baixou apressadamente os olhos para as próprias mãos.

Dinah deixou escapar um último e arquejante soluço, e em seguida deitou a cabeça contra o colo de Laurel.

— Acho que chorar não adianta muito, não é?

— Sim, acho que não adianta — concordou Laurel. — Por que não tenta dormir um pouco, Dinah?

Dinah suspirou — um som aquoso, infeliz.

— Acho que não vou conseguir. Eu já havia dormido.

Não me diga! pensou Laurel. E o voo 29 continuou para leste, a 35.000 pés de altitude, voando a cerca de oitocentos quilômetros por hora, acima da região central dos Estados Unidos, ainda tomada pela noite.

Três

O MÉTODO DEDUTIVO.
ACIDENTES E ESTATÍSTICAS.
POSSIBILIDADES ESPECULATIVAS.
PRESSÃO NAS TRINCHEIRAS.
O PROBLEMA DE BETHANY.
COMEÇA A DESCIDA.

1

— Há coisa de uma hora, essa garotinha disse algo interessante — observou Robert Jenkins subitamente. Nesse meio tempo, a garotinha em questão terminara dormindo, apesar de suas dúvidas a este respeito. Albert Kaussner também estivera cabeceando, talvez desejoso de retornar, mais uma vez, àquelas ruas míticas de Tombstone. Havia tirado o estojo de seu violino do compartimento acima das poltronas e agora o segurava atravessado no colo.

— Hum? — exclamou, endireitando-se no assento.

— Lamento — disse Jenkins. — Estava cochilando?

— De jeito nenhum — respondeu Albert. — Estava bem acordado. — Virou dois enormes olhos injetados de sangue na direção de Jenkins, a fim de provar o que dizia.

Uma sombra escura jazia sob cada um. Jenkins achou-o um pouco parecido a um guaxinim. — O que foi que ela disse?

— Ela disse para a Srta. Stevenson que talvez não conseguisse dormir, porque já havia dormido. Anteriormente.

Albert contemplou Dinah por um momento.

— Bem, pois ela agora dormiu — disse.

— Eu sei, mas não é esta a questão, meu garoto. Em absoluto!

Albert considerou falar ao Sr. Jenkins que Ace Kaussner, o hebreu mais rápido a oeste doMississípi e o único texano que sobrevivera à Batalha de Álamo, não admitia ser chamado de “meu garoto”, mas decidiu esquecer... pelo menos por enquanto.

— Sendo assim, qual é a questão? — perguntou.

— Eu também estava dormindo. Peguei no sono ainda antes de o comandante — nosso comandante original, quero dizer — desligar a luz do aviso NÃO FUMAR.

Comigo sempre foi assim. Em trens, ônibus, aviões — adormeço como um bebê no momento em que ligam os motores. E quanto a você, meu garoto?

— Quanto a mim, o quê?

— Estava dormindo? Estava, não?

— Bem, sim.

— Estávamos todos dormindo. E todas as pessoas que desapareceram estavam acordadas.

Albert refletiu no que ouvira.

— Bem... é possível.

— Bobagem — disse Jenkins, quase jovialmente. — Ganho a vida escrevendo histórias de mistério. Poder-se-ia dizer que a dedução é meu pão com manteiga. Não acha que se alguém estivesse acordado, quando todas aquelas pessoas foram eliminadas, esse alguém poria a boca no mundo, acordando o resto de nós?

— Acho que sim — concordou Albert, pensativo. — Excetuando-se aquele homem que estava lá no fundo, na última fila. Talvez nem uma sirene de ataque aéreo fosse capaz de acordar tal sujeito.

— Certo; sua exceção foi feita com acerto. Entretanto, ninguém gritou, não foi?

E ninguém se prontificou a contar ao resto de nós o que aconteceu. Portanto, deduzo que apenas passageiros acordados foram subtraídos. Juntamente com a tripulação de voo, é claro.

— Sim, é possível.

— Você parece perturbado, meu garoto. Sua expressão diz que esta ideia, a despeito de seus atrativos, não se ajusta com perfeição para você. Posso perguntar por que não? Terei omitido alguma coisa?

A expressão de Jenkins dizia que ele não acreditava em tal possibilidade, mas que sua mãe o criara com educação.

— Não sei — disse Albert, com sinceridade. — Quantos somos aqui? Onze?

— Sim. Incluindo o sujeito lá dos fundos—aquele em estado comatoso— somamos onze pessoas.

— Se o senhor estiver certo, não deveríamos ser mais?

— Por quê?

Albert, no entanto, ficou calado, tomado por uma súbita e vivida imagem de sua infância. Havia sido criado em uma zona teológica crepuscular por seus pais, que não eram ortodoxos, mas tampouco agnósticos. Ele e seus irmãos tinham crescido observando a maioria das tradições dietéticas (ou leis, ou fossem o que fossem), haviam tido seus Bar Mitzvah e tinham sido educados para saber quem eram, de onde provinham e o que isso significava. E a história que Albert recordava com mais clareza, dos tempos de suas visitas ao templo quando criança, era a que falava na praga final lançada sobre o Faraó — o tributo horripilante reclamado pelo soturno anjo de Deus durante a noite.

Mentalmente, ele agora via aquele anjo se movendo, não acima do Egito, mas através do Voo 29, recolhendo contra seu seio terrível a maioria dos passageiros...

Não porque eles houvessem deixado de besuntar o batente de suas portas (ou, talvez, o encosto de seus assentos) com o sangue de um cordeiro, mas porque...

Por quê? Por que por quê?

Albert não sabia, mas estremeceu assim mesmo. E desejou jamais haver recordado aquela antiga e arrepiante história. Deixem ir os meus Passageiros Habituais, pensou ele. Só que não tinha graça nenhuma.

— Albert? — A voz do Sr. Jenkins parecia vir de muito distante. — Você está bem, Albert?

— Sim. Só estava pensando. — Ele pigarreou. — Se todos os passageiros dormindo foram, entenda, passados para o outro lado, haveria pelo menos sessenta de nós.

Talvez mais. Afinal, este é o olho-vermelho!

— Meu garoto, você nunca...

— Poderia chamar-me de Albert, Sr. Jenkins? É o meu nome.

Jenkins deu um tapinha no ombro dele.

— Sinto muito. De verdade. Não pretendia tratá-lo com condescendência. Estou perturbado, e quando fico assim tendo a retrair-me... como uma tartaruga, puxando a cabeça para dentro do casco. Com a diferença de que me retraio para a ficção. Creio que estava bancando Philo Vance. É um detetive — um grande detetive — criado pelo falecido S. S. Van Dine. Suponho que você nunca o tenha lido. Hoje em dia é raro alguém lê-lo, o que acho uma pena. De qualquer modo, peço desculpas.

— Está tudo bem — disse Albert, pouco à vontade.

— Albert você é, e Albert será, daqui em diante — prometeu Robert Jenkins. — Eu ia perguntar lhe se já havia viajado no olho-vermelho antes.

— Nunca. É a primeira vez que voo através do país.

— Bem, pois eu já. Muitas vezes. Em algumas delas até contrariei minha inclinação natural e fiquei algum tempo acordado. Principalmente quando era mais novo e os vôos eram mais barulhentos. Após dizer isto, posso muito bem oferecer uma afrontosa prova de minha antiguidade, ao admitir que minha primeira viagem costa a costa foi em um TWA, movido a hélice, que fez duas escalas... para reabastecimento.

“Minha observação é de que bem poucos pegam no sono em tais vôos durante a primeira hora ou coisa assim... mas em seguida todos vão dormir. Naquela primeira hora, as pessoas ocupam-se apreciando a paisagem, falando com os esposos ou companheiros de viagem, tomando um ou dois drinques...”

— Ajustando-se, o senhor quer dizer — sugeriu Albert.

O que o Sr. Jenkins dizia fazia perfeito sentido para ele, que também se submetera a alguns preciosos ajustamentos; ficara tão excitado com a viagem iminente e a nova vida que o esperava que mal conseguira dormir nas duas últimas noites. Como resultado, havia apagado como uma luz, quase logo depois que o 767 deixou o solo.

— Preparando pequenos ninhos para si mesmos — concordou Jenkins. — Por acaso, reparou no carrinho de bebidas, ao lado da cabine, meu... Albert?

— Eu vi que estava lá — concordou Albert.

Os olhos de Jenkins cintilaram.

— Sim, de fato — era ver ou tropeçar nele. Entretanto, você realmente percebeu o carrinho? Reparou nele?

— Acho que não, caso o senhor tenha visto algo que não vi.

— Não é o olho que repara, Albert, mas a mente. A mente dedutiva treinada. Não sou Sherlock Holmes, porém reparei que ele havia sido tirado recentemente do pequeno armário onde é guardado, e que os copos usados do voo anterior continuavam na prateleira de baixo. Partindo daí, deduzi o seguinte: o avião decolou sem novidades, subiu para sua altitude de cruzeiro e o dispositivo de piloto automático foi ligado, por sorte. Então, o comandante apagou a luz do aviso sobre os cintos de segurança. Isto aconteceria uns trinta minutos após a decolagem, se estou analisando corretamente os indícios — por volta de uma da madrugada, Hora do Pacífico.

Quando foi apagada a luz do aviso sobre o cinto, as aeromoças levantaram-se e deram início à sua primeira tarefa — coquetéis para cerca de cento e cinquenta pessoas, a uma altitude aproximada de 24.000 pés e aumentando ainda mais. Nesse ínterim, o piloto havia programado o piloto automático para estabilizar o avião a 35.000 pés e voar para leste, na direção tal-e-tal. Alguns passageiros —

de fato, onze deles — pegaram no sono. Quanto aos outros, alguns cochilavam, talvez (embora não em sono profundo o bastante para salvá-los do que quer que tenha acontecido), porém os restantes continuaram bem despertos.

— Ajeitando seus ninhos — disse Albert.

— Exatamente! Ajeitando seus ninhos! — Jenkins fez uma pausa e acrescentou, não sem certo melodrama: — E foi quando aconteceu!

— O que aconteceu, Sr. Jenkins? — perguntou Albert. — Tem alguma ideia a respeito?

Jenkins ficou bastante tempo sem responder. Quando finalmente falou, uma boa dose de jovialidade sumira de sua voz. Ao ouvi-lo, Albert compreendeu, pela primeira vez, que sob sua veia ligeiramente teatral Robert Jenkins estava tão amedrontado quanto ele próprio. Percebeu que isso não o incomodava, pois fazia o idoso escritor de mistério, em seu paletó esporte no fio, parecer mais real.

— O mistério do quarto trancado é o conto dedutivo em sua máxima pureza — disse Jenkins. — Eu mesmo escrevi alguns — para ser sincero, um pouco mais do que alguns — , porém nunca esperei fazer parte de um.

Albert olhou para ele e não soube o que responder. Viu-se recordando uma história de Sherlock Holmes, chamada A Faixa Pintalgada, na qual uma serpente venenosa entra no famoso aposento trancado através de um conduto de ventilação.

O imortal Sherlock Holmes nem precisou despertar todas as suas células cerebrais para resolver o caso.

Não obstante, ainda que os compartimentos de bagagem do Voo 29, situados mais acima, estivessem cheios de serpentes venenosas — apinhados delas — , onde estavam os corpos? Onde estavam os corpos? O medo começou novamente a invadi-lo, parecendo fluir das pernas para as entranhas do corpo. Refletiu que jamais, em toda a sua vida, se sentira menos semelhante ao famoso pistoleiro Ace Kaussner.

— Se fosse apenas o avião — prosseguiu Jenkins suavemente —, penso que eu poderia montar um cenário — afinal de contas, é assim que venho ganhando meu pão com manteiga diário nestes últimos vinte e cinco anos ou coisa assim.

Gostaria de ouvir a descrição de um tal cenário?

— Claro — respondeu Albert.

— Muito bem. Digamos que alguma sombria organização governamental, como A CIA, resolvesse pôr em execução uma experiência e que nós fôssemos as cobaias.

Em vista das circunstâncias, a finalidade de tal experimento poderia ser a documentação dos efeitos de sério estresse mental e emocional, envolvendo um número de americanos medianos. Eles, os cientistas diretores do experimento, colocariam alguma espécie de droga hipnótica inodora no sistema de oxigênio do avião...

— Essas coisas existem? — perguntou Albert, fascinado.

— Claro que existem! — afirmou Jenkins. — A Diazaline é uma delas. O Methoprominol é outra. Recordo como leitores que costumavam julgar-se de “mentalidade séria” riam das novelas Fu Manchu, de Sax Rohmer. Consideravam-nas o melodrama mais vergonhoso e ofegante. — Jenkins meneou a cabeça lentamente. — Hoje, graças à pesquisa biológica e à paranóia de agências alfabéticas, como a CIA e a Agência de Informações de Defesa, estamos vivendo em um mundo que poderia ser o pior pesadelo de Sax Rohmer.

“A Diazaline, que em realidade é um gás que ataca os nervos, seria mais adequada.

Supõe-se que tenha efeito muito rápido. Após ser liberada no ar, todos adormeceriam, com exceção do piloto, por respirar ar não contaminado através de uma máscara.

— Mas... — começou Albert.

Jenkins sorriu e ergueu a mão.

— Sei qual é a sua objeção, Albert, e posso explicar. Permite?

Albert assentiu.

— O piloto pousa o avião — em uma pista secreta de Nevada, digamos. Os

passageiros que estavam acordados quando o gás foi liberado — e as aeromoças, naturalmente — são desembarcados por homens sinistros, usando brancas vestes Andromeda Strain. Os passageiros que dormiam — eu e você entre eles, meu jovem amigo — simplesmente continuaram dormindo, apenas um pouco mais profundamente do que antes. O piloto então recoloca o Voo 29 em sua altitude e destino adequados. Liga o piloto automático. Quando o avião alcança as Rochosas, os efeitos do gás começam a dissipar-se. A Diazaline é uma das chamadas drogas limpas, pois não deixa pós-efeitos apreciáveis. Em outras palavras, nenhuma ressaca. Através de seu intercomunicador, o piloto pode ouvir a garotinha cega gritando pela tia. Sabe que ela acordará os outros. O experimento vai começar. Então, ele se levanta e deixa a cabine de comando, fechando a porta atrás de si.

— Como ele poderia fazer isso? Não há maçaneta no exterior.

Jenkins fez um gesto de mão, rejeitando o fato.

— Seria a coisa mais simples do mundo, Albert. Ele usa uma tira de fita adesiva com o lado colante para fora. Quando a porta encaixar o fecho, no interior, estará trancada.

Um sorriso de admiração começou a espalhar-se pelo rosto de Albert, congelando-se em seguida.

— Neste caso, o piloto teria que ser um de nós — disse.

— Sim e não. No meu cenário, Albert, o piloto é o piloto. O piloto que por acaso estava a bordo, supostamente dirigindo-se a Boston. O piloto sentado na primeira classe, a menos de dez metros da porta da cabine, quando o esterco foi atirado no ventilador.

— O Comandante Engle — disse Albert, em voz baixa e horrorizada.

Jenkins replicou no tom satisfeito e complacente de um professor de geometria que acabou de escrever Q.E.D. (o que se queria demonstrar) abaixo da prova de um teorema particularmente difícil:

— O Comandante Engle.

Nenhum deles reparou que Camisa de Malha os fitava com olhos brilhantes,

febris. Em seguida, tirando a revista de bordo do bolso do assento diante dele, arrancou a capa e começou a rasgá-la em lentas e compridas tiras. Deixou que flutuassem até o piso, onde se juntaram aos fragmentos do guardanapo de papel, em torno de seus mocassins marrons.

Camisa de Malha movia os lábios silenciosamente.

2

Se Albert fosse estudante do Novo Testamento, compreenderia como devia ter-se sentido Saul, o mais encarniçado perseguidor dos primitivos cristãos, quando as pestanas lhe caíram dos olhos, no caminho para Damasco. Olhou para Robert Jenkins com vibrante entusiasmo, com todo vestígio de sonolência agora banido de seu cérebro.

Naturalmente, quando se pensava a respeito — ou quando alguém como o Sr. Jenkins, que era claramente uma rara inteligência com ou sem seu surrado paletó esporte, conduzia o raciocínio — a coisa se tomava demasiado grande e demasiado óbvia para não ser percebida. Quase todo o elenco e tripulação do Voo 29, da American Pride, desaparecera entre o Deserto de Mojave e as Rochosas... mas um dos poucos sobreviventes, por coincidência, era — surpresa! — outro piloto da American Pride que, em suas próprias palavras, estava “qualificado para pilotar aquele modelo — e também para pousá-lo”.

Jenkins estivera observando Albert atentamente, e agora sorria. Seu sorriso, contudo, não mostrava muito humor.

— O cenário é tentador, não acha?

— Teremos de capturá-lo, assim que aterrarmos — disse Albert, esfregando febrilmente a mão em um lado do rosto. — O senhor, eu, o Sr. Gaffney e aquele cara inglês.

Ele parece durão. Só que... e se o inglês também estiver metido nisto? Entenda, ele poderia ser o guarda-costas do Comandante Engle. Para o caso de alguém adivinhar as coisas, como fez o senhor.

Jenkins abriu a boca para responder, mas Albert falou primeiro.

— Teremos que anular eles dois. De algum modo. — Ofereceu ao Sr. Jenkins um breve sorriso — um sorriso Ace Kaussner. Frio, apertado, perigoso. O sorriso do homem mais rápido que o raio e sabedor disto. — Posso não ser o sujeito mais inteligente do mundo, Sr. Jenkins, mas não serei o rato de laboratório de ninguém!

— Acontece que ele não se mantém de pé, entende?—disse Jenkins, em voz

branda.

Albert piscou.

— De que está falando?

— Do cenário que acabei de delinear para você. Não se mantém de pé.

— Ora... mas o senhor disse...

— Eu falei sefosse apenas o avião, então eu poderia montar um cenário. E montei.

Um bom cenário. Se fosse ideia para um livro, posto que meu agente poderia vendê-la. Infelizmente, não se trata apenas do avião. Denver poderia estar lá embaixo, porém tinha todas as luzes apagadas. Vim coordenando nossa rota de viagem por meu relógio de pulso, e posso dizer-lhe agora, que não se trata apenas de Denver.

Omaha, Des Moines... não havia nenhum sinal delas na escuridão, meu rapaz. De fato, não vi luzes de espécie alguma. Fosse de casas de fazenda, de depósitos de cereais, de lugares de embarque ou de auto-estradas interestaduais. São coisas que podemos ver à noite, entende? Com essa nova iluminação de alta intensidade elas podem ser vistas perfeitamente, mesmo por alguém a quase dez quilômetros acima.

A terra está absolutamente escura. Ora, posso acreditar na possibilidade de existir uma agência governamental sem ética o suficiente para drogar todos nós a fim de observar nossas reações. Pelo menos hipoteticamente. O que não posso acreditar é que, mesmo a CIA, conseguisse persuadir todos que encontram em nosso trajeto de voo a apagarem suas luzes a fim de reforçar nossa ilusão de que estamos absolutamente sós.

— Bem... talvez tudo seja uma impostura — sugeriu Albert. — Talvez ainda continuemos em terra e tudo que estamos vendo fora das janelas seja projetado, entende? Certa vez, vi um filme parecido.

Jenkins meneou a cabeça, lenta e melancolicamente.

— Imagino que deve ter sido um filme interessante, mas não creio que desse

certo na vida real. A menos que nossa teórica agência secreta tenha aperfeiçoado alguma espécie de projeção tridimensional em uma tela gigantesca. Seja o que for que estiver acontecendo, Albert, não ocorre apenas dentro do avião. É aí que a dedução desmorona.

— Ora, mas e o piloto? — exclamou Albert ferozmente. — Como aconteceu de ele estar aqui, no lugar e no momento certos?

— Você é fã de beisebol, Albert?

— Quê? Não. Quero dizer, às vezes via os Dodgers na televisão, mas nunca fui fanático.

— Pois permita-me dizer-lhe o que pode ser a mais espantosa estatística já registrada, em um jogo que viceja sobre estatísticas. Em 1957, Ted Williams alcançou a base em dezesseis defesas consecutivas. Esse período de sorte abrangeu seis jogos de beisebol. Em 1941, Joe DiMaggio rebateu com segurança em 56 jogos diretos, mas as probabilidades contra o que DiMaggio fez empalideceram em comparação com as probabilidades contra a façanha de Williams, que se classifica nas proximidades de uma em dois bilhões. Os torcedores de beisebol gostam de dizer que a temporada de sorte de DiMaggio jamais será igualada. Eu discordo. E apostaria que, se daqui a mil anos ainda estiverem jogando beisebol, os dezesseis lances seguidos de Williams continuarão de pé.

— E tudo isso significa o quê?

— Significa que, segundo creio, a presença do Comandante Engle a bordo esta noite é, nada mais nada menos que acidental, como os dezesseis lances consecutivos de Ted Williams. E, considerando as circunstâncias, eu diria que foi uma casualidade muito afortunada. Se a vida fosse como uma novela de mistério, Albert, onde não se admitem coincidências e as probabilidades nunca são anuladas por muito tempo, tomar-se-ia algo bem mais ordenado. No entanto, descobri que, na vida real, a coincidência não é a exceção, mas a regra.

— Então, o que está acontecendo? — sussurrou Albert.

Jenkins deixou escapar um longo e inquieto suspiro.

— Receio que fez a pergunta à pessoa errada. É uma pena que Larry Niven ou

John Valery não estejam a bordo.

— Quem são esses caras?

— Escritores de ficção científica — respondeu Jenkins.

3

— Acho que você não costuma ler ficção científica, certo? — perguntou subitamente Nick Hopewell.

Brian se virou para encará-lo. Nick estivera sentado em silêncio na poltrona do navegador desde que Brian assumira o controle do Voo 29, quase duas horas atrás.

Calado, ele ficara ouvindo, enquanto Brian continuava tentando entrar em contato com alguém — qualquer pessoa — em terra ou no ar.

— Quando garoto, eu era louco por ficção científica — disse Brian. — E você?

Nick sorriu.

— Até mais ou menos os dezoito anos, eu acreditava firmemente que a Santíssima Trindade consistia de Robert Heinlein, John Christopher e John Wyndham. Sentado aqui, estive repassando todas aquelas antigas histórias na cabeça, companheiro. E pensando em coisas exóticas, tais como distorção do tempo, distorção do espaço e incursões grupais alienígenas.

Brian assentiu. Sentia-se aliviado; era bom saber que mais alguém acalentava pensamentos loucos.

— Quer dizer que, em realidade, não temos nenhum meio de saber se sobrou alguma coisa lá embaixo. Certo?

— É isso aí — disse Brian. — Não temos meio algum.

Acima do Illinois, nuvens baixas haviam coberto a massa escura da Terra, muito abaixo do avião. Ele tinha certeza de que aquilo ainda era a terra — as Rochosas tinham parecido tranquilizadoramente familiares, ainda que vistas de 35.000 pés de altura — mas fora isso não havia certeza de nada mais. E aquelas nuvens baixas poderiam continuar por todo o trajeto até Bangor. Com o Controle de Tráfego Aéreo fora do serviço ativo, ele não dispunha de qualquer meio real para saber. Brian estivera devaneando com uma variedade de cenários, o mais desagradável dos quais era este: que eles sairiam de nuvens e descobririam que todo sinal de vida humana — inclusive o aeroporto onde esperava aterrissar —

desaparecera do mapa. Neste caso, onde pousaria aquela aeronave?

— Sempre achei que a espera era a parte mais difícil — disse Nick.

A parte mais difícil de quê? perguntou-se Brian, mas nada disse.

— E se você descesse até uns 5.000 pés? — propôs Nick subitamente. — Apenas para uma rápida espiada. Talvez, a visão de algumas cidadezinhas e auto-estradas interestaduais nos deixasse mais tranquilos.

Brian já havia considerado tal ideia. Considerara-a com intensa ânsia.

— A proposta é tentadora — disse —, mas não pode ser.

— Por que não?

— Os passageiros continuam sendo minha primeira responsabilidade, Nick. Eles provavelmente entrariam em pânico, mesmo que eu lhes explicasse com antecedência o que pretendia fazer. Estou pensando em nosso amigo de fala grossa, com o urgente compromisso no Pru. Especialmente nele. É o sujeito cujo nariz você torceu.

— Eu posso manejá-lo — replicou Nick. — E alguns outros que se meterem a besta, também.

— Não duvido — replicou Brian, — mas ainda não acho necessário assustá-los sem motivos. Acabaremos descobrindo o que queremos. Afinal, não podemos ficar aqui em cima para sempre.

— É a pura verdade, companheiro — disse Nick, secamente.

— De qualquer modo, eu poderia fazer isso se tivesse certeza de estar fora das nuvens a 4.000 ou 5.000 pés, mas sem nenhum Controle de Tráfego Aéreo fica muito duvidoso. Nem ao menos sei quais as condições do tempo lá embaixo, e não me refiro a condições normais. Pode zombar de mim se quiser, mas...

— Não estou zombando, companheiro. Nem mesmo estou próximo disso, acredite.

— Bem, suponhamos que atravessamos uma distorção do tempo, como nas

histórias de ficção científica. E se eu descesse através das nuvens e déssemos uma rápida espiada em um bando de brontossauros pastando nos campos de algum fazendeiro John, antes de sermos despedaçados por um ciclone ou fritos em uma tempestade elétrica?

— Acha mesmo que seria possível? — perguntou Nick.

Brian olhou atentamente para ele a fim de ver se a pergunta tinha sido sarcástica.

Não parecia, mas era difícil dizer. Os ingleses eram famosos por seu seco senso de humor, não?

Ia começar a contar a ele que certa vez vira algo assim, em um antigo episódio de Além da Imaginação, mas decidiu que isto em nada contribuiria para sua credibilidade.

— Acredito que seja inteiramente improvável, mas é uma ideia — a verdade é que ignoramos com o que estamos lidando. Poderíamos colidir em uma montanha nova em folha na região que costumava ser o norte do Estado de Nova Iorque. Ou poderíamos chocar-nos com outro avião. Diabo — talvez até mesmo um ônibus espacial! Afinal de contas, se isto for uma distorção de tempo, com a mesma facilidade podemos estar no futuro ou no passado.

Nick espiou pela janela.

— Parece que temos o céu só para nós.

— Aqui em cima, sem dúvida. Mais abaixo, quem sabe? Esta pode ser uma situação bastante delicada para um piloto de avião. Pretendo sobrevoar Bangor quando chegarmos lá, caso estas nuvens persistam. Fazer um reconhecimento da área.

Seguirei até acima do Atlântico, descendo para baixo do teto ao voltarmos. Nossas probabilidades serão melhores se a descida inicial for feita acima da água.

— Quer dizer que, por ora, apenas continuamos em frente.

— Correto.

— E esperamos.

— Correto novamente.

Nick suspirou.

— Bem, você é o comandante.

Brian sorriu.

— Correto, pela terceira vez!

4

No fundo das valas escavadas no leito dos oceanos Pacífico e Índico, existem peixes que vivem e morrem sem jamais sentirem ou verem a luz do sol. Essas criaturas fabulosas cruzam as profundezas como balões fantasmagóricos, iluminados de dentro para fora por sua própria radiância. Embora pareçam delicados, em realidade são maravilhas de desenho biológico, construídos para suportar pressões que esmagariam um homem, deixando-o tão achatado como uma vidraça de janela, num piscar de olhos. Sua grande força, contudo, é também sua maior fraqueza. Prisioneiros dos próprios corpos alienígenas, eles ficam eternamente confinados nas negras profundezas abissais. Se forem capturados e levados à superfície, ao encontro do sol, simplesmente explodirão. Não é a pressão externa que os destrói, mas sua ausência.

Craig Toomy fora criado em sua própria vala escura, vivera imerso em sua própria atmosfera de alta pressão. Teve por pai um executivo do Banco da América, que permanecia ausente de casa por longas temporadas, uma caricatura do tipo superaquisitivo A. Impulsionava o filho único tão furiosa e encamiçadamente, como impulsionava a si mesmo. As histórias que contava para Craig ainda criança, na hora de dormir, deixavam o menino aterrorizado. Nem era de surpreender, pois terror constituía precisamente a emoção que Rogger Tommy pretendia despertar no coração do filho. Em sua maioria, essas histórias falavam de uma raça de seres monstruosos, os langoliers.

A tarefa de tais seres, sua missão na vida (no mundo de Roger Toomy, tudo tinha uma missão pela frente, tudo tinha um trabalho sério a realizar), era cair em cima de crianças preguiçosas, que desperdiçavam seu tempo. Ao completar sete anos, Craig se tomara um tipo superaquisitivo A, exatamente como Papai. E já decidira: os langoliers jamais o pegariam.

Um boletim que não apresentasse exclusivamente notas A, era considerado inaceitável. Uma nota A-, significava o tema de uma preleção recheada de avisos sobre como seria a vida, cavando valas ou esvaziando latões de lixo, ao passo que um B resultava em punição — geralmente o confinamento ao quarto, por uma semana.

Durante aquela semana, Craig tinha permissão de sair apenas para ir à escola e fazer suas refeições. O bom comportamento não merecia momentos de lazer. Por

outro lado, conquistas extraordinárias — como na época em que Craig vencera o decatlo disputado entre três escolas, por exemplo — não recebiam os louvores correspondentes. Quando ele mostrou ao pai a medalha conquistada na ocasião — entregue diante de todo o corpo estudantil reunido — Roger Toomy apenas a fitou de relance, grunhiu uma vez e retornou ao seu jornal. Craig estava com nove anos, quando seu pai faleceu de um ataque cardíaco. Em realidade sentiu um certo alívio, agora que a resposta do Banco da América ao General Patton se fora.

Sua mãe era uma alcoólatra, que controlava a bebida apenas por temer o homem com quem se casara. Uma vez Roger Toómy estando bem seguro com os pés no chão, onde não poderia mais procurar-lhe as garrafas e quebrá-las, espancá-la e dizer-lhe que se controlasse, pelo amor de Deus, Catherine Toomy iniciou ansiosamente o trabalho de sua vida. Alternadamente, saturava o filho de amor e congelava-o com rejeição, dependendo da dosagem de gin percorrendo suas veias. O comportamento dela era frequentemente estranho, e por vezes bizarro. No dia em que Craig completou dez anos, ela colocou um fósforo entre dois dedos do pé dele, acendeu-o e cantou “Parabéns Pra Você”, enquanto o fósforo queimava lentamente até a carne.

Catherine avisou ao filho que, se tentasse livrar-se do fósforo ou afrouxasse os dedos, iria levá-lo imediatamente para o ORFANATO. A ameaça de levar o menino para o ORFANATO era frequente, quando ela estava encharcada.

— Eu devia levá-lo para lá, de qualquer maneira—comentou, ao acender o fósforo, que assomava entre os artelhos do choroso garoto, como uma cintilante vela de aniversário.—Você é igualzinho a seu pai. Ele não sabia como divertir-se, e nem você!

Você é um chato, seu bebê-chorão!

Ela terminou a cantiga e soprou o fósforo, antes que a pele do segundo e terceiro dedos do pé direito de Craig chegasse a ficar realmente queimada, porém ele jamais esqueceu a chama amarela, a pequena haste de madeira que se contraía e enegrecia, e o crescente calor, enquanto sua mãe cacarejava “Parabéns bebê-chorão, parabéns pra vocêêêêl" em sua voz pastosa e desafinada de bêbada.

Pressão.

Pressão nas valas fundas.

Craig Toomy continuou tendo todas as notas A, também continuando a passar muito tempo em seu quarto. O aposento que fora seu local de ostracismo, transformara-se em refugio. Em geral, era ali que estudava, mas por vezes— quando a situação ia mal, quando se sentia imprensado contra a parede — ele rasgava um pedaço de folha de caderno após outro, para rasgá-los em tiras estreitas. Deixava que as tiras se amontoassem em torno dos pés, enquanto seus olhos fitavam o espaço sem nada ver.

Entretanto, esses períodos de alheamento não eram frequentes. Ainda não.

Craig terminou o ginásio como melhor aluno. Sua mãe não compareceu à formatura. Estava bêbada. Na Escola Graduada de Administração, na Universidade da Califórnia, diplomou-se em nono lugar em sua classe. Catherine Toomy também não compareceu. Estava morta. Na vala escura existente no centro do seu coração, Craig tinha certeza de que finalmente os langoliers tinham vindo buscá-la.

Como parte do programa de treinamento para executivos, ele foi trabalhar para a Corporação Bancária Desert Sun, da Califórnia. Saiu-se muito bem, o que não era de admirar; afinal de contas, Craig Toomy havia sido feito para conquistar todos os As, para vicejar sob as pressões que existem nas profundezas abissais. E às vezes, em seguida a algum pequeno contratempo no trabalho (naquele tempo, apenas cinco breves anos atrás, todos os contratempos tinham sido pequenos), ele voltava a seu apartamento, em Westwood — a menos de oitocentos quilômetros do apartamento no condomínio que Brian Engle ocuparia após o divórcio — e ficava rasgando diminutas tiras de papel, durante horas a fio. Os episódios de rasgar papel estavam ficando pouco a pouco mais frequentes.

No correr daqueles cinco anos, Craig percorreu velozmente as pistas da firma em que trabalhava, como um cão perseguindo um coelho mecânico. Os mexericos à volta do bebedouro especulavam que ele bem poderia tomar-se o mais jovem vice-presidente na gloriosa história dos quarenta anos do Desert Sun. Entretanto, certos peixes são feitos para chegar apenas até determinada altura, e não além dela; eles explodiriam, se transgredissem os limites constantes de sua programação.

Oito meses atrás, Craig Toomy havia sido incumbido — como encarregado único — de seu primeiro grande projeto. Seria o equivalente profissional de uma tese de mestrado. Este projeto tinha sido criado pelo departamento de títulos. E

títulos — títulos estrangeiros ou títulos supervalorizados, emitidos para financiar a compra de empresas (frequentemente eram a mesma coisa) — compreendiam a especialidade de Craig. Este projeto propunha a compra de um número limitado de títulos questionáveis da América do Sul (por vezes denominados Títulos de Dívida Duvidosa), em um programa cuidadosamente estabelecido. A teoria por trás de tais compras era suficientemente fundamentada, em vista do limitado seguro disponível em relação aos títulos e da muito maior disponibilidade em isenção de impostos sobre as transferências, resultando em lucro (Tio Sam estava fazendo praticamente o impossível para impedir que a complexa estrutura da dívida sul-americana desmoronasse como um castelo de cartas). Assim, tudo tinha que ser feito com toda cautela.

Craig Toomy apresentara um ousado plano, que fez muitas sobrancelhas se erguerem. Sua ideia girava em torno de uma grande compra de vários títulos argentinos, geralmente considerados os piores de um lote ruim. Árdua e persuasivamente, ele argumentara em defesa de seu plano, exibindo fatos, números e projeções para provar sua alegação de que os títulos argentinos eram bem mais sólidos do que pareciam. De uma só vez, argumentava Craig, o Desert Sun poderia tomar-se o mais importante — e mais rico — comprador de títulos estrangeiros no Oeste americano. O dinheiro que ganhariam, afirmou, seria muito menos importante do que a credibilidade que estabeleceriam a longo prazo.

Após muitos debates — alguns deles acalorados — o empreendimento de Craig envolvendo o projeto finalmente recebeu o sinal verde. Tom Holby, um vice-presidente sênior, chamou-o a um lado para felicitá-lo... a fazer-lhe uma advertência.

— Se isto der o resultado que espero no fim do ano fiscal, você se tomará o favorito de todos. Do contrário, poderá ver-se em um lugar muito tempestuoso, Craig. Se permite uma sugestão, os próximos meses talvez sejam um bom período para construir um abrigo contra temporais.

— Não precisarei de nenhum abrigo contra temporais, Sr. Holby — replicou Craig, confiantemente. — Depois disto, vou precisar é de uma asa-delta. Esta vai ser a compra de títulos do século — como encontrar diamantes em um celeiro. Espere e verá!

Nessa noite, ele tinha ido bem cedo para casa, mas assim que a porta do

apartamento foi fechada e trancada suas três fechaduras, o sorriso confiante desapareceu-lhe do rosto. O que substituiu foi aquela perturbadora expressão de alheamento. Ele havia comprado as revistas noticiosas, a caminho de casa. Levou-as para a cozinha, ordenou-as à sua frente, sobre a mesa, e começou a rasgá-las em compridas tiras estreitas. Continuou fazendo isso por cerca de seis horas. Rasgou e rasgou, até Newsweek, Time, e U.S. News & World Report jazerem em tiras por todo o chão à volta dele. Seus mocassins Gucci ficaram sepultados sob o papel. Craig parecia o solitário sobrevivente da explosão em uma fábrica de fitas para telimpressores.

Os títulos que se propunha comprar — os títulos argentinos em particular — representavam um risco maior do que deixara entrever. Conseguira a aprovação de sua proposta, exagerando alguns fatos, omitindo outros... e inclusive inventando vários. Aliás, um bom número destes últimos. Então, fora para casa, ficara horas rasgando tiras de papel e perguntando-se por que fizera aquilo. Craig nada sabia sobre os peixes que existem nas profundezas abissais, vivendo suas vidas e morrendo suas mortes sem jamais verem a luz do sol. Ignorava que tanto há peixes como homens, cuja bête noirs não é a pressão, mas a falta dela. Sabia apenas que fora dominado por uma irrefreável compulsão para comprar aqueles títulos, pregar um alvo na própria testa.

Agora, cumpria-lhe reunir-se com representantes dos títulos, pertencentes a cinco importantes corporações bancárias, no Prudential Center, em Boston. Haveria muito cotejo de notas, muita especulação sobre o futuro do mercado mundial de títulos, muita discussão sobre as compras dos últimos dezesseis meses e o resultado de tais compras.

Então, antes que a conferência de três dias encerrasse seu primeiro dia, todos eles estariam a par do que Craig Toomy já sabia, nos últimos noventa dias: os títulos que ele negociara, agora valiam menos de seis centavos por dólar. E, não muito tempo depois disso, o chefão no Desert Sun descobriria o resto da verdade: que Craig comprara três vezes mais do que lhe fora autorizado comprar. Ele também investira cada centavo de suas economias pessoais... mas não que eles se preocupassem com isso.

Quem sabe como pode sentir-se o peixe capturado em uma daquelas profundas valas e trazido rapidamente para a superfície — em direção à luz de um sol jamais suspeitado? Não é possível, pelo menos, que seus momentos finais sejam mais plenos de êxtase do que de terror? que apenas quando finalmente se

desintegre, ele sinta a esmagadora realidade de toda aquela pressão? Que ele pense — até onde se presuma que um peixe possa pensar, quer dizer — em uma espécie de jubiloso prazer, Enfim, estou livre daquele peso! nos segundos antes de explodir? Provavelmente, não. Talvez os peixes daquelas remotas profundezas nada sintam, pelo menos de nenhuma forma que conheçamos — e, certamente eles não pensam... mas as pessoas, sim.

Ao invés de sentir vergonha, Craig Toomy havia sido invadido por um imenso alívio e uma espécie de hética, horrificada felicidade, ao embarcar para Boston, no Voo 29 da American Pride. Ele ia explodir, e descobria que pouco estava ligando para isso. Aliás, via-se ansiando pela explosão. Podia sentir a pressão, irradiando-se de todas as superfícies de sua pele, enquanto se elevava para a superfície. Pela primeira vez em semanas, não houvera papéis rasgados. Ele adormecera ainda antes do Voo 29 entrar em movimento, dormira como um bebê, até aquela pestinha cega começar a berrar.

E agora eles lhe diziam que tudo mudara, o que, simplesmente, não era admissível. Não podia ser permitido. Havia sido firmemente capturado na rede, sentira a subida estonteante e os estiramento na pele, quando ela tentara a descompressão.

Eles não podiam mudar de ideia agora, deixá-lo cair novamente nas profundezas!

Bangor?

Bangor, no Maine?

Oh, não! Decididamente, não!

Craig Toomy tinha uma vaga noção de que a maioria das pessoas do Voo 29 havia desaparecido, mas não ligava a mínima. Elas não eram a coisa mais importante. Não faziam parte do que seu pai sempre gostara de chamar o GRANDE QUADRO. A reunião na Pru era parte do GRANDE QUADRO.

A ideia daquele desvio para Bangor, no Maine... exatamente, que esquema havia sido esse!

Fora coisa do piloto, naturalmente. Coisa do Engle. O chamado Comandante.

E Engle, bem... Engle podia perfeitamente ser parte do GRANDE QUADRO. De

E Engle, bem... Engle podia perfeitamente ser parte do GRANDE QUADRO. De fato, ele podia ser um AGENTE INIMIGO. No fundo do coração, Craig começara a desconfiar disso, no momento em que Engle se pusera a falar pelo intercomunicador, mas no caso presente, não tinha precisado confiar no coração, tinha? De maneira nenhuma. Estivera ouvindo a conversa entre o rapazinho magricela e o homem que usava aquele paletó esporte encontrado nos salvados do incêndio. O gosto daquele homem por roupas era terrível, porém o que dizia fazia perfeito sentido para Craig Toomy... pelo menos, até certo ponto.

Nesse caso, o piloto teria que ser um de nós, dissera o rapaz.

Sim e não, respondera o sujeito do paletó esporte salvado do incêndio. No meu cenário, o piloto é o piloto. O piloto que por acaso estava a bordo, supostamente dirigindo-se a Boston. 0 piloto sentado a menos de dez metros da porta da cabine.

Em outras palavras, Engle.

E o outro sujeito, aquele que lhe torcera o nariz, estava claramente mancomunado com Engle, funcionando como uma espécie de delegado-do-céu, para proteger o comandante de todos que por acaso se intrometessem.

Craig não ouvira por muito tempo a conversa entre o rapazinho e o homem do paletó-esporte-de-incêndio, porque este deixara de fazer sentido, começando a grasnar um monte de besteiras sobre Denver, Des Moines e Omaha terem desaparecido. Era simplesmente hilariante a ideia de que três grandes cidades americanas haviam sumido do mapa, mas isto não significava que tudo dito pelo velho era hilariante.

Sem dúvida, era um experimento. Essa ideia não era imbecil, nem um pouco.

Não obstante, a ideia do velho, quanto a todos eles serem cobaias, não passava de mais um monte de tolices.

Eu, pensou Craig. Sou eu. Eu é que sou a cobaia.

A vida inteira, Craig se sentira uma cobaia em um experimento bem semelhante a este. Trata-se de um a questão de proporção, cavalheiros: pressão para o sucesso, a proporção certa, produz determinado fator x. O que é o fator x? Aí está o que irá mostrar-nos o Sr. Craig Toomy, nossa cobaia.

Só que, então, Craig havia feito algo que eles não esperavam, algo que nenhum dos seus gatos, ratos e porquinhos-da-índia jamais ousariam fazer: dissera a eles que estava caindo fora.

Ora, mas não pode fazer isso! Você explodirá!

Explodirei? Ótimo!

Agora, tudo havia ficado claro para ele, cristalino. Aquelas outras pessoas seriam inocentes espectadores ou extras, contratados para prestar certa verossimilhança muito necessária àquele dramazinho idiota. A coisa toda fora montada com uma finalidade: matar Craig Toomy fora de Boston, impedir que ele se desligasse do experimento.

Pois vou mostrar a eles, pensou Craig. Arrancou mais uma página da revista de bordo e olhou para ela. Mostrava um homem feliz, um homem que obviamente nunca ouvira falar dos langoliers, que obviamente não sabia estarem eles à espreita em toda parte, atrás de cada arbusto e árvore, de cada sombra, logo acima do horizonte. O homem feliz estava ao volante de seu carro alugado na Avis, rodando por uma estrada rural. A propaganda dizia que, quando você mostrava no balcão da Avis o seu cartão de Passageiro Habitual da American Pride, eles quase lhe davam aquele carro para alugar, talvez incluindo uma espetacular cicerone para dirigi-lo. Craig começou a rasgar uma tira de papel, do lado do anúncio acetinado. O lento e prolongado som do papel se rasgando era, ao mesmo tempo, doloroso e maravilhosamente calmante.

Mostrarei a eles que falo sério, quando digo que estou fora!

Deixou a tira cair no chão e passou à seguinte. Era importante rasgá-la lentamente.

Era importante que cada tira fosse o mais estreita possível, mas não se podia fazê-las demasiado estreitas, porque acabavam se rompendo, antes de chegar-se ao fim da página. Rasgar cada tira corretamente exigia olhos atentos e mãos corajosas. Tenho ambos. E bom que acreditem nisto. É bem melhor que acreditem.

Rii-ip!

Talvez eu tenha que matar o piloto.

As mãos dele pararam a meio caminho do fim da página. Craig espiou pela janela e avistou seu rosto comprido e pálido, superpondo-se à escuridão.

Talvez tivesse que matar também o inglês.

Craig Toomy jamais matara alguém na vida. Seria capaz de matar? Com crescente alívio, decidiu que sim. Não, enquanto ainda estivessem no ar, é claro; o inglês era muito ágil, muito forte e, aqui em cima, não havia armas que infundissem suficiente segurança. Entretanto, uma vez em terra...

Sim. Se tiver que ser feito, sim.

Afinal de contas, a conferência no Pru havia sido programada para durar três dias.

Parecia agora que era inevitável a sua chegada atrasada, mas, pelo menos, seria capaz de explicar: fora drogado e tomado como refém por uma agência governamental.

Pode ver os rostos abismados, enquanto se plantava diante deles, dos trezentos banqueiros de todo o país, ali reunidos para uma discussão sobre títulos e dívidas, mas que em vez disto, ouviriam a suja verdade sobre o que o governo pretendia.

Meus amigos, fui sequestrado por...

Rii-ip!

... e somente pude escapar, quando...

Rii-ip!

Se for preciso, matarei os dois. Aliás, posso matar todos eles.

As mãos de Craig Toomy começaram a mover-se novamente. Ele rasgou o restante da tira, deixou-a cair no chão e começou a rasgar a seguinte. Havia um bocado de páginas na revista, havia um bocado de tiras em cada página, e isto significava um bocado de trabalho pela frente, antes que o avião aterrissasse. Entretanto, ele não se preocupava.

Craig Toomy era um tipo de sujeito capaz de fazer coisas.

5

Laurel Stevenson não tornou a dormir, apenas entregando-se a um cochilo. Seus pensamentos — que se tornavam algo próximo do sonho, naquele estado mentalmente acorrentado — se voltaram para o motivo que realmente a levaria a Boston.

Eu pretendia começar amanhã minhas primeiras férias de verdade, em dez anos, havia dito, porém era mentira. Ali havia um fundo de verdade, mas Laurel não acreditava que houvesse sido muito convincente ao falar; afinal, não fora criada para contar mentiras, de modo que sua técnica não era das melhores. Entretanto, supunha que nenhum dos passageiros sobreviventes do Voo 29 se preocuparia muito com isso. Não, na situação atual. O fato dela estar indo para Boston, a fim de conhecer — e, quase certamente, dormir com — um homem a quem nunca vira pessoalmente, empalidecia em comparação ao fato de estar viajando para o leste, em um avião em que a maioria dos passageiros e toda a tripulação haviam desaparecido.

Querida Laurel,

Estou ansioso em conhecê-la. Você nem precisará checar minha foto duas vezes, quando sair do avião. Estarei com tantas borboletas no estômago, que lhe bastará procurar o sujeito flutuando em alguma parte, próximo ao teto..

O nome dele era Darren Crosby.

Laurel não precisaria olhar para a foto dele; esta era a verdade. Havia memorizado aquele rosto, assim como decorara a maioria das cartas recebidas de Darren. A questão era por quê. E ela não sabia responder a isso. Não tinha nem mesmo uma pista. Era apenas mais uma prova da observação de J.R.R. Tolkien; você precisa tomar cuidado sempre que sair de casa, porque a calçada fronteira é realmente uma estrada, e a estrada segue continuamente para diante. Se não tomar cuidado, você poderá encontrar-se... bem... simplesmente levado de roldão, um estranho em uma terra estranha, sem qualquer pista de como chegou lá.

Laurel contara a todos para onde ia, mas não contara a ninguém por que ia ou o que estava fazendo. Era diplomada pela Universidade da Califórnia, com mestrado em biblioteconomia. Embora não fosse nenhum modelo, tinha boa

conformação de corpo e aparência agradável de olhar-se. Possuía um pequeno círculo de amigos, os quais ficariam abismados, se descobrissem suas intenções: voar para Boston, planejando ficar com um homem a quem conhecia apenas através de correspondência, um homem escolhido na extensa coluna de anúncios pessoais de uma revista chamada Amigos e Amantes.

Em verdade, ela própria estava abismada.

Darren Crosby tinha um metro e oitenta e dois, pesava oitenta e dois quilos e seus olhos eram azul-escuros. Gostava de uísque escocês (embora sem exagerar), tinha um gosto chamado Stanley, era um dedicado heterossexual, um perfeito cavalheiro (ou pelo menos se considerava), e julgava Laurel o nome mais bonito que já ouvira.

As fotos enviadas mostravam um homem de rosto simpático, franco e inteligente.

Laurel o achava o tipo de indivíduo que pareceria sinistro, se não fizesse a barba duas vezes ao dia. E, em realidade, isto era tudo quanto sabia dele.

No transcorrer de uma meia dúzia de anos, ela se correspondera com uma meia dúzia de homens — supunha ser um hobby — porém jamais esperara dar o passo seguinte... este passo de agora. Achava que o singular e autodepreciativo senso de humor de Darren fazia parte da atração, mas tinha uma sombria noção de que seus verdadeitos motivos não estavam nele, em absoluto, mas em si mesma. E a atração real não era a sua própria incapacidade de entender este forte desejo de agir em desacordo com sua índole? Apenas voar para o desconhecido, ansiando pelo tipo certo de relâmpago?

O que você está fazendo? tornou a perguntar-se.

O avião penetrou em leve turbulência e voltou a estabilizar-se no ar. Laurel espreguiçou-se de sua sonolência e olhou em torno. Viu que a adolescente ocupara a poltrona no lado oposto ao dela. Estava espiando pela janela.

— Consegue ver alguma coisa? — perguntou Laurel.

— Bem, o sol nasceu — disse a jovem, — mas é tudo.

— E quanto ao solo?

Laurel não queria levantar-se e olhar também. A cabeça de Dinah continuava descansando contra seu corpo e não desejava acordar a menina.

— Não consigo vê-lo. Está tudo coberto de nuvens. — A jovem olhou em torno.

Seus olhos pareciam mais vivos e um pouco de cor — não muito, apenas um pouco — lhe voltara às faces. — Meu nome é Bethany Simms. Qual é o seu?

— Laurel Stevenson.

— Acha que tudo vai acabar bem para nós?

— Acho que sim — disse Laurel, acrescentando com relutância: — Pelo menos é o que espero.

— Tenho medo do que pode existir por baixo dessas nuvens — disse Bethany, —

mas já estava com medo antes. Sobre Boston. De repente, minha mãe decidiu que seria uma grande ideia eu passar duas semanas com a tia Shawna, mesmo faltando dez dias para o início das aulas. Penso que a ideia era eu desembarcar do avião como o cordeirinho de Mary, e então a tia Shawna me poria a coleira.

— Coleira? Como assim?

— Nada de lidar com drogas, nada de arrecadar duzentos dólares, ir diretamente para o centro mais próximo e começar a curar-me — disse Bethany. Ela correu as mãos através dos curtos cabelos escuros. — As coisas já estavam tão esquisitas, que isto aqui parece uma continuação. — Observou Laurel cuidadosamente e então acrescentou, com perfeita seriedade: — Isto está acontecendo mesmo, não está?

Quero dizer, eu já me belisquei. Várias vezes. Nada mudou.

— Sim, está acontecendo. É real.

— Pois não me parece real — disse Bethany. — É mais como um daqueles filmes idiotas de catástrofes. Aeroporto 1990, coisas assim. Fico olhando em volta, à procura de velhos atores como Wilford Brimley e Olivia de Havilland. Presume-se que os dois se encontrem durante a tempestade de bosta e se apaixonem, entende?

apaixonem, entende?

— Não creio que eles estejam no avião — disse Laurel gravemente.

As duas se fitaram nos olhos por um momento e quase riram juntas. Se rissem, isto talvez as tomasse amigas... mas não houve riso algum.

— E quanto a você, Laurel? Enfrenta algum problema tipo filme-catástrofe?

— Penso que não — respondeu Laurel... e então começou a rir. Porque o pensamento que lhe cruzou a mente, em néon vermelho, foi Oh, sua mentirosa!

Bethany tapou a boca com a mão e deu risadinhas.

— Céus! — exclamou ela, após um minuto. — Decididamente, isto é o fim da picada, não?

Laurel assentiu.

— Sem dúvida. — Fez uma pausa, depois então perguntando: — Você precisa mesmo de recuperação, Bethany?

— Eu não sei. — Ela se virou e tornou a espiar pela janela. Seu sorriso desaparecera e a voz era morosa. — Talvez precise. Eu costumava pensar que era apenas um divertimento, mas agora não sei mais. Acho que a coisa ficou fora de controle. No entanto, ser despachada de avião desta maneira... Sinto-me como um porco, deslizando na rampa do matadouro.

— Sinto muito — disse Laurel.

No entanto, lamentava também ela própria. A menina cega já a adotara e Laurel não precisava de uma segunda adoção. Agora que se sentia inteiramente desperta outra vez, percebeu-se amedrontada — muito amedrontada. Não pretendia aumentar a angústia daquela criança, descarregando uma enorme pilha de pavor, do tipo filme-catástrofe. O pensamento a fez sorrir de novo; simplesmente, era impossível não sorrir. Aquilo era o fim da picada, decididamente. Sem sombra de dúvida.

— Eu também sinto muito — disse Bethany, — mas acho que este é o momento errado para lamentações, não?

— Sim, creio que tem razão — disse Laurel.

— Sim, creio que tem razão — disse Laurel.

— O piloto nunca desapareceria, em qualquer daqueles filmes Aeroporto, não é mesmo?

— Que me lembre, nunca.

— São quase seis horas. Ainda temos duas horas e meia de viagem.

— Certo.

— Se o mundo ainda estiver lá, pelo menos — disse Bethany, — isso bastará, como ponto de partida. — Tornou a fitar Laurel detidamente. — Presumo que não tenha nenhuma erva com você, hein?

— Não, não tenho.

Bethany deu de ombros, e ofereceu a Laurel um sorriso fatigado, que era singularmente vitorioso.

— Bem — disse, — você leva uma vantagem sobre mim — estou morrendo de medo!

6

Algum tempo mais tarde, Brian Engle tomava a checar o rádio, a velocidade do ar, seus números navegacionais e seus mapas. Por fim, consultou o relógio de pulso.

Oito horas e dois minutos.

— Bem — disse para Nick, sem se virar para fitá-lo, — acho que chegou aquele momento. Pegar ou largar!

Inclinando-se para diante, apertou o botão que acendia o sinal APERTEM OS CINTOS. A cigarra deixou escapar um som baixo e agradável. Em seguida, ele ligou o intercomunicador e pegou o microfone.

— Olá, senhoras e senhores! Aqui é o Comandante Engle novamente. No momento, estamos sobrevoando o oceano Atlântico, a cerca de cinquenta quilômetros da costa leste do Maine, e dentro em pouco começarei a descida inicial para a área de Bangor. Em circunstâncias nomiais, eu não acenderia tão antecipa damente o aviso para apertarem os cintos, porém as circunstâncias não são normais, e minha mãe sempre dizia que a prudência é a melhor parte da coragem.

Portanto, quero que verifiquem se seus cintos de segurança estão bem fechados e seguros. As condições mais abaixo não me parecem particularmente ameaçadoras, mas como estou sem comunicação pelo rádio, o tempo que faz por lá será como um pacote-surpresa para todos nós. Esperei que as nuvens se abrissem e até avistei algumas pequenas brechas acima de Vermont, mas receio que se tenham fechado de novo. Com minha experiência de piloto, posso dizer-lhes que as nuvens avistadas abaixo de nós não me sugerem mau tempo. É possível que o tempo em Bangor esteja encoberto, com alguma chuva leve. Estou começando nossa descida agora. Por favor, mantenham a calma. Meu painel de instrumentos está verde de ponta a ponta, e todos os procedimentos aqui, na cabine de comando, permanecem rotineiros.

Brian não se preocupara em programar o piloto-automático para a descida; agora, ele mesmo iniciava o processo. Fez o avião descrever uma lenta e prolongada curva, e o assento debaixo dele inclinou-se ligeiramente para diante, quando o 767 iniciou um vagaroso deslizamento para as nuvens abaixo, a 4.000

pés.

— Foi muito confortadora a sua fala — disse Nick. — Você devia ter sido político, companheiro.

— Duvido muito que eles estejam se sentindo confortáveis, neste exato momento

— replicou Brian. — Posso afirmar que eu não estou.

De fato, nunca ficara tão amedrontado em sua vida, diante dos controles de uma aeronave. O vazamento da pressurização no Voo 9, vindo de Tóquio, era ninharia, em comparação com a situação atual. Seu coração batia lenta e pesadamente no peito, como um tambor de funeral. Engoliu em seco, e ouviu um clique na garganta.

O Voo 29 passou para 30.000 pés, ainda descendo. As nuvens brancas e informes agora estavam mais próximas. Estendiam se de horizonte a horizonte, como o piso de algum singular salão de baile.

— Estou com um medo dos diabos, companheiro — disse Nick Hopewell, em uma voz estranha, enrouquecida. — Vi homens morrerem nas Falklands, lá, eu mesmo levei um tiro na perna, tenho o joelho de teflon para provar o que digo, e escapei por um triz de explodir ao lado de um caminhão lotado de bombas, em Beirute — isso foi em 82 — porém nunca senti tanto medo como agora. Há uma parte minha que gostaria de agarrá-lo e fazê-lo levar-nos de volta para cima. Para tão alto quanto este pássaro consiga chegar!

— De nada adiantaria — replicou Brian. Sua voz não estava mais tão firme; podia sentir o coração pulsando nela, fazendo-a subir e descer de tom, em variações mínimas. — Lembre-se do que lhe disse antes — não podemos continuar aqui em cima para sempre.

— Eu sei, mas receio o que possa existir abaixo dessas nuvens. Ou o que não exista abaixo delas.

— Bem, iremos todos descobrir juntos.

— Não há opção, companheiro?

— Nem remotamente.

Nem remotamente.

O 767 chegou a 25.000 pés e continuou descendo.

7

Todos os passageiros estavam na cabine principal. Até o homem calvo, que ocupara teimosamente sua poltrona na classe executiva durante a maior parte do voo, terminara juntando-se aos outros. Estavam todos acordados, com exceção do barbudo, bem no fundo do avião. De onde estavam, podiam ouvi-lo roncando sonoramente, e Albert Kaussner sentiu um momento de amarga inveja, um desejo de que ele pudesse acordar somente depois de estarem em segurança no solo — como provavelmente aconteceria com o barbudo — e fazer a pergunta que o barbudo com certeza faria: Diabo, onde é que nós estamos?

O único outro som era o suave rii-ip... rii-ip... rii-ip de Craig Toomy, desmembrando a revista de bordo. Os sapatos dele estavam mergulhados em profundo monte de tiras de papel.

— Poderia parar com isso? — pediu Don Gaffney. Sua voz era forçada e tensa. —

Está atacando meus nervos, cara.

Craig virou a cabeça. Fitou Don Gaffney com dois olhos arregalados, inexpressivos, vazios. Virou novamente a cabeça para diante. Ergueu a página que rasgava no momento, a metade leste do mapa de roteiros da American Pride.

Rii-up!

Gaffney abriu a boca para dizer algo, mas tornou a fechá-la apertadamente.

Laurel tinha o braço passado pelos ombros de Dinah. Com suas duas mãos, a menina segurava a mão livre de Laurel.

Albert estava sentado ao lado de Robert Jenkins, logo à frente de Gaffney. À frente dele, estava a jovem de cabelos escuros e curtos. Ela espiava pela janela, o corpo tão rigidamente empertigado, que não parecia ter articulações. E, à frente dela, sentava-se Careca, da classe executiva.

— Bem, a gente pelo menos podia comer alguma coisa! — exclamou ele, bem alto.

Ninguém respondeu. A cabine principal parecia embalada em uma rígida concha

Ninguém respondeu. A cabine principal parecia embalada em uma rígida colcha de tensão. Albert Kaussner sentia cada pêlo em seu corpo, eriçado e atento. Buscou a confortável capa de Ace Kaussner, aquele duque do deserto, aquele barão do Buntline, mas nada encontrou. Ace partira de férias.

As nuvens estavam bem mais próximas. Haviam perdido aquela aparência aplainada; Laurel agora distinguia curvas fofas e brandas ameias recheadas de sombras do início da manhã. Perguntou-se se Darren Crosby ainda estaria lá embaixo, esperando-a pacientemente no portão de desembarque do Aeroporto Logan, em algum ponto ao longo da área da American Pride. Não ficou demasiadamente surpresa ao perceber que não se importava muito, de um ou outro modo. Seu olhar era atraído para as nuvens e esqueceu tudo quanto dizia respeito a Darren Crosby, que gostava de uísque escocês (sem exagero) e considerava-se um perfeito cavalheiro.

Imaginou uma mão, uma gigantesca mão verde, subitamente abrindo caminho por entre aquelas nuvens e agarrando o 767, da maneira como uma criança irritada agarraria um brinquedo. Imaginou a mão espremendo, viu o combustível do jato explodindo em línguas alaranjadas de fogo por entre os enormes nós dos dedos, e fechou os olhos por um momento.

Não desça para lá! sentiu vontade de gritar. Oh, por favor, não desça para lá!

No entanto, que alternativa tinham? Que escolha?

— Estou com muito medo — disse Bethany Simms, em voz pastosa, lacrimejada.

Mudou-se para uma poltrona no setor central, apertou o cinto de segurança e pressionou as mãos apertadamente contra o ventre. — Acho que vou desmaiar...

Craig Toomy lançou-lhe um olhar de relance, depois começando a rasgar uma nova tira do mapa de vôos. Após um momento, albert libertou-se do cinto, ficou em pé, sentou-se ao lado de Bethany e colocou o cinto de segurança novamente. Mal ele terminou, ela aferrou-lhe as mãos. Tinha a pele fria como mármore.

— Tudo vai terminar bem — disse ele.

Procurava parecer firme e destemido, esforçava-se para soar como o hebreu mais rápido a oeste do Mississípi. Não obstante, soava apenas como Albert Kaussner, um estudante de violino com dezessete anos, quase a ponto de urinar nas calças.

— Eu espero... — começou ela.

Subitamente, o Voo 29 passou a sacolejar. Bethany gritou.

— O que está acontecendo?—perguntou Dinah a Laurel, em voz trêmula e ansiosa.

— Há algo de errado com o avião? Nós vamos cair?

— Eu não...

A voz de Brian soou nos alto-falantes.

— Isto foi uma turbulência leve e comum, pessoal — disse. — Por favor, fiquem calmos. Podemos dar mais alguns saltos, quando entrarmos nas nuvens. Imagino que a maioria de vocês já passou por isto antes, portanto, aquietem-se.

Rii-ip.

Don Gaffney olhou para o homem da camisa de malha novamente, experimentando uma súbita e quase incontrolável ânsia de arrancar a revista de bordo das mãos daquele sinistro filho da puta e começar a surrá-lo com ela.

As nuvens estavam bem perto agora. Robert Jenkins via a forma negra do 767 raspando suas alvas superfícies, logo abaixo do avião. Dentro em pouco, a aeronave beijaria a própria sombra e desapareceria. Ele jamais tivera uma premonição na vida, mas ocorreu-lhe uma agora, uma que era segura e total. Quando vararmos essas nuvens, vamos ver algo que nenhum olho humano jamais viu antes. Será algo totalmente inacreditável... mas em que seremos forçados a acreditar. Não teremos escolha.

Suas mãos se crisparam em firmes maçanetas, sobre os braços da poltrona. Uma gota de suor lhe caiu em um olho. Ao invés de levantar a mão para limpar o olho, Jenkins tentou piscar para suprimir o ardor. Suas mãos estavam como que pregadas aos braços do assento.

— Vai dar tudo certo? — perguntou Dinah, frenética. Suas mãos apertavam fortemente a de Laurel. Eram mãos pequenas, mas apertavam tanto, que quase machucavam. — Vai mesmo dar tudo certo?

Laurel olhou pela janela. Agora, o 767 roçava o topo das nuvens, os primeiros fiapos de algodão-doce passaram junto à janela. O avião deu outra série de solavancos e ela precisou trancar a garganta para não gemer. Pela primeira vez na vida sentia-se fisicamente mal pelo terror.

— É o que eu espero, meu bem — respondeu. — É o que espero, mas a verdade é que não sei!

8

— O que há em seu radar, Brian? — perguntou Nick. — Alguma coisa incomum?

Alguma coisa, enfim?

— Nada — retrucou Brian. — Ele diz que o mundo está lá embaixo, mas é só o que diz. Estamos...

— Espere! — exclamou Nick. Sua voz era um som opresso, estrangulado, como se a garganta quase se tivesse fechado de todo. — Torne a subir. Vamos decidir isso com calma. Espere que as nuvens se abram...

— Não há tempo suficiente e nem combustível suficiente. — Os olhos de Brian estavam grudados nos instrumentos. O avião recomeçara a saltitar. Ele fez as correções automaticamente. — Aguente firme. Lá vamos nós!

Empurrou o manche para diante. A agulha do altímetro começou a mover-se mais rapidamente sob seu círculo de vidro. E o Voo 29 deslizou para o interior das nuvens.

Por um momento, sua cauda salientou-se, varando a fofa superfície como a barbatana de um tubarão. Um momento mais tarde, também ela desaparecia e o céu ficava vazio... como se nenhum avião houvesse estado ali.

QUATRO

NAS NUVENS.
BEM-VINDOS A BANGOR.
UMA SALVA DE APLAUSOS.
O DESLIZADOR E A ESTEIRA TRANSPORTADORA.
O SOM DE TELEFONES QUE NÃO TOCAM.
CRAIG TOOMY FAZ UMA VIAGEM COLATERAL.
O AVISO DA GAROTINHA CEGA.

1

A cabine principal passou da brilhante claridade do sol para as tonalidades sombrias do fim do crepúsculo, e o avião começou a corcovear com mais força. Após uma série de solavancos particularmente assustadores, Albert sentiu uma pressão contra o ombro direito. Olhou e viu a cabeça de Bethany jazendo ali, pesada como uma abóbora madura. Ela havia desmaiado.

O avião saltou de novo e houve um forte baque na primeira classe. Desta vez foi Dinah quem gritou estridentemente.

— O que foi isso? — perguntou Gaffney, em um grito. — Pelo amor de Deus, o que foi isso?

— O carrinho de bebidas—disse Bob Jenkins, em voz baixa e seca. Tentara falar mais alto, a fim de ser ouvido por todos, mas foi incapaz disso. — O carrinho de bebidas foi deixado do lado de fora, lembra-se? Acho que deve ter rodado através do...

O avião deu um estonteante salto de montanha-russa, e desceu com um ruído chocalhante. O carrinho de bebidas tombou com estrépito. Houve um som de vidros estilhaçados. Dinah tornou a gritar.

— Está tudo bem — disse Laurel, frenética. — Não me segure com tanta força, Dinah, querida, está tudo bem...

— Por favor, eu não quero morrer! Não quero, não quero morrer!

— É turbulência normal, minha gente!—disse a voz de Brian, soando calma através dos alto-falantes — mas Bob Jenkins julgou ouvir um terror quase

através dos alto-falantes... mas Bob Jenkins julgou ouvir um terror quase incontido naquela voz. — Não se assustem, fiquem...

Outro salto impressionante, ziguezagueante. Outro baque, enquanto mais copos e minigarrafas rolavam para fora do carrinho de bebidas tombado no chão.

-...calmos! — completou Brian.

Do outro lado do corredor, à esquerda de Don Gaffney: rii-ip!

Gaffney virou-se naquela direção.

— Pare com isso agora mesmo, seu cretino, ou enfio por sua goela abaixo o que sobrou dessa revista!

Craig olhou brandamente para ele.

— Experimente, seu velho imbecil!

O avião saltava sem parar. Albert inclinou-se sobre Bethany, na direção da janela.

Com aquele movimento os seios dela pressionaram-se docemente contra seu braço, e pela primeira vez nos últimos cinco anos tal sensação não expulsou tudo o mais de sua mente. Ele espiou pela janela em uma desesperada busca por alguma abertura das nuvens, querendo fazer com que se abrissem.

Nada mais viu além de sombras em cinza-escuro.

2

— Quão baixo está o teto, companheiro? — perguntou Nick.

Agora que estavam realmente nas nuvens, ele parecia mais calmo.

— Não sei — respondeu Brian —, mas posso dizer-lhe que está mais baixo do que eu esperava.

— O que acontece, se você ficar com falta de espaço?

— Se meus instrumentos estiverem alterados, mesmo um pouco, iremos beber água—disse ele, taxativamente. — No entanto, duvido que estejam. Se eu descer para quinhentos pés e, ainda assim, não tiver jeito, tomarei a subir e seguirei para Portland.

— Talvez fosse melhor ir para lá agora mesmo!

Brian meneou a cabeça.

— O tempo lá costuma ser pior do que aqui.

— E o que me diz de Presque Isle? Lá não existe uma base de longo alcance do Comando Estratégico do Ar?

Brian teve apenas um momento para refletir que aquele indivíduo realmente sabia muito mais do que deveria.

— Fica fora do nosso alcance. Cairíamos na floresta.

— Então, Boston também está fora de alcance.

— Pode apostar que sim.

— Isto começa a parecer uma má decisão, companheiro.

O avião penetrou em outra corrente invisível de turbulência, e o 767 estremeceu como um cachorro seriamente resfriado. Brian ouviu gritos abafados que vinham da cabine principal, mesmo enquanto fazia as correções devidas. Desejou dizer a todos que aquilo não era nada, que o 767 podia enfrentar turbulências vinte

vezes mais fortes. O problema real era o teto.

— Ainda não chegamos do outro lado — disse ele.

O altímetro indicava 2.200 pés.

— E estamos ficando sem espaço!

— Nós... — Brian interrompeu-se. Uma onda de alívio o envolveu, como uma mão refrescante. — Aqui vamos nós — disse. — Escapando!

À frente do nariz negro do 767, as nuvens diluíam-se rapidamente. Pela primeira vez, desde que tinham sobrevoado Vermont, Brian avistava uma brecha diáfana como gaze naquele lençol cinza-esbranquiçado. Através dela, viu a cor acerada do oceano Atlântico.

Avisou pelo microfone da cabine:

— Alcançamos o teto, senhoras e senhores! Espero que esta turbulência de pouca importância chegue ao fim tão logo terminemos de atravessar as nuvens. Dentro de alguns-minutos irão ouvir um baque vindo de baixo. Será do trem de aterrissagem sendo descido e afixado no lugar. Estou prosseguindo com nossa descida para a área de Bangor.

Desligou e se virou brevemente para o homem ocupando o assento do navegador.

— Deseje-me sorte, Nick,

— Oh, eu a desejo, companheiro... e como!

3

Laurel olhou pela janela, com a respiração presa na garganta. As nuvens esfiapavam-se rapidamente agora. Vislumbrou o oceano em uma série de relances: ondas, cristas cobertas de espuma, depois uma grande lasca de rocha despontando da água como a presa de um monstro morto. Teve uma fugaz visão de algo laranja-vivo, que poderia ter sido uma bóia.

Passaram acima de uma pequena ilha coberta de árvores, e, inclinando-se, espichando o pescoço, ele pôde ver a costa à frente. Fiapos ralos de nuvem fumacenta obscureceram-lhe a visão por uns intermináveis quarenta e cinco segundos. Quando o ar clareou, o 767 estava novamente sobre terra. Sobrevoaram um campo; uma zona arborizada; o que parecia uma lagoa.

E onde estão as casas? Onde estão as estradas, carros, prédios e fios de alta tensão?

Então, um grito escapou-lhe da garganta.

— O que foi? — Dinah quase gritou. — O que foi, Laurel? Há alguma coisa errada?

— Nada! —gritou ele, triunfalmente. Lá embaixo podia ver uma estradinlia levando a um vilarejo no litoral. Daquela altura, parecia uma cidade de brinquedo, com carrinhos de brinquedo estacionados ao longo da rua principal. Viu um campanário de igreja, a pedreira local, um campo de beisebol. — Não há nada errado! Está tudo lá! Tudo continua lá!

A voz de Robert Jenkins soou atrás dela, calma, regular, mas profundamente melancólica:

— Acho que está totalmente equivocada, madame.

4

Um comprido jato de passageiros, branco, passou lentamente acima do solo, cinquenta e cinco quilômetros a leste do Aeroporto Internacional de Bangor. O número 767 estava impresso em sua cauda, em orgulhosos algarismos. Ao longo da fuselagem, estavam escritas as palavras AMERICAN PRIDE, em letras inclinadas para trás, indicando velocidade. Nos dois lados do nariz da aeronave via-se o emblema da companhia aérea: uma grande águia vermelha. Suas asas abertas eram salpicadas deestrelas azuis; as garras flexionavam-se e tinha a cabeça ligeiramente abaixada. Como o avião que decorava, a águia parecia preparando-se para pousar.

O avião não projetava sombra alguma no solo abaixo enquanto voava para o agrupamento da cidade à frente; não chovia, porém a manhã era acinzentada e sem sol. O ventre da aeronave se abriu. O trem de aterrissagem caiu e distendeu-se. As rodas ajustaram-se ao lugar, abaixo do corpo do avião e da área da carlinga.

O Voo 29 da American Pride deslizou para baixo, na direção de Bangor, inclinava-se ligeiramente para a esquerda, enquanto descia; o Comandante Engle agora era capaz de corrigir o curso visualmente, e foi o que fez.

— Estou vendo! — exclamou Nick. — Estou vendo o aeroporto! Meu Deus, que bela visão!

— Se o está vendo é porque deixou seu assento — disse Brian. Falava sem virar a cabeça. Não havia tempo para isso agora. — Coloque o cinto e fique calado!

Entretanto, aquela pista única e solitária era uma bela visão.

Brian centralizou nela o nariz do avião e continuou a descida, passando de 1.000 para 800 pés. Abaixo dele, uma floresta de pinheiros aparentemente interminável passou sob as asas do Voo 29. Os pinheiros finalmente deram lugar a um amontoado de prédios — os olhos infatigáveis de Brian registraram automaticamente a desordenada localização de motéis, postos de gasolina e restaurantes de refeições rápidas — , passaram acima do Rio Penobscot e entraram no espaço aéreo de Bangor. Brian tornou a checar os instrumentos, notou que tinha luzes verdes nos flapes, e depois tentou o aeroporto novamente... embora sabendo que era inútil.

— Torre de Bangor, aqui é o Voo 29 — disse. — Estou declarando uma emergência!

Repito, estou declarando uma emergêncial Se tiverem tráfego de pista, tirem-no de meu caminho. Estou descendo!

Olhou de relance para o indicador da velocidade do ar, bem a tempo de vê-lo cair abaixo de 140, velocidade que, teoricamente, o forçava à aterrissagem. Por sob ele, árvores rareando deram lugar a um campo de golfe. Brian teve uma rápida visão do sinal verde de um Holiday Inn, e então as luzes que marcavam o final da pista — 33, pintadas nelas em enormes algarismos brancos — precipitaram-se velozmente em sua direção.

As luzes não eram vermelhas nem verdes.

Simplesmente, não havia luzes.

Ele agora não tinha tempo para pensar nisto. Não tinha tempo para pensar no que lhes aconteceria se um Learjet ou um bojudinho e saltitante Doyka de repente ocupasse a pista, adiante deles. Não tinha tempo para pensar em mais nada que não fosse pousar o grande pássaro.

Passaram acima de uma curta faixa de mato rasteiro e cascalho, e em seguida a pista de concreto começou a desenrolar-se, trinta pés abaixo do avião. Passaram pelo primeiro conjunto de listras brancas, e então as marcas de derrapagens — provavelmente feitas até então pelos jatos da Guarda Nacional Aérea — começaram a deslizar debaixo deles.

Brian embicou o 767 para baixo, na direção da pista. O segundo conjunto de listras relampejou logo abaixo deles... e um momento depois houve um baque leve, quando o trem de aterrissagem principal tocou o chão. Agora o Voo 29 disparava ao longo da Pista 33 a cento e noventa e três quilômetros horários, com o nariz ligeiramente erguido e as asas inclinadas em ângulo suave. Brian manobrou os flapes inteiramente e inverteu a propulsão. Houve outro baque, um pouco mais leve do que o primeiro, quando o nariz do avião baixou.

Em seguida, o avião começou a diminuir a velocidade, de cento e noventa e três para cento e cinquenta, de cento e cinquenta para cento e trinta, de cento e trinta para sessenta e cinco, de sessenta e cinco para a velocidade de um homem correndo.

Pronto. Eles haviam pousado.

— Aterrissagem de rotina — disse Brian. — Sem inconvenientes.

Então, deixando escapar um prolongado e trêmulo suspiro, fez o avião parar a quatrocentos metros da pista de manobras mais próxima. Seu corpo esguio foi repentinamente sacudido por uma série de tremores. Quando levou a mão ao rosto, retirou-a molhada de suor quente. Olhou para ela e soltou uma risada fraca.

Uma mão pousou em seu ombro.

— Você está bem, Brian?

— Sim, estou — disse ele, tomando a pegar o microfone de comunicação interna.

— Senhoras e senhores — disse, — sejam bem-vindos a Bangor!

Às suas costas, Brian ouviu um coro de aplausos, e riu.

Nick Hopewell não estava rindo. Inclinado sobre o assento de Brian, espiava pela janela da cabine. Nada se movia no entrecruzamento das pistas de manobras; nada se movia nas pistas de pouso e decolagem. Não havia furgões ou veículos de segurança zumbindo de cá para lá através do concreto. Podia avistar alguns veículos, via um avião de transporte do Exército — um 012 — estacionado em uma pista de rolamento externa e um Delta 727 estacionado em uma pista de jatos, porém estavam imóveis como estátuas.

— Obrigado pelas boas-vindas, meu amigo — disse Nick suavemente. — Meu profundo apreço é devido ao fato de que, segundo parece, você será o único a dar boas-vindas. O lugar está absolutamente deserto!

5

A despeito do continuado silêncio do rádio, Brian relutava em aceitar o julgamento de Nick... mas após taxiar para um ponto entre dois dos terminais de passageiros de jato, descobriu ser impossível acreditar em outra coisa. Não era apenas a ausência de pessoas; não apenas a falta de uma só viatura de segurança precipitando-se para verificar o ocorrido com aquele inesperado 767; era um ambiente de total inatividade, como se o Aeroporto Internacional de Bangor houvesse permanecido abandonado por mil anos ou por cem mil. Um jipe rebocando um carregador de bagagens, mostrando algumas peças dispersas da bagagem que ainda continha, estava parado debaixo de uma asa do jato Delta. Era para lá que os olhos de Brian se voltavam enquanto levava o Voo 29 para o mais próximo que ousou do terminal, ali o estacionando. Aquelas peças de bagagem, cerca de uma dúzia, pareciam tão antigas como artefatos exumados do local de alguma fabulosa e antiga cidade. Eu gostariade saber se o sujeito que descobriu a tumba do Rei Tutankâmon, sentiu o mesmo que sinto agora, pensou.

Desligou os motores e ficou sentado, imóvel, por um momento. Agora não havia nenhum outro som além do fraco sussurro de uma unidade auxiliar de força — uma entre quatro — na retaguarda do avião. A mão de Brian se moveu para um interruptor marcado POTÊNCIA INTERNA e chegou mesmo a tocá-lo antes de afastar a mão. De repente, não queria desligar tudo, completamente. Não havia motivo para deixar de fazê-lo, porém sua voz interior era muito forte.

Por outro lado, pensou, não creio que haja alguém por aí, capaz de vir censurar-me pelo desperdício de combustível... o pouco que sobrou dele para desperdiçar.

Então, desafivelou as correias de segurança e levantou-se.

— E agora, Brain? — perguntou Nick.

Também se levantara, e, pela primeira vez, Brian reparou que Nick era uns bons dez centímetros mais alto do que ele. Pensou: Estive no comando. Desde que esta coisa estranha aconteceu — tão logo descobrimos que ela havia acontecido, para ser mais exato — não deixei o comando. No entanto, creio que isso vai mudar, e sem demora.

Brian percebeu que não se incomodava. Pilotar o 767 por entre as nuvens esgotara cada grama de coragem que possuía, mas não esperava qualquer

agradecimento por ter mantido a cabeça no lugar e feito o seu trabalho; coragem era uma das coisas pela qual lhe pagavam. Recordou o que certa vez lhe dissera um piloto: “Eles nos pagam cem mil dólares ou mais por ano, Brian, e fazem isso realmente por um motivo apenas. Sabem que, na carreira de quase todo piloto, existem trinta ou quarenta segundos durante os quais, em realidade, ele faz a diferença. Eles nos pagam para que não congelemos quando finalmente ocorrerem esses segundos.”

Tudo bem, quando o cérebro lhe dizia que você precisava descer, com ou sem nuvens, que simplesmente não havia opção; os terminais nervosos não queriam saber, continuavam gritando seu velho alerta, telegrafando em alta voltagem o terror do desconhecido. O próprio Nick, fosse ele o que fosse ou o que quer que executasse em terra, quisera recuar das nuvens, chegado o momento da decisão.

Tinha sido preciso Brian dizer-lhe o que devia ser feito. Ele e todos os outros haviam precisado de Brian para manter a coragem. Agora, estavam em terra e não havia monstros abaixo das nuvens; apenas aquele silêncio espectral e um transportador de bagagens deserto, parado debaixo da asa de um Delta 727.

Portanto, se quiser assumir e tomar-se comandante, meu amigo torcedor-de-narizes, tem a minha bênção. Até permitirei que use o meu quepe, caso você queira, mas só depois de estarmos todos fora do avião. Enquanto você e os outros gansos não puserem os pés em terra, são responsabilidade minha.

Entretanto, Nick lhe fizera uma pergunta, e Brian supôs que ele merecia uma resposta.

— Agora, vamos sair do avião e ver o que há — disse, passando ao lado do inglês.

Nick pôs a mão no ombro dele, procurando retê-lo.

— Você acha...

Brian sentiu um relance de inusitada raiva. Libertou-se da mão de Nick.

— Acho que temos de sair do avião — replicou. — Não há ninguém para estender um túnel de desembarque ou colocar uma escada para descermos. Portanto, teremos que usar o deslizador de emergência. Depois disso, você pode começar a pensar, companheiro.

Começou a caminhar para a primeira classe... e quase caiu em cima do carrinho de bebidas, que jazia tombado de lado. Havia um bocado de vidro quebrado e um cheiro de álcool que ardia nos olhos. Brian passou em cima de tudo aquilo. Nick foi alcançá-lo nos fundos do compartimento da primeira classe.

— Se eu disse alguma coisa que o ofendeu, peço desculpas, Brian. Você fez um trabalho danado de bom.

— Você não me ofendeu — respondeu Brian. — Acontece que nestas últimas dez horas mais ou menos, tive que enfrentar um vazamento de pressurização acima do oceano Pacífico, fiquei sabendo que minha ex-esposa morreu em um estúpido incêndio de apartamento em Boston, e que os Estados Unidos tinham sido cancelados. Estou um tanto atordoado.

Atravessou a classe executiva e entrou na cabine principal. Por um momento, houve profundo silêncio; os poucos passageiros permaneceram em seus assentos, olhando para ele, os rostos pálidos de aturdida incompreensão.

Então, Albert Kaussner começou a aplaudir.

Após um momento, Bob Jenkins se juntou a ele... e Don Gaffney... e Laurel Stevenson. O homem careca olhou em torno e começou a bater palmas também.

— O que foi? — perguntou Dinah a Laurel. — O que está havendo?

— É o comandante — disse Laurel. Ela começou a chorar. — É o comandante, que nos trouxe para terra sãos e salvos!

Então, Dinah começou também a aplaudir.

Brian olhava para eles, confuso. Às suas costas, Nick batia palmas. Todos soltaram os cintos e ficaram em pé diante dos assentos, sem parar de aplaudir. Os únicos três que não se juntaram aos aplausos foram Bethany, que continuava sem sentidos, o homem barbudo, ainda roncando na última fila, e Craig Toomy, que passou por eles seu olhar esgazeado e distante, começando em seguida a rasgar uma nova tira da revista de bordo.

6

Brian sentiu o rosto avermelhar-se — aquilo, simplesmente, era demasiado estúpido.

Ergueu a mão por um momento, mas eles continuaram os aplausos.

— Senhoras e senhores, por favor... por favor... eu lhes garanto que foi um pouso essencialmente rotineiro...

— Que bobagem, madame — não foi nada de mais — disse Bob Jenkins, fazendo uma imitação bastante passável de Gary Cooper.

Albert começou a rir. Ao lado dele, Bethany moveu as pálpebras, abriu os olhos e espiou em torno, aturdida.

— Conseguimos descer vivos, não foi? — perguntou ela. — Meu Deus! Isso é formidável! Pensei que estávamos todos mortos!

— Por favor — disse Brian. Ergueu os braços ainda mais alto, agora se sentindo estranhamente como Richard Nixon ao aceitar a indicação de seu partido para mais quatro anos. Precisou lutar contra uma súbita vontade de gargalhar. Não podia fazer isso; os passageiros não compreenderiam. Eles queriam um herói e o tinham eleito.

Podia perfeitamente aceitar a posição... e usá-la. Ainda precisava tirá-los do avião, afinal de contas. — Por favor, preciso de sua atenção!

Eles pararam de aplaudir, um por um, e olharam para ele, expectantes — todos, exceto Craig, que jogou sua revista a um lado, em súbito e decidido gesto. Abriu o cinto de segurança e saiu para o corredor entre as poltronas, com este movimento chutando um monte de tiras de papel. Começou a remexer no compartimento acima de sua poltrona, a testa franzida de concentração.

— Vocês olharam pelas janelas, portanto, sabem tanto quanto eu — disse Brian. — A maioria dos passageiros e toda a tripulação deste voo desapareceram enquanto dormíamos. Isto já é loucura suficiente, porém agora parecemos enfrentar uma posição ainda mais louca. Tenho a impressão de que um monte de pessoas também desapareceu... mas a lógica sugere que essas outras pessoas podem estar por aí, em algum lugar. Se sobrevivemos ao seja-lá-o-que-for, então

podem estar por aí, em algum lugar. Se sobrevivemos ao seja-lá-o-que-for, então outros também devem ter sobrevivido.

Bob Jenkins, o escritor de novelas de mistério, sussurrou algo muito baixo. Albert o ouviu, mas sem distinguir as palavras. Tinha começado a virar-se na direção de Jenkins quando o escritor tornou a murmurar as duas palavras. Desta vez, Albert as entendeu. Eram falsa lógica.

— A melhor maneira de lidarmos com a situação, segundo penso, é dando-se um passo de cada vez. O primeiro passo é sairmos do avião.

— Eu comprei uma passagem para Boston — disse Craig Toomy, em uma voz calma e racional. — E é para Boston que quero ir.

Nick saiu de trás de Brian. Craig o viu e seus olhos apertaram-se. Por um momento, tornou a parecer um felino enfurecido. Nick ergueu uma das mãos, com os dedos dobrados em direção à palma, e moveu dois deles como uma tesoura, em um gesto de apertar nariz. Craig Toomy, que um dia fora obrigado a suportar um fósforo aceso entre os dedos dos pés enquanto sua mãe cantava “Parabéns pra Você”, entendeu a mensagem imediatamente. Sempre tinha sido controlado. Podia esperar.

— Teremos que usar o deslizador de emergência — disse Brian — , e, portanto, quero revisar o processo com vocês. Ouçam cuidadosamente, depois formem uma coluna um por um e me sigam até a frente do avião.

7

Quatro minutos mais tarde, a entrada dianteira do Voo 29 da American Pride se abria para dentro. Algum murmúrio de conversa escapou pela abertura e pareceu congelar-se imediatamente no ar frio e parado do exterior. Houve um som sibilante e uma enorme porção de tecido alaranjado desabrochou subitamente na soleira. Por um momento, assemelhou-se a um estranho e rígido girassol. Cresceu e ganhou forma enquanto caía. Sua superfície inflava-se em um gordo escorrega com nervuras.

Quando a parte inferior do deslizador bateu no piso alcatroado do aeroporto,

ouviu-se um poP! surdo, e então ele se imobilizou, parecendo um gigantesco colchão de ar cor de laranja.

Brian e Nick posicionaram-se à testa da curta fila, na fileira de bombordo da primeira classe.

— Há algo errado com o ar lá fora — disse Nick em voz baixa.

— O que quer dizer? — perguntou Brian, ainda mais baixo. — Envenenado?

— Não... pelo menos, não creio. Entretanto, não há cheiro, não há sabor.

— Você pirou — disse Brian, inquieto.

— Não, não — disse Nick. — Isto é um aeroporto, companheiro, não um maldito campo de feno, mas você sente algum cheiro de óleo ou gasolina? Eu não sinto!

Brian fungou. Não sentiu cheiro algum. Se o ar estava envenenado — ele não acreditava nisto, mas se—seria por uma toxina de efeito lento. Seus pulmões estavam funcionando otimamente. No entanto, Nick tinha razão. Não havia cheiro. E aquela outra qualidade, mais esquiva, que o inglês chamara de sabor... também não existia.

O ar além da porta aberta tinha um sabor inteiramente neutro. Parecia engarrafado.

— Alguma coisa está errada? — perguntou Bethany Simms, ansiosa. — Bem,

não sei se realmente quero saber se há, mas...

— Não há nada errado — disse Brian. Contou as cabeças, o total deu dez, e então se virou de novo para Nick. — Aquele sujeito dos fundos continua dormindo. Acha que devemos acordá-lo?

Nick pensou um instante, depois abanou a cabeça.

— É melhor não. Já temos problemas de sobra no momento para termos que bancar a babá de um cara com ressaca!

Brian sorriu. Estes eram exatamente seus pensamentos.

— Tudo bem, então. Você desce primeiro, Nick. Ficará segurando a ponta inferior do deslizador enquanto eu ajudo os outros na descida.

— Talvez você devesse ir primeiro. Para o caso de meu amigo fala-grosso resolver esquentar de novo por esta parada não programada.

Brian olhou para o homem de camisa de malha. Ele fechava a fila, tinha na mão uma esguia pasta monogramada de executivo e fitava o teto alheadamente. Seu rosto tinha a perfeita expressão de um manequim de loja de departamentos.

— Não terei problema nenhum com ele — disse Brian, porque estou pouco ligando para o que fizer. Para mim, não faz diferença se quiser ficar aqui dentro ou sair.

Nick sorriu

— Sendo assim, tudo certo! Que comece o grande êxodo!

— Tirou os sapatos?

Nick ergueu um par de mocassins pretos de couro de porco.

— Muito bem — pode ir. — Brian se virou para Bethany. — Observe com atenção, senhorita. Será a próxima.

— Oh, céus... eu odeio esse tipo de coisas!

Não obstante, Bethany ficou ao lado de Brian e espiou apreensivamente,

enquanto Nick Hopewell se dirigia para o deslizador. Ele saltou, erguendo as duas pernas ao mesmo tempo, como um homem saltando sentado de um trampolim. Aterrou sobre os quadris e deslizou até o final. Foi uma descida perfeita; a borda inferior do deslizador mal se moveu. Nick atingiu o piso alcatroado da pista com os pés calçados de meias, levantou-se, girou e fez uma zombeteira reverência, com os braços estendidos para trás.

— Não podia ser mais fácil! — exclamou. — Que venha o seguinte!

— É a senhorita — disse Brian. — Bethany, não?

— Sim — disse ela, nervosamente. — Oh, não vou conseguir! Fiquei reprovada em ginástica todos os três semestres, e eles finalmente me deixaram cursar economia doméstica, em vez disso!

— Você se sairá muito bem — disse-lhe Brian. Refletiu que as pessoas usavam o deslizador com muito menos relutância e muito mais entusiasmo quando havia uma ameaça que podiam ver — um buraco na fuselagem ou incêndio em um dos motores de bombordo. — Quer tirar os sapatos?

Os sapatos de Bethany — em realidade, velhos tênis cor-de-rosa — saíram de seus pés, mas, ainda assim, ela tentou recuar da porta e do deslizador laranja-vivo.

— Se eu pudesse tomar um drinque antes...

— O Sr. Hopewell está segurando o deslizador e tudo sairá bem — insistiu Brian.

Começava a recear que precisasse empurrá-la. Não queria, mas se ela não saltasse logo, era o que faria. Não se podia permitir que os medrosos fossem para o fim da fila, até a coragem voltar; sempre havia relutâncias, em se tratando de uma saída pelo deslizador. Não havendo autoridade, tudo quanto todos queriam era ser o último da fila.

— Vamos, Bethany! — disse Albert subitamente. Havia tirado o violino do compartimento acima dos acentos e o mantinha no estojo, comprimido debaixo do braço.

— Estou com um medo danado dessa coisa, e se você for, também terei de ir.

Bethany olhou para ele, surpresa.

— Por quê?

Albert estava muito vermelho.

— Por que você é uma garota — disse apenas. — Sei que sou um sexista sujo, mas é isso mesmo.

Bethany o fitou por um momento mais, riu e então se virou para o deslizador.

Brian decidira empurrá-la, caso ela tentasse novas evasivas, mas não foi o que ocorreu.

— Poxa, eu gostaria de ter puxado um fumo — disse ela, e saltou.

Tinha visto a manobra de salto-sentado de Nick e sabia o que fazer, mas no último momento perdeu a coragem e tentou esticar novamente as pernas. Em resultado, guinou para um lado, ao cair sobre a superfície ricocheteante do deslizador. Brian pensou que ela fosse cair para fora, mas a própria Bethany viu o perigo e conseguiu rolar de volta. Escorregou até o final deitada sobre o lado direito do corpo, com uma das mãos sobre a cabeça, a blusa subindo até quase o início do pescoço. Então, Nick a segurou e ela saiu.

— Oh, poxa! — disse ela, ofegante. — É quase como ser criança de novo!

— Você está bem? — perguntou Nick.

— Estou. Acho que molhei as calças um pouquinho, mas tudo bem.

Nick sorriu para ela e se virou de novo para o deslizador.

Albert olhou para Brian em tom de desculpas e estendeu-lhe o estojo com o violino.

— Pode segurar isto para mim? Tenho medo de quebrá-lo, se cair de lado. Meus velhos me matariam. Este violino é um Gretch.

Brian pegou o estojo. Tinha o rosto calmo e sério, mas por dentro sorria.

— Posso dar uma espiada? Faz uns mil anos, eu costumava tocar um destes.

— Claro — disse Albert.

O interesse de Brian teve um efeito calmante sobre o rapaz... exatamente como Brian esperava. Abriu os três fechos do estojo e ergueu a tampa. O violino ali dentro era realmente um Gretch, e não dos inferiores daquela prestigiada linha. Brian supôs que se poderia comprar um carro de pequeno porte com o dinheiro que custara aquele instrumento.

— É muito bonito — disse, extraindo quatro rápidas notas ao longo do braço do violino: Meu cão tem pulgas. Elas soaram doce e maravilhosamente. Brian tornou a fechar o estojo. — Estará a salvo comigo. Palavra.

— Obrigado. — Albert parou na soleira, respirou fundo, tornou a exalar. —

Gerônimo! — disse, em voz baixa e fraca, antes de saltar.

Enfiou as mãos debaixo das axilas quando saltou — protegê-las em qualquer situação com risco de dano físico era algo tão enraizado nele, que se tomara um ato reflexo. Caiu sentado sobre o deslizador e escorregou sem problemas até o final.

— Muito bom! — exclamou Nick.

— Não foi nada — vangloriou-se Ace Kaussner ao levantar-se, e então quase tropeçou nos próprios pés.

— Albert! — chamou Brian. — Pegue!

Inclinando-se, ele colocou o estojo do violino no centro do deslizador e o deixou ir. Albert o apanhou sem dificuldade, um metro e meio antes de ele chegar ao final, ajustou-o debaixo do braço e recuou.

Jenkins fechou os olhos quando saltou e caiu enviezado sobre um quadril sem carnes. Nick passou rapidamente para o lado esquerdo do deslizador e aparou o escritor assim que ele ia chegando ao final, poupando-lhe um rude choque no concreto do piso.

— Obrigado, rapaz.

— Não tem de que, companheiro.

Gaffney foi o seguinte; depois foi a vez do homem calvo. Em seguida, Laurel e Dinah tomaram posição na soleira.

— Estou com medo — disse Dinah, em voz trêmula.

— Você se sairá maravilhosamente, meu bem — disse Brian. — Nem mesmo precisará pular. — Colocou as mãos sobre os ombros de Dinah e a virou, de frente para ele e com as costas para o deslizador. Dê-me suas mãos e eu a baixarei para o deslizador.

Dinah, entretanto, moveu as mãos para as costas.

— Você, não. Eu quero que Laurel faça isso.

Brian olhou para a jovem de cabelos escuros.

— Acha que seria capaz?

— Sim, se me disser o que fazer — respondeu Laurel.

— Dinah já sabe. É só baixá-la para o deslizador, segurando-a pelas mãos. Quando ela estiver deitada sobre o estômago, com os pés espichados para a frente, escorregara sem riscos.

As mãos de Dinah estavam frias nas de Laurel.

— Estou com medo — repetiu ela.

— Ora, meu bem, é o mesmo que descer em um escorrega de brinquedo — disse Brian. — Aquele homem com sotaque de inglês espera você lá embaixo para pegá-la assim que você chegar lá. Ele está com as mãos para cima, exatamente como um apanhador em um jogo de beisebol.

Então, Brian refletiu que Dinah não devia saber qual era a postura de um apanhador. A menina o fitou como se ele estivesse agindo tolamente.

— Não é isso. Estou com medo deste lugar. Tem um cheiro esquisito.

Laurel, que não sentia outro cheiro além do de seu próprio suor nervoso, não pôde deixar de olhar para Brian.

— Ouça, meu bem — disse Brian, ficando de joelhos diante da garota cega —, nós temos que sair do avião. Você sabe disso, não sabe?

As lentes dos óculos escuros se viraram para ele.

— Por quê? Por que temos de sair do avião? Não há ninguém aqui!

Brian e Laurel trocaram um olhar.

— Bem — disse ele —, isto é algo que só vamos saber quando checarmos, não é mesmo?

— Eu já sei — disse Dinah. — Não há nada para cheirar e nada para ouvir. Só que...

só que...

— O que é, Dinah? — perguntou Laurel.

A menina vacilou. Queria fazê-los compreender que não a preocupava a maneira como teria de sair do avião. Já descera em escorregas antes, e confiava em Laurel.

Laurel não lhe soltaria as mãos se a descida fosse perigosa. Ali havia alguma coisa errada, muito errada, era isso que a deixava com tanto medo — a coisa errada. Não era o silêncio e não era o vazio. Estas duas coisas deviam ter algo a ver com o que havia — e o que havia era muito mais do que essas coisas.

Algo estava errado.

Entretanto, adultos não acreditavam em crianças, em especial crianças cegas, ainda mais especialmente em meninas cegas. Dinah queria dizer-lhes que não podiam ficar ali, que não era seguro ficarem ali, que tinham de voltar para o avião e seguir em frente outra vez. Contudo, o que diriam eles? Certo, Dinah, isso mesmo, você tem razão, voltem todos para o avião? Eles nunca diriam isso.

Eles vão ver. Vão ver que está tudo vazio e então voltaremos para o avião, iremos para qualquer outro lugar. Um lugar onde as coisas não estejam erradas.

Ainda há tempo.

Eu acho.

— Não foi nada — ela disse para Laurel. Sua voz era baixa e conformada. — Pode me abaixar.

Laurel a abaixou cuidadosamente para o deslizador. Um momento depois, Dinah erguia os olhos para ela — só que ela não está vendo realmente, pensou Laurel, ela não enxerga coisa alguma — com os pés descalços bem espichados sobre o deslizador cor de laranja.

— Tudo bem, Dinah? — perguntou Laurel.

— Não — respondeu a menina. — Nada está bem aqui!

E antes que Laurel a liberasse, Dinah soltou as mãos e soltou o corpo. Deslizou até em baixo, onde Nick a pegou.

Laurel foi a seguinte, saltando sem problemas para o deslizador e segurando recatadamente a saia contra o corpo, enquanto escorregava até o final. Agora, faltavam apenas Brian, o bêbado que roncava nos fundo do avião e aquela fera que gostava de rasgar papel, o Sr. Camisa de Malha.

Não terei problema nenhum com ele, havia dito Brian, porque estou pouco ligando para o que fixer. Agora percebia que isto não era verdade. Aquele homem não jogava com um baralho completo. Brian suspeitava que até a garotinha sabia disso — e ela era cega. E se o deixassem para trás e ele decicisse tomar-se agressivo?

E se, em seu acesso de agressividade, ele resolvesse depredar a cabine de comando?

Muito bem, e daí? Você não irá a parte alguma. Os tanques estão praticamente vazios.

Ainda assim, ele não gostava da ideia, mas não apenas porque o 767 era uma peça de muitos milhões de dólares. Talvez o que sentisse fosse um vago eco do que vira no rosto de Dinah, quando erguera os olhos, já deitada de bruços no deslizador. As coisas ali pareciam erradas, bem mais do que aparentavam... e isso era assustador, porque ele não sabia como uma situação pudesse ficar pior do que estava. O avião, no entanto, estava certo. Mesmo com os tanques de combustível vazios, aquele era um mundo que ele conhecia e compreendia.

combustível vazios, aquele era um mundo que ele conhecia e compreendia.

— É a sua vez, amigo — disse, o mais cortesmente que pôde.

— Sabe que vou dar parte de você por isto, não? — perguntou Craig, em voz estranhamente educada. — Sabe que pretendo processar toda esta linha aérea em trinta milhões de dólares, e que pretendo apontá-lo como principal culpado?

— É um direito que tem, Sr...

— Toomy. Craig Toomy.

— Sr. Toomy — concordou Brian. Vacilou. — Está a par do que aconteceu conosco, Sr. Toomy?

Craig olhou para fora pela porta aberta, durante um momento. Olhou para o concreto deserto e as enormes janelas levemente polarizadas do terminal no segundo pavimento, onde não havia parentes e amigos satisfeitos, esperando para abraçar passageiros que chegavam, onde não se viam viajantes impacientes, aguardando a chamada para seus vôos.

Era claro que ele sabia. Os langoliers. Os langoliers tinham vindo atrás de todas as pessoas idiotas e preguiçosas, como seu pai sempre havia dito que viriam. No mesmo tom educado, Craig disse:

— Sabia que, no Departamento de Títulos da Corporação Bancária Desert Sun, sou conhecido como o Wheel-horse? — Fez uma pausa, sem dúvida esperando uma resposta. Como Brian nada dissesse, Craig continuou: — É claro que não sabia! Como tampouco sabe o quanto é importante esta reunião no Prudential Center, em Boston.

Aliás, para você, isto não significa coisa alguma. No entanto, ouça uma coisa, comandante: o destino econômico de nações pode depender dos resultados dessa reunião — uma reunião da qual estarei ausente quando as decisões forem tomadas!

— Tudo quanto disse, é muito interessante, Sr. Toomy, mas a verdade é que não disponho de tempo para...

— Tempo? — Explodiu Craig subitamente. — Diabo, o que sabe você sobre tempo?

Pergunte a mim! Pergunte a mim! Eu, sim, sei o que é tempo! Sei tudo sobre tempo!

O tempo voa, meu caro! O tempo é infernalmente curto, entendeu?

Ao inferno com isto, vou dar um empurrão nesse maluco filho da m ãe, pensou Brian, mas antes que esboçasse um gesto, Craig Toomy se virou e saltou. Executou um perfeito salto-sentado, apertando a pasta ao peito enquanto isto. Aturdido, Brian recordou um antigo anúncio da Hertz na televisão, aquele que mostrava D.J. Simpson passando pelos aeroportos, voando, de terno e gravata.

— O tempo é escasso como o diabo! — bradou Craig enquanto escorregava, a pasta junto ao peito como um escudo, as pernas das calças arregaçando-se e revelando suas meias-para-o-sucesso, em náilon preto, compridas até os joelhos.

— Céus, que maldito biruta! — murmurou Brian.

Fez uma pausa no alto do deslizador, olhou novamente em torno, apreciando mais uma vez o mundo conhecido e confortante de sua aeronave... e saltou.

8

Dez pessoas reuniram-se em dois pequenos grupos sob a gigantesca asa do 767 com a águia vermelha e azul no nariz. Em um grupo estavam Brian, Nick, o homem calvo, Bethany Simms, Albert Kaussner, Robert Jenkins, Dinah, Laurel e Don Gaffney. Ligeiramente afastado deles e constituindo seu próprio grupo, estava Craig Toomy, vulgo Wheel-horse. Inclinando-se, Craig endireitou o vinco das calças com preocupada concentração, usando a mão esquerda. A direita aferrava a alça de sua inseparável pasta.

Depois, erguendo o corpo, espiou em torno, com olhos arregalados e sem interesse.

— E agora, comandante? — perguntou Nick vivamente.

— Diga você. Para nós.

Nick o fitou por um momento, erguendo de leve uma sobrancelha, como se perguntando a Brian se falava mesmo sério. Brian inclinou a cabeça por uns dois centímetros. Foi o bastante.

— Bem, admito que precisamos chegar ao terminal — disse Nick. — Qual seria o jeito mais rápido de chegarmos lá? Alguma ideia?

Brian apontou a cabeça para uma fila de bagageiros estacionados abaixo da escada do terminal principal.

— Penso que o jeito mais rápido de chegarmos lá, sem um túnel de desembarque, seria a esteira rolante de bagagens.

— Muito bem. Senhoras e senhores, que tal uma caminhada?

Era um curto trajeto, mas Laurel, que caminhava de mãos dadas com Dinah, admitiu ser aquela a caminhada mais estranha que já dera na vida. Podia vê-los como que pairando mais acima, menos de uma dúzia de pontinhos, caminhando lentamente através de uma vasta pradaria de concreto. Não havia a menor brisa. Nenhum pássaro trinava. Nenhum motor roncava mesmo a distância e nenhuma voz humana rompia aquele silêncio antinatural. Até o ruído das pisadas deles soava estranho aos ouvidos de Laurel. Ela usava saltos altos, mas em vez dos cliques vivazes a que estava acostumada, parecia ouvir apenas leves baques

cliques vivazes a que estava acostumada, parecia ouvir apenas leves baques surdos.

Pareço ouvir, pensou ela. Parecer, eis a palavra-chave. Como a situação é tão estranha, tudo começa a parecer estranho. Afinal de contas, é concreto, nada mais. Saltos altos soam diferentes no concreto.

Entretanto, já caminhara antes de saltos altos no concreto. Não recordava já ter ouvido um som semelhante a este de agora. Era... pálido, de certa maneira. Sem força.

Chegaram onde se encontravam estacionados os furgões-bagageiros. Nick intrometeu-se entre os veículos, encabeçando a fila, até parar junto a uma esteira rolante imóvel, que emergia de um buraco orlado por tiras de borracha pendentes. A esteira rolante descrevia um amplo círculo no pátio de manobras, onde normalmente se postavam os empregados que desembaraçavam as bagagens, depois entrava de novo no terminal através de um outro buraco com tiras pendentes de borracha.

— Para que são essas tiras de borracha? — perguntou Bethany nervosamente.

— Imagino que sejam para impedir a entrada de rajadas de vento no tempo frio — disse Nick. — Deixe-me enfiar a cabeça no buraco e dar uma espiada. Não se preocupe, é coisa rápida.

Antes que alguém dissesse alguma coisa, Nick já subia para a esteira rolante e caminhava agachado para uma daquelas aberturas de entrada no prédio. Chegando lá, ficou de joelhos e enfiou a cabeça por entre as tiras de borracha.

Vamos ouvir um silvo e depois um baque, pensou Albert, atordoadamente, e quando o puxarmos para trás, ele estará sem a cabeça.

Não houve silvo e nem qualquer baque. Quando Nick recuou, sua cabeça continuava firmemente unida ao pescoço e o rosto tinha um ar pensativo.

— A barra está limpa — anunciou, e, para Albert, seu tom jovial agora parecia fabricado. — Vamos entrando, amigos. Quando um corpo encontra um corpo, tudo vai bem!

Bethany permaneceu imóvel.

— Há corpos lá dentro? O senhor viu gente morta?

— Não vi nada disso, senhorita — disse Nick, agora abandonando qualquer tentativa de jovialidade. — Eu apenas citava o velho Bobby Bums, tentando ser engraçado. Acho que consegui o efeito contrário. A verdade é que não vi absolutamente ninguém. Enfim, era mais ou menos o que esperávamos, não?

Sim, era... mas a notícia caiu com força em seus corações, mesmo assim. O mesmo acontecera com Nick, a julgar por seu tom.

Um após outro, eles subiram para a esteira rolante e engatinharam atrás dele, em direção às tiras pendentes de borracha.

Dinah parou justamente antes de penetrar na abertura e virou a cabeça para trás, para Laurel. A claridade do dia refletiu-se em seus óculos escuros, transformando-os momentaneamente em espelhos.

— Isto aqui está mesmo errado — repetiu ela, e passou para o outro lado.

9

De um em um, emergiram todos no interior do terminal principal do Aeroporto Internacional de Bangor, uma exótica bagagem engatinhando ao longo de uma esteira rolante empacada. Albert ajudou Dinah a sair e então ficaram todos juntos e parados, olhando em torno, silenciosos e admirados.

A chocada perplexidade de despertarem em um avião que fora magicamente despojado de pessoas já deixara de fazer efeito; agora, o aturdimento substituíra a perplexidade. Nenhum deles estivera antes em um terminal de aeroporto absolutamente vazio. Os balcões para aluguel de carros estavam desertos. Os monitores de CHEGADAS/PARTIDAS, apareciam apagados e inanimados. Não havia ninguém nos balcões em sequência das linhas aéreas Delta, United, Northwest Air-Link ou Mid-Coast Airways. O enorme tanque no centro do piso, tendo mais acima o estandarte com a inscrição COMPRE LAGOSTAS DO MAINE, estava cheio de água, mas nela não havia lagostas. As lâmpadas fluorescentes do teto estavam apagadas, e a pequena dose de claridade que penetrava pelas portas no extremo oposto do enorme recinto, chegava apenas até metade do piso, deixando o pequeno grupo do Voo 29 reunido em um desagradável ninho de sombras.

— Muito bem — disse Nick, tentando parecer animado, mas transmitindo apenas inquietação. — Vamos experimentar os telefones?

Enquanto ele se encaminhava para os telefones públicos enfileirados, Albert caminhou até o balcão “Rent A Car”, da Budget. Nos escaninhos da parede dos fundos ele viu pastas para BRIGGS, HANDLEFORD, MARCHANT, FENWICK e PESTLEMAN. Sem dúvida, dentro de cada uma havia um contrato de aluguel, juntamente com um mapa da área central do Maine, no qual haveria uma seta com a legenda VOCÊ ESTÁ AQUI, apontando para a cidade de Bangor.

Onde estaremos realmente? peiguntou-se Albert. E onde estão Briggs, Handle-ford, Marchant, Fenwick e Pestleman? Terão sido transportados para uma outra dimensão? Talvez sejam os Mortos agradecidos. Talvez os Mortos estejam tocando em algum ponto do sul do Estado e todos foram ver o espetáculo.

Logo atrás dele houve um ruído seco de arranhão. Albert por pouco não saltava de susto e voltou-se rapidamente, segurando o estojo do violino como se fosse

um porrete. Bethany estava parada ali e chegava um fósforo à ponta de seu cigarro. Ela ergueu as sobrancelhas.

— Assustei você?

— Um pouco — disse Albert, baixando o estojo e oferecendo a ela um leve e embaraçoso sorriso.

— Desculpe. — Ela sacudiu o fósforo, deixou-o cair ao chão e aspirou o cigarro profundamente. — Pronto! Pelo menos, isso é melhor! Não tive coragem de fumar no avião. Tinha medo que alguma coisa explodisse.

Bob Jenkins aproximou-se deles.

— Sabem? Parei de fumar há dez anos.

— Sem sermões, por favor! — disse Bethany. — Tenho a impressão de que se sair disto sã e salva, haverá cerca de um mês de sermões à minha espera. Sermões compactos. De ponta a ponta.

Jenkins ergueu as sobrancelhas, mas não pediu explicações.

— Em realidade — disse — , eu ia perguntar se podia arranjar-me um cigarro. Este parece um excelente momento para reatar amizade com velhos hábitos.

Bethany sorriu e ofereceu-lhe um Malboro. Jenkins pegou o cigarro e ela o acendeu para ele. O escritor tragou, imediatamente tossindo uma série de sinais de fumaça.

— Levou muito tempo sem fumar — observou ela, com naturalidade.

Jenkins assentiu.

— É, mas logo estarei acostumado. Aí está o verdadeiro terror do hábito, receio eu. Já notaram o relógio?

— Não — disse Albert.

Jenkins apontou para a parede, acima das portas dos banheiros dos homens e das mulheres. O relógio ali afixado tinha parado às 4:07.

— Coincide — disse ele. — Sabíamos que tínhamos voado por algum tempo, quando—digamos O Evento, na falta de melhor termo — quando O Evento teve lugar.

4:07 da madrugada, Hora de Verão do Leste, correspondente a 1:07 da madrugada, Hora de Verão do Pacífico. Assim, agora sabemos o “quando”.

— Poxa, que barato! — exclamou Bethany.

— Sem dúvida—disse Jenkins, não percebendo ou preferindo ignorar o leve matiz de sarcasmo na voz dela. — Entretanto, aí há qualquer coisa de errado. Eu só queria que o sol estivesse de fora. Então, teria certeza.

— O que quer dizer? — perguntou Albert.

— Os relógios — os elétricos, é lógico — não estão bons. Não há energia elétrica.

Entretanto, se houvesse sol, poderíamos pelo menos fazer uma ideia aproximada do horário atual, pelo comprimento e direção de nossas sombras. Meu relógio marca quinze para as nove, mas não confio nele. Acho que deve ser mais tarde do que isso.

Não posso provar o que digo e tampouco explicar, mas é o que acho.

Albert pensou a respeito. Olhou em torno. Olhou de novo para Jenkins.

— Tem razão — disse ele. — Parece mais tarde. É como se já fosse hora do almoço.

Não é uma loucura?

— Não é loucura nenhuma — disse Bethany. — É apenas fadiga de jato.

— Não concordo — disse Jenkins. — Nós viajamos de oeste para leste, minha jovem.

Em qualquer deslocamento temporal oeste-leste, os passageiros sentem o contrário.

Acham que é mais cedo do que deveria ser.

— Eu queria falar-lhe sobre algo que o senhor comentou no avião — disse Albert.

— Quando o comandante nos falou que devia haver outras pessoas por aqui, o senhor disse “falsa lógica”. Aliás, repetiu isso. No entanto, a mim parece correta. Estávamos todos dormindo e estamos aqui. E se esta coisa aconteceu às — Albert olhou de relance para o relógio — às 4:07 da madrugada, hora de Bangor, quase todos na cidade deviam estar dormindo.

— Certo — disse Jenkins suavemente. — E onde estão eles?

Albert ficou embaraçado.

— Bem...

Houve um golpe estrepitoso, quando Nick desligou rudemente um dos telefones públicos. Era o último, em uma longa fileira de aparelhos; ele experimentou todos.

— Absolutamente inútil — disse ele. — Estão todos mudos. Tanto os que recebem moedas, como os de discagem direta. Pode acrescentar o som de nenhum telefone tocando, àquele de nenhum cachorro latindo, Brian!

— Então, o que faremos agora? — perguntou Laurel.

Percebeu o tom infeliz da própria voz e isso a deixou sentindo-se muito insignificante, muito perdida. Perto dela, Dinah girava em círculos lentos. Parecia uma antena de radar humana.

— Vamos lá para cima — propôs Careca. — É onde deve ficar o restaurante.

Olharam todos para ele. Gaffney resmungou:

— Parece que tem uma ideia fixa, senhor.

O careca olhou para ele por sob uma sobrancelha erguida.

— Em primeiro lugar, meu nome não é senhor, mas Rudy Warwick—replicou ele.

— Em segundo, as pessoas pensam melhor quando têm o estômago cheio. —

Ele deu de ombros. — É apenas uma lei da natureza.

— Acho que o Sr. Warwick tem toda razão — disse Jenkins. — Poderíamos comer alguma coisa... e se subirmos talvez encontremos outras pistas apontando para o que aconteceu. Sim, acho que todos deveríamos.

Nick deu de ombros. Parecia subitamente cansado e confuso.

— Por que não? — disse. — Estou começando a sentir-me um maldito Sr. Robinson Crusoé.

Tomaram a direção da escada rolante, que também estava parada, formando um pequeno e abatido grupo. Albert, Bethany e Jenkins seguiam juntos, um pouco mais atras.

— O senhor sabe alguma coisa, não sabe? — perguntou Albert subitamente. — O

que é?

— Eu talvez saiba alguma coisa — corrigiu Jenkins. — Talvez não. Por enquanto, prefiro manter minha paz... exceto por uma sugestão.

— Qual?

— Não é para você, mas para esta jovem. — Ele se virou para Bethany. — Poupe seus fósforos. É minha sugestão.

— Como?

— Você me ouviu.

— Claro que ouvi, mas não entendi o que quer dizer. Provavelmente, lá em cima há algum estande para venda de jornais, Sr. Jenkins. E com montes de fósforos.

Cigarros e isqueiros descartáveis também.

— Concordo — disse Jenkins, — mas insisto em aconselhá-la a economizar seus fósforos.

Ele está novamente bancando Philo Christie ou seja lá quem for, pensou Albert.

Ia observar-lhe isto e pedir-lhe que se lembrasse, por favor, de que aquilo não era uma de suas novelas, quando Brian Engle parou tão de repente ao pé da escada rolante que Laurel precisou puxar Dinah bruscamente pela mão, a fim de impedir que a menina cega se chocasse nele.

— Procure olhar para onde vai, está bem? — disse Laurel. — Caso ainda não tenha percebido, esta criança não enxerga!

Brian ignorou-a. Seus olhos percorriam o pequeno grupo de refugiados.

— Onde está o Sr. Toomy?

— Quem? — perguntou o homem calvo — Warwick.

— O sujeito que tinha aquele urgente compromisso em Boston!

— Quem quer saber? — replicou Gaffney. — Que bons ventos levem o que não presta!

Brian, no entanto, estava inquieto. Não lhe agradava a ideia de Toomy separar-se deles e ficar perambulando por conta própria. Ignorava o motivo, mas não gostava nem um pouco da ideia. Olhou de relance para Nick. Nick deu de ombros, depois meneou a cabeça.

— Não o vi afastar-se, companheiro. Estava ocupado com os telefones. Sinto muito.

— Toomy! —gritou Brian. — Craig Toomy! Onde está você?

Não houve resposta. Somente aquele silêncio, espectral e opressivo. Foi quando Laurel percebeu algo, e isso deixou sua pele gelada. Brian colocara as mãos em concha, ao redor da boca, quando gritara da escada rolante. Em um local de teto alto como aquele, deveria haver pelo menos um eco.

No entanto, não houvera nenhum.

Nenhum eco, em absoluto.

10

Enquanto os outros ocupavam-se no andar térreo — os dois adolescentes e o velhote parados junto a um dos balcões de aluguel de carros e os outros vendo o inglês em luta com os telefones mudos — Craig Toomy se esgueirara para a escada rolante imóvel, tão silenciosamente como um camundongo. Sabia com precisão aonde queria ir; sabia com precisão o que procurar quando chegasse lá.

Cruzou em passos rápidos a grande sala de espera, com a pasta oscilando ao lado de seu joelho direito, ignorando as poltronas vazias e também um bar vazio, chamado "O Barão Vermelho". No extremo oposto do aposento, havia um indicador, pendendo acima da boca de um amplo e escuro corredor. Dizia:

PORTÃO 5 INTERNACIONAL. CHEGADAS
LOJAS ISENTAS DE IMPOSTOS
ALFÂNDEGA U.S.
SEGURANÇA DO AEROPORTO

Já quase havia alcançado a entrada do corredor quando tornou a espiar para o concreto no exterior por uma das enormes janelas... e seu passo fraquejou. Aproximando-se lentamente da janela envidraçada, ele espiou para fora.

Lá, nada havia que ver, com exceção do concreto vazio e do alvo céu imóvel, porém os olhos dele arregalaram-se mesmo assim, o medo começou a penetrar-lhe no coração.

Eles estão vindo! disse-lhe uma voz surda, subitamente. Era a voz de seu pai e provinha de um pequeno e assombrado mausoléu, relegado a um recanto sombrio do coração de Craig Toomy.

— Não! — sussurrou ele, e a palavra fez desabrochar um pequeno espaço embaciado no vidro da janela, diante de seus lábios. — Não há ninguém vindo!

Você tem sido mau. Pior ainda: tem sido preguiçoso!

— Não!

Sim! Tinha assumido um compromisso e faltou a ele. Fugiu! Fugiu logo para Bangor, no Maine, entre tantos outros lugares idiotas!

— A culpa não foi minha! — sussurrou Craig. Agora, aferrava a alça da pasta com tanta força, que chegava a doer. — É contra a minha vontade que estou aqui! Eu... eu fui sequestrado!

Não houve resposta daquela voz interior, somente ondas de reprovação. E, de novo, Craig intuiu a pressão a que era submetido, a terrível e infindável pressão, o peso das profundezas. Aquela voz interior nem precisava dizer-lhe que não havia justificativas; Craig sabia. Sabia disso há muito, muitíssimo tempo.

ELES estiveram aqui... e vão voltar. Sabia disso, não?

Craig sabia. Os langoliers iam voltar. Viriam atrás dele. Podia pressenti-los. Jamais os vira, porém imaginava o quanto deviam ser hediondos. Seria o único a ter conhecimento disso? Ele achava que não.

Pensou que a garotinha cega também podia saber algo a respeito dos langoliers.

Enfim, não fazia diferença. Agora, o que importava era chegar àquela reunião no Pru, precisava comunicar a eles o que havia feito, e então seria...

Livre.

Ele seria livre!

Forçou-se a abandonar a janela, afastar-se do vazio e da imobilidade, mergulhar no corredor abaixo do indicador. Passou pelas lojas vazias sem olhar. Além delas, encontrou a porta que buscava. Havia uma pequena placa retangular afixada sobre ela, logo acima de um diminuto visor. SEGURANÇA DO AEROPORTO, dizia a placa.

Craig tinha que entrar ali. De um jeito ou de outro, tinha que entrar ali.

Tudo isto... esta loucura... não pode ter qualquer coisa a ver comigo. Não haverá mais nada em comum. Acabou-se!

Estendendo o braço, tocou a maçaneta da sala de segurança do aeroporto. A expressão alienada de seus olhos fora substituída por outra de franca determinação.

Tenho estado sob pressão há muito, muitíssimo tempo. Desde meus sete anos?

Não — penso que começou ainda antes. O fato é que estive sob pressão desde que consigo lembrar-me. Este último toque de loucura é somente uma variação nova.

Talvez seja precisamente o que disse aquele homem do paletó esporte surrado: um teste. Um teste monitorado por alguma agência secreta do governo ou uma sinistra potência estrangeira. Não obstante, decidi não participar mais de nenhum teste. Pouco me interessa se o encarregado seja meu pai, minha mãe, o deão da Faculdade de Administração ou a Junta Diretora da Corporação Bancária Desert Sun! Não participarei! Decidi fugir. Decidi ir a Boston e terminar o que resolvi fazer da primeira vez em que apresentei a compra de títulos argentinos.

Se eu não for...

Craig sabia o que aconteceria, se não fosse a Boston.

Ele ficaria louco.

Tentou a maçaneta. Ela não se moveu sob sua mão, porém ao dar um leve e frustrado empurrão, a porta girou sobre os gonzos. Talvez houvesse ficado apenas encostada ou se destrancara com a interrupção da energia elétrica, que anulara os sistemas de segurança. Craig não estava ligando. O detalhe importante é que não precisaria amarfanhar as roupas, tentando engatinhar através de um conduto de ar-condicionado ou coisa assim. Continuava empenhado em comparecer à reunião antes que o dia terminasse, portanto, não queria chegar lá com as roupas sujas e amarrotadas. Uma das verdades simples e sem exceção da vida era esta: indivíduos de ternos sujos não têm credibilidade.

Craig empurrou mais a porta e entrou.

11

Brian e Nick foram os primeiros que chegaram ao alto da escada rolante e os outros reuniram-se em torno deles. Ali ficava a sala de espera central do AIB, uma grande caixa quadrada com poltronas forradas de plástico (algumas tendo nos braços dispositivos receptores de moedas, para quem quisesse ver televisão) e dominada por uma parede de vidro polarizado que ia do piso ao teto. À sua esquerda imediata, ficava o estande de jornais do aeroporto e o ponto de controle da segurança que funcionava para o Portão 1; à sua direita e tomando todo o comprimento do recinto, ficavam o bar “O Barão Vermelho” e o restaurante “Nuvem Nove". Além do restaurante, um corredor conduzia à sala da segurança do aeroporto e ao anexo dos desembarques internacionais.

— Vamos... — começou Nick.

— Espere! — interrompeu Dinah.

Ela falava em um tom forte e cheio de urgência, que fez todos se voltarem curiosamente em sua direção.

Dinah soltou a mão de Laurel e ergueu as suas. Encaixou os polegares atrás das orelhas e abriu bem os outros dedos, em forma de leque. Então ficou parada, imóvel como um poste, naquela postura estranha, esquisita, como querendo ouvir algo.

— O que... — começou Brian.

— Pssst. — tornou a interromper Dinah, sibilando a palavra de maneira abrupta.

Ela se virou ligeiramente para a esquerda, parou, depois girou na direção contrária, até a claridade branca que penetrava pelas janelas cair diretamente sobre seu corpo, transformando-lhe o rostinho já pálido em algo fantasmagórico, espectral.

Dinah retirou os óculos escuros. Os olhos escondidos sob eles eram grandes, castanhos, sem qualquer opacidade.

— Ali! — exclamou ela, em voz baixa e sonhadora. Laurel sentiu que o terror engalfinhava seu coração com dedos gelados. Não estava sozinha nisto. Bethany quase se colava a um lado de seu corpo, e Don Gaífney se moveu para seu outro

quase se colava a um lado de seu corpo, e Don Gaffney se moveu para seu outro lado.

— Ali! Eu posso perceber a luz! É por isto que eles disseram que poderei tomar a enxergar. Eu sempre percebi a luz. É como um calor dentro de minha cabeça...

— Dinah, o que... — começou Brian.

Nick deu-lhe uma cotovelada. O rosto do inglês estava afilado e tenso, a fronte sulcada de rugas.

— Fique calado, companheiro.

— A luz está... aqui!

Dinah afastou-se deles em passos lentos, as mãos ainda formando leques junto aos ouvidos, os cotovelos voltados para diante, a fim de esbarrarem em qualquer objeto que surgisse em seu caminho. Ela avançou até ficar a menos de meio metro da parede-janela. Então, estendeu um braço devagar, até os dedos encontrarem o vidro, parecendo negras estrelas-do-mar, delineando contra a alvura do céu. Dinah deixou escapar um murmúrio leve, desolado.

— O vidro também está errado — disse, naquela voz sonhadora.

— Dinah... — começou Laurel.

— Pssst... — sussurrou a menina, sem se virar. Continuou parada diante da parede-janela, como uma garotinha esperando que o pai voltasse do trabalho para casa. — Estou ouvindo uma coisa!

Estas palavras cochichadas enviaram um mudo e irrefletido terror à mente de Albert Kaussner. Sentiu pressão nos ombros e, baixando os olhos, viu que cruzara os braços em torno do peito e que os apertava fortemente.

Brian concentrou-se ao máximo, procurando ouvir também. Percebeu apenas a própria respiração e a dos outros... nada mais. Deve ser imaginação dela, pensou.

Nada mais do que isso.

Não obstante, sentia dúvidas.

— O que é? — perguntou Laurel, ansiosa. — O que está ouvindo, Dinah?

— O que é? — perguntou Laurel, ansiosa. — O que está ouvindo, Dinah?

— Eu não sei — respondeu a menina, sem se virar da janela. — Ainda é muito fraco.

Pensei tê-lo ouvido quando saímos do avião, mas imaginei que fosse apenas impressão minha. Agora posso ouvir melhor. Posso ouvir mesmo através do vidro. É um som parecido com... com cereal crocante, depois que se põe o leite nele.

Virando-se para Nick, Brian perguntou em voz baixa:

— Você ouviu alguma coisa?

— Nem um maldito som — respondeu Nick, em idêntico sussurro —, mas ela é cega. Está acostumada a fazer os ouvidos funcionarem dobrado.

— Eu acho que é histeria — disse Brian, agora cochichando, os lábios quase tocando o ouvido de Nick.

— De que você está falando, Dinah? — perguntou Laurel, perplexa e amedrontada.

Não ouvira a troca cochichada de palavras entre Brian e Nick, embora estando bem mais perto deles do que Dinah.

— Pergunte a eles—disse Dinah. Sua voz era trêmula. — Não sou maluca! Sou cega, mas não sou maluca!

— Tudo bem — falou Brian, trêmulo. — Está tudo bem, Dinah. — Virando-se para Laurel, acrescentou: — Eu falava com Nick, e ela nos ouviu. Ela nos ouviu, lá de perto da janela!

— Você tem orelhas grandes, meu bem — disse Bethany.

— Eu ouço o que ouço—respondeu Dinah. — E ouço alguma coisa lá fora. Naquela direção! — Apontou para o leste, através da vidraça. Seus olhos que não viam percorreram o grupo. — E é ruim. É um som horrível, um som que mete medo!

Don Gaffney interveio, hesitante:

— Se você soubesse o que é, mocinha, isso talvez ajudasse.

— Eu não sei — respondeu ela, — mas sei que está mais perto do que estava antes.

— Tornou a colocar os óculos escuros, e sua mão tremia. — Temos que sair daqui. E temos que sair depressa! Porque alguma coisa está vindo para cá. A coisa ruim, que faz o barulho de cereal!

— O avião está quase sem combustível, Dinah — disse Brian.

— Então, você tem que pôr mais nele! — gritou Dinah agudamente para Brian.

— Essa coisa está vindo para cá, será que não entende? Está vindo, e se não tivermos ido embora quando ela chegar, vamos morrer! Nós todos vamos morrer!

Sua voz sucumbiu, e ela começou a soluçar. Não era uma sibila ou uma médium, apenas uma garotinha forçada a viver seu terror em uma escuridão que era quase total. Caminhou trôpega para eles, agora sem mais nenhum controle de si mesma.

Laurel agarrou-a, antes que tropeçasse em uma das cordas que serviam de guia e marcavam o trajeto até o ponto de controle da segurança. Abraçou-a com força, tentou consolá-la, mas as últimas palavras de Dinah ainda soavam em sua mente confusa e abalada: Se não tivermos ido embora quando ela chegar, vamos morrer!

Nós todos vamos morrer!

12

Craig Toomy ouviu o berreiro que a pestinha iniciava em algum lugar lá fora e ignorou-o. Havia descoberto o que procurava, no terceiro armário individual que encontrou e abriu, o que tinha o nome MARKEY impresso na porta em uma fita com letras em alto-relevo. O almoço do Sr. Markey — um substancial sanduíche assomando de um saco de papel pardo — estava na prateleira de cima. No compartimento abaixo e no mesmo cabide, havia uma camisa branca e um cinturão com a respectiva arma. A coronha do revólver de serviço do Sr. Markey projetava-se do coldre.

Craig desafivelou a correia de segurança e retirou o revólver. Não entendia muito de armas — aquela tanto podia ser calibre 32, 38 ou mesmo 45 — mas ele não era idiota e, após remexer alguns momentos, conseguiu puxar o tambor para fora. Todas as seis câmaras estavam carregadas. Recolocou o tambor no lugar, assentiu ligeiramente ao ouvir o clique que o encaixava, e então inspecionou a área do percussor, assim como os dois lados da coronha. Procurava uma trava de segurança, mas parecia não existir nenhuma. Pousou o dedo no gatilho e pressionou, até ver que tanto o percussor como o tambor se moviam levemente. Craig assentiu, satisfeito.

Deu meia-volta e, sem nenhum aviso, viu-se tomado pela mais profunda solidão de sua vida de adulto. A arma pareceu aumentar de peso, e a mão que a segurava tombou. Agora, ele tinha os ombros encurvados, a pasta pendendo de sua mão direita, a arma do guarda de segurança pendendo da esquerda. Em seu rosto havia uma expressão da mais total e abjeta miséria. De repente, acudiu-lhe uma lembrança, algo que jamais ocorrera à sua mente em anos: Craig Toomy, com doze anos de idade, deitado na cama e tremendo, enquanto lágrimas ardentes escorriam-lhe pelo rosto. No outro quarto, o estéreo fora ligado a todo volume, e sua mãe cantava, acompanhando Merrilee Rush, com sua atroadora e desafinada voz de bêbada:

“Chame-me apenas de anjo... pela manhã, meu be-e m... apenas toque meu rosto antes de me deixar, meu be-em...

Deitado na cama. Tremendo. Chorando. Sem proferir um som. E pensando: Por que você não me ama e me deixa em paz, mamãe? Por que não pode apenas me amar e me deixar em paz?

— Não quero machucar ninguém — murmurou Craig Toomy, por entre lágrimas.

Não quero, mas isto... isto é insuportável!

No outro lado da sala enfileirava-se uma bancada de monitores de televisão, todos fora do ar. Por um momento, enquanto os contemplava, a verdade do que acontecera, do que ainda estava acontecendo, tentou impor-se a ele. Durante aquele momento, essa verdade quase derrubou seu complexo sistema defensivo de neuróticas armaduras, quase penetrou no abrigo antiaéreo em que passara a vida.

Todos desapareceram, Craig, bebê chorão! O mundo inteiro desapareceu, exceto você e as pessoas que estavam naquele avião!

— Não! — gemeu ele, e se deixou cair em uma das cadeiras à volta da mesa de cozinha com tampo de fórmica, no meio da sala. — Não foi nada assim! Não se trata disso! Eu rejeito essa ideia! Rejeito-a integralmente!

Os langoliers já estiveram aqui, mas vão voltar, disse seu pai, suplantando a voz de sua mãe, como sempre. É melhor que já tenha ido embora quando eles chegarem... pois, do contrário, bem sabe o que acontecerá!

É claro que Craig sabia. Os langoliers o devorariam. Ele seria devorado vivo.

— Oh, mas eu não quero machucar ninguém! — repetiu, em voz lamentosa e angustiada.

Em cima da mesa jazia uma lista mimeografada do plantão dos funcionários. Craig largou a pasta e colocou a arma ao lado dela, sobre a mesa. Depois pegou a lista, fitou-a com olhos sem ver, por um instante, começando em seguida a rasgar uma comprida tira do lado esquerdo.

Rii-ip!

Em breve estava como que hipnotizado, enquanto uma pilha de finas tiras de papel — talvez as mais finas que já rasgara! — começava a depositar-se em cima da mesa. Ainda assim, a voz fria do pai não o abandonaria inteiramente: Pois, do contrário, bem sabe o que acontecerá!

CINCO

UMA CAIXA DE FÓSFOROS.
A AVENTURA DO SANDUÍCHE DE MORTADELA.
OUTRO EXEMPLO DO MÉTODO DEDUTIVO.
O JUDEU DO ARIZONA TOCA VIOLINO.
O ÚNICO SOM NA CIDADE.

1

O sepulcral silêncio após o aviso de Dinah foi finalmente rompido por Robert Jenkins.

— Estamos com problemas — disse ele, em uma voz seca de conferencista. — Se Dinah ouve alguma coisa — e, em resultado da notável demonstração que ela acabou de nos proporcionar, estou inclinado a pensar que ouve — ajudaria bastante se soubéssemos do que se trata. Não sabemos. Eis um problema. Outro problema é a falta de combustível do avião.

— Há um 727 lá fora — disse Nick —, bem aconchegado a um túnel de embarque.

Sabe pilotar um deles, Brian?

— Sei — respondeu Brian.

Nick abriu as mãos na direção de Bob e encolheu os ombros, como se dissesse: Pronto, um nó já foi desatado.

— Presumindo-se que tornemos a decolar, para onde iremos? — prosseguiu Bob Jenkins. — É um terceiro problema.

— Para longe! — exclamou Dinah prontamente. — Para longe desse som! Temos que ir para longe dele e do que faz esse som!

— Quanto tempo acha que teremos? — perguntou-lhe Bob, gentilmente. — Quanto tempo vai demorar para essa coisa chegar aqui, Dinah? Você tem alguma ideia?

— Não — respondeu ela, dentro do seguro círculo dos braços de Laurel mas

acho que ainda está longe daqui. Acho que ainda há tempo. Só que...

— Então, sugiro que façamos exatamente como sugeriu o Sr. Warwick — disse Bob.

— Vamos até o restaurante, comemos alguma coisa e discutiremos o que fazer em seguida. O alimento tem um efeito benéfico sobre o que Monsieur Poirot gostava de chamar as pequeninas células cinzentas.

— Não devíamos esperar! — exclamou Dinah, impaciente.

— Quinze minutos — disse Bob. — Não mais do que isso. E, mesmo em sua idade, Dinah, você deve saber que o pensamento proveitoso sempre precede a ação proveitosa.

Subitamente, Albert percebeu que o escritor de mistério tinha seus próprios motivos para querer ir ao restaurante. As pequeninas células cinzentas do Sr. Jenkins deviam estar em franca atividade — ou, pelo menos, ele acreditava que estivessem — e após aquela avaliação estranhamente penetrante que ele fizera da situação geral, a bordo do avião, Albert desejava, pelo menos, conceder-lhe o benefício da dúvida.

Ele quer mostrar-nos algo, ou provar alguma coisa para nós, pensou.

— Podemos dispor de quinze minutos, não? — adulou.

— Bem... — disse Dinah, contra a vontade. — Acho que sim...

— Ótimo! — exclamou Bob vivamente. — Está decidido!

Após falar, ele começou a caminhar decididamente em direção ao restaurante, como se tivesse certeza de que os outros o seguiriam. Brian e Nick entreolharam-se.

— É melhor irmos também — disse Albert, em voz contida. — Penso que ele está a par de alguma coisa.

— Que tipo de coisa? — perguntou Brian.

— Não sei ao certo, mas acho que essa coisa merece ser conhecida de todos.

Albert seguiu Bob; Bethany seguiu Albert; os outros caminharam atrás deles, Laurel levando Dinah pela mão. A garotinha estava muito pálida.

2

O restaurante “Nuvem Nove” era, em realidade, uma lanchonete com uma vitrine refrigerada cheia de drinques e sanduíches na parte dos fundos do recinto e um balcão de aço inoxidável acompanhando uma comprida mesa, dividida em compartimentos aquecidos a vapor. Todos os compartimentos estavam vazios, reluzentemente limpos. Não havia uma só mancha de gordura sobre a grelha. Os copos — aqueles copos resistentes de bar, com a parte externa filetada — estavam arrumados em perfeitas pirâmides em prateleiras traseiras, juntamente com uma vasta seleção de utensílios ainda mais resistentes, para uso em lanchonetes.

Robert Jenkins estava parado junto à registradora. Quando Albert e Bethany entraram, ele disse:

— Pode me dar outro cigarro, Bethany?

— Poxa, o senhor gosta de pedir coisas, hein? — replicou ela, porém em tom cordial.

Tirou seu maço de Marlboro e sacudiu um cigarro para fora. Jenkins o pegou, depois tocou-lhe a mão, quando ela também ofereceu os fósforos.

— Vou usar destes aqui, está bem? — disse.

Havia um recipiente cheio de fósforos de papelão ao lado da registradora, com propaganda da Escola de Comércio LaSalle. PARA NOSSOS AMIGOS SEM FÓSFOROS, dizia um pequeno indicador, junto ao recipiente. Bob apanhou uma carteirinha daqueles fósforos, abriu-a e retirou um fósforo.

— Está bem — respondeu Bethany, — mas por quê?

— É o que vamos descobrir — disse ele.

Jenkins olhou de relance para os outros. Estavam todos parados, em um semicírculo, espiando — todos, exceto Rudy Warwick, que se esgueirara para os fundos da área de servir e inspecionava atentamente o conteúdo da vitrine refrigerada.

Bob riscou o fósforo. Ele deixou uma pequena mancha de substância branca

Bob riscou o fósforo. Ele deixou uma pequena mancha de substância branca sobre a lixa, porém não acendeu. Ele tornou a riscá-lo, com resultado idêntico. Na

terceira tentativa, o fósforo de papelão entortou-se. Aliás, a maior parte da cabeça inflamável já desaparecera.

— Bem, bem... — disse ele, em um tom absolutamente despido de surpresa. —

Talvez estejam molhados. Experimentemos com uma carteirinha do fundo, certo?

Elas devem estar secas.

Remexeu no fundo do recipiente, espalhando para fora uma porção de carteirinhas que estavam no alto, enquanto fazia isso. Para Albert, todas pareciam perfeitamente secas. Atrás dele, Nick e Brian trocaram outro olhar.

Bob pescou mais uma carteirinha de fósforos, retirou um e tentou acendê-lo. Não conseguiu.

— Que droga! — exclamou. — Parece que temos mais um problema. Pode emprestar sua carteira de fósforos, Bethany?

Ela entregou os fósforos, sem uma palavra.

— Espere um momento — disse Nick, em voz lenta. — O que é que você sabe, companheiro.

— Sei apenas que esta situação tem implicações ainda mais vastas do que pensamos inicialmente — disse Bob. Seus olhos eram calmos, porém o rosto tinha uma expressão abatida. — E tenho uma intuição de que todos nós podemos ter cometido um grande erro. Aliás, compreensível, em vista das atuais circunstâncias... mas enquanto não mudarmos nossa maneira de pensar sobre o assunto, creio que não faremos qualquer progresso. Eu diria que se trata de um erro de perspectiva.

Warwick já caminhava de volta em direção a eles. Escolhera um dos sanduíches embalados e uma garrafa de cerveja. Tal aquisição parecia tê-lo alegrado consideravelmente.

— O que está acontecendo, pessoal?

— O que está acontecendo, pessoal?

— Raios me partam se eu sei—disse Brian —, mas não estou gostando nem um pouco!

Bob Jenkins puxou um dos fósforos da carteirinha de Bethany e o riscou. O fósforo acendeu na primeira tentativa.

— Ali! — exclamou ele, e chegou a chama à ponta de seu cigarro.

A fumaça tinha um cheiro incrivelmente estimulante, incrivelmente doce para Brian. Um momento de reflexão sugeriu-lhe um motivo para isso. aquela era a única coisa, com exceção do fraco aroma da loção de barba de Nick Hopewell e do perfume de Laurel, da qual podia sentir o cheiro. Agora que pensava a respeito, Brian percebeu que mal sentia o cheiro do suor de seus companheiros de viagem.

Bob ainda mantinha o fósforo aceso na mão. Então, dobrou para trás o topo da carteirinha que pegara no recipiente, expondo todos os fósforos que continha, e lhes tocou as cabeças com a chama do fósforo aceso. Por um longo momento, nada aconteceu. O escritor passou a chama de um lado para outro, ao longo das cabeças dos fósforos, mas eles continuaram apagados. À volta dele, os outros espiavam, fascinados.

Por fim, houve um anêmico som de fssss!, e alguns dos fósforos explodiram em pálida e momentânea vida. Não chegaram a queimar, foi apenas um clarão fraco e extinguiram-se. Alguns fiapos de fumaça elevaram-se... uma fumaça que parecia não ter qualquer cheiro. Bob olhou para os companheiros e sorriu taciturnamente.

— Inclusive isso — disse —, é mais do que esperei.

— Tudo bem — disse Brian. — Fale-nos a respeito. Sei que...

Nesse momento, Rudy Warwick soltou uma exclamação de aborrecimento.

Dinah deu um gritinho agudo e apertou-se mais contra Laurel. Albert sentiu o coração dar um salto no peito.

Rudy havia desembrulhado seu sanduíche — a Brian, parecia de salame e queijo

— e dera uma boa dentada. Agora ele a cuspia para o chão com uma careta de nojo.

— Está estragado! — exclamou. — Oh, maldição! Que droga!

— Estragado? — disse Bob Jenkins rapidamente. Seus olhos brilhavam como faíscas elétricas azuis. — Oh, eu duvido! Hoje em dia as carnes processadas são tão carregadas de aditivos que só se estragam passando umas oito horas ou mais ao sol quente.

E, pelos relógios, sabemos que a energia elétrica daquela vitrine refrigerada foi interrompida há menos de cinco horas!

— Talvez não — interveio Albert. — O senhor mesmo disse que achava ser mais tarde do que nossos relógios de pulso marcavam.

— Sim, mas não creio que... Aquela vitrine ainda estava gelada, Sr. Warwick?

Quando a abriu, sentiu algum resto de refrigeração?

— Não estava precisamente gelada, mas fresca — disse Rudy. — O sanduíche está uma merda, assim mesmo. Perdoem-me, senhoras. Tome! — Ele estendeu o sanduíche. — Se acha que não está estragado, experimente-o! Bob olhou para o sanduíche, pareceu reunir coragem, e então fez precisamente o sugerido, dando uma pequena dentada na metade intocada. Albert viu uma expressão de repugnância surgir-lhe no rosto, mas ele não rejeitou o que tinha na boca logo em seguida. Mastigou uma... duas vezes... então virou-se e cuspiu dentro da mão. Jogou a dentada meio mastigada do sanduíche no recipiente de lixo, abaixo da prateleira de condimentos, depois fez o mesmo com o resto do sanduíche.

— Não está estragado — disse. — Apenas sem gosto. E não é só isso. Parecia não ter consistência. — Sua boca repuxou-se em uma involuntária expressão de repugnância.

— Falamos sobre coisas que são insossas — arroz branco e batatas cozidas, sem temperos — porém até o alimento mais insosso tem algum sabor, creio eu. O sanduíche, no entanto, não tinha nenhum. Era como mastigar papel. Não é de espantar que o julgasse estragado.

— Estava estragado! — insistiu teimosamente o homem calvo.

— Prove sua cerveja—sugeriu Bob. — Não deve estar ruim. Continua com a tampa, e uma garrafa de cerveja fechada não se estraga, ainda que sem refrigeração.

Rudy olhou pensativamente para a garrafa de Budweiser que tinha na mão, depois abanou a cabeça e a passou para Bob.

— Perdi a vontade de beber cerveja!

Olhou de soslaio para a vitrine refrigerada. Seu olhar era desconfiado, como se achasse que Jenkins lhe houvesse pregado alguma peça desagradável.

— Eu beberia, sendo indispensável—disse Bob — , mas já ofereci meu corpo à ciência certa vez. Alguém mais quer provar esta cerveja? Acho que é muito importante.

— Dê-me aqui — pediu Nick.

— Não — disse Don Gaffney. — Deixe isso comigo. Eu bem que tomaria uma cerveja, por Deus! Já bebi cerveja quente antes e não me dei mal.

Ele pegou a garrafa, girou a tampa de rosca, abriu-a e a levou à boca, pelo gargalo.

Um momento depois, virava-se para um lado e esguichava no chão o gole que tinha sorvido.

— Jesus! — exclamou. — Está choca! Insossa!

— É mesmo? — perguntou Bob com vivacidade. — Isto é ótimo! Formidável!

Alguma coisa que todos podemos ver!

Deu volta ao balcão rapidamente e apanhou um dos copos da prateleira. Gaffney largara a garrafa ao lado da registradora, e Brian observou-a atentamente, quando Bob Jenkins a pegou. Não via espuma alguma colada ao interior do gargalo. Como se contivesse água, pensou.

O que Bob despejou no copo, entretanto, não parecia água, e sim cerveja. Cerveja choca. Não havia nenhum colar espumoso. Algumas bolhas aderiram à parte interna do copo, mas nenhuma delas deslizou através do líquido, em

direção à superfície.

— Muito bem — disse Nick lentamente —, a cerveja está choca. Isto às vezes acontece. A tampa não foi enroscada até o fim, na fabrica, e o gás escapou. Qualquer um descobre uma cerveja choca de vez em quando.

— Sim, mas quando a isso acrescentamos o sanduíche de mortadela sem gosto, é algo sugestivo, não?

— Sugestivo de que? — explodiu Brian.

— Um momento — disse Bob. — Por que não analisarmos primeiro a advertência do Sr. Hopewell? — Virando-se, ele pegou mais copos com ambas as mãos (uns dois caíram da prateleira e estilhaçaram-se no chão) e começou a dispô-Ios ao longo do balcão, com a agilidade de um atendente de bar. — Tragam-me mais cerveja. E uns dois refrigerantes, por falar nisso.

Albert e Bethany foram até a vitrine refrigerada e cada um pegou ao acaso quatro ou cinco garrafas.

— Ele ficou biruta? — perguntou Bethany, em voz baixa.

— Duvido muito — replicou Albert. Ele tinha uma vaga ideia do que o escritor tentava demonstrar-lhes... e não gostava da forma que ela ia assumindo em sua mente. — Lembra-se de quando ele lhe disse para poupar seus fósforos? Sem dúvida já sabia que algo como isto ia acontecer. Daí o motivo de estar tão ansioso em trazer-nos ao restaurante. Queria provar o que dizia.

3

A folha de escalação dos funcionários foi rasgada em três dúzias de tiras estreitas, e os langoliers agora estavam mais próximos.

No íúndo da mente, Craig podia medir a aproximação deles — havia um aumento de pressão.

Um peso insuportável.

Era tempo de ir.

Pegou a arma e a pasta, depois levantou-se e abandonou a sala da segurança.

Caminhava devagar, ensaiando enquanto prosseguia! Não quero atirar em você, mas atirarei, se for preciso. Leve-me a Boston. Não quero atirar em você, mas atirarei, se for preciso. Leve-me a Boston.

— Atirarei se for preciso — murmurou Craig, enquanto caminhava de volta à sala de espera. — Atirarei se for preciso.

Seu dedo encontrou o percussor da arma e o puxou para trás. Na metade da sala, sua atenção foi novamente despertada pela claridade pálida que passava pelas vidraças. Craig se virou naquela direção. Podia senti-los lá fora. Os langoliers. Haviam devorado todas as pessoas imprestáveis e preguiçosas, agora vinham atrás dele.

Tinha que ir para Boston! Era a única maneira que sabia para salvar o que restava de si mesmo... porque a morte deles seria horrível. De fato, a morte deles seria horrível!

Caminhou lentamente até as vidraças e olhou para fora, ignorando — pelo menos no momento — o murmúrio dos demais passageiros às suas costas.

4

Bob Jenkins despejou em seu copo um pouco de cada garrafa. O conteúdo delas estava tão choco quanto aquela primeira cerveja.

— Está convencido? — perguntou a Nick.

— Estou — respondeu Nick. — E se sabe o que está acontecendo por aqui, companheiro, desembuche. Por favor, desembuche!

— Tenho uma ideia—disse Bob. — Não é... receio que não seja muito confortadora, porém sou daqueles que julgam ser o conhecimento sempre melhor — mais seguro — a longo prazo do que a ignorância. Pouco importando quão desalentados nos sintamos ao compreendermos determinados fatos. Isto faz algum sentido?

— Nenhum — respondeu Gaffney prontamente.

Bob deu de ombros e ofereceu um ligeiro e distorcido sorriso.

— Seja como for, continuo sustentando o que expus. E antes que fale mais alguma coisa, quero pedir a todos que dêem uma espiada por este lugar e me digam o que vêem.

Todos olharam em torno, concentrando-se tão atentamente no pequeno amontoado de mesas e cadeiras que ninguém percebeu Craig Toomy, parado no lado mais distante da sala de espera, de costas para eles, contemplando o concreto lá fora.

— Nada—disse Laurel por fim. — Lamento, mas não vejo coisa alguma de anormal.

Seus olhos devem ser mais aguçados do que os meus, Sr. Jenkins.

— Nem um pouquinho, porque vejo a mesma coisa: nada. No entanto, os aeroportos funcionam durante vinte e quatro horas por dia. Quando esta coisa — este Evento — aconteceu, provavelmente foi no período menos movimentado de seu ciclo de vinte e quatro horas, mas ainda custo a crer que não houvesse pelo menos algumas pessoas aqui, bebendo café e talvez fazendo um breakfast mais cedo. Os homens de manutenção dos aviões. O pessoal do aeroporto. Talvez um

cedo. Os homens de manutenção dos aviões. O pessoal do aeroporto. Talvez um punhado de passageiros, à espera de baldeação para outra aeronave, que preferiram economizar dinheiro passando no terminal as horas entre meia-noite e seis ou sete da manhã, em vez de em algum hotel próximo. Assim que passei por aquela esteira rolante das bagagens e espiei em torno, senti-me inteiramente deslocado. Por quê? Ora, porque aeroportos nunca ficam inteiramente desertos, da mesma forma que os postos policiais e de bombeiros. Agora, tomem a olhar e façam a si mesmos esta pergunta: onde estão as refeições consumidas a meio, os copos contendo restos de bebida? Lembram-se do carrinho de bebidas no avião, com os copos sujos na prateleira inferior? Lembram-se do pastelão comido a meio e da xícara de café ainda pela metade, ao lado do assento do piloto, na cabina de comando? Não há nada disso por aqui. Onde encontramos o menor indício de que aqui havia gente, quando ocorreu este Evento?

Albert tornou a espiar em torno, e então disse lentamente:

— Não há nenhum cachimbo na coberta de proa, certo?

Bob olhou atentamente para ele.

— Como? O que foi que disse, Albert?

— Quando estávamos no avião — disse Albert em voz lenta, — fiquei pensando naquele navio a vela sobre o qual li certa vez. Era chamado Mary Celeste, e alguém o localizou, flutuando sem destino. Bem... não estava realmente flutuando, imagino, porque, segundo o livro, as velas se encontravam içadas. No entanto, quando as pessoas que descobriram o navio subiram a bordo e não encontraram ninguém.

Todos do Mary Celeste tinham desaparecido. Não obstante, seus pertences continuavam lá e havia alimentos cozinhando no fogão. Alguém, inclusive, encontrou um cachimbo na coberta de proa. Ainda estava aceso.

— Bravo! — exclamou Bob, quase febrilmente.

Todos agora olhavam para ele, de maneira que ninguém viu Craig aproximando-se. A arma que ele encontrara não apontava mais para o chão.

— Bravo, Albert! Você disse tudo! Houve também outro desaparecimento famoso — toda uma colônia de pessoas estabelecidas em um lugar chamado Roanoke Island... ao largo da costa da Carolina do Norte, creio eu.

Desapareceram todos, mas deixaram para trás restos de fogueiras, casas em desordem e objetos pessoais. Agora, Albert, dê mais um passo à frente. Diga-me uma coisa: em que mais este terminal difere de nosso avião?

Por um momento Albert não soube o que pensar, mas então a compreensão brilhou em seus olhos.

— Os anéis! — gritou. — As bolsas! As carteiras de notas! O dinheiro! Os pinos cirúrgicos! Por aqui não há nada disso!

— Correto — disse Bob suavemente. — Cem por cento correto. Como disse, por aqui não há nada disso. No entanto, havia no avião, quando nós, os sobreviventes, despertamos, não foi? Havia até mesmo uma xícara de café e um pastelão meio comido, na cabina de comando. O equivalente e um cachimbo aceso, encontrado na coberta de proa.

— Em sua opinião, voamos para outra dimensão, não é isso? — perguntou Albert, em voz atemorizada. — Como em uma história de ficção científica!

Dinah tinha a cabeça virada de lado, e por um momento mostrou uma forte semelhança com Nipper, o cão nas antigas etiquetas da RCA Victor.

— Não — disse Bob. — O que eu acho...

— Cuidado! — exclamou Dinah bruscamente. — Ouvi um...

Seu aviso chegou tarde. Assim que Craig Toomy venceu a paralisia que o dominava e começou a mover-se, agiu depressa. Antes que Nick ou Brian pudessem fazer algo mais do que dar meia-volta, ele havia passado um braço em torno da garganta de Bethany e a forçava a recuar. Tinha a arma apontada para a têmpora da jovem. Ela soltou um grito desesperado, repleto de terror.

— Não quero atirar nela, mas atirarei se for preciso — arquejou Craig. — Leve-me para Boston! — Seus olhos não estavam mais alheados; viravam-se para todos os lados, repletos de aterrorizante e paranóica inteligência. — Ouviu o que eu disse? Leve-me para Boston!

Brian começou a caminhar para ele, mas Nick pousou a mão contra seu peito, sem desviar os olhos de Craig.

— Fique frio, companheiro — disse em voz baixa. — Não seria seguro. Nosso

— Fique frio, companheiro — disse em voz baixa. — Não seria seguro. Nosso amigo aqui está totalmente louco.

Bethany contorcia-se, presa pelo antebraço de Craig.

— Está me sufocando! Por favor, pare de sufocar-me!

— O que está acontecendo? — perguntou Dinah. — O que foi?

— Pare com isso! — gritou Craig para Bethanny. — Pare de contorcer-se! Acabará obrigando-me a fazer algo que não quero!

Ele pressionou o cano da arma contra o lado da cabeça da jovem. Ela continuou a lutar e, de repente, Albert percebeu que Bethany ignorava a existência da arma — ignorava-a, mesmo estando pressionada contra sua cabeça.

— Pare com isto, garota! — disse Nick bruscamente. — Parede lutar!

Pela primeira em sua vida desperta, Albert se viu não apenas raciocinando como o Judeu do Arizona, mas possivelmente levado a agir como o lendário personagem.

Sem afastar os olhos do lunático de camisa de malha, começou a erguer lentamente o estojo de seu violino. Deixou de segurá-lo pela alça e, com as duas mãos, aferrou-o pela parte mais estreita. Toomy não olhava para ele; seus olhos passavam rapidamente de Brian para Nick e vice-versa, e tinha as duas mãos ocupadas — literalmente — em conter Bethany.

— Não quero atirar nela... — começava Craig a repetir.

Então, seu braço deslizou para cima, quando a jovem corcoveava contra ele, e a puxou para trás, prendendo-a bem junto ao corpo. Imediatamente, Bethany afundou os dentes no pulso dele.

— Ai! gritou Craig. -AIII!

A pressão de seu braço afrouxou, e Bethany mergulhou por baixo dele. Albert saltou para diante, erguendo o estojo do violino, no momento em que Craig apontou a arma para Bethany. Seu rosto estava crispado em uma careta de dor e de fúria.

— Não, Albert! — bradou Nick

— Não, Albert!. — bradou Nick.

Craig Toomy percebeu o que Albert pretendia e virou para ele o cano da arma.

Por um momento, Albert se viu olhando diretamente para o orifício do cano do revólver, o que não tinha a menor semelhança com seus sonhos ou fantasias. Fitar aquele orifício era como fitar uma sepultura aberta.

Talvez eu tenha cometido um erro agindo assim, pensou, e então Craig puxou o gatilho.

5

Ao invés de uma explosão, houve apenas um leve estouro — o som de um velho rifle Daisy de ar comprimido, nada mais. Albert sentiu que algo se chocava contra o peito de sua camiseta com a inscrição “Hard Rock Cafe”, teve tempo de perceber que fora alvejado, e então deixou o estojo do violino desabar sobre a cabeça de Craig. Houve um baque firme, cuja vibração lhe subiu pelos braços acima e, em sua mente, surgiu de repente a voz indignada de seu pai: O que há com você, Albert? Não é assim que se trata um valioso instrumento musical!

Ouviu-se um sobressaltante broinc! dentro do estojo quando o violino saltou com a violência do golpe. Um dos enormes fechos de latão enterrou-se na fronte de Toomy, e o sangue esguichou para diante, em surpreendente jato. Em seguida, os joelhos do homem pareceram afrouxar-se, e ele tombou à frente de Albert, como um elevador expresso. Os olhos de Craig reviraram-se nas órbitas, mostrando as escleróticas brancas, antes de ele perder os sentidos, caído no chão, aos pés de Albert.

Um louco, mas de certa forma admirável pensamento, inundou a mente de Albert por um momento: Por Deus, nunca toquei melhor na vida! Então, percebeu que não conseguia mais conter a respiração. Virou-se para os outros, os cantos da boca erguendo-se em um sorriso ligeiramente confuso, de lábios finos.

— Acho que me ferraram — disse Ace Kaussner.

Enquanto falava, o mundo desbotou para tonalidades acinzentadas e seus próprios joelhos ficaram frouxos. Ele caiu enovelado no chão, em cima do estojo do violino.

6

Albert ficou sem sentidos por menos de trinta segundos. Quando voltou a si, Brian lhe batia levemente nas faces, parecendo ansioso. Bethany estava ajoelhada ao seu lado, fitando-o com brilhantes olhos de “meu herói”. Atrás dela, Dinah Bellman ainda chorava, dentro do círculo dos braços de Laurel. Albert olhou para Bethany e sentiu o coração — aparentemente ainda inteiro — expandir-se no peito.

— O Judeu do Arizona ataca novamente — murmurou.

— O que disse, Albert? — perguntou ela.

Ao mesmo tempo, afagava-lhe o queixo. Tinha uma mão maravilhosamente macia, maravilhosamente fresca. Albert decidiu que estava apaixonado.

— Nada — disse, e então o piloto tornou a dar-lhe um leve tapa no rosto.

— Você está bem, garoto? — perguntava Brian. — Está bem?

— Acho que sim — respondeu Albert. — Pare com isso, certo? E o nome é Albert.

Ace, para os amigos. Fiquei muito ferido? Ainda não estou sentindo nada. Vocês conseguiram estancar o sangramento?

Nick Hopewell agachou-se ao lado de Bethany. Havia um sorriso divertido e incrédulo em seu rosto.

— Acho que você vai viver, companheiro.Jamais vi nada parecido na vida... e olhe que já vi muito. Vocês, americanos, são tão tolos que a gente não pode deixar de apreciá-los. Estenda a mão e lhe darei um souvenir.

Albert estendeu uma mão que tremia descontroladamente pela reação, e Nick deixou cair algo nela. Albért aproximou a mão do rosto e viu que era uma bala.

— Apanhei-a no chão — disse Nick. — Nem mesmo ficou deformada. Deve tê-lo

atingido em pleno peito — há uma ligeira marca de pólvora em sua camiseta —

e então ricocheteou. Um tiro falho. Deus deve gostar de você, companheiro.

— Eu estava pensando nos fósforos — disse Albert, em voz fraca. — Mais ou menos, achava que o tiro ia falhar.

— Foi muita coragem, mas também muita temeridade de sua parte, meu rapaz — disse Bob Jenkins. O rosto dele estava lívido e parecia prestes a desmaiar em poucos momentos. — Jamais acredite no que diz um escritor. Ouça o que dizem, claro, mas nunca acredite neles. Meu Deus, e se eu estivesse enganado?

— Quase esteve — disse Brian. Ajudou Albert a levantar-se. — Foi quando acendeu os outros fósforos — aqueles do recipiente. Houve explosão suficiente para a bala ser expelida pelo cano. Uma explosão pouco mais intensa, e agora Albert teria uma bala no pulmão!

Uma nova onda de estonteamento invadiu Albert. Ele oscilou sobre as pernas e, imediatamente, Bethany passou um braço por sua cintura.

— Achei que foi um ato de muita coragem — disse ela, fitando-o como se acreditasse que Albert Kaussner evacuasse diamantes através de um ânus de platina.

— Quero dizer, foi incrível!

— Obrigado — disse Ace, sorrindo friamente (embora algo aturdido). — Não foi grande coisa...

O hebreu mais rápido a oeste do Mississípi percebia haver uma grande porção da jovem apertada estreitamente contra ele, e também que ela tinha um cheiro deliciosamente bom. De repente, ele se sentiu bem. Em verdade, acreditava que nunca se sentira melhor na vida. Lembrou-se então de seu violino, inclinou-se e recolheu o estojo. Havia uma funda amolgadura em um dos lados e um dos fechos se soltara.

Albert notou que havia sangue e cabelos aderidos ali, o que fez seu estômago revoltar-se preguiçosamente. Abriu o estojo e examinou o interior. O instrumento parecia em bom estado, e ele deixou escapar um leve suspiro.

Então, pensou em Craig Toomy, o alívio transformou-se em alarme.

— Ouçam, eu não matei aquele cara, matei? Acho que bati nele com força

— Ouçam, eu não matei aquele cara, matei? Acho que bati nele com força demais...

Olhou para Craig caído perto da porta do restaurante, com Don Gaffney ajoelhado junto dele. De repente, Albert teve a sensação de que ia desmaiar outra vez.

Havia uma boa porção de sangue no rosto e na testa do homem caído.

— Ele está vivo — disse Don — , mas perdeu os sentidos num piscar de olhos.

Albert, que em sonhos havia apagado mais cabeças duras do que o Homem Sem Nome, sentiu-se nauseado.

— Céus, mas há tanto sangue!

— Não quer dizer nada — replicou Nick. — Ferimentos no couro cabeludo tendem a sangrar muito. — Abaixou-se perto de Don, pegou o punho de Craig e sentiu a pulsação. — É bom lembrar que ele tinha uma arma apontada para a cabeça dessa jovem, companheiro. Se tivesse puxado o gatilho à queima-roupa, bem poderia ter acabado com ela. Lembra-se do ator que se matou com uma carga de festim, faz alguns anos? O Sr. Toomy estava procurando o que recebeu; foi absolutamente merecido. Não se preocupe.

Nick soltou o pulso de Craig e levantou-se.

— Por outro lado — disse, puxando um bom punhado de guardanapos de papel no porta-guardanapos sobre uma das mesas —, o pulso dele está firme e regular. Penso que acordará dentro de alguns minutos com apenas uma forte dor de cabeça.

Também penso que devemos ter a prudência de tomar certas precauções contra esse feliz evento. Sr. Gaffney, aquelas mesas lá adiante, perto do bar, parecem equipadas com toalhas — curioso, mas verdadeiro. Poderia pegar umas duas toalhas? Acho conveniente amarrarmos as mãos do Sr. Tenho-Que-Ir-a-Boston às suas costas.

— Tem mesmo que fazer isso? — perguntou Laurel em voz baixa. — Afinal, o homem está inconsciente, perdendo sangue!

Nick pressionou a improvisada compressa de guardanapos contra o ferimento na

testa de Toomy, e então ergueu os olhos para ela.

— Você é Laurel, certo?

— Certo.

— Bem, Laurel, não vamos dourar a pílula. Este sujeito é lunático. Não sei se ficou assim em resultado de nossa atual aventura ou se já cresceu biruta, mas sei que ele é perigoso. Teria agarrado Dinah em vez de Bethany, se a menina estivesse mais próxima. Deixando-o solto, ele poderá repetir a dose a qualquer momento.

Craig grunhiu e agitou as mãos fracamente. Bob Jenkins recuou de junto dele no momento em que o viu começando a mover-se, embora o revólver agora estivesse enfiado em segurança na cintura de Brian Engle. Laurel recuou também, puxando Dinah consigo.

— Alguém está morto? — perguntou nervosamente a menina. — Ninguém morreu, não é?

— Isso mesmo, meu bem. Ninguém morreu.

— Eu devia tê-lo ouvido mais cedo, mas queria ouvir aquele homem que fala como um professor.

— Está tudo bem — disse Laurel. — Tudo terminou bem, Dinah.

Em seguida, Laurel olhou em torno do terminal vazio e foi como se as próprias palavras tivessem zombado dela. Nada estava bem ali. De maneira nenhuma!

Don voltou com uma toalha de xadrez vermelho e branco em cada uma das mãos.

— Formidável — disse Nick.

Pegou uma delas e a torceu em uma corda, rápida e habilmente. Colocou o centro daquela espécie de corda na boca, apertando os dentes sobre ela, para impedir que se desenrolasse, e então usou as mãos para virar o homem caído, como se ele fosse uma omelete.

Craig gritou, e suas pálpebras tremularam.

— Precisa ser tão rude? — acusou Laurel bruscamente.

Nick a fitou por um instante, e ela imediatamente baixou os olhos. Era impossível não deixar de comparar os olhos de Nick Hopewell aos de Darren Crosby, nos retratos que este lhe enviara. Bem espaçados, olhos claros em um rosto atraente — embora sem nada de extraordinário. Entretanto, os olhos de Darren também nada possuíam de extraordinário, certo? No entanto, antes de mais nada, não haviam sido os olhos dele — talvez em grande parte — que a tinham impelido a fazer esta viagem? Após uma grande dose de atenta observação, ela não decidira serem aqueles os olhos de um homem que saberia comportar-se? Um homem que recuaria, se lhe fosse dito para recuar?

Laurel embarcara no Voo 29 dizendo para si mesma que aquela seria a sua grande aventura, seu extravagante e pessoal tango-com-romance — um impulsivo salto transcontinental para os braços do estranho moreno e alto. Entretanto, por vezes as pessoas se descobrem em uma daquelas fastidiosas situações em que a verdade não pode ser mais evitada, e Laurel admitia que a verdade seria esta: escolhera Darren Crosby porque suas fotos e cartas lhe diziam que ele não diferia muito dos rapazes e homens plácidos com quem estivera saindo desde os quinze anos mais ou menos, rapazes e homens que aprenderiam rapidamente a limpar os pés no capacho antes de entrarem em casa durante noite chuvosas, rapazes e homens que pediriam uma toalha para ajudar com os pratos sem serem solicitados a isso, rapazes e homens que a deixariam em paz se lhes dissesse que fossem embora em um tom de voz com a suficiente brusquidão.

Teria estado no Voo 29 esta noite se as fotos houvessem mostrado os olhos azul-escuros de Nick Hopewell, em vez dos castanho-claros de Darren? Ela achava que não. Admitiu que escreveria a ele uma nota gentil, mas bastante impessoal — Obrigada por sua resposta e sua foto, Sr. Hopewell mas não creio que tenhamos sido feitos um para o outro — e continuaria procurando um homem como Darren.

E, claro está, duvidava muito que homens como o Sr. Hopewell se dessem ao trabalho de ler as revistas para corações solitários, quanto mais colocarem anúncios em suas colunas de classificados pessoais. Enfim, fosse como fosse, agora estava ali com ele, vivendo uma tão estranha situação.

Bem... quisera ter uma aventura, apenas uma aventura, antes que a meia-idade se

instalasse para sempre. Não era verdade? Sim, era. E agora estava ali, provando que Tolkien tinha razão — saíra de sua porta na noite anterior, da mesma forma de sempre, e onde tudo terminara? Naquela singular e terrível versão do Mundo da Fantasia. Afinal, sempre era uma aventura. Pousos de emergência... aeroportos abandonados... um lunático com uma arma. Claro que era uma aventura. Algo que tinha lido anos antes brotou de chofre em sua mente. Seja cauteloso com o que pede em suas orações, porque pode acabar recebendo.

Como era verdadeiro!

E como era confuso!

Não havia confusão nos olhos de Nick Hopewell... mas tampouco havia piedade.

Eles a deixavam trêmula, e nisto nada havia de romântico.

Tem certeza? Sussurrou uma voz, mas Laurel a calou prontamente.

Nick puxou as mãos de Craig de sob o corpo dele, em seguida juntando os pulsos no final das costas. Craig tornou a grunhir, agora mais alto, também começando a debater-se fracamente.

Vamos com calma agora, meu bom e velho companheiro — disse Nick, em voz tranquilizadora. Passou duas vezes a toalha de mesa em torno da parte inferior dos antebraços de Craig e amarrou com firmeza. Os cotovelos de Craig agitaram-se quando ele emitiu um grito estranho e fraco. — Pronto! exclamou Nick, levantando-se. — Embalado tão direitinho, como um peru de Natal! Temos até uma toalha sobressalente, se houver necessidade. — Sentando-se na borda de uma das mesas, olhou para Bob Jenkins. — E agora, o que ia dizendo, quando fomos tão rudemente interrompidos?

Bob olhou para ele, aparvalhado e incrédulo.

— Como?

— Prossiga — disse Nick. Ele poderia ter sido um atento apreciador de conferências, em vez de um homem sentado sobre uma mesa de restaurante de um aeroporto deserto, com os pés plantados ao lado de um homem abatido, jazendo em uma poça do próprio sangue. — Estava precisamente naquela parte sobre o Voo 29 ser semelhante ao caso do Mary Celeste. Um conceito

interessante, esse.

— E quer que eu... simplesmente continue? — perguntou Bob, sem acreditar. —

Como se nada tivesse acontecido?

— Deixem-me levantar! — gritou Craig. Suas palavras saíam ligeiramente amortecidas pelo rijo acarpetado industrial do piso do restaurante, mas ele ainda parecia com notável vigor, para quem fora nocauteado com um estojo de violino pouco tempo antes. — Deixem-me levantar, imediatamente! Exijo que vocês...

Nick então fez algo que chocou todos eles, inclusive os que o tinham visto torcer o nariz de Craig como se fosse uma torneira de banheira. Deu um chute curto e forte nas costelas de Craig. Abrandou-o no último instante... mas não muito. Craig soltou um grunhido de dor e calou-se.

— Comece novamente, companheiro, e quebro-lhe as costelas! — disse Nick, com ar carrancudo. — Minha paciência com você esgotou-se!

— Ei! — exclamou Gaffney, perplexo. — O que fez a esse f...

— Escutem todos vocês! disse Nick, olhando em torno; sua voz vibrava de raiva e urgência. Pela primeira vez a superficialidade urbana desaparecera inteiramente. —

Abram os olhos, acordem, homens e mulheres, e não tenho tempo para ser delicado.

Essa garotinha — Dinah — diz que estamos em sério risco neste lugar, e acredito nela.

Ela diz ouvir alguma coisa, algo que pode estar vindo ao nosso encontro, e também acredito nisso. Não ouvi uma só maldita coisa, porém meus nervos estão saltando como gordura na chapa quente, e estou acostumado a ficar atento quando eles saltam desta maneira. Penso que alguma coisa está vindo, e não creio que essa coisa irá tentar vender-nos acessórios para aspiradores de pó ou o mais novo plano de seguros quando chegar aqui. Pois muito bem: podemos emitir todos os ruídos civilizados apropriados a respeito deste maldito louco ou podemos tentar compreender o que aconteceu conosco. A compreensão disto talvez não salve nossas vidas, mas estou ficando rapidamente convencido de que sua falta pode terminar com elas, e bem depressa. —Seus olhos desviaram-se

sua falta pode terminar com elas, e bem depressa. — Seus olhos desviaram-se para Dinah. — Diga se acredita que estou errado, Dinah! Aceitarei o que você disser, e com satisfação.

— Não quero que o senhor machuque o Sr. Toomy, mas também não acho que esteja errado — disse Dinah, em um trêmulo fio de voz.

— Tudo bem — disse Nick. — Foi justa. Vou esforçar-me ao máximo para não machucá-lo outra vez... mas não prometo. Comecemos por um conceito muito simples. Este sujeito que amarrei...

— Toomy — interrompeu Brian. — O nome dele é Craig Toomy.

— Certo. O Sr. Toomy é louco. Talvez, se descobrirmos o caminho para nosso lugar adequado ou se encontrarmos o lugar para onde foram todas as pessoas, possamos conseguir alguma ajuda para ele. No momento presente, entretanto, só poderemos ajudá-lo aposentando-o do serviço ativo — o que já fiz, com a generosa, se bem que imprudente, ajuda de Albert — e retornando à nossa atividade corrente.

Alguém opina de maneira contrária?

Não houve resposta. Os outros passageiros que tinham estado a bordo do Voo 29 olharam constrangidos para Nick.

— Muito bem — disse Nick. — Por favor, prossiga, Sr. Jenkins.

— Eu... eu não estou acostumado a... — Bob fazia um visível esforço para controlar-se. — Nos livros, suponho que já matei pessoas suficientes para ocuparem todos os assentos do avião que nos trouxe até aqui, porém o que acabou de acontecer é o primeiro ato de violência que já testemunhei pessoalmente. Lamento se me... hum... comportei tão mal.

— Acho que se comportou muito bem, Sr. Jenkins — disse Dinah. — E eu também gosto de ouvi-lo. Faz com que me sinta melhor.

Bob olhou gratamente para ela e sorriu.

— Obrigado, Dinah.

Enfiando as mãos nos bolsos, ele lançou um olhar preocupado para Craig Toomy, depois fitou o espaço além deles, através da sala de espera vazia.

Toomy, depois fitou o espaço além deles, através da sala de espera vazia.

— Creio ter mencionado uma falácia central em nosso pensamento — disse por fim. — É a seguinte: todos presumimos, quando começamos a captar as dimensões deste Evento, que alguma coisa tinha acontecido ao resto do mundo. É fácil compreender-se tal suposição, posto que todos nos encontramos bem, ao passo que os demais — incluindo-se aqueles outros passageiros com quem embarcamos no Los Angeles Internacional — parecem ter desaparecido. Entretanto, a evidência diante de nós não confirma a suposição. O que aconteceu, aconteceu conosco e conosco apenas. Estou convencido de que o mundo, como sempre o conhecemos, continua funcionando da mesma forma como sempre funcionou.

"Somos nós — os passageiros desaparecidos e os onze sobreviventes do Voo 29 — que estamos perdidos."

7

— Talvez eu seja imbecil, porque não entendo aonde quer chegar — disse Rudy Warwick, após um momento.

— Eu também não entendi — acrescentou Laurel.

— Mencionamos dois desaparecimentos famosos — disse Bob, em voz calma.

Agora, até Craig parecia estar ouvindo... pelo menos, havia parado de forcejar.
— Um deles, o caso do Mary Celeste, teve lugar no mar. O segundo caso, o da Ilha Roanoke, teve lugar perto do mar. Eles não são os únicos, aliás. Posso pensar em pelo menos dois outros, envolvendo a navegação aérea: o desaparecimento da aviadora Amelia Earhart, acima do oceano Pacífico, e o desaparecimento de vários aviões da Marinha, naquela parte do Atlântico conhecida como Triângulo das Bermudas. Acredito que isso tenha ocorrido em 1945 ou 46. Houve uma espécie de transmissão truncada do piloto do avião líder, e imediatamente foram enviados aviões de socorro de uma base aérea na Flórida. Entretanto, jamais foi encontrado o menor traço dos aviões ou suas tripulações.

— Ouvi falar no caso — disse Nick. — Creio que se tornou a base para a infamante reputação do Triângulo.

— Não. Já houve muitos navios e aviões perdidos nessa região — interveio Albert. — Li um livro de Charles Berlitz a respeito. Muito interessante. — Ele olhou em torno.

— Apenas nunca pensei que eu faria parte de um caso, se entendem o que quero dizer.

Jenkins falou:

— Ignoro se alguma aeronave já desapareceu acima dos Estados Unidos, de sua parte continental, quero dizer, mas...

— Aconteceu inúmeras vezes com aviões de pequeno porte — declarou Brian —, e uma delas há cerca de trinta e cinco anos, envolveu um avião comercial de passageiros. Havia cerca de cem pessoas a bordo. Foi em 1955 ou 56, creio. O avião era TWA ou Monarch, não me lembro bem. Voava de São Francisco para

avião era TWA ou Monarch, não me lembro bem. Voava de São Francisco para Denver. O piloto fez contato pelo rádio com a torre de Reno — pura rotina — e nunca mais se soube do avião. Houve buscas, naturalmente, mas... deram em nada.

Brian viu que todos olhavam para ele com uma espécie de aterrorizada fascinação, e riu, pouco à vontade.

— Histórias de fantasmas dos pilotos — disse, com uma nota de desculpa na voz.

— Parece uma legenda para um cartum de Gary Larson.

— Eu apostaria que todos eles atravessaram — murmurou o escritor. Começara novamente a esfregar o lado do rosto com a mão. Parecia angustiado — quase aterrorizado. — A menos que fossem encontrados corpos...?

— Por favor, diga-nos o que sabe ou o que imagina saber! — pediu Laurel. — O efeito desta... desta coisa... parece sufocar uma pessoa. Se eu não conseguir algumas respostas logo, acho que poderão amarrar-me e colocar-me ao lado do Sr. Toomy.

— Não tenha tanta esperança — disse Craig, falando com nitidez, embora obscuramente.

Bob dirigiu-lhe outro constrangido olhar, e então pareceu passar seus pensamentos em revista:

— Não há bagunça aqui, mas há bagunça no avião. Não há eletricidade aqui, mas há eletricidade no avião. Isto não é conclusivo, claro — o avião possui seu próprio suprimento autônomo de energia, ao passo que a eletricidade daqui deve provir de alguma central elétrica, em algum lugar. Entretanto, consideremos os fósforos.

Bethany estava no avião, e, lá, seus fósforos funcionavam perfeitamente. Aqueles que apanhei aqui, no recipiente, não acenderam. A arma em poder do Sr. Toomy —

certamente recolhida na sala da segurança — mal disparou. Acho que, se alguém tentar uma lanterna elétrica, movida a pilhas, verá que ela também não funcionara.

Ou que, se funcionar, não funcionaria por muito tempo.

— Tem razão — disse Nick. — E não precisamos encontrar uma lanterna para provar sua teoria. — Ele apontou para cima. Havia uma iluminação de emergência montada sobre a parede atrás da grelha da cozinha. Estava tão apagada quanto as luzes do teto.

— Aquilo funciona por meio de pilhas — prosseguiu Nick. — Um solenoide sensível à luz o acende quando a energia elétrica falha. Aqui dentro está sombrio o bastante para que aquela coisa entrasse em funcionamento, porém tal não aconteceu. Isto significa que o circuito do solenoide falhou ou que a pilha está gasta.

— Suspeito das duas coisas — disse Bob Jenkins. Caminhou lentamente até a porta do restaurante e espiou para fora. — Encontramo-nos em um mundo que parece estar integral, mas ele é também um mundo que parece quase exaurido. As bebidas gasosas estão chocas. O alimento é insosso. O ar é inodoro. Nós ainda espargimos cheiros — posso sentir o perfume de Laurel e a loção de barba do comandante, por exemplo — porém tudo o mais parece ter perdido seu odor.

Albert pegou um dos copos com cerveja e o cheirou vigorosamente. Havia algum cheiro, decidiu ele, porém era muito, muito fraco. Uma pétala de flor, pressionada durante muitos anos entre as páginas de um livro, desprenderia a mesma remota lembrança de perfume.

— Tudo isto é válido também para os sons — continuou Bob. — São lineares, unidimensionais, absolutamente sem ressonância.

Laurel pensou no som surdo de seus saltos altos sobre o cimento e na falta de eco, quando o Comandante Engle pusera as mãos em torno da boca e gritara da escada rolante, chamando o Sr. Toomy.

— Posso pedir-lhe que toque alguma coisa em seu violino, Albert? — disse Bob.

Albert olhou de relance para Bethany. Ela sorriu e assentiu.

— Tudo bem. Claro que posso tocar. Aliás, estou mesmo curioso para saber como soará, depois que... — Seus olhos se voltaram brevemente para Craig Toomy. — Vocês sabem.

Abriu o estojo, fazendo uma careta quando seus dedos tocaram o fecho que abrira o ferimento na testa de Craig Toomy, e retirou seui violino. Acariciou-o de leve, depois pegou o arco com a mão direita e ajeitou o instrumento sob o queixo. Ficou parado um instante, pensando. Qual seria o tipo de música mais adequado a este estranho novo mundo, onde telefones não retiniam e cães não ladravam? Ralph Vaughan Williams? Stravinski? Mozart? Dvorak, talvez? Não. Nenhum deles era apropriado. Então, surgiu-lhe a inspiração, e ele começou a tocar “Alguém na Cozinha com Dinah”.

A melodia ia em meio, quando o arco vacilou e parou.

— Acho que, afinal de contas, você danificou seu violino quando bateu nesse sujeito com ele — comentou Don Gaffney. — Dá a impressão de estar recheado de algodão em pasta.

— Não — disse Albert lentamente. — Meu violino está perfeitamente bem. Posso ter certeza, apenas pela sensação que me transmite, pela ação das cordas sob meus dedos... porém há mais alguma coisa. Chegue até aqui, Sr. Gaffney. — Gaffney aproximou-se, ficou ao lado de Albert. — Agora, chegue bem perto de meu violino, o mais que puder. Não... não tão perto; eu terminaria acertando seu olho com o arco.

Aí! Bem aí! Ouça novamente.

Albert começou a tocar, cantando a melodia mentalmente, como costumava fazer, ao tocar aquela música batida e caipira, mas permanentemente alegre: Canta, rabequinha-nha-a i-oh,

Ra-rabequinha-nha-ai-oh-oh-oh-oh,

Ra-rabequinha-nha-ai-oh,

Nas cordas do velho banjo !

— Notou a diferença? — perguntou ele, quando terminou.

— De perto, o som pareceu bem melhor, se é o que quer dizer — falou Gaffney.

Estava olhando para Albert com sincero respeito: — Você toca muito bem, garoto!

Albert sorriu para Gaffney, porém suas palavras foram realmente dirigidas a Bethany:

— Às vezes, quando tenho certeza de que meu professor de música não está por perto, toco canções do velho Led Zeppelin — disse ele. — É um negócio que realmente fica bem no violino. Quem ouvisse ficaria surpreso. — Albert olhou para Bob. — De qualquer modo, isto se ajusta ao que o senhor dizia. Quanto mais perto, melhor o som do violino. É o ar que está errado, não o instrumento. Ele não conduz os sons da maneira como deveria, e o que vale para os sons vale também para o gosto da cerveja.

— Choca — disse Brian.

Albert assentiu.

— Obrigado, Albert — disse Bob.

— Não foi nada. Posso guardá-lo agora?

— Naturalmente. — Bob continuou, enquanto Albert tomava a guardar o violino no estojo, usando depois um guardanapo para limpar o fecho estragado e seus dedos.

— Sabor e som não são os únicos elementos desequilibrados na situação em que nos achamos. Vejam as nuvens, por exemplo.

— O que há com as nuvens? — perguntou Rudy Warwick.

— Elas não se moveram desde que chegamos, e creio que não irão mover-se.

Suponho que os padrões de tempo com os quais estamos acostumados a viver, se não pararam, estão ficando sem corda, como um antigo relógio de bolso.

Bob fez uma pausa por um momento. De repente, pareceu velho, indefeso e amedrontado.

— Como diria o Sr. Hopewell, não tornemos isto uma conclusão. Tudo aqui parece errado. Dinah, cujos sentidos — incluindo-se aquele vago e singular que denominamos sexto sentido — são mais desenvolvidos do que os nossos, talvez tenha percebido esse desajustamento com mais intensidade, porém creio que todos o percebemos, em certa dose. Simplesmente, aqui as coisas estão erradas

todos o percebemos, em certa dose. Simplesmente, aqui as coisas estão erradas.

— E agora, chegamos ao ponto central da questão.

Bob virou-se para encará-los.

— Não faz quinze minutos, eu disse achar que estava na hora do almoço. Agora, tenho a sensação de ser muito mais tarde. Três, talvez quatro horas da tarde. Não é pelo breakfast que meu estômago está roncando neste exato momento; ele quer o chá do entardecer. Tenho a terrível impressão de que, lá fora, pode começar a escurecer, enquanto nossos relógios marcam quinze para as dez da manhã.

— Vá direto ao assunto, companheiro — pediu Nick.

— Creio ser algo relacionado a tempo—disse Bob, em voz baixa. — Nada a respeito de dimensão, conforme sugeriu Albert, mas a respeito de tempo. E supondo-se que, de vez em quando, surja um buraco na corrente do tempo? Não uma distorção de tempo, mas um rasgão no tempo. Um rasgão no tecido temporal?

— Essa é a droga mais doida que já ouvi! — exclamou Gaffney.

— Amém! — secundou Craig Tommy, de seu lugar no chão.

— Não creio — replicou Bob rispidamente. — Se deseja uma droga doida, pense em como soava o violino de Albert, quando o senhor estava parado a dois metros dele.

Ou olhe à sua volta, Sr. Gaffney! Dê apenas uma olhada à sua volta! O que está acontecendo a nós... isso em que fomos envolvidos... isso é droga doida!

Don franziu o cenho e enfiou as mãos mais fundo nos bolsos.

— Continue — disse Brian.

— Muito bem. Não estou afirmando que sou o dono da verdade; apenas procuro oferecer uma hipótese que se ajuste à situação em que nos vemos agora. Digamos que tais rasgões no tecido do tempo surgem de vez em quando, mas principalmente acima de áreas não habitadas... com isto referindo-me ao oceano, é claro. Não sei dizer por que teria de ser assim, mas continua sendo uma suposição lógica, uma vez que é onde a maioria de tais desaparecimentos parece ocorrer.

ocorrer.

— Os padrões da meteorologia sobre a água quase sempre diferem daqueles sobre grandes massas de terra — disse Brian. — Sua hipótese pode estar correta.

Bob assentiu.

— Correta ou não, toma-se uma boa maneira de analisar-se a situação, pois a situa em um contexto que nos é familiar. Isto poderia ser idêntico a fenômenos meteorológicos raros, às vezes relatados; tornados de cabeça para baixo, arco-íris circulares, céu estrelado durante o dia. Esses rasgões no tempo podem aparecer e desaparecer ao acaso, também podendo mover-se, da maneira como se movem sistemas de frentes e de pressões, mas eles muito raramente ocorrem acima da Terra.

— Um estatístico, no entanto, diria que, cedo ou tarde, o que quer que possa acontecer acontecerá, portanto, digamos que, nesta noite, um desses rasgões no tempo apareceu sobre uma área da Terra... e tivemos a má sorte de voar através dele.

E nós sabemos algo mais: alguma norma ou propriedade desconhecida deste fabuloso fenômeno meteorológico torna impossível que qualquer ser vivo viaje através desse rasgão no tempo, a menos que esteja dormindo.

— Nossa, mas isso é um conto de fadas! — exclamou Gaffney.

— Concordo plenamente — disse Craig, do chão.

— Feche sua matraca! — rosnou Gaffney para ele.

Craig pestanejou, depois ergueu o lábio superior, em um fraco gesto de desdém.

— Isso se ajusta bem — disse Bethany, em voz baixa —, pois nos dá a sensação de estarmos fora de ritmo com... com tudo.

— O que aconteceu à tripulação e aos passageiros? — perguntou Albert. Ele parecia sentir-se mal. — Se o avião atravessou — e se nós atravessamos — o tal rasgão, o que aconteceu a eles?

Sua imaginação fornecia-lhe uma resposta sob a forma de uma imagem subitamente indelével: centenas de pessoas caindo do céu, gravatas e calças

revoluteando, vestidos levantando-se para revelar cintas e roupas íntimas, sapatos soltando-se dos pés, canetas (as que não tinham ficado no avião, claro) escapando dos bolsos; pessoas agitando braços e pernas, tentando gritar no ar rarefeito; pessoas que haviam deixado carteiras, bolsas, dinheiro trocado e, pelo menos em um caso, um marca-passo dentro do avião. Ele viu toda aquela gente se chocando contra o solo como bombas que não detonavam, esmagando arbustos, levantando pequenas nuvens de poeira pedregosa, imprimindo no chão do deserto as formas de seus corpos.

— Minha suposição é de que se tenham vaporizado — disse Bob. — De que se tenham desmaterializado por completo.

Dinah não entendeu isso, a princípio; então pensou na bolsa da tia Vicky, contendo os cheques de viagem ainda em seu interior, e começou a chorar baixinho.

Laurel passou os braços sobre os ombros da garotinha cega e a apertou contra si.

Nesse meio tempo, Albert agradecia fervorosamente a Deus por sua mãe ter mudado de ideia no último momento, decidindo não acompanhá-lo ao Leste, afinal.

— Em muitos casos, seus pertences foram com eles — prosseguiu o escritor. — Aqueles que deixaram carteiras e bolsas para trás talvez as tivessem momento do... do Evento. Contudo, é difícil saber. O que foi levado e deixado — acho que estou pensando mais na peruca, do que em qualquer um.

— não parece ter muito sentido ou motivo para mim.

— O senhor acertou — disse Albert. — Aqueles pinos cirúrgicos, por exemplo.

Duvido que o sujeito a quem pertenciam os houvesse tirado do ombro ou do pé, apenas para distrair-se, por sentir-se entediado.

— Concordo — disse Rudy Warwick. — Fazia muito pouco tempo que voávamos para alguém já estar entediado a esse ponto.

Bethany olhou para ele, perplexa, depois explodiu em uma risada.

— Sou originário do Kansas — disse Bob —, e o elemento do capricho me faz pensar nos tornados que às vezes surgiam no verão. Eles derrubavam

pensar nos tornados que às vezes surgiam no verão. Eles derrubavam inteiramente uma casa de fazenda, mas deixavam a casinha da privada de pé, ou então desmontavam um celeiro, sem arrancar uma telha do silo construído bem ao lado.

— Chegue ao fim da linha, companheiro — pediu Nick. — Qualquer que seja a hora real neste momento, não posso deixar de sentir que o dia vai bem avançado.

Brian pensou em Craig Toomy, no Velho Sr. Eu-Tenho-que-Ir-para-Boston, em pé no alto da saída de emergência para o deslizador e gritando: O tempo voa! O tempo é infernalmente curto!

— Certo, ao fim da linha — disse Bob. — Suponhamos que existam tais coisas como rasgões no tempo e que atravessamos um. Creio que viemos para o passado e descobrimos a desagradável verdade sobre a viagem no tempo: não se pode surgir no Depósito de Livros Escolares do Estado do Texas, a 22 de novembro de 1963, e impedir o assassinato de Kennedy; não se pode ver a construção das pirâmides ou o saque de Roma; não se pode investigar a Era dos Dinossauros em primeira mão.

Ele ergueu os braços, as mãos abertas, como se quisesse abranger todo o mundo silencioso em que se encontravam.

— Dêem uma boa espiada à sua volta, companheiros viajantes do tempo! Isto é o passado. É vazio; é silencioso. É um mundo — talvez um universo — com todo o senso e significado de uma lata de tinta jogada fora. Acredito que talvez tenhamos saltado uma distância absurdamente curta no tempo, talvez uns quinze minutos — pelo menos inicialmente. Entretanto, o mundo está se desenrolando à nossa volta. O input sensorial está desaparecendo. A eletricidade já desapareceu. O tempo é o mesmo de quando demos o salto no passado. No entanto, a mim parece que o mundo se desenovela, que o tempo, em si, se enrola em uma espécie de espiral... apertando-se sobre si mesmo.

— Isto não poderia ser o futuro? — perguntou Albert, cautelosamente.

Bob Jenkins deu de ombros. Parecia subitamente muito cansado.

— Não sei ao certo, é claro — como poderia saber? Entretanto, acho que não. Este lugar em que estamos parece velho, estúpido, frágil e insignificante. Parece... eu sei lá...!

Dinah falou então. Todos olharam para ela.

— Parece acabado — disse ela suavemente.

— Exato — replicou Bob. — Obrigado, querida. Era a palavra que eu procurava.

— Sr. Jenkins?

— Diga.

— Lembra-se do som de que falei antes? Posso ouvi-lo novamente. — Ela fez uma pausa. — Está ficando mais perto.

8

Ficaram todos em silêncio, muito sérios, procurando ouvir. Brian julgou ter captado algo, depois concluiu que era o som de seu próprio coração. Ou apenas imaginação.

— Vou até aquela vidraça novamente — disse Nick, de súbito.

Passou por sobre o corpo deitado de Craig, sem ao menos um olhar para baixo, e afastou-se do restaurante sem dizer mais nada.

— Ei! — chamou Bethany. — Ei, também quero ir!

Albert a seguiu e depois foram quase todos os outros.

— E quanto a vocês duas? — perguntou Brian a Laurel e Dinah.

— Eu não quero ir — disse Dinah. — Daqui mesmo, posso ouvir tão bem quanto quiser. — Ela fez uma pausa, antes de acrescentar: — Só que vou ouvir essa coisa ainda melhor, acho, se não sairmos logo daqui!

Brian olhou para Laurel Stevenson.

— Ficarei aqui com Dinah — disse ela, em voz baixa.

— Tudo bem — respondeu Brian. — Fiquem distantes do Sr. Toomy.

— “Fiquem distantes do Sr. Toomy” — imitou Craig furiosamente, de bruços em seu lugar no chão. Ele virou a cabeça com esforço e girou os olhos nas órbitas, a fim de fitar Brian. — A verdade é que não vai conseguir levar isto adiante, Comandante Engle. Ignoro qual é o seu jogo e de seu amigo inglês, mas provavelmente terminarão transportando cocaína da Colômbia durante a noite. Pelo menos não estará mentindo, quando disser para seus amigos o piloto excelente que é.

Brian ia responder, mas depois achou melhor ficar calado. Nick havia dito que o sujeito estava temporariamente insano, e tinha razão. Tentar argumentar com um louco era, além de inútil, perda de tempo.

— Ficaremos distantes dele, não se preocupe — disse Laurel. Guiou Dinah para

uma das mesinhas e sentou-se lá, com ela. — Estaremos muito bem.

— Certo — disse Brian. — Grite, se ele tentar libertar-se.

Laurel sorriu apagadamente.

— Pode contar com isso.

Brian inclinou-se, examinou a toalha de mesa com que Nick atara as mãos de Craig, e então caminhou para a sala de espera, indo reunir-se aos outros, em pé e enfileirados diante das vidraças que iam do piso até o teto daquele aposento.

9

Brian começou a ouvir quando cruzava o meio da sala de espera, e, ao chegar junto dos outros, era impossível acreditar que se tratasse de alguma alucinação auditiva.

A audição daquela menina é francamente notável, pensou.

O som era ainda muito fraco — para ele, pelo menos — mas estava lá e parecia vir do leste. Dinah havia dito que era como cereal após despejar-se leite sobre ele. Para Brian, assemelhava-se mais a estática de rádio — a estática excepcionalmente forte que às vezes surge durante os períodos de alta atividade das manchas solares. Não obstante, concordava com Dinah em um detalhe: a impressão era de alguma coisa ruim.

Ele podia sentir os pêlos da nuca eriçando-se em reação àquele som. Olhou para os companheiros, e notou idênticas expressões de amedrontado desalento em cada rosto. Nick era o mais controlado, e a jovem que quase caíra para fora, quando usava o deslizador — Bethany — parecia a pessoa mais apavorada do grupo. Não obstante, todos percebiam o mesmo no som.

Uma coisa ruim.

Algo ruim estava a caminho. Apressando-se.

Nick se virou para ele e perguntou:

— O que acha disto, Brian? Tem alguma ideia?

— Nenhuma ideia — respondeu Brian. — Nem mesmo diminuta. Sei apenas que é o único som na cidade.

— Ainda não chegou à cidade — disse Don —, mas creio que vai chegar. Eu só desejaria saber quanto tempo levará!

Estavam todos quietos novamente, ouvindo aquele firme estalar sibilante que vinha do leste. E Brian pensou: Quase posso dizer que conheço esse som. Não é de cereal com leite e nem de estática de rádio, mas... o que será? Se, pelo menos, não fosse tão fraco...

Entretanto, ele não queria saber. De repente percebeu isso, com grande intensidade. Não queria saber, em absoluto. O som o enchia de uma aversão que penetrava nos ossos.

— Temos que sair daqui! — exclamou Bethany, em voz muito alta e trêmula. Albert passou um braço por sua cintura e ela apertou-lhe a mão entre as suas. Apertou-a com a força do terror. — Nós temos que sair daqui, imediatamente!

— Sim —disse Bob Jenkins, — ela tem razão. Esse som... Não imagino o que seja, mas é hediondo! Temos que sair daqui!

Olhavam todos para Brian, e este pensou: Parece que voltei a ser o comandante, mas não por muito tempo. Porque eles não compreendiam. Nem mesmo Jenkins compreendia, por mais sagazes que pudessem ter sido suas outras deduções, que eles não iriam a parte alguma.

O que quer que produzisse aquele som estava a caminho, porém isto não fazia díerença, já que todos se encontrariam ali, quando aquilo chegasse. Não havia alternativa. Ele sabia dos motivos por que seria assim, mesmo que nenhum dos oatros soubesse... e, de repente, Brian Engle percebeu o que sentiria um animal preso em uma armadilha, ouvindo o ruído firme das botas do caçador que se aproximava.

Seis

ENCURRALADOS.
OS FÓSFOROS DE BETHANY.
TRÁFEGO DE MÃO DUPLA Á FRENTE.
A EXPERIÊNCIA DE ALBERT.
CAI A NOITE.
AS TREVAS E A LÂMINA

1

Brian se virou para o escritor:

— Está dizendo que temos de sair daqui?

— Exatamente. Penso que devemos sair, tão depressa quanto for...

— E o que sugere como nosso destino? Atlantic City? Miami Beach? O Clube Med?

— Procura dar a entender que não existe lugar algum para onde possamos ir, Comandante Engle. No entanto, eu penso — espero — que talvez esteja enganado quanto a isto. Tenho uma ideia.

— Que ideia?

— Um momento. Primeiro, responda-me uma coisa. O senhor pode reabastecer o avião? Mesmo não dispondo de energia elétrica?

— Creio que sim, ou melhor, posso. Digamos que seria possível, com a ajuda de alguns bons braços. E daí?

— Então, tomaremos a decolar—disse Bob. Pequeninas gotas de suor assentavam-se em seu rosto tomado por fundas rugas. Pareciam diminutos pingos de óleo claro.

— Esse som — esse som rangente — está vindo do leste. O rasgão no tempo foi a vários milhares de quilômetros a oeste daqui. Se retraçássemos nosso curso original...

conseguiria fazer isso?

— Sim — disse Brian. Ele deixara funcionando as unidades de força auxiliares, isto significando que o programa INS do computador continuava intacto. Esse programa era um exato diário de bordo da viagem que tinham acabado de fazer, desde o momento em que o Voo 29 deixara o solo, no sul da Califórnia, até aquele em que pousara na região central do Maine. Um toque de botão instruiria o computador a simplesmente inverter esse curso; o toque de outro botão, uma vez no ar, colocaria opiloto automático em funcionamento, monitorando o voo. O sistema Teledyne de navegação inercial recriaria a viagem sem o menor grau de desvio. — Eu poderia fazer isso, mas por quê?

— Porque o rasgão talvez ainda esteja lá. Não percebe? Talvez sejamos capazes de voar de volta através dele!

Nick olhou para Bob com uma súbita e perplexa concentração. Virou-se depois para Brian.

— Ele bem pode ter acertado uma aí, companheiro. É bem capaz!

A mente de Albert Kaussner deslizou para um irrelevante mas fascinante pensamento colateral: se o rasgão no tempo continuasse lá, e se o Voo 29 tivesse usado uma altitude e um rumo utilizados com frequência — uma espécie de avenida leste-oeste no céu — então, talvez outros aviões o houvessem atravessado, entre 1:07 desta madrugada e agora (o que quer que agora fosse). Talvez houvesse outros aviões pousando ou pousados em outros aeroportos americanos desertos, outras tripulações e passageiros perambulando de um lado para outro, aturdidos...

Não, pensou ele. Por acaso, tínhamos um piloto a bordo. Que chances existiram de isto acontecer duas vezes?

Ele pensou no que o Sr. Jenkins havia dito sobre as dezesseis on-bases consecutivas de Ted Williams, e estremeceu.

— Ele poderia ou não poderia ter acertado — disse Brian. — O fato é que não adianta, porque não iremos a lugar algum nesse avião.

— Por que não? — perguntou Rudy. — Se você puder reabastecê-lo, não vejo como...

— Lembra-se dos fósforos? Aqueles do recipiente no restaurante? Os que não acendiam?

Rudy pareceu desconcertado, porém uma expressão de profundo desalento surgiu no rosto de Bob Jenkins. Ele levou a mão à testa e deu um passo para trás. De fato, pareceu encolher-se diante dos outros.

— O quê? — perguntou Don. Olhava para Brian, por baixo das sobrancelhas franzidas. Parecia confuso e desconfiado ao mesmo tempo. — O que isso tem a...

Nick, no entanto, sabia.

— Não percebe? — falou em voz baixa. — Não percebe, companheiro? Se pilhas não funcionam, se fósforos não acendem...

— ...então, combustível de jato não queima — terminou Brian. — Estará tão imprestável como tudo o mais neste mundo. — Olhou para os outros, um de cada vez. — Era o mesmo que eu encher os tanques de combustível com melado.

2

— Alguma de vocês, refinadas jovens, já ouviu falar nos langoliers? — perguntou Craig subitamente.

O tom dele era jovial, quase animado. Laurel assustou-se e olhou nervosamente para os outros, ainda em pé diante da vidraça e falando. Dinah apenas se virou na direção da voz de Craig, aparentemente nem um pouco surpresa.

— Não — respondeu calmamente. — O que são?

— Não fale com ele, Dinah — sussurrou Laurel.

— Ouvi o que disse—falou Craig, no mesmo tom agradável. — Compreenda, Dinah não é a única que tem bons ouvidos.

Laurel sentiu o sangue subir-lhe ao rosto.

— Eu não magoaria a criança — prosseguiu Craig. — Não mais do que magoaria aquela mocinha. Apenas estou com medo. Vocês não estão?

— É claro que tenho medo! — bufou Laurel. — Apenas não tomo reféns e depois tento balear adolescentes quando sinto medo!

— Você não enfrentava o que parecia toda a linha atacante dos Rams de Los Angeles, todos eles ao mesmo tempo — disse Craig. — E aquele tipo inglês... — Ele deu uma risada.

O som de seu riso naquele lugar quieto era perturbadoramente alegre, perturbadora mente normal. — Bem, posso apenas dizer que, se acha que sou louco, é porque ainda não o observou nem um pouco. A mente daquele sujeito é uma motosserra.

Laurel não soube o que dizer. Sabia que a verdade não era como Craig Toomy a apresentava, mas quando ele falava dava a impressão de que devia ser exatamente isso... e o que dissera sobre o inglês estava bem próximo da verdade. Os olhos do homem... e o pontapé dado nas costelas do Sr. Toomy, depois de ele já estar fora de combate... Laurel estremeceu.

— O que são os langoliers, Sr. Toomy? — perguntou Dinah.

— Bem, eu sempre costumei pensar que fossem apenas de faz-de-conta — disse Craig, ainda naquele tom bem-humorado. — Agora, começo a duvidar... porque também ouvi o que você ouviu, mocinha. Sim, ouvi!

— O som? — perguntou Dinah suavemente. — Aquele é o som dos langoliers?

Laurel pousou a mão no ombro de Dinah.

— Eu gostaria muito que você não falasse mais com ele, meu bem. Ele me deixa nervosa.

— Por quê? Está amarrado, não está?

— Sim, está, mas...

— E você sempre poderia chamar os outros, não é?

— Bem, eu acho...

— Eu quero saber sobre os langoliers!

Com algum esforço, Craig virou a cabeça para fitá-las... e agora Laurel sentiu parte do charme e força de personalidade que tinham mantido aquele homem firmemente na pista de velocidade enquanto seguia o script que os pais haviam escrito para ele.

Ela sentiu isto, embora Craig estivesse de bruços no chão, com as mãos amarradas às costas, com seu sangue secando na testa e na face esquerda.

— Meu pai dizia que os langoliers eram pequenas criaturas que viviam em armários, esgotos e outros lugares escuros.

— Como elfos? — quis saber Dinah.

Craig riu e abanou a cabeça.

— Nada tão agradável... Segundo meu pai, em realidade tudo quanto eles tinham era cabelos, dentes e peminhas rápidas — suas peminhas eram muito rápidas, dizia ele, para que pudessem pegar meninos e meninas más, pouco importando a rapidez com que a criançada quisesse fugir.

— Pare com isso! — disse Laurel friamente. — Está assustando a menina.

— Não, não está — replicou Dinah. — Sei o que é faz-de-conta, se o ouço. O que ele diz é interessante, nada mais.

O rostinho dela, no entanto, dizia que aquilo era muito mais do que interessante.

Dinah estava atenta, fascinada.

— É, não acha? — disse Craig, parecendo satisfeito com o interesse dela. — Penso que Laurel quis dizer que é a ela que estou assustando... Mereço um charuto, Laurel?

Se mereço, preferia um "El Producto”, por favor. Nada desses baratos “White Owls” para mim!

Ele tornou a rir. Laurel não respondeu e, após um momento, Craig voltou a falar.

— Meu pai dizia que havia milhares de langoliers. Ele acreditava nisto, porque havia milhões de meninos e meninas más fugindo pelo mundo. Era como ele sempre falava. Meu pai nunca viu uma criança correr em toda a sua vida. Achava que estavam sempre fugindo. Penso que gostei mais desta palavra porque insinuava movimento improdutivo, disparatado, sem rumo. Os langoliers, no entanto... eles correm. Eles têm um propósito. Aliás, pode-se dizer que os langoliers são a personificação do propósito.

— O que faziam as crianças que era tão ruim? — perguntou Dinah. — O que faziam de tão ruim para que os langoliers corressem atrás delas?

— Sabe de uma coisa? Gostei de você ter feito esta pergunta — disse Craig. — Na opinião de meu pai, Dinah, uma pessoa má queria dizer uma pessoa preguiçosa, entende? Uma pessoa preguiçosa não podia ser parte do GRANDE QUADRO. De maneira nenhuma! Em minha casa, quem não fosse parte do GRANDE QUADRO, estava MALANDRANDO EM SEU TRABALHO. Ele dizia que se a gente não fosse parte do GRANDE QUADRO, os langoliers viriam para tirar-nos inteiramente do quadro.

Segundo ele, a pessoa podia estar na cama uma noite, e então ouvi-los chegando... rangendo e chiando enquanto abriam caminho até ela... e mesmo que essa pessoa tentasse fugir, os langoliers a pegariam. Por causa de suas rápidas

essa pessoa tentasse fugir, os langoliers a pegariam. Por causa de suas rápidas perninhas.

— Já chega! — exclamou Laurel, em voz firme e seca.

— De qualquer modo, o som está lá fora — disse Craig. Seus olhos a fitaram vivamente, quase com descaramento. —É algo que não pode negar. O som realmente está lá fo...

— Pare, ou eu mesma o golpearei com alguma coisa!

— Está bem — assentiu Craig. Rolou até ficar sobre as costas, fez uma careta e tornou a rolar sobre o outro lado do corpo, afastando-se delas. — Um homem se cansa de ser espancado quando está caído e amarrado.

O rosto de Laurel não só ficou corado, como também quente, desta vez. Mordeu o lábio e nada disse. Tinha vontade de chorar. Como lidar com semelhante homem?

Como? Primeiro, parecia doido varrido, depois, tão lúcido quanto qualquer um. E, nesse meio tempo, o mundo inteiro — o GRANDE QUADRO do Sr. Toomy — tinha ido para o inferno.

— Aposto que tinha medo de seu pai, não tinha, Sr. Toomy?

Craig olhou por sobre o ombro para Dinah, perplexo. Tornou a sorrir, mas agora seu sorriso era diferente. Era um sorriso triste, magoado, sem qualquer sociabilidade.

— Desta vez, você mereceu o charuto, senhorita — disse. — Eu tinha pavor dele.

— E ele já morreu?

— Já.

— Ele está MALANDRANDO EM SEU TRABALHO? Os langoliers o pegaram?

Craig pensou por um longo momento. Recordou ter-lhe sido dito que seu pai havia tido um ataque cardíaco enquanto estava no escritório. Quando a secretária

interfonara para avisá-lo da reunião de diretoria às dez horas, não recebera resposta.

Entrara então no gabinete dele e lá o havia encontrado, morto sobre o tapete, os olhos esbugalhados, com espuma secando na boca.

Alguém lhe contou isso? perguntou-se ele subitamente. — Que os olhos dele estavam esbugalhados, que havia espuma em sua boca? Alguém realmente lhe contou isso — sua mãe, talvez, quando bêbada — ou foi apenas um desejo que tinha?

— Sr. Toomy? Eles o pegaram?

— Pegaram — disse Craig, pensativamente. — Acho que ele estava malandrando no trabalho e acho que eles o pegaram.

— Sr. Toomy?

— Diga?

— Eu não sou da maneira como me vê. Não sou feia. Nenhum de nós é.

Craig olhou para ela, espantado.

— Como saberia de que maneira eu a vejo, senhorita ceguinha?

— O senhor talvez ficasse surpreso — respondeu Dinah.

Laurel se virou para ela, de repente mais inquieta do que nunca... mas, naturalmente, nada havia para ver. Os óculos de Dinah impediam a curiosidade.

3

Os outros passageiros permaneciam no lado mais distante da sala de estar, esforçando-se em ouvir aquele som baixo e matraqueante, todos em silêncio. Parecia que nada mais havia para dizerem.

— O que faremos agora? — perguntou Don.

Ele parecia ter murchado dentro de sua camisa vermelha de madeireiro. Albert achou que a camisa em si havia perdido parte de sua máscula e alegre vibração.

— Não sei — respondeu Brian.

Ele sentia uma terrível impotência acumulando-se em suas entranhas. Espiava para o avião, que havia sido o seu avião por algum tempo, e ficava admirado por suas linhas bem definidas e acetinada beleza. Em comparação, o Delta 727, parado mais à esquerda, ligado ao túnel de embarque e desembarque, parecia uma desmazelada matrona. Você o admira, porque ele nunca mais tornará a voar, é isto. É como ver de relance uma mulher bonita, apenas um vislumbre, no banco traseiro de uma limusine — ela parece mais bonita do que realmente é, porque está fora do seu alcance, você sabe que não é sua, que nunca será sua.

— Quanto combustível ainda resta, Brian? — perguntou Nick subitamente. —

Talvez a proporção de queima não seja a mesma aqui. Talvez haja mais combustível do que pensou.

— Todos os medidores estão funcionando perfeitamente — respondeu Brian.

— Quando aterrissamos, eu tinha menos de 600 libras. Para voltarmos ao ponto em que isto aconteceu, precisaríamos de 50.000, pelo menos.

Bethany pegou seus cigarros e ofereceu o maço a Bob. Ele sacudiu a cabeça. Ela enfiou um na boca, pegou os fósforos e riscou um.

Não acendeu.

— Oh-oh! — exclamou.

Albert ficou espiando. Bethany riscou o fósforo mais uma vez... outra... e outra.

Nada aconteceu. Olhou para ele, aterrada.

— Dê-me aqui — pediu Albert.

Pegou a carteira de fósforos da mão dela e tirou outro. Riscou-o na tira que havia no verso da carteirinha. Não conseguiu acendê-lo.

— Seja lá o que for, isto parece contagioso — observou Rudy Warwick.

Bethany debulhou-se em lágrimas, e Bob ofereceu-lhe um lenço.

— Um momento! — disse Albert.

Tornou a riscar o fósforo. Ele acendeu desta vez... porém a chama era baixa, crepitante, Sem vivacidade. Quando a aproximou da vacilante ponta do cigarro de Bethany, em sua mente surgiu uma súbita e nítida imagem: um indicador, pelo qual passava em sua bicicleta de três marchas, a caminho do Ginásio de Pasadena, todos os dias, nos últimos três anos. CUIDADO, dizia este indicador. TRÁFEGO DE MÃO DUPLA À FRENTE.

Diabo, o que significa isso?

Ele não sabia... pelo menos, ainda não. Tinha certeza apenas de que alguma ideia queria brotar, mas por enquanto permanecia emperrada nas engrenagens.

Albert sacudiu o fósforo para apagá-lo. Não precisou sacudir muito. Bethany deu uma tragada no cigarro, depois fez uma careta.

— Nossa! Tem um sabor de Carlton ou coisa assim!

— Sopre fumaça em meu rosto — pediu Albert.

— Quê?

— Você ouviu. Sopre um pouco em meu rosto!

Ela assim fez, e Albert aspirou a fumaça. Sua doce fragrância anterior havia desaparecido.

Seja lá o que for, isto parece contagioso.

CUIDADO: TRÁFEGO DE MÃO DUPLA À FRENTE.

— Vou voltar ao restaurante — disse Nick. Parecia deprimido. — Nosso amigo é um tipo que deixa a impressão de escorregadio. Não me agrada deixá-lo com aquelas duas por muito tempo.

Brian começou a caminhar atrás dele e os outros o seguiram. Albert achou que havia algo um tanto divertido naqueles fluxos de maré — estavam se portando como vacas, pressentindo trovoadas no ar.

— Ande — disse Bethany. — Vamos também!

Ela deixou o cigarro meio fumado cair em um cinzeiro e usou o lenço de Bob para enxugar os olhos. Depois tomou a mão de Albert.

Tinham cruzado metade da sala de estar e Albert olhava para as costas da camisa vermelha do Sr. Gaffney quando a ideia anterior tornou a martelar sua mente, agora com mais força: TRÁFEGO DE MÃO DUPLA À FRENTE.

— Espere um momento! — gritou.

Em um movimento súbito, passou um braço pela cintura de Bethany, puxou-a para si, colou o rosto na concavidade da garganta dela e aspirou profundamente.

— Minha nossa! Nós mal nos conhecemos! — exclamou ela.

Então, começou a dar risadinhas incontidas e passou os braços pelo pescoço de Albert. Albert, um rapazinho cuja timidez natural geralmente só desaparecia em seus devaneios, nem notou. Tornou a respirar fundo, pelo nariz. Os cheiros dos cabelos dela, do suor e do perfume continuavam ali, porém eram fracos, muito fracos.

Todos os outros olharam em torno, porém Albert já soltara Bethany e caminhava apressadamente de volta à vidraça.

— Uau! — exclamou Bethany. Ainda continuava dando risadinhas e ficara muito corada. — Que cara estranho!

Albert olhou para o Voo 29 e viu o que Brian percebera momentos antes: o avião estava limpo, acetinado e quase impossivelmente branco. Parecia vibrar á monótona quietude do exterior.

monótona quietude do exterior.

A ideia lhe veio subitamente. Pareceu explodir por trás de seus olhos, como fogo de artifício. O conceito central era uma bola vivida e ardente; as implicações irradiavam-se dela como cintilantes lantejoulas e, por um instante, ele chegou a esquecer de respirar.

— Albert? — perguntou Bob. — Albert, o que hou...

— Comandante Engle! — gritou Albert. No restaurante Laurel se pôs repentinamente ereta na cadeira, enquanto Dinah aferrava-se em seu braço com mãos que pareciam garras. Craig Toomy espichou o pescoço para ver. — Comandante Engle, venha cá!

4

No exterior, o som era mais forte agora.

Para Brian, assemelhava-se ao ruído de estática no rádio. Nick Hopewell comparou-o a um vento forte, sacudindo relvas tropicais secas. Albert, que no verão anterior trabalhara no McDonald’s, achou-o parecido com o som de batatas fritas em uma panela para frituras bem cheia de gordura, enquanto para Bob Jenkins era como papel sendo amassado em um aposento distante.

Os quatro engatinharam através das tiras de borracha pendentes e saíram para a área de manejo da bagagem, ouvindo o som do que Craig Toomy dissera serem os langoliers.

— Quanto mais perto estará? — perguntou Brian a Nick.

— Não sei dizer. Soa mais perto, porém é claro que antes estávamos lá dentro.

— Vamos! — chamou Albert, impaciente. — Como poderemos entrar no avião?

Escalando o deslizador?

— Não será preciso — disse Brian, e apontou.

No lado oposto do Portão 2 havia uma escada de embarque provida de rodas.

Caminharam para ela, os sapatos ecoando foscamente no concreto.

— Sabe que este é um palpite muito vago, não, Albert? — perguntou Brian, enquanto caminhavam.

— Sei, mas...

— Palpites vagos são melhores do que nada — Nick terminou por ele.

— Eu só não queria vê-lo muito desapontado se não der certo.

— Não se preocupe — disse Bob suavemente. — Ficarei desapontado o suficiente por todos nós. A ideia do rapaz tem um bom sentido lógico. Deverá ter fundamento... embora, Albert, você perceba que aqui talvez existam fatores que

ainda não descobrimos, não?

— É claro.

Chegaram à escada móvel e Brian chutou os freios que prendiam as rodas, soltando-os. Nick se postou diante da empunhadura que se projetava do gradil esquerdo e Brian foi para a do lado direito.

— Espero que ainda rode — disse Brian.

— Deverá rodar—respondeu Bob Jenkins. — Alguns — talvez inclusive a maioria dos componentes físicos e químicos normais de vida parecem continuar funcionando; nossos organismos são capazes de processar o ar, as portas se abrem e fecham...

— Não esqueça a gravidade — interveio Albert. — A Terra continua a sugar.

— Será melhor falarmos menos e experimentar — disse Nick.

A escada móvel rodou sem dificuldade. Os dois homens a conduziram através do concreto em direção ao 767, com Albert e Bob caminhando atrás deles. Uma das rodas rangia ritmadamente. O único outro som era aquele baixo e constante chocalhar, vindo de alguma parte no lado do horizonte leste.

— Olhem para ele! — exclamou Albert, quando se aproximavam do 767. — Dêem só uma olhada! Não percebem? Não percebem o quanto mais existe nele do que em qualquer outra coisa?

A resposta era dispensável, de modo que ninguém falou. Todos podiam perceber.

E, relutante, quase contra a vontade, Brian começou a pensar que o garoto podia ter dado na pista de algo.

Colocaram a escada em ângulo, entre o deslizador no qual tinham saído do avião e a fuselagem, com o degrau mais alto apenas a uma boa passada de distância da porta aberta.

— Eu irei primeiro — disse Brian. — Depois que recolher o deslizador, você, Nick, e você, Albert, rodem a escada para uma posição melhor.

— Perfeitamente, comandante! — disse Nick, oferecendo-lhe uma elegante continência, com os nós do primeiro e segundo dedos tocando a testa.

— Adido secundário! — resmungou Brian, logo em seguida subindo rapidamente os degraus.

Momentos mas tarde, inclinava-se para observar Nick e Albert manobrando cautelosamente a escada móvel para a posição correta, com o degrau mais alto logo abaixo da entrada dianteira do 767.

5

Rudy Warwick e Don Gaffney agora tomavam conta de Craig. Bethany, Dinah e Laurel enfileiravam-se diante da parede envidraçada da sala de estar e espiavam para fora.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Dinah.

— Recolheram o deslizador e colocaram uma escada junto à porta do avião — explicou Laurel. — Agora estão subindo. — Ela olhou para Bethany. — Tem certeza de que não sabe o que eles pretendem?

Bethany meneou a cabeça.

— Sei apenas que Ace — quero dizer, Albert — quase enlouqueceu. Eu gostaria de pensar que foi uma alucinada atração sexual, porém não acredito que fosse. — Ela fez uma pausa, sorriu, e acrescentou: — Pelo menos, ainda não. Ele disse qualquer coisa sobre o avião estar mais lá. E sobre meu perfume estar menos lá, o que provavelmente não agradaria a Coco Chanel ou seja qual for o nome dela. Falou também em tráfego de mão dupla. Eu não entendi. Ele estava realmente atropelando as palavras.

— Eu aposto que sei — disse Dinah.

— E o que é que sabe, meu bem?

Dinah apenas sacudiu a cabeça.

— Só espero que eles se apressem. Porque o pobre Sr. Toomy está com a razão.

Os langoliers vêm para cá.

— Ora, Dinah, isso foi apenas uma invenção do pai dele!

— Pode ser que um dia fosse tudo faz-de-conta — disse a menina, virando novamente para a vidraça os olhos que não enxergavam. — mas agora não é mais!

6

— Muito bem, Ace — disse Nick. — Prossiga com o espetáculo!

O coração de Albert era um tambor dentro do peito e suas mãos tremiam ao apanhar os quatro elementos para a experiência que ia fazer da prateleira da primeira classe. Ali mesmo, naquele lugar, mil anos atrás e do outro lado do continente, uma mulher chamada Melanie Trevor havia inspecionado uma caixa de suco de laranja e duas garrafas de champanha.

Brian espiava atentamente, enquanto Albert tirava do frigobar uma caixa de fósforos, uma garrafa de Budweiser, uma lata de Pepsi e um sanduíche de manteiga de amendoim e geléia. O sanduíche tinha sido hermeticamente embalado em plástico aderente.

— E agora — disse Albert, tomando uma funda respiração, — vejamos o que temos aqui!

7

Don saiu do restaurante e caminhou até a parede envidraçada.

— O que está acontecendo?

— Não sabemos — respondeu Bethany. Ela conseguira forçar uma chama de outro dos seus fósforos e fumava novamente. Quando tirou o cigarro da boca, Laurel notou que o filtro fora removido. — Eles entraram no avião; ainda estão lá dentro; fim da história!

Don ficou vários segundos olhando para fora.

— O lugar está parecendo diferente. Não sei exatamente por que, mas está parecendo.

— A claridade diminuiu — disse Dinah. — É isso que está diferente. — A voz dela era calma, porém seu rostinho se tomara uma máscara de medo e solidão. — Posso senti-la indo embora.

— Ela tem razão — concordou Laurel. — Houve luz do dia por umas duas ou três horas, e já está escurecendo de novo.

— Continuo achando que isto é um sonho, sabia? — disse Don. — Fico pensando que é o pior pesadelo da minha vida e que logo vou acordar.

Laurel assentiu.

— Como está o Sr. Toomy?

Don riu, sem muito humor.

— Não acreditaria se eu lhe contasse.

— Não acreditaria em quê? — perguntou Bethany.

— Ele dormiu.

8

Evidentemente, Craig Toomy não estava dormindo. Pessoas que dormem nos momentos críticos, como aquele sujeito que se presume ter tirado um cochilo enquanto Jesus rezava no Jardim de Gethsemani, decididamente não fazem parte do GRANDE QUADRO.

Ele vigiara atentamente os dois homens através de olhos não de todo cerrados, e desejou que ambos se afastassem dali. Finalmente, aquele que vestia uma camisa vermelha, terminou afastando-se. Warwick, o homem calvo com a dentadura de dentes enormes, chegara perto dele e inclinara-se. Craig continuou de olhos fechados.

— Ei! — disse Warwick. — Ei, está acordado?

Craig continuou imóvel, de olhos fechados, respirando regularmente. Pensou em emitir alguns leves roncos, mas depois desistiu.

Warwick cutucou-o no lado do corpo.

Craig continuou de olhos fechados e manteve a respiração regular.

O Careca ergueu o corpo, passou por sobre o homem no chão e foi para a porta do restaurante espiar os outros. Craig entreabriu as pálpebras e certificou-se de que Warwick estava de costas para ele. Então, no maior silêncio e cuidadosamente, começou a torcer os pulsos para cima e para baixo, dentro da apertada forma em oito do tecido que os atava. A corda improvisada com a toalha de mesa logo começou a afrouxar-se.

Ele moveu os pulsos em pequenos puxões, vigiando as costas de Warwick, pronto para imobilizar-se e tomar a fechar os olhos assim que o sujeito desse sinais de que ia virar-se. Craig desejou que Warwick não se virasse. Queria estar livre antes que os filhos da mãe voltassem do avião. Especialmente aquele inglês filho da mãe, aquele que lhe machucara o nariz e depois o chutara enquanto estava caído. O inglês filho da mãe soubera amarrá-lo bem, por sorte, aquilo era uma toalha de mesa e não um pedaço de fio de náilon. Neste caso, sua sorte estaria selada, mas do jeito em que era realmente a situação...

Um dos nós afrouxou-se, e então Craig começou a girar os pulsos de um lado para outro. Podia ouvir os langoliers aproximando-se. Pretendia estar fora dali e

para outro. Podia ouvir os langoliers aproximando-se. Pretendia estar fora dali e a caminho para Boston antes que eles chegassem. Em Boston, estaria a salvo. Quando alguém se encontra em uma sala de reuniões na companhia de banqueiros, nenhuma fuga é permitida.

E que Deus tivesse piedade de quem — fosse homem, mulher ou criança — tentasse atravessar-se em seu caminho!

9

Albert pegou a carteira de fósforos que apanhara no recipiente do restaurante.

— Prova A — anunciou. — Lá vai!

Arrancou um fósforo da carteira e o riscou. As mãos trêmulas o traíram, e riscou o fósforo bem uns cinco centímetros acima da tira de lixa que corria na parte inferior da carteirinha. O fósforo entortou-se.

— Merda! — exclamou Albert.

— Você quer que eu... — começou Bob.

— Deixe-o em paz — disse Brian. — É o espetáculo de Albert!

— Mão firme, Albert! — disse Nick.

Albert retirou outro fósforo da carteira, sorriu nauseadamente para ele e o riscou.

O fósforo não acendeu.

Albert tornou a riscá-lo.

O fósforo não acendeu.

— Acho que já ficou demonstrado — disse Brian. — Não há nada...

— Eu senti o cheiro dele — disse Nick — Era de enxofre! Experimente com outro fósforo, Ace!

Em vez disto, Albert riscou o mesmo fósforo através da tira áspera uma terceira vez... e então ele acendeu. Não apenas queimou a cabeça inflamável e morreu; manteve a forma familiar de pequenina gota, azul na base, amarela na ponta, e começou a queimar a haste de papelão.

Albert ergueu os olhos, com um sorriso desvairado no rosto.

— Viram? — exclamou. — Viram só?

Sacudiu o fósforo para apagá-lo, jogou-o fora e puxou outro. Este agora acendeu

Sacudiu o fósforo para apagá-lo. Jogou-o fora e puxou outro. Este agora acendeu à primeira tentativa. Inclinando-o para a carteirinha, Albert correu a pequena chama pelos outros fósforos, exatamente como Bob Jenkins havia feito no restaurante.

Desta vez, todos eles inflamaram-se com um seco som de fsss! e, em seguida, Albert os soprou, como uma vela de bolo de aniversário. Dois sopros apagaram todos eles.

— Viram? — repetiu. — Percebem o que isto significa? Tráfego de mão dupla! Nós trouxemos nosso próprio tempo conosco! Há o passado lá fora... e por todos os lugares, suponho, a leste do buraco que atravessamos... porém o presente continua aqui! Ainda preso dentro deste avião!

— Eu não sei... — disse Brian mas, de repente, tudo parecia novamente possível.

Ele sentiu uma ânsia louca, quase incontida, de abraçar Albert e bater-lhe nas costas.

— Bravo, Albert! — disse Bob. — A cerveja! Tente a cerveja!

Albert girou a tampa de rosca da cerveja, enquanto Nick pescava um copo ainda inteiro no meio da confusão à volta do carrinho de bebidas.

— Onde está a fumaça? — perguntou Brian.

— Fumaça? — repetiu Bob, sem entender.

— Bem, creio que não se trata exatamente de fumaça, mas quando a gente abre uma cerveja, em geral vê algo parecido a fumaça, em torno da boca da garrafa.

Albert cheirou, depois inclinou a garrafa para Brian.

— Cheire!

Brian cheirou, e começou a rir. Era impossível conter-se.

— Por Deus, certamente tem cheiro de cerveja, com ou sem fumaça!

Nick estendeu o copo, e Albert ficou satisfeito ao ver que a mão do inglês também não parecia totalmente firme.

— Despeje — pediu ele. — Depressa, companheiro! O meu médico diz que o suspense faz mal ao velho relógio dentro do peito!

Albert despejou a cerveja e os sorrisos deles apagaram-se.

Estava choca. Absolutamente choca. Ela simplesmente se assentou no copo de uísque que Nick encontrara, parecendo uma amostra de urina para exame.

10

— Cristo Todo-poderoso, está escurecendo!

As pessoas paradas diante da parede-janela olharam em torno no momento em que Rudy Warwick se juntou a elas.

— Você devia estar vigiando o maluco — disse Don.

Rudy fez um gesto de impaciência.

— Ele apagou como uma lâmpada. Acho que aquela pancada na cabeça avariou seu mobiliário um pouco mais do que havíamos pensado. O que está acontecendo lá fora? E por que escurece tão depressa?

— Não sabemos — disse Bethany. — Acontece, apenas. Acha que aquele cara biruta entrou em coma, ou coisa assim?

— Sei lá! — replicou Rudy. — Entretanto, se estiver comatoso a gente não precisará mais preocupar-se com ele, não é mesmo? Cristo, o ambiente está de arrepiar! Esse som... dá a impressão de um bando de cupins drogados atacando a madeira macia de um balanço de varanda!

Pela primeira vez, Rudy parecia ter esquecido seu estômago. Dinah ergueu os olhos para Laurel.

— Acho melhor a gente dar uma espiada no Sr. Toomy — disse ela. — Estou preocupada com ele. Aposto que está com medo.

— Se ele estiver inconsciente, Dinah, não há nada que se possa...

— Eu não acho que ele esteja inconsciente — disse Dinah, em voz contida. — E não acho que esteja dormindo.

Por um instante Laurel baixou os olhos para a menina, pensativamente. Depois tomou-lhe a mão.

— Está bem — disse. — Vamos dar uma espiada.

11

O nó que Nick Hopewell dera sobre o pulso direito de Craig finalmente afrouxou-se o suficiente para que puxasse a mão, libertando-a. Ele a usou para baixar a laçada que prendia a mão esquerda. Então, pôs-se de pé rapidamente. Uma onda de dor lhe varou a cabeça e o fez cambalear por um momento. Bandos de pontinhos negros atravessaram seu campo visual, dispersando-se lentamente. Craig reparou que o terminal estava sendo envolvido pela penumbra. Avizinhava-se um prematuro anoitecer. Ele podia ouvir o som de mastigação, emitido pelos langoliers, com muito mais nitidez agora, talvez porque seus ouvidos se houvessem tornado sintonizados a eles, talvez simplesmente porque estivessem mais próximos dali.

No lado extremo do terminal, ele avistou duas silhuetas, uma alta e uma baixa, desligando-se das outras e recomeçando a caminhar de volta ao restaurante. Era a mulher com cara de rameira e a ceguinha de rosto mimado e feio. Não podia permitir que elas dessem o alarme. Isso seria péssimo.

Craig recuou da zona ensanguentada do carpete em que estivera, sem tirar os olhos dos dois vultos que se aproximavam. Não conseguia entender como a claridade do dia estava diminuindo tão depressa.

Havia utensílios usados nas refeições empilhados em um canto, à esquerda da caixa registradora, mas todos de matéria plástica, sem utilidade para ele. Craig mergulhou em torno da registradora e viu algo melhor: uma faca de carne em cima do balcão perto da grelha. Apanhou-a e agachou-se atrás da registradora a fim de vigiar a aproximação das duas. Olhou para a menina com um interesse particularmente ansioso. Ela sabia muito... talvez demais. A questão era: até onde ela iria, guiada por seu conhecimento?

De fato, uma pergunta muito interessante.

Não era?

12

Os olhos de Nick foram de Albert para Bob.

— Muito bem — disse. — Quer dizer que os fósforos funcionam, mas a cerveja, não.

— Virando-se, pousou o copo de cerveja no balcão. — O que isto sign...

De repente, uma pequena nuvem de bolhas, em forma de cogumelo, irrompeu de algum lugar, no fundo do copo. Subiram rapidamente, espalharam-se e desabrocharam em fina camada de espuma no topo. Nick arregalou os olhos.

— Aparentemente — disse Bob em tom seco — tem-se que esperar um ou dois momentos, para que as coisas funcionem. — Ele pegou o copo, bebeu um gole e estalou os lábios. — Excelente! — exclamou. Ficaram todos olhando para o complicado rendilhado de espuma branca no interior do copo. — Posso dizer, sem sombra de dúvida, que jamais tomei melhor cerveja em minha vida!

Albert despejou mais cerveja no copo. Desta vez, ela saiu espumante; a espuma ultrapassou a borda ido copo e desceu pelo exterior. Brian o ergueu.

— Tem certeza de que quer mesmo fazer isso, companheiro? — perguntou Nick, sorrindo. — Vocês não costumam dizer “vinte e quatro horas da espumante ao volante”?

— A regra fica suspensa nos casos de viagem no tempo — disse Brian. — Devia fazer uma pesquisa a respeito. — Ele inclinou o copo, bebeu, depois riu com vontade. —

Tem toda razão — falou para Bob. — É a cerveja mais infernalmente boa que já houve.

Tente com a Pepsi, Albert!

Albert abriu a lata, e todos eles ouviram o familiar pop-hisss da formação de gases, artigo de primeira necessidade nos comerciais de refrigerantes. Ele bebeu um longo gole. Quando baixou a lata, estava sorrindo... mas havia lágrimas em seus olhos.

— Senhores, a Pepsi-Cola também hoje está excelente! — exclamou, em um tom de solícito garçom, e todos eles começaram a rir.

13

Don Gaffney alcançou Laurel e Dinah no momento em que as duas entravam no restaurante.

— Pensei que talvez fosse melhor eu... — começou ele, interrompendo-se de súbito. Olhou em torno. — Oh, merda! Onde está ele?

— Eu não... — ia dizendo Laurel.

— Cale a boca — disse Dinah Bellman, ao lado dela.

A menina girou a cabeça lentamente, como a lâmpada de uma lanterna apagada.

Por um momento, não houve o menor som no restaurante... pelo menos, nenhum som que Laurel pudesse ouvir.

— Ali! — exclamou Dinah por fim, apontando para a caixa registradora. — Ele está escondido por ali, atrás de alguma coisa.

— Como é que você sabe? — perguntou Don, em voz seca e nervosa. — Eu não ouvi...

— Eu ouvi — disse Dinah calmamente. — Ouvi as unhas dele no metal. Também ouvi seu coração. Está batendo muito forte e depressa. Ele sente um medo terrível.

Tenho muita pena dele!

Subitamente, ela largou a mão de Laurel e começou a andar.

— Não, Dinah! — gritou Laurel.

Dinah não obedeceu. Caminhou para a caixa registradora, os braços estendidos, os dedos à procura de possíveis obstáculos. As sombras pareciam vir ao seu encontro e envolvê-la.

— Sr. Toomy? Por favor, saia daí! Não queremos fazer-lhe mal... Por favor, não tenha medo...

Um som começou a brotar de trás da caixa registradora. Era um uivo alto, atordoante. Era uma palavra — ou algo que tentava ser uma palavra — porém não havia sanidade nela.

— Vocêêêêêêêêêêê....!

Craig levantou-se do esconderijo, os olhos chamejando, a faca de cortar carne erguida no ar, compreendendo subitamente que era ela, ela era um deles, por trás daqueles óculos escuros, era um deles, não apenas um langolier, mas o langolier-chefe, aquele que convocava os outros, convocava-os com seus olhos mortos de cega.

— Vocêêêêêêêêêêê...!

Craig avançou para ela, gritando esganiçadamcnte. Don Gaffney empurrou Laurel de sua frente, quase a derrubando ao chão, e saltou para diante. Foi rápido, porém não rápido o bastante. Craig Toomy era demente, e se moveu à velocidade do próprio langolier. Aproximou-se de Dinah em uma corrida mortal. Nada de fuga para ele.

Dinah não fez qualquer esforço para recuar. Ergueu os olhos, do fundo de suas trevas para as dele, e então estendeu os braços, como que para abraçá-lo e consolá-lo.

— ...cêêêêêêêêêê.

— Está tudo bem, Sr. Toomy — disse ela. — Não tenha med...

Foi quando Craig enterrou no peito da menina a faca de cortar carne e passou correndo ao lado de Laurel, ainda dando gritos agudíssimos, desaparecendo nas sombras do terminal.

Por um momento Dinah permaneceu onde estava. Suas mãos encontraram a empunhadura de madeira que se projetava da frente de seu vestido, e os dedos adejaram sobre ela, explorando-a. Então afundou lentamente, graciosamente, até o chão, ali se tornando apenas mais uma sombra em meio às trevas crescentes.

SETE

DINAH NO VALE DAS SOMBRAS.
A MAIS RÁPIDA TORRADEIRA A LESTE DO Mississípi.
CORRIDA CONTRA O TEMPO.
NICK TOMA UMA DECISÃO.

1

Albert, Brian, Bob'e Nick passaram em torno o sanduíche de manteiga de amendoim e geléia. Cada um deles deu duas dentadas, e o sanduíche se foi... mas, enquanto durou, Albert pensou que jamais fincara os dentes em um petisco tão maravilhoso em sua vida. Seu estômago despertou e imediatamente começou a exigir mais.

— Acho que esta será a parte de que mais gostará o nosso amigo calvo, Sr. Warwick — disse Nick, engolindo o último bocado. Olhou para Albert. — Você é um gênio, Ace! Sabe disso, não sabe? Nada mais que um puro gênio!

Albert corou, satisfeito da vida.

— Não foi muita coisa — disse. — Apenas um pouco do que o Sr. Jenkins chama de método dedutivo. Se duas correntes fluindo em direções diferentes se juntam, misturam-se e formam um redemoinho. Vi o que estava acontecendo com os fósforos de Bethany e imaginei que algo parecido devia estar acontecendo aqui. Havia ainda a camisa tão vermelha do Sr. Gaffney. Começava a perder a cor. Então, raciocinei: bem, se coisas começam a falhar quando não estão mais no avião, se eu levar coisas desbotadas para dentro dele, talvez elas...

— Odeio interromper — disse Bob suavemente mas creio que se quisermos tentar retornar precisamos iniciar o processo, o mais depressa possível. Os sons que ouvimos me preocupam, porém há algo que me preocupa ainda mais. Este avião não é um sistema fechado; portanto, creio que existe uma boa possibilidade de que, antes de muito tempo, ele comece a perder sua... sua...

— Sua integridade temporal? — sugeriu Albert.

— Exato. Muito bem dito. Qualquer combustível que for posto em seus tanques agora deverá queimar... mas dentro de algumas horas talvez não queime mais.

Uma ideia desagradável ocorreu a Brian: que o combustível pudesse parar de queimar a meio caminho através do país, com o 767 a 36.000 pés. Abriu a boca para comentar isto... mas tornou a fechá-la. De que adiantaria colocar-lhes uma ideia na mente se nada podiam fazer a respeito?

— Como começaremos, Brian? — perguntou Nick, em tom sério, profissional.

Brian repassou o processo mentalmente. Seria um tanto problemático, em particular trabalhando com homens cuja única experiência aeroviária começava e terminava com modelos de aviões. No entanto, achou que poderia ser feito.

— Começaremos ligando os motores e taxiando para perto daquele Delta 727 o mais que pudermos — disse. — Quando chegarmos lá, desligarei o motor de estibordo e deixarei o de bombordo funcionando. Estamos com sorte. Este 767 é equipado com tanques de combustível wet-wing e um sistema de unidades de força auxiliares que...

Um grito agudo de pânico chegou até eles, riscando o ruído surdo e chocalhante ao fundo, como um garforiscando um quadro-negro. Foi seguido por pisadas apressadas, correndo, na escada. Nick se virou naquela direção e ergueu as mãos, em um gesto que Albert reconheceu imediatamente; já vira adeptos das artes marciais praticando o movimento em sua escola. Era a clássica posição defensiva do Taekwon-Do. Um momento mais tarde, o rosto pálido e aterrorizado de Bethany surgiu à porta do avião e Nick deixou as mãos relaxarem.

— Venham!— gritou Bethany. — Vocês têm que vir!

Ela estava ofegante, sem fôlego e oscilou para trás, sobre a plataforma da escada.

Por um momento, Albert e Brian ficaram certos de que ela tombaria pelos degraus, quebrando o pescoço na queda. Então, Nick saltou para diante, encaixou a mão na nuca de Bethany e a puxou para dentro do avião. Ela nem pareceu perceber o risco que correra. Do círculo alvo do rosto seus olhos escuros chamejavam para eles.

— Por favor, venham! Ele a esfaqueou! Acho que ela está morrendo!

Nick pousou as mãos nos ombros dela e baixou muito o rosto, como se fosse beijá-la.

Quem esfaqueou quem? — perguntou, em voz controlada. — Quem está morrendo?

— Eu... ela... o Sr. T-T-Toomy...

— Diga “xícara de chá”, Bethany.

Ela o fitou com olhos chocados, sem entender. Brian olhava para Nick, como se ele houvesse enlouquecido.

— Diga “xícara de chá”. Agora!

— X-X-Xícara de chá.

— Xícara de chá e pires. Diga, Bethany!

— Xícara de chá e pires.

— Muito bem. Sente-se melhor agora?

Ela assentiu.

— Sim.

— Ótimo. Se achar que vai perder o controle outra vez, diga xícara de chá imediatamente, e ficará bem. Agora — quem foi esfaqueado?

— A garotinha cega. Dinah.

— Maldita merda! Tudo bem, Bethany. Apenas... — Nick interrompeu-se ao ver Brian mover-se por trás de Bethany e encaminhar-se para a escada, seguido por Albert. — Não! — gritou, em um tom duro e vivo, que parou os dois. — Porra, não saiam daqui!

Brian, que havia servido dois turnos no Vietnã, conhecia o som indiscutível de uma ordem quando a ouvia, e parou. Parou tão de repente que Albert chocou o rosto contra a metade de suas costas. Eu sabia, pensou Brian. Sabia que ele ia assumira direção. Era apenas uma questão de tempo e circunstâncias.

— Sabe como isto aconteceu ou onde se encontra agora o nosso lamentável companheiro de viagem? — Nick perguntou a Bethany.

— Aquele cara... o cara da camisa vermelha disse que...

— Tudo bem. Não tem importância. — Nick olhou brevemente para Brian. Seus olhos estavam vermelhos de raiva. — Os malditos tolos deixaram o infeliz sozinho!

Posso apostar minha pensão nisto! Bem, não tornará a acontecer. O nosso Sr. Toomy gastou seu último cartucho!

Tornou a olhar para a jovem. Ela baixou a cabeça, os cabelos lhe caíram depressivamente no rosto. Bethany respirava em fundas e lacrimosas inalações.

— Ela está viva, Bethany? — perguntou ele, gentilmente.

— Eu... eu... eu...

— Xícara de chá, Bethany!

— Xícara de chá! — gritou ela, e ergueu para Nick os olhos lacrimosos, orlados de vermelho. — Eu não sei! Estava viva, quando eu... entenda, quando vim procurá-los.

Pode ser que agora esteja morta. Ele a feriu muito. Meu Deus, por que tínhamos de estar envolvidos com um maldito maluco? As coisas já não estavam ruins o bastante sem isso?

— E nenhum de vocês, que se presumia estarem de olho no sujeito, tem a menor ideia de para onde foi ele em seguida ao ataque, não é?

Bethany cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar. Era toda a resposta de que eles precisavam.

— Não seja tão intransigente com ela — disse Albert quietamente, enquanto passava um braço pela cintura de Bethany.

Ela pousou a cabeça em seu ombro e redobrou a intensidade dos soluços. Nick moveu os dois delicadamente para um lado.

— Se eu estivesse inclinado a ser intransigente com alguém, Ace, seria comigo mesmo. Eu devia ter ficado lá!

Ele se virou para Brian.

— Vou voltar ao terminal. Você fica. O Sr. Jenkins, aqui presente, sem dúvida está certo; nosso tempo aqui é curto. Não gosto de pensar o quanto será. Ligue os motores, mas não mova o avião ainda. Se a menina estiver viva, precisaremos da escada a fim de trazê-la para cá. Bob, poste-se ao pé da escada. Fique de olho, por causa desse maldito Toomy. Você vem comigo, Albert.

Em seguida, Nick disse algo que deixou todos eles gelados:

— Deus me perdoe, mas quase desejaria que ela estivesse morta. Estando morta, isso nos pouparia tempo!

2

Dinah não estava morta e tampouco inconsciente. Laurel lhe tirara os óculos escuros, a fim de enxugar o suor que brotava no rosto da menina. Os olhos de Dinah, castanho-escuros e muito abertos, fitavam sem ver as pupilas verde-azuladas de Laurel. Atrás dela, Don e Rudy permaneciam ombro contra ombro, olhando ansiosamente para baixo.

— Eu sinto muito — disse Rudy, pela quinta vez. — Poderia jurar que o cara dormia.

Ou que desmaiara...

Laurel ignorou-o.

— Como se sente, Dinah? — perguntou docemente.

Não queria olhar para o cabo de madeira projetando-se do vestido da menina, mas era incapaz disso. Havia pouquíssimo sangue, pelo menos até então — um círculo do tamanho de uma xícara pequena, em torno do ponto em que a lâmina penetrara, nada mais.

Até então.

— Está doendo — disse Dinah em voz fraca. — É difícil respirar... E arde!

— Você vai ficar bem — disse Laurel.

Não obstante, seus olhos eram inapelavelmente atraídos para o cabo da faca. A menina era muito miúda, tomava-se difícil entender por que a lâmina não a varara de lado a lado. Também era incrível que ainda estivesse viva.

— ... sair daqui — disse Dinah.

Ela fez uma careta, e um grosso e lento rolo de sangue escapou pelo canto de sua boca, escorregando depois pela face.

— Procure não falar, meu bem — disse Laurel, e afastou úmidos anéis de cabelo da testa de Dinah.

— Você têm que sair daqui — insistiu Dinah. Sua voz era praticamente um sussurro. — E não devem culpar o Sr. Toomy. Ele está... está com medo, só isso. Com medo deles.

Don olhou em torno, malevolamente.

— Se encontrar aquele filho da mãe, eu é que vou assustá-lo! — ameaçou, crispando as mãos com raiva. Um anel maçônico cintilou acima de um dos nós dos dedos, na crescente penumbra. — Vou fazê-lo desejar ter nascido morto!

Nick chegou ao restaurante nesse momento, seguido por Albert. Passou ao lado de Rudy Warwick bruscamente sem uma palavra e ficou de joelhos ao lado de Dinah.

Seu olhar brilhante pousou um instante no cabo da faca, depois passou para o rosto da menina.

— Olá, querida! — exclamou alegremente, mas seus olhos estavam sombrios. — vou levá-la para o ar condicionado. Não se preocupe; estará bem dentro de uma isca de tempo.

Dinah sorriu de leve.

— O que é uma isca de tempo? — sussurrou.

Mais sangue lhe correu da boca, quando falou, e Laurel pôde vê-lo sobre os dentes da menina. Seu estômago revirou-se, lenta e preguiçosamente.

— Eu não sei, mas tenho certeza de que é alguma coisa interessante — replicou Nick. — Vou virar sua cabeça para um lado. Fique o mais quietinha que puder.

— Está bem.

Nick lhe moveu a cabeça, com extremos de delicadeza, até a face de Dinah estar quase encostando no carpete.

— Doeu?

— Doeu — sussurrou Dinah. — Arde. É difícil... respirar...

Sua voz sussurrante adquirira uma qualidade enrouquecida, intermitente. O fio

de sangue escorreu-lhe da boca e empoçou-se no carpete, a menos de três metros do lugar em que o sangue de Craig Toomy secava.

Do exterior, chegou até eles o súbito gemido em alta pressão dos motores de uma aeronave sendo ligados. Don, Rudy e Albert olharam naquela direção. Nick não afastou os olhos da menina. Falava docemente com ela.

— Você tem vontade de tossir, Dinah?

— Sim... não... não sei...

— É melhor não tossir — disse ele. — Se sentir a garganta coçando para tossir, procure ignorar. E não fale mais, está bem?

— Não... machuque... o Sr. Toomy — disse ela em um sussurro, mas suas palavras estavam cheias de forte ênfase, de forte urgência.

— Não, querida, ninguém faria isso. Eu lhe prometo.

— ...não... confio... em você...

Inclinando-se, ele lhe beijou a face e sussurrou-lhe no ouvido:

— Você pode confiar. Confiar em mim, quero dizer. Por ora, só o que tem a fazer é ficar quieta e deixar que nós cuidemos de tudo.

Ele olhou para Laurel.

— Não tentou remover a faca?

— Eu... bem, não. — Laurel engoliu em seco. Havia um nó ardente e áspero em sua garganta que a saliva não diluiu. — Eu deveria?

— Então, não haveria muita chance. Tem alguma experiência de enfermagem?

— Não.

— Está bem, eu lhe direi o que fazer... mas primeiro quero saber se a visão de sangue — um bocado dele — a faria desmaiar. Preciso da verdade.

— Em realidade — respondeu Laurel —, nunca mais vi muito sangue desde que

minha irmã se chocou contra uma porta e perdeu dois dentes, quando brincávamos de esconde-esconde. Naquele momento eu não desmaiei.

— Ótimo. E não irá desmaiar agora. Sr. Warwick, traga-me meia dúzia de toalhas de mesa daquele barzinho embutido, ali adiante. — Ele sorriu para a menina. — Só mais um ou dois minutos, Dinah, e acho que irá sentir-se muito melhor. O jovem Dr. Hopewell é muito gentil com as senhoritas — em particular aquelas que são novas e bonitas.

Laurel sentiu um súbito e totalmente absurdo desejo de estender a mão e tocar os cabelos de Nick.

O que há com você? Esta garotinha talvez esteja morrendo, e você pensa em como deve ser o contato nos cabelos dele! Pare com isso! Como é possível ser tão idiota?

Bem, vejamos... Sou idiota o bastante para voar através do país, indo ao encontro de um homem que só fiquei conhecendo através dos classificados pessoais em uma chamada revista de amizade. Idiota o bastante para ter planejado dormir com ele, caso fosse um homem razoavelmente apresentável... e se não tivesse mau hálito, é claro.

Oh, pare com isso! Pare com isso, Laurel!

Sim, concordou a outra voz em sua mente. Você tem toda razão. É pura idiotice ficar pensando tais coisas em um momento como este, e quero parar com isso... mas gostaria de saber um a coisa: como seria o Jovem Dr. Hopewell na cama?

Seria gentil ou...

Laurel estremeceu e perguntou a si mesma se era assim que um colapso nervoso mediano começava.

— Eles estão mais perto — disse Dinah. — Vocês precisam... — ela tossiu e uma enorme bolha sanguinolenta surgiu entre seus lábios. A bolha estourou, salpicando-lhe as faces. Don Gaffney murmurou algo e virou o rosto. —... realmente precisam... apressar-se — concluiu ela.

O sorriso jovial de Nick não se alterou nem um pouco.

— Eu sei — disse ele.

3

Craig disparou através do terminal, saltou lepidamente o corrimão da escada rolante e desceu correndo os gelados degraus metálicos, com o pânico rugindo e pulsando em sua cabeça como o som do oceano em uma tormenta. Era um som que chegava a sufocar aquele outro, o incessante som rangido e mascado dos langoliers. Ninguém o viu fugir. Ele continuou a correr com rapidez pelo saguão do térreo em direção às portas de saída... e colidiu com elas. Esquecera tudo, inclusive o fato de que o olho elétrico que abria portas não podia funcionar sem eletricidade.

Ele ricocheteou, com o ar expulso dos pulmões, e caiu ao chão, ofegante como um peixe em uma rede. Ficou ali um momento, tateando pelo que lhe restava de mente, e encontrou-se fitando a mão direita. Era apenas uma mancha alva na incessante escuridão, mas Craig podia ver nela os salpicos negros e sabia o que eram: o sangue da garotinha.

Exceto que ela não era uma garotinha, não em realidade. Ela somente parecia um a garotinha. Era o langolier-chefe, e com ela fora do caminho os outros não conseguirão... não conseguirão...

O quê?

Encontrá-lo?

Não obstante, Craig ainda podia ouvir o som faminto da aproximação deles: aquele enlouquecedor ruído de mascar, como se em algum ponto do leste uma tribo de enormes e famintos insetos estivesse em marcha.

Sua mente era um torvelinho. Oh, ele estava tão confuso!

Craig divisou uma porta menor que conduzia ao exterior, levantou-se e caminhou naquela direção. Então parou. Havia uma estrada lá fora, que sem dúvida levava à cidade de Bangor, mas e daí? Estava pouco ligando para Bangor, decididamente, Bangor não fazia parte daquele legendário GRANDE QUADRO. Era para Boston que tinha de ir. Se pudesse chegar lá, tudo ficaria bem. E o que significava isso? Seu pai saberia. Significava que ele tinha que PARAR DE FUGIR POR AÍ e DAR SEGUIMENTO AO PROGRAMA.

Sua mente apegou-se a esta ideia como uma vítima de naufrágio se apega a uma

Sua mente apegou-se a esta ideia como uma vítima de naufrágio se apega a uma peça de madeira do navio afundado — qualquer coisa que flutue, mesmo sendo a porta do banheiro, torna-se um prêmio inestimável. Se ele pudesse chegar a Boston, toda esta experiência seria... seria...

— Posta de lado — murmurou.

Após dizer tais palavras, um vivido facho de luz racional pareceu varar as trevas no interior de sua cabeça, e uma voz (devia ter sido a de seu pai) exclamou SIM!! em confirmação.

No entanto, como poderia ele fazer isso? Boston ficava longe demais para caminhar até lá e os outros não o deixariam embarcar no único avião que ainda funcionava. Não, depois do que ele fizera à sua pequena mascote cega.

— Ora, mas eles não sabem — sussurrou Craig. — Não que lhes prestei um favor, porque ignoram quem ela seja.

Ele assentiu com a cabeça, judiciosamente. Seus olhos, enormes e úmidos cintilaram no escuro.

Esconda-se, sussurrou a voz de seu pai. Esconda-se no avião como clandestino!

Isso mesmo! acrescentou a voz de sua mãe. Viaje como clandestino! Aceite a dica. Craig bebê-chorão! Só que, como clandestino, não precisará de passagem, não é mesmo?

Craig olhou com dúvida para a esteira-rolante de bagagens. Podia usá-la para chegar à pista lá fora, mas e se eles houvessem postado um guarda junto ao avião? O piloto não pensaria nisso — uma vez fora de sua cabina de comando, o homem era evidentemente um imbecil — mas o inglês não deixaria passar tal detalhe.

Então, como fazer?

Se o lado do terminal de Bangor estava impedido, e se o lado do terminal da pista de pouso e decolagem também estava impedido, o que ele deveria fazer e para onde ir?

Craig olhou nervosamente para a escada rolante parada. Eles logo viriam em sua perseguição — com o inglês liderando o bando, na certa — e ali estava ele, no

meio daquele enorme recinto, tão exposto como uma stripper que houvesse acabado de jogar seu fio-dental e os cobre-seios para a platéia.

Preciso esconder-me, pelo menos por algum tempo.

Ele ouvira os motores do jato sendo ligados lá fora, mas isto não o preocupava; sabia alguma coisa sobre aviões e deduzia que Engle não poderia ir a parte alguma sem reabastecer os tanques. E um reabastecimento leva tempo. Não precisava preocupar-se sobre o grupo partir sem ele.

De qualquer modo, ainda não.

Esconda-se, Craig bebê-chorão. É o que tem de fazer no momento. Precisa esconder-se antes que venham procurá-lo.

Ele deu meia-volta lentamente, procurando o lugar mais adequado, investigando a escuridão. E, desta vez, viu uma porta com indicador, espremida entre o balcão da Avis e a Agência de Viagens de Bangor,

SERVIÇOS DO AEROPORTO

dizia o indicador. E aquelas palavras podiam significar quase qualquer coisa.

Craig caminhou para lá em passos rápidos, lançando olhares nervosos sobre o ombro enquanto cruzava o recinto, e tentou a maçaneta. Como acontecera com a porta para a Segurança do Aeroporto, aquela também não girou, mas a porta se abriu ao empurrá-la. Craig deu uma última olhada sobre o ombro, não viu ninguém, entrou e fechou a porta.

Lá dentro, uma escuridão impenetrável o envolveu; sentiu-se tão cego quanto a garotinha que esfaqueara. Não se importava. Ele não tinha medo do escuro, pelo contrário, até gostava. A menos que a pessoa seja uma mulher, não se espera que alguém faça qualquer coisa significativa no escuro. No escuro, o desempenho deixava de ser um fator.

Melhor ainda: o som mastigado dos langoliers ficava abafado.

Craig tateou o caminho lentamente, as mãos estendidas, os pés arrastando-se no chão. Após uns três passos rastejantes, sua coxa entrou em contato com um objeto duro, que lhe pareceu a quina de uma secretária. Estendeu a mão para diante e para baixo. Sim, uma secretária. Deixou as mãos adejarem acima dela

diante e para baixo. Sim, uma secretária. Deixou as mãos adejarem acima dela por um instante, sentindo conforto com o equipamento familiar da América de colarinho branco: uma pilha de papéis, uma cesta para ENTRADA/SAÍDA de correspondência, a borda de um borrador, um recipiente cheio de clipes para papel, um jogo de lápis-caneta.

Ele tateou a caminhada ao redor da secretária até o lado extremo, onde sua coxa se chocou com o braço de uma poltrona. Craig manobrou o corpo entre a poltrona e a secretária e sentou-se.

Estar atrás de uma mesa de trabalho o deixou sentindo-se ainda melhor. Houve a sensação de que voltara a ser ele próprio — calmo, controlado. Tateou, procurando a gaveta de cima e a abriu. Remexeu o interior em busca de uma arma — qualquer coisa afiada. Sua mão achou quase imediatamente um abridor de cartas.

Craig o tirou para fora, fechou a gaveta e o deixou sobre a mesa, junto de sua mão direita.

Ficou ali sentado um momento, ouvindo as batidas amortecidas de seu coração e o som abafado dos motores a jato. Então, mais uma vez, enviou as mãos delicadamente por sobre a superfície da mesa, até reencontrar a pilha de papéis. Tirou a folha do topo e a aproximou do rosto, porém não havia a menor insinuação de alvura... nem mesmo quando ele a segurou alto, bem diante dos olhos.

Tudo bem, Craig bebê chorão. Basta ficar sentado no escuro. Sente-se e espere, até chegar a hora de movimentar-se. Quando a hora chegar...

Eu lhe direi, terminou seu pai, taciturnamente.

— Certo — disse Craig.

Seus dedos assemelhavam-se a patas de aranha, caminhando pela folha invisível de papel até o canto direito. Ele a rasgou docemente até o final em uma tira uniforme.

Rii-ip!

A calma inundou seu cérebro, como fresca água azul. Ele soltou a tira invisível de papel sobre a mesa invisível, e seus dedos retornaram à parte superior da

folha. Tudo ia ficar ótimo. Simplesmente ótimo. Craig começou a cantarolar muito baixinho, em um sussurro sem melodia.

— Chame-me apenas de anjo... da ma — nhã, meu be-em...

Rii-ip!

— Apenas toque meu rosto antes de me deixar... meu be-em...

Agora calmo e em paz, Craig ficou esperando que seu pai lhe dissesse o que deveria fazer em seguida, da mesma forma como agira tantas vezes, quando ele era criança.

4

— Ouça atentamente, Albert — disse Nick. — Temos que levá-la para bordo do avião, mas precisaremos de uma maca para o transporte. Não haverá nenhuma a bordo, mas talvez exista uma por aqui. Onde?

— Poxa, Sr. Hopewell, acho que o Comandante Engle teria melhores condições para...

— Acontece que o Comandante Engle não está aqui — disse Nick, pacientemente.

— Nós é que teremos de resolver isto.

Albert franziu a testa... depois pensou no indicador que tinha visto no andar de baixo.

— Serviços do Aeroporto? — perguntou. — Acha que seria lá?

— Sem sombra de dúvida — disse Nick. — Onde foi que viu isso?

— No andar de baixo. Perto dos balcões para aluguel de carros.

— Certo — replicou Nick. — Ouça como resolveremos o caso. Você e o Sr. Gaffney ficam promovidos a buscadores de padiola e a padioleiros. Sr. Gaffney, sugiro que dê uma olhada junto da grelha, atrás do balcão. Espero que encontre algumas facas afiadas por lá. Tenho certeza de que foi onde nosso desagradável amigo encontrou a dele. Pegue uma para o senhor e outra para Albert.

— Com franqueza, eu sinto muito... — começou ele novamente, mas Nick o interrompeu.

Agora ele olhava para Albert, e seu rosto era apenas um círculo esbranquiçado, acima da sombra mais profunda formada pelo pequeno corpo de Dinah. A noite quase chegara.

— É bem provável que não encontrem o Sr. Toomy; segundo acredito, ele saiu daqui desarmado, em pânico. A esta altura, já encontrou algum esconderijo ou abandonou o terminal. Se o virem, aconselho-os firmemente a não se envolverem com ele, a menos que Craig torne isso necessário. — Ele virou a

cabeça e olhou para Don, que voltava com duas facas de cortar carne. — Mantenham suas prioridades, os dois. A missão de ambos não é recapturar o Sr. Toomy e fazer-lhe justiça. Seu trabalho é encontrar uma padiola e trazê-la para cá, o mais depressa que puderem. Temos que sair daqui!

Don ofereceu uma das facas para Albert, porém este abanou a cabeça e olhou para Rudy Warwick.

— Em vez da faca, eu poderia ficar com uma dessas toalhas?

Don o fitou como se achasse que ele perdera o juízo.

— Uma toalha de mesa? Por Deus, para quê?

— Eu lhe mostrarei.

Albert estivera ajoelhado ao lado de Dinah. Levantando-se, passou para trás do balcão do bar. Espiou por ali, sem ter certeza exata do que procurava, mas certo de que saberia, quando visse. E assim foi. Havia uma antiquada torradeira para duas fatias de pão enfiada bem no fundo do balcão. Ele a pegou, puxando o fio da tomada na parede. Enrolou cuidadosamente o fio em volta da torradeira enquanto voltava para junto dos outros. Pegou uma das toalhas de mesa, abriu-a e colocou a torradeira em seu centro. Dobrou a toalha duas vezes, embrulhando nela a torradeira, como se

fosse um presente de Natal. Deu nós apertados nas quinas das extremidades, formando um bolso. Quando agarrou a extremidade solta da toalha de mesa e ficou em pé, a torradeira embrulhada se tomara uma pedra em uma atiradeira ou funda improvisada.

— Quando eu era criança, costumávamos brincar de Indiana Jones — disse, em tom de explicação. — Eu fazia algo como isto e fingia ser o meu chicote. Quase quebrei o braço de meu irmão David certa vez. Tinha achado um contrapeso de janela de guilhotina na garagem e o enrolei em um lençol velho. Grande imbecilidade minha.

Não sei quanta força empreguei, mas sei que levei uma surra dos diabos por isso.

Acho que parece estupidez, mas a verdade é que funciona muito bem. Pelo menos, sempre funcionou!

Nick olhou, duvidoso, para a arma improvisada de Albert, porém nada disse. Se uma torradeira enrolada em uma toalha de mesa o fazia sentir-se mais seguro para descer ao andar de baixo, na escuridão...

— Está bem. Agora, procurem uma padiola e tragam-na para cá. Se não houver nenhuma na sala de Serviços do Aeroporto, procurem em outro lugar qualquer. Se não acharem nada em quinze minutos — não, digamos dez minutos —, voltem e a carregaremos nos braços.

— Não pode fazer isso! — exclamou Laurel baixinho. — Se houver uma hemorragia interna...

Nick ergueu os olhos para ela.

— Já há uma hemorragia interna. E dez minutos é todo o tempo de que podemos dispor.

Laurel abriu a boca para responder, para argumentar, porém o sussurro fosco de Dinah a deteve.

— Ele está certo — murmurou a menina.

Don enfiou no cinto a lâmina de sua faca.

— Vamos indo, filho! — chamou.

Ao lado de Albert, cruzou o terminal e começou a descer a escada rolante para o andar de baixo. Enquanto caminhavam, Albert enrolou a ponta de sua toalha de mesa carregada em torno da mão.

5

Nick tornou a voltar a atenção para a menina deitada no chão.

— Como está se sentindo, Dinah?

— Dói muito — respondeu ela, em um fio de voz.

— Sim, é claro que dói — disse ele. — E receio que o que vou fazer doa bem mais, ainda que apenas por alguns segundos, pelo menos. Acontece que a faca está em seu pulmão e precisa sair de lá. Sabe disso, não?

— Sei. — Seus escuros olhos que não viam se ergueram para ele.—Tenho... medo...

— Eu também, Dinah. Eu também, mas precisa ser feito. Acha que terá coragem também?

— Terei.

— Boa menina! — Inclinando-se, Nick a beijou de leve na face. — Você é uma menina boa e corajosa. Não vai demorar nada, eu prometo. Quero que fique o mais imóvel que puder, Dinah, e faça tudo para não tossir. Entendeu? É muito importante.

Procure não tossir!

— Tentarei...

— Haverá uma ou duas vezes em que vai achar que não consegue respirar. Talvez sinta como se estivesse vazando. Como um pneu com um furo, entende? É uma sensação horrível, querida, que talvez a faça querer mover-se ou gritar. Não deve fazer nada disto. E não deve tossir!

Dinah deu uma resposta que nenhum deles conseguiu ouvir.

Nick engoliu em seco e, em um gesto rápido, limpou com o braço o suor que tinha na testa. Virou-se para Laurel.

— Dobre duas daquelas toalhas de mesa em compressas quadradas. O mais

grossas que puder. Fique de joelhos perto de mim. O mais perto possível.

Warwick, tire seu cinto!

Rudy obedeceu sem discutir.

Nick tornou a olhar para Laurel. Ela foi novamente atingida, e não desagradavelmente desta vez, pelo poder do olhar daquele homem.

— Vou agarrar o cabo da faca e puxá-la para fora. Se ela não ficou presa em uma das costelas — e não creio que tenha ficado, a julgar por sua posição —, a lâmina sairá em um puxão lento e uniforme. No momento em que a retirar, recuo e lhe dou espaço suficiente diante da área do peito da menina. Você colocará uma de suas compressas sobre o ferimento e pressionará. Apertará com força. Não se preocupe em machucá-la ou comprimir-lhe o tórax, que ela não consiga respirar. Ela tem pelo menos uma perfuração no pulmão — e estou apostando que deve haver duas. São com as perfurações que devemos nos preocupar. Entendeu?

— Entendi.

— Quando colocar o tampão, eu vou erguê-la contra a pressão que você estiver fazendo. O Sr. Warwick então deslizará o outro tampão para debaixo dela se virmos sangue nas costas de seu vestido. Em seguida, ataremos as compressas no lugar, com o cinto do Sr. Warwick. — Ele levantou os olhos para Rudy. — Quando eu pedir, meu amigo, dê-me o cinto. Não me faça pedir duas vezes!

— Estarei atento.

— Consegue enxergar o suficiente para fazer isto, Nick? — perguntou Laurel.

— Acho que sim — replicou ele. — Espero que sim. — Tornou a fitar o rostinho de Dinah. — Preparada?

Ela murmurou algo.

— Muito bem — disse Nick. Respirou fundo, depois soltou o ar. — Que Deus me ajude!

Envolveu os dedos longos e esguios em torno do cabo da faca, como um homem àferrado a um bastão de beisebol. Puxou. Dinah gritou agudamente. Um enorme

jato de sangue esguichou-lhe da boca. Laurel estivera inclinada para diante e, de repente, seu rosto ficou banhado pelo sangue de Dinah. Ela se encolheu, como se fosse vomitar.

— Não! — Nick cuspiu para ela, sem mesmo se virar. — Não ouse bancar a enfermeira molenga para cima de mim! Não ouse!

Laurel inclinou-se para diante novamente, procurando controlar-se e tremendo. A lâmina, um triângulo prateado cintilando foscamente àquela profunda penumbra, emergiu do peito de Dinah e faiscou no ar. O tórax da garotinha cega encolheu-se, e houve um assobio agudo, antinatural, enquanto o ferimento era sugado para dentro.

— Agora! — grunhiu Nick. — Aperte! Com toda a força que puder!

Laurel inclinou-se para Dinah. Por um rápido momento, viu sangue brotando do buraco no tórax da menina, mas logo o ferimento foi coberto. Quase que imediatamente, o tampão de toalha de mesa ficou morno e molhado sob suas mãos.

— Com mais força! — rosnou Nick para ela. — Aperte com mais força! Feche o ferimento! Feche-o!

Laurel agora entendia o que as pessoas queriam dizer ao falarem sobre ficarem inteiramente abatidas, porque se sentia à beira disso.

— Não posso! Quebrarei as costelas dela se...

— Fodam-se as costelas! Você tem que fechar o ferimento!

Laurel debruçou-se para diante sobre os joelhos, colocando todo o seu peso sobre as mãos. Agora podia sentir o líquido escorrendo lentamente por entre seus dedos, embora houvesse dobrado a toalha o mais possível.

O inglês jogou a faca para um lado e abaixou-se para diante, até o rosto quase tocar o de Dinah. Os olhos dela estavam fechados. Ele lhe ergueu uma pálpebra.

— Penso que ela finalmente perdeu os sentidos — disse. — Não tenho certeza, porque seus olhos são muito estranhos, mas peço a Deus que esteja realmente inconsciente. — O cabelo lhe caíra para a testa. Ele o jogou para trás,

impaciente, com um gesto de cabeça. Olhou para Laurel. — Está indo muito bem. Firme o tampão, certo? Vou girá-la agora. Mantenha a pressão enquanto a viro.

— Há sangue demais — grunhiu Laurel. — Ela não sufocará?

— Não sei. Mantenha a pressão. Pronto, Sr. Warwick?

— Oh, Deus, acho que sim — disse Rudy Warwick, em voz trêmula.

— Muito bem. Lá vamos nós! — Nick deslizou as mãos por baixo da omoplata direita de Dinah e fez uma careta. — É pior do que pensei — murmurou. — Muito pior!

Ela está encharcada!

Começou a puxar Dinah lentamente para cima, contra a pressão que Laurel fazia na compressa. Dinah deixou escapar um gemido espesso, grasnado. Uma golfada de sangue meio coagulado saltou de sua boca, espalhando-se pelo chão. Nesse momento, Laurel pôde ouvir uma chuva de sangue salpicando o carpete abaixo da menina.

De repente, o mundo começou a oscilar diante dela.

— Mantenha a pressão! — bradou Nick. — Não afrouxe!

Ela, no entanto, estava desfalecendo.

Foi a ideia do que Nick Hopewell pensaria dela, se desmaiasse, que a levou a agir como agiu em seguida. Prendeu a língua entre os dentes e a mordeu com toda a força que pôde. A dor foi viva e lancinante. O gosto salgado de seu próprio sangue imediatamente lhe encheu a boca... mas interrompeu a sensação de que o mundo bailava diante dela como um enorme peixe preguiçoso em um aquário. Ela estava ali novamente.

No andar de baixo, houve um súbito guincho de dor e surpresa. Logo se seguiu um grito rouco. Na esteira do grito, ouviu-se um berro estentóreo.

Rudy e Laurel viraram-se naquela direção.

— O garoto! — exclamou Rudy. — Ele e Gaffney! Eles...

— Finalmente encontraram o Sr. Toomy — disse Nick. Seu rosto era uma complicada máscara de esforço. Os tendões do pescoço salientavam-se como tirantes de aço. — Resta-nos apenas esperar...

Houve um baque no andar de baixo, acompanhado por um terrível uivo de agonia. Em seguida, uma série de pancadas surdas.

— ... que estejam donos da situação. No momento, nada podemos fazer. Se interrompermos o que estamos fazendo agora, esta garotinha morrerá, na certa!

— Bem, mas aquilo parecia ser o garoto!

— Nada se pode fazer, certo? Deslize o tampão para debaixo dela, Warwick! Faça isso imediatamente, ou levará um chute no traseiro!

6

Don desceu a escada rolante à frente, depois parou por um rápido momento no final dos degraus a fim de remexer nos bolsos. Tirou de lá um objeto quadrado, que cintilou fracamente no escuro.

— É o meu Zippo — explicou. — Será que ainda funciona?

— Não sei — disse Albert. — Poderia funcionar... por algum tempo. É melhor deixar para experimentar apenas quando for preciso. Torço para que se acenda. Não conseguiríamos enxergar coisa alguma sem ele.

— Onde fica a sala de Serviços do Aeroporto?

Albert apontou para a porta que Craig Toomy cruzara, menos de cinco minutos antes.

— Ali adiante.

— Será que está destrancada?

— Bem — replicou Albert

só há um meio de sabermos.

Os dois cruzaram o terminal, Don ainda seguindo à frente, com o isqueiro na mão direita.

7

Craig os ouviu chegando — mais servos dos langoliers, sem dúvida. Entretanto, não estava preocupado. Havia dado conta da coisa que se estivera mascarando de menininha e daria contas destas outras coisas também. Segurou o abridor de cartas, levantou-se e contornou a mesa.

— Será que está destrancada?

— Bem, só há um meio de sabermos.

Vocês vão ficar sabendo de uma coisa, seja como for, pensou Craig. Chegara à parede ao]ado da porta. Era forrada de prateleiras carregadas de pilhas de papel.

Esticando a mão, sentiu as dobradiças. Ótimo. Ao ser aberta, a porta o esconderia deles... embora não havendo chances de ser visto naquela total escuridão. Ali dentro estava negro como um traseiro de elefante. Craig ergueu o abridor de cartas à altura do ombro.

— A maçaneta não gira.

Craig relaxou, mas apenas por um instante.

— Tente empurrá-la.

A voz era do garoto esperto. A porta começou a abrir-se.

8

Don entrou, piscando para a escuridão. Puxou para trás a tampa do isqueiro, levantou-o e pressionou a rodinha com o polegar. Houve uma faísca e o pavio acendeu-se em seguida, produzindo uma chama baixa. Eles viram o que, aparentemente, era uma combinação de escritório e depósito. Havia uma desarrumada pilha de bagagem a um canto e uma copiadora Xerox em outro. A parede do fundo era coberta de prateleiras, nas quais estava empilhado o que dava a impressão de formulários de várias espécies.

Don avançou mais para o interior do aposento, levantando o isqueiro como um espeleólogo segurando uma vela no alto em uma caverna escura. Apontou para a parede à direita.

— Ei, garoto! Ace! Veja!

Um pôster ali afixado mostrava um indivíduo embriagado, vestindo um terno formal de trabalho, cambaleando para fora de um bar e consultando o relógio. O TRABALHO É A MALDIÇÃO DA CLASSE BEBEDORA, advertia o pôster. Presa à parede ao lado, havia uma caixa branca de plástico ostentando uma grande cruz vermelha. E, encostada mais abaixo, uma maca dobrável... do tipo com rodas.

Albert, entretanto, não olhava para o pôster, a caixa de primeiros-socorros ou a padiola. Seus olhos estavam fixos na secretária, no meio da sala.

Sobre ela, viu um emaranhado de tiras de papel.

— Cuidado! — gritou. — Cuidado, ele está aq...

Craig Toomy saiu de trás da porta e atacou.

9

— O cinto! — pediu Nick.

Rudy não se moveu nem respondeu. Tinha a cabeça virada para a porta do restaurante. Os sons no andar de baixo tinham cessado. Havia somente o ruído chocalhante e o contínuo e vibrante rugido do motor a jato no exterior escuro.

Nick escoiccou para trás como uma mula, acertando a canela de Rudy.

— Ai!

— O cinto! Agora!

Rudy caiu desajeitadamente de joelhos e se moveu para perto de Nick, que amparava Dinah com uma das mãos, erguendo-a do chão, e com a outra pressionava uma segunda compressa de toalha de mesa em suas costas.

— Introduza-o debaixo do tampão — disse Nick. Estava ofegando, e o suor lhe escorria em grossas bagas pelo rosto. — Depressa! Não posso erguê-la para sempre!

Rudy fez o cinto deslizar por baixo do tampão. Nick baixou a menina, estendeu a mão acima de seu corpinho e ergueu-lhe o ombro esquerdo, o suficiente apenas para puxar o cinto no outro lado. Então, passou-o acima do peito de Dinah, e o cilhou apertadamente. Colocou a ponta livre do cinto na mão de Laurel.

— Mantenha a pressão — disse-lhe, levantando-se. — Não poderá usar a fivela — ela é pequena demais.

— Vai descer para o térreo? — peiguntou Laurel.

— Vou. Parece o mais indicado.

— Tome cuidado. Por favor, tome cuidado!

Nick sorriu para ela, e todos aqueles dentes alvos, brilhando subitamente na densa penumbra, eram sobressaltantes... mas não amedrontadores, conforme Laurel descobriu. Muito pelo contrário!

— É claro. Assim é que tenho sobrevivido.—Baixando a mão, apertou-lhe o ombro.

A mão era cálida e, àquele contato, Laurel sentiu-se invadida por um leve tremor. —

Saiu-se muito bem, Laurel. Obrigado.

Ele ia começar a virar se quando uma mão pequenina estirou-se e aferrou-se à bainha de seus blue-jeans. Olhando para baixo, Nick percebeu que os olhos cegos de Dinah estavam novamente abertos.

— Não... — começou ela.

Foi interrompida por um sufocado espirro, e o sangue voou de seu nariz em um Chuveiro de diminutas gotas.

— Dinah, você não deve...

— Não... mate... ele!

Mesmo naquela obscuridade, Laurel conseguiu perceber o descomunal esforço da menina para falar alguma coisa. Nick contemplou Dinah, pensativamente.

— O miserável esfaqueou você, como bem sabe. Por que essa insistência em que ele permaneça inteiro?

O estreito tórax de Dinah retesou-se contra o cinto, comprimindo a toalha de mesa manchada de sangue. Ela fez um novo e tremendo esforço para dizer uma coisa mais. Todos procuraram ouvi-la com atenção, pois era visível a sua dificuldade para expressar-se com clareza.

— Só sei... que nós... precisamos... dele... — sussurrou ela, e então seus olhos tomaram a fechar-se.

10

Craig enterrou o abridor de cartas na nuca de Don Gaffney até a altura de seu punho.

Don soltou um grito, deixando o isqueiro cair. Ele bateu no chão e ficou crepitando fracamente. Albert gritou, surpreso, ao ver Craig avançar um passo para Don, que agora cambaleava em direção à mesa, com a mão engalfinhada tateando fracamente atrás do pescoço, querendo encontrar o objeto ali enterrado.

Craig agarrou o abridor com uma das mãos, firmando a outra nas costas de Don.

Enquanto ele puxava e empurrava ao mesmo tempo, Albert ouviu o som de um homem faminto arrancando a coxa de um peru bem assado. Don gritou de novo, agora mais alto, sendo projetado para diante, contra a secretária, sobre a qual tombou esparramado. Os braços tombaram primeiro, atirando ao chão a caixa de ENTRADA/SAÍDA de correspondência e a pilha de formulários para perda de bagagem que Craig estivera rasgando.

Com este movimento, Craig virou-se para Albert, enviando ao ar um chuveiro de gotículas de sangue da lâmina do abridor de cartas.

— Você também é um deles! — arquejou. — Muito bom, dane-se! Vou para Boston e você não pode impedir-me! Nenhum de vocês pode impedir-me!

Foi quando o isqueiro no chão apagou-se de todo, deixando-os mergulhados em total escuridão.

Albert recuou um passo e sentiu uma cálida lufada de ar sobre o rosto quando Craig afundou a lâmina no lugar que ele ocupara apenas um segundo antes. Ele tateou a retaguarda com a mão livre, aterrorizado ante a ideia de ser encurralado em um canto, onde o outro poderia usar a faca (à luz vacilante e pálida do Zippo, ele pensara que o abridor de cartas fosse uma faca) à vontade, onde sua própria arma seria inútil, além de idiota. Seus dedos encontraram apenas espaço vazio, e ele recuou através da porta, saindo para o saguão.

Albert não estava calmo; não se sentia o hebreu mais rápido em qualquer lado do Mississípi; não se sentia mais veloz do que o relâmpago. Era apenas um garoto assustado, que escolhera tolamente um brinquedo de criança em vez de uma arma, por ser incapaz de acreditar — de realmente, realmente acreditar — que a

arma, por ser incapaz de acreditar — de realmente, realmente acreditar — que a situação chegasse a tal ponto, apesar do que o maldito lunático fizera à garotinha no andar de cima. Conseguia sentir o próprio cheiro. Mesmo no ar estagnado, captava seu odor.

Era o odor rançoso do medo absoluto.

Craig quase pareceu voar através da porta, com o abridor de cartas erguido no ar.

Movia-se como uma sombra dançando no escuro.

— Eu o vejo, filho! — ofegou. — Como um gato, eu posso vê-lo!

Começou a deslizar para diante. Albert recuou, afastando-se dele. Ao mesmo tempo, iniciou um movimento pendular com a torradeira, de trás para diante, recordando-se de que teria apenas um bom lance antes que Toomy se aproximasse e fincasse a lâmina em sua garganta ou seu peito.

E se a torradeira sair voando de seu maldito envoltório antes que eu atinja, estou perdido!

11

Craig aproximou-se, oscilando a metade superior do corpo de um lado para o outro, como uma serpente emergindo de uma cesta. Um leve e ausente sorriso lhe tocava os cantos da boca, ali formando covinhas. Certo, disse o pai de Craig soturnamente, de sua imortal fortaleza dentro da cabeça do filho. Se tiver que acabar com eles, de um em um, você pode faze r isso. ERD, Craig, lembra-se? ERD! O Esforço Rende Dividendos!

Isso mesmo, Craig-bebê-chorão, cantarolou sua mãe. Você pode fazer isso, e você tem de fazê-lo!

— Eu sinto muito — murmurou Craig para o rapazinho pálido, através de seu sorriso. Sinceramente, sinto muito, mas sou obrigado a isso. Se você pudesse ver as coisas através de minha perspectiva, entenderia!

12

Albert lançou um olhar rápido para trás e viu que recuava para o balcão de passagens da United Airlines. Se recuasse demais, o arco à retaguarda seria restrito para o seu pêndulo. Precisava agir logo. Começou a balançara torradeira mais rapidamente. A mão suava crispada sobre a toalha de mesa torcida.

Craig captou o movimento' no escuro, mas não saberia dizer o que o rapazinho balançava. Não importava. Não deixaria que importasse. Retesando o corpo, saltou para diante.

— EU VOU PARA BOSTON! — gritou estridentemente. — VOU PARA... viu Craig fazer o movimento. A torradeira percorria metade de seu arco à retaguarda. Ao invés de torcer o pulso para diante, a fim de inverter a direção, Albert deixou o braço seguir com o peso da torradeira, balançando-o para o alto e acima de sua cabeça, em um exagerado gesto de arremesso. Ao mesmo tempo, moveu-se para a esquerda. O volume na extremidade da toalha da mesa descreveu um curto e brusco giro no ar, mantido firmemente no envoltório pela força centrífuga. Craig colaborou, penetrando no arco descendente da torradeira. A arma improvisada encontrou sua testa e a ponte do nariz, produzindo forte e dissonante ruído de esmigalhamento.

Craig uivou de agonia e deixou cair o abridor de cartas. Levando as mãos ao rosto, cambaleou para trás. O sangue do nariz quebrado escorreu por entre os dedos, como água de um hidrante arrombado. Albert ficou aterrorizado com o que tinha feito, porém ainda mais aterrorizado o deixou a ideia de desistir, agora que Toomy estava ferido. Deu outro passo para a esquerda e girou a toalha de mesa no sentido horizontal. Ela varou o ar e bateu no meio do peito de Craig, com um ruído surdo.

Craig caiu para trás, ainda uivando.

Para Albert “Ace” Kaussner, apenas um pensamento persistiu; tudo o mais resumiu-se em um torvelinhante e fragmentado rodopio de cor, imagem e emoção.

Preciso fazê-lo parar de mover-se para que não se levante e me mate! Preciso fazê-lo parar de mover-se para que não se levante e me mate!

Afinal, Toomy largara sua arma; ela jazia cintilando no carpete do saguão. Albert pisou seu mocassim sobre ela e atacou novamente com a torradeira. Quando ela desceu, ele se inclinou da cintura para cima, como um antiquado mordomo acolhendo um membro da família real. O volume no final da toalha de mesa abateu-se sobre a boca ofegante de Craig Toomy. Houve um som semelhante ao de vidro sendo quebrado dentro de um lenço.

Oh, Deus! pensou Albert. Foram os dentes dele!

Craig se ergueu e rastejou pelo chão. Era terrível vê-lo, talvez ainda mais devido à escassez de claridade. Havia algo de monstruoso, como de um inseto incapaz de morrer, em sua hedionda vitalidade.

A mão dele se fechou sobre o mocassim de Albert, e este retirou o pé de cima do abridor de cartas com um leve grito de repulsa. Craig tentou recuperar sua arma ao vê-la livre. Entre os olhos, seu nariz era uma massa sanguinolenta de carne. Mal conseguia enxergar Albert; sua visão havia sido substituída por um enorme halo branco de luz. Uma nota insistente e penetrante soava em sua cabeça, o som de um teste padronizado para televisão, ligado a todo volume.

Craig estava além de causar qualquer problema, porém Albert não sabia. Em pânico, deixou a torradeira abater-se novamente sobre a cabeça do outro. Houve um chocalhar metálico quando os elementos internos de aquecimento se soltaram do aparelho.

Craig parou de mover-se.

Albert ficou em pé ao lado dele, soluçando por respirar, a toalha de mesa com a torradeira pendendo de sua mão. Então, deu dois longos e tortuosos passos para a escada rolante, tornou a inclinar profundamente o corpo para diante e vomitou no chão.

13

Brian persignou-se quando empurrou para trás o protetor de plástico negro que cobria a tela do terminal de video INS do 767, esperando a meio encontrá-lo apagado, sem vida. Olhou para ele atentamente... e deixou escapar um profundo suspiro de alívio.

ULTIMO PROGRAMA COMPLETO

informaram as frias letras verde-azuladas, e, abaixo delas:

NOVO PROGRAMA? S N

Brian digitou S, e então:

INVERTER AP 29: LAX/LOGAN

A tela ficou escura por um momento. E depois:

INCLUIR DESVIO NO PROGRAMA INVERTIDO AP 29? S N

Brian digitou S.

COMPUTACAO INVERTIDA

informou a tela, e menos de cinco segundos mais tarde:

PROGRAMA COMPLETO

— Comandante Engle?

Ele se virou. Bethany estava parada à porta da cabina de comando. Parecia pálida e emaciada ás luzes da cabina.

— Neste momento estou um pouco ocupado, Bethany.

— Por que será que eles não voltam?

— Não sei dizer.

— Eu perguntei a Bob — ao Sr. Jenkins — se ele via alguém se movendo dentro

— Eu perguntei a Bob — ao Sr. Jenkins — se ele via alguém se movendo dentro do terminal e ele disse que não via. E se todos eles estiverem mortos?

— Tenho certeza de que não estão. Se isto a faz sentir-se melhor, por que não fica com ele ao pé da escada? Ainda tenho algum trabalho para fazer aqui.

Pelo menos espero ter.

— Está com medo? — perguntou ela.

— Sim. Claro que estou.

Bethany sorriu de leve.

— Chego a ficar satisfeita com isso. E horrível ser a única pessoa com medo, medo de tudo à nossa volta — totalmente falso. Bem, vou deixá-lo em paz agora.

— Obrigado. Tenho certeza de que eles logo voltarão.

Ela saiu. Brian se voltou para o monitor INS e digitou:

HA PROBLEMAS COM ESTE PROGRAMA?

Pressionou a tecla EXECUTE.

NAO HA PROBLEMAS. OBRIGADO POR VOAR

AMERICAN PRIDE

— Esteja à vontade, sem dúvida — murmurou Brian, e enxugou com a manga o suor que lhe porejava a testa.

E agora, pensou, torçamos para que o combustível queime!

14

Bob ouviu pisadas na escada e se virou rapidamente. Era apenas Bethany, descendo lenta e cautelosamente, porém, mesmo assim, ele se sentia assustadiço. O som que vinha do leste ficava gradualmente mais alto.

Mais próximo.

— Oi, Bethany! Pode arranjar mais um de seus cigarros?

Ela ofereceu o maço quase vazio, depois pegou um cigarro para si mesma. Havia enfiado a carteirinha experimental de fósforos de Albert no envoltório de celofane do maço, e quando tentou um deles não teve dificuldade em acendê-lo.

— Algum sinal dos outros?

— Bem, acho que tudo depende do que quer dizer com “algum sinal" — respondeu Bob cautelosamente. — Creio ter ouvido gritos pouco antes de você descer.

O que ele de fato ouvira pareciam berros — berros esganiçados, para ser mais exato — , porém não via motivos para contar isso à jovem. Bethany parecia tão amedrontada quanto ele e, por outro lado, já deixara entrever que sentia certa afeição por Albert.

— Espero que Dinah se saia bem — disse ela — mas é difícil saber. Foi um ferimento feio.

— Viu o comandante?

Bethany assentiu.

— Ele quase me expulsou de lá. Acho que está programando seus instrumentos, ou coisa assim.

Bob Jenkins assentiu gravemente.

— Espero que esteja mesmo!

A conversa morreu. Os dois olharam para o leste. Um som novo e ainda mais

agourento agora sublinhava o ruído rangente, de mastigação: um grito agudo, inanimado. Era um som singularmente mecânico, que fez Bob pensar em uma mudança automática com pouco fluido.

Ele assentiu com relutância. Sugou o cigarro e, por um momento, a brasa avivada iluminou um par de olhos cansados e aterrorizados.

— O que supõe que seja isso, Sr. Jenkins?

Ele meneou a cabeça lentamente.

— Minha cara jovem, espero que nunca tenhamos de descobrir!

15

Da metade dos degraus da escada rolante, Nick divisou uma figura inclinada, parada diante da bancada inútil de telefones públicos. Era impossível distinguir se seria Albert ou Craig Toomy. O inglês enfiou a mão no bolso direito da frente, pressionando com a mão esquerda para impedir qualquer tilintar e, pelo tato, escolheu duas moedas de vinte e cinco centavos entre os trocados que ali havia. Fechou a mão direita em um punho, fazendo depois as moedas deslizarem entre os dedos, improvisando assim uma soqueira de metal. Depois continuou a descida para o saguão.

A figura junto dos telefones se ergueu à sua aproximação. Era Albert.

— Cuidado para não pisar no vômito — avisou ele foscamente.

Nick deixou as moedas caírem novamente no bolso e apressou o passo para junto do rapaz. Albert tinha as mãos apoiadas acima dos joelhos, como um velho que superestimou em muito a própria capacidade para exercitar-se. Pôde sentir o odor forte e acre de vômito. Isto e o suado fedor de medo que Albert irradiava eram cheiros demasiado familiares para ele. Já os conhecia desde as Falklands e, ainda com maior intimidade, da Irlanda do Norte. Passou o braço esquerdo pelos ombros do rapaz e Albert endireitou o corpo vagarosamente.

— Onde estão eles, Ace? — perguntou Nick, calmamente. — Gaffney e Toomy — onde estão eles?

— O Sr. Toomy está ali. — Albert apontou para uma sombra enovelada no chão. —

O Sr. Gaffney está na sala de Serviços do Aeroporto. Penso que estão mortos, ambos. O Sr. Toomy estava na sala de Serviços do Aeroporto. Atrás da porta, acho eu. Matou o Sr. Gaffney, porque foi quem entrou primeiro na sala. Se eu tivesse entrado na frente, o morto seria outro. Eu, em vez dele.

Albert engoliu em seco, com dificuldade.

— Então, matei o Sr. Toomy. Tinha de matá-lo. Ele veio atrás de mim, entende?

Encontrou uma faca em algum outro lugar e veio atrás de mim.

Albert expressava-se em um tom que poderia ser tomado como indiferença, porém Nick não se deixou enganar. Não era indiferença o que via no alvo borrão do rosto dele.

— Acha que pode controlar-se, Ace? — perguntou Nick.

— Não sei. Nunca m-m-matei ninguém antes e... — Albert deixou escapar um soluço estrangulado e infeliz.

— Eu sei — disse Nick. — É uma coisa terrível, mas pode ser superada. Eu sei disso.

E você deve superá-la, Ace. Ainda temos quilômetros a percorrer antes de dormir e não há tempo para terapia. O som está mais forte agora.

Deixou Albert e foi até a forma embolada no chão. Craig Toomy jazia de lado, com um braço parcialmente erguido, obscurecendo o rosto. Nick o rolou para as costas, espiou e assobiou baixinho. Toomy ainda estava vivo — ele podia ouvir o chiado rouco de sua respiração — porém Nick apostava sua conta bancária como o homem não fingia desta vez. Seu nariz não tinha sido apenas quebrado, parecia ter-se evaporado. A boca era um buraco sangrento, orlado pelos restos estilhaçados dos dentes. E a mossa funda e preocupante em sua testa sugeria que Albert produzira alguma criativa reforma no crânio do homem.

— Ele fez tudo isto com uma torradeira?— murmurou Nick. — Por todos os santos do céu! — Ergueu-se e falou em voz alta: — Ele não está morto, Ace!

Albert inclinara-se novamente depois que Nick o deixara. Então, endireitou o corpo devagar e deu um passo para ele.

— Não está?

— Observe você mesmo. Saiu de circulação, mas continua no jogo. — Não por muito tempo, contudo: não, a julgar por sua aparência. — Vejamos agora o Sr. Gaffney — talvez tenha tido alguma sorte também. E quanto à maca?

— Hum?

Albert olhou para Nick como se este houvesse falado em alguma língua estrangeira.

— A maca — repetiu Nick pacientemente, enquanto se encaminhavam para a porta aberta da sala de Serviços do Aeroporto.

— Nós a encontramos — disse Albert.

— É mesmo? Que ótimo!

Albert parou logo depois da porta.

— Espere um minuto — murmurou. Agachando-se, começou a tatear pelo isqueiro de Don. Encontrou-o pouco depois. Tornou a levantar-se. — Acho que o Sr. Gaffney está do lado oposto da mesa.

Os dois contornaram a mesa, passando por sobre as pilhas de papel e a caixa ENTRADA/SAÍDA de correspondência que haviam sido derrubadas ao chão. Albert acionou a rodinha do isqueiro que erguera no ar. O pavio acendeu na quinta tentativa e queimou fracamente por uns três ou quatro segundos. Isto bastou. Aliás, Nick já vira o que queria à débil claridade das faíscas do isqueiro, quando Albert tentava acendê-lo, mas preferira nada dizer. Don Gaifney jazia esparramado de costas, os olhos abertos, com uma expressão de terrível surpresa ainda estampada no rosto.

Afinal, não tivera nem um pouco de sorte.

— Como foi que Toomy não acertou você também? — perguntou Nick, após um momento.

— Eu sabia que ele estava aqui — disse Albert. — Já sabia, ainda antes de ele atacar o Sr. Gaffney.

A voz dele continuava seca e trêmula, mas já se sentia melhor. Agora realmente fitara o pobre Sr. Gaffney — que o vira frente a frente, por assim dizer —, sentia-se um pouco melhor.

— Você o ouviu?

— Não — vi aquilo. Em cima da mesa — disse Albert, e apontou para o pequeno monte de tiras de papel.

— Foi uma sorte ter visto. — Nick pousou a mão sobre o ombro de Albert, no escuro. — Você merece estar vivo, companheiro. Mereceu o privilégio. E então

escuro. — Você merece estar vivo, companheiro. Mereceu o privilégio. E então, sente-se bem?

— Tentarei — respondeu Albert.

— Faça isso, filho. Poupa um bocado de pesadelos. Está olhando para um homem que sabe o que diz.

Albert assentiu.

— Mantenha o controle da situação, Ace. É tudo quanto precisará fazer — mantendo as coisas controladas, você se sentirá ótimo.

— Sr. Hopewell?

— Diga.

— Posso pedir que não me chame assim? Eu... — A voz dele embargou-se, mas Albert pigarreou com violência. — Acho que não gosto mais disso.

Trinta segundos mais tarde, eles emergiam da escura caverna que era a sala de Serviços do Aeroporto. Nick carregava a maca dobrada pelas empunhadoras e, quando alcançaram a bancada de telefones, estendeu-a a Albert, que aceitou em silêncio. A toalha de mesa jazia no chão, a cerca de metro e meio de Toomy, que agora roncava em grandes golfadas irregulares de ar.

O tempo voava, era infernalmente curto, mas Nick precisava ver aquilo. Ele tinha que ver.

Ergueu a toalha de mesa e puxou a torradeira para fora. Um dos elementos de aquecimento ficara preso em uma fenda onde o pão era introduzido; o outro caiu ao chão. O disco do timer e a alavanca usada para retirar o pão estavam soltos. Uma quina da torradeira fora amassada para dentro. O lado esquerdo mostrava uma funda mossa circular.

Deve ser a parte que colidiu com o fungador do Amigo Toomy, pensou Nick.

Espantoso! Sacudiu a torradeira e ouviu o chocalhar das partes soltas no interior.

— Uma torradeira! — maravilhou-se. — Eu tenho amigos, Albert — amigos profissionais — que não acreditariam nisto. Aliás, eu mal chego a acreditar. Quero dizer... uma torradeira!

Albert tinha virado a cabeça.

— Jogue-a fora — disse em voz rouca. — Não quero mais vê-la.

Nick fez o que ele pedia, depois bateu em seu ombro.

— Leve a maca para cima. Logo irei para lá também.

— O que vai fazer?

— Quero ver se por aqui ainda há mais alguma coisa que possamos usar. Vou voltar àquela sala.

Albert encarou-o por um momento, mas não conseguia divisar bem as feições de Nick no escuro. Por fim, disse:

— Não acredito no senhor.

— Não é obrigado a acreditar — disse Nick, em voz singularmente gentil. — Vá andando, Ace... quero dizer, Albert. Em pouco tempo estarei com vocês. E não olhe para trás.

Albert continuou a fitá-lo por um momento mais, depois começou a subir os degraus da escada rolante imóvel, de cabeça baixa, a maca pendendo de sua mão direita como uma pasta. Não olhou para trás.

17

Nick esperou, até que o rapaz desapareceu na escuridão. Então caminhou novamente até onde jazia Craig Toomy e agachou-se ao lado dele. O indivíduo continuava inconsciente, porém sua respiração parecia mais regular. Nick supôs que uma recuperação não seria impossível após uma ou duas semanas de tratamento constante em um hospital. Toomy demonstrara uma coisa, pelo menos: tinha uma cabeça espantosamente dura.

É pena que os miolos dentro dela sejam tão moles, companheiro, pensou Nick.

Estendeu as mãos, querendo colocar uma sobre a boca de Toomy e a outra sobre seu nariz — ou o que restava dele. Levaria menos de um minuto, e eles não precisariam preocupar-se mais com o Sr. Craig Toomy. Os outros recuariam aterrorizados diante de tal ato—classificariam aquilo como um assassinato a sangue-frio — porém Nick o via como uma apólice de seguro, nem mais nem menos. Toomy proviera uma vez do que parecia ser a total inconsciência, e agora um do grupo deles estava morto e o outro seriamente ferido, talvez mortalmente. Não fazia sentido passarem de novo pela mesma ameaça.

Havia mais uma coisa. Se deixasse Toomy vivo, exatamente para que ele iria viver? Uma curta e obcecada existência em um mundo morto? Uma chance de respirar ar moribundo, sob um céu imóvel, em que todos os padrões meteorológicos pareciam ter cessado? Uma oportunidade de encontrar o que quer que estivesse vindo do leste... aproximando-se com o som semelhante ao de uma colônia de gigantescas formigas forrageiras?

Não. Era melhor deixá-lo fora disso. Seria indolor e, afinal, era suficientemente bom para ele.

— Melhor do que o filho da mãe merece — disse Nick, mas continuou hesitando.

Não mate ele! Não era um pedido; havia sido uma ordem. Ela reunira alguma força, de uma última e oculta reserva, a fim de dar-lhe tal ordem. Só sei que nós precisamos dele.

Por que ela se mostra tão infernalmente protetora com ele?

Ficou agachado um pouco mais, fitando o rosto arruinado de Craig Toomy. E

Ficou agachado um pouco mais, fitando o rosto arruinado de Craig Toomy. E quando Rudy Warwick falou, do alto da escada rolante, Nick saltou, como se ele fosse o próprio demônio.

— Sr. Hopewell? Nick? Já está vindo?

— Em um segundo! — gritou em resposta, por sobre o ombro.

Estendeu novamente as mãos para o rosto de Toomy e tornou a parar, recordando os olhos escuros de Dinah.

Nós precisamos dele.

Levantou-se abruptamente, deixando Craig Toomy às voltas com seu torturado esforço para respirar.

— Já estou indo! — gritou, e correu agilmente para a escada rolante.

Oito

O REABASTECIMENTO.
PRIMEIRAS LUZES DO ALVORECER.
A APROXIMAÇÃO DOS LANGOLIERS.
O ANJO DA MANHÃ.
OS GUARDIÃES DE TEMPO DA ETERNIDADE.
A DECOLAGEM.

1

Bethany havia jogado fora seu cigarro quase sem sabor e subira metade dos degraus da escada novamente, quando Bob Jenkins gritou:

— Acho que eles estão vindo!

Ela se virou e desceu os degraus apressadamente. Uma série de formas escuras emergia do pátio de bagagens e engatinhava ao longo da esteira rolante. Bob e Bethany correram para lá.

Dinah havia sido presa à maca. Rudy segurava uma extremidade e Nick a outra.

Moviam-se sobre os joelhos, e Bethany pôde ouvir o homem calvo respirando em curtos e difíceis arquejos.

— Deixe-me ajudar — disse para ele, e Rudy entregou-lhe de bom grado sua extremidade da maca.

— Procure não sacudi-la — disse Nick, movendo as pernas para fora da esteira rolante. — Albert, tome o lugar de Bethany e ajude-me a subir a escada com a maca.

Queremos que esta coisa fique o mais nivelada possível.

— Como está ela? — perguntou Bethany a Albert.

— Nada bem — respondeu ele, taciturno. — Inconsciente, mas ainda viva. É tudo o que posso dizer.

— Onde estão Gaffney e Toomy? — perguntou Bob, enquanto eles se

encaminhavam para o avião.

Precisou erguer ligeiramente a voz para ser ouvido; aquele som de mastigação estava mais forte agora, o subtom esganiçado de transmissão sem óleo se tomara uma nota dominante, enlouquecedora.

— Gaffney está morto e Toomy bem poderia estar — disse Nick. — Discutiremos isto mais tarde, se preferir. No momento não há tempo. — Ele parou ao pé da escada para o avião. — Procurem manter sua extremidade da maca elevada, vocês dois!

Foram movendo a maca lenta e cuidadosamente na subida dos degraus, com Nick subindo de costas e abaixando a extremidade dianteira, enquanto Albert e Bethany, segurando a extremidade traseira, erguiam a maca à altura da testa, os quadris de ambos atropelando-se na escada estreita. Bob, Rudy e Laurel seguiam atrás. Laurel falara apenas uma vez desde que Albert e Nick tinham voltado, a fim de perguntar se Toomy estava morto. Quando Nick lhe disse que não estava, ela o fitara atentamente e depois assentira com a cabeça, aliviada.

Brian estava parado à porta da cabina de comando quando Nick alcançou o alto da escada e arriou sua extremidade da maca no interior.

— Quero colocá-la na primeira classe — disse Nick — com esta extremidade da maca erguida, a fim de que sua cabeça fique mais elevada. Posso fazer isso?

— Não há problema. Firme a maca passando dois cintos de segurança através da estrutura da cabeceira. Entende como?

— Perfeito — disse Nick. Virou-se para Albert e Bethany: — Podem subir. Estão indo muito bem.

Às luzes da cabine, o sangue espalhado pelas faces e queixo de Dinah ficou em vivo contraste com o branco-amarelado de sua pele. Ela estava com os olhos fechados; as pálpebras mostravam um suave matiz de lavanda. Abaixo do cinto (no qual Nick fizera um novo orifício, acima dos outros), a compressa improvisada estava vermelha-escura Brian podia ouvi-la respirando. O som era o de um canudo de refresco sugando ar no fundo de um copo quase vazio.

— Ela está mal, não? — perguntou ele em voz baixa.

— Bem, o atingido foi o pulmão, não o coração, e ela não o está inflando tão

— Bem, o atingido foi o pulmão, não o coração, e ela não o está inflando tão depressa como receei que fizesse... mas está mal, sim.

— Acha que viverá até voltarmos?

— Como, diabo, posso saber? — gritou Nick subitamente para ele. — Sou um soldado, não um maldito serra-ossos!

Brian ficou gelado, fitando-o com ar cauteloso. Laurel sentiu a pele arrepiar-se novamente.

— Sinto muito — murmurou Nick. — A viagem através do tempo deixa os nervos da gente em frangalhos, não é mesmo? Sinto muito, de verdade.

— Não precisa desculpar-se — disse Laurel, e lhe tocou o braço. — Estamos todos sob tensão.

Nick ofereceu-lhe um sorriso fatigado e tocou seus cabelos.

— Você é um amor, Laurel, não há dúvida. Vamos, precisamos acomodá-la e ver o que podemos fazer sobre cairmos logo fora daqui!

2

Cinco minutos mais tarde, a maca de Dinah havia sido firmada sobre duas poltronas da primeira classe, em posição inclinada, com a cabeceira mais alta e os pés em nível mais baixo. Os passageiros restantes amontoavam-se em um pequeno grupo ao redor de Brian, na área de serviço da primeira classe.

— Precisamos reabastecer o avião — disse Brian. — Vou ligar agora o outro motor e aproximar-me o mais possível daquele 727-400, junto ao túnel de embarque. — Ele apontou para o avião Delta, que era apenas um vulto acinzentado na obscuridade. —

Como este avião é mais alto, conseguirei colocar nossa asa direita logo acima da asa esquerda do Delta. Enquanto faço esta manobra, quatro de vocês trarão um carro de mangueiras — há um perto do outro túnel de embarque. Eu o vi lá antes de escurecer.

— Talvez fosse bom acordarmos a Bela Adormecida do final do avião e pedir que nos desse uma ajuda — disse Bob.

Brian pensou brevemente na sugestão e sacudiu a cabeça.

— A última coisa que precisamos no momento é de outro passageiro amedrontado e desorientado em nossas mãos... e com uma ressaca dos diabos. Aliás, podemos dispensá-lo — dois homens fortes conseguem empurrar um carro de mangueiras em um piscar de olhos. Já vi isto ser feito. Terão apenas de verificar se a alavanca de mudança está em ponto morto. Ele precisará ficar diretamente abaixo das asas superpostas. Entendido?

Todos eles assentiram. Brian avaliou-os e decidiu que Rudy e Bethany ainda estavam demasiado cansados do transporte da maca para serem de grande ajuda.

— Nick, Bob e Albert, vocês empurram. Laurel dirigirá. Certo?

— Então, podem ir. Bethany? Sr. Warwick? Desçam com eles. Afastem a escada encostada ao avião. Quando eu o tiver na nova posição, coloquem-na perto das asas superpostas. Das asas, não da porta. Entenderam?

Os dois assentiram. Ao observá-los, Brian notou que seus olhos pareciam animados e brilhantes pela primeira vez desde que haviam pousado. É claro

animados e brilhantes pela primeira vez desde que haviam pousado. É claro, pensou.

Agora, têm alguma coisa para fazer. E eu também, graças a Deus!

3

À medida que se aproximavam do carro de mangueiras, parado um pouco à esquerda do túnel de embarque desocupado, Laurel percebeu que conseguia realmente vê-lo.

— Santo Deus! — exclamou ela. — Está alvorecendo novamente! Quanto tempo demorou a escuridão?

— Pelo meu relógio, menos de quarenta minutos — disse Bob —, mas tenho a impressão de que ele não marca o tempo muito bem quando estamos fora do avião.

Também tenho a impressão de que, afinal, o tempo aqui não importa muito.

— O que vai acontecer ao Sr. Toomy — perguntou Laurel.

Tinham chegado ao carro de mangueiras. Era um pequeno veículo, com um tanque na traseira, uma boléia sem teto e grossas mangueiras negras enroladas nos dois lados. Nick passou um braço pela cintura dela e a fez virar-se para ele. Por um momento, Laurel teve a louca ideia de que ia ser beijada, e sentiu o coração acelerar.

— Não sei o que acontecerá a ele — respondeu. — Sei apenas que, quando os dados foram lançados, preferi fazer o que Dinah queria. Deixei-o lá mesmo, inconsciente no chão. Certo?

— Não — disse ela, em voz ligeiramente instável mas acho que não podia ser de outro modo.

Ele sorriu de leve, assentiu e apertou-lhe brevemente a cintura.

— Gostaria de jantar comigo quando e se voltarmos para L.A.?

Sim — respondeu ela imediatamente. — Isso seria algo para manter-me na expectativa.

Ele tornou a assentir.

— Vale para mim também. Entretanto, a menos que possamos reabastecer este

avião, não iremos a lugar algum. — Nlck olhou para a cabina aberta do carro de mangueiras. — Acha que pode encontrar o ponto morto?

Laurel viu a alavanca do câmbio projetando-se do piso do carro.

— Só sei dirigir com mudança automática.

— Darei um jeito nisto — disse Albert.

Saltou para a boléia, pisou na embreagetn e então estudou o diagrama impresso na maçaneta da alavanca de mudança. Atrás dele, o segundo motor do 767 uivou para a vida, e os dois motores começaram a pulsar mais forte, à medida que Brian aumentava a potência. O ruído era infernal, mas Laurel descobriu que não se incomodava, pois suplantava aquele outro som, ainda que temporariamente. Além disso, o tempo todo sentia vontade de olhar para Nick. Ele a teria, realmente, convidado para jantar? Já lhe parecia difícil acreditar nisso.

Albert trocou a marcha, depois engatou o câmbio.

— Pronto — disse, e saltou para o chão. — Pode subir, Laurel. Assim que começarmos a rodá-lo, você terá que virar com firmeza para a direita, dirigindo em um círculo.

— Tudo bem.

Ela se virou nervosamente para trás e olhou os três homens que se alinhavam na traseira do carro de mangueiras, com Nick no centro.

— Preparados, vocês dois? — perguntou ele.

Albert e Bob assentiram.

— Muito bem, então — todos juntos!

Bob se dispusera a empurrar com toda a força que pudesse e amaldiçoou a dor no final das costas que o perseguia nos últimos dez anos, mas o carro de mangueiras rodou com absurda facilidade. Laurel girou o rígido e teimoso volante com o máximo de força. O veículo amarelo descreveu um pequeno círculo sobre o concreto cinzento e começou a rodar em direção ao 767, que rolava lentamente para posicionar-se do lado direito do jato Delta estacionado.

— A diferença entre os dois aviões é incrível — disse Bob.

— Sim — concordou Nick. — Você tinha razão, Albert. Podemos ter-nos distanciado do presente, mas de alguma estranha forma esse avião continua sendo parte dele.

— E nós também — replicou Albert. Pelo menos, até agora.

As turbinas do 767 morreram, deixando apenas o grave e firme ronco das unidades de força auxiliares — Brian agora fazia funcionar todas as quatro. Seu ruído não era alto o bastante para cobrir o som que vinha do leste. Anteriormente, esse som possuía uma espécie de maciça uniformidade, mas esta agora se fragmentava com a aproximação; era como se houvesse sons dentro de sons, cuja soma total começava a parecer horrivelmente familiar.

Animais na hora de comer, pensou Laurel, e estremeceu. É o que parece esse som — o som de animais comendo, passando por um amplificador, sendo transmitido em um volume de grotescas proporções.

Tornou a estremecer com violência, sentindo que o pânico começava a turvar seus pensamentos, como uma força elementar que não conseguiria controlar, como tampouco conseguiria controlar o que produzia aquele som.

— Se pudéssemos vê-lo, talvez pudéssemos manejá-lo — disse Bob, quando recomeçaram a empurrar o carro das mangueiras.

Albert olhou brevemente para ele.

— Duvido muito! — respondeu.

4

Brian surgiu na porta dianteira do 767 e gesticulou para que Rudy e Bethany empurrassem a escada para ele. Quando os dois fizeram isso, ele saiu para a plataforma no topo da escada e apontou para as asas que se sobrepunham. Enquanto Rudy e Bethany o rodavam para aquela direção, Brian ouviu o som que se aproximava e viu-se recordando um filme a que assistira na última sessão, muito tempo atrás.

Nesse filme, Charlton Heston era dono de uma grande plantação na América do Sul.

A plantação havia sido atacada por um vasto tapete móvel de formigas-guerreiras, formigas que devoravam tudo à sua passagem — árvores, relva, casas, vacas, homens.

Como era mesmo o nome daquele filme? Ele não conseguia lembrar. Lembrava apenas que Charlton empenhava-se em cada vez maior número de truques desesperados para deter as formigas ou pelo menos retardá-las. Teria ele vencido no final?

Brian tampouco se lembrava, mas recordou subitamente um fragmento de seu sonho, algo que o perturbou pela falta de associação com qualquer outra coisa: um horrendo aviso vermelho que dizia

ESTRELAS CADENTES APENAS.

— Parem! — gritou para baixo, em direção a Rudy e Bethany.

Os dois pararam de empurrar, e Brian desceu cautelosamente os degraus, até sua cabeça nivelar-se à parte inferior da asa do Delta. Tanto o 767 como o 727 eram equipados com orifícios de abastecimento em um só ponto, na asa esquerda. Ele agora olhava para uma pequena escotilha quadrada com as palavras

ACESSO AO TANQUE DE COMBUSTÍVEL e CHECAR VÁLVULA DE FECHAMENTO ANTES DE REABASTECER,

escritas em estêncil sobre ela. E algum engraçadinho colara um redondo adesivo amarelo com uma cara sorridente na escotilha de combustível. Era o toque surrealista final.

surrealista final.

Albert, Bob e Nick tinham empurrado o carro de mangueiras até posicioná-lo abaixo dele. Olhavam para cima, os rostos parecendo sujos círculos acinzentados na escuridão que se diluía. Brian inclinou-se e gritou para Nick:

— Há duas mangueiras, uma em cada lado do carro! Quero a curta!

Nick libertou-a e a estendeu para o alto. Segurando a escada e o bico da mangueira com uma das mãos, Brian inclinou-se por baixo da asa e abriu a escotilha de reabastecimento de combustível. No interior havia um conector macho, com um pino de aço projetando-se como um dedo. Brian inclinou-se um pouco mais... e escorregou. Agarrou o corrimão da escada.

— Aguarde um pouco, companheiro! — disse Nick, trepando na escada. — O socorro está a caminho! — Parou três degraus abaixo de Brian e o firmou pelo cinto.

— Pode me fazer um favor?

— O que é?

— Não peide!

— Tentarei, mas não prometo.

Tornou a inclinar-se e olhou para baixo, para os outros. Rudy e Bethany se tinham juntado a Bob e Albert, debaixo da asa.

— Afastem-se, a menos que queiram uma ducha de combustível para jato! — gritou.

— Não será possível controlar a válvula de fechamento do Delta, e o combustível pode vazar!

Enquanto esperava que eles se afastassem, pensou: É claro que não vai vazar.

Pelo que sei, os tanques desta coisa estão tão secos como um maldito osso.

Inclinou-se de novo, agora usando as duas mãos, já que Nick o ancorava com firmeza, e introduziu ruidosamente o bico da mangueira na abertura para o combustível. Houve um breve borrifado chuveiro de combustível — um muito

combustível. Houve um breve borrifado chuveiro de combustível — um muito bem-vindo chuveiro, naquelas circunstâncias — e então um firme clique metálico. Brian girou o bico da mangueira um quarto de volta para a direita, trancou-o naquela posição e, com satisfação, ouviu o combustível descer pela mangueira até o carro, onde uma válvula fechada represaria seu fluxo.

— Okay! — suspirou, movendo o corpo de volta à escada. — Até agora, tudo bem!

— E depois, companheiro? Como faremos esse carro funcionar? Teremos que fazer uma ponte de conexão diretamente do avião, ou o quê?

— Duvido que pudéssemos fazer isso, mesmo que alguém se lembrasse de trazer os cabos de conexão — disse Brian. — Por sorte, ele não tem que funcionar.

Essencialmente, esse carro é apenas uma engenhoca para filtrar e transferir combustível. Vou utilizar as unidades de força auxiliares de nosso avião para sugarem o combustível do 727, da maneira como se usaria um canudinho para beber a limonada de um copo.

— Quanto tempo isso vai demorar?

— Em condições ótimas — o que significa bombeamento com força de terra —

poderíamos transferir 2.000 libras de combustível em um minuto. Da maneira como estamos fazendo, fica mais difícil calcular. Nunca tive antes que utilizar as unidades de força auxiliares no bombeamento de combustível. Pelo menos uma hora. Talvez duas.

Nick olhou ansiosamente para o leste por um momento. Quando falou de novo, sua voz era baixa.

— Faça-me um favor, companheiro — não conte isto para os outros.

— Por que não?

— Porque não acredito que tenhamos duas horas. Talvez nem tenhamos uma.

5

Sozinha na primeira classe, Dinah Catherine Bellman abriu os olhos.

E viu.

— Craig! — sussurrou ela.

6

Craig!

Entretanto, ele não queria ouvir seu nome outra vez. Quando as pessoas chamavam seu nome, alguma coisa ruim sempre acontecia. Sempre.

Craig! Levante-se, Craig!

Não. Ele não se levantaria. Sua cabeça se tomara uma vasta colmeia cheia de alvéolos; a dor rugia e turbilhonava em cada câmara irregular e cada torcido corredor daquela colmeia. As abelhas haviam chegado. Elas o julgavam morto. Tinham invadido sua cabeça, transformando seu crânio em colmeia. E agora... agora...

Elas captam meus pensamentos e tentam ferroá-los para que morram, pensou ele, emitindo um pastoso e agoniado grunhido. Suas mãos sujas de sangue se abriam e fechavam lentamente sobre o carpete industrial que cobria o piso do saguão no térreo. Deixem-me morrer, oh, por favor, apenas deixem-me morrer!

Craig, você tem de levantar-se! Agora!

Era a voz de seu pai, a única voz que jamais conseguira repelir ou deixar de ouvir.

Pois agora a repeliria. Agora deixaria de ouvi-la.

— Vá embora! — resmungou. — Odeio você! Vá embora!

A dor estrondeou através de sua cabeça em dourado e agudo retinir de trombetas.

Nuvens de abelhas, furiosas e dando ferroadas voaram para longe das clarinadas, enquanto soavam.

Oh, deixem-me morrer! pensou ele. Oh, deixem-me morrer! Isto é o inferno!

Estou em um inferno de abelhas e de gigantescas cornetas!

Levante-se, Craig bebê-chorão! É o seu aniversário, e, sabe de uma coisa? Assim que você se levantar alguém irá dar-lhe uma cerveja e socar sua cabeça... porque

ESTA barulheira é para você!

— Não! — disse ele. — Não quero mais ser espancado! — Suas mãos engalfinharam-se sobre o carpete. Craig fez um esforço para abrir os olhos, mas o sangue seco os colava, mantinha-os fechados. — Vocês estão mortos. Vocês dois já morreram! Não podem espancar-me e não podem obrigar-me a fazer coisas. Ambos estão mortos e quero estar morto também!

Entretanto, ele não estava morto. Em algum ponto, além destas vozes fantasmais, ele podia ouvir o uivo dos jatos do avião... e aquele outro som. O som dos langoliers em marcha. A caminho.

Craig, levante-se! Você precisa levantar-se!

Ele percebeu que aquelas outras não eram as vozes de seu pai ou de sua mãe.

Tudo fora obra apenas de sua pobre mente ferida, tentando iludir-se. A de agora era uma voz que vinha... que vinha...

(do alto?)

de algum outro lugar, um lugar superior e brilhante, onde a dor era um mito e a pressão um sonho.

Eles virão ao seu encontro, Craig — todos aqueles que queria ver. Saíram de Boston e vieram para cá. Isto mostra o quanto é importante para eles. Você ainda pode fazer o que pretende, Craig. Ainda pode cortar as amarras. Ainda há tempo de entregar sua documentação e debandar do exército de seu pai... isto é, se for homem bastante para tanto...

Se você for homem bastante para tanto...

— Homem bastante? — grasnou ele. — Homem bastante? Seja lá quem for você, só pode estar fazendo pouco de mim!

Tentou abrir os olhos novamente. O sangue coagulado que os grudava cedeu um pouco, mas não passou disto. Ele conseguiu levar uma das mãos ao rosto. Quando a roçou pelos remanescentes de seu nariz, soltou um grito de dor rouco e cansado. Dentro de sua cabeça, as trombetas ecoaram e as abelhas enxamearam. Esperou até que o pior da dor passasse, para então estender dois dedos e usá-los para erguer as pálpebras.

para erguer as pálpebras.

Aquele halo de luz continuava lá. Compunha uma forma vagamente evocativa em meio à obscuridade.

Lentamente, um pouco de cada vez, Craig ergueu a cabeça.

E, então, ele a viu.

Era a garotinha, porém estava sem os óculos escuros e olhava para ele. E seus olhos eram gentis.

Vamos, Craig! Levante-se! Sei que é difícil, mas você tem de levantar-se — tem de levantar-se! Porque todos eles estão aqui, todos estão esperando... mas não ficarão esperando para sempre. Os langoliers cuidarão disso.

Craig pôde ver que ela não estava em pé no piso. Seus sapatos pareciam flutuar uns cinco ou dez centímetros acima dele, e a luz brilhante a circundava inteira. Ela ficava delineada em espectral radiância.

Vamos, Craig. Levante-se!

Ele começou a esforçar-se por erguer o corpo. Era muito penoso. Seu senso de equilíbrio quase desaparecera e era difícil manter a cabeça ereta — porque, é claro, estava repleta de abelhas enfurecidas. Caiu para trás por duas vezes, mas de cada uma começava novamente, hipnotizado e fascinado pela menina cintilante, com seus olhos gentis e sua promessa de definitiva liberação.

Todos ele estão esperando, Craig. Por você!

Estão esperando por você!

7

Estendida na maca, com seus olhos cegos Dinah via Craig Toomy sustentar-se sobre um joelho, cair de lado e começar uma vez mais a tentativa de levantar-se. O coração dela estava inundado por uma terrível consternação e pena daquele homem ferido e quebrado, aquele peixe assassino que queria apenas explodir. Naquele rosto sangrento e arruinado ela viu uma horrível mistura de emoções: medo, esperança e uma espécie de implacável determinação.

Eu sinto muito, Sr. Toomy, pensou ela. Sinto muito, apesar daquilo que fez.

Entretanto, nós precisamos do senhor.

Então, tornou a chamá-lo com sua própria consciência agonizante: Levante-se, Craig! Depressa! Está quase tarde demais!

E ela intuía que realmente estava.

8

Assim que a mais comprida das duas mangueiras foi desenrolada abaixo da barriga do 767 e acoplada à sua entrada de combustível, Brian retornou à cabine de comando, aumentou a potência das unidades de força auxiliar e dedicou-se à tarefa de sugar o combustível dos tanques do 727-400 até deixá-los secos. Enquanto observava o readout referente ao tanque direito começar a subir lentamente para 24.000 libras, permanecia tenso, esperando que as unidades de força auxiliar começassem a tossir e sugar trabalhosamente, tentando sorver um combustível que não se inflamaria.

A marcação do tanque direito chegara à marca das 8.000 libras, quando ele percebeu a mudança no tom dos pequenos motores na traseira do avião — o ruído se tornou mais lento e penoso.

— O que está havendo, companheiro? — perguntou Nick.

Estava novamente aboletado na cadeira do co-piloto. Tinha os cabelos em desalinho, e sua camisa formal, abotoada na frente de alto a baixo, mostrava enormes manchas de graxa e sangue.

— Os motores das unidades de força auxiliar estão provando o combustível do 727 e não gostaram — disse Brian. — Espero que a mágica de Albert funcione, Nick, mas não sei se dará certo.

Pouco antes da leitura indicar 9.000 libras no tanque direito, a primeira unidade de força auxiliar estacou. No painel de Brian surgiu uma luz vermelha anunciando MOTOR PARALISADO. Ele desligou a unidade de força auxiliar.

— O que pode fazer agora — perguntou Nick, levantando-se e aproximando-se para espiar por sobre o ombro de Brian.

— Usar as outras três unidades de força auxiliar para manter as bombas funcionando e ter esperanças — disse Brian.

A segunda unidade de força auxiliar parou trinta segundos mais tarde, e enquanto Brian movia a mão para desligá-la a terceira parou também. As luzes da cabine apagaram-se com ela; agora havia somente o pipocar irregular das bombas hidráulicas e a iluminação do painel de Brian, a qual também já piscava. A última unidade de força auxiliar rugia descontroladamente, a potência subindo

A última unidade de força auxiliar rugia descontroladamente, a potência subindo e descendo, sacudindo o avião.

— Vou desligar inteiramente — disse Brian. Soava tenso e áspero para si mesmo, como um homem quase chegando ao final de suas profundezas e cansando-se depressa na contracorrente submarina. — Teremos de esperar que o combustível do Delta se junte à faixa de tempo, estrutura de tempo de nosso avião, ou que merda seja isso. Não podemos continuar assim. Um surto vigoroso de potência, antes que a última unidade de força auxiliar pare, poderá apagar todo o sistema INS. Inclusive até mesmo queimá-lo.

Entretanto, quando Brian estendeu a mão para o interruptor, o som chocalhante do motor começou a normalizar-se subitamente. Ele se virou e olhou para Nick, incrédulo. Nick devolveu o olhar com um enorme e lento sorriso iluminando-lhe o rosto.

— Talvez a nossa sorte esteja voltando, companheiro!

Brian ergueu as mãos, cruzou os dedos em ambas e sacudiu-as no ar.

— Espero que sim — disse, e se virou para os painéis.

Ligou as unidades de força auxiliar 1, 2 e 4. Elas começaram a trabalhar normalmente. As luzes da cabina ganharam intensidade. O recinto se encheu com a sonora atividade dos indicadores. Nick deu um grito de euforia e bateu nas costas de Brian.

Bethany surgiu à porta, atrás deles.

— O que está acontecendo? Tudo vai indo bem?

— Acho — disse Brian, sem se virar — que bem podíamos tomar um drinque por causa desta coisa!

9

Craig finalmente conseguiu ficar de pé. A menina cintilante agora permanecia com os pés logo acima da esteira rolante das bagagens. Olhava para ele com sobrenatural doçura e algo mais... algo pelo qual ansiara a vida inteira. O que seria?

Esforçou-se em recordar, e por fim descobriu o que era.

Era compaixão.

Compaixão e solidariedade.

Olhando em torno, ele viu que a escuridão diminuía. Isto significava que passara a noite inteira desacordado, não? Era difícil saber. Por outro lado, não importava.

Agora, importava apenas que a menina cintilante os trouxera para ele — os banqueiros de investimentos, os especialistas em títulos, os corretores, etc. Eles estavam ali, iam querer uma explicação a respeito do que o jovem Sr. Craig Bebê-Chorão Toomy Bobalhão tinha em mente, e eis a extasiante verdade: trapaça! Era o que ele pretendera — metros e metros de trapaças — , quilômetros de trapaças. E quando dissesse isto a eles...

— Eles teriam que libertar-me... não teriam?

Sim, disse ela, mas precisa apressar-se, Craig. Precisa andar depressa, porque podem pensar que você não vai aparecer e irão embora.

Craig iniciou sua lenta caminhada para diante. Os pés da menina não se moviam, porém, ao aproximar-se dela, viu-a flutuar para trás, como uma miragem, em direção às tiras de borracha que pendiam entre a área de recuperação da bagagem e o pátio de carregamento no exterior.

E... oh, era glorioso: ela sorria!

10

Agora tinham voltado todos para o avião, exceto Bob e Albert, que estavam sentados na escada e ouvindo o som chegar até eles em uma onda vagarosa e intermitente.

Em pé diante da porta dianteira do avião, Laurel Stevenson olhava para o terminal, ainda se perguntando o que iriam fazer a respeito do Sr. Toomy, quando Bethany a puxou de leve pelas costas da blusa.

— Dinah parece falar dormindo ou coisa assim. Talvez esteja delirando. Pode vir comigo?

Laurel acompanhou-a. Rudy Warwick estava sentado à frente de Dinah, segurando-lhe uma das mãos e fitando-a ansiosamente.

— Não sei não — disse ele, com ar preocupado. — Não sei não, mas acho que ela talvez esteja morrendo...

Laurel pousou a mão na testa da menina. Estava seca e muito quente. A hemorragia tanto podia ter diminuído como cessado inteiramente, mas a respiração era feita em uma série de lamentáveis sons sibilantes. O sangue secara em crostas ao redor de sua boca, como suco de morango.

— Eu acho que... — começou Laurel.

Então, Dinah falou, com absoluta clareza:

— Você precisa andar depressa, porque podem pensar que não vai aparecer e irão embora.

Laurel e Bethany trocaram olhares perplexos, atemorizados.

— Acho que ela está sonhando com aquele cara Toomy — disse Rudy a Laurel. —

Ouvi quando pronunciou o nome dele uma vez.

— Sim — falou Dinah. Os olhos estavam fechados, porém a cabeça se moveu ligeiramente e ela pareceu estar ouvindo. — Sim, eu serei — continuou ela. —

Se quiser que eu seja, eu serei, mas apresse-se. Sei que dói, mas precisa apressar-se!

— Ela está delirando, não? sussurrou Bethany.

— Não — disse Laurel. — Creio que não. Acho que pode estar... sonhando.

Entretanto, não era isso que ela pensava. O que Laurel de fato pensava era que Dinah podia estar

(vendo)

fazendo algo mais. Ela achava que não queria saber o que pudesse ser esse algo mais, embora uma ideia revoluteasse e dançasse muito no fundo de sua mente. Laurel sentia-se capaz de convocar tal ideia, se quisesse, mas não queria. Porque algo arrepiante estava acontecendo ali, extremamente arrepiante, sendo difícil rejeitar a ideia de que tinha qualquer coisa a ver com

(não mate ele... nós precisamos dele)

o Sr. Toomy.

— Deixem-na em paz — disse, em um tom seco, abrupto. — Deixem-na em paz e deixem-na

(fazer com ele o que tem de fazer)

dormir!

— Oh, Deus, só espero que decolemos logo! — suspirou Bethany com ar infeliz.

Rudy passou um braço confortador por seus ombros.

11

Craig chegou à esteira rolante e caiu sobre ela. Uma branca lâmina de agonia varou sua cabeça, seu pescoço, seu peito. Ele tentou recordar o que lhe tinha acontecido e não conseguiu. Descera a escada rolante correndo, escondera-se em uma salinha, ficara lá sentado, rasgando tiras de papel no escuro... e aí sua memória estancava.

Ergueu a cabeça, o cabelo lhe caindo nos olhos, e contemplou a menina cintilante, agora sentada de pernas cruzadas diante das tiras de borracha, uns três centímetros acima da esteira rolante. Ela era a coisa mais linda que já vira na vida; como pudera pensar que seria um deles?

— Você é um anjo? — perguntou, em uma voz que parecia um grasnido.

Sou, respondeu a menina cintilante, e Craig sentiu que a alegria suplantava suas dores. A visão empanou-se, e então, lágrimas — as primeiras que já chorara como adulto

— começaram a deslizar-lhe lentamente pelas faces. De repente, ele se viu recordando a voz doce e empastada de sua mãe bêbada, quando entoava aquela velha cantiga.

— Você é um anjo da manhã? Quer ser o meu anjo da manhã?

Sim — eu serei. Se quiser que eu seja, eu serei, mas apresse-se. Sei que dói, mas precisa apressar-se, Sr. Toomy.

— Sim — soluçou Craig, começando a engatinhar ansiosamente pela esteira rolante em direção a ela.

Cada movimento enviava-lhe novos relâmpagos de dor que o varavam em percursos irregulares; o sangue gotejava do nariz esmagado e da boca estraçalhada. Ainda assim, ele foi o mais rápido que pôde. Mais adiante, a garotinha desaparecia atrás das tiras pendentes de borracha, de algum modo não as movendo ao atravessá-las.

— Apenas toque meu rosto antes de me deixar, meu bem — disse Craig.

Uma massa esponjosa de sangue inundou-lhe a boca. Ele a cuspiu na parede

Uma massa esponjosa de sangue inundou-lhe a boca. Ele a cuspiu na parede,
onde se grudou como uma aranha morta, e procurou engatinhar mais depressa.

12

No lado leste do aeroporto, um forte som estalante, de algo despedaçando-se, encheu aquela manhã singular. Bob e Albert ficaram em pé, as faces pálidas, invadidos por terríveis perguntas.

— O que terá sido isso? — perguntou Albert.

— Acho que foi uma árvore — replicou Bob, e passou a língua pelos lábios.

— Como, se não há vento?

— É verdade — disse Bob. — Não há vento!

O ruído agora se tomara uma barricada móvel de sons estalantes. Partes desse som pareciam ganhar foco... e então eram abafados, antes que qualquer identificação fosse possível. Em um momento, Albert podia jurar que ouvira algo latindo, mas então os latidos... uivos... ou o que fossem, eram... engolidos por um breve e impertinente cantarolado, como funesta eletricidade. Os únicos ruídos constantes eram o de mastigação e o regular uivo estridente.

— O que estará acontecendo? — perguntou atrás deles a voz aguda de Bethany.

— Nad... — começou Albert, mas então Bob apertou-lhe o ombro e apontou.

— Olhe! — gritou ele. — Veja aquilo!

No leste, ainda longe, perto do horizonte, uma série de torres de energia marchava para o norte e para o sul, através de uma região elevada e arborizada.

Enquanto Albert espiava, uma das torres oscilou como um brinquedo e depois caiu, puxando na queda um emaranhado de cabos de energia elétrica. Um momento depois, outra torre caiu, mais outra e outra.

— Aquilo não é tudo — disse Albert, aturdido. — Veja as árvores! Lá, as árvores estão sendo sacudidas como arbustos!

Entretanto, elas não eram apenas sacudidas. Quando Albert e os outros olhavam, elas começaram a tombar, a desaparecer.

Crunch, smack, crunch, thud, AU, AU!

Crunch, smack, AU!, thump, crunch!

— Temos que sair daqui! — exclamou Bob. Agarrou Albert com ambas as mãos.

Seus olhos estavam arregalados, cheios de uma espécie de idiotizado terror. Era uma expressão de doentio contraste com seu rosto afilado e inteligente. — Acho que temos de cair fora daqui agora, já!

No horizonte, talvez a uns quinze quilômetros de distância, a alta armação de uma torre de rádio tremeu, inclinou-se e tombou, indo desaparecer com estrondo entre as árvores sacolejantes. Agora eles podiam sentir a própria terra começando a vibrar; a vibração transmitia-se à escada do avião e sacudiu os pés deles dentro dos calçados.

— Façam isto parar! — gritou Bethany subitamente, na porta do avião, acima deles.

Tapou os ouvidos com as mãos. — Oh, por favor, façam isto PARAR!

As ondas de som, no entanto, rolaram até eles — o som rangente, estalante, mastigante dos langoliers.

13

— Não gosto de ser impertinente, Brian, mas quanto tempo isso leva ainda? — A voz de Nick era tensa. — Há um rio a cerca de seis quilômetros daqui — eu o vi quando descíamos — e admito que o que está vindo para cá — seja o que for — encontra-se agora precisamente na margem oposta!

Brian olhou para seus readouts de combustível. 24.000 libras na asa esquerda e 16.000 direita. Estava indo mais depressa, agora que não precisava bombear o combustível do Delta para a asa do outro lado.

— Uns quinze minutos — disse ele. Podia sentir o suor represando-se em enormes gotas nas sobrancelhas. — Precisamos captar mais combustível, Nick, ou cairemos mortos no deserto de Mojave. Mais dez minutos para desfazer as conexões, fechar tudo e taxiar.

— Não poderia cortar o combustível agora? Tem certeza de que não poderia?

Brian abanou a cabeça e voltou a concentrar-se em seus medidores.

14

Craig engatinhou lentamente através das tiras de borracha, sentindo-as deslizarem por suas costas como dedos flácidos. Emergiu para a claridade branca e imóvel de um novo — e amplamente encurtado — dia. O som era terrível, acabrunhante, o som de um exército canibal invasor. Até o céu parecia estremecer com ele. Por um momento, o medo o deixou congelado no mesmo lugar.

Veja!— disse seu anjo da manhã, e apontou.

Craig espiou... e esqueceu o medo. Além do 767 da American Pride, em um triângulo de relva morta, limitado por duas pistas de pouso e decolagem e uma pista de rolamento, havia uma comprida mesa de mogno para reuniões. Ela cintilava vivamente à claridade apática. Em cada lugar havia um bloco formal de folhas amarelas, um jarro de água gelada e um copo Waterford. À volta da mesa havia duas dúzias de homens sentados, envergando sóbrios ternos de banqueiros, que agora se viravam e olhavam para ele.

De repente, eles começaram a bater palmas. Levantaram-se e ficaram de frente para ele, aplaudindo sua chegada. Craig sentiu que um imenso e agradecido sorriso começava a distender-lhe o rosto.

15

Dinah havia sido deixada sozinha na primeira classe. Sua respiração agora se tomara muito trabalhosa e a voz saía estrangulada.

— Corra para eles, Craig! Depressa! Depressa!

16

Craig saiu da esteira rolante aos tropeções, caiu no piso de concreto com um baque de sacudir os ossos, mas conseguiu levantar-se. A dor não importava mais. O anjo os trouxera! Claro que a menina os trouxera até ali! Anjos eram como os fantasmas naquela história sobre o Sr. Scrooge — podiam fazer tudo que quisessem! O halo em torno dela começara a esmaecer e também ela esmaecia, porém não tinha importância. Ela havia trazido sua salvação: uma rede na qual ele era afinal e misericordiosamente apanhado.

Corra para eles, Craig! Dê a volta no avião! Afaste-se do avião! Corra para eles agora!

Craig começou a correr — em passadas desconjuntadas, que logo se tomaram uma aleijada corrida de velocidade. Enquanto corria, sua cabeça balançava para cima e para baixo, como um girassol sobre uma haste quebrada. Ele correu ao encontro de homens destituídos de humor e implacáveis que eram a sua salvação, homens que poderiam ter sido pescadores de pessoas, ocupando um barco além de um ignorado céu prateado, recolhendo sua rede para verem que coisa fabulosa haviam capturado.

17

Os indicadores no readout para o tanque esquerdo foram ficando mais lentos ao alcançarem a marca de 21.000 libras. Quando alcançaram as 22.000, estavam quase parados. Brian compreendeu o que acontecia e rapidamente moveu dois interruptores, desligando as bombas hidráulicas. O Delta 727-400 já lhes dera o que tinha para dar: um pouco mais de 46.000 libras de combustível para jatos. Teria que ser o bastante.

— Tudo bem — disse ele, levantando-se.

— Tudo bem, o quê? — perguntou Nick, levantando-se também.

— Vamos desacoplar e cair fora desta merda de lugar.

O ruído que se aproximava alcançara níveis ensurdecedores. Misturando-se ao som rangente e estalante, ao guincho de transmissão sem fluido, havia o de árvores caindo e o surdo desmoronar de prédios tombando. Pouco antes do desligamento das bombas, ele ouvira uma série de baques crepitantes, seguidos por um ruidoso espadanar. Brian imaginou que seria uma ponte caindo no rio que Nick tinha visto.

— Sr. Toomy! — gritou Bethany subitamente. —É o Sr. Toomy!

Nick chegou à porta primeiro do que Brian, passando para a primeira classe, mas ambos ainda em tempo de verem Craig cruzar a pista de rolamento aos tropeções, em desajeitada corrida. Ele ignorou o avião por completo. Seu destino parecia ser um vazio triângulo de relva limitado por duas pistas entrecruzadas.

— O que estará fazendo? — perguntou Rudy, ofegante.

— Esqueçam o cara — disse Brian. — Já estamos sem tempo. Nick? Desça a escada à minha frente. Quero que me segure enquanto removo a mangueira.

Brian se sentia como um homem parado nu em uma praia, enquanto uma onda gigantesca, um vagalhão, se formava no horizonte e irrompia em direção à margem.

Nick acompanhou-o e o firmou pelo cinto, enquanto Brian se inclinava para torcer o bocal da mangueira, removendo-o. Um momento mais tarde, a

torcer o bocal da mangueira, removendo-o. Um momento mais tarde, a mangueira se soltava e Brian a deixava cair no cimento, onde o bocal retiniu surdamente. Em seguida, ele fechou a escotilha da entrada de combustível.

— Venha! — disse, assim que Nick o puxou de volta. Seu rosto tinha um tom acinzentado. — Vamos dar o fora daqui!

Nick, entretanto, não se moveu. Tinha ficado congelado no mesmo lugar, olhando para o leste. Sua pele era cor de papel. No rosto havia uma expressão do mais desmedido horror. Seu lábio superior tremia e, naquele momento, parecia um cão amedrontado demais para rosnar.

Brian virou a cabeça lentamente naquela direção, ouvindo os tendões em seu pescoço rangerem como uma mola enferrujada de uma velha porta de tela. Virou a cabeça e espiou, enquanto os langoliers finalmente entravam no palco, pela parte esquerda.

18

— Entendam uma coisa — disse Craig, aproximando-se da cadeira vazia na cabeceira e ficando diante dos homens sentados à volta da mesa —, os corretores com quem negociei não eram apenas inescrupulosos; em realidade, vários deles eram pessoas plantadas pela CIA, cuja tarefa era entrar em contato com banqueiros como eu próprio e identificá-los — homens procurando preencher pastas apressadamente. No que lhes dizia respeito, o fim — manter o comunismo fora da América do Sul — justifica quaisquer meios disponíveis.

— Que normas seguiu para checar tais indivíduos?—perguntou um homem gordo, vestindo um caro temo azul. — Apelou para alguma companhia de seguros de títulos ou seu banco mantém uma firma específica de investigação para tais casos?

O rosto redondo e de queixo duplo de Temo Azul estava perfeitamente barbeado; suas bochechas luziam, fosse ostentando saúde ou quarenta anos de uísque e sodas; seus olhos eram pontos implacáveis de gelo. Eram olhos admiráveis; eram olhos de pai.

Em algum lugar, muito distante desta sala de reuniões, dois pavimentos abaixo do topo do Prudential Center, Craig podia ouvir uma balbúrdia infernal em andamento. Imaginou que fosse alguma construção de estrada. Em Boston sempre havia estradas em construção, e ele desconfiava que a maioria delas era dispensável, que em grande parte dos casos era apenas a antiga e velha história — os inescrupulosos tirando alegre proveito dos incautos. Enfim, ele nada tinha a ver com isso. Absolutamente nada. Sua tarefa era lidar com o homem de temo azul, e mal podia esperar para começar.

— Estamos aguardando, Craig — disse o presidente de sua própria instituição bancária.

Craig sentiu uma surpresa momentânea — o Sr. Parker não havia sido programado para comparecer àquela reunião —, mas então o sentimento foi suplantado por felicidade.

— Não segui quaisquer normas, em absoluto! — gritou jovialmente para os chocados rostos que o ouviam. — Eu simplesmente comprei, comprei e comprei!

NÃO SEGUI... NORMA ALGUMA... EM ABSOLUTO!

Ia prosseguir, elaborar melhor o seu tema; em realidade, pretendia expô-lo, quando foi interrompido por um som. Este som de agora não ficava a quilômetros de distância; era próximo, muito próximo, talvez dentro da própria sala de reuniões.

Um ululante som de metralhadora, como o de secos dentes famintos.

De repente, Craig sentiu uma necessidade incontida de rasgar papel — qualquer papel serviria. Estendeu a mão para o bloco formal à frente de seu lugar na mesa, porém ele desaparecera. Também a mesa se fora. E os banqueiros. E Boston.

— Onde estou?— petguntou, em voz baixa e perplexa.

Olhou em torno. Subitamente, compreendeu... e subitamente os viu.

Os langoliers haviam chegado.

Tinham vindo atrás dele.

Craig começou a gritar.

19

Brian podia vê-los, mas não entendia o que via. De alguma forma estranha, eles pareciam desafiar a visão, e Brian percebeu que sua mente frenética, super estressada, tentava modificar a informação recém-chegada, transformar em algo compreensível as formas que começavam a surgir na extremidade leste da pista de pouso e decolagem 21.

A princípio, eram apenas duas formas, uma negra, a outra de um tom vermelho-escuro, cor de tomate.

Serão bolas?, indagou sua mente, dubitativa. Poderiam ser bolas?

Algo pareceu realmente produzir um clique no centro de sua cabeça, e percebeu que eram bolas, uma espécie de bolas de praia, mas bolas que se franziam, contraíam-se e expandiam-se novamente, como se as tivesse vendo através de uma ondulada bruma de calor. Elas chegaram rolando por entre a alta relva morta no final da pista 21, deixando para trás faixas de intenso negror. De algum modo, estavam ceifando a relva...

Não, negou sua mente com relutância. Elas não estão apenas aparando a relva, e você sabe disso. Estão aparando muito mais do que a relva.

O que elas deixavam atrás de si eram linhas estreitas de perfeito negrume. E agora, enquanto corriam travessamente pelo concreto branco no fim da pista, ainda deixavam estreitos rastros em sua esteira. Rastros que brilhavam como alcatrão.

Não, negou sua mente com relutância. Não é alcatrão. Você sabe o que é esse negrume. Não é nada. Nada, em absoluto. Elas estão comendo muito mais do que a superfície da pista.

Havia algo de malignamente jovial no comportamento das bolas. Elas se entrecruzavam em seus trajetos, formando um oscilante X negro na pista exterior. Ricochetearam alto no ar, executaram uma exuberante e entrecruzada manobra, e então correram na direção do avião.

Quando elas fizeram isto, Brian gritou e Nick gritou ao lado dele. Rostos espreitaram por baixo da superfície das bolas que corriam — faces monstruosas, alienígenas. Eles bruxuleavam, contorciam-se e oscilavam como rostos formados

alienígenas. Eles bruxuleavam, contorciam-se e oscilavam como rostos formados por gases luminescentes dos pântanos. Os olhos eram apenas concavidades rudimentares, mas as bocas eram enormes: cavernas semicirculares, orladas de dentes enevoados e rangentes.

Elas comiam à medida que rolavam, arrancando tiras estreitas do mundo.

Havia um furgão da Texaco parado na pista de rolamento externa. Os langoliers saltaram sobre ele, os dentes de movimento em alta velocidade zumbindo, mastigando ruidosamente e projetando-se de seus corpos entocados. As bolas continuaram assim, sem uma pausa. Uma delas escavou um caminho diretamente através dos pneus e, por um momento, antes que os pneus afundassem, Brian pôde ver a forma que a bola cortara — uma forma semelhante a um buraco de um rato de cartum, em um rodapé de cartum.

A outra ricocheteou a grande altura, desapareceu um momento por trás do tanque quadrado do furgão da Texaco, e então disparou diretamente através dele, deixando no metal um buraco por onde escapou a gasolina para aviões, em um chuveiro âmbar. Elas bateram no chão e rolaram para o avião. Sob elas, a realidade descascava-se em tiras finas, descascava-se onde quer e no que quer que tocassem.

À medida que se aproximavam, Brian percebeu que aquilo era como se elas estivessem abrindo um zíper sobre mais do que o mundo — estavam abrindo todas as profundezas da eternidade.

Chegando à borda do concreto, elas pararam. Oscilaram incertamente no mesmo lugar por um instante, como as bolas saltitantes que pulavam acima das palavras nos letreiros sonoros dos cinemas antigos.

Então, giraram e abriram seus zípers em nova direção.

Dispararam para Craig Toomy, que ficara parado, olhando para elas e gritando em meio ao dia foscamente branco.

Com enorme esforço, Brian rompeu a paralisia que o imobilizava. Deu uma cotovelada em Nick, que continuava petrificado mais abaixo dele.

— Vamos! — Nick não se moveu, e então Brian moveu o cotovelo com mais força, agora acertando-lhe a testa solidamente. — Vamos, eu já disse! Mova seu traseiro!

Temos que dar o fora daqui!

Agora, mais bolas vermelhas e pretas surgiam na orla do aeroporto. Saltitavam, dançavam, circulavam... e então começaram a rolar para eles.

20

Você não consegue fugir deles, havia dito seu pai, por causa das perninhas que possuem. Por causa de suas ágeis perninhas.

Ainda assim, Craig tentou.

Deu meia-volta e correu para o terminal, lançando olhares aterrorizados para trás e careteando enquanto isso. Seus sapatos chocalhavam no pavimento. Ele ignorou o American Pride 767, que agora acionava os motores novamente, e correu para a área de bagagens.

Não, Craig, disse seu pai. Você talvez PENSE que está correndo, mas não está.

Sabe o que está fazendo em realidade — esta FUGINDO!

Atrás dele, as duas formas esféricas aumentaram a velocidade, encurtando a distância em fácil e tranquila velocidade. Entrecruzaram-se duas vezes, apenas uma dupla e aloucada exibição em um mundo morto, deixando pontiagudas linhas negras mais atrás. Rolaram no encalço de Craig, afastadas cerca de quinze centímetros, criando o que pareciam sulcos negativos de esqui à retaguarda de seus corpos espectrais, bruxuleantes. Alcançaram-no a seis metros da esteira rolante de bagagens e mascaram-lhe os pés em um milionésimo de segundo. Em um momento, os pés ágeis em fuga estavam lá. No momento seguinte, Craig ficara sete centímetros mais baixo; juntamente com os caros mocassins Bally, seus pés haviam, simplesmente, cessado de existir. Não havia sangue; os ferimentos eram instantaneamente cauteri-zados na passagem abrasadora dos langoliers.

Craig ignorava que não tinha mais pés. Continuou fugindo sobre os tocos dos tornozelos, e quando a primeira dor começou a queimar pelas pernas acima os langoliers descreveram uma curva fechada e voltaram, rodando lado a lado pelo pavimento. Suas trilhas entrecruzaram-se duas vezes desta vez, formando um crescente de cimento margeado de preto, como a representação de uma lua no caderno de colorir de uma criança. Com a diferença de que este crescente começava a afundar, não para dentro da terra — já que parecia não existir terra abaixo da superfície — , mas dentro de lugar algum.

Desta vez, os langoliers saltaram para cima em perfeita sincronicidade e

encurtaram Craig nos joelhos. Ele afundou, ainda tentando correr, para então cair estatelado, agitando os tocos de pernas. Seus dias de fuga estavam encerrados.

— Não! — bradou ele. — Não, papai! Não! Eu serei comportado! Por favor, faça-os irem embora daqui! Eu serei comportado, JURO QUE SEREI COMPORTADO A PARTIR DE AGORA, SE VOCÊ OS MANDAR EMB...

Então os langoliers precipitaram-se novamente sobre ele, em ruidosa algaravia, ganindo, zumbindo, uivando, e Craig viu a gélida máquina embaçada de seus dentes rilhando, sentiu os quentes bramidos de sua frenética e cega vitalidade no meio instante antes de começarem a dilacerá-lo, em pedaços ao acaso.

Seu último pensamento foi: Como é possível que seus pezinhos sejam tão rápidos? Eles não têm pern...

21

Agora surgia uma multidão daquelas coisas negras, e Laurel compreendeu que em breve seriam centenas, milhares, milhões, bilhões. E mesmo com o ressoar dos jatos penetrando pela porta dianteira aberta, enquanto Brian movia o 767 para além da escada e da asa do Delta, ela podia ouvir os berros inumanos que soltavam.

Enormes e negras laçadas de espirais entrecruzavam o final da pista de pouso e decolagem 21 — e então as trilhas estreitavam-se em direção ao terminal, convergindo quando as bolas se tinham precipitado na perseguição a Craig Toomy.

Acho que essas coisas não comem carne viva com muita frequência, pensou ela, e subitamente sentiu ânsias de vomitar.

Nick Hopewell bateu a porta dianteira após um olhar final e incrédulo, trancando-a com firmeza. Começou a cambalear para o corredor, oscilando de um lado para o outro como um bêbado. Seus olhos pareciam encher o rosto inteiro. Havia sangue escorrendo pelo queixo; ele havia mordido o lábio inferior profundamente. Quando chegou junto de Laurel, passou os braços em torno dela e enterrou o rosto ardente na concavidade onde o pescoço se ligava ao ombro. Ela também o enlaçou, apertando-o com força.

22

Na cabine de comando, Brian aumentou a potência o mais depressa que ousava, e enviou o 767 disparando pela pista de rolamento, em suicida velocidade. A orla leste do aeroporto estava agora enegrecida pelas bolas invasoras; o final da pista 21 desaparecera por completo e o mesmo ia acontecendo com o mundo além. Naquela direção, o céu branco e imóvel agora se arqueava sobre um mundo de garatujadas linhas negras e árvores tombadas.

À medida que o avião chegava ao final da pista de rolamento, Brian agarrou o microfone e bradou:

— Coloquem os cintos! Coloquem os cintos! Se ainda não os colocaram, agarrem-se em qualquer coisa!

Diminuiu a velocidade junto à margem, depois manobrou o 767 para a pista de decolagem 33. Ao fazer isto, viu algo que forçou sua mente a encolher-se e gemer: enormes seções do mundo que jazia para leste da pista, enormes pedaços irregulares de realidade em si estavam caindo ao chão como elevadores de carga, deixando para trás enormes e insensíveis blocos de vazio.

Eles estão comendo o mundo, pensou. Meu Deus, oh, meu Deus, eles estão comendo o mundo!

Então, o aeroporto foi girando diante dele, e o Voo 29 apontou novamente para oeste, com a pista de decolagem 33 jazendo adiante aberta, comprida e deserta.

No teto, compartimentos se abriram bruscamente quando o 767 manobrou para a pista de decolagem, espalhando bagagem de mão através da cabine principal, em terrível confusão. Não tendo tido tempo de colocar o cinto, Bethany foi atirada ao colo de Albert Kaussner. Ele nem percebeu o peso cálido da jovem ou a pasta de executivo que ricocheteara na parede encurvada, um metro diante de seu nariz. Via apenas as formas escuras e velozes precipitando-se pela pista 21, à esquerda deles, e os lustrosos riscos escuros que deixavam para trás. Eram riscos que convergiam em um gigantesco poço de escuridão, no local onde existira a área de desembaraçamento de bagagens.

Estão sendo atraídos para o Sr. Toomy, pensou, ou para onde estava o Sr. Toomy. Se ele não houvesse saído do terminal, essas coisas teriam preferido o avião. Elas comeriam o avião — conosco dentro dele — a partir das rodas.

Atrás dele, Bob Jenkins falou, em voz trêmula e apavorada:

— Agora nós sabemos, não é mesmo?

— O quê? — gritou Laurel, em uma voz estranha e ofegante, que não reconheceu como sua. Uma sacola de lona lhe caíra no colo; Nick ergueu a cabeça, afastou-se dela e empurrou alheadamente a sacola para o corredor. — O que é que sabemos?

— Ora, o que acontece ao hoje, quando ele se torna o amanhã, o que acontece ao presente, quando ele se torna o passado. Uma espera — morta, vazia e deserta. Uma espera por eles. Uma espera pelos guardiães da eternidade, sempre correndo mais atrás, limpando a confusão e a bagunça, da maneira mais eficiente possível... comendo-a!

— O Sr. Toomy sabia sobre eles — disse Dinah, em voz clara e sonhadora. — O Sr. Toomy disse que são os langoliers.

Então os motores do jato funcionaram a toda potência e o avião começou a rodar pela pista de decolagem 33-24

Brian viu duas bolas dispararem pela pista à frente dele, descascando a superfície de realidade para duas trilhas paralelas, que cintilavam como ébano polido. Era tarde demais para parar. O 767 estremeceu como um cão com febre

polido Era tarde demais para parar. O 767 estremeceu como um cão com febre, enquanto rodava acima dos espaços vazios, mas ele conseguiu mantê-lo na pista de decolagem.

Empurrou seus manetes para diante, enterrou-os, e viu seu indicador de velocidade em relação ao solo elevar-se para o ponto crítico.

Ainda agora ele podia ouvir aqueles sons maníacos de glutona mastigação...

embora ignorasse se estavam em seus ouvidos ou somente evocados pela mente.

Pouco importava.

25

Inclinando-se por sobre Laurel, a fim de olhar pela janela, Nick viu o terminal do Internacional de Bangor ser fatiado, picado, triturado e sulcado. Cambaleou em suas várias peças de quebra-cabeças e então começou a desmoronar, em uma solitária e profunda fenda de escuridão.

Bethany Simms gritou. Uma trilha negra passava velozmente ao lado do 767, devorando a borda da pista. De repente, dobrou para a direita e desapareceu abaixo do avião.

Houve outro terrível baque.

— Fomos apanhados? — gritou Nick. — Fomos apanhados?

Ninguém respondeu. Os rostos pálidos e aterrorizados espiavam pelas janelas e ninguém respondeu a ele. As árvores passavam rapidamente em um borrão verde-acinzentado. Na cabine, Brian estava tensamente inclinado para diante em seu assento, esperando que uma daquelas bolas saltitasse à frente do nariz do avião e o varasse como uma bala. Nenhuma apareceu.

Em seu painel, as últimas luzes vermelhas ficaram verdes. Brian foi puxado para trás, contra o encosto do assento e o 767 estava no ar novamente.

26

Na cabine principal, um homem de barba negra e olhos injetados de sangue cambaleou para diante, piscando como uma coruja para seus companheiros de viagem.

— Já estamos chegando a Boston? — perguntou a todos em geral. — Espero que sim, porque quero voltar para a cama. Estou com uma dor de cabeça miserável!

NOVE

ADEUS A BANGOR.
A CAMINHO DO OESTE, VARANDO DIAS E NOITES.
VER PELOS OLHOS DOS OUTROS.
O ABISMO INTERMINÁVEL.
O RASGÃO.
O AVISO.
A DECISÃO D E BRIAN.
O POUSO.
ESTRELAS CADENTES APENAS.

1

O avião guinou firmemente para leste, atirando o homem de barba negra contra uma fila de poltronas vazias, a três quartos do comprimento da cabine principal. Ele girou o rosto, vendo todos os demais assentos vazios, com os olhos dilatados e amedrontados. Apertou-os até fechá-los.

— Jesus — murmurou. — Delirium tremens. Maldito delirium tremens! Isto é o pior que já vi. — Olhou novamente em torno, temerosamente.

Não há besouros, pensou Albert, mas espere até você ver as bolas. Vai adorá-las.

— Coloque seu cinto, companheiro — disse Nick — e cale a...

Ele parou de falar, olhando incredulamente para o aeroporto... ou onde estivera o aeroporto. As edificações principais haviam desaparecido e a base da Guarda Nacional, na extremidade oeste, tomava o mesmo destino. O Voo 29 sobrevoava um crescente abismo de escuridão, uma eterna cisterna que parecia não ter fim.

— Oh, meu Jesus! Nick! — exclamou Laurel, engasgadamente e, de repente, tapou os olhos com as mãos.

Enquanto sobrevoavam a pista 33, a 1.500 pés, Nick avistou sessenta ou cem linhas paralelas que corriam pelo concreto, cortando a pista em compridas tiras que afundavam no vazio. As tiras recordaram-lhe Craig Toomy.

Rii-ipf

No outro lado do corredor, Bethany baixou a persiana ao lado da poltrona de Albert com uma ruidosa pancada.

— Não ouse abri-la! — disse para ele, em voz de censura, histérica.

— Não se preocupe — disse Albert.

De repente, ele recordou que deixara seu violino lá embaixo. Bem... a esta altura, já teria desaparecido. Em um gesto súbito, ele cobriu o rosto com as mãos.

2

Antes que Brian começasse a virar novamente para oeste, ele viu o que jazia a leste de Bangor. Nada. Absolutamente nada. Um rio titânico de negrume formava uma faixa imóvel de horizonte a horizonte, abaixo da abóbada branca do céu. As árvores tinham desaparecido, também a cidade e a própria terra.

Isto deve ser como voar no espaço exterior, pensou ele, e sentiu que sua racionalidade falhava um dente da engrenagem, como tinha acontecido na viagem do leste. Procurou compor-se desesperadamente, forçando a concentração na direção do voo.

Subiu rapidamente, querendo estar nas nuvens, querendo apagar aquela visão infernal. Então, o Voo 29 embicou de novo para oeste. Nos momentos antes de penetrarem nas nuvens, ele viu as montanhas, florestas e lagos que se estendiam a oeste da cidade, viu-os sendo divididos implacavelmente por milhares de linhas negras, como teias de aranha. Viu imensos trechos de realidade deslizando silenciosamente para a crescente boca do abismo, e então fez algo que jamais havia feito antes quando na cabine de comando de uma aeronave.

Brian fechou os olhos. Quando tornou a abri-los, estavam nas nuvens outra vez.

3

Agora quase não houve turbulência: como Bob Jenkins sugerira, os padrões meteorológicos pareciam funcionar como um relógio velho. Dez minutos após a penetração nas nuvens, o Voo 29 emergiu para o mundo azul-vivo que começava aos 18.000 pés de altitude. Os passageiros remanescentes entreolharam-se com nervosismo e depois se viraram para os alto-falantes, quando Brian falou pelo intercomunicador.

— Estamos no alto — disse ele, com simplicidade. — Todos sabem o que vai acontecer agora: voltaremos exatamente pelo trajeto em que viemos, com a esperança de que qualquer abertura atravessada antes por nós ainda continue no mesmo lugar. Se estiver lá, tentaremos atravessá-la novamente.

Brian fez uma pausa. Depois recomeçou a falar:

— Nosso voo de volta deverá durar entre quatro horas e meia a seis horas. Eu gostaria de ser mais exato, porém não posso. Em circunstâncias normais, o voo para oeste geralmente dura mais do que para leste, devido às condições de vento prevalecentes. Entretanto, até onde posso dizer, em decorrência de meus instrumentos na cabina, não há vento. — Ele fez uma breve pausa, acrescentando em seguida: — Nada há em movimento aqui em cima, exceto nós.

Por um momento, o intercomunicador continuou ligado, como se Brian fosse dizer mais alguma coisa, mas então foi desligado.

4

O que, em nome de Deus, está acontecendo aqui? — perguntou tremulamente o homem da barba negra.

Albert comtemplou-o por um instante e depois disse:

— Acho que não ia querer saber.

— Estou no hospital outra vez?

O homem da barba negra pestanejou temerosamente na direção de Albert, despertando nele uma súbita solidariedade.

— Se isto ajuda, bem, por que não acredita que está?

O homem da barba negra continuou olhando para ele, durante um momento de atemorizada fascinação. Então, anunciou:

— Vou voltar a dormir. Agora mesmo!

Reclinando-se em sua poltrona, ele fechou os olhos. Em menos de um minuto seu peito se movia para cima e para baixo com profunda regularidade e ele começava a ressonar.

Albert invejou-o.

5

Nick abraçou Laurel ligeiramente, depois soltou o cinto e ficou em pé.

— Vou lá para a frente — disse — Quer vir?

Ela sacudiu a cabeça e apontou para Dinah, no outro lado do corredor.

— Vou ficar com ela.

— Sabe que não há nada que possa fazer — disse Nick. — Penso que agora isso está nas mãos de Deus.

— Eu sei — respondeu Laurel — , mas quero ficar.

— Está bem. — Ele lhe roçou levemente o cabelo com a palma da mão. — Laurel...

Um nome muito bonito. Você o merece.

Laurel ergueu os olhos para ele e sorriu.

— Obrigada — disse.

— Temos um encontro para jantar — será que não esqueceu?

— Não esqueci — disse ela, ainda sorrindo. — E nem quero esquecer.

Inclinando-se, ele a beijou muito de leve na boca.

— Que bom — falou. — Também não vou esquecer.

Nick caminhou para a frente do avião e Laurel apertou suavemente os dedos contra a boca, como se quisesse manter o beijo ali, no lugar ao qual pertencia. Jantar com Nick Hopewell — um moreno e misterioso estranho. Talvez à luz de velas e com uma boa garrafa de vinho. Haveria mais beijos depois — beijos reais. Tudo parecendo algo capaz de acontecer em um dos romances Harlequin, que ela lia às vezes. E daí?

Eram histórias agradáveis e repletas de sonhos tão doces quanto inofensivos.

Não fazia mal sonhar um pouco, não era mesmo?

Claro. No entanto, por que ela pressentia que era tão improvável o sonho se tomar realidade?

Soltou seu próprio cinto, cruzou o corredor e pousou a mão sobre a testa da menina. O calor que sentira antes, havia desaparecido; a pele de Dinah estava agora fria como cera.

Acho que ela está morrendo, havia dito Rudy, pouco antes de iniciarem aquela arriscada decolagem. Agora as palavras voltavam à mente de Laurel com nauseante credibilidade. Dinah respirava em breves haustos, o peito mal subia e descia sob o cinto que mantinha o tampão de toalha de mesa fortemente apertado contra o ferimento.

Com infinita ternura, Laurel afastou o cabelo caído na testa da menina e evocou aquele estranho momento no restaurante, quando Dinah aferrara-se à barra da calça de Nick. Não mate ele... nós precisamos dele.

Você nos salvou, Dinah? Você fez ao Sr. Toomy alguma coisa que nos salvou?

De algum modo, fez com que ele trocasse a própria vida pela nossa?

Refletiu que talvez houvesse acontecido algo assim... e pensou que, se fosse verdade, esta garotinha, cega e gravemente ferida, tomara uma terrível decisão, dentro de suas próprias trevas.

Inclinando-se, beijou cada pálpebra de Dinah, ambas fechadas e frias.

— Aguente firme — sussurou. — Por favor, aguente firme, Dinah!

6

Bethany se virou para Albert, agarrou as mãos dele entre as suas e perguntou;

— O que pode acontecer se o combustível ficar ruim?

Albert olhou para ela com seriedade e gentileza.

— Você sabe qual é a resposta, Bethany.

— Pode me chamar de Beth, se quiser.

— Está bem.

Ela pegou um dos seus cigarros, viu aceso o indicador NÃO FUMAR e enfiou de volta no maço.

— Sim — disse, com um suspiro. — Eu sei! O avião cairá. Fim da história. E quer saber de uma coisa?

Ele assentiu com a cabeça, sorrindo de leve.

— Se encontrarmos aquele buraco outra vez, espero que o Comandante Engle nem tente pousar o avião. Desejo que ele escolha uma montanha, alta e bonita, para espatifar-nos no topo dela. Viu o que aconteceu àquele sujeito maluco? Não quero que o mesmo aconteça comigo.

Bethany estremeceu, e Albert passou o braço em torno dela. Ela ergueu os olhos e perguntou, abertamente:

— Você gostaria de beijar-me?

— Sim — respondeu ele.

— Bem... pois então, vá em frente! Quanto mais isso demora, mais custa a chegar.

Albert foi em frente. Era apenas a terceira vez em sua vida que o mais rápido hebreu a oeste do Mississípi tiniu beijado uma garota, mas o beijo foi formidável. Ele podia passar a viagem inteira de volta com a boca colada à

daquela garota, sem se preocupar com mais nada.

— Obrigada — disse ela, e pousou a cabeça no ombro dele. — Eu estava mesmo precisando.

— Bem, se precisar outra vez, é só pedir — disse Albert.

Bethany ergueu o rosto para ele, divertida.

— Você precisa que eu peça, Albert?

— Confesso que não — falou arrastadamente o Judeu do Arizona, e voltou ao trabalho.

7

A caminho da cabine de comando, Nick havia parado para falar com Bob Jenkins — ocorrera-lhe uma ideia extremamente desagradável, e queria falar com o escritor a respeito.

— Acredita que poderia haver alguma daquelas coisas aqui em cima?

Bob refletiu por um momento.

— A julgar pelo que vimos lá em Bangor, eu diria que não. Entretanto, é difícil saber, não? Em uma situação desta, qualquer afirmativa é arriscada.

— Sim, acho que sim. Qualquer afirmativa é arriscada. — Nick pensou nisto por um momento. — E quanto àquele seu rasgão no tempo? Saberia dizer quais as nossas chances de encontrá-lo novamente?

Bob Jenkins meneou a cabeça lentamente.

Foi Rudy Warwick quem se pronunciou atrás deles, assustando os dois.

— A pergunta não foi feita a mim, mas darei minha opinião assim mesmo. Acho que nossas chances são de uma em mil.

Nick meditou no que ouvira. Após um momento, um sorriso estranho e radiante surgiu em seu rosto.

— Bem, não são chances tão ruins — disse. — Não, quando consideramos a alternativa.

8

Menos de quarenta minutos mais tarde, o céu azul através do qual seguia o Voo 29 começou a adquirir intensidade de cor. Passou lentamente para índigo, depois para púrpura-vivo. Sentado na cabina, monitorando seus instrumentos e desejando uma xícara de café, Brian pensou em uma velha canção: Quando o púrpura-vivo cai... sobre muros sonolentos de jardim...

Ali não havia muros de jardim, mas ele podia avistar as primeiras estrelas, como cristais de gelo cintilando no firmamento. Havia qualquer coisa de animador e calmante no aparecimento das velhas constelações, uma a uma, em seus antigos lugares. Ele não sabia como podiam continuar sendo as mesmas, quando tantas outras coisas estavam seriamente deslocadas, porém ficava imensamente satisfeito por estarem lá.

— Está indo mais depressa, não? — perguntou Nick atrás dele.

Brian se virou no assento para encará-lo.

— Sim, está. Creio que depois de algum tempo, os “dias” e “noites” passarão tão depressa, quanto um obturador de máquina fotográfica.

Nick suspirou.

— E agora, resta-nos a parte mais difícil, não? Esperar para ver o que acontece. E rezar um pouco, suponho.

— Não faria mal nenhum. — Brian pousou em Nick um olhar longo e avaliador.

— Eu estava indo para Boston, porque minha ex-esposa faleceu em um incêndio idiota.

Dinah ia para lá porque um punhado de médicos lhe prometera dois olhos novos.

Bob tomaria parte em uma convenção. Albert ia para uma escola de música, Laurel pretendia gozar férias. Por que você ia a Boston, Nick? Confesse. A hora é chegada.

Nick olhou pensativamente para ele durante um longo momento e depois deu uma risada.

— Bem, por que não? — disse, mas Brian não era tolo a ponto de acreditar que a indagação fosse dirigida a ele. — Que importância tem uma designação Ultra-Secreta, depois de termos visto um punhado de bolas enlouquecidas e assassinas enrolando o mundo com um tapete velho?

Ele tornou a rir.

— Os Estados Unidos não detêm, exatamente, o monopólio do mercado de truques sujos e operações encobertas — disse ele a Brian. — Nós, britânicos, já esquecemos mais diabruras asquerosas do que vocês poderiam imaginar por aqui.

Andamos fazendo reviravoltas pela índia, África do Sul, China e pela parte da Palestina que se tornou Israel. Dessa vez, sem dúvida nos metemos em uma irritante disputa com os sujeitos errados, não? Entretanto, nós, britânicos, acreditamos firmemente em capa e espada, e o legendário MI-5 não é onde a coisa termina, mas somente onde ela começa. Passei dezoito anos nas forças armadas, Brian — os últimos cinco, em Operações Especiais. Desde então, tenho feito vários trabalhos esporádicos, alguns deles inócuos, outros fabulosamente nojentos.

Estava totalmente escuro no exterior agora e as estrelas brilhavam como lantejoulas, no formal vestido de noite de uma mulher.

— Encontrava-me em Los Angeles — gozando férias, em realidade — quando entraram em contato comigo e recebi ordens para voar até Boston. Uma incumbência de última hora, eis a verdade, e após quatro dias de mochila às costas nas San Gabriel, estava morto de cansaço. Daí por que dormia profundamente quando aconteceu o Evento do Sr. Jenkins.

Há um homem em Boston, compreenda... ou havia... ou haverá (as viagens no tempo perturbam como o diabo os velhos tempos de verbo, não?)... que é um político muito conhecido. O tipo de sujeito que se movimenta e atua com grande vigor nos bastidores. Este homem — vou chamá-lo de Sr. O'Banion, para facilitar a conversa — é muito rico, Brian, sendo um entusiasta patrocinador do Exército da República Irlandesa — o IRA. Ele canalizou milhões de dólares para o que alguns gostariam de denominar a obra de caridade favorita de Boston, e há uma boa quantidade de sangue em suas mãos. Não apenas de soldados ingleses, mas de crianças em pátios de escolas, de mulheres em lavanderias automáticas e

de bebês, explodidos aos pedaços em seus carrinhos. Ele é um idealista da espécie mais perigosa: alguém que jamais vê a carnificina em primeira mão, que jamais teve de olhar para uma perna amputada caída na sarjeta e foi forçado a reconsiderar seus atos à luz dessa experiência.”

— Você foi incumbido de matar esse O’Banion?

— Não, a menos que fosse preciso — respondeu Nick calmamente. — Ele é riquíssimo, porém este não é o único problema. Entende, o sujeito é o político integral, tem mais dedos do que os utilizados para mexer o caldeirão na Irlanda. Tem inúmeros amigos poderosos entre os americanos, e alguns deles são também nossos amigos... eis a natureza da política; um ninho de gatos, tecido por homens que, em sua maioria, deviam estar em aposentos com paredes acolchoadas. Matar o Sr. Banion seria um sério risco político. Entretanto, ele mantém um rabo-de-saia como atividade secundária. Era ela que fui incumbido de matar.

— Como um aviso — disse Brian, em voz baixa e fascinada.

— Exatamente. Como um aviso.

Quase um minuto passou, com os dois homens sentados na cabine e encarando-se. O único som era o zumbido sonolento dos jatos. Os olhos de Brian estavam chocados e, de certo modo, pareciam muito jovens. Nick apenas tinha uma aparência deprimida, cansada.

— Se conseguirmos escapar desta — disse Brian por fim, — se voltarmos, você pretende levar avante sua incumbência?

Nick meneou a cabeça. Moveu-a lentamente, mas com absoluta firmeza.

— Acredito que passei pelo que os blocos adventistas gostam de denominar uma conversão de alma, meu velho companheiro. Nada mais de calafrios à meia-noite ou trabalhos extremamente discriminatórios para o garoto Nicholas, filho da Sra. Hopewell. Se escaparmos desta — uma proposição que, neste exato momento, considero um tanto vaga — creio que abandonarei a vida ativa. Vou-me aposentar.

— E fazer o quê?

Nick olhou para ele pensativamente por um ou dois momentos e então respondeu:

— Bem... suponho que poderia tomar aulas de voo.

Brian explodiu em uma gargalhada. Após um instante, o garoto Nicholas, filho da Sra. Hopewell, também ria com ele.

9

Trinta e cinco minutos mais tarde, a luz do alvorecer começou a penetrar na cabine principal do Voo 29. Três minutos depois, era como se a manhã estivesse em meio; quinze minutos mais, e poderia ser meio-dia.

Laurel olhou em torno e reparou que os olhos cegos de Dinah estavam abertos.

Seriam eles totalmente cegos? Naqueles olhos havia algo, qualquer coisa que fugia a uma definição, levando Laurel a duvidar. Ela foi tomada por um senso de desconhecida reverência, uma sensação que quase tocava o medo.

Estendeu o braço e pegou suavemente uma das mãos de Dinah.

— Não tente falar — disse baixinho. — Se estiver acordada, Dinah, não procure falar — apenas ouça. Estamos no ar. Vamos voltar e você ficará bem — eu lhe prometo.

A mão de Dinah apertou a dela e, após um momento, Laurel percebeu que a garotinha a puxava para que se aproximasse. Ela se inclinou acima da maca presa nas poltronas. Dinah então falou, em um fio de voz que a Laurel pareceu um perfeito modelo em escala de sua voz anterior.

— Não se preocupe comigo, Laurel. Eu tive... o que queria.

— Dinah, você não devia...

Os olhos castanhos que não enxergavam moveram-se na direção do som da voz de Laurel. Um ligeiro sorriso aflorou à boca suja de sangue de Dinah.

— Eu enxerguei — disse-lhe aquela vozinha, frágil como um caniço de cristal. — Eu enxerguei pelos olhos do Sr. Toomy. No começo, e depois novamente no fim.

Foi melhor no fim. No começo, tudo parecia mesquinho e asqueroso para ele. Foi melhor no fim.

Laurel olhou para ela, tomada de admiração. Maravilhada. A mão da menina soltou a sua e se ergueu, vacilante, para tocar-lhe o rosto.

— Ele não era uma pessoa tão ruim, sabe?

Dinah tossiu e gotículas de sangue lhe voaram da boca.

— Por favor Dinah! — disse Laurel. Teve uma repentina impressão de que quase podia ver através da garotinha cega, o que lhe trouxe uma sensação de sufocante e desorientado pânico. — Por favor, não tente falar mais!

Dinah sorriu.

— Eu vi você — disse — Você é linda, Laurel. Tudo era lindo... mesmo as coisas que estavam mortas. Era tão maravilhoso... você entende... apenas ver...! Dinah inalou um de seus reduzidos sorvos de ar, deixou-o sair e, simplesmente, não inalou o seguinte. Suas pupilas que não viam agora pareciam estar olhando para muito além de Laurel Stevenson.

— Por favor, respire, Dinah! — pediu Laurel.

Tomou as mãos da menininha nas suas e começou a beijá-las repetidamente, como se os beijos pudessem insuflar vida no que agora estava além disso. Não era justo que Dinah morresse após ter salvo todos eles; nenhum Deus poderia exigir tal sacrifício, nem mesmo de pessoas que, de algum modo, haviam caminhado fora do próprio tempo.

— Por favor, respire, por favor, por favor, por favor, respire!

Dinah, entretanto, não respirou. Após muito tempo, Laurel devolveu as mãos da menina ao próprio colo e contemplou fixamente o rostinho imóvel e pálido. Esperou que seus olhos se enchessem de lágrimas, porém elas não vieram. Seu coração, no entanto, doía com intenso pesar, e sua mente martelava um fundo e ultrajado protesto: Oh, não! Oh, não é justo! Isto não é justo! Mande-a de volta Deus!

Mande-a de volta, maldição, mande-a de volta, apenas mande-a DE VOLTA!

Deus, porém, não a mandou de volta. Os motores do avião pulsavam firmemente, o sol brilhou sobre a manga ensanguentada do vestido de viagem de Dinah, formando um vivido retângulo, e Deus não a mandou de volta. Laurel olhou para o outro lado do corredor, viu que Albert e Bethany se beijavam. Ele tocava um dos seios da jovem por sobre a camiseta dela, leve e delicadamente, quase religiosamente. Pareciam compor um quadro ritual, uma representação

quase religiosamente. Pareciam compor um quadro ritual, uma representação simbólica da vida e daquela insistente e intangível fagulha transmissora de vida, mesmo diante das mais terríveis revogações e absurdas reviravoltas do destino. Cheia de esperança, Laurel olhou deles para Dinah... e Deus não a mandara de volta.

Deus não se retratara.

Laurel beijou a inclinação imóvel da face de Dinah, e então ergueu a mão para o rosto da garotinha. Os dedos pararam a apenas um centímetro das pálpebras.

Eu enxerguei pelos olhos do Sr. Toomy. Tudo era lindo... mesmo as coisas que estavam mortas. Era tão maravilhoso enxergar!

— Sim — murmurou Laurel. — Eu posso conviver com isto.

E deixou abertos os olhos de Dinah.

10

O Voo 29 da American Pride seguiu para oeste através de dias e noites, passando da claridade para a escuridão e da escuridão para a claridade, como se voasse através de um imenso e preguiçoso desfile de gordas nuvens. Cada ciclo era ligeiramente mais rápido que o anterior.

Quando tinham pouco mais de três horas de voo, cessaram as nuvens abaixo deles, exatamente acima do ponto em que tinham começado quando do voo para leste. Brian gostaria de apostar que a vanguarda das nuvens não se tinha movido mais que trinta centímetros. As Grandes Pradarias estendiam-se abaixo deles, em silenciosa e colorida expansão de terra.

— Não há indícios deles por aqui — disse Rudy Warwick, e não precisava especificar sobre o que estava falando.

— É verdade — concordou Bob Jenkins. — Parece que passamos à frente deles, seja em espaço ou em tempo.

— Ou nas duas coisas — interveio Albert.

— Certo — nas duas coisas.

Entretanto, enganavam-se. Quando o Voo 29 cruzou as Rochosas, eles começaram a ver novamente as linhas negras na terra, finas como fios, daquela altitude. Elas saltavam através das ásperas e lajeadas encostas, desenhando padrões não de todo sem sentido no tapete cinza-azulado de árvores. Nick ficou parado junto à porta principal do avião, espiando pela escotilha redonda nela incrustada. Essa escotilha tinha um singular efeito amplificador, tendo ele logo percebido que via melhor do que realmente desejaria. Enquanto espiava, duàs das linhas negras dividiram-se, correram à volta de um pico denteado e coroado de neve, encontraram-se no lado contrário e correram encosta abaixo, em direções divergentes. Atrás delas, todo o topo da montanha desmoronou sobre si mesmo, deixando algo semelhante a um vulcão com uma enorme cratera morta no pico truncado.

Sagrado, sacratíssimo Jesus! — murmurou Nick, e passou uma mão trêmula pela testa.

Quando cruzaram a Vertente Oeste, na direção de Utah, a escuridão começou a

Quando cruzaram a Vertente Oeste, na direção de Utah, a escuridão começou a descer de novo. O sol poente lançou um clarão vermelho-alaranjado sobre uma fragmentada e infernal paisagem, que nenhum deles suportou contemplar por muito tempo; um a um, seguiram o exemplo de Bethany e baixaram as respectivas persianas. Nick retornou à sua poltrona, caminhando com pernas bambas, e se deixou cair sentado, pousando a testa na mão fria e engalfinhada. Após um ou dois momentos, virou-se para Laurel que, sem nada dizer, tomou-o nos braços.

Brian foi forçado a ver aquilo. Não havia persianas na cabine.

As regiões a oeste do Colorado e a leste de Utah mergulharam na cova da eternidade, pedaço a pedaço, abaixo e à frente dele. Montanhas, colinas isoladas e escarpadas, mesas e desfiladeiros, um a um deixavam de existir quando os langoliers os cortavam e os entregavam à própria sorte, ao arrancá-los do tecido apodrecido deste passado morto, quando os arrancavam e os faziam despencar em abismos sem sol e intermináveis de eternidade. Não havia som algum dos langoliers no avião, e, de certo modo, isto era o mais terrível de tudo. A terra abaixo deles desaparecia tão silenciosamente como grãos de poeira.

Então, a noite sobreveio como um ato de misericórdia, e durante algum tempo ele poderia concentrar-se nas estrelas. Brian apegou-se a elas com a ferocidade do pânico, eram as únicas coisas reais que restavam neste mundo horrível: Órion, o caçador; Pégaso, o grande e cintilante cavalo da meia-noite; Cassiopéia, em sua cadeira estrelada.

11

Meia hora mais tarde, o sol nasceu de novo, e Brian sentiu que sua lucidez estremecia profundamente, deslizando mais para perto da borda de seu próprio abismo. O mundo abaixo desaparecera; havia desaparecido inteira e definitivamente. O céu azul-profundo era uma abóbada sobre um ciclópico oceano do mais intenso e puro ébano.

O mundo tinha sido dilacerado abaixo do Voo 29.

O pensamento de Bethany também havia cruzado a mente de Brian; se surgisse o momento crítico, se o ruim se tornasse o pior, ele havia pensado que poderia fazer o 767 mergulhar e espatifar-se em uma montanha, desta maneira ficando tudo terminado para sempre. Entretanto, não havia montanhas em que espatifar-se.

Tampouco havia terra aonde cair.

O que acontecerá, se não encontrarmos novamente o tal rasgão, a brecha de passagem no tempo? perguntou-se ele. 0 que acontecerá, se o combustível acabar?

Não me queira dizer que espatifaremos, porque eu, simplesmente, não acredito

— não é possível alguém espatifar-se contra nada. Penso que apenas iremos caindo... caindo... e caindo... Porquanto tempo? E até onde ?Até onde se pode cair dentro do nada?

Não pense nisto!

Como, deixar de pensar? Como alguém se recusaria a pensar em nada?

Deliberadamente, ele retornou à sua folha de cálculos. Trabalhou neles, reportando-se frequentemente ao readout do INS, até a claridade recomeçar a desaparecer do céu. Agora avaliava o tempo passado entre o nascer e o pôr-do-sol em cerca de vinte e oito minutos.

Estendeu a mão para o interruptor que controlava o intercomunicador da cabine e abriu o circuito.

— Nick? Pode vir até aqui?

Nick apareceu à porta da cabine de comando menos de trinta segundos mais tarde.

— Eles baixaram as persianas lá atrás? — perguntou Brian, antes mesmo que Nick chegasse ao seu lado.

— Pode apostar que sim — respondeu Nick.

— Muito sensato da parte deles. Vou pedir a você que ainda não olhe para baixo, se puder conter-se. Desejarei que olhe dentro de alguns minutos e, quando olhar, acredito que não suportará continuar espiando para baixo. Aconselho-o a adiar o mais possível. Não é... muito agradável.

— Foi-se, não é?

— Exato. tudo.

— A garotinha também se foi, Dinah. Laurel ficou junto dela até o fim. Está conseguindo aceitar bem o que houve. Ela gostava daquela menina. Eu também.

Brian assentiu. Não ficou surpreso — o ferimento da menina era do tipo que exigia tratamento imediato em um pronto-socorro, e mesmo então o diagnóstico certamente seria incerto — mas, mesmo assim, foi como se uma pedra pesasse em seu coração. Também havia gostado de Dinah, e acreditava no mesmo que Laurel, isto é, que de algum modo a menina era mais responsável pela sobrevivência continuada do grupo do que qualquer outra pessoa. Ela fizera algo ao Sr. Toomy, usara-o de alguma singular maneira... e muito lá no fundo Brian tinha uma ideia de que Toomy não se teria importado de haver sido usado daquela forma. Portanto, se a morte dela fosse augúrio, este seria da pior espécie.

— Ela nunca chegou a fazer sua cirurgia... — disse Brian. .

— É verdade.

— Laurel está conformada?

— Mais ou menos.

— Você gosta dela, não?

— Gosto — disse Nick. — Tenho companheiros que achariam graça nisso, mas gosto dela. Está um pouco chorosa, mas tem fibra.

Brian assentiu.

— Bem, se voltarmos, desejo muita sorte a ambos.

— Obrigado — disse Nick, tomando a ocupar o assento do co-piloto. — Estive pensando na pergunta que você me fez antes. Sobre o que farei quando e se escaparmos desta confusão... além de levar a encantadora Laurel para jantar, quero dizer. Suponho que eu poderia terminar indo mesmo atrás, do Sr. O'Banion. Da maneira como entendo, ele não é muito diferente do nosso amigo Toomy.

— Dinah lhe pediu que poupasse o Sr. Toomy — observou Brian. — Talvez seja algo que devesse acrescentar à equação.

Nick assentiu. Fez isto, como se a cabeça houvesse ficado pesada demais para o pescoço.

— Sim, talvez seja.

— Ouça, Nick. Eu o chamei aqui porque se realmente existir o rasgão, a fenda, brecha, sei lá, no tempo, sugerida por Bob, devemos estar chegando perto de sua localização. Vamos ficar no ponto de espreita, você e eu. Você fica com o lado de estibordo e o centro da direita. Eu fico com o lado de bombordo e o centro da esquerda. Se avistar alguma coisa que pareça um rasgão no tempo, dê o aviso.

Nick fitou Brian com olhos arregalados, inocentes.

— Estaremos procurando um rasgão no tempo tipo sei-lá-que-troço-é-esse ou você acha que será mais ou menos da variedade fodidélica, companheiro?

— Muito engraçado. — Brian sentiu um sorriso tocar-lhe os lábios, a despeito de si mesmo. — Não faço a menor ideia da aparência que possa ter e mesmo se seremos capazes de vê-lo. Se não pudermos identificá-lo, vamos estar num diabo de enrascada, caso o rasgão se tenha desviado para um lado ou mudado de altitude. Encontrar uma agulha no palheiro seria brincadeira comparado a isto.

— O que me diz do radar?

— O que me diz do radar?

Brian apontou para o monitor de radar em cor RCA/TL.

— Nada, como pode ver. No entanto, não é de admirar. Se a tripulação original tivesse percebido a maldita coisa no radar, antes de mais nada jamais a teria cruzado.

— A tripulação tampouco a teria cruzado se a tivesse visto — observou Nick sombriamente.

— Não é necessariamente verdadeiro. Eles poderiam tê-la visto já tarde demais para evitá-la. Os jatos movem-se a grande velocidade e as tripulações de aviões não ficam o voo inteiro perscrutando o céu em busca de bichos-papões. Não é de sua competência, mas do controle de terra. Depois de trinta ou trinta e cinco minutos voando, as tarefas principais da tripulação, no referente à rota, estão completadas.

O pássaro levantou voo, está fora do espaço aéreo de Los Angeles, a buzina anticolisão foi ligada e grita seus bips a cada noventa segundos para mostrar que continua funcionando. O INS é inteiramente programado — isso acontece ainda antes de o pássaro deixar o solo — e diz ao piloto-automático o que fazer. A julgar pela aparência desta cabine, o piloto e o co-piloto estavam tirando a folga para o café. Os dois poderiam estar sentados aqui, um de frente para o outro, comentando o último filme que tinham visto ou o que andaram fazendo em Hollywood Park. Se, nesse momento, houvesse mais alguma comissária de bordo, pouco antes do Evento ter lugar, haveria pelo menos mais dois olhos, porém sabemos que não era este o caso.

A tripulação masculina tomava café e saboreava pastelão; por seu turno, as comissárias preparavam-se para servir bebidas aos passageiros, quando a coisa aconteceu.

— Um cenário muitíssimo detalhado — comentou Nick. — A quem procura convencer, a mim ou a você?

— A esta altura dos acontecimentos, não pretendo convencer ninguém, em absoluto.

Nick sorriu e aproximou-se da janela de estibordo da cabine. Os olhos dirigiram-se involuntariamente para baixo, para o lugar a que o solo pertencia, e seu

sorriso primeiro petrificou-se, depois desapareceu do rosto. Os joelhos bambearam, e ele precisou firmar-se na parede divisória da cabine com uma das mãos a fim de não cair.

— Puta que pariu! — exclamou, em desalento sussurro.

— Nada agradável, concorda?

Nick se virou para encarar Brian. Os olhos pareciam boiar em seu rosto lívido.

— A vida inteira — disse ele — eu pensava na Austrália, quando ouvia os outros falarem sobre o grande nada, mas estava errado. Esse é o grande nada, bem aqui abaixo de nós!

Brian tornou a checar rapidamente o INS e os mapas. Tinha feito um pequeno círculo vermelho em um dos mapas; estavam agora quase penetrando no espaço aéreo que aquele círculo representava.

— Pode fazer o que lhe pedi? Se acha que não consegue, é só dizer. Orgulho é um luxo que não podemos...

— É claro que posso — murmurou Nick. Havia desviado os olhos daquele imenso buraco negro abaixo do avião e perscrutava o céu. — Eu só queria saber o que procurar.

— Acho que saberá tão logo o veja — disse Brian. Fez uma pausa e acrescentou: —

Se chegar a vê-lo.

12

Bob Jenkins estava sentado com os braços cruzados apertadamente sobre o peito, como se sentisse frio. Uma parte dele estava com frio, porém não era uma friagem física. O frio brotava de sua cabeça.

Alguma coisa estava errada.

Ele ignorava o que fosse, porém havia algo errado. Algo deslocado... perdido.. ou esquecido. Fora cometido um equívoco ou seria cometido dentro em breve. A sensação aguilhoava-o como uma dor não inteiramente localizada para que fosse identificada. Era um senso de coisa errada, quase cristalizado em um pensamento... mas que logo desaparecia, como algum animalzinho não totalmente domesticado.

Qualquer coisa errada.

Ou fora de lugar. Ou perdida.

Ou esquecida.

À frente dele, Albert e Bethany beijocavam-se alegremente. Atrás dele, Rudy Warwick permanecia sentado na poltrona, de olhos fechados e lágrimas se movendo.

As contas de um rosário estavam enroladas em um de seus pulsos. No outro lado do corredor, Laurel Stevenson continuava sentada junto de Dinah, segurando-lhe uma das mãos e afagando-a delicadamente.

Equívoco.

Bob ergueu a persiana ao lado de seu assento, espiou para fora e tornou a baixá-la bruscamente. Olhar para aquilo não ajudaria qualquer pensamento racional; simplesmente o apagaria. O que jazia abaixo do avião era a loucura em seu grau máximo.

Eu devo avisá-los. Tenho de avisá-los. Estão seguindo em frente baseados em minha hipótese, mas se minha hipótese for errada — e perigosa —, então devo avisá-los.

Avisá-los de quê?

De novo, o que quer que fosse quase penetrou na luz de seus pensamentos focalizados, tornando depois a deslizar, tornando-se apenas uma sombra entre sombras... mas possuindo cintilantes olhos ferozes.

Em um movimento abrupto, ele soltou o cinto e levantou-se.

Albert olhou em torno.

— Aonde o senhor vai?

— A Cleveland — grunhiu Bob.

Então começou a descer o corredor em direção à cauda do avião, ainda tentando seguir a pista até a fonte daquele sino de alarme interior.

13

Brian desviou os olhos do céu — que já começava a mostrar indícios de claridade novamente — pelo tempo suficiente de uma rápida espiada ao readout do INS e, em seguida, ao círculo em seu mapa. No momento aproximavam-se do lado mais distante do círculo. Se o rasgão do tempo continuasse ali, deveriam vê-lo em breve.

Caso contrário, ele supunha que teria de assumir os controles e circular de volta, em busca de outra passagem, em altitude ligeiramente diferente e em rumo também ligeiramente diferente. Isto seria o diabo para o combustível, já em situação delicada, mas já que tudo aquilo era provavelmente sem esperanças, não importava muito se...

— Brian? — chamou Nick, em voz incerta. — Brian? Acho que vi alguma coisa!

14

Bob Jenkins chegou à traseira do avião, deu meia-volta e começou a caminhar lentamente pelo corredor em direção contrária, passando por fileiras e fileiras de poltronas vazias. Olhou para os objetos que jaziam nelas e espalhadas no piso diante delas, à medida que ia andando: bolsas... pares de óculos... relógios de pulso... um relógio de bolsa... duas peças metálicas, gastas e em forma de crescente, provavelmente tacões de sapatos... obturações dentárias... alianças...

Alguma coisa está errada.

Verdade? Seria mesmo ou era apenas sua mente sobrecarregada, insistindo acaloradamente sobre nada? O equivalente mental de um músculo cansado, que não pára de estremecer?

Deixe isso pra lá, aconselhou a si mesmo, porém era impossível.

Se há algo realmente fora do lugar, por que você não vê? Não falou para o rapaz que a dedução é sua comida e sua bebida?Não escreveu quarenta novelas de mistério e uma dúzia delas não foi considerada de boa qualidade? O Newgate Callendar não considerou A Madonna Adormecida “um a obra-prima de lógica”, quando eles...

Bob Jenkins parou de súbito, com os olhos arregalados. Eles se fixaram em uma poltrona de bombordo, perto da parte fronteira da cabine. Ali, o homem de barba negra “ embarcara” novamente e roncava a todo vapor. Dentro da cabeça de Bob, o tímido animal por fim começou a esgueirar-se temerosamente para a luz. Apenas não era pequeno, como tinha imaginado. Este fora o seu equívoco. Às vezes, deixamos de ver coisas por serem demasiado pequenas, mas em outras as ignoramos por serem demasiado grandes, demasiado óbvias.

A Madonna Adormecida. O homem adormecido.

Ele abriu a boca e tentou gritar, porém não emitiu qualquer som. Sua garganta estava fechada. O terror assentou-se sobre seu peito como um macaco. Ele tentou gritar, conseguindo apenas um guincho sussurrante

Madonna adormecida, o homem adormecido.

Eles, os sobreviventes, tinham estado adormecidos, todos

Eles, os sobreviventes, tinham estado adormecidos, todos.

Agora, com exceção do homem barbudo, nenhum deles dormia.

Bob tentou abrir a boca, tentou gritar mais uma vez e, de novo, não emitiu som algum.

15

— Santo Cristo da Madrugada! — sussurrou Brian.

O buraco no tempo jazia a cerca de cento e quarenta e cinco quilômetros à frente, apenas uns sete ou oito graus mais a estibordo do nariz do 767. Se houvera algum desvio, não fora grande coisa; Brian achava que aquele ligeiro diferencial seria o resultado de um erro mínimo de navegação.

Em realidade, tratava-se de um buraco em forma de losango, mas não um vácuo negro. Pulsava com uma suave luminosidade rosa-púrpura, como a aurora-boreal.

Brian podia avistar as estrelas além dele, mas elas também tremeluziam. Uma ampla fita branca de vapor escorria lentamente para fora ou para dentro daquela forma que pendia no céu. Aquilo assemelhava-se a alguma estranha e etérea via de passagem.

Podemos entrar nele diretamente, pensou Brian, excitado. É melhor do que um sinal de ILS (Sistema Instrumental de Aterrissagem)!

— Estamos em atividade! — exclamou, rindo idiotamente e sacudindo os punhos fechados no ar.

— Deve ter uns três quilômetros de largura — sussurrou Nick. — Céus, Brian, quantos aviões mais acha que o cruzaram?

— Não sei — disse Brian —, mas aposto meu revólver e meu cachorro como fomos os únicos que tiveram ideia de voltar.

Ele ligou o intercomunicador.

— Senhoras e senhores, encontramos o que procurávamos. — Sua voz estava dissonante pelo triunfo e alívio. — Não sei exatamente o que vai acontecer em seguida, nem como ou por que, mas avistamos o que parece ser uma porta tipo alçapão extraordinariamente grande no céu. Vou levar-nos diretamente através de seu centro. Descobriremos juntos o que existe no outro lado. Neste momento, gostaria que todos colocassem seus cintos e...

Foi então que Bob Jenkins começou a correr louca e apressadamente pelo

Foi então que Bob Jenkins começou a correr louca e apressadamente pelo corredor entre as poltronas, gritando a plenos pulmões:

— Não! Não! Morreremos todos se atravessá-lo! Volte! Tem que voltar!

Brian girou no assento e trocou um olhar perplexo com Nick. Nick abriu o cinto e levantou-se.

— É Bob Jenkins — disse. — Parece que acabou vítima de um colapso nervoso. Vá em frente, Brian. Eu cuido dele!

— Certo — respondeu Brian. — Apenas mantenha-o longe de mim. Seria o fim ele vir agarrar-me no segundo errado e enviar-nos pela borda dessa coisa!

Desligando o piloto automático, ele assumiu os controles do 767.0 piso inclinou-se suavemente para a direita quando Brian manobrou em direção à comprida e luzente fenda à frente deles. Ela pareceu deslizar através do céu até posicionar-se bem à frente do nariz do 767. Agora ele podia ouvir um som de mistura com o sussurro dos motores a jato — um profundo ruído de pulsação, como um gigantesco motor à diesel em funcionamento. À medida que se aproximavam do rio de vapor — Brian agora podia ver que fluía para dentro do buraco, não para fora — começou a captar vislumbres de cor, viajando dentro daquela névoa: verde, violeta, vermelho, rosa. É a primeira cor real que vejo neste mundo, pensou.

Atrás dele, Bob Jenkins disparou pelo setor da primeira classe, avançou ao longo do estreito corredor para a área de serviço... e encontrou os braços de Nick à sua espera.

— Calma, companheiro! — disse Nick. — Tudo vai dar certo agora!

— Não! — Bob debateu-se ferozmente, porém Nick o dominou tão facilmente como um homem dominaria um gatinho em luta. — Não, você não entende! Ele tem que voltar! Tem que voltar, antes que seja tarde demais!

Nick afastou o escritor da porta da cabine e o levou de volta à primeira classe.

— Nós dois vamos ficar sentados aqui, com os nossos cintos bem ajustados, entende? — disse ele, naquela mesma voz tranquilizadora e cordial. — Talvez o avião sacoleje um pouco.

Para Brian, a voz de Nick era apenas um fraco som diluído. Quando penetrava no vasto fluxo do vapor que se infiltrava no rasgão do tempo, sentiu que uma mão enorme, imensamente poderosa, agarrava o avião e o puxava ansiosa para diante. Ele se viu pensando no vazamento naquele voo de Tóquio para Los Angeles, na rapidez com que o ar escapava de um ambiente pressurizado, através de um buraco na fuselagem.

É como se todo este mundo — ou o que sobrou dele — estivesse escapando através desse buraco, pensou, e então tornou a recordar aquelas palavras de seu sonho, estranhas e agourentas:

ESTRELAS CADENTES APENAS.

O buraco posicionava-se perfeitamente à frente do nariz do 767 agora, aumentando com enorme rapidez.

Lá vamos nós, pensou ele. Que Deus nos ajude, estamos indo mesmo!

16

Bob continuava lutando, quando Nick o manteve sentado em uma das poltronas da primeira classe, usando uma das mãos, enquanto lhe colocava o cinto de segurança com a outra. Bob era um homem miúdo e magro, certamente não mais do que setenta quilos molhados de suor, porém o pânico o energizava e estava tomando bastante difícil a tarefa de Nick.

— Realmente, tudo vai dar certo agora, companheiro — disse Nick. Finalmente conseguiu fechar o cinto de segurança de Bob. — Tudo deu certo quando fizemos a travessia da primeira vez, não foi?

— Estávamos todos dormindo durante aquela travessia, seu maldito tolo! — gritou Bob'esganiçadamente em seu rosto. — Será que não compreende? ESTAVA-MOS DORMINDO! Você precisa detê-lo!

Nick ficou paralizado quando já ia estender a mão para seu próprio cinto. O que Bob dizia — o que estivera tentando dizer o tempo todo — de repente atingiu seu entendimento, como se lhe houvessem despejado um caminhão de tijolos em cima.

— Oh, santo Deus! — sussurrou. Santo Deus, em que estávamos pensando?

Saltou de seu assento e disparou para a cabine de comando.

— Pare, Brian! Volte! Dê meia-volta!

17

Brian estivera olhando para o buraco do tempo, quase hipnotizado, à medida que se aproximava dele. Não havia turbulência, mas aumentara aquele senso de tremenda potência, de ar precipitando-se para o buraco como um rio caudaloso. Baixou os olhos para seus instrumentos e viu que a velocidade aerodinâmica do 767 aumentava rapidamente. Então Nick começou a gritar e, um momento mais tarde, o inglês estava atrás dele, agarrando-lhe os ombros, de olhos fixos no rasgão do tempo que se inflava diante do nariz do jato, as cores em disparada correndo através de suas faces e testa, fazendo-o parecer um homem contemplando um vitral em um dia ensolarado. O som regular e martelante se tomara como sombria trovoada.

— Volte, Brian, você tem que voltar!

Teria Nick alguma razão para o que dizia ou o pânico de Bob fora contagioso? Não havia tempo para tomar uma decisão fundamentada em qualquer base racional; somente uma fração de segundo, a fim de consultar os silenciosos tique-taques do instinto.

Brian Engle agarrou o manche e o moveu vigorosamente para bombordo.

18

Nick foi lançado através da cabine, contra a parede divisória; houve um nauseante estalo quando seu braço se partiu. Na cabine principal, a bagagem que caíra dos compartimentos do teto, quando Brian manobrara para a pista de pouso no AIB, agora tornava a voar, chocando-se nas paredes encurvadas e indo contra as janelas, como violenta chuva de granizo. O homem da barba preta foi arrancado de sua poltrona como um tampão de banheira, tendo tempo de soltar um berro esganiçado antes de bater com a cabeça no braço de outra poltrona e cair no corredor, com braços e pernas enovelados. Bethany gritou, e Albert a apertou estreitamente conta si. Duas fileiras atrás, Rudy Warwick fechou os olhos com força, agarrou mais vigorosamente o rosário e rezou mais depressa, enquanto a poltrona inclinava-se sob seu corpo.

Agora havia turbulência; o Voo 29 transformou-se em alada prancha de surfe, balançando, contorcendo-se e saltitando em meio ao ar instável. As mãos de Brian foram momentaneamente arrancadas do manche, e então ele tornou a agarrá-lo. Ao mesmo tempo abriu o manete da gasolina ao máximo, e os turbos do avião responderam com um profundo rugido de potência, raramente ouvido fora dos hangares de manutenção da linha aérea. A turbulência aumentou; o avião saltou drasticamente para cima e para baixo. De alguma parte, chegou até eles o guincho mortal do metal forçado em demasia.

Na primeira classe, Bob Jenkins agarrou-se aos braços de sua poltrona, aturdidamente grato ao inglês que conseguira colocar-lhe o cinto. Tinha a sensação de estar amarrado ao pula-pula movido a jato, pertencente a algum lunático. O avião deu outro enorme salto, balançou-se quase até a vertical sobre a asa de bombordo, fazendo com que a dentadura de Bob lhe saltasse da boca.

Estaremos fazendo a travessia? Santo Deus, estaremos?

Ele não sabia. Sabia apenas que o mundo era um saltitante e corcoveante pesadelo... mas que continuava a habitá-lo.

Por enquanto, pelo menos, continuava a habitá-lo.

19

A turbulência prosseguiu, aumentando, enquanto Brian pilotava o 767 através da ampla torrente de vapor que fluía para o buraco. À frente dele, o rasgão no tempo continuava a inchar diante do nariz do avião, mesmo quando o aparelho prosseguia em seu desvio para estibordo. Então, após um solavanco particularmente perigoso, saíram da correnteza e passaram para ar mais uniforme. O buraco no tempo desapareceu a estibordo. Tinham conseguido evitá-lo... mas Brian não gostava de pensar em quão pouco.

Ele continuou guinando o avião, porém em ângulo menos drástico.

— Nick! — gritou, sem se virar. — Você está bem, Nick?

Nick levantou-se lentamente, mantendo o braço contra o estômago com a mão esquerda. O rosto dele estava lívido e os dentes formavam uma careta de dor.

Pequenos fios de sangue corriam-lhe das narinas.

— Já estive melhor, companheiro. Acho que quebrei o braço. Não é a primeira vez para o coitado, afinal. Conseguimos evitar, não?

— Sim, conseguimos — assentiu Brian. Continuou a manobrar o avião em um enorme lento círculo. — Dentro de um minuto você irá me dizer por que tivemos que evitar o buraco depois de tudo quanto fizemos para encontrá-lo. E é melhor que seja uma explicação convincente, com ou sem braço quebrado.

Ao terminar, ele estendeu a mão para o interruptor do intercomunicador.

20

Laurel abriu os olhos quando Brian começou a falar e descobriu que a cabeça de Dinah estava em seu colo. Afagou-lhe os cabelos gentilmente e tornou a colocá-la na maca, em sua posição anterior.

— Aqui é o Comandante Engle, pessoal. Lamento o que houve. Foi um bocado arriscado, mas estamos bem; meu painel de instrumentos só tem luzes verdes.

Deixem-me repetir que encontramos o que procurávamos, mas... — Ele desligou subitamente.

Os outros aguardaram. Bethany Simms soluçava contra o peito de Albert. Atrás deles, Rudy continuava manuseando seu rosário.

21

Brian havia interrompido a transmissão ao perceber que Bob Jenkins estava em pé ao seu lado. O escritor tremia, havia uma mancha molhada em suas calças e sua boca tinha uma aparência curiosa, murcha, que Brian não reparara antes... mas ele parecia controlado. Atrás dele, Nick arriava pesadamente na cadeira do co-piloto, pestanejando com o movimento e ainda segurando o braço, que já começava a inchar.

— Diabo, o que significa tudo isto? — perguntou Brian a Bob, consternado. — Mais um pouco de turbulência e esta coisa se teria quebrado em uns dez mil pedaços!

— Posso falar nesse negócio aí? — perguntou Bob, apontando para o interruptor marcado INTERCOM.

— Pode, mas...

— Então, deixe-me falar.

Brian ia protestar, mas pensou melhor. Moveu o interruptor.

— Vá em frente; está no ar! — Então repetiu: — É melhor que seja convincente!

— Ouçam-me todos vocês! — gritou Bob.

De trás dele chegou um protestado gemido de resposta.

— Nós...

— Basta falar em seu tom de voz normal — disse Brian. — Se gritar, vai estourar os tímpanos de todo mundo.

Bob fez um visível esforço para compor-se, depois prosseguiu em um tom de voz mais baixo.

— Nós tivemos que voltar, e foi o que fizemos. O comandante deixou bem claro para mim que por pouco não conseguia efetuar a manobra. Temos tido uma sorte extraordinária... ao mesmo tempo em que temos sido extraordinariamente idiotas.

Esquecemos a coisa mais elementar, compreendam, embora estivesse bem à nossa frente o tempo todo. Antes de mais nada, quando atravessamos o rasgão do tempo todos no avião que estavam acordados desapareceram.

Brian estremeceu no assento. Foi como se alguém o houvesse sacudido. À frente do nariz 767, a cerca de cinquenta quilômetros de distância, tornava a surgir no céu o losango fracamente reluzente, parecendo uma gigantesca pedra semipreciosa. Dava a impressão de zombar dele.

— Agora, estamos todos acordados — disse Bob. (Na cabine principal, Albert olhou para o homem da barba negra, jazendo desacordado no chão, e pensou: Com uma exceção.) — A lógica sugere que, se tentarmos atravessar essa abertura, nós desapareceremos. — Ele refletiu no que dissera e acrescentou: — Isso é tudo.

Brian desligou o intercomunicador sem pensar no que fazia. Às suas costas, Nick deu uma risada dolorida, incrédula.

— Isso é tudo> Essa merda é tudo? E o que faremos?

Brian olhou para ele e nada disse. Bob Jenkins também ficou calado.

22

Erguendo a cabeça, Bethany olhou para o rosto tenso e perplexo de Albert.

— Nós teremos que dormir? E como faremos isso? Jamais me senti tão sem sono em minha vida!

— Eu não sei.

Albert olhou esperançosamente para Laurie, no outro lado do corredor. Ela já estava sacudindo a cabeça, desejando poder dormir, simplesmente adormecer e fazer com que todo esse louco pesadelo desaparecesse, mas como Bethany, jamais se sentira menos tentada a dormir em toda a sua vida.

23

Bob deu um passo à frente e espiou pela janela da cabine de comando em silencioso fascínio. Após um longo momento, disse em voz baixa, temerosa:

— Oh... Então, é assim um rasgão no tecido do tempo!

Uma linha de algum rock-and-roll emergiu na mente de Brian: Você pode olhar, mas é melhor não tocar. Ele olhou de relance para os indicadores luminosos de combustível. O que viu ali não o deixou tranquilo, e ergueu o rosto para Nick, com ar impotente. Como os outros, jamais se sentira tão francamente desperto na vida.

— Não sei o que faremos agora — disse — , mas se tivermos que experimentar a travessia naquele buraco, tem que ser logo. Nosso combustível só dará para uma hora, talvez um pouco mais. Depois disso, é melhor esquecermos. Alguma ideia?

Nick baixou a cabeça, ainda amparando o braço que inchava. Após um momento, tornou a erguê-la.

— Para ser franco, tenho uma. Pessoas que viajam pelo ar raramente deixam seus remédios receitados na bagagem checada — gostam de tê-los ao alcance para o caso de sua bagagem ir parar no outro lado do mundo e levar alguns dias a encontrar os donos. Se fizermos uma vistoria nas bolsas e sacolas de mão, certamete encontrare-mos montes de sedativos. Nem precisaremos tirar as sacolas dos compartimentos. A julgar pelos sons, a maioria delas já caiu ao chão... Como? Qual o impedimento?

As últimas palavras eram dirigidas a Bob Jenkins, que começara a sacudir a cabeça assim que Nick falou em “remédios receitados”.

— Sabe alguma coisa sobre a prescrição de sedativos? — perguntou ele a Nick.

— Um pouco — replicou Nick, mas soava defensivo. — Sim, um pouco.

— Pois eu sei bastante — disse Bob, secamente. — Pesquisei-os exaustivamente, de A até X. De All-nite a Xanax. O assassinato por remédios para dormir sempre foi um grande favorito no meu campo, compreendam. Mesmo que fosse encontrada uma das mais potentes medicações na primeira

Mesmo que fosse encontrada uma das mais potentes medicações na primeira bolsa examinada — algo improvável por si mesmo — seria impossível administrar-se uma dosagem segura, que atuasse com a rapidez suficiente.

— Merda, por que não?

— Porque a droga levaria pelo menos quarenta minutos para fazer efeito... e duvido muito que funcionasse para todos. A reação natural de mentes sob tensão a tal medicação é de lutar — tentar recusá-la. Em absoluto, não existe um meio de tal reação ser combatida, Nick... seria como tentarmos dar ordens às batidas do próprio coração. O que você faria, sempre supondo-se que encontrasse um sortimento de medicamentos suficiente para todos, seria administrar uma série de superdoses letais, com o avião indo parar em Jonestown. Podemos todos completar a travessia do buraco do tempo, mas estaremos mortos.

— Quarenta minutos... ponderou Nick. — Céus! Tem certeza? Certeza absoluta?

— Tenho — respondeu Bob, imutável.

Brian espiou para luzente forma de losango no céu. Pusera o Voo 29 descrevendo um padrão circular, de modo que o buraco estava prestes a desaparecer novamente.

Tomaria a ser visto em breve... porém eles não estariam mais próximos de atravessá-lo.

— Mal consigo acreditar! — exclamou Nick, pesaroso. — Depois de passarmos por tantas coisas... de decolarmos com êxito, de fazermos todo este trajeto... de chegarmos ao cúmulo de encontrar a maldita coisa... e então descobrirmos que não podemos cruzá-la, retornar ao nosso próprio tempo, apenas por não podermos dormir!

— Seja como for, não dispomos de quarenta minutos — disse Brian em voz calma.

— Se esperarmos tanto tempo, este avião se espatifará a noventa e cinco quilômetros a leste do aeroporto.

— Certamente há outros campos...

— Claro que há, porém nenhum é suficientemente grande para receber um avião

deste tamanho.

— E se cruzarmos o buraco, depois indo para leste de novo?

— Chegaríamos a Las Vegas. No entanto, Vegas ficará fora de alcance dentro de...

— Brian examinou seus instrumentos — ...menos de oito minutos. Tem que ser o aeroporto de Los Angeles. Precisarei de pelo menos trinta e cinco minutos para chegar lá. É um cálculo extremamente otimista, mesmo que eles afastem tudo da nossa frente e nos orientem diretamente para o pouso. Isto nos dá... — Ele tornou a consultar o cronômetro. ... vinte minutos no máximo para resolvermos a situação presente e atravessarmos o buraco.

Bob olhava pensativamente para nick.

— E quanto a você — ele perguntou.

— O que quer dizer com isso?

— Imagino que seja um soldado... mas não creio que seja um soldado comum.

Pertencerá ao SAS (Serviço Aéreo Especial), talvez?

O rosto de Nick retesou-se.

— E se eu pertencesse a isso ou algo semelhante, companheiro?

— Bem, talvez pudesse botar-nos para dormir — disse Bob. — Eles não ensinam desses truques aos homens da Forças Especiais?

A mente de Brian retornou ao primeiro confronto de Nick com Craig Toomy.

... já assistiu Jornada nas Estrelas? perguntou a Craig. É um maravilhoso filme americano... E se não fechar essa matraca imediatamente, seu maldito idiota, terei o prazer de demonstrar-lhe o famoso golpe-dorminhoco “Vulcano" do Sr. Spock.

— O que decide, Nick? — perguntou ele suavemente. — Se alguma vez precisamos do famoso golpe-dorminhoco “Vulcano”, foi agora.

Nick olhou com incredulidade de Bob para Brian e depois novamente para Bob.

— Por favor, senhores, não me façam rir — isto deixa meu braço doendo ainda mais.

— O que isso quer dizer? — perguntou Bob.

— Meti os pés pelas mãos no caso dos sedativos, não? Pois bem, quero dizer aos dois que também estão enganados a meu respeito. Não sou nenhum James Bond.

Aliás, no mundo real nunca houve um James Bond. Suponho que eu poderia matá-lo com uma cutelada de pescoço, Bob, porém o mais provável seria apenas deixá-lo paralítico para o resto da vida. Talvez nem mesmo o deixasse desacordado. Além do que, há isto. — Nick ergueu o braço direito que inchava rapidamente, dando uma ligeira piscadela de dor. — Minha mão inteligente, por acaso, está presa ao meu braço refraturado há pouco. Talvez conseguisse defender-me com a mão esquerda — contra um adversário não treinado — mas quanto ao tipo de coisa que mencionou? Não. De maneira alguma!

— Estão esquecendo o detalhe mais importante de todos — disse uma nova voz.

Eles se viraram. Pálida e desfigurada, Laurel Stevenson surgira à porta da cabine.

Havia dobrado os braços contra os seios, como se sentisse frio, e segurava os ombros nas mãos.

— Se ficarmos todos desacordados, quem pilotará o avião? — perguntou ela. —

Quem o pilotará até Los Angeles?

Os três homens a fitaram boquiabertos, em silêncio. Atrás deles, sem ser pressentida, a enorme pedra semipreciosa que era o rasgão no tempo surgiu de novo à vista.

— Estamos fodidos — disse Nick em voz baixa. — Sabiam? Estamos absoluta e irremediavelmente fodidos.

Ele riu um pouco, depois pestanejou, como se o estômago houvesse deslocado o braço quebrado.

— Talvez não — disse Albert. Ele e Bethany tinham aparecido atrás de Laurel; Albert passava o braço em torno da cintura da jovem. Tinha o cabelo colado contra a testa em suados anéis, mas os olhos escuros eram vivos e intensos, focalizados em Brian.

— Acho que o senhor pode botar-nos para dormir — disse —, e acho que o senhor pode levar-nos para a terra.

— De que está falando? — perguntou Brian asperamente.

Albert respondeu:

— De pressão. Estou falando a respeito de pressão.

24

Brian então recordou seu sonho, recordou-o com tal intensidade que tinha a sensação de revivê-lo: Anne, com a mão colada à fenda na fuselagem do avião, a fenda acima da qual estavam impressas as palavras ESTRELAS CADENTES APENAS, em letras vermelhas.

Pressão.

Viu, querido? Foi tudo providenciado.

— O que ele quer dizer, Brian? — perguntou Nick. Posso deduzir que ele descobriu alguma coisa — seu rosto diz isso. O que é?

Brian ignorou a pergunta. Olhava fixamente para o estudante de música de dezessete anos, que bem poderia ter imaginado uma forma de saírem do aperto em que se encontravam.

— E depois? — indagou. E depois de estarmos todos desacordados? Como vou acordar novamente para pousar o avião?

— Por favor, alguém pode explicar isto? — pediu Laurel.

Ela se aproximara de Nick, que passara o braço intacto em torno de sua cintura.

— Albert está sugerindo que eu use isto — Brian deu uma batida de dedos sobre um reostato no painel de controle, um reostato marcado PRESSÃO DA CABINE — para que todos fiquemos desacordados.

— Você pode fazer isso, companheiro? Pode fazer, realmente?

— Posso — disse Brian. — Conheci pilotos — pilotos de vôos charter... que fizeram isso, quando passageiros que tinham bebido além da conta passavam dos limites, pondo em risco eles mesmos ou a tripulação. Não é tão difícil por um bêbado para dormir baixando-se a pressão do ar. Para deixar todos fora de circulação, basta diminuir um pouco mais a pressão... digamos, trazê-la à do nível do mar. É como subir a três mil e poucos quilômetros sem uma máscara de oxigênio. Bum! O sujeito entrega os pontos.

— Se pode mesmo fazer isso, porque o método não tem sido empregado contra

terroristas? — perguntou Bob.

— Porque existem máscaras de oxigênio, certo? — disse Albert.

— Exato — concordou Brian. — A tripulação faz demonstrações com elas no início de todo voo comercial a jato — colocar a taça dourada sobre a boca e o nariz, e respirar normalmente, correto? As máscaras caem automaticamente quando a pressurização da cabine baixa para menos de doze psi. Se um piloto tomado como refém tentar pôr um terrorista fora de ação baixando a pressão do ar, tudo o que o terrorista precisa fazer é pegar uma máscara, colocá-la e começar a atirar. Em jatos menores, como o Lear, não é este o caso. Quando a cabine perde a pressão, o passageiro tem que abrir manualmente o compartimento acima de sua cabeça.

Nick olhou para o cronômetro. A janela deles agora tinha somente quatorze minutos de amplitude.

— Acho melhor encerrarmos a conversa e começarmos a agir — disse ele. — O tempo se esgota rapidamente.

— Ainda não — disse Brian, e tornou a olhar para Albert. — Posso colocar-nos na direção do rasgão nò tempo, Albert, começando a diminuir a pressão à medida que nos aproximamos dele. Posso controlar a pressão da cabine com extrema precisão e tenho certeza absoluta de conseguir adormecer todos nós antes da travessia.

Entretanto, fica a pergunta de Laurel: quem pilotará o avião se estivermos todos desacordados?

Albert abriu a boca; tornou a fechá-la e sacudiu a cabeça.

Foi Bob Jenkitís quem falou. Sua voz era seca e sem entonação, a voz de um juiz pronunciando a sentença:

— Eu acho que você pode levar-nos de volta, Brian. Entretanto, é preciso que mais alguém morra para permitir-lhe fazer isso!

— Explique-se — disse Nick, rispidamente.

Bob explicou. Não levou muito tempo. Quando terminou, Rudy Warwick se

tinha juntado ao pequeno grupo parado à porta da cabine de comando.

— Acha que isso funcionaria, Brian? — perguntou Nick.

— Sim — respondeu Brian, com expressão ausente. — Não há motivo para que não funcione. — Ele tornou a olhar para o cronômetro. Onze minutos agora. Onze minutos para cruzar o buraco no tempo até o outro lado. Quase todo esse tempo seria consumido em alinhar o avião, programar o piloto automático e conduzi-los ao longo da aproximação de quarenta milhas. No entanto, quem se apresentaria? Vocês tirariam sorte ou coisas assim?

— Não é preciso — disse Nick. Falava alegremente, quase com casualidade. — Eu farei isso.

— Não! — exclamou Laurel. Seus olhos estavam muito arregalados e muito escuros.

— Por que você? Por que tem de ser você?

— Cala a boca! — sibilou Bethány para ela. — Se ele está querendo, deixe-o!

Albert olhou desalentadamente para Bethany, para Laurel e novamente para Nick.

Uma voz — não muito forte — sussurrava que ele devia ter-se apresentado como voluntário, aquele era um trabalho para um durão sobrevivente do Álamo, como o Judeu do Arizona. Entretanto, a maior parte dele percebia apenas o quanto amava a vida... e não queria encerrá-la já, tão cedo. Assim, ele abriu a boca e tornou a fechá-la, sem dizer nada.

— Por que você? — tornou a insistir Laurel, com urgência na voz. — Por que não deveríamos tirar a sorte? Por que não Bob? Ou Rudy? Por que não eu?

Nick segurou-lhe o braço.

— Venha comigo um momento — disse.

— Nick, não temos muito tempo! — disse Brian.

Ele tentou manter o tom da voz normal, porém podia ouvir desespero — talvez até pânico — sangrando através dela.

— Eu sei. Comece a fazer as coisas que tem de fazer.

Nick fez Laurel cruzar a porta da cabine.

Ela resistiu um momento, depois acompanhou-o. Ele parou no pequeno comparti mento da cozinha de bordo e encarou-a. Naquele instante, com o rosto de Nick a menos de dez centímetros do seu, Laurel descobriu uma desalentadora verdade —

ele era o homem que esperara encontrar em Boston. Ele estivera no avião o tempo todo. Nada havia de romântico em tal descoberta; ela era terrível.

— Creio que poderíamos ter tido alguma coisa, eu e você — disse ele. Acha que estou certo quanto a isso? Se acha, diga — não há tempo para dançar. Absolutamente nenhum.

— Sim — respondeu ela. Sua voz era seca, irregular. — Acho que tem razão.

— Só que não sabemos. Não podemos saber. Tudo isto retoma ao tempo, não é?

Tempo... dormir... e não saber. Entretanto, é preciso que seja eu, Laurel. Tentei manter uma escrituração razoável sobre mim mesmo, porém todos os meus livros estão profundamente no vermelho. Esta é a minha chance de equilibrá-los, e pretendo enfrentá-la.

— Não entendo o que quer di...

— Não — mas eu entendo. — Ele falava depressa, quase atropelando as palavras.

Segurou-a pelo antebraço e a puxou para ainda mais perto. — Você estava envolvida em uma aventura de alguma espécie, não estava, Laurel?

— Não sei o que está...

Ele a sacudiu brevemente.

— Já lhe disse — não há tempo para dançar! Estava em uma aventura?

— Eu... sim, estava.

— Nick! — chamou Brian, da cabine.

Nick olhou rapidamente naquela direção.

— Já vou! — gritou, e então tornou a fitar Laurel. — Vou enviá-la em uma outra. Se escapar desta, quero dizer, e se consentir em ir.

Laurel apenas olhou para ele, com os lábios tremendo. Não sabia o que dizer. Sua mente rodopiava implacavelmente. A pressão dele em seu braço era muito forte, porém só mais tarde ela perceberia, ao ver as equimoses deixadas pelos dedos de Nick. Naquele momento, a pressão dos olhos dele era muito forte.

— Ouça. Ouça com atenção. Ele fez uma pausa e então falou, com uma ênfase peculiar, medida: — Eu ia abandonar tudo. Já me decidira.

— Abandonar o quê? — perguntou ela, em um trêmulo fio de voz.

Nick sacudiu a cabeça com impaciência.

— Não importa. Importa apenas se você acredita ou não em mim. Acredita?

— Acredito — respondeu ela. — Não sei do que está falando, mas acredito que fale a sério.

— Nick! — avisou Brian, da cabine. — Estamos indo para ele!

Nick tornou a olhar de relance para a cabine com olhos apertados e brilhantes.

— Só mais um segundo! — gritou em resposta. Quando tornou a fitar Laurel, ela pensou que jamais, em toda a sua vida, se sentira o foco de uma intensidade tão feroz, tão concentrada. — Meu pai mora na aldeia de Fluting, ao sul de Londres — disse ele.

— Pergunte por ele em qualquer loja ao longo da High Street. Sr. Hopewell. Os mais antigos ainda o chamam de capataz. Vá até ele e diga-lhe que eu decidira abandonar tudo. Você terá de ser insistente; ele costuma dar as costas e praguejar alto quando ouve o meu nome. A velha história de eu-não-tenho-filho. Saberá ser insistente?

— Sim.

Nick assentiu e sorriu taciturnamente.

— Ótimo! Repita para ele o que lhe falei e diga-lhe que acreditou em mim. Diga-lhe que me esforcei ao máximo, em reparação pelo dia atrás da igreja, em Belfast.

— Em Belfast.

— Exato. E se não conseguir que ele ouça, de maneira alguma, diga-lhe que deve ouvir. Por causa das margaridas. Da vez em que levei as margaridas. Poderá lembrar-se disto também?

— Porque uma vez você lhe levou margaridas.

Nick quase pareceu dar uma risada — porém ela jamais vira um rosto tão impregnado de tristeza e amargura.

_ Não — não para ele, mas eu as levei. Esta será a sua aventura. Fará isso?

— Sim... mas...

— Ótimo. Obrigado, Laurel!

Ele passou a mão esquerda em sua nuca, puxou-lhe o rosto e a beijou. Tinha os lábios gelados, e Laurel sentiu um gosto de medo no hálito de Nick.

Um momento depois ele a deixava.

26

— Vamos ter a sensação de que — entenda, estamos sufocando? — perguntou Bethany.

— Asfixiando-nos?

— Não — disse Brian. Ele se levantara para ver se Nick já vinha; quando reapareceu, seguido por uma Laurel Stevenson extremamente abalada, tornou a arriar-se em seu assento. — Você se sentirá um pouco tonta... com a cabeça rodando... e depois, nada.

— Brian olhou para Nick. — Até todos acordarmos.

— Certo! exclamou Nick jovialmente. — E, quem sabe? Talvez eu ainda esteja bem aqui. Trastes indesejáveis adoram aparecer, compreendam. Não é mesmo, Brian.

— Acho que tudo é possível — respondeu Brian. Empurrou o manete de gasolina ligeiramente para diante. O brilho no céu aumentava de novo. O buraco no tempo jazia bem à frente. — Sentem-se todos, pessoal. Nick, bem aqui, ao meu lado. Vou mostrar o que tem a fazer... e quando fazê-lo.

— Um segundo, por favor — disse Laurel.

Ela havia recuperado parte de sua cor e autocontrole. Ficou na ponta dos pés e plantou um beijo na boca de Nick

— Obrigado — disse ele, gravemente.

— Você ia abandonar tudo. Já se tinha decidido. E, se ele não quiser ouvir, deverei lembrar-lhe do dia em que você levou as margaridas. Entendi bem?

Nick sorriu.

— Ao pé da letra, meu amor. Ao pé da letra! — Ele a enlaçou com o braço esquerdo e tornou a beijá-la, demorada e intensamente. Quando a soltou, em seus lábios havia um sorriso gentil e deferente. — Este é para persistir — disse. — Como devia ser.

27

Três minutos mais tarde, Brian ligou o intercomunicador.

— Vou começar a diminuir a pressão agora. Todos vocês, verifiquem seus cintos!

Eles assim fizeram. Albert aguardou tensamente algum som — o silvo do ar escapando, talvez — porém houve apenas o zumbido regular dos motores do jato. Ele se sentia mais desperto do que nunca.

— Albert? — disse Bethany, em voz baixa e assustada. Quer me abraçar, por favor?.

— Claro — respondeu Albert — , desde que me abrace também.

Atrás deles, Rudy Warwick tomava a desfiar as contas de seu rosário. No outro lado do corredor, Laurel Stevenson agarrou os braços da poltrona. Ainda sentia a cálida impressão dos lábios de Nick Hopewell em sua boca. Ergueu a cabeça, olhou para o compartimento mais acima e começou a respirar fundo, devagar. Esperava que as máscaras de oxigênio despencassem do alto... uns noventa segundos mais tarde, elas despencaram.

Preciso recordar também o dia em Belfast, pensou ela. Atrás da igreja. Um ato de reparação, foi o que ele disse. Um ato...

No meio desse pensamento, sua mente apagou.

28

— Você sabe... o que fazer? — Brian tornou a perguntar.

Falava em voz sonhadora, espessa. À frente deles, o buraco no tempo novamente ganhava amplitude, visto pelas janelas da cabine de comando, espraiando-se no céu. Agora iluminava-se com o alvorecer, em um novo e fantástico ordenamento de cores, que se enovelavam, flutuavam e então eram sorvidas para as suas singulares profundezas.

— Sei — respondeu Nick. Estava em pé ao lado de Brian, e suas palavras eram abafadas pela máscara de oxigênio que usava. Mais. acima da máscara, seus olhos eram calmos e límpidos. — Não se preocupe, Brian. Está tudo sob controle. Tente dormir. Desejo-lhe bons sonhos e todas essas coisas.

Brian entrava em sonolência agora. Sentia-se indo... más conseguia manter-se atento, olhando para a imensa falha no tecido da realidade. Parecia estar inflando-se em direção às janelas da cabine, estendendo-se para o avião. É tão belo, pensou.

Deus, é tão belo!

Teve a sensação de que uma mão invisível agarrava o avião e tomava a puxá-lo para diante. Desta vez não haveria nenhum retorno.

— Nick — disse.

Agora precisou de um tremendo esforço para falar. Era como se a boca estivesse a centenas de quilômetros do cérebro. Ergueu a mão. Ela pareceu estirar-se para longe dele, no final de um braço comprido e elástico.

— Durma — disse Nick, tomando-lhe a mão. — Não resista ao sono, a menos que queira ir comigo. Agora, não deve demorar muito.

— Eu só queria dizer... obrigado.

Nick sorriu e apertou-lhe a mão ligeiramente.

— Esteja à vontade. Este será um voo a recordar. Mesmo que você não veja o filme em tecnicolor.

Brian tornou a contemplar o buraco no tempo. Um rio de cores deslumbrantes estava fluindo para lá. Cores que se espiralavam... mesclavam... e pareciam formar palavras, diante de seus olhos esgazeados, maravilhados:

ESTRELAS CADENTES APENAS

— E isso... o que somos? — perguntou curiosamente, e agora sua voz parecia chegar-lhe dos confins de algum distante universo.

A escuridão o engoliu.

29

Nick estava sozinho agora; a única pessoa acordada no Voo 29, era um homem que certa vez abatera a tiros três garotos atrás de uma igreja em Belfast, três garotos que brincavam, jogando batatas pintadas de cinza-escuro para parecerem granadas. Por que fizera tal coisa? Teria sido alguma espécie de ousadia? Ele jamais chegara a descobrir.

Não sentia medo, mas uma intensa solidão o envolvia. Esta não era uma sensação nova. Esta não era a primeira vigília em que ficara sozinho, tendo a vida de outras pessoas nas mãos.

À frente dele, o buraco aproximava-se. Deixou a mão cair até o reostato que controlava a pressão da cabine.

É maravilhoso, pensou. Parecia-lhe que as cores que resplandeciam do rasgão no tempo eram a antítese de tudo quanto haviam experimentado nas últimas horas; ele olhava para um cadinho de nova vida e nova emoção.

Por que não deveria ser deslumbrante? Este é o lugar onde começa a vida — talvez todo tipo possível de vida. O lugar onde a vida é fabricada a cada segundo de cada dia; o berço da criação e o manancial do tempo. Deste ponto em diante, nenhum langoliér é permitido.

As cores desfilavam por suas faces e testa em um chafariz de matizes: verde-mato, superposto por alaranjado; substituído por um tom amarelo-esbranquiçado de sol tropical; a claridade do sol suplantada pelo azul-gelado dos oceanos nórdicos. O ruído dos motores do jato parecia amortecido e distante; baixando os olhos, ele não se surpreendeu, ao ver que a forma encurvada e adormecida de Brian Engle estava sendo consumida pelas cores, seu corpo e feições transformados em um caleidoscópio sempre mutante de resplendor. Ele se havia tornado um fabuloso fantasma.

Nick tampouco ficou surpreso ao perceber que seus próprios braços e mãos estavam tão descoloridos como argila. O fantasma não é Brian; sou eu!

O rasgão no tempo avultou-se.

Agora, o som dos jatos se perdia inteiramente em um novo som; o 767 parecia precipitar-se por um túnel de vento recheado de penas. De repente, bem diante

precipitar-se por um túnel de vento recheado de penas. De repente, bem diante do nariz do avião, uma imensa nova de luz explodiu, como um rojão celestial; nela, Nick Hopewell viu cores que homem algum jamais imaginara. Eram cores que não enchiam apenas o buraco no tempo; elas enchiam sua mente, seus nervos, músculos, os próprios ossos, em um gigantesco fulgurante clarão.

— Oh, meu Deus, É TÃO LINDO! — exclamou.

E então, quando o Voo 29 mergulhou no buraco do tempo, ele girou para trás o reostato da pressão da cabine, até o máximo. Uma fração de segundo mais tarde, as obturações dos dentes de Nick caíram no piso da cabine de comando. Houve um leve choque, quando o disco de teflon que estivera em seu joelho — recordação de um conflito marginalmente mais decente do que aquele na Irlanda do Norte — se juntou às obturações. Isso foi tudo.

Nick Hopewell deixara de existir.

30

As primeiras coisas que Brian percebeu foram sua camisa molhada e a dor de cabeça que retornara.

Endireitou-se lentamente no assento, pestanejando ante o latejar de dor de cabeça, e tentou recordar quem era, onde estava e por que experimentava aquela urgente necessidade de despertar com rapidez. O que estivera fazendo que era tão importante?

O vazamento, sussurrou sua mente. Há um vazamento na cabine principal, e se não for estabilizado acontecerá um tremen...

Não, não era nada disso. O vazamento havia sido estabilizado — ou, de alguma forma misteriosa, estabilizara-se sozinho — e ele aterrisara o Voo 7 em Los Angeles, com total segurança. Então, surgira o homem do blazer verde, e...

E o funeral de Anne! Meu Deus, dormi além da conta!

Seus olhos arregalaram-se, porém ele não estava em um quarto de motel e nem no quarto de hóspedes da casa do irmão de Anne, em Revere. Estava olhando para o céu pontilhado de estrelas, por uma janela da cabine de comando.

De repente, ele recordou... tudo.

Empertigou-se no assento, com demasiada rapidez. Sua cabeça gritou um nauseante protesto de ressaca antiga. O sangue voou de seu nariz e salpicou o centro do console de controle. Baixando os olhos, ele viu que a camisa ficara encharcada. Sim, houvera um vazamento. Nele próprio.

É claro, pensou. Frequentemente a despressurização faz isso. Eu devia ter alertado os passageiros... e, por falar nisto, quantos passageiros me restam?

Brian não conseguia recordar. Sua cabeça estava cheia de névoa.

Olhou para os indicadores de combustível, viu que a situação aproximava-se rapidamente do ponto crítico, e então checou o INS. Estavam exatamente onde deveriam estar, descendo com rapidez para Los Angeles e, a qualquer momento, podendo invadir o espaço aéreo de mais alguém, enquanto esse mais alguém ainda o ocupasse.

ainda o ocupasse.

Aliás, mais alguém estivera partilhando o seu espaço aéreo pouco antes de ficar desacordado... quem?

Forçou a memória, e a lembrança chegou. Nick, naturalmente. Nick Hopewell.

Nick desaparecera. Parecia que, afinal de contas, não havia sido um traste indesejável. De qualquer modo, devia ter feito o que lhe competia fazer, porque do contrário ele, Brian, agora não estaria desperto.

Tentou o rádio, depressa.

— Torre de controle de LAX, aqui é a American Pride, Voo...

Brian interrompeu-se. Em que voo estavam? Não conseguia lembrar. A névoa mental ainda o aturdia.

— Estamos no voo vinte e nove, não estamos? — disse atrás dele uma voz sonolenta e instável.

— Obrigado, Laurel. — Brian não se virou. — Agora volte e coloque o cinto. Talvez eu precise forçar este avião a alguns truques.

Ele tornou a falar pelo microfone.

— Repetindo, Voo 29 da American Pride, dois-nove! Mayday, torre de controle, estou declarando uma emergência aqui! Por favor, afastem tudo que estiver à minha frente, estou descendo para a 85 e não tenho combustível! Providenciem o carro de espuma dos bombeiros e...

Brian então se virou, ignorando a nova pontada de dor que varou sua cabeça e o novo jato de sangue que lhe espirrava do nariz.

— Sente-se, droga! — rosnou. — Estamos penetrando sem aviso em tráfego pesado!

Se não quer quebrar o pescoço...

— Não há nenhum tráfego pesado por aqui — disse Laurel, na mesma voz sem entonação. — Não há tráfego pesado, nem carros de espuma. Nick morreu por nada, e jamais terei oportunidade de transmitir sua mensagem. Olhe você

nada, e jamais terei oportunidade de transmitir sua mensagem. Olhe você mesmo.

Brian olhou. E, embora estivessem agora acima dos subúrbios, na periferia de Los Angeles, ele nada viu além da escuridão.

De fato, parecia não haver ninguém por ali. Absolutamente ninguém.

Atrás dele, Laurel Stevenson prorrompeu em estridentes e enraivecidos soluços de terror e frustração.

31

Um comprido jato branco de passageiros voava lentamente a pouca altura acima do solo, vinte e cinco quilômetros a leste do Aeroporto Internacional de Los Angeles. O número 767 estava impresso em sua cauda, em números imensos, orgulhosos. Ao longo da fuselagem, as palavras AMERICAN PRIDE tinham sido escritas em letras inclinadas, para indicar velocidade. Nos dois lados do nariz havia uma enorme águia vermelha, as asas salpicadas de estrelas azuis. Como a aeronave que decorava, a águia parecia prestes a pousar.

O avião não lançava sombra alguma sobre o deserto enredado de ruas acima das quais passava; ainda faltava uma hora para o alvorecer. Abaixo dele nenhum carro se movia, nenhum poste de luz brilhava. Abaixo dele, tudo era silêncio e imobilidade.

À frente dele não brilhava luz alguma na pista de pouso.

O ventre do avião se abriu. O trem de aterrissagem caiu e expandiu-se, firmando-se em seu devido lugar.

O Voo 29 da American Pride iniciou a descida para a aterrissagem. O avião guinou ligeiramente para a direita enquanto descia; Brian agora era capaz de corrigir o curso visualmente, e foi o que fez. Passaram acima de um amontoado de motéis do aeroporto e, por um instante, Brian pôde ver o monumento localizado próximo ao centro do complexo terminal, uma graciosa trípode de pernas encurvadas, com um restaurante em seu centro. Passaram acima de um curto trecho de relva morta e então a pista de concreto começou a desenrolar-se, trinta pés abaixo do avião.

Desta feita, não havia tempo de paparicar o 767; os indicadores de combustível de Brian mostravam zeros enfileirados, e o pássaro estava em via de transformar-se em cadela. Ele fez a descida com violência, como um trenó cheio de tijolos. Houve um baque que deixou seus dentes castanholando e o nariz começando a sangrar novamente. Os tirantes em seu tórax se fecharam. Laurel, que estava no assento do co-piloto, deu um grito.

Então, ele tinha os flapes erguidos e estava aplicando a máxima reversão aos reatores. O avião começou a diminuir a velocidade. Faziam agora pouco mais de cento e sessenta por hora, quando dois reatores silenciaram e as luzes vermelhas

de MOTOR PARADO cintilaram. Ele abriu o intercomunicador.

— Segurem-se! Vamos bater com força! Segurem-se!

Os reatores dois e quatro continuaram funcionando por mais alguns momentos e então se calaram também. O Voo 29 disparou pela pista de rolamento em espectral silêncio, tendo somente os flapes para contê-lo agora. Impotente, Brian viu quando o concreto desfilou abaixo do avião e o emaranhado do entrecruzamento das pistas de rolamento agigantou-se. Lá, bem à frente, estava a carcaça de um jato ponte-aérea da Pacific Airways.

O 767 ainda corria a pelo menos cem horários. Brian manobrou-o para a direita, colocando na direção morta cada grama de sua força. O aparelho reagiu com dificuldade, patinando ao lado do jato estacionado, a uma distância de apenas dois metros. As janelas do outro avião desfilaram ao lado como uma fileira de olhos cegos.

Estavam rodando para o terminal da United, onde havia pelo menos seis aviões estacionados junto a túneis de embarque distendidos, como bebês mamando. A velocidade do 767 baixara para uns cinquenta quilômetros horários.

— Segurem-se! — gritou Brian pelo intercomunicador, esquecendo momentaneamente que seu avião estava tão impotente quanto eles e que o intercomunicador era inútil. — Preparem-se para um a colisão! Prep...

O Voo 29 da American Pride entrou pelo portão 29 do terminal da United Airlines a cerca de quarenta e cinco quilômetros à hora. Houve um baque surdo e ruidoso, seguido pelo som de metal amassando-se e vidro estilhaçando-se. Brian foi novamente jogado contra seus tirantes, depois impelido para o assento. Ficou parado e rígido um instante, aguardando a explosão... e então recordou que nada sobrara para explodir nos tanques.

Desligou todos os interruptores do painel — o painel não tinha vida, porém o hábito era arraigado — e se virou para observar Laurel. Ela o fitava com uma expressão fosca, apática.

— Foi o melhor que pude fazer — disse Brian, em voz incerta.

— Devia deixar que batêssemos. Tudo que tentamos... Dinah... Nick... deu em nada. Aqui é a mesma coisa. Absolutamente a mesma.

Brian abriu seus tirantes e ficou em pé tremulamente. Tirou o lenço do bolso traseiro e o estendeu para ela.

— Limpe seu nariz. Está sangrando.

Laurel pegou o lenço e o ficou observando, como se jamais houvesse visto algum em sua vida.

Brian passou por ela e caminhou para a cabine principal em passadas lentas, pesadas. Ficou parado à porta, contando narizes. Seus passageiros — os poucos que ainda restavam, quer dizer — pareciam bem. A cabeça de Bethany apertava-se contra o peito de Albert e ela soluçava ruidosamente. Rudy Warwick abriu o cinto, levantou-se, bateu com a cabeça no compartimento do teto e tornou a sentar-se.

Contemplou Brian com olhos esgazeados, incompreensíveis. Brian percebeu-se perguntando-se se Rudy ainda estaria com fome. Achava que não.

— Vamos sair do avião — anunciou.

Bethany ergueu a cabeça.

— Quando é que eles vão chegar? — perguntou, histérica. — Quanto tempo vai levar desta vez, antes que eles cheguem? Alguém já pode ouvi-los?

Uma dor recente varou a cabeça de Brian e ele oscilou sobre os pés, de repente convicto de que ia desmaiar. Um braço de apoio deslizou em torno de sua cintura, e ele espiou em torno, surpreso. Era Laurel.

— O Comandante Engle tem razão — disse em voz tranquila. — Vamos sair do avião.

Talvez a situação não seja tão mim assim quanto parece.

Bethany deu uma gargalhada histérica.

— E a que ponto ela parece ruim? — exigiu. — Até que ponto ela parece...

— Há qualquer coisa diferente — disse Albert, de súbito. Estava espiando pela janela.

— Alguma coisa mudou. Não sei dizer o que seja... porém não é a mesma. — Olhou primeiro para Bethany, depois para Brian e Laurel. — Apenas não é a mesma coisa.

Brian inclinou-se ao lado de Bob Jenkins e espiou pela janela. Nada via muito diferente do Aeroporto de Bangor — havia mais aviões, é claro, porém estavam tão abandonados, tão sem vida quanto aqueles outros — mas ainda assim, pressentiu que Albert podia ter razão. Era mais uma sensação do que algo visto. Ali existia alguma diferença essencial que não podia ser captada inteiramente. Ela dançava logo além do seu alcance, como acontecera ao perfume de sua ex-esposa.

É L 'Envoi, querido. O que sempre usei, não se lembra?

Não se lembra?

— Vamos — disse ele. — Desta vez usaremos a saída da cabine de comando.

32

Brian abriu o alçapão que jazia abaixo da protuberância do painel de instrumentos, tentando recordar por que não o tinha usado para desembarcar seus passageiros no Internacional de Bangor; diabo, por ali era muito mais fácil do que utilizando o deslizador. Parecia não haver um motivo. Apenas ele não havia pensado nisso, talvez por estar treinado para pensar no deslizador de emergência antes de qualquer coisa mais.

Brian se deixou cair na área do porão dianteiro, mergulhou abaixo de um emaranhado de cabos elétricos e abriu o alçapão no piso do nariz do 767. Albert se juntou a ele e ajudou Bethany a descer. Brian ajudou Laurel, e então, ele e Albert ajudaram Rudy, que se movia como se tivesse ossos de vidro. Ele ainda segurava apertadamente o rosário em uma das mãos. O espaço abaixo da cabine do piloto agora estava apinhado, e Bob Jenkins esperou por eles acima, apoiado nas mãos e espiando para os companheiros, mais abaixo, através da portinhola do alçapão.

Brian puxou a escada dos clipes que a firmavam, firmou-a no lugar e então, um por um, desceram todos para o concreto. Brian primeiro, Bob por último.

Quando os pés de Brian tocaram o chão, ele sentiu uma vontade incontida de colocar a mão sobre o coração e gritar; Eu reclamo esta terra de leite azedo e mel rançoso para os sobreviventes do Voo 29... pelo menos até que os langoliers cheguem!

Entretanto, nada disse. Apenas ficou lá com os outros, abaixo da projeção do nariz do jato, sentindo uma leve aragem contra uma face e espiando em volta. Ouviu um som à distância. Não era aquele som rangente e mastigativo que tinham percebido aos poucos em Bangor — nada semelhante — porém ele não soube decidir exatamente com que parecia tal som.

— O que é isso? — perguntou Bethany. — O que está zumbindo? Parece eletricidade.

— Não, não é — repondeu Bob, pensativamente. — Parece mais...

Ele abanou a cabeça, incerto.

— Não tem semelhança com coisa alguma que eu já tenha ouvido antes — disse

— Não tem semelhança com coisa alguma que eu já tenha ouvido antes — disse Brian, porém sem muita convicção.

Novamente, era obcecado pelo senso de que algo sabido ou que devesse saber bailava logo além de seu alcance mental.

— São eles, não são? — perguntou Bethany, quase histérica. — São eles vindo para cá! Os langoliers de que Dinah nos falou!

— Não acredito. O som é inteiramente diverso — disse Brian, mas ainda assim sentindo o medo acumular-se em suas entranhas.

— E agora? — exclamou Rudy, em uma voz que mais parecia um grasnido. — Vamos começar tudo outra vez?

— Bem, para começar, não teremos necessidade da esteira rolante disse Brian. —

A porta de serviço do túnel de embarque está aberta. — Ele saiu de baixo do nariz do 767 e apontou. A força de sua chegada ao portão 29 derrubara da porta à escada móvel, mas seria fácil recolocá-la na posição anterior. — Vamos!

Caminharam todos em direção à escada.

— Albert? — chamou Brian. — Quero que me ajude com a esc...

— Um momento! — disse Bob.

Brian virou a cabeça e viu Bob olhando em torno, com cauteloso espanto. E a expressão em seus olhos anteriormente aturdidos... seria de esperança?

— O que é? O que é, Bob? O que está vendo?

— Apenas outro aeroporto deserto. O que sinto, no entanto...

Ele levou uma das mãos ao rosto... depois simplesmente a ergueu alto no ar, como um homem tentando pedir carona. Brian ia perguntar-lhe o que pretendia, mas constatou que já sabia. Ele próprio não o percebera, enquanto parados debaixo do nariz do avião? Não percebera e rejeitara?

Havia uma aragem no rosto. Não chegava a ser uma brisa, era pouco mais de um sopro, tinha qualquer coisa de brisa. O ar estava em movimento.

sopro, tinha qualquer coisa de brisa. O ar estava em movimento.

— Minha nossa! — disse Albert.

Levou um dedo à boca, molhou-o e o levantou. Um sorriso de incredulidade lhe tocou o rosto.

— Isso não é tudo — disse Laurel. — Ouçam!

Ela correu de onde estavam parados em direção à asa do 767. Depois correu de volta para os companheiros, os cabelos esvoaçando atrás dela. Seus saltos altos repicavam rispidamente no concreto.

— Vocês ouviram? — perguntou a eles. — Ouviram o ruído?

Todos tinham ouvido. Aquela qualidade opaca, amortecida, desaparecera. Agora, precisamente ouvindo o que Laurel dizia, Brian percebeu que, em Bangor, tudo soava como se falassem com as cabeças dentro de sinos, moldados em algum metal embotado — latão ou talvez chumbo.

Bethany ergueu as mãos e bateu palmas rapidamente, no ritmo do antigo instrumental dos Routers, Let’s Go. Cada palma era tão vibrante e nítida como o estouro da pistola marcando o início de uma corrida de pista. Um sorriso deliciado distendeu-lhe as faces.

— O que isto signif... — começou Rudy.

— O avião! — gritou Albert, em voz esganiçada e alegre. Por um momento Brian recordou absurdamente o baixinho daquele seriado da televisão, Ilha da Fantasia.

Quase riu com vontade. — Eu sei o que é diferente! Olhem para o avião! Agora está igual a todos os outros!

Todos se viraram e olharam. Ninguém disse nada por um longo momento; talvez porque ninguém conseguisse falar. O Delta 727 parado perto do jato da American Pride, em Bangor, parecera sujo e opaco, de certa maneira menos real do que o 767. Agora todos os aviões — o Voo 29 e os aparelhos da United, alinhados ao longo dos distendidos túneis de embarque atrás dele — pareciam igualmente reluzentes, igualmente novos. Mesmo no escuro suas superfícies pintadas e os logotipos pareciam brilhar.

— O que isto significa? — perguntou Rudy, dirigindo-se a Bob. — O que isto significa? Se as coisas realmente voltaram ao normal, onde está a eletricidade? Onde estão as pessoas?

— E que barulho é esse? — inquiriu Albert.

O som já estava mais próximo, já era mais nítido. Era um zumbido, como havia dito Bethany, porém nada havia de elétrico nele. Soava como vento soprando por um cano aberto ou como um coro inumano, proferindo a mesma sílaba vinda da garganta, em uníssono: aaaaaaa...

Bob meneou a cabeça.

— Eu não sei — disse, virando-se. — Vamos empurrar essa escada para a posição normal e iremos para...

Laurel agarrou-lhe o ombro.

— O senhor sabe alguma coisa! — exclamou, em voz áspera e tensa. — Posso ver que sabe! Por que não conta para nós o que é?

Ele hesitou um instante, depois sacudiu a cabeça.

— Não me sinto preparado para dizer alguma coisa neste momento, Laurel. Antes, quero ir lá dentro e dar uma espiada.

Os outros tiveram de contentar-se com isso. Brian e Albert colocaram a escada em posição. Uma das escoras de suporte ficara ligeiramente torta, e Brian a firmou, enquanto todos subiam, um por um. Ele foi o último e procurou subir pelo lado da escada contrário ao do suporte torto. Os outros o esperavam. Seguiram pelo túnel de embarque e chegaram juntos ao interior do terminal.

Viram-se em um grande recinto redondo, com portões de embarque situados a intervalos, ao longo da parede encurvada. As fileiras de assentos permaneciam fantasmagóricas e solitárias, as luzes fluorescentes do teto eram quadrados escuros, mas ali Albert achou que quase podia sentir o cheiro de outras pessoas... como se todas houvessem ido embora apenas segundos antes dos sobreviventes do Voo 29

emergirem do túnel de embarque

emergirem do túnel de embarque.

No exterior, aquele zumbido de coral continuava a aumentar, aproximando-se como uma onda, lenta e invisível ....aaaaaaaaaaaaaaa...

— Venham comigo — disse Bob Jenkins, incumbindo-se facilmente do grupo. —

Depressa, por favor!

Ele partiu em direção ao saguão do terminal, seguido pelos outros, enfileirados mais atrás, Albert e Bethany caminhando juntos, com os braços passados pela cintura um do outro. Uma vez fora da superfície acarpetada da sala de embarque da United e já no saguão por onde trafegavam usuários do terminal, seus saltos repicavam e ecoavam, como se houvesse duas dúzias deles, em vez de seis apenas.

Passaram por indistintos e penumbrosos posters de publicidade afixados às paredes: Veja a CNN, Prefira os carros da Hertz, Fume Marlboro, Leia Newsweek, Visite a Disneylândia.

E aquele som, aquele gutural zumbido em coro, continuava aumentando. No exterior, Laurel achara que o som aproximava-se deles vindo do oeste. Agora era como se estivesse ali com eles, como se os cantores — caso fossem cantores — já houvessem chegado. O som não chegava a amedrontá-la, mas deixava seus braços e costas arrepiados, em reverente temor.

Chegaram a uma lanchonete tipo restaurante e Bob os levou para o interior. Sem parar, ele contornou o balcão e apanhou algo comestível, envolto em celofane, de uma pilha em cima do mesmo balcão. Tentou rasgar o envoltório com os dentes...

mas então percebeu que seus dentes tinham ficado no avião. Deixou escapar um leve e desgostoso ruído, enquanto jogava o comestível para Albert por cima do balcão.

— Abra-o! — disse. Seus olhos agora cintilavam. — Rápido, Albert! Depressa!

— Depressa, Watson, a caça está em movimento! — exclamou Albert, rindo como louco.

Rasgou o celofane e olhou para Bob, que assentiu. Então, retirou o petisco e o mordeu. Creme e geléia de framboesa espirravam pelos lados da massa. Albert sorriu.

— É delicioso! — exclamou em uma voz abafada, espalhando migalhas enquanto falava. — Delicioso!

Ofereceu o petisco a Bethany, que deu uma dentada ainda maior. Laurel podia sentir o cheiro do recheio de framboesa, e seu estômago emitiu um som de franco protesto. Ela riu. De repente, sentia-se estonteada, alegre, quase como que drogada.

As teias de aranha da experiência de despressurização haviam desaparecido por completo; sua cabeça era uma espécie de aposento no segundo andar após soprar uma refrigerada brisa marinha em uma tarde quente e terrivelmente úmida. Pensou em Nick, que não estava ali, que morrera a fim de que o restante deles pudesse estar ali, e deduziu que Nick não se incomodaria por ela sentir-se desta maneira.

O som de coral continuava a intensificar-se, era um som sem qualquer direção, um suspiro cantante e sem fonte, que existia à volta de todos eles:

— AAAAAAAAAAAAAA -

Bob Jenkins tornou a contornar o balcão a toda pressa, dobrando pela esquina junto à caixa registradora, mas tão rente a ela que seus pés quase deslizaram no piso e ele precisou agarrar-se ao carrinho de condimentos, para não cair. Conseguiu manter o equilíbrio, mas o carrinho de aço inoxidável tombou com ruidoso e ressonante estrépito, espalhando talheres de plástico e pequenos saquinhos de mostarda, catchup e temperos diversos para todos os lados.

— Depressa! — gritou. — Não podemos ficar aqui! Vai acontecer logo — acho que a qualquer momento — e não podemos estar aqui! Não creio que seja seguro!

— O que não é se... — começou Bethany, mas Albert passou um braço à volta de seus ombros e a impeliu após Bob, um lunático guia de excursão que já se precipitara pela porta da lanchonete.

Eles correram, seguindo Bob, que disparava novamente para a sala de embarque da United. Agora o matraquear ecoante de suas pisadas ficava quase perdido em

da United. Agora o matraquear ecoante de suas pisadas ficava quase perdido em meio ao intenso zumbido que enchia o terminal deserto, ecoando e reecoando pelas gargantas dos corredores.

Brian podia ouvir aquela única e vasta nota começando a fragmentar-se. Deduziu que não se desintegrava, que nem mesmo realmente se modificava, mas focalizava-se, da maneira como se focalizara o som dos langoliers aproximando-se de Bangor.

Quando tomaram a entrar na sala de embarque, ele percebeu uma luminosidade etérea que começava a banhar as cadeiras vazias, as escuras telas dos monitores de TV para CHEGADAS e EMBARQUES, assim como os balcões de atendimento de passageiros. O vermelho se seguiu ao azul; o amarelo se seguiu ao vermelho; o verde se seguiu ao amarelo. Uma forte e estranha expectativa parecia encher o ambiente. Um estremecimento o percorreu de ponta a ponta; ele sentiu que os pêlos de todo o seu corpo despertavam, tentavam eriçar-se. Uma nítida certeza o inundou, como um raio de sol matinal: Estamos na iminência de alguma coisa — alguma coisa grande, espantosa.

— Para cá ! — gritou Bob. Conduziu-os para a parede ao lado do túnel de embarque por onde haviam entrado. Aquela era uma área destinada somente a passageiros, protegida por uma corda de veludo vermelho. Bob saltou por ela, transpondo-a como o saltador de barreiras que devia ter sido no ginásio. — Contra a parede!

— Espremam-se contra a parede, cretinos! — exclamou Albert, por entre um acesso súbito e descontrolado de riso.

Ele e os outros se juntaram a Bob, apertando-se contra a parede como os suspeitos alinhados para a polícia. Na sala deserta e circular que agora jazia diante deles, as cores lampejaram um instante... e então começaram a desbotar. O som, no entanto, continuava a rápida, tornando-se mais real. Brian achou que agora distinguia vozes naquele som, assim como pisadas, inclusive alguns bebês irrequietos.

— Não sei o que significa isto, mas é maravilhoso! — exclamou Laurel. Ela parecia rir e chorar ao mesmo tempo. —E eu o adoro!

— Espero que aqui estejamos em segurança — disse Bob. Precisava erguer a voz para ser ouvido. — Acho que estaremos. Ficamos fora das principais áreas de trânsito.

de trânsito.

— O que vai acontecer? — perguntou Brian. — O que é que sabe?

— Quando cruzamos o rasgão do tempo na direção leste, viajamos para trás no tempo! — gritou Bob. — Recuamos ao passado! Talvez apenas uns quinze minutos...

lembra-se de eu lhe ter dito isso?

Brian assentiu, e o rosto de Albert iluminou-se subitamente.

— Desta vez, avançamos no futuro! — exclamou Albert. — É isso, não é? Desta vez, o rasgão no tempo nos touxe para o futuro!

— É o que também acredito! — gritou Bob de volta. Ele sorria, era impossível parar de sorrir. — E, ao invés de chegarmos a um mundo morto — um mundo que prosseguira sem nós — Chegamos a um mundo que espera o nascimento! Um mundo tão fresco e novo como uma rosa prestes a abrir-se! Acho que é isso o que está acontecendo agora. Foi isso o que ouvimos e sentimos... o que nos encheu de uma alegria tão incontida, tão maravilhosa. Acredito que estamos prestes a ver e experimentar algo que nenhum homem ou mulher vivo já testemunhou antes. Vimos a morte do mundo; creio que agora vamos vê-lo nascer. Acho que o presente está na iminência de alcançar-nos!

Como as cores, que haviam lampejado e desbotado, também agora o som profundo e reverberante diminuiu subitamente. Ao mesmo tempo, as vozes que haviam estado dentro dele tomavam-se mais altas, mais nítidas. Laurel percebeu que distinguia palavras, até mesmo frases inteiras.

“... tenho que ligar para ela, antes que se decida a...”

“... francamente, não creio que seja uma opção viável...”

“...em segurança absoluta, se apenas pudermos ponderar esta coisa com a matriz da firma...”

Esta última passou diretamente diante deles, através do vazio no outro lado da corda de veludo.

Brian sentiu uma espécie de arrebatamento crescer em seu íntimo, instilando-lhe

uma onda de encantamento e felicidade. Tomou a mão de Laurel e sorriu, quando ela acedeu, apertando a dele com força. Ao lado deles, Albert abraçou Bethany subitamente, e ela começou a cobrir-lhe o rosto de beijos, rindo desvairadamente enquanto isso. Bob e Rudy sorriram um para o outro deliciados, como amigos há muito separados que se encontravam por acaso em um dos mais absurdos confins esquecidos do mundo.

No teto, os quadrados fluorescentes começaram a piscar e finalmente manter a luz. Em sequência, partindo do centro da sala, em um círculo expansivo de luz que fluía para o saguão lá fora, iam eliminando à sua frente as sombras da noite, como um bando de carneiros negros.

Os odores penetraram bruscamente nas narinas de Brian Engle: perfume, suor, loção de barba, colônia, fumaça de cigarro, couro, sabão, produto industrial de limpeza.

Por um momento mais, o amplo círculo da sala de embarque permaneceu deserto, um lugar assombrado pelas vozes e pisadas dos não-inteiramente-vivos. E

Brian pensou: Vou ver isto acontecer, vou ver o presente móvel conectar-se a este futuro estacionário e levá-lo para diante, da maneira como ganchos nos trens expressos em movimento costumavam fisgar sacos de correspondência dos postes do Serviço Postal, plantados junto aos trilhos nas cidadezinhas sonolentas do sul e confins do oeste. Vou testemunhar o próprio tempo desabrochar como uma rosa em uma manhã de verão.

— Firmem-se — murmurou Bob. — Talvez haja um solavanco!

Apenas um segundo depois, Brian sentiu um golpe surdo — não apenas em seus pés, mas através de todo o corpo. No mesmo instante, foi como se uma mão invisível lhe houvesse propiciado um vigoroso empurrão diretamente no meio de suas costas.

Ele cambaleou para diante e sentiu Laurel ir também. Albert precisou agarrar Rudy, para impedi-lo de cair. Por seu turno, Rudy não se importou; um enorme e idiotizado sorriso dividia-lhe o rosto.

— Veja! — ofegou Laurel. — Olhe, Brian — veja!

Ele olhou... e sentiu a respiração prender-se na garganta.

Ele olhou... e sentiu a respiração prender-se na garganta.

A sala de embarque estava cheia de fantasmas.

Figuras etéreas, transparentes, moviam-se de um lado para o outro, na grande área central: homens em temos sóbrios de negócios, carregando pastas de executivos, mulheres em elegantes trajes de viagem, adolescentes de calças Levi’s e camisetas tendo impressos logotipos de conjuntos de rock. Ele viu um pai-fantasma conduzindo dois pequeninos filhos-fantasmas, e através deles, pôde ver mais fantasmas sentados nas cadeiras, lendo exemplares de Cosmopolitan, Esquire é U.S. News & World Report. A cor aprofundou-se nas formas, em uma série de bruxuleios comentários, solidificando-se, ao mesmo tempo em que as ecoantes vozes deslindavam-se no prosaico enxamear estereofônico de vozes humanas reais.

Estrelas cadentes, pensou Brian, abismado. Estrelas cadentes apenas...

As duas crianças eram os únicos que, por acaso, olhavam na direção dos sobreviventes do Voo 29 ao efetivar-se a mudança; foram os únicos que viram quatro homens e duas mulheres surgindo em um lugar onde, no segundo anterior, houvera somente uma parede.

— Papai! — chamou o garotinho, sacudindo a mão direita do homem.

— Pai! — exigiu a garotinha, sacudindo-lhe a esquerda.

— O que foi? — perguntou ele, lançando aos filhos um olhar impaciente. — Estou procurando sua mãe!

— Pessoas novas! — disse a garotinha, apontando para Brian e seu estropiado quinteto de passageiros. — Veja as pessoas novas!

O homem relanceou os olhos para Brian e os outros durante um momento, e sua boca se crispou nervosamente. Devia ser o sangue, supôs Brian. Ele, Laurel e Bethany haviam tido sangramentos nasais. O homem segurou as mãos dos filhos com mais força e começou a afastá-los dali rapidamente.

— Sim, tudo bem! Agora, ajudem-me a encontrar sua mãe. Que confusão ficou tudo isto!

— Mas eles não estavam lá antes ! — protestou o garotinho. — Eles...

Foram então engolfados pela multidão apressada.

Brian ergueu os olhos para os monitores, e viu as horas ali marcadas como sendo 4:17 da madrugada.

Há gente demais aqui, pensou, e acho que sei por quê.

Como para confirmar seu pensamento, o alto-falante mais acima clamou: “Todos os vôos partindo do Aeroporto Internacional de Los Angeles para leste continuam suspensos, devido a padrões meteorológicos incomuns acima do Deserto de Mojave. Lamentamos este inconveniente, mas solicitamos sua paciência e compreensão enquanto estiver em vigor esta precaução de segurança. Repetindo: todos os vôos partindo..."

Padrões meteorológicos incomuns, pensou Brian. Oh, sem dúvida! Os padrões meteorológicos mais estranhos que já existiram!

Laurel se virou para ele e o encarou. As lágrimas lhe corriam pelas faces e ela não fazia qualquer esforço para enxugá-las.

— Você a ouviu? Ouviu o que disse aquela garotinha?

— Ouvi.

— É isso que somos nós, Brian? As pessoas novas? Você acha que é o que somos?

— Eu não sei — respondeu ele — , mas deve ser o que parece.

— Isso foi maravilhoso — disse Albert. Meu Deus, foi a coisa mais maravilhosa!

— Totalmente tubular! — gritou Bethany alegremente, e então começou de novo a bater palmas no ritmo de Let’s Go.

— O que faremos agora, Brian? — perguntou Bob. — Tem qualquer ideia?

Brian olhou em torno para a apinhada área de embarque e disse:

— Acho que quero ir lá fora. Respirar um pouco de ar fresco. E olhar para o céu.

— Não deveríamos dar parte às autoridades do que...

— Faremos isso — disse Brian — , mas o céu vem primeiro.

— E talvez alguma coisa para comer, de passagem? — perguntou Rudy, em tom esperanço.

Brian riu.

— Claro, por que não?

— Meu relógio parou — disse Bethany.

Brian baixou os olhos para o pulso e viu que seu relógio também estava parado.

Todos os relógios deles tinham parado.

Brian tirou o seu, deixou-o cair no chão com indiferença e passou o braço pela cintura de Laurel.

— Vamos cair fora desta espelunca — disse. — A menos que algum de vocês queira esperar o próximo voo para o leste...

— Hoje, não — disse Laurel — , mas breve. Todo o trajeto até a Inglaterra. Há um homem que preciso procurar em... — Por um terrível momento, o nome não veio lhe veio à mente... mas então chegou. — Fluting — disse. — Devo perguntar por ele a qualquer um, ao longo da High Street. Os antigos ainda costumam chamá-lo de capataz.

— De que está falando? — perguntou Albert.

— De margaridas — respondeu ela, e riu. — Estou falando de margaridas. Muito bem... vamos!

Bob sorriu amplamente, exibindo rosadas gengivas de bebê.

— Quanto a mim, da próxima vez que tiver de ir a Boston, penso que vou de trem.

Laurel tocou o relógio de Brian com a ponta do pé.

— Tem certeza de que não o quer? — perguntou. — Parece caro.

Ele sorriu, meneou a cabeça è a beijou na testa. O cheiro do cabelo dela era incrivelmente doce. Ele se sentiu mais do que bem; sentiu-se renascido, renovado e viçoso em cada centímetro seu, não marcado pelo mundo. De fato, tinha a impressão de que, se abrisse os braços, seria capaz de voar sem a ajuda de motores.

— De modo algum — respondeu. — Sei que horas são!

— É mesmo? E que horas são?

— Agora e meia.

Albert bateu-lhe nas costas.

Haviam deixado a sala de embarque em um grupo, abrindo caminho através dos aglomerados de passageiros descontentes, à espera de seus vôos adiados. Muitos os fitavam com curiosidade ao passarem, não apenas porque pareciam ter sofrido sangramentos nasais recentes ou porque riam alegremente, enquanto iam abrindo passagem em meio a tanta gente, irritada com o transtorno vivido no momento.

Olhavam para eles, porque os seis pareciam, de certo modo, mais luminosos do que qualquer um no apinhado recinto.

Mais reais.

Mais ali.

Estrelas cadentes apenas, pensou Brian, de repente recordando que ainda havia um passageiro no avião — o homem de barba negra. Esta vai ser um a ressaca que aquele sujeito jamais esquecerá, pensou, sorrindo. Puxou a mão de Laurel, em um convite para correrem. Ela riu e o abraçou.

Os seis começaram a correr juntos através da área de trânsito dos passageiros, em direção às escadas rolantes e ao mundo inteiro além, que os aguardava lá fora.

Meia-Noite e Dois Minutos

Janela Secreta, Secreto Jardim

Esta é para Chuck Verrill.

Nota sobre

“Janela Secreta, Secreto Jardim”

Sou daqueles que consideram a vida uma série de ciclos — rodas dentro de rodas, algumas engrenadas com outras, umas girando sozinhas, porém todas elas executando alguma função finita, repetitiva. Aprecio essa imagem abstrata da vida como sendo algo semelhante a uma eficiente máquina de fábrica, provavelmente porque a vida real, no referente ao intimo e pessoal, parece tão confusa e estranha. É confortador fazer-se uma pausa de vez em quando e dizer, “Existe um padrão, afinal de contas! Não sei bem o que significa mas, por Deus, consigo percebê-lo! ”

Todas essas rodas parecem encerrar seus ciclos mais ou menos ao mesmo tempo, e, quando isso acontece — a cada vinte anos, segundo o meu palpite — passamos por uma fase em que terminamos coisas. Os psicólogos, inclusive, surrupiaram um termo parlamentar para descrever este fenômeno — chamam-no de cloture (encerramento).

Estou agora com quarenta e dois anos, e, quando faço uma retrospectiva dos quatro últimos anos de minha vida, posso ver todos os tipos de clotures. Isto é algo tão aparente em meu trabalho, como em tudo o mais. Em A coisa, consumi uma escandalosa quantidade de espaço, para terminar falando sobre crianças e as amplas percepções que iluminam suas vidas interiores. No próximo ano, pretendo publicar o último romance envolvendo Castle Rock, Needful Things (a última história no presente volume, “O Cão da Polaroid”, forma um prólogo para esse romance). E esta história é, segundo penso, a última a respeito de escritores, escritos e a estranha terra de ninguém existente entre o que é real e o faz-de-conta. Acredito que muitos de meus leitores de longa data, os quais suportaram pacientemente o meu fascínio sobre este tema, ficarão satisfeitos em saber disto.

Faz alguns anos, publiquei um romance intitulado Angústia que, pelo menos em parte, procurou ilustrar o poderoso domínio que a ficção pode ter sobre o leitor.

No ano passado, publiquei A Metade Negra, onde tentei explorar o inverso: o poderoso domínio que a ficção pode ter sobre o escritor. Enquanto esse livro permanecia ainda em rascunhos, comecei a pensar que talvez houvesse uma forma de contar as duas histórias ao mesmo tempo, pela abordagem de alguns

dos elementos da trama de A Metade Negra através de um ângulo inteiramente diferente. A mim, escrever parece um ato secreto—tão secreto quanto sonhar —, e esse foi um aspecto desta estranha e perigosa atividade sobre o qual nunca havia pensado muito.

Sei que, de tempos em tempos, os escritores revisam antigos trabalhos — foi assim com John Fowles em The Magus e fiz o mesmo com A Dança da Morte — porém o que eu tinha em mente não era uma revisão. O que pretendia era tomar elementos familiares e juntá-los de maneira inteiramente nova. Isto eu tentara fazer, pelo menos uma vez antes, ao reestruturar e atualizar os elementos básicos do Drácula, de Bram Stoker, a fim de criar Salem's Lot, e estava razoavelmente satisfeito com a ideia.

Certo dia do passado outono de 1987, enquanto estas coisas revolviam-se em minha cabeça, fui até a lavanderia de nossa casa para jogar uma camisa suja na máquina de lavar. Nossa lavanderia é uma pequena e estreita alcova no segundo andar. Livrei-me da camisa e então cheguei até uma das duas janelas do cômodo. Foi pura curiosidade casual, nada mais. Faz onze ou doze anos que moramos na mesma casa, mas eu nunca dera antes uma boa e atenta espiada por aquela particular janela.

O motivo é perfeitamente simples: situada ao nível do piso, escondida em sua maioria atrás da secadora de roupas e meio bloqueada por cestas com peças de roupa a serem consertadas, fica difícil espiar-se por essa janela.

Não obstante, espremi o corpo e olhei para fora. Essa janela dá para um pequeno recanto pavimentado de tijolos, entre a casa e uma varanda envidraçada anexa.

Trata-se de uma área que vejo praticamente a cada dia... porém o ângulo era novo.

Minha esposa havia colocado lá uma meia dúzia de vasos, a fim de que as plantas recebessem um pouco de sol dos começos de novembro, segundo imagino, daí resultando um encantador jardinzinho que somente eu via. A frase que me ocorreu foi, naturalmente, o título para esta história. Pareceu-me uma excelente metáfora, tão viável quanto qualquer outra, para aquilo que os escritores — em particular os escritores de ficção — fazem em seus dias e noites. Sentar-se à máquina de escrever ou pegar um lápis é um ato físico; o análogo espiritual é espiar através de uma janela quase esquecida, uma janela

oferecendo um panorama comum, visto de um ângulo totalmente diferente... um ângulo que transforma o comum em extraordinário. A tarefa do escritor é espiar por aquela janela e relatar o que vê.

Algumas vezes, no entanto, as janelas se quebram. Creio que, mais do que qualquer outra coisa, esse é o interesse desta história: o que acontece ao observador de olhos arregalados quando a janela entre a realidade e a irrealidade se quebra, quando as vibrações começam a voar?

1

— O senhor roubou a minha história — disse o homem, parado à soleira. — Roubou a minha história e alguma coisa tem que ser feita! O direito é direito e o justo é justo, portanto, tem que ser feita alguma coisa!

Morton Rainey, que acabara de despertar de uma soneca e ainda se sentia somente na metade do caminho para o mundo real, não fazia a menor ideia sobre o que dizer. Jamais era este o caso quando ele estava trabalhando, bem de saúde ou doente, plenamente desperto ou sonolento; sendo um escritor, jamais ficava perdido quando se tratava de colocar na boca de um personagem alguma réplica imediata.

Rainey abriu a boca, não encontrou nela qualquer réplica imediata e vigorosa (aliás, nem mesmo uma réplica murcha), e tornou a fechá-la.

Pensou; Este homem não me parece muito real. Dá a impressão de um personagem de alguma novela de William Faulkner.

Isto em nada ajudava a resolver a situação, porém era indiscutivelmente verdadeiro. O indivíduo que apertara a cigarra da porta de Rainey, naquela versão de nenhures da região oeste do Maine, aparentava uns quarenta e cinco anos. Era muito magro. Tinha um rosto calmo, quase plácido, mas sulcado de rugas fundas. Eram linhas que se moviam horizontalmente através da testa alta, em ondas regulares, também riscadas verticalmente para baixo, indo das extremidades dos lábios finos até a linha do queixo e ainda irradiando-se dos cantos dos olhos para fora, em finas estrias. Seus olhos eram brilhantes, de um azul-vivo. Rainey não saberia dizer qual a cor dos cabelos; o homem tinha um grande chapéu preto, de copa redonda, enterrado fundo na cabeça. A parte de baixo da aba tocava o alto das orelhas.

Parecia-se ao chapéu usado pelos quakers. Ele tampouco usava costeletas, e, pelo que Morton Rainey conseguia ver, podia ser tão calvo quanto Telly Savallas, por sob aquele chapéu de feltro de copa redonda.

O homem vestia uma camisa azul de trabalho. Embora sem gravata, abotoara a camisa inteiramente até a carne flácida do pescoço, avermelhada pelo barbear. As fraldas da camisa desapareciam dentro das calças blue-jeans que pareciam um tanto grandes demais para o dono. As dobras das pernas estavam bem

assentadas sobre sapatos de trabalho em um tom amarelo-desbotado, parecendo mais adequados à caminhada por um sulco de terra recém-arado, a cerca de um metro além do traseiro de uma mula.

— E então? — perguntou ele, quando Rainey continuou calado.

— Não o conheço — disse Rainey finalmente.

Era a primeira coisa que dizia, desde que se levantara do sofá e viera abrir a porta.

Tais palavras soaram francamente idiotas a seus próprios ouvidos.

— Eu sei disso — falou o homem — e isso não vem ao caso. Eu o conheço, Sr.

Rainey. Isso é o que importa. — E então insistiu: — O senhor roubou a minha história.

Estendeu a mão e, pela primeira vez, Rainey percebeu que o homem segurava algo. Era um maço de folhas de papel. Não apenas um maço qualquer de papéis velhos; eram folhas manuscritas. Depois que a gente exerce o ofício por algum tempo, pensou ele, nunca deixa de reconhecer a aparência de um manuscrito.

Especialmente não sendo solicitado.

Com certo atraso, ele pensou: Ainda bem para você que não se tratava de um a arma, Mort, meu velho. Você estaria no inferno antes mesmo de saber que tinha morrido.

E, com atraso ainda maior, percebeu que provavelmente estava lidando com um dos Caras Birutas. Aliás, há muito devia ter recebido a visita; embora seus três últimos livros houvessem sido best-sellers, esta era a primeira vez que um membro da legendária tribo o procurava. Sentiu uma mistura de medo e aborrecimento. Seus pensamentos estreitaram-se para um só ponto: como livrar-se do sujeito o mais depressa possível e da maneira o menos incômoda possível.

— Não costumo ler manuscritos... — começou.

— O senhor já leu este aqui — disse sem rodeios o homem com jeito de rude trabalhador rural. — O senhor o roubou!

Ele falava como se estabelecesse um simples fato, como alguém comentando que o sol nascera e aquele seria um agradável dia de outono. Todos os pensamentos de Mort chegavam atrasados aquela tarde, segundo parecia; pela primeira vez, ele agora percebia o quanto estava sozinho ali. Tinha vindo para a casa em Tashmore Glen em princípios de outubro, após dois meses miseráveis em Nova Iorque; seu divórcio se tomara definitivo apenas na semana anterior.

Era uma casa grande, porém era uma residência de verão e Tashmore Glen era uma cidade de veraneio. Haveria uns vinte chalés dando para aquela particular estrada, situados ao longo do norte da baía do Lago Tashmore, e em julho ou agosto a maioria deles ficava ocupada... porém julho e agosto já tinham passado. Agora era fins de outubro. O som de um tiro, refletiu ele, provavelmente se dissiparia no ar, sem que ninguém percebesse. Se fosse ouvido, o ouvinte presumiria, simplesmente, que alguém estaria disparando contra uma codorna ou faisão — estavam na temporada.

— Posso assegurar-lhe que...

— Eu sei que o senhor pode — cortou o homem do chapéu preto, com a mesma singular paciência. — Eu sei disso.

Atrás dele, Mort podia ver o carro em que o homem viera. Era uma velha caminhoneta, dando a aparência de haver viajado um bocado de quilômetros, bem poucos dos quais em boas estradas. Reparou que a chapa de matricula não era do Estado do Maine, porém não soube distinguir a que estado ela pertencia. Já fazia algum tempo que reconhecia sua necessidade de ir ao oculista e trocar de óculos, até mesmo planejara essa tarefa no início do verão passado, mas então Hemy Young telefonara, certo dia de abril, perguntando-lhe quem era o sujeito com quem vira Amy na rua comercial de pedestres — seria algum parente? — e as suspeitas culminaram no início de um divórcio fantasticamente rápido, amistoso e sem culpados. Um divórcio que fora como uma tempestade de merda, esgotando seu tempo e sua energia naqueles últimos meses.

Durante esse período, ele mal se lembrava de trocar a roupa de baixo, quanto mais de manejar coisas mais esotéricas, como consultas a oculistas.

— Se deseja falar com alguém sobre alguma queixa que se julgue no direito de fazer — começou Mort, em tom incerto, odiando o som pomposo e arrogante da própria voz, mas sem saber como responder de outro modo poderá dirigir-se a meu age...

— Isto é entre o senhor e eu — disse pacientemente o homem em pé na soleira.

Bump, o gato de Mort, estivera enrodilhado sobre o gabinete de pouca altura, construído embutido no lado da casa — era imperioso guardar-se o lixo em um compartimento fechado, pois do contrário os racuns surgiriam no meio da noite e fariam um diabo de confusão —, mas agora pulava para o chão e começava a trançar um sinuoso caminho por entre as pernas do estranho. Os vivos olhos azuis do homem não se desviaram do rosto de Rainey. — Não precisamos de estranhos para resolver isto, Sr. Rainey. É um caso estritamente entre nós dois.

— Não gosto de ser acusado de plágio, se é o que está fazendo — disse Mort.

Ao mesmo tempo, parte de sua mente o alertava para tomar muito cuidado ao lidar com pessoas da tribo dos Caras Birutas. Mostrar-se indulgente? Sim. Entretanto, o visitante não parecia possuir uma arma e Mort o superava em, pelo menos, vinte e cinco quilos. Devo também ter cinco a dez anos mais, a julgar pelas aparências, pensou. Já havia lido que um Cara Biruta digno do nome podia exibir uma força anormal, mas uma ova, se ia ficar ali parado, deixando que um sujeito nunca visto antes lhe dissesse que ele, Morton Rainey, havia roubado sua história. Não sem oferecer algum tipo de relútação!

— Não o censuro, se isto o aborrece — disse o homem do chapéu preto. Continuava falando da mesma forma paciente e tranquila. Como um terapeuta, refletiu Mort, ensinando a criancinhas retardadas e expressando-se em voz branda. — No entanto, o senhor fez isso. Roubou a minha história.

— Será melhor que vá embora — replicou Mort. Agora estava plenamente desperto, não se sentindo mais tão em desvantagem, tão aturdido. — Eu nada tenho a dizer-lhe.

— Sim, eu irei — disse o homem. — Voltaremos a falar mais tarde.

Estendeu o maço do manuscrito e, de fato, Mort se viu prestes a aceitá-lo. No entanto, sua mão retornou para junto do corpo, pouco antes que o indesejado não convidado visitante pudesse largar os papéis nela, como um oficial de justiça finalmente entregando uma citação a um homem que evitou recebê-la durante meses.

— Não vou ficar com isso! — disse Mort.

Enquanto falava, uma parte dele maravilhava-se ante o fato de como o homem era um animal acomodatício: quando alguém nos estende alguma coisa, nosso primeiro instinto é pegá-la. Pouco importa se for um cheque de mil dólares ou um bastão de dinamite com o estopim aceso — o primeiro instinto é segurar.

— De nada lhe adiantará querer brincar comigo, Sr. Rainey — disse o homem brandamente. — Isto tem que ficar resolvido.

— No que me diz respeito, já está! — respondeu Mort, e fechou a porta sobre aquele rosto sulcado, gasto e, de certo modo, imemorial.

Havia sentido apenas um ou dois momentos de medo, quando primeiro percebeu, de maneira desorientada e turvada pelo sono, o que dizia aquele indivíduo.

Então, o medo fora engolido pela raiva — raiva por ser incomodado durante sua soneca, e mais raiva ao perceber que era incomodado por um representante dos Caras Birutas.

Fechada a porta, o medo retornou. Ele comprimiu os lábios e esperou que o homem a esmurrasse. Quando isso não aconteceu, decidiu que ele simplesmente permanecera parado lá fora, imóvel como uma pedra e tão paciente quanto ela, esperando-o tomar a abrir... como teria de fazer, mais cedo ou mais tarde.

Ouviu então um baque leve, seguido por uma série de passos abafados cruzando o piso de tábuas do alpendre. Mort caminhou para o dormitório principal, que dava para a entrada de carros. Lá havia duas enormes janelas, uma voltada para a entrada de carros e a beira da colina atrás dela, a outra propiciando uma vista da encosta que descia para a expansão azulada e agradável do Lago Tashmore. Os vidros das duas janelas eram refletorizados, isto significando que ele podia espiar o exterior, mas que quem tentasse olhar para o interior veria somente sua imagem distorcida, a menos que encostasse o nariz no vidro, com as mãos em concha aos lados dos olhos, a fim de evitar a claridade do dia.

Viu o homem de camisa de trabalho e blue-jeans com os punhos das calças dobrados caminhando de volta à sua velha caminhoneta. Daquele ângulo, podia ver que estado fornecera as chapas de matrícula — Mississípi. Quando o homem abriu a porta do lado do motorista, Mort pensou: Oh, merda! A arma está no carro! Ele não a trazia consigo por achar que podia argumentar comigo... qualquer que seja sua ideia sobre argumentação. No entanto, agora vai pegá-la e

voltar. Deve estar no porta-luvas ou debaixo do banco...

O homem, no entanto, sentou-se atrás do volante, parando apenas para tirar o chapéu preto e jogá-lo no assento ao lado. Quando bateu a porta e ligou o motor, Mort pensou: Há algo diferente nele agora. Entretanto, foi somente depois que seu indesejado visitante da tarde havia dado marcha à ré na entrada de canos e sumido de vista atrás da espessa tela de arbustos que Mort esquecera de podar é que ele percebeu o que seria.

Quando o homem entrou no cano, não levava mais o manuscrito.

2

Estava no alpendre dos fundos. Havia uma pedra sobre as folhas a fim de impedir que se espalhassem pela pequena entrada, impelidas pela brisa leve. O pequeno baque ouvido havia sido quando o homem colocara a pedra sobre o manuscrito.

Mort ficou parado na soleira, as mãos enfiadas nos bolsos das calças cáqui, olhando para aquilo. Sabia que demência não era contagiosa (exceto, talvez, em casos de prolongada convivência, supunha), mas ainda assim não queria tocar a maldita coisa. Não obstante, imaginou que seria forçado a isso. Ignorava quanto tempo ficaria ali — a esta altura, um dia, uma semana, um mês ou um ano, tudo parecia igualmente possível — mas não podia deixar aquela droga em seu alpendre. Greg Carstairs, seu caseiro, apareceria ainda cedo, esta tarde, a fim de fornecer-lhe uma estimativa do quanto custaria a colocação de novas telhas na casa, antes de mais nada, e ele se perguntaria o que eram aqueles papéis. Pior ainda, talvez presumisse pertencerem a Mort, o que obrigaria a maiores explicações do que merecia a maldita coisa.

Ficou ali parado, até o som do motor de seu visitante diluir-se em meio ao surdo e lento zumbido da tarde, e então saiu ao alpendre, pisando cautelosamente com pés descalços (já fazia pelo menos um ano que o alpendre precisava de pintura, e a madeira seca estava áspera, com farpas potenciais), e jogou a pedra dentro da vala entupida do junípero, à esquerda do alpendre. Recolhendo o maço de folhas, olhou para a página de cima e viu que era a do título. Dizia:

JANELA SECRETA, SECRETO JARDIM
por John Shooter

Mesmo sem querer, Mort sentiu um momento de alívio. Jamais ouvira falar em John Shooter e jamais lera ou escrevera, em toda a sua vida, algum conto ou história intitulado “Janela secreta, secreto jardim”.

Jogou o manuscrito na cesta de papéis da cozinha, a caminho da sala, voltou para o sofá, tornou a deitar-se e adormeceu em cinco minutos.

Sonhou com Amy. Naqueles dias Mort estava dormindo bastante e sonhando muito com Amy; acordar com o som de seus próprios gritos enrouquecidos era algo que não o deixava mais tão surpreso. Imaginava que isso terminaria

passando.

3

Na manhã seguinte, estava sentado diante do seu processador de texto, no recanto da sala de estar que sempre funcionara como seu estúdio quando vinham para aquela casa. O processador estava ligado, porém Mort espiava para o lago, através da janela.

Dois barcos a motor estavam lá, riscando amplas ondas brancas nas águas azuis. A princípio, julgou que fossem pescadores, mas nenhum deles diminuía a velocidade — apenas trançavam as ondas um do outro, para cá e para lá, em enormes volteios.

Garotada, decidiu ele. Garotada divertindo-se.

Os que estavam nos barcos nada faziam de interessante, mas ele tampouco.

Não escrevera nada que valesse a pena desde que deixara Amy. Ficava sentado diante do processador de texto todos os dias, de nove às onze, como fizera diariamente nos últimos três anos (e cerca de mil anos antes disso passara aquelas duas horas sentado diante de uma velha Royal, modelo escritório), mas, a julgar pelo resultado que vinha tendo, daria no mesmo entrar em um barco a motor e ir brincar com a garotada no lago.

Hoje escrevera as seguintes linhas de inanimada prosa, durante as duas horas de tarefa:

Quatro dias após George haver confirmado, com plena certeza, que sua esposa o traía, decidiu interpelá-la.
— Preciso falar com você, Abby — disse.

Não estava bom.

Era muito aproximado à vida real para ser bom.

Ele jamais fora muito impetuoso, em se tratando de vida real. Isso talvez fosse parte do problema.

Desligou o processador de texto, percebendo apenas um segundo após pressionar a tecla que esquecera de preservar o documento. Ora, tudo bem. Talvez houvesse sido obra do crítico em seu subconsciente dizendo-lhe que não valia a pena

sido obra do crítico em seu subconsciente dizendo-lhe que não valia a pena preservar o documento.

Aparentemente, a Sra. Gavin já terminara no andar de cima; o zumbido do Electrolux finalmente cessara. Ela vinha fazer a limpeza cada terça-feira e se havia trancado em um silêncio que não lhe era peculiar quando lhe contara que ele e Amy estavam separados. Mort desconfiava que a Sra. Gavin gostava muito mais de Amy do que dele. Não obstante, continuava aparecendo para a faxina, isto o fazendo supor que já era alguma coisa.

Levantou-se e entrou na sala de refeições, precisamente quando ela descia a escada principal da casa. A Sra. Gavin segurava a mangueira do aspirador de pó e arrastava atrás de si a pequena máquina tubular. O aspirador vinha descendo em uma série de baques, parecendo um pequeno cachorro mecânico. Se eu tentasse puxar o aspirador para o térreo dessa maneira, ele me bateria nos tornozelos e depois rolaria todos os degraus, até o último, pensou Mort. Eu gostaria de saber como ela consegue fazer isso.

— Olá, Sra. G.! — disse ele, e cruzou a sala em direção à porta da cozinha.

Estava querendo uma Coca. Escrever droga sempre lhe dava sede.

— Olá, Sr. Rainey.

Ele tentara fazer com que ela o tratasse por Mort, sem resultado. Ela nem mesmo o chamava de Morton. A Sra. Gavin era uma mulher de princípios, porém tais princípios jamais a tinham impedido de tratar sua esposa como Amy.

Talvez eu devesse contar-lhe que surpreendi Amy na cama com outro homem em um dos mais finos motéis de Derry, pensou Morton, quando empurrou a porta de vaivém. Pelo menos ela talvez voltasse a chamá-la de Sra. Rainey.

Era um pensamento aviltante e mesquinho o tipo de pensamento que, desconfiava, situava-se na raiz de seus problemas para escrever, porém nada podia fazer para evitá-lo.

Talvez isso também passasse... como os sonhos. Por algum motivo, tal ideia o fez pensar em um adesivo de pára-choque que vira certa vez, na traseira de um Fusca muito velho.

ESTOU COM PRISÃO-DE-VENTRE — NÃO PODE PASSAR,

dizia o adesivo.

Quando a porta da cozinha girou de volta, a Sra. Gavin anunciou:

— Encontrei uma de suas histórias no lixo, Sr. Rainey. Achei que talvez a quisesse, e então a deixei em cima do balcão.

— Está bem — respondeu ele, não fazendo a menor ideia do que ela falava.

Mort não tinha o costume de jogar manuscritos ruins ou fragmentos dos mesmos no lixo da cozinha. Quando escrevia uma porcaria — e ultimamente vinha produzindo mais do que era devido — lançava-a diretamente no computador ou a guardava no flchário circular, à direita do processador de texto.

O homem de rosto sulcado e chapéu redondo e negro de quaker jamais passara por sua cabeça.

Ele abriu a porta da geladeira, afastou dois pequenos pratos de plástico contendo sobras indefinidas de refeições, descobriu uma garrafa de Pepsi e a abriu, ao mesmo tempo em que fechava a porta da geladeira com uma cutucada de traseiro. Quando ia jogar a tampa no lixo, avistou o manuscrito — a página do título estava manchada de algo parecendo suco de laranja, mas fora isto tudo continuava limpo — colocado em cima do balcão. Foi então que o nome de John Shooter lhe veio à mente. Um membro diplomado dos Caras Birutas, Sucursal do Mississípi.

Bebeu um gole da Pepsi, depois pegou o manuscrito. Colocou a página-título por baixo do maço e leu isto, no cabeçalho da primeira página:

John Shooter
Posta-restante
Dellacourt, Mississípi
30 páginas
7.500 palavras aproximadamente
1o direito de venda em seriado, América do Norte

JANELA SECRETA, SECRETO JARDIM

por John Shooter

O manuscrito havia sido datilografado em papel de boa qualidade, porém a

O manuscrito havia sido datilografado em papel de boa qualidade, porém a máquina devia ter sido um desastre — um antigo modelo de escritório, a julgar pelo resultado, com péssima manutenção mecânica. Em sua maioria, as letras estavam tão gastas como dentes de velho.

Mort leu a primeira frase, depois a segunda, a terceira e, por alguns momentos, cessou o pensamento lúcido.

Todd Downey achava que uma mulher capaz de roubaro seu amor, quando esse amor era, em realidade tudo quanto se tem para dar, não podia ser grande coisa como mulher. Assim sendo, decidiu matá-la. Faria isso naquele fundo recanto formado onde a casa e o celeiro se juntavam em ângulo agudo — faria isso onde sua esposa mantinha uma horta.

— Oh, merda! — disse Mort, largando o manuscrito. Seu braço bateu na garrafa de Pepsi. A garrafa tombou, espumando e pipocando ao longo do balcão, escorrendo depois pelo revestimento do armário abaixo. — Oh, MERDA! — gritou ele.

A Sra. Gavin chegou a toda pressa, inspecionou a situação e disse:

— Oh, não foi nada! A julgar pelo som, pensei que talvez o senhor houvesse cortado a própria garganta. Quer afastar-se um pouquinho, Sr. Rainey?

Ele assim fez, e a primeira providência dela foi recolher o maço dos manuscritos de sobre o balcão e devolvê-lo a Mort. As folhas continuavam limpas; o refrigerante correra para o lado oposto. Um dia, ele havia sido um sujeito com um senso de humor razoavelmente bom — pelo menos, sempre tinha achado que fosse —, mas enquanto contemplava o pequeno maço de papel em suas mãos o melhor que conseguiu foi um ácido senso de ironia. É como o gato na cantiga de ninar, pensou.

Aquele que está sempre voltando.

— Se está pretendendo arruinar isso — disse a Sra. Gavin, apontando a cabeça para o manuscrito enquanto pegava um trapo na pia — , escolheu o caminho certo.

— Isto não é meu — respondeu ele.

Era engraçado, não? No dia anterior, quando estendera a mão e quase recebera o

manuscrito do homem que o trouxera, havia refletido sobre o animal acomodatício que era um indivíduo. Aparentemente, essa ânsia de acomodação estirava-se em todos os sentidos, porque a primeira coisa que sentira ao ler aquelas três frases era culpa... e não era justamente culpa, que Shooter (se este fosse mesmo o nome dele) quisera que sentisse? Claro que sim! O senhor roubou minha história, dissera ele, e não se presumia que os ladrões se sentissem culpados?

— Com licença, Sr. Rainey — disse a Sra. Gavin, com o trapo de limpeza na mão erguida.

Ele chegou para um lado, a fim de que a mulher alcançasse o líquido derramado.

— Não é meu! — repetiu ele — de fato, insistiu.

— Oh! — exclamou ela, enxugando a mancha sobre o balcão e retornando à pia para torcer o trapo. — Eu pensei que fosse.

— Aqui diz John Shooter — disse Mort, pegando a página-título no fundo do maço e virando-a para a Sra. Gavin. — Está vendo?

Ela dedicou à página o olhar mais rápido que a polidez permitiria e depois começou a enxugar as faces do armário.

— Pensei que fosse um daqueles sei-lá-como-é. Pseudonomes. Ou nimos. Seja qual for a palavra para nomes supostos de escritores.

— Eu não uso um — replicou ele. — Nunca usei.

Desta vez, ela lhe dedicou um breve olhar — um astuto olhar de caipira e ligeiramente divertido — antes de ajoelhar-se para enxugar a poça de Pepsi no chão.

— Acho que o senhor não me diria se usasse algum — disse ela.

— Lamento sobre a sujeira que fiz — disse ele, começando a caminhar para a porta.

— É o meu trabalho — replicou ela, lacônica.

A Sra. Gavin não tornou a erguer os olhos. Mort aceitou a insinuação e foi

embora da cozinha. Parou um instante na sala de estar, olhando para o aspirador de pó abandonado no meio do tapete. Em sua cabeça, ouviu o homem de rosto sulcado dizendo pacientemente, Isto é entre o senhor e eu. Não precisamos de estranhos para resolver isto, Sr. Rainey. É um caso estritamente entre nós dois.

Mort pensou naquele rosto, evocou-o cuidadosamente, com sua mente acostumada a evocar rostos e atos. Pensou: Não se tratou apenas de uma aberração momentânea, talvez uma forma curiosa de conhecer um escritor que ele pode ou não considerar famoso. Ele vai voltar.

Subitamente, começou a caminhar para seu estúdio, enrolando o manuscrito em um tubo, enquanto se movia.

4

Três das quatro paredes do estúdio estavam ocupadas por estantes de livros, uma delas tendo sido escolhida para as várias edições de suas obras, publicadas no país e no estrangeiro. Mort havia editado seis livros ao todo: cinco romances e uma coletânea de contos. O livro de contos e os dois primeiros romances haviam tido boa acolhida de seus familiares próximos e alguns amigos. O terceiro romance, O menino que tocava realejo, havia sido um best-seller imediato. As obras anteriores foram reeditadas após ele tornar-se um sucesso, tendo vendido bastante bem, nunca se tornando tão populares como os últimos livros.

A coletânea de contos fora intitulada Todos soltam um níquel e a maioria das histórias tinha sido publicada originalmente nas revistas masculinas, imprensadas em torno de fotos de mulheres usando toneladas de maquiagem nos olhos e não muita coisa mais. Uma das histórias, no entanto, fora publicada em Ellery Queen's Mystery Magazine. Chamava-se Tempo de plantar, e foi para esta história que ele se voltou agora.

Uma mulher capaz de realmente roubar o seu amor, quando esse amor era tudo quanto se tem para dar, não podia ser grande coisa com o mulher — pelo menos era esta a opinião de Tommy Havelock. Ele decidiu matá-la. Até mesmo sabia em que lugar faria isso, o exato lugar: o pequeno trecho de horta que ela mantinha no ângulo formado onde a casa se unia ao celeiro.

Mort sentou-se e começou a analisar lentamente os dois contos, primeiro lendo um trecho de um, depois um trecho do outro. Chegando à metade, compreendeu que não precisava mais seguir em frente. Em alguns pontos, variavam de enunciado, mas em muitos outros até isto era igual, palavra por palavra. Com enunciado semelhante ou não, as duas histórias eram exatamente a mesma coisa. Em ambas, um homem matava a esposa. Em ambas, a esposa era uma ordinária gélida e sem amor para dar, preocupando-se apenas com sua horta e suas conservas caseiras. Em ambas, o assassino enterrava a vítima conjugal na horta que ela possuía, em seguida cultivava-a e conseguia uma plantação realmente espetacular. Na versão de Morton Rainey, essa plantação era de feijões. Na de Shooter, era de milho. Nas duas, o assassino eventualmente enlouquecia e era descoberto pela polícia, comendo quantidades descomunais do vegetal em questão e jurando que se livraria dela, que terminaria finalmente livrando-se dela.

Mort nunca se considerara um perito em contos de horror — e nada havia de sobrenatural em Tempo de plantar— mas, mesmo assim, tinha sido uni trabalhinho algo arrepiante. Ao terminar de ler o conto, Amy estremeceu de leve, comentando:

— Imagino que seja bom, mas a mente desse homem... Céus, Mort, que lata de minhocas!

Isso representava perfeitamente bem seus próprios pensamentos. O panorama de Tempo de plantar não era daqueles em que Mort se arriscaria a viajar com frequência e não chegava a ser nenhum "Coração delator", porém ele achava que fizera um trabalho razoável ao pintar o colapso homicida de Tom Havelock. O editor na EQMN concordara, e também os leitores — o conto rendera correspondência favorável. O editor pedira outros, porém Mort nunca mais escrevera alguma história nem remotamente semelhante a Tempo de matar.

— Sei que vou conseguir — disse Todd Downey, servindo-se de mais uma espiga de milho da tigela fumegante. — Tenho certeza de que, com o tempo, ela inteira desaparecerá!

Era assim que terminava a história de Shooter.

— Estou certo de que posso resolver este negócio — disse Toni Havelock para eles, servindo-se de outra porção dos feijões da tigela cheia e fumegante. — Tenho certeza de que, com o tempo, a morte dela será um mistério, inclusive para mim!

Era assim que terminava a história de Mort Rainey.

Mort fechou seu exemplar de Todos soltam um níquel e o recolocou pensativamente na prateleira de suas primeiras edições.

Sentando-se, começou a vasculhar lenta e minuciosamente as gavetas de sua mesa de trabalho. Era uma mesa grande, tão grande que os homens da firma de mudança haviam precisado trazê-la para ali em partes; além disso, tinha um monte de gavetas.

Aquela mesa-secretária era seu domínio exclusivo; nem Amy ou a Sra. G. jamais haviam posto as mãos nela, de maneira que as gavetas estavam entulhadas do acúmulo de anos. Fazia quatro anos que Mort deixara de fumar, e se houvesse

algum cigarro sobrando naquela casa, era ali que os encontraria. Se encontrasse alguns, ele os fumaria. Neste exato momento, estava ansioso por algumas tragadas. Se não encontrasse nenhum, paciência; vasculhar aquelas velharias era calmante. Cartas antigas, que deixara de lado para responder mais tarde, porém sem nunca respondê-las, seu conteúdo antes parecendo tão importante, mas agora com jeito de coisa antiga, inclusive, arcana; cartões-postais, comprados, mas nunca enviados; trechos de manuscritos em frases variadas de acabamento; meio saco de salgadinhos antiquíssimos; clipes para papel; cheques cancelados. Ele podia perceber, naquelas gavetas, camadas que eram quase geológicas — camadas de vidas passadas, congeladas e imóveis.

E isso era calmante. Mort terminou com uma gaveta e passou para a seguinte, o tempo todo pensando em John Shooter e como a história de John Shooter — sua história, porra! — o deixava sentindo-se.

Naturalmente, a coisa mais óbvia era que isso lhe dava a sensação de estar ansioso por um cigarro. Nos últimos quatro anos, não era esta a primeira vez que se sentia assim; houvera ocasiões em que bastava ver alguém soltando baforadas ao volante de um carro perto do seu, quando parado em um sinal vermelho, para desencadear-se uma furiosa e momentânea ânsia pelo tabaco. Entretanto, aí a palavra-chave era “momentânea”. Tais sensações desapareciam rapidamente, como súbitas rajadas de chuva — cinco minutos após uma densa e prateada cortina de chuva cair do céu, o sol está brilhando novamente. Ele jamais sentira necessidade de parar no primeiro bar do trajeto a fim de comprar um maço... ou vasculhar o porta-luvas em busca de um ou dois cigarros esquecidos, como fazia agora nas gavetas de sua secretária.

Mort sentia-se culpado, o que era absurdo. Não se apoderara da história de John Shooter, sabia que não fizera isso — mas se houvera roubo (e devia ter havido, pois para ele era impossível pensar de outro modo, já que as duas histórias eram tão semelhantes; tinha que haver o conhecimento prévio da parte de um dos dois envolvidos), então havia sido Shooter que o roubara.

Sem dúvida.

Era tão evidente como o nariz em seu rosto... ou o negro chapéu redondo enterrado na cabeça de John Shooter.

Não obstante, ele ainda se sentia perturbado, inquieto, culpado... sentia-se desnorteado, de uma forma para a qual talvez não houvesse uma palavra. E por

quê?

Bem — porque...

Nesse momento, Mort ergueu um xerox do manuscrito de O menino que tocava realejo, e lá, debaixo dele, havia um maço de cigarros L & M. Será que essa marca ainda era produzida? Ele não sabia. O maço era velho, estava amassado mas, decididamente, não ficara mofado. Ele o tirou da gaveta e contemplou-o. Refletiu que devia ter comprado aquele particular maço em 1985, segundo a informal ciência de estratificação a que se poderia dar o nome — em falta de palavra melhor — de Secretariologia.

Olhou o interior do maço. Viu três pequenos pregos de caixão enfileirados um atrás do outro.

Viajantes do tempo, vindos de outra era, pensou Mort. Enfiou um dos cigarros na boca, depois foi à cozinha pegar um fósforo na caixa acima do fogão. Viajantes do tempo, vindos de outra era, transitando através dos anos, pacientes viajantes cilíndricos, com a missão de esperar, perseverar, aguardar o momento propício de me impelirem à estrada para o câncer pulmonar, finalmente chegando outra vez. E parece que por fim chegou a hora.

— Provavelmente terá sabor de bosta — disse ele em voz alta, para a casa vazia (a Sra. Gavin há muito fora embora), e acendeu a ponta do cigarro.

Entretanto, não tinha sabor de bosta. Seu sabor era bastante agradável. Mort vagou de volta ao estúdio soltando baforadas e sentindo-se prazerosamente de cabeça zonza. Ah, a terrível e paciente persistência do vício, pensou. O que mesmo havia dito Hemingway? Não neste agosto, não neste setembro — neste ano, você tem de fazer o que gosta. Entretanto, o tempo gira novamente. Sempre gira. Cedo ou tarde, você toma a enfiar algo em sua grande boca idiota. Uma bebida, uma baforada, talvez o cano de uma arma. Não neste agosto, não neste setembro...

...infelizmente, este era outubro.

Em uma fase anterior de sua exploração, Mort encontrara um velho jarro de Amendoins do Plantador, cheio até a metade. Duvidava que os amendoins ainda pudessem ser comidos, mas a tampa do jarro dava um excelente cinzeiro. Sentado atrás de sua mesa de trabalho, olhou o lago (como a Sra. G., os barcos que haviam estado lá anteriormente tinham desaparecido), entregou-se ao seu

que haviam estado lá anteriormente tinham desaparecido), entregou-se ao seu velho e indigno vício, e descobriu que podia pensar em John Shooter e na história dele com um pouco mais de tranquilidade.

O homem era um dos Caras Birutas, claro; isso agora ficara firmemente provado, se houvesse necessidade de qualquer prova posterior. Sobre a maneira como tal coisa o fazia sentir-se, descobrir que a similaridade existia de fato...

Bem, uma história era uma coisa, uma coisa real — a gente podia imaginá-la assim, em especial havendo um pagamento por ela — mas de outro modo, mais importante, não constituía coisa alguma, em absoluto. Nem mesmo era um vaso, uma cadeira ou um automóvel. Era tinta no papel, porém ela não era a tinta e tampouco era o papel.

As pessoas costumavam perguntar a ele de onde tirava suas idéias e, embora se esquivasse à pergunta, ela em geral o deixava sentindo-se vagamente envergonhado, vagamente espúrio. Os outros pareciam acreditar que existisse um Depósito Central de Idéias em algum lugar — da mesma forma como se presumia existir um cemitério de elefantes em algum lugar e uma legendária cidade do ouro perdida, em qualquer outro lugar — e que ele possuía um mapa, permitindo-lhe ir até lá e voltar. Mort, no entanto, sabia a verdade. Podia recordar onde estivera, quando determinadas idéias lhe vinham à mente, como sabia que a ideia era, em geral, o resultado de ver ou sentir alguma singular conexão entre objetos, eventos ou pessoas que nunca pareciam ter tido qualquer conexão antes. Entretanto, isto era o máximo que podia fazer. Quanto ao motivo de ver aquelas conexões, de querer extrair histórias delas... não havia a menor pista.

Se John Shooter houvesse chegado à sua porta e dissesse “O senhor roubou meu carro”, em vez de “O senhor roubou minha história”, Mort captaria a ideia de maneira rápida e decisiva. Saberia entendê-lo, mesmo que os dois carros em questão fossem do mesmo ano, fabricação, modelo e cor. Teria mostrado ao homem do chapéu negro e redondo a documentação de seu automóvel, o convidaria a comparar o número no pedacinho de papel rosado com aquele na ombreira de sua porta, depois o mandando cair fora.

Entretanto, quando temos a ideia de uma história ninguém nos entrega uma nota de compra. Não havia proveniência a ser seguida. Por que teria de haver? Ninguém nos dá uma nota de compra quando conseguimos algo de graça. Fazemos um preço para quem quiser nos comprar essa coisa — oh, sim, um

preço bastante alto, talvez mais do que isso, se fosse possível compensar-nos por todas as vezes em que os filhos da mãe nos esnobaram — revistas, jornais, editores de livros, companhias de cinema.

Entretanto, o artigo chega a nós inteiramente de graça, limpo, sem ônus. Exatamente, decidiu ele. Daí o motivo de sentir-se culpado, embora sabendo que não plagiara a história do Fazendeiro John Shooter. Sentia-se culpado, porque escrever histórias sempre era mais ou menos como roubar e, provavelmente, continuaria sendo. Casualmente, John Shooter fora o primeiro a surgir à sua porta e acusá-lo disto, em palavras claras. Mort refletiu que, subconscientemente, levara anos esperando que tal acontecesse.

Esmagando o cigarro para apagá-lo, ele decidiu tirar uma soneca. Depois decidiu que não era boa ideia. Seria melhor, tanto para a saúde, como para a mente e o físico, almoçar alguma coisa, ler durante uma meia hora e então sair para uma boa e longa caminhada à beira do lago. Estava dormindo demais, e dormir demais era um indício de depressão. A meio caminho para a cozinha, ele fez um desvio até o comprido sofá modular, junto à parede-janela da sala de estar. Ao diabo com isto! pensou, enfiando uma almofada debaixo do pescoço e outra atrás da cabeça. EU ESTOU deprimido!

Seu último pensamento antes de entregar-se ao sono foi uma repetição: Ele ainda não encerrou o assunto comigo. Oh, não! Não esse cara! Ele é um insistente!

5

Mort sonhou que estava perdido em um vasto milharal. Vagava de uma fileira de pés de milho para a outra, e o sol refletia-se nos relógios que ele usava — meia dúzia em cada antebraço, cada um deles marcando uma hora diferente.

Por favor, ajudem-me! gritava ele. Alguém me ajude, por favor! Estou perdido e com medo!

À frente dele, os pés de milho nas duas margens da fileira entrechocavam-se e roçagavam. Amy surgiu de uma das margens. John Shooter surgiu da outra. Os dois empunhavam facas.

Estou certo de que posso resolver este negócio, disse Shooter, enquanto ambos avançavam para ele, com as facas erguidas no ar. Tenho certeza de que, com o tempo, sua morte será um mistério, inclusive para nós.

Mort deu meia volta para correr, porém uma mão — a de Amy, tinha certeza — agarrou-o pelo cinto e o puxou para trás. E então as facas, cintilando ao sol quente daquela vasta horta secreta...

6

Foi o telefone que o despertou, uma hora e quinze mais tarde. Ele lutou para livrar-se de um sonho horrendo — alguém o estivera perseguindo, conseguia recordar nitidamente — e ficar sentado no sofá. Fazia um tremendo calor; cada centímetro de sua pele parecia estar coberto de suor. O sol passara para este lado da casa enquanto ele dormia e caía sobre seu corpo através da parede-janela, só Deus sabia quanto tempo antes.

Mort caminhou lentamente para a mesa do telefone no saguão da frente, arrastando-se como um homem em traje de mergulho que caminhasse pelo leito de um rio contra a correnteza. Sua cabeça balançava-se preguiçosamente, a boca tinha um gosto de titica velha de esquilo morto há muito. Para cada passo à frente que dava, a entrada para o saguão parecia recuar outro, tendo ocorrido a Mort, não pela primeira vez, que o inferno talvez fosse como uma pessoa se sente após dormir demais e profundamente em uma tarde calorenta. O pior daquilo não era físico. O pior era aquele senso desalentador, desnorteante, de estar fora de si de algum modo apenas um observador, espiando através de câmeras duplas de televisão, com lentes embaçadas.

Ergueu o fone pensando que seria Shooter.

Sim, só pode ser ele — a única pessoa, no mundo inteiro, com a qual eu não devia estar conversando de guarda abaixada, com metade da mente desabotoada da outra metade. Claro que é ele — quem mais seria?

— Alô?

Não era Shooter, mas quando ele ouviu a voz no outro extremo do fio, em resposta à sua pergunta, descobriu que havia pelo menos mais uma pessoa com quem não devia falar enquanto em estado psiquicamente vulnerável.

— Olá, Mort — disse Amy. — Você está bem?

7

Nessa mesma tarde, algum tempo depois, Mort vestiu a camisa vermelha de flanela, tamanho extra-grande, que usava como blusão no começo do outono, e iniciou a caminhada que deveria ter dado antes. Bump, o gato, seguiu-o pelo tempo suficiente de certificar-se da decisão de Mort, depois voltando para casa.

Ele caminhou lenta e deliberadamente através de um maravilhoso entardecer, que parecia consistir apenas de céu azul, folhas vermelhas e ar dourado. Caminhou com as mãos enterradas nos bolsos, tentando deixar que a quietude do lago penetrasse em sua pele e o acalmasse, como sempre acontecera antes. Mort achava ter sido este o motivo que o levara a vir para ali, em vez de continuar em Nova Iorque, como esperava Amy, enquanto os dois rodavam firmemente em direção ao divórcio.

Tinha vindo para ali por este ser um lugar mágico, especialmente no outono. Ao chegar, concluíra que, se havia em qualquer lugar do planeta algum pobre diabo precisando de um pouco de mágica este era ele. E, se a velha mágica falhasse, agora que escrever se tomara tão difícil, não estava bem certo do que faria.

Por fim, ficou claro que não precisaria incomodar-se neste ponto. Após algum tempo, o silêncio e aquela singular atmosfera de suspensão que sempre pareciam apoderar-se do Lago Tashmore, quando o outono finalmente chegava e os veranistas iam embora, começaram a trabalhar nele, relaxando-o, como que massageado por mãos suaves. Agora, porém, tinha algo mais em que pensar além de John Shooter; também tinha que pensar em Amy.

— É claro que estou bem — havia respondido, falando tão cuidadosamente como o bêbado querendo convencer os outros de que está sóbrio. Na verdade, continuava tão sonolento que era como estar algo embriagado. As formas das palavras pareciam demasiado grandes em sua boca, como fragmentos de rocha macia e esfarelante.

Assim, fora cauteloso ao máximo, tateando o caminho por entre as formalidades de abertura e artifícios de conversas telefônicas, como que da primeira vez. — E você, como vai?

— Oh, ótima, estou ótima! — exclamou ela, então trinando aquela risadinha que em geral significava estar flertando ou nervosa como o diabo, e Mort duvidava

que Amy estivesse flertando com ele — não a esta altura. A conscientização de que também ela estava nervosa o deixou um pouco mais à vontade. — Apenas você está aí sozinho, e poderia acontecer qualquer coisa sem que ninguém ficasse sabendo...

Amy interrompeu-se abruptamente.

— Em realidade, não estou sozinho — disse ele, em tom suave. — A Sra. Gavin esteve hoje aqui e Greg Carstairs sempre aparece.

— Oh, eu tinha esquecido o conserto no telhado — disse Amy.

Por um momento, ele ficou fascinado pela maneira natural como os dois soavam, tão naturais, tão não-divorciados. Quem nos ouvisse, pensou Mort, jamais adivinharia que há um patife corretor de imóveis na minha cama... ou na que já foi minha cama. Esperou que a raiva voltasse — aquela raiva dolorida, ciumenta, traída — mas somente um fantasma espreguiçou-se onde tinham havido sentimentos tão vividos, tão desagradáveis.

— Bem, Greg não esqueceu — garantiu ele. — Esteve aqui ontem e engatinhou à volta do telhado por uma hora de meia.

— O estado é tão ruim assim?

Ele lhe disse e ficaram falando sobre o teto por mais uns cinco minutos, enquanto Mort ia despertando aos poucos; falavam sobre aquele velho telhado como se a situação fosse a mesma de antes, falaram sobre ele, como se pretendessem passar o próximo verão debaixo das novas telhas em tabuinhas de cedro, como haviam passado os últimos nove verões debaixo das antigas telhas em tabuinhas de cedro.

Mort pensou: Dêem-me um teto, deem-me algum as telhas, e ficarei falando como esta ordinária eternamente!

Enquanto se ouvia mantendo sua parte na conversa, Mort percebia crescer um profundo senso de irrealidade. Era como se estivesse retornando ao estado de zumbi meio-desperto, meio-adormecido com que respondera à chamada telefônica, até que por fim não aguentou mais. Se isto era uma espécie de competição para ver quem iria mais longe, fingindo que os últimos seis meses jamais tinham acontecido, ele preferia entregar os pontos. Mais do que tudo.

Ela agora perguntava onde Greg ia conseguir o cedro e se ele pretendia usar ajudantes residentes na cidade, quando Mort a interrompeu.

— Por que você telefonou, Amy?

Houve um momento de silêncio, no qual ele a percebeu escolhendo respostas e depois rejeitando-as, como uma mulher experimentando chapéus, e isso fez a raiva borbulhar novamente. Esta era uma das coisas — em realidade, uma das poucas coisas — que detestava nela e podia dizer francamente. Aquela duplicidade, absolutamente inconsciente.

— Já lhe disse o motivo — respondeu Amy por fim. — Queria saber se você está bem. — Ela parecia alvoroçada, novamente insegura, isto em geral significando que dizia a verdade. Quando mentia, Amy sempre dava a impressão de estar afirmando que o mundo era redondo. — Tive um daqueles meus pressentimentos — sei que não acredita neles, mas deve saber que os tenho, que eu acredito neles... não sabe, Mort?

Em seu tom, nada havia da pose costumeira ou da raiva defensiva, esta era a verdade — era quase como se estivesse suplicando com ele.

— Sim, eu sei.

— Pois é, tive um pressentimento. Estava preparando um sanduíche para almoçar quando tive o pressentimento de que você... você talvez não estivesse muito bem.

Rejeitei-o por algum tempo — pensei que desapareceria, mas não foi assim. Então, resolvi telefonar. Você está bem, não está?

— Estou — respondeu ele.

— E não aconteceu nada?

— Bem, aconteceu uma coisa — disse Mort, após um rápido momento de debate íntimo. Achou que fosse possível, talvez até provável, que John Shooter (se este for de fato o nome dele, sua mente insistiu em acrescentar) houvesse tentado entrar em contato com ele em Derry, antes de ter vindo até ali. Afinal de contas, era em Derry que costumava ficar naquela época do ano. Amy poderia, inclusive, tê-lo recambiado para ali.

— Oh, eu sabia! — exclamou ela. — Você se machucou com aquela maldita motosserra? Ou será que...

— Nada aconteceu requerendo hospitalização — replicou ele, sorrindo um pouco.

— Apenas um contratempo. O nome John Shooter diz alguma coisa a você, Amy?

— Não. Por quê?

Por entre os dentes cerrados, ele deixou escapar um leve suspiro irritado, como um jato de vapor. Amy era uma mulher inteligente, porém sempre fora algo afoita entre o cérebro e a boca. Mort recordava ter comentado certa vez que ela devia ter uma camiseta com a inscrição FALE AGORA, PENSE DEPOIS.

— Não responda tão depressa. Demore alguns segundos, pense no que perguntei.

O sujeito é razoavelmente alto, talvez um metro e oitenta, e acho que anda pelos quarenta e tantos anos. O rosto parece dar-lhe mais idade, porém ele se movimentava como alguém nas casa dos quarenta. O rosto tem um jeito de caipira. Muito vermelho, muitas rugas por causa do sol. Quando o vi, pensei que era semelhante a um personagem de Faulk...

— A que vem tudo isto, Mort?

Agora ele conseguia recapitular tudo; agora entendia novamente o motivo pelo qual, por mais magoado e confuso que houvesse ficado, repelira as ânsias que sentira — principalmente à noite — de perguntar a ela se não poderiam, pelo menos, tentar reconciliar suas diferenças. Mort julgava saber que ela concordaria se lhe pedisse com insistência, com firmeza suficiente. No entanto, fatos eram fatos; no casamento deles, houvera muito mais coisas erradas do que o corretor de imóveis de Amy. A qualidade aguda que a voz dela adquirira agora — ali estava outro sintoma do que acabara com eles. O que você fez agora? o tom sob a voz perguntava... não, exigia.

Em que enrascada você se meteu agora? Explique-se!

Ele fechou os olhos e tornou a sibilar a respiração por entre os dentes cerrados, antes de responder. Contou-lhe então sobre John Shooter, sobre o manuscrito de Shooter e sobre seu próprio conto. Amy se lembrava perfeitamente de Tempo de

Shooter e sobre seu próprio conto. Amy se lembrava perfeitamente de Tempo de plantar, mas disse jamais ter ouvido falar de um homem chamado John Shooter — não era o tipo de nome que se esqueça, falou, e Mort tendeu a concordar — em toda a sua vida. E, com absoluta certeza, não o tinha visto.

— Está bem certa de que nunca o viu? — insistiu Mort.

— Absolutamente certa — disse Amy. Parecia um tanto ressentida pelo continuado questionamento de Mort. — Não vi ninguém assim desde que você partiu. E antes de dizer-me para não responder com tanta pressa, deixe-me assegurar-lhe que tenho uma lembrança muito nítida de quase tudo que aconteceu desde então!

Amy fez uma pausa, e Mort percebeu que ela agora falava com esforço, talvez até com real sofrimento. A parte pequenina e mesquinha dele rejubilou-se. A maioria dele, não; a maioria ficara infeliz, ao descobrir que mesmo uma parte mínima se alegrara. Entretanto, o fato não provocou efeito algum no comemorador interno. Era um sujeito que podia ser minoria, mas também parecendo imune às tentativas de Mort — da parte maior de Mort — para desenraizá-lo.

— Talvez Ted o tivesse visto — disse ele.

Ted Milner era o corretor imobiliário. Mort ainda achava difícil acreditar que Amy o houvesse trocado por um corretor de imóveis, e supunha que isso fosse parte do problema, parte do orgulho que, antes de mais nada, deixara as coisas progredirem até este ponto. Claro que não iria alegar, em especial para si mesmo, ter sido tão inocente quanto o cordeirinho de Mary, não é mesmo?

— Está querendo ser engraçado? — exclamou Amy, parecendo aborrecida, envergonhada, triste e desafiante, tudo ao mesmo tempo.

— Não — disse ele, começando novamente a sentir-se cansado.

— Ted não está aqui — disse ela. — Ele mal vem aqui. Eu... eu... é que vou à sua casa.

Obrigado por sua confidência, Amy, ele quase disse, mas ficou calado. Seria bom terem pelo menos uma conversa sem um chuveiro de acusações. Assim, não agradeceu pela confidência, não disse que isso mudaria e, principalmente, não perguntou o que, diabo, está havendo com você, Amy?

perguntou o que, diabo, está havendo com você, Amy?

Antes de mais nada, porque ela poderia perguntar-lhe o mesmo.

8

Amy sugerira que ele chamasse Dave Newsome, o policial-chefe de Tashmore — afinal, o sujeito podia ser perigoso. Mort respondeu não achar que isso fosse necessário, pelo menos por enquanto, mas que se “John Shooter” aparecesse de novo, provavelmente ele ligaria para Dave. Após mais algumas empoladas amenidades, eles desligaram. Ele diria que ela continuava sentindo as pontadas daquela enviesada sugestão sobre Ted talvez estar ocupando sua cadeira-do-papai e dormindo em sua cama-do-papai, mas, francamente, Mort não sabia como poderia evitar o nome de Ted Milner, mais cedo ou mais tarde. Afinal de contas, o homem se tomara parte da vida de Amy. E ela é que telefonara para ele, eis a questão. Ela tivera um de seus curiosos pressentimentos e ligara para ele.

Mort chegou ao ponto em que a trilha à beira do lago se bifurcava, o caminho da direita subindo a íngreme encosta que levava à estrada do lago. Tomou aquele caminho, caminhando devagar e saboreando o colorido do outono. Quando contornou a curva final do caminho e avistou a estreita fita asfaltada, de certo modo nem se surpreendeu ao ver a empoeirada caminhoneta azul de placas do Mississípi estacionada ali como um cão muito surrado e acorrentado a uma árvore, assim como a esguia figura de John Shooter, encostada ao para-lama direito dianteiro, com os braços dobrados diante do peito.

Mort esperou que seu coração aumentasse as pulsações, esperou a injeção de adrenalina no organismo, mas o coração continuou batendo normalmente e suas glândulas não se alteraram, seguindo um conselho próprio — o qual, por enquanto, devia ser para permanecerem quietas.

O sol, que se escondera atrás de uma nuvem, apareceu novamente, e as cores outonais, que antes já eram muito vivas, pareceram agora irromper em chamas. A sombra de Mort reapareceu, escura, comprida e bem delineada. O redondo chapéu preto de Shooter pareceu mais preto, sua camisa azul ficou mais azul e o ar estava tão límpido que o homem parecia recortado de um pedaço de realidade, ainda mais vivida e mais vital do que a conhecida por Mort como norma. Compreendeu que estivera errado sobre seus motivos para não chamar Dave Newsome — errado ou talvez um tanto reticente — em seu auxílio ou em seguir o conselho de Amy. A verdade é que queria resolver ele mesmo aquele assunto. Talvez apenas para provar a mim mesmo que eu ainda POSSO resolver coisas, pensou ele, recomeçando a subir a colina, em direção a onde estava John

Shooter, encostado a seu carro e esperando por ele.

9

Sua caminhada ao longo da trilha do lago havia sido demorada e lenta. O telefonema de Amy não fora a única coisa em que Mort pensara enquanto seguia em frente ou contornava uma ocasional árvore tombada, também parando de vez em quando para atirar a ocasional pedra achatada através da água (quando garoto, tinha sido capaz de algumas façanhas em seus arremessos — o que eles chamavam de “achatadão" —

quando uma pedra ricocheteava até nove vezes na superfície da água, mas hoje, quatro vezes tinha sido o máximo que conseguiria). Mort também havia pensado na maneira de lidar com Shooter quando e se o homem aparecesse de novo.

É verdade que sentira uma culpa passageira — ou talvez não-tão-passageira — ao ver o quanto as duas histórias estavam perto de ser idênticas, mas conseguira resolvê-la; presumia que fosse apenas a culpa generalizada que de tempos em tempos sente qualquer escritor de ficção. No relativo a Shooter, os únicos sentimentos que tinha eram de irritação, raiva... e uma espécie de alívio. Mort transbordava de raiva não focalizada; estivera assim durante meses. Finalmente, era bom ter um jumento no qual pregar esta cauda podre e fedorenta.

Mort tinha ouvido o velho dito sobre como, se quatrocentos macacos martelassem em quatrocentas máquinas de escrever durante quatro milhões de anos, um deles acabaria produzindo as obras completas de Shakespeare. Era uma coisa em que não acreditava. Mesmo sendo verdade, John Shooter não era nenhum macaco e não chegara a viver tanto tempo, pouco importanto o quão sulcado de linhas fosse seu rosto.

Portanto, Shooter copiara a sua história. Por que escolhera Tempo de plantar ficava além dos poderes de conjctura de Mort Rainey, porém ele sabia que era o que tinha acontecido, após eliminar o fator coincidência. Também sabia, infernalmente bem, que embora ele próprio pudesse ter roubado essa história (como todas as demais) do Grande Banco de Idéias do Universo, com toda certeza não a roubara do Sr. John Shooter, do Grande Estado do Mississípi.

De onde, então, Shooter a copiara? Para Mort, esta era a questão mais importante; tratava-se da sua chance de acusar Shooter de impostor, e uma falcatrua podia jazer enterrada na resposta a esta pergunta.

Havia apenas duas respostas possíveis, porque Tempo de plantar havia sido publicada somente duas vezes — primeiro, na Ellery Queen's Mystery Magazine e depois em sua coletânea Todos soltam um níquel. As datas de publicação para os contos de uma coletânea geralmente ficam registradas na página do copyright, no início do livro, um formato que havia sido seguido em Todos soltam um níquel. Ele procurara a parte de agradecimentos de Tempo de plantar e descobrira que havia sido originalmente publicado no exemplar de EQMM de junho de 1980. A coletânea — Todos soltam um níquel — fora publicada pela St. Martin’s Press, em 1983 — Houvera edições subsequentes desde então — todas em capa mole, exceto uma — porém isso não importava. Tudo de que ele realmente dispunha para trabalhar eram aquelas duas datas, 1980 e 1983 — e sua própria esperançosa crença de que, com exceção dos agentes e advogados das firmas editoras, ninguém prestava muita atenção àquelas linhas em letras miúdas na página do copyright.

Esperando que isso também fosse verdadeiro em relação a John Shooter e esperando que Shooter simplesmente presumisse — como acontecia à maioria dos leitores — que uma história lida por ele pela primeira vez em uma coletânea não possuísse existência anterior, Mort aproximou-se do homem e finalmente parou diante dele, à margem da estrada.

10

— A esta altura, acho que o senhor já deve ter tido oportunidade de ler a minha história — disse Shooter, falando tão casualmente como um homem comentando o tempo.

— Tive mesmo.

Shooter assentiu com gravidade.

— Imagino que a leitura lhe disse alguma coisa, não?

— Sem dúvida — concordou Mort, em seguida perguntando, com estudada naturalidade; — Quando foi que a escreveu?

— Imaginei que fizesse essa pergunta — disse Shooter.

Esboçou uma espécie de ligeiro sorriso secreto, porém não disse mais nada. Os braços permaneceram cruzados sobre o peito, as mãos jazendo contra os lados do corpo, logo abaixo das axilas. Parecia um homem que ficaria absolutamente satisfeito em permanecer onde estava para sempre ou, pelo menos, até o sol afundar no horizonte e deixar de aquecer-lhe o rosto.

— Bem, é claro — disse Mort, ainda com naturalidade. — Compreenda, eu tenho que saber. Quando dois sujeitos aparecem com a mesma história, a coisa é séria.

— Séria — concordou Shooter, em um tom profundamente meditativo.

— E a única maneira de esclarecer-se o assunto — prosseguiu Mort —, de decidir-se quem copiou de quem, é descobrindo quem escreveu as palavras primeiro. — Mort fixou um olhar seco e descompromissado nas pupilas azul-vivo de Shooter. Perto dali, um chapim trinou em um maciço de árvores, estuante de importância, depois tornando a silenciar. — Não diria que é o correto?

— Suponho que sim — concordou Shooter. — Suponho que foi este o motivo que me levou a toda esta viagem, desde o Mississípi até aqui.

Mort ouviu o ruído de um motor aproximando-se. Os dois se voltaram naquela

direção, e o Scout de Tom Greenleaf surgiu no topo da elevação mais próxima, deixando para trás um ciclone de folhas caídas. Tom, um robusto e saudável nativo de Tashmore, com uns setenta anos e mais alguma coisa, era o zelador da maioria das propriedades que Greg Carstairs não cuidava, neste lado do lago. Tom ergueu a mão em um cumprimento quando passou, e Mort acenou de volta. Shooter afastou uma das mãos do lugar em que ela repousava e levou um dedo à aba do chapéu, em um gesto amistoso para Tom, o qual revelava, de certa forma obscura, um grande número de anos passados no campo, as incontáveis e esquecidas vezes em que cumprimentara, da mesma maneira casual, os motoristas que passavam em caminhões, tratores, secadoras e embaladoras. Então, quando Tom sumiu de vista, ele levou novamente a mão para as costelas, a fim de que os braços ficassem cruzados outra vez. Enquanto as folhas redemoinhavam para pousar na estrada, seu olhar paciente, firme e quase eterno tornou a pousar no rosto de Mort Rainey.

— Bem, o que mesmo estávamos falando? — perguntou, quase com gentileza.

— Tentávamos estabelecer a proveniência — disse Mort. — Isto significa que...

— Eu sei o que significa — replicou Shooter, dirigindo a Mort um olhar calmo e ao mesmo tempo algo beligerante. — Sei que uso roupas desprezíveis, que dirijo um veículo desprezível e venho de uma longa linha de gente desprezível, talvez isto me tomando também desprezível, mas não me torna, necessariamente, um desprezível estúpido. Um burro.

— Em absoluto — concordou Mort. — Também penso que não. Entretanto, ser inteligente, tampouco o torna necessariamente honesto. Penso que o contrário é sempre mais comum.

— Eu podia pensar o mesmo a seu respeito, se já não soubesse — disse Shooter secamente.

Mort ficou vermelho. Não gostava de ficar abalado e isto raramente acontecia, mas Shooter acabara de atingi-lo, com a natural facilidade de um atirador experiente derrubando um pombo de gesso.

Suas esperanças de encurralar Shooter desvaneceram-se. Não caíram a zero, mas baixaram muito. Inteligência e perspicácia não eram a mesma coisa, porém ele agora suspeitava que Shooter podia ter ambas. Entretanto, não fazia sentido prolongar aquela situação. Ele não queria ficar perto daquele homem por mais

tempo do que o necessário. De certa estranha maneira, ansiara por este confronto, ao convencer-se da inevitabilidade de outro confronto — talvez apenas porque isto seria uma quebra na rotina que já se tomara insípida e desagradável. Agora, no entanto, queria terminar com aquilo. Não estava mais certo de que John Shooter fosse maluco — não inteiramente, enfim —, mas achava que o sujeito podia ser perigoso. Era tão malditamente implacável! Decidiu disparar seu melhor tiro e encerrar tudo — nada mais de rodeios.

— Quando foi que escreveu sua história, Sr. Shooter?

— Talvez meu nome não seja Shooter — respondeu ele, parecendo ligeiramente divertido. — Talvez seja apenas um pseudônimo literário.

— Entendo. Qual o seu nome verdadeiro?

— Eu não afirmei que não era; apenas disse talvez. Seja como for, isso não vem ao caso.

Ele se expressava serenamente, parecendo mais interessado em uma nuvem que atravessava preguiçosamente o alto do céu azul, rumando para o sol no oeste.

— Concordo — disse Mort, — mas quando escreveu essa história, vem ao caso.

— Foi escrita há sete anos — disse ele, ainda estudando a nuvem — ela agora tocara a orla do sol e adquirira uma borda dourada. — Em 1982.

Bingo! pensou Mort. Velho bastardo vigarista ou não, ele caiu direitinho na armadilha! Claro, copiou a história da coletânea!E como Todos soltam um níquel foi publicado em 1983, ele pensou que qualquer data anterior a esta tinha que ser segura. Devia ter lido a página do copyright, o velho safado!

Mort esperou uma sensação de triunfo, mas nada aconteceu. Houve apenas um senso de alívio, porque finalmente aquele lunático podia ser mandado para o inferno, sem maiores confusões. Não obstante, ele sentia curiosidade; é a maldição da classe escrevente. Por exemplo, por que aquela particular história, uma história tão fora do andamento costumeiro que ele geralmente imprimia, tão de todo atípica? E, se o sujeito ia acusá-lo de plágio, por que escolher um conto obscuro, quando poderia ter preferido a mesma espécie de manuscrito quase idêntico, em um best-seUer como O menino que tocava realejo? Isso teria sido suculento; o de agora era quase piada.

Suponho que a escolha de uma das novelas teria dado praticamente o mesmo trabalho, pensou Mort.

— Por que esperou tanto? — perguntou. — Quero dizer, meu livro de contos foi publicado em 1983, isto é, liá seis anos. Quase sete agora.

— Por que eu não sabia — respondeu Shooter. Desviou o olhar da nuvem e estudou Mort com aquela desconcertante expressão de leve aborrecimento outra vez. — Um homem como o senhor, bem, suponho que essa espécie de homem simplesmente presume que todo mundo na América, senão em cada país onde seus livros são publicados, lê o que ele escreve.

— Sei perfeitamente como é isso, imagino — disse Mort, e foi a sua vez de mostrar-se seco.

— Só que não é verdade — prosseguiu Shooter, ignorando o que Mort havia dito, naquela sua maneira assustadoramente calma, absolutamente rígida. — Nem por sombras é verdade. Eu jamais havia visto essa história, até meados de junho. Deste junho.

Mort pensou em dizer: E sabe de uma coisa, Johnny, meu rapaz? Eu jamais tinha visto minha esposa na cama com outro homem, até meados de maio! Isso abalaria a calma de Shooter, se realmente dissesse algo semelhante em voz alta?

Observou o rosto do homem e decidiu pela negativa. A serenidade abandonara os olhos de Shooter, da maneira como o nevoeiro desaparece das colinas em um dia que promete ser de fato calorento. Agora Shooter parecia um pregador fundamentalista prestes a despejar uma vasta dose de fogo e enxofre sobre ás cabeças abaixadas de seu trêmulo rebanho, e, pela primeira vez, Mort Rainey experimentou um medo real e pessoal do indivíduo. Não obstante, continuava ainda enfurecido.

Repetia-se o pensamento que tivera, perto do final de seu primeiro encontro com “John Shooter”: com ou sem medo, raios o partissem se pretendia ficar ali parado como um imbecil, enquanto aquele homem o acusava de furto — especialmente agora que a falsidade fora revelada pela própria boca do sujeito.

— Permita-me adivinhar — disse Mort. — Uma pessoa como o senhor certamente é um tanto seletiva sobre o que lê para preocupar-se com o tipo de porcarias que escrevo. Naturalmente, prefere sujeitos como Marcel Proust e

Thomas Hardy, não é mesmo? A noite, depois de tirar o leite das vacas, acende um daqueles prestimosos lampiões de querosene usados no campo, coloca-o em cima da mesa da cozinha — que, naturalmente, está coberta por uma aconchegante toalha de xadrez vermelho e branco — e se deleita com algumas páginas de Tess ou À procura do tempo perdido. Nos fins de semana, talvez se tome menos formal, abdique de sua dignidade e saboreie um pouco de Erskine Caldwell ou Annie Dillard. Foi um amigo que lhe contou sobre como copiei seu conto honestamente burilado. Não acertei quanto ao andamento da história, Sr. Shooter... ou seja lá como se chame?

Sua voz tinha adquirido um toque áspero, e ele ficou surpreso ao perceber o quanto estava perto da fúria — total. Entretanto, reparou que isso não o deixava completamente surpreso.

— Negativo. Eu não tenho amigos. — Shooter expressou-se no tom seco do homem que apenas estabelece um fato. — Não tenho amigos, nem família ou esposa.

Possuo uma pequena propriedade a cerca de trinta quilômetros ao sul de Perkinsburg, e tenho uma toalha xadrez em minha mesa da cozinha — agora que o senhor mencionou o fato — mas em nossa cidade há luz elétrica. Somente uso lampiões de querosene, quando há uma tempestade e os cabos de energia caem.

— Que bom para o senhor — disse Mort.

Shooter ignorou o sarcasmo.

— Herdei a propriedade de meu pai e a melhorei com algum dinheiro recebido de minha avó. Tenho algum gado leiteiro, umas vinte vacas, o senhor acertou nisto também, e à noite escrevo histórias. Imagino que o senhor use um daqueles caprichados computadores com uma tela, mas eu escrevo em uma antiga máquina de escrever.

Ele ficou calado por um momento, e ambos puderam ouvir o áspero farfalhar das folhas à leve brisa de fim de tarde que havia surgido.

— Quanto à sua história ser a mesma que a minha, descobri eu mesmo. Entenda, eu estava pensando em vender a propriedade. Achei que, tendo um pouco mais de dinheiro, poderia escrever durante o dia, com a mente fresca, em vez de só depois do escurecer. O corretor de imóveis em Perkinsburg queria que eu

conhecesse um sujeito em Jackson, dono de um punhado de fazendas leiteiras no Mississípi. Não gosto de dirigir mais de vinte ou vinte e cinco quilômetros de uma só vez — fico com dor de cabeça, em especial se tenho que dirigir na cidade, porque é onde deixam todos os imbecis à solta — de maneira que tomei o ônibus. Já ia embarcar, quando recordei que nada tinha levado para ler. Odeio uma longa viagem de ônibus sem ter nada para ler. de ônibus, trem, avião ou carro — sem ter algo para ler, algo um pouco substancial do que o jornal do dia.

— Não temos estação rodoviária em Perkinsburg — os ônibus da Greyhound apenas fazem uma parada no posto Rexall durante uns cinco minutos, e o posto fica estrada abaixo. Eu já tinha entrado no ônibus, ia subir os degraus, quando percebi que tinha as mãos vazias. Perguntei ao motorista se podia aguentar a mão um pouquinho, mas ele respondeu que não podia esperar droga nenhuma, já estava atrasado, ia partir dentro de três minutos, marcados por seu relógio de bolso. Se eu estivesse com ele, então tudo bem, mas se não estivesse, então eu poderia beijar seu traseiro, quando nos víssemos outra vez.

Ele FALA como um contador de histórias, pensou Mort. E raios me partam, se não for um! Tentou rejeitar tal pensamento — não lhe parecia uma boa maneira de ficar pensando — mas foi impossível.

— Então, corri para dentro daquele bar. No posto da Rexall, em Perkinsburg, eles têm uma daquelas antigas estantes aramadas para livros de bolso, aquelas que giram em torno de um eixo, bem parecida com uma que vi no pequeno estabelecimento de artigos diversos depois de sua casa, estrada acima.

— O Bowie's?

Shooter assentiu.

— Sim, é esse o nome, isso mesmo. Voltando ao assunto, agarrei o primeiro livro que minha mão tocou. Pelo que vi da capa, podia até ser uma Bíblia de capa mole.

Só que não era. Era o seu livro de contos. Todos soltam um níquel. E, que me conste, eram os seus contos. Todos, exceto um.

Encerre isto agora! Ele começou a fumegar, portanto, tire a chaleira do fogo!

Contudo, Mort descobriu não ser o que desejava. Talvez Shooter fosse um escritor. Ele preenchia os dois requisitos principais: contava uma história que se

escritor. Ele preenchia os dois requisitos principais: contava uma história que se queria ouviraté o fim, mesmo já se tendo uma boa ideia de como seria o final, e tinha tanto assunto que precisava pô-lo para fora.

Ao invés de dizer o que deveria ter dito — que se Shooter estava dizendo a verdade, mesmo forçando-se a imaginação ao máximo para aceitar seu relato como verdadeiro, ele, Mort, passara-lhe a perna naquela historinha miserável, por dois anos

— falou apenas:

— Quer dizer então, que leu Tempo de plantar em um ônibus Greyhound, enquanto ia para Jackson a fim de vender sua fazenda, em junho passado.

— Não. Para dizer a verdade, eu li na viagem de volta. Vendi a fazenda e voltei no Greyhound com um cheque de sessenta mil dólares no bolso. Tinha lido a primeira metade de uns doze contos, na viagem de ida. Não achei que fossem grande coisa, mas deram para passar o tempo.

— Obrigado.

Shooter estudou-o brevemente.

— Eu não lhe fiz nenhum elogio real.

— E eu não sei disso?

Shooter meditou naquelas palavras por um momento, depois deu de ombros.

— Seja como for, li mais duas quando voltava... e então vi aquela. A minha história.

Ele ergueu os olhos para as nuvens, agora uma massa aérea de cintilante dourado, depois tornou a olhar para Mort. Seu rosto era inexpressivo como sempre mas, de súbito, Mort compreendeu o quanto se enganara, pensando que o homem possuísse pelo menos uma dose mínima de paz ou serenidade. O que tomara por tais coisas era o férreo manto de controle que Shooter impusera a si mesmo para não matar seu interlocutor com as mãos nuas. O rosto era desapaixonado, porém os olhos ardiam com a fúria mais profunda e mais selvagem que Mort já vira. Compreendeu que, idiotamente, deixara a trilha marginando o lago para vir ao encontro do que poderia, em realidade, ser sua

própria morte, nas mãos daquele indivíduo. Ali estava um homem louco o bastante — em todo o sentido da palvara — para cometer um assassinato.

— Fico surpreso por ninguém ter associado aquela história ao senhor antes — ela não é como qualquer das outras. Nem de longe.

A voz de Shooter ainda pemanecia contida, porém Mort a percebeu como a voz de alguém esforçando-se ao máximo para não explodir, atacar, estrangular; a voz de alguém sabendo que o único incentivo para transpor o limite entre falar e matar seria ouvir a própria voz começando a espiralar agudamente, nos registros do ódio ludibriado; a voz de alguém sabendo o quão fatalmente fácil seria tomar-se ele próprio um linchador.

Subitamente, Mort teve a sensação de estar em um quarto escuro, entrecruzado de fios da grossura de um cabelo, todos eles conduzindo a cargas de potentes explosivos. Era difícil acreditar que, apenas momentos antes, julgara-se no controle da situação. Seus problemas — Amy, a incapacidade para escrever — agora assemelhavam-se a figuras sem importância, em uma paisagem insignificante. Em certo sentido, tinham deixado de ser problemas. Ele agora enfrentava apenas um problema, que era o de permanecer vivo o suficiente para chegar em casa, inclusive vivo o suficiente para ver o sol esconder-se no poente.

Abriu a boca e tornou a fechá-la. Nada havia que ousasse dizer, não agora. O aposento estava cheio de fios letais.

— Fico muito surpreso — repetiu Shooter, naquela voz pesada, que, mesmo agora, soava como uma paródia de tranquilidade.

Mort ouviu-se dizer:

— Minha esposa... Ela não gostou da história. Ela disse que era diferente de tudo quanto eu já escrevera antes.

— Como foi que a conseguiu? — perguntou Shooter, em voz lenta e furibunda.
—

Aí está o que eu gostaria de saber. Como, diabo, um escritor capaz de ganhar tanto dinheiro como o senhor foi até uma cidadezinha de merda no Mississípi e roubou minha maldita história? Eu também gostaria de saber por que fez isso, a menos que tenha igualmente roubado todas as outras, mas, no momento, eu ficaria satisfeito em saber apenas o motivo.

ficaria satisfeito em saber apenas o motivo.

A monstruosa injustiça da acusação forçou o retorno da raiva de Mort, como uma sede não saciada.

— Pare com isso! — exclamou rispidamente.

— Parar com isso? — perguntou Shooter, fitando-o com uma espécie de desconcertado espanto. — Parar com isso? Diabo, o que quer dizer com parar com isso?

— O senhor disse que escreveu sua história em 1982 — disse Mort. — Creio ter escrito a minha em fins de 1979 — Não recordo a data exata, mas sei que foi publicada a primeira vez em junho de 1980. Em uma revista. Passei-lhe à frente em dois anos, Sr. Shooter ou seja lá que nome tenha. Se alguém aqui tem uma acusação de plágio a fazer, sou eu!

Mort não viu, precisamente, o homem mover-se. Em um momento, estavam parados junto ao carro de Shooter, encarando-se; no seguinte, ele se viu pressionado contra a porta do motorista, com as mãos de Shooter em torno de seus braços, e o rosto dele pressionando contra o seu, testa com testa. Entre aquelas duas posições, havia somente uma embaçada sensação de primeiro ter sido agarrado, em seguida rodopiado.

— Está mentindo! — disse Shooter, e em seu hálito havia um seco bafo de canela.

— Uma merda que estou! — disse Mort, atirando-se para diante, contra o peso que o pressionava.

Shooter era forte, certamente quase mais forte do que Mort Rainey, porém Mort era mais jovem, mais pesado, e tinha a velha caminhoneta azul contra a qual firmar-se. Conseguiu livrar-se das mãos que o prendiam e empurrar Shooter, que deu dois ou três passos para trás.

Agora, ele vai cair em cima de mim, pensou Mort. Embora nunca mais houvesse tido uma briga tipo você-me-puxa-eu-empurro-você de pátio escolar, desde o quarto grau, ficou pasmo ao perceber o quanto sua mente estava nítida e fria. Vamos resolver a tapas o caso dessa idiota e maldita história. Enfim, tudo bem; de qualquer modo, eu não tinha mais nada para faze r hoje.

Entretanto, nada disso aconteceu. Shooter ergueu as mãos, olhou para elas, viu que estavam crispadas em punhos... e as forçou até abri-las. Mort viu o esforço feito pelo homem para recuperar o controle e sentiu uma espécie de respeito. Shooter levou uma das mãos abertas à boca, enxugou os lábios com a palma, muito devagar, deliberadamente, e disse:

— Prove isso!

— Perfeitamente. Venha até a casa comigo. Eu lhe mostrarei o registro na página de copyright do livro.

— Não — disse Shooter. — O livro não me interessa. O livro não me interessa nem um pouco! Eu quero ver a história! Mostre-me a revista que publicou a história a fim de que eu mesmo possa lê-la.

— Não tenho a revista aqui.

Mort ia dizer mais alguma coisa, porém Shooter virou o rosto para o céu e soltou uma gargalhada. O som era tão seco como um machado cortando madeira em pequenos gravetos.

— Não tem! — exclamou. A fúria ainda ardia e bailava em seus olhos, mas ele parecia controlado novamente. — Não tem, claro, aposto que não tem!

— Escute — disse Mort. — Habitualmente, esta é uma casa para onde eu e minha mulher gostamos de vir apenas no verão. Tenho exemplares de meus livros aqui também, mas fui igualmente publicado em muitas revistas — artigos e ensaios, assim como contos. Essas revistas ficam na casa onde residimos o resto do ano. A que temos em Derry.

— Então, por que o senhor não está lá? — perguntou Shooter.

Nos olhos dele, Mort leu a descrença e uma exasperante satisfação — evidentemente, Shooter esperara que ele quisesse tirar o corpo fora e, claro, imaginava-o fazendo precisamente isso. Ou tentando fazer.

— Estou aqui, porque... — Mort interrompeu-se. — Como sabia que eu estava aqui?

— Apenas olhei nas costas do livro que comprei — disse Shooter, e Mott poderia ter dado um tapa na testa de frustração e súbita compreensão.

poderia ter dado um tapa na testa de frustração e súbita compreensão.

Claro — havia uma foto dele na contracapa das edições encadernada e em brochura de Todos soltam um níquel. Havia sido tirada pela própria Amy, sendo um excelente instantâneo. Ele ficava em primeiro plano, a casa surgia a meia distância e o lago Tashmore fazia o fundo. A legenda dizia apenas, Morton Rainey em sua casa na região oeste do Maine. Assim, Shooter viera à região do Maine e, com certeza, não tivera que visitar muitos bares e/ou drugstores de cidades pequenas, antes de encontrar alguém que dissesse, "Mort Rainey? Diabo, sim! Ele tem uma propriedade em Tashmore. Aliás, é meu amigo pessoal!"

Bem, de qualquer modo, isso dava resposta a uma pergunta.

— Estou aqui porque eu e minha esposa nos divorciamos — explicou. — O divórcio acabou de ser homologado. Ela ficou em Derry. Em outro ano qualquer, nesta época a casa daqui estaria fechada.

— Hum-hum — disse Shooter. Seu tom de voz deixou Mort novamente furioso.

Você está mentindo, insinuava aquele tom, mas neste caso não importa muito. Eu já sabia que ia mentir. Afinal de contas, o que você mais sabe é mentir, certo? —

Seja como for, eu o teria encontrado em uma casa ou na outra.

Seu olhar ardente fixou-se em Mort.

— Eu o encontraria, mesmo que se mudasse para o Brasil!

— Acredito — disse Mort —, mas mesmo assim continua equivocado. Ou querendo iludir-me. Eu lhe farei a cortesia de acreditar que é apenas um equívoco, porque me parece sincero...

Oh, Deus, não ele!

— ... mas acontece que publiquei essa história dois anos antes do que disse tê-la escrito.

Viu aquele lampejo de loucura nos olhos de Shooter novamente, apenas um segundo, logo extinguindo-se. Não extinto, mas contido, da maneira como um

homem poderia conter um cachorro de maus botes.

— Disse que a tal revista está em sua outra casa, não?

— Exatamente.

— E que essa revista publicou sua história?

— Isso mesmo.

— E que a data da revista é junho de 1980?

— Certo.

Inicialmente, Mort ficara impaciente com aquela laboriosa catequização (havia uma longa e reflexiva pausa antes de cada pergunta), mas agora sentia uma leve esperança: era como se seu oponente procurasse conscientizar-se do que lhe fora dito... uma verdade, pensou, que parte de “John Shooter” devia ter sabido o tempo todo, já que não era coincidência a similaridade quase exata entre as duas histórias.

Mort acreditava nisto firmemente, porém surgira a ideia de que talvez Shooter não tivesse memória consciente de ter cometido o plágio. Sim, porque o sujeito, sem a menor dúvida, era claramente um lunático.

Não sentia tanto receio como antes, vendo o ódio e a fúria dançando nos olhos de Shooter, como o reflexo do incêndio descontrolado em um celeiro. Ao empurrá-lo para libertar-se, ele cambaleara para trás, levando-o a pensar que, se houvesse luta, provavelmente conseguiria enfrentar Shooter... ou o derrubaria ao chão.

Fosse como fosse, era melhor que a situação não tivesse chegado a tais extremos.

De um modo curioso, implausível, Mort começava a sentir certa pena dele.

Nesse ínterim, esse cavalheiro prosseguia firme em sua rota.

— Essa outra casa — aquela que sua esposa tem agora — também fica aqui no Maine?

— Fica.

— E ela está lá agora?

— Está.

Houve uma pausa muito mais prolongada desta vez. De maneira curiosa, Shooter fazia Mort evocar um computador, processando uma forte enxurrada de dados. Por fim, ele disse:

— Eu lhe dou três dias.

— É muita generosidade sua — disse Mort.

O longo lábio superior de Shooter distendeu-se para trás, revelando dentes tão regulares que não poderiam ser outra coisa senão uma dentadura encomendada pelo reembolso postal.

— Não deboche de mim, filho — disse ele. — Estou esforçando-me ao máximo para não perder o controle, consegui sair-me muito bem até agora, mas...

— Você! — gritou Mort para ele. — E quanto a m im ? Isto é inacreditável! Um sujeito surge de lugar nenhum e, simplesmente, faz a mais séria acusação que um homem pode fazer a um escritor. No entanto, quando lhe digo que tenho a prova de que se enganou ou está mentindo através de seus malditos dentes, começa a elogiar-se por conseguir manter o controle! Inacreditável!

As pálpebras de Shooter baixaram, dando-lhe um ar tímido.

— Prova? — exclamou ele. — Não vi prova nenhuma. Apenas o ouvi falar nisso, mas falar não é prova.

— Eu lhe disse! — gritou Mort. Sentia-se impotente, como um homem tentando esmurrar teias de aranha. —Expliquei tudo isso!

Shooter encarou Mort por um longo momento, depois se virou e enfiou a mão pela vidraça aberta do carro.

— O que vai fazer? — perguntou Mort, em voz tensa.

Agora sentia a adrenalina inundando seu organismo, preparando-o para lutar ou

fugir... provavelmente este último, caso Shooter pretendesse apanhara enorme arma que, de repente, ele via no olho da imaginação.

— Só vou pegar meus cigarros — disse Shooter. — Não se assuste.

Quando retirou o braço de dentro do carro, tinha um maço vermelho de Pall Mali na mão. Apanhara-o no porta-luvas.

— Quer um?

— Tenho os meus — disse Mort, carrancudo, tirando o envelhecido maço de L&M do bolso sob o blusão de flanela vermelha.

Os dois acenderam os cigarros, cada um de seu respectivo maço.

— Se continuarmos assim, vamos acabar brigando — disse Shooter finalmente. — E eu não desejo isso.

— Deus do céu, nem eu!

— Uma parte sua está querendo — contradisse Shooter. Por baixo das pálpebras descidas ele continuava a estudar Mort, com aquela expressão de timidez caipira.

— Uma parte sua não quer outra coisa. Contudo, não acho que esteja querendo brigar apenas por minha causa ou minha história. O senhor deve ter outro marimbondo debaixo das cobertas que o deixa todo irritado — e é isso que torna isto mais difícil.

Uma parte sua quer brigar, mas há uma coisa que não entende: se nós dois começarmos a brigar, isto só vai acabar quando um ou outro estiver morto.

Mort buscou indícios de que Shooter estivesse exagerando em busca de efeito, mas nada descobriu. De repente, sentiu frio ao longo da base da espinha.

— Assim, eu lhe darei três dias. Ligue para sua ex e peça a ela que lhe mande a revista que publicou sua história, se é que tal revista existe mesmo. Eu voltarei. Não há revista nenhuma, claro; creio que nós dois sabemos disto. Entretanto, o senhor me parece um homem que precisa de certo tempo para pensar bastante.

Olhou para Mort com uma desconcertante expressão de piedade.

— Não pensava que alguém o pegasse em flagrante, não? — perguntou. — Sim, não pensava mesmo!

— Se eu lhe mostrar a revista, irá embora? — perguntou Mort. Estava falando para si mesmo, mais do que para Shooter. — Em realidade, acho que eu quero saber é se isso vale ou não a pena.

Shooter abriu bruscamente a porta do carro e deslizou para trás do volante. Mort achou algo amedrontadora a rapidez com que o homem conseguia mover-se.

— Três dias. Use-os da maneira que quiser, Sr. Rainey!

Ligou o motor. Ele pegou, com o rouco resfolegar característico de válvulas precisando de uma vistoria, enquanto o cheiro acre do óleo queimado, escapando do velho cano de descarga, poluía o ar da tarde que se extinguia.

— O certo é o certo e o justo é o justo. A primeira coisa a fazer é conscientizar-se de que eu realmente o peguei, que o senhor não pode esquivar-se desta confusão da maneira como provavelmente andou esquivando-se das confusões que provocou a vida inteira. Esta é a primeira coisa.

Ele olhou inexpressivamente para Mort pela janela do motorista.

— A segunda coisa — disse — é o motivo real da minha vinda.

— Qual é? — Mort ouviu-se perguntar.

Era estranho e mais do que ultrajante, porém sentia aquele senso de culpa esgueirando-se inapelavelmente para dentro de si, como se de fato houvesse feito a coisa de que era acusado por aquele rústico lunático.

— Mais tarde falaremos a respeito — disse Shooter, fazendo a mudança em seu antiquado veículo. — Nesse meio tempo eu gostaria que pensasse sobre o que é direito e o que é justo.

— Você é doido varrido! — bradou Mort, mas Shooter já rodava pela Alameda do Lago em direção ao ponto em que se ligava à Rota 23.

Ele ficou espiando até a caminhoneta desaparecer de vista. Depois começou a caminhar lentamente de volta para casa. Sentia-se cada vez mais mentalmente vazio à medida que se aproximava dela. A raiva e o medo tinham desaparecido.

Estava com frio, cansado e sentindo falta de um casamento que não existia mais e que, agora começava a parecer-lhe, jamais chegara a existir de fato.

11

O telefone começou a tocar quando ele estava a meio caminho, ao longo da entrada para a garagem, que descia íngrime da Alameda do Lago até a casa. Mort começou a correr, sabendo que não chegaria a tempo, mas correndo assim mesmo, xingando-se por sua tola reação. E falar-se dos cães de Pavlov!

Ele tinha aberto a porta de tela e agora se via às voltas com a maçaneta da porta interna quando o telefone silenciou. Entrou, fechou a porta e olhou para o telefone em cima de uma mesinha, uma peça de antiquário que Amy descobrira em um bricabraque de Mechanic Falls. Naquele momento era fácil imaginar o telefone retribuindo-lhe o olhar com estudada e mecânica impaciência: Não me pergunte, chefe — eu não produzo a notícia, apenas a transmito. fletiu que devia comprar um daqueles aparelhos que recebem recados... ou talvez não. Pensando bem, o telefone dificilmente era sua engenhoca favorita. Quando as pessoas querem realmente falar conosco, cedo ou tarde tornam a ligar.

Preparou um sanduíche e um prato de sopa, para então descobrir que não lhe apeteciam. Sentia-se solitário, infeliz e ligeiramente contaminado pela maluquice de John Shooter. Não ficou muito surpreso ao perceber que a soma de tais sentimentos dava-lhe sonolência. Começou a lançar olhares ansiosos para o sofá.

Está bem, sussurrou uma voz interior. No entanto, lembre-se — você pode fugir, mas não esconder-se. Esta merda ainda estará aqui quando acordar.

Mort decidiu que era a pura verdade, mas enquanto estivesse dormindo tudo desaparecia, iria embora, sumiria misericordiosamente. A única coisa que se pode dizer definitivamente sobre soluções a curto prazo, é que são melhores do que nada.

Resolveu telefonar para casa (sua mente persistia em pensar na residência de Derry como “lar”, e desconfiava que tal circunstância ainda demoraria bastante a mudar), pedir a Amy que encontrasse o exemplar da EQMM que publicara "Tempo de plantar" e enviar-lhe a revista pela mala expressa. Então, passaria umas duas horas no sofá. Poderia acordar lá pelas sete, iria para o estúdio revigorado e escreveria um pouco mais de asneiras.

Se continuar pensando assim, não escreverá nada mais senão asneiras, censurou a voz interior.

— Foda-se! — respondeu-lhe Mort.

Até onde ele percebia, uma das poucas vantagens de morar sozinho era que podia falar consigo mesmo em voz alta, sem ninguém por perto preocupando-se com uma possível loucura ou algo semelhante.

Erguendo o fone, ele discou o número de Derry. Ouviu os costumeiros cliques da ligação interurbana sendo feita, seguidos pelos mais irritantes dos sons telefônicos: o pim-pim-pim de um aparelho ocupado. Amy falava ao telefone com alguém, e, quando ela pegava embalo a conversa podia durar horas. Talvez dias.

— Oh, foda-se, foda-se! — exclamou Mort, recolocando o fone no gancho com tal estardalhaço, que a campainha retiniu fracamente.

Muito bem — e agora, homenzinho?

Ele supôs que poderia ligar para Isabelle Fortin, que morava do outro lado da rua, mas de repente pareceu-lhe demasiado trabalho, além de uma desagradável conversa social. Isabelle já estava tão enfronhada em seu rompimento com Amy, que faria qualquer coisa para não ouvir lamúrias domésticas. Por outro lado, já passava de cinco da tarde — em realidade, a revista só iniciaria sua viagem postal entre Derry e Tashmore na manhã seguinte, pouco importando a que horas fosse posta hoje no correio. Tentaria ligar para Amy mais tarde, ao anoitecer, e se o telefone dela continuasse soando ocupado, em outro telefonema (ou ainda no mesmo), ligaria para Isabelle, dando-lhe o recado. Por ora o canto de sereia do sofá na sala de estar era demasiado sedutor para ser ignorado.

Mort desligou a tomada do telefone — quem tentara ligar para ele enquanto descia a entrada da garagem teria que esperar um pouco mais, faz favor e obrigado — e trotou para a sala de estar.

Ajeitou as almofadas na posição familiar, uma atrás da cabeça e outra atrás do pescoço, depois espiou para o lago, onde o sol se punha, no final de uma longa e espetacular esteira dourada. Jamais me senti tão solitário e tão absolutamente infeliz em toda a minha vida, pensou, com certo espanto. Então, as pálpebras se fecharam devagar sobre os olhos ligeiramente injetados de sangue, e Mort Rainey, que ainda viria a descobrir o que significava o verdadeiro horror, pegou no sono.

12

Ele sonhou que estava em uma sala de aulas.

Era uma sala de aulas familiar, embora não soubesse dizer por que motivo. Estava naquela sala com John Shooter. Shooter segurava um saco de mantimentos na dobra do braço. Tirou uma laranja do saco e a fez saltar pensativamente na mão, para cima e para baixo. Olhava na direção de Mort, mas não para ele; seu olhar parecia fixar-se em algo além do ombro de Mort. Virando-se, Mort viu uma parede acinzentada de concreto, um quadro-negro e uma porta com uma vidraça fosca na metade superior. Após um momento, conseguiu decifrar o que via escrito de trás para diante no vidro fosco.

BEM-VINDO À ESCOLA DE CONTRATEMPOS,

dizia. O escrito no quadro-negro era mais lacil de ler.

TEMPO DE PLANTAR

Um conto de Morton Rainey, dizia.

De repente, algo passou voando, rente acima do ombro de Mort, por pouco não lhe acertando a cabeça. A laranja. Enquanto Mort recuava, ela atingiu o quadro-negro, esborrachou-se com um nauseante som de coisa partida, salpicando seu recheio sobre o que fora escrito ali.

Ele se virou para Shooter. Pare com isso! gritou, em voz trêmula e reprovadora.

Shooter tornou a enfiar a mão na saca. O que há? perguntou ele em tom calmo e taciturno. Não reconhece laranjas de sangue quando as vê? Que espécie de escritor é você?

Lançou mais uma. A laranja esmagou-se, formando uma placa purpúrea através do nome de Mort e começou a escorrer lentamente, parede abaixo.

Chega! gritou Mort, mas Shooter enfiou novamente a mão no saco de mantimentos, de maneira lenta, inapelável. Seus dedos compridos e nodosos enterraram-se na casca da laranja que apanhou; o sangue começou a deslizar pela casca da fruta em compridas gotículas.

Chega!Já chega! Por favor! Basta! Eu admito, admito qualquer coisa, tudo que quiser, se parar com isto! Tudo que quiser, se parar com isto! Se...

13

— ... parar com isto, se parar com...

Ele estava caindo.

Mort agarrou-se à beira do sofá no momento exato para evitar uma curta, mas provavelmente dolorosa viagem ao piso da sala de estar. Rolou para o encosto do sofá e ficou ali quieto por um momento, agarrado às almofadas, tremendo e tentando captar os esfarrapados finais do sonho.

Era algo sobre uma sala de aula, laranjas de sangue e a escola de contratempos.

Mesmo isto ia desaparecendo, e o resto já se fora. Fosse o que fosse, no entanto, tinha sido real. Demasiadamente real.

Por fim ele abriu os olhos, mas bem pouco de valor havia a ver; dormira muito, o sol se pusera há bastante tempo. Mort sentia-se terrivelmente rígido, especialmente na base do pescoço, e isto o levava a desconfiar que estivera adormecido pelo menos quatro horas, talvez cinco. Tateou cuidadosamente o trajeto ao interruptor da luz da sala de estar, conseguindo evitar a mesinha octogonal com tampo de vidro, para variar (Mort tinha a impressão de que ela era semi-senciente, costumando mudar ligeiramente a posição depois do escurecer, para melhor dar-lhe caneladas), e então foi ao corredor principal, esperando ligar para Amy outra vez. A caminho, consultou o relógio. Dez e quinze da noite. Dormira cerca de cinco horas... e aquela não era a primeira vez. E nem pagaria pelo sono, virando-se e revirando-se na cama a noite inteira, insone. A julgar pela experiência passada, dormiria assim que pousasse a cabeça no travesseiro da cama.

Ergueu o fone, momentaneamente perplexo com o silêncio total em seu ouvido, mas então recordou que retirara as presas da maldita coisa. Puxou o fio por entre os dedos até chegar à tomada, ligou-a de novo à parede... e fez uma pausa. Dali podia espiar pela janelinha à esquerda da porta. Isto lhe permitia um ângulo de visão do alpendre dos fundos, onde o misterioso e desagradável Sr. Shooter largara o manuscrito na véspera, preso por uma pedra. Também podia ver o gabinete para a lata de lixo, e havia alguma coisa em cima dele — em realidade, duas coisas. Uma coisa branca e a outra escura. A escura tinha uma aparência asquerosa; por um amedrontador segundo, Mort pensou que uma aranha

gigantesca estivesse agachada ali.

Deixou cair o fio do telefone e acendeu apressadamente a luz do alpendre. Então, houve um intervalo de tempo — ele não saberia dizer quanto durou e nem se preocupava em saber — em que foi incapaz de qualquer outro movimento.

A coisa branca era uma folha de papel — uma folha de papel para datilografia, perfeitamente comum, tamanho carta. Embora o gabinete da lata de lixo ficasse a uns bons cinco metros de distância de onde Mort se encontrava, as poucas palavras impressas no papel, em grandes traços, podiam ser lidas sem dificuldade. Imaginou que Shooter devia ter usado um lápis de grafite extremamente macia ou um pedaço de carvão para artista. LEMBRE-SE DE QUE TEM **3** DIAS, dizia a mensagem. NÃO ESTOU BRINCANDO,

A coisa negra era Bump. Aparentemente, Shooter quebrara o pescoço do galo antes de pregá-lo ao teto do gabinete do lixo com uma chave de fenda do galpão de ferramentas do próprio Mort.

14

Ele não percebeu que havia rompido a paralisia que o acometera. Em um momento, estava petrificado no corredor, ao lado da mesa do telefone, espiando para o bom e velho Bump, do qual parecia ter brotado um cabo de chave de fenda do meio do peito, onde havia uma mecha de pêlo branco — chamada por Amy de babador do Bump. No momento seguinte, estava no centro do alpendre, com o vento gélido da noite mordendo-lhe a pele através da camisa fina, enquanto ele tentava olhar para seis diferentes partes ao mesmo tempo.

Forçou-se a parar. Shooter se fora, é claro. Daí por que deixara a mensagem. Aliás, ele não parecia o tipo de biruta que se divertiria apreciando o medo e horror evidentes de Mort. Era biruta, sem dúvida, mas provinha de uma árvore diferente.

Simplesmente utilizara Bump, usara-o contra Mort, da maneira como um fazendeiro de quarenta e tantos anos usaria uma alavanca em uma pedra teimosa. Nada havia de pessoal nisto; era apenas um trabalho que tinha de ser feito.

Então, pensou na aparência dos olhos de Shooter aquela tarde, e estremeceu violentamente. Não, a coisa era estritamente pessoal. Em todos os sentidos, era algo pessoal.

— Ele acredita que o plagiei — sussurrou Mort para a fria noite na zona oeste do Maine, e as palavras lhe saíram em migalhas, mordidas pelos dentes castanholantes.

— O louco filho da puta acredita mesmo nisso.

Aproximou-se do gabinete do lixo. Seu estômago revirou-se, como um cachorro executando um truque. Um suor frio lhe brotou na testa, e ele não teve certeza de poder cuidar do que precisava ser cuidado. A cabeça de Bump estava virada muito para a esquerda, emprestando-lhe uma grotesca e indagadora aparência. Seus dentes, pequeninos, regulares e afiados como agulhas, estavam à mostra. Havia um pouco de sangue em torno da lâmina da chave de fenda, no ponto onde se enterrara em seu (babador) pêlo, mas não muito. Bump fora um gato amistoso; se Shooter chegasse perto, ele não se afastaria. Era justamente o que Shooter devia ter feito, pensou Mort, e enxugou o doentio suor da testa. Pegara o gato, quebrara-lhe o pescoço entre os dedos, como se fosse um pauzinho de

pirulito, e então o pregara ao teto inclinado do gabinete do lixo. Tudo isto enquanto Mort Rainey dormia, se não o sono do justo, aquele do negligenciado.

Mort amassou a folha de papel, enfiou-a no bolso traseiro e depois pôs a mão no peito de Bump. O corpo, ainda não rijo e nem mesmo totalmente frio, escorregou sob sua mão. O estômago revirou-se de novo, mas ele forçou a outra mão a fechar-se em torno do cabo de plástico amarelo da chave de fenda e a libertá-la.

Atirou a chave de fenda no alpendre e segurou o pobre e velho Bump na mão direita, como um punhado de trapos. Agora, seu estômago estava em queda livre, simplesmente rolando, rolando e rolando. Ergueu uma das duas tampas no topo do gabinete do lixo e a firmou no grampo que a prendia, impedindo que a pesada tampa caísse sobre os braços ou cabeça de quem estivesse depositando lixo no interior. Ali dentro havia três latas de lixo enfileiradas. Mort levantou a tampa da lata do meio e depositou delicadamente o corpo de Bump dentro dela. Ele ficou estirado sobre um saco verde-oliva de plástico para biscoitos, como uma estola de peles.

Mort estava francamente furioso com Shooter. Se o homem tivesse aparecido na entrada da garagem nesse segundo, Mort atacaria sem pensar — haveria de atirá-lo ao chão e esganá-lo, se pudesse.

Fácil — isso realmente É contagioso.

Talvez fosse. E talvez ele não ligasse. Não se tratava apenas de Shooter haver liquidado seu único companheiro naquele solitário outubro na casa junto ao lago; havia também o fato de tê-lo feito enquanto ele dormia, e de uma tal maneira que o bom e velho Bump se tornara um objeto de repulsa, algo que dificilmente conteria o vômito.

Pior do que tudo, era ele ter sido forçado a colocar seu apreciado gato em uma lata de lixo, como se fosse qualquer coisa imprestável.

Vou enterrá-lo amanhã. Lá naquele trecho macio, à esquerda da casa. Com vista para o lago.

Sim, mas esta noite, Bump jazeria em situação indigna, sobre um saco de plástico, no gabinete do lixo, porque um homem — certo filho da puta demente — podia estar lá fora, e esse homem tinha uma questão sobre uma história sobre a qual Mort Rainey nem mesmo havia pensado nos últimos cinco anos, mais ou

menos. O homem era louco e, em resultado, Mort temia sepultar Bump esta noite, pois, com ou sem mensagem, Shooter podia estar lá fora.

Eu quero matá-lo! E se o maldito filho da mãe imprensar-me demais, sou bem capaz de tentar!

Entrou em casa, fechou a porta e a trancou. Depois caminhou deliberadamente por todos os cômodos, trancando portas e janelas. Feito isto, retornou à janela junto à porta do alpendre e espiou pensativamente para a escuridão. Podia ver a chave de fenda caída sobre as tábuas do piso e o escuro buraco redondo feito por ela, quando Shooter a fincara na tampa direita do gabinete do lixo.

Imediatamente, recordou que estivera prestes a tentar uma ligada para Amy outra vez.

Ligou a tomada na parede. Discou rapidamente, seus dedos pressionando as velhas e familiares teclas que representavam o lar, enquanto perguntava a si mesmo se devia contar a Amy sobre Bump.

Houve uma pausa singularmente longa após os cliques preliminares. Ele ia desligar, quando ouviu um clique final — tão alto, que quase parecia um baque — seguido por uma voz robô, informando que o número ligado não estava funcionando.

— Maravilhoso! — murmurou. — Que diabo você fez, Amy? Usou o telefone até gastá-lo?

Apertou a tecla de desligar, pensando que deveria ligar para Isabelle Fortin, afinal de contas, e enquanto forçava a memória pelo número dela o telefone retiniu em sua mão.

Foi então que Mort percebeu o quanto estava tenso. Um leve grito esganiçado escapou-lhe da boca e ele recuou, largando o fone, que caiu ao chão, para em seguida quase tropeçar no maldito banco que Amy comprara e colocara ao lado da mesa do telefone, um banco que absolutamente ninguém havia usado, a não ser ela própria.

Estendendo a mão, agarrou-se à estante de livros, com isto evitanto uma queda.

Então, tornando a pegar o fone, perguntou:

— Alô? É você, Shooter?

Naquele momento, quando lenta e inexoravelmente o mundo inteiro virava de cabeça para baixo, ele não imaginava quem mais poderia ser.

— Mort? — Era Amy, e ela quase gritava. Mort conhecia o tom perfeitamente, daqueles dois últimos anos de casamento. Era de frustração ou fúria, talvez o último.

— Mort, é você? Por Deus, é você? Mort? M...

— Sim, sou eu — respondeu ele, de repente sentindo um cansaço extraordinário.

— Diabo, onde foi que esteve? Estou tentando ligar para aí nas últimas três horas!

— Dormindo — respondeu ele.

— Você retirou a tomada da parede! — Amy falava naquele tom fatigado, mas acusador, de quem já vivera a mesma situação antes. — Se quer saber, desta vez escolheu um excelente momento para fazer isso, campeão!

— Tentei ligar para você por volta das cinco...

— Eu estava na casa de Ted.

— Bem, havia alguém lá — disse ele. — Talvez...

— O que quer dizer com havia alguém lá? — perguntou ela, a voz vibrando como uma rápida chicotada. — Quem é que estava lá?

— Droga, como é que vou saber, Amy? Quem está em Derry é você, lembra-se?

Você em Derry, eu em Tashmore. Sei apenas que o telefone estava ocupado quando tentei ligar para você. Se estava na casa de Ted, então presumo que Isabelle...

— Ainda estou na casa de Ted — disse ela, e agora sua voz era estranhamente sem entonação. — Acho que ficarei na casa dele por bastante tempo daqui em diante, querendo ou não. Alguém incendiou nossa casa, Mort! Alguém a incendiou até os alicerces!

Então, subitamente, Amy começou a chorar.

15

Mort estava tão obcecado por John Shooter que sua suposição imediata, enquanto permanecia entorpecidamente em pé no corredor da única residência Rainey que restava, com o telefone colado ao ouvido, foi de que Shooter incendiara a casa.

Motivo? Claro que existe um motivo, policial. Ele queimou a casa, uma edificação vitoriana restaurada, valendo 800.000 dólares, para eliminar uma revista. Para ser preciso, a Ellery Queen's Mystery Magazine; exemplar de junho de 1980.

Ora, mas teria sido Shooter? Certamente não. A distância entre Deny e Tashmore passava dos cento e cinquenta quilômetros, e o corpo de Bump ainda estava momo e flexível, o sangue em volta da chave de fenda pegajoso, não de todo seco.

Se ele se apressasse...

Oh, quer parar com isso? Daqui a pouco estará acusando Shooter por seu divórcio e achando que tem dormido dezesseis horas em cada vinte e quatro porque Shooter está colocando Phenobarb em sua comida. E depois disso? Você pode começar a escrever cartas para o jornal, dizendo que o rei da cocaína na América é um cavalheiro residente em Traseiro do Corvo, Mississípi, chamado John Shooter. Que ele matou Jimmy Hoffa, sendo casualmente o famoso segundo atirador que disparou contra Kennedy, do outeiro gramado, èm novembro de 1963. Sim, o homem é louco... mas você acha mesmo que ele dirigiu cento e cinquenta quilômetros para o norte e massacrou sua maldita casa a fim de eliminar uma revista? Especialmente quando devem existir exemplares dessa revista por toda a América, ainda hoje? Fale sério!

Bem, mas ainda assim... se ele fosse rápido...

Não. Isto era ridículo. Não obstante, Mort percebeu de repente que não seria capaz de mostrar sua maldita prova ao homem, seria? Não, a menos que...

O estúdio ficava nos fundos da casa; eles haviam adaptado o que um dia havia sido o sótão do galpão de carruagens.

Amy disse ele.

— Amy — disse ele.

— É tão horrível! — soluçou ela. — Eu estava em casa de Ted, e Isabelle ligou... ela disse que havia pelo menos cinco viaturas dos bombeiros lá... mangueiras jorrando água... bandos de gente... intrometidos... curiosos... você sabe como detesto gente que aparece para bisbilhotar a casa, mesmo quando não está pegando fogo...

Ele precisou morder com força a parte interna das bochechas a fim de conter uma estrondosa gargalhada. Rir agora seria o pior que podia fazer, talvez a coisa mais cruel, porque ele sabia. Seu sucesso na atividade escolhida, após anos de luta, havia sido algo grandioso e recompensador para ele; por vezes, sentia-se como um homem que abriu caminho através de uma selva perigosa, onde a maioria dos outros aventureiros perecia, e tinha ganho um prêmio fabuloso pela façanha. Amy ficara satisfeita por ele, pelo menos no começo, mas para ela houvera uma amarga marginalidade: a perda de sua identidade, não somente como uma pessoa particular, mas como uma pessoa em separado.

— Sim, eu sei — disse, o mais delicadamente que pôde, ainda mordendo as bochechas, contra a gargalhada que ameaçava explodir. Se risse, seria pela infeliz escolha do fracasso de Amy, mas ela não entenderia assim. Durante os anos de vida em comum, muitas vezes Amy interpretara mal suas risadas. — Sim, eu sei, meu bem.

Conte-me o que aconteceu.

— Alguém incendiou a nossa casa! — exclamou Amy, lacrimosamente. — Foi isso que aconteceu!

— A perda foi total?

— Sim. Quem disse foi o chefe dos bombeiros. — Mort podia ouvi-la engolindo em seco, tentando controlar-se, mas então as lágrimas fluíram novamente. — Ela q-q-queimou to-to — toda!

— Inclusive meu estúdio?

— Foi o-onde o f-fogo co-começou! — fungou ela. — Pelo menos, o chefe dos bombeiros disse que eles acham ter sido lá. E combina com o que Patty viu.

— Patty Champion?

Os Champion moravam na casa à direita da dos — Rainey; os dois lotes eram separados por uma flleira de teixos, que tinham crescido lenta e desordenadamente no correr dos anos.

— Exatamente. Espere um momento, Mort.

Ele ouviu uma espécie de forte buzinada quando Amy assoou o nariz. Quando ela voltou a falar, parecia mais composta.

— Patty estava levando o cachorro para dar uma volta, como disse aos bombeiros.

Foi pouco depois de escurecer. Quando passava por nossa casa, viu um carro parado sob o pórtico. Então, ouviu uma explosão no interior e viu fogo na janela grande de seu estúdio.

— E reparou que espécie de carro era? — perguntou Mort.

Sentiu a náusea na boca do estômago. À medida que digeria a notícia, o caso John Shooter começava a minguar em tamanho e importância. Não se tratava apenas do maldito exemplar da EQMM de junho de 1980, mas de quase todos os seus manuscritos; não apenas os já publicados, mas também os incompletos, a maioria de suas primeiras edições, suas edições publicadas em idiomas estrangeiros, os exemplares de seus colaboradores.

Oh, mas isto era apenas o começo. Haviam perdido seus livros, aproximadamente quatro mil volumes. Todas as roupas de Amy deviam ter-se incendiado, se o prejuízo fora tão grande como ela dizia, assim como o mobiliário antigo que colecionara — às vezes com ajuda dele, mas principalmente sozinha — tudo agora seria apenas cinzas e fragmentos. As jóias dela e os documentos pessoais de ambos — apólices de seguro, etc. — certamente estariam a salvo (o cofre escondido nos fundos do closet do andar de cima era, presumia-se, à prova de fogo), mas os tapetes turcos teriam virado cinza, mais ou menos mil videoteipes seriam montes derretidos de plástico, o equipamento audiovisual... as roupas dele... as fotos que possuíam, milhares delas...

Deus do céu, e a primeira coisa em que pensara tinha sido a maldita revista!

— Não — dizia Amy, em resposta à pergunta que ele quase esquecera haver feito, ao perceber o quanto devia ser enorme a perda pessoal ela não saberia dizer que tipo de carro era. Imaginou que alguém teria usado um coquetel Molotov ou coisa assim. Por causa da maneira como o fogo subiu pela janela, logo depois de ouvir vidraças se quebrando. Patty disse que começou a subir a entrada para a garagem, mas então a porta da cozinha se abriu e um homem correu para fora. Bruno começou a latir para ele, mas Patty ficou assustada e o puxou para trás, embora quase lhe arrancasse a correia da mão.

“Então, o homem entrou no carro e ligou o motor. Acendeu os faróis, Patty disse que quase a cegaram. Levantou o braço para proteger os olhos, e o carro saiu de baixo do pórtico em disparada... foi o que ela disse... precisou espremer-se contra nosso gradil da frente da casa, e puxou Bruno com toda a força que pôde, pois do contrário o homem o teria atropelado. Então, ele chegou ao fim da entrada da garagem e disparou rua abaixo, a toda velocidade.”

— E ela nunca chegou a ver que espécie de carro era?

— Não. Primeiro porque estava escuro. Depois, quando o fogo começou a brilhar pela janela de seu estúdio, os faróis a ofuscaram. Ela correra para casa e chamou os bombeiros. Isabelle diz que eles chegaram depressa, mas você sabe o quanto nossa casa é... era... antiga, e... com que rapidez a madeira seca pega fogo... especialmente quando se usa gasolina...

Sim, ele sabia. Antiga, seca, cheia de madeira, a casa teria sido o sonho erótico de um incendiário. Certo, mas quem? Se não tinha sido Shooter, quem? Tão terrível notícia, chegando no final dos eventos daquele dia, como sobremesa hedionda, após uma desagradável refeição, paralisara quase inteiramente sua aptidão para pensar.

— Ele disse que provavelmente foi gasolina... o chefe dos bombeiros, quero dizer... foi quem chegou lá primeiro, mas depois apareceu a polícia e eles ficaram fazendo perguntas, Mort, principalmente sobre você... sobre inimigos que você poderia ter... inimigos... e eu respondi que não achava que você t-tivesse algum inimigo... tentei responder a todas as perguntas que me fizeram...

— Tenho certeza de que você agiu da melhor maneira possível — disse ele, gentilmente.

Amy continuou falando como se não o tivesse ouvido, falando em arquejos, sem

fôlego, como um operador de telégrafo que relatasse notícias calamitosas da maneira como eram recebidas.

— Eu nem mesmo sabia como dizer a eles que estávamos divorciados... e, claro, eles não sabiam... foi Ted quem finalmente disse para eles... Mort... a Bíblia de minha mãe... estava no quarto, na mesa de cabeceira... nela havia fotos de minha família...

e... e era a única coisa... a única coisa dela que eu t-t-tinha...

A voz dela dissolveu-se em soluços de infelicidade.

— Estarei aí de manhã — disse ele. — Se sair daqui às sete, posso chegar aí pelas nove e meia. Talvez às nove, agora não há mais o trânsito do verão. Onde vai passar a noite? Em casa de Ted? '

— Sim — fungou ela. — Sei que você não gosta dele, Mort, mas não sei o que teria sido de mim esta noite sem ele... como eu poderia enfrentar tudo isso... entenda...

todas aquelas perguntas...

— Então, fico satisfeito por você ter contado com ele — respondeu Mort com firmeza. Achou francamente espantosa a calma em sua voz, a civilização. — Cuide-se, Amy. Está com suas pílulas?

Amy usava um tranquilizante, receitado durante os últimos seis anos do casamento, mas só o tomava quando tinha que viajar de avião... ou, Mort recordava, quando ele tinha que cumprir alguma função pública. Do tipo requerendo a presença do Cônjuje Indicado.

— Estavam no armário de remédios — disse ela, em voz opaca. — Enfim, não tem importância. Não estou estressada. Apenas profundamente deprimida.

Mort quase lhe disse que acreditava estarem ambos sentindo a mesma coisa, mas decidiu ficar calado.

— Estarei aí o mais cedo que puder — disse. — Se você acha que adiantará alguma coisa eu ir esta noite...

— Não — disse ela. — Aonde nos encontraremos? Em casa de Ted?

De repente, imprevistamente, ele viu sua mão segurando uma chave-mestra de camareira. Viu a chave girando na fechadura da porta de um quarto de motel. Viu a porta abrindo-se. Viu os rostos surpresos acima do lençol, Amy à esquerda, Ted Milner à direita. O sono desarrumara a aparência dos cabelos sempre ajeitados dele, e Mort o achou um pouco semelhante ao Alfalfa, nos antigos temas curtos dos Pequenos Malandros. Ver os cabelos de Ted em sonolentos anéis parecidos a saca-rolhas, como nesse momento, também fez com que o homem lhe parecesse real pela primeira vez. Ele tinha visto o medo e os ombros nus dos dois. De repente, quase ao acaso, pensou: Uma mulher capaz de realmente roubar o seu amor, quando esse amor era tudo quanto...

— Não — respondeu ele. — Não em casa de Ted. O que me diz daquele barzinho na Rua Witcham?

— Preferiria que eu fosse sozinha?

A voz dela não soava zangada, mas pronta para ficar zangada. Como a conheço bem, pensou. Cada movimento, cada elevação ou baixa no tom de voz, cada volteio de frase. E como ela deve conhecer-me bem!

— Não — respondeu. — Leve Ted. Será ótimo.

Não seria ótimo, é claro, mas ele podia conviver com isto. Pelo menos, achava que podia.

— Às nove e meia, então — disse Amy, e Mort podia percebê-la murchando um pouco. — No Marchmans.

— É esse o nome do tal bar?

— Sim — Marchman’s Restaurant.

— Certo. Às nove e meio ou um pouco mais. Se eu chegar primeiro, farei uma marca de giz na porta...

— ... e eu a apagarei, se chegar primeiro — disse ela, completando o velho dito jocoso.

Os dois riram um pouco. Mort descobriu que até o riso era dolorido. Os dois se conheciam, é verdade. Não era isto um resultado dos anos de convivência? E a dor não era tão infernalmente ruim, porque a gente descobrira que aqueles anos

dor não era tão infernalmente ruim, porque a gente descobrira que aqueles anos todos não apenas terminariam, mas haviam terminado?

De repente, ele pensou na mensagem que encontrara presa a uma das tampas do gabinete do lixo. LEMBRE-SE DE QUE TEM 3 DIAS. NÃO ESTOU BRINCANDO. Mort pensou em dizer , Por aqui também já tive a minha dosezinha de problemas, Amy,

mas percebeu que não poderia acrescentar isso à carga presente dos aborrecimentos dela. O problema era seu, pessoal.

— Se isso tivesse acontecido mais tarde, pelo menos você teria salvo as suas coisas

—ela estava dizendo. — Não gosto de pensar em todos aqueles manuscritos que deve ter perdido, Mort. Se tivesse providenciado aquelas gavetas à prova de fogo dois anos atrás, quando Harb as sugeriu, talvez...

— Não creio que isso importe — replicou ele. — Tenho o manuscrito da nova novela aqui comigo. — Sim, claro que tinha. Todas aquelas nojentas e imprestáveis quatorze páginas. — O resto que vá para o inferno. Vejo-a amanhã, Amy, eu...

(a amo)

Mort fechou os lábios, antes que as palavras saíssem. Estavam divorciados.

Poderia continuar a amá-la? Era algo que quase parecia perverso. E, mesmo que a amasse, teria o direito de falar?

— Não imagina o quanto lamento tudo isto — foi o que disse.

— Eu também, Mort. Sinto muitíssimo.

Ela recomeçara a chorar. Agora, ele podia ouvir alguém — uma mulher, provavelmente Isabelle Fortin — consolando-a.

— Procure dormir um pouco, Amy.

— Você também.

Ele desligou. Imediatamente, a casa pareceu muito mais silenciosa do que já

Ele desligou. Imediatamente, a casa pareceu muito mais silenciosa do que já estivera em qualquer das outras noites em que ficara ali sozinho; Mort nada mais ouvia além do vento noturno sussurrando ao redor dos beirais e, a muita distância, o grito de um mergulhão no lago. Tirou a mensagem do bolso, alisou o papel e tornou a ler. Era o tipo de coisa que, segundo se presume, deve ser guardada para a polícia.

De fato, era o tipo de coisa em que nem se deveria tocar enaquanto a polícia não tivesse uma chance de fotografá-la e, com seus feitiços, fazê-la funcionar. Aquilo era — rufem os tambores e soem seus clarins, por favor — uma EVIDÊNCIA.

Bem, que se foda! pensou Mort, tornando a amassar o papel. Nada de polícia. Dave Newsome, o policial-chefe do lugar, provavelmente sentia dificuldade em lembrar o que comera no café da manhã, quando chegasse a hora do almoço, e Mort não podia imaginar-se levando o assunto ao conhecimento do xerife do condado ou da Polícia Estadual. Alínal de contas, não era como se alguém houvesse tentado contra sua vida; o gato que lhe pertencia fora morto, porém um gato não era uma pessoa. E, na esteira das devastadoras notícias relatadas por Amy, John Shooter simplesmente não era mais importante. Ele era um dos Caras Birutas, tinha um parafuso de menos e podia ser perigoso... porém Mort se sentia cada vez mais inclinado a manejar o assunto sozinho, mesmo se Shooter fosse perigoso. Especialmente se ele fosse perigoso.

A casa de Derry tinha prioridade sobre John Shooter e suas idéias malucas. Tinha prioridade, inclusive, sobre quem praticara a façanha — Shooter ou qualquer outro idiota, movido por vingança, por algum problema mental ou as duas coisas. A casa e — ele supunha — também Amy. Ela estava visivelmente abalada, nada havia de mais em oferecer-lhe o conforto que estivesse ao seu alcance. Talvez ela até...

Mort fechou à mente a qualquer especulação sobre o que Amy pudesse fazer.

Naquela estrada, ele nada mais via além de sofrimento. Era melhor acreditar que a estrada estava fechada para sempre.

Entrou no quarto, tirou a roupa e se deitou com as mãos sob a nuca. O mergulhão tornou a piar, desesperado e distante. Ocorreu-lhe novamente que Shooter podia estar lá fora, espreitando, o rosto um círculo pálido, por baixo do singular chapéu preto. Shooter era demente e, embora houvesse usado as mãos e uma chave de fenda em Bump, isto não eliminava a possibilidade de que ainda

uma chave de fenda em Bump, isto não eliminava a possibilidade de que ainda pudesse ter uma arma.

De qualquer modo, Mort não pensava que Shooter estivesse lá fora, com ou sem arma.

Telefonemas, pensou. Terei que dar dois pelo menos, a caminho de Derry. Um para Greg Carstairs e outro para Herb Creekmore. Se eu partir às sete, será cedo demais para ligar daqui, mas poderia usar um dos telefones públicos no pedágio de Augusta...

Virou-se sobre o lado do corpo pensando que, esta noite, demoraria bastante a dormir... mas então o sono o envolveu em uma onda negra e uniforme, e se alguém veio espioná-lo enquanto dormia, ele nunca soube.

16

O despertador acordou-o às seis e quinze. Levou meia hora sepultando Bump no trecho arenoso entre a casa e o lago, e por volta de sete horas já estava rodando, justamente como planejara. Já percorrera dezesseis quilômetros da estrada e encaminhava-se para Mechanic Falls, movimentada metrópole consistindo de uma fábrica de tecidos, fechada em 1970, cinco mil almas e um pisca-pisca amarelo no cruzamento das Rotas 23 e 7, quando percebeu que seu velho Buick estava ficando sem gasolina. Parou no posto Bill’s, da Chevron, maldizendo-se por não ter verificado os indicadores de painel antes de partir — se atravessasse Mechanic Falls sem reparar o quanto o ponteiro estava baixo, poderia ter pela frente uma boa caminhada e acabaria chegando tarde ao encontro com Amy.

Foi ao telefone público na parede enquanto o frentista tentava encher o tanque insaciável do Buick. Do bolso traseiro esquerdo tirou a surrada caderneta de endereços e discou o número de Greg Carstairs. Achou que ainda o pegaria em casa, sendo tão cedo, e estava certo.

— Alô?

— Olá, Greg — Aqui é Mort Rainey.

— Olá, Mort. Estou sabendo que anda com problemas em Derry, hein?

— Exato — disse Mort. — Estava no noticiário?

— No Canal 5.

— O que você achou?

— O que eu achei?

Mort pestanejou... mas se tinha que ouvir aquilo de alguém, ficou satisfeito por ter sido Greg Carstairs. Era um simpáitco ex-hippie de cabelos compridos, que se convertera a alguma seita religiosa um tanto obscura — os Swedenborgianos, talvez — não muito depois de Woodstock. Tinha esposa e dois filhos, um de sete e outro de cinco anos; até onde Mort podia dizer, toda a família era tão desligada como o próprio Greg. As pessoas ficavam tão acostumadas ao leve, mas permanente sorriso do homem, que ele parecia despido nas raras ocasiões em que não sorria.

que não sofria.

— A coisa foi feia, não?

— Isso mesmo — disse Greg, com simplicidade. — Deve ter subido como um foguete. Eu sinto muito, cara, de verdade.

— Obrigado. Estou indo para lá agora, Greg. Parei aqui, em Mechanic Falls, para telefonar. Pode me fazer um favor durante minha ausência?

— Se está falando do telhado, acho que as telhas chegarão em...

— Não, não se trata disso. É outra coisa. Houve um sujeito me enchendo a paciência nos últimos dois ou três dias. Um biruta. Alega que roubei uma história escrita por ele há seis ou sete anos. Quando respondi que escrevera minha versão da mesma história antes da data que alegou ter escrito a sua, acrescentando que podia provar-lhe, ficou danado da vida. Esperei nunca mais tornar a vê-lo, mas não tive tanta sorte. Esta noite, enquanto eu dormia no sofá, ele matou meu gato.

— Bump? — Greg parecia ligeiramente assustado, uma reação que, em qualquer outra pessoa, seria uma furiosa surpresa. — Ele matou Bump?

— Exatamente.

— Falou com Dave Newsome a respeito?

— Não, e nem vou falar. Quero resolver este caso sozinho, se for possível.

— O sujeito não parece ser nada pacifista, Mort.

— Matar um gato fica a uma longa distância de matar um homem, Greg — disse Mort — , e penso que saberei manejar o sujeito melhor do que Dave.

— Bem, você poderia ter alguma dificuldade, mas talvez desse certo — concordou Greg. — Dave está indo mais devagar depois que fez setenta. O que posso fazer por você, Mort?

— Eu gostaria de saber onde o sujeito está hospedado, antes de mais nada.

— Como é o nome dele?

— Não sei. O nome na história que me mostrou era John Shooter, mas ele bancou o esperto a esse respeito, disse-me que poderia ser um pseudônimo. Acho que seja mesmo — soa como um pseudônimo. De qualquer modo, duvido que o sujeito se tenha registrado com esse nome, se estiver hospedado em algum motel da área.

— Como é a aparência dele?

— Deve ter um e oitenta de altura, quarenta e tantos anos. O rosto parece curtido pelo sol — tem rugas em torno dos olhos e linhas descendo pelos cantos da boca, como se o queixo estivesse entre parênteses.

Enquanto Mort falava, o rosto de “John Shooter” flutuou em sua consciência com incrível nitidez, como o de um espírito nadando em direção à encurvada superfície da bola de cristal de um médium. A carne arrepiou-se no dorso de suas mãos e ele estremeceu um pouco. No meio de seu cérebro, uma voz insistia em murmurar que ele cometia um equívoco ou enganava Greg deliberadamente.

Shooter era perigoso, sem dúvida. Não precisaria ver o que ele fizera a Bump para saber disso. Tinha visto nos olhos de Shooter, na tarde do dia anterior. Então, por que bancava o vigilante?

Porque, respondeu outra voz, mais profunda, com uma espécie de perigosa firmeza. Apenas porque, eis tudo!

A voz no meio do cérebro rebelou-se novamente, preocupada: Você está querendo machucá-lo? Tudo se resume nisto? Pretende machucá-lo?

A voz mais profunda não respondeu. Permaneceu em silêncio.

— A descrição se aplica a metade dos fazendeiros daqui — estava dizendo Greg, desconfiado.

— Bem, há mais dois detalhes que podem ajudá-lo na identificação — disse Mort.

— O sujeito é sulista — tem um sotaque que se nota a um quilômetro. Usa um enorme chapéu preto — acho que de feltro — de copa redonda. Mais ou menos como aqueles usados pelos Amish, entende? Dirige uma caminhoneta Ford azul, de começos ou meados dos anos sessenta. Com chapas do Mississípi.

— Bem, já está melhor. Farei perguntas por aí. Se este estiver na área, alguém saberá onde. Chapas de outros estados dão na vista nesta época do ano.

— Eu sei. — Algo mais cruzou sua mente, de súbito. — Poderia começar perguntando a Tom Greenleaf. Eu falava com esse Shooter ontem, na Alameda do Lago, a cerca de meio quilômetro de minha casa. Tom apareceu em seu Scout. Acenou para nós quando passava e nós dois acenamos de volta. Ele deve ter tido tempo para uma boa espiada no sujeito.

— Tudo bem. Provavelmente o encontrarei no Bowie's, se passar lá para um café, por volta das dez.

— O tal Shooter também deve estar lá — disse Mort. — Sei disso, poque ele mencionou aquela prateleira giratória para livros. É um dos modelos antigos.

— E se eu descobrir-lhe o paradeiro, o que faço?

— Nada — disse Mort. — Não faça nada. Ligarei para você à noite. Amanhã de noite devo estar de volta na casa do lago. Não sei que diabo posso fazer em Derry, a não ser revirar as cinzas.

— E quanto a Amy?

— Ela tem um cara — disse Mort, tentando não parecer crítico, mas parecendo, talvez por isso mesmo. — Imagino que a próxima providência dela terá que ser resolvida pelos dois.

— Oh... Sinto muito.

— Não é preciso — disse Mort.

Olhou para as ilhas das bombas de gasolina, viu que o frentista terminara de encher seu tanque e agora lavava o pára-brisa do Buick, uma visão que ele esperara nunca mais testemunhar na vida.

— Você fala em lidar com o sujeito sozinho... está mesmo certo de ser isto que quer fazer?

— Sim, acho que estou — disse Mort.

Ele hesitou, de súbito compreendendo o que, com certeza, passava pela mente de

Greg: se encontrasse o homem de chapéu preto e, em decorrência Mort saísse machucado, o responsável seria ele, Greg.

— Ouça, Greg... Se quiser, poderá acompanhar-me quando eu for falar com o sujeito.

— Sim, eu faria justamente isso — disse Greg, aliviado.

— O que ele quer é uma prova — disse Mort —, portanto, tenho apenas que mostrá-la a ele.

— Você disse que tinha a prova.

— Sim, mas parece que ele não aceitou somente a minha palavra. Acho que precisarei enfiar-lhe a prova na cara para que ele me deixe em paz.

— Oh! — Greg pensou no que ouvira. — O cara é mesmo doidão, hein?

— Pode apostar que sim.

— Bem, verei se consigo encontrá-lo. Ligue para mim à noite.

— Ligarei. E, obrigado, Greg.

— Não é nada. Uma variação é tão boa quanto um descanso.

— Assim dizem...

Mort despediu-se de Greg e consultou o relógio. Eram quase sete e meia, ainda cedo demais para falar com Herb Creekmore, a menos que pretendesse tirá-lo da cama, porém o caso não era urgente. Uma parada no pedágio de Augusta resolveria.

Encaminhou-se para o Buick, enfiando a caderneta de endereços no bolso e pegando a carteira de notas. Perguntou ao frentista quanto era a despesa.

— São setenta e dois e cinquenta, com desconto para pagamento a dinheiro — disse o rapaz, e então olhou timidamente para Mort. — Seria possível dar-me o seu autógrafo, Sr. Rainey? Tenho todos os seus livros.

Isso fez Mort pensar novamente em Amy e em como ela odiava os caçadores de

autógrafos. Ele próprio não os entendia, mas não via mal algum em quererem seu autógrafo. Para Amy, eles pareciam representar um aspecto da vida de ambos que cada vez considerava mais detestável. Já chegando ao fim, ele se encolhia intimamente sempre que alguém lhe fazia essa pergunta em presença dela. Por vezes, quase podia senti-la pensando: Se você me ama, por que não os IMPEDE? Como se fosse possível, pensou ele. Seu ofício era escrever livros que pessoas como este rapaz quisessem ler... ou, pelo menos, assim encarava a questão. Quando teve êxito nesse oficio, eles passaram a querer autógrafos.

Garatujou seu nome para o frentista, no verso de um talão de crédito (afinal de contas, o rapaz lavara realmente seu pára-brisa) e refletiu que se Amy o tinha censurado por fazer algo de que eles gostavam — e decidiu que ela assim havia agido, em algum nível de que talvez não tivesse percepção — então supunha ser culpado.

De qualquer modo, este era apenas o jeito como ele era, a sua maneira de ser.

O certo era o certo, afinal de contas, justamente como havia dito Shooter. E o justo era o justo.

Mort entrou em seu carro e rodou para Derry.

17

Ele pagou seus setenta e cinco centavos na praça do pedágio de Augusta, depois entrou no pátio de estacionamento, perto dos telefones, no extremo oposto. O dia era ensolarado, frio e ventoso — vindo do sudoeste, da direção de Litchfield e varrendo a área plana e aberta em que ficava a praça do pedágio, aquele vento era forte o suficiente para provocar lágrimas nos olhos de Mort. Ainda assim, sentiu-se aliviado. Quase podia senti-lo soprando a poeira para fora dos aposentos dentro de sua cabeça, os quais tinham ficado fechados e de persianas descidas por tempo demais.

Usou seu cartão de crédito para falar com Herb Creekmore em Nova Iorque — o apartamento, não o escritório. De fato, Herb só estaria em James e Creekmore, a agência literária de Mort Rainey, dentro de mais ou menos uma hora. Entretanto, Mort conhecia Herb por tempo suficiente para imaginar que o homem, a esta altura, provavelmente já havia tomado uma ducha e estava bebendo uma xícara de café enquanto esperava que o vapor se levantasse do espelho do banheiro, para poder barbear-se.

Teve sorte esta segunda vez. Herb respondeu em um tom de voz do qual já desaparecera a maioria da sonolência. Será que esta manhã está tudo a meu favor?

pensou Mort, sorrindo em meio ao cortante vento de outubro. Através de quatro pistas de rodovia, viu homens providenciando anteparos contra a neve, em preparação para o inverno que jazia logo acima do horizonte do calendário.

— Olá, Herb — disse. — Estou ligando para você de um telefone público na praça do pedágio de Augusta. Meu divórcio foi homologado, minha casa em Derry queimou até os alicerces a noite passada, um maluco matou o meu gato e aqui fora está mais frio do que a fivela do cinto de um cavador de poços — acha que é pouca diversão?

Ele não percebera o quanto sua lista de infortúnios parecia absurda, senão ao sp t ouvir recitando-a em voz alta, e quase começou a rir. Céus, fazia um frio dos diabos ali fora, mas não estava bom? Não provocava uma sensação de limpeza?

— Mort? — perguntou Herb cautelosamente, como se desconfiando de alguma brincadeira de mau gosto.

— Um seu criado — respondeu Mort.

— Que negócio é esse sobre sua casa?

— Vou contar, mas apenas uma vez. Tome notas, se quiser, porque pretendo estar dentro de meu carro antes de congelar e ficar grudado a este telefone.

Mort começou por John Shooter e pela acusação que ele lhe fizera. Encerrou com a conversa tida com Amy, na noite anterior. Herb havia passado bastante tempo como hóspede de Mort e Amy (Mort supunha que ficara profundamente chocado com o divórcio deles), de maneira que expressou sua surpresa e pesar com o sucedido à casa em Derry. Perguntou se Mort tinha alguma ideia de quem fizera tal coisa. Mort respondeu que não tinha.

— Não suspeita desse tal Shooter? — perguntou Herb. — Entendi o significado do gato ter sido morto apenas pouco antes de você acordar, mas...

— Acho que poderia ser tecnicamente possível e não elimino inteiramente a hipótese — disse Mort —, mas tenho um bocado de dúvidas. Talvez seja apenas por não compreender como um homem incendiaria toda uma casa de vinte e quatro aposentos somente para livrar-se de uma revista. Entretanto, acho que penso assim, principalmente por ter conhecido o homem. Ele acredita realmente que lhe roubei a história, Herb. Quero dizer, ele não tem dúvidas quanto a isto. Quando lhe disse que podia mostrar-lhe uma prova, sua atitude foi de “Vá em frente, filho da mãe, dê-me essa satisfação!”

— Bem... você ligou para a polícia, não?

— Sim, fiz uma ligação esta manhã — disse Mort.

Embora tal afirmação pouco tivesse de verídica, não era uma mentira completa.

Ele fizera uma ligação esta manhã. Para Greg Carstairs. Entretanto, se explicasse isto a Herb Creekmore a quem podia visualizar sentado na sala de estar de seu apartamento em Nova Iorque, vestindo bem talhadas calças de tweed e uma camiseta sem mangas que pretendia manejar esse assunto sozinho, tendo apenas o apoio de Greg, duvidava que ele compreendesse. Herb era um bom amigo, porém tinha algo de um estereótipo: Homem Civilizado, modelo flm-do-século-vinte, cortês e urbano. Era o tipo de indivíduo que acreditava em aconselhamento. O tipo de indivíduo que acreditava em meditação e mediação.

O tipo de indivíduo que acreditava em discussão quando a razão estava presente, e na delegação imediata do problema a Pessoas em Autoridade, quando ela estava ausente. Para Herb, o conceito de que às vezes um homem precisava fazer o que um homem precisava fazer, tinha o seu lugar... mas seu lugar era nos filmes estrelados por Sylvester Stallone.

— Oh, ainda bem! — Herb parecia aliviado. — Você já tem o suficiente em seu prato para ainda preocupar-se com algum neurótico do Mississípi. Se eles o encontrarem, o que pretende fazer? Vai acusá-lo por tê-lo importunado?

— Eu preferia convencê-lo a desistir dessa representação de importunar-me e pegar a estrada de volta — disse Mort.

Persistia o seu senso de eufórico otimismo, tão injustificado, porém indubitavelmente real. Imaginava que em breve se estatelaria, mas por enquanto, não conseguia parar de sorrir. Assim, enxugou com o punho do casaco o nariz que escorria, e continuou sorrindo. Esquecera o bem que fazia ter um sorriso grudado no beijador.

— Como fará isso?

— Com a sua ajuda, espero. Você tem arquivos de meu material, não?

— Tenho, mas...

— Bem, preciso que separe o exemplar da Ellery Queen’s Mystery Magazine de junho de 1980. Aquele em que foi publicado “Tempo de plantar”. Não posso usar o meu devido ao incêndio, portanto...

— Eu não o tenho — disse Herb suavemente.

— Não o tem? — Mort pestanejou. Aí estava uma coisa que não esperava. — Por que não?

— Porque só me tomei seu agente dois anos depois de 1980. Tenho pelo menos um exemplar de tudo que eu vendi para você, mas essa é uma das histórias que vendeu pessoalmente.

— Oh, merda!

Mentalmente, Mort podia ver os agradecimentos por “Tempo de plantar” em

Todos soltam um níquel. Em sua maioria, os outros agradecimentos continham a linha “Reimpresso com permissão do autor e dos agentes do autor, James e Creekmore”. O referente a “Tempo de plantar” (e mais duas ou três histórias da coletânea), dizia apenas, “Reimpresso por permissão do autor”.

— Sinto muito — disse Herb.

— É claro que eu mesmo cuidei disso — recordo ter escrito a carta da indagação antes de apresentar a história. Acontece que tenho a sensação de você ter sido sempre o meu agente. — Mort deu uma risadinha, depois acrescentou: — Sem ofensa.

— Eu sei — respondeu Herb. — Quer que eu ligue para a EQMM? Eles devem possuir exemplares antigos.

— Você faria isso? — perguntou Mort, agradecido. — Seria ótimo!

— Será minha primeira providência hoje. Apenas... — Herb fez uma pausa.

— Apenas o quê?

— Prometa que não irá enfrentar esse sujeito por conta própria assim que tiver um exemplar da história impressa em seu poder.

— Está prometido — concordou Mort prontamente.

Voltava a ser dissimulado, mas que diabo — havia pedido a Greg que o acompanhasse no encontro com Shooter, e Greg concordara, portanto, ele não estaria sozinho. Por outro lado, Herb Creekmore era seu agente literário, não seu pai. Em realidade, a forma como manejaria aquele assunto não era da conta de Herb.

— Tudo bem — disse Herb. — Eu cuidarei disso. Ligue para mim ao chegar em Derry, Mort — talvez a coisa não seja tão ruim quanto parece.

— Eu gostaria de acreditar nisso.

— E não acredita?

— Infelizmente, não.

— Está bem! — suspirou Herb. Então, em tom confidencial, acrescentou: — Posso pedir-lhe que dê recomendações minhas a Amy?

— Claro. Eu as darei.

— Ótimo. Agora, siga viagem e saia do vento, Mort. Posso ouvi-lo sibilando no telefone. Você deve estar congelando.

— Estou quase. Obrigado mais uma vez, Herb.

Ele desligou e ficou um momento olhando pensativamente para o telefone. Havia esquecido que o Buick precisava de gasolina, o que não tinha tanta importância, mas também esquecera que Herb Creekmore só passara a ser seu agente em 1982, e isso não era tão sem importância assim. Imaginou que os esquecimentos fossem devido à demasiada pressão. Isto fazia um homem desejar saber o que mais podia ter esquecido.

A voz em sua mente, não a do meio do cérebro, mas aquela das camadas mais profundas, falou de repente: E quanto ao roubo da história, antes de mais nada?

Talvez você tenha esquecido isto!

Mort soltou uma risada, enquanto voltava apressadamente para o carro. Jamais estivera no Mississípi em sua vida, e, mesmo agora, às voltas com um bloqueio de escritor, sentia-se muito longe de apelar para o plágio. Deslizou para trás do volante e ligou o motor, refletindo que a mente de uma pessoa de vez em quando certamente cria alguma estranha merda.

18

Mort não acreditava que as pessoas — mesmo as que tentavam ser razoavelmente honestas consigo mesmas — soubessem quando certas coisas chegavam ao fim. Em sua opinião, era frequente elas continuarem acreditando — ou tentando acreditar — mesmo quando a escrita não constava apenas na parede, mas aparecia em letras garrafais o bastante para serem lidas a cem metros de distância, sem necessidade de binóculos. Se fosse algo com que o indivíduo se preocupasse realmente, algo de que sentia carência, seria fácil trapacear, fácil confundir a própria vida com a televisão e convencer-se de que o considerado tão errado eventualmente se tornaria certo... com certeza, depois da próxima pausa para o comercial. Ele supunha que, sem sua grande capacidade para enganar a si mesma, a raça humana seria ainda mais louca do que já era.

Entretanto, por vezes a verdade vinha à tona e, se a pessoa tentava conscientemente pensar ou sonhar em torno daquela verdade, os resultados podiam ser devastadores: era como estar presente quando um vagalhão rugia, não por cima de um dique lhe entorpecendo o caminho, mas através dele, destruindo-o e também destruindo a pessoa.

Mort Ralney experimentou uma dessas cataclísmicas manifestações divinas após a partida dos representantes da polícia e do Corpo de Bombeiros quando ele, Amy e Ted Milner ficaram sozinhos e caminharam lentamente em torno das ruínas fumegantes da verde casa vitoriana que existira no número 92 da Rua Kansas, durante cento e trinta e seis anos. Foi enquanto faziam a enlutada excursão inspecionadora que ele adquiriu a convicção de que seu casamento com a anteriormente Amy Dowd, de Portland, Maine, estava acabado. Aquilo não era um “período de tensão conjugal”.

Não era uma “separação experimental”. Não seria um daqueles casos de que ouvimos falar volta e meia, quando as duas partes voltam atrás em sua decisão e tomam a casar-se. Terminara. A vida em comum deles dois era história. Mesmo a casa em que haviam partilhado tão bons momentos não passava de vigas carbonizadas malignamente, caídas no buraco do porão, como os dentes de um gigante.

O encontro programado para o Marchman’s, o pequeno bar da Rua Witcham, transcorrera normalmente. Amy o abraçara, ele retribuíra o abraço, mas quando tentou beijá-la na boca ela virou decididamente a cabeça para um lado, e os

lábios dele encontraram apenas a face dela. Beijinho-beijinho, como dizem nas festinhas de escritório. Foi um prazer ver você, meu bem.

Ted Milner, com os cabelos perfeitamente penteados e no lugar aquela manhã, sem um só anelado em saca-rolha de Alfalfa à vista, sentou-se à mesa no canto, observando-os. Apegava-se ao cachimbo que Mort vira preso entre seus dentes nas várias festas durante os aproximadamente três últimos anos. Mort estava convencido que que o cachimbo era uma afetação, um pequeno acessório, empregado para dar a seu dono uma aparência de ter mais anos do que em realidade tinha. E quantos anos seriam? Mort não tinha certeza, mas Amy contava trinta e seis, e ele calculava que Ted, em seus impecáveis jeans stone-washed e camisa J. Press aberta ao peito, teria no mínimo menos quatro anos, possivelmente mais. Ele se perguntou se Amy saberia que dentro de uns dez anos — talvez até cinco — enfrentaria problemas por causa disso, mas então refletiu que, para sugerir isto a ela, seria preciso um homem que não o ex-marido.

Quis saber se havia alguma novidade. Amy respondeu que não havia. Então, Ted começou a falar, com um leve sotaque sulista, bem mais brando do que a voz anasalada de John Shooter. Disse a Mort que o chefe dos bombeiros e um tenente do Departamento de Polícia de Derry iriam encontrá-los no que Ted denominou “o local”. Eles queriam fazer algumas perguntas a Mort. Mort disse que estava tudo bem.

Ted perguntou-lhe se gostaria de uma xícara de café — ainda havia tempo. Mort repetiu que estava tudo bem. Ted quis saber como ele estava. Mort usou a expressão “tudo bem” outra vez. A cada vez que dizia isso, ele se sentia mais miserável. Amy observava a troca de palavras entre eles com certa apreensão, e Mort compreendia isso. No dia em que descobrira os dois juntos na cama, tinha dito a Ted que o mataria.

De fato, talvez houvesse dito algo sobre matar os dois. As recordações dele sobre o evento eram bastante vagas. Mort desconfiava que as deles também o fossem. Não sabia sobre os dois outros pontos do triângulo, mas ele próprio descobrira que recordações difusas eram, não apenas compreensíveis como misericordiosas.

Tomaram café. Amy fez perguntas sobre “John Shooter". Mort disse achar que a situação estava sob controle. Não falou em gatos, mensagens ou revistas. Após algum tempo, saíram do Marchman’s e foram para a Rua Kansas, 92, onde um

algum tempo, saíram do Marchman's e foram para a Rua Kansas, 32, onde um dia houvera uma casa em vez de um local.

O chefe dos bombeiros e o detetive da polícia estavam lá, segundo o prometido, também havendo perguntas, igualmente como o prometido. Em sua maioria, as perguntas eram sobre alguém que pudesse odiá-lo o suficiente para lançar um coquetel Texaco em seu estúdio. Se Mort estivesse sozinho, deixaria o nome Shooter inteiramente fora de questão, mas naturalmente Amy o mencionaria, caso ficasse calado. Assim, relatou o encontro inicial, exatamente como acontecera.

Wickersham, o chefe dos bombeiros, perguntou:

— O sujeito estava muito irritado?

— Sim, estava.

— Irritado o bastante para dirigir até Derry e incendiar sua casa? — perguntou Bradley, o detetive da polícia.

Mort tinha quase certeza de que Shooter não fizera aquilo, mas tampouco queria aprofundar-se muito em seus breves encontros com o sujeito. Isto resultaria em contar a eles o que Shooter fizera a Bump, antes de mais nada. Amy ficaria preocupada; sim, ficaria bastante preocupada... e seria como abrir uma lata de vermes, que seria preferível continuar fechada. Chegara o momento, em sua opinião, de voltar a ser dissimulado.

— A princípio, poderia ter sido ele. No entanto, após eu ter descoberto que os dois contos eram realmente semelhantes, chequei a data original de publicação do que eu havia escrito.

— O conto dele nunca foi publicado? — indagou Bradley.

— Nunca, tenho certeza. Então, ontem, ele tornou a aparecer. Perguntei-lhe quando tinha escrito sua história, esperando que houvesse sido depois da minha.

Compreende, não?

O detetive Bradley assentiu.

— Estava querendo provar que sua história tinha sido escrita antes da dele.

— Exato. “Tempo de plantar” constava de um livro de contos que publiquei em 1983, mas havia sido publicado originalmente em 1980. Eu esperava que o sujeito se sentisse a salvo, escolhendo uma data apenas um ou dois anos antes de 1983• Tive sorte. Ele disse que escrevera seu conto em 1982. Assim, compreenda, eu o peguei.

Mort esperou que tudo terminasse ali, mas Wickersham, o chefe dos bombeiros, insistiu no assunto.

— O senhor compreende e nós também, Sr. Rainey, mas ele compreenderia?

Mort suspirou interiormente. Supunha saber que só se pode ser dissimulado até certo ponto — se a situação continuasse por muito tempo, acabaria progredindo para um impasse: contar a verdade ou inventar uma boa mentira. E ali estava ele, diante do impasse. Afinal, a quem pertencia aquele assunto? A eles ou a ele? A ele. Claro. E Mort pretendia que assim continuasse a situação.

— Sim — respondeu a eles. — Ele compreendeu.

— O que fez ele? — perguntou Ted.

Mort o fitou com ligeira irritação. Ted desviou os olhos, dando a impressão de desejar ter o cachimbo com que se distrair. O cachimbo ficara no carro. A camisa J. Press não tinha bolsos onde carregá-lo.

— Foi embora — respondeu Mort. Sua irritação com Ted, que não tinha que se meter em sua vida, absolutamente, tornava a mentira mais fácil. O fato de mentir para Ted também parecia tornar tudo mais correto. — Ele murmurou qualquer besteira sobre que incrível coincidência era aquilo, depois pulou para dentro de seu carro como se os cabelos estivessem pegando fogo e quase o traseiro também... e caiu fora.

— Por acaso reparou no modelo do carro e nas chapas de licença, Sr. Rainey? —

perguntou Bradley, após pegar um bloco de notas e uma caneta esferográfica.

— Era um Ford — disse Mort. — Lamento, mas não sei informar sobre as chapas.

Não eram do Maine, isto posso dizer, mas é só...

Deu de ombros, tentou dar a impressão de desculpar-se, mas interiormente se sentia cada vez menos à vontade pelo rumo que as coisas tomavam. Tudo parecia bem, quando apenas estava sendo esperto, contornando mentiras diretas — achava ser uma forma de poupar a Amy o sofrimento de saber que o homem quebrara o pescoço de Bump e depois o furara com uma chave de fenda. Agora, no entanto, ficara em uma posição na qual contara histórias diferentes para diferentes pessoas.

Se tais pessoas se reunissem e fizessem uma comparação, ele talvez ficasse em maus lençóis. Explicar seus motivos para as mentiras poderia ser contraproducente. Supôs que tais comparações fossem bastante improváveis, desde que Amy não se comunicasse com Greg Carstairs ou Herb Creekmore — mas e se houvesse alguma controvérsia com Shooter, quando ele e Greg o enfrentassem, para jogar-lhe na cara o exemplar da EQMM de junho de 1980?

Não importa, disse para si mesmo, queimaremos essa ponte quando chegarmos a ela, amigão. Com este pensamento, Mort sentiu um breve retorno da euforia sentida enquanto falava com Herb, na praça do pedágio, e quase deu uma boa risada.

Procurou conter-se. Eles gostariam de saber o motivo do riso caso fizesse algo semelhante, e Mort supunha que estariam certos em sua curiosidade.

— Acho que Shooter deve ter voltado para...

(o Mississípi)

— ...o lugar de onde veio, seja qual for — terminou, mal deixando entrever a pausa.

— Imagino que tenha razão — disse o Tenente Bradley —, mas estou inclinado a prosseguir com isto, Sr. Rainey. Talvez tenha convencido o sujeito de que ele estava errado, mas isso não quer dizer que tenha ido embora bem-humorado. É possível que viesse para cá, furioso, tendo incendiado sua casa justamente por estar puto da vida

— oh, perdoe-me, Sra. Rainey.

Amy ofereceu-lhe um leve sorriso torcido à guisa de desculpas.

— Não acredita que isto seria possível?

— Não acredita que isto seria possível?

Não, pensou Mort, não acredito. Se ele decidiu botar fogo na casa, acho que teria matado Bump antes de vir para Derry, apenas para o caso de eu acordar antes de sua volta. Então, o sangue já estaria seco e Bump estaria rígido quando o encontrei. Não foi assim que aconteceu... mas não posso dizer isto. Nem que quisesse. Antes de mais nada, eles se perguntariam por que omiti por tanto tempo o tópico de Bump. É bem provável que me julguem ter deixado alguns pontos em branco.

— Penso que sim — respondeu —, mas eu conheci o sujeito. Não me pareceu do tipo que incendeia casas.

— Você quer dizer que ele não era um Snopes — disse Amy subitamente.

Mort olhou para ela, espantado — depois sorriu.

— Tem razão — disse. — Era um sulista, mas não um Snopes.

— O que significa isso? — perguntou Bradley, algo desconfiado.

— É uma velha piada, tenente — disse Amy. — Os Snopes eram personagens de algumas novelas de William Faulkner. Seu primeiro impulso na vida foi incendiar celeiros.

— Oh! — exclamou Bradley, inexpressivamente.

— Não existe isso de tipo que incendeia casas, Sr. Rainey. Eles aparecem em todos os formatos e tamanhos. Pode crer.

— Bem...

— Fale-me um pouco mais do carro, se puder— pediu Bradley. Ele pousou a caneta sobre o bloco de anotações. — Quero deixar a Polícia Estadual de olho nesse sujeito.

Subitamente, Mort decidiu que mentiria um pouco mais. Em realidade, bastante mais.

— Bem, era um sedã. Posso afirmar com certeza.

Hum-hum. Sedã Ford. Ano?

— Hum-hum. Seda Ford. Ano?

— Algum modelo dos anos setenta, foi o que pareceu — disse Mort. Tinha uma razoável certeza de que a caminhoneta de Shooter fora realmente fabricada mais ou menos na época em que um sujeito chamado Oswald Lee elegera Lyndon Johnson como Presidente dos Estados Unidos. Fez uma pausa, acrescentando em seguida: —

As chapas de matrícula tinham uma cor clara. Poderiam ser da Flórida. Não vou jurar isto, mas poderiam ser.

— Hum-hum. E quanto ao homem em si?

— Altura mediana. Cabelos louros. Óculos. De armação metálica, como aqueles que John Lennon costumava usar. Realmente, é tudo quanto re...

— Não disse que ele usava chapéu? — perguntou Amy de repente.

Mort sentiu os dentes se entrechocarem.

— Sim — disse cordialmente. — É verdade, eu tinha equecido. Era um clupéu cinzento ou preto, só que mais semelhante a um gorro. Com um bico no alto, entendem?

— Certo. — Bradley fechou seu bolco de notas. — Já é um começo.

— Não poderia ter sido apenas um caso de vandalismo, de atear fogo em busca de excitamento? — perguntou Mort. — Nas novelas tudo tem uma conexão, mas minha experiência tem sido de que, na vida real, por vezes as coisas acontecem sem qualquer motivo.

— Poderia ter sido — concordou Wickersham —, mas é bom checarmos as conexões óbvias. — Deu uma solene piscadela para Mort, enquanto dizia: — Como deve saber, às vezes a vida imita a arte.

— Desejam mais alguma coisa? — Ted perguntou a eles, e passou um braço pelos ombros de Amy.

Wickersham e Bradley trocaram um olhar. Bradley abanou a cabeça.

— Creio que não, pelo menos por enquanto.

— Só perguntei porque Amy e Mort terão que passar algum tempo com o agente de seguros — disse Ted. — E talvez também com um investigador da matriz da firma.

Mort achava cada vez mais irritante o sotaque sulista do homem. Desconfiava que Ted fosse originário de uma parte do Sul que ficasse vários estados ao norte da região de Faulkner, mas seria uma coincidência que ele não poderia garantir.

O detetive e o chefe dos bombeiros apertaram as mãos de Amy e de Mort, manifestando sua simpatia, disseram aos dois que entrassem em contato com eles se algo mais lhes ocorresse, e então foram embora, deixando os três para uma outra volta ao redor da casa incendiada.

— Sinto muito que tudo isto tenha acontecido, Amy — disse Mort subitamente. Ela caminhava entre eles dois e o fitou, parecendo surpresa por algo na voz dele. Pura sinceridade, talvez. — Sinto mesmo. Muitíssimo.

— Também eu — disse ela suavemente, e tocou-lhe a mão.

— Bem, com Teddy aqui, são três — proclamou Ted, com solene cordialidade.

Amy se virou para ele e, nesse momento, Mort estrangularia alegremente aquele homem, até ver-lhe os olhos saltando das órbitas e ficarem pendurados nas extremidades de seus filamentos ópticos.

Caminhavam agora pela lateral oeste da casa, em direção à rua. Ali existira o fundo recanto onde o estúdio de Mort tocava a casa e, não muito distante, o jardim de Amy.

Todas as flores daquele jardim agora estariam mortas, e Mort refletiu que não poderia ser de outro modo. O fogo havia sido quente o bastante para estorricar toda a relva verde em uma orla de quatro metros ao redor das ruínas. Se houvesse flores desabrochadas, elas também estariam estorricadas, o que seria demasiado triste.

Seria...

Mort parou subitamente. Estava recordando as histórias. A história. Tanto poderia ser entitulada “Tempo de plantar”, como “Janela secreta, secreto jardim”, pois os títulos significariam o mesmo, uma vez retirados os floreios e analisado o que havia por baixo daquilo. Ele ergueu os olhos. Nada mais havia

analisado o que havia por baixo daquilo. Ele ergueu os olhos. Nada mais havia para ver além do céu azul, pelo menos agora, porém, antes do incêndio da última noite, ali houvera uma janela, bem no lugar onde olhava. Pertencia ao pequeno aposento pegado à lavanderia. A salinha que era o estúdio de Amy. Onde ela preenchia cheques, fazia anotações em sua agenda, dava os telefonemas que precisavam ser dados... o aposento em que, ele desconfiava, Amy iniciara uma novela, vários anos atrás. E, desaparecido o aposento, era onde ela sepultara a novela, decente e silenciosamente, em uma gaveta da secretária. A secretária ficava perto da janela.

Amy gostava de ir para lá de manhã. Iniciava a lavagem da roupa no cômodo ao lado e fazia seus trabalhos de escritório, enquanto esperava a cigarra anunciar que chegara o momento de desligar a lavadora e passar a utilizar a secadora de roupas.

O aposento ficava bem distante da casa principal e ela dizia apreciar a quietude.

A quietude e a claridade límpida e saudável da manhã. Gostava de espiar pela janela de vez em quando, ver suas flores crescendo no profundo recanto formado pela casa e o estúdio, como um L. Mort podia ouvi-la dizendo, É o melhor aposento da casa, pelo menos para mim, porque dificilmente alguém vai até lá, a não ser eu. Ele tem uma janela secreta, que dá para um jardim secreto.

— Mort?

Era Amy que falava e, por um momento, ele não deu por isso, confundindo-lhe a voz real com a voz dela em sua mente, que era a voz da memória. Entretanto, seria uma memória falsa ou verdadeira? Aquela era a questão real, não? Parecia ser uma memória verdadeira, porém ele fora submetido a forte dose de tensão, ainda antes de Shooter, de Bump e do incêndio. Não seria pelo menos possível que ele estivesse tendo uma... bem, uma alucinação reminiscente? Que estivesse tentando, de algum modo, fazer seu passado com Amy ajustar-se àquela maldita história, na qual um homem enlouquecia e matava a esposa?

Jesus, espero que não! Espero que não, porque, se estiver, seria demasiado próximo a um colapso nervoso, para encontrar consolo.

— Mort, você está bem? — perguntou Amy.

Ela lhe puxou a manga com impaciência, rompendo-lhe o transe pelo menos temporariamente.

temporariamente.

— Estou — respondeu ele, para então acrescentar, abrupto: — Não, não estou. Para ser franco, sinto-me um pouco nauseado.

— Talvez tenha sido o café da manhã — sugeriu Ted.

Amy fitou Ted de uma maneira que fez Mort sentir-se um pouco melhor. Não tinha sido um olhar amistoso.

— Não foi o café da manhã — disse ela, com certa indignação. Apontou o braço para as ruínas enegrecidas. — É isto! Vamos embora daqui!

— O pessoal da seguradora deve vir ao meio-dia — disse Ted.

— Ainda falta mais de uma hora até lá. Vamos até sua casa Ted. Eu também não me sinto disposta. Gostaria de sentar-me.

— Está certo — disse Ted, em um tom ligeiramente apoquentado de não-precisa-gritar, que também deixou o coração de Mort satisfeito.

E, embora durante o café daquela manhã houvesse dito que a casa de Ted era o último lugar na terra para onde desejaria ir, acompanhou-os sem protestos.

19

Permaneceram todos calados durante o trajeto, cortando a cidade até a casa de vários níveis, no lado leste, onde Ted pendurava o chapéu. Mort ignorava o que Amy e Ted estariam pensando, embora fosse viável imaginar a casa para ela e, para ele, se chegariam ou não a tempo de estar com os sujeitos da companhia de seguros.

Entretanto, sabia o que ele, Mort, estava pensando. Tentava decidir se estava ficando louco ou não. Isto é real ou é Memorex?

Por fim, decidiu que Amy de fato havia dito aquilo sobre seu estúdio ao lado da lavanderia — não era uma lembrança falsa. Teria dito antes de 1982, quando “John Shooter” alegava ter escrito uma história intitulada “Janela secreta, secreto jardim”?

Ele não sabia. Pouco importava o quanto estimulasse ansiosamente seu cérebro confuso e dolorido; o que recebia insistentemente de volta era uma única e lacônica mensagem: resposta inconclusiva. Entretanto, se ela falara aquilo, não importando quando, o título da história de Shooter ainda seria mera coincidência? Talvez, porém as coincidências estavam se acumulando, não? Mort havia decicido que o incêndio era, podia ser, uma coincidência. No entanto, a recordação resultante do jardim de Amy, com sua plantação de flores mortas... bem, ficava cada vez mais difícil de acreditar que tudo isto não estava relacionado entre si, de alguma forma estranha, talvez até mesmo sobrenatural.

E, à sua própria maneira, “Shooter” também não ficara confuso? Como foi que a conseguiu? ele havia perguntado, em uma voz impregnada de raiva e perplexidade. Aí está o que eu gostaria de saber. Como, diabo, um escritor capaz de ganhar tanto dinheiro como o senhor foi até um a cidadezinha de merda no Mississípi e roubou minha história? No momento, Mort havia pensado que aquilo poderia ser outro indício da loucura do homem ou então que era um ator danado de bom. Agora, no carro de Ted, ocorreu-lhe pela primeira vez ser exatamente aquela a maneira como ele próprio teria reagido se as circunstâncias fossem invertidas.

Porque, de certo modo, ambos haviam estado confusos. O único ponto em que as duas histórias diferiam inteiramente era na questão do título. Ambos enquadravam-se, mas agora Mort achava que tinha uma pergunta a fazer a

Shooter, bem similar à que ele lhe havia feito: Como foi que escolheu esse título, Sr. Shooter?

Aí está o que eu gostaria de saber. Como o senhor saberia que, a quase dois mil quilômetros de distância da sua cidade de merda no Mississípi, a esposa de um escritor sobre o qual alega nunca ter ouvido falar antes deste ano, tinha sua própria janela secreta, dando para seu próprio jardim secreto?

Bem, é claro que havia apenas um meio de descobrir. Quando Greg descobrisse o paradeiro de Shooter, Mort lhe faria a pergunta.

20

Mort não aceitou a xícara de café oferecida por Ted e perguntou a ele se não teria uma Coca ou uma Pepsi. Ted tinha e, após bebê-la, Mort constatou que seu estômago assentara. Havia esperado ficar aborrecido e inquieto apenas por estar ali, onde Ted e Amy brincavam agora de casa, não precisando mais preocupar-se com motéis baratos na periferia da cidade. Nada disso aconteceu. Aquela era apenas uma casa, onde cada aposento parecia proclamar que o proprietário era um Jovem-Solteiro-e-Moderno-Caminhando-para-o-Sucesso. Mort descobriu que podia enfrentar a situação sem a menor dificuldade, embora tornasse a deixá-lo nervoso em relação a Amy. Pensou no pequeno estúdio dela, com sua claridade límpida e saudável, e o zumbido hipnótico da secadora atravessando a parede, seu pequeno estúdio com a janela secreta, o único aposento da casa inteira que dava para o estreito e apertado ângulo de espaço formado pela casa e o L do estúdio dele; refletiu no quanto Amy pertencera àquela casa e no quão pouco parecia pertencer a esta. Entretanto, isto era algo que ela própria teria de resolver, e após alguns minutos nesta outra casa ele pensou que afinal aquilo não era nenhum terrível covil de iniquidade, mas somente uma casa, e que ele poderia conviver com isso... que poderia até ficar contente com isso.

Amy perguntou se ele passaria a noite em Derry.

— Não. Irei embora assim que encerrarmos com o pessoal da seguradora. Se alguém mais aparecer, poderá entrar em contato comigo... ou você fará isso.

Sorriu para ela. Amy retribuiu o sorriso e lhe tocou a mão brevemente. Ted não aprovou aquilo. Junto à janela, franziu o cenho e seus dedos brincaram com o cachimbo.

21

Eles chegaram a tempo para o encontro com os representantes da companhia de seguros, o que certamente deixou Ted Milner com a mente aliviada. Mort não pareceu muito satisfeito com a presença de Ted; afinal de contas, aquela nunca fora a casa dele, nem mesmo depois do divórcio. Fosse como fosse, Amy parecia menos nervosa tendo-o por perto, de maneira que Mort preferiu não tocar no assunto.

Don Strick, agente da Consolidated Assurance Company, com a qual eles haviam negociado, conduziu a reunião em seu escritório, para onde se dirigiram após outra breve excursão ao “local”. No escritório, conheceram um homem chamado Fred Evans, investigador de campo da Consolidated, especializado em incêndios premeditados. O motivo de Evans não haver estado com Wickersham e Bradley no “local”, aquela manhã ou ao meio-dia, quando Strick fora ao encontro deles, bem depressa se tornou óbvio: havia passado a maioria daquela noite vasculhando as minas, com um potente flash e uma câmera Polaroid. Explicou que depois voltara a seu quarto de motel para uma soneca, antes do encontro com os Rainey.

Mort simpatizou muito com Evans. O homem parecia realmente preocupado com a perda que ele e Amy tinham sofrido, ao passo que todos os demais, incluindo-se o Sr. Teddy São Três, tinham-se limitado às palavras de simpatia tradicionais, antes de passarem para o que consideravam as providências imediatas (e, no caso de Ted Milner, pensou Mort, as providências imediatas eram tirá-lo de Derry, mandá-lo de volta a Tashmore Lake o mais depressa possível). Fred Evans não se referiu ao número 92 da Rua Kansas como “o local". Preferia mencioná-lo como “a casa”.

Suas perguntas, embora sendo essencialmente as mesmas feitas por Wickersham e Bradley, eram mais gentis, mais detalhadas e mais investigativas. Embora houvesse tido apenas quatro horas de sono, seus olhos eram vivos, a fala rápida e clara. Após conversar com ele por vinte minutos, Mort decidiu que, se algum dia resolvesse incendiar uma casa para receber o dinheiro do seguro, lidaria com outra companhia que não a Consolidated Assurance. Ou aguardaria que este homem se aposentasse.

Ao encerrar suas perguntas, Evans sorriu para eles.

— Os senhores ajudaram bastante e eu gostaria de agradecer-lhes novamente pelas respostas corteses e o tratamento gentil que me dispensaram. Em muitos casos, as pessoas ficam aborrecidas tão logo ouvem as palavras “investigador de seguros”. É compreensível que já estejam perturbadas e, com frequência, encaram a presença de um investigador no cenário como uma acusação de que incendiaram seu próprio imóvel.

— Em vista das circunstâncias, não creio que houvéssemos sido mais bem tratados

— disse Amy.

Ted Milner assentia tão violentamente, que sua cabeça dava a impressão de presa por um cordel — um cordel controlado por um movimentador de marionetes com um sério caso de nervosismo.

— A parte a seguir é mais penosa — disse Evans. Fez um sinal de cabeça para Strick, que abriu uma gaveta e tirou dela uma prancheta em que fora presa uma folha impressa de computador. — Quando um investigador avalia que um incêndio foi tão sério como este de que tratamos, devemos apresentar aos clientes uma lista dos bens que foram segurados. Eu desejaria que a examinassem, depois assinando uma declaração na qual afirmam que os bens arrolados ainda permaneciam na posse dos senhores e que ainda estavam na casa quando ocorreu o incêndio.

Deverão fazer uma marca de “visto” ao lado de qualquer item ou itens que venderam após sua última revisão de seguro com o Sr. Strick, aqui presente, e também ao lado de qualquer bem segurado que não se encontrasse na casa no momento do incêndio. — Evans levou um punho aos lábios para pigarrear, antes de prosseguir. — Fui informado de que houve recentemente uma separação de residência, de maneira que esta última parte é de especial importância.

— Nós nos divorciamos — declarou Mort com aspereza. — Estou residindo em nossa casa em Tashmore Lake. Costumávamos usá-la apenas durante o verão, mas depois de instalada uma fornalha, ficou viável também durante os meses frios.

Infelizmente, eu não havia ainda transferido o grosso de meus pertences, que continuavam na casa daqui. Tinha adiado o assunto.

Don Strick assentiu compreensivamente. Ted cruzou as pernas, manuseou o cachimbo e, em geral, dava a impressão de alguém tentando não parecer tão profundamente entediado como se sentia.

— Examinem a lista o melhor que puderem — disse Evans. Pegou a prancheta com Strick e a estendeu para Amy, por sobre a mesa. — Isto pode ser um pouco desagradável — é mais ou menos como uma caça ao tesouro, invertida.

Ted havia largado o cachimbo e espichava o pescoço para ver a lista, curado do tédio, pelo menos no momento; seus olhos eram tão ávidos como os de qualquer espectador, espiando o desfecho de um grave acidente. Amy percebeu que ele olhava e virou obliquamente a lista na direção dele. Mort, sentado do outro lado dela, virou a lista em sentido contrário.

— Com licença? — disse para Ted.

Estava irritado, francamente irritado, como todos puderam notar em seu tom.

— Mort... — disse Amy.

— Não pretendo valorizar isto demais — replicou Mort para ela, — mas era um assunto nosso, Amy. Nosso!

— Eu jamais pensaria... — começou Ted, indignado.

— Não, ele tem toda razão, Sr. Milner — disse Fred Evans, com uma brandura que, na opinião de Mort, podia ser enganosa. — Segundo a lei, o senhor não tem o direito de, em absoluto, examinar os itens aqui enumerados. Quando ninguém se importa, fechamos os olhos a isto... mas creio que o Sr. Rainey se importa.

— O senhor acertou em cheio a vontade do Sr. Rainey — disse Mort.

Ele tinha as mãos apertadamente crispadas sobre o colo; podia sentir as unhas mordendo a carne macia das palmas, fazendo marcas em forma de sorrisos. Amy lançou um olhar de angustiado apelo de Mort para Ted. Mort esperou que Ted bufasse e soprasse, tentando derrubar a casa de alguém, mas ele se conteve. Mort supôs que tal ideia fosse uma medida de sua hostilidade contra o indivíduo; não conhecia Ted muito bem (embora soubesse que ele tinha certa semelhança com Alfalfa, ao ser despertado subitamente em um motel qualquer), mas conhecia Amy.

Se Ted fosse um fanfarrão, ela já o teria abandonado.

Sorrindo um pouco, falando para ela e ignorando inteiramente Mort e os outros, Ted disse:

— Acha que ajudaria se eu desse uma volta ao quarteirão?

Mort procurou conter-se, mas foi impossível.

— Por que não dá duas? — sugeriu Mort, com falsa amabilidade.

Amy o fitou sombriamente com os olhos apertados, depois se virou para Ted.

— É uma boa ideia, por que não? Falicitaria um pouco as coisas...

— Tudo bem — replicou ele.

Beijou-a de leve no rosto, e Mort teve outra dolorosa revelação: o homem preocupava-se com ela. Talvez nem sempre fosse assim, mas agora era o que acontecia. Percebeu que começara a imaginar Amy quase como sendo um brinquedo que houvesse cativado Ted por algum tempo, um brinquedo do qual ele logo se cansaria. Entretanto, isto não se ajustava tampouco ao que conhecia de Amy. Ela possuía bons instintos a respeito de pessoas... e tinha mais respeito por si mesma.

Ted levantou-se e saiu. Amy olhou para Mort com censura.

— Está satisfeito?

— Acho que sim — respondeu ele. — Ouça, Amy — talvez eu não tenha agido tão bem quanto deveria, porém meus motivos são dignos. Partilhamos muita coisa no correr dos anos. Imagino que só tenha restado isto, e creio que pertence a nós dois.

Certo?

Strick parecia pouco à vontade, mas não Fred Evans; ele olhava de Mort para Amy e depois novamente para Mort, com o vivo interesse de um homem apreciando uma boa partida de tênis.

— Certo — disse Amy em voz baixa.

Mort lhe tocou a mão de leve, ela ofereceu-lhe um sorriso. Ele percebeu que era um sorriso tenso, mas considerou melhor do que nada. Puxou a cadeira para mais perto da dela e os dois inclinaram-se sobre a lista, cabeças muito juntas, como crianças estudando para uma prova. Mort não demorou muito a compreender por que Evans os advertira. Imaginara ter avaliado as proporções da perda. Estava enganado.

Ao olhar para as colunas registradas no frio tipo de computador, constatou que não ficaria mais consternado se alguém retirasse tudo quanto existira na casa do número 92 da Rua Kansas e o enfileirasse ao longo do quarteirão para que o mundo inteiro visse. Era difícil acreditar que esquecera tantas coisas, acreditar em todas as coisas que haviam desaparecido no incêndio.

Sete eletrodomésticos importantes. Quatro aparelhos de televisão, um deles com vídeo. A porcelana Spode e o mobiliário em estilo americano antigo, peças legítimas, adquiridas por Amy de uma em uma. O valor do armário que ficava no dormitório deles, antiguidade legítima, fora avaliado em 14.000 dólares. Não haviam sido colecionadores de arte sérios, mas eram apreciadores, e tinham perdido doze peças de arte originais. Seu valor fora registrado em 22.000 dólares, mas Mort não estava ligando para o custo, e sim pensando no bico-de-pena de N. C. Wyeth, mostrando dois garotos aventurando-se ao mar em um barquinho.

Chovia, no desenho; os meninos usavam capas, galochas e mostravam enormes sorrisos. Mort adorava aquele desenho, porém ele agora se fora. Os cristais Waterford. O equipamento para esportes, guardado na garagem — esquis, bicicletas de dez marchas e a canoa Old Town. Os três casacos de pele de Amy estavam enumerados ali. Ele a viu fazendo diminutos vistos ao lado do casaco de marta e do de pele de castor — aparentemente, ainda em depósito — mas deixando passar o casaco de pele de raposa, sem fazer qualquer marca. Estivera pendurado no closet, um agasalho quente e elegante para o outono, quando acontecera o incêndio. Recordou ter-lhe dado o casaco seis ou sete anos atrás, quando ela fizera anos. Desaparecido agora. O telescópio Celestron dele. Fora-se. O enorme edredom quebra-cabeças, presente da mãe de Amy quando se tinham casado. A mãe dela estava morta e o edredom agora também não passava de cinzas ao vento.

O pior, pelo menos para Mort, encontrava-se a meio da segunda coluna e, novamente, não era o valor em dólares que doía. 124 GARRS. VINHO, dizia o

item.

VALOR 4.900. Vinho era algo que ambos tinham apreciado. Não eram fanáticos, mas haviam construído juntos o pequeno cômodo na adega para abrigar as garrafas de vinho, tinham-no estocado juntos e juntos bebiam a garrafa ocasional.

— Até mesmo o vinho! — ele disse para Evans. — Até o vinho...

Evans dedicou-lhe um olhar estranho, que Mort não soube interpretar, depois assentiu.

— O depósito de vinho, em si, não se incendiou, porque havia pouco óleo combustível no tanque do porão, de modo que não houve explosão. Entretanto, lá dentro ficou muito quente e a maioria das garrafas explodiu. As poucas que ficaram inteiras... Bem, não entendo muito de vinho, mas duvido que ele agora se preste para beber. Talvez esteja enganado.

— Não está — disse Amy.

Uma lágrima solitária lhe rolou pela face e ela a enxugou alheadamente. Evans ofereceu-lhe o lenço. Amy abanou a cabeça e tornou a inclinar-se para a lista, juntamente com Mort.

Dez minutos mais tarde, terminava o inventário. Eles assinaram nas linhas adequadas e Strick testemunhou suas assinaturas. Ted Milner surgiu poucos minutos depois, como se houvesse presenciado a cena inteira por algum visor individual.

— Mais alguma coisa? — perguntou Mort a Evans.

— Por ora, não. Talvez mais tarde. Seu telefone em Tashmore está fora do catálogo, Sr. Rainey?

— Está. — Ele anotou o número para Evans. — Por favor, entre em contato, se eu puder ajudar em alguma coisa.

— Farei isso. — Evans levantou-se, de mão estendida. — Esta sempre é uma cena dolorosa. Lamento que precisassem passar por isto.

Despediram-se todos com um aperto de mão. Mort e Amy foram embora

Despediram-se todos com um aperto de mão. Mort e Amy foram embora, deixando Strick e Evans com a tarefa de escreverem relatórios. Já passava bastante de uma da tarde, e Ted perguntou a Mort se gostaria de comer alguma coisa com ele e Amy. Mort negou com a cabeça.

— Quero voltar logo, trabalhar um pouco e ver se consigo esquecer tudo isto por algum tempo.

Ele dava a impressão de que realmente conseguiria escrever. Não era de surpreender. Em momentos difíceis — enquanto o divórcio corria, enfim, o que parecia ser uma exceção da regra geral — ele sempre tivera facilidade para escrever. Tornava-se algo até necessário. Era bom mergulhar naqueles mundos de faz-de-conta quando o real o machucava.

Mort quase esperou que Amy lhe pedisse para mudar de ideia, mas ela ficou calada.

— Dirija com cuidado — disse apenas, plantando-lhe um beijo casto no canto da boca. — Obrigada por ter vindo e por ser tão... tão razoável a respeito de tudo.

— Posso fazer alguma coisa por você, Amy?

Ela abanou a cabeça, sorriu de leve e pegou na mão de Ted. Se ele estivera esperando alguma mensagem, esta era clara demais para não ver.

Os três caminharam lentamente para o Buick de Mort.

— Está se saindo bem lá em Tashmore? — perguntou Ted. — Precisa de alguma coisa?

Pela terceira vez, ele ficou surpreso com o sotaque sulista do homem — apenas mais uma coinciência.

— Está tudo certo. Que me lembre, não há falta de nada — disse ele, abrindo a porta do Buick e pescando as chaves do carro no bolso. — De onde você é, Ted? Você ou Amy devem ter-me dito, mas curiosamente, não consigo lembrar. Seria do Mississípi?

Ted riu alegremente.

— Sou de bem longe de lá, Mort. Fui criado no Tennessee. Em uma cidadczinha

chamada Shooter’s Knob, Tennessee.

22

Mort dirigiu de volta a Tashmore Lake com as mãos engalfinhadas no volante, a espinha reta como um poste e os olhos firmemente fixos na estrada. Ligou o rádio bem alto e concentrou-se ferozmente na música a cada vez que pressentia indícios delatores de atividade mental atrás do meio de sua testa. Antes de cobrir sessenta quilômetros, surgiu uma sensação de opressão na bexiga. Acolheu o fato com satisfação e nem mesmo considerou parar em algum posto de beira de estrada. A necessidade de urinar era outra excelente distração.

Chegou em casa por volta de quatro e meia da tarde e estacionou o Buick no lugar costumeiro, na parte lateral da edificação. Quando Mort desligou o motor, Eric Clapton foi sufocado no meio de um solo de guitarra, um boogie a toda velocidade, e então a quietude estatelou-se, como uma carga de pedras envoltas em espuma de borracha. Não havia um só barco no lago, um só besouro na grama.

Mijar e pensar têm muito em comum, pensou ele, saindo do carro e puxando o zíper da braguilha. A gente pode pôr as duas coisas para fora... embora não permanentemente.

Mort Rainey ficou ali parado, urinando, enquanto pensava em janelas secretas e secretos jardins; pensou em quem podia ser dono dos últimos e em quem podia espiar pelas primeiras. Pensou no fato de a revista de que necessitava para provar que um certo sujeito era lunático ou trapaceiro ter sido queimada em um incêndio precisamente na noite em que tentara pôr as mãos nela. Pensou no fato de o amante de sua ex-esposa, um homem a quem destestava cordialmente, ter vindo de uma cidadezinha chamada Shooter's Knob, e que Shooter casualmente fosse o pseudônimo do acima mencionado sujeito-lunático-ou-trapaceiro, o qual surgira na vida de Mort Rainey no exato momento em que o acima mencionado Mort Rainey começava a encarar seu divórcio não apenas como um conceito acadêmico, mas como um simples fato permanente em sua vida dali por diante. Pensou, inclusive, no fato de que "John Shooter" alegava ter descoberto o plágio de Mort Rainey na mesma época em que Mort Rainey separara-se da esposa.

Pergunta: Seriam coincidências todas estas coisas?

Resposta: Era tecnicamente possível.

Pergunta: Ele acreditava que todas estas coisas fossem coincidências?

Resposta: Não.

Pergunta: Então, ele achava que estava ficando louco?

— A resposta é não — disse Mort. — Ele não acha. Pelo menos, por enquanto.

Ele puxou o zíper da braguilha para cima, dobrou a esquina da casa e encaminhou-se para a porta.

23

Encontrou a chave da casa, começou a enfiá-la na fechadura, mas tornou a puxá-la para fora. Sua mão pousou na maçaneta e, quando os dedos se fecharam sobre ela, Mort teve a nítida certeza de que giraria com facilidade. Shooter estivera ali.. estivera ou ainda estava. E nem precisara forçar a entrada. De maneira nenhuma. Não este otário. Mort conservava uma chave sobressalente para a casa do lago em um velho prato de sopa, numa prateleira alta do depósito de ferramentas, precisamente aonde Shooter tinha ido buscar uma chave de fenda, apressadamente, chegado o momento de afixar o pobre e velho Bump ao gabinete do lixo. Ele agora estava na casa, dando uma espiada... ou talvez escondido. Ele estava...

A maçaneta recusou mover-se; os dedos de Mort simplesmente deslizaram em torno dela. A porta continuava trancada.

— Tudo bem — disse Mort. — Tudo bem, esqueça!

Até mesmo deu uma risadinha quando enfiou a chave na fechadura e a girou.

Só porque a porta estava trancada não significava que Shooter não estivesse na casa. De fato, isto tornava mais provável que ele estivesse na casa, quando se parava para pensar a respeito. Shooter poderia ter usado a chave sobressalente, tornando a colocá-la no lugar e depois trancando a porta por dentro, a fim de despistar as suspeitas do inimigo. Afinal de contas, para trancá-la bastava pressionar o botão que havia na maçaneta. Ele está tentando deixar-me baratinado, pensou Mort ao entrar.

A casa estava cheia da fraca claridade do fim da tarde e de silêncio. Entretanto, ele não sentiu que aquele fosse um silêncio desocupado.

— Está querendo me deixar nervoso, não é? — gritou.

Mort esperava soar para si mesmo como um lunático; um homem solitário e paranóico, dirigindo-se a um intruso que, afinal de contas, existe apenas na própria imaginação. Entretanto, não soou como lunático para si mesmo. Pelo contrário, parecia um homem que, pelo menos, descobrira metade do truque.

Talvez não fosse grande coisa descobrir apenas metade, porém era melhor do que nada.

que nada.

Caminhou para a sala de estar com seu teto de catedral, sua parede-janela dando para o lago e, naturalmente, O Mundialmente Famoso Sofá Mort Rainey, também conhecido como O Sofá do Escritor Comatoso. Um pequeno e escasso sorriso moveu-lhe as bochechas. Os testículos estavam encolhidos e pressionados contra a forquilha de suas virilhas.

— Metade da trapaça é melhor do que nada, certo, Sr. Shooter? — gritou.

As palavras morreram em poeirento silêncio. Ele podia sentir o cheiro de fumaça velha de cigarro naquela poeira. Seu olho encontrou casualmente o amassado maço de cigarros que exumara da gaveta da secretária. Ocorreu-lhe que a casa tinha um cheiro — quase um fedor — horrivelmente negativo: era um cheiro de sem-mulher.

Então, pensou: Não. Não é nada disso. Está enganado. O cheiro que você sente é de Shooter. Você fareja o homem, como fareja o cigarro dele. Não o seu cigarro, mas o dele.

Virou-se lentamente, a cabeça arqueada para trás. Um dormitório do segundo andar dava para a sala de estar, na metade da parede creme; a abertura mostrava uma fileira de ripas em madeira castanho-escura. A função daquelas ripas era impedir que um descuidado despencasse, estatelando-se no piso da sala de estar, mas presumia-se que também fossem decorativas. Naquele momento, não pareciam nada decorativas para Mort; antes, assemelhavam-se às grades de uma cela de prisão. Tudo quanto podia ver do que ele e Amy tinham denominado o quarto de hóspedes era o teto e uma das quatro colunas da cama.

— Está aí em cima, Sr. Shooter? — gritou.

Não houve resposta.

— Eu sei que está querendo deixar-me nervoso! — Agora, ele começava a sentir-se apenas um tanto ridículo. — Só que não deu certo!

Cerca de seis anos antes, eles haviam adaptado uma estufa Blackstone Jersey à grande lareira de pedra da sala de estar. Ao lado dela corria uma prateleira de ferramentas para o fogo. Mort agarrou o cabo de pá para cinzas, considerou-a por um momento, depois a largou e pegou o atiçador, como um cavaleiro saudando sua rainha. Então caminhou lentamente para a escada e começou a

subir os degraus.

Podia sentir a tensão agora abrindo caminho em seus músculos, mas percebia que não era de Shooter que tinha medo; o que temia era não encontrar coisa alguma.

— Sei que está aí e sei que está querendo pôr-me nervoso! Só não sei para que toda esta palhaçada, Alfie, e quando o encontrar, é melhor que se explique!

Parou no patamar do segundo andar, o coração batendo forte dentro do peito. A porta do quarto de hóspedes ficava à esquerda. A do banheiro de hóspedes à direita.

De repente, compreendeu que Shooter estava ali, claro, mas não no quarto. Não; isso era apenas um truque. Era apenas o que Shooter queria fazê-lo acreditar.

Shooter estava no banheiro.

E, enquanto permanecia parado no patamar, com o atiçador agarrado apertadamente na mão e o suor escorrendo de seus cabelos para as faces, Mort o ouviu.

Um leve farfalhar. Ele estava lá, claro. Em pé na banheira, a julgar pelo som.

Movera-se apenas ligeiramente. Peguei-o com a boca na botija, espertinho! Está armado, filho da mãe?

Mort pensou que provavelmente estivesse, mas não acreditava que fosse alguma arma de fogo. Mort tinha uma intuição de que o pseudônimo literário do sujeito* nem remotamente tinha alguma relação com armas de fogo. Shooter lhe parecera o tipo de indivíduo que se sentiria mais à vontade lidando com instrumentos de natureza rombuda. O que ele havia feito com Bump parecia sustentar tal hipótese.

Aposto que é um martelo, pensou Mort, e enxugou o suor da nuca com a mão livre. Podia sentir os olhos pulsando dentro e fora das órbitas, em compasso com as batidas do coração. Aposto que é um martelo, apanhado no depósito de ferramentas!

Assim que pensou nisto, pôde ver Shooter, via-o claramente, em pé na banheira,

com seu chapéu preto de copa redonda e os ordinários sapatos amarelos de trabalho, os lábios repuxados sobre a dentadura encomendada pelo reembolso postal, em um sorriso que mais era uma careta, o suor escorrendo pelo rosto, descendo pelas linhas fundas incrustadas na pele, como água descendo por uma rede de calhas galvanizadas, com o martelo do depósito de ferramentas erguido à altura do ombro, à maneira de um malho de juiz. O caso seguinte, meirinho!

Eu o conheço bem, cara. Por dentro e por fora. Desde que o vi da primeira vez.

Sabe de uma coisa? Você se meteu com o escritor errado. Acho que venho querendo matar alguém desde meados de maio, e tanto faz ser você como qualquer outro!

Virou a cabeça para a porta do banheiro. Ao mesmo tempo, estendeu a mão esquerda (após secá-la na frente da camisa, a fim de que os dedos suados não escorregassem no momento crucial) e aferrou a maçaneta da porta do banheiro.

— Eu sei que você está aí dentro! — gritou para a porta fechada. — Se estiver debaixo da cama, é melhor ir saindo! Vou contar até cinco! Se não sair quando eu terminar, vou entrar aí... e já entro atacando! Ouviu bem?

Não recebeu resposta... mas a verdade é que não a esperava. Ou não a queria.

Aumentou a pressão dos dedos na maçaneta da porta do banheiro, mas gritou os números na direção da porta do quarto de hóspedes. Ignorava se Shooter ouviria ou perceberia a diferença caso girasse a cabeça para a porta do banheiro, mas imaginou que seria possível. O homem era obviamente esperto. Infernalmente esperto.

No instante em que iniciou a contagem, ouviu outro leve movimento no banheiro. Talvez lhe passasse despercebido, mesmo estando tão próximo, se não houvesse mantido os ouvidos tão atentos, colocando nisto a máxima concentração possível.

— Um!

Cristo, como estava suando! Suava como um porco!

— Dois!

A maçaneta da porta do banheiro parecia uma pedra de gelo entre seus dedos

crispados.

— Tre...

Girou a maçaneta da porta do banheiro e a escancarou, empurrando-a contra a parede com tanta força que rasgou o papel de parede e destroçou a dobradiça inferior, mas lá estava ele, lá estava ele, avançando com uma arma erguida, os dentes expostos em um sorriso de homicida, os olhos insanos, absolutamente insanos, e Mort baixou o atiçador em um golpe sibilante, havendo tempo apenas suficiente para perceber que Shooter também esgrimia um atiçador, e para perceber que Shooter não usava seu chapéu preto de copa redonda, e para perceber que aquele não era Shooter em absoluto, para perceber que era ele, que o louco era ele, mas então o atiçador estilhaçou o espelho acima da pia e choveram estilhaços de vidro com o reverso prateado por todos os cantos, cintilando à claridade penumbrosa, enquanto o armário de remédios caía dentro da pia. A portinhola encurvada se abriu com uma boca ofegante, cuspindo frascos de xarope para tosse, de iodo e de Listerine.

— Matei um maldito, um fodido espelho! — berrou ele esganiçadamente.

Ia jogar o atiçador a um lado quando alguma coisa se moveu dentro da banheira, por trás da porta corrugada do chuveiro. Houve um ligeiro guincho amedrontado.

Sorrindo, Mort moveu o atiçador diagonalmente, abrindo um buraco denteado na porta de plástico e arrancando-a dos trilhos. Ergueu o atiçador acima do ombro, os olhos vidrados e fixos, os lábios arreganhados na careta que imaginara no rosto de Shooter.

Então, baixou o atiçador lentamente. Descobriu que precisava usar os dedos da mão esquerda para abrir os da direita, a fim de que o atiçador caísse ao chão.

— Um bichinho lustroso e apavorado — disse para o rato-do-campo que corria às cegas de um lado para outro na banheira. — Que terror em seu peitinho!

Sua voz soava rouca, estranha e sem entonação. Não tinha a menor semelhança com sua própria voz. Era como ouvir-se em uma fita gravada, pela primeira vez.

Virando-se, ele saiu lentamente do banheiro e cruzou a porta que pendia da dobradiça superior, os sapatos rangendo sobre os cacos do espelho quebrado.

De repente, ele queria descer, deitar-se no sofá e tirar uma soneca. De repente, queria fazer isso, mais do que tudo no mundo.

24

Foi o telefone que o acordou. O crepúsculo já quase se transformara em noite, e ele se moveu com cautela, devagar na passagem junto à mesinha de tampo de vidro que gostava de feri-lo, tendo a curiosa sensação de que o tempo, de algum modo, desdobrara-se sobre si mesmo. Seu braço direito doía como o diabo. As costas não estavam em muito melhor estado. Afinal, com quanta força esgrimira aquele atiçador? Quanto de pânico o impelira? Mort não gostava de pensar nisto.

Ergueu o fone, não se dando ao trabalho de imaginar quem poderia ser. A vida estivera tão terrivelmente movimentada nos últimos tempos, meu bem, que seu interlocutor até poderia ser o Presidente.

— Alô?

— Como está passando, Sr. Rainey? — perguntou a voz.

Mort encolheu-se, afastando momentaneamente o telefone de seu ouvido, como se fosse uma serpente que quisesse picá-lo. Tornou a aproximá-lo, devagar.

— Muitíssimo bem, Sr. Shooter — respondeu, em voz seca, sem saliva. — E o senhor?

— Para um roceiro, vou indo — disse Shooter, naquele forte sotaque de caipira sulista, de certo modo tão descarado e berrante como um celeiro sem pintura, isolado no meio de um campo — , mas não acredito que o senhor se sinta tão bem como diz. Parece que roubar alguma coisa de outro homem não o perturbou nem um pouco. No entanto, levar o troco... com franqueza, acho que isto, sim, foi capaz de lhe dar a maior aflição.

— De que está falando?

Shooter pareceu vagamente divertido.

— Bem, ouvi no rádio a notícia de que alguém botou fogo em sua casa. Sua outra casa. E então, quando voltou para aí, parecia ter sofrido um ataque ou outra coisa assim, mal entrou em casa. Gritando... quebrando coisas... ou então é como escritores bem-sucedidos como o senhor têm acessos de raiva quando as coisas não andam do jeito que eles esperam. Será mesmo isso?

Meu Deus, ele estava aqui! Ele estava!

Mort percebeu-se espiando pela janela, como se Shooter ainda pudesse estar lá fora... escondido nos arbustos, talvez, enquanto se comunicava com ele através de alguma espécie de telefone sem fio. Ridículo, naturalmente.

— A revista, com minha história publicada nela, já está a caminho — respondeu. —

Quando ela chegar aqui, promete me deixar em paz?

Shooter ainda parecia vagamente divertido.

— Não existe nenhuma revista com sua história nela, Sr. Rainey. Nós dois sabemos disso. Nenhuma revista de 1980. Como poderia existir, se somente em 1982 apareceu a minha história para o senhor roubar?

— Maldição, eu não roubei sua hist...

— Quando ouvi sobre sua casa — disse Shooter, — saí e comprei um Evening Express. Havia uma foto do que restou. Não foi muita coisa. Colocaram também uma foto de sua esposa. — Houve uma longa reflexiva pausa. Então, Shooter disse: — Ela é bunita. — Ele usou a pronúncia caipira de propósito, sarcasticamente. — Como é que um filho do cão, feio como o senhor, deu a sorte de achar uma esposa tão bunita, Sr. Rainey?

— Estamos divorciados — replicou ele. — Já lhe disse isso. Talvez ela tenha descoberto como sou feio. Por que não deixamos Amy fora disto? O assunto é apenas entre nós dois.

Pela segunda vez em dois dias, Mort percebia-se falando ao telefone enquanto estava desperto apenas a meio e quase indefeso. Como resultado, o controle quase total da conversa ficava com Shooter. Ele o estava levando pelo nariz, era quem tinha a iniciativa.

Pois então, desligue!

Só que ele não podia. Pelo menos, ainda não.

— Entre nós dois, não é? — repetiu Shooter. — Sendo assim, suponho que não chegou a falar sobre mim com mais alguém.

chegou a falar sobre mim com mais alguém.

— O que é que você quer? Vamos, diga! O que, diabo, você quer?

— Quer ouvir o segundo motivo de eu ter aparecido, é isso?

— Sim, é!

— Eu quero que me escreva uma história — disse Shooter calmamente. — Quero que escreva uma história, ponha meu nome nela e a dê para mim. O senhor me deve isso. O direito é o direito e o justo é o justo.

Mort ficou parado no corredor, com o telefone aferrado no pulso dolorido, uma veia pulsando no meio da testa. Por alguns momentos, sua fúria foi tão intensa que se sentiu sepultado nela, e tudo que foi capaz de pensar era Então é ISSO! Então é ISSO! Então é ISSO! Então é ISSO! insistentemente.

— Ainda está aí, Sr. Rainey? — perguntou Shooter, em voz calma e arrastada.

— A única coisa que escreverei para você — disse Mort, com a voz lenta, engrolada pela raiva — será a sua sentença de morte, se não me deixar em paz!

— Sabe falar grosso, peregrino — disse Shooter, na paciente voz de um homem explicando um problema simples a uma criança burra —, porque tem certeza de que não posso prejudicá-lo. Se tivesse roubado meu cachorro ou meu carro, eu poderia pegar seu cachorro ou seu carro. Faria isto tão facilmente como quando quebrei o pescoço do seu gato. Se tentasse impedir-me, eu poderia prejudicá-lo e ter a minha desforra. Só que isto é diferente. A mercadoria que eu quero está dentro de sua cabeça. O senhor tem essa mercadoria tão bem guardada, tão trancada, como se ela estivesse em um cofre. Acontece que não posso arrombar a porta ou usar um maçarico nos fundos. Tenho que saber a combinação. Não tenho?

— Não sei do que está falando — replicou Mort —, mas o dia em que arrancar uma história de mim, será o dia em que a Estátua da Liberdade usar uma fralda. Peregrino!

Shooter respondeu, meditativamente:

— Eu a deixaria fora disto, se pudesse, mas começo a pensar que o senhor não me oferece alternativa.

A saliva na boca de Mort desapareceu de súbito, deixando-a seca, vidrada e quente.

— O que... o que vai...

— Quer acordar de uma das suas malditas sonecas e encontrar Amy pregada ao seu depósito de lixo? — perguntou Shooter. — Ou ligar o rádio certa manhã e ouvir que ela tirou o segundo lugar em uma disputa com a motosserra que o senhor guarda aí, em sua garagem? Ou que também a garagem pegou fogo?

— Cuidado com o que diz! — sussurrou Mort.

Seus olhos esbugalhados começaram a arder, com lágrimas de fúria e de medo.

— Ainda tem dois dias para pensar a respeito. Eu diria que o tempo está correndo, Sr. Rainey. Quero dizer que, se estivesse em seu lugar, eu realmente pensaria nela.

E jamais contaria isto a alguém. Seria mais ou menos como ficar na tempestade e desafiar o raio. Divorciado ou não, tenho cá comigo que ainda sente alguma coisinha por essa dama. Já é tempo de amadurecer um pouco. Não pode levar a melhor nisto.

Será que ainda não percebeu? Eu sei que o que o senhor fez e não vou parar enquanto não receber o que é meu!

— Você é louco! — gritou Mort.

— Boa noite, Sr. Rainey — disse Shooter, e desligou.

25

Mort continuou ali, parado, um momento mais, o fone afastando-se aos poucos de seu ouvido. Então, ergueu a metade inferior do telefone estilo Princess. Estava a ponto de jogar o aparelho contra a parede, antes de conseguir controlar-se. Baixou o telefone de novo, fez uma dúzia de respirações profundas — suficientes para deixarem sua cabeça estonteada e leve, e então discou o número da residência de Herb Creekmore.

A amiguinha de Herb, Delores, atendeu ao segundo toque e depois o chamou ao telefone.

— Olá, Mort — disse Herb. — Como foi a história com a casa? — A voz dele desviou-se um pouco do bocal. — Delores, quer mudar essa frigideira para o queimador de trás?

Hora da ceia em Nova Iorque, pensou Mort, e ele quer que eu fique sabendo.

Bem, que diabo! Um maníaco acabou de ameaçar transformar minha esposa em bifes de vitela, mas a vida continua, certo?

— A casa se foi — disse Mort. — O seguro cobrirá o prejuízo. — Fez uma pausa. —

O prejuízo monetário, pelo menos.

— Sinto muito — disse Herb. — Posso ajudar em alguma coisa?

— Bem, quanto à casa, não — respondeu Mort — mas obrigado assim mesmo.

Sobre a história, no entanto...

— Que história é essa, Mort?

Ele sentiu a mão apertar o fone novamente e se forçou a afrouxar os dedos. Ele não sabe qual é a situação por aqui. Lembre-se disso.

— Aquela sobre a qual meu amigo biruta vem infernizando minha vida — disse, procurando manter um tom leve, bastante despreocupado. — “Tempo de plantar”.

Ellery Queen’s Mystery Magazine.

— Oh, isso! — exclamou Herb.

Mort sentiu uma pontada de medo.

— Você não esqueceu de ligar, esqueceu?

— Não — eu liguei — garantiu Herb. — Apenas tinha esquecido o assunto por um minuto. Com você perdendo sua casa e tudo o mais...

— E então? O que eles disseram?

— Não se preocupe mais. Eles prometeram enviar-me um xerox amanhã, por mensageiro, e eu o despacharei imediatamente para você, via expressa. Você o receberá por volta das dez, depois de amanhã.

Por um instante, parecia quê todos os seus problemas estavam resolvidos, e ele começou a relaxar. Então, recordou a maneira como os olhos de Shooter tinham chamejado. A maneira como ele aproximara o rosto do seu, até que as testas de ambos quase se tocaram. Recordou o cheiro seco de canela na respiração do homem quando ele dizia, “Está mentindo!”.

Uma cópia xerox? Nem mesmo tinha certeza de que Shooter aceitasse um exemplar original da revista... e que falar de uma cópia xerox?

— Não — respondeu lentamente. — Não vai adiantar, Herb. Nada de xerox, nada de telefonema do editor. Terá que ser um número original da revista.

— Bem, aí já fica mais difícil. Eles têm escritórios editoriais em Manhattan, é claro, mas estocam os exemplares nos escritórios de assinantes, na Pensilvânia. Ficam apenas com cerca de cinco exemplares de cada número — em realidade, é o que podem guardar, considerando-se que a EQMM vem sendo publicada desde 1941.

Francamente, penso que não fariam a loucura de emprestá-los.

— Ora, vamos, Herb! A gente encontra essas revistas sendo vendidas em bazares e em metade das bibliotecas de cidadezinhas na América!

— Certo, mas nunca a coleção completa. — Herb fez uma pausa. — Nem mesmo uma ligação telefônica, hein? Está me dizendo ser o tal cara tão paranóico, que imaginaria estar falando com um de seus milhares de substitutos?

Uma voz soou ao fundo:

— Quer que eu sirva o vinho, Herb?

Herb voltou a falar com a boca afastada do fone:

— Espere uns dois minutos, Dee!

— Estou empatando o seu jantar — disse Mort. — Sinto muito.

— São ossos do ofício, Mort. Ouça, seja franco comigo — esse cara é tão doido quanto parece? É perigoso?

E jamais contaria isto a alguém. Seria mais ou menos como ficar na tempestade e desafiar o raio.

— Não creio — respondeu Mort —, mas quero o sujeito fora das minhas costas, Herb. — Mort vacilou, procurando o tom correto. — Levei cerca de meio ano caminhando sob uma tempestade de merda, mas, quanto a este assunto, penso que consigo fazer alguma coisa. Só não quero o sujeito pegando no meu pé.

— Certo — disse Herb, com súbita decisão. — Vou ligar para Marianne JalTery, da EQMM. Há muito que a conheço. Se lhe pedir que solicite ao curador da biblioteca — é assim mesmo que chamam o cara, falo sério, curador da biblioteca — para enviar-nos um exemplar de junho de 1980 ela fará isso. Você me permite dizer que talvez tenha uma história para eles, em algum momento futuro?

— Claro — disse Mort, pensando ao mesmo tempo: Diga a ela que será sob o nome de John Shooter, e quase deu uma gargalhada.

— Ótimo! Marianne providenciará para que o curador lhe envie a revista, via expressa, diretamente da Pensilvânia. Basta que a devolva em bom estado, pois do contrário terá que encontrar um exemplar substituto naquelas vendas em bazares de que me falou.

— Haverá alguma possibilidade disto acontecer depois de amanhã? —

— Haverá alguma possibilidade disto acontecer depois de amanhã? — perguntou Mort.

Tinha a infeliz certeza de que seria julgado maluco, apenas por pedir... havendo ainda a certeza absoluta de que Herb o imaginaria transformando um grão de areia em montanha.

— Acho que há uma boa possibilidade — respondeu Herb. — Não estou afirmando, mas quase posso garantir.

— Obrigado, Herb — disse Mort, sinceramente grato. — Você é um amigão.

— Pô, ora bolas, madama! — respondeu Herb, fazendo a ruim imitação de John Wayne, da qual era tão absurdamente orgulhoso.

— Agora, aproveite o seu jantar. E beije Delores por mim.

Herb continuava com seu jeito de John Wayne.

— Ao diabo com isso. Eu a beijarei por mim, peregrino!

Sabe falar grosso, peregrino.

Mort sentiu tal pontada de horror e medo que quase deixou escapar um grito. A mesma palavra, a mesma voz sem entonação e arrastada. Shooter fizera uma conexão com sua linha, de algum modo, e não importava quem Mort tentasse chamar ou que número discasse, sempre era ele que respondia. Herb Creekmore tinha se tornado apenas mais um de seus pseudônimos, e...

— Mort? Ainda está na linha?

Ele fechou os olhos. Herb agora dispensava a absurda imitação de John Wayne, voltava a ser ele mesmo. O Herb de sempre, o de antes. Quando usara aquela palavra, havia sido simplesmente...

O quê?

Apenas mais um objeto flutuante no Desfile de Coincidências? Claro. Sem dúvida. Não há problema. Basta eu ficar parado na calçada, vendo-o passar. Por que não?Já vi meia dúzia de objetos maiores passando por mim.

— Claro, Herb, continuo aqui — respondeu Mort, abrindo os olhos. — Estava

— Claro, Herb, continuo aqui — respondeu Mort, abrindo os olhos. — Estava apenas procurando imaginar o quanto gosto de você. Contava as maneiras, entende?

— Você me deixa vaidoso — disse Herb, visivelmente satisfeito. — E vai cuidar deste caso com cautela e prudência, certo?

— Certo.

— Então, acho que agora vou saborear o jantar com a luz de minha vida.

— Parece uma excelente ideia. Até outra vez, Herb — e obrigado!

— Não foi nada. Tentarei providenciar para depois de amanhã. Dee também se despede de você.

— Se ela agora quiser servir o vinho, aposto que já pode — disse Mort, e os dois desligaram, rindo juntos.

Assim que ele recolocou o telefone em sua mesa, a fantasia retornou. Shooter. Ele o policiava em vozes diferentes. Naturalmente, Mort estava sozinho e já escurecera, uma condição que alimenta fantasias. Entretanto, ele não acreditava — pelo menos em sua cabeça — que John Shooter fosse algum ser sobrenatural ou um supercriminoso. Se fosse o primeiro, sem dúvida saberia que Mort Rainey não era um plagiário — pelo menos, não quanto aquela particular história — e se fosse o último estaria assaltando qualquer banco ou coisa assim, em vez de ficar peidando pela zona oeste do Maine, tentando extorquir um conto de um escritor que ganhava muito mais dinheiro escrevendo novelas.

Começou a caminhar lentamente de volta à sala de estar, pretendendo ir ao estúdio e tentar o processador de texto, quando um pensamento (pelo menos, não quanto aquela particular história) brotou em sua mente e o fez parar.

O que, exatamente, isso queria dizer? Não quanto aquela particular história? Teria ele já roubado o trabalho de mais alguém?

Pela primeira vez, desde que Shooter batera à sua porta com aquele maço de páginas, Mort considerou a questão seriamente. Um bom número de críticas sobre seus livros sugerira que, de fato, ele não era um escritor original, que a maioria de suas obras consistia de histórias já contadas. Ele recordava Amy lendo uma crítica sobre O menino que tocava realejo, que primeiro reconhecia o

ritmo e legibilidade do livro, para então sugerir uma certa derivação de sua trama. Amy havia dito: “E daí? Estas pessoas não sabem que existem somente cinco histórias realmente boas, e que os escritores apenas as contam e recontam, com personagens diferentes?”

Pessoalmente, Mort acreditava que houvesse pelo menos seis histórias: sucesso; fracasso; amor e perda; vingança; identidade trocada; a busca por um poder mais alto, fosse Deus ou o demônio. Ele contara as primeiras quatro incessante e obsessivamente, mas ao pensar nisto agora, “Tempo de plantar” encarnava pelo menos três daquelas idéias, admitiu para si mesmo. Entretanto, isto seria plágio? Se fosse, cada novelista em atividade no mundo seria culpado do crime.

Plagiar, decidiu ele, era roubo inequívoco. Só que jamais fizera isto em sua vida.

Nunca.

— Nunca! — exclamou, e entrou em seu estúdio de cabeça erguida, de olhos bem abertos, como um guerreiro aproximando-se do campo de batalha.

Ali ele se sentou durante a hora seguinte, e as palavras que escreveu foram nenhuma.

26

Sua seca permanência diante do processador de texto o convenceu de que poderia ser uma boa ideia beber o jantar, em vez de comê-lo, e estava no segundo bourbon com água, quando o telefone soou novamente. Aproximou-se dele cautelosamente, de súbito desejando possuir uma secretária-eletrônica acoplada ao telefone. Pelo menos, era um aparelho com uma excelente qualidade: permitia a monitoração das chamadas, a separação entre amigos e adversários.

Parou junto ao telefone, indeciso, refletindo no quanto detestava o som daqueles aparelhos modernos. Outrora, eles haviam tilintado — bimbalhavam alegremente, uniformes. Agora, emitiam um ruído esganiçado e ululante, como o de uma enxaqueca fazendo-se anunciar.

Bem, vai atender ou apenas ficar parado, ouvindo-o tocar?

Não quero falar com ele novamente. Ele me assusta e me enfurece, não sei que sentimento detesto mais.

Talvez não seja ele.

Talvez seja.

Ouvir aqueles dois pensamentos girando e girando era ainda pior do que ouvir o perietrante biip-yaap do telefone. Ele então atendeu, disse alô soturnamente e, afinal de contas, não era ninguém mais perigoso do que Greg Carstairs, seu zelador.

Greg fez as perguntas agora familiares sobre a casa, Mort tornou a respondê-las e refletiu que explicar tal evento era bastante similar à explicação de uma morte súbita — se alguma coisa podia fazer a pessoa afetada superar o choque, era a constante repetição dos fatos conhecidos.

— Escute, Mort, finalmente estive com Tom Greenleaf, no final da tarde — disse Greg, e Mort achou que ele soava um tanto engraçado — um pouco cauteloso. — Ele e Sonny Trotts estavam pintando o Salão Paroquial Metodista.

— É mesmo? Falou com ele sobre o tal sujeito?

— Sim, falei — disse Greg, parecendo mais cauteloso do que nunca.

— E então?

Houve uma curta pausa.

— Tom acha que você deve ter confundido os dias.

— Confundido os... o que está querendo dizer?

— Bem — respondeu Greg, em tom de quem se desculpa — ele falou que desceu a Alameda do Lago ontem de tarde e que o viu; disse que acenou para você e que você acenou em resposta. Só que, Mort...

— O quê?

Mort, entretanto, temia já saber a resposta.

— Tom disse que você estava sozinho — completou Greg.

27

Mort ficou calado durante um longo momento. Não se sentia capaz de falar fosse o que fosse. Greg também nada disse, dando-lhe tempo para pensar. Tom Greenleaf não era nenhuma criança; tinha pelo menos mais três anos que Dave Newsome, talvez chegasse a seis. Contudo, tampouco era senil.

— Oh, Deus! — disse Mort por fim.

Falou baixinho, muito suave. Na verdade, sentia-se um pouco zonzo.

— Na minha opinião — disse Greg, em tom confidencial, — talvez Tom é que fez alguma confusão. Como sabe, ele não é exatamente um...

— Um garoto — concluiu Mort. — Eu sei. Entretanto, se em Tashmore existe alguém com melhor olho para estranhos do que Tom, não sei quem possa ser. Ele tem ficado de olho em estranhos a vida inteira, Greg. Esta é uma das funções dos zeladores, não? — Mort vacilou, depois explodiu: — Ele olhou para nós! Olhou diretamente para nós dois!

Cautelosamente, falando como se apenas aventurasse, Greg disse:

— Tem certeza de que não sonhou com esse sujeito, Mort?

— Até este momento — disse Mort lentamente — eu nem ao menos havia considerado isto. Se nada do que falei aconteceu e começo a andar por aí, dizendo aos outros que aconteceu, então estou ficando louco.

— Oh, eu não penso nisso, em absoluto! — exclamou Greg prontamente.

— Pois eu penso — replicou Mort.

E pensou: Talvez seja justamente isso que ele quer. Fazer os outros pensarem que estou louco. E, no fim , talvez tornar verdade o que as pessoas pensam.

Oh, sim. Certo. Ele se associou ao velho Tom Greenleaf para fazer o trabalho.

Aliás, provavelmente Tom é que foi a Derry e incendiou a casa, enquanto Shooter ficava aqui e liquidava o gato — certo?

Ora, reflita um pouco. REFLITA mesmo. Ele estava lá? Estava lá REALMENTE?

Mort refletiu. Refletiu com mais intensidade do que já refletira em alguma coisa na vida; concentrou-se nisso, com mais firmeza do que se concentrara sobre Amy e Ted, sobre o que devia fazer com eles, após tê-los surpreendido juntos na cama, naquele dia de maio. John Shooter seria alucinação sua? Tornou a pensar na rapidez com que Shooter o tinha agarrado e o lançara contra a lateral do carro.

— Greg?

— Estou aqui, Mort.

— E o carro, Tom não o viu também? Uma caminhoneta velha, com chapas de matrícula do Mississípi?

— Ele disse que ontem não viu nenhum carro na Alameda do Lago. Viu apenas você, parado no final da trilha que desce até o lago. Pensou que estivesse apreciando a vista.

E ao vivo ou é Memorex?

Mort insistia em pensar na forte pressão das mãos de Shooter em seus braços, na agilidade com que o homem o jogara contra o carro. “Está mentindo!”, havia dito ele.

Mort vira a raiva incendiando-lhe os olhos, sentira cheiro de canela em seu hálito.

As mãos dele.

A pressão das mãos dele.

— Greg, aguarde aí um instante!

— Certo.

Mort largou o fone e tentou arregaçar as mangas da camisa. Não teve muito êxito, porque suas mãos tremiam demais. Então desabotoou a camisa, despiu-a e estendeu os braços. A princípio nada viu. Então, torceu-os para fora o mais que pôde, e lá estavam elas, duas equimoses amareladas na parte interna de cada

braço, pouco acima dos cotovelos.

As marcas deixadas pelos polegares de John Shooter, quando o agarrara e o jogara contra o carro.

De repente, achou que podia compreender e ficou com medo. Entretanto, não era medo por si mesmo.

Era pelo velho Tom Greenleaf.

28

Tornou a erguer o fone.

— Greg?

— Estou ouvindo.

— Tom parecia bem, quando você falou com ele?

— Estava exausto — disse Greg prontamente. — Aquele velho tolo não tinha que ficar arrastando-se em um andaime e pintando um dia inteiro, em um vento gelado.

Não em sua idade! Ele parecia pronto para cair no primeiro monte de folhas, se não achasse uma cama bem depressa. Vejo aonde quer chegar, Mort, e suponho que, se ele estivesse cansado o suficiente, isso poderia ter-lhe confundido a mente, mas...

— Não, não é o que estou pensando. Tem certeza de que era apenas exaustão? Ele não poderia estar amedrontado?

Agora houve um longo e pensativo silêncio no outro lado do fio. Embora impaciente, Mort não o interrompeu. Queria que Greg pensasse por todo o tempo que fosse preciso.

— Ele não parecia o mesmo — disse Greg por fim. — Parecia distraído... desligado, de algum modo. Atribuí tudo ao puro e velho cansaço, mas talvez não fosse só isso.

Ou não fosse cansaço algum.

— Ele poderia estar escondendo alguma coisa de você?

Desta vez, a pausa foi mais longa.

— Não sei. É possível, porém não tenho certeza de nada, Mort. Você me faz desejar ter falado mais com ele, presssionado um pouco mais.

— Acho que seria uma boa ideia irmos à casa dele — disse Mort. — Agora.

Tudo aconteceu como lhe contei, Greg. Se Tom disse algo diferente, talvez meu amigo o tenha ameaçado. Encontrarei você aí.

— Certo. — Greg pareceu novamente preocupado. — Ouça, Tom não é o tipo de sujeito que se assusta com facilidade.

— Tenho certeza de que isso um dia foi verdade, mas, agora, Tom está com setenta e cinco anos. Creio que, quanto maior a idade, mais fácil a pessoa amedrontar-se.

— Que tal a gente encontrar-se em casa dele?

— Parece uma boa ideia.

Mort desligou o telefone, despejou o resto do bourbon na pia e rumou para a casa de Tom Greenleaf em seu Buick.

29

Greg havia estacionado na entrada da garagem, quando Mort chegou. O Scout de Tom estava junto à porta dos fundos. Greg usava um blusão de flanela, com a gola levantada; o vento que vinha do lago era cortante o bastante para tornar-se pouco confortável.

— Ele está bem — disse para Mort, assim que o viu.

— Como é que sabe?

Os dois falavam em voz baixa.

— Vi o Scout dele, e então fui até a porta dos fundos. Há uma nota pregada lá, dizendo que ele teve um dia cansativo e ia cedo para a cama. — Greg sorriu e jogou os cabelos compridos para fora do rosto. — Diz também que, se alguma pessoa das que costumam procurá-lo precisar dele, que ligasse para mim.

— A nota foi escrita com a letra dele?

— Hum-hum. Enormes rabiscos de velho. Eu identificaria aquela letra em qualquer lugar. Dei a volta e espiei pela janela do quarto. Ele está lá. Fechou a janela, mas é de espantar que não quebre a maldita vidraça, roncando tão forte... Quer verificar você mesmo?

Mort suspirou e meneou a cabeça.

— Ainda assim, há qualquer coisa errada, Greg. Tom nos viu. Viu nós dois. O sujeito ficou esquentado alguns minutos depois da passagem de Tom e agarrou-me pelos braços. Ainda tenho as equimoses e posso mostrar, se você quiser ver.

Greg negou com a cabeça.

— Acredito em você. Quanto mais penso nisto, menos estou gostando da maneira quando ele disse que o viu sozinho. Havia algo... esquisito a respeito. Falarei com ele novamente, amanhã de manhã. Também podemos falar os dois com ele, caso você prefira.

— Seria bom. A que horas?

— Por que não dá uma chegada ao Salão Paroquial por volta de nove e meia? Ele já terá tomado suas duas-três xícaras de café — o velho fica intragável antes de tomar seu café — e podemos fazê-lo descer daquele maldito andaime por algum tempo.

Talvez lhe salvemos a vida. O que acha?

— Tudo bem. — Mort estendeu a mão. — Lamento tê-lo feito sair de casa por nada.

Greg sacudiu a cabeça.

— Não lamente. Aqui há algo que não está certo. Estou sinceramente curioso em saber o que é.

Mort voltou para seu Buick e Greg deslizou para o volante de seu caminhão. Os dois tomaram direções opostas, deixando o velho entregue ao sono da exaustão.

Mort só conseguiu dormir quando já eram quase três da madrugada. Mexeu-se e remexeu-se na cama, até os lençóis se tornarem um campo de batalha e ele não suportá-los mais. Então, caminhou para o sofá da sala de estar, em uma espécie de transe. Deu com as canelas na descarada mesinha da sala, praguejou em voz monótona, deitou-se, ajeitou as almofadas atrás da cabeça, e quase imediatamente mergulhou em um buraco negro.

30

Quando acordou, às oito horas da manhã seguinte, ele pensou que se sentia otimamente bem. Continuou pensando assim, até girar as pernas para fora do sofá e sentar-se. Então, escapou dele um grunhido tão alto que era quase um grito abafado e só conseguiu ficar sentado um momento, desejando poder sustentar as costas, os joelhos e o braço direito, tudo ao mesmo tempo. O braço era o pior, e então Mort o susteve. Tinha lido em algum lugar que as pessoas podem executar atos de força quase sobrenaturais, se presas do pânico; que elas nada sentem, enquanto erguem carros para libertar criancinhas presas sob eles ou estrangulam Dobermans assassinos com as mãos nuas, só percebendo a que ponto forçaram seus corpos após o refluxo da maré da emoção. Agora, Mort acreditava nisto. Havia empurrado a porta do banheiro, no andar de cima, com força suficiente para arrancá-la de uma das dobradiças. Com que força esgrimira o atiçador? Talvez mais vigorosamente do que queria pensar, em vista da maneira como estavam suas costas e o braço direito, esta manhã. Tampouco queria pensar na aparência dos estragos feitos no banheiro, ao serem vistos por um olho menos enfurecido. Ele sabia que ia culpar a si mesmo pelos estragos — ou pela maior parte deles, enfim. Mort refletiu que Greg Carstairs devia ter sérias dúvidas sobre sua sanidade, a esta altura dos acontecimentos, de nada valendo os protestos em contrário. Um olhar à porta despencada do banheiro, à porta estraçalhada do boxe da ducha e ao estilhaçado armário de remédios, bem pouco faria para aumentar a confiança de Greg em sua racionalidade. Recordou ter pensado que Shooter talvez estivesse tentando fazer com que os outros o julgassem louco. A ideia não lhe pareceu idiota, em absoluto, agora que a examinava à luz do dia; pelo contrário, era mais lógica e crível do que nunca.

Entretanto, prometera encontrar Greg no Salão Paroquial dentro de noventa minutos — menos do que isso, agora — para falarem com Tom Greenleaf. Ficar ali sentado, contando suas dores, não o levaria até lá.

Mort se forçou a ficar em pé e cruzou a casa lentamente, em direção ao banheiro principal. Abriu a água quente da ducha, o bastante pra produzir nuvens de vapor, engoliu três aspirinas e caminhou para o banho.

Quando emergiu, a aspirina começava a fazer efeito e ele pensou que, afinal de contas, conseguiria atravessar o dia. Não ia ser divertido; quando o dia terminasse, talvez desse a sensação de haver durado vários anos, mas ele achava que dava para suportar.

Este é o segundo dia, pensou, enquanto se vestia. Sentiu-se varado por uma ligeira cólica de apreensão. Amanhã é o prazo final. Isso o fez pensar primeiro em Amy e depois em Shooter, dizendo, Eu a deixaria fora disto, se pudesse, mas começo a pensar que o senhor não me oferece alternativa.

A cólica retornou. Primeiro, o demente filho da puta matara Bump, depois ameaçara Tom Greenleaf (certamente devia ter ameaçado Tom Greenleaf) e, Mort começava a perceber, era bem possível que Shooter tivesse incendiado a casa de Derry. Supunha que soubera disto o tempo todo, mas que apenas não quisera admitir para si mesmo. Incendiar a casa e livrar-se da revista fora sua missão primordial — claro está; um homem tão demente quanto Shooter não iria pensar em todos os demais exemplares daquele mesmo número da revista rolando por aí. Tais coisas não são parte da visão que um lunático tem do mundo.

E Bump? O gato devia ter sido apenas uma reflexão tardia. Ao voltar, Shooter vira o gato no alpendre, à espera de ser deixado entrar na casa, vira Mort ainda dormindo e matara o pobre bicho, em um impulso. Fazer uma viagem de ida e volta a Derry tão depressa devia ter sido difícil, mas a façanha fora executada. Tudo se encaixava.

E, agora, ele ameaçava envolver Amy.

Preciso avisá-la, pensou ele, enfiando a camisa na traseira das calças. Ligarei para ela esta manhã e deixarei tudo bem claro. Uma coisa é eu mesmo manejar o sujeito; ficar de braços cruzados, enquanto um louco envolve a única mulher que já amei, em algo que ela ignora por completo... bem, isso é muito diferente.

Sim, mas primeiro conversaria com Tom Greenleaf e o faria contar a verdade. Sem a confirmação de Tom para o fato de Shooter estar realmente nos arredores e ser realmente perigoso, o comportamento dele, Mort, pareceria suspeito ou biruta — se não as duas coisas. Provavelmente, as duas coisas. Assim, Tom vinha primeiro.

Entretanto, antes de encontrar Greg no Salão Paroquial Metodista, ele pretendia fazer uma parada no Bowie’s e saborear uma das famosas omeletes com bacon e queijo de Gerda. Um exército marcha impelido pelo estômago, Soldado Rainey. Tem toda razão, senhor! Mort saiu para o corredor da frente, abriu a pequena caixa de madeira afixada na parede, acima do telefone, e tateou ò interior, em

busca das chaves do Buick. Não estavam lá.

De cenho franzido, foi até a cozinha. Lá estavam elas, em cima da bancada ao lado da pia. Mort pegou as chaves e as sopesou pensativamente na palma da mão. Não as tinha deixado na caixa, após ter voltado da casa de Tom, aquela noite? Tentou recordar e não conseguiu — não havia certeza. Deixar as chaves na caixa ao chegar em casa tornara-se um tal hábito, que uma vez se confundia com outra. Quando se pergunta a um homem que gosta de ovos fritos, o que comeu no breakfast de três dias atrás, ele não se lembra — presume ter comido ovos fritos, já que os come com tanta frequência — mas não tem certeza. Isto era a mesma coisa. Ele chegara cansado, dolorido e preocupado. Simplesmente, não conseguia lembrar.

Entretanto, não estava gostando disso.

Não gostava nem um pouco.

Foi até a porta dos fundos e a abriu. Ali, jazendo nas tábuas do piso, estava o chapéu preto de copa redonda que pertencia a John Shooter.

Mort ficou parado à porta, fitando o chapéu, as chaves do carro apertadas em uma das mãos, com o porta-chaves metálico pendendo, de maneira a refletir um raio do sol matinal Ele podia ouvir o coração palpitando nos ouvidos. As batidas eram lentas, deliberadas. Uma parte dele já esperava algo semelhante a isto.

O chapéu estava exatamente no lugar em que Shooter largara o manuscrito. E mais além, na entrada da garagem, ele via seu Buick. Tinha-o estacionado na esquina da casa, quando voltara na véspera — isso ele recordava — mas, agora, estava ali.

— O que foi que você fez? — gritou Mort Rainey subitamente, em meio ao sol da manhã, e os pássaros que chilreavam despreocupadamente nas árvores silenciaram de súbito. — O que, em nome de Deus, você fez?

Entretanto, se Shooter estava ali, espiandoo, nada respondeu. Talvez achasse que, em breve, Mort descobriria o que ele havia feito.

31

O cinzeiro do Buick estava puxado para fora, aberto, e continha dois tocos de cigarros.

Não tinham filtro. Mort pegou um deles com as unhas, o rosto contorcido em uma careta de desprazer, certo de que seria um Pall Mall, a marca de Shooter. Era.

Girou a chave, e o motor pegou em seguida. Mort não o ouviu vacilando e pipocando quando começou a rodar, era como se a máquina ainda estivesse quente.

O chapéu de Shooter estava agora no porta-malas. Mort o recolhera com o mesmo desprazer mostrado pela ponta de cigarro, usando apenas as pontas dos dedos para erguê-lo pela aba. Nada havia debaixo do chapéu e nada dentro dele, exceto uma faixa interna muito velha e manchada de suor. Havia também um outro cheiro, mais penetrante e mais acre do que suor. Um cheiro que Mort identificou de maneira vaga, sem poder situá-lo. Talvez acabasse descobrindo. Deixou o chapéu no banco traseiro, mas então recordou que estaria vendo Greg e Tom em menos de uma hora. Não tinha bem certeza de querer que eles o vissem. Não sabia exatamente por que se sentia assim, mas esta manhã parecia mais garantido seguir seus instintos do que questioná-los. Assim, colocou o chapéu no porta-malas e partiu para a cidade.

32

A caminho do Bowie’s, ele tornou a passar pela casa de Tom. Não viu mais o Scout na entrada da garagem. Por um momento, isto deixou Mort nervoso, mas depois concluiu que era um bom sinal, em vez de mau — Tom já devia ter iniciado seu dia de trabalho. Ou talvez tivesse ido ao Bowie’s — sendo viúvo, era lá que ele fazia grande parte de suas refeições.

A maioria do pessoal do Departamento de Serviços Públicos de Tashmore ocupava o balcão do Bowie’s, bebendo café e falando sobre a iminente temporada de caça aos alces, mas Tom (está morto, ele está morto, Shooter o matou e adivinhem que carro usou) não se encontrava entre eles.

— Mort Rainey! — Gerda Bowie o acolheu com seu costumeiro grito rouco de Membro da Torcida. Era uma mulher alta, com massas de anelados cabelos castanhos e enorme busto arredondado. — Há séculos não o vejo! Tem escrito bons livros ultimamente?

— Estou tentando — respondeu Mort. — Poderia preparar-me uma de suas omeletes especiais?

— Poxa, não! — disse Gerda, mas riu para mostrar que era brincadeira. Os homens dos Serviços Públicos, em seus macacões de lã verde-oliva, riram com ela. Por um instante, Mort desejou ter uma daquelas armas enormes, como a que Dirty Harry usava sob seus paletós-esporte de tweed. Dando uns bons tiros ali dentro, talvez impusesse um pouco de ordem no local. — É prá já, Mort!

— Obrigado.

Quando ela trouxe a omelete, juntamente com torradas, café e suco de laranja, disse em voz mais baixa:

— Fiquei sabendo de seu divórcio. Sinto muito.

Ele levou a caneca de café aos lábios, com uma mão que quase estava firme.

— Obrigado, Gerda.

— E tem se cuidado?

— Bem... faço o que posso.

— Parece um pouco pálido.

— Há noites em que custo a pegar no sono. Acho que ainda não me acostumei ao silêncio.

— Tolice... ainda não está é acostumado a dormir sozinho. Entretanto, um homem não tem que dormir sozinho para sempre, Mort, só porque sua mulher não dava valor a uma coisa boa, quando a tinha. Espero que não se incomode por eu lhe falar assim...

— De maneira nenhuma — respondeu Mort, mas a verdade é que se incomodava, além de saber que Gerda Bowie era péssima conselheira.

— ... mas você é o único escritor famoso que esta cidade já teve.

— O que provavelmente é uma sorte.

Ela riu e beliscou-lhe a orelha. Mort perguntou-se brevemente o que ela diria, o que diriam os homenzarrões de macacão verde-oliva, se ele resolvesse morder a mão que o beliscara. Ficou um pouco chocado, ao perceber o quanto a ideia era tentadora. Estariam todos ali falando sobre ele e Amy? Alguns diriam que ela não dera valor a uma coisa boa quando a tinha, outros diriam que a pobre mulher finalmente se fartara de viver com um biruta e decidira cair fora, nenhum deles saberia de que droga falavam ou o que houvera entre ele e Amy, quando viviam em bons termos?

É claro que comentavam, pensou cansadamente. Bisbilhotar era o melhor que as pessoas faziam. Mexericar sobre pessoas cujos nomes liam nos jormais.

Mort baixou os olhos para sua omelete e não a quis.

Mesmo assim, começou a comer, conseguindo enfiar a maior parte garganta abaixo. Aquele ainda ia ser um longo dia. As opiniões de Gerda Bowie sobre sua aparência e sua vida amorosa não modificariam isso.

Ao terminar, ele pagou pelo breakfast e um jornal. Depois saiu para a rua (as equipes dos Serviços Públicos tinham debandado en masse, cinco minutos antes dele, um dos homens parando apenas o tempo necessário, a fim de obter um autógrafo para a sobrinha que aniversariava), às nove e quinze. Sentou-se ao

autógrafo para a sobrinha que aniversariava), às nove e quinze. Sentou-se ao volante e folheou o jornal, em busca de alguma notícia sobre a casa em Derry. E encontrou-a na página três. INSPETORES DO CORPO DE BOMBEIROS SEM PISTAS NO INCÊNDIO RAINEY, dizia o cabeçalho. Em si, o relato tinha menos de meia coluna de comprimento. A última frase dizia que “Morton Rainey, conhecido por suas novelas de sucesso, como O menino que tocava realejo e A Família Delacourt, não pôde ser encontrado para falar a respeito”. Isto significava que Amy não lhes fornecera o número de Tashmore. Excelente ideia. Se telefonasse mais tarde para ela, Mort iria agradecer-lhe por isto.

Tom Greenleaf vinha primeiro. Quando chegasse ao Salão Paroquial Metodista, já seriam quase nove e vinte. Talvez quase nove e meia. Ele ligou o motor e pôs o Buick em marcha.

33

Quando chegou ao Salão Paroquial, ali havia um veículo estacionado — um antigo Ford “Bronco”, com a traseira coberta de lona e um letreiro em cada porta, dizendo SONNY TROTTS PINTURAS CONSERTOS DIVERSOS CARPINTARIA EM GERAL.

Mort viu Sonny, um homem baixote, inteiramente calvo e de olhos risonhos, trepado em um andaime. Ele pintava em vigorosas pinceladas, tendo ao lado um micro-system de potentes alto-falantes, tocando algo no estilo Las Vegas, por Ed Ames ou Tom Jones — um daqueles caras que cantam sem abotoar os três últimos botões da camisa.

— Ei, Sonny! — chamou Mort.

Sonny continuou pintando, os movimentos da mão indo e vindo em quase perfeito ritmo, enquanto Ed Ames, ou quem quer que fosse, fazia as perguntas musicais sobre quem é o homem e o que ele faz. Eram perguntas que Mort fizera a si mesmo, uma ou duas vezes, embora sem a seção musicada.

— Sonny!

Sonny estremeceu. A tinta branca choveu da extremidade de seu pincel e, por um alarmante momento, Mort chegou a pensar que ele poderia despencar do andaime. Então, Sonny agarrou-se a uma das cordas, virou o corpo e olhou para baixo.

— Oh, Sr. Rainey! — falou. — Deu-me um susto e tanto!

Por algum motivo, Mort pensou na maçaneta em Alice no País das Maravilhas, de Disney, e precisou conter um violento acesso de riso.

— Sr. Rainey? O senhor está bem?

— Estou. — Mort engoliu em seco, torcidamente. Era um truque que aprendera na escola paroquial, cerca de mil anos atrás, sendo a única maneira garantida para onde conter o riso, já descoberta por ele. Como a maioria dos truques que funcionam, este doía. — Pensei que você fosse cair.

— Não eu — disse Sonny, dando uma risada. Matou a voz que saía do alto-

— Não eu — disse Sonny, dando uma risada. Mudou a voz que saía do alto-falante, quando ela disparava em uma nova viagem de emoções. — Tom poderia cair, talvez, mas não eu.

— Onde está Tom? — perguntou Mort. — Eu queria falar com ele.

— Oh, ele ligou bem cedo, dizendo que não viria hoje. Respondi que tudo bem, que afinal não havia trabalho suficiente para nós dois.

Sonny fitou Mort com ar confidencial.

— Claro que há trabalho, mas acho que Tom exagerou demais desta vez. Isto não é tarefa para um cara de idade. Ele disse que tinha as costas muito doloridas. Devia ser mesmo verdade. Mal o reconheci falando.

— A que horas foi isso? — perguntou Mort, esforçando-se ao máximo para aparentar naturalidade.

— Cedo — informou Sonny. — Umas seis horas. Eu ia entrar na velha casinha, para minhas funções matinais. Sou um homem de hábitos muito regulares. — Sonny parecia extremamente orgulhoso disto. — É claro que Tom sabe a que horas me levanto e começo minhas funções.

— Ele parecia não se sentir bem?

— Isso. Nem parecia o mesmo. — Sonny fez uma pausa, franzindo o cenlio. Dava a impressão de esforçar-se muito para recordar alguma coisa. Então, com um ligeiro dar de ombros, continuou: — O vento do lago estava terrível ontem. Provavelmente ele se resfriou. Bem, Tommy é um sujeito de ferro. Em um dia ou dois estará novo em folha. Fico mais preocupado com ele se movendo aqui na prancha. — Sonny apontou o pincel para o piso do andaime, despejando um chuveiro de pingos brancos que trilharam as tábuas, além de seus sapatos. — Posso servi-lo em alguma coisa, Sr. Rainey?

— Não — disse Mort. Sob seu coração havia uma bola fosca de medo, como um pedaço de lona amassada. — Por falar nisto, viu Greg?

— Greg Carstairs?

— Ele mesmo.

— Não esta manhã. Claro, ele lida com o serviço de carregamento. — Sonny riu

— Não esta manhã. Claro, ele lida com o serviço de carregamento. — Sonny riu. —

O boa-vida pode levantar-se mais tarde do que o resto de nós.

— Bem, eu pensei que ele viria aqui, também para falar com Tom — disse Mort. —

Importa-se se eu esperar um pouco? É capaz de ele aparecer.

— Fique à vontade — disse Sonny. — A música incomoda?

— Nem um pouco.

— Hoje em dia, a gente pode conseguir algumas gravações de TV que são o maior barato. Basta fornecer a eles o número do Mastercard. Nem mesmo se paga a ligação.

É um número de oito dígitos. — Inclinando-se para sua potente aparelhagem, depois baixou os olhos francos para Mort. — Este agora é Roger Whittaker — disse, em voz baixa e reverente.

— Oh!

Sonny apertou a tecla PLAY. Roger Whittaker contou para ambos haver momentos (tinha certeza de que os dois sabiam) em que ele mordia mais do que podia mastigar. Isso também era algo que Mort tinha feito, sem a sessão musical. Ele caminhou até a borda da entrada para carros e tamborilou alheadamente no bolso da camisa. Ficou um tanto surpreso ao descobrir que o velho maço de L & M, agora reduzido a um só resistente sobrevivente, estava ali. Acendeu o último cigarro, pestanejando em antecipação do sabor áspero. Não estava ruim. Aliás, quase não tinha sabor algum... como se os anos o houvessem roubado.

Esta não foi a única coisa que os anos roubaram.

Quão verdadeiro! Irrelevante, mas verdadeiro. Ele fumou e espiou a estrada.

Agora, Roger Whittaker dizia para ele e Sonny que no porto jazia um barco carregado e que em breve para a Inglaterra zarpariam. Sonny Trotts cantava a última palavra de cada linha. Não mais do que isto; somente a última palavra. Carros e caminhões passavam de uma direção para outra pela rota 23. O Ford

“Ranger" de Greg não aparecia. Mort jogou fora o cigarro, olhou para o relógio e viu que faltavam quinze para as dez. Compreendeu que Greg, um homem religiosamente pontual, também não viria.

Shooter pegou os dois.

Oh, tolice! Você não sabe de nada!

Sim, eu sei. O chapéu. O carro. As chaves.

Você não está tirando conclusões, está saltando para elas.

O chapéu. O carro. As chaves.

Dando meia volta, ele tornou a aproximar-se do andaime.

— Acho que ele esqueceu — disse.

Sonny não o ouviu. Movia o braço para cima e para baixo, perdido na arte da pintura e no soul de Roger Whittaker.

Mort voltou para seu carro e afastou-se dali. Perdido em seus pensamentos, nem ouviu que Sonny gritava seu nome.

De qualquer modo, a música certamente o teria abafado.

34

Chegou em casa às dez e quinze, desceu do carro e encaminhou-se para a porta.

A meio caminho de lá, voltou e abriu o porta-malas. O chapéu estava lá dentro, preto e definitivo, um sapo real em um jardim imaginário. Mort apanhou-o, desta vez não sendo tão suscetível na maneira de pegá-lo, bateu a tampa do porta-malas e foi para a casa.

Ficou parado no corredor da frente, incerto sobre o que queria fazer em seguida...

e de repente, sem qualquer motivo, colocou o chapéu na cabeça. Estremeceu ao fazer isso, da maneira como um homem às vezes estremece, após engolir uma boa dose de bebida forte. Entretanto, o estremecimento cessou.

E, em verdade, o chapéu ajustava-se perfeitamente à sua cabeça.

Mort caminhou lentamente para o dormitório principal, acendeu a luz e se postou diante do espelho. Quase deu uma gargalhada — estava parecido com o homem do forcado no quadro “Gótico Americano”, a tela de Grant Wood. Parecia-se com ele, embora o homem do quadro estivesse de cabeça descoberta. O chapéu cobria inteiramente os cabelos de Mort, como cobrira os de Shooter (se Shooter tivesse cabelos — o que ainda estava para ser confirmado, embora Mort achasse que saberia, da próxima vez em que o visse, agora que tinha o chapéu dele), apenas tocando a parte superior das orelhas. Era muito engraçado. Na verdade, engraçadíssimo.

Então, a voz irrequieta em sua mente perguntou, Por que o colocou? Com quem pensou que se pareceria? Com ele? O riso morreu. Antes de mais nada, por que pusera o chapéu?

Ele queria que você o pusesse, disse calmamente a voz insistente.

Verdade? Ora, mas por quê? Por que Shooter quereria isto?

Talvez ele queira que você fique...

O quê? Tornou a falar a voz irrequieta. O que ele quer que eu fique?

...fique confuso, respondeu ela.

O telefone tocou então, fazendo-o saltar. Mort arrancou o chapéu com sensação de culpa (mais ou menos como um homem temendo que o surpreendam experimentando as roupas de baixo da esposa) e foi atender, achando que devia ser Greg, comunicando que Tom estava em sua casa. Sim, claro, devia ter sido o que ocorrera; Tom ligara para Greg, contara-lhe sobre Shooter e as ameaças que fizera, e Greg então levara o velho para sua casa. Querendo protegê-lo. Fazia sentido que Mort não acreditava ter sido incapaz de imaginar isto antes.

Só que não era Greg. Era Herb Creekmore.

— Está tudo providenciado — anunciou Herb jovialmente. — Marianne fez o que lhe pedi. Ela é um doce!

— Marianne? — perguntou Mort idiotamente.

— Marianne Jaffery, da EQMM! — disse Herb. — Lembra-se? EQMM? “Tempo de plantar?” Junho de 1980? Dá para entender estas coisas, bwana?

— Oh! — exclamou Mort. — Oh, que ótimo! Obrigado, Herb! É coisa garantida?

— Claro! Você a terá amanhã — a revista real, não apenas um xerox do conto.

Despachada da Pensilvânia. Federal Express. Teve mais alguma notícia do Sr. Shooter?

— Ainda não — disse Mort, baixando os olhos para o chapéu preto em sua mão, ainda podendo sentir seu cheiro estranho, evocativo.

— Bem, como dizem, a falta de notícias quer dizer boas notícias. Falou com a lei local?

Ele prometera a Herb fazer isso? Mort não se lembrava com certeza, mas talvez houvesse prometido. De qualquer modo, era melhor contemporizar. Respondeu:

— Sim, falei. O velho Dave Newsome não levou o caso muito a sério. Acha que o sujeito talvez estivesse fazendo alguma brincadeira.

Era muita sujeira mentir para Herb, em particular depois de ele ter-lhe prestado

semelhante favor, mas de que adiantaria contar-lhe a verdade? Era tudo muito louco, complicado demais.

— Bem — acho que não devia ir na conversa dele, Mort. Eu acredito que isso seja importante. Acredito mesmo!

— Está bem.

— Mais alguma coisa?

— Não — mas obrigado, um milhão de vezes por isto. Você me salvou a vida.

E talvez, pensou ele, não fosse apenas uma forma de expressão.

— Foi um prazer, Mort. Lembre-se de que, nas cidades pequenas, a correspondência via expressa geralmente tem entrega direta na agência de correios local. Certo?

— Certo.

— Como está indo o novo livro? Eu estava mesmo querendo saber.

— A todo vapor! — exclamou Mort, calorosamente.

— Que ótimo! Sacuda esse cara do seu pé e mergulhe no livro. O trabalho já salvou homens bem melhores do que eu ou você, Mort.

— Eu sei. Recomendações à sua dama.

— Obrigado. E recomendações para... —Herb interrompeu-se bruscamente e Mort quase pôde vê-lo mordendo o lábio. Era difícil as pessoas acostumarem-se a separações. Dizem que os amputados continuam sentindo o pé que não está mais lá. -... para você — concluiu ele.

— Entendi — respondeu Mort. — Cuide-se, Herbert!

Mort caminhou sem pressa até a varanda e contemplou o lago. Não havia barcos na água. Estou um degrau acima, pouco importa o que mais aconteça. Poderei mostrar ao cara a maldita revista. Isso talvez não o faça baixar a crista... mas... bem, é possível. Afinal, o sujeito é louco e a gente nunca sabe o que membros da legendária tribo dos Caras Birutas vão fazer ou pretendem fazer. Aí está o seu

duvidoso charme. Tudo épossível.

Mort pensou que, afinal de contas, era até possível que Greg estivesse em casa — talvez houvesse esquecido o encontro combinado no Salão Paroquial ou poderia ter surgido algum imprevisto, em nada relacionado a este assunto. Subitamente esperançoso, Mort foi ao telefone e discou o número de Greg. No terceiro toque, ele recordou que Greg lhe dissera, na semana anterior, que sua esposa e filhos iam ficar algum tempo com os parentes dela. Megan começa a ir para a escola no próximo ano, havia dito ele, de maneira que ficará mais difícil eles viajarem.

Então, Greg tinha ficado sozinho.

(o chapéu)

Como Tom Greenleaf.

(o carro)

O jovem marido e o velho viúvo.

(as chaves)

E como havia funcionado? Ora, tão simples como encomendar uma fita de Roger Whittaker à televisão. Shooter vai à casa de Tom Greenleaf, porém não em sua caminhoneta — oh, não, isso daria muito na vista! Ele deixa seu carro estacionado na entrada da garagem de Mort Rainey ou talvez na lateral da casa. Vai à casa de Tom no Buick. Força Tom a ligar para Greg. É possível que Greg já esteja na cama, porém ele está preocupado com Tom e vai para lá depressa. Então, Shooter obriga Tom a ligar para Sonny Trotts e dizer a ele que não se sente bem o suficiente para ir trabalhar. Shooter aperta uma chave de fenda na jugular do velho Tom, dizendo que se não fizer a coisa bem feita terminará como um trapo velho. Tom faz a coisa bem feita... embora até mesmo Sonny, não muito esperto e tendo acabado de sair da cama, perceba que Tom não soa como ele próprio.

Shooter usa a chave de fenda em Tom. E, quando Greg Carstairs chega, usa a chave de fenda — ou algo semelhante — nele. E...

Você vai acabar de miolo mole. Trata-se apenas de um sério caso de delirium

tremens, e isso é tudo. Repita: isso... é... TUDO.

Podia ser razoável, porém não o convenceu. Aquilo não era um Chesterfield, “o cigarro que satisfaz”. Não o satisfez.

Mort caminhou rapidamente pelo andar térreo da casa, com a mão na cabeça e revirando mechas de cabelo.

E quanto aos furgões? O Scout de Tom, o Ranger de Greg? Acrescente-se o Buick, e você tem três veículos em que pensar — quatro, se contar com a caminhonete Ford de Shooter — e Shooter é apenas um homem.

Ele ignorava... mas sabia ser desnecessário e prejudicial, saber ou falar mais.

Quando tornou a aproximar-se do telefone, pegou a lista telefônica na gaveta em que era guardada, e começou a procurar o número do policial-chefe da cidade. De repente, parou o que fazia.

Um daqueles veículos era o Buick. O MEU Buick!

Largou a lista aos poucos. Procurou imaginar uma forma de Shooter poder ter dado conta de todos os veículos. Nenhuma ideia lhe veio. Era como sentar diante do processador de texto, quando precisava obter idéias — conseguindo apenas uma tela em branco. Entretanto, Mort sabia que não desejava ligar para Dave Newsome.

Ainda não. Afastava-se dali, indo para lugar nenhum em particular, quando o telefone tocou.

Era Shooter.

— Vá àquele lugar em que nos encontramos o outro dia — disse Shooter. — Desça a trilha um pouco. O senhor me parece um homem que pensa tão devagar como os velhos mastigam sua comida, Sr. Rainey, mas eu lhe concedo todo o tempo de que precisar. Ligarei mais tarde, ainda hoje. Qualquer outro telefonema que der, daqui até lá, é responsabilidade sua.

— O que foi que você fez? — perguntou Mort. Desta vez, sua voz perdera toda a força, tornara-se pouco mais do que um sussurro. — O que, no mundo, você fez agora?

Uma linha emudecida foi a resposta.

35

Ele subiu até o ponto em que a trilha e a estrada se uniam, o lugar onde estivera falando com Shooter, quando Tom Greenleaf tivera o infortúnio de vê-los. Por algum motivo, rejeitou a ideia de ir no Buick. Os arbustos a cada lado da trilha estavam rebaixados e algo desfolhados, formando uma espécie de passagem. Mort caminhou por ela aos arrancos, sabendo o que encontraria no primeiro capão de árvore que visse... e o encontrou. Era o Scout de Tom Greenleaf. Os dois homens estavam dentro dele.

Greg Carstairs sentava-se ao volante, com a cabeça virada para trás e uma chave de fenda — uma Philips, desta vez — enterrada até o cabo em sua testa, acima do olho direito. A chave de fenda viera de um armário, na despensa da casa de Mort. O cabo de plástico vermelho estava muito gasto, sendo impossível não identificá-lo.

Tom Greenleaf estava no banco traseiro, com uma machadinha plantada no topo da cabeça. Os olhos permaneciam abertos. Miolos secos haviam escorrido em torno das orelhas. Escrita no cabo acinzentado da machadinha, em letras vermelhas desbotadas, mas ainda legíveis, via-se uma palavra: RAINEY. Ela viera do depósito de ferramentas.

Mort ficou parado em silêncio. Um chapim piou. Um pica-pau utilizou uma árvore oca para enviar uma mensagem em Morse. Uma brisa refrescante formava pequenas ondas espumantes no lago; a água tinha uma tonalidade azul-cobalto e a espuma formava um belo contraste.

Houve um som rogaçante atrás dele. Mort girou tão depressa, que quase caiu — teria caído, se não se houvesse recostado no Scout. Não era Shooter. Era um esquilo.

Estava a meio caminho no tronco de um bordo, que ardia com o fogo vermelho do outono, e baixou para ele os olhinhos brilhantes de ódio. Mort esperou que seu coração galopante se acalmasse. Esperou que o esquilo terminasse de escalar a árvore. O coração ficou calmo; o esquilo, não.

— Ele matou os dois — disse por fim, falando para o esquilo. — Foi à casa de Tom em meu Buick. Depois foi à casa de Greg no Scout de Tom, com Tom dirigindo.

Matou Greg. Então, fez Tom dirigir até aqui e o matou. Usou minhas ferramentas para acabar com os dois. Em seguida, voltou à casa de Tom, caminhando... ou talvez correndo. Parecia rústico o bastante para aguentar uma corrida até lá. Sonny estranhou a voz de Tom, e eu sei o motivo. Quando ele recebeu aquele telefonema, o sol já ia nascer e Tom já estava morto. Foi Shooter, imitando a voz de Tom. Não deve ter sido difícil. Do jeito como Sonny fazia sua música estrondear, esta manhã, ele deve ser um pouco surdo. Encerrada a tarefa com Sonny Trotts, Shooter tornou a entrar em meu Buick e o dirigiu de volta a casa. O Ranger de Greg ainda está parado em sua própria entrada de garagem, onde ficou o tempo todo. E foi assim como...

O esquilo disparou tronco acima e desapareceu no braseiro de folhas vermelhas.

— ...como a coisa funcionou — terminou Mort, apaticamente.

De súbito, suas pernas ficaram bambas. Deu dois passos de volta à trilha, pensou no cérebro de Tom Greenleaf, secando nas faces, e as pernas se recusaram a sustê-lo.

Mort caiu, e o mundo escureceu por algum tempo.

36

Quando voltou a si, Mort rolou sobre o corpo, sentou-se estonteadamente e virou o punho, a fim de consultar o relógio. Eram duas e quinze, mas, naturalmente, devia ter parado nesse momento, aquela noite. Ele havia descoberto o Scout de Tom quando a manhã ia pelo meio, não podia estar entardecendo. Tinha desmaiado e, em vista das circunstâncias, não era de surpreender. Entretanto, ninguém desmaia por três horas e meia.

Não obstante, o ponteiro dos segundos continuava percorrendo regularmente seu pequeno círculo.

Deve ter começado a funcionar quando me sentei, é isso.

Só que não era isso. O sol mudara de posição e logo se perderia atrás das nuvens que iam enchendo o céu. O colorido do lago esmaecera para um cromo indistinto.

Portanto, ele começara a desmaiar, perdera os sentidos, e então? Bem, parecia incrível, mas supunha que devia ter pegado no sono. Aqueles últimos três dias haviam sido de exasperante nervosismo e ficara esta noite insone, até três da madrugada. Assim, uma combinação de fadiga mental com a física. Sua mente simplesmente se desligara. E...

Shooter! Céus, Shooter havia dito que ia telefonar!

Mort tentou levantar-se e tornou a cair, com um débil som — uf! — de dor e surpresa mescladas, quando a perna esquerda cedeu debaixo dele. Estava tomada por alfinetadas e agulhadas, todas elas dançando loucamente. Devia ter ficado caído sobre a maldita perna. Francamente, por que não viera no Buick? Se Shooter ligasse e ele não estivesse em casa para atender, o homem podia fazer qualquer coisa.

Forçou-se novamente a ficar em pé e, desta vez, conseguiu ir até o fim. Entretanto, ao tentar pisar com a perna esquerda, ela lhe recusou o peso e o enviou estatelado para diante outra vez. Mort quase bateu com a cabeça na lateral inclinada para baixo do furgão e, de repente, viu-se olhando para si mesmo, em uma das calotas do Scout.

A superfície convexa fazia seu rosto semelhante a uma grotesca máscara de

A superfície convexa fazia seu rosto semelhante a uma grotesca máscara de parque de diversões. Pelo menos, deixara o maldito chapéu em casa; se tivesse visto aquilo em sua cabeça, certamente daria gritos. Não conseguiria conter-se.

Subitamente, recordou que havia dois homens mortos no Scout. Estavam sentados acima dele, enrijecendo, com ferramentas encravadas em suas cabeças.

Rastejou para fora da sombra do Scout, arrastou a perna esquerda para a direita, com as mãos, e começou a esmurrá-la, como um homem tentando amaciar um corte de came barata.

Pare com isso! gritou uma vozinha — era o último núcleo de racionalidade que podia comandar, uma pequenina luz de sanidade, entre o que parecia uma vasta massa de trovoadas entre seus ouvidos. Pare com isso! Ele disse que ligaria mais tarde e são apenas duas e quinze! Há muito tempo!

Bem, mas e se ele ligasse mais cedo? E se “final da tarde” começasse após as duas horas, naquele Sul atrasado e caipira?

Continue batendo em sua perna desse jeito e terminará com uma bela cãibra. Então, verá como é bom tentar engatinhar para casa, a tempo de receber a ligação dele!

Isso deu resultado. Ele conseguiu parar de esmurrar a perna. Desta vez, levantou-se mais cautelosamente, apenas ficando parado um momento (Mort tomou o cuidado de ficar de costas para o Scout de Tom — não queria olhar de novo para dentro do veículo), antes de tentar caminhar. Percebeu que as alfinetadas e agulhadas diminuíam. Caminhou mancando bastante a princípio, mas a marcha foi ficando mais regular, após as primeiras doze passadas.

Estava quase perto dos arbustos que Shooter desfolhara e quebrara, ao passar ali com o Scout de Tom, quando viu um carro aproximando-se. Caiu de joelhos, sem pensar duas vezes, e ficou espiando a passagem de um velho e enferrujado Cadillac.

Pertencia a Don Bassinger, dono de uma propriedade no lado mais distante do lago.

Um veterano alcoólatra, que passava a maior parte do tempo bebendo o que restara de sua um dia substancial herança, Bassinger costumava usar a Alameda do Lago como um atalho para o que era conhecido como Estrada Bassinger. Mort

do Lago como um atalho para o que era conhecido como Estrada Bassinger. Mort achava que Don era o único que morava ali o ano inteiro.

Depois que o Cadillac desapareceu de vista, ele tornou a ficar em pé e caminhou apressadamente pelo restante da trilha até a estrada. Agora, estava satisfeito por não haver trazido o Buick. Da mesma forma como conhecia o Cadillac de Don Bassinger, este conhecia o seu Buick. Sem dúvida, ainda era cedo para Don estar alcoolizado e poderia perfeitamente recordar que vira o carro de Mort, se o Buick estivesse ali, estacionado não muito longe do lugar onde, antes que muito tempo transcorresse, alguém faria uma descoberta extremamente terrível.

Ele quer, por todos os meios, incriminá-lo neste assunto, pensou Mort, mancando ao longo da Alameda do Lago, a caminho de casa. Esteve agindo assim o tempo todo. Se alguém viu um carro perto da casa de Tom Greenleaf à noite passada, esse carro, quase certamente, seria o seu Buick. Ele matou aqueles dois com ferramentas suas...

Eu poderia livrar-me das ferramentas, pensou subitamente. Poderia jogá-las no lago. Talvez vomitasse uma ou duas vezes, mas acho que poderia fazê-las desaparecer.

Poderia mesmo? Não sei não. E ainda que pudesse... Bem, Shooter também deve ter pensado em tal possibilidade, com toda certeza. Ele parece ter pensado em todas as outras. Além do mais, sabe que, se você tentar livrar-se da machadinha e da chave defenda, quando a polícia dragar o fundo do lago procurando-as, quando ambas forem encontradas, a situação ficará ainda pior para o seu lado.

Entende o que ele fez ? Entende?

Sim. Ele entendia. John Shooter dera-lhe um presente. Um boneco de alcatrão.

Um enorme, lustroso boneco de alcatrão. Mort batera na cabeça do boneco de alcatrão com a mão esquerda, e a mão ficara grudada. Então, tivera que sacudir aquele velho boneco de alcatrão na barriga, com a mão direita, a fim de livrar-se dele, e também a mão direita ficara grudada. Ele havia sido — qual era a palavra que vinha usando com tão presunçosa satisfação? “Dissimulado”, não? Sim, era esta mesmo. No entanto, o tempo toda fora ficando cada vez mais enredado no boneco de alcatrão de John Shooter. E agora? Bem, havia contado mentiras para todo o tipo de pessoas, o que cairia mal quando fosse sabido. E, quatrocentos metros atrás dele, um homem usava uma machadinha como chapéu, tendo o nome Rainey inscrito no cabo, o que piorava em muito a situação.

Mort imaginou o telefone tocando na casa vazia e procurou apressar o passo.

37

Shooter não telefonou.

Os minutos estiravam-se como elástico, e Shooter não ligava, Mort caminhou incessantemente pela casa, torcendo e puxando uma mecha de cabelo. Imaginou que assim devia sentir-se um viciado, à espera do fornecedor da droga.

Por duas vezes teve pensamentos diferentes sobre a espera e foi ao telefone, pretendendo falar com as autoridades — não o velho Dave Newsome e nem o xerife do condado, mas a Polícia Estadual. Seguiria o velho axioma do Vietnã: Matar todos eles e que Deus os punisse. Por que não? Possuía uma boa reputação, afinal de contas; era um membro respeitado de duas comunidades do Maine, ao passo que John Shooter era um...

Exatamente, o que era Shooter?

Veio-lhe à mente a palavra “fantasma”.

Também lhe veio à mente a palavra “quimera”.

Não foi isto, entretanto, o que o conteve. O que o conteve foi a horrível certeza de que Shooter tentaria ligar, enquanto ele próprio ocupava a linha... que Shooter ouviria o sinal de ocupado, desligaria, e Mort nunca mais saberia dele.

Faltando quinze para as quatro, começou a chover — uma firme chuva de outono, fria e branda, despencando de um céu branco, escorrendo no teto e nas calhas rijas ao redor da casa.

Faltando dez minutos, o telefone tocou. Mort saltou para ele.

Era Amy.

Amy queria falar sobre o incêndio. Amy queria falar sobre como estava infeliz, não apenas por si mesma, mas por eles dois. Amy queria dizer-lhe que Fred Evans, o investigador da seguradora, ainda estava em Derry, ainda vasculhava o local, ainda fazia perguntas sobre tudo, desde a mais recente inspeção na fiação da casa a quem tinha chaves para a adega de vinhos, levando Ted a desconfiar dos motivos dele. Amy queria que Mort analisasse com ela se as coisas poderiam ser diferentes, caso houvessem tido filhos

ser diferentes, caso houvessem tido filhos.

Mort respondeu a tudo da melhor maneira que pôde e, durante todo o tempo em que falou com ela, sentia que o tempo — aquele final de tarde — ia chegando ao fim.

Ficava quase alucinado de preocupação, quando imaginava que Shooter poderia ligar e, encontrando a linha ocupada, cometesse alguma atrocidade, mais uma. Por fim, disse a ela o único em que, pensou, seria capaz de fazê-la desligar: que, se não corresse logo para o banheiro, sofreria um acidente.

— É bebida? — perguntou ela, preocupada. — Você andou bebendo?

— Acho que foi o breakfast — disse ele. — Ouça, Amy, eu...

— No Bowie’s?

— Foi — afirmou, tentando parecer sufocado de dor e esforço. Na verdade, sentia-se sufocado, estrangulado. Pensando bem, era tudo uma verdadeira comédia.

— Amy, realmente, eu...

— Céus, Mort, ela tem a grelha mais suja da cidade! — exclamou Amy. — Vá! Eu ligo mais tarde.

O telefone emudeceu no ouvido dele. Mort depositou o fone no gancho, ficou ali parado um instante, mas surpreso e consternado ao descobrir que sua escusa se tornara repentinamente real: os intestinos estavam enovelados, em um nó dolorido e latejante.

Correu para o banheiro, abrindo o cinto enquanto isso.

Foi por pouco, mas conseguiu. Estava sentado no vaso, em meio ao forte odor das próprias excreções, as calças caídas à volta dos tornozelos, normalizando a respiração... quando o telefone recomeçou a tocar.

Mort saltou como um boneco de molas liberado de sua caixa, bateu vivamente com um joelho no suporte da pia e correu para o telefone, segurando as calças para cima com uma das mãos, correu em passinhos miúdos, como uma moça vestindo saia justa. Experimentava aquela constrangedora, miserável sensação de não tive tempo para me limpar, e imaginou que isso podia acontecer a qualquer

não-tive-tempo-para-me-limpar, e imaginou que isso podia acontecer a qualquer um, mas, de repente, ocorreu-lhe que jamais lera nada a respeito em algum livro — um só livro, nunca.

Oh, que comédia era a vida!

Desta vez, era Shooter.

— Eu o vi lá embaixo — disse Shooter. Sua voz era calma, serena como sempre. —

Quero dizer, lá onde deixei eles. Pensei que o senhor tivesse sofrido um ataque de insolação, mas não estamos no verão.

— O que você quer?

Mort transferiu o fone para o outro ouvido. Suas calças tornaram a escorregar para os tornozelos. Procurou esquecê-las e ficou ali, em pé, com a cintura da sunga suspensa a meio caminho, entre os joelhos e os quadris. Que foto de autor seria esta!, pensou.

— Quase preguei uma nota no senhor — disse Shooter —, mas decidi não fazer isso.

— Houve uma pausa, depois ele acrescentou, com uma espécie de alheado desdém:

— Parece que se assusta com muita facilidade.

— O que você quer? — repetiu Mort.

— Ora, mas eu já lhe disse, Sr. Rainey! Quero que me escreva uma história, em troca pela que roubou de mim. Ainda não está preparado para admitir isso?

Sim — diga a ele que está! Diga-lhe qualquer coisa, que a terra é achatada, que John Kennedy e Elvis Presley continuam vivos e bem, tocando duetos de banjo em Cuba, que Meryl Streep é um travesti, diga-lhe QUALQUER COISA...

Não foi o que ele fez.

Toda a furia, a frustração, horror e confusão explodiram subitamente de sua

boca, em um uivo.

— EU NÃO ROUBEI NADA! NÃO ROUBEI NADA! VOCÊ ESTÁ LOUCO, POSSO PROVAR QUE NÃO ROUBEI! EU TENHO A REVISTA, SEU MALUCO! ESTÁ OUVINDO? EU TENHO A MALDITA REVISTA!

A resposta a isto foi nenhuma resposta. A linha estava silenciosa e morta, sem ao menos o engrolar distante de uma voz fantasmal que rompesse aquela escuridão total, semelhante àquela que se esgueirava pela parede-janela, cada noite que ele passara ali sozinho.

— Shooter?

Silêncio.

— Shooter? Ainda está na linha?

Mais silêncio. Ele se fora.

Mort deixou o telefone afrouxar-se sobre o ouvido. Ia devolvê-lo ao lugar, quando ouviu a voz de Shooter, diminuta, distante, quase perdida.

-... agora?

Tornou a levar o fone ao ouvido. Parecia pesar quatrocentos quilos.

— Como? — perguntou. — Pensei que tivesse desligado!

— Está com a revista aí? Tem a tal revista em seu poder? Agora?

Mort achou que Shooter parecia perturbado, pela primeira vez. Perturbado e inseguro.

— Não — respondeu.

— Ora, vamos! — exclamou Shooter, parecendo aliviado. — Acho que finalmente poderia estar disposto a falar com franq...

— A revista virá por via expressa — interrompeu Mort. — Estará no correio às dez horas de amanhã.

— E o que será? — perguntou Shooter. — Alguma coisa velha e amarfanhada

— E o que será? — perguntou Shooter. — Alguma coisa velha e amarfanhada, que se presuma ser uma cópia?

— Não — respondeu Mort. A sensação de que havia abalado o homem, de que realmente lhe ultrapassara as defesas, atingindo-o com força bastante para que doesse, era forte e inegável. Por um ou dois momentos, Shooter parecera quase amedrontado e Mort estava iradamente alegre. — É a revista. A revista real!

Houve outra demorada pausa, mas agora Mort manteve o fone fortemente pressionado contra o ouvido. Shooter continuava na linha. E, de repente, a história era de novo o tema central, a história e a acusação de plágio; Shooter tratando-o como se ele fosse um maldito colegial, era o tema, e talvez o homem finalmente debandasse.

Certa vez, na mesma escola paroquial em que Mort aprendera o truque de engolir enviesadamente, ele vira um garoto espetar um alfinete em um besouro que estivera rastejando sobre sua carteira. O besouro tinha sido apanhado — espetado, contorcera-se e morrera. Na época, Mort ficara entristecido e horrorizado. Agora, podia entender. Agora, queria apenas fazer a mesma coisa com este homem. Este lunático.

— Não pode haver revista nenhuma! — disse Shooter por fim. — Não com essa história nela. Essa história é minha!

Mort podia captar a angústia na voz dele. Angústia real. Isto o deixou contente.

O alfinete estava em Shooter. Agora, espetado, ele se contorcia.

— Ela estará aqui às dez da manhã de amanhã — disse Mort — ou assim que chegar a correspondência expressa para Tashmore. Será um prazer encontrá-lo lá, na agência do correio. Poderá dar um espiada. Espiará pelo tempo que quiser, seu maldito maníaco!

— Lá, não — disse Shooter, após outra pausa. — Em sua casa.

— Esqueça. Quando lhe mostrar esse exemplar da Ellery Queen, quero estar em um lugar onde possa gritar por socorro, caso você se meta a besta!

— Será à minha maneira — disse Shooter. Parecia um pouco mais no controle...

porém Mort não acreditava que Shooter tivesse nem metade de seu controle

anterior. — Caso contrário, eu o verei na Prisão Estadual do Maine, por assassinato.

— Ora, não me faça rir!

Não obstante, Mort sentiu que suas tripas começavam a enovelar-se outra vez.

— Eu o incriminarei sobre aqueles dois homens, em mais maneiras do que imagina

— disse Shooter — e o senhor tem espalhado uma bela fileira de mentiras por aí. Se eu simplesmente desaparecer, Sr. Rainey, aposto como se verá com a cabeça em um nó corredio e os pés em Crisco!

— Você não me assusta.

— Oh, sim, assusto! — disse Shooter. Falava quase com gentileza. — A única coisa é que está começando a assustar-me um pouco também. E não consigo imaginá-lo fazendo isso.

Mort ficou calado.

— Seria muito engraçado — disse Shooter, em um tom estranho, meditativo — se tivéssemos bolado a mesma história em dois lugares diferentes, em duas épocas diferentes.

— O pensamento também me ocorreu.

— É mesmo?

— Não o aceitei — replicou Mort. — Seria demasiada coincidência. Tratando-se da mesma trama, aí seria outra coisa. No entanto, a mesma linguagem? A mesma maldita dicção?

— Hum-hum — disse Shooter. — Foi como eu pensei, peregrino. É demais. Não pode ser coincidência. Claro, o senhor a roubou de mim, mas que raios me partam, se consigo imaginar como ou quando!

— Oh, pare com isto! — explodiu Mort. — Eu tenho a revista! Tenho a prova! Será que não entende? O assunto está encerrado! Se foi alguma brincadeira idiota de sua parte ou apenas uma fantasia, está encerrado! Eu tenho a revista!

Após um prolongado silêncio, Shooter disse:

— Não, não a tem. Ainda não.

— É verdade — concordou Mort. Sentiu uma repentina e inteiramente indesejada camaradagem com o homem. — Portanto, o que faremos esta noite?

— Ora, nada! — replicou Shooter. — Aqueles homens farão companhia um ao outro. Um tem a esposa e filhos visitando a família. O outro mora sozinho. O senhor vai pegar sua revista amanhã de manhã. Eu irei até sua casa lá pelo meio-dia.

— Você me matará — disse Mort. Achou que a ideia não encerrava muito terror — não esta noite, enfim. — Se eu lhe mostrar a revista, sua fantasia cairá por terra e você me matará.

— Não! — exclamou Shooter e, desta vez, parecia francamente surpreso. — Matar o senhor? De maneira nenhuma! Aqueles outros, no entanto... eles se meteriam em nossos negócios. Eu não ia permitir uma coisa dessas... e vi que podia usá-los, para forçá-lo a negociar comigo. A assumir sua responsabilidade.

— Você é esperto — disse Mort. — Eu lhe concedo isto. Acho que é louco, mas também acho que seja o mais esperto filho da mãe que já conheci na vida.

— Bem, pode acreditar nisto — replicou Shooter. — Se eu for amanhã e descobrir que desapareceu, Sr. Rainey, vou levar a peito destruir cada pessoa no mundo a quem ame e por quem se preocupe! infernizarei sua vida, como um campo de juncos em vento forte. O senhor irá para a prisão por matar aqueles dois homens, mas ser preso será a menor de suas aflições. Entendeu?

— Sim — disse Mort. — Entendi. Peregrino.

— Então, procure estar em casa.

— E suponhamos — apenas suponhamos — que eu lhe mostre a revista, com meu nome no índice e minha história no interior. Como vai ser?

Houve uma breve pausa. Então, Shooter respondeu:

— Irei às autoridades e confessarei todo o torneio de tiro-ao-alvo. Entretanto.

cuidarei de mim bem antes do julgamento, Sr. Rainey. Porque se as coisas descambarem para esse lado, então acho que sou louco. E essa espécie de louco... — Houve um suspiro. — Essa espécie de louco não tem escusa nem razão para viver.

As palavras atingiram Mort com singular força. Ele está inseguro, pensou. Realmente inseguro, pela primeira vez... está mais do que já estive!

Não obstante, rejeitou tal pensamento com decisão. Ele jamais tivera um motivo para ficar inseguro. O que sentia agora era por culpa daquele homem. Tudo, cada parte mínima, era culpa de Shooter. Perguntou:

— E como posso saber se não vai alegar que a revista é falsa?

Não esperava que o outro respondesse, exceto talvez algo quanto a Mort ter que aceitar sua palavra, porém Shooter o surpreendeu.

— Se ela for verdadeira, eu saberei — disse ele. — E, se for falsa, nós dois saberemos.

Não creio que o senhor possa ter fabricado toda uma revista falsa em três dias, por mais pessoas que estivessem a seu trabalho em Nova Iorque.

Foi a vez de Mort pensar, e ele ficou pensando por um longo, longuíssimo momento. Shooter esperou em silêncio.

— Vou confiar em você — disse Mort por fim. — Sei lá por que, enfim. Talvez seja porque eu mesmo não tenha muito estímulo para viver, atualmente. Entretanto, não vou confiar de olhos fechados. Virá até aqui. Ficará parado na entrada da garagem, onde eu possa vê-lo e ter certeza de que está desarmado. Eu sairei, então. Concorda?

— Está bom para mim.

— Que Deus nos ajude!

— Sim, senhor. E raios me partam, se ainda sei ao certo em que me meti... e confesso que não é uma sensação confortável.

— Shooter?

— Continuo ouvindo.

— Quero que responda a uma pergunta.

Silêncio... mas um silêncio convidativo, pensou Mort.

— Você incendiou a minha casa em Derry?

— Não — respondeu Shooter imediatamente. — Estava de olho no senhor.

— E quanto a Bump? — perguntou Mort amargamente.

— Ouça — disse Shooter. — Está com o meu chapéu, não?

— Estou.

— Eu o quero de volta — disse Shooter. — De um jeito ou de outro.

Em seguida, a linha emudeceu.

Simplesmente assim.

Mort pousou o fone no gancho lenta e cautelosamente, depois tornou a caminhar para o banheiro — novamente suspendendo as calças durante o trajeto — a fim de terminar suas necessidades.

38

Amy telefonou novamente, por volta das sete e, desta vez, Mort foi capaz de falar normalmente com ela — como se o banheiro do andar de cima não estivesse depredado e não houvesse dois homens mortos, jazendo a coberto de uma tela de arbustos, na trilha descendo para o lago, enrijecendo enquanto o crepúsculo se tornava noite à volta deles.

Depois do telefonema anterior, ela havia falado com Fred Evans, e estava convencida, conforme afirmou, de que ele sabia alguma coisa ou suspeitava de algo sobre o incêndio, mas sem querer contar para eles. Mort procurou acalmá-la e achou que teve algum êxito nisto, porém ele próprio estava preocupado. Se Shooter não fora o autor do incêndio — e Mort inclinava-se a acreditar que o homem dizia a verdade a respeito — então, isto devia ter sido uma grosseira coincidência... certo?

Ele não sabia se estava certo ou errado.

— Tenho andado tão preocupada com você, Mort! — exclamou ela subitamente.

Isto o arrancou de seus pensamentos.

— Comigo? Eu estou bem — respondeu.

— Tem certeza? Quando o vi ontem, achei que parecia... tenso. — Ela fez uma pausa.—De fato, sua aparência era semelhante àquela que teve, antes de... você sabe.

— Amy, eu não tive um colapso nervoso!

— Bem, não — disse ela rapidamente, — mas você entendeu o que eu quis dizer.

Quando o pessoal do cinema fez aquela confusão sobre A Família Delacourt.

Aquela havia sido uma das mais amargas experiências na vida de Mort. A Paramount tinha a opção do livro por 75.000 dólares, sobre um preço pechincha de 750.000 — para ele, um dinheirão. E então, quando eles estavam prestes a exercer sua opção, alguém surgiu com um antigo script encontrado nos arquivos, intitulado A turma lá de casa, que era suficientemente parecido com A Família

intitulado A turma lá de casa, que era suficientemente parecido com A Família Delacourt e passível de problemas legais potenciais. Foi a única vez em sua carreira — antes deste pesadelo, afinal — em que ficara exposto à possibilidade de uma acusação por plágio.

Os executivos tinham desistido da opção à última hora. Mort ignorava se realmente estariam preocupados sobre o plágio ou se apenas haviam pensado melhor a respeito do potencial cinematográfico de seu livro. Se haviam ficado mesmo preocupados, ele não sabia como semelhante bando de maricas seria capaz de produzir quaisquer filmes. Herb Creekmore obtivera uma cópia do roteiro de A turma lá de casa, e Mort encontrara nele somente a mais casual similaridade. Amy fora da mesma opinião.

Essa confusão ocorrera precisamente quando ele chegava a um beco sem saída, em uma novela que queria desesperadamente escrever. Ao mesmo tempo, houvera uma breve turnê de relações-públicas para o lançamento de A Família Delacourt, em versão de capa mole. Tudo isto, de uma só vez, exercera uma grande pressão sobre ele.

Entretanto, não tivera um colapso nervoso.

— Eu estou bem — insistiu, falando com gentileza.

Alguns anos antes, Mort descobrira um fato curioso e quase tocante sobre Amy: usando-se a dose suficiente de gentileza durante uma conversa, ela passava a acreditar em praticamente tudo que lhe dissessem. Ele costumava pensar que, se houvesse uma característica generalizada para a espécie, como mostrar os dentes para indicar raiva ou contentamento, as guerras teriam cessado milênios atrás.

— Tem certeza, Mort?

— Tenho. Ligue para mim, se tiver notícias sobre nosso amigo da companhia de seguros.

— Eu ligarei.

Ele fez uma pausa.

— Você está na casa de Ted?

— Estou.

— Como se sente a respeito dele, estes dias?

Ela vacilou, depois disse com simplicidade:

— Eu o amo.

— Oh!

— Eu não saí com outros homens — disse ela de súbito. — Sempre quis lhe dizer isto. Não saí com outros homens. Ted, no entanto... ele passou seu nome por alto e me viu, Mort. Ele me viu.

— Você quer dizer que eu não a via.

— Você via, quando estava aqui — disse ela, em voz baixa e melancólica —, mas ficava muito tempo ausente.

Ele arregalou os olhos e, no mesmo instante, estava pronto para batalhar. Batalhar por justiça.

— O quê? Não fiz mais nenhuma turnê desde A Família Delacourt! E, assim mesmo, foi uma turnê rápida!

— Não quero discutir com você, Mort — disse ela brandamente. — Essa parte deve ser encerrada. Estou tentando dizer é que, mesmo quando você estava aqui, ficava muito ausente. Tinha sua própria amante, compreenda. O trabalho era sua amante.

— A voz dela era firme, porém ele sentiu lágrimas, enterradas bem no fundo. — Como odiei essa vagabunda, Mort! Era mais bonita do que eu, mais inteligente, mais divertida. Como eu poderia competir?

— Agora sou eu o culpado de tudo, por que não? — soltou ele, desanimado por encontrar-se à beira das lágrimas. — O que queria que eu fizesse? Que me tornasse um maldito encanador? Estaríamos pobres e eu desempregado. Eu não sei fazer outra coisa, será que não compreende? Nada mais havia que eu pudesse fazer) Mort esperara que as lágrimas cedessem, pelo menos por enquanto, porém ali estavam elas. Quem tornara a esfregar esta horrível lâmpada mágica? Havia sido ele ou ela desta vez?

— Não o estou culpando, Mort. A culpa também é minha. Você nunca nos teria

— Não o estou culpando, Mort. A culpa também é minha. Você nunca nos teria surpreendido... da maneira como surpreendeu... se eu não fosse fraca e covarde. Não por causa de Ted; ele queria que fôssemos procurá-lo, para contar-lhe tudo. Vivia insistindo. E eu sempre adiando. Dizia a ele que não tinha certeza. Dizia a mim mesma que ainda amava você, que a situação podia voltar a ser como antes... mas acho que nunca voltou. Eu...

Ela se engasgou, e Mort percebeu que também chorava.

— Jamais vou esquecer a expressão em seu rosto, quando abriu a porta daquele quarto de motel. É uma coisa que levarei para a sepultura.

Ótimo! Mort quis gritar para ela. Ótimo! Porque você apenas teve de vê-la! Eu tive de usá-la!

— Você sabia qual era a minha paixão — disse ele, hesitante. — Nunca lhe escondi isso. Sabia, desde o princípio.

— Sim, mas nunca podia imaginar — replicou ela — o quanto era absorvente.

— Pois, então, alegre-se! — disse Mort. — Parece que ela agora me abandonou.

Amy estava chorando.

— Mort, Mort!... Eu só queria viver e ser feliz! Não pode ver isso? Não pode entender?

O que ele havia visto era um ombro nu dela, encostado ao ombro nu de Ted Milner. Vira os olhos deles, arregalados e medrosos, os cabelos de Ted, desarrumados e anelados em saca-rolha como os de Alfalfa. Quis dizer isto a ela — ou tentar, pelo menos — , mas ficou calado. Já bastava. Já se tinham magoado o suficiente, um ao outro. Em outra ocasião, talvez pudessem voltar ao assunto. Entretanto, preferiria que Amy não houvesse dito aquilo sobre o colapso nervoso. Ele não tivera um colapso nervoso.

— Amy, creio que preciso desligar.

— Sim — nós dois. Ted está fora, mostrando uma casa a um cliente, mas deverá chegar logo. Tenho que fazer alguma coisa para o jantar.

— Sinto muito pela discussão.

— Promete telefonar, se precisar de mim? Ainda estou preocupada.

— Está bem — disse ele.

Despediu-se e desligou. Ficou parado junto ao telefone um momento, achando que ia prorromper em lágrimas. Nada aconteceu. Talvez fosse isso o horror real.

Nada aconteceu.

39

A chuva constante que caía o deixou desanimado e idiota. Acendeu um pequeno fogo na lareira a lenha, puxou uma poltrona para perto e tentou ler o último exemplar de Harper’s, mas permanecia cabeceando de sono e depois abrindo os olhos assustado, quando o queixo caía, apertando a traquéia e produzindo um ronco. Devia ter comprado cigarros hoje, pensou. Algumas tragadas me manteriam acordado.

Entretanto, não comprara cigarro algum e, por outro lado, não tinha muita certeza de que o deixariam acordado. Mort não estava apenas cansado; estava em choque.

Por fim, caminhou para o sofá, ajeitou as almofadas e se deitou. Perto de seu rosto, a chuva fria tamborilava na vidraça escura.

Uma vez apenas, pensou. Fiz apenas uma vez. E então caiu em sono profundo.

Em seu sonho, ele se via na maior sala de aulas do mundo.

As paredes estendiam-se por quilômetros. Cada carteira era uma meseta, o piso cinza de ladrilhos era a planície interminável que se estendia entre elas. O relógio na parede era um imenso sol frio. A porta que dava para o corredor estava fechada, mas Mort Rainey podia ler as palavras escritas no vidro esmerilhado:

SAIA DE COMPOSIÇÃO LITERÁRIA DA TURMA LÁ DE CASA

PROF. DELLACOURT

Escreveram errado, pensou Mort. Há um L a mais.

Outra voz, no entanto, disse-lhe que estava certo.

Mort estava em pé na ampla calha para o giz, no quadro-negro gigantesco. Tinha na mão um pedaço de giz do tamanho de um taco de beisebol. Queria baixar o braço, que doía ferozmente, porém não podia. Primeiro, tinha que escrever no quadro-negro a mesma frase, quinhentas vezes: Não copiarei mais de John Kintner. Já devia tê-la escrito umas quatrocentas vezes, segundo supunha, mas ainda não bastava. Era imperdoável roubar o trabalho de um homem, quando esse trabalho era realmente tudo quanto ele possuía. Assim, teria que escrever, escrever e escrever, não dando ouvidos para a voz em sua mente, tentando dizer-lhe que aquilo era um sonho, que seu braço direito doía por outros motivos.

O giz rangia ferozmente. A poeira, acre e de certo modo familiar — tão familiar — , caía sobre seu rosto. Por fim, não pôde mais continuar. O braço lhe caiu ao lado do corpo, como um saco cheio de cartuchos de chumbo para caça. Virou-se na calha do giz e viu que apenas uma carteira estava ocupada, na descomunal sala de aulas. O

ocupante era um rapaz, e seu rosto tinha um jeito caipira; era um rosto que se espera ver empurrando um arado, atrás doiraseiro de uma mula. Os cabelos castanho-claros lhe brotavam da cabeça eriçados como pregos. As mãos de homem rústico, parecendo formadas apenas de nós, estavam dobradas sobre a carteira diante dele. Fitava Mort com olhos pálidos e absortos.

Eu sei quem é você, disse Mort no sonho.

Tem razão, peregrino, respondeu John Kintner, na voz lenta, arrastada e com forte sotaque dos sulistas. Você apenas me compôs errado. Agora, continue escrevendo. Não são quinhentas vezes. São cinco mil.

Mort começava a virar-se para o quadro-negro, quando seu pé escorregou na borda da calha do giz e, de repente, estava tombando para diante, gritando em meio ao ar seco, impregnado de poeira de giz, enquanto John Kintner ria, e ele...

41

...acordou no chão, com a cabeça quase debaixo da perversa mesinha de centro, as mãos engalfinhadas no tapete, gritando em guinchos lamentosos e estridentes.

Estava em Tashmore Lake. Não em alguma sala de aulas exótica, ciclópica, mas no lago... e o alvorecer ia surgindo no leste brumoso.

Estou bem. Foi tudo um sonho e eu estou bem.

Só que não estava. Porque não tinha sido apenas um sonho. Jonh Kintner fora real. Como, em nome de Deus, poderia ele esquecer John Kintner?

Mort fizera a universidade em Bates, especializando-se em composição literária.

Mais tarde, quando falava para classes de aspirantes a escritor (uma tarefa que evitava sempre que possível), dizia a eles que tal especialização era, provavelmente, o maior erro que um homem ou mulher poderia cometer, caso um ou outro quisesse ganhar a vida escrevendo ficção.

— Consigam um emprego na agência dos correios — dizia. — Funcionou para Faukner.

Todos riam. Eles gostavam de ouvi-lo e Mort supunha ser razoavelmente bom para entretê-los. Isso parecia muito importante, pois duvidava que pudesse ensiná-los a redigir criativamente. Nem ele, nem ninguém mais. Ainda assim, sempre ficava satisfeito quando chegava com eles ao final das aulas, do seminário ou laboratório.

Aquela garotada o deixava nervoso. Supunha que o motivo disto fosse John Kintner.

Teria sido Kintner originário do Mississípi? Mort não se lembrava, mas achava que não. De qualquer modo, ele era de qualquer lugar bem ao sul — Alabama, Louisiana, talvez a zona rural ao norte da Flórida. Não tinha certeza. A Universidade Bates acontecera muito tempo atrás e ele nunca mais pensara em John Kintner durante anos, pois Kinter subitamente abandonara os estudos certo dia, por motivos que somente ele sabia.

Não é verdade. Você pensou nele a noite passada.

Não é verdade. Você pensou nele a noite passada.

Sonhei com ele, é o que você quer dizer, corrigiu-se Mort prontamente, porém a infernal vozinha interior não o deixou prosseguir.

Não, foi antes disso. Você pensou nele, enquanto falava com Shooter ao telefone.

Mort não queria pensar nisto. Não pensaria nisto. John Kintner estava no passado; John Kintner nada tinha a ver com o que estava acontecendo agora.

Levantando-se, ele caminhou para a cozinha em passos incertos, em meio à claridade leitosa do alvorecer, para preparar um café forte. Quantidades e quantidades de café forte. Exceto que a vozinha infernal não o largava. Mort olhou para o conjunto das facas de cozinha de Amy, pendendo de suas tiras de aço imantado, e pensou que, se pudesse cortar a maldita vozinha, efetuaria a operação imediatamente.

Você pensava que deixou o homem abalado — que finalmente o abalou.

Pensava que a história se tornara novamente o tema central, a história e a acusação de plágio. O tema, no entanto, foi Shooter tratá-lo como a um colegial.

Como um maldito colegial. Como um...

— Cale-se! — exclamou Mort roucamente. — Cale-se, porra!

A voz se calou, mas, ainda assim, ele não conseguiu parar de pensar em John Kintner.

Enquanto media o café com a mão trêmula, pensou em seus constantes, estridentes protestos de que não havia plagiado a história de Shooter, de que jamais plagiara alguma coisa.

Não obstante, plagiara, claro.

Uma vez.

Apenas uma.

— Oh, mas isso foi há tanto tempo! — sussurrou. — E nada tem a ver com tudo isto.

isto...

Podia ser verdade, mas isso não calou seus pensamentos.

42

Ele estava no penúltimo ano da universidade e era o semestre da primavera. A classe de composição criativa de que fazia parte, nesse semestre, concentrava-se no conto.

O professor era um homem chamado Richard Perkins, Jr., que havia escrito duas novelas bem acolhidas pela crítica, mas tendo vendido bem poucos exemplares.

Mort lera uma, e concluiu que as boas críticas e as vendas ruins provinham da mesma causa: os livros eram incompreensíveis. Não obstante, o homem era um bom professor — pelo menos, mantinha-os entretidos.

Havia uns doze alunos na classe. Um deles era John Kintner. Kintner era apenas calouro, mas tivera permissão especial para frequentar as aulas. E ele merecia, supunha Mort. Caipira sulista ou não, aquele otário tinha sido bom.

O curso requeria que cada um deles escrevesse seis histórias curtas ou três mais longas. A cada semana, Perkins tirava cópias das que julgava provocarem a mais animada discussão, e as distribuía, no final da aula. Os alunos, segundo se presumia, deveriam vir na semana seguinte preparados para discutir e criticar. Era o modo costumeiro do andamento de semelhantes aulas. Então, certa semana, Perkins entregara a eles uma história escrita por John Kintner. Chamava-se... Como é mesmo que se chamava?

Mort abrira a torneira para encher a cafeteira, e então ficou parado, olhando alheadamente para a névoa além da parede-janela e ouvindo a água correr.

Você sabe malditamente bem qual era o título. "janela secreta, secreto jardim" .

— Não era não! — bradou ele petulantemente para a casa vazia.

Pensou, furiosamente, decidido a sufocar a maldita vozinha, de uma vez por todas... e, de repente, lembrou.

— “Milha de Ranúnculos”*! — gritou, estridentemente. — O nome da história era “Milha de Ranúnculos”, não tendo nada a ver com coisa alguma!

Exceto que isso tampouco era verdade e, de fato, ele não precisou que a vozinha se levantasse de algum lugar, no meio de sua cabeça dolorida, para apontar-lhe o

se levantasse de algum lugar, no meio de sua cabeça dolorida, para apontar-lhe o fato.

Kintner havia produzido três ou talvez quatro contos, antes de desaparecer para onde quer que desaparecera (se lhe pedissem para adivinhar, Mort indicaria o Vietnã — era onde a maioria deles desaparecera, no final dos anos sessenta — os rapazes, enfim). "Milha de Ranúnculos" não tinha sido a melhor história de Kintner... mas era boa. Sem a menor dúvida, ele era o melhor escritor da classe de Richard Perkins, Jr.

Perkins o tratava quase como a um igual e, na avaliação não-tão-humilde de Mort, o professor estivera certo ao agir assim, pois ele achava que Kintner havia sido bem melhor do que Richard Perkins, Jr. Com o correr do tempo, Mort acreditou que ele tinha sido melhor.

Entretanto, teria ele sido melhor do que Kintner?

— Hã-hã — disse baixinho, enquanto ligava a cafeteira. — Ele era o primeiro, eu o segundo.

Sim, havia sido o segundo, e odiara isso. Sabia que a maior parte dos alunos que frequentavam cursos de composição literária estava apenas matando tempo, seguindo um capricho, antes de desistir de coisas pueris e estabelecer-se em um estúdio de fosse o que fosse, mas que se tornaria o trabalho real da vida deles. A composição literária feita pela maioria deles, mais tarde na vida, consistiria de colaborações para as páginas do Calendário Comunitário de seus jornais locais ou de publicidade escrita para o detergente de pratos Cintilante Brisa Azul. Mort inscrevera-se na classe de Perkins, esperando confiantemente ser o melhor, porque jamais haveria outra saída para ele. Assim, John Kintner se tornara um desagradável choque.

Recordou que tentara conversar com ele certa vez... mas Kintner, que só dava contribuições à classe quando solicitado, se mostrara praticamente mudo. Quando falava, resmungava e gaguejava, como se fosse um meeiro branco e pobre, cuja instrução fora interrompida no quarto grau. Aparentemente, sua escrita era a única voz que tinha.

E você a roubou!

— Cale-se! — murmurou ele. — Cale-se, droga!

Você foi o segundo melhor e odiou isto. Ficou contente quando ele se foi, porque então voltaria a ser o primeiro de novo. Justamente como sempre tinha sido.

Sim. Era verdade. Um ano mais tarde, preparando-se para a diplomação, ele fizera uma faxina no armário dos fundos no desleixado apartamento que dividira com mais dois estudantes. Então, encontrara uma pilha dos impressos do curso de composição de Perkins. Na pilha havia somente uma das histórias de Kintner. Era “Milha de Ranúnculos”.

Ele recordou ter-se sentado no tapete puído e cheirando a cerveja de seu quarto, lendo a história e sentindo-se invadir novamente pela inveja antiga.

Havia jogado fora os outros impressos, mas conservara aquele... por motivos que não tinha certeza de querer examinar mais de perto.

Enquanto segundanista da universidade, Mort enviara uma história a uma revista literária chamada Aspen Quarterly. A história foi devolvida, juntamente com uma nota dizendo que os leitores a tinham considerado bastante boa, “embora o final parecesse algo insípido”. A nota, que Mort achou benevolente e tremendamente excitante ao mesmo tempo, estimulou-o a enviar mais material.

No transcorrer dos dois anos seguintes, submetera mais quatro histórias à apreciação da revista. Nenhuma foi aceita, mas uma nota pessoal acompanhava cada papeleta de rejeição. Mort atravessou a agonia do escritor não publicado, uma agonia de otimismo, alternando-se com fundo pessimismo. Em certos dias, ficava certo de que era apenas uma questão de tempo, antes de ser aceito pela Aspen Quarterly. Havia também os dias em que, podia jurar, toda a equipe editorial — degenerados carrascos do lápis — estava apenas brincando com ele, provocando-o, da maneira como um homem provocaria um cão faminto, segurando um pedaço de carne acima de sua cabeça e, então, afastando-a de seu alcance, quando ele saltasse para abocanhá-lo. Por vezes, imaginava um deles erguendo um de seus manuscritos, recém-saído do envelope manilha, e gritando: “Ei, chegou mais uma história daquele bobalhão do Maine! Quem quer escrever a carta desta vez?” Então, todos eles escangalhavam-se de rir, talvez até rolassem pelo chão, sob seus posters de Joan Baez e Moby Grape no Fillmore.

Em geral, Mort não se entregava a tal espécie de triste paranóia. Sabia que era bom, que tudo não passava de uma questão de tempo. E naquele verão, trabalhando como garçom em um restaurante de Rockland, pensou na história

que John Kintner escrevera. Achou que ainda devia estar em sua mala, deslizando no fundo, de um lado para outro. Teve uma súbita ideia. Mudaria o título e enviaria “Milha de Ranúnculos" à Aspen Quarterly em seu próprio nome! Recordou haver pensado que, desta maneira, pregaria uma peça neles, mas agora, pensando bem, não imaginava que peça teria sido.

Mort recordou que não tivera a menor intenção de publicar a história em seu nome... ou que, se houvesse tido essa intenção, em algum nível mais profundo, não se apercebera disso. Na improvável hipótese de uma aceitação, pediria a história de volta, alegando querer trabalhar nela um pouco mais. Se a rejeitassem, ao menos sentiria algum alívio, sabendo que John Kintner também não havia sido bom para a Aspen Quarterly.

Assim sendo, remeteu a história.

E eles a tinham aceito.

E ele permitira que a aceitassem.

E eles lhe enviaram um cheque de vinte e cinco dólares. “Como honorários”, explicava a carta anexa.

E, então eles a haviam publicado.

E Mort Rainey, sentindo um tardio remorso pelo que fizera, descontou o cheque e introduziu as notas na caixa de esmolas para os pobres, certo dia, na Igreja de Santa Catarina, em Augusta.

Entretanto, não fora apenas remorso tudo o que sentira. Oh, não!

Agora, sentado à mesa da cozinha com a cabeça apoiada em uma das mãos, ele esperava o café ficar pronto. Sua cabeça doía. Não queria ficar pensando em John Kinter e na história de John Kinter. O que fizera com “Milha de Ranúnculos” tinha sido um dos mais vergonhosos eventos de sua vida; seria mesmo de admirar que tivesse sepultado aquilo durante tantos anos? Desejou poder tornar a sepultá-lo agora. Afinal, este ia ser um grande dia — talvez o maior de sua vida. Inclusive, talvez, o último de sua vida. Devia dedicar-se a pensar na ida ao correio. Devia dedicar-se a pensar em seu confronto com Shooter, porém sua mente não queria deixar aqueles tristes velhos tempos em paz.

Quando vira a revista, a revista real, com seu nome acima da história de John Kintner, sentira-se como um homem despertando de um terrível episódio de sonambulismo, de um inconsciente passeio, durante o qual fizera alguma coisa irrevogável.

Como pudera deixar as coisas irem tão longe? Tudo devia ter sido uma peça, pelo amor de Deus, apenas um pequeno divertimento...

Entretanto, permitira que aquilo chegasse a tal extremo. A história havia sido publicada e, no mundo, pelo menos uma dúzia mais de pessoas sabiam que não era sua — incluindo-se o próprio Kintner. E se, por acaso, uma delas folheasse a Aspen Quarterly...

Ele mesmo não contou a ninguém — naturalmente. Limitou-se a esperar, doente de terror. Dormiu e comeu pouco, naquele fim de verão e começo de outono; perdeu peso, e sombras negras desenharam-se sob seus olhos. O coração passou a disparar, sempre que o telefone tocava. Se a ligação era para ele, aproximava-se do aparelho arrastando os pés, com a testa coberta de suor frio, certo de que seria Kintner, certo de que as primeiras palavras ditas por ele seriam: Você roubou a minha história e algo tem que ser feito a respeito. Acho que vou começar contando para todo mundo a espécie de ladrão que você é.

O mais incrível de tudo era isto: ele soubera o que podia acontecer. Tinha estado a par das possíveis consequências de tal ato, na vida de um jovem que pretendia fazer carreira escrevendo. Era como jogar roleta-russa com uma bazuca. Mesmo assim... mesmo assim...

Quando o outono transcorreu sem imprevistos, começou a relaxar um pouco.

Aquele exemplar da Aspen Quarterly havia sido substituído por um novo. Aquele exemplar não jazia mais exposto sobre mesas, nas salas de periódicos das bibliotecas por todo o país; fora colocado nas estantes ou transportado para microfichas. Ainda poderia gerar problemas — taciturnamente, Mort supunha que teria de conviver com essa possibilidade pelo resto da vida — mas, na maioria dos casos, fora da vista significava fora do pensamento.

Então, em novembro daquele ano, chegou uma carta da Aspen Quarterly.

Mort a manteve nas mãos, olhando para seu nome no envelope, e todo o seu corpo tremia. Os olhos encheram-se de um líquido quente e demasiado corrosivo

para ser lágrimas, enquanto o envelope primeiro se duplicava e depois se triplicava.

Apanhado. Eles me pegaram. Querem que eu responda a uma carta que receberam de Kintner... ou de Perkins... ou de qualquer dos outros naquela classe... Fui apanhado!

Então, pensou em suicídio — de maneira muito calma e racional. Sua mãe usara pílulas para dormir. Ele as usaria também. De certo modo acalmado por esta perspectiva, rasgou o envelope e tirou dele uma única folha de correspondência.

Conservou-a dobrada em uma das mãos por um longo momento e pensou em queimá-la, sem mesmo ler o conteúdo. Não tinha certeza de poder suportar a acusação, esgrimida friamente diante dele. Pensou que isso talvez o enlouquecesse.

Vá em frente, droga — olhe! O mínimo que pode fazer é olhar para as consequências. Talvez não seja capaz de enfrentá-las, mas, por Deus, pode olhar para elas.

Desdobrou a carta.

Prezado Mort Rainey,

O seu conto “Olho do Corvo" foi extremamente bem recebido aqui. Lamento a demora desta carta, mas a verdade é que esperávamos notícias suas. Após ter sido tão regular na remessa de material para apreciação durante os anos, seu silêncio de agora, quando finalmente teve êxito em ser publicado, deixa-nos um tanto perplexos. Se houvesse algum senão na maneira com o foi manejada a sua história — impressão, formato, colocação etc. —, qualquer detalhe não do seu agrado, esperamos que nos comunique. Nesse meio-tempo, que tal mais um a história?

Respeitosamente,

Charles Palmer

Editor-assistente

Mort havia lido a carta duas vezes, depois então começando a dar gargalhadas homéricas para a casa que, por sorte, estava vazia. Tinha ouvido falar de acessos

de hilaridade que arrebentavam uma pessoa de tanto rir e, sem dúvida, era o que estava para acontecer agora — se não parasse logo, terminaria arrebentado, suas tripas cairiam espalhadas por todo o chão. Estivera disposto a matar-se com as pílulas de sua mãe e, no entanto, eles perguntavam se ficara aborrecido pela maneira como a história fora impressa! Havia esperado que sua carreira estivesse arruinada, antes mesmo de começar, e eles queriam mais! Mais!

Ele gargalhou — de fato, uivou — até aquele riso de arrebentar transformar-se em lágrimas histéricas. Depois se sentou no sofá, tornou a ler a carta de Charles Palmer e chorou, até recomeçar a dar risadas. Finalmente, foi para seu quarto e se deitou, com os travesseiros ajeitados às costas da maneira como gostava. Então, adormeceu.

Conseguira sair impunemente daquilo. Este era o desfecho. Escapara impunemente, e nunca mais fizera algo nem remotamente parecido, tudo isso acontecera cerca de mil anos atrás; então, por que tinha que voltar a persegui-lo agora?

Ele não sabia, mas pretendia parar de pensar a respeito.

— E nesse momento, já! — disse para a cozinha vazia.

Caminhou com agilidade para a cafeteira, tentando ignorar a cabeça dolorida.

Você sabe por que está pensando nisto agora.

— Cale essa boca!

Disse as palavras com naturalidade, como que em conversa um tanto jovial...

porém suas mãos tremiam, ao estendê-las para a cafeteira Sílex.

Há certas coisas que não se pode esconder para sempre. Você poderia estar doente, Mort.

— Cale-se, já disse! — falou, no mesmo tom jovial de conversa.

Talvez esteja muito doente. De fato, poderia estar tendo um colapso ner...

— Cale-se! — gritou.

Jogou longe a Sílex, com toda a força que pôde. A cafeteira voou através da bancada e cruzou o espaço, girando enquanto voava, bateu na parede-janela, estilhaçou-se e caiu no chão. Mort olhou para a parede-janela e distinguiu uma comprida rachadura prateada, que zigue-zagueava até o topo. Começava no ponto atingido pela cafeteira. Ele se sentia muito semelhante ao homem que talvez tivesse uma rachadura parecida, varando-lhe o meio do cérebro.

Entretanto, a voz se calou.

Ele caminhou imperturbável para o quarto, pegou o despertador e retornou à sala de estar. Acertou o despertador para dez e meia, enquanto andava. Às dez e meia iria até a agência dos correios, recolher sua encomenda via Federal Express, e se dedicaria teimosamente à tarefa de deixar todo este pesadelo para trás.

Até lá, no entanto, pretendia dormir.

Dormiria no sofá, onde sempre dormira melhor.

— Eu não estou tendo um colapso nervoso — sussurrou para a vozinha, porém ela não estava envolvida naquilo.

Mort pensou que poderia tê-la assustado. Esperava que sim, porque a vozinha, sem dúvida, o deixara amedrontado. Seus olhos encontraram a rachadura prateada na parede-janela e a seguiram obtusamente. Tinha pensado em utilizar a chave da camareira. Estando o quarto em penumbra, precisara de um momento para adaptar a visão. Os ombros nus dos dois. Seus olhos amedrontados. Ele certamente tinha gritado, não conseguia recordar o quê — e nunca ousara perguntar a Amy — , mas devia ter dito alguma coisa medonha, a julgar pela expressão nos olhos deles.

Se eu estivesse para ter um colapso nervoso, pensou, olhando a rachadura na forma sem sentido de um relâmpago, teria sido então. Diabo, aquela carta da Aspen Quarterly nada era, comparada ao ato de abrir uma porta de quarto de motel e ver a própria esposa com outro homem, um untuoso agente imobiliário de alguma cidadezinha de merda do Tennessee...

Mort fechou os olhos e, quando tornou a abri-los, foi porque outra voz estava bradando. Esta pertencia ao despertador. O nevoeiro subira, o sol tinha saído e chegara a hora de ir à agência dos correios.

Durante o trajeto, Mort de repente ficou certo de que a correspondência via Federal Express já havia chegado... e que Juliet se debruçaria no guichê, com o rosto gasto pendurado para fora, dizendo que não havia nada para ele, que sentia muito. E sua prova? Teria desaparecido como fumaça. Tal sensação era irracional — Herb costumava ser um homem cauteloso, nunca fazendo promessas que não podia cumprir

— mas a sensação era forte demais para ser ignorada.

Precisou forçar-se a sair do carro, e a caminhada da porta da agência dos correios até o guichê onde Juliet Stoker separava a correspondência parecia ter pelo menos mil quilômetros de distância.

Chegando lá, tentou falar e nenhuma palavra emitiu. Movia os lábios, porém a garganta estava seca demais para produzir os sons. Juliet olhou para ele, depois recuou um passo. Parecia alarmada. Não, contudo, tão alarmada como Amy e Ted tinham parecido, quando ele abrira a porta daquele quarto de motel e havia apontado a arma para os dois.

— Sr. Rainey? O senhor está bem?

Ele pigarreou.

— Perdão, Juliet. Parece que minha garganta emperrou por um momento.

— O senhor está muito pálido — comentou ela.

Na voz de Juliet, Mort podia captar o tom que tantos moradores de Tashmore usavam, ao falar com ele — era uma espécie de orgulho, porém com um toque de irritação e condescendência, como se ele fosse uma criança-prodígio, precisando de cuidados e alimentação especiais.

— Deve ter sido algo que comi ontem à noite — disse ele. — Chegou alguma coisa para mim pela Federal Express?

— Não, coisa nenhuma.

A mão dele aferrou-se desesperadamente à bancada e, por um momento, Mort

pensou que fosse desmaiar, embora houvesse entendido quase imediatamente não ser bem aquilo o que ela havia dito.

— Como disse?

Juliet já se tinha virado; já virara para ele o robusto traseiro caipira, enquanto vasculhava alguns pacotes no chão.

— Chegou justamente uma coisa, foi o que eu disse — replicou ela, então se virando e fazendo o pacote deslizar sobre a bancada, em direção a ele.

Mort viu que o endereço do remetente era a EQMM, na Pensilvânia, e sentiu o alívio percorrer-lhe o corpo. A sensação era de água fresca, escorrendo por uma garganta seca abaixo.

— Obrigado.

— Não tem de quê. Bem, o pessoal do correio ficaria uma fera, se soubesse que nos metemos com a correspondência desse funcionário da Federal Express.

— Bem, eu lhe sou muito grato por isso — disse Mort.

Agora que tinha a revista, sentia necessidade de ir embora dali, de voltar para casa. Era uma necessidade tão forte, que chegava a ser elementar. Ignorava por quê — faltava uma hora e quinze para o meio-dia — porém estava ali. Em sua angústia e confusão, chegou a pensar em dar a Juliet uma gorjeta para fazê-la calar-se... e isso realmente faria com que a alma da mulher, ianque até as raízes, se avolumasse em um clamor.

— Não vai dizer a eles, está bem? — perguntou ela, maliciosa.

— De maneira alguma — replicou Mort, forçando um sorriso.

— Ótimo—Juliet Stoker sorriu também. — Porque eu vi o que o senhor fez.

Ele parou junto da porta.

— O que disse?

— Eu disse que eles me matariam, se soubessem — respondeu ela, observando-o atentamente. — Devia ir para casa e deitar-se, Sr. Rainey. Sinceramente, não me

parece com um aspecto muito bom.

Eu me sinto como se houvesse passado os últimos três dias deitado, Juliet — quero dizer, quando não estava atirando coisas.

— Bem, talvez não seja má ideia — disse ele. — Ainda me sinto um tanto fraco.

— Há um vírus andando por aí. Talvez o tenha apanhado.

Foi então que as duas mulheres do Acampamento Wigmore — aquelas de quem todos na cidade desconfiavam serem lésbicas, apesar de discretas — entraram nos correios e Mort conseguiu uma chance de escapar dali. Sentou-se no Buick com o pacote azul no colo, não gostando do jeito como todos lhe diziam que parecia doente, gostando ainda menos do jeito como sua mente vinha funcionando.

Não importa. Está quase terminando.

Começou a rasgar o envelope, mas nesse momento as damas do Acampamento Wigmore saíram e olharam para ele. As duas juntaram as cabeças. Uma delas sorri. A outra riu alto. E, de repente, Mort decidiu que esperaria até chegar em casa.

44

Estacionou o Buick na lateral da casa, no lugar costumeiro, desligou o motor... e, então, uma suave tonalidade acinzentada cobriu sua visão. Ao desaparecer, ele se sentiu estranho e amedrontado. Havia algo errado com ele, então? Alguma coisa física?

Não — estava apenas sob tensão, decidiu.

Ouviu alguma coisa — ou julgou ouvir — e espiou rapidamente em torno. Nada havia por ali. Controle seus nervos, disse tremulamente para si mesmo. De fato, é tudo quanto precisa fazer — apenas controlar seus fodidos nervos.

Em seguida, pensou: Eu tinha um a arma. Naquele dia. Só que estava descarregada. Disse isso para eles, mais tarde. Amy acreditou em mim. Não sei sobre Milner, mas Amy acreditou, e...

Verdade, Mort? Estava mesmo descarregada?

Tornou a pensar na rachadura da parede-janela, um disparatado relâmpago prateado, ziguezagueando pelo meio das coisas. É assim que acontece, pensou. É como acontece na vida da gente.

Então, baixou novamente os olhos para o pacote da Federal Express. Era nisto que deveria estar pensando, não em Amy e no Sr. Ted Filho-da-Mãe, de Shooter’s Knob, Tennessee, mas nisto.

A aba já estava aberta a meio — todos andavam descuidados atualmente. Puxou-a e deixou a revista cair em seu colo. Ellery Queen's Mystery Magazine, dizia o logotipo, em vivas letras vermelhas. Abaixo disto, era tipo muito menor, Junho, 1980. E, mais abaixo, os nomes de alguns dos escritores que colaboravam no exemplar. Edward D. Hoch. Ruth Rendell. Ed McBain. Patricia Highsmith. Lawrence Block.

O nome dele não estava na capa.

Bem, claro que não. Na época, mal era conhecido como escritor e, certamente, não como escritor de contos de mistério; “Tempo de plantar” havia sido uma exceção. Seu nome nada significaria para os leitores costumeiros da revista; portanto, os editores não o tinham anunciado. Mort virou a capa.

portanto, os editores não o tinham anunciado. Mort virou a capa.

Não havia uma página de índice em seguida.

Esta página havia sido retirada.

Ele folheou a revista freneticamente, deixando-a cair por uma vez e, então, recolhendo-a, com uma leve exclamação. Não encontrou a supressão da primeira vez, mas na segunda vistoria percebeu que as páginas 83 a 97 tinham sido eliminadas.

— Você as retirou! — gritou.

Gritou tão alto, que os olhos avolumaram-se nas órbitas. Passou a esmurrar o volante do Buick, sempre e sempre, sem parar. A buzina começou a soar escandalosamente.

— Você as retirou, seu filho da puta! Como pôde fazer isso? Você as retirou! Você as retirou! Você as retirou!

45

Estava a meio caminho para a casa, quando a vozinha fatal novamente se perguntou como Shooter poderia ter feito aquilo. O envelope viera via Federal Express, da Pensilvânia, e Juliet tomara posse dele, portanto, como, em nome de Deus...

Mort estacou.

Ótimo, havia dito Juliet. Ótimo, porque vi o que o senhor fez.

Então era isso! Estava explicado! Juliet era parte da coisa. Só que...

Só que Juliet sempre vivera em Tashmore. Só que ela não tinha dito aquilo. Tudo era produto de sua imaginação. Uma ligeira flatulência paranóica.

— No entanto, ele está por trás disto — disse Mort. Entrou em casa e, mal cruzou a porta, jogou longe a revista, com toda a força que encontrou. Ela voou como um pássaro assustado, as páginas agitando-se, até aterrar no piso com um ruído chapinhado. — Oh, sim, pode apostar, pode apostar seu fodido traseiro, como ele anda por trás disto! Só que não vou ter de esperar aqui por ele. Eu...

Mort avistou o chapéu de Shooter. O chapéu de Shooter jazia no chão, diante da porta para seu estúdio.

Ficou parado no mesmo lugar um momento, o coração trovejando nos ouvidos, para então caminhar até a lareira na ponta dos pés, em um estilo de cartoon. Tirou o atiçador do pequeno porta-ferramentas, pestanejando ao ouvi-lo bater com a extremidade na pá de retirar cinzas, com suave ruído metálico. Empunhando o atiçador, tornou a caminhar de volta à porta fechada, segurando-o como o segurara, antes de irromper no banheiro. Precisou desviar-se da revista que jogara no chão.

Chegou à porta e parou diante dela.

— Shooter?

Não houve resposta.

— Shooter! É melhor sair daí por bem! Se eu tiver que entrar e pegá-lo, você

nunca mais irá a lugar nenhum por conta própria!

Continuou sem resposta.

Ficou ali mais um momento, ganhando coragem (mas não muito certo de que tinha coragem), e então torceu a maçaneta. Empurrou a porta com o ombro, escancarou-a, gritando, esgrimindo o atiçador...

E o aposento estava vazio.

No entanto, Shooter estivera ali, sem sombra de dúvida. Claro. O processador de texto de Mort jazia no chão, a tela era como um olho espiando, estilhaçado. Shooter acabara com o processador. Em cima da mesa ocupada antes por ele havia uma velha máquina de escrever Royal. As superfícies de aço daquele dinossauro estavam quase opacas e poeirentas. Havia um manuscrito encostado ao teclado. O manuscrito de Shooter, o mesmo que ele havia deixado no alpendre, com uma pedra em cima, um milhão de anos atrás.

Era “Janela secreta, secreto jardim”.

Mort deixou o atiçador cair ao chão. Caminhou para a máquina de escrever como que hipnotizado e pegou o manuscrito. Folheou as páginas lentamente, começando a entender por que a Sra. Gavin estivera tão certa de que lhe pertencia... certa o bastante para salvá-lo do lixo. Talvez ela não tivesse sabido conscientemente, mas o olho reconhecera a irregularidade de tipos. E por que não? Durante anos, a Sra. Gavin tinha visto manuscritos parecidos a “Janela secreta, secreto jardim”. O processador de texto Wang e a impressora a laser System Five podiam ser considerados recém-chegados. Durante a maioria de sua carreira de escritor, Mort usara aquela velha Royal. Os anos quase tinham acabado com ela, agora se encontrava em estado lastimável — quando alguém datilografava nela, produzia letras tão tortas como os dentes de um velho.

Não obstante, a Royal permanecera ali o tempo todo, naturalmente — enfiada no fundo do armário do estúdio, atrás de pilhas de manuscritos e provas de muito tempo atrás... aquilo a que os editores davam o nome de “material sujo”. Shooter devia ter roubado a máquina, escrevera seu manuscrito nela e depois a trouxera de volta, aproveitando a ida dele aos correios. Claro. Fazia sentido, não?

Não, Mort. Não faz sentido. Quer fazer alguma coisa que faça sentido? Pois, então, chame a polícia. Isto faz sentido. Chame a polícia e diga a eles que

venham até aqui e que o prendam. Diga-lhes para fazerem isso depressa, antes que você cause mais danos. Diga-lhes que façam isso, antes que você mate alguém.

Mort largou as páginas com um estrondoso grito selvagem, e elas desceram oscilando preguiçosamente à volta dele, enquanto a verdade lhe penetrava no cérebro, de súbito, como um denteado raio prateado.

46

Não havia nenhum John Shooter.

Nunca houvera.

— Não! — exclamou Mort. Andava novamente em largas passadas pela sala de estar, de um lado para o outro. Sua dor de cabeça voltara, produzia ondas de dor. — Não, eu não aceito isto! Não aceito, em absoluto!

Entretanto, sua aceitação ou rejeição não faziam muita diferença. Todas as peças do quebra-cabeças estavam ali e, ao ver a velha máquina de escrever Royal, elas começaram a voar, ajustando-se. Agora, quinze minutos depois, ainda se juntavam e ele parecia não ter poder algum para desmontá-las.

O quadro que insistia em voltar-lhe à mente era o do frentista do posto de gasolina em Mechanic Falls, usando um pequeno rodo para lavar seu pára-brisa. Uma visão que ele jamais esperara testemunhar de novo, enquanto vivesse. Mais tarde, presumira que o rapaz oferecera um servicinho extra, ao reconhecer o escritor e por gostar de seus livros. Talvez fosse isso, mas o pára-brisa tinha precisado de uma lavagem. O verão terminara, porém ainda havia muita coisa que se achatava contra o pára-brisa, se o motorista rodasse por suficiente distância e em velocidade suficiente, pelas estradas secundárias. Ele devia ter usado aquelas estradinhas. Devia ter disparado para Deny e voltado novamente em tempo recorde, parando lá apenas o tempo bastante para incendiar a própria casa. No trajeto de volta, nem ao menos parara para reabastecer-se de gasolina. Afinal de contas, tivera lugares aonde ir e gatos para matar, não era mesmo?

Havia estado ocupado, muito ocupado, ocupadíssimo.

Parou no meio da sala e girou para fitar a parede-janela.

— Se fiz tudo isso, por que não consigo lembrar? — perguntou à rachadura prateada no vidro. — Por que não me lembro, nem agora?

Não sabia... mas sabia qual a origem do nome, não? Uma metade proviera do sulista cuja história ele havia roubado na universidade; a outra metade, do homem que lhe roubara a esposa. Era como uma bizarra e íntima piada literária.

Ela disse que o ama, Mort. Disse que agora o ama.

Ela disse que o ama, Mort. Disse que agora o ama.

— Fodam-se! Um homem que dorme com a mulher de outro é um ladrão. E a mulher é sua cúmplice!

Olhou provocativamente para a rachadura.

A rachadura nada respondeu.

Três anos antes, Mort publicara uma novela chamada A Família Delacourt. O endereço do remetente, na história de Shooter, havia sido Dellacoutt, Mississípi. Isto...

Mort correu subitamente para as enciclopédias em seu estúdio, escorregou e quase caiu na baralhada de páginas jogadas no chão, em sua pressa. Pegou o volume M e, por fira, encontrou o verbete para Mississípi. Correu um dedo trêmulo pela lista de cidades — consumia quase que uma página inteira — esperançoso contra a esperança.

Não adiantou.

Não havia nenhuma cidade chamada Dellacourt ou Delacourt no Mississípi.

Pensou em procurar Perkinsburg, a cidade onde Shooter lhe dissera ter encontrado um exemplar em capa mole de Todos soltem um níquel, antes de embarcar no ônibus de Greyhound, mas então simplesmente fechou o volume. Por que dar-se ao trabalho? Poderia existir uma Perkinsburg no Mississípi, mas, mesmo havendo, nada significaria.

O nome do romancista que dera aulas na classe em que Mort conhecera John Kintner tinha sido Richard Perkins, Jr. Era daí que se originara o nome.

Sim, mas não me lembro de nada disto, portanto, como...?

Oh, Mort! lamentou a vozinha. Você está muito doente. Você é um homem muito doente!

— Eu não aceito isso! — repetiu, horrorizado com a trêmula fraqueza de sua voz.

No entanto, que alternativa havia? Não chegara mesmo a pensar certa vez, que

era quase como se ele estivesse fazendo coisas, dando passos irrevogáveis, enquanto dormia?

Você matou dois homens, sussurrou a vozinha. Matou Tom, porque ele sabia que você esteve sozinho naquele dia, depois matou Greg a fim de que ele não descobrisse, é claro. Se matasse apenas Tom, Greg teria chamado a polícia. E você não queria isso, não poderia enfrentar isso. Não, até que termine toda esta horrível história que tem contado... Estava tão dolorido quando acordou ontem...

Tão rijo e dolorido. Entretanto, a causa não foi apenas por arrombar a porta do banheiro e depredar o boxe do chuveiro, certo? Sua atividade foi muito além disso. Precisava cuidar de Tom e Greg. E estava certo sobre a maneira pela qual os veículos rodaram por aí... mas foi VOCÊ quem ligou para Sonny Trotts, simulando ser Tom. Um homem que acabasse de chegar à cidade, vindo do Mississípi, não saberia que Sonny era um pouco surdo, mas VOCÊ sabia. Você os matou, Mort, você MATOU aqueles homens!

— Eu não aceito ter feito isso! — guinchou ele. — Tudo é parte do plano dele!

Apenas parte do joguinho dele! De seu joguinho mental! E eu não... eu não aceito...

Pare, sussurrou a vozinha dentro de sua cabeça, e Mort parou.

Por um momento, houve total silêncio nos dois mundos: aquele dentro de sua cabeça e o outro fora dela.

Então, após um intervalo, a vozinha perguntou quietamente: Por que você fez isto, Mort? Este episódio totalmente elaborado e homicida? Shooter ficava dizen-do que queria uma história, mas não EXISTE nenhum Shooter. O que VOCÊ quer, Mort? PARA QUE você criou John Shooter?

Nesse momento, chegou do exterior o som de um carro descendo a entrada da garagem. Mort olhou para o relógio e viu que os ponteiros estavam precisamente marcando meio-dia. Uma onda de triunfo e alívio rugiu dentro dele, varando-o como chamas disparando chaminé acima. O fato de ter a revista consigo, mas sem qualquer prova, não importava. O fato de Shooter poder matá-lo não importava. Morreria satisfeito, apenas em saber que havia um Jonh Shooter e que ele, Mort, não era responsável pelos horrores que estivera considerando.

— Ele está aqui! — gritou jubilosamente, correndo para fora do estúdio

— Ele está aqui! — gritou jubilosamente, correndo para fora do estúdio.

Agitava loucamente as mãos acima da cabeça e, de fato, chegou a executar uma pequena cabriola, ao dobrar a quina e entrar no corredor. Parou e olhou para fora, além da entrada da garagem, para o teto inclinado do gabinete do lixo, onde o corpo de Bump tinha sido pregado. Suas mãos tombaram lentamente ao lado do corpo. Um negro horror envolveu seu cérebro. Não, não o envolveu; o horror baixou sobre seu cérebro, como se alguma mão impiedosa estivesse arriando uma persiana. A última peça ajustou-se no lugar. Momentos antes no estúdio, ocorrera-lhe que podia ter criado uma fantasia assassina, porque não tinha coragem para suicidar-se. Agora, percebia que Shooter dissera a verdade, ao falar que jamais o mataria.

Não era a caminhonete imaginária de John Shooter que agora fazia alto, mas o pequeno e insignificante Subaru de Amy. Ela estava no volante. Ela roubara o seu amor, e uma mulher que rouba seu amor, quando em realidade é tudo quanto você tinha para dar, não é grande coisa como mulher.

Ainda assim, ele a amava.

Era Shooter que a odiava. Era Shooter que pretendia matá-la e depois sepultá-la junto ao lago, perto de Bump, onde antes de muito tempo ela se tornaria um mistério para ambos.

— Vá embora, Amy! — sussurrou, na voz trêmula de um homem muito velho. — Vá embora, antes que seja tarde demais!

Entretanto, Amy já saía do carro e, enquanto batia a porta depois de sair, a mão puxou a persiana na cabeça de Mort até o fim, deixando-o em meio à mais negra escuridão.

Amy experimentou a porta e viu que não estava trancada. Entrou, ia começar a chamar por Mort, mas não o fez. Olhou em torno, com olhos esbugalhados e assustados.

Tudo ali era uma perfeita confusão. A lata de lixo estava cheia e transbordara para o chão. Algumas moscas lerdas rastejavam para dentro e para fora de uma embalagem de alumínio para torta, que fora chutada a um canto. Ela podia sentir o cheiro de comida rançosa e ar viciado. Talvez até houvesse cheiro de comida estragada.

— Mort?

Não houve resposta. Ela caminhou mais alguns passos no interior da casa. Eram passos miúdos, como se não muito certa de querer ver o resto do lugar. A Sra. Gavin estivera ali apenas três dias antes — como é que tudo ficara tão bagunçado desde então? O que havia acontecido?

Amy estivera preocupada com Mort durante todo o último ano de seu casamento, mas sua preocupação aumentara após o divórcio. Era preocupação e, naturalmente, culpa. Parte da responsabilidade era sua e supunha que sempre continuaria pensando assim. Entretanto, Mort nunca tinha sido forte... e sua maior fraqueza era a teimosa (e às vezes quase histérica) recusa em admitir o fato. Nesta manhã, ele lhe dera a impressão de um homem à beira do suicídio. E o único motivo de Amy seguir a advertência dele para não trazer Ted foi considerar que, ao vê-lo, Mort poderia partir para o ato extremo, caso estivesse realmente predisposto a tanto.

A ideia de assassinato jamais lhe cruzara a mente e tampouco pensava nisto agora.

Nem mesmo quando Mort esgrimira a arma para eles, naquela terrível tarde no motel, Amy não sentira medo. Não disso. Mort não era um assassino.

— Mort? M...

Ela contornou a bancada da cozinha e a palavra lhe morreu na boca. Olhou para a enorme sala-de-estar, com expressão perplexa. Havia papel jogado em todo canto

canto.

Como se Mort, a certa altura, houvesse exumado cada exemplar de cada manuscrito que tinha nas gavetas da mesa de trabalho e nos arquivos, em seguida jogando as páginas ao acaso, como confete em alguma sombria comemoração da véspera de Ano Novo. A mesa estava entulhada de pratos sujos. A cafeteira Sílex jazia estilhaçada no chão, perto da parede-janela, que estava rachada.

E por toda parte, toda parte, toda parte, havia uma palavra. A palavra era SHOOTER.

SHOOTER tinha sido escrito nas paredes, com giz colorido que ele devia ter tirado da gaveta onde ela guardava material para arte. SHOOTER fora escrito em spray na janela, duas vezes, dando a impressão de creme batido seco — e, sim, lá estava a lata de creme batido Redi-Whip, sob pressão, jogada debaixo da estufa na lareira. SHOOTER tinha sido escrito incessantemente sobre as bancadas da cozinha, a tinta, e a lápis, nos postes de madeira que sustentavam o jirau, no extremo oposto da casa — uma ordenada coluna, como uma soma, descendo em linha reta e dizendo SHOOTER SHOOTER SHOOTER.

O pior de tudo é que a palavra havia sido esculpida na superfície polida de cerejeira da mesa, em enormes letras denteadas com um metro de altura, como uma grotesca declaração de amor: SHOOTER.

A chave de fenda que ele usara para fazer isto jazia sobre uma cadeira próxima. Havia matéria vermelha em sua extremidade de aço — e Amy presumiu que fosse da madeira.

— Mort? — sussurrou, olhando em torno.

Agora sentia medo de encontrá-lo, morto pelas próprias mãos. E onde? Ora, no estúdio, sem dúvida. Onde mais? Ali ele passara as partes mais importantes da vida; certamente preferira morrer lá dentro.

Embora sem vontade de entrar no estúdio, sem o menor desejo de ser quem o encontrasse, seus pés a levaram naquela direção, mesmo assim. Enquanto caminhava, chutou o exemplar da EQMM para longe. A revista que Herb Greekmore tinha enviado. Amy não olhou para baixo. Chegou à porta do estúdio e a abriu lentamente.

Mort estava parado diante de sua velha máquina de escrever Royal; o monitor e o teclado de seu processador de texto jazia emborcada no chão, em um buquê de vidro. Ele tinha uma singular semelhança com um pregador rural. Amy imaginou que talvez fosse a postura adotada; estava em pé, quase empertigado, com as mãos atrás das costas. Entretanto, o que acentuava a semelhança era o chapéu. O chapéu preto, puxado para baixo, até quase tocar o topo das orelhas. Amy considerou que havia uma certa similitude com o velho naquele quadro, “Gótico americano", embora o homem representado ali não usasse chapéu.

— Mort? — falou, mas em tom fraco e incerto.

Ele não respondeu, apenas a fitou. Os olhos tinham uma expressão taciturna e brilhavam. Ela nunca vira os olhos de Mort assim, nem mesmo naquela tarde terrível, no motel. Era quase como se aquele não fosse Mort, em absoluto, mas algum estranho parecido com ele.

Não obstante, Amy reconheceu o chapéu.

— Onde foi que você encontrou essa coisa velha? No sótão?

As batidas do coração ritmavam sua voz, fazendo-a gaguejar. Ele devia tê-lo achado no sótão. Desprendia um forte cheiro de naftalina, que se irradiava até onde ela estava. Mort comprara aquele chapéu anos atrás, em uma loja de presentes na Pensilvânia. Os dois viajavam pela região dos Amish. Ela cultivava um pequeno jardim na casa de Derry, no ângulo em que a casa se encontrava com a adição que era o estúdio. O jardim era dela, porém Mort frequentemente ia para lá, semeá-lo, quando às voltas com alguma ideia. Quando fazia isto, costumava usar o chapéu.

Dizia que era o seu chapéu de pensar. Ela o recordava olhando-se certa vez em um espelho, com o chapéu na cabeça, e brincando que devia tirar uma foto com ele, para figurar na capa solta de um livro. “Quando o ponho," Mort havia dito, “pareço um homem da roça, segurando o arado atrás do traseiro de uma mula.”

Então, o chapéu havia desaparecido. Devia ter viajado cá para baixo, do lugar em que ficara estocado. No entanto...

— É o meu chapéu — disse ele por fim, em uma voz embrutecida e roufenha

— É o meu chapéu — disse ele por fim, em uma voz embrutecida e roufenha. —

Nunca foi de mais ninguém.

— Mort? O que há de errado? O que há...

— Ligou o número errado, mulher. Não tem nenhum Mort aqui. Mort está morto.

— Os olhos continuavam penetrantes, firmes. — Ele andou fazendo um bocado de tolices por aí, porém no fim não podia mentir mais para si mesmo, muito menos para mim. Não toquei um dedo nele, Sra. Rainey. Juro. Ele escolheu a saída dos covardes.

— Por que está falando assim? — perguntou Amy.

— Eu sempre falei desse jeito — replicou ele, com leve surpresa. — Lá, no Miss’ipi, todo mundo fala assim.

— Mort, pare com isso!

— Não entendeu o que eu disse? — perguntou ele. — Não é surda, é? Ele está morto.

Ele se matou.

— Pare com isso, Mort! — pediu ela, começando a chorar. — Você me assusta e eu não gosto disto.

— Não importa — disse ele. Tirou as mãos de trás das costas. Em uma delas segurava a tesoura apanhada na gaveta de cima da secretária. Ergueu-a. O sol tinha saído e arrancou um reflexo nas lâminas da tesoura, quando Mott a abriu e depois fechou. — Não ficará assustada muito tempo.

Então, começou a caminhar para ela.

49

Por um momento, Amy permaneceu parada no mesmo lugar. Mort não a mataria; se possuísse tendências homicidas, certamente teria matado alguém naquele dia, no motel.

Então, vendo a expressão nos olhos dele, compreendeu que também Mort sabia disso.

Só que este homem não era ele.

Amy deu um grito, fez meia volta e correu para a porta.

Shooter a seguiu, fazendo a tesoura descer em um arco prateado. Conseguiria enterrar as lâminas entre as omoplatas de Amy, até as empunhaduras, se seus pés não houvessem escorregado nos papéis à solta sobre o piso de madeira. Caiu ao comprido, com um grito de perplexidade e de raiva. As lâminas da tesoura apunhalaram a página nove de “Janela secreta, secreto jardim”, e as pontas se quebraram. A boca de Mort se chocou contra o chão, fazendo o sangue fluir. O maço de Pall Mall — a marca que John Kintner fumara silenciosamente, nas folgas de metade das aulas de escrita criativa que partilhara com Mort Rainey — foi ejetado de seu bolso e deslizou pela madeira encerada do piso, como os discos de marela, em uma sala de bar. Ele ficou de joelhos, a boca contorcida e sorrindo por entre o sangue que escorria dos lábios e dentes.

— Não vai adiantar, Sra. Rainey! — gritou, pondo-se de pé. Olhou a tesoura, abriu-a para estudar melhor as extremidades embotadas, e terminou jogando-a impacientemente a um lado. — Tenho um lugar para a senhora no jardim! Já escolhi onde! Agora, ouça o que estou dizendo!

Ele correu para a porta, atrás dela.

50

Na metade da sala-de-estar, foi Amy quem se deu mal. Um de seus pés caiu sobre o rejeitado exemplar da EQMM e ela caiu esparramada sobre o lado do corpo, machucando o quadril e o seio direito. Gritou.

Atrás dela, Shooter correu até a mesa e pegou rapidamente a chave de fenda que usara para pregar o gato.

— Pare aí mesmo e fique quieta — disse, quando ela se virou sobre as costas e o fitou com olhos dilatados, que quase pareciam drogados. — Se fizer qualquer movimento, vou acabar machucando a senhora, antes de isto terminar. Não quero machucá-la, madama, a menos que seja preciso. Compreenda, eu preciso ter alguma coisa. Fiz toda essa caminhada e preciso ter alguma coisa pela trabalheira.

Enquanto ela se aproximava, Amy apoiou-se nos cotovelos e, com os pés, empurrou o corpo para trás. Os cabelos lhe caíram no rosto. Tinha a pele molhada de suor; podia senti-lo pingando, quente e com cheiro forte. O rosto acima dela era a face solene, judiciosa, da insanidade.

— Não, Mort! Por favor! Por favor, Mort...

Ele saltou para ela, erguendo a chave de fenda acima da cabeça e depois a descendo. Amy gritou esganiçadamente e rolou para a esquerda. A dor traçou uma linha ardente através do quadril, quando a ponta da chave de fenda rasgou seu vestido e encontrou a came. Em seguida, ficou atabalhoadamente sobre os joelhos, ouvindo e sentindo o tecido rasgar-se em comprida tira enquanto isso.

— Não, madama! — ofegou Shooter. A mão dele se fechou sobre o tornozelo de Amy. — Não, madama!

Ela olhou por sobre o ombro, por entre as mechas de cabelo, e viu que ele usava a outra mão para arrancar a chave de fenda que se enterrara no piso. O chapéu preto de copa redonda estava torto na cabeça dele.

Ele libertou a chave de fenda e a dirigiu à barriga da perna direita de Amy.

A dor foi lancinante. Parecia abranger o mundo inteiro. Ela gritou e deu um pontapé para trás, atingindo o nariz dele e fraturando-o. Shooter grunhiu e caiu

pontapé para trás, atingindo o nariz dele e fraturando-o. Shooter grunhiu e caiu de lado, aferrando o rosto. Amy conseguiu levantar-se. Ouvia uma mulher ganindo.

Parecia um cão uivando para a lua. Ela não achava que fosse um cão. Achava que os uivos eram seus.

Shooter agora se levantava. A parte inferior de seu rosto era uma máscara sangrenta. A máscara se fendeu, abrindo-se, e mostrou os dentes frontais de Mort Rainey, entortados na queda. Ela podia recordar-se, passando a língua por aqueles dentes.

— Uma dona exigente, não é? — disse ele, sorrindo. — Tudo bem, madama. Agora vai ser pra valer.

Mergulhou na direção dela.

Amy cambaleou para trás. A chave de fenda desprendeu-se da barriga de sua perna e rolou pelo chão. Shooter olhou para a chave de fenda e tornou a mergulhar para Amy, quase brincalhonamente. Ela agarrou uma das cadeiras da sala-de-estar e a firmou diante dele. Por um momento, os dois apenas se encararam acima da cadeira... e então ele estendeu a mão, procurando aferrar a frente do vestido dela.

Amy encolheu-se.

— Já estou cheio de tanta cerimônia com a senhora — ofegou ele.

Virando-se, Amy disparou para a porta.

Ele a perseguiu imediatamente, as mãos estiradas para agarrá-la pelas costas, os dedos encontrando e deslizando sobre a nuca, tentando fechar-se na gola do vestido, agarrando-a, depois a sentindo escapar da pressão que a faria recuar na direção dele, para sempre.

Amy passou a toda velocidade pela bancada da cozinha, querendo chegar à porta dos fundos. Seu mocassim direito chapinhava e se encharcava no pé. Estava cheio de sangue. Shooter a perseguia, arquejando e soprando bolhas de sangue pelas narinas, tentando agarrá-la.

Ela empurrou a porta de tela com as mãos, depois tropeçou e caiu ao comprido

no alpendre, a respiração escapando dos pulmões. Caiu exatamente onde Shooter deixara seu manuscrito. Rolou o corpo e o viu chegando. Ele agora contava apenas com as mãos nuas, mas estas pareciam ser mais do que suficientes. Os olhos dele eram implacáveis, firmes e horrivelmente gentis, abaixo da aba do chapéu preto.

— Eu sinto muito, madama — disse.

— Rainey! — gritou uma voz. — Pare!

Amy tentou olhar em torno, mas não pôde. Havia torcido algo em seu pescoço.

Shooter nem mesmo tentou. Limitou-se a saltar para ela.

— Rainey! Pare!

— Não há nenhum Rainey aq... — começou Shooter, mas, então, um disparo fendeu vivamente o ar do outono.

Shooter estacou onde se encontrava e olhou com curiosidade, quase naturalidade, para o próprio peito. Ali havia um pequeno orifício. Nenhum sangue escapava por ele — pelo menos, não no início —, mas o orifício estava lá. Ele ergueu a mão para aquele lugar, depois a afastou. O indicador estava manchado por um pequeno ponto de sangue. Havia uma certa semelhança com pontuação — o ponto que encerra uma frase. Shooter olhou pensativamente para aquilo. Depois deixou as mãos caírem e olhou para Amy.

— Meu bem? — disse ele, e então caiu estirado ao lado dela, sobre as tábuas do alpendre.

Amy rolou sobre o corpo, conseguiu firmar-se nos cotovelos e engatinhou para onde ele jazia, começando a soluçar.

— Mort? — chamou. — Mort? Por favor, Mort, diga alguma coisa!

Entretanto, ele não ia dizer coisa alguma e, após um momento, ela teve noção disso. Nas semanas e meses seguintes, rejeitaria incessantemente o simples fato da morte dele, mas então esmorecia, era de novo tomada por aquela percepção. Ele estava morto. Estava morto. Havia enlouquecido ali e estava morto.

Ele e quem quer que, no fim, estivesse dentro dele.

Amy deixou a cabeça encostar-se ao peito dele e chorou. Quando alguém surgiu às suas costas e lhe pousou no ombro uma mão consoladora, ela não se virou para olhar.

Epílogo

Cerca de três meses após os eventos no Lago Tashmore, Ted e Amy Milner foram ver o homem que havia baleado e matado o primeiro marido dela, o conhecido escritor Morton Rainey.

Naquele período de três meses, tinham visto o homem uma vez, por ocasião do inquérito, mas havia sido uma situação formal e Amy não quisera falar com ele pessoalmente. Não ali. Era grata por ele lhe ter salvo a vida... porém Morton fora seu marido e ela o amara por muitos anos. Além disso, no mais fundo do coração, sentia que o dedo de Fred Evans não fora o único que puxara o gatilho.

De qualquer modo, achava que iria procurá-lo algum dia, a fim de deixar isto esclarecido em sua mente, o melhor possível. Esse dia talvez acontecesse dentro de um ano, dois, possivelmente até três. Contudo, nesse meio-tempo tinham acontecido coisas que a levaram a mover-se com maior rapidez. Esperava que Ted a deixasse ir sozinha a Nova Iorque, porém ele foi enfático. Não, depois da última vez que a deixara ir sozinha a algum lugar. Daquela vez, ela quase havia sido morta.

Com certa aspereza, Amy observou que teria sido difícil para Ted “deixá-la ir”, pois, antes de mais nada, nunca lhe dissera que iria. Ele apenas deu de ombros.

Assim, foram juntos para Nova Iorque, juntos tomaram o elevador até o quinquagésimo-terceiro andar de um imenso arranha-céu, e juntos foram conduzidos ao pequeno cubículo nos escritórios da Consolidated Assurance Company, a que Fred Evans dava o nome de lar, durante suas horas de trabalho... a menos que estivesse em campo, é claro.

Ela se sentou no canto mais distante que pôde e, embora as selas estivessem bastante aquecidas, manteve o xale aconchegado ao corpo.

As maneiras de Evans eram vagarosas e gentis — Amy quase o achava parecido ao médico do interior que cuidara de suas doenças na infância — isto a fazendo gostar dele. Entretanto, há algo que esse homem jamais saberá, pensou. Eu talvez encontrasse forças para contar-lhe e ele me ouviria, porém isto não significando que acreditasse em mim. Ele sabe apenas que, em meu pensamento, será sempre o homem que baleou e matou Mort, que me viu chorando sobre o peito dele até a ambulância chegar e que um dos paramédicos precisou aplicar-

me uma injeção, antes de eu deixar que levassem o corpo. E o que esse homem não sabe é que, ainda assim, eu gosto dele.

Pelo interfone, ele pediu a uma mulher de uma das salas exteriores que lhes trouxesse chá, e ela apareceu com três enormes canecas fumegantes. Lá fora era janeiro, com vento forte e temperatura baixa. Com uma ligeira ânsia, ela pensou em como estaria tudo em Tashmore, com o lago finalmente congelado e aquele vento cortante soprando compridas e fantásticas serpentes de neve pulverizada através do gelo. Então, sua mente fez algumas obscuras, mas inoportunas associações, e ela viu Mort caindo no piso, viu o maço de Pall Mali deslizando através da madeira polida como um pesado disco de mareia. Estremeceu, desaparecida a breve saudade.

— A senhora está bem, Sra. Milner? — perguntou Evans.

Ela assentiu.

Franzindo o cenho altivamente e brincando com o cachimbo, Ted falou:

— Minha esposa quer ouvir tudo quanto sabe a respeito do que aconteceu, Sr. Evans. Inicialmente, tentei desencorajá-la, mas terminei pensando que seria uma boa coisa ficar sabendo. Ela vem tendo pesadelos desde então e...

— Naturalmente — disse Evans, não de todo ignorando Ted, mas dirigindo-se diretamente a Amy. — Imagino que ainda os terá por muito tempo. Aliás, também tive alguns. Nunca havia matado ninguém antes. — Ele fez uma pausa, para então acrescentar: — Deixei de ir para o Vietnã por pouco. Faltava um ano mais ou menos.

Amy ofereceu-lhe um sorriso. Leve, mas um sorriso.

— Ela ouviu tudo no inquérito — prosseguiu Ted, — mas queria ouvir novamente, do senhor, omitidas todas aquelas legalidades.

— Posso compreender — disse Evans. Apontou para o cachimbo. — Pode acendê-lo, se preferir.

Ted olhou para o cachimbo e depois o deixou cair rapidamente no bolso do sobretudo, como se algo envergonhado dele.

— Na verdade, estou tentando parar de fumar.

— Na verdade, estou tentando parar de fumar.

Evans olhou para Amy.

— Em sua opinião, que finalidade teria isto? — perguntou, na mesma voz gentil, cheia de delicadeza. — Ou, talvez, fosse melhor perguntar-lhe: a que finalidade acha que isto serviria?

— Eu não sei. — A voz dela era baixa e comportada. — Mas estivemos em Tashmore há três semanas, eu e Ted, a fim de limparmos a casa — nós a colocamos à venda — e aconteceu uma coisa. Aliás, duas. — Amy olhou para o marido e tornou a esboçar aquele mesmo sorriso ligeiro. — Ted sabe que algo aconteceu, porque foi quando entrei em contato com o senhor e marquei este encontro. Entretanto, ele ignora o que foi e receio que tenha ficado aborrecido comigo. Talvez tenha razão em ficar.

Ted Milner não negou que estivesse aborrecido com Amy. Sua mão afundou no bolso do sobretudo, ficou remexendo com o cachimbo, mas depois tornou a largá-lo.

— E essas duas coisas... têm relação com o ocorrido em outubro, na sua casa do lago?

— Eu não sei. Sr. Evans... o que aconteceu? Quanto o senhor sabe?

— Bem — disse ele, reclinando-se na poltrona e bebericando de sua caneca —, se a senhora está esperando todas as respostas, ficará francamente decepcionada. Posso contar-lhe tudo sobre o incêndio, mas quanto ao motivo de seu marido haver feito o que fez... creio que certamente poderá preencher essas lacunas melhor do que eu. O que mais nos intrigou a respeito do incêndio foi o local em que começou — não na casa principal, mas no estúdio do Sr. Rainey, que é uma adição do prédio. Isso fez a ocorrência parecer voltada diretamente para ele. Entretanto, ele nem mesmo estava lá.

“Então, encontramos um grande estilhaço de garrafa, entre os destroços do estúdio. Contivera vinho — champanha, para ser exato, porém não havia dúvidas de que gasolina tinha sido o que contivera por último. Parte do rótulo permanecia intacta, de maneira que enviamos uma cópia por fax para Nova Iorque. Foi identificado como sendo da marca Moêt et Chandon, ano de novecentos e oitenta e tantos.

Isso não era uma prova indiscutível de que a garrafa utilizada para o coquetel Molotov proviera de seu depósito de vinhos, Sra. Milner, porém era um detalhe bastante persuasivo, uma vez que havia enumerado em sua lista mais de uma dúzia de garrafas de Moêt et Chandon, algumas de 1983 e outras de 1984.

“Isto nos levou a uma suposição que parecia clara, mas não muito sensata: de que a senhora ou seu ex-marido podiam ter incendiadoa própria casa. A senhora mesma afirmou que tinha saído e sem trancar a porta...”

— Perdi bastante sono por causa disso — falou Amy. — Eu frequentemente esquecia de trancá-la, quando pretendia sair apenas por alguns momentos. Fui criada em uma cidadezinha ao norte de Bangor, e os hábitos do interior custam a desaparecer. Mort costumava... — Os lábios dela tremeram e interrompeu-se por um momento, comprimindo-os tão apertadamente, que ficaram brancos. Ao controlar-se de novo, terminou o pensamento, em voz baixa. — Ele costumava censurar-me por isso.

Ted tomou-lhe a mão.

— Claro que isto não faria diferença — disse Evans. — Ainda que houvesse trancado a casa, o Sr. Rainey poderia ter entrado lá, porque continuava tendo suas chaves.

Correto?

— Correto — disse Ted.

— Se a senhora houvesse trancado a porta, isto talvez acelerasse as conclusões finais, mas é impossível termos certeza. Deduções precipitadas são um erro que procuramos evitar em meu trabalho, afinal. Há uma teoria de que isto provoca úlceras, o que confirmo plenamente. A questão é a seguinte: em vista do testemunho da Sra. Rainey — perdão, Sra. Milner — de que deixara a casa destrancada, a princípio acreditamos que o incendiário poderia ser, literalmente, qualquer pessoa. Entretanto, após começarmos a analisar a suposição de que a garrafa usada proviera do depósito de vinhos na adega, o terreno foi ficando estreito.

— Porque aquele depósito ficava trancado — disse Ted.

Evans assentiu.

— Lembra-se de eu lhe ter perguntado quem tinha chaves para o depósito, Sra.

Milner?

— Poderia chamar-me de Amy?

Ele assentiu.

— Lembra-se, Amy?

— Claro. Passamos a trancar o pequeno depósito dos vinhos há uns três ou quatro anos, depois que algumas garrafas de vinho tinto de mesa desapareceram. Mort pensou que fosse a faxineira. Eu não quis acreditar, porque gostava dela, mas depois achei que ele poderia estar certo e, provavelmente, estivesse mesmo. Então, passamos a trancar o depósito, a fim de que ninguém mais sentisse a tentação de retirar garrafas de lá.

Evans olhou para Ted Milner.

— Amy tinha uma chave do depósito de vinhos e acreditava que o Sr. Rainey continuava de posse da dele. Assim, isto limitava as possibilidades. Naturalmente, se tivesse sido Amy, o senhor certamente estaria de combinação com ela, Sr. Milner, já que um era álibi do outro para aquela noite. O Sr. Rainey não dispunha de álibi, porém encontrava-se a considerável distância. Além do mais, o detalhe principal era que não víamos motivos para o crime. O trabalho dele deixou o casal em confortável situação financeira. Não obstante, recolhemos as impressões digitais. Havia duas excelentes. Isto aconteceu no dia seguinte ao nosso encontro em Derry. As duas impressões eram do Sr. Rainey. Ainda não se tratava de uma prova...

— Não? — perguntou Ted, parecendo perplexo.

Evans meneou a cabeça.

— Os testes de laboratório confirmaram que as impressões tinham sido feitas antes de o fogo ter estorricado o que sobrou da garrafa, porém não quanto tempo antes.

Compreenda, o calor havia endurecido a oleosidade das impressões. Ora, se nossa suposição de que a garrafa pertencia ao depósito de vinho fosse correta, alguém teria que fisicamente retirá-la do saco ou caixa em que fora comprada, a

alguém teria que fisicamente retirá-la do saco ou caixa em que fora comprada, a fim de depositá-la em seu compartimento adequado. Esse alguém tanto poderia ser o Sr. Rainey ou sua esposa. Enfim, o Sr. Rainey argumentaria que as impressões tinham ficado marcadas quando da transferência da garrafa para seu lugar definitivo.

— Ele não tinha condições para qualquer argumentação — disse Amy suavemente.

— Não no final.

— Eu imagino, mas não sabíamos disso. Sabíamos apenas que, quando pessoas carregam garrafas, em geral as pegam pelo gargalo ou na parte superior. Aquelas duas impressões estavam perto do fundo e o ângulo era muito estranho.

— Como se ele a estivesse carregando inclinada ou mesmo de cabeça para baixo

— interrompeu Ted. — Não foi o que disse no inquérito?

— Exato — e os conhecedores de vinho não fazem isso. Com a maioria dos vinhos, isto perturba o sedimento. E com champanha...

— Faz o sedimento misturar-se à bebida — disse Ted.

Evans assentiu.

— Se alguém sacudir uma garrafa de champanha com grande violência, a pressão a fará explodir.

— De qualquer modo, não havia champanha nele — disse Amy em voz baixa.

— Não. Contudo, isto não era prova. Vasculhei os postos de gasolina da área, a fim de saber se alguém parecido com o Sr. Rainey havia comprado uma pequena quantidade de gasolina aquela noite, mas não tive sorte. Não fiquei surpreso; ele poderia ter comprado a gasolina em Tashmore ou nos cerca de cinquenta postos de gasolina entre os dois lugares.

“Então, procurei Patricia Champion, uma de nossas testemunhas. Levei-lhe a foto de um Buick 1986 — a marca e modelo que, segundo presumíamos, o Sr. Rainey estivera dirigindo. Ela disse que poderia ter sido o carro, mas não tinha certeza.

Assim, eu tinha que enfrentar a situação. Voltei à casa para dar uma espiada, e você apareceu, Amy. Era manhã cedo. Eu queria fazer-lhe algumas perguntas, mas vi que estava claramente perturbada. Perguntei por que tinha ido lá e você deu uma resposta curiosa. Disse que ia ao Lago Tashmore ver seu marido, mas que primeiro tinha ido ver o jardim.

— Pelo telefone, ele ficava insistindo no que chamava de minha janela secreta... a que dava para o jardim. Dizia ter deixado algo lá. Só que não havia nada. Pelo menos, nada que eu pudesse ver.

— Tive um pressentimento sobre ele, quando nos encontramos — disse Evans lentamente. — Um pressentimento de que ele não estava... muito bom da cabeça. Não que estivesse mentindo sobre certas coisas, embora eu tivesse certeza absoluta de que mentia. Era algo mais. Uma espécie de distanciamento.

— Sim... Também percebi isto nele, cada vez mais. Esse distanciamento.

— Quando a vi, pareceu-me quase doente de preocupação. Decidi que seria interessante segui-la até aquela outra casa, Amy, em particular quando me pediu para não contar ao Sr. Milner que tinha ido até lá, caso ele a procurasse. Não acreditei que a ideia fosse alguma esquisitice sua. Por outro lado, achei que eu talvez até descobrisse alguma coisa. E também achei...

Evans se calou, deixando a frase incompleta.

— Achou que poderia acontecer-me qualquer coisa—disse ela. — Obrigadi, Sr. Evans.

Ele teria acabado comigo, como sabe. Se não me tivesse seguido, ele teria me matado.

— Estacionei no início da entrada para carros e desci. Ouvi uma terrível barulheira no interior da casa e comecei a correr. Foi quando você mais ou menos caiu através da porta telada, com ele em sua perseguição.

Evans olhou para eles dois, com expressão sincera.

— Pedi a ele que parasse — falou. — Pedi duas vezes.

Amy estendeu o braço, apertou-lhe a mão suavemente por um instante, depois a soltou.

soltou.

— E isto é tudo — disse Evans. — Sei apenas um pouco mais, principalmente pelos jornais e por duas conversas que tive com o Sr. Milner...

— Ted, por favor.

— Pois bem, Ted. — Evans não pareceu aceitar chamá-lo pelo primeiro nome tão facilmente como fizera com Amy. — Sei que o Sr. Rainey tinha o que provavelmente foi um episódio esquizofrênico, no qual era duas pessoas, sem que nenhuma delas se imaginasse existindo realmente no mesmo corpo. Sei que uma dessas personalidades se chamava John Shooter. Através do depoimento de Herbert Creekmore, fiquei sabendo que o Sr. Rainey se imaginava acossado por esse Shooter, a respeito de uma história intitulada “Tempo de plantar”, e que o Sr. Creekmore enviara ao Sr.

Rainey um exemplar da revista em que a história fora publicada, a fim de que ele provasse que a publicara antes do tal Shooter. A revista chegou pouco antes de você, Amy — foi encontrada na casa. O envelope da Expresso Federal em que chegou estava no assento do Buick de seu ex-marido.

— Ele não tinha retirado a história? — perguntou Ted.

— Não apenas a história — a página do índice também. Ele tomou o cuidado de remover cada traço de si mesmo. Tinha um canivete consigo, e provavelmente foi o que usou para isso. As páginas que faltavam foram encontradas no porta-luvas do Buick.

— No final, a existência daquela história se tornou um mistério, inclusive para ele

— comentou Amy, em tom suave.

Evans olhou para ela, de sobrancelhas erguidas.

— Como disse?

Ela meneou a cabeça.

— Não foi nada.

— Penso que já lhes contei tudo quanto podia — disse Evans. — Outra coisa

— Penso que já lhes contei tudo quanto podia — disse Evans. — Outra coisa mais seria especulação pura. Afinal de contas, sou um investigador de seguros, não um psiquiatra.

— Ele era dois homens — disse Amy. — Ele próprio... e um personagem que criou.

Ted acha que o sobrenome, Shooter, tenha sido algo que Mort ouviu e guardou na cabeça, ao descobrir que Ted viera de uma cidadezinha do Tennessee, chamada Shooter’s Knob. Acredito que ele tenha razão. Mort vivia recolhendo nomes de personagens precisamente dessa maneira... quase como anagramas.

“Não sei o resto disto — posso apenas imaginar. Sei que quando um estúdio cinematográfico desistiu da opção de sua novela A Família Delacourt, Mort chegou à beira de um colapso nervoso. Eles deixaram bem claro — e Herb Creekmore fez o mesmo — que estavam muito preocupados sobre uma semelhança acidental, embora sabendo que ele jamais poderia ter visto o roteiro do que era intitulado A turma lá de casa. Não havia questão de plágio... a não ser na cabeça de Mort. Sua reação foi exagerada, anormal. Foi como pegar um tição apagado, no que parece a fogueira morta de um acampamento, a descobrir que ainda há uma brasa.

— Acredita que ele tenha criado John Shooter simplesmente para puni-la? — perguntou Evans.

— Não. Shooter surgiu para punir Mort. Tenho a impressão... — Amy fez uma pausa e ajustou o xale, apertando-o um pouco mais sobre os ombros. Então, ergueu sua xícara de chá com uma mão não muito firme. — Tenho a impressão de que Mort roubou o trabalho de alguém, em alguma época passada — disse. — Provavelmente em um passado muito distante, porque tudo quanto escreveu, a partir de O menino que tocava realejo, foi lido amplamente. Creio que o roubo viria à tona. Duvido que, inclusive, ele tenha chegado a publicar o que roubou, mas é o que julgo ter ocorrido e creio ter sido daí que John Shooter realmente surgiu. Não por causa da companhia cinematográfica rejeitando sua novela ou devido a meu... meus encontros com Ted, e tampouco em decorrência do divórcio. Talvez todas estas coisas tenham contribuído, mas acho que as raízes recuam até uma época antes de tê-lo conhecido. Então, ao ficar sozinho na casa do lago...

— Shooter entrou em cena — disse Evans calmamente. — Apareceu e o acusou

de plágio. Uma vez que o Sr. Rainey nunca fora acusado por quem quer que houvesse sido roubado por ele, no final precisava punir a si mesmo. Entretanto, tenho minhas dúvidas de que tudo tenha acontecido realmente assim, Amy. Ele tentou matá-la.

— Não — disse ela. — Aquele era Shooter.

Ele ergueu as sobrancelhas. Ted fitou atentamente, depois tornou a tirar o cachimbo do bolso.

— O verdadeiro Shooter.

— Confesso que não entendi,

Ela exibiu aquele esboço de sorriso.

— Eu mesma não me entendo. Daí o motivo de estar aqui. Não creio que dizer isto sirva a qualquer finalidade prática — Mort está morto e tudo terminou — mas talvez possa ajudar-me. Taivez me ajude a dormir melhor.

— Então, seja o que for, diga para nós — pediu Evans.

— Compreenda, quando fomos lá, limpar a casa, paramos na pequena casa comercial da cidade — chama-se Bowie's. Ted encheu o tanque de gasolina — sempre houve auto-serviço no Bowie's — e eu entrei para comprar algumas coisas. Havia um homem lá, chamado Sonny Trotts, que costumava trabalhar com Tom Greenleaf. Tom era o mais velho dos dois zeladores que foram mortos. Sonny queria dizer-me o quanto lamentava sobre Mort, e queria também dizer-me algo mais. Ele vira Mort na véspera de sua morte e pretendia contar a ele. Então, contou para mim. Era sobre Tom Greenleaf — alguma coisa que Tom havia contado a Sonny, enquanto os dois pintavam o Salão Paroquial Metodista. Sonny ainda viu Mort depois disso, mas falou que não pretendera contar-lhe naquele exato momento. Então, recordou que tinha algo a ver com Greg Carstairs...

— O outro homem morto?

— Sim. Então, Sonny se virou e chamou, mas Mort não o ouviu. E, no dia seguinte, Mort estava morto.

— O que o Sr. Greenleaf contou a esse homem?

— Que ele achava que podia ter visto um fantasma — disse Amy calmamente.

Os dois olharam para ela, sem falar.

— Sonny disse que Tom estava ficando esquecido ultimamente e isto o preocupava. Na opinião de Sonny, era apenas o tipo de esquecimento que ocorre quando uma pessoa vai envelhecendo, mas Tom levara cinco ou seis anos cuidando da esposa, atacada pela doença de Alzheimer, e sentia pavor de terminar seus dias da mesma forma. Segundo Sonny, se Tom esquecia um pincel de tinta, levava metade do dia obcecado a respeito. Tom comentara que era este o motivo por que, quando Greg Carstairs lhe perguntara se havia reconhecido o homem com quem vira Mort Rainey conversando na véspera, ou se o reconheceria, caso tornasse a vê-lo, respondera que não tinha visto ninguém com Mort — que Mort estava sozinho.

Houve o ruído de um fósforo sendo riscado. Ted Milner finalmente resolvera acender seu cachimbo. Evans ignorou-o. Estava inclinado para diante em sua poltrona, o olhar preso fixamente ao rosto de Amy Milner.

— Façamos um resumo. Segundo esse Sonny Troots...

— Trotts.

— Certo, Trotts. Segundo ele, Tom Greenleaf viu Mort com alguém?

— Não exatamente — disse Amy. — Sonny achava que, se Tom acreditava nisso, acreditava com firmeza, não teria mentido para Greg. O que Tom disse foi que não sabia o que vira. Que estava confuso. Que parecia mais seguro não comentar a respeito.

Ele não queria que alguém — em particular Greg Carstairs, que também trabalhava como zelador — soubesse o quanto andava confuso. Acima de tudo, não queria ninguém pensando que poderia estar ficando doente, como sua falecida esposa ficara.

— Sinto muito, mas acho que não entendi bem.

— De acordo com Sonny — explicou Amy — Tom desceu a Alameda do Lago em seu Scout e viu Mort, parado e sozinho, no início da trilha que segue pela margem do lago.

margem do lago.

— Perto de onde os corpos foram encontrados?

— Isso mesmo. Bem perto. Mort acenou, cumprimentandoo. Tom acenou de volta e continuou em frente. Então, segundo o que diz Sonny, Tom espiou pelo retrovisor e viu outro homem com Mort, assim como uma velha caminhonete, embora nem o homem e nem o carro estivessem lá segundos antes. O homem usava um chapéu preto, disse ele... mas era possível enxergar-se através dele e também do carro.

— Oh, Amy! — exclamou Ted suavemente. — O homem estava se divertindo com você. Queria apenas divertir-se.

Ela meneou a cabeça.

— Não creio que Sonny seja inteligente o bastante para inventar uma história semelhante. Segundo me disse, Tom achava que devia entrar em contato com Greg e contar-lhe que, afinal de contas, podia ter visto o tal homem; seria melhor omitir a parte final, quero dizer, aquela de enxergar através do homem e do carro. Sonny disse que o velho estava apavorado, que se convencera de que aquilo só podia ser uma de duas coisas: estava ficando com a doença de Alzheimer ou então vira um fantasma.

— Bem, sem dúvida, é algo arrepiante — comentou Evans, e tinha razão — a pele de seus braços e costas se contraíra em arrepios, por um ou dois momentos —, mas foi algo repetido em segunda mão... de fato, ouvido de um homem que agora está morto.

— Sim... mas aí vem a outra coisa. — Amy depositou a xícara de chá em cima da mesa, abriu a bolsa e começou a remexer dentro dela. — Quando eu limpava o estúdio de Mort, encontrei aquele chapéu — aquele horrível chapéu preto — atrás da mesa dele. Levei um choque, porque não esperava encontrá-lo. Imaginava que a polícia o teria levado, como prova ou coisa assim. Tirei-o lá de trás com uma vareta.

O chapéu saiu virado do avesso e com a vareta dentro dele. Usei a mesma vareta a fim de levá-lo para fora e jogá-lo no gabinete do lixo. Está entendendo?

Ted não entendia nada; Evans entendia tudo.

— Você não queria tocá-lo.

— Exato. Eu não queria tocá-lo. O chapéu caiu com o lado direito para fora, em cima do conteúdo de um daqueles sacos verdes para lixo — juro que caiu. Então, cerca de uma hora mais tarde, saí com uma sacola cheia de medicamentos e xampus velhos, coisas imprestáveis do banheiro. Quando abri a tampa do gabinete do lixo, para jogar a sacola lá dentro, o chapéu estava virado com a copa para baixo. E havia isto, enfiado na carneira, aquela tira de couro interna. — Amy retirou da bolsa uma folha dobrada de papel e a estendeu para Evans, com a mão ainda tremendo visivelmente. — Não estava lá, quando o chapéu saiu de trás da mesa. Eu sei que não estava.

Evans pegou a folha dobrada e a segurou por um instante. Não gostou dela.

Parecia muito pesada e, de certa forma, com tessitura imprópria.

— Acho que existiu um John Shooter — disse Amy. — Creio que foi a maior criação de Mort — um personagem tão vivido que, de fato, se tom ou real.

“E acredito que isto é uma mensagem de um fantasma.”

Evans desdobrou o papel. Na altura da metade, havia esta mensagem escrita: Madama — Sinto muito por todo o contratempo. As coisas fugiram do controle.

Agora estou voltando para casa. Consegui a minha história, que antes de mais nada foi tudo quanto vim fazer aqui. Ela se cham a “Milha de Ranúnculos” e é uma história de primeira.

Com os meus respeitos,

A assinatura era uma garatuja simples, abaixo das concisas linhas escritas.

— Esta é a assinatura de seu falecido marido, Amy? — perguntou Evans.

— Não — respondeu ela. — Não tem a menor semelhança.

Os três ficaram sentados no gabinete, entreolhando-se. Fred Evans tentou pensar em algo para dizer e não soube. Após alguns momentos, o silêncio (e o cheiro do cachimbo de Ted Milner) foi além do que qualquer deles poderia suportar. Assim, o Sr. e a Sra. Milner apresentaram agradecimentos, despediram-se e saíram dali, a fim de viverem suas vidas o melhor que pudessem. Fred Evans

saíram dali, a fim de viverem suas vidas o melhor que pudessem. Fred Evans viveu a sua o melhor que pôde e, às vezes, noite avançada, ele e a mulher que fora casada com Morton Rainey despertavam de sonhos nos quais um homem com um chapéu preto de copa redonda fitava-os com olhos desbotados pelo sol, presos entre redes de rugas. O homem os fitava sem nenhum amor... mas, ambos sentiam, com uma curiosa espécie de carrancuda piedade.

Não era uma expressão afável e não deixava nenhum senso de conforto, mas eles também sabiam, em seus respectivos lares, que encontrariam espaço para conviver com aquele olhar. E para cuidar de seus jardins.

Meia-Noite e Três Minutos

O Policial da Biblioteca

Esta é para os funcionários

e os frequentadores

da Biblioteca Pública de Pasadena.

Nota sobre

“O Policial da Biblioteca”

Na manhã em que esta história começou a acontecer, eu estava à mesa do café da manhã com meu filho Owen. Minha esposa já tinha subido para tomar uma ducha e vestir-se. Tinham sido feitas aquelas duas vitais divisões das sete horas: os ovos mexidos e o jornal. Willard Scott, que aparece em nossa casa cinco dias em cada sete, falava a respeito de uma dama do Nebraska que acabara de completar cento e quatro anos. Creio que, entre Owen e eu, havia um conjunto de dois olhos abertos. Em outras palavras, uma típica manhã de meio de semana chex King.

Owen desprendeu-se da seção esportiva do jornal apenas pelo tempo suficiente de perguntar se eu passaria pelo centro da cidade esse dia — ele queria que eu lhe trouxesse um livro, necessário para um dever escolar. Não me lembro qual era — tanto podia ser Johnny Tremain, como April Morning, novela de Howard Fast sobre a Revolução Americana — porém era um daqueles volumes que nunca encontramos em uma livraria; está sempre esgotado, prestes a ser reimpresso ou qualquer maldita coisa parecida.

Sugeri a Owen que tentasse a biblioteca local, que é muito boa. Tinha certeza de que eles possuiriam o livro. Ele resmungou qualquer resposta. Entendi apenas três palavras da frase mas, em vista de meus interesses, foram mais do que suficientes para despertar-me a atenção. Eram “polícia da biblioteca”.

Deixei de um lado minha metade do jornal, apertei botão DESLIGAR no controle remoto, a fim de estrangular Willard no meio de seu extasiado relato sobre o Festival do Pêssego na Geórgia, e pedi a Owen que tivesse a gentileza de repetir.

Ele relutou, mas eu insisti. Por fim, disse que não gostava de usar a biblioteca, porque ficava preocupado com a Polícia da Biblioteca. Ele sabia que não havia nenhuma Polícia da Biblioteca, apressou-se em acrescentar, mas era uma daquelas histórias que se entocam no fundo do subconsciente e ficam como que emboscadas por lá. Ouvira a história da tia Stephanie, quando tinha sete ou oito anos e era muito mais crédulo, de modo que ela continuava à espreita desde então.

Evidentemente, fiquei deliciado, porque quando criança também tivera medo da Polícia da Biblioteca — aqueles executores da lei sem rosto, que realmente vão à sua casa se você não entrega os livros que tomou de empréstimo até a data marcada para devolução. Isso já seria terrível... mas e se você não conseguisse encontrar os livros em questão quando aqueles estranhos cumpridores dos regulamentos apareciam? E então? O que eles lhe fariam? O que levariam, para compensar os volumes perdidos?

Fazia anos que eu não tinha pensado na Polícia da Biblioteca (embora não desde a infância; recordo claramente tê-la discutido com Peter Straub e seu filho Ben, seis ou sete anos atrás), mas agora me vinham à mente todas aquelas antigas perguntas, não só terríveis, como de certo modo tentadoras.

Vi-me murmurando sobre a Polícia da Biblioteca nos três ou quatro dias seguintes, e, enquanto murmurava, comecei a visualizar os contornos da história que se segue.

É desta maneira que as histórias geralmente acontecem para mim, porém o período murmurante costuma durar bem mais do que no caso presente. Quando comecei, a história era intitulada "A Polícia da Biblioteca", e eu não tinha a mais vaga ideia de onde chegaria com isto. Pensei que provavelmente seria uma história divertida, mais ou menos como os pesadelos suburbanos que o falecido Max Shulman costuma desencadear. Afinal de contas, a ideia era engraçada, não? Quero dizer, a Polícia da Biblioteca! Que absurdo!

O que percebi, no entanto, era algo que já sabia: os medos da infância possuem uma hedionda persistência. Escrever é um ato de auto-hipnose, e, nesse estado frequentemente acontece uma espécie de total recordação emocional, fazendo com que terrores que há muito deviam estar mortos comecem novamente a caminhar e falar.

Enquanto lidava com esta história, isso começou a acontecer comigo. Ao seguir em frente, sabia que gostara da biblioteca quando criança — por que não? Era o único lugar onde um menino relativamente pobre como eu podia conseguir todos os livros que quisesse — mas enquanto continuava a escrever, fui retomando conhecimento de uma verdade mais profunda: eu também a temera. Tinha medo de ficar perdido entre estantes sombrias, tinha medo de ser esquecido em um canto escuro da sala de leitura e ficar trancado lá dentro a noite inteira, tinha medo da velha bibliotecária de cabelos azulados e óculos "gatinho", de boca quase sem lábios, que beliscava as costas das mãos da gente

com seus dedos pálidos e compridos, e que sibilava “Pssstt” se nos esquecíamos de onde estávamos e começávamos a falar muito alto. E, sim, eu tinha medo da Polícia da Biblioteca.

O que aconteceu com um trabalho bem mais longo, uma novela chamada Christine, começou a acontecer aqui também. Após umas trinta páginas, o humor foi fugindo da situação. E, com cinquenta páginas feitas, toda a história deu uma gritante guinada para a esquerda, embrenhando-se nos lugares escuros em que tenho viajado com tanta frequência e sobre os quais ainda conheço tão pouco. Eventualmente, encontrei o sujeito que procurava e consegui erguer a cabeça o suficiente para fitar seus inflexíveis olhos prateados. Tentei trazer de volta um bosquejo dele para você, Leitor Fiél, porém talvez não seja muito bom.

Minhas mãos tremiam horrivelmente, compreenda, enquanto o fazia.

UM

O Substituto

1

Mais tarde, Sam Peebles decidiu que tudo era culpa do amaldiçoado acrobata. Se o acrobata não se tivesse embriagado justamente no momento errado, Sam jamais enfrentaria semelhante problema.

Já não basta, pensou ele, com amargura talvez justificável, que a vida seja como uma viga estreita acima de um abismo interminável, um a viga sobre a qual temos que caminhar de olhos vendados. Isto só não basta. As vezes também somos empurrados.

Isto, no entanto, foi mais tarde. Primeiro, ainda antes do Policial da Biblioteca, houve o acrobata bêbado.

2

Em Junction City, a última sexta-feira de cada mês era a Noite do Orador, no salão local dos rotarianos. Na última sexta-feira de março de 1990, segundo a programação, os rotarianos ouviriam — e apreciariam — O Assombroso Joe, um acrobata do Circo e Parque de Diversões Itinerante All-Star, de Curry & Trembo.

O telefone da mesa de Sam Peeble, na firma Imobiliária e Seguros de Junction City, tocou às quatro horas e cinco minutos da tarde de quinta-feira. Quem atendia era sempre Sam — fosse Sam em pessoa ou Sam na secretária-eletrônica, porque ele era o dono e único empregado da Imobiliária e Seguros de Junction City. Embora não sendo um homem rico, era razoavelmente feliz. Gostava de dizer aos outros que sua primeira Mercedes ainda estava a boa distância no futuro, mas tinha um Ford quase novo e casa própria na Avenida Kelton. "Os negócios também deixam um troco para a cerveja e as frioleiras", costumava acrescentar... embora, na realidade, não fosse grande apreciador de cerveja desde a universidade e não tivesse muita certeza do que fosse frioleiras. Imaginava que poderiam ser pretzels".

— Imobiliária e Seguros de Junct...

— Sam, aqui é Craig. O acrobata quebrou o pescoço.

— O quê?

— Você ouviu bem! — bradou Craig Jones, em um tom profundamente irado. — O acrobata quebrou o fodido pescoço!

— Oh! — exclamou Sam. — Poxa! — Pensou um momento e depois perguntou, cauteloso: — Ele morreu, Craig?

— Não, não morreu, mas no que diz respeito, bem poderia ter morrido. Está no hospital, lá em Cedar Rapids, com o pescoço embrulhado em uns dez quilos de gesso. Billy Bright acabou de ligar para mim. Disse que o sujeito estava bêbado como um gambá, na matinê desta tarde. Então, tentou o salto mortal de costas e aterrou com a nuca, fora do picadeiro central. Billy disse que chegou a ouvir o estalo, no alto das arquibancadas, onde estava sentado. Foi um som parecido ao de pisar-se em uma poça que acabou de criar uma capa de gelo.

— Nossa! — exclamou Sam, pestanejando.

— Não me surpreende. Afinal de contas... O Assombroso Joe! Isso é lá nome para um artista de circo? Ainda se fosse O Assombroso Radix... O Assombroso Tortellini também serviria, mas O Assombroso Joe? A mim parece mais um primoroso exemplo de dano cerebral em andamento.

— Céus, mas isso é terrível!

— Uma bosta na torrada, isso sim! Agora, não dispomos de um orador para preencher o vazio de amanhã à noite, meu chapa.

Sam começou a desejar que tivesse fechado o escritório às quatro em ponto. Craig ficaria emperrado com Sam, a secretária-eletrônica, isto permitindo que Sam, o ser vivo, tivesse um pouco mais de tempo para pensar. Ele achava que logo precisaria de tempo para pensar. Também achava que Craig não lhe daria nenhum tempo.

— Sem dúvida — disse ele. — Você tem razão. — Sam esperava ter soado filosófico, mas impotente. — Uma pena!

— Claro que é — replicou Craig, depois soltando ao que vinha —, mas sei que você ficaria feliz em preencher a lacuna.

— Eu? Ora, Craig, você só pode estar brincando! Nem mesmo sei dar uma cambalhota, quanto mais um salto mor...

— Estou dizendo que você poderia falar sobre a importância do negócio tendo apenas o proprietário à frente, na vida de uma cidade pequena — pressionou Craig Jones, implacável. — Se não gosta do tema, há o beisebol. Se esse também não servir, você sempre pode arriar as calças e sacudir o cacete para a platéia. Escute, Sam, eu não sou apenas o chefe do Comitê dos Oradores — isso já seria ruim o bastante. No entanto, desde que Kenny se mudou e Carl deixou de comparecer, eu sou o Comitê de Oradores. Você tem que me ajudar! Preciso de um orador para amanhã à noite.

Em todo o maldito clube só há cinco sujeitos em que posso confiar para uma substituição, e você é um deles.

— Mas...

— Além disso, você é o único que ainda não tapou um buraco como este, portanto, considere-se eleito, meu chapa!

— Frank Stephens...

-... substituiu o cara do sindicato dos transportadores rodoviários no ano passado, quando o grande júri o indiciou por fraude, e ele não podia aparecer. Sam... chegou a sua vez. Não pode me deixar na mão, cara! Você me deve isso!

— Eu dirijo um negócio de seguros! — exclamou Sam. — Quando não estou preenchendo apólices de seguros, vendo fazendas! Principalmente para bancos! A maioria das pessoas acha isto chato! E as que não acham chato, acham chatérrimo!

— Nada disso interessa. — Craig agora se movia para o disparo final, marchando sobre as fracas objeções de Sam com implacáveis botas ferradas. — Todos já estarão bêbados pelo fim do jantar, e você sabe disso. Ninguém se lembrará de uma maldita palavra que tiver dito quando chegar a manhã do sábado, mas nesse meio tempo eu preciso de alguém que se levante efale por meia hora, e você foi o escolhido!

Sam continuou objetando um pouco mais, porém Craig continuou insistindo nos imperativos, sublinhando-os impiedosamente. Preciso. Tem que ir. Você me deve.

— Está bem! — disse ele por fim. — Está bem, está bem! Chega!

— Você é grande! — exclamou Craig. De repente, sua voz se enchia de raios de sol e arco-íris. — Lembre-se, não precisa ir além de trinta minutos, talvez mais uns dez para perguntas. Se alguém tiver perguntas a fazer. E você pode, realmente, sacudir o cacete, se quiser. Duvido que alguém chegue a vê-lo, mas...

— Craig — disse Sam, — já chega!

— Oh, sinto muito! Fecho minha matraca! — cacarejou Craig, talvez estonteado pelo alívio que sentia.

— Escute, por que não encerramos esta discussão? — Sam estendeu a mão para o vidro de pílulas digestivas que tinha na gaveta da mesa. De repente, achou que ia precisar de várias durante as próximas vinte e oito horas mais ou menos. — Parece que tenho um discurso a escrever.

Parece que tenho um discurso a escrever.

— Falou, amigão! — exclamou Craig. — E não esqueça — jantar às seis, discurso às sete e meia. Como costumavam dizer em Hawaii Five-0, esteja lá! Aloha!

— Aloha, Craig — disse Sam, e desligou.

Ficou olhando para o telefone. Sentiu um gás quente subindo devagar por seu peito e chegando à garganta. Abriu a boca e soltou um arroto ácido — produto de um estômago que, até cinco minutos antes, estivera razoavelmente sereno. Então, mastigou a primeira do que se revelaria uma boa dose de pastilhas para a digestão.

3

Em vez de ir jogar boliche aquela noite como havia planejado, Sam Peebles trancou-se em seu estúdio, já em casa, com um bloco de páginas amarelas, três lápis de pontas afiadas, um maço de cigarros Kent e uma embalagem de seis Jolt. Desligou o telefone da tomada da parede, acendeu um cigarro e contemplou fixamente o bloco de escrever. Após cinco minutos de contemplação, escreveu na primeira linha, no alto da primeira folha:

FIRMAS COMERCIAIS DE CIDADES PEQUENAS: A FORÇA VITAL DA AMÉRICA

Leu em voz alta e gostou do som produzido. Bem... talvez não tivesse gostado, exatamente, mas podia conviver com aquilo. Leu em voz mais alta e achou que tinha melhorado. Um pouco. Em realidade, não era assim tão bom; de fato, provavelmente engodaria os grandes machões, mas dava de dez em "Comunismo: Perigo ou Ameaça". E Craig tinha razão — a maioria deles estaria com uma bruta ressaca na manhã de sábado para se lembrar do que tinha ouvido na noite de sexta-feira.

Um tanto encorajado, ele começou a escrever.

"Quando me mudei para Junction City em 1984, vindo da mais ou menos florescente metrópole de Ames..."

4

“... e daí o motivo de sentir agora, como senti naquela radiosa manhã de setembro de 1984, que as pequenas firmas não são apenas a força vital da América, mas a viva e cintilante força vital de todo o mundo ocidental.”

Sam parou, esmagou um cigarro no cinzeiro sobre a mesa do escritório e olhou esperançosamente para Naomi Higgins.

— Bem, o que você acha?

Naomi era uma atraente jovem de Proverbia, uma cidadezinha a seis quilômetros de Junction City, na direção oeste. Morava em uma casa arruinada junto ao rio Proverbia, com sua arruinada mãe. A maioria dos rotarianos conhecia Naomi, e, de quando em quando, eram feitas apostas sobre quem se desmantelaria primeiro, a casa ou a mãe. Sam ignorava se qualquer dessas apostas fora aceita, mas em caso afirmativo, a decisão ainda estava pendente.

Naomi se diplomara pela Faculdade de Comércio da Cidade de Iowa e de fato conseguia captar frases inteiras e legíveis com sua taquigrafia. Sendo a única mulher local possuidora de tal aptidão, era grandemente procurada pela escassa população comercial de Junction City. Ela também tinha pernas muito bonitas, o que não fazia mal algum. Trabalhava pela manhã, cinco dias na semana, para quatro homens e uma mulher — dois advogados, um banqueiro e dois corretores de imóveis. À tarde, voltava para a casa arruinada. Quando não estava cuidando da mãe arruinada, datilografava os ditados taquigrafados pela manhã.

Sam Peebles contratara os serviços de Naomi para as manhãs de sexta-feira, das dez ao meio-dia, mas nesta manhã ele deixara a correspondência de lado — embora uma parte dela precisasse ser respondida com urgência — e perguntara a Naomi se ouviria algo.

— Claro que posso — respondera ela.

Parecia um pouco preocupada, como se pensasse que Sam — com quem estivera saindo umas poucas vezes — estivesse pretendendo pedi-la em casamento. Quando ele explicou que Craig Jones o tinha convocado para substituir o acrobata acidentado, e queria que ela ouvisse seu discurso, Naomi relaxou e ouviu do começo ao fim

— todos os vinte e seis minutos da fala — com lisonjeira atenção.

— Não receie ser franca — acrescentou ele, antes que Naomi pudesse fazer algo mais do que abrir a boca.

— Acho bom — disse ela. — Muito interessante.

— Não, não está sendo sincera — não procure agradar-me. Diga justamente o que pensa.

— Estou dizendo. Está realmente bom. Por outro lado, quando você começar a falar, todos eles estarão...

— Certo, todos eles estarão de pileque. Eu sei disso.

Esta perspectiva confortara Sam a princípio, mas agora o deixava um tanto decepcionado. Ao ouvir-se lendo, de fato considerara o discurso bastante bom.

— Existe apenas um senão — disse Naomi, duvidosamente.

— É mesmo?

— Suas palavras estão... sabe como é... secas.

— Oh! — exclamou Sam.

Ele suspirou e esfregou os olhos. Ficara acordado até quase uma da madrugada, primeiro escrevendo e depois revisando o discurso.

— Bem, é fácil dar um jeito nisso — garantiu Naomi. — Basta ir até a biblioteca e pegar uns dois daqueles livros.

Sam experimentou uma pontada de dor no baixo ventre e pegou seu frasco de pastilhas digestivas. Fazer pesquisa para um discurso idiota no Rotary Club? Pesquisa em biblioteca? Não havia um certo exagero nisso? Jamais tinha ido à Biblioteca de Junction City e não via o menor motivo para ir lá agora. Entretanto, Naomi ouvira seu discurso com tanta atenção, Naomi estava querendo ajudar, e seria descortês pelo menos não ouvir o que tinha a dizer-lhe.

— Que livros?

— Oh, você sabe... Aqueles contendo material para dar vida a discursos. Eles são como... — Naomi interrompeu-se, apalpando o terreno. — Ora, sabe aquele molho picante que servem no “China Light”, quando a gente pede?

— Sei, mas...

— Esses livros são assim. Contêm piadas. Há também aquele outro, Os poemas mais queridos do povo americano. Talvez encontrasse lá alguma coisa para fechar seu discurso com chave de ouro. Algo enaltecedor.

— Nesse livro há poemas sobre a importância das pequenas firmas na vida americana? — perguntou Sam desconfiado.

— Quando a gente cita poesia, as pessoas ficam com o ânimo elevado — disse Naomi. — Ninguém se importa com o tema, Sam, muito menos com a finalidade.

— Acha que eles têm mesmo livros com piadas especialmente para discursos?

Sam achava quase impossível acreditar nisto, embora se ouvisse dizer que a biblioteca possuía livros sobre assuntos tão esotéricos como reparos em motores de pequeno porte e estilos de perucas. Não ficaria surpreso, em absoluto.

— Têm.

— Como é que sabe?

— Quando Phil Brakeman fazia sua campanha para deputado, eu costumava datilografar discursos para ele o tempo todo — disse Naomi. — E ele tinha um desses livros. Não consigo recordar qual era o título. Só posso pensar em qualquer coisa como Piadas para ler no banheiro, mas claro que o título não era isso.

— Claro que não — concordou Sam.

Não obstante, pensou que alguns trechos escolhidos de Piadas para ler no banheiro talvez o tornassem um retumbante sucesso. Fosse como fosse, começava a entender qual a intenção de Naomi e gostou da ideia, apesar de sua relutância em visitar a biblioteca local após todos aqueles anos de alegre negligência. Um pouco de molho para o velho discurso. Uma guarnição para as sobras do jantar de ontem, transformando o prato em obra-prima. E uma

sobras do jantar de ontem, transformando o prato em obra-prima. E uma biblioteca, afinal de contas, não passava de uma biblioteca. Quando a gente não encontra o que está procurando, basta perguntar à bibliotecária. Responder perguntas era uma das tarefas delas, não?

— Enfim, você poderia deixá-lo assim mesmo, do jeito como está — disse Naomi.

— Quero dizer, eles estarão bêbados. — Olhou brandamente para Sam, mas com seriedade, e então consultou seu relógio. — Ainda tenho uma hora de serviço — quer ditar algumas cartas?

— Não, acho que não. Em vez disto, por que não datilografa meu discurso?

Sam já havia decidido passar sua hora de almoço na biblioteca.

Dois

A Biblioteca (I)

1

Sam havia passado pela Biblioteca centenas de vezes durante seus anos de residência em Junction City, mas esta era a primeira vez que realmente olhava para ela, tendo descoberto uma coisa espantosa: odiava aquele lugar apenas em vê-lo.

A Biblioteca Pública de Junction City ficava na esquina da Rua State Avenida Miller, uma caixa quadrada de granito, com janelas tão estreitas, que mais pareciam esteiras.

Um teto de ardósia salientava-se por todos os quatro lados do edifício, e quando alguém se aproximava dele pela frente, a combinação das janelas estreitas e da linha de sombra criada pelo teto fazia o prédio assemelhar-se ao rosto carrancudo de um robô de pedra.

Era um estilo razoavelmente comum da arquitetura do Iowa, comum o suficiente para Sam Peebles, que estivera vendendo imóveis por quase vinte anos e lhe dera um nome: termino do Centro-oeste. Durante a primavera, verão e outono, o aspecto severo do prédio era suavizado pelos bordos ao seu redor, em uma espécie de bosquete, mas agora, no final de um duro inverno do Iowa, os bordos ainda estavam pelados, deixando a Biblioteca parecer uma cripta em tamanho gigante.

Sam não gostava dela; não sabia o motivo, mas a Biblioteca o deixava pouco à vontade. Afinal de contas, era apenas uma biblioteca, não as masmorras da Inquisição.

Ainda assim, outro arroto ácido ascendeu por seu peito enquanto ele caminhava pela calçada. No arroto, havia um curioso e doce subtom que o fazia recordar algo... algo talvez de muito tempo atrás. Colocou uma pastilha digestiva na boca, começou a mastigá-la e tomou uma repentina decisão. Seu discurso já estava suficientemente bom.

Não espetacular, mas bom o suficiente. Afinal, estavam falando do Rotary Club local, não das Nações Unidas. Era hora de parar de brincar com aquilo. Ele ia

local, não das Nações Unidas. Era hora de parar de brincar com aquilo. Ele ia voltar para o escritório e atualizar parte da correspondência que deixara de lado pela manhã.

Começou a dar meia-volta, e então pensou: Isso é idiotice. Pura idiotice. Você quer ser idiota? Tudo bem. No entanto, concordou em fazer o maldito discurso; por que não fazer logo um bom discurso?

Parou na calçada da Biblioteca, de cenho franzido e indeciso. Ele gostava de divertir-se à custa do Rotary. Craig também. E Frank Stephens. A maioria dos tipos jovens de homens de negócios em Junction City ria das reuniões. No entanto, eles raramente perdiam uma, e Sam achava saber o motivo: ali era um lugar onde podiam ser feitas conexões. Um lugar onde um sujeito como ele podia conhecer alguns homens de negócios não-tão-jovens de Junction City. Homens como Elmer Baskin, cujo banco havia colaborado no lançamento de um centro comercial em Beaverton dois anos atrás.

Homens como George Candy — que, segundo diziam, podia colocar três milhões de dólares em projetos habitacionais com apenas um telefonema... se quisesse.

Aqueles eram os sujeitos de cidade pequena, fãs de basquete no ginásio, caras que cortavam o cabelo no Jimmy’s, que dormiam com shorts de boxe e camisetas sem mangas, em vez de pijamas, que ainda bebiam cerveja da garrafa, que não se sentiam à vontade quanto a uma noite na cidade, em Cedar Rapidz, a menos que estivessem de cara cheia. Também eram eles que movimentavam e agitavam Junction City, e por falar nisto, não era este o motivo que levava Sam a comparecer nas noites de sexta-feira? Por falar nisto, não era este o motivo de Craig haver ligado para ele, tão afobado, depois que o imbecil acrobata quebrara seu imbecil pescoço? Uma pessoa queria ser notada pelos que movimentavam e agitavam a cidade... mas não por besteiras cometidas. Todos estarão bêbados, havia dito Craig, e Naomi dissera o mesmo, porém agora ocorria a Sam que jamais vira Elmer Baskin tomar algo mais forte do que café. Nem uma só vez. E, provavelmente, Baskin não era o único. Alguns deles podiam estar bêbados... mas nem todos. E os que não estavam, podiam muito bem ser aqueles que importavam.

Faça isto direito, Sam, e talvez seja proveitoso para você. Não é impossível.

Não. Não era. Improvável, claro, mas não impossível. E havia algo mais, muito

distante do tom político que podia ou não ser esperado em uma reunião de noite de sexta-feira com discursos no Rotary Club: ele sempre se orgulhara de fazer o melhor trabalho possível. E isto de agora era apenas um pequeno discurso idiota. Portanto...

Aliás, é também uma biblioteca de cidade pequena. O que há? Ela nem mesmo tem arbustos crescendo dos lados!

Sam recomeçou a caminhar, mas parou de novo, com uma ruga franzindo a testa.

Um pensamento estranho acudia; parecia ter brotado de lugar nenhum. Então, não havia arbustos crescendo aos lados da Biblioteca — que diferença isso fazia? Ele não sabia... mas sabia que tinha um efeito quase mágico em sua cabeça. Sua hesitação nada característica desapareceu, e ele começou a mover-se para diante, uma vez mais. Subiu os quatro degraus de pedra e parou um momento. O lugar parecia deserto, de algum modo. Pegando a maçaneta da porta, ele pensou, Aposto que está trancado. Aposto que o prédio fica fechado nas tardes de sexta-feira. Havia algo singularmente confortador em tal ideia.

Não obstante, o trinco antiquado cedeu sob seu polegar, e a porta maciça girou silenciosamente para dentro. Sam entrou para um pequeno saguão de piso de mármore, em quadrados pretos e brancos, como xadrez. Havia um cavalete, armado no centro desta antecâmara. Havia também um aviso pregado no cavalete; a mensagem consistia de apenas uma palavra, em letras bem grandes.

SILÊNCIO!

dizia ela. Nada de:

O SILÊNCIO VALE OURO

ou:

SILÊNCIO, POR FAVOR

mas apenas aquela palavra penetrante, como um olhar fixo:

SILÊNCIO!

— Pode apostar! — murmurou Sam.

Foi apenas um murmúrio, mas a acústica do lugar era das melhores, e o sussurro quase inaudível foi amplificado para um rabugento rosnado, que o fez encolher-se.

De fato, pareceu ricochetear do teto alto até ele. Nesse momento, Sam teve a impressão de estar de novo no quarto grau e prestes a ser censurado pela Sra. Glasters por irritar-se justamente na hora errada. Olhou em torno, inquieto, quase esperando que uma bibliotecária mal-humorada se precipitasse da sala principal a fim de ver quem ousara profanar o silêncio.

Por Deus, pare com isso! Você tem quarenta anos! O quarto grau já ficou para trás há muito tempo, cara!

Contudo, parecia não fazer tanto tempo assim. Não ali. Ali, o quarto grau parecia bem próximo, quase podendo ser alcançado e tocado.

Sam cruzou o piso de mármore pela esquerda do cavalete, inconscientemente caminhando com o peso do corpo desviado para diante, a fim de que os saltos dos mocassins não repicassem no chão, e passou para o salão principal da Biblioteca de Junction City.

Havia vários globos de vidro pendendo do teto (este parecendo ficar pelo menos uns sete metros mais alto do que o teto do saguão), mas nenhum deles estava aceso.

A claridade provinha de duas enormes clarabóias em ângulo. Em um dia ensolarado, seriam mais do que suficientes para iluminar o vasto recinto, inclusive tornando-o alegre e acolhedor. Naquela sexta-feira, no entanto, o céu estava sombrio, encoberto, sendo escassa a claridade. Os cantos do salão estavam cheios de melancólicas teias de sombras.

O que Sam Peebles sentia era uma espécie de desacerto. Era como se houvesse feito mais do que cruzar uma porta e atravessar um saguão: a sensação era de haver entrado em outro mundo, o qual não tinha a menor semelhança com a cidadezinha do Iowa, um lugar que às vezes apreciava, em outras detestava, mas que, em geral, era a sua cidade. A atmosfera ali dentro parecia mais rarefeita do que o normal, não parecendo propagar a luz tão bem quanto o ar comum. O silêncio pesava como uma manta. E tinha um frio de gelo.

A biblioteca estava deserta.

Estantes de livros espichavam-se para o alto, em todos os lados. Olhar para cima, para as clarabóias com vigas entrecruzadas de ferro como reforço, deixou-o um pouco estonteado, e ele sentiu uma ilusão momentânea: era como se estivesse de cabeça para baixo, pendurado pelos tornozelos, acima de um profundo poço quadrado, forrado de livros.

Aqui e ali, escadas recostavam-se contra as paredes, do tipo montado em trilhos, rolando pelo chão com rodas de borracha. Duas ilhas de madeira quebravam o lago de espaço entre o ponto em que se achava e o balcão de verificação, no lado mais distante daquele recinto alto e grande. Uma das ilhas era uma comprida estante de carvalho para revistas. Pendendo da estante, em cavilhas de madeira, viam-se os periódicos, cada um envolto em uma capa de plástico transparente. Pareciam os couros de estranhos animais, deixados para curtir naquele lugar silencioso. Um aviso afixado no alto da prateleira, ordenava:

RECOLOQUEM TODAS AS REVISTAS EM SEUS DEVIDOS LUGARES!

À esquerda da estante de revistas havia uma outra contendo novelas e livros de não-ficção, novos em folha. O aviso no alto da estante dizia que podiam ser alugados por sete dias.

Sam desceu o amplo corredor entre a estante das revistas e a dos livros por sete dias, com os saltos dos sapatos repicando e ecoando, apesar do seu empenho em movimentar-se quietamente. Viu-se desejando ter cedido ao impulso original de simplesmente dar meia-volta e retornar ao escritório. Aquele lugar era espectral.

Embora houvesse uma pequena câmera de microfilmagem acesa e zumbindo em cima da mesa, não havia ninguém ali para manejá-la, homem ou mulher. Havia uma pequena placa sobre a mesa, dizendo

A. LORTZ

mas ele não viu qualquer sinal de A. Lortz ou de alguém mais.

Provavelmente tirou uma folga e está folheando o novo exemplar do Jornal da Biblioteca.

Sam sentiu uma vontade louca de abrir a boca e gritar, “Está tudo bem por aí, A. Lortz?” mas passou rapidamente. A Biblioteca Pública de Junction City não era o tipo de lugar que incentivasse gracinhas.

Os pensamentos de Sam voltaram subitamente para uma quadrinha de sua infância. A reunião Quaker vai começar, risos e ditos já vão cessar. Quem língua ou dentes mostrar, uma prenda irá pagar.

Se você mostrar a língua ou os dentes por aqui, A. Lortz o fará pagar uma prenda? perguntou-se. Olhou novamente em torno, deixou os terminais nervosos captando a qualidade soturna do silêncio e pensou que quase se poderia apalpá-lo.

Sam não estava mais interessado em obter um livro de piadas ou Os poemas mais queridos do povo americano, e sim fascinado pelo ambiente sonhador e suspenso da biblioteca, a despeito de si mesmo. Caminhou para uma porta à direita dos livros dos sete dias. Um aviso acima da porta anunciava que ali ficava a Biblioteca Infantil.

Teria ele frequentado a Biblioteca Infantil quando crescia em St. Louis? Achava que sim, mas as recordações eram vagas, distantes, difíceis de evocar. Não obstante, a aproximação da porta que dava para a Biblioteca Infantil o deixou com uma curiosa e obcecante sensação. Era quase como chegar em casa.

A porta estava fechada. Sobre ela havia uma ilustração de Chapeuzinho Vermelho olhando para o lobo na cama da Vovó. O lobo usava a camisola e a touca da Vovó.

Estava rosnando. De suas presas arreganhadas a espuma pingava. Uma expressão quase refinada de terror contraía o rosto de Chapeuzinho Vermelho, e o pôster parecia não apenas sugerir, mas de fato proclamar que o final feliz da história — de todos os contos de fadas — era uma mentira conveniente. Os pais podiam acreditar em tal baboseira, dizia o rosto fantasmagoricamente repugnado de Chapeuzinho Vermelho, mas os pequeninos sabiam das coisas, não era mesmo?

Formidável, pensou Sam. Com semelhante pôster na porta, aposto que bandos de crianças frequentam a Biblioteca Infantil. Aposto que os pequeninos sentem um apreço particular pelo pôster.

Ele abriu a porta e fez a cabeça assomar.

O senso de inquietude o abandonara; ficou imediatamente fascinado. Claro que o pôster na porta estava todo deslocado, mas o que havia por trás dela parecia

perfeitamente nos eixos. Era evidente que ele havia frequentado a biblioteca quando criança; bastou um olhar para aquele mundo em escala reduzida para que suas recordações fossem refrescadas. Seu pai morrera ainda jovem; Sam fora filho único, criado pela mãe que trabalhava fora e a quem via raramente, exceto nos domingos e feriados. Quando não conseguia dinheiro para um cinema depois das aulas — e isso era comum — a biblioteca estava ali mesmo, e a sala que via agora evocou aqueles dias com uma onda súbita de nostalgia que era doce, dolorosa e obscuramente amedrontadora, tudo ao mesmo tempo.

Havia sido um mundo pequeno, e este aqui era também um mundo pequeno; havia sido um mundo bem iluminado, ainda nos dias mais chuvosos e penumbrosos, o mesmo acontecendo com este aqui. Nada de globos de vidro com lâmpadas, suspensos nesta sala; havia luzes fluorescentes, amortecidas por trás de painéis de vidros foscos no teto falso, todas elas acesas. A superfície das mesas ficava apenas a meio metro do chão; os assentos das cadeiras ficavam a menos ainda. Neste mundo, os adultos seriam os intrusos, os constrangidos alienígenas. Se tentassem sentar àquelas mesas, elas ficariam equilibradas em seus joelhos; por outro lado, tenderiam a rachar o crânio, se pretendessem inclinar-se para beber água no bebedouro montado na parede mais distante.

Ali as estantes de livros não se espichavam em um truque ingrato de perspectiva, que deixava a pessoa zonza quando olhava para cima por muito tempo; o teto era suficientemente baixo para ser aconchegante, porém não baixo o bastante para fazer uma criança sentir-se confinada. Ali não existiam fileiras de volumes sombriamente encadernados, mas livros que se destacavam em vivas cores primárias: berrantes azuis, vermelhos e amarelos. Neste mundo, o Dr. Seuss era rei, Judy Blume era a rainha, com todos os príncipes e princesas frequentando o Ginásio do Vale Encantado. Aqui, Sam experimentou inteiramente aquele antigo senso de benevolente acolhida de após as aulas, um lugar onde os livros pediam para ser tocados, manejados, examinados, explorados. Não obstante, tais sentimentos possuíam seu próprio e sombrio sabor subjacente.

O senso mais nítido de Sam, no entanto, era de quase anelante satisfação. Em uma parede havia uma foto de um cachorrinho de olhos grandes e pensativos. Uma das maiores verdades do mundo estava escrita abaixo da cara ansiosa-esperançosa do filhote: É DIFÍCIL SER BOM. Na outra parede, ele viu uma gravura de patos selvagens descendo uma margem de rio para a beira d’água, pontilhada de juncos. ABRAM CAMINHO PARA OS PATINHOS NOVOS! trombeteava o pôster.

Sam olhou para a esquerda, e o leve sorriso em seus lábios primeiro vacilou, depois morreu. Ali havia um pôster mostrando um enorme carro escuro afastando-se velozmente do que ele supôs fosse o prédio de uma escola. Um garotinho olhava para fora, pela janela do passageiro. Tinha as mãos apertadas contra o vidro e sua boca se abria em um grito. No fundo, um homem — apenas uma forma vaga, ominosa — inclinava-se para o volante e dava a impressão de concentrar-se na velocidade. As palavras abaixo do quadro diziam:

NUNCA ACEITE CARONA DE ESTRANHOS!

Sam admitiu que este pôster e a gravura do Chapeuzinho Vermelho, na porta da Biblioteca Infantil, procuravam evocar as mesmas emoções primitivas de medo, porém achou que este de agora era bem mais perturbador. Evidentemente, crianças não deviam aceitar caronas de estranhos, e evidentemente tinham sido ensinadas a recusá-las, porém esta seria a maneira correta de apresentar-se a questão?

Quantas crianças, pensou ele, não devem ter tido uma semana de pesadelos graças a esta pequena prestação de serviço ao público?

Havia mais um pôster, colocado bem à frente do balcão de checagem, o qual provocou nas costas de Sam um arrepio tão gelado como os sentidos em janeiro.

Mostrava duas intimidadas crianças com não mais de uns oito anos, um menino e uma menina, acuadas diante de um homem de capa e chapéu cinza. O homem parecia ter pelo menos três metros de altura; sua sombra caía sobre o rosto das crianças, que o fitavam com terror. A aba de seu chapéu estilo 1940 sombreava o rosto do homem, mas seus olhos brilhavam implacavelmente em suas negras profundezas. Pareciam pedacinhos de gelo, enquanto estudavam as crianças, marcando-as com a soturna expressão da Autoridade. Ele estendia uma carteira de identificação na qual havia presa uma estrela — uma curiosa espécie de estrela, com pelo menos nove pontas. Talvez até fossem doze. A mensagem mais abaixo dizia:

EVITE A POLÍCIA DA BIBLIOTECA!

OS BONS MENINOS E AS BOAS MENINAS

DEVOLVEM SEUS LIVROS DENTRO DO PRAZO!

Ele tornou a sentir aquele sabor na boca. Aquele sabor desagradável, adocicado.

Ao mesmo tempo, ocorreu-lhe um singular e aterrador pensamento: Já vi este homem antes. Ora, isto era ridículo, claro. Não era?

Sam imaginou o quanto tal pôster o atemorizaria quando criança — pensou em quanto do prazer simples e puro ele teria roubado do abrigo seguro que era a biblioteca — e sentiu a indignação fervilhar em seu peito. Adiantou-se um passo para o pôster a fim de examinar mais de perto a curiosa estrela, ao mesmo tempo em que tirava do bolso seu frasquinho de pastilhas digestivas.

Estava colocando uma pastilha na boca quando uma voz soou atrás dele:

— Olá, você aí!

Sobressaltado, ele deu meia-volta, pronto para batalhar com o dragão da biblioteca, já que ele finalmente se revelava.

2

Nenhum dragão apresentou-se. Ele viu apenas uma rechonchuda mulher de cabelos brancos, com cerca de cinquenta e cinco anos, empurrando um trólei de livros, sobre silenciosas rodas de borracha. Os cabelos brancos caíam em torno do rosto simpático e sem rugas, formando ondas elaboradas em algum salão de beleza.

— Imagino que estivesse à minha procura — disse ela. — Foi o Sr. Peckliam que o enviou para cá?

— Não vi ninguém desde que cheguei aqui.

— Não? Então, ele deve ter ido para casa — disse a mulher. — Não fico surpresa, já que hoje é sexta-feira. O Sr. Peckham vem todas as manhãs por volta das onze para limpar a poeira e ler o jornal. É o servente — apenas trabalhando meio expediente, claro. Às vezes ele fica até uma da tarde, uma e meia, na maioria das segundas-feiras, porque é o dia em que aumenta a quantidade de poeira e de jornais — mas pode imaginar o quanto é fino um jornal de sexta-feira.

Sam esboçou um sorriso.

— A senhora é a bibliotecária, sem dúvida.

— Sim, sou eu mesma. — A Sra. Lortz sorriu para ele, mas Sam achou que os olhos dela não sorriam, parecendo espiá-lo com cuidado, quase friamente. — E o senhor é...?

— Sam Peebles.

— Oh, sim! Imobiliária e Seguros! É o seu jogo!

— Admito que sou culpado.

— Lamento ter encontrado o setor principal da biblioteca deserto — certamente pensou que havíamos fechado e que alguém deixara a porta aberta por engano.

— Em realidade, tal ideia me passou pela cabeça — disse ele.

— Ficamos abertos das duas da tarde até as sete e somos três funcionários — explicou a Sra. Lortz. — As escolas começam a soltar os alunos às duas horas, compreenda — o primário às duas, o intermediário às duas e meia, o ginásio às duas e quarenta e cinco. As crianças são nossos frequentadores mais fiéis e, no que me diz respeito, a maioria delas é bem-vinda. Gosto dos pequeninos. Eu costumava ter uma assistente em horário integral, mas no ano passado o Conselho da Cidade reduziu nosso orçamento em oitocentos dólares e...

Em vez de terminar a frase, a Sra. Lortz uniu as mãos e fez a mímica de um pássaro voando. Foi um gesto divertido, interessante. Então, pensou Sam, por que não me diverti nem me interessei?

Devia ser por causa dos posters, decidiu. Ainda tentava fazer com que Chapeuzinho Vermelho, a criança que gritava no carro e o Policial da Biblioteca de olhos soturnos se ajustassem àquela bibliotecária de cidade pequena.

Ela estendeu a mão esquerda — pequena e tão rechonchuda como o restante dela — com perfeita e não estudada segurança. Olhando para o terceiro dedo, Sam viu que não tinha aliança; afinal de contas, a mulher não era Sra. Lortz. O fato da solteirice dela o atingiu como algo inteiramente típico, inteiramente próprio de cidade pequena. Em realidade, quase uma caricatura. Sam expulsou o pensamento.

— Já esteve antes em nossa biblioteca, Sr. Peebles?

— Não, infelizmente. E, por favor, trate-me por Sam.

Ele ignorava se de fato queria que ela o tratasse pelo primeiro nome, porém era um negociante de cidade pequena — um vendedor, para dizer-se o nome certo — e já se tomara automático o costume de querer que o tratassem com familiaridade.

— Bem, obrigada, Sam.

Ele esperou que a mulher retribuísse a sugestão de também ser chamada pelo primeiro nome, mas ela apenas o fitou com ar de expectativa.

— Estou em uma espécie de enrascada — disse ele. — Nosso orador programdo para falar esta noite no Rotary Club sofreu um acidente, e...

— Oh, mas que pena!

— Oh, mas que pena!

— Uma pena para mim também. Fui convocado para substituí-lo.

— Oh-oh! — exclamou a Srta. Lortz.

Seu tom era alarmado, porém os olhos cintilavam divertidamente. Ainda assim, Sam não se mostrou cordial com ela, embora sendo uma pessoa que, como regra, prontamente ficava entrosado com os outros (ainda que superficialmente). Era o tipo de homem com poucos amigos íntimos, mas que, mesmo assim, sentia-se compelido a conversar com estranhos em elevadores.

— Rascunhei um discurso ontem à noite, e esta manhã o li para a moça que trabalha como minha secretária...

— Naomi Higgins, sem dúvida.

— Exatamente — como sabia disso?

— Naomi é assídua na biblioteca. Sempre leva muitos romances — Junnifer Blake, Rosemary Rogers, Paul Sheldon, autores semelhantes. — A mulher baixou a voz e informou: — Ela diz que são para a mãe, mas em realidade, acho que a própria Naomi os lê.

Sam deu uma risada. Naomi tinha os olhos sonhadores de uma leitora contumaz de romances.

— Por outro lado, sei que ela é o que, em uma cidade grande, seria chamada de secretária temporária. Imagino que aqui, em Junction City, ela seja o inteiro departamento secretarial. Achei que só poderia ser Naomi, a pessoa que mencionou.

— Certo. Ela gostou de meu discurso — pelo menos foi o que disse — mas achou-o um pouco seco. Então, sugeriu...

— "O Companheiro do Orador. ” aposto!

— Bem, ela não recordava o título exato, mas este que disse parece ajustar-se ao caso. — Após uma breve pausa, ele perguntou, ansioso: — O livro contém piadas?

— Apenas trezentas páginas cheias delas — informou a mulher. Estendeu a mão direita — tão despida de anéis quanto a esquerda — e o segurou pela manga. — Por aqui. — Sem largar a manga de Sam, guiou-o para a porta. — Vou resolver todos os seus problemas, Sam. Desejo que não surja outra crise para que volte à nossa biblioteca. É pequena, mas muito bem provida. É o que penso, embora seja suspeita para falar.

Atravessaram a porta e voltaram às torvas sombras do salão principal da Biblioteca. A Srta. Lortz acionou três interruptores perto da porta e os globos pendentes iluminaram-se, lançando uma suave claridade amarelada que aqueceu e alegrou consideravelmente o recinto.

— Aqui fica tão sombrio quando o céu está carregado... — comentou ela, em uma voz confidencial de agora-estamos-na-Biblioteca-de-verdade. Ainda segurava firmemente a manga de Sam. — Enfim, você deve saber como o Conselho da Cidade reclama sobre a conta da eletricidade em um lugar como este... ou talvez não saiba, mas aposto que pode imaginar.

— Sim, eu imagino — concordou Sam, também baixando a voz para um quase sussurro.

— Seja como for, não é nada, comparado ao que eles dizem sobre as despesas com o aquecimento no inverno. — Ela revirou os olhos. — O óleo é tão caro! Os culpados são aqueles árabes... e agora, veja o que estão fazendo — contratando pistoleiros religiosos para que matem escritores!

— Parece um tanto escabroso — comentou Sam.

Por algum motivo viu-se pensando no pôster do homem alto — aquele com a curiosa estrela afixada em sua carteira de identificação, aquele cuja sombra caía tão amedrontadoramente sobre os rostos erguidos das crianças. Caía sobre eles como uma mancha.

— E, naturalmente, fiquei ocupada na Biblioteca Infantil. Costumo perder a noção do tempo quando estou lá.

— É um lugar interessante — disse Sam.

Ele quis continuar, falar com ela sobre os posters, mas a Srta. Lortz o impediu.

Para Sam ficou bem claro quem liderava aquela peculiar conversinha secundária

Para Sam ficou bem claro quem liderava aquela peculiar conversinha secundária naquele dia que, em outras circunstâncias, seria considerado rotineiro.

— Não tenha a menor dúvida! Agora, dê-me apenas um minuto. — Ela ergueu as mãos e as pousou nos ombros dele — precisou ficar nas pontas dos pés para isso — e, por um momento, Sam teve a absurda ideia de que a Srta. Lortz pretendia beijá-lo.

Em vez disto, ela o pressionou para baixo, a fim de que se sentasse em um banco de madeira colocado no lado oposto da estante dos livros para empréstimo por sete dias.

— Sei exatamente onde encontrar os livros de que precisa, Sam. Nem mesmo preciso verificar no fichário.

— Eu mesmo poderia apanhá-los...

— Tenho certeza — cortou ela —, mas acontece que estes ficam na seção “Referência Especial” e, quando posso, não gosto que as pessoas entrem lá. Sou muito exigente neste ponto, porque sempre sei onde colocar a mão, exatamente nas coisas de que preciso... lá nos fundos, pelo menos. As pessoas são tão descuidadas, não se incomodam nem um pouco com a ordem, entenda. As crianças são as piores, mas até adultos deixam tudo em total confusão, se permitirmos. Não se preocupe. Estarei de volta em um momento.

Sam não pretendia ensaiar novos protestos e nem teria tempo, mesmo que quisesse. Ela já se fora. Sentado no banco, novamente ficou dominado pela sensação de ser um aluno do quarto grau... um aluno do quarto grau que desta vez tinha feito algo errado, alguma travessura, portanto não podendo sair e brincar com as outras crianças no recreio.

Podia ouvir a Srta. Lortz movendo-se na sala aos fundos do balcão de atendimento, e espiou em torno, pensativo. Nada havia para ver, exceto livros — não se descobria nem mesmo um velho aposentado lendo o jornal ou folheando uma revista. Tudo ali parecia estranho. Não seria de esperar que uma biblioteca de cidadezinha, como aquela, exibisse uma intensa movimentação na tarde de um dia da semana — mas absolutamente ninguém ali dentro?

Bem, havia o Sr. Peckham, pensou, mas ele terminou de ler o jornal e foi para casa. Entenda, o jornal da sexta-feira é terrivelmente fino. O acúmulo de poeira também é escasso. Então, percebeu que tinha apenas a palavra da Srta. Lortz

sobre a presença ali de um Sr. Peckham.

É verdade — mas por que ela mentiria?

Sam não sabia, e duvidava muito que ela houvesse mentido, mas o fato de questionar a sinceridade de uma mulher de rosto agradável, que acabara de conhecer, acentuava o fato central e enigmático da situação: ele não gostava dela. Rosto agradável ou não, a verdade é que não gostava dela nem um pouco.

É por causa dos posters. Você estava preparado para não gostar de QUALQUER UM que houvesse colocado semelhantes posters em uma sala dedicada a crianças.

Enfim, não importa, porque logo isto será encerrado. Pegue os livros e vá embora.

Sam remexeu-se no banco, olhou para o alto e avistou uma divisa pendurada na parede:

Se você souber como um homem trata sua esposa e filhos, saberá com o ele trata seus livros.

— Ralph Waldo Emerson

Sam tampouco se preocupava muito com essa pequena homilia. Não sabia exatamente o motivo... exceto talvez por achar que um homem, mesmo sendo um "rato de biblioteca", deveria dar à família um tratamento algo melhor do que a seu material de leitura. A citação, pintada em dourado sobre um pedaço de carvalho envernizado, continuava à sua frente, como que encarando-o e parecendo sugerir que seria melhor refletir no assunto.

Antes que prosseguisse em suas reflexões, a Srta. Lortz voltou, erguendo uma portinhola na superfície do balcão de atendimento, passando pelo vão e tomando a baixar a portinhola.

— Acho que lhe trouxe o necessário — anunciou alegremente. — Espero que concorde comigo.

Entregou-lhe dois livros. Um deles era o Companheiro do orador, editado por Kent Adelmen, o outro, Os poemas mais queridos do povo americano. O teor

deste último, segundo a capa solta (por sua vez, protegida por uma dura sobrecarga de plástico), não havia sido precisamente editado, mas selecionado por uma certa Hazel Felleman. “Poemas da vida!” prometia a capa solta. “Poemas falando do lar e da mãe!

Poemas engraçados e humorísticos! Os poemas solicitados com mais frequência pelos leitores da Crítica Literária do New York Times!"’ Era ainda anunciado que Hazel Felleman “havia sido capaz de sentir a pulsação poética do povo americano”.

Sam olhou para a mulher com certa dúvida, e ela conseguiu adivinhar facilmente o que ele pensava.

— Sim, bem sei que parecem ultrapassados — disse a Srta. Lortz. — Em especial atualmente, quando há um predomínio dos livros tipo “faça você mesmo”. Penso que, se você for a uma das livrarias em cadeia no centro comercial de Cedar Rapids, encontrará uma dúzia de livros destinados a ajudar um orador iniciante. Entretanto, nenhum deles será tão bom quanto este, Sam. Sinceramente, acredito que estes dois livros são os melhores auxiliares para qualquer homem ou mulher que sejam calouros na arte de falar em público.

— Amadores, em outras palavras — disse Sam, sorrindo.

— Bem, sim. Veja Os poemas mais queridos, por exemplo. A segunda parte do livro — começa na página sessenta e cinco, se a memória não me falha — tem o título de “Inspiração”. Com toda a certeza, encontrará alguma coisa que encerre com chave de ouro o seu discursinho, Sam. E verá que os ouvintes recordarão uma estrofe bem escolhida, mesmo se esquecerem o restante. Em particular, se estiverem um pouco...

— Bêbados — completou ele.

— Eu teria usado a palavra altos—disse ela, com suave censura —, embora suponha que você esteja mais a par disso do que eu.

Não obstante, o olhar que a Srta. Lortz lançou a ele sugeria que só dizia isto porque era polida. Ela apontou para O companheiro do orador. A capa mostrava o desenho de um salão embandeirado. Pequenos grupos de homens em ultrapassados trajes a rigor sentavam-se a mesas com drinques à frente deles. Estavam todos aplaudindo. O homem atrás da tribuna — também trajado a rigor e, claramente, o orador de depois do banquete — sorria vitoriosamente para sua

e, claramente, o orador de depois do banquete — sorria vitoriosamente para sua platéia. Era claro que seu sucesso fora contundente.

— No início, há uma seção sobre a teoria dos discursos pós-jantar — disse a Srta. Lortz — , mas uma vez que você não me parece o tipo de homem que pretende transformar isto em uma carreira...

— Acertou em cheio — concordou Sam ardorosamente.

— ...eu sugiro que vá diretamente à seção intermediária, intitulada “Discursar com animação” — disse a Srta. Lortz. — Lá, encontrará piadas e histórias, divididas em três categorias: “Pondo-os à vontade,” “Enternecendo-os" e “Oferecendo-lhes o encerramento”.

Mais parece um manual de gigolôs, pensou Sam, mas nada disse.

Ela tornou a ler-lhe a mente.

— Um tanto sugestivo, imagino — porém estes livros foram publicados em uma época mais simples, mais ingênua. Em fins dos anos trinta, para ser exata.

— Muito mais ingênua, concordo — disse Sam, pensando em poeirentas fazendas abandonadas, garotinhas em vestidos de saco de trigo e sujas e amontoadas favelas, cercadas por policiais esgrimindo cassetetes.

— Entretanto, os dois livros continuam funcionando — disse ela, batendo com os dedos nos livros, para ficar mais enfática —, e isto é o que importa nos negócios, certo, Sam? Dar resultados!

— Sim... acho que sim.

Ele a fitou pensativamente, e a Srta. Lortz ergueu as sobrancelhas — um tanto defensivamente, talvez.

— Gostaria de saber o que está pensando — disse ela.

— Eu pensava que esta foi uma ocorrência algo rara em minha vida adulta — respondeu ele. — Não impossível, nada disso, mas rara: eu chegar aqui, em busca de uns dois livros que dessem vida ao meu discurso, e a senhora encontrar exatamente o que vim buscar. Com que frequência coisas assim acontecem em um mundo onde geralmente não se consegue nem mesmo duas boas costeletas

de carneiro no supermercado, quando estamos ansiosos em saboreá-las?

Ela sorriu. Parecia ser um sorriso de sincero prazer... exceto que Sam tornou a perceber que os olhos dela não sorriam. Aliás, achava que eles não haviam mudado de expressão desde que a encontrara — ou que ela o encontrara — na Biblioteca Infantil. Aqueles olhos apenas se limitavam a espiar.

— Parece que recebi um elogio!

— Exatamente. Foi um elogio.

— Fico-lhe grata, Sam. Obrigada pela gentileza. Dizem que a lisonja amolece nossas defesas, mas receio que, ainda assim, seja forçada a pedir-lhe dois dólares.

— É mesmo?

— Trata-se da taxa cobrada por um cartão de frequência para a biblioteca dos adultos — disse ela —, mas com validade por três anos e renovação custando apenas cinquenta centavos. E então, o que me diz?

— Para mim, tudo bem.

— Então, venha comigo — disse ela.

Sam a seguiu até o balcão de atendimento.

3

A Srta. Lortz entregou-lhe um cartão para ser preenchido — e Sam ali escreveu seu nome, endereço, números de telefone e local de trabalho.

— Vejo que mora na Avenida Kelton. Excelente!

— Bem, eu gosto de lá.

— As casas são bonitas e grandes — você deveria estar casado.

Ele ficou levemente sobressaltado.

— Como adivinhou que não sou casado?

— Da mesma forma como adivinhou que eu não sou — disse ela. Seu sorriso se tornara algo malicioso, algo felino. — Nada em meu terceiro dedo.

— Oh! — exclamou ele, desconcertado.

Sorriu. Não achou que fosse seu costumeiro sorriso radioso, e sentiu as faces arderem.

— Dois dólares, por favor.

Ele entregou as duas moedas. Ela foi até uma mesinha que sustentava uma envelhecida e esquelética máquina de escrever e datilografou rapidamente um cartão em um tom laranja-vivo. Trouxe-o de volta ao balcão de atendimento, assinou o nome na parte de baixo, com um floreio, e depois o empurrou para Sam.

— Por favor, veja se as informações estão corretas.

Sam assim fez.

— Está tudo ótimo — disse.

Reparou que o primeiro nome dela era Ardelia. Um belo nome, bastante incomum. A mulher tornou a pegar o cartão que preparara — o primeiro que Sam possuía desde a universidade, agora que pensava nisto, tendo usado tão

pouco o anterior — e o colocou sob o aparelho de microfilmagem, ao lado de um outro cartão que havia tirado do bolso interno de cada livro.

— Só poderá ficar com eles uma semana, já que pertencem ã seção Referência Especial. Trata-se de uma categoria que eu mesma inventei para os livros de grande saída.

— Livros para oradores iniciantes têm muita saída?

— E como! Também são muito pedidos os livros sobre coisas como reparos em encanamentos e torneiras, truques de mágicas simples, etiqueta social... Você ficaria surpreso ao ver que tipo de livros as pessoas escolhem! Estou bem a par do assunto.

— Aposto que está mesmo.

— Trabalho nisto há muito tempo, Sam. Bem, a data de devolução não é prorrogável; portanto, lembre-se de devolvê-los até seis de abril.

Ela ergueu a cabeça, e a claridade das lâmpadas bateu em seus olhos. Sam quase imaginou ter visto uma cintilação... porém era outra coisa, um fulgor duro, categórico. Por um momento, Ardelia Lortz deu a impressão de ter um níquel em cada olho.

— Ou...? — perguntou ele, e subitamente seu sorriso deixava de parecer um sorriso para dar a impressão de máscara.

— Ou terei de mandar o Policial da Biblioteca procurá-lo — declarou ela.

4

Por um momento, os dois se entreolharam e Sam julgou ter vislumbrado a verdadeira Ardelia Lortz, e nada havia de encantador, de suave ou de solteirice de bibliotecária naquela mulher. Em absoluto.

Esta mulher poderia ser realmente perigosa, pensou, então rejeitando a ideia, um tanto embaraçado. O dia sombrio — talvez a pressão causada pelo discurso iminente — começava a fazer efeito sobre ele. Ela é tão perigosa como pêssegos enlatados... e não se trata do dia soturno ou deste discurso rotariano de hoje à noite. São aqueles malditos posters.

Sam já tinha o Companheiro do orador e Os mais queridos poemas do povo americano debaixo do braço, estando ele e a Srta. Lortz quase à porta, antes dele perceber que a mulher o conduzia para a saída. Plantando os pés com firmeza no chão, ele parou. Ela o encarou com surpresa.

— Posso fazer-lhe uma pergunta, Srta. Lortz?

— É claro, Sam. Estou aqui para isto — responder perguntas.

— É sobre a Biblioteca Infantil — disse ele — e aqueles posters. Alguns deles me surpreenderam. Aliás, quase me chocaram.

Esperou que suas palavras soassem mais ou menos como as de algum pregador batista, a respeito de ter visto de relance um exemplar de Playboy por baixo de outras revistas, à mesa do café de um paroquiano, porém nada disso aconteceu.

Porque, pensou, não se trata apenas de um sentimento convencional. Fiquei de fato chocado. Não houve nada de “quase” nisto.

— Posters? — repetiu ela, de cenho franzido, depois voltando ao normal. Ardelia Lortz deu uma risada. — Oh! Deve estar mencionando o Policial da Biblioteca... e o Zé Bocó, naturalmente.

— Zé Bocó?

— Sabe aquele pôster dizendo NUNCA ACEITE CARONA DE ESTRANHOS? É o apelido que as crianças deram para o garotinho no quadro. O que está gritando. Os pequeninos o chamam de Zé Bocó — imagino que sintam raiva

gritando. Os pequeninos o chamam de Zé Boco — imagino que sintam raiva dele por haver feito algo tão tolo. Penso que isso é muito saudável, não acha?

— Ele não está gritando — disse Sam lentamente. — Está berrando!

A Srta. Lortz deu de ombros.

— Gritar, berrar, qual a diferença? Não ouvimos muito disto por aqui. As crianças são muito boazinhas — muito comportadas.

— Aposto que sim — disse Sam.

Estavam novamente no vestíbulo e ele fitou de relance a inscrição no cavalete, a inscrição que não dizia

O SILÊNCIO VALE OURO

ou

PROCUREM FICAR QUIETOS, POR FAVOR

mas oferecia, simplesmente, um só e indiscutível imperativo:

SILÊNCIO!

— Além do mais — é apenas uma questão de interpretação, certo?

— Suponho que sim — respondeu ele. Sentia-se estar sendo manobrado — aliás, com grande eficiência — para uma situação em que não houvesse qualquer ponto de apoio, ficando o campo da dialética a cargo de Ardelia Lortz. Ela lhe dava a impressão de estar acostumada a agir assim, o que o deixava mais teimoso. — Entretanto, aqueles posters parecem-me demasiadamente exagerados.

— É mesmo? — perguntou ela polidamente.

Agora, estavam parados junto à porta da rua.

— Sim. Eles me deixaram assustado. — Recompondo-se, Sam disse o que realmente pensava. — Não os considerei apropriados para um local em que se reúnem crianças pequenas.

Sam percebeu que ainda não soava como uma pessoa recatada ou moralista, pelo menos para si mesmo, o que foi um alívio.

Ardelia Lortz sorria, e o sorriso dela irritou-o.

— Você não é a primeira pessoa a expressar-se desta maneira, Sam. Adultos sem filhos não visitam a Biblioteca Infantil com frequência, porém às vezes aparecem por lá — tios, tias, o namorado de uma mãe solteira, incubidos de vir apanhar alguma criança... ou pessoas como você, Sam, que vêm à minha procura.

Pessoas em apuros, diziam os frios olhos cinza-azulados da mulher. Gente que vem buscar ajuda e, após RECEBER a ajuda, começa a criticar a maneira como são dirigidas as coisas aqui na Biblioteca Pública de Junction City. A maneira como dirijo as coisas na Biblioteca Pública de Junction City.

— Talvez me censure por ter dito o que não me competia — replicou Sam, procurando dar à voz um tom de naturalidade.

Ele não se sentia com naturalidade. De repente, longe estava de sentir-se assim, porém este era outro truque profissional que agora envolvia em torno de si mesmo, como um manto protetor.

— De maneira nenhuma! Apenas você não compreende. Tivemos uma eleição no último verão, Sam — faz parte do Programa de Leitura no Verão. Damos a nosso programa o nome de Um Barato no Verão de Junction City, e cada criança tem um voto por cada livro que leu. É uma das estratégias que desenvolvemos durante os anos a fim de incentivar as crianças à leitura. Entenda, é uma de nossas responsabilidades mais importantes.

Sabemos o que estamos fazendo, disse para ele o olhar fixo da mulher. E eu estou sendo bastante polida, não? Considerando-se que você, alguém que jamais esteve aqui em sua vida, cismou de imediatamente começara bisbilhotar e emitir críticas contundentes.

Sam começou a sentir-se extremamente deslocado. Aquele campo de batalha dialético ainda não estava em poder da Srta. Lortz — pelo menos, não de todo — mas ele reconhecia o fato de estar batendo em retirada.

— Segundo a eleição, o filme que as crianças mais apreciaram no verão que

passou, foi A hora do pesadelo V. Seu grupo de rock favorito tem o nome de Guns'nRoses. Em segundo lugar, ficou algo chamado Ozzy Osbourne que, segundo ouvi dizer, ganhou fama arrancando com os dentes a cabeça de animais vivos, durante seus concertos. O romance favorito foi um livro de bolso entitulado Canção do cisne — uma história de horror, da autoria de um homem chamado Robert McCammon. Não temos tal livro em nosso acervo, Sam. As crianças lêem cada novo exemplar até deixá-lo em tiras, semanas seguidas. Providenciei uma capa de vinabind para um exemplar, mas é claro que este foi roubado. Por uma das crianças más.

Os lábios dela comprimiram-se em uma linha fina.

— Em segundo lugar, houve um romance de horror sobre incesto e infanticídio, chamado Flores no sótão. Aliás, este livro foi campeão durante cinco anos seguidos.

Vários votantes chegaram a mencionar A caldeira do diabo!

Ardelia Lortz olhou para ele, consternada.

— Eu mesma nunca vi qualquer dos filmes da série A hora do Pesadelo. Nunca ouvi um disco de Ozzy Osbourne e nem tenho vontade de ouvir, tampouco me sentindo tentada a ler qualquer romance escrito por Robert McCammon, Stephen King ou V. C. Andrews. Entende aonde quero chegar, Sam?

— Penso que sim. Dizia que não seria justo... — Sam precisava de uma palavra, esforçou-se e a encontrou. — ...usurpar os gostos das crianças.

Ela sorriu radiosamente — com exceção dos olhos, que pareciam haver-se transformado em níqueis de novo.

— Isto é parte da coisa, mas não toda ela. Os posters na Biblioteca Infantil — tanto os interessantes, não controversos, como aqueles que rejeitou — nos são enviados pela Associação das Bibliotecas do Iowa. A ABI é membro da Associação das Bibliotecas do Meio-Oeste que, por sua vez, é membro da Associação Nacional de Bibliotecas, cujos fundos provém, em sua maioria, de dinheiro de impostos. Dinheiro de impostos pagos pelo “Zé Povinho”, isto é, por mim. E por você.

Sam transferiu o peso do corpo para o outro pé. Não queria ficar ali a tarde inteira, ouvindo uma preleção sobre como a sua biblioteca funciona para você

inteira, ouvindo uma preleção sobre como a sua biblioteca funciona para você, mas não tinha puxado o assunto? Imaginou que sim. A única coisa sobre a qual tinha certeza absoluta era de estar gostando cada vez menos de Ardelia Lortz.

— A Associação das Bibliotecas do Iowa nos envia, em meses alternados, uma folha com reprodução de aproximadamente quarenta posters — continuou a Srta.

Lortz, implacavelmente. — Podemos escolher cinco grátis entre eles; os extras custam três dólares a peça. Vejo que está ficando inquieto, Sam, mas você merece uma explicação e, afinal, estamos chegando ao âmago da questão.

— Eu? Bem, não estou inquieto — disse Sam, inquietamente.

Ela sorriu, revelando dentes tão regulares, que só podiam ser de dentadura postiça.

— Temos um Comitê da Biblioteca Infantil — explicou Ardelia. — E quem faz parte dele? Ora, as crianças, é claro! Nove ao todo. Quatro alunos de ginásio, três da escola intermediária e dois do primário. Cada criança precisa ter uma média global B em seus trabalhos escolares para poder pertencer ao comitê. Elas escolhem os novos livros que encomendamos, escolheram os novos drapejamentos e mesas, quando redecoramos no outono passado... e, claro está, escolhem os posters. Segundo disse certa vez um de nossos mais jovens membros do comitê, esta é “a parte mais divertida”. Entendeu agora?

— Penso que entendi — replicou Sam. — As crianças escolheram o Chapeuzinho Vermelho, o Zé Bocó e o Policial da Biblioteca. Gostaram deles, porque metem medo.

— Correto! — exclamou ela, triunfal.

De repente, ele ficou farto. Farto de algo sobre a Biblioteca. Não dos posters, não da bibliotecária exatamente, mas da Biblioteca em si. De repente, a Biblioteca assemelhava-se a uma exasperante e irritante farpa de madeira, enterrada fundo no traseiro. Fosse o que fosse, ele estava ...farto.

— Ouça, Srta. Lortz, por acaso mantém um videotape de A hora do Pesadelo V, na Biblioteca Infantil? Ou uma seleção de álbuns do Guns n’ Roses e de Ozzy Osbourne?

— Sam, creio que você não entendeu o objetivo — começou ela pacientemente.

— E o que me diz de A caldeira do Diabo! Tem uma cópia desse livro na Biblioteca Infantil, só porque algumas crianças o leram?

Ainda quando falava, ele pensou, Será que ALGUÉM ainda lê essa velharia?

— Não — respondeu Ardelia Lortz, com um rubor de irritação subindo-lhe às faces.

Aquela era uma mulher não acostumada a ter seus julgamentos em discussão. —

Entretanto, lá temos histórias sobre invasão de lares, abuso dos pais e roubo. Estou falando, naturalmente, de “Cachinhos Dourados e os três ursinhos”, de “Joãozinho e Maria” e de “Joãozinho e o pé de feijão”. Esperei que um homem como você fosse mais compreensivo, Sam.

Um homem que você tirou de apuros, eis o que quer dizer, pensou Sam, mas que diabo, senhorita — não é para isto que a cidade lhe paga?

Então, procurou compor-se. Não sabia ao certo o que ela quisera dizer com “um homem como você”, não tinha certeza de querer saber, mas percebia que aquela discussão em breve fugiria dos limites — se tornaria uma briga. Viera até ali para encontrar um “condimento” que misturaria ao seu discurso, não para envolver-se em uma controvérsia sobre a Biblioteca Infantil com a bibliotecária-chefe.

— Peço desculpas pelo que falei, caso alguma coisa a tenha ofendido — disse. —

Afinal, eu já devia ter ido embora.

— Sim — concordou ela, — creio que devia.

Seu pedido de desculpas não foi aceito, telegrafaram os olhos dela. De maneira nenhuma.

— Creio que estou um tanto nervoso, em vista de meu début como orador. Além disso, fiquei até tarde da noite escrevendo o discurso.

Ele ofereceu seu cordial sorriso Sam Peebles e ergueu sua pasta. Ela abrandou-se — um pouco — porém os olhos continuavam irritados.

— É compreensível. Estamos aqui para servir e, claro, sempre interessados em críticas construtivas dos contribuintes.

Ardelia Lortz acentuou a palavra construtivas apenas levemente, para deixá-lo saber (como supôs Sam) que as dele podiam ser qualquer outra coisa, menos construtivas.

Agora que tudo chegava ao fim, ele sentia uma ânsia — quase uma necessidade — de ir embora deixando uma boa impressão, de que aquela situação terminasse bem arrumada, como a coberta perfeitamente esticada sobre uma cama. Imaginou que isto também fazia parte do hábito de um negociante... ou da coloração protetora do negociante. Ocorreu-lhe uma ideia singular — uma ideia de que, em realidade, deveria falar à noite sobre seu encontro com Ardelia Lortz. O tema diria mais sobre o coração e o espírito de uma cidade pequena do que todo o discurso escrito. Nem tudo disto era lisonjeiro, porém certamente, não era seco. Além do que, ofereceria um som raramente ouvido durante os discursos rotarianos das noites de sexta-feira: o toque indiscutível da verdade.

— Bem, ficamos um tanto alvoroçados por um ou dois segundos — ele se ouviu dizendo e se viu estendendo a mão. — Penso que passei dos limites, mas espero que não haja ressentimentos.

Ela lhe tocou a mão. Foi um toque breve, automático. De carne lisa e fria. De certo modo, desagradável. Como um aperto de mãos com um porta-guarda-chuvas.

— Não houve nada, em absoluto — disse ela, mas os olhos insistiam em proclamar o contrário.

— Sendo assim... acho que vou indo.

— Sim. E, lembre-se — só pode ficar uma semana com eles, Sam. — Ela ergueu um dedo e apontou uma unha bem tratada para os livros que ele sustinha. Sorriu. Sam achou aquele sorriso extremamente pertubardor, embora lhe fosse impossível definir o motivo. — Eu não gostaria de enviar o Policial da Biblioteca atrás de você.

— Claro — concordou Sam. — Eu também não gostaria disso.

— Tem razão — disse Ardelia Lortz, ainda sorrindo. — Você não gostaria.

5

Quando descia a escada, a meio caminho da calçada, o rosto de uma criança gritando (os pequeninos o chamam de Zé Bocó e penso que isto é muito saudável, não concorda?) surgiu em sua mente e, com ela, chegou um pensamento — simples o bastante e prático o bastante para fazê-lo estacar de súbito. Era o seguinte: havendo uma possibilidade de escolher tal pôster, um júri de crianças poderia perfeitamente tê-lo escolhido... mas alguma Associação de Bibliotecas, fosse do lowa, do Meio-Oeste ou do país como um todo, realmente o enviaria?

Sam Peebles pensou nas mãos suplicantes, comprimidas contra a vidraça confinante, aprisionante, pensou na boca agoniada que gritava e, de repente, achou que era mais do que difícil acreditar naquilo. Achou que era impossível acreditar.

E A caldeira do diabo. O que dizer disto? Em sua opinião a maioria dos adultos que iam à Biblioteca já teriam esquecido o livro. Podia ele acreditar mesmo que alguns de seus filhos — aqueles em idade suficiente para a Biblioteca Infantil — houvessem redescoberto essa antiga relíquia?

Também não acredito nisso.

Sam não pretendia incorrer em uma segunda dose da ira de Ardelia Lortz — a primeira havia sido suficiente, e tinha uma impressão de que os botões dela ainda não haviam sido girados para alcançar o volume máximo — mas tais pensamentos foram fortes o bastante para fazerem com que ele se virasse.

Ela já se fora.

As portas da biblioteca estavam fechadas, eram um fenda vertical de boca naquele rosto impassível de granito.

Sam ficou parado no mesmo lugar um momento mais, depois começou a descer apressadamente os degraus em direção ao carro que estacionara no meio-fio.

Três

O Discurso de Sam

1

Foi um estrondoso sucesso.

Ele iniciou com suas próprias adaptações de duas piadas da seção “Pondo-os à vontade”, do Companheiro do Orador — uma delas falava de um fazendeiro que tentava vender seus produtos por atacado, a outra sobre a venda de refeições congeladas aos esquimós — e usou uma terceira no meio do discurso (que realmente estava bastante árido). Encontrou outra excelente na subseção intitulada “Oferecendo-lhes o encerramento”, começou a copiá-la a lápis, mas recordou Ardelia Lortz e Os mais queridos poemas do povo americano. Você verá que os ouvintes recordarão um a estrofe bem escolhida, mesmo se esquecerem o restante, havia dito ela, e Sam descobriu um bom poema curto na seção “Inspiração”, exatamente como ela afirmara que encontraria.

Baixando os olhos para os rostos erguidos de seus colegas rotarianos, ele disse:

— Procurei mostrar-lhes alguns dos motivos pelos quais resido e trabalho em uma cidade pequena como Junction City, e espero que, pelo menos, façam algum sentido. Se não fizerem, creio que estarei em apuros.

Suas palavras foram acolhidas por uma onda de cordiais risadas (de mistura com um bafo misto de uísque e bourbon).

Sam estava suando copiosamente, porém a verdade é que se sentia muito bem, começando a acreditar que escaparia daquela são e salvo. O microfone emitira estridências apenas uma vez, ninguém se retirara do salão, ninguém lhe atirara o que fosse e houvera somente alguns assobios — aliás, bem-humorados assobios.

— Penso que, melhor do que eu, um poeta chamado Spencer Michael Free resumiu tudo quanto procurei dizer-lhes. Certamente, quase a totalidade daquilo que temos a vender em nossos negócios de cidade pequena é encontrado mais barato nos centros comerciais das grandes cidades e nas áreas de comércio dos subúrbios. Em tais lugares, eles alegam que é possível obtermos ali mesmo todas as mercadorias e serviços de que necessitamos, além do estacionamento gratuito.

Penso que estão quase certos. Não obstante, há algo mais que é oferecido pelo comércio das cidades pequenas. Algo que inexiste nas áreas de comércio e centros comerciais, estando mencionado neste poema do Sr. Free. Não se trata de um poema longo, mas encerra muita coisa. Ele nos diz o seguinte:

“É o calor humano que mais vale neste mundo,

É o toque da minha e da sua mão,

Expressando muito mais ao coração opresso,

Do que expressam abrigo, vinho ou pão;

Porque o abrigo cessa, quando finda a noite,

E aquele pão, um dia apenas dura,

Mas o toque da mão e o som de uma voz,

Deixam na alma um eco que perdura!”

Sam ergueu os olhos das páginas que lia e, pela segunda vez nesse dia, surpreendeu-se ao perceber que fora sincero em cada palavra acabada de pronunciar.

Descobriu que, subitamente, seu coração inundava-se de felicidade e pura gratidão.

Era bom saber que ainda se tinha um coração, que a rotina regular dos dias regulares não se desgastara, era ainda melhor constatar que isso podia ser expresso pela própria boca.

Nós, os homens e mulheres negociantes de cidade pequena, oferecemos esse toque humano. Não é muita coisa, por um lado... mas, por outro, pode significar tudo. Esse calor humano faz com que voltemos, querendo um pouco mais. Agora, quero desejar uma breve recuperação ao orador originalmente programado para esta noite, o “Assombroso Joe”; quero agradecer a Craig Jones por convidar-me para substituí-lo; e quero agradecer a todos vocês por ouvirem tão pacientemente esta minha tediosa e pequena prelação.

Portanto... muito obrigado!

Os aplausos começaram ainda antes de ele encerrar a última frase; aumentaram enquanto reunia as poucas páginas do texto datilografado por Naomi e no qual ele passara a tarde fazendo emendas; subiram para um crescendo, quando se sentou estonteado pela reação.

Bem, deve ser por causa da bebida, disse para si mesmo. Eles aplaudiriam do mesmo jeito se alguém lhes contasse como deixou de fumar após encontrar Jesus, em uma festinha de vendedores de artigos plásticos.

A platéia começou a levantar-se, e Sam pensou que devia ter falado demais, já que todos pareciam tão ansiosos em sair dali. Entretanto, os aplausos continuaram, e então ele avistou Craig Jones, que agitava as mãos em sua direção. Após um momento, Sam entendeu. Craig queria que ele se levantasse e fizesse uma mesura de agradecimento.

Em vez de levantar-se, ele girou um indicador em torno da orelha, com um claro significado: Você endoidou!

Craig sacudiu a cabeça enfaticamente, começando a sacudir as mãos com tal vigor, que mais parecia um pregador do reavivamento da fé estimulando os fiéis a cantarem mais alto.

Desta maneira, Sam levantou-se e ficou estupidificado, quando os ouvintes realmente começaram a dar vivas ao seu discurso.

Após alguns momentos, Craig aproximou-se da tribuna. As ovações finalmente morreram quando ele deu algumas pancadinhas no microfone, produzindo um som semelhante ao de um punho gigantesco, envolto em algodão e batendo em um ataúde.

— Penso que todos concordamos em uma coisa — disse ele. — O discurso de Sam mais do que compensou o preço pedido pelo acrobata.

Sua tirada provocou outra calorosa onda de aplausos. Virando-se para Sam, Craig disse:

— Se soubesse que você tinha tanto jeito para discursar, Sammy, eu o teria programado em primeiro lugar!

Isto produziu mais palmas e assobios. Antes que as ovações se extinguissem, Craig Jones tinha agarrado a mão de Sam e a sacudia vigorosamente para cima e para baixo.

— Foi formidável, Sam! — exclamou Craig. — De onde o copiou?

— Não copiei nada — disse Sam. Sentia as faces ardendo e, embora houvesse tomado apenas um gim-tônica — bem fraco — antes de se levantar para falar, sentia-se um tanto bêbado. — O discurso é meu. Peguei uns dois livros na biblioteca e eles ajudaram.

Outros rotarianos agora amontoavam-se em torno dele; a mão de Sam era sacudida incessantemente. Ele começava a sentir-se como a bomba d’água da cidade durante um verão seco.

— Grande! — Berrou alguém em seu ouvido. Virando-se, Sam viu que a voz pertencia a Frank Stephens, que também já fora orador substituto, na época em que o funcionário do Sindicato dos Transportadores Rodoviários havia sido indiciado por fraude. — Devíamos ter gravado e depois venderíamos aos malditos da Camara do Comercio Junior! Diabo, foi um discurso e tanto, Sam!

— Devia ser publicado! — exclamou Rudy Pearlman. Seu rosto redondo estava vermelho e suado. — Porra eu quase chorei! Juro por Deus! Juro por Deus! Onde foi que encontrou aquela preciosidade?

— Na Biblioteca — disse Sam. Ainda se sentia estonteado... mas o alívio por ter realmente conseguido desincumbir-se do encargo ia sendo suplantado por uma espécie de cautelosa delícia. Achou que devia dar uma gratificação a Naomi. — Consta de um livro entitulado...

No entanto, antes de poder fornecer a Rudy o nome do livro, Bruce Engalls já o segurava pelo cotovelo e o guiava para o bar.

— O melhor discurso que já ouvi em dois anos, neste clube idiota! — exclamava Bruce. — Não, em cinco anos! E, afinal, quem precisa de um maldito acrobata?

Deixe-me oferecer-lhe um drinque, Sam. Diabo, vou oferecer-lhe dois!

2

Antes de conseguir safar-se, Sam havia bebido um total de seis drinques, todos pagos pelos companheiros, e todos encerrando aquela noitada triunfal em um acesso de de vômito sobre seu capacho BEM-VINDO, logo depois que Craig Jones o deixou diante de sua casa, na Avenida Kelton. Quando seu estômago protestou contra os vapores alcoólicos que continha, Sam estivera tentando enfiara chave na fechadura da porta de entrada — era difícil, porque parecia haver três fechaduras e quatro chaves — e não houve tempo suficiente para despejar a carga nefasta nos arbustos junto à entrada. Assim, após conseguir abrir a porta, limitou-se a erguer o capacho BEM-VINDO (cuidadosamente, erguendo-o pelas laterais, a fim de que aquela porcaria ficasse em uma poça no meio) e o atirou para um lado.

Tomou uma xícara de café para ficar sóbrio, mas o telefone tocou duas vezes enquanto bebericava. Mais felicitações. O segundo telefonema era de Elmer Baskin, que nem mesmo estivera lá. Sam começava a sentir-se um pouco como Judy Garland, em Nasce uma estrela, mas era difícil saborear a sensação com o estômago ainda convulsionando-se e sua cabeça dando mostras de querer puni-lo pelo excesso de bebida.

Sam ligou a secretária-eletrônica na sala de estar, a fim de captar quaisquer novas mensagens, depois subiu para seu quarto, desligou o telefone junto à cama, tomou duas aspirinas, trocou de roupa e deitou-se.

A consciência começou a dissipar-se rapidamente — ele estava cansado, além de bombardeado — mas antes de ser tomado pelo sono, ainda teve tempo de pensar:

Devo a maior parte disto a Naomi... e àquela antipática mulher da Biblioteca.

Horst. Borscht. Seja lá qual for seu nome. Talvez devesse dar uma gratificação para ela também .

Ouviu o telefone começar a soar no andar de baixo e depois a entrada em cena da secretária-eletrônica.

Bom garoto, pensou Sam, sonolento. Cumpra a sua obrigação — quero dizer, a final de contas, não pago para você fazer isso?

Então, foi envolvido pela escuridão e não soube de mais nada, até as dez horas

Então, foi envolvido pela escuridão e não soube de mais nada, até às dez horas da manhã de sábado.

3

Sam retornou à terra dos vivos com um estômago ácido e uma ligeira dor de cabeça, mas podia ter sido bem pior. Lamentava por seu capacho BEM-VINDO, mas era uma sorte haver descarregado pelo menos parte do que bebera antes que o álcool o deixasse de cabeça inchada, ainda mais do que estava agora. Ficou dez minutos no chuveiro, fazendo apenas movimentos automáticos de lavar o corpo, enxugou-se, vestiu-se e desceu para o térreo, com uma toalha enrolada na cabeça. A luz vermelha de mensagens na secretária-eletrônica estava piscando. A fita girou um curto trecho, e ele apertou a tecla REPRODUÇÃO DE RECADOS; aparentemente, o toque ouvido quando já ficava sonolento devia ter sido o último.

Bip!

Olá, Sam! — Sam interrompeu o ato de retirar a toalha da cabeça, franzindo a testa. Era uma voz de mulher e ele a conhecia. Que mulher? — Soube que seu discurso foi um grande sucesso. Fico feliz por você.

Era a mulher da Biblioteca, a tal Lortz.

Ora, como foi que ela conseguiu meu número? Bem, o catálogo telefônico servia justamente para isso... e também o anotara em seu cartão para membro da biblioteca, não? Certo. Por um motivo que não soube identificar direito, um ligeiro arrepio percorreu-lhe as costas.

— Não esqueça de devolver os livros que tomou emprestados. Até seis de abril — continuou ela, acrescentando, irônica: — Lembre-se do Policial da Biblioteca.

Houve o clique da ligação sendo desfeita. Na secretária-eletrônica de Sam, acendeu-se a lâmpada TERMINADOS TODOS OS RECADOS.

— Você é uma filha da mãe, senhorita, sabia? — disse Sam para a casa vazia.

Depois foi para a cozinha, preparar algumas torradas.

4

Quando Naomi chegou, às 10 horas da manhã de sexta-feira, uma semana após o triunfante début de Sam como orador de após-jantar, ele lhe estendeu um comprido envelope branco, com o nome dela escrito na frente.

— O que é isto? — perguntou Naomi desconfiadamente.

Ela tirava a capa, pois na rua chovia bastante, uma desalentadora chuvarada de começos da primavera.

— Abra e veja.

Ela assim fez. Havia um cartão de agradecimento e, no interior, preso com fita adesiva, um retrato de Andrew Jackson.

— Vinte dólares? — Ela o fitou mais desconfiadamente do que nunca. — A que vem tudo isto?

— Porque você me salvou a vida quando me encaminhou à Biblioteca — explicou Sam. — Parece que me saí muito bem em meu discurso, Naomi. Aliás, não estaria errando se dissesse que foi um grande sucesso. Eu teria posto cinquenta aí dentro se tivesse certeza de que aceitaria.

Ela agora entendia, ficou visivelmente satisfeita, mas ainda assim tentou devolver o dinheiro.

— Fico sinceramente feliz por ter dado certo, Sam, mas não posso aceitar ist...

— É claro que pode — replicou ele — e vai aceitar. Não aceitaria uma comissão de minha parte se trabalhasse para mim como vendedora?

— Não. Nunca soube vender coisa alguma. Quando fui bandeirante, minha mãe era a única pessoa que me comprava biscoitos.

— Naomi, querida garota! Não — não comece a parecer toda nervosa e acuada. Não vou dar em cima de você. Já passamos por tudo isso há dois anos, certo?

— Sim já passamos! — concordou ela.

Entretanto, ainda parecia nervosa e amedrontada, certificando-se de que havia espaço bastante para recuar em direção à porta, caso precisasse bater em retirada.

— Sabe que vendi duas casas e seguros no valor de quase duzentos mil dólares desde aquele maldito discurso? É verdade que a maioria foi do tipo comum de seguro em grupo, com teto máximo e comissão baixa, é verdade, mas, ainda assim, dá para comprar um carro novo. Se você não aceitar esses vinte, vou me sentir uma merda!

— Sam ,por favor! — exclamou ela, parecendo chocada.

Naomi era uma batista convicta. Frequentava com a mãe uma igrejinha em Proverbia, quase tão desmantelada como a casa em que elas residiam. Sam estava a par; estivera lá uma vez. Entretanto, ficou feliz em ver que ela também parecia satisfeita... e um pouco mais relaxada.

No verão de 1988, Sam tivera dois encontros com Naomi. No segundo, houve uma cantada. Foi algo muito bem-comportado, mas mesmo assim uma cantada.

Sentira-se muito bem com isso, mas para Naomi fora como um passe de jogo, mais apropriado para a retranca defensiva dos Broncos de Denver. Ela tentou explicar que simpatizava com ele, claro, mas já havia decidido que, juntos, nunca “dariam certo”.

Perplexo, Sam perguntou o motivo. Naomi apenas negou com a cabeça. Há coisas difíceis de explicar, Sam, mas nem por isso são menos verdadeiras. Isto jamais daria certo. Acredite em mim , nunca daria certo. Foi esta a única explicação que ele conseguiu extrair-lhe.

— Sinto muito por dizer a palavra, Naomi — desculpou-se ele. Falava humildemente, embora de algum modo duvidasse que Naomi fosse inclusive metade tão recatada como queria parecer. — Eu quis dizer é que se você não aceitar esses vinte, vou me sentir uma titica.

Ela enfiou a nota na bolsa e depois o fitou com uma expressão de dignificado formalismo. Quase o conseguiu... mas os cantos dos lábios tremiam ligeiramente.

— Pronto. Satisfeito?

— Estou com vontade de dar os cinquenta — disse ele. — Aceitaria cinquenta

— Estou com vontade de dar os cinquenta — disse ele. — Aceitaria cinquenta, Omes?

— Não — respondeu ela. — E, por favor, não me chame de Omes. Sabe que não gosto.

— Mil perdões.

— Tudo bem. E agora, por que não mudamos de assunto?

— Você manda — disse ele, cordialmente.

— Ouvi várias pessoas comentarem que seu discurso estava bom. Aliás, Craig Jones ficou simplesmente fascinado. Acredita que seja este o motivo de ter fechado mais negócios?

— Acha que um imbec... — começou Sam, depois interrompendo-se. — Sim, é possível. Às vezes acontece. Curioso, mas verdadeiro. O gráfico de vendas realmente foi às alturas esta semana. Voltará a cair, lógico, mas não creio que chegue muito fundo. Se os novos clientes gostam da forma como faço negócios — e prefiro pensar que gostam — haverá um remanescente.

Sam reclinou-se na cadeira, entrelaçou as mãos atrás do pescoço e olhou pensativamente para o teto.

— Quando Craig Jones ligou para mim e praticamente me forçou para essa enrascada, eu estava disposto a matá-lo. Falo sério, Naomi.

— Eu sei — disse ela. — Você parecia tão congestionado, como se houvesse caído em um maciço de hera venenosa!

— Verdade? — Ele deu uma risada. — Sim, acho que foi mesmo. É curioso como as coisas às vezes acontecem — a mais pura sorte. Se existe um Deus, isto faz com que às vezes nos perguntemos se Ele apertou todos os parafusos da grande máquina antes de pô-la em movimento.

Esperou que Naomi o censurasse por sua irreverência (não seria aquela a primeira vez), mas parecia que não estava disposta. Em vez disto, falou:

— Você tem mais sorte do que imagina, se os livros apanhados na Biblioteca foram mesmo de alguma ajuda. Nas sextas-feiras, em geral ela só abre às cinco

da tarde. Eu queria dizer-lhe isto, mas acabei esquecendo.

— Como?

— Você deve ter encontrado o Sr. Price atualizando seu papelório ou coisa assim.

— Price? — exclamou Sam. — Não seria Sr. Peckham? O servente que gosta de ler jornais?

Naomi abanou a cabeça.

— O único Peckham de que já vi falar por aqui era o velho Eddie Peckham, mas faleceu há vários anos. Agora, estou falando do Sr. Price. Do bibliotecário. — Ela olhava para Sam como se ele fosse o homem mais obtuso da terra... ou, pelo menos, de Junction City, Iowa. — Um homem alto? Magro? Com uns cinquenta anos?

— Negativo — respondeu Sam. — Encontrei lá uma mulher, chamada Lortz. Baixa, rechonchuda, mais ou menos na idade em que todas começam a sentir uma permanente predileção pelo poliéster verde-vivo.

Uma singular mescla de expressão passou pelo rosto de Naomi — a surpresa foi seguida pela suspeita; a suspeita por uma espécie de vago e exasperado divertimento. Esta particular sequência de expressões quase sempre indica a mesma coisa: alguém começa a perceber que está sendo feito de tolo. Em circunstâncias mais normais, Sam teria refletido sobre isto, porém levara a semana inteira fazendo negócios imobiliários e, como resultado, estava às voltas com uma boa papelada para pôr em ordem. Metade de sua mente já se desviara nesse rumo.

— Oh! — exclamou Naomi, dando uma risada. — A Srta. Lortz, hein? Deve ter sido bem divertido.

— Ela é peculiar, não há dúvida — replicou Sam.

— Pode apostar que sim — concordou Naomi. — De fato, ela é absolutamente...

Se terminasse o que começara a dizer, provavelmente teria deixado Sam Peebles bastante sobressaltado, mas a sorte — como ele tinha apontado pouco antes — desempenha um papel absurdamente importante nas questões humanas, e nesse

momento entrou em cena.

O telefone tocou.

Era Burt Iverson, o chefe espiritual da pequena tribo de magistrados de Junction City. Ele queria falar sobre um negócio vultuoso, envolvendo seguros — trata-se do novo centro médico, Sam, ainda nas fases de planejamento, mas com perspectivas de tomar-se uma obra enorme. Naturalmente, faria um seguro abrangente, global —, e quando finalmente Sam se voltou para Naomi, a lembrança da Srta. Lortz já se apagara por completo em sua mente. Podia imaginar a quanto chegaria o seguro em grupo para o novo centro médico; sua comissão, afinal de contas, talvez o deixasse atrás do volante daquele Mercedes-Benz. E, se de fato quisesse, em realidade ele detestaria pensar no quanto de toda esta sorte poderia ser atribuída àquele discursinho idiota.

Naomi achava que ele a estava fazendo de boba; ela sabia perfeitamente bem quem era Ardelia Lortz e pensou que Sam também devia saber. Afinal, a mulher estivera no centro da ocorrência mais tenebrosa que tivera lugar em Junction City, nos últimos vinte anos... talvez recuando até a Segunda Guerra Mundial, quando o rapaz Moggins voltara do Pacífico para casa não muito bom da cachola, tendo assassinado a família inteira antes de encostar o cano de sua pistola de serviço no ouvido direito e dar cabo de si mesmo também. Ira Moggins fizera isso antes da época de Naomi; não lhe passou pela cabeça que Vaffaire Ardelia acontecera bem antes da vinda de Sam para Junction City.

De qualquer modo, já expulsara tudo aquilo da mente e tentava decidir-se entre a lasanha do Stouffer’s e algo da Cuisine para Magros — o prato do jantar desta sexta-feira — quando Sam finalmente desligou o telefone. Ele ditou cartas firmemente até meio-dia e depois perguntou a Naomi se gostaria de ir até o McKenna’s para almoçarem. Naomi declinou, alegando precisar voltar para junto da mãe, que ficara bastante abatida no transcorrer do inverno. Nada mais foi dito sobre Ardelia Lortz.

Nesse dia.

QUATRO

Os Livros Devidos

1

Sam não era muito apegado a um lauto café da manhã durante a semana — um copo de suco de laranja e um bolinho de farelo de aveia o deixavam satisfeito mas nas manhãs de sábado (em especial em manhãs de sábado que não precisasse enfrentar uma ressaca de inspiração rotariana) gostava de levantar-se mais tarde, caminhar até o McKenna's, na praça, e ir passando o tempo lentamente, enquanto comia um bife com ovos e de fato lia o jornal, em vez de apenas esquadrinhá-lo entre um compromisso e outro.

Seguiu esta rotina na manhã seguinte, sete de abril. A chuva do dia anterior se fora, e o céu ostentava um azul-pálido perfeito — a própria imagem de começo da primavera. Em seguida ao café da manhã, Sam foi para casa seguindo o caminho mais longo, parando para verificar que tulipas e crocos estavam em brotação acelerada e quais se tinham atrasado. Ao chegar em casa, eram dez horas e dez minutos.

A lâmpada RECADOS RECEBIDOS estava acesa na secretária-eletrônica. Ele apertou a tecla, pegou um cigarro e acendeu um fósforo.

— Olá, Sam! — exclamou a voz suave e indiscutível de Ardelia Lortz, com o fósforo parado a dez centímetros do cigarro de Sam. — Estou muito desapontada com você.

Não devolveu seus livros à biblioteca.

— Ah, merda! — exclamou Sam.

Alguma coisa o tinha espicaçado a semana inteira, do modo como uma palavra que queremos dizer usa a ponta de nossa língua como trampolim, mas sem nunca dar o salto. Os livros. Os malditos livros! Certamente, a mulher o considerava o tipo exato de relapso que queria que ele fosse — ele, com suas críticas gratuitas sobre posters que deviam ou não deviam pertencer à Biblioteca Infantil. A única questão real era se ela colocara a língua incisiva na secretária-eletrônica ou a estava poupando para quando o encontrasse pessoalmente.

Ele sacudiu o fósforo e o deixou cair no cinzeiro ao lado do telefone.

— Creio que expliquei a você — continuava ela, na mesma voz macia e apenas um pouquinho professoral. — O companheiro do orador e Os mais queridos poemas do povo americano pertencem à seção de Referência Especial da Biblioteca, não podendo ser mantido mais de uma semana em poder do leitor. Esperei uma atitude melhor de sua parte, Sam. Sinceramente.

Exasperado ao máximo, Sam constatou que estava ali, dentro de sua própria casa, com um cigarro apagado na boca e um rubor culposo subindo-lhe pelo pescoço, começando a invadir o rosto. De novo, fora firmemente empurrado de volta ao quarto grau — desta vez, sentado em uma banqueta de frente para o canto da sala, com um chapéu pontudo de burro bem enfiado em sua cabeça.

Falando como alguém que concede um grande favor, Ardelia Lortz prosseguiu:

— Não obstante, decidi dar-lhe uma prorrogação; você tem até a tarde de segunda-feira para devolver os livros que levou emprestados. Por favor, ajude-me a evitar qualquer contrariedade. — Houve uma pausa. — Lembre-se do Policial da Biblioteca, Sam.

— Isso aí já está ficando velho, Ardelia querida — murmurou Sam.

Entretanto, nem mesmo falava para o aparelho gravador. Ardelia tinha desligado após mencionar o Policial da Biblioteca, e a secretária-eletrônica desligou-se em silêncio, automaticamente.

2

Sam riscou um novo fósforo para acender o cigarro. Ainda exalava a primeira tragada quando em sua mente brotou um curso de ação. Poderia ser um tanto covarde, mas encerraria para sempre suas contas com a Srta. Lortz. Por outro lado, continha em si uma certa rude justiça.

Ele dera a Naomi sua justa recompensa, e agora faria o mesmo com Ardelia.

Sentou-se à secretária em seu estúdio, a mesma onde pusera o famoso discurso, e puxou para perto o bloco de notas. Abaixo do cabeçalho (Da parte de SAMUEL PEEBLES), rabiscou a seguinte nota:

Prezada Srta. Lortz,

Apresento-lhe minhas desculpas pela demora em devolver seus livros. Trata-se de um pedido sincero de desculpas, uma vez que os livros foram extremamente valiosos na preparação do meu discurso. Por favor, aceite esta quantia em pagamento da multa pela devolução após o prazo. Peço-lhe que fique com o troco, como penhor de minha gratidão.

Atenciosamente,

Sam Peebles

Sam releu a nota enquanto pescava um clipe de papel na gaveta da secretária.

Pensou em modificar a parte "... devolver seus livros" para "... devolver os livros da biblioteca", mas depois resolveu deixar como estava. Ardelia Lortz lhe transmitira a firme impressão de ser uma mulher adepta da filosofia de *I'Etat c'est moi*, mesmo que *I'Elat*, no caso presente, fosse apenas a biblioteca local.

Tirou da carteira uma nota de vinte dólares e usou o clipe para prendê-la ao bilhete. Vacilou um momento mais, tamborilando inquietamente com os dedos na borda da secretária.

Ela vai considerar isto um suborno. Provavelmente ficará ofendida e furiosa.

Podia ser verdade, mas ele não se incomodou. Sabia o que estava pór trás do implicante recadinho da Lortz desta manhã — talvez, por trás dos dois

implicantes recadinhos. Ele a alfinetara com demasiada força sobre os posters na Biblioteca Infantil, e ela agora mandava o troco ou pelo menos tentava. Entretanto, ele não cursava o quarto grau, não era uma criancinha assustada e covarde (pelo menos, não era mais), e não admitia ser intimidado. Não se deixaria intimidar pelo aviso irritado no saguão da biblioteca e tampouco pela advertência você-está-um-dia-inteiro-atrasado-em-sua-devolução-menino-mau da bibliotecária.

— Foda-se! — exclamou bem alto. — Se você não quiser o maldito dinheiro, enfie-o no Fundo para Defesa da Biblioteca ou qualquer coisa!

Deixou a nota escrita e os vinte dólares presos a ela em cima da secretária. Não tinha a menor intenção de ir pessoalmente à biblioteca, ouvir desaforos daquela mulher.

Uniria os dois volumes com umas tiras de borracha, após colocar o bilhete e o dinheiro dentro de um deles, com uma pequena parte projetando-se para fora. Então, simplesmente deixaria aquela droga escorregar para dentro da caixa de coleta de livros. Passara 5 anos em Junction City sem tomar conhecimento da existência de Ardelia Lortz; com um pouco de sorte, levaria mais seis anos, antes de tomar a vê-la.

Agora, restava apenas encontrar os livros.

Tinha certeza de que não estavam em seu estúdio. Sam foi até a sala de refeições e olhou em cima da mesa. Era onde geralmente empilhava coisas que deviam ser devolvidas. Lá estavam duas fitas de vídeo que voltariam para a Bruce’s Video Stop, um envelope com a palavra Paperboy escrita enviezadamente na frente, duas pastas contendo apólices de seguro... mas nenhum Companheiro do Orador. E tampouco nenhum Os mais queridos poemas do povo americano..

— Droga! — murmurou Sam, coçando a cabeça. — Aonde, diabo...?

Foi à cozinha. Nada na mesa da cozinha, além do jornal da manhã; ele o deixara ali quando chegara. Atirou-o alheadamente dentro da caixa de papelão perto do fogão enquanto checava a bancada. Nada em cima da bancada, fora a caixa do jantar congelado que consumira na véspera.

Subiu lentamente para o andar de cima a fim de dar uma busca por lá, mas já começava a ter um pressentimento muito ruim.

3

Por volta de três horas daquela tarde, o mau pressentimento ficara muito pior. Em verdade, Sam Peebles estava fulo da vida. Após vasculhar a casa duas vezes, de alto a baixo (na segunda vistoria, checara até o porão), tinha ido até o escritório, embora absolutamente certo de que havia trazido os dois livros para casa quando encerrara o expediente no final da tarde da segunda-feira. Claro que nada tinha encontrado lá.

E agora, ali estava ele, tendo perdido a maior parte de um belo sábado de primavera na busca inútil a dois livros de biblioteca, sem qualquer resultado.

Sam ficou pensando no tom astuto da mulher — lembre-se do Policial da Biblioteca, Sam — e no quanto ela ficaria feliz se soubesse até que ponto o incomodara. E quanto mais pensava nisto, mais enfurecido ficava.

Tornou a entrar em seu estúdio. O bilhete para Ardelia Lortz, com a nota de vinte presa pelo clipe, encarou-o suavemente, em cima da secretária.

— Porra! — gritou ele, disposto a nova busca por toda a casa.

Então, estacou de súbito. A busca em nada resultaria. Subitamente, ele ouviu a voz da mãe, falecida há muito tempo. Era suave e docemente racional. *Quando você não consegue achar uma coisa, Samuel, irritar-se e ficar procurando de um lado para outro em geral não adianta. Em vez disso, sente-se e rememore as coisas. Use a cabeça e poupe os pés.*

Havia sido um bom conselho quando ele tinha dez anos; achou que também seria bom agora, aos quarenta anos. Sentado à sua secretária, Sam fechou os olhos e procurou seguir a marcha daqueles malditos livros a partir do momento em que a Srta. Lortz os tinha entregue, até... quem sabe?

Da biblioteca, ele os levara para o escritório, no trajeto fazendo uma parada na Sam’s House of Pizza, para pegar uma torta de pepperoni e dose dupla de cogumelos, que havia comido sentado à sua secretária, enquanto folheava O companheiro do orador. Sam procurava duas coisas no livro: boas piadas e como usá-las. Recordava o cuidado que havia tomado para não deixar cair o menor pingo de molho de pizza no livro — o que não deixava de ser irônico, considerando o fato de que agora não encontrava nenhum dos dois.

Passara a maior parte da tarde ocupado com o discurso, introduzindo piadas, depois reescrevendo toda a última parte, a fim de que o poema ficasse melhor colocado. Ao vir para casa, no fim da tarde da sexta-feira, trouxera consigo o discurso terminado, mas não os livros. Tinha certeza disto. Craig Jones o apanhara, chegada a hora do jantar no Rotary Club, e mais tarde viera trazê-lo — bem a tempo de Sam batizar seu capacho BEM-VINDO.

Passara a manhã do sábado suportando a ressaca, que não era forte, mas incomodava bastante; durante o resto do fim de semana, nem se afastara de casa; tinha estado lendo, vendo televisão e — sejamos francos, minha gente — saboreando o seu triunfo. Nem chegara perto do escritório naquele fim de semana. Podia jurar.

Tudo bem , pensou. Agora vem o mais dificil. Concentre-se! Entretanto, não precisava concentrar-se tanto, conforme descobriu.

Ia saindo do escritório, por volta de quinze para as cinco da tarde de segunda-feira, quando o telefone tocou. Era Stu Youngman, querendo que ele preparasse uma polpuda apólice de seguro para sua casa. Aquele havia sido o início da semana em que os dólares tinham chovido. Enquanto ainda falava com Stu, os olhos de Sam pousaram casualmente sobre os dois livros da biblioteca, que continuavam no canto de sua mesa. Ao sair definitivamente do escritório, levava a pasta em uma das mãos e os livros na outra. Estava absolutamente certo disto.

Tinha intenção de devolvê-los à Biblioteca nesse fim de tarde, mas então Frank Stephens ligara, convidando-o para jantar fora com ele, a esposa e uma sobrinha de Omaha, que viera visitá-los (quando se é solteiro em uma cidade pequena — Sam havia descoberto — mesmo os conhecidos casuais se tomam implacáveis casamenteiros). Tinham ido ao Brady’s Ribs e voltado tarde — por volta de onze da noite, o que era tarde para um dia de semana — e ao chegar em casa novamente Sam esquecera por completo os livros da biblioteca.

Depois disto, perdera-os inteiramente de vista. Não pensara mais em devolvê-los

— a inusitada movimentação dos negócios monopolizara a maioria de seu tempo pensante — senão quando a Srta. Lortz ligara.

Muito bem... talvez eu não tenha mexido neles desde então. Sem dúvida, estão exatamente onde os deixei quando voltei para casa, naquele fim de tarde da segunda-feira.

Por um instante, sentiu uma onda de esperança — talvez os livros ainda estivessem no carro! Então, quando já se levantava para ir verificar, recordou como transferira a pasta para a mão que segurava os livros ao chegar em casa na segunda-feira. Fizera aquilo para poder tirar a chave no bolso direito da frente. Portanto, não tinha deixado os livros no carro.

E o que fez você, depois de entrar?

Ele se viu abrindo a porta da cozinha, entrando, deixando a pasta sobre uma cadeira da cozinha, virando-se com os livros na mão...

— Oh, não! — murmurou Sam.

O mau pressentimento retornou em um segundo. Havia uma caixa de papelão de tamanho razoável na prateleira ao lado do pequeno fogão da cozinha, o tipo de caixa de papelão que se pode conseguir em um estabelecimento de bebidas. Já fazia uns dois anos que aquela caixa permanecia ali. Quando estão mudando de casa, às vezes as pessoas utilizam tais caixas de papelão para acondicionar pequeninos objetos, mas elas também possuíam uma grande utilidade: guardar coisas. Sam usava a sua, perto do fogão, como depósito de jornais. Após encerrada a leitura do jornal do dia, ele o colocava dentro da caixa; não fazia muito tempo, já deixara ali o jornal que tinha lido hoje. E, mais ou menos uma vez por mês...

— Dave Sujeira! — murmurou Sam.

Levantando-se de trás da secretária, caminhou precipitadamente para a cozinha.

4

A caixa, tendo em uma lateral a imagem de Johnnie Walker, de monóculo e seu ar de vejam-como-estou-elegante, estava quase vazia. Sam remexeu a pequena pilha de jornais, sabendo que nada encontraria ali, mas procurando assim mesmo, da maneira como faz alguém, já tão exasperado, que quase acredita que se desejar uma coisa com intensidade bastante isto a fará estar ali. Encontrou a Gazeta do sábado — a que deixara ali tão pouco tempo antes — e o jornal da sexta-feira. Não havia livros entre os jornais ou debaixo deles, é claro. Sam permaneceu ali um instante, acalentando negros pensamentos. Em seguida, foi ao telefone ligar para Mary Vasser, a faxineira que limpava a casa todas as manhãs de quinta-feira.

— Alô? — atendeu uma voz ligeiramente preocupada.

— Olá, Mary. Aqui é Sam Peebles.

— Sam? — A preocupação aumentou. — Há alguma coisa errada?

Sim! Na tarde de segunda-feira, a bruxa que dirige a Biblioteca da Cidade estará à minha procura! Provavelmente com uma cruz e um punhado de pregos bem compridos!

Evidentemente, Sam não poderia dizer nada semelhante, não a Mary, ela era um desses infortunados seres humanos que nasceram sob uma estrela ruim e vivem em sua própria nuvem escura de fatalísticas premonições. As Mary Vasser deste mundo acreditam na existência de numerosos e enormes cofres negros, pendendo três pavimentos acima de uma imensidão de calçadas, suspensos por cabos puídos, esperando que o destino empurre a criatura condenada pela fatalidade para dentro da zona de queda. Se não for um cofre, será um motorista embriagado, um maremoto (no Iowa? Sim, no Iowa); se não um maremoto, então um meteorito. Mary Vasser era uma das afligidas criaturas sempre querendo saber se há algo errado quando alguém telefona para elas.

— Não — respondeu Sam. — Não aconteceu nada errado. Eu queria apenas saber se você viu Dave na quinta-feira.

Era quase mera formalidade; afinal de contas, os jornais não estavam mais na caixa, e Dave Sujeira era o único Duende dos Jornais em Junction City.

— Sim, vi — informou Mary. A cordial afirmativa de Sam sobre nada haver de errado parecia tê-la deixado mais assustada ainda. Agora, um mal disfarçado terror vibrava em sua voz. — Ele apareceu para levar os jornais. Será que eu não devia deixá-lo entrar? Bem, ele faz isso há anos, e então pensei que...

— Não é nada disso — respondeu Sam, com jovialidade quase insana. — Como não vi os jornais na caixa, quis confirmar se...

— Você nunca quis confirmar antes. — A voz dela quase tremia. — Ele está bem?

Aconteceu alguma coisa a Dave?

— Não aconteceu coisa alguma — disse Sam. — Quero dizer, não sei. Eu apenas...

— Uma ideia lampejou em sua mente. — Os cupons! — exclamou aloucadamente. —

Esqueci de recortar os cupons na quinta-feira, e então...

— Oh! — exclamou ela. — Se você quiser, pode ficar com os meus.

— Não, eu não poderia fazer is...

— Eu os levarei na próxima quinta-feira — cortou ela. — Afinal, tenho milhares!

Tenho tantos, que jamais conseguirei utilizar todos eles, implicava a voz dela.

Enfim, em qualquer lugar por aí há um cofre pendurado no ar, esperando que eu passe debaixo dele ou uma árvore pronta a ser derrubada por alguma tempestade e esmagar-me ou em algum motel da Dakota do Norte um secador de cabelos está prestes a cair da prateleira e dentro da banheira. Estou vivendo uma sobrevida, portanto, para que vou precisar de um monte de cupons de merda dos Cristais Folger's?

— Está bem — disse Sam. — Seria formidável. Obrigado, Mary, você é um doce!

— Tem mesmo certeza de que não há qualquer coisa errada?

— Certeza absoluta — replicou Sam, mais caloroso do que nunca.

Para si mesmo, soava como um sargento lunático, insistindo com os poucos sobreviventes de seu pelotão que se atirassem em um final e inútil assalto frontal a um ninho de metralhadoras fortificado. Em frente, homens! Talvez eles estejam dormindo!

— Está bem — disse Mary, em tom duvidoso.

Finalmente, Sam teve permissão para escapar. Sentou-se pesadamente em uma cadeira da cozinha e olhou com ar amargo para a caixa quase vazia de Johnnie Walker. Dave Sujeira tinha vindo recolher os jornais, conforme fizera na primeira semana de cada mês, com a diferença que, desta vez, levara sem saber também um pequeno prêmio: O companheiro do orador e Os mais queridos poemas do povo americano. E Sam tinha uma ideia bastante boa sobre o lugar em que os livros estariam agora.

Papel velho. Papel velho reciclado.

Dave Sujeira era um dos alcoólatras que funcionavam em Junction City. Incapaz de manter-se em um emprego fixo, extraía seu sustento dos rejeitos dos outros, tomando-se desta maneira um cidadão razoavelmente útil. Ele recolhia garrafas vazias para devolução e, como o garoto Keith Jordan, de doze anos, tinha sua rota fixa para recolher jornais. A única diferença era que Keith fazia a entrega diária da Gazeta de Junction City, e Dave Sujeira a recolhia — da casa de Sam e só Deus sabia de quantas casas mais na seção da Avenida Kelton — uma vez por mês. Sam o tinha visto muitas vezes, rodando sua carroça de compras cheia de sacolas de plástico verde com lixo e cruzando a cidade em direção ao Centro de Reciclagem, localizado entre a antiga estação da estrada de ferro e o pequeno abrigo dos sem-teto, onde Dave Sujeira e mais cerca de doze colegas passavam a maioria de suas noites.

Ficou sentado onde estava um momento mais, tamborilando no tampo da mesa da cozinha com os dedos. Depois levantou-se, vestiu um blusão e saiu, indo para onde deixara o carro.

CINCO

Rua do Ângulo (I)

1

As intenções de quem fizera o indicador sem dúvida deviam ter sido as melhores, mas sua ortografia era das piores. O indicador estava pregado a um dos pilares do alpendre da casa antiga, perto dos trilhos ferroviários, e dizia o seguinte:

RUA DO ÂNGULO

Uma vez que, como Sam podia ver, não existiam ângulos nem quinas na Avenida Estrada de Ferro — como a maioria das ruas e estradas no Iowa, ela era reta como um barbante esticado ele presumiu que o indicador só poderia significar Rua do Anjo. Bem, e daí? Sam pensou que, embora a estrada de boas intenções pudesse terminar no inferno, as pessoas que tentavam endireitar os buracos ao longo do trajeto pelo menos mereciam algum crédito.

A Rua do Ângulo era uma enorme edificação que, Sam adivinhou, havia abrigado os escritórios da companhia ferroviária nos velhos tempos em que Junction City realmente fora um ponto de junção de estradas de ferro. Agora, havia apenas dois conjuntos de trilhos funcionando, ambos indo de leste para oeste. Todos os demais estavam enferrujados e tomados por robusto mato rasteiro. A maioria dos dormentes desaparecera, aproveitados como lenha pelas mesmas pessoas sem lar, a quem a Rua do Ângulo estava ali para servir.

Sam chegou lá faltando quinze para as quatro. O sol lançava uma claridade evanescente e funérea sobre os campos vazios que ali dominavam a orla da cidade.

Um cargueiro aparentemente interminável desfilava barulhentamente atrás das poucas edificações ainda em pé no local. Levantara-se uma brisa e, ao parar o carro e sair, ele pôde ouvir o ferrugento rangido do antigo indicador anunciando JUNCTION CITY.

oscilando para diante e para trás acima da plataforma deserta, onde outrora as pessoas embarcavam em trens de passageiros para St. Louis e Chicago — inclusive o velho Expresso Sunnyland, o Expresso para as terras ensolaradas

inclusive o velho Expresso Sunnyland, o Expresso para as terras ensolaradas, que fazia sua única parado no Iowa em Junction City, quando seguia para oeste, rumando para os fabulosos reinos de Las Vegas e Los Angeles.

O abrigo dos sem lar um dia fora branco, mas agora se tomara de tom acinzentado sem pintura. As cortinas nas janelas estavam limpas, apesar de flácidas e gastas. O mato rasteiro tentava crescer no pátio acimentado e rachado. Sam achava que em junho talvez aquelas plantas já tivessem firmado as raízes, mas agora ainda se saíam bastante mal. Uma barrica enferrujada havia sido colocada perto dos degraus de madeira gasta que conduziam ao alpendre. No lado oposto ao do indicador Rua do Ângulo, pregado em outro pilar de alpendre, havia esta mensagem:

NESTE ABRIGO, BEBIDA NEM PENSAR!

SE TIVER UMA GARRAFA,

DEIXE AQUI FORA ANTES DE VOCÊ ENTRAR!

Sam estava com sorte. Embora a noite de sábado quase houvesse chegado, com os botecos e bares de Junction City à espera, Dave Sujeira estava ali, e sóbrio. De fato, estava sentado no alpendre, com dois outros alcoólatras desempregados. Ocupavam-se em preparar posters com grandes retângulos de cartolina branca, nisto tendo graus variáveis de êxito. O sujeito sentado no chão, no canto mais distante do alpendre, segurava o punho direito com a mão esquerda, empenhado em diminuir uma grave tremedeira. O que estava no meio, enquanto trabalhava nos cartazes, tinha a língua pendurada no canto da boca, parecia uma criança em um jardim de infância muito antigo, tentando esforçar-se ao máximo para desenhar a árvore que lhe daria uma estrela dourada para mostrar a mamãe. Dave Sujeira, sentado em uma desconjuntada cadeira de balanço perto dos degraus do alpendre, era o que visivelmente estava melhor sentado, embora todos os três parecessem exauridos, gastos e mutilados.

— Olá, Dave — disse Sam, subindo os degraus.

Dave ergueu os olhos, apertou-os e depois esboçou um sorriso. Todos os dentes que lhe restavam ficavam na frente. O sorriso exibia os cinco sobreviventes.

— Sr. Peebles?

— Em pessoa — disse Sam. — Como tem passado, Dave?

— Em pessoa — disse Sam. — Como tem passado, Dave?

— Oh, munto bem, eu acho. Munto bem. — Ele olhou em torno. — Ei, vocês aí!

Digam olá para o Sr. Peebles! Ele é um advogado!

O sujeito com a ponta da língua pendurada ergueu o rosto, assentiu brevemente e retornou ao seu pôster. Um comprido fio catarrento escorria de sua narina esquerda.

— Em verdade — disse Sam —, meu negócio é o ramo dos imóveis, Dave. Imóveis e segur...

— Você trouxe meus cigarros? — perguntou abruptamente o homem da tremedeira.

Ele nem ao menos ergueu os olhos, mas aumentou as rugas de concentração na testa. De onde estava, Sam podia ver o pôster que ele fazia; estava coberto de compridos rabiscos alaranjados, com uma vaga semelhança de palavras.

— Como disse? — perguntou Sam.

— Esse é Lukey — disse Dave, em voz baixa. — Não tá em um de seus melhores dias, Sr. Peebles.

— Trouxe meus cigarros, trouxe meus cigarros, trouxe meus malditos cigarros? —

cantarolou Lukey, sem olhar para cima.

— Bem, sinto muito e... — começou Sam.

— Ele não vai ter nenhum cigarro! — bradou Dave Sujeira. — Cale essa boca e termine seu pôster, Lukey! Sarah quer eles prontos às seis horas! Vai vir aqui especialmente pra ver eles!

— Eu quero um fodido cigarro — disse Lukey, em voz grave e intensa. — Se não, vou comer cocô de ratos!

— Não ligue para ele, Sr. Peebles — disse Dave. — O que deseja?

— Bem, eu apenas queria saber se você achou dois livros quando foi apanhar os

jornais na última quinta-feira. Não sei por onde andam e achei que deveria perguntar a você. Preciso devolvê-los à Biblioteca.

— Você tem uma moeda de vinte e cinco centavos? — perguntou repentinamente o homem com a ponta da língua para fora. — Qual é a palavra? Thunderbird!'

Sam levou automaticamente a mão ao bolso. Dave estendeu a mão e lhe tocou o pulso, quase em ar de desculpas.

— Não lhe dê dinheiro nenhum, Sr. Peebles — disse. — Esse é Rudolph. Ele não precisa de nenhuma Thunderbird. Ele e a “Bird” deixaram de se dar bem. Ele agora só precisa de uma noite de sono.

— Sinto muito — disse Sam. — Estou desprevenido, Rudolph.

— Ahn, você e todo o mundo — disse Rudolph. Retornando a seu pôster, ele murmurou: — Qual é o preço? Cerveja choca!

— Não vi livro nenhum — disse Dave Sujeira. — Sinto muito. Só peguei os jornais, como de costume. A dona V. tava lá, ela pode confirmar. Não fiz nada errado.

Seus olhos remelentos e infelizes, no entanto, diziam não esperar que Sam acreditasse em suas palavras. Ao contrário de Mary, Dave Duncan Sujeira não vivia em um mundo onde a fatalidade jazia logo adiante, na rua, ou depois da esquina; o seu mundo circundava-o. E Dave vivia nele com a pouca dignidade que conseguia manter.

— Acredito em você — disse Sam, pousando a mão no ombro dele.

— Eu apenas despejei sua caixa de jornais em uma de minhas sacolas, como sempre — disse Dave.

— Se eu tivesse mil cigarros, comia eles todos — disse Lukey subitamente. — Eu comia eles todos agorirtha! Que rango! Que rango! Que rango-go!

— Acredito em você — repetiu Sam, com um tapinha no ombro terrivelmente ossudo de Dave.

Viu-se pedindo que Deus o ajudasse, caso Dave tivesse pulgas. Uma ponta do

Viu-se pedindo que Deus o ajudasse, caso Dave tivesse pulgas. Uma ponta do nada caridoso pensamento tocou outra: perguntou-se se algum dos outro rotarianos, homem em perfeitas condições de saúde, entre os quais tanto sucesso fizera uma semana atrás, tinham vindo ultimamente àquele fim da cidade. Perguntou-se se, pelo menos, sabiam sobre a Rua do Ângulo. Perguntou-se, ainda, se Spencer Michael Free pensara em homens como Lukey, Rudolph e Dave Sujeira ao escrever que mais valia neste mundo o calor humano — o toque da minha e da sua mão. Sentiu-se invadir por um onda súbita de vergonha, ao recordar seu discurso tão cheio de incentivo e aprovação pelos prazeres simples da vida em uma cidade pequena.

— Tá bem — disse Dave. — Então, posso voltar no mês que vem?

— Claro! Leva todos os jornais para o Centro de Reciclagem, não?

— Hum-hum. — Dave apontou com um dedo rematado por uma unha amarelada e desigual. — Fica pra lá, mas eles tão fechados.

Sam assentiu.

— O que está fazendo? — perguntou.

— Ahn... só passando o tempo — disse Dave, virando o pôster para que Sam pudesse examiná-lo.

Mostrava uma mulher sorridente exibindo uma bandeja com frango frito, e a primeira ideia de Sam foi de ser aquele um bom trabalho — realmente bom. Beberrão ou não, Dave Sujeira possuía um talento natural. Acima da ilustração, havia os dizeres, perfeitamente impressos:

JANTAR DE FRANGO NA 1a IGREJA METODISTA

EM BENEFÍCIO DO ABRIGO DA “RUA DO ANJO"

DOMINGO, 15 DE ABRIL

DAS 18 ÀS 20 HORAS

VENHA UM, VENHAM TODOS

— Vai ser antes da reunião dos A.A. — disse Dave, mas a gente não pode botar

nada no pôster sobre os A.A. Porque é uma espécie de segredo.

— Eu sei — disse Sam. Fez uma pausa, depois perguntou: — E você vai aos A.A.?

Não precisa responder, se não quiser. Em verdade, isto não é da minha conta.

— Eu vou — disse Dave — , mas é dureza, Sr. Peebles. Recebo mais fichas brancas do que as pílulas pro fígado fabricadas pelo Carter. Fico bom um mês, às vezes dois, e uma vez fiquei sóbrio quase um ano todo, mas é dureza. — Ele meneou a cabeça.

— Eles dizem que certas pessoas nunca seguem o programa. Devo ser uma delas... mas continuo tentando.

Os olhos de Sam foram atraídos para a mulher com a bandeja de frango. O retrato era demasiado detalhado para ser um desenho ou croquis, porém tampouco era uma pintura. Estava claro que Dave Sujeira o executara com pressa, porém havia captado uma gentileza nos olhos e um leve toque de humor na boca, como um último raio de sol ao terminar o dia. O mais curioso era que a mulher lhe parecia familiar.

— É o desenho de uma pessoa real? — perguntou a Dave.

O sorriso de Dave ampliou-se e ele assentiu.

— Essa aí é a Sarah. Ela é uma grande moça, Sr. Peebles. Se não fosse ela, este lugar já estaria fechado faz cinco anos. Ela acha gente que dá dinheiro, justo quando parece que os impostos são altos demais ou que a gente não vai conseguir dar um jeito no lugar o bastante para satisfazer os inspetores de edifícios, quando eles vêm cá. Nós demos o nome de Sarah pra este lugar. Só que Tommy St. John escreveu parte dele errado quando fez o indicador, mas ele tinha boa intenção. — Dave Sujeira ficou calado um momento, contemplando seu pôster. Sem erguer os olhos, acrescentou: Tommy agora tá morto, claro. Morreu neste último inverno. Seu fígado estourou.

— Oh — disse Sam, acrescentando meio sem jeito: — Sinto muito.

— Não é preciso. Ele está melhor fora deste mundo.

— Rango-go! — exclamou Lukey, levantando-se. — Rango-go!

Trouxe seu pôster para Dave. Abaixo das garatujas alaranjadas, ele desenhara uma mulher-monstro, cujas pernas terminavam em barbatanas de tubarão, o que Dave imaginou serem os sapatos. Em uma das mãos ela equilibrava um prato disforme, que parecia cheio de serpentes azuis. Na outra, segurava um cilíndrico objeto marrom.

Dave pegou o pôster com Lukey e o examinou.

— Está um ótim o trabalho, Lukey.

Os lábios de Lukey distenderam-se em um sorriso alegre. Ele apontou para a coisa marrom.

— Veja, Dave! Ela arranjou pra ela um danado de charuto!

— Estou vendo. Muito bom mesmo. Vá lá pra dentro e ligue a televisão, se quiser.

Já vai começar Jornada nas Estrelas. Como tá se saindo, Dolph?

— Eu desenho melhor quando tou chumbado — disse Rudolph, e passou seu pôster para Dave. Nele havia uma pena gigantesca de galinha, com homens e mulheres empinados em torno, espiando para ela. — É um tipo de fantasia — acrescentou Rudolph para Sam, com certa truculência.

— Eu gostei — disse Sam.

E gostara mesmo. O pôster de Rudolph recordava-lhe um cartum da New Yorker, um daqueles que às vezes não entendia por serem tão surrealistas.

— Ainda bem. — Rudolph estudou-o detidamente. — Tem certeza de que não tem uma moeda de vinte e cinco?

— Sim. Não tenho — respondeu Sam.

Rudolph assentiu.

— De um derto modo, até é bom — disse ele —, mas de outro, é mesmo uma bosta!

Rudolph seguiu Lukey para o interior, e logo o tema de Jornada nas Estrelas chegava ao alpendre, através da porta aberta. William Shatner disse para os beberrões e ressacados da Rua do Ângulo que a missão deles era irem audaciosamente onde homem nenhum havia ido antes. Sam adivinhou que vários membros dos telespectadores já estavam lá dentro.

— Ninguém vem muito aos jantares, fora nós daqui e alguns dos A.A. da cidade — disse Dave —, mas isto dá alguma coisa pra gente fazer. Lukey praticamente não fala mais, a menos quando tá desenhando.

— Você é incrivelmente bom — disse-lhe Sam. — Falo sério, Dave. Por que não...

Ele parou subitamente de falar.

— Por que não o que, Sr. Peebles? — perguntou Dave suavemente. — Por que não uso minha mão direita para ganhar alguma grana? É pelo mesmo motivo de eu não arranjar pra mim um serviço regular. Meu dia chegou muito tarde.

Sam ficou sem saber o que dizer.

— No entanto, eu tive a minha chance. Sabia que fui pra Escola Lorillard, em Des Moines, com bolsa de estudos integral? A melhor escola de arte do Meio-Oeste. Levei pau no primeiro semestre. Bebedeira. Não importa mais. Quer entrar e beber uma xícara de café, Sr. Peebles? Por que não espera um pouco? Podia conhecer Sarah.

— Não, não. É melhor eu ir embora. Tenho algo para fazer.

E realmente tinha.

— Tudo bem. Não está aborrecido comigo?

— De maneira nenhuma!

Dave levantou-se.

— Então, acho que vou lá pra dentro — disse. — Tava um lindo dia, mas tá ficando frio agora. Tenha uma boa noite, Sr. Peebles.

— Obrigado — disse Sam.

Entretanto, tinha dúvidas quanto àquela noite de sábado ser boa. Para isto, contudo, sua mãe tinha outro ditado: a maneira de tirar proveito do remédio amargo é engoli-lo o mais depressa que puder. Era o que ele pretendia fazer.

Tornou a descer os degraus da rua do Ângulo, e Dave Duncan Sujeira entrou na casa.

2

Sam refizera quase todo o trajeto de volta a seu carro quando fez meia-volta e tomou a direção do Centro de Reciclagem. Caminhou lentamente pelo piso acimentado e salpicado de ervas daninhas, espiando o novo e comprido trem de carga desaparecer na direção de Camden e Omaha. As lâmpadas vermelhas sobre o vagão-alojamento do trem piscavam como estrelas moribundas. Por algum motivo, os trens cargueiros sempre o faziam sentir-se solitário, e agora, em seguida à conversa com Dave Sujeira, sentia-se mais solitário do que nunca. Nas raras ocasiões em que o vira, quando ele recolhia seus jornais velhos, parecera um homem alegre, quase apalhaçado. Esta noite, Sam julgava ter visto o que havia debaixo da pintura no rosto dele, e o que vira o deixara infeliz e impotente. Dave era um homem perdido, calmo, porém inteiramente perdido, usando o que era visivelmente uma boa dose de talento na confecção de posters para um jantar de igreja.

Quem se aproximava do Centro de Reciclagem, passava por entre zonas de restos — primeiro, os amarelados suplementos de anúncios que tinham escapado de antigos exemplares da Gazette, depois os dilacerados sacos de plástico com lixo, e finalmente um cinturão de asteroides, formado por garrafas quebradas e latas amassadas.

As persianas do pequeno prédio de sarrafos estavam arriadas. O aviso pendurado à porta, dizia simplesmente,

FECHADO.

Sam acendeu um cigarro e iniciou a caminhada de volta ao carro.

Tinha dado apenas uma meia dúzia de passos quando viu algo familiar jazendo no chão. Apanhou-o. Era a sobrecapa de Os mais queridos poemas do povo americano. Carimbadas através dela, estavam as palavras

PROPRIEDADE DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE JUNCTION CITY.

Então, ele agora tinha certeza. Deixara os livros em cima dos jornais, na caixa Johnnie Walker, lá os esquecendo. E, em cima dos livros, fora colocando outros jornais — de terça, quarta e quinta-feira. Então, Dave Sujeira aparecera no fim da manhã de quinta-feira e despejara todo o conteúdo da caixa em seu saco

plástico de coleta. O saco fora para sua carroça, a carroça viera até aqui, e isto era tudo o que restara — uma sobrecapa, tatuada com um carimbo agora sujo de terra.

Sam deixou a sobrecapa escapar de seus dedos e caminhou lentamente de volta ao carro. Tinha algo a fazer e tudo indicava que seria feito à hora do jantar.

Parecia que ia ter que comer frango.

SEIS

A Biblioteca (II)

1

A meio caminho para a biblioteca, ocorreu-lhe uma ideia subitamente — era tão óbvia que mal podia acreditar não ter pensado nisso ainda. Havia perdido dois livros de biblioteca; acabara de descobrir que haviam sido destruídos; teria que pagar por eles.

E isso era tudo.

Refletiu que Ardelia Lortz fora mais bem sucedida em levá-lo a raciocinar como um aluno do quarto grau do que ele percebera. Quando um menino perdia um livro, isto era o fim do mundo; impotente, ele se agachava debaixo da sombra da burocracia e ficava esperando a chegada do Policial da Biblioteca. Entretanto, não havia nenhum Policial da Biblioteca e, como adulto, Sam estava perfeitamente a par disto.

Havia somente os servidores da cidade, como a Srta. Lortz, que volta e meia tinham idéias exageradas a respeito do próprio lugar no esquema das coisas, e os contribuintes, como ele, que volta e meia esqueciam-se de serem o cão que abanava a cauda — em vez do contrário.

Vou entrar lá, pedir desculpas e depois sugerir a ela que me remeta uma conta, pela substituição dos exemplares perdidos, pensou Sam. E isto é tudo. Ponto final!

Era algo tão simples que chegava a ser surpreendente.

Ainda um tanto nervoso e um tanto constrangido (porém muito mais no controle de sua tempestade em copo d'água), Sam estacionou no outro lado da rua, diante da Biblioteca. As lâmpadas de carruagem que flanqueavam a entrada principal estavam acesas, espargindo uma suave luminosidade branca sobre os degraus e pela fachada de granito do prédio. O anoitecer emprestava à edificação uma suavidade e um ar acolhedor que haviam decididamente faltado em sua primeira visita — ou talvez fosse apenas porque a primavera já se anunciava com firmeza, algo que não acontecera naquele dia sombrio de março, quando travara conhecimento com o dragão residente. A face proibitiva do robô de pedra

conhecimento com o dragão-residente. A face proibitiva de robô de pedra desapareceu. Aquela era, novamente, a biblioteca pública.

Sam ia descendo do carro quando estacou de repente. Fora-lhe proporcionada uma revelação; agora, de súbito, recebia outra.

Surgiu-lhe à mente o rosto da mulher no pôster de Dave Sujeira, a mulher com a bandeja de frango frito. Aquela a quem Dave dera o nome de Sarah. Sam a achara familiar e, de repente algum obscuro circuito desencadeava-se em seu cérebro ele ficou sabendo por quê.

O retrato era de Naomi Higgins.

2

Na escada, Sam passou por dois garotos com blusões do Ginásio de Junction City, alcançando a porta antes que ela se fechasse de todo. Entrou no saguão. A primeira coisa que o atingiu foi o som. O salão de leitura, além dos degraus de mármore, de maneira alguma estava barulhento, mas tampouco era a uniforme caverna de silêncio que o acolhera ao meio-dia da sexta-feira, pouco mais de uma semana antes.

Bem, estamos no anoitecer de sábado, pensou ele. A garotada está aqui, talvez estudando para as provas de metade do período letivo.

Não obstante, Ardelia Lortz permitiria aqueles murmúrios, embora amortecidos como estavam? A resposta parecia afirmativa, a julgar pelo som, mas certamente não o era em caráter.

A segunda coisa tinha a ver com aquela única e muda advertência que fora afixada ao cavalete

SILÊNCIO!

havia desaparecido. Em seu lugar, havia um retrato de Thomas Jefferson. Abaixo, ele leu esta citação:

“Eu não posso viver sem livros. ”

— Thomas Jefferson (em uma carta a John Adams) 10 de junho de 1815

Sam estudou aquilo por um momento, refletindo no quanto modificava todo o sabor na boca de alguém preparando-se para entrar na biblioteca.

SILÊNCIO!

Sugeria sentimentos de trepidação e inquietude (e se o estômago de alguém estivesse roncando, por exemplo, ou se alguém pressentisse que poderia ser iminente um ataque de flatulência, não necessariamente silencioso?).

“Eu não posso viver sem livros”,

por outro lado, induzia sentimentos de prazer e expectativa, deixava a pessoa

sentindo-se como se sentem homens e mulheres famintos quando finalmente chega a comida.

Refletindo com perplexidade sobre o quanto um detalhe tão pequeno conseguia produzir tal essencial diferença, Sam entrou na Biblioteca... e estacou de súbito, como que petrificado.

O salão principal estava muito mais claro do que por ocasião de sua primeira visita, porém essa era apenas uma das mudanças. As escadas estendendo-se até as penumbrosas extremidades das prateleiras superiores haviam desaparecido. Ali não teriam necessidade, porque o teto ficava agora somente a uns três metros acima do piso, em vez de a trinta ou quarenta. Quem quisesse apanhar um livro das prateleiras mais altas precisava apenas subir a uma das banquetas espalhadas no local. As revistas estavam dispostas em convidativos leques sobre uma mesa ampla, perto da secretária de circulação. A estante de carvalho, da qual elas haviam pendido como peles curtidas de animais, tinha desaparecido. E, com ela, o aviso dizendo RECOLOQUE TODAS AS REVISTAS EM SEUS DEVIDOS LUGARES!

A estante dos romances recém-publicados continuava lá, mas o aviso informando que podiam ser ALUGADOS POR 7 DIAS, fora substituído por outro, dizendo:

LEIA UM BEST SELLER — APENAS POR DIVERTIMENTO!

As pessoas — jovens, em sua maioria — iam e vinham, falando em tons baixos.

Alguém deu uma risadinha sufocada. Era um som natural, descontraído.

Sam olhou para o teto, procurando desesperadamente compreender o que, diabo, acontecera ali. As clarabóias inclinadas tinham sumido. As partes superiores do salão haviam sido dissimuladas por um moderno teto suspenso. Os antiquados globos pendentes, tinham dado lugar a luzes fluorescentes apaineladas e afixadas ao novo teto.

Uma mulher a caminho da secretária principal, levando um punhado de romances de mistério, seguiu o olhar de Sam para o teto, nada viu de incomum lá no alto, e então olhou curiosamente para ele. Um dos rapazolas sentado à comprida mesa, à direita de onde ficavam as revistas, cutucou os companheiros e apontou para Sam. Um outro deu tapinhas na têmpora e todos ficaram dando

risadinhas contidas.

Sam não percebeu os olhares nem os risos. Nem reparou que estava simplesmente parado à entrada do grande salão de leitura, de olhos fixos no teto e a boca aberta. Ele ainda tentava digerir mentalmente o que via.

Bem, eles colocaram um teto suspenso depois que você esteve aqui. O que tem isso de mais? Talvez aqueça com mais eficiência.

Certo, mas a tal Lortz não disse uma palavra sobre mudanças...

Ora, por que ela lhe diria alguma coisa? Afinal ele nem era um frequentador habitual, certo?

Ainda assim , ela deveria estar perturbada. Pareceu-me uma ferrenha tradicionalista. Não iria gostar disto. De maneira nenhuma!

Era verdade, porém havia algo mais, algo ainda mais preocupante. Colocar um teto suspenso era uma grande reforma. Sam não via como pudera ser concluída em apenas uma semana. E o que dizer das prateleiras altas, de todos os livros que as ocupavam? Para onde tinham ido as prateleiras? E para onde tinham ido os livros!

Outras pessoas também olhavam agora para ele; até um dos assistentes da biblioteca o encarava, parado no outro lado do balcão de circulação. A maioria das falas sussurradas no grande recinto emudecera.

Sam esfregou os olhos — esfregou-os realmente — e fitou o teto suspenso novamente, com suas quadradas luzes fluorescentes incrustadas. Tudo continuava lá, no mesmo lugar.

Entrei na biblioteca errada! pensou confusamente. Foi isto!

Sua mente perplexa primeiro aferrou-se a tal ideia, depois repeliu-a, como um gatinho enganado ao brincar com uma sombra. Pelos padrões do lowa central, Junction City era uma cidade razoavelmente grande, com uma população aproximada de trinta e cinco mil habitantes, mas era ridículo imaginar que poderia sustentar duas bibliotecas. Por outro lado, a localização do prédio e a configuração do salão estavam corretas... o resto, sim, é que estava errado.

Por um breve momento, Sam perguntou-se se poderia estar demente, mas

Por um breve momento, Sam perguntou-se se poderia estar demente, mas rejeitou o pensamento em seguida. Olhando em torno, pela primeira vez notou que todos haviam parado o que faziam. Porque todos estavam olhando para ele. Sentiu uma louca e momentânea vontade de dizer, “Continuem com o que estavam fazendo — eu apenas tinha reparado que a biblioteca inteira ficou diferente esta semana.’’ Em vez disto, aproximou-se da mesa das revistas e pegou um exemplar da U.S. News & World Report. Começou a folheá-la mostrando um grande interesse, e pelo canto dos olhos percebeu que todos ali dentro retomavam a seus afazeres.

Quando achou que poderia mover-se sem despertar uma atenção indevida, recolocou a revista na mesa e encaminhou-se para a Biblioteca Infantil. Sentia-se mais ou menos como um espião trilhando território inimigo. O aviso acima da porta era exatamente o mesmo: letras douradas sobre cálido carvalho escuro, mas o pôster era diferente. Chapeuzinho Vermelho, no momento de sua terrível descoberta, tinha sido substituída pelos sobrinhos do Pato Donald, Huguinho, Zezinho e Luizinho. Eles usavam calções de banho e mergulhavam em uma piscina cheia de livros. Mais abaixo, a legenda dizia:

MERGULHE TAMBÉM! A LEITURA ESTÁ ÓTIMA!

— O que estará acontecendo por aqui? — murmurou Sam.

Seu coração começara a bater demasiadamente rápido; ele podia sentir uma fina camada de suor brotando em seus braços e costas. Se houvesse sido apenas a troca do pôster, poderia ter presumido que La Lortz fora demitida... mas não era apenas o pôster. Era tudo.

Ele abriu a porta da Biblioteca Infantil e deu uma espiada no interior. Viu o mesmo agradável pequeno mundo, com suas mesas e cadeiras baixas, as mesmas cortinas azul-vivo, o mesmo bebedouro afixado à parede. Só que agora o teto suspenso daqui se combinava ao teto supenso do salão de leitura principal, e todos os posters tinham sido trocados. A criança que gritava no sedã negro (Zé Bocó eles o chamam de Zé Bocó imagino que porque sintam raiva dele acho que isso é muito saudável, não acha) não estava mais ali e também desaparecera o Policial da Biblioteca, com sua capa e sua curiosa estrela de muitas pontas. Sam recuou, deu meia-volta e caminhou lentamente para o balcão principal de circulação. Tinha a impressão de que seu corpo inteiro se tomara de vidro.

Dois assistentes de biblioteca — um rapazinho e uma garota em idade universitária — observaram sua aproximação. A perturbação de Sam não era

universitária — observaram sua aproximação. A perturbação de Sam não era tanta que o impedisse de notar a expressão algo nervosa dos dois.

Seja cauteloso. Não... seja NORMAL. Eles já devem estar pensando que você é meio biruta.

De repente, Sam pensou em Lukey e quase se sentiu dominado por um terrível impulso destrutivo. Podia ver-se abrindo a boca e gritando para aqueles dois nervosos jovens, exigindo a plenos pulmões que lhe dessem um punhado de cigarros, porque isso era rango, isso era rango, isso era rango-go!

Em vez disto, sua voz foi baixa e calma.

— Talvez pudessem ajudar-me. Preciso falar com a bibliotecária.

— Poxa, sinto muito — disse a jovem. — O Sr. Price não vem nas noites de sábado.

Sam olhou para a secretária. Como em sua viagem anterior à biblioteca, ali havia uma pequena placa com um nome, postada junto ao gravador de microfilmes, porém não anunciava mais

A. LORTZ.

Agora, em vez disto, dizia

SR. PRICE.

Em sua mente, ele ouviu Naomi dizer, Um homem alto? Com cerca de cinquenta anos?

— Não — disse ele. — Não é com o Sr. Price que quero falar. Nem com o Sr. Peckham. Eu me refiro à bibliotecária. Ardelia Lortz.

Os dois jovens entreolharam-se, perplexos.

— Aqui não trabalha ninguém com o nome de Ardelia Lord — disse o rapazinho. — O senhor deve estar pensando em alguma outra biblioteca.

— O sobrenome não é Lord — disse Sam. Sua voz parecia estar vindo de nuiito longe. — Lortz.

— Não — disse a jovem. — Deve estar mesmo enganado, senhor.

Os dois começavam a parecer preocupados novamente e Sam, embora tivesse vontade de insistir, de dizer a eles que, claro, Ardelia Lortz trabalhava ali, pois falara com ela somente oito dias atrás, procurou conter-se. De certo modo, tudo isto fazia perfeito sentido, não? O sentido era perfeito, dentro de uma estrutura de total demência. sem dúvida, porem não alterava o fato de que a lógica interior permanecia inlata.

Como os posters, as clarabóias e a estante de revistas, Ardelia Lortz simplesmente deixara de existir.

Naomi tornou a falar dentro de sua cabeça. Oh? A Srta. Lortz, hein? Deve ter sido bem divertido.

— Naomi reconheceu o nome — murmurou ele.

Agora os assistentes da biblioteca o fitavam com idênticas expressões de consternação.

— Perdoem-me — disse Sam, forçando um sorriso, o qual ficou meio torcido em seu rosto. — Estou atravessando um daqueles dias...

— Imagino — disse o rapaz.

— Sem dúvida — replicou a jovem.

Os dois pensam que estou maluco, pensou Sam, e querem saber de uma coisa?

Não os censuro nem um pouquinho!

— Deseja mais alguma coisa? — perguntou o rapaz.

Sam abriu a boca para dizer não — após o que poderia dar o fora em apressada retirada —, mas mudou de ideia. Afinal, perdido por um, perdido por mil, não?

— Há quanto tempo o Sr. Price tem sido o bibliotecário-chefe?

Os dois jovens entreolharam-se novamente. A mocinha deu de ombros.

— Desde que estamos aqui — disse ela —, porém isso não faz muito tempo,

Sr....

— Peebles — disse Sam, oferecendo-lhe a mão. — Sam Peebles. Sinto muito. Meus modos parecem ter-se evaporado... acompanhando o resto de minha mente.

Os dois relaxaram um pouco — era algo indefinível, porém existia, o que contribuiu para que Sam também relaxasse. Perturbado ou não, ele conseguira pelo menos recuperar parte de sua forte aptidão para deixar os outros à vontade. Um vendedor de imóveis e seguros que não pudesse fazer isso era um sujeito que deveria estar procurando nova linha de trabalho.

— Eu sou Cynthia Berrigan — disse ela, apertando-lhe a mão com certo constrangimento. — Este é Tom Stanford.

— É um prazer conhecê-lo — disse Tom Stanford.

O rapaz não parecia inteiramente seguro de si, mas também apertou rapidamente a mão de Sam.

— Com licença? — interveio a mulher dos romances de mistério. — Será que alguém poderia ajudar-me? Estou atrasada para meu jogo de bridge.

— Deixe comigo — falou Tom para Cyntia, e caminhou para o balcão de atendimento a fim de dar saída aos livros para a mulher.

Cynthia se virou para Sam:

— Eu e Tom cursamos o Chapelton Junior College, Sr. Peebles. Fazemos este trabalho como especialização dos estudos. Estou aqui há três semestres — fui contratada pelo Sr. Price na primavera passada. Tom chegou durante o verão.

— O Sr. Price é o único funcionário em tempo integral?

— Exato. — Ela possuía encantadores olhos castanhos, nos quais Sam agora via um toque de inquietação. — Há algo errado?

— Não sei... — Sam tornou a erguer os olhos, era algo que sentia dificuldade em controlar. — O teto suspenso já existia, quando veio trabalhar aqui?

Cynthia acompanhou-lhe o olhar.

— Bem — respondeu — , eu ignorava como se chamava, mas é verdade, já existia quando cheguei.

— Eu imaginava que houvesse clarabóias.

Ela sorriu.

— Oh, é claro que há! A gente consegue vê-las pelo lado de fora, dando-se a volta pela lateral do prédio. Naturalmente, também é possível vê-las das prateleiras mais altas de livros, porém agora ficaram atrás das tábuas. Eu me refiro às clarabóias. Penso que isso já faz anos.

Já faz anos.

— E você nunca ouviu falar em Ardelia Lortz?

Ela negou com a cabeça.

— Nunca. Sinto muito.

— E o que me diz do Policial da Biblioteca? — perguntou ele, impulsivamente.

Cynthia riu.

— Uma tia velha que tenho falava nele. Costumava dizer-me que o Policial da Biblioteca iria atrás de mim, se eu não devolvesse os livros apanhados dentro do prazo previsto. Bem, isso foi lá em Providence, Rhode Island, quando eu era garotinha. Foi há muito tempo atrás.

Certo, pensou Sam. Muito tempo... Uns dez, doze anos atrás. Quando ainda havia dinossauros na terra.

Bem — disse ele —, fico-lhe grato pela informação. Não pretendia dar-lhe uma impressão errada a meu respeito.

— E não deu, em absoluto, senhor.

— Creio que sim, um pouco, pelo menos. Fiquei um tanto confuso por alguns momentos.

— Quem é Ardelia Lortz? — perguntou Tom Stanford, voltando. — O nome não me parece estranho, mas raios me partam se consigo localizá-lo!

— Para ser sincero, eu também não sei — respondeu Sam.

— Bem, amanhã estaremos fechados, mas o Sr. Price estará aqui durante a tarde e o anoitecer da segunda-feira — informou Tom. — Talvez ele possa esclarecer suas dúvidas.

Sam assentiu.

— Acho que virei procurá-lo. Até lá, obrigado novamente.

— Estamos aqui para ajudar no que pudermos — disse Tom. — Eu só desejaria que pudéssemos ajudá-lo um pouco mais, Sr. Peebles.

— Eu também — replicou Sam.

4

Sam estava perfeitamente bem até chegar ao carro, mas então, ao abrir a porta do lado do motorista, todos os músculos em seu ventre e pernas pareceram desaparecer. Precisou amparar-se com uma das mãos no teto do carro a fim de não cair enquanto abria a porta. Não chegou a entrar; simplesmente arriou atrás do volante e então ficou sentado ali, respirando fundo e, com certo alarme, perguntando-se se iria desmaiar.

O que está acontecendo por aqui? Sinto-me como um personagem daquele antigo programa de Rod Serling. "Submetido ao seu exame, um certo Samuel Peebles, ex-residente em Junction City, agora vendendo imóveis e seguros de vida na zona... Além da Imaginação. "

Sim, era exatamente o que parecia. Algo mais ou menos divertido era ver as pessoas enfrentando acontecimentos inexplicáveis em programas de televisão. Sam descobria que o inexplicável perdia muito de seu encanto quando a gente é que tinha de enfrentá-lo.

Através da rua, olhou para a Biblioteca, onde pessoas iam e vinham, passando abaixo da claridade suave das lâmpadas de carruagem. A velha senhora das novelas de mistério agora descia a rua, presumivelmente a caminho de seu jogo de bridge.

Duas jovens desciam os degraus, conversando e rindo, os livros apertados contra os seios que desabrochavam. Tudo parecia perfeitamente normal... e, naturalmente, era normal. A Biblioteca anormal tinha sido aquela na qual entrara uma semana atrás.

Sam deduziu que tinha sido atingindo mais duramente por aquelas singularidades, unicamente porque ficara tão concentrado naquele seu maldito discurso.

Não pense mais nisso, instruiu-se, embora receando ser esta uma daquelas vezes em que sua mente simplesmente se recusava a aceitar instruções. Faça como Scarlett O'Hara e pense nisso amanhã. Depois que o sol nascer, tudo isto parecerá fazer muito mais sentido.

Deu partida ao carro e pensou nisso durante todo o trajeto para casa.

SETE

Terrores Noturnos

1

A primeira coisa que Sam fez ao entrar em casa foi verificar a secretária eletrônica. Seu coração falhou uma batida quando viu acesa a lâmpada RECADO AGUARDANDO.

Deve ser ela. Não sei quem é ela em realidade, mas começo apensar que não ficará satisfeita enquanto não me deixar inteiramente doido.

Pois então, não ouça o recado, falou outra parte de sua mente, e Sam agora estava tão confuso que não saberia dizer se a ideia era ou não razoável. Parecia razoável, mas também um pouco covarde. De fato...

Percebeu que estava ali parado e suando, roendo as unhas. De repente, soltou um grunhido — um ruído suave, exasperante.

Do quarto grau para o hospício, pensou. Bem, maldito seja eu se a coisa tiver que funcionar assim, queridinha!

Apertou o botão.

— Olá! — exclamou a voz de um homem, empedernida pelo uísque. — Aqui é Joseph Randowski, Sr. Peebles. Meu nome artístico é O Assombroso Joe. Estou telefonando para agradecer-lhe por substituir-me naquela reunião dos Kiwanis ou sei lá qual. Queria dizer-lhe que me sinto muito melhor — o pescoço ficou apenas distendido, não houve fratura, como pensaram a princípio. Estou lhe enviando um punhado de entradas grátis para o espetáculo. Distribua-as entre seus amigos.

Cuide-se bem, Sr. Peebles. Obrigado novamente. Tchau!

A gravação parou. A lâmpada TERMINADOS TODOS OS RECADOS, acendeu-se.

Sam irritou-se com seu nervosismo — se Ardelia Lortz queria deixá-lo sobressaltado com sombras, estava conseguindo precisamente o que desejava.

Apertou o botão que fazia a fita recuar, e um novo pensamento ocorreu-lhe. Retornar a fita que gravava suas mensagens era um hábito nele, mas isto significava que os recados anteriores desapareciam sob os novos. A mensagem do Assombroso Joe apagaria a anterior, de Ardelia. Sua única prova da existência daquela mulher desaparecera.

Ora, não era bem assim, certo? Havia seu cartão da biblioteca. Ele se postara diante do maldito balcão e a vira assinar o nome, em letras grandes e floreadas.

Sam pegou a carteira de notas e vasculhou-a três vezes, antes de admitir para si mesmo que o cartão também desaparecera. Pensou saber por quê. Recordou vagamente que o enfiara no bolso interno do livro Os mais queridos poemas do povo americano.

Como medida de segurança.

A fim de não perdê-lo.

Grande! Simplesmente formidável!

Sentando-se no sofá, Sam pôs a testa na mão. Sua cabeça começava a doer.

2

Quinze minutos mais tarde, ele aquecia uma lata de sopa no forno, esperando que um pouco de alimento quente viesse melhorar sua cabeça, quando voltou a pensar em Naomi — Naomi, tão parecida com a mulher no poster de Dave Sujeira. A questão de se ela estaria ou não levando uma vida secreta de algum tipo, sob o nome de Sarah, estava atrelada a algo que parecia muito mais importante, pelo menos no momento presente: Naomi sabia quem era Ardelia Lortz. Sua reação a este nome, contudo...

fora um tanto estranha, não? Ela havia ficado um ou dois momentos sobressaltada, começara a transformara coisa em piada, mas então o telefone tinha tocado: era Burt Iverson, e...

Sam procurou recordar a conversa, porém irritou-se ao ver quão pouco se lembrava. Naomi havia dito que Ardelia era peculiar, claro. Sam estava certo quanto a isso, porém bem pouco mais. No momento, não lhe parecera importante. Então, o principal era que sua carreira parecia ter dado um salto gigantesco para diante. Isso continuava sendo importante, porém esta outra coisa parecia minimizá-lo. De fato, parecia minimizar tudo. A mente de Sam ficou retornando àquele absurdo teto suspenso e às estantes baixas de livros. Não se considerava louco, em absoluto, porém começava a achar que, caso não se livrasse logo desta coisa, poderia ficar.

Era como se houvesse descoberto um buraco no meio da cabeça, tão profundo que se poderia atirar coisas dentro dele e não ouvir qualquer chapinhar na outra extremidade, pouco importando quão grandes fossem as coisas atiradas ou quanto tempo se ficasse esperando, com o ouvido bandeado na direção do som. Imaginou que tal sensação passasse — talvez — , mas, nesse meio tempo, era algo terrível.

Girou o botão do forno para BAIXO, foi ao estúdio e encontrou o número do telefone de Naomi. Ouviu-o tocar três vezes, e então uma voz trêmula, idosa, respondeu:

— Quem fala, por favor?

Sam reconheceu a voz imediatamente, embora não tivesse visto a pessoa que falava durante quase dois anos. Era a alquebrada mãe de Naomi.

— Olá, Sra. Higgins — disse. — Aqui é Sam Peebles.

Ficou calado, esperando que ela dissesse, Oh, olá, Sam ou talvez Como vai?

porém ouviu apenas a respiração penosa, enfisemática, da Sra. Higgins. Sam nunca tinha sido um dos prediletos daquela mulher e tudo indicava que sua ausência não houvera deixado o coração dela mais terno.

Já que a Sra. Higgins nada dizia, ele tomou a iniciativa.

— Como tem passado, Sra. Higgins?

— Tenho meus bons dias e dias ruins.

Por um momento, Sam ficou confuso. O comentário da Sra. Higgins parecia ser daqueles para os quais não existia resposta adequada. Lamento saber disto não se enquadrava, porém Formidável, Sra. Higgins/ seria ainda pior.

Preferiu perguntar se poderia falar com Naomi.

— Ela saiu. Não sei quando vai voltar.

— Poderia pedir a ela que ligasse para mim?

— Já estou indo dormir. E não me peça para deixar-lhe um recado escrito. Minha artrite anda muito ruim.

Sam suspirou.

— Ligarei novamente amanhã.

— Amanhã de manhã estaremos na igreja — declarou a Sra. Higgins, na mesma voz apática é distante —, e o primeiro Piquenique dos Jovens Batistas da estação será à tarde. Naomi prometeu ajudar.

Sam resolveu desligar. Era evidente que a Sra. Higgins se apegaria o mais possível à citação do nome, patente e número de série. Ele já ia despedir-se, quando mudou de ideia.

— Ouça, Sra. Higgins, o nome Lortz significa alguma coisa para a senhora? Ardelia Lortz?

O sibilar roufenho da respiração dela parou de súbito. Por um momento, houve silêncio total no outro lado da linha. Então, a Sra. Higgins respondeu, em voz lenta, malévola:

— Até quando vocês, pagãos sem Deus, continuarão jogando o nome dessa mulher em nosso rosto? Acha que é divertido? Acha que é interessante?

— Por favor, Sra. Higgins! Penso que não está entendendo. Eu queria apenas saber...

Houve um clique brusco em seu ouvido. Como se a Sra. Higgins houvesse quebrado um pequeno graveto seco sobre o joelho. A linha emudeceu.

3

Sam tomou sua sopa, depois ficou meia hora tentando ver televisão. Não adiantava.

Sua mente continuava divagando. Podia começar pela mulher no pôster de Dave Sujeira ou na pegada lamacenta em cima da sobrecapa de Os mais queridos poemas do povo americano, quando não, pelo desaparecido poster do Chapeuzinho Vermelho. Entretanto, pouco importando onde começasse, sempre ia terminar no mesmo lugar: aquele teto suspenso, inteiramente diferente, acima do salão principal de leitura da Biblioteca Pública de Junction City.

Finalmente, desistiu e arrastou-se para a cama. Aquele havia sido um dos piores sábados de que tinha lembrança, podendo inclusive, ter sido o pior de sua vida. A única coisa que desejava agora era uma rápida viagem pelas terras da inconsciência sem sonhos.

Entretanto, o sono não veio.

Em vez disto, chegaram os terrores.

Destacando-se entre eles, surgia a ideia de que estava perdendo o juízo. Sam jamais percebera o quanto semelhante ideia podia ser terrível. Já vira filmes em que um sujeito ia ver um psiquiatra e dizia “Tenho a impressão de que estou perdendo o juízo, doutor,” enquanto aferrava a cabeça dramaticamente. A princípio, imaginara nivelar o início de sua instabilidade mental a uma dor de cabeça via Excedrina. Não tinha sido bem assim, conforme descobriu durante o longo passar das horas, e o 7 de abril gradualmente se tornou 8 de abril. Era algo mais semelhante a esticar a mão para coçar os colhões e encontrar lá um imenso caroço, um caroço que provavelmente seria um tumor de alguma espécie.

A Biblioteca não podia ter mudado tão radicalmente no mero transcorrer de uma semana. Ele não poderia ter enxergado as clarabóias, parado no salão de leitura.

Aquela jovem, Cynthia Berrigan, informara que tinham sido tapadas pelas tábuas, que estavam assim desde que fora trabalhar na Biblioteca, pelo menos um ano atrás.

Então, o que estava acontecendo com ele era alguma espécie de colapso mental. Ou um tumor cerebral. Ou que tal a doença de Alzheimer? Havia um

Ou um tumor cerebral. Ou que tal a doença de Alzheimer? Havia um pensamento agradável. Ele tinha lido em algum lugar — na Newsweek, talvez — que as vítimas da doença de Alzheimer ficavam cada vez mais jovens. Talvez todo aquele singular episódio fosse um sinal de sorrateira e prematura senilidade.

Um desagradável painel de avisos começou a encher seus pensamentos, um painel com três palavras escritas em gordurosas letras na tonalidade vermelho-alcaçuz. As palavras eram

PERDENDO O JUÍZO

Sam tivera uma vida comum, cheia de prazeres comuns e comuns arrependimentos; uma vida sem análises exageradas. Nunca vira seu nome em grande evidência, porém jamais tivera qualquer motivo para questionar a próría sanidade.

Agora, via-se deitado em sua cama desalinhada e perguntando-se se era assim que uma pessoa despencava do mundo real, racional. Se era assim que começava, quando alguém

PERDE O JUÍZO.

A ideia de que o anjo do abrigo dos sem-lar de Junction City fosse Naomi — Naomi, usando um pseudônimo — era outra ideia paradoxal. Não podia ser... podia? Ele até chegara a questionar o forte incremento em seus negócios! Talvez tivesse fantasiado a coisa toda.

Por volta da meia-noite, seus pensamentos desviaram-se para Ardelia Lortz, e foi então que a situação se tornou de fato ruim. Sam começou a imaginar como seria terrível se Ardelia Lortz estivesse em seu guarda-roupas ou mesmo debaixo de sua cama. Viu-a sorrindo satisfeita, secretamente, no escuro, engalfinhando os dedos rematados por compridas unhas aguçadas, os cabelos espalhados sobre o rosto, em estranha e pavorosa peruca. Imaginou como seus ossos virariam gelatina se ela começasse a sussurrar-lhe.

Você perdeu os livros, Sam, portanto, terá que se ver com o Policial da Biblioteca... você perdeu os livros... você os perdeeeeuu...

Afinal, por volta de meia-noite e meia, Sam não suportou por mais tempo.

Sentou-se na cama e, no escuro, tateou pelo abajur de cabeceira. Enquanto fazia

isto, foi tomado por nova fantasia, agora tão vivida que era quase uma certeza: não estava sozinho no quarto, porém o visitante não era Adelia Lortz. Oh, não! Seu visitante era o Policial da Biblioteca, o indivíduo do pôster que não estava mais na Biblioteca Infantil. O homem encontrava-se ali, parado no escuro, um sujeito alto e pálido, vestindo um impermeável, um homem de feições doentias, com uma cicatriz branca e denteada atravessando a face esquerda, abaixo do olho esquerdo e cruzando a ponte do nariz. Sam não tinha visto nenhuma cicatriz no rosto do pôster, mas apenas porque o artista não quisera colocá-la. Agora, estava lá. Sam sabia que estava.

Estava enganado sobre os arbustos, diria o Policial da Biblioteca, em sua voz ligeiramente ciciante. Temos arbustos crescendo ao longo das laterais. Muitos arbustos. E vamos explorá-los. Vamos explorá-los juntos.

Não! Pare! Por favor... PARE!

Sua mão trêmula finalmente encontrou a lâmpada, uma tábua estalou no quarto e ele soltou um gritinho sufocado. Seus dedos engalfinharam-se e pressionaram o interruptor. A luz acendeu-se. Por um momento, Sam pensou ter realmente visto o homem alto, mas então percebeu que era apenas uma sombra lançada na parede pela secretária.

Moveu os pés para o chão e enterrou o rosto nas mãos por um instante. Em seguida, estendeu os braços para o maço de Kent na mesa de cabeceira.

— Você precisa controlar-se — murmurou. — Em que merda estava pensando?

Não sei, respondeu prontamente a voz interior. Além do mais, eu não quero saber. Nunca. Os arbustos existiam, faz muito tempo. Nunca mais precisarei lembrar-me deles outra vez. Ou do sabor. Daquele doce e adocicado sabor.

Acendendo um cigarro, ele tragou profundamente.

O pior era isto: da próxima vez, era bem provável que visse realmente o homem do impermeável. Ou Ardelia. Ou Gorgo, Grande Imperador de Pelucidar. Isto porque, se fora capaz de criar uma alucinação tão completa como a sua visita à Biblioteca e o encontro com Ardelia Lortz, poderia fantasiar qualquer coisa. Uma vez a pessoa começa a pensar em clarabóias que não estavam lá e pessoas que não estavam lá, inclusive arbustos que não estavam lá, tudo parece possível. Como subjugar-se uma rebelião na própria mente?

Ele desceu para a cozinha, acendendo as luzes à sua passagem e resistindo ao ímpeto de espiar por sobre o ombro a fim de verificar se alguém esgueirava-se às suas costas. Um homem com um distintivo na mão, por exemplo. Sam concluiu que estava precisando de uma pílula para dormir, mas já que não tinha nenhuma — nem mesmo um remédio vendido livremente, como Sominex — não lhe restaria alternativa senão improvisar. Despejou leite em uma panela, aqueceu-o, transferiu-o para uma caneca de café e depois adicionou uma generosa dose de brandy. Já vira fazerem assim nos filmes. Provou, fez uma careta, quase despejou toda a desonrosa mistura no ralo da pia, e então olhou para o relógio no microondas. Quinze para uma da madrugada. Faltava ainda muito para o dia clarear, havia tempo de sobra para idealizar Ardelia Lortz e o Policial da Biblioteca subindo a escada furtivamente, com facas presas nos dentes.

Ou flechas, pensou. Compridas flechas negras. Ardelia e o Policial da Biblioteca, esgueirando-se escada acima com longas flechas negras presas entre os dentes.

Que tal a imagem, amigos e vizinhos?

Flechas?

Por que flechas?

Ele não queria pensar nisto. Estava saturado de pensamentos que chegavam turbilhonando de negrumes anteriormente insuspeitados dentro dele, como horrendos fedorentos Frisbees.

Não quero pensar nisto. Não quero pensar nisto.

Terminou seu leite traçado a brandy e voltou para a cama.

4

Deixou o abajur da cabeceira aceso, isto o fazia sentir-se um pouco mais calmo. De fato, começou a pensar que poderia adormecer em algum ponto antes do estorricamento do universo. Puxou o cobertor até o queixo, entrelaçou as mãos atrás da cabeça e fitou o teto.

ALGUMA PARTE disto deve ter realmente acontecido, pensou. Não poderia ser TUDO uma alucinação... a menos que isto faça parte dela e que, em realidade, eu esteja em uma daquelas celas acolchoadas lá em Cedar Rapids, dentro de uma camisa de força e apenas imaginando que me encontro aqui, na minha cama.

Ele havia feito o discurso. Havia usado as piadas de O companheiro do orador, assim como o poema de Spencer Michael Free, encontrado no livro Os mais queridos poemas do povo americano. E desde que não tinha qualquer dos dois volumes em sua pequena coleção de livros, devia tê-los retirado da Biblioteca. Naomi soubera quem era Ardelia Lortz — pelo menos, mostrara saber o nome dela — o mesmo acontecendo com sua mãe. E como! Era como se ele tivesse acendido um rojão debaixo da cadeira de balanço da velhota.

Posso investigar por aí, pensou. Se a Sra. Higgins conhece o nome, outras pessoas também o conhecerão. Talvez não os alunos do Chapelton, os que estudam e trabalham , mas alguém residente em Junction City há bastante tempo. Frank Stephens, provavelmente. Ou Dave Sujeira...

A esta altura, Sam finalmente entrou em sonolência. Cruzou a quase invisível fronteira entre a vigília e o sono, sem dar por isso; os pensamentos nunca cessaram, começavam agora a retorcer-se uns com os outros, formando estruturas cada vez mais estranhas e fabulosas. As formas que entrevia transformaram-se em sonho. E o sonho transformou-se em pesadelo. Ele estava outra vez na Rua do Ângulo e os três alcoólatras continuavam no alpendre, labutando em seus posters. Ele perguntava a Dave Sujeira o que fazia.

Ahn, apenas passando o tempo, respondia Dave, para então, acanhadamente, virar o pôster para que Sam pudesse vê-lo.

Era um retrato do Zé Bocó. Estava empalado em um espeto, acima de uma fogueira. Em uma das mãos, aferrava um grande embrulho de alcaçuz vermelho e melado. Suas roupas ardiam, mas ele continuava vivo. E gritando. As palavras

escritas acima desta terrível imagem eram:

JANTAR INFANTIL NOS ARBUSTOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA

EM BENEFÍCIO DO FUNDO PARA A POLÍCIA DA BIBLIOTECA

DE MEIA-NOITE ÀS DUAS DA MADRUGADA

VENHA UM, VENHAM TODOS

“VAI SER UM RANGO-GO!”

Dave, isso é horrível, dizia Sam no sonho.

Nem tanto, respondia Dave Sujeira. Todas as crianças o chamam de Zé Bocó.

Elas adoram comê-lo. Acho que é muito saudável, concorda?

Veja! exclamou Rudolph. Veja, é Sarah!

Sam ergueu os olhos e viu Naomi cruzando o terreno cheio de detritos e ervas daninhas entre a Rua do Ângulo e o Centro de Reciclagem. Ela caminhava lentamente, porque empurrava um carrinho de supermercado entulhado de exemplares de O companheiro do orador e Os mais queridos poemas do povo americano.

Atrás dela, o sol se punha em soturna fornalha de vivido clarão avermelhado, enquanto um comprido trem de passageiros chacoalhava lentamente nos trilhos, rumando para o vazio da parte oeste do Iowa. Havia pelo menos trinta vagões e cada um deles era negro. Sam viu crepes pendendo e esvoaçando das janelas, isto o fazendo perceber que aquele era um trem de funeral.

Virando-se para Dave Sujeira, ele disse, nome dela não é Sarah. É Naomi.

Naomi Higgins, de Proverbia.

De maneira nenhuma, respondeu Dave Sujeira. É a Morte chegando, Sr. Peebles.

A Morte é uma mulher.

Nesse momento, Lukey começou a berrar. Nos extremos de seu terror, ele soava

como um porco humano. Ela pegou os charutos! Ela pegou os charutos! Oh, meu Deus, ela pegou todos os Fodidos Charutos!

Sam se virou a fim de ver sobre o que Lukey falava. A mulher agora estava mais perto e deixara de ser Naomi. Era Ardelia. Vestia um impermeável cor de nuvem tempestuosa de inverno. O carrinho de supermercado não estava cheio de charutos, conforme Lukey dissera, mas de milhares de doces de alcaçuz vermelho. Enquanto Sam espiava, Ardelia pegou um punhado deles e os enfiou na boca. Seus dentes não eram mais de dentadura postiça; tinham ficado compridos e descoloridos. Sam os achou semelhantes a dentes de vampiro, aguçados e terrivelmente fortes. Entre caretas, ela mastigava os doces. Um jato de sangue vivo esguichou, borrifando o ar quente do poente com uma nuvem rósea, enquanto outra parte escorria-lhe queixo abaixo. Vários pedaços de doce caíam no solo salpicado de ervas daninhas, ainda espargindo sangue.

Ela ergueu mãos que se haviam tornado garras engalfinhadas.

Vocêêêê perdeu os LIIIIIVROS! gritou para Sam, e então avançou na direção dele, pronta para atacá-lo.

5

Sam acordou em um sobressalto, sem fôlego. Tinha arrancado todas as cobertas da cama e estava encolhido debaixo delas, em uma bola coberta de suor, perto dos pés da cama. Lá fora, as primeiras e débeis claridades de um novo dia espionavam por baixo da persiana arriada. O relógio da mesinha de cabeceira marcava 5:53. Ele se levantou, a pele suada refrescou-se com o ar frio do quarto, depois foi ao banheiro e urinou. Sua cabeça doía vagamente, fosse como resultado da dose ele brandy tomada no início da madrugada ou da tensão do sonho. Abriu o armário de remédios, pegou duas aspirinas, tomou-as e voltou cambaleante para o quarto.

Puxou as cobertas o melhor que pôde, sentindo os resíduos do pesadelo em cada dobra úmida do lençol. Não voltaria a dormir — ele sabia disso —, mas pelo menos podia ficar deitado, até o pesadelo começar a dissolver-se.

Quando sua cabeça tocou o travesseiro, de repente Sam percebeu que sabia algo mais, algo tão surpreendente e inesperado como a súbita compreensão de que a mulher no pôster de Dave Sujeira tinha sido a sua secretária de meio expediente. Esta nova percepção também tinha algo a ver com Dave Sujeira... e com Ardelia Lortz.

Foi o sonho, pensou. No sonho é que descobri.

Sam adormeceu, foi um sono profundo e natural. Não teve mais sonhos, e quando acordou eram quase onze horas da manhã. Os sinos da igreja chamavam os fiéis para o culto e, lá fora, fazia um lindo dia. A visão de todo aquele sol, banhando toda aquela grama recente, o deixou mais do que sentindo-se bem; era como se quase houvesse renascido.

Oito

Rua do Ângulo (II)

1

Sam preparou um brunch para si mesmo — suco de laranja, uma omelete de três ovos e muita cebolinha verde, fartura de café forte — e pensou em retornar à Rua do Ângulo. Ainda podia recordar o momento da iluminação experimentado durante seu breve período de vigília e tinha certeza absoluta de que seu insight era verdadeiro.

Entretanto, perguntou-se se realmente pretendia insistir mais nesse negócio absurdo.

À claridade brilhante de uma manhã de primavera, seus medos daquela noite pareciam distantes e incríveis. Ele sentia uma forte tentação — quase uma necessidade — de simplesmente dar descanso ao assunto. Acontecera-lhe algo, pensou, algo que não tinha uma explicação razoável, racional. A questão era — e daí?

Havia lido sobre tais coisas, sobre fantasmas, premonições e possessões, porém o assunto despertava um interesse apenas mínimo. Sam apreciava um filme fantasmal de quando em quando, mas não passava disso. Era um homem prático e não via qualquer utilidade prática em episódios paranormais... se é que eles realmente ocorriam. Havia experimentado... bem, um evento, na falta de palavra melhor.

Agora, o evento terminara. Por que não deixar tudo como estava?

Porque ela disse que queria os livros de volta até amanhã — e o que dizer disto?

Agora, no entanto, isso parecia ter perdido qualquer poder sobre ele. Apesar das mensagens que ela deixara em sua secretária eletrônica, Sam não acreditava exatamente em Ardelia Lortz.

O que lhe interessava era a sua reação ao que tinha acontecido. Viu-se recordando uma preleção de biologia na faculdade. O professor começara dizendo que o corpo humano possuía um meio extremamente eficiente de lidar com a invasão de organismos estranhos. Sam recordou ouvi-lo dizer que, como

com a invasão de organismos estranhos. Sam recordou ouvi-lo dizer que, como as más notícias — câncer, influenza, doenças sexualmente transmissíveis, como a sífilis — ocupavam todas as manchetes, as pessoas tendiam a acreditar-se muito mais vulneráveis às enfermidades do que realmente eram. “O organismo humano,” havia dito o professor, “tem à sua disposição uma força própria de Boinas Verdes. Quando o organismo é atacado por um invasor, senhoras e senhores, a reação desta força é rápida e implacável. A luta é sem quartel. Se não houvesse este exérdito de matadores treinados, cada um dos senhores teria morrido vinte vezes antes de chegar ao primeiro aniversário. ”

A técnica primordial do organismo para livrar-se dos invasores era o isolamento.

Em primeiro lugar, os invasores eram rodeados, desligados dos nutrientes necessários à sua vida, sendo em seguida comidos, derrotados ou mortos por inanição.

Agora, Sam descobria — ou assim pensava — que a mente utilizava exatamente a mesma técnica quando atacada. Podia recordar várias ocasiões em que tinha a impressão de que ia pegar um resfriado, mas acordava na manhã seguinte sentindo-se em ótima disposição. O organismo havia executado o seu trabalho. Uma guerra sem tréguas estivera acontecendo, mesmo enquanto ele dormia, sendo os invasores liquidados até o último homem... ou micróbio. Haviam sido comidos, derrotados ou tinham morrido de fome.

Na noite anterior, ele experimentara o equivalente mental de um resfriado iminente. Agora pela manhã, o invasor — a ameaça às suas percepções claras e racionais — tinha sido cercado. Isolado de seus nutrientes. Daí em diante, era apenas uma questão de tempo. E uma parte dele alertava a restante, dizendo-lhe que, investigando adicionalmente esta história, ele poderia estar alimentando o inimigo.

É assim que acontece, pensou. É isto que impede o mundo de transbordar de relatos sobre acontecimentos estranhos e fenômenos inexplicáveis. A mente os experimenta... anda à roda por algum tempo... depois contra-ataca.

Não obstante, ele estava curioso. Aí se situava a questão. E não se dizia que, embora a curiosidade matasse o gato, a satisfação trazia o animal de volta?

Quem? Quem disse?

Ele não sabia... mas supunha que poderia descobrir. Em sua biblioteca local.

Sam sorria de leve, ao levar seus pratos para a pia. E descobriu que já tomara uma decisão: avançaria apenas um pouco mais nesse negócio louco.

Só um pouquinho.

2

Sam chegou à Rua do Ângulo por volta de meio-dia e meia. Não ficou especialmente surpreso ao encontrar o velho Datsun azul de Naomi estacionado na entrada de carros. Parou o seu atrás dele e subiu os desconjuntados degraus perto do aviso dizendo que teria de deixar na barrica do lixo quaisquer garrafas que tivesse consigo.

Bateu, mas ninguém atendeu. Empurrou a porta e viu um amplo corredor sem qualquer mobiliário... a menos que o telefone público na metade do corredor fosse contado como tal. O papel de parede era limpo, mas desbotado. Sam avistou um lugar em que fora remendado com fita adesiva.

— Olá?

Não houve resposta. Ele entrou, sentindo-se um intruso, e começou a trilhar o corredor. A primeira porta à esquerda abria-se para a sala pública. Dois avisos tinham sido afixados à porta.

AMIGOS DE BILL, ENTREM AQUI!

dizia o de cima. Abaixo deste havia outro, que a Sam pareceu absolutamente sensato e singularmente obtuso, ao mesmo tempo. Dizia:

O TEMPO LEVA TEMPO

A sala comunitária era mobiliada com cadeiras muito usadas e desemparelhadas, juntamente com um comprido sofá, também remendado com fita adesiva — desta feita, fita isolante de eletricista. Havia mais slogans pendurados na parede. Ele viu uma cafeteira sobre uma mesinha, ao lado da televisão. Tanto uma como a outra estavam desligadas.

Sam continuou andando pelo corredor, sentindo-se mais intruso do que nunca.

Espiou para o interior dos três outros aposentos que davam para o corredor. Cada um tinha por mobiliário duas camas singelas e todos estavam vazios. Os quartos estavam meticulosamente limpos, mas mesmo assim contavam suas histórias. Um deles cheirava a desinfetante. Outro tinha o cheiro desagradável de alguma doença grave.

Alguém morreu recentemente neste quarto, pensou Sam, ou está para morrer.

A cozinha, também vazia, ficava no extremo oposto do corredor. Era um aposento amplo e ensolarado, com um linóleo desbotado cobrindo o piso, em dunas e vales irregulares. Enchendo uma alcova, havia um fogão gigantesco, uma combinação de a lenha e a gás. A pia era antiga e funda, o esmaltado descolorido por manchas de ferrugem. As torneiras eram de modelo ultrapassado. Uma antiga máquina de lavar Maytag e um secador a gás Kenmore ficavam perto da despensa. O ar tinha um fraco odor dos feijões cozidos da noite anterior. Sam gostou daquela cozinha. Ela lhe falava de moedas que haviam sido espremidas até gritarem, mas também de amor, cuidados e uma felicidade duramente conquistada. Recordou-lhe a cozinha de sua avó, e aquele havia sido um bom lugar. Um lugar seguro.

Afixada ao velho refrigerador Amana, tamanho restaurante, uma plaqueta imantada dizia:

DEUS ABENÇOE NOSSO LAR SEM BEBIDA

Sam ouviu um rumor de vozes no exterior. Cruzando a cozinha, ele espiou por uma das janelas, a qual fora erguida para permitir que ali penetrasse tanto do cálido dia de primavera quanto permitisse a brisa mansa.

Nos fundos da Rua do Ângulo, o gramado exibia os primeiros toques de verde; nos fundos da propriedade, junto a um fino cinturão de árvores começando a dar rebentos, uma horta aguardava ociosamente dias mais quentes. À esquerda, uma rede de vôlei afrouxava-se em suave arqueado. À direita havia duas depressões no terreno para o jogo da malha, nas quais começavam a brotar algumas ervas. Aquele não era um pátio traseiro atraente — em tal época do ano, bem poucos o seriam mas Sam reparou que tinham passado o ancinho pelo menos uma vez desde a última neve do inverno e que não havia escórias da estrada de ferro, embora ele visse o brilho acerado dos trilhos da ferrovia, a menos de quinze metros da horta. Sam refletiu que os moradores da Rua do Ângulo podiam não ter muita coisa para cuidar, mas estavam cuidando daquilo que possuíam.

Cerca de doze pessoas estavam sentadas em cadeiras dobráveis, formando mais ou menos um círculo entre a rede de vôlei e o espaço para os jogos de malha. Sam reconheceu Naomi. Dave. Lukey e Rudolph. Pouco depois, identificou também Burt Iverson, o mais próspero advogado de Junction City, e Elmer Baskin, o banqueiro que não comparecera para ouvir seu discurso no Rotary,

mas que telefonara depois, a fim de felicitá-lo. A brisa aumentou, agitando as aconchegantes cortinas de xadrez que pendiam aos lados da janela por onde Sam espiava. Também remexeu os cabelos prateados de Elmer. O banqueiro ergueu o rosto para o sol e sorriu. Sam ficou impressionado pelo prazer simples que testemunhava, não sobre o rosto de Elmer, mas nele. Em tal momento, ele tanto era mais como menos do que o mais rico banqueiro de uma cidade pequena; era cada homem que já acolheu a primavera com alegria, após um longo e frio inverno, feliz por continuar vivo, inteiro e livre de sofrimento.

Sam se viu tomado pela irrealidade. Já era suficientemente estranho que Naomi Higgins estivesse ali, convivendo com os bêbados sem lar de Junction City — e, por falar nisso, usando outro nome. Descobrir que o mais respeitado banqueiro da cidade e um dos mais argutos águias jurídicos locais também se achavam naquele lugar equivalia a uma explosão mental.

Um homem em surradas calças verdes e uma camisa de atletismo dos Bengals de Cincinnati levantou a mão. Rudolph apontou para ele.

— Meu nome é John, e sou um alcoólatra — disse o homem com a camisa dos Bengals.

Sam recuou prontamente da janela. Sentiu o rosto arder. Agora, a sensação não era apenas de ser um intruso, mas também um espião. Imaginara que eles costumassem fazer suas reuniões dos A.A. no meio-dia do domingo, na sala comunitária — afinal, era o que sugeria a cafeteira — mas hoje o dia estava tão bonito que tinham levado as cadeiras para fora. Sam apostava que havia sido ideia de Naomi.

Estaremos na igreja amanhã de manhã, dissera a Sra. Higgins, e o primeiro Piquenique dos Jovens Batistas da estação será à tarde. Naomi prometeu ajudar.

Ele gostaria de saber se a Sra. Higgins tinha conhecimento de que sua filha estava passando a tarde com os alcoólatras, em vez de com os batistas, conforme pensava.

Refletiu que também compreendia por que Naomi decidira bruscamente que dois encontros com Sam Peebles eram suficientes. Na época, ele julgara que o pretexto fosse a religião — e ela nem ao menos tentara sugerir que podia ser outra coisa. No entanto, após a primeira saída dos dois (tinham ido ao cinema), Naomi concordara em saírem juntos novamente. Depois do segundo encontro,

qualquer interesse romântico que ela pudesse sentir por ele havia cessado. Ou assim parecia. O segundo encontro fora um jantar. E ele pedira vinho.

Bem, pelo amor de Deus — como eu podia adivinhar que ela é alcoólatra? Por acaso adivinho pensamentos?

A resposta, naturalmente, era que ele não poderia ter sabido... mas ainda assim continuou a sentir o rosto queimando.

Ora, talvez não seja a bebida... ou não apenas a bebida. Talvez ela tenha outros problemas também.

Ele se viu igualmente querendo saber o que aconteceria se Burt Iverson e Eimer âaskin. ambos homens poderosos, descobrissem que estava a par de que os dois pertenciam à mais vasta sociedade secreta do mundo. Talvez nada; ele nem mesmo sabia o suficiente sobre os A.A. para ter certeza. Não obstante, sabia duas coisas: que o segundo A da sigla queria dizer Anônimos, e que aqueles homens poderiam reduzir a nada suas crescentes aspirações profissionais caso decidisse revelar o segredo.

Sam resolveu ir embora dali o mais depressa e silenciosamente que pudesse. A seu crédito, tal decisão não se baseava em considerações de ordem pessoal. As pessoas sentadas no pátio traseiro da Rua do Ângulo partilhavam um problema sério.

Ele descobrira tal fato casualmente; não tinha a intenção de ficar lá — ouvindo o que diziam — de propósito.

Quando tornou a caminhar pelo corredor, viu uma pilha de papéis recortados pousados em cima do telefone público. Um toco de lápis pendia de um pedaço de barbante, ao lado do aparelho. Levado por um impulso, Sam pegou um daqueles pedaços de papel e escreveu uma rápida nota.

Dave,

Passei aqui de manhã para falar com você, mas não encontrei ninguém.

Gostaria que me informasse a respeito de uma mulher chamada Ardelia Lortz.

Tenho a impressão de que sabe quem é ela, e estou ansioso em conhecer detalhes. Poderia telefonar para mim esta tarde ou à noite, se for possível? O

detalhes. Poderia telefonar para mim esta tarde ou à noite, se for possível? O número é 555-8699. Muito obrigado.

Assinou o nome no final, dobrou o papel ao meio e escreveu o nome de Dave sobre a dobra. Pensou brevemente em deixar o recado em cima da bancada da cozinha, mas não queria que qualquer deles — especialmente Naomi — ficasse preocupado, imaginando se ele os vira ou não, entregues às suas singulares, mas talvez úteis devoções. Deixou o bilhete em cima da televisão da sala comunitária, com o nome de Dave voltado para fora. Pensou em colocar uma moeda de vinte e cinco centavos para o telefone, ao lado da nota, mas desistiu. Dave talvez não entendesse sua intenção.

Saiu da casa então, satisfeito por estar novamente ao sol e sem ser descoberto.

Quando voltava para seu carro, viu o adesivo pregado ao pára-choque do Datsun de Naomi.

LET GO AND LET GOD

dizia o adesivo.

— Antes Deus do que Ardelia — murmurou Sam, descendo a entrada de carros em marcha à ré, de volta à rua.

3

A tarde ia avançada quando o interrompido repouso de Sam daquela noite começou a pesar, e uma forte sonolência o invadiu. Ligou a televisão, viu que passava um jogo de beisebol entre Cincinatti e Boston, seguindo lentamente para o oitavo turno, espichou-se no sofá para assisti-lo, e quase em seguida começou a cochilar. O telefone tocou antes que o cochilo tivesse chances de espiralar-se para o sono real.

Sam levantou-se para atender, sentindo-se zonzo e desorientado.

— Alô?

— O senhor não vai querer ficar falando naquela mulher! — disse a voz de Dave Sujeira, sem qualquer preâmbulo. Era uma voz trêmula e quase descontralada. —

Nem mesmo vai querer ficar pensando nela!

Até quando vocês pagãos sem Deus, continuarão jogando o nome dessa mulher em nosso rosto? Acha que é divertido? Acha que é interessante?

Toda a sonolência de Sam desapareceu como que por encanto.

— Ouça, Dave, o que há sobre essa mulher? Quando as pessoas não reagem como se ela fosse o demônio é porque nada sabem a seu respeito. Afinal, quem é ela? O que, diabo, ela fez para deixá-lo dessa maneira?

Houve uma prolongada pausa silenciosa. Sam esperou, o coração batendo com força no peito e na garganta. Poderia pensar que a ligação caíra, não fosse o som da respiração entrecortada de Dave em seu ouvido.

— Sr. Peebles — disse ele por fim —, o senhor me tem dado uma boa ajuda durante estes anos. O senhor e mais outros me ajudaram a ficar vivo quando nem eu mesmo tinha mais certeza de querer viver. Só que não posso falar daquela cadela. Não posso.

E se o senhor sabe o que é melhor para o senhor, também não vai falar pra mais ninguém a respeito dela.

— Isto mais parece uma ameaça.

— Não! — exclamou Dave. Parecia mais do que surpreso; ele parecia chocado.

— Não — eu só estou avisando, Sr. Peebles, do mesmo jeito que avisaria, se desse com o senhor andando à roda de um poço velho, sem ver a abertura dele porque as ervas e o mato rasteiro tinham tapado o buraco. Não fale mais nela e não pense mais nela.

Deixe os mortos continuarem mortos.

Deixe os mortos continuarem mortos.

De certo modo, isto não o surpreendeu; tudo acontecera (com talvez a exceção das mensagens deixadas em sua secretária eletrônica) apontava para a mesma conclusão, isto é, que Ardelia Lortz não mais se encontrava entre os vivos. Ele — Sam Peebles, agente de imóveis e de seguros em uma cidade pequena — estivera conversando com um fantasma, sem mesmo saber disto. Conversara com ela? Diabo! Tinha feito negócios com ela! Dera-lhe duas pratas e ela lhe entregara um cartão de biblioteca.

Assim, não ficou exatamente surpreso... mas um profundo calafrio começou a irradiar-se ao longo das brancas rodovias de seu esqueleto. Baixando os olhos, ele viu pálidos montículos de pele arrepiada destacando-se sobre seus braços.

Você devia tê-la deixado em paz, lamentou uma parte dele. Não foi o que eu lhe disse? — Quando foi que ela morreu? — perguntou Sam, em uma voz que soava apática e inexpressiva aos seus ouvidos. — Eu não quero falar nisto, Sr. Peebles! — Dave agora estava quase frenético. Sua voz tremeu, subiu para um registro que era quase um falsete, aí estilhaçando-se. - Por favor! Deixe-o em paz, gritou Sam iradamente para si mesmo. Ele não já tem problemas suficientes, sem mais esta merda para incomodá-lo? Sim, ele deixaria Dave em paz — certamente havia outras pessoas na cidade capazes de falar-lhe a respeito de Ardelia Lortz... se descobrisse uma forma de abordá-las sem que elas sentissem vontade de chamar os homens munidos de redes para borboletas. Entretanto, havia uma outra coisa, uma coisa que talvez somente Dave Ducan Sujeira pudesse dizer-lhe com segurança.

— Certa vez, você desenhou posters para a Biblioteca, não? Acho que identifiquei seu estilo no pôster que fazia ontem, no alpendre. Aliás, tenho quase

certeza. Havia um mostrando um garotinho dentro de um carro negro. E outro de um homem vestindo um impermeável — o Policial da Biblioteca. Foi você que...

Antes que pudesse terminar, Dave explodiu em um grito esganiçado tão cheio de vergonha, pesar e medo, que Sam silenciou.

— Dave? Eu...

— Não me toque nesse assunto! — choramingou Dave. — Eu não tinha outra saída, então, por que não pode, por favor, me deixar em ...

Seus gritos diminuíram subitamente e houve um chocalhar, quando mais alguém tirou o fone da mão dele.

— Pare com isto! — disse Naomi. Ela própria parecia quase chorando, mas também estava furiosa. — Por que não pára com isto, seu homem horrível?

— Naomi...

— Quando estou aqui, meu nome é Sarah — disse ela lentamente — , mas eu o odeio da mesma forma, sob qualquer dos nomes, Sam Peebles. Nunca mais vou pôr os pés em seu escritório! — A voz dela começou a altear-se. — Por que não o deixa em paz?

Por que tem de remexer toda esta merda antiga? Por quê?

Indiferente ao tom da voz dela, mal conseguindo conter-se, Sam respondeu:

— Por que me enviou à Biblioteca? Se não queria que eu a conhecesse, Naomi, antes de mais nada, por que me mandou ir à maldita Biblioteca?

Houve uma exclamação sufocada no outro lado da linha.

— Naomi? Será que não podemos...

Ele ouviu um clique, quando ela desligou o telefone.

A ligação foi desfeita.

4

Sam ficou em seu estúdio até quase nove e meia, mastigando pastilhas digestivas e escrevendo um nome após outro, no mesmo bloco de anotações em que fizera o primeiro rascunho de seu discurso. Examinava cada nome por um instante, depois riscava. Seis anos lhe tinham parecido muito tempo para residirem um lugar... pelo menos até esta noite. Esta noite, parecia-lhe um período muito mais curto — um fim de semana, digamos.

Craig Jones, escreveu.

Olhou para o nome e pensou, Craig poderia ter conhecido Ardelia... mas vai querer saber o motivo de meu interesse.

Conheceria Craig o suficiente para dar uma resposta sincera a essa pergunta? A resposta a isto era um firme não. Craig era um dos mais jovens advogados de Junction City com futuro realmente promissor. Haviam tido alguns almoços de negócios... e havia o Rotary Clube, é claro. Além disso, Craig o convidara para jantar em sua casa uma vez. Quando se encontravam casualmente na rua, trocavam palavras cordiais, às vezes sobre negócios, porém mais geralmente sobre o tempo. Nada disto significava uma verdadeira amizade, e se Sam pretendia discutir este demente assunto com alguém, queria que esse alguém fosse um amigo, não um conhecido que o chamava de velho chapa depois do segundo drinque.

Riscou da lista o nome de Craig.

Desde que viera para Junction City, Sam fizera amigos razoavelmente íntimos: um deles era o médico-assistente na clínica do Dr. Melden, o outro um policial local. Russ Frame, o amigo médico-assistente, decidira-se pela função de médico de família em Grand Rapids, no início de 1989, onde teria ganhos melhores. E desde primeiro de janeiro Tom Wycliffe passara a chefiar o novo Departamento de Controle de tráfego, da Patrulha do Estado do Iowa. Desde então, perdera contato com os dois homens — era lento em fazer amigos e não muito bom para conservá-los.

Assim sendo, o que lhe restava?

Sam ignorava. Não tinha sabido que o nome de Ardelia Lortz afetava algumas

pessoas em Junction City como a explosão de uma bomba. Ele sabia — ou julgava saber — que a tinha conhecido, embora ela já estivesse morta. Nem mesmo poderia dizer para si mesmo que conhecera alguma parenta ou mulher biruta se fazendo passar por Ardelia Lortz. Porque...

Acho que conheci um fantasma. De fato, creio ter conhecido um fantasma dentro de outro. Acredito que a biblioteca onde entrei era a Biblioteca de Junction City do jeito que era quando Ardelia Lortz vivia e dirigia o lugar. Não como uma viagem no tempo ou da maneira como imaginei que seria a viagem no tempo.

Foi mais com o pisar no limbo durante alguns momentos. E foi real. Tenho certeza de que foi real.

Sam fez uma pausa, tamborilando sobre a mesa com os dedos.

De onde ela telefonou para mim? Haverá telefone no limbo?

Durante um longo momento, contemplou a lista de nomes riscados, depois arrancou lentamente a folha amarela do bloco. Amassou-a e a jogou na cesta de papéis.

Você devia ter esquecido este assunto, parte dele continuou a lamentar.

Ele não o esquecera. Portanto, e agora?

Ligue para um dos sujeitos em quem confia. Ligue para Russ Frame ou Tom Wycliffe. Basta erguer o fone e fazer a chamada.

Entretanto, Sam não queria fazer isso. Pelo menos, não esta noite. Reconhecia que o sentimento era irracional, meio supersticioso — nos últimos dias, tanto dera como recebera um bocado de informação desagradável por telefone, ou pelo menos, assim parecia — mas estava cansado demais para insistir nisto agora. Se pudesse ter uma boa noite de sono (e achava que poderia ter, se tornasse a deixar aceso o abajur de cabeceira), talvez algo melhor, algo mais concreto, ocorresse à sua mente na manhã seguinte, quando estivesse mais revigorado. Em seguida, achava que precisaria consertar o que fizera de errado com Naomi Higgins e Dave Duncan. Antes disto, no entanto, queria descobrir o que de errado havia em tudo aquilo.

Se pudesse.

NOVE

O Policial da Biblioteca (I)

Ele dormiu bem. Não teve sonhos e, na manhã seguinte, ocorreu-lhe uma ideia natural e facilmente, no chuveiro, da maneira como às vezes acontece com as idéias, quando estamos descansados de corpo e a mente não ficou desperta o tempo suficiente para entupir-se de bosta. A Biblioteca Pública não era o único lugar em que havia informes disponíveis, e em se tratando de história local — história local recente — ela nem mesmo era o melhor lugar, se estivéssemos interessados no assunto.

— A Gazette! — exclamou, e enfiou a cabeça debaixo da ducha para limpá-la da espuma de sabão.

Vinte minutos mais tarde, ele estava no térreo e já vestido, com exceção da gravata e do paletó, tomando café no estúdio. O bloco de anotações encontrava-se mais uma vez à sua frente, exibindo o início de uma outra lista.

1. Ardelia Lortz — quem é ela? Ou quem foi ela?

2. Ardelia Lortz — o que fez ela?

3 . Biblioteca Pública de Junction City — reformada? Quando? Fotografias?

Neste momento, a campainha da porta soou. Sam olhou de relance para o relógio ao levantar-se para atender. Quase oito e meia, hora de começar a trabalhar. Daria um pulo aos escritórios da Gazette às dez, durante a folga que costumava tirar para um café, e lá examinaria alguns exemplares atrasados. Quais? Ainda ruminava sobre isto — alguns certamente dariam frutos mais depressa do que outros — enquanto enfiava a mão no bolso a fim de apanhar dinheiro para o garoto entregador do jornal.

A cigarra da porta soou novamente.

— Estou indo, Keith, o mais depressa que posso! — gritou, chegando à entrada da cozinha e agarrando a maçaneta. — Não vá furar essa maldita po...

Nesse momento, ergueu os olhos e viu uma sombra muito maior do que seria a de Keith Jordan, atrás da cortina transparente que pendia sobre a vidraça da

de Keith Jordan, atrás da cortina transparente que pendia sobre a vidraça da porta.

Sua mente estivera preocupada, mais envolvida com o dia que tinha pela frente do que com este ritual de pagamento do jomaleiro nas manhãs de segunda-feira, mas nesse instante foi como se um furador de gelo, feito de puro terror, abrisse caminho por entre seus pensamentos dispersos. Ele não precisava ver o rosto; mesmo através da cortina, reconhecia a forma, o jeito do corpo... e o impermeável, naturalmente.

O sabor de alcaçuz vermelho, forte, adocicado e enjoativo, inundou-lhe a boca.

Sam largou a maçaneta, porém um instante demasiado tarde. A lingueta do fecho já fora puxada para trás e, no momento em que se ouviu seu clique, a figura parada no alpendre dos fundos escancarou a porta. Sam foi jogado para trás, no interior da cozinha. Agitou os braços para manter o equilíbrio e, com isso, derrubou os três casacos que pendiam do tirante, na entrada para o térreo.

O Policial da Biblioteca entrou, envolto em sua própria bolsa de ar frio. Caminhou lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo, e fechou a porta. Em uma das mãos, tinha o exemplar da G azette de Sam, perfeitamente enrolado. Ergueu-o no ar, como um bastão.

— Trouxe o seu jornal — disse o Policial da Biblioteca. Sua voz era singularmente distante, como se chegasse a Sam através de uma vidraça grossa. — Ia pagar ao rapaz, porém ele parecia muito apressado em ir embora. Eu gostaria de saber por quê.

Ele avançou para a cozinha — na direção de Sam, encolhido junto à bancada e fitando o intruso com os olhos arregalados e chocados de uma criança amedrontada, de um pobre Zé Bocó do quarto grau primário.

Estou imaginando isto, pensou Sam, ou estou tendo um pesadelo — um tão medonho que, em comparação, o que tive há duas noites é um sonho maravilhoso.

Entretanto, não era pesadelo. Era aterrorizante, mas não era pesadelo. Sam encontrara tempo para pensar que, depois daquilo, enlouqueceria. A insanidade não equivalia a nenhum dia na praia, porém nada podia ser tão horrendo como esta coisa em forma de homem que entrara em sua casa, esta coisa que caminhava em sua própria fatia de inverno.

A moradia de Sam era antiga, de tetos altos, porém o Policial da Biblioteca tivera que baixar a cabeça na entrada, e mesmo dentro da cozinha a copa de seu chapéu de feltro cinzento quase roçava o teto. Isto significava que teria mais de dois metros e trinta.

Ele tinha o corpo envolto em um impermeável com a tonalidade de chumbo do 'fog” no crepúsculo. A pele era branca como papel. O rosto era empedernido, como se não soubesse expressar gentileza, amor ou piedade. A boca mostrava linhas de uma autoridade definitiva e implacável; por um confuso momento, Sam pensou na porta da biblioteca ao fechar-se, formando uma espécie de boca, riscada no rosto de um robô de granito. Os olhos do Policial da Biblioteca assemelhavam-se a círculos de prata, perfurados por balas diminutas. Eram orlados de carne vermelho-rosada, parecendo prestes a sangrar. Não possuíam pestanas. O pior de tudo era isto: aquele era um rosto que Sam conhecia. Ele não achava que esta seria a primeira vez em que se encolhera de terror sob aquele olhar negro e, muito no fundo da mente, ouviu uma voz ligeiramente ciciante dizer: Venha comigo, filho... Eu sou um polisssial.

A cicatriz marcava a geografia daquele rosto, exatamente como a imaginação de Sam mostrara — atravessando a face esquerda, abaixo do olho esquerdo, através da ponte do nariz. Com exceção da cicatriz, aquele era o homem do pôster... seria mesmo? Sam não tinha mais certeza.

Venha comigo, filho... Eu sou um polisssial.

Sam Peebles, o favorito do Rotary Club de Junction City, molhou as calças. Ele sentiu a bexiga afrouxar-se em um jato morno, mas isto pareceu distante, sem qualquer importância. Agora, o importante era haver um monstro em sua cozinha — e pior do que tudo sobre esse monstro, era que Sam lhe reconhecia o rosto. Uma porta de fechadura tripla, muito longe em sua mente, lutava para escancarar-se. Ele pensou em fugir. A ideia de fuga estava além de sua capacidade de imaginação.

Voltara a ser criança, uma criança apanhada em flagrante, (o livro não é O companheiro do orador) cometendo algum terrível delito. Em vez de fugir dali, (o livro não é Os mais queridos poemas do povo americano) ele se encolheu lentamente sobre as virillias molhadas e arriou entre as duas banquetas perto da bancada da cozinha, erguendo cegamente as mãos acima da cabeça.

(o livro é)

— Não! — pediu em voz fosca, sem força. — Não, por favor... não, por favor, não faça isto comigo, por favor, eu serei um bom menino, por favor, não me machuque assim!

Ficou reduzido a isto, mas não adiantou; o gigante do impermeável cor de fogo (o livro é A flecha negra, de Robert Louis Stevenson) agora elevava-se diretamente acima dele.

Sam deixou a cabeça pender. Era como se pesasse quinhentos quilos. Fitando o chão, rezou incoerentemente para que, quando erguesse o rosto — quando encontrasse forças para isso — a figura houvesse desaparecido.

— Olhe para mim! — ordenou a voz longínqua e trovejante, a voz de um deus maligno.

— Não! — guinchou Sam, arquejante, para em seguida explodir em lágrimas incontidas.

Não era apenas terror, embora o terror fosse real o suficiente, ruim o suficiente.

Afora isto, havia um frígido vagalhão de medo e vergonha infantis. Tais sentimentos aderiam como venenoso xarope a fosse o que fosse que ele não ousava recordar, a coisa que tinha algo a ver com um livro que nunca havia lido: A flecha negra, de Robert Louis Stevenson.

Plaft!

Algo atingiu a cabeça de Sam e ele gritou.

— Olhe para mim!

— Não, por favor, não me obrigue! — suplicou Sam.

Plaft!

Ele ergueu o rosto, protegendo os olhos lacrimosos com um braço trêmulo, ainda a tempo de ver o braço do Policial da Biblioteca tomar a descer.

Plaft!

Ele batia em Sam com o exemplar enrolado da Gazette, castigava-o da maneira como se castigaria um cachorrinho indefeso que houvesse urinado no chão.

— Assim está melhor! — exclamou o Policial de Biblioteca.

Ele sorriu, os lábios entreabertos revelando as pontas de dentes agudos, dentes que quase eram presas. Enfiando a mão no bolso, ele tirou uma carteira de couro.

Abriu-a e revelou a curiosa estrela de inúmeras pontas. Ela cintilou à claridade límpida da manhã.

Sam agora não conseguia desviar o rosto daquele rosto implacável, daqueles olhos prateados, com suas minúsculas pupilas de ave. Choramingava e babava, percebia isto, mas não conseguia controlar-se.

— Você tem doisss livrosss que são nossssosss — disse o Policial da Biblioteca. Sua voz ainda parecia provir da distância ou de trás de uma espessa vidraça. — A Srta. Lortsss está muito aborrecida com o seu esquecimento, Sr. Peebles.

— Eu os perdi — disse Sam, começando a chorar mais forte.

A ideia de mentir para este homem sobre

(A flecha negra)

os livros, sobre qualquer coisa, estava fora de questão. Ele era todo autoridade, todo poder, todo força. Era juiz, jurados e executor.

Onde está o zelador? perguntou-se Sam, incoerentemente. Onde está o zelador que checa os mostradores e depois volta para o mundo lúcido? O mundo lúcido, onde coisas com o esta não têm que acontecer?

— Eu.. Eu... Eu...

— Não quero suasss desculpasss idiotasss — disse o Policial da Biblioteca. Dobrou a carteira de couro e a enfiou no bolso direito. Ao mesmo tempo, do bolso esquerdo tirou uma faca, de lâmina comprida e afiada. Sam, que ficara três verões ganhando dinheiro para a faculdade como empregado de almoxarifado, identificou-a em seguida. Era uma faca para papelão. Indubitavelmente, havia uma igual àquela em cada biblioteca da América. — Tem um prazo até meia-

noite. Depoisss disso...

O homem inclinou-se, estendendo a faca em sua mão lívida, semelhante à de um cadáver. O ar gélido que o envolvia atingiu o rosto de Sam, entorpeceu-o. Ele tentou gritar, mas emitiu apenas um vidrado sussurro de ar silencioso.

A ponta da lâmina espetou a carne em sua garganta. Era como ser espetado com uma agulha de gelo. Uma solitária gota escarlate fluiu, logo se congelando solidamente, uma diminuta pérola-semente de sangue.

— ... eu torno a voltar — disse o Policial da Biblioteca, em sua voz estranha e ciciante. — É melhor encontrar o que perdeu, Sr. Peebles!

A faca retornou ao bolso, desaparecendo de vista. O Policial da Biblioteca endireitou o corpo em toda a sua altura.

— Há uma coisa maisss — disse ele. — Andou fazendo perguntasss, Sr. Peebles.

Encerreasss. Entendeu bem?

Sam tentou responder, conseguindo apenas produzir um grunhido.

O Policial da Biblioteca começou a inclinar-se, empurrando ar gelado à sua frente, da maneira como a proa achatada de uma barcaça empurraria um bloco de gelo em um fio. — Não se meta no que não é da sua conta. Entendeu bem?

— Sim! — gritou Sam. — Sim !Sim !Sim !

— Ótimo. Porque estarei vigiando. E não estou sozinho.

Ele se virou, o impermeável farfalhando, e tornou a cruzar a cozinha, rumando para a saída. Nem uma só vez virou a cabeça, a fim de olhar para Sam. Atravessou uma brilhante faixa de sol matinal em seu trajeto, e Sam viu uma coisa espantosa, terrível: o Policial da Biblioteca não lançava sombra.

Ele chegou à porta dos fundos. Segurou a maçaneta. Sem se virar, disse em voz grave, horrenda:

— Se não quiser me ver outra vezzz, Sr. Peebles, encontre aquelesss livrosss!

Em seguida abriu a porta e saiu.

Um único e frenético pensamento encheu a mente de Sam no minuto em que a porta se fechou e ele ouviu o som dos passos do Policial da Biblioteca no alpendre dos fundos: tinha que trancar a porta.

Conseguiu erguer-se a meio, mas então tudo ficou cinzento à sua volta e ele tombou para diante, sem sentidos.

DEZ

Cro-no-lodgi-ca-mein-te Falando

1

— Posso... ajudá-lo em alguma coisa? — perguntou a recepcionista.

A ligeira pausa aconteceu quando ela lançou um segundo olhar ao homem que acabara de aproximar-se do balcão.

— Sim — disse Sam. — Eu queria examinar alguns exemplares atrasados da Gazette, se for possível.

— Claro que é possível — respondeu ela. — Só que — perdão se me intrometo — mas o senhor está se sentindo bem? Sua cor não é nada boa.

— Já que falou nisto, acho que peguei alguma coisa — disse ele.

— Os resfriados de primavera são os piores, não? — disse ela, levantando-se. — Siga diretamente até o portão no final do balcão, Sr....

— Peebles. Sam Peebles.

Ela parou, uma mulher rechonchuda de uns sessenta anos, e bandeou a cabeça.

Colocou uma unha vermelha no canto da boca.

— O senhor vende seguros, não é?

— Exatamente, madame — disse ele.

— Logo vi que o reconhecia! Sua foto saiu no jornal, semana passada. Seria alguma espécie de prêmio?

— Não, senhora — disse Sam. — Eu fiz um discurso. No Rotary.

E daria qualquer coisa para fazer o relógio voltar atrás, pensou ele. Diria a Craig Jones que se fodesse.

— Bem, isso é formidável — disse ela — mas parecia haver alguma dúvida em

— Bem, isso é formidável — disse ela... mas parecia haver alguma dúvida em suas palavras. — O senhor estava diferente na foto.

Sam atravessou o portão do balcão.

— Eu sou Doreen McGill — disse a mulher, estendendo uma mão rechonchuda.

Sam apertou-a e disse que era um prazer conhecê-la. Precisou esforçar-se.

Decidiu que falar com as pessoas — e especialmente tocá-las — exigiria algum esforço por bastante tempo ainda. Toda a sua antiga espontaneidade parecia ter desaparecido.

Ela o conduziu até um lance de escada acarpetada e pressionou um interruptor.

A escada era estreita, a lâmpada mais acima lançava uma claridade mortiça, e Sam começou a sentir imediatamente os horrores acumulando-se à sua volta. Surgiram ansiosos, como fãs aglomerando-se em torno de uma pessoa oferecendo entradas grátis para algum fabuloso programa com a lotação esgotada. O Policial da Biblioteca poderia estar lá embaixo, esperando no escuro. O Policial da Biblioteca, com sua pele lívida de cadáver, os olhos prateados orlados de vermelho e o leve, mas obcecantemente familiar som ciciante na voz.

Pare com isso, disse para si mesmo. E se não puder parar, então, por Deus, controle-se! Tem de controlar-se! Porque esta é a sua única chance. O que mais irá fazer, se não consegue descer um lance de escada para um simples porão de escritório? Esconder-se em sua casa e esperar lá a té a meia-noite?

— Aqui é o necrotério — disse Dorren McGill, apontando. Evidentemente, era uma dama que aproveitava cada chance ao seu alcance para apontar. — O senhor terá apenas que...

— Necrotério? — perguntou Sam, virando-se para ela. Seu coração começara a bater perigosamente contra as costelas. Necrotério?

Doreen McGill riu.

— Todos ficam espantados. É terrível, não? Entretanto, é como chamam este lugar.

Acho que é alguma tradição tola jornalística. Não se preocupe, Sr. Peebles... não há cadáveres aqui embaixo. Apenas rolos e rolos de microfilmes.

Eu não teria tan ta certeza, pensou Sam, descendo atrás dela os degraus acarpetados. Estava contente pela mulher ir na frente.

Ela acionou uma fileira de interruptores no pé da escada. Várias lâmpadas fluorescentes, incrustadas no que pareciam exageradas bandejas de gelo invertidas, piscaram e acenderam-se. Iluminaram um amplo e baixo recinto, acarpetado no mesmo tom azul-escuro dos degraus. As paredes eram tomadas por prateleiras sustentando pequenas caixas. No correr da parede esquerda, havia quatro aparelhos para a leitura de microfilmes, semelhantes a secadores de cabelo futuristas. Tinham o mesmo tom de azul do carpete.

— O que eu ia dizer é que o senhor tem de assinar o livro — falou Doreen. Tornou a apontar, agora para um grande livro preso por uma corrente a um estande ao lado da porta. — Terá também de registrar a data, a hora em que entrou aqui, que é — ela consultou seu relógio de pulso — dez e vinte. Depois registrará a hora de saída.

Inclinando-se, Sam assinou o livro. O nome acima do seu era Arthur Mcccham. O Sr. Meecham estivera ali no porão em 27 de dezembro de 1989 — Mais de três meses atrás. Aquela era uma sala bem iluminada, bem estocada e eficiente, mas que parecia ter bem pouco movimento.

— É gostoso aqui em baixo, não? — perguntou Doreen, com ar complacente. — Isto é porque o governo federal ajuda a subsidiar os necrotérios dos jornais. Ou biblioteca, se prefere esta palavra. Eu prefiro.

Uma sombra dançou em uma das paredes, e o coração de Sam disparou novamente. Contudo, era apenas a sombra de Doreen McGill, que se inclinara para verificar se ele registrara a hora certa do dia e...

... e ELE não lançou sombra. O Policial da Biblioteca. Também...

Sam tentou esquivar-se ao restante, mas não pôde.

Também não vou poder viver assim. Não poderei conviver com este tipo de medo. Se isto continuar por muito tempo, enfiarei a cabeça dentro de um forno a gás. Se tudo continuar assim, é o que farei. Não se trata apenas de sentir medo dele — daquele homem ou do que quer que ele seja. É a maneira com o se sente

dele — daquele homem ou do que quer que ele seja. E a maneira com o se sente a mente de uma pessoa, a maneira como ela grita, se percebe com o tudo em que acreditou se dilui sem o menor esforço.

Doreen apontou para a parede da direita, onde três volumes semelhantes a pastas estavam em uma só prateleira.

— São de janeiro, fevereiro e março de 1990 — disse ela. — A cada julho, o jornal envia os seis primeiros meses do ano para Grand Island, no Nebraska, onde são microfilmados. O mesmo acontece quando dezembro termina. — Estendendo a mão gorducha, ela apontou uma unha vermelha para as prateleiras, contando-as da direita para os leitores de microfilmes, que ficavam à esquerda. Parecia admirar as próprias unhas enquanto fazia isto.

— Os microfilmes seguem esta direção, cronologicamente — disse. Pronunciou a palavra com cuidado, produzindo algo um tanto exótico: *cro-no-lodgi-ca-meinte*.

Os tempos modernos ficam à sua direita; os antigos, à esquerda.

Ela sorriu, dando a entender que aquilo era uma piada, e talvez para transmitir um senso do quão maravilhoso considerava tudo aquilo. Cro-no-lodgi-ca-meinte falando, dizia o sorriso, era tudo uma espécie de conversa fiada.

— Muito obrigado — disse Sam.

— Não tem de quê. Estou aqui para isto. É uma de minhas funções, afinal. — Levou a unha ao canto da boca e tornou a oferecer a ele o mesmo sorriso gaiato. — Sabe como usar um leitor de microfilmes, Sr. Peebles?

— Sei, obrigado.

— Tudo bem, então. Se puder ajudá-lo em mais alguma coisa, estarei logo ali em cima. É só me chamar.

— A senhora vai...

Ele começou a falar, mas então fechou a boca sobre o restante da frase:... me

deixar aqui sozinho?

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Nada, não é nada — disse ele.

Olhou-a subindo a escada para o andar de cima. Precisou resistir a um lorte ímpeto de saltar para os degraus atrás dela. Porque, com aconchegante carpete azul ou não, aquela era outra biblioteca de Junction City.

E esta tinha o nome de necrotério.

2

Sam caminhou lentamente para as prateleiras, pesadas de quadradas caixas de microfilmes, sem saber ao certo por onde começar. Era grande a sua satisfação pelo fato de as lâmpadas fluorescentes do teto emitirem claridade suficiente para banir a maioria das perturbadoras sombras dos cantos.

Ele não ousava perguntar a Doreen McGill se o nome Ardelia Lortz lhe dizia alguma coisa ou se ela teria alguma ideia de quando a Biblioteca da cidade sofrerá reformas. Andou fazendo perguntasss, dissera o Policial da Biblioteca. Não se meta no que não é da sua conta. Entendeu bem?

Sim, ele havia entendido. E supunha que se arriscava à ira do Policial da Biblioteca com sua espionagem..., porém não estava fazendo perguntas — pelo menos. não exatamente e estas eram coisas que lhe diziam respeito. Diziam-lhe respeito, desesperadamente.

Estarei vigiando. E não estou sozinho.

Sam espiou nervosamente por sobre o ombro. Nada viu. Ainda assim, achou impossível mover-se com alguma decisão. Tinha chegado a este extremo e ignorava se poderia ir mais longe. Sentia-se mais do que intimidado, mais do que amedrontado.

Sentia-se em pedaços.

— Você tem que prosseguir — murmurou atrapalhadamente, e enxugou os lábios com mão trêmula. — Tem que prosseguir!

Fez o pé esquerdo mover-se para diante. Ficou assim um momento, parado, de pernas afastadas, como um homem surpreendido ao vadear uma corrente de pouca largura. Então, fez o pé direito emparelhar-se ao esquerdo. Desta maneira relutante, aproximou-se da prateleira que estava mais perto, onde ficavam os volumes em forma de pasta. Um cartão no final da prateleira dizia:

1987-1989.

Sem dúvida, aquela era uma data demasiado recente — de fato, as reformas na Biblioteca deviam ter acontecido antes da primavera de 1984, quando ele se mudara para Junction City. Se houvessem acontecido antes, fatalmente ele

mudara para Junction City. Se houvessem acontecido antes, fatalmente ele percebería os trabalhadores, ouviria as pessoas comentarem a respeito e leria algo na Gazette.

Entretanto, supondo-se que as reformas tivessem ocorrido nos últimos quinze ou vinte anos (os tetos suspensos não haviam parecido mais velhos do que isso), ele não poderia estreitar mais o intervalo de tempo. Se ao menos conseguisse pensar mais claramente! Só que era impossível. O acontecido pela manhã anulava qualquer esforço normal, racional para pensar, da maneira como uma forte atividade das manchas solares perturbava as transmissões de rádio e televisão. A realidade e a irrealidade se tinham unido como enormes rochas, com Sam Peebles transformado em diminuto, choroso, esperneante pingo de humanidade, que dera o azar de ser capturado entre elas.

Moveu-se duas prateleiras para a esquerda, principalmente ao recear que, se ficasse parado por muito tempo, poderia congelar-se de alto a baixo. Então, acompanhou a prateleira marcada 1981-1983.

Pegou uma caixa quase ao acaso e a levou para um dos leitores de microfilmes.

Abriu-a com um estalo e tentou concentrar-se na bobina do microfilme (ela também era azul, levando-o a perguntar-se se haveria algum motivo para que tudo naquele lugar imaculado e bem iluminado fosse monocolorido), e em mais nada. Primeiro, era preciso montá-lo sobre um dos eixos, claro; depois, ajeitar na posição adequada, tudo bem; em seguida, limiar o terminal no centro do carretei de enrolamento do filme, certo. Era um aparelho tão simples que qualquer criança de oito anos executaria estas simples tarefas, mas Sam levou nisto quase cinco minutos. Suas mãos tremiam e entrechocavam-se e ele ainda precisava controlar a mente divagante.

Quando por fim montou o microfilme e o enrolou para o primeiro quadro, descobriu que colocara o carretei ao contrário. O primeiro tema estava de cabeça para baixo.

Rebobinou pacientemente o microfilme, virou-o e tornou a montá-lo. Descobriu que este pequeno atraso não faria a menor diferença; repetir a operação, passo a passo, teve o dom de acalmá-lo. Desta vez, a primeira página do exemplar da Gazette de Junction City, de 1o de abril de 1981, surgiu diante dele, em posição de leitura. A manchete alardeava a súbita renúncia de um funcionário da cidade sobre quem Sam jamais ouvira falar, mas seus olhos foram rapidamente atraídos para um quadro no fim da página. Dentro do quadro havia a mensagem:

para um quadro no fim da página. Dentro do quadro havia a mensagem:

RICHARD PRICE E TODOS OS FUNCIONÁRIOS

DA BIBLIOTECA PÚBLICA DA CIDADE DE JUNCTION CITY

LEMBRAM A VOCÊ QUE A SEMANA DE 6 A 13 DE ABRIL

É A SEMANA NACIONAL DA BIBLIOTECA.

VENHA VISITAR-NOS!

Eu tinha conhecimento disso? perguntou-se Sam. Será por isso que peguei esta caixa exatamente? Terei recordado, subconscientemente, que a segunda semana de abril é a Semana da Biblioteca Nacional?

Venha comigo, respondeu uma voz tenebrosa, sussurrante. Venha comigo, filho... Eu sou um polisssial.

Sam ficou arrepiado; todo o seu corpo tremeu. Expulsou da mente as perguntas e aquela voz fantasmagórica. Afinal de contas, no fundo pouco importava por que escolhera os exemplares da Gazette de abril de 1981. Importava apenas que o escolhera e por um golpe de sorte.

Poderia ser um golpe de sorte.

Fez o filme avançar rapidamente para 6 de abril e viu exatamente o que esperara.

Acima do cabeçalho do jornal, em letras vermelhas, estava escrito:

INCLUÍDO O SUPLEMENTO ESPECIAL DA BIBLIOTECA!

Sam avançou para o suplemento. Na primeira página do suplemento havia duas fotos. Uma era do exterior da Biblioteca. A outra mostrava Richard Price, o bibliotecário-chefe, de pé junto ao balcão de circulação, sorrindo nervosamente para a câmara. Tinha a exata aparência descrita por Naomi — um homem alto, de óculos, cerca de quarenta anos, com um fino bigodinho. Sam estava mais interessado no que aparecia no fundo. Podia ver o teto suspenso que tanto o havia chocado em sua segunda visita à Biblioteca. Portanto, as reformas tinham ocorrido antes de abril de 1981.

Os artigos eram exatamente da espécie de palavrório autofelicitativo que

Os artigos eram exatamente da espécie de palavrório autofelicitativo que esperava — já fazia seis anos que lia a Gazette e estava bem familiarizado com a parcialidade nós-somos-mesmo-um-punhado-de-animados-JotasCes de seus editoriais. Havia tópicos informativos (e longos de tirar o fôlego) sobre a Semana Nacional da Biblioteca, o Programa de Leituras do Verão, o Livromóvel do Condado de Junction e a nova campanha para levantar fundos, que apenas começara. Sam passou os olhos rapidamente por tais notícias. Na última página do suplemento, encontrou uma história bem mais interessante, escrita pelo próprio Price. Seu título era

A BIBLIOTECA PÚBLICA DE JUNCTION CITY

Cem anos de história

A ansiedade de Sam não durou muito. Ali não constava o nome de Ardelia.

Apertou o botão que fazia o microfilme voltar atrás, e então parou. Viu uma menção do projeto de reforma—tinha acontecido em 1970 — e havia algo mais. Algo um tanto desajustado. Sam começou a ler a última parte da coloquial nota do Sr. Price novamente, agora com mais atenção.

Com o final da Grande Depressão, nossa Biblioteca dobrou a esquina. Em 1942, o Conselho da Cidade de Junction City aprovou a despesa de 5.000 dólares para reparo dos enormes danos causados pela água na Biblioteca, durante a Inundação de 32, e a Sra. Felicia Culpepper assumiu o posto de bibliotecária-chefe, doando seu tempo sem recompensas. Ela jamais perdeu seu objetivo de vista: uma Biblioteca inteiramente renovada, servindo a uma cidade que rapidamente crescia e ganhava importância.

A Sra. Culpepper deixou o cargo em 1951, sendo substituída por Christopher Lavin, o primeiro bibliotecário de Junction City diplomado nesta especialidade.

O Sr. Lavin inaugurou o Memorial Fund Culpepper, que levantou cerca de 15.000 dólares para a aquisição de novos livros em seu primeiro ano, e a Biblioteca Pública de Junction City estava a caminho da era moderna!

Pouco mais tarde, tornei-me bibliotecário-chefe, no ano de 1964. Importantes reformas foram o meu objetivo número um. Os fundos necessários para tanto foram finalmente levantados em fins de 1969, e, embora o dinheiro federal e da cidade tenha contribuído para a edificação do esplêndido prédio que os "ratos de livraria” de Junction City hoje possuem, tão importante projeto não teria sido

livraria" de Junction City hoje possuem", tão importante projeto não teria sido completado sem a ajuda de todos os voluntários que, mais tarde, ofereceram-se para bater um martelo ou mover uma serra-de-bancada durante o “Mês de Construção da Sua Biblioteca", em agosto de 1970!

Outros projetos de importância durante os anos 70 e 80, abrangeram...

Sam ergueu os olhos pensativamente. Acreditava estar faltando algo na cautelosa lenga lenga sobre a história da Biblioteca da Cidade. Não, por falar nisto, faltando era a palavra errada. O ensaio o fazia decidir que Price era um chato de primeira água — provavelmente um homem simpático, mas ainda assim um chato — e tais homens não deixavam escapar fatos, em especial quando lidavam com temas que lhes eram tão caros.

Portanto — não estava faltando. Estava dissimulado.

Aquilo não se encaixava bem, cro-no-lodgi-ca-meinte falando. Em 1951, um homem chamado Christopher Lavin havia substituído a santa Felicia Culpepper, como bibliotecário-chefe. Price teria sido o sucessor de Lavin? Sam achava que não.

Deduziu que em certo ponto durante aqueles treze anos em branco uma mulher chamada Ardelia Lortz substituíra Lavin. Price chegara depois dela, refletiu Sam. Ela não constava do paulificante relato sobre a Biblioteca porque tinha feito... alguma coisa. Sam não estava mais perto de saber o que seria essa coisa, porém tinha uma ideia melhor sobre sua magnitude. Fosse o que fosse, havia sido algo ruim o bastante para Price anulá-lo como pessoa, a despeito de seu evidente amor ao detalhe e continuidade.

Assassinato, pensou Sam. Deve ter sido assassinato. Em realidade, é a única coisa ruim o bastante para...

Nesse segundo, uma mão pousou em seu ombro.

3

Se houvesse gritado, sem dúvida ele aterrorizaria o dono da mão, quase tanto quanto ela já o aterrorizara, porém Sam foi incapaz de gritar. Em vez disto, todo o ar escapou de seus pulmões e o mundo ficou novamente acinzentado. Seu peito dava a impressão de um acordeão, lentamente esmagado sob a pata de um elefante. Todos os seus músculos pareciam ter-se transformado em macarrão. Ele não tornou a molhar as calças. Este talvez fosse o único ponto misericordioso naquilo.

— Sam? — ouviu uma voz perguntar. Parecia-lhe vir de muito longe — de algum lugar no Kansas, digamos. — É você?

Ele girou, quase caindo da cadeira diante do leitor de microfilmes, e viu Naomi.

Tentou recuperar o fôlego a fim de dizer alguma coisa. Conseguiu emitir apenas um fatigado grunhido. O aposento parecia oscilar à frente de seus olhos. O tom acinzentado ia e vinha.

— Omes! — soltou ele afinal.

Sua voz era um guincho sussurrante. Sam recordou a ocasião quando, ainda menino em St. Louis, prendera um camundongo debaixo de seu boné de beisebol.

O animalzinho deixara escapar um som semelhante ao seu, enquanto disparava de um lado para outro, procurando fugir.

— Sam, o que houve com você?

Naomi também dava a impressão de alguém que teria gritado, se o choque não lhe tivesse expulsado o ar dos pulmões. Formamos um belo par, pensou ele, Abbott e Costello encontram os monstros.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Sam. — Que merda de susto levei!

Pronto, pensou ele. Usei novamente a palavra "m". Também tornei a chamar você de Omes. Sinto muito. Sentia-se um pouco melhor e quis levantar-se, mas desistiu. Nada de arriscar-se. Ainda não estava bem certo de que seu coração aguentaria.

aguentaria.

— Fui procurá-lo no escritório — disse ela. — Cammy Harrington me falou que viu você entrando aqui. Queria desculpar-me. Talvez. A princípio, pensei que você estivesse fazendo alguma brincadeira maldosa com Dave. Ele disse que você jamais faria uma coisa semelhante, e então comecei a pensar que isso não era do seu feitio.

Você sempre tem sido tão cortês...

— Obrigado — respondeu Sam. — Foi o que pensei.

— ... e parecia tão... tão perplexo ao telefone! Perguntei a Dave de que se tratava, mas ele não quis dizer. Sei apenas o que ouvi... e como ele ficou quando falava com você. Parecia ter visto um fantasma.

Não, Sam pensou em dizer a ela. Eu é que vi o fantasma . E esta manhã, vi uma coisa ainda pior.

— Sam, você tem que compreender uma coisa sobre Dave... e sobre mim. Bem, creio que já sabe sobre Dave, mas eu sou...

— Eu acho que sei — respondeu Sam. — Em minha nota para Dave, falei que não tinha visto ninguém na Rua do Ângulo, mas não era a verdade. A princípio não vi ninguém, mas fui seguindo em frente, à procura de Dave. Vi vocês, no pátio dos fundos. Portanto... agora sei. Só que não foi nada deliberado, se é que me entende.

— Sim — disse ela. — Está tudo bem, mas... Sam... oh, Deus, o que aconteceu? Seu cabelo...

— O que tem meu cabelo? — perguntou ele bruscamente.

Ela remexeu na bolsa, com mãos que tremiam ligeiramente, e apanhou um estojinho de pó compacto.

— Veja — disse.

Ele espiou, mas já sabia o que veria.

Desde as oito e meia daquela manhã, seu cabelo ficara quase inteiramente branco.

branco.

4

— Vejo que encontrou seu amigo — disse Doreen McGill para Naomi, quando os dois subiram o lance de escadas para o térreo.

Levando a unha ao canto da boca, a mulher exibiu seu leve sorriso gaiato.

— Sim, encontrei.

— Lembraram-se de registrar a hora da saída?

— Sim, registramos — respondeu Naomi.

Sam nada escrevera, mas ela o tinha feito pelos dois.

— E tomaram a guardar quaisquer microfilmes que teriam usado?

Desta vez, a afirmativa foi de Sam. Não recordava se ele ou Naomi tinham guardado o único rolo de microfilmes que montara no aparelho, e pouco estava ligando. Seu único desejo era ir embora dali.

Doreen continuava bancando a melindrosa. Com o dedo batendo de leve no lábio inferior, bandeou a cabeça e disse para Sam:

— Está parecendo diferente na foto do jornal. Só não consigo descobrir em quê.

Enquanto caminhavam para a saída, Naomi disse:

— Ele finalmente ficou esperto e parou de tingir o cabelo.

Na escada fora do prédio, Sam explodiu em uma gargalhada. A força das risadas fez com que se dobrasse ao meio. Era um gargalhar histérico, o som distante apenas meia passada do som de gritos, mas ele não se importava. Aquilo fazia-lhe bem . Era como que uma profunda limpeza.

Naomi ficou parada ao lado dele, parecendo não se preocupar com as gargalhadas e nem com os olhares curiosos lançados pelos que passavam na rua. Chegou a erguer a mão e acenar para alguém que conhecia. Sam firmou as duas mãos na parte superior das coxas, ainda presa do acesso de riso, mas havia uma parte dele sóbria o suficiente para pensar: Ela já viu este tipo de reação antes.

Onde seria? Não obstante, Sam conhecia a resposta, mesmo antes de sua mente terminar de articular a pergunta.

Naomi era alcoólatra e estivera trabalhando com outros alcoólatras — ajudá-los era parte de sua terapia. Sem dúvida vira bem mais do que um acesso de gargalhadas histéricas durante sua permanência na Rua do Ângulo.

Ela vai esbofetear-me, pensou ele, ainda gargalhando descontroladamente, ao recordar-se diante do espelho do banheiro, penteando com toda paciência a Fórmula Grecian em seu cabelo. Ela me esbofeteará, porque é o que se faz com pessoas histéricas.

Aparentemente, Naomi sabia como agir. Continuou com a máxima tranquilidade ao lado dele, à claridade do sol, esperando que Sam se controlasse. Por fim, as gargalhadas foram baixando para risadas incontidas, depois para risinhos reprimidos.

Os músculos de seu estômago doíam, ele tinha os olhos cheios d'água e as faces molhadas de lágrimas.

— Sente-se melhor? — perguntou ela.

— Oh, Naomi... — começou ele, mas outro estrondoso acesso de gargalhadas o interrompeu, o som galopando pela manhã ensolarada. — Não pode imaginar quanto!

— É claro que imagino — replicou ela. — Vamos — tomaremos meu carro.

— Para onde... — Ele emitiu um soluço. — Para onde vamos?

— Para a Rua do Anjo — disse ela, pronunciando o nome pretendido pelo pintor da tabuleta. — Estou muito preocupada com Dave. Estive lá hoje bem cedo, mas não o encontrei. Receio que ele possa andar por aí, bebendo.

— Não seria nenhuma novidade, certo? — perguntou Sam, descendo os degraus ao lado dela.

O Datsun de Naomi estava parado junto ao meio-fio, atrás do carro dele. Ela olhou para Sam de relance. Foi um olhar breve, mas complexo: irritação, resignação, compaixão. Ele pensou que a tradução daquele rápido olhar diria Você não sabe do que está falando, mas não tem culpa disso.

Você não sabe do que está falando, mas não tem culpa disso.

— Desta vez, Dave ficou sóbrio quase um ano inteiro, mas sua saúde geral não é boa. Como você disse, cair da carroça não é nenhuma novidade para ele, mas outra queda poderá matá-lo.

— E a culpa seria minha.

O último resto de hilaridade desapareceu. Naomi se virou para ele, um pouco surpresa.

— Não — disse ela. — Ninguém seria culpado... mas isso não significa que eu queira ver acontecer tal coisa. Ou que tal coisa tenha de acontecer. Vamos. Iremos em meu carro. Poderemos conversar no trajeto.

5

— Conte-me o que houve com você — disse ela, quando tomavam a direção da periferia da cidade. — Conte-me tudo. Não se trata apenas de seu cabelo, Sam; você parece dez anos mais velho!

— Bondade sua — replicou ele. No espelho do estojinho de Naomi, pudera ver mais do que apenas seu cabelo; em sua aparência, vira mais do que desejaria ver. — São mais de vinte. E dando a sensação de cem.

— O que aconteceu? O que foi?

— Sam abriu a boca para contar, pensou em como soaria seu relato, depois abanou a cabeça.

— Não — respondeu. — Ainda não. Primeiro, você irá dizer-me uma coisa. Irá falar-me sobre Ardelia Lortz. Outro dia, pensou que eu estava brincando. Não percebi isso naquele momento, mas percebo agora. Portanto, fale-me dela. Diga-me quem foi essa mulher e o que ela fez.

Naomi parou o carro junto ao meio-fio, além do velho prédio de granito do Corpo de Bombeiros de Junction City. Tinha a pele pálida sob a maquiagem leve, os olhos estavam muito arregalados.

— Não estava? Sam, você está querendo me dizer que não estava brincando?

— Exatamente.

— Ora, Sam... — Ela parou e, por um momento, foi como se não soubesse como prosseguir. Por fim, falou com toda suavidade, como que a uma criança que fez algo sem saber que era errado. — Ora, Sam, Ardelia Lortz está morta. Morreu há trinta anos!

— Eu sei que ela está morta. Quero dizer, sei disso agora. O que me interessa saber é o resto.

— Sam, quem quer que você pense ter visto...

— Eu sei quem vi.

— Diga-me o que o faz imaginar...

— Fale você primeiro.

Ela tornou a ligar o motor, checou o retrovisor e começou a dirigir novamente para a Rua do Ângulo.

— Não sei muita coisa — falou. — Tinha apenas cinco anos quando ela morreu, entende? A maior parte do que sei foi através de comentários ouvidos às escondidas.

Ela frequentava a Primeira Igreja Batista de Proverbia — pelo menos, ia lá — , mas minha mãe não fala a respeito. E também nenhum dos paroquianos mais velhos. Para eles, é como se Ardelia jamais existisse.

Sam assentiu.

— Foi justamente como o Sr. Price a tratou no artigo que escreveu sobre a Biblioteca. Aquele que eu lia quando você colocou a mão em meu ombro e tirou mais doze anos de minha vida. Isto também explica por que sua mãe ficou tão furiosa comigo quando mencionei o nome de Ardelia para ela, na noite de sábado.

Naomi olhou de relance para ele, sobressaltada.

— Você ligou para falar nisso?

Ele assentiu.

— Oh, Sam... se antes você não estava na lista “m” de minha mãe, fique certo de que está agora.

— Bem, eu já constava na lista antes, mas tenho a impressão de que ela me promoveu. — Sam riu, depois pestanejou. Seu estômago ainda doía das gargalhadas na escada do prédio do jornal, mas estava satisfeito por haver tido aquele acesso de riso — uma hora atrás, nunca acreditaria possível ter recuperado tão grande parte de seu equilíbrio. De fato, uma hora atrás ele tinha certeza absoluta de que Sam Peebles e equilíbrio permaneceriam conceitos mutuamente exclusivos pelo resto de sua vida. — Vá em frente, Naomi.

— A maioria do que ouvi foi recolhida no que o pessoal dos A.A. chama de

— A maioria do que ouvi foi recolhida no que o pessoal dos A.A. chama de “reunião de verdade” — disse ela. — É quando todos ficam por ali, bebendo café antes e então depois, falando sobre tudo que existe debaixo do sol.

Ele a fitou com curiosidade.

— Há quanto tempo está nos A.A., Naomi?

— Nove anos — disse ela francamente. — E há seis que não tomo um drinque. Não obstante, tenho sido uma alcoólatra permanente. Os bêbados não são feitos, Sam.

Eles nascem assim.

— Oh! — exclamou ele, desconcertado. Acrescentou: — Ela fazia parte do programa? Ardelia Lortz?

— Céus, não... Isto, entretanto, não significa que pessoas dos A.A. não se lembrem dela. Ardelia apareceu em Junction City por volta de 1956 ou 57, creio eu. Foi trabalhar para o Sr. Lavin na Biblioteca Pública. Um ou dois anos mais tarde, ele morreu subitamente — penso que foi um ataque cardíaco ou derrame — e a cidade entregou o cargo a ela. Ouvi dizer que Ardelia era muito boa em seu trabalho, mas, a julgar pelo que aconteceu, eu diria que era bem melhor para iludir os outros.

— O que foi que ela fez, Naomi?

— Matou duas crianças e depois suicidou-se — respondeu Naomi com simplicidade. — No verão de 1960. Montou-se uma busca às crianças. Ninguém pensou em procurá-las na Biblioteca, que se supunha fechada naquele dia. Elas foram encontradas no dia seguinte, quando a Biblioteca deveria estar aberta, mas continuava fechada. Há claraboias no teto da Biblioteca.

— Eu sei.

— ... mas atualmente só se pode avistá-las do exterior, porque eles modificaram o interior do prédio. Rebaixaram o teto para conservar o calor ou coisa assim. Seja como for, aquelas claraboias tinham enormes pegadores de bronze. Esses pegadores eram alcançados com uma vara comprida, a fim de que as clarabóias se abrissem, creio que para entrar ar fresco. Ela amarrou uma corda em um dos pegadores — deve ter usado para isto uma das escadas que correm nos trilhos,

ao longo das prateleiras de livros — e enforcou-se. Fez isso depois de matar as crianças.

— Entendo — disse Sam em voz calma, embora seu coração batesse lentamente e com muita força. — E como foi que ela... como foi que matou as crianças?

— Não sei. Ninguém nunca falou e eu jamais perguntei. Imagino que deva ter sido de maneira horrível.

— Sim, suponho que tenha sido.

— Agora, conte-me o que aconteceu com você.

— Primeiro, quero ver se Dave está no abrigo.

Naomi insurgiu-se imediatamente.

— Eu verei se Dave está no abrigo — disse ela. — Você vai ficar sentadinho no carro.

Sinto muito por você, Sam, e lamento ter tirado conclusões erradas ontem à noite.

Só que não irá perturbar Dave outra vez. Eu impedirei que faça isso.

— Dave é parte disto, Naomi!

— Impossível! — replicou ela, em um ríspido tom de voz isto-encerra-a-discussão.

— Droga, a coisa toda é impossível!

Aproximavam-se agora da Rua do Ângulo. À frente deles, uma picape chocalhava em direção ao Centro de Reciclagem, com a pequena carroceria repleta de caixas de papelão contendo latas e garrafas.

— Acho que não compreendeu o que eu lhe disse — falou ela. — Enfim, não me surpreende: as Pessoas da Terra dificilmente compreendem. Portanto, abra bem os ouvidos, Sam. Vou dizer em breves palavras. Se Dave beber, Dave morre. Deu para entender? Sacou?

Naomi tornou a fitá-lo de relance. Desta vez, seus olhos estavam tão furiosos que ainda fumegavam em torno das bordas. Mesmo nas profundezas de sua própria aflição, Sam percebeu algo. Antes, já nas duas ocasiões em que saíra com Naomi, ele a achara bonita. Agora, via que era linda.

— O que quer dizer com isso de Pessoas da Terra? — perguntou.

— São aquelas que não têm problemas com a bebida, pílulas, maconha, xarope para tosse ou qualquer das outras coisas que abalam a cabeça humana — ela quase cuspiu. — Pessoas que podem dar-se ao luxo de pregar moral e fazer julgamentos.

À frente deles, a picape dobrou para a comprida e acidentada alameda que conduzia ao centro de redenção. A Rua do Ângulo jazia adiante. Sam podia ver alguma coisa estacionada diante do alpendre, mas não era um carro. Era o carrinho de supermercado de Dave Sujeira.

— Pára um instante — pediu Sam.

Naomi parou o carro, porém não olhou para ele. Olhava diretamente para a frente, através do para-brisa. Seus maxilares comprimiam-se. Tinha as faces muito vermelhas.

— Você se preocupa com ele — disse Sam —, e fico satisfeito por isso. Também se preocupa comigo, Sarah? Ainda que eu seja uma Pessoa da Terra?

— Não tem o direito de chamar-me de Sarah! Posso chamar-me assim, porque é parte do meu nome — fui batizada Naomi Sarah Higgins. E eles também podem porque, de certo modo, são mais próximos de mim do que jamais seriam os parentes consanguíneos. Em verdade, somos parentes consangiiineos — porque em nós existe algo que nos faz da maneira como somos. Algo em nosso sangue. Você, Sam... você não tem esse direito.

— Talvez eu tenha — replicou Sam. — Talvez agora eu seja um de vocês. Porque vocês têm a bebida. E esta Pessoa da Terra tem a Polícia da Biblioteca.

Ela o fitou agora, e seus olhos estavam arregalados, cautelosos.

— Sam, eu não entend...

— Nem eu. Sei apenas que preciso de ajuda. Preciso desesperadamente de ajuda.

Tomei por empréstimo dois livros de uma biblioteca que não existe mais, e agora os dois livros também não existem. Eu os perdi. Sabe aonde eles foram parar?

Ela meneou a cabeça. Sam apontou para a esquerda, onde dois homens tinham descido da picape e começavam a descarregar as caixas de papelão cheias de latas e garrafas vazias.

— Lá! É onde eles foram parar. Viraram polpa de papel. Consegui um prazo para devolução dos livros até a meia-noite, Sarah, quando então a Polícia da Biblioteca irá transformar-me em polpa. E não creio que eles nem mesmo a minha sobrecapa deixem para trás.

6

Sam ficou sentado no banco do passageiro no Datsun de Naomi Sarah Higgins pelo que lhe pareceu muito, muitíssimo tempo. Por duas vezes, sua mão tocou a maçaneta e afastou-se. Ela afrouxara... um pouco. Se Dave quisesse falar com ele, e se Dave ainda estivesse em condições de falar, então ela o permitiria. Caso contrário, nem por sonhos.

Por fim, a porta da Rua do Ângulo se abriu. Naomi e Dave Duncan saíram. Ela passava um braço pela cintura dele, cujos pés arrastavam-se ao dar os passos. O coração de Sam ficou opresso. Então, quando os dois foram banhados pelo sol, ele viu que Dave não estava bêbado... ou, pelo menos, não necessariamente. De certo modo espectral, olhar para ele era como tomar a olhar no espelho do estojinho de Naomi. Dave Duncan parecia um homem tentando absorver o pior choque de sua vida... mas não se saindo nada bem na tarefa.

Saindo do carro, Sam ficou parado junto à porta, indeciso.

— Venha até o alpendre — convidou Naomi. A voz dela era conformada e temerosa ao mesmo tempo. — Não acho que ele consiga descer os degraus.

Sam foi até onde eles estavam. Dave Duncan teria provavelmente sessenta anos de idade. Naquele sábado, parecera ter setenta ou setenta e cinco. Devia ser por causa da bebida, supunha Sam. E agora, enquanto Iowa girava lentamente sobre o eixo do meio-dia, Dave parecia mais velho do que todas as eras. E isto — Sam sabia — era por culpa sua. Pelo choque de coisas que Dave presumira sepultadas havia muito.

Eu não sabia, pensou Sam, mas isto, por mais verdadeiro que fosse, havia perdido o poder de consolar. Exceto pelas veias rompidas em seu nariz e faces, o rosto de Dave tinha a coloração de papel muito antigo. Os olhos estavam aquosos e aturdidos. Os lábios tinham um matiz azulado, e diminutas gotas de saliva pulsavam nos fundos bolsos aos lados da boca.

— Eu não queria que ele falasse com você — disse Naomi. — Preferia levá-lo ao Dr. Malden, mas ele se recusa a ir enquanto não lhe falar.

— Sr. Peebles — disse Dave em voz débil. — Eu sinto muito, Sr. Peebles. É tudo culpa minha, não? Eu...

— Nada tem a ser desculpado — disse Sam. — Venha até aqui e sente-se.

Ele e Naomi conduziram Dave a uma cadeira de balanço no canto do alpendre e ele deixou que o sentassem. Sam e Naomi puxaram cadeiras com abaulados fundos de vime tecido e sentaram-se ao lado dele. Ficaram calados por algum tempo, espiando através dos trilhos da ferrovia para a plana zona rural mais além.

— Ela está atrás do senhor, não? — perguntou Dave. — Aquela cadela dos fundos do inferno!

— Ela atiçou alguém contra mim — respondeu Sam. — alguém que estava em um daqueles posters desenhados por você. Ele é... Bem, sei que isto vai parecer loucura, mas é um Policial da Biblioteca. Foi procurar-me esta manhã... — Sam tocou os cabelos. — Ele fez isto. E isto — disse, indicando o pequeno ponto avermelhado no centro de sua garganta. — E afirmou que não está sozinho.

Dave ficou bastante tempo em silêncio, contemplando o vazio, olhando para o horizonte plano interrompido apenas por altos silos e, ao norte, pelo vulto apocalíptico do elevador de grãos da Companhia de Alimentos Proverbia.

— O homem que o senhor viu não é real — disse Dave finalmente. — Nenhum deles é real. Somente ela. Somente a demônia.

— Você pode contar para nós, Dave? — pediu Naomi gentilmente. — Se não puder, diga, mas se isso for melhor para você... suportável... conte para nós.

— Minha querida Sarah — falou Dave. Tomou-lhe a mão e sorriu. — Eu a amo — já lhe disse isso?

Ela negou com a cabeça, retribuindo o sorriso. Em seus olhos havia lágrimas cintilando, como pedacinhos de mica.

— Nunca, mas fico feliz em saber, Dave.

— Eu preciso contar — disse ele. — Não se trata de ser melhor ou suportável, mas porque isto não pode continuar. Sabe do que me lembro em minha primeira reunião nos A.A., Sarah?

Ela abanou a cabeça.

— Foi deles dizerem que aquele era um programa de honestidade. Foi deles dizerem que a gente precisava contar tudo, não apenas para Deus, mas para Deus e outra pessoa. Então, pensei, “Se é isso que precisa pra gente levar uma vida sóbria, eu tô ferrado. Eles vão me jogar em uma cova qualquer no Wayvem Hill, naquela parte do cemitério que reservam pra bêbados e fracassados que nunca tiveram um penico pra urinar e nem uma janela pra jogar o mijo fora. Porque eu nunca ia poder contar todas as coisas que vi nem todas as coisas que fiz.

— Todos pensamos assim no começo — disse Naomi brandamente.

— Eu sei, mas duvido que haja muitos que viram as coisas que eu vi ou fizeram o que fiz. Mesmo assim, eu me esforcei. Aos pouquinhos, fiz o melhor que pude.

Arrumei minha casa, mas as coisas que vi e que fiz naquele tempo... essas eu nunca contei. Pra ninguém, pra nenhum filho de Deus. Descobri um quarto no porão do meu coração e botei nesse quarto essas coisas todas, e então fechei a porta.

Ele olhou para Sam, e este viu lágrimas rolando, lentas e cansadas, pelas fundas rugas das faces arruinadas de Dave.

— Sim, eu fiz isso. E depois da porta trancada, preguei tábuas em cima dela. E depois das tábuas pregadas, botei uma folha de aço em cima delas e rebitei tudo.

E terminada a rebitagem, empurrei uma mesa contra aquilo tudo, mas antes de dar o serviço por bom e ir embora, empilhei tijolos em cima da mesa. De lá pra cá, nestes anos todos, fico me dizendo que esqueci tudo sobre Ardelia e suas maneiras esquisitas, sobre as coisas que ela queria que eu fizesse, as coisas que me contou, as promessas que fez e o que ela era de verdade. Tomei um bocado de remédio do esquecimento, mas nunca adiantou. E quando entrei pros A.A. era esta a única coisa que me trazia de volta. Sempre. A coisa naquele quarto. Aquela coisa tinha um nome, Sr. Peebles — Ardelia Lortz. Depois que eu ficava sóbrio por algum tempo, começava a ter pesadelo. Pesadelos principalmente com os posters que fiz pra ela — aqueles que assustavam tanto as crianças — mas esses pesadelos não foram os piores.

A voz de Dave havia caído para um trêmulo sussurro.

— Não eram mesmo os piores, por grande diferença...

— Talvez seja melhor você descansar um pouco — disse Sam.

Havia descoberto que, pouco importando o quanto dependeria do que Dave tinha a dizer, uma parte sua não queria saber. Uma parte sua linha medo de saber.

— Não estou ligando pra descansar — disse Dave. — O doutor disse que estou diabético, que meu pâncreas é um mingau e que meu fígado está caindo aos pedaços.

Logo vou partir em férias permanentes. Não sei se vou pro céu ou pro inferno, mas tenho certeza de que os bares estão fechados nos dois lugares, e dou graças a Deus por isso. Só que meu tempo de descansar não é agora. Se um dia vou ter que falar, vai ser agora. — Ele olhou cautelosamente para Sam. — Sabe que tá enrascado, não sabe?

Sam assentiu.

— Isso mesmo, só que não sabe o quanto é ruim sua enrascada. Aí está o motivo por que tenho de falar. Penso que ela tem de... tem de ficar quieta de vez em quando, mas o tempo dela ficar quieta acabou. E ela escolheu o senhor, Sr. Peebles. Daí eu ter de falar. Não que eu queira. Na noite passada, depois que Sarah foi embora, saí e comprei uma garrafa de uísque. Levei ela pro pátio da ferrovia e fiquei lá sentado, onde já fiquei sentado tantas vezes antes, no meio do mato rasteiro, do rescaldo e dos cacos de vidro. Tirei a tampa da garrafa, cheguei ela até o nariz e cheirei. Sabe qual é o cheiro de bebida? Pra mim, sempre teve cheiro de papel de parede de quartos de hotéis baratos... ou de um riachinho que se escoou por entre os esgotos de uma cidade qualquer. Mesmo assim, eu sempre gostei desse cheiro, porque o cheiro também é de sono.

“E o tempo todo que eu cheirava aquela garrafa, podia ouvir a rainha das filhas da puta falando dentro do quarto onde tranquei ela. Falando de trás dos tijolos, de trás da mesa, da porta de aço, das tábuas e fechaduras. Falando como alguém que foi enterrado vivo. A voz era um pouco abafada, mas eu a escutava muito bem. Podia ouvir ela dizendo, *Certo, Dave, aí está a resposta, essa é a única resposta pra gente como você, a única que funciona, e vai ser a única que precisa, até as respostas não importarem mais.”*

“Fiquei com aquela garrafa na mão levantada um tempão, pronto para um gole comprido... mas no último segundo a bebida tinha cheiro dela... e eu recordei o rosto dela no fim, todo coberto com aqueles fiozinhos... e como a boca se

transformava... e então joguei a garrafa longe. Porque esta merda tem que acabar! Não vou deixar que ela arranque outra dentada desta cidade!”

A voz dele ganhou o trêmulo, mas potente grito de um homem:

— Esta merda já foi longe demais!

Naomi pousou a mão no braço de Dave. O rosto dela estava atemorizado, muito perturbado.

— O que, Dave? De que está falando?

— Eu quero ter certeza — disse Dave. — Conte primeiro para mim, Sr. Peebles.

Conte tudo que aconteceu com o senhor, sem deixar nada de fora.

— Eu conto — disse Sam — , mas com uma condição.

Dave sorriu fracamente.

— Que condição é essa?

— Vai prometer que me chamará de Sam... e, em troca, nunca mais tomarei a chamá-lo de Dave Sujeira.

O sorriso de Dave ampliou-se.

— Negócio fechado, Sam.

— Ótimo. — Sam respirou fundo. — Tudo foi por culpa de um maldito acrobata — começou.

7

Demorou mais do que havia imaginado, mas encontrou um alívio inexprimível — quase uma alegria — em contar tudo, sem nada omitir. Sam contou a Dave sobre o Assombroso Joe, o telefonema de Craig pedindo sua ajuda e a sugestão de Naomi quanto a colocar mais vida em seu material do discurso. Falou sobre a aparência da Biblioteca e sobre seu encontro com Ardelia Lortz. Os olhos de Naomi arregalavam-se mais e mais, à medida que ia ouvindo. Quando Sam chegou à parte do pôster do Chapeuzinho Vermelho, pregado à porta da Biblioteca Infantil, Dave assentiu.

— Esse foi o único que eu não desenhei — disse ele. — Ela já tinha o pôster. Aposto que eles nunca o encontraram. Aposto como ela ainda tem esse pôster. Ela gostava dos meus, mas esse era seu predileto.

— O que quer dizer? — perguntou Sam.

Dave apenas meneou a cabeça e pediu a ele que continuasse.

Sam então lhes contou sobre o cartão da biblioteca, os livros que levara para casa e a pequena e curiosa discussão que haviam tido, quando ele já ia embora.

— Foi isso — afirmou Dave categoricamente. — Foi o que bastou. Podem não acreditar, mas eu conheço ela. Você a deixou furiosa. Posso apostar qualquer coisa como deixou! Você a deixou furiosa... e agora ela se enrabichou com você.

Sam terminou sua história o mais rapidamente que pôde, mas sua voz diminuiu de tom e quase falhou quando chegou ao ponto da visita do Policial da Biblioteca, em seu nevoento impermeável. Quando terminou, estava quase chorando e suas mãos haviam começado a tremer novamente.

— Pode me dar um copo d’água? — pediu a Naomi, em voz rouca.

— Claro — respondeu ela, levantando-se.

Deu dois passos, depois voltou e beijou Sam na face. Seus lábios eram frescos e macios. E antes de sair para trazer a água, disse três abençoadas palavras ao ouvido dele:

— Acredito em você.

Acredito em você.

8

Sam levou o copo aos lábios, segurando-o com as duas mãos, para certificar-se de que não o derramaria. Bebeu tudo de uma só vez. Ao terminar, perguntou:

— E quanto a você, Dave? Acredita em mim?

— Acredito — respondeu Dave.

Sua resposta foi quase alheada, como se tivesse de ser inevitável. Sam imaginou que, para Dave, seria mesmo inevitável. Afinal, ele conhecera a misteriosa Ardelia Lortz, e seu rosto devastado, demasiado idoso, sugeria que o relacionamento dos dois não fora amoroso.

Dave ficou vários momentos calado, mas um pouco de sua cor retornara. Contemplava os campos rasos, através dos trilhos da ferrovia. Dentro de seis ou sete semanas estariam verdejantes, mas agora pareciam estéreis. Os olhos dele observaram a sombra de uma nuvem cruzando aquele vazio do Meio-Oeste, no formato de um gigantesco falcão.

Por fim, caindo em si, virou-se para Sam.

— O meu Policial da Biblioteca — o que desenhei para ela — não tinha nenhuma cicatriz — disse por fim.

Sam evocou o comprido rosto branco do estranho. A cicatriz estava lá, sem dúvida — cruzando a face, debaixo do olho e sobre a ponte do nariz, em uma fina linha sinuosa.

— Bem, o que isso quer dizer? — perguntou.

— Não quer dizer nada para mim, mas acho que deve significar algo para você, Sr.... Sam. Sei sobre o distintivo... o que você disse ser uma estrela de muitas pontas.

Descobri em um livro sobre heráldica, lá mesmo, na Biblioteca de Junction City.

Chama-se Cruz de Malta. Os cavaleiros cristãos usavam essa cruz no peito, quando iam batalhar nas Cruzadas. Imaginavam que fossem mágicas. Fiquei tão impressionado, que a botei na pintura. Só que... uma cicatriz? não. Não no meu

Policial da Biblioteca. Por falar nisto, quem era o seu Policial da Biblioteca, Sam?

— Não sei... não sei do que está falando — respondeu Sam lentamente.

No entanto, aquela voz — fraca, zombeteira, obcecante — voltou à sua mente: Venha comigo, filho... Eu sou um polissial. Sua boca se encheu novamente daquele sabor. O sabor de açúcar derretido de alcaçuz vermelho. Suas papilas gustativas paralisaram-se; seu estômago contorceu-se. Entretanto, isso era idiotice. Pura idiotice! Ele jamais comera alcaçuz vermelho na vida. Aliás, detestava-o.

Se nunca o comeu, como pode detestá-lo?

— Francamente, eu não o entendi — disse, falando mais firme.

— Você está sentindo alguma coisa — disse Naomi. Dá a impressão de ter levado um soco no estômago.

Sam olhou para ela, irritado. Ela o fitou de volta, calmamente, e o coração dele acelerou as batidas.

— Esqueça isso por enquanto — disse Dave —, embora não possa esquecer por muito tempo, Sam — não esquecerá, se quiser ter alguma esperança de escapar disto.

Deixe-me contar a minha história. Nunca contei ela antes e nunca mais vou contar., mas chegou a hora.

ONZE

A História de Dave

1

— Nem sempre eu fui Dave Duncan Sujeira — começou ele. — No começo dos anos cinquenta, era apenas o velho Dave Duncan e todos me apreciavam bastante. Era membro daquele mesmo Rotary Club de que você falava na outra noite, Sam. Por que não? Eu tinha meu próprio negócio e ele rendia dinheiro. Era pintor de cartazes e digo que era danado de bom. Tinha todo o trabalho de que dava conta em Junction City e Proverbia, mas volta e meia fazia um trabalhinho também em Cedar Rapids.

Certa vez, pintei um anúncio do cigarro Lucky Strike na parede do campo de beisebol do time da segunda divisão, em Omaha. Foi um estirão de pintura, indo até o inferno e voltando. Eu era muito procurado e merecia ser. Era bom. Era o melhor pintor de cartazes por estas bandas.

“Fiquei aqui, porque o que me interessava mesmo era a pintura séria e achava que se podia fazer isso em qualquer lugar. Não tinha nenhuma educação formal em arte — tentei, mas levei bomba — e sabia que isso me deixava em desvantagem, mas também sabia que muitos artistas conseguiram vencer sem toda essa papagaiada de um diploma — Vovó Moses, por exemplo. Ela não precisou de carteira de motorista; foi direto à cidade sem isso.”

“Eu bem podia ter conseguido. Vendi algumas telas, mas não muitas — e nem precisava, porque não era casado e estava vivendo muito bem com o que ganhava pintando cartazes. Além disso, guardava a maioria das minhas pinturas para poder fazer exposições, como fazem os artistas. Claro, fiz algumas, primeiro aqui mesmo, na cidade, depois em Cedar Rapids e então em Des Moines. Esta última ganhou artigo no Democrat. Pelo que eles escreveram, eu parecia a segunda vinda de James Whistler. ”

Dave ficou um momento calado, pensativo. Depois, erguendo a cabeça, tornou a contemplar os campos rasos e vazios.

— Nos A.A., eles falam de pessoas que têm um pé no futuro e outro no passado, que levam a vida estragando tudo, por causa disto. Só que às vezes é difícil não

ter de imaginar o que poderia ter acontecido se a gente fizesse as coisas um pouquinho diferentes.

Ele fitou Naomi quase com ar culpado. Ela sorriu e apertou-lhe a mão.

— Como eu era bom, pude chegar perto, mas já naqueles tempos estava bebendo além da conta. Não que isso me importasse muito — que diabo, era jovem, era forte e, por outro lado, todos os grandes artistas não bebem? Eu achava que bebiam. E eu ainda teria chegado lá — pelos menos feito alguma coisa, durante algum tempo — se Ardelia Lortz não viesse para Junction City.

“E quando ela veio, eu estava perdido.”

Dave olhou para Sam.

— Eu a identifico em sua história, Sam, mas a aparência dela era outra, naquele tempo. Você esperava encontrar uma bibliotecária com idade, o que convinha ao propósito dela. Então, foi assim que você a viu. No entanto, quando ela chegou a Junction City, no verão de 1957, tinha cabelos louro-acinzentados, e os únicos lugares arredondados em seu corpo eram aqueles que uma mulher deve ter para ser arredondada.

“Eu estava morando em Porverbia e costumava ir à Igreja Batista. Não que fosse dado demais à religião, mas acontece que lá havia algumas mulheres bonitas. Sua mãe era uma delas, Sarah.

Naomi riu, da maneira como riem as mulheres quando ouvem algo em que não acreditam inteiramente.

— Ardelia imediatamente caiu nas graças do pessoal daqui. Hoje em dia, quando qualquer um daquela igreja fala nela — se é que eles falam — aposto que vai dizer coisas como “Desde o começo, eu percebi que aquela Lortz tinha qualquer coisa esquisita" ou “Eu nunca confiei no jeito daquela mulher". No entanto, eu digo a vocês que antes não era assim. Eles zumbiam em volta dela — tanto mulheres como homens — como abelhas em volta da primeira flor despontada na primavera. Antes de estar um mês na cidade, ela conseguiu emprego como assistente do Sr. Lavin. Mas ainda duas semanas antes já estava ensinando as criancinhas na Escola Dominical, lá em Proverbia.

Agora... eu nem quero pensar no que ela ensinava — podem apostar seu último dólar como não era o Evangelho Segundo Mateus — mas estava ensinando. E

dolar como não era o Evangelho Segundo Mateus — mas estava ensinando. E todos diziam o quanto os pequeninos gostavam dela. E os pequeninos também diziam isso, mas quando falavam, em seus olhos havia uma espécie de... de ar distante, como se não soubessem direito onde estavam ou mesmo quem eles eram.

Bem, ela me caiu no goto... e eu caí no dela. Ninguém diria isso, pelo jeito como estou agora, mas naqueles tempos era um sujeito bem atraente. Sempre tive um bronzeado por trabalhar ao ar livre, tinha musculatura, o sol desbotara meus cabelos para quase louros, e minha barriga era tão reta como sua tábua de passar roupas, Sarah.

Ardelia tinha alugado uma casa de fazenda, distante uns dois quilômetros e meio da igreja, uma casinha muito jeitosa, mas precisando tanto de uma mão de tinta, como um homem no deserto precisa de água. Então, depois do culto na igreja, na segunda semana em que notei ela — eu não ia muito lá, e quando isso aconteceu, já passava de meados de agosto — me ofereci para pintar a casa.

Ardelia tinha os maiores olhos que já se viu. A maioria talvez dissesse que eram cinzentos, acho eu, mas quando ela encarava a gente com firmeza, qualquer um poderia jurar que eram cor de prata. E ela me encarou com firmeza, naquele dia depois da igreja. Usava um perfume que eu nunca tinha sentido antes. Acho que era lavanda. Não sei como descrever o cheiro, mas sempre me fazia pensar em florzinhas brancas, que só despontam depois que o sol se põe. Fui fisgado. Direitinho!

Ela estava perto de mim — quase perto o bastante para os corpos se tocarem.

Usava um vestido preto deselegante, o tipo de vestido que uma velha usaria, um chapéu com um véu de redinha e segurava a bolsa diante do corpo. Toda muito recatada e modesta. Os olhos, no entanto, nada tinham de recatados. Não, senhor. Nem de modestos. Nem um pouquinho.

Espero que não queira pintar anúncios de alvejantes e fumo de mascar nas paredes de minha casa nova — ela disse.

— De maneira nenhuma, senhora — eu respondi. — Estou pensando apenas em duas simples mãos de tinta branca. Afinal, pintura de casas não é o meu ganha-pão, mas como a senhora é nova na cidade, achei que seria uma prova de bom vizinho...

Sim, de fato — ela disse, e tocou o meu ombro.

Dave olhou para Naomi, como que procurando desculpar-se.

— Acho que eu devia dar a você uma chance de ir embora, se quiser. Daqui a pouco, minha história tem certas coisas sujas, Sarah. Eu me envergonho disso, mas quero botar pra fora o que guardei aqui dentro, ficar livre dessa vida que tive com ela.

Sarah deu-lhe um tapinha na mão idosa e rude.

— Continue — disse em voz calma. — Conte tudo.

Dave respirou fundo, e continuou.

— Quando Ardelia me tocou, eu soube que precisava ter ela pra mim ou morrer tentando. Bastou aquele toquezinho para que me sentisse melhor — e mais alucinado do que qualquer toque de outra mulher me tinha feito sentir a vida toda. Ela também sabia disso. Eu podia ver nos seus olhos. Era um olhar manhoso. Também um olhar mesquinho, mas qualquer coisa nele me deixou mais excitado do que tudo o mais.

— Será pela boa-vizinhança, Dave — ela falou, — e eu quero ser uma vizinha muito boa.

Assim, fui com ela para sua casa. Deixei toda a rapaziada plantada na porta da igreja, eu poderia dizer que fumegando de raiva e me xingando. Nenhum daqueles sujeitos sabia a sorte que tinha. Nenhum deles!

Meu Ford tinha ficado em minha oficina de trabalho e, como ela não tinha carro, tivemos mesmo que ir a pé. Para mim não fazia diferença e parecia que nem pra ela também. Fomos andando pela Estrada Truman, que naquele tempo ainda não era asfaltada, embora eles mandassem um caminhão da municipalidade despejar óleo no piso de terra batida a cada duas ou três semanas, a fim de assentar a poeira.

Tinhamos caminhado metade do trajeto até sua casa, quando ela parou. Éramos apenas nós dois, no meio da Estrada Truman, ao meio-dia em ponto de um dia de verão, com cerca de um milhão de acres do milharal de Sam Orday a um lado e cerca de dois milhões de acres do milharal de Bill Humpe do outro. O milho já crescera tanto, que passava acima de nossas cabeças, e as plantas farfalhavam

crescera tanto, que passava acima de nossas cabeças, e as plantas farfalhavam daquele jeito secreto que um milharal farfalha, mesmo quando não há brisa. Meu avô costumava dizer que era o som do milho crescendo. Não sei se é verdade ou não, mas o som é curioso. Acreditem em mim.

— Olhe! — ela disse, apontando para a direita. — Está vendo?

Eu olhei, mas não vi nada — apenas pés de millio. Foi o que disse para ela.

Pois eu lhe mostrarei! Ela disse, e correu para o milharal. Com o vestido de domingo, saltos altos e tudo. Nem mesmo tirou aquele chapéu com o véuzinho.

Fiquei ali parado alguns segundos, meio atoleimado. Então ouvi ela rindo. Ouvi ela rindo no milharal. Resolvi correr atrás, em parte querendo ver o que ela via, mas principalmente por causa daquela risada. Eu estava com um tesão danado. Era a pura verdade.

Avistei Ardelia parada mais acima na fileira em que eu estava, mas ela logo desapareceu na outra, sempre rindo. Comecei a rir também e corri atrás, pouco ligando se derrubava alguns pés de milho de Sam Orday. Ele nunca daria pela coisa, em todos aqueles acres. Entretanto, ao chegar lá com barbas de milho esvoaçando nos ombros e uma folha verde enfiada em minha gravata, como um novo tipo de prendedor, logo parei de rir, porque não vi Ardelia em lugar algum. Foi quando a ouvi rindo do outro lado. Não fazia ideia de como ela poderia ter ido pra lá sem que eu visse, mas assim foi. Então, arremeti por entre os pés de milho, em tempo de ver que ela corria para a fileira seguinte de plantas.

Acho que ficamos uma meia hora brincando de esconde-esconde, e sem eu poder alcançá-la. E cada vez eu ficava mais esquentado, com mais fogo nas veias. Eu pensava que ela estava uma fileira à minha frente, mas chegava lá e ouvia sua risada duas fileiras além, atrás de mim. Às vezes dava pra enxergar um pé dela ou uma perna e, claro, ela deixava rastros na terra solta, mas não adiantava, porque pareciam ir para todas as direções ao mesmo tempo.

Então, quando eu já começava a ficar irritado — minha melhor camisa estava encharcada de suor, o nó da gravata estava fora do lugar e os sapatos sujos de terra — cheguei a uma fileira e vi o chapéu dela pendurado em um pé de milho, com o véu esvoaçando na brisa leve que percorria o milharal.

— Venha me pegar, Dave! ela gritou. Agarrei o chapéu abandonado e me meti por entre os pés de milho, enviezadamente. Ela não estava mais ali — cheguei a

por entre os pés de milho, enviezadamente. Ela não estava mais ali — cheguei a ver o pé de milho balançando por onde Ardelia tinha passado — mas os sapatos haviam sido deixados no chão. Na fileira seguinte, encontrei uma de suas meias de seda, pendurada em uma espiga de milho. E continuava a ouvir a mulher rindo. Ela agora estava do meu lado esquerdo, se estava, e como a cadela tinha chegado lá, só Deus sabe, mas não que isso me importasse naquele momento.

Tirei fora a gravata e embarafustei atrás dela, dando voltas e mais voltas, botando a língua pra fora como um cachorro idiota que não sabe quanto é melhor ficar quieto em um dia calorento. E vou dizer uma coisa — por todo lugar que passava, eu ia derrubando pés de milho. Deixei para trás um rastro de plantas e folhas tortas. Ela, no entanto, não derrubou nadinha. Os pés de milho apenas se balançavam um pouco à sua passagem, como se ela não fosse mais do que uma brisa branda de verão.

Encontrei o vestido dela, as anáguas e a cinta-liga. Depois encontrei o sutiã e as calcinhas. Não ouvia mais as risadas. Não havia som nenhum, a não ser o do milharal.

Fiquei parado em uma das fileiras, ofegando como uma panela de pressão, com todas as roupas delas emboladas contra o peito. Podia sentir nelas o perfume de Ardélia, e aquilo me enlouquecia.

— Onde está você? — gritei, mas não houve resposta. Bem, eu finalmente tinha perdido o pouco de lucidez que me restava... e, naturalmente, era bem isso que ela queria. Merda, onde está você? — berrei, e o braço comprido e alvo dela passou por entre os pés de milho, justo ao meu lado, e ela riscou meu pescoço com um dedo.

Quase morri de susto.

Estava esperando por você — ela disse. — Por que demorou tanto? Não quer me ver? — Ela me agarrou e puxou por entre os pés de milho. E lá estava Ardelia, com os pés plantados na terra, sem uma peça de roupa, os olhos tão prateados como chuva em dia de nevoeiro.

2

Dave sorveu um longo gole d’água, fechou os olhos e prosseguiu.

— Não fizemos amor ali no milharal — em todo o tempo que a conheci, nunca fizemos amor. No entanto, fizemos uma coisa. Eu tive Ardelia por todos os meios que um homem pode ter uma mulher, acho mesmo que a tive de algumas maneiras que vocês achariam impossível. Não consigo me lembrar de todas as maneiras, mas posso recordar o corpo dela, o quanto era branco, lembro como eram suas pernas, como os dedos dos pés se encurvavam e pareciam tatear as raízes das plantas que brotavam da terra! lembro como ela riscou as unhas para diante e para trás na pele de meu pescoço e minha garganta.

Nós dois continuamos e continuamos... Não sei quantas vezes mais, só sei que eu nunca me cansava. Quando começamos, eu tinha tesão suficiente para estuprar a Estátua da Liberdade, e quando terminamos, continuava do mesmo jeito. Eu não conseguia ter o bastante dela. Acho que era como a bebida. Não havia meios de poder ter o suficiente dela. E ela também sabia disso.

Bem, finalmente paramos. Ela colocou as mãos atrás da cabeça e contorceu os ombros brancos na terra preta em que estávamos deitados, depois me olhou com aqueles seus olhos prateados, dizendo: E então, Dave, ainda somos vizinhos?

Eu disse a ela que queria mais uma vez e ela respondeu que era bom não arriscar a sorte. Tentei agarrar ela assim mesmo, mas fui empurrado, com a mesma facilidade que a mãe empurra o filho de seu peito, quando não quer amamentar mais. Fiz mais uma tentativa. Ela me riscou o rosto com as unhas, cortando a pele em dois lugares.

Isso finalmente me esfriou. Ela era rápida como um gato e duas vezes mais forte do que um. Quando me viu compreendendo que a brincadeira tinha acabado, ela se vestiu e me levou para fora do milharal. Eu a segui, tão obediente como o cordeirinho de Mary.

Fomos caminhando até a casa dela. Ninguém passou por nós, o que achei muito bom. Minhas roupas estavam cobertas de terra e de barbas de milho, eu tinha a camisa para fora das calças, a gravata enfiada em um bolso traseiro ficara com um ponta pendurada e balançando atrás de mim, como um rabo. Em cada parte do corpo que a roupa tocava, eu me sentia esfolado. Ela, no entanto — parecia

tão arrumada e direita como um sorvete de soda na vitrine de um drugstore. Nem um fio de cabelo fora do lugar, nem uma mancha de terra nos sapatos, nem um pedacinho de barba de milho agarrado na saia.

Chegamos à casa e, enquanto eu dava uma vistoria pra decidir quanta tinta ia precisar, ela me trouxe uma bebida em um copo duplo. Havia um canudinho nele e um galhinho de menta. Pensei que fosse chá gelado, até tomar um gole. Era uísque puro.

Céus! — exclamei, quase engasgando.

— Não quer? — ela me perguntou, rindo daquele seu jeito debochado. — Talvez prefira um pouco de café gelado.

Oh, eu quero sim — respondi.

Só que havia mais do que isso. Eu precisava daquele uísque. Naquele tempo, tentava não beber durante o dia, porque é isso que os alcoólatras fazem. No entanto, aquilo foi o fim da tentativa. Pelo resto do tempo em que conheci ela, bebi quase que o dia inteiro, todos os dias. Para mim, os dois últimos anos e meio em que Ike foi presidente, foram como que um pileque só.

Enquanto eu pintava a casa dela — e fazendo com ela tudo quanto me permitia, sempre que possível — Ardelia instalava-se na Biblioteca. O Sr. Lavin a contratou com um bom salário e a colocou como encarregada da Biblioteca Infantil. Eu costumava ir lá sempre que podia — e estava sempre podendo, uma vez que era meu próprio patrão. Quando o Sr. Lavin falou comigo sobre tanto tempo que eu passava lá dentro, prometi pintar todo o interior da Biblioteca de graça. Então, ele deixou que eu entrasse e saísse quantas vezes quisesse. Ardelia tinha me dito que a coisa assim ia dar certo, e tinha razão — como sempre.

Não tenho lembranças corridas do tempo que fiquei debaixo do feitiço dela — pois eu não passava disso, um homem enfeitiçado, vivendo debaixo do feitiço de uma mulher, que nem ao menos era realmente uma mulher. Não se trata desses esquecimentos que os bêbados às vezes têm; era por querer esquecer as coisas, depois que terminaram. Assim, o que tenho são lembranças soltas umas das outras, mas parecendo estender-se em uma corrente, como aquelas ilhas no Oceano Pacífico. Arquipélago Pelligos, ou coisa parecida.

Recordo que ela pregou o pôster do Chapeuzinho Vermelho na porta da

Biblioteca Infantil, coisa de um mês depois que o Sr. Lavin morreu, como também recordo quando ela tomou um garotinho pela mão e levou ele até lá. Está vendo aquela garotinha? Ardelia perguntou a ele. Estou, ele disse. Sabe por que aquela Coisa Má vai comer a garotinha? perguntou Ardelia. Não, respondeu o garotinho, com os olhos muito arregalados e solenes, cheios de lágrimas. Porque ela esqueceu de devolver o livro à Biblioteca dentro do prazo, Ardelia disse. Você não vai fazer isso, vai, Willy? Não, nunca, disse ele, e ela falou, É melhor que não faça! Então, levou o menininho para a Sala das Crianças, porque era a Hora da História. Ainda segurava a mão dele. Aquele garotinho — era Willy Klemmart, e foi morto no Vietnã — olhou por cima do ombro para onde eu estava, trepado no meu andaime, com um pincel na mão. Pude ler os olhos dele, como se fossem uma manchete na primeira página do jornal. Salve-me dela! seus olhos diziam. Por favor, Sr. Duncan! Ora, como é que eu podia salvar o garoto? Se não podia salvar nem a mim mesmo!

Das profundezas de um bolso traseiro, Dave tirou um enorme lenço estampado, limpo, mas muito amarrotado, no qual assoou-se ruidosamente.

— No começo, o Sr. Lavin chegou a pensar que Ardelia caminhava em cima da água, mas mudou de ideia algum tempo depois. Houve um diabo de discussão deles sobre o tal pôster do Chapeuzinho Vermelho, coisa de uma semana antes dele morrer. O Sr. Lavin não gostava daquele pôster. Talvez nem imaginasse o que acontecia durante a Hora da História — eu descobri, não demorou muito — mas não era cego de todo. Ele via a maneira como aquelas crianças olhavam pro pôster. Por fim, disse a ela pra tirar aquilo de lá. Foi quando começou a discussão. Não ouvi tudo, porque estava no alto do andaime, mas percebi o suficiente. Ele disse qualquer coisa sobre assustar as crianças, ou talvez que aquilo estava assustando as crianças. Ela respondeu algo sobre como aquilo a ajudava a manter o “elemento desordeiro” sob controle. Disse que era uma ferramenta para ensinar, justo como a vara de marmelo.

A verdade é que ele ficou firme, e ela finalmente teve que tirar o pôster. Naquela noite, em sua casa, ela parecia um tigre no zoológico depois que uma criança ficou o dia inteiro espetando-o com uma vara. Ia de um lado para outro em grandes passadas, toda pelada, com os cabelos esvoaçando mais atrás. Eu estava na cama, bêbado como um lorde. No entanto, lembro que ela deu meia-volta e seus olhos tinham passado de prateados pra vermelho-vivo, como se os miolos estivessem pegando fogo. A boca também estava esquisita, como se quisesse espichar-se do rosto ou coisa assim. Levei tal susto, que quase fiquei sóbrio. Nunca tinha visto nada parecido e nem queria tornar a ver.

Vou dar um jeito nele, ela disse. Vou dar um jeito naquele gorducho filho da puta, Davey! Espere só para ver!

Eu lhe disse para não fazer uma coisa tão idiota, para não perder o controle, enfim, um monte de besteiras, a maioria sem sentido. Ela ficou ouvindo um pouco, depois cruzou o quarto tão depressa que... bem, eu não sei como descrever. Num segundo ela estava no outro lado do quarto, junto da porta, e no outro estava saltando em cima de mim, com os olhos vermelhos e brilhantes, a boca toda espichada para fora do rosto, como se tivesse tanta vontade de me beijar, que espichava a pele de algum modo pra fazer aquilo. Fiquei pensando que, em vez de só me arranhar, naquele momento ela ia fincar as unhas no meu pescoço até encontrar a espinha.

Só que ela não fez nada disso. Encostou o rosto bem no meu e olhou pra mim.

Não sei o que ela viu — acho que percebeu o quanto eu estava assustado — mas o que viu pareceu deixá-la feliz, porque jogou a cabeça tão pra trás, que os cabelos chegaram até minhas coxas. E ficou rindo. Pare de falar, seu maldito bêbado! ela disse, E enfia isso em mim. Para que mais você presta?

Fiz o que ela queria. Porque, enfiar a coisa nela — e beber — era tudo pra que eu prestava naquele tempo. Claro, não estava mais pintando quadros, perdi a licença de motorista após ser apanhado dirigindo embriagado pela terceira vez — isso foi em 58 ou começos de 59 — e vinha recebendo críticas por alguns de meus trabalhos, Aliás, eu nem me preocupava mais tanto com eles; tudo que me interessava era ela.

Começaram a correr rumores de que Dave Duncan não era mais de confiança... mas o motivo que davam para isso era sempre a bebida. Os comentários sobre o que nós dois éramos um para o outro nunca foram muito fortes. Ela era cautelosa como o diabo, neste sentido. Minha reputação foi pro inferno, mas nem mais do que um salpico de lama lhe sujou a barra da saia.

Acho que o Sr. Lavin desconfiava. A princípio, ele pensou que eu só tinha uma queda por Ardelia e que ela só percebia os olhares apaixonados que eu lhe dirigia, do alto de meu andaime, sem me dar maior atenção, mas acho que, no fim, ele desconfiava da coisa. Só que, então, o Sr. Lavin morreu. Disseram que foi um ataque do coração, mas eu sabia da verdade. Estávamos na rede do alpendre dos fundos, na casa dela, uma noite depois que isso aconteceu. Nessa

noite, foi ela que não se satisfazia com o que eu lhe dava. Transou comigo até eu pedir socorro. Depois ficou deitada ao meu lado e olhava pra mim tão contente como um gato que já comeu sua ração de creme. Nos olhos dela havia aquele clarão vermelho-vivo novamente. Não estou falando de nada que imaginei; eu podia ver o reflexo daquele brilho vermelho, batendo na pele de meu braço. E podia sentir ele. Era como estar sentado perto de um fogão de lenha que esteve aceso e depois apagado. 'Eu disse a você que dava um jeito nele, Davey,' ela disse de repente, naquela voz maldosa e debochada.

Eu estava bêbado e quase morto de tanto transar — mal guardei na cabeça o que ela falou. Tinha a impressão de que ia pegar no sono em cima de um poço de areia movediça. O que foi que fez com ele? perguntei, meio cochilando.

"Eu o agarrei", ela disse. Dei abraços especiais nele, Davey — você nada sabe sobre meus abraços especiais e, se tiver sorte, nunca ficará sabendo. Agarrei-o junto das prateleiras de livros, passei os braços à volta dele e lhe mostrei como eu era realmente. Então, ele começou a chorar. Para você ver, como ficou amedrontado.

Começou a chorar suas lágrimas especiais, que fui secando com beijos. Quando terminei, ele estava morto em meus braços.

Suas lágrimas especiais. Foi o nome que ela deu. E então, o rosto dela... ele mudou. Encrespou-se, como se estivesse debaixo d'água. E eu vi uma coisa...

A voz de Dave extinguiu-se, enquanto ele contemplava as terras baixas, contemplava o elevador de grãos, olhava para o nada. Suas mãos estavam aferradas ao gradil do alpendre. Os dedos flexionavam-se, ficavam frouxos e depois tomavam a crispar-se.

— Eu não me lembro — disse ele por fim. — Talvez eu não queira me lembrar...

Exceto por duas coisas: aqueles olhos vermelhos não tinham pálpebras, e havia um bocado de carne frouxa em volta da boca, carne formando dobras e pregas, mas não de pele. Era uma coisa que parecia... perigosa. Depois aquela carne em volta da boca começou a mover-se de algum modo e eu acho que comecei a gritar. Tudo desapareceu então. Voltou ao normal. Era somente Ardelia novamente, espiando para mim e sorrindo, como um gato bonito e curioso.

"Não se prepocupe", ela disse. Você não terá que ver, Davey. Enquanto fizer o

que eu mandar, quero dizer. Enquanto continuar sendo um dos Bons Menininhos.

Enquanto for comportado. Estou muito feliz esta noite, porque aquele velho idiota se foi, afinal. O Conselho da Cidade irá indicar-me para o lugar dele, e logo vou dirigir tudo à minha maneira!

Então, que Deus ajude a nós todos, eu pensei, mas fiquei de boca bem fechada.

Qualquer um ficaria, depois de ver aquela coisa com os olhos vermelhos e fixos, enrodilhada na mesma rede, em um lugar isolado do campo, tão longe de tudo, que se a gente gritasse, mesmo com toda a força dos pulmões, ninguém ouviria.

Pouco mais tarde, ela entrou em casa e voltou com dois daqueles copos duplos cheios de uísque. Não demorou muito, eu estava novamente a vinte mil léguas submarinas, onde nada importava.

Ela fechou a Biblioteca por uma semana... em respeito pelo Sr. Lavin foi o que alegou. Quando tornou a abrir, Chapeuzinho Vermelho estava novamente pendurado na porta da Sala das Crianças. Uma semana ou duas mais tarde, me disse para eu fazer mais alguns posters novos para aquela sala.

Dave fez uma pausa, depois prosseguiu, em voz mais lenta e mais baixa.

— Ainda agora, uma parte de mim tenta dourar a pílula, tomar o meu papel melhor do que foi. Eu gostaria de contar pra vocês que discordei, que discuti, que disse a ela não ter nenhuma vontade de amedrontar um bando de crianças... mas não seria verdade. Fiz direitinho o que ela quis que eu fizesse. Que Deus me perdoe, mas fiz.

Não só porque, àquela altura, sentia medo dela, mas principalmcnte porque continuava preso àquela criatura. Havia mais uma coisa também. Havia uma parte maldosa e perversa minha — acho que nem todos têm essa parte, mas penso que ela existe em muitos de nós — que gostava do que ela pretendia. Gostava mesmo.

Agora, devem estar querendo saber o que eu fiz, mas a verdade é que nem eu mesmo sei direito. Acontece que não me lembro. O que aconteceu nessa época está uma bruta confusão, como os brinquedos quebrados que se manda pro Exército de Salvação, apenas pra ter o sótão livre das malditas coisas.

Não matei ninguém. É só disso que tenho certeza. Ela bem queria que eu matasse... e quase matei... mas acabei tirando o corpo fora. É este o único motivo que me permitiu conviver comigo mesmo — o motivo de, no fim, ter sido capaz de cair fora a tempo. Ela guardou parte de minha alma — talvez a melhor parte — mas nunca ficou com tudo.

Ele olhou pensativamente para Sam e Naomi. Agora parecia mais calmo e controlado, talvez até mesmo em paz consigo próprio, foi o que Sam pensou.

— Posso recordar um dia no outono de 1959 — acho que foi em 59 — quando ela me disse que queria um pôster para a Sala das Crianças. Ardelia me disse exatamente o que queria e concordei de boa vontade. Nada via de errado nisso. Aliás, achei até engraçado. Entendam, ela queria que eu fizesse um pôster mostrando uma criança esmagada por um rolo compressor, no meio da rua. Na parte de baixo estaria cscrito

A PRESSA É INIMIGA DA PERFEIÇÃO! DEVOLVA DENTRO DO PRAZO OS LIVROS QUE LEVOU DA BIBLIOTECA!

Pensei que fosse apenas uma espécie de piada, como quando o coiote caça o Papa-Léguas e é achatado por um trem de carga ou coisa assim. Portanto, concordei.

Ela ficou feliz da vida. Fui pro seu gabinete e desenhei o pôster. Não demorei muito, porque era apenas uma caricatura.

Achei que Ardelia ia gostar, mas que nada! Ela franziu as sobrancelhas e a boca quase desapareceu. Eu tinha feito uma caricatura de menino, com cruzes no lugar dos olhos. Como piada, fiz um balão para fala, saindo da boca do homem que dirigia o rolo compressor. Dentro do balão, escrevi "Se você tiver um selo, pode mandá-lo pelo correio como cartão-postal!"

“Ela nem ao menos sorriu. ‘Não, Davey,’ falou. ‘Você não entendeu nada. Isto não vai fazer as crianças devolverem os livros dentro do prazo. Isto só fará com que elas riam, e já passam tempo demais rindo!’

“ — Bem’ — respondi,' — acho que não entendi o que você queria.’

“Estávamos em pé por trás do balcão de circulação, de modo que os outros só viam a gente da cintura pra cima. Ela baixou o braço, agarrou meus colhões e

olhou pra mim com aqueles grandes olhos prateados que tinha, dizendo, ‘Quero que você faça um pôster realista. ’

“Levei um ou dois segundos pra entender o que ela queria mesmo dizer. Quando entendi, não acreditei. ‘Ardelia,’ falei, ‘você não sabe o que está dizendo! Se uma criança for realmente esmagada por um rolo compressor...’

“Ela apertou meus colhões, para doer — como que simplesmente me dando a entender quem mandava ali — e disse: ‘É claro que sei! Agora procure você entender-me. Eu não quero que elas riam, Davey; quero que elas chorem. Assim, por que não volta pra lá e faz tudo direito desta vez?’

“Voltei pro gabinete dela. Não sei o que eu pretendia fazer, porém minha mente inventou tudo, bem depressa. Havia uma folha limpa para pôster em cima da mesa e vim copo duplo de uísque, com um canudinho e um galhinho de menta dentro.

Havia também uma nota de Ardelia, dizendo: ‘D. — Use bastante vermelho desta vez.’

Dave olhou ponderadamente para Sam e Naomi.

— A verdade é que ela não chegou a entrar naquele gabinete, entendem? Nem uma só vez!

3

Naomi trouxe outro copo d'agua para Dave e, quando voltou, Sam reparou que tinha o rosto muito pálido e que os cantos dos olhos pareciam vermelhos. Não obstante, ela tornou a sentar-se com todo o silêncio e fez um gesto para que Dave continuasse o relato.

— Fiz o que os alcoólatras sabem fazer melhor — disse ele. — Engoli a bebida e cumpri o que me fora dito. Sobre mim caiu uma espécie de... frenesi, penso que diriam assim... Fiquei duas horas sentado à mesa dela, trabalhando com uma caixa de aquarelas baratas, derramando água e tinta pela mesa inteira, não ligando unia vírgula para o que despencasse dali. O que produzi foi algo que nem gosto de lembrar... mas sei bem o que foi. Era um garotinho todo esmagado na Rua Rampole, com os sapatos arrancados de seus pés e a cabeça aberta e espalhada, como um monte de manteiga que se derreteu ao sol. O homem que dirigia o rolo compressor era apenas uma silhueta, porém olhava para trás e se podia ver o sorriso em seu rosto.

Esse mesmo sujeito foi aparecendo sempre, nos outros posters que fiz para ela. Era quem dirigia o carro no pôster que você mencionou, Sam, aquele sobre nunca aceite carona de estranhos.

Meu pai largou minha mãe coisa de um ano depois que nasci. Simplesmente, abandonou-a, e hoje tenho uma ideia de quem tentei desenhar em todos aqueles posters. Eu costumava chamá-lo de homem escuro, e penso que representava meu pai. Acho que Ardelia conseguiu extraí-lo de algum lugar, dentro de mim. Quando lhe mostrei o segundo pôster, ela achou ótimo. Riu com prazer. 'Está perfeito, Davey!' ela disse. 'Vai pôr uma montanha de medo nos pequenos catarrentos, que logo quererão andar na linha! Vou colocá-lo agora mesmo!' Ela o pendurou diante do balcão de checagem, na Sala Infantil. E quando o pendurou, vi uma coisa que me deixou com o sangue gelado. Entendam, eu sabia quem era o meninozinho que tinha desenhado. Era... Willy Klemmart. Eu o desenhara sem pensar nisso, e a expressão do que tinha restado de seu rosto era a mesma que eu vira naquele dia, quando ela o tomara pela mão e o levara para a Sala das Crianças.

Eu estava lá quando as crianças entraram para a Hora da História e viram o pôster pela primeira vez. Ficaram aterrorizadas. Ficaram de olhos arregalados, e uma garotinha começou a chorar. E eu gostei de ver todas aquelas crianças

apavoradas.

Pensei, ‘Isso fará com que queiram andar na linha. Ensinará a elas o que pode acontecer se irritarem Ardelia, se não fizerem o que ela mandar.’ E uma parte minha pensou, Está começando a pensar como ela, Davey. Em pouco será como ela, e então estará perdido. Estará perdido para sempre.

Ainda assim, eu fui em frente. Era como se tivesse passagem de ida apenas e não desembarcaria enquanto não fizesse todo o trajeto, até o fim da linha. Ardelia havia contratado alguns alunos do ginásio, mas sempre os designava para a sala de circulação e a sala de referenda ou a de leitura. Ela é que se incumbia inteiramente das crianças... porque eram as crianças que ficavam amedrontadas com mais facilidade, entendem? E eu penso que as mais amedrontadas, eram aquelas que a alimentavam melhor. Porque era disso que Ardelia vivia, compreendam — alimentando-se do pavor das crianças. Eu fui fazendo mais posters. Não recordo todos eles, mas não esqueci o que mostrava o Policial da Biblioteca. Estava em muitos dos posters.

Em um deles — intitulava-se

OS POLICIAIS DA BIBLIOTECA TAMBÉM TÊM FÉRIAS

ele estava parado na beira de um riacho, pescando. Entretanto, a isca que colocara no anzol era aquele garotinho que as crianças chamavam de Zé Bocó. Em outro, ele amarrara Zé Bocó à ogiva de um foguete e estava apertando o botão que o enviaria para o espaço exterior. Este dizia o seguinte:

APRENDAM MAIS SOBRE CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA BIBLIOTECA — MAS PROCUREM ANDAR NA LINHA E DEVOLVAM OS LIVROS EMPRESTADOS DENTRO DO PRAZO.

Nós dois transformamos a Sala Infantil em uma casa de horrores para as crianças que entravam lá.

Dave falava lentamente, e sua voz estava embargada pelas lágrimas.

— Nós dois — repetiu. — Eu e ela. Fizemos isso com as crianças. Entretanto, sabem de uma coisa? Elas sempre voltavam. Sempre voltavam querendo mais. E nunca, nunca contaram a ninguém. Ela cuidava disso.

— Ora, mas os pais! — exclamou Naomi subitamente, de modo tão brusco, que Sam assustou-se. — Certamente, quando os pais viram...

— Nada disso — replicou Dave. — Os pais delas nunca viram nada. O único pôster amedrontador que sempre viam era aquele do Chapeuzinho Vermelho e o lobo.

Ardelia manteve este pregado à porta o tempo todo, mas os outros só eram mostrados durante a Hora da História — depois das aulas, nas noites de quinta-feira e manhãs de sábado. Ela não era um ser humano, Sarah. Ponha isso dentro da cabeça!

Ela não era humana. Ela sabia quando os adultos iam aparecer, de modo que sempre retirava das paredes aqueles posters que eu tinha desenhado, colocando em seu lugar os outros — os posters normais, dizendo coisas como LEIAM LIVROS, APENAS POR DIVERTIMENTO — antes deles chegarem.

Posso recordar as vezes em que estive lá, durante a Hora da História — naquela época, eu não desgrudava de Ardelia, se pudesse estar perto dela, e havia tempo de sobra para isso, porque deixara de pintar meus quadros, todos os trabalhos regulares tinham acabado e eu me sustentava com o pouco que conseguira economizar. Não demorou muito, o dinheiro também acabou e precisei começar a vender coisas — minha televisão, minha guitarra, meu furgão e, finalmente, minha casa. Entretanto, nada disso importava. O principal era que eu ficava um bocado de tempo na Biblioteca, e então, podia ver tudo quanto acontecia por lá. As crianças sentavam-se em suas cadeirinhas formando um círculo, com Ardelia ocupando outra, no meio.

Eu me postava no fundo da sala, sentado em uma daquelas cadeiras apropriadas para crianças, quase sempre usando meu velho guarda-pó manchado de tinta, bêbado como um gambá, precisando fazer a barba e recendendo a uísque. Ela estava lendo — lendo uma daquelas histórias-Ardelia especiais — quando de repente parava e punha a cabeça de banda, como se estivesse ouvindo alguma coisa. As crianças remexiam-se nos assentos, ficavam inquietas. Aliás, também davam a impressão de estarem despertando de algum sono profundo em que ela as colocara."Vamos ter visitas' — dizia ela, sorrindo. — Isto não é especial, crianças? Posso contar com alguns voluntários Boas-Criancinhas, para ajudarem a preparar-nos para as visitas da nossa Gente Grande?' — Todas as crianças erguiam a mão quando ela dizia isso, porque todas queriam ser Boas-Criancinhas. Os posters que eu tinha feito mostravam a elas o que acontecia às

Más-Criancinhas que não andavam na linha. Às vezes, até eu levantava a mão, sentado bêbado no fundo da sala em meu fedorento guarda-pó, parecendo a criança mais velha e mais cansada deste mundo. Então, elas se levantavam e algumas retiravam meus posters, enquanto outras apanhavam os posters normais, na gaveta do fundo da mesa de Ardelia. Faziam a substituição rapidamente.

Voltavam a ocupar suas cadeirinhas, e ela deixava de lado qualquer das coisas horríveis que estivera contando e passava para uma história como ‘A Princesa e o Grão de Ervilha’. Podem apostar que, minutos mais tarde, alguma mãe enfiava a cabeça pela porta e via todas as Boas-Criancinhas que andavam na linha ouvindo a simpática Srta. Lortz ler uma história para elas. A mãe enviava um sorriso para a criança que fosse sua, a criança sorria de volta e tudo seguia em frente.

— O que quis dizer com qualquer das coisas horríveis que estivera contando”? — perguntou Sam.

A voz dele era rouca, e estava com a boca seca. Ficara ouvindo o relato de Dave com crescente horror e repulsa.

— Contos de fada — disse Dave. — Só que ela os transformava em contos de horror.

Ficaria surpreso se visse a facilidade com que ela fazia as modificações na história.

— Eu não ficaria — disse Naomi soturnamente. — Lembro-me dessas histórias.

— Aposto que sim — replicou Dave —, mas nunca ouviu como Ardelia contava. E as crianças gostavam delas. Uma parte daquelas crianças apreciava as histórias, e elas gostavam de Ardelia, porque ela as atraía e fascinava, da mesma forma como aconteceu comigo. Bem, não exatamente, porque ali nada havia sobre sexo — pelo menos, não acredito — mas o lado escuro daquela mulher despertava o lado escuro das crianças. Dá pra entender?

Sam recordava sua amedrontada fascinação com a história do Barba-Azul e as vassouras dançarinas de Fantasia, achou que entendia o que Dave queria dizer com aquilo. Crianças odiavam e temiam o escuro... mas o escuro as atraía, não? Acenava para elas,

(venha comigo, filho)

(Venha comigo, filho)

não? Cantava para elas,

(Eu sou um polisssial)

não?

Não era assim?

— Entendo o que você quer dizer, Dave — disse ele.

Dave assentiu.

— Você já adivinhou, Sam? Quem era o seu Policial da Biblioteca?

— Continuo sem entender isso — respondeu Sam, mas achando que uma parte dele entendia.

Era como se sua mente fosse algum profundo e escuro corpo de água, com um bote afundado e jazendo no leito da massa líquida — mas não qualquer bote. Não — este era uma escuna pirata, cheia de saques e cadáveres, agora começando a mover-se no lodo ao qual estivera presa por tanto tempo. Ele receava que, em breve, tal destroço fantasmagórico e óbvio voltasse novamente à superfície, com os mastros partidos envoltos em algas negras e um esqueleto com um sorriso de um milhão de dólares ainda preso aos apodrecidos restos do leme.

— Penso que você talvez entenda — disse Dave — , ou que está começando a entender. Isso vai ter que vir pra fora, Sam. Acredite em mim!

— Eu ainda não compreendi bem essa coisa das histórias — disse Naomi.

— Uma das favoritas dela, Sarah — e também das crianças... Procure entender isto e acreditar no que digo — era Cachinhos Dourados e os Três Ursos’’. Você conhece a história, mas não da maneira como conhecem algumas pessoas desta cidade — pessoas que hoje são adultas, banqueiros, advogados, grandes fazendeiros com frotas de tratores John Deere. Entenda, no fundo do coração, foi a versão de Ardelia Lortz que conservaram. Talvez alguns deles tenham contado as mesmas histórias aos seus filhos, sem saber que haja outra maneira de contá-la. Não gosto muito de pensar nisso, mas, lá no fundo, acho que é verdade.

Na versão de Ardelia, Cachinhos Dourados é uma Criancinha Má, que não anda na linha. Ela entra na casa dos Três Ursos e destrói tudo de propósito — arranca as cortinas de Mamãe Ursa, arrasta a roupa lavada pela lama, rasga todas as revistas e papéis importantes de Papai Urso e usa uma das facas de cozinha para fazer buracos na poltrona predileta dele. Em seguida, rasga todos os livros que ele tem. Creio que esta era uma parte favorita de Ardelia, suponho, quando Cachinhos Dourados destrói os livros. E ela não toma a sopa, oh, não! Não, quando era Ardelia quem contava a história! Na versão de Ardelia, Cachinhos Dourados apanha veneno para ratos em uma prateleira alta e o espalha sobre a sopa, como se fosse canela em pó. Cachinhos Dourados nada sabia sobre quem vivia na casa, mas queria matar seus moradores assim mesmo, porque este era o tipo de Criancinha Má que ela era.

— Isso é horrível! — exclamou Naomi.

Ela havia perdido a compostura — perdera-a realmente — pela primeira vez. Tinha as mãos apertadas contra a boca e, acima delas, seus olhos arregalados estavam fixos em Dave.

— Sim. Era horrível. Entretanto, não foi o fim ainda. Cachinhos Dourados ficou tão cansada depois de depredar a casa, que quando foi ao andar de cima para destruir os quartos dos ursinhos pegou no sono na cama do Bebê Urso. Quando os Três Ursos voltaram para casa e a encontraram, saltaram em cima dela — era exatamente como Ardelia costumava dizer — saltaram em cima dela e comeram viva aquela perversa Criancinha Má. Começaram a comê-la pelos pés, enquanto ela gritava e tentava libertar-se. Eles comeram tudo, menos a cabeça. Pouparam a cabeça, porque sabiam o que ela tinha feito com a sopa deles. Os Três Ursos sentiram o cheiro do veneno.

‘Eles podiam fazer isso, crianças, porque eram ursos’ Ardelia costumava dizer, e todas as crianças — as Boas Criancinhas de Ardelia — assentiam com a cabeça, porque viam como isso podia ser. ‘Eles levaram a cabeça de Cachinhos Dourados para a cozinha, cozinharam ela e comeram seu cérebro no desjejum. Todos os três acharam que era muito gostoso... e viveram felizes para sempre.’

4

Houve um silêncio espesso, quase mortal, no alpendre. Dave estendeu a mão para seu copo d’água, por pouco não o derrubando no corrimão do gradil, com seus dedos trêmulos. Conseguiu equilibrá-lo no último momento, segurou-o com as duas mãos e bebeu avidamente. Em seguida, tornando a pô-lo no lugar, perguntou a Sam:

— Fica surpreso por minha bebedeira ter escapado um pouco do controle?

Sam meneou a cabeça. Olhando para Naomi, Dave perguntou:

— Compreende agora porque nunca pude contar esta história? Porque a tranquei naquele aposento?

— Sim, eu compreendo — disse ela em voz trêmula e suspirada, pouco mais do que um sussurro. — E acho que compreendo também por que as crianças nunca contavam nada em casa. Certas coisas são apenas demasiado... demasiado monstruosas.

— Para nós, talvez — disse Dave. — Para crianças? Não sei dizer, Sarah. Não creio que elas identifiquem monstros tão bem a um primeiro olhar. São os pais que lhes dizem como identificá-los. Aliás, Ardelia tinha algo mais a seu favor. Lembra-se de quando eu disse sobre como, ao falar para as crianças que o pai ou mãe de alguém ia chegar, era como se estivessem despertando de um sono profundo? Dc certo modo curioso, elas estavam dormindo. Não era hipnose — pelo menos eu acho que não era — mas era como hipnose. Depois, quando as crianças voltavam para casa, não se lembravam de nada sobre as histórias ou os posters, pelo menos com a parte superficial de suas mentes. Lá bem no fundo, acho que se lembravam plenamente de tudo... assim como, bem lá no fundo, Sam tem conhecimento de quem é o seu Policial da Biblioteca. Acredito que eles hoje ainda se lembram — os banqueiros, advogados e grandes fazendeiros que um dia foram as Criancinhas Boas de Ardelia.

Ainda posso vê-los, usando aventais e calças curtas, sentados naquelas cadeirinhas.

olhando para Ardelia no meio do círculo, os olhos tão arregalados e redondos que mais pareciam pires. Também acho que quando escurece e há tempestades

— ou quando estão dormindo e têm pesadelos — estes adultos de hoje voltam a ser crianças. Acho que as portas se abrem e tomam a ver os Três Ursos — os Três Ursos de Ardelia — raspando o cérebro de dentro da cabeça de Cachinhos Dourados com suas colheres de madeira para a sopa, e o Ursinho usando o escalpo da menina na cabeça, como uma comprida peruca dourada. Imagino que acordem suando, sentindo-se fracos e nauseados. Penso que foi o que ela deixou para esta cidade. Penso que ela deixou um legado de pesadelos secretos.

Entretanto, ainda não cheguei à pior parte. Aquelas histórias, compreendam — bem, por vezes eram os posters, mas principalmente eram as histórias — costumavam assustar tanto certas crianças, que elas tinham um acesso de choro, começavam a querer desmaiar, desmaiavam ou sei lá o quê. E quando isso acontecia, Ardelia dizia para as outras, "Baixem a cabeça e descansem, enquanto levo Billy... ou Sandra... ou Tommy... ao banheiro, para que ele melhore.'

Sem exceção, todas as crianças baixavam a cabeça no mesmo instante. Era como se estivessem mortas. Da primeira vez que vi isto acontecer, esperei dois minutos, depois que ela levou uma garotinha para fora da sala, e então me levantei, aproximando-me do círculo. Fui primeiro até Willy Klemmart.

Willy!' — sussurrei, tocando-o no ombro. — 'Você está bem, Will?'

Como ele não se movesse, toquei-o com mais força e tomei a repetir seu nome.

Ele continuou imóvel. Eu podia ouvir o menino respirar — era uma respiração difícil e encatarrada, da maneira como acontece a maioria do tempo com crianças que volta e meia ficam resfriadas — mas ainda era como se ele estivesse morto. Os olhos estavam meio abertos, mas eu só via as partes brancas, e um fio comprido de baba escorria de seu lábio inferior. Fiquei assustado e passei para mais três ou quatro crianças. Nenhuma delas olhou para mim ou fez um som qualquer.

— Está dizendo que Ardelia as encantava? — perguntou Sam. — Que elas ficavam como Branca de Neve, depois de comer a maçã envenenada?

— Isso mesmo — assentiu Dave. — Era como elas ficavam. De forma diferente, mas também parecida. Então, quando eu já ia voltar para Willy Klemmart e sacudir o garoto até acabar com aquilo, ouvi ela voltando do banheiro. Corri para o meu lugar, para que Ardelia não me flagrasse fazendo o que não devia. Porque eu tinha mais pavor do que ela pudesse fazer a mim do que qualquer coisa que

fizesse com aquelas crianças.

Ela entrou, e a garotinha, que estava cinzenta como um lençol sujo, e meio inconsciente, quando Ardelia levou ela pra fora, era como se alguém acabasse de lhe dar o melhor tônico para os nervos deste mundo. Agora estava bem viva, com as bochechas rosadas e um brilho nos olhos. Então, Ardelia bateu uma palma e disse,

‘Todas as Boas Criancinhas, levantem a cabeça! Sonja agora está muito melhor e quer que terminemos a história, não é, Sonja?’

Sim, senhora!’ — cantarolou Sonja, tão animada como um tordo se banhando em um pequeno chafariz para pássaros. E todas as crianças levantaram a cabeça.

Ninguém juraria que dois segundos antes aquela sala parecia repleta de criancinhas mortas.

Da terceira ou quarta vez que isto aconteceu, eu deixei que ela saísse da sala e então fui atrás. Compreendam, eu sabia que Ardelia amedrontava as crianças de propósito e achava que devia haver algum motivo pra isso. Claro, estava quase morto de medo, mas queria ver o que era.

Daquela vez, quem ela levou pro banheiro foi Willy Klemmart. O menino estava ficando histérico durante a versão de Ardelia para ‘Joãozinho e Maria’. Abri a porta no maior silêncio, e vi Ardelia ajoelhada diante de Willy, lá onde ficava a pia. Ele tinha parado de chorar, mas fora isso eu não podia dizer mais nada. Ela estava de costas para mim, entendam, e Willy era tão pequeno, que ficava escondido atrás do corpo dela, mesmo Ardelia estando de joelhos. Eu via as mãos dele nos ombros do macacão que ela usava e via também uma manga de suéter vermelha do garoto, mas era só.

Então, ouvi uma coisa — um som forte de coisa sendo chupada, aquele mesmo som do canudinho, depois que a gente já tomou todo o milk shake que tinha no copo.

Pensei então que ela estivesse... compreendem, molestando o menino — e ela estava, mas não da maneira que imaginei.

Cheguei um pouquinho mais perto e deslizei para a direita, caminhando na ponta da biqueira dos sapatos para que os saltos não fizessem barulho. Mesmo assim, esperei que ela me ouvisse... Ardelia tinha ouvidos que pareciam radares

esperei que ela me ouvisse... Ardelia tinha ouvidos que pareciam radares, entendem?

Fiquei esperando que se virasse e me verrumasse com aqueles olhos vermelhos que tinha, mas eu não podia parar. Eu tinha que ver! E aos poucos, enquanto me descambava para a direita, comecei a ver.

Agora podia ver o rosto de Willy por cima do ombro dela, um bocadinho de cada vez, como uma lua saindo de um eclipse. A princípio, tudo que vi de Ardelia foram seus cabelos louros — era uma massa de cabelos, em ondas e anéis — mas então fui vendo o rosto dela também. E pude ver o que estava fazendo. Toda a força que eu tinha nas pernas se escoou abaixo, como água por um cano. Não havia jeito deles me verem, a menos que eu começasse a bater com um martelo nos canos que corriam pelo teto. Estavam os dois de olhos fechados, mas o motivo não era este. Um e outro estavam perdidos no que faziam, compreendem, os dois se tinham perdido no mesmo lugar, porque estavam enganchados entre si.

O rosto de Ardelia não era mais humano. Tinha se espichado como puxa-puxa ainda quente e formava uma espécie de funil, achatando o nariz dela e repuxando os olhos nos lados, como olhos de chinês. Isso fazia ela parecida com algum tipo de inseto... talvez uma mosca... uma abelha... A boca tinha desaparecido novamente.

Virara aquela coisa que eu começara a ver, pouco depois dela ter matado o Sr. Lavin, na noite em que nós dois estávamos na rede. A boca era agora a parte mais estreita daquele funil. Pude ver uns curiosos riscos vermelhos no tal funil. Pareciam sangue, também veias debaixo da pele. Logo depois descobri que eram batom. Ardelia não tinha mais lábios; aquela tinta vermelha marcava o lugar onde eles ficavam antes.

Ela estava usando aquela coisa de chupar, para beber nos olhos de Willy.

Sam olhou para Dave, apalermado. Por um momento, pensou que o homem podia ter perdido o juízo. Fantasmas eram uma coisa; isto aqui era bem diferente.

Aliás, não tinha a menor ideia do que fosse isto. No entanto, a sinceridade e a honestidade brilhavam no rosto de Dave como uma lâmpada, fazendo Sam pensar: Se ele está mentindo, não sabe que mente.

— Dave, está dizendo que Ardelia Lortz bebia as lágrimas do menino? — perguntou Naomi, hesitantemente.

— Sim... e não. Eram as lágrimas especiais dele que Ardelia bebia. O rosto dela estava todo espichado para ele, palpitava como um coração e as feições de Ardelia estavam completamente achatadas. O rosto dela parecia esses que a gente desenha em uma sacola de compras para fazer uma máscara do Dia das Bruxas.

O que saía dos cantos dos olhos de Willy era meloso e rosado, como catarro ensanguentado ou pedaços de carne quase virando líquido. Ela ficou chupando, fazendo aquele som de sugar. Era o medo dele que Ardelia bebia. De algum modo, tomara o medo do menino real, tão grande, que precisava ser posto pra fora naquelas lágrimas terríveis ou o garoto morreria.

— Está dizendo que Ardelia era alguma espécie de vampiro, Dave? — perguntou Sam.

— Dave pareceu aliviado.

— Sim, é isso aí. Quando penso naquele dia, desde então — quando ouso pensar nele — acredito que ela fosse exatamente isso. Todas aquelas histórias antigas, falando de vampiros que fincam os dentes no pescoço das pessoas e bebem seu sangue são erradas. Não muito erradas, mas nesta questão, dizer que se aproximam da verdade é melhor. Eles bebem, mas não pelo pescoço; eles ficam gordos e saudáveis com o que extraem das vítimas, mas o que eles extraem não é bem sangue.

Talvez a coisa que extraiam seja mais vermelha, mais sangrenta, se as vítimas forem adultas. É possível que ela tenha bebido do Sr. Lavin. Acho que bebeu. Só que não era sangue.

Era medo!

5

— Não sei quanto tempo fiquei lá, espiando ela, mas não podia ter sido muito tempo, porque Ardelia nunca demorava mais do que uns cinco minutos. Depois de algum tempo, a coisa saindo dos cantos dos olhos de Willy foi ficando cada vez mais pálida e diminuindo de quantidade. Eu podia ver aquele... entendam, aquele negócio dela...

— Probóscide — disse Naomi baixinho. — Acho que devia ter sido um probóscide.

— É mesmo? Tudo bem. Eu vi aquele negócio probos sei lá o que, espichando mais e mais, não querendo perder nada, querendo chupar até a última gotinha, e então percebi que ela estava quase terminando. Depois ia acordar e me veria ali. E se me visse, provavelmente me mataria.

Comecei a recuar, devagarzinho, um passo de cada vez. Pensei que não ia conseguir, mas por fim bati com o traseiro na porta do banheiro. Quase gritei nesse momento, imaginando que fosse ela atrás de mim, qualquer coisa assim. Tinha certeza de que era ela, embora a estivesse vendo de joelhos, bem ali na minha frente.

Apertei a mão em cima da boca para não gritar e me empurrei pela porta meio aberta. Fiquei ali, enquanto a porta se fechava devagar, com seu molejo de ar comprimido. Pareceu levar uma eternidade. Depois de fechada, caminhei para a porta principal. Eu estava meio doido, só pensava em dar o fora dali e nunca mais voltar. Queria fugir sempre.

Cheguei até o saguão, onde ela tinha colocado aquele aviso que você viu, Sam — aquele dizendo apenas SILÊNCIO! — e então caí em mim. Se ela levasse Willy devolta à Sala das Crianças e não me visse lá, saberia que eu tinha visto. Ardelia iria atrás de mim, acabaria comigo. Nem mesmo pensei que ela teria dificuldade para me encontrar, porque pensei naquele dia no milharal, quando ela ficara dando voltas à minha roda naquela soleira toda, sem ao menos suar.

Assim, dei meia-volta e tomei a ocupar minha cadeira na Sala das Crianças. Foi a coisa mais penosa que já fiz na vida, mas acabei conseguindo. Não tinha ficado com o assento na cadeira dois segundos, e ouvi eles chegando. Naturalmente, Willy estava todo feliz e sorridente, cheio de vida, como ela também. Ardelia

parecia ter disposição para dois rápidos rounds com Carmen Basilio e acabar com ele.

"Vocês aí, todas as Boas Criancinhas, levantem a cabeça!" — ela disse e bateu palmas. Todas as crianças obedeceram e olharam para ela. ‘Willy agora está muito melhor e quer que eu termine a história, não é, Willy?’

— Sim, senhora’ — Willy disse. Ela o beijou e o menino correu para sua cadeirinha. Ardelia continuou a contar a história. Fiquei lá ouvindo, e quando a Hora da História terminou, comecei a beber. Aliás, desse dia até o fim, nunca cheguei a parar de fato.

6

— Até o fim ? — perguntou Sam. — O que sabe sobre isso?

— Não tanto quanto poderia saber, se não estivesse caindo de bêbado o tempo todo, porém mais do que eu gostaria de saber. Não sei dizer com certeza quanto tempo durou esta última parte. Acho que foram uns quatro meses, mas bem podiam ter sido seis, até oito. Àquela altura, eu nem mesmo percebia direito as estações.

Quando um bêbado como eu começa a escorregar, Sam, o único tempo que ele percebe está dentro de uma garrafa. No entanto, sei de duas coisas e, pra dizer a verdade, estas duas são as únicas que importam. Alguém começou a incomodá-la, esta foi a primeira coisa. E estava chegando a hora dela voltar a dormir. Mudar. Esta foi a outra.

Eu me lembro de uma noite na casa dela — Ardelia nunca foi à minha, nem uma vez — em que ela disse, Estou ficando com sono, Dave. Agora, fico sonolenta o tempo todo. Logo será o momento para um longo descanso. Quando esse momento chegar, quero que você durma comigo. Porque, compreende, eu me afeiçoei a você.

Eu estava bêbado, claro, mas o que ela disse, mesmo assim me botou um arrepio na espinha. Imaginei saber do que Adelia falava, mas quando perguntei, ela apenas riu.

— Não, não é nada disso — ela falou, olhando pra mim com um ar debochado e divertido. — Estou falando de sono, não de morte, mas você terá de alimentar-se comigo.

Estas palavras imediatamente me botaram sóbrio. Ardelia ignorava que eu estava sabendo do que ela falava, mas eu sabia muito bem. Eu já tinha visto.

Depois disso, ela começou a fazer perguntas sobre as crianças. Queria saber de quais eu não gostava, quais eu achava que eram sonsas, as que eram barulhentas demais, as que eram mais travessas. São Criancinhas Más, que não merecem viver ela disse. São mal-educadas e destruidoras, devolvem os livros em péssimas condições, riscados de lápis, com páginas rasgadas. Quais delas você acha que merecem morrer, Davey?

Foi então que tive certeza de uma coisa: eu tinha que fugir dela, mesmo que a única maneira fosse matar-me. Eu precisava escapar. Estava acontecendo alguma coisa com aquela mulher, entendam. Os cabelos agora eram foscos, e a pele, que sempre tinha sido perfeita, mostrava marcas. Havia também uma outra coisa — eu podia ver aquele negócio, aquele troço em que a boca de Ardelia se virava — o tempo todo, logo abaixo da pele. E a pele... estava ficando toda franzida e frouxa, nela havia fios como teias de aranha.

Uma noite, a gente estava na cama e ela me viu espiando seus cabelos. Você nota a mudança em mim, não é, Davey? E me deu um tapinha no rosto. Está tudo bem, é perfeitamente natural. Sempre fica assim quando estou me preparando para voltar a dormir. Logo estarei dormindo, e se você pretende ir comigo, terá que pegar uma das crianças, sem muita demora. Ou duas. Talvez três. Quanto mais, melhor!

Ela começou a rir naquela sua maneira destemperada, e quando tornou a olhar para mim, os olhos tinham ficado vermelhos de novo. Seja como for, não pretendo deixar você para trás. Em vista das circunstâncias, não seria seguro. Você sabe disso, não?

Respondi que sabia.

— Portanto, se você não quer morrer, Davey, isso tem que ser logo .Muito breve.

E se decidiu o contrário, vai me dizer agora. Podemos terminar nosso tempo juntos esta noite, de maneira agradável e sem dor.

Ela se inclinou para mim e senti o cheiro de sua respiração. Era como ração para cachorro estragada. Não dava para acreditar que eu já tinha beijado aquela boca de onde saía aquele cheiro, estivesse bêbado ou sóbrio. No entanto, uma parte de mim — muito pequena — ainda devia querer continuar vivendo, porque eu lhe disse que queria ir com ela, só que precisava de algum tempo pra me preparar. Tempo pra preparar a mente.

— Você quer dizer, tempo para beber — ela disse. Você devia ficar de joelhos e agradecer a seus astros miseráveis e infelizes por minha causa, Dave Duncan! Se não fosse eu, dentro de um ano, talvez menos, você estaria morto em uma sarjeta.

Comigo, poderá viver quase para sempre.

A boca de Ardelia espichou-se apenas por um segundo, espichou-se até me tocar a face. E, sei lá como, consegui não gritar.

Dave se virou para eles, fitando-os com seus olhos fundos e esgazeados. Depois sorriu. Sam Peebles jamais esqueceria a qualidade espeetral daquele sorriso; ela assombraria seus sonhos depois disso. — Não foi bem assim — disse Dave. — Em algum lugar, bem no fundo de mim, desde então eu vivo gritando...

7

— Eu gostaria de dizer que, no fim, rompi o domínio que Ardelia tinha sobre mim, mas seria mentira. Foi apenas casualidade — ou o que as pessoas do Programa chamam de poder superior. Vocês precisam entender que, por volta de 1960, eu estava inteiramente afastado do resto da cidade. Você se lembra de eu lhe ter dito que tinha sido membro do Rotary Club, Sam? Pois bem, em fevereiro de 60, aqueles rapazes não me contratariam pra limpar os mictórios em seu banheiro. Para Junction City, eu era apenas outra Criancinha Má, levando a vida de um vagabundo. Pessoas que conheci a vida inteira cruzavam a rua pro outro lado quando me viam chegando.

Naqueles tempos, eu era forte como um touro, mas a bebida tava acabando comigo, e o que a bebida não fazia, Ardelia completava.

Mais de uma vez me perguntei se ela não iria me procurar para conseguir o que precisava. Ela nunca procurou. Talvez eu não fosse bom para ela nesse sentido... mas, na verdade, não acredito que fosse por isso. Acho que Ardelia não me amava — acho que ela não poderia amar ninguém — mas acho que ela se sentia solitária. Na minha ideia, ela viveu por um longo tempo, se é que a gente pode considerar o que ela faz como viver, e que teve...

A voz de Dave extinguiu-se. Seus dedos encarquilhados tamborilaram inquietamente o joelho, enquanto seus olhos tomavam a buscar o elevador de grãos no horizonte, como que em busca de conforto.

— Companheiros seria quase a palavra justa. Acho que ela havia tido companheiros durante alguma parte de sua longa vida, mas também acho que por muito tempo não tivera um quando veio para Junction City. Não pergunte o que ela me disse para que eu pensasse assim, porque é impossível lembrar. Ficou perdido, como tanta coisa do resto. No entanto, quase posso jurar que é verdade. E ela me fisgou para a tarefa. Tenho certeza de que também terminaria indo com Ardelia se ela não tivesse sido descoberta.

— Por quem, Dave? perguntou Naomi, inclinando-se para diante. — Por quem?

— Pelo Xerife John Power. Naqueles tempos, o xerife do Condado de Homestead era Norman Beeman, e Norm é o meu melhor argumento pra dizer que xerifes deviam ser designados, em vez de eleitos. Os eleitores deram o cargo

pra ele, quando voltou para Junction City em 45, com uma maleta cheia de medalhas. Norm ganhou todas elas quando o exército de Patton avançava para a Alemanha. Era brigão como o diabo, ninguém pode negar, mas como xerife de condado, não valia um peido em uma ventania de tempestade. O que Norm tinha era o sorriso maior e mais branco que já se viu, mas também uma dose de fanfarronice que dava para carregar duas mulas. E era Republicano, claro. Esta sempre foi a coisa mais importante no Condado de Homestead. Acho que Norm continuaria sendo eleito se não tivesse morrido de um ataque do coração, na barbearia de Hughie, no verão de 1963 — Posso lembrar disso muito bem, porque então já fazia algum tempo que Ardelia se fora e eu tinha me recuperado um pouco.

Havia dois segredos para o sucesso de Norm — além daquele seu sorriso largo e a mania de fanfarronice, quero dizer. Primeiro, era um cara honesto. Que eu saiba, nunca recebeu um centavo por fora. Segundo, sempre procurava ter sob suas ordens pelo menos um comissário que pensasse depressa e não tivesse nenhum interesse em concorrer ao cargo principal. Ele sempre jogava limpo com esses caras; cada um deles recebeu uma sólida recomendação, quando se dispôs a ir pra outro lugar e progredir. Norm cuidava bem de seu posto. Pensando bem, acho que se pode encontrar seis ou oito chefes de polícia de cidade e coronéis da Polícia Estadual, espalhados pelo Meio-Oeste, que ficaram dois ou três anos aqui em Junction City limpando bosta para Norman Beeman.

Com John Power não foi assim. Ele está morto. Se lerem seu obituário, ficarão sabendo que a morte foi por ataque cardíaco, embora ele ainda nem tivesse feito trinta anos, além de não possuir nenhum dos maus hábitos que, às vezes, prejudicam o bombeador de sangue das pessoas. Eu sei qual é a verdade — o ataque do coração que matou John foi o mesmo que matou Lavin. Ela matou os dois.

— Como é que sabe disso, Dave? — perguntou Sam.

— Eu sei, porque naquele último dia deveria haver três crianças mortas na Biblioteca.

A voz de Dave ainda era calma, porém Sam ouviu o terror com que aquele homem convivera por tanto tempo correndo logo abaixo da superfície, como uma carga elétrica de baixa voltagem. Supondo-se que mesmo metade do que Dave lhes contara essa tarde fosse verdade, então ele vivera os últimos trinta anos com terrores que a capacidade de Sam não permitia imaginar. Não era de

surpreender que Dave usasse uma garrafa a fim de manter os piores deles à distância.

— Duas crianças morreram — Patsy Harrigan e Tom Gibson. A terceira ia ser o preço de minha entrada para qualquer circo em que Ardelia Lortz fosse diretora. Era essa terceira criança que ela realmente queria, pois fora quem tinha acendido o projetor sobre aquela mulher, justamente quando Ardelia mais precisava agir nas sombras. Essa terceira tinha de ser minha, porque fora proibida de tomar a entrar na Biblioteca, e Ardelia ficara sem poder aproximar-se dela. Essa terceira Criancinha Má era Tansy Power, filha do Xerife Power.

— Está falando de Tansy Ryan, não está? — perguntou Naomi, e sua voz era quase suplicante.

— Sim, estou. Tansy Ryan, do Correio, Tansy Ryan, que vai às reuniões conosco, Tansy Ryan, que antes era Tansy Power. Por estes lados, Sarah, muitas crianças que costumavam frequentar as Horas da História de Ardelia, estão nos A.A. — pense disso o que quiser. No verão de 1960, estive bem perto de matar Tansy Power... e isso não é o pior de tudo. Eu bem desejaria que fosse!

8

Naomi pediu desculpas, saiu do alpendre e, após vários minutos de espera, Sam levantou-se para ir procurá-la.

— Deixe-a — falou Dave. — Ela é uma mulher maravilhosa, Sam, mas precisa de algum tempo para ficar em ordem novamente. Você também precisaria, se descobrisse que um dos membros do grupo mais importante em sua vida esteve perto de ser assassinado por seu amigo mais íntimo. Deixe-a demorar. Sarah vai voltar — ela é forte.

Minutos mais tarde, Sarah retornou. Tinha lavado o rosto — o cabelo nas têmporas ainda estava molhado e lustroso — e trazia uma bandeja com três copos de chá gelado.

— Ali!... Estamos entrando bem nas bebidas fortes afinal, não é, querida? — disse Dave.

Naomi fez o melhor que pôde para devolver o sorriso.

— Pode apostar que sim. Eu não aguentava mais!

Sam julgou o esforço dela por um outro prisma; achou-o nobre. De qualquer modo, o gelo falava dentro dos copos em frases tilintadas, tagareladas. Levantando-se novamente, ele lhe tomou a bandeja das mãos instáveis.

Naomi o fitou com gratidão.

— E agora — disse ele, sentando-se — termine, Dave. Conte tudo até o fim.

9

— Muito do que ainda resta fiquei sabendo por ela — recomeçou Dave —, porque então eu não estava em posição de ver qualquer coisa que acontecesse em primeira mão. Mais ou menos em fins de 59, Ardelia me disse que eu não devia aparecer mais na Biblioteca Pública. Falou que, se me visse lá me mandaria embora, e que se eu ficasse rondando pelo lado de fora, chamaria os tiras. Falou também que eu estava andando muito maltrapilho e que, se eu tornasse a ser visto lá, os comentários logo começariam.

Comentários sobre nós dois? perguntei. — Quem iria acreditar, Ardelia?

Ninguém — ela respondeu. — Não é com comentários a nosso respeito que estou preocupada, seu idiota!

— Bem, então, com que está preocupada?

Com comentários sobre você e as crianças — ela disse.

Creio ter sido aquela a primeira vez em que entendi a que ponto baixo eu tinha caído. Você já me viu por baixo nestes anos, desde que começamos indo juntos às reuniões dos A.A., Sarah, mas nunca me viu daquele jeito. Aliás, fico satisfeito por isso.

Agora, só me restava a casa dela. Era o único lugar em que tinha permissão para vê-la e só podia ir até lá bem depois que escurecesse. Ela me disse que não fosse pela estrada, senão até a fazenda Orday. Dali em diante, eu teria que ir por dentro do milharal. Garantiu que saberia se eu tentasse enganar ela neste ponto, e eu acreditei — quando os olhos prateados dela ficavam vermelhos, Ardelia via tudo. Eu costumava chegar lá entre onze da noite e uma da madrugada, dependendo do quanto tinha bebido e, em geral, quase congelado até os ossos. Não posso falar grande coisa sobre aqueles meses, mas sim que em 1959 e 1960, o estado de Iowa teve um inverno danado de frio. Houve muitas noites em que cheguei a pensar que um homem sóbrio teria morrido congelado naqueles milharais.

Entretanto, não houve problema algum, na noite que quero descrever a vocês — devia ser no mês de julho de 1960, e estava mais quente do que as dobradiças do inferno. Recordo que a lua daquela noite estava inchada e vermelha, pendendo

acima das plantações. Parecia que cada cachorro no Condado de Homestead estava latindo para a lua.

Chegar à casa de Ardelia àquela noite foi como estar debaixo da borda de um ciclone. Naquela semana — acho que naquele mês inteiro — ela andava lerda e sonolenta, mas não naquela noite. Naquela noite estava muito desperta e furiosa como um cão danado. Eu nunca mais tinha visto ela assim, desde a noite em que o Sr. Lavin lhe dissera para retirar o pôster de Chapeuzinho Vermelho da porta da Biblioteca Infantil porque estava dando medo nas crianças. No começo, ela nem mesmo percebeu que eu estava lá. Andava de um lado para outro no térreo, nua como no dia em que nasceu — se é que ela chegou a nascer—, de cabeça baixa e as mãos crispadas em punhos. Estava mais louca do que um urso com o traseiro machucado. Quando estava em casa, ela costumava usar o cabelo para cima, em um coque de solteirona, mas estava solto no momento em que entrei pela porta da cozinha. Ardelia caminhava tão depressa que os cabelos esvoaçavam atrás dela. Eu podia ouvi-los fazendo um som crepitante, como se estivessem carregados de eletricidade estática. Os olhos dela estavam vermelhos como sangue e brilhavam como aquelas lâmpadas de estrada de ferro que se costumava usar nos tempos antigos, quando os trilhos estavam bloqueados em algum ponto mais acima, e pareciam projetar-se de seu rosto. O corpo estava oleoso de suor e, apesar de minha embriaguez, sentia o cheiro dela. Ardelia fedia como uma fêmea de lince no cio.

Lembro que podia ver enormes gotas oleosas descendo pelos seios e pelo ventre. Os quadris e as coxas reluziam de suor. Era uma daquelas noites quietas e pegajosas que às vezes temos por aqui no verão, quando o ar tem cheiro de mato e nos aperta o peito como um monte de ferro velho, a gente tendo a impressão de que há barbas de milho em cada respiração que se faça. Sempre se deseja raios, trovoadas e um temporal nessas noites, mas nada acontece. Queremos que o vento sopre, pelo menos, porque assim refrescaria um pouco, além de tomar mais suportável o som produzido pelo milharal... aquele som de pés de milho brotando do chão por toda a nossa volta, um som parecido ao de um velho com artrite tentando levantar da cama de manhã sem acordar a esposa.

Então, percebi que desta vez, além de furiosa, ela também estava com medo — alguém realmente enfiara o medo de Deus dentro dela. E a mudança em Ardelia se acelerava. O que quer que estivesse acontecendo com ela, agora aumentara em velocidade. Não parecia exatamente mais velha; parecia menos ali. Os cabelos agora estavam mais finos, eram como os de um bebê. A gente podia enxergar o couro cabeludo através dele. A pele dava a impressão de começar a

produzir sua própria pele — havia aquela teia fina e branquicenta sobre as faces, em volta das narinas, nos cantos dos olhos, entre os dedos... Onde houvesse uma dobra na pele é que se podia notar melhor. Aquilo flutuava um pouco enquanto ela andava de lá prá cá. Querem ouvir uma coisa maluca? Hoje, quando a Feira do Condado vem à cidade, não suporto chegar perto dos estandes de algodão-doce na via principal. Conhecem a máquina de fazer algodão-doce? Parece um biscoito em forma de rosca, e gira, gira, gira, enquanto o homem pega um cone de papel e vai enrolando nele o algodão-doce cor-de-rosa. Já viram? Pois era assim que a pele de Ardelia estava começando a parecer — como aqueles fiozinhos finos de açúcar enrolado. Acho que agora sei o que eu via. Ardelia estava fazendo o mesmo que as lagartas quando se preparam para dormir. Ela fiava um casulo em volta de si mesma.

Fiquei algum tempo parado à porta, espiando como ela ia de um lado pro outro.

Ardelia não me viu durante bastante tempo. Estava ocupada demais, rolando fosse em que cama de urtigas havia tombado. Por duas vezes bateu na parede com o punho fechado, fazendo um buraco — varando papel, reboco e ripas. Houve um som de ossos quebrando, mas ela parecia não sentir dor alguma e também não havia sangue.

Ardelia gritava a cada vez, mas não de dor. O que ouvi era o berro de um felino danado da vida... mas como já disse, havia medo por baixo daquela raiva. E o que ela berrava era o nome do xerife.

John Power! ela bradava... e pum! lá ia o soco varando a parede. — Que Deus o maldiga, John Power! Eu o ensinarei a ficar fora da minha vida! Quer olhar para mim? Ótimo! Eu o ensinarei a olhar! Eu o ensinarei, meu bebezinho! Ela então recomeçava a andar, tão depressa que quase corria, os pés descalços batendo com tamanha força no chão, que toda a maldita casa parecia estremecer. E Ardelia resmungava consigo mesma enquanto andava. De repente, os lábios encurvavam-se, os olhos brilhavam, ainda mais vermelhos, e pum! Outro soco furando a parede, deixando escapar pelo buraco uma pequena nuvem de pó do reboco. — Você não ouse, John Power! Não ouse me contrariar!

No entanto, bastava a gente ver o rosto dela, para saber que tinha medo de que ele ousasse. E quem conhecesse o Xerife Power, saberia que Ardelia tinha motivos para ficar preocupada. Ele era um homem esperto, não temia coisa alguma. Era um bom xerife, mas péssimo para ser contrariado.

Em sua quarta ou quinta ida e vinda pela casa, ela chegou perto da porta da cozinha e logo me viu. Seus olhos cintilaram dentro dos meus e sua boca começou a espichar-se, formando aquela espécie de corneta — só que agora estava toda coberta por aqueles fios enfumaçados, parecidos a teias de aranha — e acreditei que meu fim tinha chegado. Já que ela não podia agarrar John Power, agarraria a mim no lugar dele.

Ardelia veio caminhando para mim, e eu escorreguei pela porta da cozinha, como se tivesse escorregado em alguma poça. Ela viu isso e estacou. A luz vermelha sumiu dos olhos. Ardelia mudou, em uma fração de segundo. Agia e falava como se eu estivesse comparecendo a um coquetel elegante oferecido por ela e chegasse em sua casa à meia-noite, para encontrar a enfurecida companheira andando toda nua de um lado para outro e fazendo buracos a socos nas paredes.

— Davey! — ela disse. Fico tão contente por você ter vindo! Tome um drinque, não, tome dois!

Ela queria me matar — pude ler em seus olhos — mas precisava de mim, só que não mais apenas como companheiro. Precisava de mim para matar Tansy Power.

Ardelia sabia que podia dar conta do policial, mas queria que ele soubesse da morte da filha antes de ser morto. E, para isto, precisava de mim.

Não há muito tempo — ela disse. — Você conhece esse Xerife Power?

Respondi que tinha de conhecer. Ele me prendera por embriaguez na via pública uma meia dúzia de vezes.

— E o que acha dele? — ela perguntou.

— Acho que o xerife é um osso duro de roer.

— Pois ele que se foda, e foda-se você também!

Não respondi uma palavra. Era mais prudente ficar calado.

Pois esse tira maldito esteve na Biblioteca esta tarde e pediu para ver minhas referências. Ficou me fazendo perguntas. Queria saber onde morei, antes de vir para Junction City, em que colégios estudei, onde me criei. Devia ter visto a maneira como olhava para mim, Davey — mas vou ensinar a ele a maneira

maneira como olhava para mim, Davey — mas vou ensinar a ele a maneira correta de olhar para uma dama como eu! Você vai ver se não sou capaz disso!

Não se iluda com o Xerife Power — avisei.

Acho que ele não tem medo de nada.

Oh, tem sim! Ele tem medo de mim. Só que ainda não sabe! — ela disse, mas tornei a perceber o brilho do medo nos seus olhos. O xerife escolhera o pior momento possível para começar a fazer perguntas, compreendam; ela se preparava para sua época de dormir e mudar, o que de certo modo a enfraquecia.

— Ardelia lhe disse por que ele suspeitou? — perguntou Naomi.

— É óbvio — disse Sam. — A filha contou para ele.

— Não — falou Dave. — Eu não perguntei — não tive coragem, com Ardelia naquele estado de ânimo — mas não acredito que Tansy houvesse contado ao pai. Não acho que tivesse contado — pelo menos, não em tantas palavras. Quando as crianças saíam da Biblioteca Infantil, esqueciam tudo sobre o que Ardelia lhes contara... ou lhes fizera lá dentro. Aliás, não se tratava apenas de esquecer — ela lhes infundia outras lembranças, lembranças falsas, para que chegassem em casa o mais contentes que pudessem. A maioria dos pais achava, simplesmente, que Ardelia era a coisa mais formidável que já acontecera à Biblioteca de Junction City.

Para mim, o que ela extraiu de Tansy é que deixou o pai da menina encucado, e acredito que o Xerife Power deve ter investigado um bocado antes de ir procurar Ardelia na Biblioteca. Ignoro que diferença ele percebeu em Tansy, porque as crianças não ficavam absolutamente pálidas e abatidas, como as pessoas cujo sangue é sugado pelos vampiros nos filmes. Aliás, elas tampouco ficavam com marcas no pescoço. Ainda assim, Ardelia estava tirando algo delas, seja como for, e John Power notou ou sentiu isso.

— Mesmo que ele tivesse notado alguma coisa, por que isto o faria suspeitar de Ardelia? — perguntou Sam.

— Eu já disse pra vocês que ele tinha bom faro. Penso que deve ter feito algumas perguntas à filha — nada direto, tudo indiretamente, se entendem o que quero dizer

— e as respostas recebidas devem ter bastado para orientá-lo no rumo certo. Ao chegar à Biblioteca naquele dia, ele não sabia nada... mas desconfiava de alguma coisa. O suficiente para deixar Ardelia com a pulga atrás da orelha. Recordo que ela ficou mais furiosa — e mais amedrontada — pela maneira como o xerife olhou para ela. Vou ensinar você a como olhar para mim ela dizia. Dizia isso vezes sem conta.

Eu me tenho perguntado desde então, há quanto tempo ninguém olhava para ela com verdadeira suspeita... há quanto tempo alguém chegara perto o suficiente para farejar o que ela era. Aposto que isto a deixou amedrontada em vários sentidos.

Talvez a tenha feito perguntar-se se, finalmente, não estava perdendo seus poderes.

— É possível que ele também tenha falado com outras crianças — disse Naomi, vacilante. — Histórias comparadas e respostas recebidas nem sempre se confirmam.

Talvez as próprias crianças a vissem de maneiras diferentes. Da maneira como você e Sam a viram de modos diversos.

— É possível — qualquer dessas coisas seria possível. Entretanto, fosse o que fosse, ele a fez acelerar seus planos..

Estarei na Biblioteca o dia inteiro amanhã — ela me disse. Providenciarei para que bastante gente me veja lá, mas você... você vai fazer uma visita à casa do Xerife Power, Davey. Vai vigiar e esperar até ver aquela menina sozinha — não creio que tenha de esperar muito tempo — e então irá pegá-la e levá-la para o bosque. Faça com ela o que quiser, porém certifique-se de que a última coisa será cortar-lhe a garganta.

Corte a garganta da garota e abandone-a onde será encontrada. Quero que o filho da puta fique sabendo disso, antes que eu o veja.

Não pude dizer nada. Sem dúvida, foi melhor para mim ficar de língua amarrada, pois qualquer coisa que eu dissesse ela poderia interpretar de modo errado e, provavelmente, arrancaria minha cabeça do pescoço. Assim, fiquei sentado na mesa da cozinha, com meu drinque na mão, de olhos pregados nela, que deve ter tomado meu silêncio como concordância.

Depois fomos para o quarto. Foi a última vez. Recordo ter pensado que seria incapaz de ter sexo com Ardelia, que um homem amedrontado não consegue botar a coisa em pé. No entanto, foi ótimo, que Deus me perdoe. Ela também tinha esse tipo de mágica. Transamos, transamos e transamos, até que a certa altura peguei no sono ou simplesmente desmaiei. A coisa seguinte de que me lembro, foi que ela me puxava para fora da cama, descalça, arrastando-me para uma faixa do chão onde batia o sol da manhã. Eram seis e quinze, meu estômago parecia banhado em ácido e minha cabeça latejava como uma gengiva inchada com um abscesso.

— Está na hora de você começar a agir — ela disse. — Não deixe que ninguém o veja voltando para a cidade, Davey, e não esqueça o que eu lhe disse. Pegue a menina esta manhã. Leve-a para o bosque e faça o serviço nela. Esconda-se até o escurecer.

Se for apanhado antes disso, não há nada que eu possa fazer por você. Entretanto, se ficar lá, estará a salvo. Farei hoje com que amanhã haja duas crianças na Biblioteca, mesmo que esteja fechada. Já as escolhi, são as duas piores pestinhas da cidade.

Iremos juntos para a Biblioteca... elas aparecerão... e quando o resto do bando de tolos encontrar-nos, todos pensarão que estamos mortos. No entanto, eu e você continuaremos vivos, Davey; estaremos livres. Que peça pregaremos neles, hein?

Então, Ardelia começou a dar gargalhadas. Estava sentada nua na cama, comigo encolhido a seus pés, sentindo-me tão mal como um rato cheio de isca com veneno, enquanto ela apenas gargalhava, gargalhava e gargalhava. Em pouco seu rosto começou a mudar para aquela cara de inseto novamente, com a tal probos-coisa projetando-se para diante, quase semelhante a uma daquelas cornetas dos vikings, enquanto os olhos repuxavam-se nos lados. Eu sabia que tudo em minhas tripas ia sair de um jato só, de maneira que dei o fora dali e fui vomitar na privada. Mais atrás, podia ouvir Ardelia gargalhando... gargalhando... e gargalhando.

Estava vestindo minhas roupas junto à lateral da casa, quando ela falou comigo pela . Eu não a via, mas podia ouvi-la muito bem. Nada de trapaças comigo, Davey ela dizia. Se trapacear, eu o mato. E será uma morte lenta!

Não vou enganá-la, Ardelia — respondi, mas não me virei para vê-la debruçada

na janela de seu quarto. Sabia que não suportaria ver aquela criatura nem uma vez mais. Eu chegara ao fim da corda. No entanto... parte de mim queria estar com ela, mesmo que isto significasse enlouquecer primeiro — e a maioria de mim pensava que eu iria com ela. A menos que Ardelia planejasse iludir-me de algum modo, deixar-me segurando a sacola com todo o conteúdo. Eu não poria a mão no fogo por ela. Não poria a mão no fogo em nada por ela.

Fui caminhando pelo milharal em direção a Junction City. Em geral, aquela caminhada esfriava um pouco a bebedeira, eu suava a pior parte da ressaca. Não aconteceu assim naquele dia. Detive-me duas vezes para vomitar e, da segunda vez, achei que não conseguiria parar mais. Finalmente parei, mas vi sangue por todo o lugar onde me ajoelhara. Quando cheguei à cidade, minha cabeça doía mais do que nunca e tinha a visão duplicada. Achei que estava morrendo, mas não conseguia deixar de pensar no que ela havia falado: Faça o que quiser com ela, porém certifique-se de que a última coisa será cortar-lhe a garganta.

Eu não queria fazer mal nenhum a Tansy Power, mas pensei que acabaria fazendo. Não teria coragem de ir contra a vontade de Ardelia... e então ficaria amaldiçoado para sempre. O pior, eu pensava, era que se ela estivesse dizendo a verdade e eu continuasse vivendo... estavia vivendo eternamente com aquela coisa em minha mente.

Naquele tempo, havia dois depósitos para carcaças na estação e, no segundo, em seu lado norte, existia uma plataforma de trânsito de mercadorias não muito utilizada. Rastejei para debaixo dela e dormi por umas duas horas. Quando acordei, senti-me um pouco melhor. Sabia não haver nenhum meio para deter-me ou para detê-la, de maneira que segui para a casa de John Power a fim de agarrar a garotinha e sumir com ela. Fui direto até o centro da cidade, sem olhar para ninguém, e meu único pensamento era, Farei com que tudo aconteça rápido para ela — pelo menos, posso fazer isto. Partirei seu pescoço de um só golpe, a garota nunca saberá o que houve.

Dave tornou a puxar seu enorme lenço e o passou pela testa suada, com uma mão que tremia horrivelmente.

— Cheguei até a loja de cinco-e-dez-centavos, um bazar que hoje não existe mais, porém na época era o último estabelecimento comercial, no fim da Rua O'Kane, antes da gente tornar a entrar na zona residencial. Eu tinha menos de quatro quarteirões pela frente, e pensei que quando chegasse à casa de Power veria Tansy no pátio. Ela estaria sozinha... e o bosque não ficava longe dali.

veria Tansy no pátio. Ela estaria sozinha... e o bosque não ficava longe dali.

Entretanto, quando espiei pela vitrine do bazar, vi uma coisa que me deixou congelado. Era uma pilha de crianças mortas, de olhos arregalados, braços enovelados e pernas torcidas. Deixei escapar um grito sufocado e tapei a boca com as mãos.

Fechei os olhos com força. Quando tornei a olhar, vi que tudo aquilo era apenas um punhado de bonecas que a velha Sra. Séger ia colocar em exibição na vitrine. Ela me viu e sacudiu uma daquelas bonecas para mim — vá embora, seu velho bêbado! Eu não fui. Continuei olhando para as bonecas. Tentei dizer para mim mesmo que eram apenas bonecas, que qualquer um podia ver isso. No entanto, se fechava os olhos e tomava a abri-los, elas voltavam a ser cadáveres de crianças. A Sra. Seger estava ajeitando um punhado de corpinhos mortos na vitrine do bazar e nem mesmo sabia disso. Tive a ideia de que alguém tentava enviar-me uma mensagem — uma mensagem dizendo que ainda não era tarde demais, mesmo àquela altura. Talvez eu não pudesse deter Ardelia, mas talvez pudesse. E mesmo não podendo, talvez eu pudesse evitar ser empurrado para o buraco depois dela.

Foi a primeira vez que rezei de verdade, Sarah. Rezei suplicando força. Eu não queria matar Tansy Power, porém havia mais do que isso — eu queria salvar as crianças todas, se pudesse.

Voltei para o posto Texaco, um quarteirão antes — ficava onde agora é o Piggly Wiggly. No trajeto, parei e recolhi algumas pedrinhas na sarjeta. Havia uma cabine telefônica ao lado do posto — e continua lá, agora que penso nisto. Cheguei lá, e então percebi que não tinha um centavo no bolso. Como último recurso, tateei o compartimento de devolução de moedas. Havia uma lá dentro. Desde aquela manhã, quando alguém me diz não acreditar que Deus existe, penso no que senti quando meus dedos tocaram aquele pequeno compartimento e encontrei aquela moedinha de dez centavos.

Pensei em ligar para a Sra. Power, mas depois achei que seria melhor tentar o xerifado. Alguém transmitiria a mensagem a John Power e, se estava tão desconfiado como Ardelia parecia pensar, poderia tomar as providências cabíveis. Fechei a porta da cabine e procurei o número — isto acontecia quando a gente às vezes ainda encontrava um catálogo dentro de uma cabine telefônica, se tivesse sorte — e então, antes de discar, meti na boca as pedrinhas recolhidas na rua.

Foi o próprio John Power quem atendeu. Hoje penso que foi por causa disto que Patsy Harrigan e Tom Gibson morreram... que o próprio John Power morreu... e Ardelia não foi contida, então e naquele momento. Eu esperava falar com o despachante, compreendam — naquela época era Hannah Verril — e dizer-lhe o que eu tinha a dizer para ser transmitido ao xerife.

Em vez dela, ouvi aquela voz autoritária de não-me-encha-o-saco dizer, Xerifado, aqui é o Xerife Power, em que posso ajudá-lo? Quase engoli o punhado de pedrinhas que enfiara na boca e, por um minuto, não soube dizer coisa alguma.

Ele disse Malditos garotos! e percebi que ia desligar.

Um momento! — falei. As pedrinhas davam a impressão de que eu falava através de uma bola de algodão. — Não desligue, xerife!

Quem está falando? — ele perguntou.

Não interessa — eu respondi.

Se gosta de sua filha, tire-a da cidade e, faça o que fizer, não a deixe perto da Biblioteca. Isto é muito sério. Ela está em perigo!

Desliguei em seguida. Exatamente assim. Se Hannah atendesse, acho que falaria mais coisas. Diria nomes — o de Tansy, de Tom, de Patsy... e também o de Ardelia.

No entanto, ele me amedrontou — eu tinha a sensação de que, continuando na linha, o xerife conseguiria enxergar-me pela outra extremidade do fio, fechado naquela cabine e fedendo como um saco de pêssegos podres.

Cuspi as pedrinhas na palma e saí depressa da cabine. O poder de Ardelia sobre mim fora rompido — pelo menos, dar aquele telefonema tivera esse dom — mas eu me sentia em pânico. Já observaram um pássaro que voa para dentro de uma garagem e fica-revoluteando de um lado para outro, chocando-se contra as paredes, em sua ânsia de escapar? Era como eu estava. De repente, não me preocupava mais com Patsy Harrigan, com Tom Gibson ou mesmo com Tansy Power. Agora, eu achava que Ardelia era quem olhava para mim, que ela sabia o que eu fizera e vinha em minha perseguição.

Eu queria esconder-me — raios, eu precisava esconder-me. Comecei a descer a

Eu queria esconder-me — raios, eu precisava esconder-me. Comecei a descer a Rua Principal, e quando cheguei ao fim, estava quase correndo. A essa altura, Ardelia se mesclara em minha mente com o Policial da Biblioteca e o homem escuro — aquele dirigindo o rolo compressor e o carro que levava o Zé Bocó. Eu esperava ver os três dobrarem para a Rua Principal, no velho Buick do homem escuro, procurando por mim. Disparei para o depósito da ferrovia e rastejei novamente para baixo da plataforma de carregamento. Encolhi-me naquele esconderijo, tintando e tremento, até chorando um pouco, esperando que ela aparecesse para levar-me. Fiquei pensando que, quando erguesse os olhos, ia vero rosto dela espreitando debaixo da aba de concreto da plataforma, com os olhos vermelhos e brilhantes, a boca transformada naquela espécie de corneta.

Rastejei toda a distância até o fundo, lá encontrando meia garrafa de vinho debaixo de uma pilha de folhas mortas e velhas teias de aranha. Eu a deixara ali, só Deus sabia quando, tendo esquecido dela. Bebi o vinho em três goles demorados.

Depois comecei a rastejar novamente para a dianteira daquele espaço debaixo da plataforma, porém a meio caminho perdi os sentidos. Quando tomei a abrir os olhos, a princípio pensei que mal passara algum tempo, porque a luz e as sombras eram exatamente as mesmas. Apenas a dor de cabeça cessara e meu estômago roncava de fome.

— Você dormiu um dia inteiro, não foi? — disse Naomi.

— Não. Foram quase dois dias. Eu tinha ligado para o xerifado lá pelas dez da manhã de segunda-feira. Quando saí de baixo da plataforma de carregamento, ainda tendo na mão aquela garrafa vazia de vinho, passava um pouco das sete da manhã de quarta-feira. Só que, em realidade, aquilo que me dera não tinha sido sono. Lembrem-se de que eu não vinha de uma bebedeira de dia inteiro, nem mesmo de uma semana inteira. Eu estivera caindo de bêbado pela maior parte de dois anos, e isso não era tudo. Havia Ardelia, havia a Biblioteca, as crianças e a Hora da História. Tinham sido dois anos em um torvelinho no inferno. Penso que a parte de mim ainda desejando viver e ser lúcida tinha decidido que o único a fazer era puxar a tomada por algum tempo e apagar. Quando acordei, estava tudo terminado. Eles ainda não tinham encontrado os corpos de Patsy Harrigan e de Tom Gibson, mas estava terminado, mesmo assim. Percebi isso ainda antes de botar a cabeça pra fora daquela plataforma de carregamento. Havia um lugar vazio em mim, como um buraco vazio na gengiva depois que um dente cai. Só que esse buraco vazio era minha mente. E eu compreendi. Ela se fora. Ardelia se

fora.

Rastejei do esconderijo e quase tornei a desmaiar de fome. Então vi Brian Kelly, que naquele tempo era o guarda-freios. Estava contando sacos de alguma coisa na outra plataforma de carregamento e fazendo anotações em uma prancheta. Consegui caminhar até ele. Brian me viu e seu rosto mostrou um ar de aversão. Houvera um tempo em que nós pagávamos drinques um para o outro no Dominó — um bar de beira de estrada que se incendiou muito antes de sua época, Sam — mas aqueles dias tinham passado fazia muito. Tudo o que ele via era um bêbado sujo e fedorento, com folhas secas e terra presas no cabelo, um bêbado fedendo a mijo e vinho Old Duke.

Dê o fora daqui, papaizinho, ou chamo os tiras — ele disse.

Aquele dia foi outro primeiro para mim. Uma coisa sobre ser bêbado, é que a gente está sempre caminhando em terras novas. Aquela foi a primeira vez que pedi dinheiro. Perguntei a ele se podia me dar vinte e cinco centavos para um café com pão no bar da Rota 32. Ele enfiou a mão no bolso e pescou algumas moedas. Não botou o dinheiro na minha mão, apenas o jogou para o meu lado. Precisei me agachar no chão, no meio do escumalho, pra catar ele. Não acho que ele jogou o dinheiro querendo humilhar-me. Brian apenas não queria tocar em mim — e não o censuro por isso.

Quando viu que eu tinha pegado o dinheiro, disse, Vai andando, papaizinho. Se tornar a ver você por aqui, eu chamo os tiras!

Tudo bem — respondi, começando a ir embora. Ele nunca soube que o bêbado era eu, e fico contente.

A meio caminho do bar, passei por um daqueles estandes de jornal e vi lá a Gazette do dia. Foi quando percebi que estivera apagado por dois dias, em vez de um apenas. A data não significou muito pra mim — naquele tempo estava pouco interessado em calendários — mas eu sabia que era a manhã de segunda-feira quando Ardelia me empurrou para fora de sua cama pela última vez e eu dei aquele telefonema. Então, vi as manchetes. Eu tinha dormido durante o dia mais repleto de notícias na história de Junction City, segundo parecia.

CONTINUA A BUSCA PELAS CRIANÇAS DESAPARECIDAS,

dizia a manchete a um lado. Havia fotos de Tom Gibson e Patsy Harrigan. No

outro lado, a manchete anunciava

LEGISTA DO CONDADO AFIRMA QUE XERIFE MORREU DE ATAQUE CARDÍACO.

Mais abaixo, vi uma foto de John Power.

Peguei um dos jornais e deixei uma moedinha em cima da pilha, que era como se fazia naqueles tempos, quando a maioria das pessoas ainda confiava umas nas outras. Então me sentei ali mesmo, no meio-fio, a fim de ler as duas histórias. O relato sobre as crianças era mais curto. A questão é que ninguém ainda estava muito preocupado com elas — para o Comissário Beeman, era um caso de fuga.

Na verdade, ela escolhera as crianças certas; aqueles dois garotos eram realmente terríveis, água da mesma pipa. Estavam sempre fazendo das suas. Moravam no mesmo quarteirão e, segundo o jornal, na semana anterior tinham ficado em apuros quando a mãe de Patsy Harrigan os surpreendeu fumando cigarros no telheiro dos fundos. O garoto Gibson tinha um tio de pouca importância, fazendeiro no Nebraska, e Norman Beeman, o xerife do condado, estava absolutamente certo de que os dois tinham ido para lá — já falei a vocês que Beeman não era grande coisa no departamento cerebral, porém, como podia ele saber? Aliás, linha razão em um ponto — os dois meninos não eram do tipo que despenca em poços ou se afoga nadando no Rio Proverbia. Entretanto, eu sabia onde estavam, como sabia que Ardelia tomara a levar a melhor. Eu sabia que os três seriam encontrados lá, juntos, o que realmente aconteceu, mais tarde nesse dia. Sim, tinha conseguido salvar Tansy Power e também salvar-me, mas não encontrava grande consolo nisso.

O artigo sobre o Xerife Power era mais longo. Era o segundo, porque Power só fora encontrado no final da tarde de segunda-feira. Sua morte tinha sido noticiada no jornal da terça, porém não a causa. Tinham-no encontrado caído ao volante de seu carro-patrulha, cerca de quilômetro e meio a oeste da fazenda Orday. Aquele era um lugar que eu conhecia muito bem, por ser onde geralmente saía da estrada para embrenhar-me no milharal, a caminho da casa de Ardelia.

Para mim, era fácil preencher as lacunas. John Power não era um homem para deixar a relva crescer sob os pés, de modo que certamente rumou para a casa de Ardelia tão logo desliguei aquele telefone público, ao lado do posto Texaco. Sem dúvida, ligara antes para a esposa, dizendo-lhe que mantivesse Tansy em casa

até ele dar notícias. Isto não constava do jornal, claro, mas aposto como foi o que Power fez.

Quando o xerife chegou lá, Ardelia certamente adivinhou que eu contara sobre ela e que o jogo chegara ao fim. Então, matou-o. Ela... ela o abraçou mortalmente, da maneira como tinha feito com o Sr. Lavin. O Xerife Power era um osso duro de roer, como eu tinha dito para Ardelia, e sua casca era grossa, porém um pé de bordo também tem a casca grossa, e a gente pode extrair a seiva da árvore se o furador for enfiado a uma profundidade suficiente. Imagino que ela enfiou o seu bastante fundo.

Depois de vê-lo morto, ela sem dúvida o levou no próprio carro-patrulha para o lugar onde o encontraram. Embora aquela estrada — a Estrada Garson — não fosse muito transitada naquele tempo, ainda assim era preciso um bocado de coragem para fazer aquilo. No entanto, o que mais ela podia fazer? Ligar para o xerifado e comunicar que John Power tivera um ataque do coração enquanto conversavam?

Isso levantaria uma montanha mais de perguntas, no exato momento em que Ardelia não pretendia chamar qualquer atenção sobre si mesma. E, compreendam, o próprio Norman Beeman ficaria curioso sobre o motivo daquela exagerada pressa do Xerife Power em falar com a bibliotecária da cidade.

Assim, ela rodou com o xerife morto no carro pela Estrada Garson, até quase a fazenda Orday. Estacionou o carro no acostamento e voltou para casa pelo mesmo caminho que eu sempre usava — através do milharal.

Dave olhou de Sam para Naomi, depois tornou a fitar Sam.

— Aposto que sei o que Ardelia fez em seguida. Começou a procurar por mim.

Não creio que tenha começado a rodar em seu carro por Junction City, investigando todos os meus pontos costumeiros de parada; ela não precisava fazer isso.

Vezes sem conta, durante aqueles anos, ela surgia onde eu estava, sempre que precisava de mim. Caso contrário, mandava uma das crianças com um bilhete. Pouco importava se eu estava sentado em uma pilha de caixotes atrás da barbearia, pescando no riacho Grayling ou apenas bêbado, atrás do depósito de

cargas dos trens, Ardelia sabia onde encontrar-me. Esse era um dos seus dons.

Entretanto, não foi assim daquela última vez — logo da vez que ela queria encontrar-me, acima de tudo — e acho que sei por quê. Já disse pra vocês que não peguei no sono e nem mesmo desmaiei, depois de dar aquele telefonema; foi mais como entrar em coma ou estar morto. E quando ela botou pra funcionar seja que olho for que tinha na mente, procurando por mim, o olho não me enxergava. Não sei quantas vezes, naquele dia e naquela noite, esse olho podia ter passado justamente onde eu estava... e nem quero saber. Só sei que, se ela me encontrasse, não haveria nenhum garoto com um bilhete dobradinho aparecendo por lá. Ela iria em pessoa, e nem consigo imaginar o que teria feito comigo, por interferir em seus planos da maneira como fiz.

Se tivesse mais tempo, ela provavelmente acabaria dando comigo, mas o caso é que não tinha. Seus planos estavam prontos, por um lado. E, por outro, havia a maneira como sua modificação se acelerava. Seu tempo de ir dormir estava chegando, Ardelia não tinha tempo a perder me procurando. Além disso, ela devia saber que teria mais uma chance, em algum momento futuro. Uma chance que agora chegou.

— Não compreendo o que quer dizer — falou Sam.

— É claro que compreende — replicou Dave. — Quem ficou com os livros para deixá-lo nessa enrascada? Quem os mandou para a reciclagem de papéis, juntamente com seus jornais? Eu. Pensa que ela não sabe disso?

— Acha que ela ainda quer você, Dave? — perguntou Naomi.

— Sim, mas não como antes. Agora, ela quer apenas me matar. — Ele virou a cabeça e seus olhos brilhantes, tristonhos, fixaram-se em Sam. — Quem ela quer agora é você.

Sam deu uma risada, inquieto.

— Tenho certeza de que ela foi uma dama fogosa há trinta anos — disse ele mas está envelhecida. Não faz o meu tipo.

— Acho que você não entendeu nadinha — disse Sam. — Ela não quer você pra transar, Sam; ela quer ser você.

10

Após um momento, Sam disse:

— Ei, espere aí...

— Você me ouviu, mas não acreditou, da maneira como precisa acreditar — respondeu Dave. Sua voz era paciente, mas cansada, terrivelmente cansada.

— Portanto, deixe-me falar um pouco mais.

Depois que matou John Power, Ardelia o deixou longe o bastante para não ser a primeira pessoa de quem suspeitariam. Então, seguindo seus planos, abriu a Biblioteca aquela tarde, como sempre fazia. Em parte porque uma pessoa culpada parece mais suspeita se foge da rotina costumeira, porém isso não foi tudo. A mudança de Ardelia chegava ao ponto culminante e ela precisava ter a vida daquelas crianças. Não me pergunte o motivo, já que eu não sei qual seria. Talvez ela fosse como um urso, que precisa empanturrar-se antes de entrar na hibernação.

Minha única certeza neste ponto é que ela tinha que improvisar uma Hora da História naquela tarde de segunda-feira... e assim fez.

Algum tempo durante aquela Hora da História, quando todas as crianças estavam sentadas à sua volta, naquela espécie de transe em que Ardelia as punha, ela disse para Tom e Patsy que queria que os dois fossem à Biblioteca na manhã de terça-feira, embora a Biblioteca ficasse fechada nas terças e quintas, quando era verão. Eles foram, Ardelia cuidou deles e depois foi dormir... aquele sono tão parecido com a morte. E agora aparece você, Sam, trinta anos mais tarde. Você me conhece, e Ardelia ainda tem contas pra ajustar comigo, de modo que já é um começo... porém ainda há uma coisa melhor do que isso. Você também sabe sobre a Polícia da Biblioteca.

— Eu não sei como...

— Não, você não sabe com o sabe, e isso o toma ainda melhor. Porque há segredos tão ruins que temos de esconder esses segredos até de nós mesmos... e para alguém como Ardelia Lortz, são esses os melhores segredos de todos. Além do mais, veja as vantagens — você é jovem, é solteiro e não tem amigos íntimos. Não é verdade?

Não é verdade?

— Até o dia de hoje, eu diria que sim — respondeu Sam, após refletir um instante.

— Eu teria dito que os únicos bons amigos que fiz desde minha vinda para Junction City foram embora daqui. Entretanto, considero você e Naomi meus amigos, Dave.

Aliás, considero-os grandes amigos. Os melhores que se poderia desejar.

Naomi pegou a mão de Sam e apertou-a brevemente.

— Fico satisfeito em saber — disse Dave — , mas isto não importa, porque ela pretende envolver-me e também Sarah. Quanto mais melhor, foi o que me disse um dia. Ardelia precisa tirar vidas a fim de continuar até seu tempo de mudança... e acordar também deve ser um tempo de mudança para ela.

— Está querendo dizer que ela pretende possuir Sam de algum modo, não é? — perguntou Naomi.

— Creio que talvez seja um pouco mais do que isso, Sarah. Penso que ela pretende destruir dentro de Sam o que quer que o faça ser Sam — acho que Ardelia o esvaziará, da maneira como uma criança esvazia uma abóbora para fazer as lanternas do Dia das Bruxas, para então vesti-lo em si mesma, da maneira como a gente veste roupas.

Depois que isso acontecer — caso aconteça — ele continuará parecendo um homem chamado Sam Peebles, porém não será mais um homem, da mesma forma como Ardelia Lortz jamais foi uma mulher. Existe algo não humano, certa coisa escondida dentro da pele dela, e creio que eu sempre soube disso. É qualquer coisa interior...

mas para sempre exterior. De onde Ardelia Lortz veio? Onde morou, antes de vir para Junction City? Se formos verificar, talvez descubramos que tudo quanto ela colocou nas referências mostradas ao Sr. Lavin era mentira — e que ninguém da cidade realmente sabia disso. Penso que foi a curiosidade de John Power sobre exatamente isso que lhe selou o destino. No entanto, acredito que tenha havido uma Ardelia Lortz real, em alguma época... seja em Pass Christian, Mississípi... Harrisburg, Pensilvânia... ou Portland, Maine... e a coisa tomou conta dela, apoderou-se, e a fez simular.

Agora, ela quer repetir a dose. Se deixarmos que isso aconteça, acho que daqui a algum tempo neste ano, em alguma outra cidade, em São Francisco, Califórnia...

Butte, Montana... ou Kingston, Rhode Island... irá aparecer um homem chamado Sam Peebles. A maioria das pessoas gostará dele. As crianças o apreciarão em particular...

embora também possam temê-lo de alguma forma que não compreendam e nem comentem o fato.

E, naturalmente, ele será um bibliotecário.”

DOZE

Pelo Ar Até Des Moines

1

Sam olhou para seu relógio de pulso e ficou espantado ao ver que eram quase três da tarde. A meia-noite ficava a apenas nove horas de distância, e então o homem alto, de olhos cor de prata, estaria de volta. Ou Ardelia Lortz. Ou talvez os dois juntos.

— O que acha que devo fazer, Dave? Ir ao cemitério local, encontrar o corpo de Ardelia e enfiar uma estaca em seu coração?

— Um bom truque, se você pudesse fazê-lo — replicou Dave. — Acontece que a dama em questão foi cremada.

— Oh! — exclamou Sam, recostando-se na cadeira com um leve supiro desalentado.

Naomi pegou-lhe a mão novamente.

— Seja como for, você não irá fazer nada sozinho — disse ela com firmeza. — Dave acredita que ela pretenda prejudicar-nos, assim como a você, mas isso quase não vem ao caso. Amigos se unem quando há problemas. Isso é o que importa. Para que mais servem os amigos?

Sam levou a mão dela aos lábios e a beijou.

— Obrigado... mas não sei o que vocês poderão fazer. E nem o que eu poderei fazer. Parece que não há nada a fazer. A menos que... — Ele se virou esperançosamente para Dave. — A menos que eu fuja?

Dave negou com a cabeça.

— Ela — ou a coisa — vê. Já lhe disse isso. Acho que você poderia dirigir pela maior parte do caminho para Denver, antes da meia-noite, se realmente pisar no acelerador e os tiras não o pegarem, mas Ardelia Lortz estaria lá para recebê-lo quando você saísse do carro. Ou então, quando desse uma espiada em torno, em alguma parte escura da estrada, veria o Policial da Biblioteca sentado ao seu

lado, dentro do carro.

Sam estremeceu ao pensar nisso — aquele rosto branco, de olhos prateados, iluminado apenas pelo clarão verde das luzes do painel.

— Então...?

— Penso que ambos sabem o que tem de ser feito primeiro — disse Dave. Ele sorveu as últimas gotas de seu chá gelado e depositou o copo no piso do alpendre.

— Reflitam por apenas um minuto e descobrirão.

Todos se voltaram na direção do elevador de grãos por alguns momentos. A mente de Sam era uma turbilhonante confusão; tudo quanto conseguia captar eram trechos isolados da história de Dave Duncan e a voz do Policial da Biblioteca, com seu estranho ciciar, dizendo, Não quero sssaber de sssuasss dessculpass essfarra-padasss... Tem até a meia-noite... e eu então volto aqui.

Foi o rosto de Naomi que ficou subitamente iluminado.

— É claro! — exclamou ela. — Como não pensei? Só que...

Fez uma pergunta a Dave e os olhos de Sam arregalaram-se, quando ele entendeu.

— Que me lembre, há um lugar em Des Moines — disse Dave. — Chama-se Pells.

Se alguma coisa pode ajudar, serão eles. Por que não dá um telefonema, Sarah?

2

Depois que Naomi saiu, Sam disse:

— Mesmo que eles possam ajudar, não creio que consigamos chegar lá dentro do horário comercial. Acho que posso tentar...

— Nunca esperei que você fosse de carro — disse Dave. — Não. Você e Sarah terão que ir ao Aeroporto de Proverbia.

Sam piscou, atônito.

— Não sabia que havia algum aeroporto em Proverbia.

Dave sorriu.

— Bem, acho que seria exagerar um pouco. Lá existe um meio quilômetro de terra batida a que Stan Soames dá o nome de pista. A sala da frente, que é de Stan, significa o escritório da Western Iowa Air Charter. Você e Sarah, falem com Stan. Ele tem um pequeno Navajo. Levará vocês dois a Des Moines e os trará de volta às oito da noite, nove, no máximo.

— E se ele não estiver lá?

— Então, teremos que imaginar algo mais. No entanto, acho que ele vai estar. A única coisa que Stan adora mais do que voar é cuidar de suas plantações, mas, chegada a primavera, os fazendeiros não vão para longe. Ele provavelmente dirá que não vai poder levá-los por causa de sua horta, digamos assim — alegará que deveriam marcar a viagem com alguns dias de antecedência, a fim de que tivesse tempo de chamar o garoto Carter e pedir-lhe que cuidasse de suas plantas. Se ele der essa desculpa, digam-lhe que Dave Duncan os mandou, que Dave disse ser chegada a hora de pagar pelas bolas de beisebol. Será que podem lembrar-se disso?

— Claro, mas o que isto significa?

— Nada com relação a este negócio — respondeu Dave. — O principal é que ele os levará. E quando voltarem, não se dêem ao trabalho de vir aqui. Você e Sarah terão de ir diretamente para a cidade.

Sam sentiu o medo começando a invadir seu corpo.

— Para a Biblioteca?

— Exatamente.

— Ouça, Dave: o que Naomi falou sobre amigos é muito agradável — e talvez até seja verdade — mas acho que isso para por aqui. Nenhum de vocês tem que tomar parte nisto. Fui o único responsável por espicaçar Ardelia em seu retorno à vida novamente e...

Estendendo o braço, Dave segurou o pulso de Sam, com uma força surpreendente.

— Se de fato pensa assim, quer dizer que não ouviu uma só palavra do que falei.

Você não é responsável por coisa alguma. Eu carrego na consciência as mortes de John Power e de duas criancinhas — para não falar nos terrores que não sei quantas outras crianças possam ter sofrido mas tampouco sou responsável. De maneira nenhuma. Não escolhi ser companheiro de Ardelia Lortz, como também não escolhi ser um bêbado permanente durante trinta anos. As duas coisas apenas aconteceram. Entretanto, ela tem contas a saldar comigo e virá procurar-me, Sam.

Se eu não estiver com você quando Ardelia vier, ela me visitará primeiro. E não serei o único a ser visitado. Sarah estava certa, Sam. Eu e ela não temos que ficar unidos para protegê-lo; nós três teremos que ficar unidos para um proteger o outro. Sarah sabe sobre Ardelia, percebe? E se Ardelia já não está a par disto, logo estará, assim que aparecer esta noite. Ela pretende partir de Junction City como sendo você, Sam. Acha que essa criatura deixaria para trás alguém que conhecesse sua nova identidade?

— Ora, mas...

— Não há mas, nem meio mas — disse Dave. — No fim, tudo se resume em uma simples escolha, uma escolha que até mesmo um velho beberrão como eu pode entender: partilhamos isto juntos ou morreremos nas mãos dela.

Dave inclinou-se para diante.

— Se quiser salvar Sarah de Ardelia, Sam, esqueça de ser um herói e comece a

— Se quiser salvar Sarah de Ardelia, Sam, esqueça de ser um herói e comece a lembrar quem foi o seu Policial da Biblioteca. Você tem que lembrar, porque não creio que Ardelia possa simplesmente escolher qualquer pessoa. Nesta história existe apenas uma coincidência, porém fatal: um dia, você também teve um Policial da Biblioteca. E precisa trazer essa recordação de volta.

— Já tentei — disse Sam, mas sabendo que era mentira.

Sim, porque sempre que voltava a mente para

(venha comigo, filho... Sou um polisssial)

aquela voz, ela se esfumava. Ele sentia o gosto de alcaçuz vermelho, que nunca provara e sempre detestara — e isso era tudo.

— Precisa esforçar-se mais — disse Dave — ou não haverá esperança alguma.

Sam respirou fundo e exalou o ar. A mão de Dave pousou em sua nuca, depois fez uma leve pressão.

— É a chave para isto — disse Dave. — Talvez você até encontre a chave para tudo que o perturbou em sua vida. Para sua solidão e sua tristeza.

Sam olhou para ele, atônito. Dave sorriu.

— Oh, sim — disse Dave. — Você é solitário, é triste e se afasta das outras pessoas.

Sabe falar bem, mas não segue o que diz. Até hoje, para você eu fui apenas Dave Sujeira, aquele que uma vez por mês ia recolher seus jornais, porém um homem como eu enxerga muita coisa, Sam. E e preciso ser um para identificar outro.

— A chave para tudo... — murmurou Sam.

Perguntou-se se de fato haveria tais conveniências, fora das novelas populares e dos filmes-da-semana povoados por Corajosos Psiquiatras e Pacientes Perturbados.

— É verdade — insistiu Dave. — Tais coisas são temíveis em seu próprio poder, Sam.

Não o censuro por não querer pesquisar o assunto. No entanto, sabe que, se

Não o censuro por não querer pesquisar o assunto. No entanto, sabe que, se quiser, conseguirá. A escolha é sua.

— Será isso algo mais que aprendeu nos A.A., Dave?

Dave sorriu.

— Bem, é o que ensinam aqui — disse —, mas creio que eu sempre soube disso.

Naomi veio novamente para o alpendre. Sorria e seus olhos cintilavam.

— Ela não é uma beleza? — perguntou Dave baixinho.

— Sim — concordou Sam —, não há a menor dúvida.

Agora tinha certeza absoluta de duas coisas: estava começando a apaixonar-se e Dave sabia disso.

3

— O homem levou tanto tempo verificando, que fiquei preocupada — disse ela — , mas tivemos sorte.

— Ótimo — falou Dave. — Então, vocês dois irão procurar Stan Soames. A Biblioteca ainda fecha às oito durante o ano letivo, Sarah?

— Sim. Tenho certeza.

— Sendo assim, irei visitá-la por volta das cinco horas. Encontrarei vocês onde fica a plataforma de carregamento, entre oito e nove horas. Mais perto das oito seria melhor — e mais seguro. Pelo amor de Deus, procurem não chegar atrasados!

— Como entraremos? — perguntou Sam.

— Eu cuidarei disso, não se preocupe. É bom irem andando. Talvez devêssemos ligar para esse Soames daqui — sugeriu Sam.

— Então teríamos certeza de que está disponível.

Dave meneou a cabeça.

— Não adiantaria. A esposa de Stan o deixou por outro homem, faz quatro anos — alegou que ele estava casado com seu trabalho, o que sempre é uma boa desculpa quando uma mulher pretende fazer uma mudança na vida. Eles não tiveram filhos.

Stan deve estar em sua plantação. Vão agora. O dia está correndo.

Naomi inclinou-se e beijou Dave no rosto.

— Obrigada por contar-nos — disse ela.

— Fico satisfeito por ter contado. Agora sinto-me muito melhor.

Sam ia oferecer a mão a Dave, mas pensou melhor. Inclinou-se para o velho e abraçou-o.

4

Stan Soames era um homem alto e ossudo, com olhos zangados brilhando em um rosto suave, um homem que já mostrava um bronzeado de verão, embora o calendário da primavera ainda não houvesse escoado o primeiro mês. Sam e Naomi foram encontrá-lo no campo atrás da casa em que ele vivia, justamente como Dave lhes dissera. Setenta metros ao norte do Rototiller sujo de terra, com o motor ligado, Sam viu o que parecia uma estrada de terra batida... mas já que havia um pequeno avião coberto por uma lona em uma extremidade daquela estrada, e uma biruta na outra, agitando-se no alto de um poste enferrujado, ele deduziu ser aquela a pista única do Aeroporto de Proverbia.

— Não vou poder — disse Soames. — Tenho cinquenta acres para preparar esta semana e mais ninguém que faça isso, além de mim. Deviam ter avisado uns dois-três dias atrás.

— É uma emergência — disse Naomi. — Realmente, Sr. Soames!

Ele suspirou e abriu os braços, como que para abranger toda a sua propriedade.

— Querem saber o que é uma emergência? — perguntou ele. — É o que o governo anda fazendo a propriedades como esta e a pessoas como eu. Afirmo que é uma bruta emergência. Ouçam, há um sujeito láem Cedar Rapids que poderia...

— Não temos tempo para ir a Cedar Rapids — disse Sam. — Dave nos avisou que o senhor talvez dissesse...

— Dave? — Stan Soames se virou para ele, mostrando mais interesse do que até então. — Que Dave?

— Dave Duncan. Ele me disse que chegou a hora de pagar pelas bolas de beisebol.

Soames franziu as sobrancelhas. Suas mãos se crisparam em punhos e, por um breve momento, Sam pensou que o homem fosse esmurrá-lo. Então, bruscamente, ele riu e sacudiu a cabeça.

— Depois de todos estes anos, Dave Duncan desfere o golpe, com sua nota promissória guardada na mão! Droga!

promissória guardada na mão? Droga!

Soames começou a caminhar para o Rototiller. Virando a cabeça para trás, gritou para fazer-se ouvir acima do entusiástico rugido do motor: Vão caminhando para o avião enquanto tiro esta maldita coisa do caminho! Cuidado com o lodaçal na beira da pista, ou ele tirará os sapatos de seus pés!

Soames botou o Rototiller em movimento. Era difícil saber, com toda aquela barulheira, mas Sam achou que ele ainda ria.

— Pensei que aquele velho bêbado filho da mãe ia morrer antes de pagar minha conta com ele!

O trator passou rugindo ao lado deles, em direção ao celeiro. Sam e Naomi entreolharam-se.

— De que ele estava falando? — perguntou Naomi.

— Não sei — Dave não me contou. — Sam ofereceu-lhe o braço. Quer dar-me o prazer de caminhar comigo, senhorita?

Ela lhe tomou o braço.

— Obrigada, senhor.

Os dois esforçaram-se ao máximo para evitar o trecho lamacento de que Stan Soames falara, mas não tiveram muita sorte. O pé de Naomi afundou até o tornozelo e a lama arrancou-lhe o tênis, quando puxou o pé de volta. Sam inclinou-se, apanhou o tênis e depois ergueu Naomi nos braços.

— Sam, não! — exclamou ela, começando a rir. — Vai quebrar a espinha!

— Nem de longe — disse ele. — Você é leve.

Naomi era leve... e a cabeça dele ficou subitamente leve também. Carregou-a pelo terreno inclinado até a pista com o avião e a colocou em pé. Os olhos de Naomi fixaram-se nos dele, com tranquilidade e uma espécie de radiante claridade. Sem pensar, ele se abaixou e a beijou. Depois de um momento, Naomi passou os braços pelo pescoço dele e o beijou de volta.

Quando Sam tornou a fitá-la, estava um tanto ofegante. Naomi sorria.

— Pode me chamar de Sarah, sempre que quiser — ela disse.

Sam riu e tornou a beijá-la.

5

Voar no Navajo atrás de Stan Soames era como saltar em pernas de pau providas de molas. Eles sacolejavam e sacolejavam em inquietas turbulências do ar de primavera e, por uma ou duas vezes, Sam pensou que poderiam lograr Ardelia de uma forma que a estranha criatura não teria previsto: estatelando-se todos sobre um milharal do Iowa.

Não obstante, Stan Soames parecia despreocupado? cantarolava aos berros velhas baladas como "Doce Sue" e As calçadas de "Nova Iorque", enquanto o Navajo saltitava na direção de Des Moines. Naomi estava fascinada, dando espiadas de sua janela para as estradas, plantações e casas abaixo, com as mãos pousadas aos lados do rosto, a fim de cortar a claridade.

Por fim, Sam deu-lhe um tapinha no ombro.

— Você até parece que nunca voou antes! — gritou, acima do forte zumbido do avião.

Naomi se virou brevemente para ele e sorriu, como uma extasiada colegial.

— E nunca voei mesmo! — respondeu, voltando imediatamente a espiar pela .

— Raios me partam! — exclamou Sam, apertando o cinto do assento quando o avião iniciou outra série de seus saltos gigantescos.

6

Eram quatro e vinte da tarde quando o Navajo bordejou a terra, descendo do céu para pousar no Aeroporto do Condado, em Des Moines. Soames taxiou para o Terminal Aéreo Civil, desligou o motor e depois abriu a porta. Sam ficou um tanto divertido ao perceber uma pontada de ciúmes quando Soames segurou Naomi pela cintura a fim de ajudá-la a descer.

— Obrigada! — arquejou ela. As faces estavam profundamente coradas e os olhos bailavam. — Foi maravilhoso!

— Soames sorriu e, de repente, pareceu ter quarenta anos, em vez de sessenta.

— Eu também sempre adoro — disse ele. — Acho melhor do que passar uma tarde maltratando meus rins naquele Rototiller... sou forçado a admitir. — Olhou de Naomi para Sam. — Pode dizer-me que grande emergência e esta? Eu ajudaria, se pudesse — devo ao Dave um pouco mais do que um saltinho de Proverbia a Des Moines, ida e volta.

— Temos que ir à cidade — disse Sam — , a um lugar chamado Pells. Livraria Pells.

Eles têm dois livros para nós.

Stan Soames encarou-os, com olhos arregalados.

— Quer repetir?

— Livraria Pells...

— Sei onde fica — disse ele. — Livros novos na frente, livros velhos ao fundo. A Maior Seleção do Meio-Oeste, dizem os anúncios. O que estou querendo saber é isto: vocês me tiraram de minha horta e me fizeram atravessar o estado voando para apanhar dois livros?

— São livros muito importantes, Sr. Soames — disse Naomi. Ela tocou uma das mãos rudes do fazendeiro. — Neste momento, significam as coisas mais importantes em minha vida... ou na vida de Sam.

— De Dave também — disse Sam.

— Se me contarem o que está havendo — disse Soames, — eu seria capaz de entender?

— Não — respondeu Sam.

— Não — concordou Naomi, sorrindo um pouco.

Soames deixou escapar um profundo suspiro por suas narinas amplas e enfiou as mãos nos bolsos da calça.

— Bem, acho que isso não importa muito, afinal. Fiquei dez anos devendo isto a Dave, e houve momentos em que me pesou bastante na mente. — Ele sorriu satisfeito.

— Além do mais, dei a uma bela jovem sua primeira experiência de voo. A única coisa mais bonita do que uma garota após sua primeira viagem de avião é uma garota após sua primeira...

Ele se calou bruscamente e raspou o pavimento de concreto com os sapatos.

Naomi olhou discretamente para o horizonte. Nesse exato momento, um caminhão de combustível aproximou-se. Soames caminhou para lá a toda pressa e mergulhou em funda conversa com o motorista.

— Você produziu um efeito e tanto em nosso indômito piloto — disse Sam.

— É bem possível — replicou ela. — Eu me sinto extasiada. Não é mesmo uma loucura?

Sam empurrou para trás da orelha de Naomi uma errante mecha anelada. Depois disse:

— Este dia foi uma loucura. Aliás, foi o dia mais louco de que tenho lembrança.

Entretanto, a voz interior falou então — esgueirou-se daquele lugar profundo, onde grandes objetos ainda estavam em movimento — e disse a ele que não era bem verdade. Houvera um outro dia que tinha sido tão louco quanto este. Mais ainda. O dia da Flecha Negra e do alcaçuz vermelho.

Aquele pânico estranho e sufocado ganhou ímpeto nele novamente, e Sam

fechou os ouvidos para a voz insistente.

Se quiser salvar Sarah de Ardelia, Sam, esqueça de ser um herói e comece a lembrar quem foi o seu Policial da Biblioteca.

Eu não sei! Não posso! Não... não devo!

Você tem que trazer essa recordação de volta.

Não devo! Não é permitido!

Precisa esforçar-se mais ou não haverá esperança alguma.

— Realmente, tenho que ir para casa agora — murmurou Sam Peebles.

Naomi afastara-se um pouco para observar os flapes das asas do Navajo, ouviu-o, e então aproximou-se.

— Você disse alguma coisa?

— Não foi nada. Não tinha importância.

— Está muito pálido.

— Estou é muito tenso — esquivou-se ele.

Stan Soames retornou. Apontou um polegar para o motorista do carro-pipa.

— Dawson emprestou-me seu carro. Eu os levarei à cidade.

— Podemos chamar um táxi e... — começou Sam.

Naomi estava sacudindo a cabeça.

— Não vai dar tempo — disse ela. — Muito obrigada, Sr. Soames.

— Ora, que diabo! — exclamou Soames, depois exibindo um sorriso de garotinho.

— Porque não me chamam de Stan? Vamos andando. Dawson disse que há uma baixa pressão vindo do Colorado. Quero estar de volta em Junction City antes

que a chuva comece a cair.

7

A Pells era uma enorme estrutura em forma de celeiro, na orla do distrito comercial em Des Moines — a própria antítese da livraria em cadeia, situada em rua de pedestres. Naomi pediu para falar com Mike. Foi enviada ao balcão de serviços ao consumidor, uma espécie de quiosque semelhante a uma cabine aduaneira, entre a seção que vendia livros novos e a maior, que vendia livros velhos.

— Meu nome é Naomi Higgins. Falei com o senhor ao telefone.

— Oh, sim! — exclamou Mike.

Ele vistoriou uma de suas sobrecarregadas prateleiras e apanhou dois livros. Um deles era Os mais queridos poemas do povo americano, o outro, O companheiro do Orador, editados por Kent Adelmen. Sam Peebles jamais ficara tão feliz em ver dois livros em sua vida, e lutou contra o impulso de arrancá-los das mãos do homem e apertá-los contra o peito.

— Os mais queridos poemas foi fácil — disse Mike, — mas O companheiro do Orador está esgotado. Acredito que a Pells seja a única livraria, daqui a Denver, com um exemplar tão bonito quanto este... exceto pelos exemplares das bibliotecas, é claro.

— Eu os acho formidáveis — disse Sam, com profundo sentimento.

— São um presente?

— Mais ou menos.

— Posso pedir um embrulho para presente, se quiserem; levaria apenas um segundo.

— Não será preciso — disse Naomi.

O preço dos dois livros ficou em vinte e dois dólares e cinco centavos.

— Não posso acreditar! — exclamou Sam, quando saíram da livraria e caminharam para onde Stan Soames estacionara o carro emprestado. Ergueu a sacola, segura firmemente em uma das mãos. — Não posso acreditar que seja

tão simples como... como apenas devolver os livros!

— Não se preocupe — replicou Naomi. — Não será.

8

Enquanto rodavam de volta ao aeroporto, Sam perguntou a Soames se ele podia contar-lhes sobre Dave e as bolas de beisebol.

— Se for pessoal, tudo bem. É apenas que fiquei curioso.

Soames olhou de relance para a sacola que Sam mantinha no colo.

— Também fiquei um tanto curioso com os livros — disse ele. — Façamos um trato.

A história com as bolas de beisebol aconteceu há dez anos. Contarei a vocês, se daqui a dez anos me contarem sobre os livros.

— Trato feito! — exclamou Naomi do banco traseiro, então acrescentando o que o próprio Sam havia pensado: — Se ainda estivermos por aí, é claro.

Soames deu uma risada.

— Sim... Suponho que sempre exista essa possibilidade, não?

Sam assentiu.

— As vezes acontecem coisas terríveis.

— Sem dúvida. Uma delas aconteceu a meu único filho, em 1980. Os médicos disseram que era leucemia, mas na verdade foi justamente o que você disse — uma daquelas coisas terríveis, que às vezes acontecem.

— Oh, sinto muito — disse Naomi.

— Obrigado. De vez em quando, começo a pensar que já superei tudo, mas então a coisa vem à tona e me machuca novamente. Acho que determinadas coisas custam muito a cair no esquecimento, havendo um punhado delas que jamais são esquecidas.

Determinadas coisas custam muito a cair no esquecimento.

Venha comigo, filho... Sou um polisssial.

Realmente, tenho que ir para casa agora... a minha multa já foi paga?

Sam tocou o canto da boca com mão trêmula.

— Bem, raios, eu já conhecia Dave, muito tempo antes disso acontecer — disse Stan Soames. Passavam por um sinal dizendo AEROPORTO 5 KM. — Crescemos juntos, fomos à escola juntos, provamos juntos as loucuras da mocidade... O único porém, é que provei as loucuras e depois parei, mas Dave simplesmente continuou provando

Soames meneou a cabeça.

— Bêbado ou sóbrio, ele foi um dos sujeitos mais gentis que já conheci. Acontece que levava mais tempo bêbado do que sóbrio, de modo que ficamos um pouco fora de contato. Penso que a pior época para Dave foi em fins dos anos cinquenta.

Durante esse período, ele estava bêbado o tempo todo. Foi depois disso que começou a frequentar os A.A., e então pareceu melhorar um pouco... mas sempre havia uma recaída — e forte.

Eu me casei em 68 e quis convidá-lo para padrinho, mas não tive coragem.

Naqueles tempos, por acaso ele andava sóbrio — mas não se podia esperar que continuasse assim.

— Sei o que quer dizer — falou Naomi em voz baixa.

Stan Soames riu.

— Bem, duvido muito — uma coisinha doce como você não saberia as misérias em que um bebedor contumaz pode envolver-se — mas acredite no que digo. Se eu convidasse Sam para meu padrinho de casamento, Laura — é a minha ex — deitaria fogo pelas ventas, como se diz. No entanto, Dave foi ao casamento e eu o vi com uma certa frequência depois que nosso garoto Joe nasceu, em 1970. Ele parecia ter um jeito especial para todas as crianças durante aqueles anos em que tentava desligar-se da garrafa.

A coisa que Joey mais amava era beisebol. Tinha loucura por isso — colecionava albuns de figurinhas, cartões de goma de mascar... chegou a infernizar-me para arranjar uma parabólica a fim de que pudesse ver todos os

infernizar-me para arranjar uma parabólica a fim de que pudesse ver todos os jogos dos Royal — os Royal eram seus favoritos — e também dos Cub, pela WGN de Chicago. A essa altura tinha oito anos, conhecia as médias de todos os jogadores do Royal e os pontos ganhos ou perdidos de quase todo maldito lançador da Liga Americana. Eu e Dave levamos o garoto a três ou quatro jogos. Era mais ou menos como levá-lo a uma excursão com guia pelo paraíso. Dave o levou sozinho duas vezes, quando eu tinha que trabalhar.

Laura ficou possessa a cada vez — dizia que ele ia voltar bêbado como um gambá, esquecido do garoto, que devia estar perambulando pelas ruas de Kansas City ou sentado em algum posto policial, esperando que aparecesse alguém para apanhá-lo.

Nada disso aconteceu. Que me conste, Dave nunca tomou um drinque quando estava com Joey.

Quando a leucemia foi declarada em Joe, o pior para ele foi ouvir os médicos dizendo que não poderia ir a nenhum jogo aquele ano, pelo menos até junho, talvez até dezembro. Ele ficou mais deprimido com isso do que em saber de seu estado de saúde. Quando Dave foi visitá-lo, Joe chorou por causa dos jogos. Dave o abraçou e disse, Se você não pode ir aos jogos, tudo bem, Joey; eu trarei os Royals para você.

Joe ficou olhando para ele e disse, Está querendo dizer em pessoa, tio Dave?

Era como ele o chamava — tio Dave.

Não posso fazer isso Dave disse, mas posso fazer uma coisa bem parecida.

Soames rodou até o portão do Terminal Aéreo Civil e tocou a buzina. O portão deslizou nos trilhos e ele dirigiu para onde o Navajo ficara estacionado. Desligou o motor do carro e ficou sentado ao volante um momento, contemplando as mãos.

— Eu sempre soube que Dave era um filho da mãe talentoso — disse por fim. — Só não sei como fez o que fez, tão infernalmente depressa. Posso apenas imaginar que deve ter trabalhado dia e noite, porque terminou tudo em dez dias — e o resultado foi ótimo.

Dave sabia que precisava andar depressa. Entendam, os médicos tinham dito a verdade para mim e Laura — e eu contei para Dave. Joe não tinha muita chance

de superar a doença. Já era tarde demais quando descobriram o mal. A coisa devorara seu sangue, como fogo em capim seco.

Cerca de dez dias depois de feita a promessa, Dave entrou no quarto de hospital do meu filho, levando uma sacola de papel para compras em cada braço. O que você traz aí, tio Dave?Joe perguntou, sentando-se na cama. Ele estivera bastante deprimido todo aquele dia — acho que principalmente por estar perdendo os cabelos; naquela época, se um garoto não tivesse cabelos chegando até as costas, era considerado de classe inferior — mas quando Dave apareceu, ele ficou feliz da vida.

Os jogadores do Royal, claro respondeu Dave. Eu não lhe prometi?

Então, botou as duas sacolas em cima da cama e despejou o que continham. E vocês nunca, jamais, em sua vida inteira, verão expressão semelhante no rosto de um garotinho. Porque o rosto de Joe ficou iluminado como uma árvore de Natal.. .e.. e, merda, eu não...

A voz de Stan Soames tinha ficado cada vez mais rouca. Agora, inclinava-se para diante, sobre o volante do Buick de Dawson, a tal ponto, que a buzina soou. Ele puxou um enorme lenço do bolso traseiro, enxugou os olhos nele e depois assoou o nariz.

Naomi também se chegara para diante. Pressionou uma das mãos contra o rosto de Soames.

— Se é tão doloroso para o senhor, Sr. Soames...

— Não — disse ele, e sorriu um pouco. Sam viu uma lágrima esquecida por Stan Soames seguir seu curso brilhante e despercebido pela face abaixo, ao sol do fim da tarde. — É apenas o que tudo isso faz lembrar. Como ele era. Isso dói, moça, mas também faz bem. São dois sentimentos embrulhados juntos.

— Eu compreendo — ela disse.

— Quando Dave esvaziou aquelas sacolas, o que caiu na cama foram bolas de beisebol — cerca de duas dúzias delas. Só que não eram apenas bolas, porque havia um rosto pintado em cada uma, e cada rosto era de um jogador do time de beisebol dos Royal de Kansas City, em 1980. Também não eram o que se chamaria de caricaturas. Eram tão perfeitos como os rostos que Norman

Rockwell pintava para as capas do Saturday Evening Post. Eu já tinha visto trabalhos de Dave — os feitos antes de entregar-se fundo à bebida — e eram bons, mas nenhum tão bom quanto aquele. Ali estavam Willie Aikens e Frank White, U.L. Washington e George Brett... Willie Wilson e Amos Otis... Dan Quisenberry, parecendo tão feroz quanto um pistoleiro em filme do Velho Oeste... Paul Splittorff e Ken Brett... Não me lembro de todos os nomes, porém ali estava o time inteiro, incluindo-se Jim Frey, o treinador.

E entre terminá-los e dá-los ao meu filho, ele levou todos aqueles rostos pintados nas bolas a Kansas City, conseguindo que todos os jogadores, exceto um, os assinassem. O único que não assinou foi Darrel Porter, o apanhador. Estava de fora, com gripe, mas prometeu assinar a bola com o seu rosto assim que pudesse. Ele também assinou.

— Poxa! — sussurrou Sam.

— E tudo foi obra de Dave — o homem de quem ouvia o pessoal da cidade debochar e chamar de Dave Sujeira. Eu digo para vocês que, algumas vezes, quando ouvia os outros falarem assim e recordava o que ele fez por Joe, quando Joey estava morrendo de leucemia, tinha vontade de...

Soames não terminou, mas suas mãos engalfinharam-se em punhos, sobre as coxas amplas. E Sam — que até esse dia empregara aquele nome, que tinha debochado do velho bêbado com seu carrinho de compras cheio de jornais, debochado com Craig Jones e Frank Stephen — sentiu um forte e vergonhoso calor invadir-lhe o rosto.

— Foi uma coisa maravilhosa o que Dave fez, não? — disse Naomi, e tornou a tocar o rosto de Stan Soames. Ela estava chorando.

— Deviam ver a carinha dele — disse Soames, sonhadoramente. — Não imaginam a felicidade dele, sentado na cama e olhando para todos aqueles rostos, com seu bonés K.C. de beisebol sobre as cabeças redondas. Não consigo descrever, mas jamais esquecerei!

Deviam ver a carinha dele!

Joe ficou muito mal antes do fim, mas nunca a ponto de parar de ver os Royal na televisão — ou de ouvi-los pelo rádio — e manteve aquelas bolas por todo o quarto.

O peitoril da janela, junto da cama, no entanto, era o lugar de honra especial. Era onde ele enfileirava os nove homens que estavam jogando a partida que via ou ouvia pelo rádio. Se Frey tirava o lançador, Joe também tirava esse do peitoril, colocando em seu lugar o lançador que o substituía. E quando cada homem estava na defesa, Joe segurava aquela bola nas mãos. Assim...

Stan Soames interrompeu-se subitamente e escondeu o rosto no lenço. Seu peito estremeceu duas vezes, e Sam pôde ver-lhe a garganta esforçando-se para conter um soluço. Depois ele tornou a enxugar os olhos e enfiou rapidamente o lenço no bolso traseiro.

— Assim, agora já sabem por que eu os trouxe hoje a Dcs Moines, e por que os levaria a Nova Iorque para pegar esses dois livros, se precisassem ir até lá. Não foi uma gentileza minha, mas de Dave. Ele é um tipo de homem especial.

— Acho que você também é — disse Sam.

Soames sorriu para ele — um sorriso estranho e torcido — depois abriu a porta do Buick de Dawson.

— Bem, obrigado — disse. — Muitíssimo obrigado. E agora, penso que devemos ir rolando por aí, se queremos deixar a chuva para trás. Não vá esquecer seus livros, Senhorita Higgins.

— Não vou esquecê-los — disse Naomi, quando saiu do carro com o topo da sacola enrolado apertadamente em uma das mãos. — Acredite, eu não os esqueceria por nada do mundo.

Treze

O Policial da Biblioteca (II)

1

Vinte minutos depois que decolaram de Des Moines, Naomi parou de apreciar a vista — estivera seguindo a Rota 79 e maravilhando-se com os carros de brinquedo que corriam por ela, de um lado para outro, e se virou para Sam. O que viu deixou-a aterrada. Ele tinha adormecido, com a cabeça descansando contra uma janela, porém não havia paz em seu rosto. Sam dava a impressão de um homem atravessando alguma dor muito profunda e particular.

As lágrimas rolavam lentamente dos olhos fechados e deslizavam pelo rosto.

Naomi inclinou-se para acordá-lo quando o ouviu perguntar, em uma trêmula voz de menino:

— Estou em apuros, senhor?

Como uma flecha, o Navajo abria caminho através das nuvens que agora acumulavam-se sobre a parte oeste do Iowa e começou a corcovear, porém Naomi mal o percebeu. Sua mão parou um instante pouco acima do ombro de Sam, logo tomando a recuar.

Quem era o SEU Policial da Biblioteca, Sam?

Quem quer que ele tivesse sido, pensou Naomi, creio que Sam tornou a encontrá-lo. Acho que está com ele agora. Sinto muito, Sam... porém não posso acordá-lo. Não agora. Neste momento, penso que você está onde devia... onde tem que estar. Lamento, mas continue sonhando. E, quando acordar, lembre-se do que sonhou. Lembre-se!

Lembre-se!

2

No sonho, Sam Peebels via Chapeuzinho Vermelho sair de uma casa feita de pão de mel, tendo no braço uma cesta coberta; seu destino era a casa da Vovó, onde o lobo esperava para comê-la, começando pelos pés. Depois ele a escalpelaria e, com uma comprida colher de madeira, comeria seu cérebro, que iria retirando do crânio.

Entretanto, nada disso era verdade, porque neste sonho Chapeuzinho Vermelho era um menino, e a casa feita de pão de mel era o duplex de dois pavimentos em St. Louis, onde ele morara com a mãe, após a morte do pai. Tampouco havia comida na cesta coberta. Naquela cesta havia um livro, A flecha negra, de Robert Louis Stevenson. Ele tinha lido o livro, palavra por palavra, e não estava indo para a casa da Vovó, mas para a sucursal da Biblioteca Pública de St. Louis, que ficava na Avenida Briggs. Precisava apressar-se, porque já passavam quatro dias do prazo de devolução daquele livro.

Este era um sonho espiado.

Ele ficou espiando o garoto — Samzinho Branco — que caminhava, agora parado na esquina da Rua Dunbar com a Avenida Johnstown, à espera de que a luz mudasse, para então atravessar. Espiou-o cruzando a rua a toda pressa, com o livro na mão... a cesta tendo agora desaparecido. Ficou espiando, enquanto Samzinho Branco que caminhava entrou na loja News da Rua Dunbar — e então entrou lá também, sentindo o cheiro antigo e mesclado de cânfora, doces e fumo para cachimbo. Espiou, quando Samzinho Branco que caminhava aproximou-se do balcão com um saquinho de cinco centavos contendo alcaçuz vermelho “Tiro Certeiro" — o seu predileto. Espiou o garotinho tirar cuidadosamente o dólar que a mãe lhe dera e enfiara no bolso para o cartão colado na capa de A flecha negra. Espiou, enquanto o empregado da casa pegava o dólar e devolvia o troco de noventa e cinco centavos... mais do que suficiente para pagar a multa pelo atraso na devolução do livro. Espiou, enquanto Samzinho Branco que caminhava saiu de lá e parou na rua, apenas o tempo bastante para guardar o troco no bolso e rasgar o saquinho de alcaçuz com os dentes, a fim de abri-lo. Espiou, enquanto Samzinho Branco que caminhava seguia seu caminho — faltavam agora apenas três quarteirões para a Biblioteca — mascando as compridas tiras vermelhas do doce, à medida que ia andando.

Ele tentou gritar para o menino.

Cuidado! Cuidado! O lobo está esperando, garotinho! Cuidado com o lobo! Cuidado com o lobo!

O menino, entretanto, seguiu seu caminho, comendo o alcaçuz vermelho; agora já estava na Avenida Briggs e a Biblioteca, uma grande pilha de tijolos vermelhos, surgia adiante.

A esta altura, Sam — o Grande Sam Branco voando de avião — tentou retirar-se do sonho. Sentia que Naomi, Stan Soames e o *mundo de coisas reais* estavam bem no exterior daquele infernal ovo de pesadelo em que ele se encontrava. Podia ouvir o rugido do motor do Navajo por trás dos sons do sonho: o trânsito na Avenida Briggs, o vivo *brrring!-brrring!* da campainha da bicicleta de algum menino, os pássaros chilreando nas magníficas folhas de meados de verão nos olmos. Ele fechou os olhos que sonhavam e ansiou voltar para o mundo fora da casca do ovo, o mundo de coisas reais. Mais ainda: sentiu que podia atingi-lo, que podia abrir a casca com pancadas...

Não, disse Dave. Não, Sam, não faça isso. Você não deve fazer isso. Se quer salvar Sarah de Ardelia, esqueça a ideia de abandonar este sonho. Nesta história existe apenas uma coincidência, mas fatal: um dia, você também teve um Policial da Biblioteca. Eprecisa trazer essa lembrança de volta.

Eu não quero ver. Não quero saber. Uma vez já foi o bastante.

Nada é tão ruim como o que espera por você, Sam. Nada.

Ele abriu os olhos — não os olhos externos, mas os internos, os olhos que sonhavam.

Agora Samzinho Branco que caminhava está no caminho de concreto que leva ao lado leste da Biblioteca Pública, o caminho de concreto que segue direto para a Ala Infantil. Ele se move em uma espécie de portentosa câmara lenta, cada passo assemelhando-se ao suave movimento de um pêndulo na garganta envidraçada de um relógio de pé, e tudo está claro: as diminutas cintilações de mica e quartzo reluzindo no caminho de concreto; as belas rosas margeando o caminho de concreto; a espessa fileira de verdes arbustos seguindo o lado do prédio; a hera trepadeira na parede de tijolos vermelhos; o estranho e de certo modo amedrontador lema em latim, Fuimtis, non sumus, esculpido em pequeno semicírculo, acima das portas verdes com grossas vidraças de vidro reforçado

com arame.

E o Policial da Biblioteca, parado junto aos degraus, também está bem claro.

Ele não é pálido. É corado. Há espinhas em sua testa, vermelhas e evidentes. Não é alto, mas de estatura mediana, com ombros extremamente largos. Não usa impermeável, mas um sobretudo, o que é muito estranho, sendo aquele um calorento dia de verão em St. Louis. Seus olhos talvez sejam prateados; Samzinho Branco que caminhava não pode ver de que cor são, porque o Policial da Biblioteca está usando pequenos óculos escuros redondos — óculos de um homem cego.

Ele não é um Policial da Biblioteca! Ele é o lobo! Cuidado! Ele é o lobo! O LOBO da Biblioteca!

Entretanto, Samzinho Branco que caminhava não ouve. Samzinho Branco que caminhava não está com medo. Afinal de contas, é dia claro, a cidade está cheia de pessoas estranhas — e por vezes divertidas. Ele passou a vida inteira em St. Louis e não tem medo disto. Contudo, logo haverá uma mudança.

Ele se aproxima do homem e, chegando mais perto, nota a cicatriz: um pequeno fio branco, começando no alto da face esquerda, mergulhando debaixo do olho esquerdo e transpondo a ponte do nariz.

Olá, filho, diz o homem dos óculos escuros redondos.

Olá, responde Samzinho Branco que caminhava.

Pode me dizzzer alguma coissssa ssobre o livro que tem aí, antes de entrar? pergunta o homem. Sua voz é suave e educada, nem um pouco ameaçadora. Há um leve ciciar em sua fala, quando pronuncia os sons de s. *Eu trabalho para a Biblioteca, ssabia?*

O nome dele é A flecha negra, responde polidamente Samzinho Branco que caminhava, escrito pelo Sr. Robert Louis Stevenson. Ele já morreu. Morreu de tu-brecu-losi. Foi um livro muito bom. Tinha grandes batalhas.

O menino espera que o homem dos pequenos óculos escuros redondos fique a um lado para deixá-lo entrar, mas o homem dos pequenos óculos escuros redondos não fica a um lado. O homem apenas se inclina, a fim de observá-lo mais de perto.

mais de perto.

Vovô, que olhinhos escuros e redondos você tem!

Maiss uma pergunta, diz o homem. Sseu prazzo de entrega essgotou?

Agora, Samzinho Branco que caminhava sente mais medo.

Sim... mas só um pouco. Só quatro dias. Era um livro muito comprido e eu tinha que treinar na Pequena Liga, houve o dia de acampar e...

Venha comigo, filho... Eu sou um polisssial.

O homem de óculos escuros e sobretudo estende a mão. Por um momento, Sam quase começa a correr. Entretanto, é uma criança, este homem é um adulto. Este homem trabalha para a Biblioteca. Este homem é um policial. De repente, este homem — este homem amedrontador, com sua cicatriz e seus óculos escuros redondos, é Autoridade absoluta. Não se pode fugir da Autoridade; ela está em toda parte.

Sam aproxima-se timidamente do homem. Começa a erguer a mão — aquela que segurava o saquinho de alcaçuz vermelho, agora quase vazio — e então tenta puxá-la de volta, no último segundo. Tarde demais. O homem a segura. O saquinho de alcaçuz "Tiro Certeiro" cai ao chão. Samzinho Branco que caminhava nunca mais tornaria a provar alcaçuz vermelho.

O homem puxa Sam em sua direção, da maneira como um pescador puxaria uma truta no anzol. A mão que segura a de Sam é muito forte. Machuca. Sam começa a chorar. O sol ainda brilha, a relva ainda é verde mas, de repente, o mundo inteiro parece distante, não mais do que uma cruel miragem do que, por um rápido momento, ele pôde acreditar.

O hálito do homem tem cheiro de álcool. *Estou em apuros, senhor?* ele pergunta, com cada fibra de seu ser desejando que o homem diga não.

Sim, diz o homem. *Sim, está. Em ssérios apuross. E sse quizzer ficar livre deless, filho, terá de fazzer exxatamente o que eu mandar. Você entendeu?*

Sam não consegue responder. Nunca sentiu tanto medo. Pode apenas olhar para o homem, com olhos arregalados e chorosos.

O homem o sacode. *Você entendeu ou não?*

Sim — sim! gagueja Sam. Sente um peso quase irresistível na bexiga.

Vou dizzer exxatamente quem ssou, diz o homem, soprando pequenos bafos de álcool no rosto de Sam. *Eu ssou o Tira da Biblioteca da Avenida Briggsss, e ssou encarregado de casstigar meninoss e menitiass que devolvem livrossfora doprazzo.*

O choro de Samzinho Branco que caminhava fica mais forte. *Eu trouxe o dinheiro!* ele consegue dizer, entre soluços. *Trouxe noventa e cinco centavos!Pode ficar com o dinheiro! Pode ficar com ele todo!*

Ele tenta tirar as moedas do bolso. No mesmo instante, o Tira de Biblioteca olha em torno e seu rosto largo parece subitamente atento, como uma cara de raposa ou lobo que conseguiu invadir o galinheiro, mas fareja o perigo.

Venha, ele diz e, com um puxão, arrasta Samzinho Branco que caminhava para fora do caminho de concreto, internando-se entre os espessos arbustos que crescem ao longo da lateral da Biblioteca. *Quando o polissial diz para você vir, você VEM!*

Está escuro ali; escuro e misterioso. O ar tem um cheiro forte de bagas de junípero.

O solo está escuro da palha disposta para proteger a raiz dos arbustos. Sam agora chora ruidosamente.

Cale-ssse! rosna o Policial da Biblioteca, sacudindo Sam com força. Os ossos da mão do menino rangem com a pressão, dolorosamente. Sua cabeça balança sobre o pescoço. Agora chegara a uma pequena clareira naquele bosquete de arbustos, um esconderijo onde os juníperos foram amassados e achatados, as samambaias quebradas, e Sam compreende ser este mais do que um lugar conhecido pelo Tira da Biblioteca; é um lugar que ele *fez*.

Cale-sse, ou a multa vai sser apenass o começo! Vou ter que ligar para sssua mãe e contar a ela que mau menino você tem sssido! Vai querer que eu faça isssso?

Não! chora Sam. *Eu vou pagar a multa! Vou pagar, senhor, mas por favor, não*

me machuque!

O Policial da Biblioteca fez Samzinho Branco que caminhava girar sobre si mesmo.

Ponha as mãos na parede! Abra as pernas! Agora! Depresssa!

Ainda soluçando, mas apavorado com a ideia de sua mãe poder saber que ele fez algo errado o bastante para merecer este tipo de tratamento, Samzinho Branco que caminhava faz o que diz o Tira da Biblioteca. Os tijolos vermelhos são frios, frios à sombra dos arbustos que cobrem aquele lado do prédio, em uma emaranhada e espessa vegetação. Ele vê uma janela estreita ao nível do solo, dando para a sala em que fica o bóiler da Biblioteca. Lâmpadas nuas, protegidas por armações de lata semelhantes a chapéus de coolie chinês, pendem acima do gigantesco bóiler; os encanamentos lançam estranhos emaranhados de sombras parecidos a polvos. Ele vê um zelador em pé junto à parede mais distante, de costas para a janela, lendo mostradores e fazendo registros em uma prancheta.

O Tira da Biblioteca segura as calças de Sam e as puxa para baixo. A cueca desce com elas. Ele estremece, quando o ar frio bate em seu traseiro.

Aguenta aí! ofega o Policial da Biblioteca. *Não se mova! Assim que pagar a multa, filho, esstá terminado... e ninguém precisa ssaber.*

Alguma coisa compacta e quente pressiona-se contra suas nádegas.

Aguenta aí! Diz o Policial da Biblioteca. Ele agora está mais ofegante. Sam sente jatos quentes de respiração em seu ombro esquerdo, pesados de álcool. Ele agora está dominado pelo terror, mas terror não é tudo o que sente; há vergonha também. Foi arrastado para as sombras, está sendo forçado a submeter-se a este castigo grotesco e desconhecido, porque deixou de devolver A flecha negra dentro do prazo. Se pelo menos soubesse que as multas poderiam chegara este ponto...!

A coisa compacta se crava em suas nádegas, separando-as para os lados. Uma dor horrível, dilacerante, sobe pelas entranhas de Samzinho Branco que caminhava.

Nunca houve uma dor como esta no mundo, nunca!

Ele deixa A flecha negra cair e enfia o punho do lado na boca, sufocando os

Ele deixa A flecha negra cair e enfia o punho de lado na boca, sufocando os próprios gritos.

Aguenta aí! ofega o Lobo da Biblioteca, e agora as mãos dele descem sobre os ombros de Sam, enquanto ele se balança para diante e para trás, indo e vindo, para diante e para trás, indo e vindo. *Firme... firme... oooh!Firmirmeeeeeee...*

Arquejando e balançando-se, o Tira da Biblioteca enfia o que parece uma enorme barra quente de aço no traseiro de Sam, indo e vindo; os olhos esbugalhados do menino cravam-se no porão da Biblioteca, que existe em um outro universo, um universo ordenado, onde coisas terríveis como aquela jamais acontecem. Ele vê o zelador assentir, enfiar a prancheta debaixo do braço e caminhar para a porta no extremo oposto do aposento. Se o zelador virasse a cabeça apenas um pouco, se erguesse ligeiramente os olhos, veria um rosto espiando para ele pela janela, o rosto pálido de um garotinho, com olhos arregalados e alcaçuz vermelho nos lábios. Uma parte de Sam deseja que o zelador faça justamente isso — que o salve, como o lenhador salvou Chapeuzinho Vermelho — porém a maioria dele sabe que o zelador apenas desviaria os olhos, repugnado, ao ver outro garotinho mau submetido ao justo castigo, nas mãos do Tira da Biblioteca da Avenida Briggs.

Fiiiirrmeeeeeeeeeeee! sussurra-grita o Lobo da Biblioteca, enquanto o zelador cruza a porta e vai para o resto de seu ordenado universo, sem olhar em torno. O Lobo dá estocadas ainda mais fortes para diante e, por um agonizante segundo, a dor é tão lancinante, que o mau Samzinho Branco que caminhava fica certo de que sua barriga vai explodir, que seja o que for que o Tira da Biblioteca tenha enfiado em seu traseiro, simplesmente terminará furando a frente dele, empurrando suas tripas para fora.

O Tira da Biblioteca desaba contra ele, besuntado de suor rançoso, ofegando asperamente, e Sam cai de joelhos sob o seu peso. Ao cair, o objeto maciço — não mais tão maciço como antes — desliga-se dele, mas Sam percebe que todo o seu traseiro está molhado. Receia pôr as mãos lá atrás. Receia que, quando fizer isso, descobrirá que se tornou o Samzinho Vermelho de Sangue.

O Tira da Biblioteca agarra subitamente o braço de Sam e o faz virar-se e encará-lo.

O rosto dele está mais corado do que nunca, congestionado em listras héticas e intumescidas, como pintura da guerra, através das faces e da testa.

Olhe para você! exclama o Tira da Biblioteca. Seu rosto se contrai em uma expressão de desprezo e repulsa. *Olhe bem pra você, com esssass calçass arriadass e o pintinho de fora! Você gostou, não foi? Você GOSSSTOU!*

Sam não consegue responder. No momento, consegue apenas chorar. Puxa para cima calça e cueca ao mesmo tempo, da maneira como foram puxadas para baixo.

Sente fiapos ásperos de palha no tecido, espetando-lhe o traseiro violado, mas não se preocupa. Encolhe-se para ficar longe do Tira da Biblioteca e suas costas se colam à parede de tijolos vermelhos da Biblioteca. Sente ramos grosseiros de hera alfinetando-lhe as costas, como os ossos de uma mão grande e descarnada. Também não se preocupa com isto. Agora sua preocupação única é a vergonha, o senso de terror, de nulidade, residindo em seu íntimo, porém a vergonha é o maior dos três. A vergonha está além da compreensão.

Garoto imundo! cospe o Tira da Biblioteca para ele. *Garotinho imundo!*

Realmente, tenho que ir para casa agora, diz Samzinho Branco que caminhava, e as palavas são partidas em segmentos, por seus roucos soluços: *Minha multa está paga?*

Engatinhando, o Tira da Biblioteca aproxima-se de Sam e seus olhinhos redondos e negros perscrutam-lhe o rosto, como os olhos cegos de uma toupeira. De certo modo, isto é o grotesco final. Sam pensa, Ele vai castigar-me outra vez, e a esta ideia, algo em sua mente, alguma armadura ou reforço sobrecarregado se rompe, com um estalo abafado que ele quase chega a ouvir. Sam não grita nem protesta; agora está além disso. Fica apenas olhando para o Tira da Biblioteca, em calada apatia.

Não, não está, diz o Tira da Biblioteca. Vou deixar você ir embora, nada maiss.

Fiquei com pena de você, mass sse contar para alguém... sse um dia contar... eu volto e faço issso novamente. Vou fazer isso, até a multa sser paga. E nunca maiss quero ver você andando por aqui, filho. Ouviu bem?

Ouvi, diz Sam. Ficou claro que o homem tornará a fazer aquilo, caso Sam conte para alguém o que houve. Ele estará dentro do guarda-roupa, noite alta; debaixo da cama; empoleirado em uma árvore, como algum corvo gigantesco e disforme. Quando Sam olhar para um céu carregado, verá o rosto contorcido e raivoso do

Policial da Biblioteca, em meio às nuvens. Ele estará em qualquer parte, ele estará em toda parte.

Este pensamento deixa Sam cansado e ele fecha os olhos contra aquela cara-de-toupeira lunática, contra tudo.

O Tira da Biblioteca o agarra, toma a sacudi-lo. *Ouvi, o quê?* sibila ele. *Ouvi, o quê, filho?*

Ouvi o que disse, responde Sam, sem abrir os olhos.

O Policial da Biblioteca afasta a mão. *Ótimo*, ele diz. *É melhor você não esssquecer. Quando os mmauss meninosss e meninass esquecem, eu mato eless!*

Samzinho Branco que caminhava senta-se encostado à parede durante bastante tempo, de olhos fechados, esperando que o Tira da Biblioteca comece a castigá-lo novamente ou, simplesmente, a matá-lo. Ele quer chorar mas não há lágrimas. Anos passarão antes que volte a chorar por qualquer coisa. Por fim, abre os olhos e vê que está sozinho no covil do Tira da Biblioteca, em meio aos arbustos. O Tira da Biblioteca se foi. Ali há somente Sam e o exemplar de A flecha negra, jazendo aberto sobre a lombada.

Sam começa a engatinhar para a luz do dia. As folhas espetam-lhe o rosto suado e riscado de lágrimas, galhos arranham suas costas e batem em seu traseiro dolorido.

Ele leva consigo A flecha negra, porém não entregará o livro na Biblioteca. Ele jamais entrará na Biblioteca, em qualquer biblioteca novamente; é uma promessa que faz a si mesmo, enquanto rasteja para fora do local de seu castigo. Faz também outra promessa: jamais alguém ficará sabendo desta coisa terrível, porque ele pretende esquecer que chegou a acontecer. Sam tem certeza de que pode esquecer. Esquecerá, se fizer muita, muita força, e tentará começar a esquecer agora mesmo, irá esforçar-se muito e muito para isso.

Quando alcança a orla dos arbustos, olha para fora, como um animalzinho perseguido. Vê crianças cruzando o gramado. Não vê o Tira da Biblioteca, mas é claro que isto não faz diferença; o Tira da Biblioteca o vê. De hoje em diante, o Tira da Biblioteca estará sempre por perto.

Por fim, o gramado está vazio. Um garotinho descabelado, Samzinho Branco

que engatinhava, emerge do meio dos arbustos com folhas nos cabelos e terra no rosto.

A camisa fora da calça flutua atrás dele. Os olhos estão esbugalhados e fixos, não mais inteiramente lúcidos. Ele contorna os degraus de concreto, lança um olhar tímido e aterrorizado para o enigmático lema latino inscrito acima da porta e então deposita seu livro em um dos degraus, com todo o cuidado e terror de uma jovem órfã deixando seu filho sem nome na soleira de algum estranho. Então, Samzinho Branco que caminhava se torna Samzinho Branco que corria: ele dispara através do gramado, deixa às suas costas a Sucursal da Biblioteca Pública de St. Louis da Avenida Briggs e corre, mas não importa a velocidade de sua corrida, já que não consegue ultrapasar o sabor de alcaçuz vermelho em sua língua e na garganta, um sabor adocicado e escorregadio pelo açúcar, e não importa a velocidade de sua corrida, porque o Lobo da Biblioteca naturalmente corre com ele, o Lobo da Biblioteca está logo atrás de seu ombro, onde ele não pode ver, e o Lobo da Biblioteca está sussurrando. *Venha comigo, filho... Eu sou um polisssial*, e ele sempre sussurrará isso, através dos anos sussurrará isso, naqueles sonhos tenebrosos que Sam não ousa recordar ele sussurrará isso, Sam sempre correrá dessa voz gritando *Já está paga? A multa já está paga?*

Oh, meu Deus, por favor, MINHA MULTA JÁ ESTÁ PAGA? E a resposta que ouvirá sempre será a mesma: Ela nunca sserápaga, filho; nunca sserá paga.

Nunca.

Nun...

QUATORZE

A Biblioteca (III)

1

A abordagem final da pista de terra batida a que Stan dava o nome de Aeroporto de Proverbia foi sacolejante e amedrontadora. O Navajo desceu, tateando o caminho através de massas de ar enfurecido, para aterrar com um baque descomunal. Quando isto aconteceu, Sam deixou escapar um grito sufocado. Seus olhos se abriram.

Naomi estivera esperando pacientemente por algo assim. No mesmo instante inclinou-se para a frente, ignorando o cinto de segurança que oprimia seu corpo, e passou os braços em torno dele. Não ligou quando ele levantou os braços em um recuo instintivo, como também não ligou para o primeiro jato, desagradável e quente, de horrorizada respiração. Já havia confortado muitos bêbados acometidos de delirium tremens; isto agora não diferia muito. Podia sentir as batidas do coração de Sam ao pressionar-se contra ele. Parecia saltar e dançar logo abaixo da camisa.

— Está tudo bem, Sam, está tudo bem... sou eu, e você está de volta. Foi um sonho.

Você voltou.

Por um momento, ele continuou tentando enterrar-se no assento. Depois afrouxou, flácido. Ergueu as mãos e abraçou-a, com uma pressão de pânico.

— Naomi! — disse, em voz rouca e sufocada. — Naomi, oh, Naomi, oh, meu Deus, que pesadelo eu tive, que sonho horrível!

Stan havia passado um rádio e alguém acendera as luzes de pouso na pista. Agora taxiavam entre elas, correndo para o final da pista. Não tinham chegado à frente da chuva, como ele pretendera; os pingos tamborilavam foscamente no corpo do avião.

Na frente, Stan Soames cantarolava aos berros algo que poderia ter sido “As corridas de Camptown”.

— Foi um pesadelo? — perguntou Naomi, afastando-se um pouco de Sam, para poder fitar-lhe os olhos injetados.

— Foi, mas também era verdadeiro. Todo verdadeiro.

— Com o Policial da Biblioteca, Sam? O seu Policial da Biblioteca?

— Sim — sussurrou ele, enterrando o rosto nos cabelos dela.

— Você sabe quem é ele? Agora sabe quem é ele, Sam?

Após um longo momento, ele sussurrou:

— Sim, eu sei.

2

Stan Soames deu uma espiada para o rosto de Sam, enquanto ele e Naomi desciam do avião, e ficou imediatamente contrito.

— Lamento ter sido tão difícil. Realmente, pensei que chegaríamos antes da chuva.

Acontece que, tendo vento pela proa...

— Vou ficar bem — disse Sam, de fato já se sentindo melhor.

— Claro — disse Naomi. — Ele ficará ótimo. Obrigada, Stan. Muitíssimo obrigada. E Dave agradece também.

— Enfim, se conseguiram o que queriam...

— Nós conseguimos — replicou Sam. — Conseguimos, de fato.

— Vamos contornar o final da pista — disse Stan para eles. — Aquele trecho lamacento chegaria até a cintura, se tentassem cortar um atalho por lá agora. Venham até a casa. Tomaremos um café. Acho que ainda há um pouco de torta de maçã.

Sam olhou para seu relógio. Eram sete e quinze.

— Vai ter de ficar para outra ocasião, Stan — disse ele. — Eu e Naomi precisamos levar estes livros para a cidade, imediatamente.

— Deviam pelo menos entrar um pouco e secar-se. Quando chegarem a seu carro estarão ensopados.

Naomi sacudiu a cabeça.

— É muito importante.

— Está bem — assentiu Stan. — Pelo jeito dos dois, eu diria que é mesmo.

Lembrem-se apenas de que prometeram contar-me a história.

— Nos lembraremos — disse Sam.

Olhou de relance para Naomi e viu seu próprio pensamento refletido nos olhos dela: Se ainda estivermos vivos para contá-la.

3

Sam tomou o volante, resistindo à ânsia de pisar fundo no acelerador. Estava preocupado com Dave. Perder a direção na estrada e fazer o carro de Naomi capotar no acostamento, entretanto, não era um meio muito eficiente de demonstrar preocupação. Além disso, a chuvinha com que haviam pousado agora era um temporal, varrido por um vento refrescante. Os limpadores de pára-brisa não davam conta do recado, mesmo no ponto máximo, enquanto que os faróis não iluminavam além de seis metros. Sam não ousava ir a mais de quarenta. Olhou para seu relógio, depois para Naomi, sentada ao lado, com a sacola dos livros no colo.

— Espero que já estejamos lá pelas oito horas — disse ele — mas não posso garantir.

— Faça apenas o melhor que puder, Sam.

À frente deles surgiram faróis, as luzes ondulando como as de um sino de mergulho. Sam diminuiu para vinte quilômetros, espremendo-se à esquerda, enquanto um enorme caminhão de carreto rugia ao lado — um vulto apenas entrevisto de relance na escuridão chuvosa.

— Você pode falar a respeito? Do sonho que teve?

— Eu poderia, mas não vou falar — respondeu ele. — Não agora. O momento não é propício.

Naomi considerou aquelas palavras, depois assentiu com a cabeça.

— Tudo bem — disse.

— Posso acrescentar apenas que Dave tinha razão quando falou que crianças são a melhor refeição. Também tinha razão ao dizer que ela realmente se sustenta do medo.

Tinham chegado à periferia da cidade. Um quarteirão mais adiante, passaram pelo primeiro cruzamento controlado por sinais luminosos. Através do pára-brisas do Datsun, o sinal era apenas uma viva mancha verde, dançando no ar acima deles. Uma mancha correspondente dançava no liso e molhado revestimento da estrada.

revestimento da estrada.

— Tenho que fazer uma parada antes de chegarmos à Biblioteca — disse Sam.
— O Piggly Wiggly's fica no caminho, não?

— Fica, mas se temos que encontrar Dave nos fundos da Biblioteca às oito, não há muito tempo a perder. Queiramos ou não, esta chuva nos forçará a rodar devagar.

— Eu sei, mas o que vou fazer não demora muito.

— De que você precisa?

— Não sei bem — disse ele — , mas terei certeza assim que o vir.

Ela o fitou de banda e, pela segunda vez, ele ficou admirado com a qualidade frágil e suave de sua beleza, não compreendendo como fora capaz de nunca ter percebido isso antes.

Bem, você andou saindo com ela, não? Devia ter visto ALGO.

Entretanto, nada vira. Saíra com Naomi porque ela era bonita, apresentável, sem compromissos e mais ou menos de sua idade. Saíra com ela, porque se supunha que os solteiros em cidades que, de fato, eram apenas cidadezinhas maiores, deviam sair com moças... caso fossem solteiros interessados em conquistar um lugar próprio na comunidade comercial local, apenas isso. Não havendo tais encontros, as pessoas... certas pessoas... podiam achar que o indivíduo em questão era

(um polisssial)

um tanto esquisito.

Eu era um tanto esquisito, pensou ele. *Pensando melhor, eu era MUITO esquisito. Enfim, o que quer que eu fosse, creio que agora estou um pouco diferente. E a estou vendo. At está. Eu realmente a VEJO.*

Quanto a Naomi, estava pasma ante a tensa palidez do rosto dele e a tensão em torno dos olhos e da boca. Ele parecia estranho... porem não mais aterrorizado. Ela pensou: *Ele parece alguém que teve a chance de retornar ao seu pior pesadelo... com alguma poderosa arma nas mãos.*

Naomi julgou ser aquele um rosto pelo qual poderia estar-se apaixonando, o que a deixou profundamente inquieta.

— Esta parada... é importante, não é?

— Acho que é.

Cinco minutos mais tarde, ele parava no estacionamento da casa Piggly Wiggly.

Sam desceu do carro em seguida e começou a correr na chuva.

Parou a meio cainho. Havia uma cabine telefônica ao lado do pátio de estacionamento — sem dúvida, a mesma cabine de onde Dave tinha dado seu telefonema para o xerifado de Junction City, tantos e tantos anos antes. A ligação feita daquele telefone não matara Ardelia... mas a tinha deixado fora de circulação por um longo período.

Sam entrou na cabine. A luz acendeu-se. Nada havia ali para ver, era apenas uma cabine telefônica com números e rabiscos nas paredes de aço. O catálogo telefônico se fora, e Sam recordou Dave dizendo, Isto foi naqueles tempos em que às vezes ainda se encontrava um catálogo em uma cabine telefônica, se a gente tinha sorte.

Seus olhos pousaram no chão logo em seguida, e ele viu o que estivera procurando. Era um envoltório. Apanhou-o, alisou-o e leu o que ali havia escrito, à luz mortiça acima de sua cabeça: Alcaçuz Vermelho “Tiro Certeiro”.

De trás dele, Naomi deu várias buzinadas rápidas. Sam deixou a cabine com o papel do envoltório na mão, acenou para ela e correu para o estabelecimento comercial por entre a chuvarada.

4

O atendente no Piggly Wiggly parecia um rapaz que houvesse sido congelado criogenicamente em 1969, tendo sofrido o descongelamento naquela exata semana.

Seus olhos tinham a expressão levemente alheada e vermelha do fumante de maconha veterano. Os cabelos eram compridos e presos por uma tira de couro cru.

Em um dedo mínimo usava um anel de prata tendo cravado o sinal da paz. Por baixo de sua bata do Piggly Wiggly, via-se uma camisa franzida, e extravagante estampado.

Espetado na gola, um button dizia

MEU ROSTO ESTÁ INDO EMBORA EM 5 MINUTOS

ACOMPANHE-O!

Sam duvidava que o gerente da casa aprovasse tal sentimento... mas era uma noite chuvosa e não se via o gerente em parte alguma. Sam era o único freguês ali dentro, e o atendente o espiou com ar distante e estonteado, enquanto ele se dirigia para a prateleira dos doces e começava a apanhar saquinhos de Alcaçuz Vermelho “Tiro Certeiro”. Sam apanhou todos os que encontrou ali — cerca de vinte saquinhos.

— Tem certeza de que não precisa de mais, cara? perguntou o atendente, quando Sam chegou ao balcão e depositou sua carga sobre ele. — Talvez haja mais um ou dois caixotes dessa coisa, no depósito dos fundos. Sei como é isso, quando a gente tem um caso grave de larica.

— Isto aqui deve dar. Quer ver quanto é? Estou com pressa.

— Certo, este é um mundo de traseiro apressado — disse o atendente.

Seus dedos viajaram pelas teclas da caixa registradora com a sonhadora lentidão dos habitualmente dopados. Havia uma tira de borracha em cima do balcão, ao lado de uma propaganda sobre bolas de beisebol, impressa em papelão duro. Sam a pegou.

Sam a pegou.

— Posso ficar com isto?

— Sirva-se, cara — considere a coisa um presente meu, o Príncipe do Piggly Wiggly, a você, o Lorde do Alcaçuz, em uma noite chuvosa de segunda-feira.

Enquanto Sam escorregava a tira de borracha pelo pulso (ela ficou ali, como um bracelete frouxo), uma forte rajada de vento sacudiu o prédio, fazendo as janelas chocalharem. As luzes do teto piscaram.

— Pô, cara — disse o Príncipe do Piggly Wiggly, olhando para cima. — Isso não estava na previsão do tempo. Apenas aguaceiros, foi o que disseram. — Ele tornou a olhar para a registradora. — Quinze e quarenta e um.

Sam estendeu-lhe uma nota de vinte, com um leve sorriso amargo.

— Este troço custava bem menos quando eu era criança.

— A inflação está comendo solta, cara — concordou o atendente. Ele retornava lentamente àquele ponto brando no ozônio, o mesmo em que estivera quando da chegada de Sam. — Você deve gostar muito desse troço, cara. Por mim, prefiro coisa bem diferente.

— Gostar? — Sam riu, enquanto guardava o troco. — Eu detesto isso. Estou comprando para outra pessoa. — Tornou a rir. — Digamos que é um presentinho.

O atendente então viu algo nos olhos de Sam e, de repente, deu um passo largo e apressado para trás, quase derrubando um mostruário de chocolates.

Sam olhou curiosamente para o rosto do rapaz e resolveu não pedir uma sacola.

Juntou os saquinhos, distribuiu-os ao acaso pelos bolsos do paletó esporte que vestira mil anos atrás, e saiu. Os saquinhos de celofane rangiam ruidosamente nos bolsos a cada passo que ele dava.

5

Naomi havia deslizado para trás do volante e dirigiu pelo resto do trajeto até a Biblioteca. Quando saíam do estacionamento do Piggly Wiggly, Sam tirou os dois livros de dentro da sacola da Pell's e os contemplou pesarosamente por um instante.

Toda esta trabalheira, pensou. Toda esta trabalheira por um livro antiquado de poemas e um manual de ajuda a oradores iniciantes! Exceto, naturalmente, que a coisa não era bem essa. Aliás, tudo aquilo nada tinha a ver com os livros.

Retirando a fita de borracha do pulso, ele a passou em torno dos livros. Em seguida, pegou a carteira de notas, tirou uma nota de cinco dólares da divisão de dinheiro miúdo e a enfiou sob o elástico.

— Para que é isso?

— É a multa. O que fiquei devendo destes dois livros e de um outro, faz muito tempo atrás... A flecha negra, de Robert Louis Stevenson. Isto liquida o assunto.

A seguir, colocou os livros sobre o console entre os dois bancos dianteiros e tirou um saquinho de alcaçuz vermelho do bolso. Rasgou-o, e imediatamente sentiu aquele velho cheiro açucarado com a força de uma dura bofetada. De seu nariz, o cheiro pareceu ir diretamente para a cabeça, de lá arremetendo para o estômago, que imediatamente se crispou em um punho rijo e lustroso. Por um terrível momento, Sam pensou que fosse vomitar no próprio colo. Aparentemente, certas coisas nunca mudam.

Não obstante, continuou a abrir saquinhos de alcaçuz vermelho, fazendo com os doces uma bola de massa maleável, da consistência de cera. Naomi diminuiu a marcha quando o sinal do próximo cruzamento ficou vermelho e depois parou, embora Sam não visse nenhum outro carro rodando em uma ou outra direção. A chuva e o vento castigavam o pequeno veículo. Estavam agora a apenas quatro quarteirões da Biblioteca.

— Afinal de contas, Sam, o que você está fazendo?

E porque, afinal de contas, ele realmente não sabia o que estava fazendo, respondeu:

— Se medo significa alimento para Ardelia, Naomi, precisamos descobrir a outra coisa — a coisa que seja oposta a medo. Porque essa coisa, seja lá o que for, será o seu veneno. Assim... o que imagina que tal coisa possa ser?

— Bem, eu duvido muito que seja alcaçuz vermelho.

Ele esboçou um gesto de impaciência.

— Como pode ter tanta certeza? Supõe-se que cruzes matem vampiros... do tipo que suga sangue. No entanto, uma cruz não passa de dois pedaços de madeira ou metal, posicionados em ângulos retos entre si. Talvez um pé de alface produzisse o mesmo efeito... se virado ao contrário.

A luz ficou verde.

— Se fosse um pé de alface energizado — disse Naomi pensativamente, recomeçando a dirigir.

— Certo! — Sam ergueu meia dúzia de compridas barras vermelhas de alcaçuz. — Sei apenas que isto é tudo quanto tenho. Talvez seja risível. Provavelmente é, mas não me imposto. Pode ser um símbolo secundário de divindade, representando todas as coisas que o meu Policial da Biblioteca tirou de mim — o amor, a amizade, o senso de pertencer. Venho me sentindo um estranho a vida inteira, Naomi, sem nunca saber por quê. Agora já sei. Esta foi apenas outra das coisas que ele me tirou.

Eu adorava este doce. Agora, mal suporto o cheiro dele. Tudo bem; posso conviver com isso, mas preciso saber como inverter a situação.

Sam começou a rolar as barras de alcaçuz entre as palmas, aos poucos transformando-se em uma bola pegajosa. Havia pensado que o cheiro seria a pior coisa com que o alcaçuz vermelho pudesse testá-lo, porém estivera errado. A consistência era o pior... e o corante estava aderindo em suas palmas e dedos, transformando-os em um sinistro vermelho-escuro. Ainda assim ele insisitu, parando apenas para adicionar o conteúdo de mais um saquinho à massa branda, a cada mais ou menos trinta segundos.

— Talvez eu esteja dificultando a coisa — disse. — Talvez a pura e velha coragem seja o oposto do medo. Bravura, se você prefere uma palavra mais atraente. Será? Isso será tudo? Bravura é a diferença entre Naomi e Sarah?

Ela pareceu sobressaltar-se.

— Está me perguntando se parar de beber foi um ato de bravura?

— Não sei o que estou perguntando — disse ele —, mas penso que você está chegando perto, pelo menos. Não preciso perguntar sobre medo, porque eu o conheço. O medo é uma emoção que encerra e impede a mudança. Foi um ato de bravura, quando você desistiu de beber?

— Em realidade, eu nunca desisti — respondeu ela. — Com os alcoólatras não é assim. Eles não agem dessa maneira. Em vez disso, apela-se para uma boa dose de pensamento lateral. Um dia de cada vez, é fácil conseguir, viva e deixe viver, essas coisas. No entanto, o núcleo é: você desiste de pensar que pode controlar sua bebida. Esta ideia era um mito que dizia para si mesmo, e é dele que vai abrir mão.

Do mito. Agora, diga-me — será isto bravura?

— Naturalmente, mas claro que não seria uma bravura de trincheira.

— Bravura de trincheira! — repetiu ela, e riu. — Gostei disso. Tem razão. O que eu faço — que nós fazemos — é evitar o primeiro gole... o que nada tem a ver com essa espécie de bravura. Apesar dos filmes como *O fim de semana perdido* , considero bem pouco dramático o que fazemos.

Sam recordava a terrível apatia que se apoderara dele após ter sido estuprado nos arbustos ao lado da Sucursal da Biblioteca de St. Louis da Avenida Briggs. Estuprado por um homem que se dissera um policial. Isso também nada tivera de dramático.

Não passara de um truque sujo — um truque sujo e insensato contra um garotinho, obra de um homem com sérios problemas mentais. Sam deduzia que, apesar de tudo, podia considerar-se com sorte; o Tira da Biblioteca bem poderia tê-lo matado.

À frente deles, os redondos globos brancos que marcavam a Biblioteca Pública de Junction City cintilaram entre a chuva. Naomi disse, hesitantemente:

— Penso que o verdadeiro oposto do medo pode ser honestidade. Honestidade e crença. O que acha disto?

— Honestidade e crença — repetiu ele quietamente, saboreando as palavras.

Espremeu a pegajosa bola de alcaçuz vermelho na mão direita. — Nada mau, creio eu. Seja como for, terão que ser válidas. Chegamos.

6

Os cintilantes números verdes do relógio no painel do carro marcavam 7:57. Afinal de contas, os dois haviam chegado ali antes das oito.

— Talvez seja melhor esperarmos que todos saiam antes de darmos a volta para os fundos — sugeriu ela.

— Acho uma excelente ideia.

Rodaram para um local de estacionamento vazio, no outro lado da rua, diante da entrada da Biblioteca. Os globos de luz reluziam delicadamente na chuva. O farfalhar das árvores era menos delicado; o vento ainda ganhava força. Os carvalhos davam a impressão de sonhar, e todos os sonhos eram ruins.

Às oito horas e dois minutos, um furgão com um gato Garfield estofado e tendo na vidraça traseira um aviso dizendo TÁXI DA MAMAE parou no lado oposto da rua.

A buzina soou e a porta da Biblioteca — parecendo menos severa, mesmo àquela luz, do que tinha sido na primeira visita de Sam à Biblioteca, menos semelhante à boca na cabeça de um enorme robô de granito — foi aberta em seguida. Três garotos, estudantes dos primeiros anos do ginásio, a julgar por sua aparência, saíram do prédio e desceram apressadamente os degraus. Enquanto corriam para o TAXI DA MAMÃE, dois deles puxaram os blusões para a cabeça, a fim de se protegerem da chuva. A porta lateral do furgão deslizou nos trilhos e os garotos entraram. Sam podia ouvir o leve ruído de suas risadas e invejou aquele som. Pensou em como seria bom sair de uma biblioteca com o riso na boca. Ele não passara por tal experiência, graças ao homem dos redondos óculos escuros.

Honestidade, pensou. Honestidade e crença. Então, tornou a pensar: A multa está paga. A multa está paga, maldita seja! Rasgou os dois últimos saquinhos de alcaçuz e começou a amassar o conteúdo, transformando-o naquela pegajosa e fedorenta bola vermelha. Olhava para a traseira do TÁXI DA MAMÃE enquanto fazia isso. Podia ver a fumaça branca que escapava do cano de descarga, espalhando-se e dispersando-se ao vento. De repente, começou a perceber o que lhe competia fazer ali.

— Certa vez, quando eu estava no ginásio — disse — , vi um bando de garotos pregando uma peça em outro garoto de quem não gostavam. Naquele tempo, espiar era o que eu fazia melhor. Eles apanharam na Sala de Arte um punhado de argila para modelar e o enfiaram no cano de descarga do Pontiac do garoto. Sabe o que aconteceu?

Naomi olhou interrogativamente para ele.

— Não. O que foi?

— O cano explodiu em dois pedaços — respondeu Sam. Havia um em cada lado do carro. Os dois voaram como estilhaços de granada. O silencioso era o ponto fraco, entende? Suponho que os gases fossem empurrados de volta até o motor, talvez arrancassem os cilindros do bloco.

— De que você está falando, Sam?

— De esperança — disse ele. — Estou falando de esperança. Creio que a honestidade e a crença vêm um pouquinho mais tarde.

O TÁXI DA MAMÃE afastou-se do meio-fio. Seus faróis perfuravam as linhas prateadas de chuva.

Os números verdes no relógio digital do painel de Naomi diziam 8:06, quando a porta da frente da Biblioteca tornou a se abrir. Saíram um homem e uma mulher. O homem, abotoando desajeitamente o sobretudo, com um guarda-chuva enfiado debaixo do braço, era indiscutivelmente Richard Price; Sam identificou-o em seguida, embora houvesse visto apenas uma foto dele em um antigo jornal. A jovem era Cynthia Berrigan, a assistente de Biblioteca, com quem ele havia falado na noite do sábado.

Price disse algo para a jovem. Sam julgou ouvi-la rir. De repente, percebeu que estava sentado empertigadamente no assento do passageiro do Datsun de Naomi, cada músculo do corpo estalando de tensão. Tentou relaxar e descobriu que não podia.

Ora, porque isso não me surpreende? perguntou-se.

Price ergueu o guarda-chuva. Os dois correram para a calçada debaixo desse abrigo, a jovem Berrigan colocando um lenço plástico na cabeça enquanto isso.

Separaram-se no final do caminho de concreto — Price encamimhando-se para um velho Impala do tamanho de uma lancha para cruzeiro, a jovem Berrigan para um Yugo estacionado meio quarteirão abaixo. Price fez uma curva em U na rua (Naomi agachou-se um pouco, assustada, quando os faróis incidiram brevemente sobre seu carro) e apertou de leve a buzina quando o Yugo passou ao seu lado. Cynthia Berrigan fez o mesmo, depois começou a rodar na direção oposta.

Agora havia apenas eles, a Biblioteca, e possivelmente Ardelia, esperando-os em algum lugar lá dentro.

Juntamente com o velho amigo de Sam, o Policial da Biblioteca.

7

Naomi fez lentamente a volta ao quarteirão, encaminhando-se para a Rua menino.

Na esquerda, mais ou menos na metade do trajeto, um discreto aviso arcava uma pequena abertura na cerca-viva. Dizia

SOMENTE ENTREGAS PARA A BIBLIOTECA.

Uma rajada de vento os atingiu, forte o bastante para sacudir o Datsun sobre as molas, a chuva martelando as janelas com tal vigor, que dava a impressão de ser areia.

Nas proximidades soou um estalo de algo desintegrando-se, como quando um ramo volumoso ou uma árvore pequena tombam. Isto foi seguido por um baque, quando alguma coisa caiu na rua.

— Meu Deus! — exclamou Naomi, angustiada. — Não estou gostando disto nem um pouco!

— Eu também não me sinto nada atraído — concordou Sam, embora mal a tivesse ouvido.

Naquele momento, estava pensando em como aquela argila de modelar parecia.

Como ela ficara salientando-se do cano de descarga do rapazinho. Parecera uma bolha.

Naomi fez a volta no aviso. Rodaram por uma curta alameda até uma pequena área pavimentada para carga e descarga de mercadorias. Uma lâmpada solitária e alaranjada de sódio pendia acima do pequeno quadrado do pavimento. Lançava uma luz forte e penetrante, e os ramos móveis dos carvalhos que orlavam o setor de carga e descarga faziam dançar sombras loucas sobre os fundos do prédio dentro de claridade. Por um momento, duas daquelas sombras pareceram mesclar-se ao pé da plataforma, em um formato que era quase o de um homem: aquilo dava a sensação de que alguém estivera esperando ali, alguém que agora rastejava para recebê-los.

Em apenas mais um ou dois segundos, pensou Sam, o clarão alaranjado daquela luz lá em cima estilhaçará o vidro da lâmpada — os vidros de seus pequenos e redondos óculos escuros — e ele estará espiando para mim , através do pára-brisa. Não para Naomi; apenas para mim . Olhará para mim e dirá, "Olá, filho, esstive essperando por você. Todoss esstess anoss à ssua esspera. Agora, venha comigo. Venha comigo, porque eu sou um polissial."

Houve outro som ruidoso de algo estalando, e um galho de árvore caiu sobre o pavimento, a coisa de um metro do porta-malas do Datsun, explodindo em estilhaços de casca e madeira infestada de velhice para todos os lados. Se tivesse caído no topo do carro, certamente o teria esmagado como uma lata de sopa de tomate.

Naomi gritou.

O vento, ainda aumentando, gritou em resposta.

Sam inclinou-se para ela, querendo passar um braço confortador por seus ombros, quando a porta nos fundos da plataforma de carga se abriu parcialmente e Dave Duncan surgiu à vista. Segurava a porta com força, a fim de impedir que o vento a arrancasse de sua pressão. Sam achou o rosto do velho demasiadamente pálido, quase grotescamente amedrontado. Ele fazia gestos frenéticos com a mão livre, indicando-lhes que se aproximassem.

— Lá está Dave, Naomi!

— Onde...? Oh, sim, já o vi! — Ela arregalou os olhos. — Céus, ele parece horrível!

Ela começou a abrir a porta do carro. O vento arremeteu, jogou a porta para diante e penetrou assobiando no Datsun como um pequeno e forte furacão, levantando as embalagens do alcaçuz e fazendo-as dançar em torno, em círculos vertiginosos.

Naomi conseguiu baixar a mão, com tempo exato para evitar que fosse esmagada — talvez perigosamente ferida — quando a porta do carro ricocheteou de volta. Então saiu, os cabelos agitando-se em sua própria tempestade ao redor da cabeça, a saia encharcada e colada às coxas em um rápido instante.

Sam abriu com energia a porta do seu lado — o vento soprava do lado contrário

para ele, e literalmente precisou usar a força do ombro — tendo que esforçar-se para poder sair. Teve tempo de perguntar-se de onde, raios, teria vindo tal tempestade; o Príncipe do Piggly Wiggly tinha dito que não houvera qualquer previsão de ventania tão espetacular, misturada a tempestade. Apenas aguaceiros, dissera ele.

Ardelia. Talvez fosse a tempestade de Ardelia.

Como que confirmando isto, a voz de Dave avolumou-se, durante uma calmaria momentânea da chuva e do vento.

— Depressa! Estou sentindo o maldito perfume dela em toda parte!

Sam descobriu ser obscuramente aterrorizante a ideia de que o cheiro do perfume de Ardelia pudesse, de algum modo, preceder sua materialização.

Estava a meio caminho para a plataforma de carga, quase chegando aos degraus, quando percebeu que, embora continuasse segurando a bola formada com o alcaçuz vermelho, deixara os livros dentro do carro. Fez meia-volta, empregou todas as forças para abrir a porta e apanhou-os. Ao pegá-los, a qualidade da luz mudou — de alaranjado penetrante e brilhante, passou para branco. Sam viu a mudança na pele de suas mãos e, por um momento, foi como se tivesse os olhos congelados nas órbitas. Saiu do carro a toda pressa, como os livros na mão, e girou em torno.

O vidro alaranjado de segurança da lâmpada se fora. Agora tinha sido substituído por uma antiquada lâmpada de rua em vapor de mercúrio. As árvores que dançavam e rangiam em torno da plataforma de carga, sacudidas pelo vento, mostravam-se mais espessas; majestosos e velhos olmos predominavam no local, elevando-se facilmente acima dos carvalhos. A forma daquela plataforma de carga também mudara, e agora emaranhados galhos de hera subiam colados pela parede dos fundos da Biblioteca — uma parede que estivera nua, apenas momentos antes.

Bem-vindo a 1960, pensou Sam. Bem-vindo à edição Ardelia Lortz da Biblioteca Pública de Junction City!

Naomi já subira à plataforma. Estava dizendo alguma coisa a Dave. O velho replicou, depois olhou para trás, sobre o ombro. Seu corpo estremeceu. No mesmo instante, Naomi soltou um grito. Sam correu para os degraus da plataforma, as abas do paletó agitando-se atrás dele. Quando subiu os degraus

plataforma, as abas do paletó agitando-se atrás dele. Quando subiu os degraus, viu uma mão branca flutuar para fora da escuridão e pousar no ombro de Dave, logo depois puxando-o para dentro da Biblioteca.

— Agarre a porta! — griou Sam. — Naomi, agarre a porta! Não a deixe fechar!

Nisto, entretanto, foi ajudado pelo vento. Uma rajada forte escancarou a porta, atingindo Naomi no ombro e fazendo-a recuar aos tropeções. Sam chegou em tempo de agarrar a porta, quando esta vinha de volta.

Naomi pousou nele os olhos escuros e horrorizados.

— Era o homem que foi à sua casa, Sam! O homem alto, de olhos prateados! Eu o vi! Ele agarrou Dave!

Não havia tempo a perder pensando nisto.

— Vamos! — disse Sam.

Deslizou um braço pela cintura de Naomi e a empurrou para diante, para dentro da Biblioteca. Atrás deles, o vento baixou de fúria e a porta bateu estrondosamente, fechando-se.

8

Estavam em uma área para catalogação de livros, parcamente iluminada, mas não de todo escura. Um pequeno abajur de mesa, com uma cúpula de franjas vermelhas, estava sobre a mesa do bibliotecário. Além dessa área, que estava entulhada de caixotes e material de embalagem (Sam viu que estes últimos consistiam de jornais amarfanhados; o ano era de 1960, e ainda não haviam sido inventadas aquelas bolinhas de polietileno, semelhantes a pipocas), começavam as estantes de livros.

Parado em um dos corredores, murado por livros dos dois lados, estava o Policial da Biblioteca. Ele tinha Dave Duncan em uma meia chave de pescoço, mantendo-o com quase alheada facilidade a dez centímetros do chão.

Ele olhou para Sam e Naomi. Seus olhos de prata cintilaram enquanto surgia em seu rosto branco um sorriso crescente. Era um rosto semelhante a uma lua cromada.

— Nem um passso à frente — disse ele — ou quebro o pesscoço dele como se fossse um ossso de galinha. Vocêss ouvirão o esstalo.

Sam considerou a advertência por um momento apenas. Podia sentir um cheiro de sachê de lavanda, forte e enjoativo. Fora do prédio, o vento uivava e estrondeava.

A sombra do Policial da Biblioteca dançou parede acima, embaciada como uma esteira rolante. Ele não tinha sombra antes, pensou Sam. O que isso significa?

Talvez significasse que o Policial da Biblioteca e o homem escuro no carro antigo eram, em realidade, a mesma pessoa. Havia apenas uma pessoa e aqueles eram os rostos que ela usava, nada mais, nada menos, colocando-os e tomando a tirá-los, com a facilidade de uma criança experimentando máscaras do Dia das Bruxas.

— Devo supor que o deixará viver se ficarmos distantes de você? — perguntou Sam.

— Que lorota!

Ele começou a caminhar para o Policial da Biblioteca

Ele começou a caminhar para o Policial da Biblioteca.

No rosto do homem alto surgiu uma estranha expressão. Era surpresa. Deu um passo para trás. Seu impermeável agitou-se em torno das pernas e roçou nos volumes que formavam os lados do estreito corredor em que se encontrava.

— Esstou avisando!

— Avisando uma ova! — exclamou Sam. — Sua conta não é com ele. Nós dois temos uma dívida pendente, não é? Pois bem — solte-o!

— A bibliotecária tem uma conta a acertar com o velho! — disse o Policial, dando outro passo para trás.

Algo estranho acontecia ao rosto dele, e Sam levou um instante a ver o que seria.

A luz prateada no rosto do Policial da Biblioteca começava a desvanecer-se.

— Então, que ela acerte a conta — disse Sam. — A minha é com você, garotão, e já dura trinta anos!

Ele transpôs a área de claridade produzida pelo abajur de mesa.

— Muito bem então! — rosnou o Tira da Biblioteca.

Dando uma meia-volta, ele lançou Dave Duncan pelo corredor abaixo. Dave voou como um saco de roupas para lavar, deixando escapar um único grasnido de medo e surpresa. Tentou erguer um braço ao aproximar-se da parede, mas foi apenas um reflexo zonzo, meio esboçado. Bateu no extintor de incêndio preso junto à escada, e Sam ouviu o estalo surdo de um osso sendo quebrado. Dave caiu, e o pesado extintor de incêndio despencou da parede, abatendo-se sobre ele.

— Dave! — gritou Naomi estridentemente, correndo para ele.

— Não, Naomi!

Ela não quis ouvir. O sorriso do Policial da Biblioteca reapareceu; ele agarrou Naomi pelo braço quando ela tentou passar ao seu lado e a puxou para si. O rosto dele abaixou-se, por um momento sendo escondido pelos cabelos acastanhados de Naomi, na altura da nuca. Ele proferiu um estranho e sufocado

som de tosse contra a carne dela, e depois começou a beijá-la — ou assim pareceu. Sua mão branca e comprida engalfinhou-se no braço de Naomi, que deu um grito. Então, ele parcceu afrouxar um pouco a pressão.

Sam agora tinha chegado ao começo das estantes de livros. Agarrou o primeiro volume que sua mão tocou, arrancou-o da prateleira, dobrou o braço para trás e togou o livro. Ele voou, girando sobre si mesmo, as capas escancarando-se, as folhas revoluteando, e atingiu o lado da cabeça do Policial da Biblioteca. Ele soltou um grito de raiva e surpresa. Levantou o rosto. Naomi libertou-se de sua mão em um arranco e saiu cambalenado de lado, até colidir contra uma das altas estantes, enquanto agitava os braços para equilibrar-se. A estante oscilou para trás e para diante ao ser atingida, caindo então com estrondoso e ecoante escarcéu. Das prateleiras voaram livros que talvez tivessem ficado ali imperturbados durante anos, depois caindo ao chão em uma série de baques, os quais soaram curiosamente como aplausos.

Naomi ignorou isto. Chegou até Dave e caiu de joelhos ao lado dele, gritando-lhe o nome com insistência. O Policial da Biblioteca se virou naquela direção.

— Sua conta também não é com ela! — disse Sam.

O Policial da Biblioteca olhou para ele. Seus olhos de prata haviam sido substituídos por pequeninos óculos negros, o que lhe dava ao rosto uma aparência de pouca visão da marmota.

— Eu devia ter matado você da primeira vezz — disse ele, começando a caminhar para Sam.

Seus passos eram acompanhados por um singular som roçagante. Ao baixar os olhos, Sam percebeu que a bainha do impermeável do Tira da Biblioteca estava agora roçando o chão. O homem ficava cada vez mais baixo.

— A multa foi paga — disse Sam quietamente. O Policial da Biblioteca estacou. Sam ergueu os livros com a nota de cinco dólares presa pela tira de borracha. — A multa foi paga e os livros foram devolvidos. Agora está tudo encerrado, sua cadela... seu filho da mãe... ou quem quer que você seja!

O vento aumentou no exterior em um uivo prolongado e oco, que deslizou sob os beirais do prédio como vidro moído. A língua do Policial da Biblioteca projetou-se da boca e lambeu os lábios. Era muito vermelha, muito pontiaguda. Em suas faces e testa começaram a surgir manchas. Sobre a pele espalhava-se

Em suas faces e testa começaram a surgir manchas. Sobre a pele espalhava-se uma grossa camada de suor.

E o cheiro de sachê de lavanda era muito mais forte.

— Errado! — gritou o Policial da Biblioteca. — Errado! Essses aí não foram os livross que você levou! Eu ssei! Esse velho bêbado filho da puta levou oss livross que você tomou de empréstimo na Biblioteca! Eless foram...

-... destruídos — completou Sam. Recomeçou a caminhar, aproximando-se do Policial da Biblioteca, enquanto o cheiro de lavanda ia ficando mais intenso a cada passo que dava. Seu coração disparava no peito. — Também sei que a ideia era essa, mas estes aqui são substituições perfeitamente aceitáveis. Tome-os! — Sua voz elevou-se para um grito irado: Pegue-os, maldito seja!

Estendeu os livros, e o Policial da Biblioteca, parecendo confuso e receoso, estendeu a mão para apanhá-los.

— Não, assim não! — exclamou Sam, erguendo os livros acima da mão branca e engalfinhada. — Assim!

Baixou os livros com força, atingindo com eles o rosto do Policial da Biblioteca — atingindo-o duramente. Não se recordava de haver sentido tão sublime sensação na vida, como quando Os mais queridos poemas do povo americano e O companheiro do orador se chocaram contra o nariz do Policial da Biblioteca e o quebraram.

Os óculos escuros e redondos voaram-lhe do rosto e caíram ao chão. Por baixo deles havia órbitas negras orladas por um fluido esbranquiçado. Fios diminutos destacavam-se daquela coisa xaroposa, e Sam evocou a história de Dave — era com o se aquilo estivesse começando a brotar da própria pele, ele havia dito.

O Policial da Biblioteca bradou:

— Você não pode! Não pode machucar-me! Você tem medo de mim! Por outro lado, você gostou daquilo! Você GOSTOU! SEU GAROTINHO IMUNDO, VOCÊ GOSTOU!

— Errado — disse Sam. — Eu odiei aquilo, maldito! Agora, pegue estes livros.

Pegue-os e vá embora daqui! Porque a multa está paga!

Bateu com os livros no peito do Policial da Biblioteca. E, quando o homem fechou as mãos sobre os livros, Sam lançou o joelho vigorosamente contra suas virilhas.

— Isto é por todos os outros garotos! — exclamou. — Aqueles que você fodeu e aqueles que ela comeu!

A criatura uivou de dor. Suas mãos deixaram os livros cair ao abaixar-se para comprimir a virilha. Os negros cabelos gordurosos lhe tombaram sobre o rosto, escondendo misericordiosamente aquelas órbitas vazias e entrecruzadas de fios.

É claro que estão vazias, Sam teve tempo de pensar. Naquele dia, nunca cheguei a ver os olhos por trás dos óculos que ele usava... portanto, ELA tampouco os veria.

— Isto não paga a sua multa — disse Sam — , mas já é um passo na direção certa, não?

O impermeável do Policial da Biblioteca começou a amarfanhar-se e encrespar-se, como se alguma inimaginável transformação estivesse ocorrendo por baixo dele. E quando o homem — a coisa — ergueu o rosto, Sam viu algo que o fez dar um passo atrás, tomado de repulsa e de horror.

O homem surgido metade do pôster de Dave e metade da própria mente de Sam, agora se tomara um anão disforme. E o anão, por sua vez, estava transformando-se em algo mais, uma horrenda criatura hermafrodita. Em seu rosto ocorria uma tormenta sexual e também por sob o impermeável, que se encolhia e amarrotava.

Metade dos cabelos continuava negra; a outra metade era louro-cinza. Uma órbita estava ainda vazia; um selvagem olho azul cintilava de ódio na outra.

— Eu quero você! — sibilou a criatura ananicada. — Eu quero você e vou tê-lo!

— Experimente, Ardelia — disse Sam. — Vamos danç. .

Estendeu a mão para a coisa à sua frente, mas gritou e a retirou, assim que tocou o impermeável. Aquilo não era um impermeável, em absoluto, mas uma espécie de horrível pele frouxa, era como tentar segurar um monte de saquinhos de chá recentemente utilizados na bebida.

A coisa esgueirou-se por sobre a quina da estante de livros caída e saltou para as

A coisa esgueirou-se por sobre a quina da estante de livros caída e saltou para as sombras do lado oposto. De repente, o cheiro de sachê de lavanda ficou ainda mais intenso.

Uma gargalhada brutal partiu das sombras.

Uma gargalhada de mulher.

— Tarde demais, Sam! — disse ela. — Já é tarde demais! O que tinha de ser está feito!

Ardelia voltou, pensou Sam, e no exterior houve um estrondo tremendo e ensurdecedor. O prédio estremeceu quando uma árvore caiu contra ele, e as luzes apagaram-se.

9

Ficaram em escuridão total por apenas um segundo, porém pareceu muito mais.

Ardelia gargalhou novamente e, desta vez, sua gargalhada tinha uma qualidade estranha e ululante, como se irradiada por um megafone.

Então, uma solitária lâmpada de emergência acendeu-se no alto de uma parede, atirando uma pálida lâmina de luz naquele setor das estantes, uma luz que criava sombras em toda parte, como emaranhados de fios negros. Sam podia ouvir a pequena bateria zumbindo ruidosamente. Abriu caminho para onde Naomi continuava de joelhos junto a Dave quase caindo por duas vezes, quando seus pés deslizaram em pilhas de livros, despencados das prateleiras viradas.

Naomi ergueu os olhos para ele. Seu rosto estava pálido, chocado e sulcado pelas lágrimas.

— Acho que ele está morrendo, Sam...

Ele se ajoelhou junto a Dave. O velho tinha os olhos fechados e respirava em haustos difíceis e desencontrados. Pequenos filetes de sangue escorriam das suas narinas e de um ouvido. Havia uma funda concavidade em sua testa, logo acima da sobrancelha direita. Ver aquilo fez o estômago de Sam contrair-se. Um lado do rosto de Dave estava visivelmente fraturado, com o cabo do extintor de incêndio impresso naquela face, vivas linhas de sangue e esfoladuras. Parecia uma tatuagem.

— Precisamos levá-lo a um hospital, Sam!

— Acha mesmo que ela nos deixaria sair daqui agora? — perguntou ele.

Como que em resposta, um enorme livro — o volume *T* do The Oxford English Dictionary — caiu voando até eles, vindo de além do mortiço círculo de luz formado pela unidade de emergência presa à parede. Sam puxou Naomi para trás e ambos caíram estatelados no corredor poeirento. Três quilos e meio de tabasco, tendril, tom cat e trepan vararam o espaço onde a cabeça de Naomi estivera um momento antes, bateram na parede e esparramaram-se no chão, em um monte confuso.

Uma risada estridente partiu das sombras. Sam ficou de joelhos, em tempo de

Uma risada estridente partiu das sombras. Sam ficou de joelhos, em tempo de ver uma forma encurvada deslizar pelo corredor abaixo, além da estante derrubada. A coisa ainda está em transformação, pensou Sam. Transformando-se em que, só Deus sabe! A coisa dobrou para o lado esquerdo e desapareceu de vista.

— Pegue-a, Sam! — pediu Naomi roucamente, apertando-lhe uma das mãos. —

Pegue-a, por favor, pegue-a!

— Vou tentar — disse ele.

Passou por sobre as pernas estendidas de Dave e internou-se nas sombras mais densas, além da estante tombada.

10

O cheiro o deixou enjoado — um cheiro de sachê de lavanda misturado ao odor poeirento dos livros de todos aqueles anos passados. Esse cheiro, aliado ao rugido de trem carqueiro do vento no exterior levou-o a sentir-se como um Viajante do Tempo de H. G. Wells... e a Biblioteca em si, avolumando-se por inteiro à volta dela, era uma máquina do tempo.

Desceu lentamente pelo corredor, espremendo com nervosismo a bola de alcaçuz vermelho na mão esquerda. Estava circundado por livros que pareciam franzir a sobrencelha para ele. Atingiam uma altura que era o dobro da sua. Sam podia ouvir as batidas e rangidos de seus sapatos sobre o velho linóleo.

Onde está você? — gritou. — Se você me quer, Ardelia, por que não aparece e me pega? Estou bem aqui!

Não houve resposta. Entretanto, Ardelia certamente não demoraria a surgir. Se Dave estava certo, chegara para ela o tempo da mudança e esse tempo era curto.

Meia-noite, pensou ele. O Policial da Biblioteca deu-me até essa hora, portanto, talvez seja este o tempo que resta para ela. Entretanto, até lá ainda faltam cerca de três horas e meia... não é possível que Dave possa esperar e resistir tanto.

Ocorreu-lhe então outro pensamento, ainda menos agradável: e se enquanto ele tateava por aqueles corredores escuros Ardelia retornasse até onde Naomi e Dave estavam, sem que a percebesse?

Sam chegou ao final do corredor, aguçou os ouvidos, nada ouviu, e passou para o seguinte. Estava vazio. Ouviu um leve som sussurrante acima dele, e ergueu os olhos em tempo de ver meia dúzia de pesados volumes escorregando de uma prateleira, acima de sua cabeça. Atirou-se para diante com uma exclamação assustada, enquanto os livros despencavam, batendo forte com as coxas em alguma coisa.

Ouviu a gargalhada louca de Ardelia soando no outro lado da estante.

Sam podia visualizá-la lá no alto, grudada às prateleiras como uma aranha cheia de veneno, e seu corpo entrou em ação antes que o cérebro pudesse pensar. Girando nos calcanhares, como um soldado bêbado tentando fazer meia-volta, ele jogou as costas contra a estante. A gargalhada se tornou um grito de medo e

ele jogou as costas contra a estante. A gargalhada se tornou um grito de medo e surpresa no momenlo em que a estante inclinou-se sob o peso dele. Sam ouviu um baque carnoso quando a coisa se lançou para fora de seu poleiro. Um segundo depois, a estante tombava.

O que ocorreu em seguida foi algo que ele não tinha previsto: a estante empurrada tombou para o corredor, na queda despejando seus livros das prateleiras, como uma cascata, e atingiu a estante seguinte. Esta caiu contra uma terceira, a terceira contra uma quarta, e todas foram caindo como dominós, através da vasta extensão daquela enorme e sombria área de estocagem, rangendo, chocando-se e derrubando tudo, desde as obras de Marryat aos Contos de Fadas Completos de Grimm. Ele ouviu Ardelia tomar a gritar, e então atirou-se na direção da estante que havia empurrado. Escalou-a como uma escada, chutando livros em busca de apoio para os pés, içando-se para o topo da estante inclinada com auxílio de uma das mãos.

Desceu no extremo oposto com um salto, e viu uma criatura branca e infernalmente disforme arrastar-se de sob uma montanha de atlas e livros de viagem. A coisa tinha cabelos louros e olhos azuis, mas cessava ali qualquer semelhança com humanidade, perdidas suas ilusões. A criatura era uma coisa nua e gorda, com braços e pernas que pareciam terminar em garras articuladas. Um saco de carne pendia debaixo de seu pescoço, como um bócio desinflado. Finas fibras brancas enovelavam-se confusamente em torno de seu corpo. Era hedionda a sua aparência de inseto e, de repente, Sam percebeu que gritava interiormente — eram gritos silenciosos e atávicos, dando a impressão de que se irradiavam ao longo de seus ossos. Esta é a coisa! Pelo amor de Deus, esta é a coisa! Sentia repugnância e, de súbito, seu terror desapareceu; agora que podia realmente ver a coisa, a situação não era tão ruim como antes.

Então, a coisa recomeçou sua mudança, fazendo com que desaparecesse o alívio de Sam. Aquilo não tinha exatamente um rosto, mas abaixo dos olhos saltados foi-se projetando um apêndice em forma de corneta, destacado daquela cara de espetáculo de horrores como uma rude tromba de elefante. Os olhos alongaram-se dos lados, primeiro tomando-se chineses e depois como os de um inseto. Sam podia ouvir a coisa farejando ao estirar-se na direção dele.

Estava coberta de flutuantes fios esbranquiçados.

Uma parte dele queria recuar — gritava para que recuasse — mas a maioria queria manter-se firme na mesma posição. Quando o probóscide carnoso da

coisa o tocou, Sam experimentou seu profundo poder. Sentiu-se invadir por um senso de letargia, uma sensação que seria ainda melhor se apenas ficasse ali, deixando aquilo acontecer. O vento se tornara um distante uivo sonhador. De certa maneira, era algo tranquilizante, sedativo, como o som do aspirador de pó o havia acalmado quando ainda era muito pequenino.

— Sam? — chamou Naomi, mas a voz dela era distante, sem importância. — Sam, você está bem?

Teria ele pensado que a amava? Que tolice! Ao refletir nisto, podia ver o quanto era ridículo... porque o de agora, isto aqui, era muito melhor.

Esta criatura tinha... histórias para contar.

Histórias muito interessantes.

Todo o alvo corpo de plástico da coisa agora refluía para o probóscide; ela se alimentava de si mesma, enquanto o probóscide alongava-se. A criatura transformou-se em uma coisa única em forma de tubo, o restante do corpo pendendo tão inútil e esquecido, como pendera o saco abaixo de seu pescoço. Agora, toda a sua vitalidade fora investida na tromba camosa, o conduto através do qual ela sugaria para si mesma a vitalidade e essência de Sam.

E a sensação era maravilhosa.

O probóscide deslizou suavemente pelas pernas de Sam acima, pressionou-se de leve contra suas virilhas, depois subiu ainda mais, acariciando-lhe o ventre.

Sam caiu de joelhos para dar-lhe acesso ao seu rosto. Sentiu os olhos ardendo, leve e agradavelmente, quando um fluido — não eram lágrimas, porém algo mais espesso do que lágrimas — começou a escorrer deles.

O probóscide incrustou-se em seus olhos; ele podia ver uma rósea pétala de came que se abria e fechava famintamente ali dentro. A cada vez que se abria, revelava uma escuridão mais profunda além. Então fechava, formando um orifício na pétala, um tubo dentro de outro tubo, que deslizava com sensual lentidão por sobre seus lábios e face, na direção daquele fluxo xaroposo. Olhos disformes, azul-escuros, espiaram esfomeadamente para ele.

Entretanto, a multa estava paga.

Apelando para cada último e ínfimo resto de sua força, Sam aferrou a mão direita sobre o probóscide. Era quente e asqueroso. Os pequeninos fios de carne que o cobriam colaram-se em sua palma.

A coisa estremeceu e tentou soltar-se. Por um momento, Sam quase a deixou escapar, mas depois crispou a mão em um punho apertado, cravando as unhas na carne daquilo.

— Aqui! — gritou. Tome, eu trouxe um a coisa para você, cadela! Trouxe-a comigo desde o leste de St. Louis!

Ergueu a mão esquerda e meteu a pegajosa bola de alcaçuz vermelho na ponta do probóscide, enfiando-a da maneira como tinham feito os garotos, muito tempo atrás naquele estacionamento, ao obstruírem o cano de descarga do Pontiac de Tommy Reed. A coisa tentou guinchar, mas produziu apenas um abafado zumbido.

Depois tentou novamente soltar-se de Sam. A bola de alcaçuz vermelho projetava-se da ponta de seu convulsionado focinho, assemelhando-se a uma bola sanguinolenta.

Ainda de joelhos, Sam forcejou, segurando na mão aquela carne repelente que se contorcia, conseguindo então lançar-se em cima da coisa-Ardelia. Ela se contorceu e pulsou debaixo dele, tentando derrubá-lo. Ambos rolaram engalfinhados sobre a desordenada pilha de livros. A coisa era incrivelmente forte. Em um momento, quando se viu cara a cara com ela, Sam quase ficou congelado pelo ódio e pânico naquele olhar.

Então, sentiu-a começando a inchar.

Ele a soltou e recuou atrapalhadamente, ofegando. A coisa no corredor entulhado de livros agora parecia uma grotesca bola de praia dotada de tromba, uma bola de praia coberta de finos cabelos que oscilavam como fiapos de alga marinha na maré em movimento. Ela rolou sobre si no corredor, o probóscide inchando como uma mangueira atada em nó. Sam ficou espiando, petrificado de horror e fascínio, enquanto a coisa que chamara a si mesma de Ardelia Lortz estrangulava-se em suas próprias entranhas fumegantes.

Vivas linhas vermelhas de sangue, como em um mapa rodoviário, salientaram-se nos lados retesados. Os olhos da coisa esbugalharam-se, agora fitando Sam com

uma expressão de esgazeada surpresa. Ela fez um esforço final para expelir a bola pegajosa de alcaçuz, mas seu probóscide se tinha arreganhado na antecipação do alimento, de maneira que o alcaçuz introduziu-se fundo.

Sam viu o que estava para acontecer e colocou um braço diante do rosto, um instante antes da coisa explodir.

Fiapos de carne alienígena voaram em todas as direções. Rolos de sangue espesso caíram sobre os braços, peito e pernas de Sam. Ele gritou, sentindo repulsa e alívio ao mesmo tempo.

Um instante mais tarde, a luz de emergência piscou e apagou-se, tomando a mergulhá-los na escuridão.

11

De novo, o intervalo de escuridão foi muito breve, porém demorado o bastante para que Sam sentisse a mudança. Ele a experimentou na cabeça — uma clara sensação de coisas que haviam estado deslocadas, retornando ao lugar adequado. Quando as luzes de emergência voltaram, agora eram quatro. Suas baterias emitiam um surdo e auto-satisfeito zumbido, ao invés de um ruidoso murmúrio, e eram muito brilhantes, afugentando as sombras para os recantos mais distantes do recinto. Ele ignorava se o mundo de 1960 em que haviam penetrado, quando a luz de sódio se tomara de mercúrio, tinha sido real ou ilusório, mas sabia que desaparecera.

As estantes tombadas estavam novamente em pé. Havia um monte de livros neste corredor — cerca de uma dúzia — mas ele bem poderia tê-los derrubado, em seu esforço para ficar em pé. E, lá fora, o som da tormenta diminuíra de um brado para um sussurro. Sam podia ouvir o que parecia uma chuva muito calmante, tamborilando sobre o teto.

A coisa-Ardelia se fora. Não havia salpicos de sangue ou nacos de carne pelo chão, nos livros ou nele.

Restava apenas um único indício dela: um brinco solitário de ouro, cintilando do chão para ele.

Sam ficou em pé tremulamente e o chutou para longe. Então, sua visão ficou acinzentada e ele cambaleou, fechando os olhos, à espera de ver se perderia ou não os sentidos.

— Sam! — era Naomi e parecia estar chorando. — Sam, onde está você?

— Aqui!

Erguendo a mão, Sam segurou um punhado do próprio cabelo e o puxou com força. Talvez fosse estupidez, mas funcionou. A oscilante tonalidade acinzentada em seu campo visual não se dissipou por completo, mas diminuiu. Ele começou a andar de volta à área de catalogação, caminhando em largas e cautelosas passadas.

A mesma mesa, um desgracioso bloco de madeira sobre pernas rústicas, continuava na área de catalogação, porém o abajur com sua cúpula franjada

continuava na área de catalogação, porém o abajur com sua cúpula franjada havia sido substituído por uma lâmpada fluorescente. Um microcomputador Apple tomara o lugar da antiquada máquina de escrever e da copiadora. E, se ainda não tivesse certeza da época em que se encontrava agora, bastaria um ligeiro olhar para as caixas de papelão no piso, cheias de bolinhas de polietileno e tiras protetoras de material plástico acolchoado, a fim de garantirem a segurança da mercadoria embalada.

Naomi continuava ajoelhada junto a Dave, no fim do corredor, e quando Sam chegou ao seu lado, viu que o extintor de incêndio (embora trinta anos houvessem passado, ele parecia o mesmo) estava firmemente montado em seu lugar novamente... mas o formato de sua empunhadura continuava impresso na face e testa de Dave.

O velho estava de olhos abertos e sorriu, ao ver Sam.

— Nada... mau... — sussurrou ele. — Aposto como... não sabia que tinha... energias para isso... em você...

Sam experimentou um tremendo e eufórico senso de alívio.

— Não — respondeu. — Eu não sabia. — Inclinando-se, estendeu três dedos diante dos olhos de Dave. — Quantos dedos está vendo?

— Uns... setenta e quatro — sussurrou Dave.

— Vou chamar uma ambulância — disse Naomi, começando a erguer-se.

A mão esquerda de Dave agarrou-lhe o pulso, antes que ela se levantasse.

— Não. Ainda não. — Seus olhos se voltaram para Sam. — Abaixe-se. Tenho que sussurrar...

Sam inclinou-se para o velho. Dave pousou-lhe na nuca uma mão trêmula. Seus lábios se colaram ao ouvido de Sam, que precisou esforçar-se para manter o equilíbrio.

— Sam — ele sussurrou. — Ela espera. Lembre-se... ela espera!

— Como? — perguntou Sam. Sentia-se quase inteiramente sem forças agora. — De que está falando, Dave?

A mão de Dave, no entanto, havia tombado. Ele ergueu os olhos para Sam, viu através dele, o peito subindo muito pouco e rapidamente.

— Estou indo — disse Naomi, visivelmente perturbada. — Há um telefone, depois da área de catalogação.

— Não — disse Sam.

Naomi se virou para ele, os olhos faiscando, a boca repuxada em um ricto de fúria, mostrando os dentes alvos.

— O que quer dizer com não? Está louco? Dave tem o crânio fraturado, no mínimo!

Ele está...

— Ele está indo, Sarah — disse Sam suavemente. — Dentro em breve. Fique com ele. Seja sua amiga.

Ela baixou os olhos e, desta vez, viu o mesmo que Sam. A pupila do olho esquerdo de Dave diminuíra para uma cabeça de alfinete; a pupila direita era enorme e fixa.

— Dave! — sussurrou, amedrontada. — Dave?

Dave, no entanto, olhava novamente para Sam.

— Lembre-se — sussurrou ele. — Ela es...

— Seus olhos ficaram ainda mais imóveis e fixos. O peito levantou-se uma vez mais... baixou... e não tornou a subir.

Naomi começou a soluçar. Colocou a mão na face e fechou os olhos. Sam ficou de joelhos penosamente e lhe passou um braço pela cintura.

QUINZE

Rua do Ângulo (III)

1

Aquela noite e a seguinte foram insones para Sam Peebles. Ficou acordado na cama, com todas as luzes do segundo pavimento acesas, pensando nas últimas palavras de Dave Duncan: Ela espera.

Por volta do alvorecer da segunda noite, ele começou a crer que entendia o que o velho tentara dizer-lhe.

2

Sam imaginou que Dave seria sepultado pela Igreja Batista, em Proverbia, de maneira que ficou algo surpreso ao saber que ele se convertera ao catolicismo em algum ponto entre 1960 e 1990. Os serviços tiveram lugar na Igreja de São Martinho, em 11 de abril, um dia turbulento, alternando-se entre nuvens e um frio sol de começos de primavera.

Após o serviço à beira da sepultura, houve uma recepção na Rua do Ângulo. Havia quase setenta pessoas presentes vagando pelos aposentos do andar térreo ou formando grupinhos, na hora em que Sam chegou. Todos ali tinham conhecido Dave e falavam dele com humor, respeito, profunda amizade. Bebiam ginger ale em copos de plástico e comiam pequenos sanduíches em forma de tiras. Sam foi de grupo em grupo, dizendo algumas palavras a pessoas conhecidas de quando em quando, mas sem parar para conversar. Raramente tirava a mão do bolso do paletó escuro. Havia feito uma parada na casa Piggly Wiggly, a caminho da igreja, e agora tinha no bolso meia dúzia de saquinhos de celofane, quatro deles compridos e finos, os dois outros retangulares.

Sarah não estava lá.

Sam já ia embora quando avistou Lukey e Randolph sentados juntos em um canto.

Havia um tabuleiro para jogo de cartas entre eles, mas os dois não pareciam estar jogando.

— Olá, rapazes — disse Sam, aproximando-se. — Penso que talvez não se lembrem de mim...

— É claro que a gente lembra — disse Rudolph. — O que acha que a gente é? Dois retardados? Você é amigo de Dave. Veio aqui aquele dia que a gente tava fazendo os posters.

— Certo! — disse Lukey.

— Achou aqueles livros que procurava? — perguntou Rudolph.

— Achei — disse Sam, sorrindo. — Algum tempo depois.

Sam tirou do bolso as quatro embalagens finas de celofane.

— Trouxe uma coisa para vocês, rapazes — disse.

Lukey espiou, e seus olhos brilharam.

— Cigarros, Dolph! — exclamou, sorrindo deliciadamente. — Veja! O namorado de Sarah trouxe os malditos cigarros pra nós! Que beleza!

— Ei, me dê eles aqui, seu cretino! — disse Rudolph, arrancando-lhe das mãos os saquinhos de celofane. — O desgraçado come eles todos de uma vez e depois borra a cama de noite, entende? — disse para Sam. Desembrulhou um dos doces em forma de cigarro e o deu a Lukey. — Tome, seu bobalhão. Vou guardar o resto pra você.

— Pode ficar com um, Dolph. Vamos!

— Você sabe que não, Lukey. Essas coisas me ardem nas duas extremidades.

Sam ignorou o aparte. Olhava fixamente para Lukey.

— Namorado de Sarah? Quem lhe disse isso?

Lukey devorou metade do doce em uma dentada, depois ergueu os olhos. Sua expressão era bem-humorada e astuta. Colocando um dedo contra o lado do nariz, ele disse:

— As notícias correm quando a gente tá no Programa, amigão. Oh, elas batem asas!

— Ele não sabe de nada — disse Rudolph, esvaziando seu copo de ginger ale. —

Está apenas chocalhando as gengivas, porque gosta do som!

— Não é nenhuma cascata! — gritou Lukey, dando outra gigantesca dentada no doce. — Eu sei, porque Dave me contou! Na noite passada! Eu tive um sonho e Dave tava nele, e ele me disse que este cara era o queridinho de Sarah!

— Onde está Sarah? — perguntou Sam. — Pensei que estivesse aqui.

— Ela falou comigo depois da encomendação — disse Rudolph. — Me disse

que o senhor ia saber onde encontrar ela mais tarde. Se quisesse ver ela. Sarah disse que o senhor já viu ela nesse lugar uma vez.

— Ela gostava muito e muito de Dave — disse Lukey. Uma lágrima súbita brotou na borda de um olho e escorregou por sua face. Ele a enxugou com as costas da mão.

— Todos nós gostava. Dave sempre tentou com todas as forças que tinha. É muito difícil. entende? É mesmo muito difícil.

Lukey prorrompeu repentinamente em lágrimas.

— Pois quero dizer uma coisa a vocês — disse Sam. Acocorou-se ao lado de Lukey e estendeu-lhe seu lenço. Estava quase chorando também, assim como aterrorizado pelo que agora tinha a fazer... ou que ia tentar fazer. — No fim, ele conseguiu. Dave morreu sóbrio. Seja o que for que digam para vocês, acreditem nisto, porque sei que é verdade. Ele morreu sóbrio.

— Amém — disse Rudolph, reverentemente.

— Amém — assentiu Lukey. Devolveu o lenço a Sam. — Obrigado.

— Não foi nada, Lukey.

— Escute — você tem mais alguns desses malditos cigarros, tem?

— Negativo — disse Sam, e sorriu. — Você sabe o que eles dizem, Lukey — um é demais e mil nunca bastam.

Rudolph deu uma risada. Lukey sorriu... depois tornou a pousar a ponta do dedo no lado do nariz.

— E quanto a vinte e cinco centavos... não teria uma pratinha sobrando, teria?

3

O primeiro pensamento de Sam foi de que ela poderia ter voltado à Biblioteca, mas isso não se ajustava ao que Dolph tinha dito... Estivera na Biblioteca com Sarah uma vez, naquela noite terrível que parecia ter sido uma década atrás, porém haviam estado juntos; ele não a “vira” lá, da maneira como vemos alguém por uma ou...

Então, recordou quando vira Sarah por uma , ali mesmo, na Rua do Ângulo.

Ela fizera parte do grupo reunido no pátio dos fundos, fazendo o que quer que eles faziam, a fim de se manterem sóbrios. Sam cruzou a cozinha como havia feito naquele dia, dizendo olá para mais algumas pessoas. Burt Iverson e Elmer Baskin estavam em um dos grupinhos, bebendo ponche de sorvete, enquanto ouviam gravemente as palavras de uma mulher idosa, que Sam não conhecia.

Ele passou pela porta da cozinha e saiu para o pátio dos fundos. O dia ficara cinzento e carregado novamente. O pátio estava deserto, mas ele julgou ver algo em tom pastel, além dos arbustos que marcavam os limites dos fundos do prédio.

Descendo os degraus, cruzou o gramado, percebendo que seu coração começara a bater com muita força outra vez. Sua mão voltou ao bolso e, desta vez, saiu com os dois saquinhos de celofane remanescentes. Ambos continham Alcaçuz Vermelho “Tiro Certeiro”. Rasgou e começou a moldá-los na forma de uma bola, muito menor do que a feita no Datsun, na noite de segunda-feira. O cheiro adocicado era tão nauseante como sempre. Sam podia ouvir a chegada de um trem ainda na distância, isto o levando a pensar em seu sonho — aquele em que Naomi se transformara em Ardelia.

Tarde demais, Sam. Já é tarde demais. O que havia para fazer já está feito.

Ela espera. Lembre-se, Sam — ela espera.

Às vezes, havia muito de verdade nos sonhos.

Como havia ela sobrevivido durante os anos intermediários? Todos os anos entre uma e outra vida? Eles jamais se haviam feito tal pergunta, verdade? Como ela conseguia fazer a transição de uma pessoa para outra? Aí estava outra pergunta que nunca tinham feito a si mesmos. Talvez a coisa parecida a uma mulher chamada Ardelia Lortz fosse, por baixo de seus encantos e miragens, semelhante

chamada Ardelia Lortz fosse, por baixo de seus encantos e miragens, semelhante a uma daquelas larvas que teciam seus casulos na forquilha de uma árvore, cobriam-nos com uma teia protetora e depois voavam para seu lugar de morrer. Nos casulos, as larvas permaneciam imóveis, esperando... mudando...

Ela espera.

Sam continuou andando, ainda amassando sua odorosa bolinha feita daquela coisa que o Policial da Biblioteca — o seu Policial da Biblioteca — havia roubado e transformado no material de pesadelos. A coisa que, de algum modo, ele conseguira mudar novamente para o material de salvação, com a ajuda de Naomi e Dave.

O Policial da Biblioteca, apertando Naomi contra ele. Colocando a boca sobre a nuca de seu pescoço, como se a estivesse beijando. E tossindo, em vez disso.

O saco pendendo debaixo do pescoço da coisa-Ardelia. Flácido. Vazio. Sem nada.

Por favor, não deixe que seja tarde demais!

Ele chegou até o ralo maciço de arbustos. Naomi Sarah Higgins estava em pé no outro lado, os braços dobrados sobre o peito. Olhou brevemente para ele, e Sam ficou chocado com a palidez de suas faces, a expressão esgazeada dos olhos. Depois ela se virou novamente para os trilhos da ferrovia. O trem estava mais perto agora.

Logo poderiam vê-lo.

— Olá, Sam.

— Olá, Sarah.

Sam lhe passou um braço pela cintura. Ela deixou, mas a forma do corpo contra o dele era rígida, inflexível, relutante. Por favor, que não seja demasiado tarde, ele tornou a pensar, e viu-se pensando em Dave.

Tinham-no deixado lá, na Biblioteca, após calçarem a porta que dava para a plataforma de carga com uma cunha de borracha, o que a impediria de fechar-se inteiramente. Sam usara um telefone público dois quarteirões abaixo, comunicando que a porta da Biblioteca estava aberta. Desligara quando o

despachante lhe pedira seu nome. Assim, Dave fora encontrado e, naturalmente, o veredito havia sido de morte acidental, e aquelas pessoas da cidade que se dessem ao trabalho de presumir qualquer coisa fariam a suposição esperada: mais um velho bêbado que fora para aquela grande destilaria no céu. Presumiriam que ele enveredara pela alameda com uma garrafa de bebida, que vira a porta aberta, entrara e havia caído no escuro, contra o extintor de incêndio. Fim da história. O relatório post mortem, indicando quantidade zero de álcool no sangue de Dave, não alteraria nem um pouquinho as suposições — provavelmente não faria diferença nem para a polícia. As pessoas apenas esperam que um bêbado morra como um bêbado, pensou Sam, mesmo quando tal não acontece.

— Como tem passado, Sarah? — ele perguntou.

Ela o fitou cansadamente.

— Não muito bem, Sam. Aliás, nada bem. Não consigo dormir... comer... minha mente parece cheia dos mais horríveis pensamentos... sem a menor semelhança com meus pensamentos... e eu quero beber. Isso é o pior de tudo. Eu quero beber...

beber... beber... As reuniões não ajudam. Pela primeira vez em minha vida, as reuniões não estão ajudando.

Ela fechou os olhos e começou a chorar. Era um som sem forças, terrivelmente perdido.

— Tem razão — assentiu ele suavemente. — As reuniões não ajudariam. Seria impossível. E penso que ela gostaria de vê-la recomeçando a beber. Ela está esperando... porém isso não significa que tenha perdido a fome.

Naomi abriu os olhos e se virou para ele.

— De que... de que está falando, Sam?

— Acho que de persistência — disse ele. — Da persistência do mal. De como ele espera. De como pode ser tão astuto, tão dissimulado e tão poderoso.

Sam ergueu a mão lentamente e a abriu.

— Reconhece isto, Sarah?

— Reconhece isto, Sarah?

Ela recuou da bola de alcaçuz vermelho que ele tinha na palma. Por um momento, seus olhos ficaram plenamente abertos e acordados. Cintilaram com ódio e medo.

E as cintilações eram prateadas.

— Jogue isso fora! — sussurrou ela. — Jogue essa maldita coisa fora

A mão dela se dobrou protetoramente na direção da nuca, onde os cabelos ruivo acastanhados pendiam sobre os ombros.

— Estou falando com você — disse ele, em tom firme. — Não com ela, mas com você. Eu a amo, Sarah.

Ela tornou a fitá-lo, e aquela expressão de terrível desalento retornou.

— Sim, talvez você me ame — disse. — E talvez seja melhor aprender a não me amar.

— Quero que faça uma coisa para mim, Sarah. Quero que se vire de costas para mim. Há um trem chegando. Quero que fique espiando esse trem e não olhe para trás, enquanto eu não disser. Pode fazer isso?

O lábio superior dela se ergueu. Aquela expressão de ódio e medo tornou a animar-lhe o rosto pálido.

— Não! Deixe-me em paz! Vá embora!

— É isso que você quer? — perguntou ele. — Realmente? Você disse para Dolph onde eu poderia encontrá-la, Sarah. Quer mesmo que eu me vá?

Ela tornou a fechar os olhos. Sua boca formou um trêmulo arco de angústia.

Quando tornou a abrir os olhos, estavam tomados de terror e orlados de lágrimas.

— Oh, Sam, ajude-me! Há alguma coisa errada e eu não sei o que seja, nem o que fazer!

— Pois eu sei o que fazer — ele lhe disse. — Confie em mim, Sarah, e confie no

— Pois eu sei o que fazer — ele me disse. — Confie em mim, Sarah, e confie no que me disse, quando íamos para a Biblioteca, na noite de segunda-feira. Honestidade e crença. Essas coisas são opostas ao medo. Honestidade e crença.

— Sim, mas é difícil — sussurrou ela. — Difícil confiar. Difícil acreditar.

Ele a encarou fixamente.

O lábio superior de Naomi se ergueu de súbito, enquanto o inferior encurvava-se para fora, momentaneamente transformando sua boca em algo que era quase semelhante a uma corneta.

— Foda-se! — exclamou ela. — Vá se foder, Sam Peebles!

Ele a encarou fixamente.

Naomi ergueu as mãos e as pressionou contra as têmporas.

— Eu não quis dizer isso. Não sei por que falei isso. Eu... minha cabeça... Sam, minha pobre cabeça! Parece que está se partindo em duas!

O trem que estava vindo apitou quando cruzou o Rio Proverbia e rodou para Junction City. Era o cargueiro do meio da tarde, aquele que atravessava o lugar sem parar, a caminho dos currais de gado em Omaha. Sam já podia avistá-lo

— Não há muito tempo, Sarah. Tem que ser agora. Vire-se e olhe para o trem.

Veja-o chegar!

— Sim — disse ela subitamente. — Está bem. Faça o que quer fazer, Sam. E se vir...

vir que não vai funcionar... então empurre-me! Empurre-me para a linha do trem.

Depois dirá aos outros que eu saltei... que foi suicídio. — Ela o fitou com ar suplicante — os olhos estavam mortalmente cansados no rosto exaurido. — Eles sabem como tenho me sentido — as pessoas do Programa. Não se pode esconder delas o que sentimos.

Depois de certo tempo, isso fica impossível. Todos acreditarão, se você disser que saltei, e estarão certos, porque não quero continuar assim. E a verdade é... Sam, a verdade é que... dentro em breve, eu vou querer continuar!

Sam, a verdade é que... dentro em breve, eu vou querer continuar!

— Acalme-se — disse ele. — Não vamos falar em suicídio. Olhe para o trem, Sarah, e lembre-se de que eu a amo.

Ela se virou para o trem, agora a menos de dois quilômetros e chegando depressa.

Sarâh levou as mãos à nuca e ergueu os cabelos. Sam inclinou-se para diante... e o que procurava estava lá, bem saliente sobre a carne branca do pescoço dela. Ele viu que a raiz do cérebro começava a menos de três centímetros abaixo daquele ponto, e então sentiu o estômago retorcer-se de repugnância.

Inclinou-se para aquela excrescência em forma de bolha. Estava coberta por um entrecruzamento de fios brancos, parecendo uma teia de aranha, mas ele podia ver, abaixo daquilo, uma saliência gelatinosa e rosada, que pulsava em ritmo com o coração de Sarah.

— Deixe-me em paz!— gritou Ardelia Lortz subitamente, pela boca da mulher que Sam começara a amar. — Deixe-me em paz, seu filho da puta!

As mãos de Sarah, no entanto, estavam firmes, levantando o cabelo, permitindo a ele uma visão ampla.

— Pode distinguir os números da máquina, Sarah? — murmurou ele.

Ela gemeu.

Sam pousou o polegar sobre o macio globo de alcaçuz vermelho que segurava, fazendo uma concavidade pouco maior do que o parasita grudado ao pescoço de Sarah.

— Leia os números para mim, Sarah. Leia os números!

— Dois... seis... oh, Sam, oh, minha cabeça dói... é como se duas mãos enormes estivessem dividindo meu cérebro em dois...

— Leia os números, Sarah — murmurou ele, baixando o alcaçuz “Tiro Certeiro” para aquela excrescência pulsante e obscena.

— Cinco... nove... cinco...

Sam pousou suavemente a massa de alcaçuz sobre a bolha. Pôde senti-la subitamente retorcendo-se e forcejando, por baixo da massa açucarada que a cobria. E se a massa romper-se? Se furar, antes que eu consiga puxar esta coisa para fora?

Esta coisa está cheia do veneno concentrado de Ardelia... o que acontecerá, se antes de arrancá-la, a massa de alcaçuz se romper?

O trem em aproximação tornou a apitar. O som sufocou o grito de dor que Sarah emitiu.

— Aguente firme...

Ao mesmo tempo em que Sam puxou a massa de alcaçuz de volta, dobrou-a sobre si mesma. Já tinha a coisa em seu poder; ficara presa dentro da massa pegajosa, pulsando e latejando como um pequenino coração doente. Na nuca de Sarah havia três pequeninos orifícios escuros, não maiores do que picadas de alfinete.

— Foi-se! — gritou ela. — Sam, a coisa se foi!

— Ainda não — respondeu Sam, em voz taciturna.

O alcaçuz jazia em sua mão aberta e uma bolha abria caminho para a superfície, tentando atravessar a massa do doce...

O trem agora rugia, passando pelo depósito de Junction City, o depósito onde certo dia um homem chamado Brian Kelly jogara no chão algumas moedas para Dave Duncan e depois dissera a ele que desse o fora dali. Estava a menos de trezentos metros e aproximava-se celeremente.

Sam passou à frente de Sarah e ficou de joelhos junto dos trilhos da ferrovia.

— Sam! O que está fazendo?

— Lá vai você, Ardelia! — murmurou — Experimente isto!

Enquanto falava, ele grudou a um dos cintilantes trilhos de aço a bola vermelha de alcaçuz, que pulsava e se retorcia.

Em sua mente, ouviu um guincho de fúria e terror indizíveis. Sam recuou, vendo

a coisa presa dentro do alcaçuz contorcer-se e forcejar. A pequena bola de massa se abriu... ele viu um vermelho mais escuro no interior, tentando esgueirar para fora...

e então o trem das 14:20 para Omaha arremeteu sobre aquilo, em uma organizada tormenta de eixos martelando e rodas rangentes.

O alcaçuz desapareceu e, dentro da mente de Sam Peebles, aquele grito estridente foi cortado, como se com uma faca.

Recuando, ele se virou para Sarah. Ela se balançava sobre os pés, de olhos arregalados, cheios de intensa alegria. Sam lhe passou o braço pela cintura e a manteve colada ao seu corpo, enquanto os vagões de carga cobertos, os descobertos e vagões-tanque passavam estrondosamente diante deles, agitando-lhe os cabelos para trás.

Ficaram assim até a passagem de toda a composição, seguindo com os olhos as pequeninas luzes vermelhas em seu trajeto para oeste. Sarah então afastou-se dele um pouco... mas não do círculo de seus braços — e o encarou.

— Estou livre, Sam? Estou realmente livre dela? Tenho a sensação de que estou, porém mal posso acreditar!

— Você está livre — assentiu Sam. — Sua multa também foi paga, Sarah. Foi paga para todo o sempre!

Ela aproximou o rosto do dele e começou a cobrir-lhe os lábios, faces e olhos com pequeninos beijos. Não fechou os olhos enquanto o beijava; continuou fitando-o gravemente o tempo todo.

Sam por fim lhe tomou as mãos e disse:

— Vamos voltar para dentro e prestar nossas últimas homenagens? Seus amigos devem estar querendo saber por onde você anda.

— Eles também podem ser seus amigos, Sam... se você quiser que sejam.

Ele assentiu.

— Eu quero, Sarah. Quero muito.

— Honestidade e crença — disse ela, e tocou o rosto dele.

— São essas as palavras. — Sam tornou a beijá-la, depois ofereceu-lhe o braço. —

Quer vir comigo, lady?

Sarah enfiou o braço no dele.

— Para onde quiser, sir. Para qualquer lugar que quiser.

Os dois cruzaram lentamente o gramado, caminhando para a Rua do Ângulo, juntos, de braços dados.

Meia-Noite e Quatro Minutos

O Cão da Polaroid

Esta é em memória
de John D. MacDonald.
Sinto saudades suas, velho amigo —
e você estava certo sobre os tigres.

Nota sobre

“O Cão da Polaroid”

De vez em quando alguém me pergunta: “Quando é que se cansará deste negócio de horror, Stephen, e escreverá alguma coisa séria?”

Eu costumava pensar que era acidental o insulto implicado nesta pergunta, porém, à medida que os anos passaram, fiquei mais e mais convencido do contrário.

Eu observava as expressões dos que deixavam cair essa pérola em particular, compreendam, e em sua maioria eram como bombardeiros esperando para ver se sua última carga de bomba cairá dispersa, acertará em cheio a fabrica que era o alvo ou as munições não explodirão.

A verdade é que praticamente todo o material que já escrevi — e isto inclui um bocado de material divertido — o foi com a mais séria das intenções. Posso recordar que foram bem raras as ocasiões em que me sentei diante da máquina de escrever, rindo descontroladamente por causa de algum trecho imoderado ou louco que acabava de ruminar. Jamais serei um Reynolds Price ou um Larry Woiwode — não está em mim — porém, nem por isto deixarei de cuidar profundamente do que faço.

Não obstante, tenho de fazer o que posso fazer — como certa vez disse Nils Lofgren:

“Preciso ser o meu eu sujo... sem concessões.”

Se a palavra real — significando ALGO QUE DE FATO PODERIA ACONTECER!! *— é a sua definição para sério, então você veio ao lugar errado e, a todo custo, deveria abandonar o edifício. E, enquanto estiver indo, lembre-se, por favor, de que não sou o único trabalhando neste local em particular; Franz Kafka teve um escritório aqui, assim como George Orwell, Shirley Jackson, Jorge Luis Borges, Jonathan Swift e Lewis Carroll. Uma espiada ao indicador do saguão, revelará que os atuais inquilinos incluem Thomas Berger, Ray Bradbury, Jonathan Carroll, Thomas Pynchon, Thomas Disch, Kurt Vonnegut Jr., Peter Straub, Joyce Carol Oates, Isaac Bashevis Singer, Katherine Dunn e Mark Halpern.*

Estou fazendo o que faço pelos mais sérios motivos: amor, dinheiro e obsessão.

O relato do irracional é a maneira mais lúcida que conheço para expressar o mundo no qual vivo. Tais relatos me serviram de instrumentos não só da metáfora como da moralidade; são histórias que continuam oferecendo a melhor janela que conheço para a questão de como percebemos as coisas, bem como a questão corolária de como nos portamos ou não, baseados em nossas percepções. Explorei tais questões o melhor que pude, dentro dos limites de meu talento e minha inteligência. Não sou nenhum detentor do Prêmio Nacional do livro ou do Prêmio Pulitzer, mas de fato sou sério. Se você não acreditar em mais nada, acredite nisto: quando o tomo pela mão e começo a falar, meu amigo, acredito em cada palavra que digo.

Uma porção das coisas que tenho a dizer — aquelas Coisas Realmente Sérias — estão relacionadas ao mundo de cidade pequena onde fui criado e ainda vivo. Histórias e novelas são modelos em escala do que risonhamente denominamos "vida real," e acredito que as vidas, como são vividas nas cidades pequenas, constituem modelos em escala do que risonhamente denominamos "sociedade". Certamente, a ideia está aberta ao debate, e o debate é perfeitamente bom (sem ele, muitos professores e críticos de literatura estariam procurando emprego); quero apenas dizer que um escritor precisa de alguma espécie de plataforma de lançamento e, juntamente com a firme crença de que a história possa existir com honra por si mesma, a ideia da cidade pequena como microcosmo social e psicológico é minha. Comecei experimentando este tipo de coisa em Carrie, a Estranha, tendo prosseguido em nível mais ambicioso com A hora do Vampiro. Entretanto, só consegui acertar o passo em Zona Morta.

Creio ter sido esta a primeira de minhas histórias sobre Castle Rock (e Castle Rock de fato é, simplesmente, a cidade de Jerusalem's Lot, sem os vampiros). Nos anos após ter sido descrita, Castle Rock se foi tornando cada vez mais a "minha cidade", no sentido de que a mítica cidade de Isola é a cidade de Ed McBain, e Glory, a aldeia da Virginia Ocidental, foi a cidade de Davis Grubb. De quando em quando, sou convocado até lá, a fim de examinar a vida de seus moradores e as geografias que parecem dirigir suas vidas — Castle Hill e Castle View, o Lago do Castelo e as Entradas da Cidade, que ficam em torno da cidade e em um emaranhado na sua extremidade ocidental.

Com o passar dos anos, fui ficando mais e mais interessado — quase que fascinado — pela vida secreta desta cidade, pelos relacionamentos ocultos que pareciam ficar cada vez mais nítidos para mim. Muito desta história ainda está

pareciam ficar cada vez mais nítidos para mim. Muito desta história ainda está por escrever ou não foi publicado: como o falecido Xerife George Bannerman perdeu a virgindade no banco traseiro do carro de seu pai morto, como o marido de Ophelia Todd foi assassinado por um moinho de vento ambulante, como o Comissário Andy Clutterbuck perdeu o indicador da mão esquerda (foi decepado por um ventilador, e o cachorro da família o comeu).

Em seguida a Zona Morta, que é parcialmente a história do psicótico Frank Dodd, escrevi uma novela intitulada "O Corpo"; Cujo, a novela em que o bom e velho Xerife Bannerman mordeu a poeira; e mais vários contos e noveletas sobre a cidade (as melhores delas sendo, pelo menos em minha ideia, "O Atalho da Sra. Todd" e "O Caminhão do Tio Otto"). Tudo isto está muito bem, porém um estado de fascinação por um enredo fictício pode não ser a melhor coisa do mundo para um escritor. Foi a melhor coisa do mundo para Faulkner e J. R. R. Tolkien, mas às vezes duas exceções apenas fazem a regra e, por outro lado, não jogo nesse time.

Assim, em certo ponto resolvi — primeiro de maneira subconsciente, creio eu, porque é no subconsciente que acontece todo esse Trabalho Realmente Sério — que chegara o momento de fechar o livro sobre Castle Rock, Maine, onde viveram e morreram tantos de meus personagens favoritos. Afinal de contas, o suficiente é o bastante. Já era a hora de fazer a mudança (talvez todo o trajeto da casa ao lado até Harlow, ha-ha!). Entretanto, eu não queria apenas mudar de pouso; queria terminar coisas, e terminá-las de maneira a contentar-me.

Aos poucos, comecei a captar o que podia ser feito e, durante os mais ou menos últimos quatro anos entreguei-me à escrita de uma Trilogia de Castle Rock, com licença — as últimas histórias envolvendo Castle Rock. Não foram escritas em ordem (às vezes, penso que "fora de ordem" é a história de minha vida), mas agora estão escritas e são sérias o bastante... porém espero que isto não signifique serem elas tendentes à sobriedade ou ao tédio.

A primeira destas histórias — A Metade Negra — foi publicada em 1989. Embora seja primariamente a história de Thad Beaumont e situada, em grande parte, em uma cidadezinha chamada Ludlow (a cidade em que viveram os Creeds, em O Cemitério), dela consta a cidade de Castle Rock, ao passo que o livro serve para apresentar a substituição do Xerife Bannerman por um sujeito chamado Alan Pangbom. O Xerife Pangbom encontra-se no centro da última história desta sequência, uma novela longa, intitulada Needfull Things, programada para ser publicada no próximo ano e que concluirá meus afazeres

com o que o povo local denomina "The Rock".

O tecido conectivo entre estas obras mais longas é a história que se segue. Você encontrará poucas — se algumas — das figuras mais salientes de Castle Rock em "O Cão da Polaroid", mas ela servirá para apresentá-lo a Pop Merrill, cujo sobrinho Ace Merrill é o vilão da cidade (e a bête noire de Gordie La Chance, em "O Corpo"). "O Cão da Polaroid" também monta o palco para o espetáculo pirotécnico final... e, segundo espero, existe como história satisfatória por si mesma, podendo ser lida com prazer, ainda que você não ligue para A Metade Negra ou Needfull Things.

Há algo mais que precisa ser dito: cada história possui sua própria vida secreta, inteiramente separada de sua localização, e "O Cão da Polaroid" é uma história a respeito de câmaras e fotos. Há cerca de cinco anos, minha esposa Tabitha interessou-se por fotografia, descobriu que era boa no assunto e começou a enfronhar-se nele com seriedade, estudando, experimentando e praticando, praticando, praticando. Eu mesmo tirei algumas fotos ruins (sou um daqueles que sempre conseguem decepar a cabeça dos fotografados, tirar fotos deles com a boca pendurada, ou ambas as coisas), porém sinto um profundo respeito por aqueles capazes de boas fotografias... sendo que o processo inteiro me deixa fascinado.

No transcorrer de suas experiências, minha esposa teve uma câmara Polaroid, um modelo simples e acessível, até mesmo para um desajeitado como eu. Fiquei enfeitiçado por esta câmara. Claro que já tinha visto e utilizado Polaroids antes, mas nunca havia realmente pensado muito sobre elas nem tinha observado atentamente as imagens produzidas por tais câmaras. Quanto mais pensava nelas, mais estranhas pareciam. Afinai de contas, não constituíam apenas imagens, mas momentos de tempo... e existe algo muito peculiar sobre eles.

A história surgiu praticamente de uma só vez, certa noite no verão de 1987, mas a reflexão que a tornou possível durou quase um ano inteiro. Bem, creio que basta, de minha parte. É formidável estar novamente com todos vocês, porém isto não significa que já os estou deixando irem para casa.

Penso que temos de comparecer a uma festa de aniversário na cidadezinha de Castle Rock.

UM

O dia 15 de setembro era aniversário de Kevin, e ele ganhou de presente exatamente o que desejava: uma câmara Sun.

O Kevin em questão era Kevin Delevan, seu aniversário era o décimo-quinto e a Sun era uma Sun 660, uma máquina de retratos Polaroid que faz tudo para o fotógrafo amador, exceto sanduíches de queijo.

Houve outros presentes, é claro: sua irmã Meg deu-lhe um par de meias-luvas que ela mesma tricotara, a avó de Des Moines deu-lhe dez dólares e a tia Hilda enviou — como sempre fazia — uma gravata de laço, com um pregador horrível. Ela enviara a primeira daquelas gravatas quando Kevin tinha três anos, isto significando que ele já possuía doze nunca usadas gravatas de laço de cordão, com pregadores horríveis, na gaveta de sua cômoda, às quais mais esta seria acrescentada — a felizarda décima terceira. Kevin jamais usara qualquer delas, porém não tinha permissão para jogá-las fora.

Tia Hilda morava em Portland. Nunca fora às festinhas de aniversário de Kevin ou de Meg, mas podia resolver ir em qualquer daqueles anos. Deus sabia que ela podia: Portland ficava a somente oitenta quilômetros ao sul de Castle Rock. E, supondo-se que ela viesse... e pedisse para ver Kevin usando uma de suas outras gravatas (ou Meg em um de seus outros cachecóis, por falar nisto)? Uma desculpa poderia fazer efeito com certos parentes. Com a tia Hilda, a coisa era diferente. A tia Hilda oferecia uma certa possibilidade dourada, em um ponto onde se cruzavam dois fatos essenciais sobre ela: era Rica e era Idosa.

A mãe de Kevin estava convencida de que, algum dia, ela poderia FAZER ALGO por Kevin e Meg. Subtendia-se que o ALGO provavelmente acontecesse após a tia Hilda bater as botas, na forma de uma cláusula em seu testamento. Nesse ínterim, considerava-se prudente que as horríveis gravatas de laço de cordão,e os igualmente horríveis cachecóis permanecessem guardados. Assim, esta décima terceira gravata de laço de cordão (cujo prendedor tinha uma forma de pássaro, que Kevin imaginava ser um pica-pau), iria juntar-se às outras. Depois, Kevin escreveria para a tia Hilda uma cartinha de agradecimento, não porque sua mãe insistisse nisto e não por pensar que a tia Hilda pudesse FAZER ALGO por ele e sua irmã algum dia — essa possibilidade tampouco o preocupava — mas por ser um menino geralmente cortês, de bons hábitos e sem quaisquer vícios reais.

Kevin agradeceu à família por todos os seus presentes (seus pais tinham, naturalmente, fornecido vários outros menos importantes, embora a Polaroid fosse claramente a peça central, e eles ficassem deliciados com o encantamento dele), não esquecendo de dar um beijo em Meg (ela deu uma risadinha sufocada e fingiu limpar o local do beijo, mas sua própria satisfação foi igulamente clara) e dizer-lhe que, com certza, as meias-luvas chegavam bem na hora, por causa do time de esqui neste inverno — porém a maioria de suas atenções foi reservada para a Polaroid e os pacotes extras de filmes que tinham vindo com ela.

Kevin ficou alegre com o bolo de aniversário e o sorvete, embora fosse visível sua impaciência para experimentar a máquina de retratos. Então, assim que transcorreu um período decente, ele se dispôs a testá-la.

Foi quando o problema começou.

Kevin leu o folheto de instruções tão minuciosamente quanto permitia sua ansiedade, para em seguida carregar a câmara, observando com expectativa e inconfessado temor (por algum motivo, os presentes que parecem mais cobiçados quase sempre são os que não funcionam). Houve um leve suspiro coletivo — mais sentido que ouvido — quando a máquina expeliu obedientemente o quadrado de papelão de cima do filme, da forma prometida pelo folheto de instruções.

No invólucro da câmara havia dois pontinhos, um vermelho e outro verde, separados por um ziguezagueante relâmpago. Quando Kevin carregou a máquina de retratos, a luz vermelha acendeu-se e ficou acesa uns dois segundos. A família assistia, em silencioso fascínio, enquanto a Sun 660 fungava por luz. Então, o ponto vermelho apagou-se e o verde começou a piscar rapidamente.

— Está pronto — disse Kevin, naquele mesmo tom de tentando-parecer-natural-mas-sem-conseguir-direito, com que Neil Armstrong narrou seu primeiro passo na superfície da Lua. — Por que vocês não se agrupam?

— Detesto tirar retratos! — exclamou Meg, cobrindo o rosto, com a ansiedade e prazer teatrais que somente conseguem as pré-adolescentes e atrizes muito ruins.

— Ora, deixe disso, Meg! — exclamou o Sr. Delevan.

— Não seja desmancha-prazeres, Meg — disse a Sra. Delevan.

Meg baixou as mãos (e suas objeções). Os três fizeram pose em pé junto à outra ponta da mesa, tendo em primeiro plano o bolo de aniversário já diminuído.

Kevin espiou pelo visor.

— Chegue mais perto de Meg um pouquinho, mamãe — pediu, fazendo um gesto com a mão esquerda. — Você também, papai — e agora moveu a direita.

— Vocês estão me esmagando! — disse Meg para os pais.

Kevin pousou o dedo no botão que acionaria a câmara, quando então recordou uma nota vista nas instruções, a respeito do quanto era fácil cortar-se a cabeça dos fotografados em uma foto. Cortem-lhes as cabeças, pensou, e teria sido engraçado, mas por algum motivo sentiu uma leve pontada na base da espinha, sumida e esquecida quase antes de ser percebida. Ergueu a câmara um pouco. Pronto. Estavam todos focalizados. Ótimo.

— Tudo bem! — cantarolou ele. — Sorriam e digam Intercurso!

— Kevin! — exclamou sua mãe.

Seu pai deu uma gaigalhada e Meg guinchou a espécie de risada aloucada, que nem mesmo atrizes ruins conseguem com frequência; somente têm direito a essa particular risada as garotas entre dez e doze anos.

Kevin apertou o botão.

A luz do flash, produzida pela pilha na embalagem do filme, banhou a sala em um momento de alvíssima luminosidade branca.

É minha, pensou Kevin, e esse devia ser o momento supremo de seu décimo quinto aniversário. O pensamento, no entanto, provocou de novo aquela singular alfinetadinha. Desta vez foi mais perceptível.

A câmara emitiu um ruído, algo entre um guincho e um ronronado, um som de difícil descrição, mas suficientemente familiar à maioria das pessoas: o som de uma câmara Polaroid elaborando o que talvez não seja arte, mas que frequentemente é útil e quase sempre proporciona uma gratificação instantânea.

— Eu quero ver! — exclamou Meg.

— Calma, benzinho — disse o Sr. Delevan. — As fotos levam um pouquinho de tempo sendo reveladas.

Meg olhava para a rija superfície acinzentada do que ainda não era uma fotografia, com a concentrada atenção de uma mulher olhando uma bola de cristal.

Os outros membros da família reuniram-se em torno, e havia o mesmo senso de ansiedade que ocorrera durante a cerimônia de Carregamento da Câmara: uma natureza-morta da Família Americana, esperando, para então soltar a respiração.

Kevin sentiu uma terrível tensão penetrando em seus músculos, mas desta vez não se tratava de ignorá-la. Não conseguia explicar o que fosse... mas a coisa estava presente. Era impossível desviar os olhos daquele sólido quadrado cinzento dentro da moldura branca que formava as bordas da foto.

— Acho que já me vi! — exclamou Meg vivamente. Depois, um momento mais tarde: — Não, acho que não era eu. Acho que estou vendo...

Ficaram olhando em absoluto silêncio enquanto o cinza clareava, como se supõe que aconteça às névoas na bola de cristal de uma vidente: se as vibrações ou sentimentos — ou seja lá o que forem — estiverem corretos, o quadro se toma visível para elas.

O Sr. Delevan foi o primeiro a romper o silêncio.

— O que é isto? — perguntou ele, a ninguém em particular. — Algum tipo de piada?

Sem pensar no que fazia, Kevin deixara a câmara bem perto da borda da mesa a fim de observar a revelação da foto. Meg viu o que a foto apresentava e recuou apenas um passo. A expressão de seu rosto não era de medo nem temor, mas apenas de surpresa comum. Uma de suas mãos se ergueu quando se virou para o pai. A mão que subia bateu na câmara e a derrubou da mesa ao chão. A Sra. Delevan estivera olhando para a foto emergente em uma espécie de transe; seu rosto parecia o de uma mulher profundamente intrigada ou sentindo o início de uma enxaqueca. O som da câmara, batendo no chão, sobressaltou-a. Deixou escapar um ligeiro grilo e encolheu-se. Ao fazer isto, tropeçou no pé de Meg e perdeu o equilíbrio. O Sr. Delevan estendeu o braço para ampará-la, empurrando a filha que ainda estava entre eles novamente para diante, com brusquidão. O Sr.

Delevan não somente amparou a esposa, como o fez com certa graça; por um momento, os dois comporiam um belo quadro: mamãe e papai mostrando que ainda sabem dançar um complicado passo de animado tango, ela com uma das mãos erguidas e as costas profundamente arqueadas para trás, ele inclinado para a parceira, naquela ambígua postura masculina que pode ser vista como solicitude ou luxúria, se em outras circunstâncias que não aquelas.

Meg tinha onze anos, sendo menos graciosa. Foi empurrada contra a mesa e colidiu nela com o estômago. Foi uma pancada forte o bastante para machucá-la, mas no último ano e meio estivera tendo lições de balé na ACM, três vezes por semana.

Embora não dançando com muita graciosidade, ela gostava do balé, e a dança felizmente lhe fortificara os músculos do estômago, o suficiente para que absorvessem o choque, da mesma forma que amortecedores eficazes absorvem os solavancos de um carro em uma estrada acidentada cheia de buracos. Ainda assim, no dia seguinte havia uma faixa negro-azulada logo acima de seus quadris. As equimoses levaram quase duas semanas a desaparecer, primeiro ficando purpúreas e depois amareladas... como uma foto de Polaroid ao inverso.

No momento em que aconteceu este dramático acidente, ela nem mesmo o sentiu; simplesmente bateu contra a mesa e gritou. A mesa inclinou-se. O bolo de aniversário, que deveria aparecer em primeiro plano na foto inaugural de Kevin com sua câmara nova, escorregou da mesa. A Sra. Delevan nem teve tempo para começar o seu Meg, você está bem? antes que a metade remanescente do bolo caísse em cima da Sun 660 com um suculento ptaft\ o qual enviou bocados voadores de glacê, que cobriram todos os sapatos do grupo e atingiram o rodapé da parede.

O visor da câmara, fortemente coberto de cobertura de chocolate, apontava para fora como um periscópio. Isso foi tudo.

Feliz aniversário, Kevin!

Kevin e o Sr. Delevan estavam sentados no sofá da sala de estar, naquele anoitecer, quando surgiu a Sra. Delevan, agitando duas manuseadas folhas de papel, uma grampeada na outra. Kevin e o pai tinham livros abertos no colo (Os Melhores e mais Vividos, para o pai; Tiroteio em Laredo, para o filho), porém estavam mais ocupados em contemplar a câmara Sun, pousada em desgraça na mesinha de centro, entre um monte de fotos Polaroid. Todas as fotos pareciam

mostrar exatamente a mesma coisa.

Sentada no chão diante deles, Meg via um filme alugado no videocassete. Kevin não estava bem certo de qual seria o filme, mas em vista do povaréu gritando e correndo de um lado para o outro, quase podia jurar que era de horror. Meg era apaixonada por eles.

Os pais dela consideravam isto um sinal de mau gosto (o Sr. Delevan, em particular, costumava sentir-se insultado pelo que denominava “esse lixo inútil”), mas esta noite nenhum deles havia dito uma palavra a respeito. Kevin imaginava que simplesmente se sentiam gratos porque ela parara de queixar-se sobre o estômago machucado e de querer saber quais seriam os sintomas de ruptura do baço).

— Aqui estão! — exclamou a Sra. Delevan. — Encontrei-os no fundo de minha bolsa, depois de procurar uma segunda vez. — Ela estendeu os papéis — um recibo de venda de J.C.Penny e outro do MasterCard — ao marido. — Nunca consigo encontrar alguma coisa assim da primeira vez que procuro. Aliás, acho que ninguém consegue. É como uma lei da natureza!

Ficou parada perto do marido e do filho com as mãos na cintura.

— Vocês dois parecem alguém que acabou de matar o gato da família!

— Nós não temos um gato — replicou Kevin.

— Ora, você entendeu o que eu quis dizer! É desagradável, claro, mas resolveremos isso sem demora. A loja Penney,s fará a troca sem problemas.

— Não tenho tanta certeza — disse John Delevan. Pegou a câmara, fitou-a com desprazer (de fato, quase rosnou para ela), depois tornou a deixá-la sobre a mesinha.

— Soltou uma lasca, ao bater no chão. Vê?

A Sra. Delevan lançou apenas um olhar casual.

— Bem, se a Penney’s não trocar, tenho certeza de que a companhia Polaroid trocará. Quero dizer, a queda evidentemente não provocou o que quer que haja de errado com ela. A primeira foto saiu igualzinha a todas estas, e Kevin a bateu antes de Meg derrubar a câmara no chão.

antes de Meg derrubar a câmara no chão.

— Não derrubei de propósito — disse Meg, sem se virar.

Na tela, uma figura do tamanho de uma garrafa — uma boneca malévola, chamada Chucky, se Kevin não se enganava — perseguia um garotinho. Chucky vestia macacão azul e esgrimia uma faca.

— Eu sei, meu bem — disse a Sra. Delevan. — Como está seu estômago?

— Doendo — respondeu Meg. — Um pouquinho de sorvete aliviaria. Será que sobrou algum?

— Acho que sim.

Meg presenteou a mãe com seu mais convincente sorriso.

— Traz um pouco para mim?

— De maneira nenhuma — replicou a Sra. Delevan amavelmente. — Vá você mesma apanhar. E que coisa horrível é essa que está vendo?

— Brinquedo Assassino — disse Meg. — Há um boneco chamado Chucky, que ganha vida. Um barato.

O Sr. Delevan franziu o nariz.

— Bonecos não ganham vida, Meg — disse ele em voz cansada, como se soubesse que aquela era uma causa perdida.

— Pois Chucky ganhou! Nos filmes pode acontecer qualquer coisa.

Meg usou o controle remoto para congelar o filme e levantou-se a fim de apanhar o sorvete.

— Por que ela insiste em ver essas porcarias? — perguntou o Sr. Delevan à esposa, quase lamentosamente.

— Eu não sei, querido.

Kevin apanhara a câmara com uma das mãos e tinha na outra várias Polaroids reveladas — haviam tirado quase uma dúzia de fotos.

— Não sei bem se vou querer uma devolução do dinheiro — disse.

O pai encarou-o fixamente.

— O quê? Essa não!

— Bem — disse Kevin, algo defensivamente — estou apenas dizendo que talvez fosse melhor pensarmos a respeito. Quero dizer, este não é precisamente um defeito comum, é? Bem, se as fotos tiveram exposição demais... se houvesse pouca luz... ou saíssem em branco... isso seria diferente. Agora, como é possível conseguir-se uma coisa destas? A mesma foto, sempre e sempre? Basta examinar! E todas ao ar livre, mesmo sendo batidas dentro de casa, todas elas, sem exceção?

— É uma brincadeira de mau gosto — disse seu pai. — Só pode ser. O que temos a fazer, é simplesmente trocar a maldita coisa e esquecer isto!

— Não acho que seja alguma brincadeira de mau gosto — disse Kevin. — Em primeiro lugar, é complicado demais para isso. Como você prepararia uma câmara para tirar a mesma foto, vezes sem conta? Além do que, a psicologia está toda errada!

— Psicologia! Hum! — exclamou o Sr. Delevan, girando os olhos para a esposa.

— Isso mesmo, psicologia! — insistiu Kevin. — Quando um cara lhe dá um cigarro preparado ou uma goma de mascar com pimenta, fica por perto para ver o efeito, não fica? No entanto, a menos que você ou mamãe estivessem querendo divertir-se à minha custa...

— Seu pai não costuma fazer isso, meu bem — disse a Sra. Delevan, declarando o óbvio com gentileza.

O Sr. Delevan olhava para o filho com os lábios comprimidos. Sua expressão era a mesma de quando percebia o filho desviando-se para aquela área do campo de jogo onde ele parecia mais à vontade: a defensiva. Bem recuado na defensiva. Havia em Kevin um certo dom intuitivo que sempre o deixava confuso e intrigado. Não sabia de onde isso provinha, porém tinha certeza de não originar-se do seu lado da família.

Com um suspiro, ele tornou a contemplar a câmara. Uma peça de plástico negro

Com um suspiro, ele tornou a contemplar a câmara. Uma peça de plástico negro fora lascada do lado direito da armação, e havia uma rachadura, certamente não mais grossa do que um fio de cabelo humano, abaixo do centro das lentes do visor. Era uma rachadura tão fina, que desaparecia inteiramente quando se erguia a câmara até os olhos, para o disparo do botão que acionaria a foto — com a diferença de que a foto não seria do objetivo visado, como provavam aquelas sobre a mesinha de centro e as quase doze outras que estavam na sala de refeições.

A foto conseguida era algo semelhante a um refugiado do abrigo para animais local.

— Muito bem, e que diabos vai fazer com ela? — perguntou o Sr. Delevan. — Quero dizer, pensemos no caso racionalmente, Kevin. De que adianta uma máquina fotográfica que tira a mesma foto incessantemente?

Kevin, entretanto, não pensava no que a máquina lhe adiantaria. Estava sentindo...

e recordando. No instante em que apertara o botão do obturador, uma nítida ideia

(é minha)

lhe enchera a mente de maneira tão completa quanto o momentâneo clarão branco do flash lhe enchera os olhos. Aquela ideia, completa, porém de certo modo inexplicável, havia sido acompanhada por uma poderosa mescla de emoções, as quais ele ainda não podia identificar inteiramente... mas achava que o medo e o excitamento haviam predominado.

Por outro lado... seu pai sempre queria encarar as coisas racionalmente. Jamais seria capaz de entender as instuições de seu filho ou o interesse de Meg por bonecos assassinos chamados Chucky.

Meg voltou com uma taça transbordante de sorvete e recolocou o filme em movimento. Alguém agora tentava estorricar Chucky com um maçarico, mas o boneco continuou a esgrimir sua faca.

— Vocês dois ainda estão discutindo? — perguntou a menina.

— Estamos debatendo a questão — disse o Sr. Delevan, com os lábios mais comprimidos do que nunca.

— Oh, tudo bem — disse Meg, tomando a sentar-se no chão e cruzando as pernas.

— Você sempre diz isso.

— Meg? — chamou Kevin delicadamente.

— O que é?

— Se você empurrar todo esse sorvete para cima de um baço com ruptura, terá uma morte horrível durante a noite. Claro, é possível que não esteja com uma ruptura do baço, mas...

Meg espichou a língua para ele e voltou a concentrar-se no filme.

O Sr. Delevan olhava o filho com uma expressão de afeto e exasperação ao mesmo tempo.

— Escute, Kev — a câmara é sua, ninguém discute. Faça com ela o que quiser. No entanto...

— Pai, não está nem um pouco interessado no motivo dela estar fazendo o que faz?

— Nem um pouco — respondeu John Delevan.

Foi a vez de Kevin girar os olhos. Nesse meio tempo, a Sra. Delevan olhava de um para o outro, como alguém apreciando intensamente uma boa partida de tênis. Não que isto estivesse longe da verdade. Ela levara anos vendo seu filho e seu marido "afiando-se" entre si e ainda não ficara entediada com isso. Por vezes, perguntava-se se eles um dia descobririam como eram parecidos.

— Bem... pois eu pretendo pensar nisso um pouco.

— Ótimo. Quero apenas dizer a você que posso dar uma chegadinha na casa Penney's amanhã e trocar a coisa — se quiser que eu faça isso e se eles concordarem em trocar uma mercadoria que está lascada, entende? Se preferir ficar com ela assim mesmo, ótimo também. Lavo as minhas mãos.

Ele esfregou ligeiramente uma palma na outra, para ilustrar o que dizia.

— Imagino que não queira a minha opinião — disse Meg.

— Acertou — respondeu Kevin.

— É claro que queremos, Meg — disse a Sra. Delevan.

— Eu acho que é uma máquina de retratos sobrenatural — disse a menina. Lambeu o sorvete que tinha na colher. — Acho que é uma Manifestação.

— Isso é absolutamente ridículo! exclamou o Sr. Delevan em seguida.

— Não, não é — replicou Meg. — Simplesmente, é a única explicação que se encaixa. Você não tem que pensar assim, porque não acredita nessas coisas. Se um fantasma flutuar para você, papai, nem chegara a vê-lo. O que você acha, Kev?

Por um momento, Kevin não pode responder. Tinha a sensação de que outra lâmpada de flash explodira, este agora por trás de seus olhos e não à frente deles.

— Kev? Volte à terra, Kevin?

— Acho que você poderia ter alguma razão nisso, espertinha — respondeu Kevin lentamente.

— Oh, céus! — exclamou John Delevan, ficando em pé. — Isto é a vingança de Freddy e Jason — meu filho acha que sua máquina fotográfica, seu presente de aniversário, está assombrada! Vou para a cama, só que antes disso vou dizer mais uma coisa. Uma câmara que tira fotos da mesma coisa, insistentemente — em especial de algo tão comum como o que está nestas fotos — é uma tediosa manifestação do sobrenatural.

— Ainda assim... — disse Kevin, erguendo as fotos como se fossem cartas duvidosas na mão de um jogador de pôquer.

— Acho que é hora de irmos todos para a cama — disse vivamente a Sra. Delevan.

— Meg, se tem necessidade absoluta de terminar de ver essa obra-prima da cinematografia, poderá fazer isso pela manhã.

— Oh, mas já está quase no fim! — exclamou Meg.

— Pode deixar, eu subo com ela, mamãe — disse Kevin.

Quinze minutos mais tarde, quando o maligno Chucky encerrou seu papel (pelo menos naquele episódio), foi o que ele fez. Entretanto, nessa noite o sono não chegou para Kevin com facilidade. Acordado em seu quarto, ele ouvia um forte vento de fim de verão sacudindo as folhagens no exterior em sussurrante conversa, enquanto refletia no que levaria a câmara a bater sempre a mesma foto, sempre, sempre e sempre, e o que isto significaria. Somente começou a escorregar para o sono quando sentiu que tomara uma decisão: continuaria por mais algum tempo com a Polaroid Sun.

É minha, tornou a pensar. Rolou sobre o lado do corpo, fechou os olhos e, quarenta segundos mais tarde, dormia profundamente.

DOIS

Por entre os tiques e taques do que soava como, no mínimo, cinquenta mil relógios — e sem que eles nem de leve o perturbassem — Reginald “Pop” Merrill, tendo Kevin em pé ao seu lado, focalizou na Polaroid 660 o facho de luz da grossura de um lápis, produzido por uma engenhoca ainda mais esguia do que um oftalmoscópio de medico. Os oculos de Pop, desnecessários quando ele fazia algum trabalho próximo, estavam firmados no alto de sua cabeça calva.

— Hum-hum — disse ele, e apagou a luz.

— Isso quer dizer que sabe o que está errado nela? — perguntou Kevin.

— Negativo — disse Pop Merrill, fechando com um estalo o compartimento de filme da Sun, agora vazio. — Não tenho a menor pista.

Antes que Kevin pudesse dizer alguma coisa, os relógios começaram a dar as quatro horas e a conversa, embora possível, por alguns momentos pareceu absurda.

Pretendo pensar nisso um pouco, ele havia dito para o pai durante o anoitecer do dia em que fizera quinze anos — agora três dias atrás — e tal declaração deixara os dois surpresos. Quando criança, ele passara a vida não pensando em coisas e, no fundo do coração, o Sr. Delevan chegara a crer que Kevin jamais pensaria sobre coisas, quer devesse ou não. Como acontece a pais e filhos frequentemente, eles tinliam sido seduzidos pela ideia de que seu comportamento e modos de pensar muito diferentes nunca mudariam, desta maneira fixando eternamente seu relacionamento... e que a infância, portanto, assim continuaria para todo o sempre. Pretendo pensar nisso um pouco: havia um mundo de mudança potencial implícito em tal declaração.

Além disso, como um ser humano que levara a vida até então tomando a maioria das decisões baseado no instinto mais do que na razão (e ele era um dos felizardos cujos instintos geralmente eram bons — em outras palavras, o tipo de pessoa que enlouquece aqueles que vivem pelo racional), Kevin ficara surpreso e intrigado ao descobrir que, em realidade, encontrava-se Nas Garras de um Dilema.

Garra no. 1: ele quisera uma câmara Polaroid e ganhara uma em seu aniversário,

mas, droga, quisera uma câmara Polaroid que funcionasse.

Garra no. 2: estava profundamente intrigado por Meg ter usado a palavra sobrenatural.

Sua irmã mais nova tinha um lado aloucado com um quilômetro de largura, porém não era burra, e Kevin não achava que ela tivesse empregado a palavra de maneira leviana ou impensada. Seu pai, pertencente mais à tribo Racional do que à Instintiva, fizera pouco daquilo, mas Kevin descobriu que, pessoalmente, ainda não estava inclinado a agir da mesma forma... pelo menos por enquanto. Aquela palavra. Aquela fascinante e exótica palavra! Ela se tornou um marco em torno do qual sua mente não cessava de girar.

Eu acho que é uma Manifestação.

Kevin estava divertido (e um pouco mortificado) por somente Meg ter sido esperta o bastante — ou corajosa o bastante — para realmente exprimir o que deveria ter ocorrido a todos eles em vista da singularidade das fotos que a Sun produzia, mas, em verdade, a coisa não era para causar tanta admiração. Eles não constituíam uma família religiosa; iam à igreja no Dia de Natal a cada três anos, quando a tia Hilda vinha passar os feriados natalinos com eles em vez de com os demais parentes, mas isso era tudo, excentuando-se um ocasional casamento ou funeral. Se qualquer deles acreditasse de fato no mundo invisível, era Megan, que nunca tinha a dose suficiente de cadáveres ambulantes, bonecas com vida e carros que ganhavam existência para prejudicar pessoas de quem não gostavam.

Nenhum dos pais de Kevin mostrava grande tendência para o bizarro. Não costumavam ler os respectivos horóscopos no jornal diário; nunca consideravam cometas ou estrelas cadentes como sinais do Todo-Poderoso; onde um casal podia ver o rosto de Jesus no fundo de uma enchilada, John e Mary Delevan viam apenas uma enchilada que ficara cozida demais. Não era de espantar que Kevin, um menino que nunca vira o homem na lua porque a mãe e o pai jamais se tinham dado o trabalho de mostrá-lo , fosse como eles, incapaz de ver a possibilidade de uma Manifestação sobrenatural, em uma máquina fotográfica que batia com insistência a mesma foto, dentro ou fora de casa, inclusive na escuridão do armário embutido de seu quarto. Tal possibilidade só lhe ocorrera após a sugestão de sua irmã, que certa vez escrevera uma carta de fã para Jason e recebera pelo correio a foto autografada e capciosa de um indivíduo usando uma máscara de hóquei manchada de sangue.

Uma vez apontada a possibilidade, era difícil não pensar nela; Dostoyevsky, aquele velho russo inteligente, certa vez havia dito ao irmãozinho, quando ambos ainda eram dois garotos russos inteligentes, que tentasse passar os trinta segundos seguintes não pensando em um urso polar de olhos azuis. Algo semelhante acontecia agora com ele.

Era realmente difícil.

Assim, ele passou dois dias contornando mentalmente aquele marco, tentando ler hieróglifos que nem mesmo estavam lá — francamente! — e querendo decidir o que desejava mais: a câmara ou a possibilidade de uma Manifestação. Ou, em outras palavras, se desejava a Sun!.. ou o homem na lua.

Pelo final do segundo dia (os dilemas duram mais de uma semana, inclusive para pessoas com quinze anos e claramente destinadas à tribo Racional), ele se havia decidido pelo homen na lua... em base experimental, pelo menos.

Chegou a tal decisão na sala de estudos do período sete, e quando o sinal tocou, indicando o final da sala de estudos e do dia escolar, ele se dirigiu ao Sr. Baker, o professor que mais respeitava, e perguntou se conhecia alguém que consertasse máquinas fotográficas.

— Eu não queria alguém como esses que trabalham nas lojas — explicou. — Preferia um... o senhor sabe... um homem... ponderado.

— Um filósofo do fotômetro? — perguntou o Sr. Baker. O fato dele dizer coisas assim era um dos motivos de Kevin respeitá-lo. Era uma coisa interessante para dizer.

— Um sábio do obturador? Um alquimista do visor? Um...

— Uma pessoa que tenha visto muita coisa — disse Kevin astutamente.

Pop Merrill — disse o Sr. Baker.

— Quem?

— Ele dirige o “Emporium Galorium”.

— Oh! Esse lugar...

— Exatamente — disse o Sr. Baker, sorrindo. — Esse lugar. Se, isto é, você está procurando uma espécie de Sr. Reparador artesanal.

— Penso que é o que estou procurando.

— Lá dentro ele tem praticamente tudo — disse o Sr. Baker.

Kevin concordava neste ponto. Embora de fato nunca houvesse entrado lá, passava pelo Emporium Galorium cinco, talvez quinze vezes na semana (em uma cidadezinha do tamanho de Castle Rock, os moradores tinham que passar por tudo, vezes sem conta, o que era espantosamente tedioso, mesmo na humilde opinião de Kevin Delevan), e tinha espiado as vitrines. Pareciam literalmente entulhadas até o teto com objetos, a maioria deles mecânicos. Sua mãe, entretanto, costumava dizer em voz desdenhosa que aquela era uma “loja de sucata”, enquanto seu pai dizia que o Sr. Merrill ganhava dinheiro “logrando os veranistas”. Por isto, Kevin nunca entrara lá. Talvez houvesse entrado, se fosse apenas uma “loja de sucata”; na verdade, era quase certo que entraria. No entanto, agir como os veranistas ou comprar alguma coisa onde eles eram “logrados”, nem pensar. Seria mais fácil ele ir para o ginásio de saia e blusa. Os veranistas que fizessem o que entendessem (e faziam). Eram todos malucos, resolviam seus casos de modo maluco. Conviver com eles, tudo bem, mas ser confundido com eles? Não. Não. E não, senhor!

— Praticamente tudo — repetia o Sr. Baker — , e a maioria do que está lá foi consertado por ele mesmo. Pop Merrill acha que seu jeito de filósofo de botequim — óculos em cima da cabeça, pronunciamentos sábios, essas coisas todas — engana as pessoas. Ninguém que o conheça o desilude. Aliás, creio que ninguém ousaria desiludi-lo.

— Por quê? O que o senhor quer dizer?

O Sr. Baker deu de ombros. Um curioso e leve sorriso esboçou-se em sua boca.

— Pop — quero dizer, o Sr. Merrill — está envolvido em muita coisa por aqui. Você ficaria surpreso, Kevin.

Kevin não se interessava em saber das coisas em que Pop Merrill estaria envolvido e tampouco em qual seria o tema dessas coisas. Para ele havia agora somente uma questão mais importante, uma vez que os veranistas já tinham ido embora e ele poderia esgueirar-se para o Emporium Galorium sem ser percebido,

na tarde do dia seguinte, valendo-se da regra que permitia a todos os alunos, exceto os calouros, faltarem ao período da sala de estudos duas vezes ao mês.

— Devo chamá-lo de Pop ou Sr. Merrill?

O Sr. Baker respondeu com ar solene:

— Acho que o homem é capaz de matar qualquer um com menos de sessenta anos que o chame de Pop.

Ao ouvir isto, Kevin teve uma ideia de que o Sr. Baker não estava brincando, em absoluto.

— O senhor não sabe mesmo? — perguntou Kevin, quando os relógios foram parando de dar as horas.

Não era como um filme, com todos os relógios começando e terminando de bater as horas ao mesmo tempo; aqueles eram relógios de verdade, e Kevin supôs que a maioria deles — juntamente com o resto dos aparelhos existentes no Emporium Galorium — não estivesse trabalhando em absoluto, mas apenas arrastando-se. Haviam começado a barulheira quando seu próprio relógio Seiko de quartzo marcava 3:58.

Foram ganhando velocidade e volume aos poucos (como um caminhão velho arrancando em segunda, com um fatigado grunhido e um solavanco). Talvez tivessem passado quatro segundos até que todos realmente parecessem badalar, tinir, bimbalhar, martelar e gritar cuco ao mesmo tempo, porém quatro segundos foi toda a sincronicidade que conseguiram. E “perder a corda” não foi bem o que fizeram. O que eles fizeram foi uma espécie de desistência, como a água que finalmente consegue gorgolejar ralo abaixo quando a tampa do mesmo não o fechou completamente.

Kevin não fazia ideia do motivo de seu desapontamento. Esperara mesmo outra coisa? Talvez houvesse esperado que Pop Merrill, descrito pelo Sr. Baker como um filósofo de botequim e Sr. Reparador artesanal, extraísse uma mola, dizendo, “Aqui está! Esta mola é a filha da mãe que fez aquele cão aparecer na foto a cada vez que você apertava o obturador. É uma mola para cães, pertence a um daqueles cães de brinquedo em que um garoto dá corda para vê-lo caminhar e latir um pouco; algum piadista na linha de montagem da Polaroid Sun 660, está sempre colocando essas molas nas malditas câmaras!”

Teria ele esperado isso?

Não. Contudo, esperara... alguma coisa.

— Não tenho a mínima pista — repetiu Pop alegremente. Esticando um braço para trás, apanhou um cachimbo Douglas McArthur, de sabugo de milho, em um suporte no formato de um banco de passageiro. Começou a enchê-lo com o fumo que tirava de uma bolsa em imitação de couro, com a inscrição ERVA MARAVILHA em uma face. — A gente nem mesmo pode abrir essas coisinhas, sabia?

— O senhor não pode?

— Não — respondeu Pop. Estava tão jovial quanto um passarinho. Parou apenas o suficiente para enfiar um polegar na parte metálica entre as lentes dos óculos sem aro e dar um leve puxão. Os óculos escorregaram da calva e caíram perfeitamente no lugar, com um baquezinho carnoso, escondendo as manchas vermelhas nos lados do nariz. — A gente podia desmontar os modelos antigos — prosseguiu ele, agora tirando do bolso do colete (é claro que ele usava colete) um fósforo "Diamante Ponta Azul" e pressionando-lhe a cabeça com a espessa unha amarelada do polegar da mão direita. Sim, aquele era o homem que podia lograr os veranistas com uma dás mãos amarrada às costas (sempre presumindo-se não ser aquela que ele usava, primeiro para pescar seus fósforos, e depois para acendê-los) — isto até alguém de quinze anos de idade, como Kevin, podia perceber. Pop Merrill tinha estilo. — Estou falando das câmaras Polaroid Land. Já viu uma dessas belezinhas?

— Não — disse Kevin.

Pop acendeu o fósforo na primeira tentativa, o que, naturalmente, devia sempre acontecer. Após aplicar o fogo ao cachimbo, suas palavras expeliam pequeninos sinais de fumaça, atraentes, porém de cheiro francamente abominável.

— Oh, sim! — exclamou. — Pareciam-se com as câmaras dos velhos tempos, as usadas por gente como Mathew Brady, antes da virada do século — ou antes que o pessoal da Kodak, enfim, pusesse no mercado a máquina-caixote, quero dizer, a Brownie. O que quero dizer (Kevin rapidamente percebia ser esta uma expressão favorita de Pop Merrill, que a empregava da maneira como os garotos na escola usavam "sacou", com o um intensificador, modificador, qualificador e, principalmente, como uma pausa adequada à concatenação do pensamento) é

que eles enfeitaram algumas, colocaram cromados e laterais forradas de couro legítimo, mas elas continuavam parecendo antiquadas, como as máquinas fotográficas usadas em daguerreótipos. Quando a gente abria uma daquelas antigas Polaroid Land, ela expelia um pescoço em forma de acordeão, porque as lentes precisavam de quinze, talvez vinte centímetros para focalizar a imagem. Em fins dos anos quarenta e começo dos cinquenta, tinham uma aparência ultrapassada como o diabo, se postas ao lado de uma das Kodak. Em outro sentido, eram como as velhas câmaras para daguerreótipos — só batiam fotos em preto e branco.

É mesmo? — exclamou Kevin, interessado, a despeito de si mesmo.

— Oh, pode apostar! — disse Pop, alegre como um chapim, os olhos azuis cintilando para Kevin por entre a fumaça daquele cachimbo mais semelhante a um caldeirão fumegante, e por trás dos redondos óculos sem aros. Aquele brilho em suas pupilas era do tipo que tanto podia indicar bom humor, como cobiça. — O que quero dizer é que todos riam daquelas câmaras, assim como riam dos carrinhos Volkswagen, logo que eles apareceram por aqui... mas compravam as Polaroid, como compravam os Fuscas. Porque os Fuscas bebiam pouca gasolina e não ficavam avariados tão frequentemente como os carros americanos, e as Polaroid faziam uma coisa que as Kodak — e mesmo as Nikon, Minolta e Leica — não faziam.

— Elas batiam fotos instantâneas.

Pop sorriu.

— Bem... não exatamente. O que quero dizer é que você batia sua foto, para em seguida dar um puxão naquela aba, a fim de tirá-la para fora. A câmara não tinha motor, não fazia aquele ruído de chorinho lamentoso das Polaroid modernas.

Ora, afinal de contas, havia um modo perfeito para descrever-se aquele som, mas antes era preciso encontrar-se um Pop Merrill para explicá-lo: o som que as câmaras Polaroid faziam, quando cuspiam seu produto, era um chorinho lamentoso.

— Sendo assim, a gente tinha que cronometrar — disse Pop.

— Cronometrar...?

— Oh, sim! — exclamou Pop muito satisfeito, animado como o pássaro madrugador que encontrou aquela larva suculenta. — O que quero dizer é que naquele tempo elas não tinham esse maravilhoso troço automático. Você puxava, e lá vinha aquela tira comprida, que se punha em cima da mesa ou qualquer outra superfície, para então marcar sessenta segundos em seu relógio. Tinham que ser sessenta segundos, quase cravados. Sendo menos, a foto seria escura. Sendo mais, licaria muito clara.

— Uau! — exclamou Kevin, tomado de respeito.

Não era um respeito simulado para bajular o velho a fim de que ele retornasse ao que de fato interessava: não um monte de câmaras há muito esquecidas e que tinham feito maravilhas em sua época, mas a sua própria câmara, a maldita e birrenta Sun 660, que agora jazia sobre a mesa de trabalho de Pop, tendo à direita as entranhas de um antigo relógio com corda para sete dias e, à esquerda, algo de suspeita semelhança com um pênis artificial. Não era um respeito simulado, e Pop sabia disso. Ocorreu ao velho (não teria ocorrido a Kevin) o quanto realmente era transitório aquele grande deus branco, o “último lançamento”; dentro de mais dez anos, pensou ele, a própria expressão é que não teria mais sentido. A julgar pela fascinada expressão de Kevin, poder-se-ia pensar que ele ouvia uma dissertação sobre algo tão antigo como as dentaduras de madeira que George Washington usara, ao invés de uma preleção sobre a máquina fotográfica que todos haviam considerado o modelo definitivo, apenas trinta e cinco anos antes. Entretanto, trinta e cinco anos antes, aquele adolescente ainda circulava no vazio, ainda não fora incubado, era parte de uma mulher que, até então, nem conhecem o homem que proveria a outra metade dele.

— O que eu quero dizer, é que havia um diminuto quarto-escuro ali, entre a foto e sua parte de trás — recomeçou Pop, a princípio lentamente, mas acelerando ao ressurgir seu grande e legítimo interesse pelo assunto (embora ainda mantendo na mente pensamentos sobre quem era o pai daquele garoto, quanto o filho valeria para ele e a estranha coisa que era a câmara de Kevin). — Então, no fim daquele minuto, você destacava essa parte de trás da foto — era preciso também muito cuidado ao fazer isto, pois nessa parte traseira havia uma goma tipo gelatina, capaz de provocar uma bela queimadura em quem tivesse a pele um pouquinho sensível.

— Impressionante! — exclamou Kevin.

Seus olhos estavam arregalados, ele parecia um menino ouvindo um relato sobre

aquelas antigas privadas construídas fora das casas, com assentos providos de dois buracos, que Pop e todos os seus colegas de infância (quase todos eram apenas seus colegas; ele tivera poucos amigos de infância em Castle Rock, talvez já se preparando para o trabalho de sua vida — lograr os veranistas — algo que as outras crianças de algum modo percebiam, como se fosse um leve cheiro de gambá) tinham como certo. E quando o verão estava no auge, ali eles faziam o que tinham de fazer o mais depressa possível, porque uma das vespas que circulavam mais abaixo, entre o maná e os dois buracos que eram o paraíso de onde caía o maná, podia sentir a qualquer momento a tentação de fincar o ferrão em uma daquelas tenras bochechinhas traseiras de meninos. Também no auge do inverno eles faziam o que tinham de fazer o mais depressa possível, porque do contrário, aquelas tenras bochechinhas traseiras de meninos podiam ficar congeladas. Bem, pensou Pop, tanta coisa pela Câmara do Futuro. Trinta e cinco anos, e para este garoto isto é interessante, da mesma forma que é interessante o quartinho da privada no quintal.

— O negativo ficava na parte de trás — disse Pop. — E o positivo — bem, era em preto e branco, mas um preto e branco excelente. Tão nítido e perfeito, como você desejaria ainda hoje. E, que me recorde, havia ainda aquela coisinha cor-de-rosa, mais ou menos do comprimento de uma borracha de apagar usada no colégio; era como um pequenino rodo de puxar água e dele saía um tipo de produto químico, com cheiro de éter, que tinha de ser esfregado sobre a foto o mais rápido possível, ou então essa foto se enroscava, como o tubo no meio de um rolo de forragem embalada.

Kevin começou a rir, achando graça naquelas agradáveis antiguidades.

Pop calou-se pelo tempo suficiente para tomar a acender o cachimbo. Ao terminar, voltou ao assunto;

— Em se tratando de uma máquina fotográfica como aquela, somente o pessoal da Polaroid sabia de fato o que ela fazia — o que quero dizer é que tais pessoas eram discretas — mas a câmara era mecânica. A gente podia desmontá-la.

Pop olhou para a Sun de Kevin com certo m enosprezo.

— Assim, muitas vezes, quando uma delas emperrava, era só isso que a gente precisava fazer. Um sujeito vinha aqui com uma delas e dizia que a máquina não funcionava, queixava-se sobre o problema de enviá-la ao pessoal da Polaroid para que a consertassem, o que provavelmente levaria meses. Eu então dava uma

espiada. “Bem”, dizia, “provavelmente não há nada que eu possa fazer, o que quero dizer é que ninguém sabe realmente como funcionam estas câmaras, exceto o pessoal da Polaroid, e eles são infernalmente fechados quanto a isso. Enfim, vou dar uma espiada." O tempo todo eu sabia que devia ser alguma mola solta dentro daquele compartimento do obturador, talvez uma mola em mau estado ou, diabo, o caçula da casa bem podia ter espalhado um pouco de manteiga de amendoim no compartimento do filme.

Um dos vivos olhos de pássaro de Pop deu uma piscadela tão rápida e tão maravilhosamente matreira que, pensou Kenvin, quem ignorasse que ele falava de veranistas, pensaria ser tudo obra da imaginação ou, mais provavelmente, nada teria captado.

— O que quero dizer, é que aí estava a situação perfeita — disse Pop. — Se eu conseguisse consertar, seria um fantástico, maravilhoso reparador. Com isso, eu enfiava oito dólares e cinquenta centavos no bolso por tirar dois pedacinhos de batata frita que estavam entre o obturador e a mola que o acionava, filho, e a mulher que me trouxera aquela câmara dava-me um beijo na boca. Isso mesmo... na... boca!

Kevin viu o olho de Pop se fechar momentaneamente por trás da semitransparente camada de fumaça azulada.

— E, claro, se fosse algo que eu não pudesse consertar, eles não ficavam aborrecidos, porque o que quero dizer é que, no fundo, nunca esperavam que eu fosse capaz de fazer alguma coisa mesmo. Eu era apenas o último recurso, antes de colocarem a máquina dentro de uma caixa, bem protegida por jornais à sua volta, a fim de que o estrago não fosse ainda pior no correio, e a despacharem para Schenectady.

“Entretanto... esta câmara... — Ele se expressava no ritualístico tom de aversão de todos os filósofos de botequim, fosse na Atenas da Idade de Ouro ou em uma loja de sucata da cidade pequena, durante a corrente Era de Latão, aquele tom adotado por eles para expressar sua visão da entropia, sem precisarem expor-se para declará-la.

— Ela não foi montada, filho. O que eu quero dizer é que foi moldada. Eu talvez pudesse estourar as lentes, e faria isso, se você quisesse, para então espiar dentro do compartimento do filme, embora já sabendo que não veria lá uma maldita coisa errada — pelo menos que eu identifique — e não veria mesmo. Enfim, é só

até onde posso ir. Eu poderia pegar um martelo e baixá-lo em cima da câmara, podia quebrá-la, é o que quero dizer, mas consertá-la? — Ele abriu as mãos, em meio à fumaça do cachimbo. — Não, senhor!

— Então, acho que só me resta...

Devolvê-la, ele quis terminar, porém Pop o interrompeu.

— Seja como for, filho, penso que você já sabia disso. O que quero dizer é que você e um garoto inteligente, sabe ver quando uma coisa é fabricada inteiriça, em uma só peça. Não creio que tenha trazido sua câmara para ser consertada. Segundo penso, você sabia que, mesmo se ela não fosse inteiriça, um homem não poderia consertar o que essa coisa está fazendo, pelo menos, não com uma chave de parafusos. Acho que a trouxe para perguntar-me se eu sei o que ela está tramando.

— E o senhor sabe? — perguntou Kevin, subitamente muito tenso.

— Eu poderia — respondeu Pop Merrill calmamente. Inclinou-se para o monte de fotos — vinte e oito agora, contando a que Kevin batera como demonstração e a batida por Pop, como demonstração para si mesmo. — Estão todas em ordem?

— Não, mas quase. Faz diferença?

— Penso que sim — disse Pop. — Elas variam um pouquinho, não? Um pouquinho apenas, não grande coisa.

— Sim — assentiu Kevin. — Posso notar a diferença em algumas delas, mas...

— Você sabe qual foi a primeira? Eu talvez acabasse descobrindo sozinho, mas tempo é dinheiro, filho.

— É fácil — disse Kevin, e recolheu uma foto no meio do monte desordenado. —

Vê o glacê do bolo? — perguntou, apontando para um pequeno ponto castanho na orla branca da foto.

— Hum-hum...

Pop deu apenas um olhar de relance para a manchinha de glacê. Observou atentamente a fotografia e, após um momento, abriu a gaveta de sua mesa de trabalho. O interior era um monte de ferramentas em desordem. A um lado, em seu próprio espaço, havia um objeto envolto em veludo de joalheiro. Pop o pegou, desembrulhou o veludo e Kevin viu uma grande lente de aumento, com um botão na base. O velho inclinou-se sobre a Polaroid e pressionou o botão. Um vivo círculo de luz caiu sobre a superfície da foto.

— Que barato! — exclamou Kevin.

— Hum-hum — disse Pop novamente.

Ao ouvi-lo, Kevin percebeu que Pop não estava mais ali. Ele estudava atentamente a foto.

Se alguém ignorasse as singulares circunstâncias em que fora tirada, aquela foto mal valeria um exame tão concentrado. Como a maioria das fotos tiradas por câmara decente, com um bom filme e por um fotógrafo com inteligência pelo menos o suficiente para impedir que um dedo seu tape a frente da lente, ela era clara, compreensível... e, como tantas fotos Polaroid, sem qualquer dramatismo. Naquele instantâneo, era possível identificar-se cada objeto e dar-lhe nome, porem seu conteúdo era tão raso como a sua superfície. Não havia seguido uma boa composição, mas o errado nela nada tinha a ver com composição — aquela superficialidade comum dificilmente seria considerada errada, do mesmo modo como um dia real, em uma vida real, não poderia ser considerado errado, porque durante seu transcurso nada acontecera, nisto incluindo-se até mesmo um filme próprio para televisão.

Como em tantas fotos Polaroid, as coisas no quadro estavam apenas ali, como uma cadeira vazia em um alpendre, uma criança ociosa balançando-se no pátio dos fundos ou um carro sem passageiros parado junto a um meio-fio ignorado, sem ao menos um pneu vazio para tomá-la interessante ou única.

O errado na foto era o senso de que estava errada. Kevin recordava a inquietude sentida enquanto compunha o grupo de pessoas para a foto que pretendera bater, assim como o arrepio em suas costas quando, com o clarão do flash ainda iluminando a sala, ele havia pensando; É minha. Isso é que estava errado, e, como acontece com o homem na lua, que após ter visto a gente nunca mais deixa de vê-lo, ele descobria que não se pode deixar de sentir certas sensações... e, no referente àquelas fotos, tais sensações eram ruins.

Kevin pensou: É como se houvesse um vento — muito suave, muito frio — soprando para fora dessa foto.

Pela primeira vez, a ideia de que pudesse ser algo sobrenatural — de que isto era parte de uma Manifestação — fez algo mais do que apenas intrigá-lo. Pela primeira vez, Kevin viu-se desejando ter simplesmente largado tudo de mão. É minha — eis o que havia pensado, quando seu dedo pressionara o botão do obturador pela primeira vez. Agora, perguntava-se se ele talvez não tivesse conseguido isso ao inverso.

Tenho medo dela. Do que ela está fazendo.

Isso o deixou desorientado, e inclinou-se por sobre o ombro de Pop Merrill, pesquisando tão gravemente como um homem que perdeu um diamante em um monte de areia, decidindo que, pouco importando o que visse (sempre na hipótese de que visse algo novo — e ele não acreditava que fosse ver, pois já estudara todas aquelas fotos, o suficiente para acreditar que vira tudo quanto havia para ser visto nelas), olharia para aquilo, estudaria aquilo e, de maneira nenhuma, se permitiria deixar de vê-lo. Mesmo que pudesse... e uma dolorosa voz interior sugeriu com grande firmeza que a hora para não ver agora havia passado, possivelmente para sempre.

O que a foto mostrava era um grande cão negro diante de uma cerca branca, feita de ripas pontiagudas. A cerca não permaneceria branca por muito tempo mais, a menos que alguém naquele desenxabido mundo Polaroid a pintasse ou pelo menos a caiasse. Tal coisa não pareceria provável; a cerca dava uma impressão de descuido, de esquecimento. Os topos de algumas ripas estavam quebrados. E outras inclinavam-se frouxamente para fora.

O cão estava em uma calçada, diante da cerca. Seu traseiro estava voltado para o fotógrafo. A cauda comprida e peluda descansava no chão. Ele parecia estar cheirando uma das ripas da cerca — provavelmente, pensou Kevin, porque a cerca era o que seu pai chamava de “caixa de correio”, um lugar onde muitos cães erguiam as patas e deixavam místicos esguichos amarelados como mensagem, antes de seguir em frente.

Kevin achou que o cão parecia extraviado. Seu pelame era comprido e emaranhado, pontilhado de bardanas. Uma de suas orelhas tinha a amassada aparência de uma velha cicatriz de batalha. Sua sombra espichava-se o suficiente

para terminar fora da orla de uma nesga maltratada de gramado, no lado interno da cerca de ripas.

Aquela sombra fazia Kevin pensar que a foto tinha sido batida não muito antes do pôr-do-sol; sem nenhuma ideia sobre a direção que o fotógrafo se voltava (que fotógrafo, ha-ha!), era impossível saber-se qual seria o horário daquela foto — apenas que ele (ou ela) devia estar parado a somente alguns graus para o leste ou oeste.

No extremo esquerdo da foto havia algo na relva, parecendo uma bola vermelha de borracha para criança. Estava no lado interno da cerca e por trás de um dos lados desbotados amontoados de relva, o suficiente para tornar difícil a identificação.

E isso era tudo.

— Reconhece alguma coisa? — perguntou Pop, passando a lente de aumento lentamente, de um lado para o outro da superfície da foto.

Agora, os quartos traseiros do cão cresciam para o tamanho de outeiros com um matagal rasteiro negro, selvagem e ominosamente exótico; agora, três ou quatro das descascadas ripas da cerca adquiriram o tamanho de velhos postes telefônicos; agora, de repente, o objeto por trás da moita de relva se tornava claramente uma bola de criança (embora fosse tão grande quanto uma bola de futebol, sob a lente de Pop): Kevin até podia ver as estrelas alinhadas e contornando o meio da bola, em alto-relevo na borracha. Assim, algo novo era revelado pela lente de aumento de Pop e, dentro de alguns momentos, Kevin veria alguma coisa mais, sem ela. Entretanto, isso foi mais tarde.

— Poxa, não! — exclamou Kevin. — Como eu poderia, Sr. Merrill?

— Porque aqui há coisas — disse Pop pacientemente. Sua lente continuou a vistoriar a foto. Kevin pensou em um filme, no qual vira os tiras enviarem um helicóptero provido de holofote, para procurar prisioneiros fugitivos. — Um cão, uma calçada, uma cerca de ripas precisando de pintura ou caindo, um gramado necessitado de trato. A calçada não revela grande coisa — nem mesmo se pode vê-la toda — a casa, inclusive a parte de baixo, não está dentro da foto. O que quero dizer é que temos o cão. Você o reconhece?

— Não.

— A cerca?

— Não.

— E quanto à bola de borracha? O que me diz dela, filho?

— Nada... mas o senhor parece achar que eu devia lembrar.

— Eu pareço achar que você poderia — disse Pop. — Nunca teve uma bola assim, quando era garotinho?

— Não que me lembre.

— Você disse que tem uma irmã.

— Megan.

— Ela nunca teve uma bola assim?

— Acho que não. Nunca me interessei muito pelos brinquedos dela. Meg teve um saltador certa vez, e a bola na extremidade dele era vermelha, mas de um tom diferente. Mais escuro.

— Hum-hum. Sei como é uma bola dessas. A daqui é outra. E esse jardim não poderia ser o da sua casa?

— Poxa... claro que não! — exclamou Kevin, um tanto ofendido. Ele e seu pai cuidavam bem do gramado à volta da casa. Tinha uma cor verde-escura, mesmo sob as folhas caídas, que persistia até meados de outubro. — De qualquer modo, não temos uma cerca de ripas.

E mesmo que tivéssemos, pensou ele, não seria maltratada como essa da foto.

Pop soltou o botão na base da lente de aumento, colocou-a em seu veludo de joalheiro e, com um cuidado que se aproximava da reverência, dobrou os lados sobre ela. Tornou a guardá-la no mesmo lugar e fechou a gaveta. Olhou atentamente para Kevin. Deixou o cachimbo a um lado. Agora não havia fumaça obscurecendo seus olhos, que continuavam penetrantes, porém sem o brilho de antes.

— 0 que quero dizer é: teria esta sido a sua casa, antes de vocês a comprarem?

Há dez anos...

— Há dez anos que moramos nela — replicou Kevin, perplexo.

— Pois bem, digamos vinte anos? Trinta? O que quero dizer é: você reconhece a maneira como o terreno se mostra? Parece que se eleva um pouco.

— Nosso gramado da frente... — Kevin concentrou-se, depois abanou a cabeça. —

Não, o nosso é plano. Aliás, acho que até desce alguma coisa. Talvez seja por isso que o porão fique com um pouco de água, se a primavera for chuvosa.

— Hum-hum... hum-hum... poderia ser. E quanto ao gramado dos fundos?

— Lá atrás não existe nenhuma calçada — disse Kevin. — E nas laterais... — Ele interrompeu-se. O senhor está querendo descobrir se minha câmara está tirando fotos do passado!

Pela primeira vez, Kevin estava real e ativamente amedrontado. Roçou o céu da boca com a língua e o gosto pareceu-lhe metálico.

— Eu só estava perguntando. — Pop tamborilou com os dedos ao lado das fotos, e quando falou parecia mais para si mesmo do que para Kevin. Compreenda — disse ele — , algumas malditas coisas esquisitas parecem acontecer de quando em quando com duas engenhocas que passamos a ter como aparelhos garantidos. Não estou dizendo que acontecem; só que, se não acontecem, então há um bando de mentirosos e perfeitos embusteiros no mundo.

— Que engenhocas?

— Gravadoras e câmaras Polaroid — disse Pop, ainda como se falasse para as fotos ou para si mesmo, e não existisse nenhum Kevin naquele espaço empoeirado e impregnado de tique-taques de relógios, nos fundos do Emporium Galorium.

— Vejamos os gravadores. Sabe quantas pessoas alegam ter gravado vozes de pessoas mortas em seus gravadores?

— Não — disse Kevin.

Não foi propositadamente que sua voz saiu sussurrante; apenas ele parecia não estar com muito ar nos pulmões, por um motivo qualquer.

— Nem eu — disse Pop, mexendo as fotos com um dedo.

Era um dedo rude e encarquilhado, um dedo parecendo feito para movimentos rudes e desajeitados, para espetar pessoas e derrubar vasos da borda de mesas, para provocar sangramentos nasais, se tentasse pescar algum humilde pedacinho de meleca seca em uma das narinas de seu dono. Não obstante, Kevin tinha visto as mãos do homem e pensou que provavelmente havia mais graciosidade naquele único dedo do que no corpo inteiro de sua irmã Meg (e talvez no seu próprio; o Clã Delevan não era considerado como tendo passos leves e mãos delicadas, talvez sendo este o motivo pelo qual a imagem de seu pai, tão agilmente amparando sua mãe quando ela caía, ficara impressa em sua mente e possivelmente nunca a esquecesse). O dedo de Pop Merrill dava a impressão de que qualquer momento derrubaria as fotos no chão — sem querer; dedos desajeitados como aquele sempre estavam cometendo enganos involuntários — mas não foi assim. Em resposta aos movimentos incessantes do dedo, as fotos mal pareciam mover-se.

Sobrenatural, tornou a pensar Kevin, estremecendo de leve. Foi um tremor real, surpreendente, aflitivo e um pouco embaraçoso, mesmo que Pop não o tivesse percebido.

— No entanto, existe até uma maneira de eles fazerem isso — prosseguiu Pop, acrescentando, como se Kevin houvesse perguntado: — Quem são eles? Raios me partam se eu sei! Parece que alguns são “investigadores psíquicos” ou, pelo menos, dão a si mesmos tal nome ou qualquer coisa assim. Seja como for, acho mais provável que a maioria esteja apenas divertindo-se, como os sujeitos que usam tabuleiros Ouija em festinhas.

Ele ergueu carrancudamente os olhos para Kevin, parecendo redescobri-lo.

— Você tem um Ouija, filho?

— Não.

— Nunca experimentou um?

— Não.

— Pois então, esqueça-os — disse Pop, mais carrancudo do que nunca. — Essas malditas coisas são perigosas.

Kevin não ousou dizer ao velho que não tinha a menor ideia do que seria o tal tabuleiro.

— De qualquer modo, eles deixam um gravador ligado, dentro de um aposento vazio. Supondo-se que a casa seja velha, é o quero dizer, alguma casa com história, caso consigam encontrá-la. Sabe o que quero dizer, se falo de uma casa com história, filho?

— Acho que... bem, seria uma casa assombrada? — aventurou Kevin. Ele percebeu que suava um pouco, como acontecera no ano anterior, sempre que a Sra. Whittaker anunciava uma imprevista prova de álgebra.

— Mais ou menos isso. Essas... pessoas... gostam ainda mais, se a casa tiver uma história violenta, porém se contentam com o que podem encontrar. Enfim, deixam um gravador ligado naquele aposento vazio. No dia seguinte — o que quero dizer é que sempre fazem isso à noite, essa gente só se dá por feliz quando pode fazê-lo à noite, melhor ainda se for à meia-noite — no dia seguinte, eles ouvem o que ficou gravado.

— Em um aposento vazio?

— Às vezes — disse Pop, em uma voz murmurada, que poderia ou não ter dissimulado algum sentimento mais profundo — eles ouvem vozes.

— Kevin tornou a estremecer. Afinal, havia hieróglifos na parede. Nada que a gente quisesse ler, mas... sim, eles estavam lá.

— Vozes de verdade?

— Geralmente, imaginação — disse Pop, desdenhoso mas uma ou duas vezes ouvi pessoas de minha confiança dizerem que ouviram vozes reais.

— E o senhor! Nunca ouviu?

— Só uma vez — respondeu Pop, lacônico. Ficou calado tanto tempo que Kevin começou a pensar que ele já terminara, quando então o ouviu acrescentar — Foi uma palavra. Clara como um sino. Ficou gravada na sala de uma casa vazia, em Bath. Um homem matou a esposa lá, em 1946.

Bath. Um homem matou a esposa lá, em 1946.

— E qual era a palavra? — perguntou Kevin.

Tinha certeza de que Pop não a diria, tão seguramente como tinha certeza de que nenhum poder na terra, nem mesmo sua própria força de vontade, o teriam impedido de perguntar. No entanto, Pop a disse:

— Bacia.

Kevin pestanejou.

— Bacia?

— Hum-hum.

— Isso não significa nada!

— Poderia significar — disse Pop calmamente — quando se sabe que ele cortou a garganta dela e depois lhe manteve a cabeça sobre uma bacia para aparar o sangue.

— Oh, meu Deus!

— Hum-hum.

— Oh, meu Deus, foi mesmo?

Pop não se deu ao trabalho de responder a isso.

— Não poderia ser uma farsa?

Pop apontou o cabo do cachimbo para as fotos em cima da mesa.

— Elas são uma farsa?

— Oh, meu Deus!

— Quanto às Polaroid — disse Pop, como um narrador passando vivamente para um novo capítulo de uma novela e lendo as palavras Enquanto isso, em outra parte da floresta —, já vi fotos mostrando pessoas que as outras pessoas dessa foto juravam não estarem lá quando foi batizada. E temos aquela — esta é

famosa — que uma dama bateu, na Inglaterra. O que ela fez foi bater um instantâneo de alguns caçadores de raposa voltando para casa, no fim do dia. A gente os vê, cerca de uns vinte, cruzando uma pontezinha de madeira. É uma estrada rural, margeada de árvores nos dois lados daquela ponte. Os cavaleiros da frente já cruzavam a ponte. E no lado direito da foto, em pé junto à estrada, há uma dama de vestido longo e chapéu com um véu, de modo que não se pode ver seu rosto. Ela tem a bolsa no braço. Enfim, a gente até vê que a dama usa um medalhão sobre o peito, mas talvez seja um relógio.

“Bem, quando a dama que bateu a foto viu aquilo, ficou muitíssimo perturbada, e ninguém poderia censurá-la, filho. O que eu quero dizer é que ela pretendia tirar uma foto daqueles caçadores de raposa voltando para casa, apenas deles, porque não havia mais ninguém ali. Só que na foto há. E quando a gente olha bem, é como se pudéssemos ver as árvores através daquela dama.

Ele está inventando tudo isto, está querendo zombar de mim, e depois que eu for embora vai dar boas gargalhadas, pensou Kevin, sabendo que Pop não estava fazendo nada disso.

— A dama que tirou a foto hospedava-se em uma daquelas grandes mansões inglesas, como as que se vê nos filmes educativos de televisão, e quando a mostrou, eu soube que o dono da casa desmaiou. Essa parte talvez fosse inventada. Provavelmente foi. Parece inventada, não? No entanto, eu vi essa foto, em um artigo ao lado de um retrato pintado da bisavó desse homem, e a dama da foto bem poderia ser ela.

Não digo com certeza, por causa do véu — mas poderia ser ela.

— Poderia ser também um embuste — disse Kevin francamente.

— Poderia ser — disse Pop, com indiferença. — As pessoas inventam todo tipo de falcatruas. Veja só o meu sobrinho, por exemplo, o Ace. — Pop franziu o nariz. — Está cumprindo quatro anos em Shawshank, e por quê? Por fazer o que não devia.

Envolveu-se em falcatruas, e o Xerife Pangbom o encanou por isso. O safadinho recebeu justamente o que merecia.

Demonstrando uma sabedoria muito além de sua idade, Kevin permaneceu calado.

— Entretanto, quando fantasmas aparecem em fotos, filho — ou, se preferir, o que as pessoas alegam ser fantasmas — é quase sempre em fotografias Polaroid. E, em geral, parecem ser por acidente. Agora, as fotos de discos voadores e daquele Monstro do Lago Ness, bem, estas são do outro tipo. Do tipo que algum sujeito esperto pode conseguir com falcatruas, em uma câmara escura.

Ele deu uma terceira piscadela para Kevin, expressando todas as falcatruas (quaisquer que fossem elas) que um fotógrafo inescrupuloso podia armar em uma câmara escura bem equipada.

Kevin pensou em perguntar a Pop se era possível alguém fazer falcatruas com aquele tabuleiro de nome curioso, mas decidiu continuar com a boca fechada.

Parecia a atitude mais prudente no momento.

— Por tudo isso, pensei em perguntar a você se via alguma coisa conhecida nestas fotos Polaroid.

— Não vi nada conhecido — disse Kevin.

A rapidez de sua resposta o levou a crer que Pop talvez o julgasse mentindo, como sempre acontecia com sua mãe, quando ele cometia o erro tático de querer controlar a impetuosidade.

— Hum-hum — disse Pop, aceitando sua resposta com tal tranquilidade, que Kevin quase ficou irritado.

— Bem — arriscou Kevin, após um momento que foi silencioso, exceto pelos cinquenta mil relógios tiquetaqueantes —, não há nada a fazer, certo?

— Talvez não — disse Pop. — O que quero dizer é que tive uma pequena ideia.

Incomoda-se de bater mais algumas fotos com essa câmara?

— De que vai adiantar? São todas a mesma coisa.

— Aí é que está. Não são.

Kevin abriu a boca, depois tornou a fechá-la.

— Eu até mesmo pago pelo filme — disse Pop e, ao ver o ar espantado no rosto

de Kevin, qualificou rapidamente: — Uma parte, pelo menos.

— Quantas fotos o senhor quer?

— Bem, você bateu... quantas? Já vinte e oito, não?

— Sim, acho que sim.

— Mais trinta — disse Pop, após refletir um instante.

— Por quê?

— Não vou lhe dizer. Pelo menos, por enquanto. — Ele pegou uma pesada bolsa, presa por uma correntinha de aço a uma presilha do cinto. Abriu-a e tirou uma nota de dez dólares, depois vacilou e tirou mais duas, com visível relutância. — Acho que cobriria a metade.

Hum-hum, isso mesmo, pensou Kevin.

— Se está mesmo interessado no truque que a câmara está fazendo, acho que pode cobrir o resto, não?

Os olhos de Pop cintilaram para Kevin como os de um velho gato curioso. Kevin compreendeu que o homem mais do que esperava sua afirmativa, que seria inconcebível negar-se. Pensou: Se eu disser não, ele nem vai ouvir; ele vai dizer, "Bem, então está combinado, ” e eu termino de volta à rua, com seu dinheiro em meu bolso, querendo ou não.

Por outro lado, ele tinha seu dinheiro ganho no aniversário.

De qualquer maneira, havia que pensar naquele vento frio. Aquele vento que parecia soprar, não da superfície, mas para fora daquelas fotos, a despeito de suas superfícies enganosamente planas, enganosamente lustrosas. Kevin sentia o vento que vinha delas, apesar de sua muda declaração, alegando que Somos Polaroids e, de maneira alguma, podemos contar ou mesmo compreender, não passamos de meras superfícies de coisas. Aquele vento estava ali. E o que dizer dele?

Kevin hesitou um momento mais demorado, e os olhos brilhantes por trás das lentes sem aros o avaliaram. Não vou perguntar se você é um homem ou um camundongo, diziam os olhos de Pop Merrill. Você tem quinze anos, e o que

camundongo, diziam os olhos de Pop Merrill. Você tem quinze anos, e o que quero dizer é que aos quinze anos talvez ainda não seja um homem, não inteiramente, mas também é infernalmente velho para ser um camundongo, e nós dois sabemos disso. Por outro lado, você não é de longe; você é da cidade, assim como eu.

— Claro — disse Kevin, com uma volubilidade na voz que não enganou a nenhum dos dois. — Acho que posso conseguir o filme esta noite e trazer as fotos amanhã, depois da escola.

— Nada disso — disse Pop.

— Por quê? O senhor fecha amanhã?

— Nada disso — repetiu Pop e, porque era da cidade, Kevin esperou pacientemente. — Está pensando em bater trinta fotos seguidamente, não é?

— Acho que sim.

— Pois não é como quero que faça — disse Pop. — Não importa onde vai tirar as fotos, mas importa quando. Hum... deixe-me ver...

Pop pensou, e então anotou uma lista de horários, que Kevin guardou no bolso.

— Pronto! — exclamou Pop, esfreigando vivamente uma mão na outra, com isto produzindo um som seco, semelhante ao de dois pedaços gastos de lixa friccionan-do-se. — Venha ver-me em... oh, dentro de uns três dias, está bom?

— Sim... acho que sim.

— Aposto como, de qualquer modo, esperará até segunda-feira, depois das aulas — disse Pop. Deu uma quarta piscadela para Kevin, lenta e marota, extremamente humilhante. — Assim, seus amigos não o verão entrando aqui e, portanto, não o censurarão por isso, é o que quero dizer.

Kevin enrubesceu e, baixando os olhos para a mesa de trabalho, começou a juntar as fotos, a fim de que suas mãos tivessem algo em que ocupar-se. Quando estava constrangido e nada tinha a fazer com elas, ele costumava estalar as juntas dos dedos.

— Eu...

Kevin iniciou uma espécie de absurdo protesto que não convenceria nenhum deles, mas então parou e ficou olhando fixamente para uma daquelas fotos.

— O que foi? — perguntou Pop. Pela primeira vez desde que Kevin o procurara, Pop agora soava inteiramente humano. Entretanto, Kevin mal o ouviu, nem percebeu seu tom de ligeiro alarme. — Ora, parece que você viu um fantasma, garoto!

— Não — respondeu Kevin. — Não é nenhum fantasma. Eu vejo quem tirou a foto.

Quem realmente tirou a foto.

— Ora, que diabo, do que está falando?

Kevin apontou para uma sombra. Ele, seu pai, sua mãe, Meg e, aparentemente, o próprio Sr. Merrill, a tinham tomado pela sombra de uma árvore que não se enquadrava na foto. Só que não era árvore. Kevin via agora, e o que se vê uma vez nunca mais deixará de ser visto.

Mais hieróglifos na parede.

— Não entendo o que pretende — disse Pop.

Não obstante, Kevin sabia que o velho percebera estar ele pretendendo algo, daí o motivo pelo qual soava desconcertado.

— Olhe primeiro para a sombra do cachorro — disse Kevin. — Depois, olhe para esta aqui — e ele apontou para o lado esquerdo da foto. — Na foto, o sol está nascendo ou se pondo. Isto deixa todas as sombras alongadas, sendo difícil dizer-se o que as projeta. No entanto, olhando para ele, neste instante... Bem, ela ficou clara para mim.

— O que está claro, filho?

Pop estendeu a mão para a gaveta, sem dúvida querendo apanhar de novo a lente de aumento provida de luz... e então parou. De repente, não precisava mais dela. De repente, a coisa também ficava clara para ele.

— É a sombra de um homem, não? — disse Pop. — Eu mereceria o inferno se essa sombra não for de um homem!

essa sombra não foi de um homem.

— Ou de uma mulher. É impossível definir. Há duas pernas, tenho certeza de que são pernas, mas poderiam ser de uma mulher usando calças compridas. Ou mesmo de um garoto ou garota. Com a sombra tão comprida...

— Hum-hum, não se pode definir.

— É a sombra de quem tirou a foto, não é? — disse Kevin.

— Hum-hum.

— Só que não era minha — disse Kevin. — Ela saiu da minha câmara, como todo o resto — mas eu não bati esta foto. Então, quem foi, Sr. Merrill? Quem a bateu?

— Chame-me de Pop — disse o velho alheadamente, olhando para a sombra na foto.

Kevin sentiu o peito inchar-se de prazer, enquanto aqueles poucos relógios ainda capazes de funcionar um pouco mais depressa começavam a indicar aos outros que, por mais cansados que estivessem, chegara o momento de baterem a meia hora.

TRÊS

Quando Kevin retornou ao Emporium Galorium com as fotos, na segunda-feira depois das aulas, as folhas tinham começado a mudar de cor. Fazia quase duas semanas que ele completara quinze anos, e a novidade já perdera o encanto.

Entretanto, a novidade naquela parede, o sobrenatural, continuava atuante, embora isto não fosse alguma coisa que pudesse contar entre suas vantagens.

Terminara seguindo a programação das fotos que Pop lhie dera e, ao encerrá-la, vira claramente — pelo menos, com clareza bastante — por que o velho quisera que batesse as fotos em intervalos: as primeiras dez de hora em hora, em seguida deixando a câmara descansar; as segundas dez de duas em duas horas, as terceiras dez com três horas de intervalo. Ele tirara as que restavam nesse dia na escola. E tinha visto algo nelas também, algo que nenhum deles veria no início; aliás, aquilo só era claramente visível nas últimas três fotos. Estas o tinham assustado a tal ponto que, ainda antes de levar as fotos para o Emporium Galorium, Kevin decidira que queria livrar-se da Sun 660. Não que pretendesse trocá-la; isto era o último que pretendia, porque então a câmara estaria fora de suas mãos e, portanto, fora de seu controle.

Não podia fazer isso.

É minha, ele havia pensado, e tal pensamento continuava insistente, mas não era um pensamento verdadeiro. Se fosse — se a Sun tirasse fotos do cão negro e sem dono, junto da cerca de ripas brancas, somente quando ele, Kevin, fosse quem pressionasse o obturador — isto seria uma coisa. Entretanto, não era bem este o caso.

Fosse qual fosse aquela mágica irritante no interior da Sun, ele não era seu único iniciador. Também seu pai batera a mesma (aliás, quase a mesma) foto, bem como Pop Merrill e Meg, quando Kevin permitira que ela tirasse duas fotos, seguindo a cuidadosa cronometragem da programação de Pop.

— Você as numerou conforme pedi? — perguntou Pop, quando Kevin as entregou.

— Sim, de um a cinquenta e oito — respondeu Kevin. Folheou com o polegar o monte de fotos, mostrando os pequenos números dentro de círculos, no canto

inferior esquerdo de cada uma. — Só que não sei se isto importa. Decidi livrar-me da câmara.

— Livrar-se dela? Não era o que pretendia antes.

— É, acho que não. Vou quebrá-la com uma marreta.

Pop o fitou com aqueles olhinhos astutos.

— É mesmo?

— Sim — disse Kevin, encarando-o com firmeza. — Na semana passada eu riria da ideia, mas não estou rindo agora. Acho que a coisa é perigosa.

— Bem, acho que pode estar certo; acho que poderia atá-la a uma carga de dinamite e explodi-la em pedacinhos, se quisesse. Ela lhe pertence, é o que quero dizer. Entretanto, por que não espera um pouco? Há algo que quero fazer com estas fotos. Talvez você ficasse interessado.

— O quê?

— Acho melhor não dizer agora — respondeu Pop —, porque poderia não dar certo.

Entretanto, pelo fim da semana eu talvez já tenha algo que poderá ajudá-lo a decidir melhor, de um jeito ou de outro.

— Eu já decidi — disse Kevin, batendo o dedo sobre algo que surgia nas duas últimas fotografias.

— O que é? — perguntou Pop. — Estive olhando para a foto com minha lente e acho que deveria saber o que seja — é como um nome que a gente não lembra direito, mas está bem na ponta da língua, é o que quero dizer — só que não consigo.

— Acho que posso esperar até cerca de sexta-feira — disse Kevin, preferindo não responder à pergunta do velho. — Sinceramente, não gostaria de esperar muito tempo mais.

— Amedrontado?

— Sim — disse Kevin com simplicidade. — Estou amedrontado.

— Contou para seus pais?

— Nada sobre isto.

— Bem, talvez queira contar. Enfim, poderia querer contar a seu pai, é o que quero dizer. Terá tempo para refletir, enquanto eu cuido do que quero cuidar.

— Não importa o que o senhor quer fazer; na sexta-feira, vou estraçalhar aquela máquina com a marreta de meu pai — disse Kevin. — Nem mesmo vou querer outra câmara, seja Polaroid ou qualquer outra!

— Onde ela está agora?

— Na gaveta da minha cômoda. E é lá que vai ficar.

— Passe por aqui na sexta-feira — disse Pop — e traga a câmara com você.

Estudaremos esta minha ideiazinha, e então, se quiser estraçalhar a maldita coisa, eu mesmo lhe forneço a marreta. Sem cobrar. Forneço até um cepo lá nos fundos, onde poderá colocá-la para ser destruída.

— Trato feito — disse Kevin, e sorriu.

— Afinal, o que contou a seus pais sobre tudo isto?

— Eu disse a eles que ainda estou decidindo. Não queria preocupá-los, principalmente minha mãe. — Kevin olhou para ele curiosamente. — Por que disse que eu poderia querer contar a meu pai?

— Se você destruir essa câmara, seu pai vai ficar aborrecido — disse Pop. — Isso não é tão ruim, mas talvez ele também pense que você é um pouco tolo. Ou como uma velha solteirona, chamando a polícia para pegar um ladrão só porque uma tábua do assoalho estalou, é o que quero dizer.

Kevin enrubesceu um pouco, pensando no quanto seu pai havia ficado irritado ao surgir a ideia do sobrenatural. Depois suspirou. Não havia refletido neste ângulo da questão, mas agora que refletia, achava que Pop podia ter razão. Não era agradável ver seu pai aborrecido com ele, mas podia conviver com isso. No entanto, pensar que seu pai poderia considerá-lo covarde... bem, isto era uma

história diferente.

Pop observava-o astutamente, lendo os pensamentos à medida que cruzavam o rosto de Kevin, tão facilmente como um homem leria as manchetes na primeira página de um jornal de escândalos.

— Será que ele poderia encontrar-se com você aqui, lá pelas quatro da tarde de sexta-feira?

— Nem pensar — disse Kevin. — Ele trabalha em Portland. Mal consegue chegar em casa antes das seis.

— Se você quiser, posso dar um telefonema para ele. Ele virá, se eu ligar — disse Pop.

Kevin o fitou com olhos arregalados. Pop esboçou um sorriso.

— Oh, eu o conheço — disse. — Conheço-o há muito tempo. Seu pai não fala de nosso conhecimento mais do que você, e eu compreendo isso, porém o que quero dizer é que o conheço. Aliás, conheço um bocado de gente nesta cidade. Você ficaria surpreso, filho.

— Como foi que o conheceu?

— Certa vez, prestei um favor a ele — disse Pop.

Acendeu um fósforo na unha do polegar e velou os olhos por trás da fumaça, o bastante para esconder se neles havia divertimento, sentimento ou irritação.

— Que tipo de favor?

— Isso é entre eu e ele — disse Pop. — Da mesma forma que este nosso negócio aqui — e fez um gesto para o monte de fotos — é entre nós dois, você e eu. É isso o que eu quero dizer.

— Certo... tudo bem... imagino. Devo falar alguma coisa a ele?

— Negativo! — exclamou Pop, à sua maneira jovial. — Deixe que eu cuido de tudo.

E, por um momento, apesar daquela ofuscante fumaça de cachimbo, houve algo

nos olhos de Pop Merrill para o que Kevin Delevan não ligou. Ele foi embora, um garoto francamente confuso, tendo certeza de apenas uma coisa: queria que aquilo terminasse.

Depois que ele se foi, Pop ficou calado e imóvel por quase cinco minutos. Deixou que o cachimbo apagasse na boca e tamborilou com os dedos, que eram quase tão conhecedores e talentosos como os de um violinista de concerto, porém mascarados como um equipamento mais apropriado a um cavador de trincheiras ou misturador de cimento. Tamborilou com os dedos, ao lado do monte de fotos. Quando a fumaça dissipou-se, seus olhos se mostraram claramente, e estavam tão frios como o gelo em um charco de dezembro.

De repente, ele colocou o cachimbo em seu suporte e ligou para uma loja de vídeo e fotos em Lewiston. Fez duas perguntas. A resposta a ambas foi sim. Pop desligou e voltou a tamborilar com os dedos na mesa, junto das Polaroid. O que ele planejava não era realmente justo para o garoto, porém este levantara o canto de algo que, mesmo não entendendo, Pop não queria entender.

Justo ou não, Pop achava que não ia deixar o garoto fazer o que ele pretendia.

Ainda não estava inteiramente decidido sobre o que ele próprio ia fazer, porém era prudente estar preparado.

Isto era sempre prudente.

Ficou quieto, tamborilando com os dedos e perguntando-se que coisa o garoto teria visto. Kevin evidentemente achava que ele saberia — ou podia saber — porém Pop não tinha a menor pista. O garoto podia dizer-lhe na sexta-feira. Ou não.

Entretanto, se ele não dissesse, seu pai, a quem Pop certa vez emprestara quatrocentos dólares para cobrir uma aposta em um jogo de basquete, uma aposta que havia perdido e sobre a qual sua esposa nada sabia, certamente lhe diria. Se, claro está, pudesse dizer. Mesmo os melhores dos pais não sabem tudo sobre os filhos, em particular quando esses filhos têm mais ou menos quinze anos. Ainda assim, Pop achava que Kevin mal podia ser considerado com quinze anos e que, portanto, seu pai saberia a maioria das coisas... ou poderia descobri-las.

Ele sorriu, seus dedos tamborilaram, e todos os relógios começaram a bater

cansadamente as pancadas das cinco horas.

QUATRO

Pop Merrill virou o aviso pendente em sua porta de ABERTO para FECHADO, às duas da tarde de sexta-feira. Depois deslizou para trás do volante de seu Chevrolet 1959, que durante anos vinha recebendo a mais perfeita manutenção no posto Texaco de Sonny, tudo feito absolutamente grátis. Essa manutenção era o resultado de outro pequeno empréstimo, sendo Sonny Jackett mais um morador da cidade que preferiria ter brasas pressionadas às solas de seus pés, do que admitir que não apenas conhecia Pop Merrill, como tinha uma enorme dívida com ele, que o salvara de desesperada enrascada em New Hampshire, em 1969 — Pop Merrill rumou para Lewiston, uma cidade que detestava, porque tinha a impressão de lá existirem somente duas ruas na cidade inteira (talvez três), que eram de mão única. Chegou lá como sempre fazia, em se tratando de Lewiston: não entrando a fundo na cidade, mas chegando o mais perto possível e depois espiralando lentamente para o centro, ao longo daquelas escassas ruas de mão única, até admitir que estava próximo o bastante para fazer o resto do trajeto a pé: um homem alto e magro, de cabeça calva, óculos sem aros, calças cáqui limpas, de vinco e dobras nas extremidades, uma camisa azul de trabalhador abotoada até o pescoço.

Na vitrine da loja “Twin City Câmera e Vídeo” havia um cartaz exibindo a caricatura de um homem que parecia em luta com um enorme emaranhado de filme para cinema, e perdendo a batalha. O sujeito parecia a ponto de explodir. As palavras acima e abaixo do desenho diziam: ESTÁ CANSADO DE LUTAR? NÓS TRANSFERIMOS SEUS FILMES DE 8 MM (E INSTANTÂNEOS TAMBÉM!) PARA VIDEOTEIPE!

Apenas mais uma engenhoca, pensou Pop, abrindo a porta centrando. O mundo está cheio delas.

Entretanto, ele era uma daquelas pessoas — o mundo está cheio delas — que não se furtavam a usar o que desaprovavam, caso a coisa em questão se revelasse funcional. Pop falou brevemente com o atendente. Este chamou o proprietário.

Havia muitos anos que eles se conheciam (provavelmente desde que Homero velejara por misteriosos mares cor de vinho, poderiam alegar alguns espirituosos). O proprietário convidou Pop para o quarto que havia nos fundos da loja, onde partilharam um drinque.

— É um maldito monte de fotos estranhas — disse o proprietário.

— Hum-hum.

— O videoteipe que fiz deles é ainda mais estranho.

— Não duvido.

— É tudo o que tem para dizer?

— Hum-hum.

— Pois então, foda-se! — exclamou o proprietário, e os dois casquinaram suas estridentes risadas de velhos.

Atrás do balcão, o atendente pestanejou. Pop saiu de lá vinte minutos mais tarde, levando duas coisas: um videocassete e uma Polaroid Sun 660 novinha em folha, ainda na caixa.

Quando retornou à sua loja, Pop ligou para a casa de Kevin. Não ficou surpreso, quando foi John Delevan quem atendeu.

— Se esteve manipulando meu garoto, em mato você, sua serpente velha! — ameaçou John Delevan, sem mais preâmbulos.

No fundo, à distância, Pop pôde ouvir o grito espantado de Kevin:

— Pa-ai!

Os lábios de Pop repuxaram-se sobre os dentes — tortos, erodidos, amarelados pelo cachimbo, mas todos seus, Deus era testemunha — e se Kevin o visse naquele momento, faria mais do que espantar-se, caso Pop Merrill fosse outra coisa que não a versão de Castle Rock do Gentil Velho Sábio de Botequim: ele teria sabido.

— Escute, John — disse ele. — Estive tentando ajudar seu garoto com essa câmara.

É tudo no mundo que procurei fazer. — Ele fez uma pausa. — Da mesma forma como certa vez eu lhe dei uma ajuda quando você ficou um tanto orgulhoso

demais com os Seventy-Sixers, é o que quero dizer.

Um portentoso silêncio na extremidade da linha de John Delevan significou que ele tinha muito a dizer sobre aquele assunto, porém o garoto estava nas proximidades, o que fazia o mesmo efeito de uma mordaça.

— Bem, seu garoto nada sabe sobre isso — falou Pop, com aquele sorriso astuto aumentando nas sombras tiquetaqueantes do Emporium Galorium, onde os cheiros dominantes eram de revistas velhas e excrementos de ratos. — Eu lhe disse que não era da sua conta, justamente como lhe disse que este negócio de agora era. Eu nem mesmo insinuaria aquela aposta se conhecesse outra maneira de fazer você vir aqui, é o que quero dizer. E você precisava ver o que tenho aqui, John, porque, do contrário, não irá compreender o motivo do garoto querer estraçalhar essa câmera que comprou para ele...

— Estraçalhá-la?

— ...e o motivo de eu achar que é um diabo de boa ideia. E então, vai vir com ele ou não?

— Eu não estou em Portland, droga, estou?

— Não lique para o aviso de FECHADO na porta — disse Pop, no tom sereno de um homem que conseguiu o que quis durante muitos anos e espera continuar assim por muitos mais. — É só bater.

— Diabo, quem deu seu nome a meu filho, Merrill?

— Eu não perguntei a ele — disse Pop, no mesmo tom de voz irritantemente calmo, e desligou o telefone. Depois acrescentou, para sua loja vazia: — Sei apenas que o garoto veio. Como eles sempre fazem.

Enquanto esperava, ele tirou da Caixa a Sun 660 que havia comprado em Lewiston.

Depois enterrou a caixa bem fundo na cesta de papeis usados, ao lado de sua mesa de trabalho. Contemplou a câmara pensativamente, e em seguida a carregou com o pacote de quatro fotos. Feito isso, distendeu o corpo da câmara, expondo a lente. A luz vermelha à esquerda do desenho em forma de relâmpago ficou acesa brevemente, e então a verde começou a piscar. Pop não se surpreendeu ao perceber-se tomado de trepidação. Bem, pensou. Deus odeia um

surpreendeu ao perceber-se tomado de trepidação. Bem, pensou, Deus odeia um covarde, e pressionou o botão do obturador. 0 entulhado interior do Emporium Galorium, semelhante a um celeiro, foi banhado em um instante de impiedosa e improvável luz branca. A câmara emitiu seu chorinho lamentoso e cuspiu o que seria uma foto Polaroid — perfeitamente adequada, mas de certo modo falha; uma foto que era pura superfície, representando um mundo onde os navios certamente despencariam pela encolerizada orla da terra, semelhante a um monstro ocre-vermelho, caso velejassem a grande distância para oeste.

Pop a observou com a mesma expressão hipnotizada do Clan Delevan, enquanto esperava pela revelação da primeira foto tirada por Kevin. Disse para si mesmo que esta câmara não faria a mesma coisa, claro que não, porém permanecia rígido e tenso assim mesmo, fosse ele um velhote durão ou não, e se alguma tábua ao acaso rangesse ali dentro nesse instante, era quase certo que daria um grito.

Entretanto, nenhuma tábua rangeu e, revelada a foto, ela mostrou apenas o que se esperava que mostrasse: relógios montados, relógios desmontados, torradeiras, pilhas de revistas amarradas com barbante, abajures com cúpulas tão horríveis, que somente mulheres das classes superiores inglesas poderiam realmente apreciá-los, prateleiras de brochuras que custavam vinte e cinco centavos (seis por um dólar), tendo títulos como Após o Escurecer, Minha Querida, Fogo na Carne, e O Bolinho de Latão, e, no fundo distante, a empoeirada vitrine da frente. Podia-se ler as letras EMPOR de trás para diante, antes que a imensa silhueta de uma mesa-secretária bloqueasse as restantes.

Nenhuma volumosa criatura do além-túmulo; nenhuma boneca de macacão azul esgrimindo uma faca. Apenas uma câmara. Ele supôs que a ânsia que o levara a bater a foto, antes de mais nada, apenas para ver o que sairia, indicava o quanto profundamente aquela coisa o tinha impressionado.

Pop suspirou e enterrou a foto na cesta de papéis. Abrindo a ampla gaveta de sua mesa de trabalho, tirou de lá um pequeno martelo. Segurou a câmara com firmeza na mão esquerda, e então moveu o martelo em um curto arco, através do empoeirado ar tiquetaqueante. Não usou muita força. Não havia necessidade. Ninguém sentia mais orgulho em peças artesanais. Deus era testemunha de que agora os comentários eram sobre as maravilhas da ciência moderna, dos sintéticos, novas ligas e polímeros.

Não importava. Meleca. Disto e que tudo era realmente feito agora, e não se

precisava usar muita força para destruir uma câmara feita de meleca.

A lente estilhaçou-se. Fragmentos de plástico voaram em torno dela, e isso fez Pop recordar algo mais. Teria sido o lado esquerdo ou o direito. Ele franziu o cenho.

Esquerdo. Devia ser. Enfim, eles não se lembrariam, nem perceberiam qual era o lado. Se lembrassem, a coisa podia ser paga, porém Pop não forrara seu ninho com hipóteses. Era mais prudente estar preparado.

Sempre prudente.

Tornou a guardar o martelo, usou um pequeno pincel para varrer os fragmentos de vidro e plástico da mesa para o chão e depois, largando o pincel, pegou um lápis-cera com ponta fina e uma faca X-Act-O. Desenhou o que imaginou como a forma aproximada da peça de plástico que fora quebrada da Sun de Kevin Delevan, quando Meg a derrubara ao chão, e depois usou a X-Act-O para esculpir ao longo das linhas. Quando achou que já escavara fundo o suficiente no plástico, tornou a guardar a faca na gaveta, em seguida derrubando a câmara Polaroid para fora da mesa de trabalho. O que acontecera uma vez devia acontecer de novo, especialmente com as linhas enfraquecidas que ele havia aprofundado.

Tudo funcionou a contento. Ele examinou a máquina fotográfica, a qual agora perdera um pedacinho de plástico do lado e tinha uma lente fragmentada, assentiu, e a colocou debaixo da mesa de trabalho, nas sombras profundas. Então, encontrou o pedaço de plástico que se soltara da câmara e o enterrou na cesta de papéis, juntamente com a caixa e a única foto que havia batido.

Agora, nada mais tinha a fazer, além de esperar a chegada dos Delevan. Pop levou o videocassete para o entulhado e pequenino apartamento onde morava, no andar de cima. Colocou-o em cima do videocassete que comprara para ver os filmes pornográficos que se adquire hoje em dia, e depois se sentou para ler o jornal. Soube que houvera um desastre aéreo no Paquistão. Cento e trinta mortos. Os malditos idiotas viviam se matando, pensou Pop, mas tudo bem. Alguns imbecis de menos no mundo era uma coisa geralmente boa. Depois virou as páginas para a seção esportiva, a fim de ver como os Red Sox andavam de sorte. Ainda tinham uma chance de vencer a Divisão do Leste.

Cinco

— O que foi? — perguntou Kevin, quando se preparavam para ir.

Estavam com a casa inteira para eles. Meg estava tendo sua aula de balé e aquele era o dia da Sra. Delevan jogar bridge com as amigas. Ela voltaria para casa às cinco da tarde, trazendo uma enorme e bem cuidada pizza, além de novidades sobre quem se estava divorciando ou, pelo menos, pensando em divorciar-se.

— Não é da sua conta — respondeu o Sr. Delevan, em uma voz áspera, ao mesmo tempo zangada e embaraçada.

Estava fazendo frio. O Sr. Delevan estivera procurando seu blusão leve. Parou de repente, virou-se e olhou para o filho, parado atrás dele, usando seu próprio blusão e tendo a câmara Sun na mão.

— Está bem — disse ele. — Eu nunca o enganei sobre esse cretino antes, e acho que não vou começar agora. Você sabe o que quero dizer.

— Sim, eu sei — disse Kevin, e pensou: Sei exatamente do que está falando, é o que quero dizer.

— Sua mãe não sabe de nada sobre isto.

— Não vou contar a ela.

— Não fale assim — disse seu pai, rispidamente. — Se começar a descer essa estrada, nunca mais vai parar.

— Mas você disse que nunca...

— Exato, eu nunca contei a ela — respondeu seu pai, finalmente encontrando o blusão e enfiando-se nele. — Ela nunca perguntou e eu nunca contei. Se ela nunca perguntar a você, nunca terá que contar-lhe. Isso parece uma idiotice para você?

— Parece — disse Kevin. — Para ser franco, parece mesmo.

— Certo — disse o Sr. Delevan. — Certo... mas é assim que fazemos. Se o assunto vem à baila, você — nós — temos de contar. Se não vem, a gente não

conta. É assim que agimos no mundo adulto. Parece uma merda, eu acho, e às vezes é uma merda, mas é assim que agimos. Pode conviver com isto?

— Sim... acho que posso.

— Tudo bem, Vamos indo.

Os dois desceram a entrada de carros lado a lado, correndo o zíper de seus blusões. O vento brincou com os cabelos nas têmporas de John Delevan, e Kevin notou pela primeira vez — com inquieta surpresa — que seu pai começava a ficar grisalho naqueles pontos.

— Não foi nenhuma negociata, afinal — disse o Sr. Delevan, e parecia falar consigo mesmo. — Nunca é, com Pop Merrill. Ele não é o tipo de sujeito para negociatas, se entende o que quero dizer.

Kevin assentiu.

— Ele é um homem razoavelmente rico, compreenda, mas aquela sua loja de sucata não é o motivo disso. Ele é a versão de Castle Rock para Shylock.

— De quem?

— Não importa. Você terminará lendo a peça, mais cedo ou mais tarde, se o ensino não for inteiramente para o inferno. Ele empresta dinheiro, a juros mais altos do que os permitidos por lei.

— Porque as pessoas pedem dinheiro emprestado a ele? — perguntou Kevin.

Estavam agora caminhando para o centro da cidade, sob árvores de onde as folhas vermelhas, purpúreas e douradas, viravam-se lentamente para baixo.

— Porque — disse o Sr. Delevan acidamente — elas não conseguem um empréstimo em nenhum outro lugar.

— Você quer dizer que o crédito delas não é bom?

— Mais ou menos isso.

— Bem, mas nós... você...

— Sim, estamos indo bem agora. Só que, nem sempre fomos bem. Logo que eu e sua mãe nos casamos, estávamos conseguindo viver muito bem.

Ele ficou calado um momento, e Kevin não o interrompeu.

— Bem, havia um sujeito, certo ano, que era terrivelmente fanático pelos Celtics

— disse seu pai. Estava olhando para os pés, como se temesse pisar em uma rachadura no piso e sofrer algum azar. — Elas iam jogar pelo desempate, com os Seventy-Sixers de Filadélfia. Eles — os Celtics — eram os favoritos, mas não tanto quanto de costume.

Eu tinha o pressentimento de que os Seventy-Sixers iam vencê-los, que aquele seria o seu ano de sorte.

Ele olhou rapidamente para o filho, quase escondendo o olhar, como um ladrão de loja que surrupiasse um objeto pequeno, mas de certo valor, em seguida enfiando-o dentro do casaco. Em seguida, tornou a concentrar-se nas rachaduras da calçada.

Estavam agora descendo a Castle Hill e rumavam para o sinal luminoso no cruzamento da Lower Main Street e Watermill Lane. Além do cruzamento, o Riacho Castle era cruzado pelo que os locais chamavam de Ponte de Lata. O topo da sua estrutura se delineava contra o céu azul-escuro de outono, em perfeitas formas geométricas.

— Imagino que seja essa sensação, essa especial certeza, que infecta os pobres coitados que perdem suas contas de banco, suas casas, seus carros e mesmo as roupas que vestem, nos cassinos e jogos de pôquer em salas no fundo das casas de jogatina.

“Naqueles tempos, eu fazia uma aposta amistosa sobre um jogo de futebol ou durante o campeonato de beisebol com alguém. Penso que cinco dólares era o máximo, mas geralmente era bem menos do que isso, apenas qualquer coisa simbólica, como vinte e cinco centavos ou talvez um maço de cigarros.

Desta vez foi Kevin quem lançou um olhar furtivo para ele, mas um olhar que somente o Sr. Delevan captou, com ou sem rachaduras na calçada.

— Sim, naqueles dias eu também fumava. Hoje, não fumo e não aposto. Nunca mais, desde aquela última aposta. Ela me curou.

mais, desde aquela última aposta. Ela me curou.

“Naquela época, eu e sua mãe tínhamos apenas dois anos de casados. Vocês ainda não haviam nascido. Eu trabalhava como assistente de supervisor, trazendo para casa cerca de cento e dezesseis dólares por semana. De qualquer modo, era o que vinha no meu cheque de pagamento, quando o governo finalmente o entregava.

“Esse sujeito tão fanático pelos Celtics era um dos engenheiros. Chegava a trabalhar usando um daqueles blusões verdes para aquecimento dos Celtics, do tipo que tem o emblema do trevo nas costas. Na semana anterior ao jogo de desempate, ele repetia que gostaria de encontrar alguém com coragem e burrice bastantes para apostar no Seventy-Sixers, porque tinha quatrocentos dólares apenas esperando para dar-lhe um lucro.

“Aquela voz dentro de mim ficava cada vez mais forte, e um dia antes do começo dos jogos pelo campeonato procurei-o na folga do almoço. Eu estava tão assustado, que meu coração parecia querer saltar do peito.

— Porque você não tinha quatrocentos dólares — disse Kevin. — O outro cara tinha, mas não você.

Olhava agora abertamente para o pai, a câmara de todo esquecida pela primeira vez, desde sua visita inicial a Pop Merrill. O prodígio que a Sun 660 vinha executando ficara perdido — por algum tempo, enfim — diante deste mais recente e mais espetacular prodígio: quando jovem, seu pai havia feito algo que era pura idiotice, exatamente como Kevin sabia que outros homens faziam, exatamente como ele próprio poderia fazer um dia, quando entregue a si mesmo, sem qualquer membro adulto da tribo dos Racionais para protegê-lo de algum terrível impulso, algum desvairado instinto. Parecia que, por um breve período, seu pai fora um membro da tribo dos Instintivos. Algo difícil de crer, mas não estava ali a prova?

— Correto.

— No entanto, você apostou com ele.

— Não imediatamente — disse seu pai. — Eu disse a ele que, em minha opinião, os Seventy-Sixers venceriam o campeonato, mas que quatrocentas pratas eram muito dinheiro para um sujeito arriscar, quando não passava de assistente de supervisor.

supervisor.

— Entretanto, você nunca abriu o jogo e disse a ele que não tinha o dinheiro.

— Receio ter feito mais do que isso, Kevin. Dei a entender que tinha. Disse que não podia dar-me ao luxo de perder quatrocentos dólares, e isso não foi sincero, para dizer o mínimo. Falei que não podia arriscar esse tipo de dinheiro em uma aposta com probabilidade iguais para as duas equipes — ainda não estava mentindo, entenda, mas quase chegando lá. Você compreende?

— Sim.

— Não sei o que teria acontecido — talvez nada — se o capataz não houvesse feito soar o sinal de volta ao trabalho naquele instante. No entanto, o sinal soou, e este engenheiro ergueu as mãos, dizendo, “Se você quiser, filho, eu lhe dou dois por um. Não faz diferença para mim. Ainda continuarei com meus quatrocentos no bolso”. E antes que eu soubesse o que acontecia, trocávamos um aperto de mão diante de meia dúzia de homens olhando — e eu estava comprometido, para o melhor ou o pior. Quando fui para casa essa noite, pensei em sua mãe, no que ela diria se soubesse. Então, rodei o velho Ford que eu tinha para a margem da estrada, abri a porta do carro e vomitei.

Uma viatura policial descia a Rua Harrington, ululando. Norris Ridgewick dirigia e Andy Clutterbuck estava no banco do passageiro. Clut ergueu a mão, quando a viatura dobrou à esquerda, para a Rua Principal. John e Kevin Delevan levantaram-se as mãos em retribuição, e o outono cochilou pacificamente em torno deles, como se John Delevan jamais houvesse sentado à porta de seu velho Ford e vomitado na poeira da estrada, entre os próprios pés.

Pai e filho cruzaram a Rua Principal.

— Bem... quase se poderia dizer que eu receberia meu dinheiro da aposta de volta.

Os Sixers esperaram até os últimos segundos da sétima partida, quando então um daqueles filhos da mãe irlandeses — esqueço o nome dele — roubou a bola de Hal Greer, fez o diabo com ela e lá se foram os quatrocentos dólares que eu não tinha.

Quando paguei para aquele maldito engenheiro no dia seguinte, ele disse que “ficara um pouco nervoso perto do final do jogo”. Foi tudo. Eu gostaria de fúrar-

lhe os olhos com os polegares!

— Você pagou a ele no dia seguinte? Como conseguiu isso?

— Como eu lhe disse, parecia uma febre. Assim que apertamos as mãos, fechando a aposta, a febre passou. Desejei como louco poder ganhar aquela aposta, mas sabia que precisa pensar em um jeito de pagá-la, caso perdesse. Havia mais em jogo do que apenas quatrocentos dólares. Havia a questão de meu emprego, é claro, e o que poderia acontecer se eu não pudesse pagar ao sujeito com quem apostara. Afinal de contas, ele era um engenheiro e, tecnicamente, meu chefe. Aquele sujeito era filho da mãe o suficiente para conseguir minha demissão, caso eu não pagasse a aposta.

Não seria por causa da aposta, mas ele encontraria algo, e teria sido algo capaz de constar em minha ficha profissional em grandes letras vermelhas, além do mais.

Entretanto, essa não era a maior coisa. Nem de longe.

— E o que era?

— Sua mãe. Nosso casamento. Quando a gente é jovem, sem ter um penico para mijar ou uma janela por onde jogar o mijo fora, um casamento está em tensão o tempo todo. Pouco importa quanto um ama o outro, o casamento é como um burro de carga sobrecarregado, com a gente sabendo que ele pode cair de joelhos ou mesmo tombar morto se todas as coisas erradas acontecerem nos momentos errados.

Não creio que ela se divorciasse de mim por causa de uma aposta de quatrocentos dólares, mas eu daria tudo para não descobrir com certeza. Assim, depois que a febre passou, vi que eu podia ter apostado um pouco mais do que quatrocentos dólares.

Aquela aposta talvez significasse todo o meu maldito futuro.

Eles agora aproximavam-se do Emporium Galorium. Havia um banco na orla do parque público da cidade, e o Sr. Delevan fez um gesto a Kevin para que se sentasse.

— Não falta muito para contar — disse ele, e depois deu uma risada. Era um

som rangente, comprimido, como um motorista inexperiente fazendo a mudança.
— É doloroso alongar-me muito, mesmo depois de todos estes anos.

Os dois sentaram-se no banco, e o Sr. Delevan terminou a história de como ficou conhecendo Pop Merrill, enquanto olhavam através do parque, com o coreto no centro.

— Fui procurá-lo na mesma noite em que fiz a aposta — disse ele. — Falei para sua mãe que ia comprar cigarros. Fui depois que escureceu, a fim de que ninguém me visse. Ninguém da cidade, quero dizer. Então, todos ficariam sabendo que eu me metera em alguma enrascada, o que não era meu desejo. Entrei, e Pop disse, “O que um homem do trabalho como o senhor, está fazendo em um lugar como este, Sr. Delevan?" e eu lhe contei o que tinha feito. Ele disse, “Acabou de fazer uma aposta, e já enfiou na cabeça a ideia de que vai perder!" Eu respondi, “Se perder, quero ter certeza de que não perderei mais nada".

“Ele riu quando ouviu isso.'Respeito um homem prudente,’ disse ele. Sinto que posso confiar no senhor. Se os Celtics vencerem, venha procurar-me. Cuidarei do seu caso. O senhor tem um rosto honesto.’

— E isso foi tudo? — perguntou Kevin. Na matemática do oitavo grau, eles haviam tido uma aula sobre empréstimos, e a maioria da lição estava ainda em sua cabeça. —

Ele não exigiu nenhuma, bem... garantia?

— As pessoas que procuram Pop não têm garantias para oferecer — disse seu pai.

— Ele não faz trapaças em empréstimos; não quebra as pernas dos que não pagam, como a gente vê nos filmes. Entretanto, ele tem maneiras de forçar as pessoas.

— Que maneiras?

— Não vem ao caso agora — disse John Delevan. — Terminado o último jogo do campeonato, subi para dizer a sua mãe que ia sair para comprar cigarros — novamente. Entretanto, ela estava dormindo, de maneira que não precisei dizer a mentira.

Já era tarde, enfim, tarde para os padrões de Castle Rock. Ia dar onze da noite, porém a loja dele estava acesa, eu sabia que estaria. Ele me deu o dinheiro em notas de dez.

Tirou-as de uma velha lata de biscoitos. Todos aqueles dez dólares. Lembro-me muito bem. Estavam amarfanhadas, mas Pop as alisou. Quarenta notas de dez dólares, com ele as contando como um caixa de banco, fumando aquele cachimbo, com os óculos firmados no alto da cabeça, e por apenas um segundo senti vontade de quebrar-lhe os dentes. Em vez disso, agradeci a ele. Você não imagina o quanto pode ser duro dizer “muito obrigado” algumas vezes. Espero que nunca se veja na mesma situação que eu. Ele disse, “Entendeu bem os meus termos, não?” Respondi que tinha entendido, e ele acrescentou, “Muito bem. Não estou preocupado com o senhor. O que quero dizer é que tem um rosto honesto. Vá, resolva seu negócio com o tal sujeito em seu trabalho e então resolva seu negócio comigo. E não faça mais apostas.

Um homem precisa apenas olhar o seu rosto para ver que não tem pendor para jogador”. Assim, peguei o dinheiro e fui para casa. Deixei os quatrocentos dólares debaixo do tapete do velho Ford e fui me deitar ao lado de sua mãe, mas não preguei um olho a noite inteira, porque me sentia sujo. No dia seguinte, entreguei o dinheiro ao engenheiro com quem tinha apostado. Ele contou nota por nota, depois simplesmente as dobrou e enfiou em um bolso da camisa, abotoando a aba do bolso, como se aqueles dólares não tivessem mais importância do que um recibo de gasolina, que entregaria ao empreiteiro-chefe, no fim do dia. Então, batendo em meu ombro, ele disse, “Bem, você é um cara decente, Johnny. Mais do que pensei. Ganhei quatrocentos, mas perdi vinte para Bill Untermayer. Ele apostou que você viria com a grana hoje de manhã cedo, e eu apostei com ele que só a veria lá pelo fim da semana. Se chegasse a vê-la”. — Sempre costumei pagar as minhas dívidas — Eu respondi. "Ora, fique frio", ele disse, tornando a bater-me no ombro. Acho que, desta vez, eu realmente estive a ponto de furar-lhe os olhos com os polegares.

— Quanto de juros Pop cobrou a você, pai?

Seu pai o fitou agudamente.

— Ele permite que o chame assim?

— Permite, por quê?

— Então, cuidado com ele — disse o Sr. Delevan. — Aquele homem é uma serpente!

— Ele deixou escapar um suspiro, como se admitindo a ambos que estava iniciando a questão, e sabia disso. — Dez por cento. Foi o quanto me cobrou de juros.

— Isso não é tan...

— Juros compostos, semanalmente — acrescentou o Sr. Delevan.

Kevin ficou estonteado por um momento. Depois exclamou:

— Oh, mas isso não é ilegal?

— Certo. A lei não permite — retrucou secamente o Sr. Delevan. Olhou para a tensa expressão de incredulidade no rosto do filho, e sua própria tensão amenizou-se. Riu, depois bateu no ombro de Kevin. — Isto é apenas o mundo, Kev — disse. — No fim, acaba mesmo matando todos nós.

— Mas...

— Mas, nada! Essa foi a carga, e ele sabia que eu pagaria. Fiquei sabendo que estavam fazendo contratações para o turno de três às onze, na fábrica em Oxford. Eu disse a você que estava preparado para perder, e procurar Pop não foi a única coisa que fiz. Falei com sua mãe, disse que eu poderia fazer um turno extra na fábrica, por algum tempo.

Afinal, ela estivera querendo um carro novo — e talvez a mudança para um apartamento melhor e algum dinheiro no banco, para qualquer emergência financeira.

Ele deu uma risada.

— Bem, a emergência financeira já tinha acontecido, só que ela não sabia, e fiz os piores esforços para que continuassem ignorando. Eu não sabia se ia aguentar, mas pretendia dar tudo de mim. Sua mãe foi absolutamente contra a ideia. Disse que eu acabaria me matando de tanto trabalhar, em um regime de dezesseis horas diárias.

Disse que aquelas máquinas eram perigosas, que a gente estava sempre lendo

Disse que aquelas máquinas eram perigosas, que a gente estava sempre lendo nos jornais sobre alguém perdendo um braço, uma perna ou até sendo morto esmagado por aqueles rolos compressores. Respondi que não se preocupasse, que meu trabalho seria na sala de seleção, com um salário pequeno, mas serviço sentado; que se de fato fosse demais para mim, eu desistiria. Ela continuou contra. Alegou que então procuraria um emprego, mas eu a dissuadi disso. Compreenda, era a última coisa que eu desejaria.

Kevin assentiu.

— Falei para ela que deixaria esse trabalho extra dentro de seis meses, oito no máximo. Fui até lá e eles me contrataram, mas não para trabalhar na sala de seleção.

Meu serviço era no galpão das máquinas, eu tinha que transferir matéria-prima para um mecanismo que parecia o espremedor de roupas de uma gigantesca máquina de lavar. Era um trabalho perigoso, não há dúvidas; se você ficasse desatento um segundo ou deixasse as idéias dispersas — e era difícil a gente concentrar-se naquilo, porque era uma coisa infernalmente monótona — podia perder parte de si mesmo, inclusive a vida. Vi um homem perder a mão em um rolo compressor certa vez, e nunca mais desejo ver aquilo novamente. Foi como ver uma carga de dinamite explodir dentro de uma luva de borracha, cheia de carne.

— Puta merda! — exclamou Kevin.

Era raro ele soltar tais palavras diante do pai, porém este pareceu nem perceber.

— Seja como for, eu ganhava dois dólares e oitenta centavos por hora e, após dois meses, fui aumentado para três e dez — disse ele. — Era o inferno! Eu trabalhava no projeto da estrada o dia inteiro — pelo menos, era início da primavera, não fazia calor — e depois disparava para a fabrica, forçando aquele Ford ao máximo, para não chegar atrasado. Tirava o uniforme cáqui e mal tinha tempo de enfiar um blue-jeans e uma camiseta, para ficar trabalhando nos rolos compressores das três às onze. Chegava em casa por volta de meia-noite, e a pior parte eram as noites em que sua mãe ficava me esperando acordada — o que ela fazia duas ou três noites na semana — e eu tendo que agir alegremente, cheio de animação, quando mal conseguia caminhar em linha reta, de tão cansado que estava. Porque se ela percebesse a minha exaustão...

— Faria você largar esse trabalho.

— Exatamente. Era o que ela faria. Portanto, eu me mostrava animado e conversador, contava para ela histórias divertidas sobre a sala de seleção onde eu não trabalhava, às vezes me perguntando o que aconteceria, caso ela decidisse ir de carro até lá qualquer noite — para levar-me um jantar quente ou coisa assim. Eu representava multo bem, mas uma parte do que sentia pareceu transpirar, porque ela vivia dizendo que era tolice esforçar-se daquele jeito por tão pouco — e o que eu ganhava era realmente uma miséria, depois que o governo bicava a sua parte e Pop bicava a dele. Seria mais ou menos o salário mínimo de um cara trabalhando na sala de seleção. Eles pagavam nas tardes de quarta-feira e eu sempre dava um jeito de pegar meu cheque no escritório antes que as moças encerrassem o expediente.

“Sua mãe nunca viu um daqueles cheques.

“Na primeira semana, paguei cinquenta dólares a Pop — quarenta de juros e dez para descontar dos quatrocentos, ficando minha dívida em trezentos e noventa dólares. Eu era como um zumbi ambulante. Na estrada, sentava em meu carro na hora do almoço, comia meu sanduíche e depois dormia, até o capataz tocar seu maldito sinal. Eu odiava aquela sineta.

“Paguei a Pop cinquenta dólares na segunda semana — trinta e nove de juros, onze para descontar do capital — a dívida baixando para trezentos e setenta e nove dólares.

Eu me sentia como um passarinho, tentando comer uma montanha com uma bicada de cada vez.

“Na terceira semana, quase fui apanhado pelo rolo compressor, o que me deixou tão apavorado, que despertei por alguns minutos — os suficientes para ter uma ideia, enfim, de maneira que aquilo talvez fosse uma bênção disfarçada. Eu tinha que parar de fumar. Não entendia como não havia pensado nisso antes. Naquele tempo, um maço de cigarros custava quarenta centavos. Eu fumava dois maços por dia. Seriam cinco dólares e sessenta centavos por semana!

“Tínhamos uma folga para fumar a cada duas horas. Olhei para meu maço de Tareyton e vi que tinha dez, talvez doze cigarros. Fiz aqueles cigarros durarem uma semana a meia, e nunca mais comprei outro maço.

“Levei um mês sem saber se conseguia ou não parar de fumar. Houve dias em

que, quando o despertador tocava às seis horas, eu achava que não ia conseguir, que simplesmente precisava contar tudo a Mary e aceitar o que ela decidisse. Entretanto, quando o segundo mês começou, achei que tudo ia dar certo. Penso até hoje terem sido aqueles cinco e sessenta a mais por semana — isso e as garrafas de cerveja e soda que recolhia na beira da estrada, para ganhar alguns trocados com a devolução — que fizeram a diferença. Já abatera o capital para trezentos dólares, isso significando que poderia abater vinte e cinco, Vinte e seis dólares semanais, cada vez reduzindo-o mais, à medida que o tempo passava.

“Então, em fins de abril, terminamos o projeto da estrada e tive uma semana de folga, com pagamento. Falei a Mary que me preparava para deixar o trabalho na fábrica, e ela disse graças a Deus. Passei aquela semana de folga do meu emprego normal trabalhando todas as horas que pude na fábrica, fazendo um expediente e meio. Nunca sofri um acidente. Eu via os outros, homens mais novos e mais atilados do que eu serem acidentados, mas sempre fui poupado. Não sei por quê. No fim daquela semana, dei cem dólares a Pop Merrill e dei meu aviso prévio de uma semana na fábrica de papel. Após esta última semana, eu havia reduzido a dívida o suficiente para poder pagar com o ordenado do emprego normal, sem que sua mãe percebesse.

O Sr. Delevan deu um profundo suspiro.

— Agora, você sabe como conheço Pop Merrill e por que não confio nele. Levei dez semanas no inferno e ele colheu o suor de meu rosto e de meu traseiro também, em notas de dez dólares que, sem dúvida, retiraria daquela lata de biscoitos ou qualquer outra, entregando-as a algum outro pobre coitado que se metera em enrascada semelhante à minha.

— Poxa, você deve odiá-lo!

— Não — disse o Sr. Delevan, ficando em pé. — Não o odeio, como também não me odeio. Tive uma febre, nada mais. Poderia ter sido pior. O meu casamento talvez acabasse, e você e Meg nunca teriam nascido, Kevin. Ou eu mesmo talvez me acabasse. Pop Merrill foi a cura. Uma cura brutal, mas que funcionou. O duro de esquecer, é como ele agiu. Recebia cada maldito centavo e o anotava em um livro, guardado em uma gaveta debaixo de sua caixa registradora. Ele via minhas olheiras, via como minhas calças pendiam frouxas nos quadris, e não dizia nada!

Eles caminharam para o Emporium Galorium, sarapintado pelos cartazes

amarelo-desbotados que ficam tempo demais nas vitrines de lojas do interior, sua falsa fachada evidente e descarada ao mesmo tempo. Perto do estabelecimento, Polly Chalmers varria sua calçada e falava com Alan Pangbom, o xerife do condado. Ela parecia jovem e fresca, com os cabelos puxados para trás em um rabo-de-cavalo; ele parecia jovem e heróico, em seu uniforme bem passado. Entretanto, as coisas nem sempre eram o que pareciam, e até Kevin sabia disto, apesar de seus quinze anos. O Xerife Pangbom perdera a esposa e o filho mais novo em um acidente de carro naquela primavera, a Kevin ouvira dizer que Polly, jovem ou não, tinha um sério caso de artrite, que poderia deixá-la inválida antes de transcorridos muitos anos. As coisas nem sempre eram o que pareciam. Este pensamento o fez olhar novamente para o Emporium Galorium... e depois para a câmara que ganhara no aniversário, segura em sua mão.

— Ele até me prestou um favor — disse o Sr. Delevan em voz baixa. — Fez com que eu parasse de fumar. Entretanto, não confio nesse homem. Ande com cuidado por perto dele, Kevin. E, não importa o que aconteça, fique calado, deixe a conversa por minha conta. Eu talvez o conheça um pouco melhor agora.

Assim, os dois penetraram no empoeirado e tiquetaqueante silêncio, onde Pop Merrill os esperava perto da porta, com os óculos presos no alto da cabeça e um truque ou dois ainda na manga.

SEIS

— Bem, aí estão os dois, pai e filho! — disse Pop, oferecendo a eles um sorriso admirador de avô. Seus olhos cintilavam por trás de uma névoa de fumaça de cachimbo e, por um momento, Kevin o achou parecido a Papai Noel, embora ele não tivesse barba. — Tem um excelente garoto, Sr. Delevan. Excelente!

— Eu sei — disse o Sr. Delevan. — Fiquei preocupado ao saber que ele tem estado com o senhor, porque quero que meu filho continue assim.

— É duro — disse Pop, com um leve toque de censura. — É duro ouvir isso de um homem que, quando não tinha mais ninguém a quem recorrer...

— Aquilo terminou — disse o Sr. Delevan.

— Hum-hum, hum-hum, foi justamente o que eu queria dizer.

— Contudo, isto aqui ainda não.

— Terminará — disse Pop. Estendeu a mão para Kevin, e este entregou sua câm.. a Sun. — Terminará hoje. — Ele ergueu a câmara, revirando-a nas mãos. — Isto é um artefato. Que tipo de artefato eu não sei, mas seu filho quer destruí-lo, porque o julga perigoso. Acho que ele tem razão, mas eu lhe disse, “Não vai querer que seu pai o considere um maricas, não é mesmo?” Foi o único motivo que tive para que ele o trouxesse até aqui, John...

— Eu prefiro “Sr. Delevan".

— Tudo bem — disse Pop, e suspirou. — Estou vendo que não ficou compreensivo e não acha que passado é passado.

— Exatamente.

Kevin olhou de um homem para outro, com ar angustiado.

— Bem, não faz diferença — disse Pop, mas tanto sua voz como o rosto ficaram frios com visível rapidez, ele não tinha mais a menor semelhança com Papai Noel. —

Quando digo que o passado é passado e que o que está feito está feito, falo

sério...

exceto quando isto afeta o que as pessoas fazem, aqui e agora. Pois quero dizer-lhe uma coisa, Sr. Delevan: eu não jogo sujo, e o senhor sabe disto.

Pop soltou sua magnificente mentira com tal visível frieza, que ambos acreditaram nela. E, por incrível que fosse, o Sr. Delevan até ficou um pouco envergonhado de si mesmo.

— Nosso negócio foi um negócio entre nós. O senhor me disse o que queria, eu lhe disse o que pretendia ter em troca, o senhor o deu, e houve um final no negócio.

Isto aqui é outra coisa. — Então, Pop soltou uma mentira ainda mais magnífica, uma mentira que era simplesmente grande demais para que ninguém acreditasse. — Nisto aqui eu nada tenho em jogo, Sr. Delevan. Meu único intuito é ajudar seu filho. Gosto dele.

Pop sorriu, e Papai Noel estava de volta, tão depressa e forte, que Kevin esqueceu que chegara a desaparecer de cena. Houve ainda mais do que isto: John Delevan, que durante quatro meses trabalhara até a beira da total exaustão e talvez até ameaçado de morrer entre os rolos compressores, a fim de pagar o preço exorbitante exigido por este homem, para compensar um momentâneo lapso de insanidade — John Delevan esqueceu também essa outra expressão.

Pop conduziu-os ao longo de torcidos corredores, por entre o odor da tinta impressa de jornais velhos e deixando para trás os tiquetaqueantes relógios. Deixou a Sun 660 casualmente sobre a mesa de trabalho, um pouco próxima demais da borda (justamente como Kevin tinha feito em casa, após bater aquela primeira foto) e então seguiu para a escada no fundo do prédio, que subia para seu pequeno apartamento. Ali havia um velho espelho empoeirado, pendurado na parede dos fundos, e Pop olhou para ele, a fim de ver se o garoto ou o pai pegariam a câmara ou a moveriam para mais longe da borda da mesa. Não achava que algum deles fizesse uma coisa ou outra, porém era uma possibilidade.

Pai e filho lançaram apenas um olhar de passagem para a câmara, e quando Pop os conduziu para a escada estreita, com os degraus protegidos por pisos antigos de borracha desgastada, ele sorriu de uma forma extremamente desagradável para quem a visse, enquanto pensava, Droga, eu sou bom!

Pop abriu a porta e eles entraram no apartamento.

John e Kevin Delevan jamais haviam estado nos aposentos particulares do velho, e John sabia que ninguém já estivera ali. De certo modo, o fato não chegava a surpreender; jamais alguém consideraria Pop o cidadão local número um. Para John Delevan, era impossível que o velho cretino tivesse um ou dois amigos — o mundo parecia nunca exaurir-se em suas excentricidades — mas se tivesse, ele ignorava quem fossem.

Kevin pensou momenaneamente no Sr. Baker, seu professor favorito. Perguntou-se se, por acaso, o Sr. Baker já se houvera metido em algum buraco, precisando que um sujeito como Pop o ajudasse a sair dele. Achava essa ideia tão improvável como seu pai achara improvável que o velho tivesse amigos... mas então, uma hora atrás, o pensamento de que seu próprio pai...

Bem, talvez fosse melhor deixar isso de lado.

Pop tinha um amigo (ou pelo menos um conhecido) ou dois, porém não os levava ali. Não queria. Aquela era a sua casa, um lugar que poderia revelar sua verdadeira natureza, em um grau maior do que ele pretendia tomar conhecida. O local esforçava-se para ser ordenado, mas não conseguia. O papel de parede estava manchado de água; eram manchas um tanto dissimuladas, mas firmes e acastanhadas, como os pensamentos obcecantes que perturbam mentes ansiosas. Havia pratos sujos na pia antiquada e, embora a mesa estivesse limpa e fechada a tampa de plástico do depósito de lixo, pairava no ambiente um odor de sardinhas e de algo mais — pés não lavados, talvez — que quase não estava ali. Um odor tão permanente e dissimulado como as manchas d’água no papel de parede.

A sala de estar era minúscula. Ali, o cheiro não era de sardinhas e (talvez) de pés, mas de fumaça velha de cachimbo. Duas janelas se abriam para nada mais cênico do que o beco atrás da Rua Mulberry, e embora as vidraças mostrassem alguns indícios de terem sido lavadas — pelo menos espanadas ocasionalmente —, os cantos eram embaciados e gordurosos, com anos de fumaça condensada. Todo o lugar tinha um ar de coisas desagradáveis varridas para baixo dos tapetes desbotados e esfiapados ou escondidas debaixo da poltrona e do sofá, antiquados e excessivamente estufados. Estas peças de mobiliário eram verde-claras, e os olhos queriam afirmar que combinavam entre si, mas não podiam, pois não era verdade. Não de todo.

Naquele aposento, as únicas coisas novas eram um enorme aparelho de televisão Mitsubishi, de vinte e cinco polegadas, e um gravador de vídeo, na mesinha ao seu lado. A esquerda da mesinha, um rack chamou a atenção de Kevin, por estar inteiramente vazio. Pop achara mais conveniente enfiar no armário, por enquanto, todos os seus mais de setenta filmes pornográficos.

Um videocassete descansava em cima da televisão, em uma embalagem sem marcas.

— Sentem-se — convidou Pop, indicando o sofá de assento cheio de altos e baixos.

Ele foi até a televisão e tirou o videocassete da caixa. O Sr. Delevan contemplou o sofá com momentânea expressão de dúvida, como se desconfiasse que tivesse percevejos, para então sentar-se cautelosamente. Kevin sentou-se ao lado dele. O medo voltara, mais forte do que nunca.

Pop ligou o vídeo, introduziu o cassete e o empurrou de volta ao lugar.

— Conheço um sujeito lá na cidade — começou ele (para os moradores de Castle Rock e pequenas cidades vizinhas, “lá na cidade” sempre significava Lewinston) — que há uns vinte anos tem uma loja de câmaras. Ele entrou nesse negócio de vídeo assim que isso começou, disse que ia ser a onda do futuro. Queria que eu entrasse de sócio, mas achei que o cara era doido. Bem, eu estava errado quanto a isso, é o que quero dizer, mas...

— Vá direto ao assunto — disse o pai de Kevin.

— Estou tentando — replicou Pop, arregalando os olhos e parecendo ofendido. —

Se me permitir.

Kevin empurrou de leve o cotovelo contra as costelas do pai, e o Sr. Delevan não disse mais nada.

— De qualquer modo, faz uns dois anos, ele descobriu que alugar fitas para as pessoas verem não era a única maneira de ganhar dinheiro com estas engenhocas. Quem quisesse investir tão pouco como oitocentas pratas, poderia colocar filmes e instantâneos de clientes em um teipe para eles. Assim, ficavam muito mais fáceis de ver.

muito mais fáceis de ver.

Kevin emitiu um ruído involuntário. Pop sorriu e assentiu.

— Hum-hum. Você bateu cinquenta e oito fotos com aquela sua câmara e vimos que cada uma era ligeiramente diferente da última. Imagino que saibamos o que isso significa, mas eu queria ver por mim mesmo. Ninguém precisa ser do Missouri para me mostrar, é o que quero dizer.

— O senhor tentou fazer um filme com aqueles instantâneos? — indagou o Sr. Delevan.

— Eu não tentei — disse Pop. — Eu fiz. Ou melhor, o meu conhecido lá da cidade fez, porém a ideia foi minha.

— Isto aí é um filme? — perguntou Kevin.

Ele compreendia o que Pop havia feito e estava um tanto chateado por não ter tido a mesma ideia, mas em geral sentia-se tomado de admiração (e delícia) com ela.

— Veja por si mesmo — disse Pop, e ligou a televisão. — Cinquenta e oito retratos.

Quando esse meu conhecido passa os instantâneos para filmes, em geral programa cada um para cinco segundos — tempo suficiente para dar-se uma boa espiada, diz ele, mas não demasiado para entediar, antes que se veja o seguinte. Eu disse que queria cada foto durando um segundo apenas e que as colocasse em sequência correta, sem falhas.

Kevin recordou uma brincadeira que costumava fazer no primário, ao terminar uma aula e ficar com tempo livre para o início da próxima. Ele tinha um bloco de notas barato, denominado Bloco Escolar Arco-Íris, porque continha trinta pequenas páginas amarelas, depois trinta rosadas, em seguida mais trinta verdes, e por aí adiante. Para fazer a brincadeira, ia-se até a última página e, na parte inferior, desenhava-se um homem parecendo um boneco feito de palitos, usando um calção largo e com os braços estendidos para fora. Na página seguinte era desenhado o mesmo homem, parado no mesmo lugar e com o mesmo calção largo, só que agora com os braços ligeiramente erguidos... apenas um pouquinho. Isto era repetido em cada página, até que os braços se erguiam acima da cabeça do boneco. Então, havendo tempo, continuava-se a desenhar o mesmo

bonequinho, mas agora descendo os braços. Em seguida, terminados os desenhos, folheava-se as páginas bem depressa e obtinha-se uma rude espécie de desenho animado, mostrando um boxeador comemorando um nocaute: ele erguia as mãos acima da cabeça, apertava-as, sacudia-as e depois baixava os braços.

Kevin estremeceu, e seu pai olhou para ele.

— Não é nada — murmurou o garoto, meneando a cabeça.

— Assim, o que quero dizer é que a fita roda cerca de um minuto apenas — disse Pop. — A gente precisa observar bem. Prontos?

Não, pensou Kevin.

— Acho que sim — disse Sr. Delevan.

Ele ainda tentava soar contra a vontade e aborrecido, mas Kevin poderia dizer que seu pai ficara interessado, mesmo não querendo.

— Muito bem — disse Pop Merrill, e apertou o botão PLAY.

Kevin tinha repetido incessantemente para si mesmo que era estupidez sentir medo.

Dissera isto a si mesmo e não adiantara nem um pouco.

Já sabia o que ia ver, porque ele e Meg tinham percebido que a Sun fazia algo mais, além de simplesmente reproduzir a mesma imagem, sempre e sempre, como uma copiadora; os dois não demoraram a notar que as fotos expressavam movimento, de uma para a seguinte.

— Veja — havia digo Meg. — O cão está se movendo!

Em vez de responder com uma das tiradas amistosas-mas-irritantes que em geral reservava para a irmã menor, Kevin respondera:

— Sim, está parecendo... mas a gente não tem certeza, Meg.

— Ê claro que se move! — afirmara ela.

Estavam no quarto de Kevin, onde ele estivera olhando languidamente para a

câmara. A Polaroid fora posta no meio da mesa de estudos, ao lado dos novos livros escolares dele, que Kevin pretendia encapar. Meg abaixara a haste flexível do abajur, e a lâmpada lançava um círculo de luz sobre a superfície da mesa. Afastando a câmara para um lado, ela colocou no foco da lâmpada a primeira foto — aquela com a mancha de glacê de bolo.

— Conte as varas da cerca entre a traseira do cão e o lado direito da foto — havia dito.

— Não são varas, são ripas de ponta — disse ele. — Dariam ótimos limpadores quando o nariz da gente entre em greve.

— Ha-ha, engraçadinho! Conte-as!

Ele contou. Podia ver quatro ripas e parte de uma quinta, embora os escarrapachados quartos traseiros do cão obscurecessem mais do que aquela.

— Agora, olhe para esta aqui.

Meg colocou a quarta foto diante dele. Agora, Kevin podia ver toda a quinta ripa e parte da sexta.

Desta maneira, ele sabia — ou julgava saber — que ia ver um cruzamento entre um desenho animado muito antigo e um daqueles “blocos folheados" que ele costumava fazer no curso primário, quando o tempo custava a passar.

Os últimos vinte e cinco segundos do teipe foram realmente isso, e Kevin pensou que seus desenhos em blocos, quando no segundo grau, eram de fato melhores... ele podia perceber a movimentação do boxeador com uniformidade, erguendo e baixando as mãos. Nos últimos vinte e cinco segundos de teipe, a ação transcorria aos arrancos e saltos, fazendo os antigos filmes silenciosos Keystone Kops parecerem maravilhas da cinematografia moderna, se comparados àquilo diante dele.

Não obstante, a palavra-chave era ação, e foi isto que manteve todos eles fascinados, inclusive Pop. Assistiram ao minuto de filme três vezes, em silêncio absoluto. Não havia outro som além da respiração: a de Kevin rápida e uniforme através do nariz, a de seu pai mais profunda, a de Pop um matraquear catarrento em seu peito estreito.

E os mais ou menos primeiros trinta segundos...

Kevin achava que esperara ação; havia ação nos blocos folheados, e havia ação nos desenhos animados das manhãs de sábado — que eram apenas edições levemente mais sofisticadas do que a versão dos blocos folheados — mas não havia esperado que os primeiros trinta segundos do filme fossem diferentes de páginas de blocos escolares folheados rapidamente ou mesmo um desenho animado primitivo na televisão: naqueles trinta segundos iniciais (vinte e oito, enfim), suas fotos Polaroid mostravam uma fantasmagórica semelhança com um filme real. Não um filme de Hollywood, é claro, nem mesmo um filme de horror produzido com orçamento baixo, do tipo que Megan por vezes o infernizava a fim de que os alugasse para seu próprio videocassete, quando os pais de ambos saíam à noite; eram mais como um retalhe de filme caseiro, feito por alguém na posse recente de uma câmara de oito milímetros, sem ainda saber como usá-la direito.

Naqueles vinte e oito segundos iniciais, o vira-lata preto caminhou ao longo da cerca em arrancos quase imperceptíveis, expondo cinco, seis, sete ripas; ele inclusive parou para farejar uma delas outra vez, aparentemente lendo mais um daqueles telegramas caninos. Então continuou a caminhar, de cabeça baixa e indo para a cerca, os quartos traseiros virando-se na direção da câmara. E, mais ou menos na metade desta primeira parte, Kevin notou algo que não tinha visto antes: aparentemente, o fotógrafo movera sua máquina, a fim de manter o cão dentro de foco. Se ele (ou ela) não tivessem feito isto, o cão simplesmente sairia da foto ao prosseguir em sua caminhada, deixando à vista apenas a cerca. As ripas pontudas do extremo direito das duas ou três primeiras fotos desapareciam além da margem direita da fotografia, enquanto que novas ripas surgiam à esquerda. Podia-se afirmar isto porque a ponta de uma daquelas ripas da direita havia sido quebrada. Agora ela não surgia mais no quadro.

O cão tornou a farejar... e então ergueu a cabeça. Sua orelha sadia empinou-se; aquela que ficara machucada e flácida em alguma briga de muito tempo atrás tentou fazer o mesmo. Não havia som algum, mas Kevin sentia, com uma certeza a toda prova, que o cão começara a rosnar. Ele havia sentido alguma coisa ou alguém. O que ou quem?

Kevin olhou para a sombra que a princípio tinham julgado ser de um galho de árvore ou talvez de um poste telefônico, e adivinhou.

O cão começava a virar a cabeça... e foi então que começou a segunda metade

daquele estranho “filme’’, trinta segundos de ação saltitante, que deixava a cabeça doendo e os olhos ardendo. Pop havia tido um palpite, pensou Kevin, ou talvez houvesse lido antes alguma coisa sobre isto. De um ou outro modo, a coisa funcionara, sendo evidente demais para precisar de explicações. Com as fotos batidas bem juntas entre si, se não exatamente uma após outra, a ação quase fluía, no “filme” improvisado. Não inteiramente, mas quase. Entretanto, quando era espaçado o tempo entra as fotos, o que eles viam se tomava algo que nauseava os olhos, porque estes queriam ver uma foto móvel ou uma série de fotos imóveis — em vez disto vendo as duas coisas, mas também nem uma e nem a outra.

O tempo estava passando naquele raso mundo Polaroid. Não à mesma velocidade em que passava neste mundo.

(real?)

ou o sol ali teria subido (ou descido) já três vezes, e o que quer que o cão fosse fazer teria feito (caso tivesse algo a fazer) e, em caso contrário, ele simplesmente desapareceria, restando apenas a imóvel e aparentemente eterna cerca de ripas erodidas, guardando o retalho de gramado maltratado — mas estava passando.

A cabeça do cão se virava para encarar o fotógrafo, dono daquela sombra, como a cabeça de um cão pronto para saltar: em um momento, a cara e mesmo a forma da cabeça ficaram obscurecidos por aquela orelha flácida; em seguida, via-se um olho negro-castanho, circundado por um halo redondo e de certo modo sujo, que fez Kevin pensar em uma clara de ovo estragada; depois via-se metade do focinho, com a boca parecendo levemente franzida, como se o cão estivesse preparando-se para latir ou rosnar; por fim, surgiam três quartos da cara, de algum modo mais terrível do que a cara que um cão qualquer tinha o direito de mostrar, mesmo sendo vira-lata.

Os salpicos brancos ao longo do focinho, sugeriam que o animal não era mais jovem.

Bem no final do teipe, era possível ver-se que a boca do cão estava realmente arreganhando-se. Havia um relance de branco, que Kevin julgou ser um dente. Ele só o viu quando da terceira rodada do filme. O olho é que o tinha impressionado. Era um olho homicida. Aquele cão sem raça quase gritava que era um patife. E ele não tinha nome, Kevin sabia muito bem. Ele sabia, sem a menor sombra de dúvida, que nenhum homem Polaroid, mulher Polaroid ou

criança Polaroid daria àquele animal o nome de cão Polaroid; ele era um extraviado, nascido extraviado, criado extraviado, ficado velho e egoísta extraviado, era o avatar de todos os cães que já perambularam pelo mundo, sem nome e sem lar, matando galinhas, comendo lixo de latas que há muito tinham aprendido a derrubar, dormindo em valas ou debaixo dos alpendres de casas desertas. Sua inteligência podia ser curta, mas os instintos seriam aguçados e lutadores. Ele...

Quando Pop Merrill falou, Kevin estava tão profunda e fundamentalmente absorto em seus pensamentos, que teve um sobressalto e quase gritou de susto.

— Quanto ao homem que bateu estas fotos — dizia ele. — Se houve uma pessoa, é o que quero dizer — o que imaginam que aconteceu a ele?

Pop tinha congelado o último quadro com seu controle remoto. Uma linha de estática percorria a foto. Kevin desejou que ela corresse através do olho do cão, porém a linha seguia mais abaixo. Aquele olho os encarava, malévolo, estupidamente assassino — não, não estupidamente, não de todo, e isso é que o tornava não apenas amedrontador, mas aterrorizante — e ninguém precisava responder à pergunta de Pop. Não havia mais necessidade de outras fotos para adivinhar-se o que aconteceria em seguida. O cão talvez tivesse ouvido algo: era claro que tinha ouvido, e Kevin sabia disso. Ele ouvira aquele chorinho lamentoso.

Novas fotos o mostrariam continuando a virar-se, começando a encher mais e mais em cada quadro, até não haver outra coisa a ver-se além do cão — nenhum gramado maltratado, nenhuma cerca, nenhuma calçada, nenhuma sombra. Apenas o cão.

Que pretendia atacar.

Que pretendia matar, se pudesse.

A voz seca de Kevin parecia provir de outra pessoa:

— Acho que ele não gosta de tirar retrato.

A curta risada de Pop soou como um monte de gravetos secos quebrados sobre um joelho, para acenderem um fogo.

— Volte o filme — disse o Sr. Delevan.

— Volte o filme — disse o Sr. Delevan.

— Quer ver a coisa toda outra vez? — perguntou Pop.

— Não — apenas os dez últimos segundos mais ou menos.

Pop usou o controle remoto para fazer o filme voltar, depois o rodou de novo.

O cão virava a cabeça, tão intermitente de movimento, como um robô já velho e gasto, mas ainda perigoso. Kevin sentiu vontade de dizer a eles, Parem agora!

Parem! Já basta! Apenas parem e vamos quebrara câmara! Porque havia algo mais, não havia? Algo em que não queria pensar, mas sobre o que logo pensaria, querendo ou não; podia senti-lo avolumando-se em sua mente, como o dorso amplo de uma baleia.

— Mais uma vez — disse o Sr. Delevan. — Agora, quadro por quadro. Pode fazer isso?

— Hum-hum — disse Pop. — A maldita máquina faz tudo, menos lavar roupa.

Agora, um quadro, uma foto de cada vez. A coisa não parecia mais um robô — ou não exatamente — era algo como algum estranho relógio, algo pertencente aos outros artigos de Pop no andar de baixo. Pular. Pular. Pular. A cabeça se virando.

Logo estariam sob o foco daquele olho impiedoso, não-inteiramente-imbecil.

— O que é aquilo? — perguntou o Sr. Delevan.

— Aquilo o quê? — perguntou Pop.

Era como se ignorasse ser aquilo a coisa sobre a qual o garoto não quisera falar aquele dia, a coisa — estava convencido — que fizera Kevin decidir-se a destruir a câmara, de uma vez por todas.

— Debaixo do pescoço dele — disse o Sr. Delevan, e apontou. — Ele não está usando coleira ou uma etiqueta, mas tem algo em torno do pescoço, em uma corda fina ou barbante.

— Eu não sei — disse Pop, imperturbável. — Talvez seu filho saiba. Gente nova tem idéias mais aguçadas do que nós, os velhos.

tem ideias mais aguçadas do que nós, os velhos.

O Sr. Delevan se virou para Kevin.

— Você consegue distinguir?

— Eu... — Kevin se calou. — Bem, é pequeno demais.

Sua mente retornou ao que o pai lhe tinha dito, quando saíam de casa: Se ela nunca perguntar a você, nunca terá que contar-lhe... E assim que agimos, no mundo adulto. E bem agora ele perguntava a Kevin se podia distinguir o que era aquela coisa sob o pescoço do cão. Kevin não respondera de fato à pergunta, havia dito outra coisa.

É pequeno demais. E pronto. O fato de saber o que era, a despeito disso... bem...

Como seu pai denominara aquilo? Deslizar até a borda de uma mentira?

Em realidade, ele não enxergava a coisa. Não realmente. Pois, mesmo assim, sabia o que era. O olho apenas sugerira; o coração entendera. Assim como seu coração entendia que, se ele estivesse certo, a câmara devia ser destruída. Tinha que ser.

Nesse momento, Pop Merrill teve uma súbita e agradável inspiração. Levantando-se, desligou a televisão.

— Tenho as fotos lá embaixo — disse. — Trouxe-as de volta com o vídeo. Também vi essa coisa e passei minha lente sobre ela, mas não poderia dizer... enfim, ela parece familiar, que Deus me perdoe. Esperem enquanto apanho as fotos e minha lente.

— Podíamos descer com o senhor — disse Kevin.

Era a última coisa que Pop desejava no mundo, mas então Delevan interveio — que Deus o abençoasse por isso — dizendo que talvez quisesse olhar o teipe novamente, depois de estudarem as últimas duas fotos com a lente.

— É só um minuto — disse Pop.

O velho desapareceu de vista, animado como um passarinho saltando de galho para galho em uma macieira. Desapareceu antes que qualquer dos dois

protestasse, caso pensassem nisso. Kevin ficou calado. Aquele pensamento finalmente introduziria as costas monstruosas em sua mente e, querendo ou não, ele era forçado a contemplá-lo.

Era simples, como é simples o dorso de uma baleia — pelo menos aos olhos de quem não faz do estudo das baleias um meio de vida — e era colossal, da mesma forma.

Não se tratava de uma ideia, mas de uma simples certeza. Tinha a ver com àquela curiosa insipidez que as fotos Polaroid sempre pareciam ter, com a maneira pela qual mostravam-nos coisas somente em duas dimensões, embora qualquer foto fizesse isso; entretanto, outras fotos davam a impressão de pelo menos sugerir uma terceira dimensão, inclusive aquelas batidas com uma simples Kodak 110.

As coisas nas suas fotos — por falar nisto, coisas que jamais vira através do visor da Sun ou qualquer outro — eram desse mesmo jeito: insípidas, descaradamente bidimensionais.

Com exceção do cão.

O cão não era insípido. O cão não era inexpressivo, uma coisa que se pode identificar, mas que não possui qualquer impacto emocional. O cão não somente parecia sugerir três dimensões, mas realmente tê-las, da maneira como um holograma parece realmente tê-las ou um daqueles filmes em 3-D, nos quais se precisa usar óculos especiais a fim de que as imagens duplas se reconciliem.

Ele não é um cão Polaroid, pensou Kevin, e não pertence ao mundo de que as Polaroid tiram fotos. Sei que isso é loucura, mas também sei que é verdade. Então, o que significa tudo? Por que minha máquina está tirando fotos dele, sem parar... e que homem Polaroid ou mulher Polaroid está tirando fotos dele? Será que esse homem ou essa mulher chegaram a vê-lo? Se ele FOR um cão tridimensional em um mundo bidimensional, talvez o fotógrafo ou fotógrafa não o vissem... não pudessem vê-lo. Ouvimos dizer que o tempo é a quarta dimensão, sabemos que ele existe, porém não podemos vê-lo. Nem ao menos o sentimos passar de verdade, embora certas vezes, especialmente quando ficamos entediados, imagino, parece que podemos.

No entanto, quando se chegava ao fundo disso, tal coisa talvez nem mesmo importasse e, por outro lado, as perguntas eram demasiado profundas para ele.

Havia outras que lhe pareciam mais importantes, eram vitais, possivelmente até mortais.

Como, por exemplo, por que o cão estava em sua câmara?

O cão quereria alguma coisa dele ou simplesmente de qualquer um? A princípio, ele pensara que a resposta seria qualquer pessoa. E qualquer uma serviria, porque qualquer uma podia tirar fotos dele, e o movimento avançaria sempre. Entretanto, a coisa em torno do pescoço do cão, aquela coisa que não era uma coleira... tinha a ver com ele, Kevin Delevan, e com mais ninguém. Quereria o cão fazer algo a ele?

Se a resposta desta pergunta fosse sim, todas as demais podiam ficar esquecidas, por ser infernalmente óbvio o que o cão queria fazer. Estava escrito naquele olho sujo, no rosnado que se podia sentir começando. Kevin achava que o cachorro desejava duas coisas.

Primeiro fugir.

Depois matar.

Lá existe um homem ou uma mulher com uma câmara, que talvez nem mesmo tenham visto esse cão, pensou Kevin, e neste caso talvez o cão também não vê quem o fotografa, de maneira que essa pessoa está a salvo. Entretanto, se o cão FOR realmente tridimensional, talvez ele enxergue além da foto — talvez possa ver seja quem for que estiver usando minha câmara. Talvez ainda não se trate de mim, ou não especificamente de mim; seu alvo poderia ser qualquer um que use a câmara.

Ainda assim — a coisa que o cão tinha ao pescoço. E quanto a isso?

Ele pensou nos olhos escuros do vira-lata, salvos da imbecilidade por uma única faísca malevolente. Em primeiro lugar, só Deus sabia como o cão se imiscuíra naquele mundo Polaroid, mas quando sua foto fora batida, ele podia enxergar fora dela, queria sair de lá ,e Kevin acreditava, lá no fundo do coração, que o animal queria matá-lo antes de mais nada; a coisa que ele usava à volta do pescoço dizia que queria matá-lo antes de mais nada, proclamava que queria matá-lo antes de mais nada, mas e depois?

Bem, depois de Kevin, qualquer um serviria.

Qualquer um.

Em certo sentido, era como outra brincadeira que se fazia quando criança, não? Uma brincadeira chamada “Mamãe, posso ir?” O cão estava caminhando ao longo da cerca. Ele ouvira a Polaroid, aquele chorinho lamentoso. Virando-se, ele viu... o quê?

Seu próprio mundo ou universo? Um mundo ou universo parecido ao seu o suficiente, de maneira que, ao vê-lo ou senti-lo, ele poderia ou, pelo menos, poderia ser capaz de viver e caçar lá? Não importava. Então, a cada vez que alguém batia uma foto sua, o cão se aproximava mais. Chegaria mais e mais perto, até... bem, até o quê?

Até irromper para fora da foto, de algum modo?

— Isso é idiotice — murmurou ele. — O cão jamais conseguiria!

— Como? — perguntou seu pai, arrancando das próprias reflexões.

' — Nada — disse Kevin. — Estava falando sozin...

Foi então que, do andar de baixo, de maneira amortecida, mas audível, ouviram Pop Merrill exclamar, com uma mescla de consternação, surpresa e irritação:

— O inferno caga fogo e poupa fósforos! Puta que pariu!

Kevin e seu pai entreolharam-se, sobressaltados.

— Vamos ver o que houve — disse seu pai, levantando-se. — Espero que ele não tenha caído e quebrado um braço ou alguma coisa. Quero dizer, uma parte de mim não deseja isso, mas... você sabe.

Kevin pensou: E se ele estivesse tirando fotos? E se aquele cão, lá embaixo...?

A voz do velho não parecera mostrar medo, e, naturalmente, não seria possível um cão de tamanho semelhante ao de um pastor-alemão médio escapar de uma câmara do tamanho de Sun 660 ou de uma das fotos que ela fazia. Seria como tentar puxar uma máquina de lavar pelo buraco da fechadura.

De qualquer modo, Kevin sentia medo por eles dois — por todos os três — enquanto seguia seu pai, descendo a escada para o sombrio bazar do térreo.

Ao descer a escada, Pop Merrill estava contente como um mexilhão na maré alta.

Estivera preparado para efetuar a troca bem diante deles, se fosse preciso. Poderia haver problemas se apenas o garoto estivesse ali, pois ele distava ainda um ano ou coisa assim de pensar que sabia tudo, mas o pai dele — ah, enganar aquele excelente sujeito, seria como roubar a mamadeira de um bebê! Teria contado ao filho a enrascada em que se metera naquela época? A julgar pela maneira como o rapaz o fitava — uma nova e cautelosa maneira — Pop achava que Delevan tinha contado. O que mais o pai havia dito ao filho? Bem, vejamos. Ele deixa que você o chame de Pop? Então, é porque está pretendendo dar-lhe alguma rasteira. Isto, apenas para começar. Ele é um a serpente que rasteja na relva, filho. Seria a sequência. Em seguida, o fecho de ouro: Deixe a conversa por minha conta, garoto. Conheço aquele homem melhor do que você. Basta deixar que eu maneje a situação. Para Pop Merrill, homens como Delevan eram o mesmo que uma boa bandeja de frango frito para alguns sujeitos — tenro, saboroso, suculento, de carne macia, quase soltando do osso. Um dia, Delevan fora pouco mais que um garoto e nunca entenderia plenamente que quem enfiara o dedo na merda não havia sido Pop, mas ele próprio. O homem poderia ter confiado na esposa, e ela falaria com aquela sua velha tia irlandesa, cujo traseirinho estreito era forrado com notas de cem dólares. Então, Delevan ficaria algum tempo de castigo na casinhola do cachorro, mas no momento devido a esposa o chamaria de volta. Entretanto, ele não vira as coisas desta maneira; enfim, não vira coisa alguma. E agora, sem nenhum outro motivo que não o tempo idiota, que ia e vinha sem ajuda de ninguém, imaginava-se sabedor de tudo quanto havia para saber sobre Reginald Marion Merrill.

O que era justamente como Pop gostava.

Afinal, poderia trocar uma câmara pela outra bem diante do homem, e Delevan jamais teria visto uma só maldita coisa.

Assim, no entanto, era melhor.

A gente nunca faz um convite à Dama da Sorte; ela sabe como amparar os homens, justamente quando mais precisam da sua ajuda. E quando ela surgia por vontade própria... bem, era prudente largar tudo que se estivesse fazendo e levá-la para sair, beber vinho e cear, o mais extravagantemente que se pudesse. Aquela era uma filha da mãe que sempre soltava dividendos quando tratada à

altura.

Desta maneira, ele caminhou rapidamente para a mesa de trabalho, inclinou-se e tirou das sombras debaixo dela a Polaroid 660, com a lente quebrada. Colocou-a em cima da mesa, pescou na bolsa um molho de chaves (deitando um rápido olhar sobre o ombro, para ter certeza de que nenhum deles resolvera descer), e selecionou a chave pequenina que abria a gaveta trancada, tomando todo o lado esquerdo da mesa. Naquela gaveta funda havia um bom número de "Krugerrands" de ouro; um álbum de selos, cuja peça menos valiosa alcançaria seiscentos dólares, segundo o mais recente Catálogo Filatélico Scott; uma coleção de moedas valendo dezenove mil dólares, aproximadamente; duas dúzias de lustrosas fotografias de uma mulher de olhos turvos, tendo relação sexual com um pônei Shetland, e uma quantia em dinheiro totalizando precisamente dois mil dólares.

O dinheiro estocado em uma variedade de latas era o que Pop utilizava em seus empréstimos. John Delevan teria reconhecido as notas. Eram todas amarfanhadas e de dez dólares.

Pop depositou a Sun 660 de Kevin nesta gaveta, trancou-a e tornou a guardar o molho de chaves no bolso. Em seguida, empurrou a câmara com a lente quebrada pela borda da mesa (novamente), e exclamou em voz alta, "O inferno caga fogo e poupa fósforos! Puta que pariu!" a fim de ser ouvido por eles.

Em seguida, pôs no rosto a expressão adequada de aborrecimento e consternação, ficando à espera de que os dois chegassem a toda pressa para saberem o que tinha acontecido.

— Pop? — gritou Kevin. — Sr. Merrill? O senhor está bem?

— Hum-hum — disse ele. — Não feri nada, além de meu maldito orgulho. Acho que essa câmara só dá azar. Abaixei-me para abrir a gaveta de ferramentas, é o que quero dizer, e derrubei a porcaria da coisa no chão. Só acho que ela não se saiu nada bem desta vez. Não sei se devo ou não lamentar o que aconteceu. Quero dizer, você ia mesmo...

Estendeu a câmara para Kevin, com um ar de desculpas, ele a pegou o olhou para a lente quebrada, o plástico rachado do envoltório em torno.

— Está tudo bem — disse Kevin, girando a câmara nas mãos — porem não a

manejou como antes, da mesma forma cautelosa, experimental: como se ela fosse realmente feita não de plástico e vidro, mas de alguma espécie de explosivo. — Afinal, eu pretendia mesmo destruí-la.

— Acho que lhe poupei o trabalho.

— Eu me sentiria melhor... — começou Kevin.

— Hum-hum. Eu sinto o mesmo sobre ratos. Riam se quiserem, mas quando pego um em uma ratoeira e ele está morto, espanco-o com uma vassoura, mesmo assim.

Apenas para ter certeza, é o que quero dizer.

Kevin sorriu fracamente, depois olhou para o pai.

— Ele me disse que tinha um cepo de madeira nos fundos, pai...

— E também tenho um ótimo martelo no galpão, se ninguém não o levou ainda.

— Você se incomoda, pai?

— A máquina é sua, Kev — disse Delevan. Ele lançou um rápido olhar desconfiado para Pop, mas era um olhar dizendo que desconfiava do velho por princípios gerais, não por alguma razão específica. — Se acha que isso o fará sentir-se melhor, penso que é a decisão certa.

— Que bom — disse Kevin.

Era como se tirasse um peso tremendo dos ombros — não, foi de seu coração que o peso saiu. Com a lente quebrada, certamente a câmara estaria inutilizada... mas ele não se sentiria tranquilo se não visse os fragmentos dela espalhados em torno do cepo de Pop. Girou-a nas mãos, da frente para trás e da trás para a frente, divertido e admirado por gostar tanto da aparência destroçada da Polaroid.

— Creio que lhe devo o preço da câmara, Delevan — disse Pop, sabendo exatamente o que o homem responderia.

— Não — disse Delevan. — Vamos acabar com ela e esquecer que toda essa coisa louca chegou a acont... — Ele interrompeu-se. — Quase esqueci — íamos

ver aquelas últimas fotos com sua lente de aumento. Eu queria ver se consigo identificar a coisa que o cão está usando. Continuo pensando que parece familiar.

— Podemos fazer isso depois que nos livrarmos da câmara, não podemos? — perguntou Kevin. — Certo, pai?

— Certo.

— E depois — disse Pop —, talvez não seja má ideia queimar aquelas fotos. Você pode jogá-las em minha estufa.

— Acho uma grande ideia — respondeu Kevin. — Não é, pai?

— Acho que a Sra. Merrill não criou nenhum filho tolo — replicou seu pai.

— Bem — disse Pop, sorrindo enigmaticamente por trás de volutas de ascendente fumaça azulada, — éramos cinco em casa, compreenda.

O dia estava límpido e azul quando Kevin e seu pai se dirigiram ao Emporium Galorium — um perfeito dia outonal. Agora, às quatro e meia da tarde, o céu aparecia quase todo nublado, dando a Impressão de que choveria antes do anoitecer. O primeiro frio real do outono tocou as mãos de Kevin e as deixaria vermelhas se ele ficasse ao ar livre pelo tempo suficiente. Entretanto, ele não pretendia sair. Sua mãe estaria em casa dentro de meia hora e ele já imaginava o que ela diria quando o visse em companhia do pai, e o que seu pai responderia.

Isso, no entanto, seria mais tarde.

Kevin colocou a Sun 660 em cima do cepo de cortar lenha, no pequeno pátio dos fundos, e Pop Merrill estendeu-lhe uma marreta. O cabo estava liso e polido pelo uso.

A cabeça estava enferrujada, como se alguém a largasse descuidadamente na chuva, não uma ou duas vezes, mas inúmeras. Não obstante, ela daria boa conta do recado, Kevin não tinha a menor dúvida quanto a isso. Com a lente quebrada e a maioria do corpo em volta destruída, a Polaroid parecia frágil e indefesa, pousada na superfície cortada, riscada e estilhaçada do cepo de madeira, onde se esperaria ver uma tora de freixo ou de bordo, aguardando ser partida ao meio.

Kevin pousou as mãos no cabo liso da marreta e segurou firme.

— Você tem certeza, filho? — perguntou o Sr. Delevan.

— Tenho.

— Tudo bem, então. — O Sr. Delevan olhou para seu relógio. — Faça o que tem de fazer.

Pop ficou a um lado, com o cachimbo preso entre os dentes tortos, as mãos enfiadas nos bolsos traseiros. Olhou astutamente do menino para o homem, depois para o menino, mas nada disse.

Kevin ergueu a marreta e, surpreso repentinamente por um ódio da câmara que nem mesmo sabia ter sentido, desceu-a com toda a força que pôde.

Com força demais, pensou ele. Você vai errar o alvo, terá muita sorte em não esmagar os próprios pés, e ela continuará inteira, não muito mais do que uma peça oca de plástico, que uma criancinha poderia achatar sem fazer muito esforço, e mesmo tendo sorte bastante para não atingir os pés, Pop estará olhando para você.

Ele não dirá nada e nem é preciso. Tudo está na maneira como ele olha para a gente.

E pensou também: Não importa se eu a atingir ou não. Ela é mágica, é algum tipo de câmara mágica, e você NÃO PODE quebrá-la. Mesmo que acerte o alvo em cheio, a marreta vai ricochetear, como balas no peito do Super-homem.

Entretanto, não havia mais tempo para pensar o que fosse, porque a marreta caiu em cheio na máquina fotográfica. Kevin realmente havia descido a marreta com muita força, para poder controlá-la de algum modo, porém teve sorte. E ela não ricocheteou de volta, com isto talvez o acertando bem no meio dos olhos e o matando, como o fecho de uma história de horror.

Além de estilhaçar-se, a Sun pareceu detonar. Fragmentos de plástico voaram para toda parte. Um comprido retângulo com um lustroso quadrado negro em uma extremidade — uma foto que nunca seria batida, supôs Kevin — revoluteou para o solo nu ao lado do cepo de madeira, e ficou lá, de face para baixo.

Houve um momento de tão absoluto silêncio, que eles podiam ouvir não apenas

o ruído dos carros na parte baixa da Rua Principal, mas crianças brincando de pique a um quarteirão de distância, no pátio de estacionamento atrás da loja Wardell's, que havia falido dois anos antes e permanecera vazia desde então.

— Bem, acabou-se — disse Pop. — Você parecia Paul Bunyan, Kevin! Palavra como parecia! — Então, dirigindo-se ao Sr. Delevan, que catava cacos de plástico tão metodicamente como alguém recolhendo cacos de um copo quebrado sem querer, acrescentou: — Não precisa fazer isso. Tenho um garoto que me limpa o pátio a cada uma ou duas semanas. Sei que a limpeza por aqui não é grande coisa, mas se não fosse esse garoto... Céus!

— Então, agora podíamos usar sua lente para uma espiada naquelas fotos — disse o Sr. Delevan, erguendo-se.

Ele deixou cair os poucos fragmentos de plástico que recolhera dentro de um enferrujado incinerador, ali perto, e depois esfregou as mãos para limpá-las.

— Por mim, está bem — disse Pop.

— E depois vamos queimá-las — lembrou Kevin. — É bom não esquecer isso.

— Não esqueci — respondeu Pop. — Também me sentirei melhor com elas destruídas.

— Minha nossa! — exclamou John Delevan. Estava debruçado sobre a mesa de trabalho de Pop Merrill, examinando a penúltima foto através da lente de aumento. Era aquela em que o objeto no pescoço do cão surgia mais claramente: na última foto, o objeto se voltara na direção anterior. — Kevin, olhe para isto e me diga se é o que penso.

Kevin pegou a lente e espiou. Ele já sabia, claro, porém, mesmo assim, não se tratou de uma espiada apenas formal. Clyde Tombaugh certamente espiara com a mesma fascinação para uma foto real de Plutão pela primeira vez. Tombaugh sabia que o planeta estava lá; cálculos indicando distorções similares nas rotas orbitais de Netuno e Urano haviam tornado Plutão não apenas uma possibilidade, mas uma necessidade. Não obstante, saber que uma coisa estava lá, inclusive saber o que ela era... isso não eliminava o fascínio de realmente vê-la pela primeira vez.

Ele soltou o dedo do botão que acendia a luz da lente e a passou para Pop.

— Sim — disse para o pai. — É mesmo o que você pensa que seja.

Sua voz era inexpressiva... tão inexpressiva quanto as coisas naquele mundo Polaroid, supôs ele, sentindo uma súbita vontade de dar uma risada. Guardou o som dentro de si, não porque teria sido inadequado rir (era o que supunha), mas porque o som pareceria... bem... inexpressivo.

Pop esperou, e quando ficou claro para ele que ninguém lhe daria uma pista, exclamou:

— Ora, não me deixem pulando de um pé para o outro! Que diabo é essa coisa?

Kevin sentira relutância em dizer-lhe antes, e relutava agora. Não havia motivo para isso, mas...

Pare de ser tão infernalmente idiota! Ele o ajudou quando você precisou de ajuda, pouco importando a maneira como esse sujeito ganha a sua grana. Conte para ele, queime as fotos e dê o fora daqui, antes que todos aqueles relógios comecem a bater cinco horas.

Sim. Se ainda estivesse por ali quando isso acontecesse... Kevin achava que seria o toque final; ele simplesmente perderia a razão e seria despachado para o hospício de Juniper Hill, esbravejando furiosamente sobre cães de verdade em mundos Polaroid e câmaras que batiam insistentemente a mesma foto, ainda que não de todo iguais.

— A máquina Polaroid foi um presente de aniversário — ele se ouviu dizendo, naquela mesma voz seca. — O que o cão tem ao pescoço, foi outro.

Pop empurrou lentamente os óculos para o alto da calva e fitou Kevin com os olhos apertados.

— Acho que não estou entendendo, filho.

— Eu tenho uma tia — disse Kevin. — Em realidade, é minha tia-avó, mas não devemos chamá-la assim, porque ela diz que isto a faz sentir-se velha. É a tia Hilda.

Enfim, o marido da tia Hilda deixou um monte de dinheiro para ela — minha mãe diz que chega a um milhão de dólares — mas ela não gosta de soltar seu dinheiro.

dinheiro.

Kevin se calou, deixando espaço para seu pai protestar, mas ele apenas sorriu azedamente e assentiu. Pop Merrill — que sabia tudo a respeito dessa situação (em verdade, não havia muito em Castle Rock e arredores sobre o que ele não soubesse pelo menos algum detalhe) — simplesmente ficou calado, esperando que o garoto continuasse soltando sua história.

— De três em três anos, ela vem passar o Natal conosco, sendo esta a única vez que vamos à igreja, porque a tia Hilda vai à igreja. Lá em casa há montes de brócolis quando ela vem. Nenhum de nós gosta de brócolis, minha irmã até vomita, mas a tia Hilda gosta muito, de modo que sempre há brócolis na mesa. Na nossa lista de leituras para o verão houve um livro chamado Grandes Expectativas, e nele havia uma dama igualzinha à tia Hilda. Ela se diverte exibindo seu dinheiro na frente dos parentes. Seu nome era Srta. Havisham, e quando a Srta. Havisham diz pulem, as pessoas pulam. Nós pulamos, e acho que o resto de nossa família também pula.

— Oh, seu tio Randy deixa sua mãe no chinelo — disse inesperadamente o Sr. Delevan. Kevin achou que seu pai parecia divertir-se, de uma forma algo cínica, mas o que ele falou em seguida tinha uma profunda e ácida mordacidade. — Quando a tia Hilda diz pulem, na casa de Randy, eles simplesmente dão saltos mortais das vigas do teto.

— Enfim — disse Kevin para Pop —, ela sempre me manda a mesma coisa como presente de aniversário, todos os anos. Quero dizer, cada presente é diferente, mas cada um, na verdade é o mesmo.

— O que é que ela manda para você, garoto?

— Uma gravata de cordão — disse Kevin. — Como aquelas que vemos os caras usando em bandas de música rurais dos tempos antigos. Essa gravata que ganho tem uma coisa diferente no prendedor a cada ano. A gravata, no entanto, é sempre de cordão.

Pop apanhou a lente de aumento e debruçou-se para a foto com ela.

— Raios me partam! — exclamou, endireitando o corpo. — Uma gravata de cordão!

Não podia ser outra coisa! Como é que não vi isso?

— Porque não é o tipo de coisa que um cão usaria em volta do pescoço, acho eu — disse Kevin, naquela mesma voz monótona.

Eles já estavam ali por uns quarenta e cinco minutos, porém Kevin tinha a impressão de haver ficado mais velho outros quinze anos. Tenho de lembrar apenas, repetia sua mente, com insistência, é que a câmara foi destruída. Transformou-se em cacos. Pouco me importam todos os cavalos do Rei e todos os homens do Rei; nem mesmo todos os caras que montam câmaras na fábrica Polaroid, em Schenectady, conseguiriam montar novamente essa máquina que destruí.

Sim, e graças a Deus. Porque este era o fim da linha. No que dizia respeito a Kevin, se nunca mais tornasse a encontrar o sobrenatural até seus oitenta anos de idade, no máximo roçando-o de passagem, mesmo assim, ainda seria cedo demais.

— Além do mais, é muito pequeno — indicou o Sr. Delevan. — Eu estava presente quando Kevin abriu a caixa, e todos já sabíamos o que conteria. A única dúvida era sobre qual seria o prendedor deste ano. Fizemos piadas sobre o assunto.

— E qual era o motivo do prendedor? — perguntou Pop.

Ele investigava o interior da foto novamente... ou a investigava, enfim; em qualquer tribunal do mundo, Kevin testemunharia ser simplesmente impossível alguém investigar o interior de uma Polaroid.

— Um pássaro — disse Kevin. — Tenho certeza absoluta de que era um pica-pau. E é o que o cão na foto está usando à volta do pescoço. Uma gravata de cordão, com um pica-pau no prendedor.

— Céus! — exclamou Pop.

À sua maneira sonsa, ele era um dos melhores atores do mundo, porém não precisava simular a surpresa que sentia agora. O Sr. Delevan juntara abruptamente todas as fotos.

— Vamos jogar estas malditas coisas na estufa — disse ele.

Quando Kevin e o pai chegaram em casa, passavam cinco minutos das cinco da

Quando Kevin e o pai chegaram em casa, passavam cinco minutos das cinco da tarde e começava a chuviscar. O Toyota de dois anos atrás da Sra. Delevan não estava na entrada da garagem, mas ela havia chegado e tornado a sair. Havia uma nota sua na mesa da cozinha, segura debaixo do saleiro e do recipiente de pimenta em pó. Quando Kevin desdobrou o papel, de seu interior escorregou unia nota de dez dólares.

Kevin querido,

Durante o jogo de bridge, Jane Doyon perguntou se eu e Meg gostaríam os de jantar com ela no Bonanza, já que seu marido viajou para Pittsburgh a negócios e ela fica rodando sozinha pela casa. Eu disse que adoraríamos. Meg principalmente. Sabe com o ela gosta de ser “uma das garotas"! Espero que não se importe de comer em “solitário esplendor”. Encomende uma pizza e soda para você. Seu pai encomendará o que quiser ao chegar em casa. Ele não gosta de pizza requentada e sei que irá querer umas duas cervejas.

Amo você.

Mamãe

Os dois entreolharam-se, e era como se dissessem, Bem, aí está uma coisa com que não teremos de nos preocupar. Aparentemente, nem ela e nem Meg tinham notado que o carro do Sr. Delevan continuava na garagem.

— Você quer que eu... — começou Kevin, porém não precisou completar a frase.

— Sim — interrompeu seu pai. — Vá verificar. Agora!

Kevin subiu a escada de dois em dois degraus e entrou em seu quarto. Ele tinha uma cômoda e uma mesa de estudo. A última gaveta da mesa estava cheia do que ele simplesmente considerava “troços”: coisas que de algum modo pareceria criminoso jogar fora, embora nenhuma delas tivesse utilidade real para ele. Havia o relógio de bolso de seu avô, pesado, enfeitado de arabescos, impressionante... mas tão enferrujado que o joalheiro de Lewiston a quem ele e sua mãe tinham levado a peça deu-lhe apenas um olhar, sacudiu a cabeça e tornou a empurrá-lo de volta sobre o balcão.

Havia dois conjuntos de abotoaduras combinando e duas sem par, um pôster que viera inserido em um número de Penthouse, uma brochura intitulada Anedotas

Obscenas, e um walkman Sony que, por algum motivo, ficara viciado em comer as fitas que deveria tocar. Apenas troços, nada mais. Não havia outra palavra adequada.

Uma parte dos troços, naturalmente, consistia das treze gravatas de cordão que a tia Hilda lhe mandara, quando de seus treze últimos aniversários.

Ele as tirou da gaveta, uma a uma, contou-as, somaram doze, em vez de treze, tornou a vasculhar a gaveta de troços, contou novamente. Continuavam sendo doze.

— Não achou?

Kevin, que estivera agachado, soltou um grito e saltou em pé.

— Desculpe — disse o Sr. Delevan, da porta. — Eu o assustei.

— Tudo bem — disse Kevin, perguntando-se brevemente a que velocidade o coração de uma pessoa podia bater, antes que a pessoa em questão acabasse explodindo seu motor. — Estou apenas... nervoso. Que tolice!

— Não, não é. — Seu pai o fitou gravemente. — Quando vi aquele teipe, fiquei tão assustado, que quase precisei enfiar a mão na boca e empurrar o estômago de volta ao lugar.

Kevin olhou para o pai com gratidão.

— Não está aí, não é? — perguntou o Sr. Delevan. — Aquela com o pica-pau ou seja que diabo fosse?

— Acertou. Não está aqui.

— Você guardou a câmara nessa gaveta?

Kevin assentiu lentamente com a cabeça.

— Pop — o Sr. Merrill — disse para deixá-la em repouso o mais possível. Fazia parte daquele esquema que ele bolou.

Algo espicaçou sua mente em um relance, depois desapareceu.

— Então, enfiei-a na gaveta.

— Filho... — disse suavemente o Sr. Delevan.

— Hum-hum.

Os dois entreolharam-se naquela atmosfera sombria e, de repente, Kevin sorriu.

Era como ver o sol irromper entre uma camada de nuvens.

— O que foi?

— Estava me lembrando da sensação — disse Kevin. — Bati aquele martelo com tanta força...

O Sr. Delevan começou também a sorrir.

— Pensei que fosse acertar seus próprios...

— ... e quando ele a atingiu, fez CRUUUNCH!

— ... e voaram cacos para todos os lados...

— BUUUM! — terminou Kevin. — Foi-se!

Eles começaram a rir juntos dentro do quarto, e Kevin descobriu que estava quase — quase — alegre por tudo aquilo ter acontecido. O senso de alívio era inexprimível, mas mesmo assim tão perfeito como a sensação experimentada quando, por feliz acidente ou alguma orientação psíquica, outra pessoa consegue coçar aquele lugarzinho nas costas que não alcançamos sozinhos, acertando o ponto exato, direto no alvo, tomando o comichão maravilhosamente pior por um rápido segundo, ao simples toque, pressão, chegada daqueles dedos... e então, oh, abençoado alívio!

Era assim em relação à câmara e ao fato de seu pai estar sabendo.

— Foi-se — disse Kevin. — Não é?

— Tão completamente como Hiroxima, depois que o Enola Gay despejou a bomba A sobre a cidade — replicou o Sr. Delevan, acrescentando: — Virou merda amassada, é o que quero dizer.

Kevin olhou para o pai, boquiaberto, depois irrompeu em estrondoso acesso de riso — quase aos gritos. Seu pai juntou-se a ele. Pouco mais tarde, eles encomendavam uma pizza incrementada. Quando Mary e Meg Delevan chegaram, às sete e vinte, os dois ainda davam risadinhas contidas.

— Bem, vocês dois parecem ter andado em travessuras — disse a Sra. Delevan, um tanto intrigada. — Não vão contar para as senhoras?

Na hilaridade deles havia algo que impressionou o centro feminino dela — aquela parte profunda na qual o sexo parece ligar-se plenamente apenas em ocasiões de dar à luz e de desastres — como sendo um pouco doentio. Eles pareciam e soavam como homens que haviam escapado por pouco a um acidente de carro.

— Oh, somos apenas dois solteirões divertindo-se — disse seu marido.

— Estamos esmagados pelo divertimento — amplificou Kevin.

— É o que queremos dizer — acrescentou seu pai e os dois entreolharam-se, dando início a novas gargalhadas.

Sinceramente atônita, Meg olhou para a mãe e perguntou:

— Por que eles estão assim, mamãe?

E a Sra. Delevan respondeu:

— Porque eles têm pênis, meu bem. Vá pendurar seu casaco.

Pop Merrill esperou os Delevan — *père et fils* — saírem e depois trancou a porta.

Apagou todas as luzes, exceto a que ficava acima da mesa de trabalho, pegou suas chaves e abriu sua própria gaveta de troços. Dela, tirou a Polaroid Sun 660 de Kevin Delevan, rachada, mas fora isso sem estar danificada, e a contemplou fixamente.

Aquela máquina assustara o pai e o filho. Isso havia ficado bem claro para Pop; também o assustara, e ainda assustava. Entretanto, colocar uma coisa daquelas sobre um cepo e esmigalhá-la em pedacinhos? Oh, que loucura!

Havia um meio de conseguir uma grana com a maldita coisa.

Sempre havia.

Pop tornou a trancá-la na gaveta. Pensaria no assunto e, pela manhã, saberia como agir. Em realidade, já tinha uma ideia infernalmente boa.

Levantando-se, apagou a luz acima da mesa e caminhou às apalpadelas para a escada que conduzia a seu apartamento. Pop se movia com a graça firme e involuntária proporcionada pela longa prática.

A meio caminho para lá, ele parou.

Sentia um ímpeto, um ímpeto singularmente forte de voltar e tomar a olhar a câmara. Por que, em nome de Deus? Nem mesmo tinha um filme para aquela coisa pagã... e tampouco tinha qualquer intenção de tirar fotos com ela. Se outra pessoa quisesse bater instantâneos, ver o progresso do cão, o comprador seria bem-vindo.

Caveet emperor, como ele sempre dizia. Que o maldito imperador se cuidasse ou não, segundo lhe conviesse. No tocante ao comprador, bem, logo se veria em uma jaula cheia de leões, sem nem ao menos dispor de um maldito chicote e uma maldita cadeira.

Ainda assim...

— Ora, esqueça isso! — exclamou roucamente na escuridão.

O som da própria voz o assustou, incitando-o ao movimento. Pop subiu para o andar de cima, sem tomar a olhar para trás.

SETE

Já começava a madrugada quando Kevin Delevan teve um pesadelo tão horrendo, que conseguiria recordar apenas trechos dele, como frases isoladas de uma música ouvida em um rádio com alto-falante defeituoso.

Ele caminhava, e estava chegando a uma suja cidadezinha fabril. Aparentemente vagabundeava, porque tinha uma mochila às costas. O nome da tal cidade ela Datley, e Kevin tinha uma ideia de que estaria situada no Vermont ou norte do estado de Nova Iorque. *Sabe se há alguém contratando empregados aqui em Datley?* perguntou a um velho empurrando um carrinho de compras ao longo de uma calçada com rachaduras. Não havia mantimentos no carrinho; estava entulhado de trastes indefinidos, e Kevin percebeu que o velho gostava de bebida. *Fá embora!* gritou o bêbado. *Fá embora! Latrão! Latrão fotido! LATRÃO fotido!*

Kevin correu, disparou através da rua, mais temeroso da loucura do homem do que da ideia de alguém poder acreditar que ele, Kevin, fosse um ladrão. O bêbado gritou às suas costas: *isto não é Oatley! Isto é Hildasville! Fá embora da citate, seu latrão, seu latrão fotido!*

Foi quando ele percebeu que aquele lugar não era Oatley ou Hildasville, muito menos qualquer outra cidade com um nome normal. Como podia uma cidade totalmente anormal ter um nome normal?

Tudo ali — ruas, prédios, carros, avisos, os poucos pedestres — era bidimensional.

As coisas tinham comprimento, tinham largura... mas não tinham espessuras. Kevin cruzou com uma mulher parecida com a professora de balé de Meg, se a professora de balé engordasse uns cinquenta quilos. Ela usava slacks cor do chicle de bola Bazooka. Como o bêbado, também empurrava um carrinho de compras, com uma roda rangendo. O carrinho estava repleto de câmaras Polaroid Sun 660. Ela olhou para Kevin com visível suspeita, à medida que se aproximavam um do outro. Quando os dois se cruzaram na calçada, ela desapareceu. Sua sombra continuava lá e ele ainda ouvia o som ritmado do rangido, porem a mulher sumira. Então ela reapareceu e olhava para trás, para ele, com seu gordo e plano rosto desconfiado, fazendo-o entender o motivo de seu desaparecimento por um instante. Era porque o conceito de “visão lateral”

não existia, não podia existir, em um mundo onde tudo era absolutamente plano.

Isto é Polaroidsville, pensou ele, com um alívio curiosamente mesclado de horror. O que significa que isto é apenas um sonho.

Então ele avistou a cerca branca de ripas pontudas, o cão e o fotógrafo, em pé junto ao meiofio. No alto de sua cabeça repousavam óculos de lentes sem aros. Era Pop Merrill.

Bem, filho, você o encontrou, disse para Kevin o Pop Polaroid bidimensional, sem afastar o olho do visor da máquina. Esse é o cão, bem ali. O que destroçou aquele garoto, em Schenectady. O SEU cão, é o que quero dizer.

Nesse momento, Kevin acordou em sua própria cama, receando haver gritado, a princípio não preocupado com o sonho, mas em certificar-se de que ele estava inteiro ali, com todas as suas três dimensões.

Estava. No entanto, havia algo errado.

Que sonho mais idiota! pensou. *Por que não esquecer tudo? Já terminou. As fotos foram queimadas, todas as cinquenta e oito. E a câmara foi destr...*

Seu pensamento estilhaçou-se como gelo, quando esse algo, esse algo errado, tornou a alfinetar-lhe a mente.

Não terminou, pensou. Não ter...

Entretanto, antes que o pensamento pudesse completar-se, Kevin Delevan adormeceu e teve um sono sem sonhos. Na manhã seguinte, mal se lembrava do pesadelo.

Oito

As duas semanas seguintes à sua aquisição da Polaroid Sun de Kevin foram as mais exasperantes, irritantes e humilhantes duas semanas na vida de Pop Merrill. Bem poucos moradores de Castle Rock deixariam de dizer que aquilo não podia ter acontecido a um indivíduo mais merecedor. Enfim, ninguém em Castle Rock ficou sabendo... e esse foi todo o consolo que restou para Pop. Um frio consolo, em sua opinião. Muitíssimo frio, obrigado.

Entretanto, quem poderia acreditar que os Chapeleiros Malucos seriam capazes de decepcioná-lo a tal ponto?

Era quase o bastante para fazer um homem perguntar-se se não começava a desequilibrar-se um pouco.

Que Deus não permitisse!

Nove

Ainda em setembro, ele nem se preocupara em saber se venderia a Polaroid; as únicas perguntas eram quando e por quanto. Os Delevan tinham lançado a palavra sobrenatural, e Pop não os corrigira, embora sabendo que a façanha da Sun seria mais apropriadamente classificada por investigadores psíquicos como um fenômeno paranormal, em vez de sobrenatural. Ele podia ter dito isto aos dois, mas se dissesse, ambos talvez se admirassem ante o fato de o dono de uma loja de artigos usados, de cidade pequena (e usurário em meio expediente), saber tanto sobre o assunto. A verdade era esta: Pop sabia muito, porque era lucrativo saber muito, sendo também lucrativo saber muito por causa das pessoas que ele considerava “Os meus Chapeleiros Malucos".

Chapeleiros Malucos eram pessoas que faziam gravações em aposentos vazios, utilizando custosos equipamentos de áudio, não por brincadeira ou como divertimento em uma festinha de bêbado, mas sim porque acreditavam fanaticamente em um mundo invisível e queriam provar-lhe a existência ou então por quererem, fanaticamente, entrar em contato com amigos e/ou parentes que tinham passado pela “transição” (“transição": era o nome que sempre davam; Chapeleiros Malucos nunca tinham parentes que fizessem algo tão simples como morrer).

Os Chapeleiros Malucos não apenas tinham e usavam tabuleiros Ouija: eles mantinham conversas regulares com “guias espirituais” no “outro mundo” (nunca no “céu”, “inferno”, ou nem mesmo nas “áreas de repouso dos mortos”, mas no “outro mundo”), estes os colocando em contato com amigos, parentes, rainhas, cantores falecidos do rock-and-roll e, inclusive, famigerados vilões. Pop conhecia um Chapeleiro Maluco em Vermont que tinha conversas com Hitler duas vezes por semana. Hitler lhe contara que tudo havia sido um embuste, que suplicara a paz em janeiro de 1943, mas que aquele filho da mãe do Churchill o repelira. Hitler também lhe havia contado que Paul Newman era um ser espacial, nascido em uma caverna da lua.

Os Chapeleiros Malucos compareciam a sessões tão regularmente (e tão compulsivamente) como os viciados em drogas visitavam seus fornecedores. Eles compravam bolas de cristal e amuletos garantidos para dar sorte; organizavam suas pequenas sociedades e investigavam casas reputadamente assombradas em busca de todos os fenômenos costumeiros: teleplastia, batidas em mesas, camas e mesas que levitavam, pontos frios e, claro está, fantasmas.

Eles se entregavam a tudo isso, real ou imaginário, com o entusiasmo de dedicados observadores de pássaros.

Para a maioria deles, era um fantástico divertimento. Para outros, não. Havia aquele cara de Wolfeboro, por exemplo. Enforcara-se na notória Casa Tecumseli, onde um fazendeiro cavalheiro tinha, nos anos 80 e 90 do século passado, ajudado seus semelhantes durante o dia e sendo ajudado por eles à noite, quando os jantava em uma mesa formal, colocada no porão. A mesa situava-se sobre um chão de rançosa terra batida, que abrigara os ossos e cadáveres decompostos de pelo menos doze e um máximo de trinta e cinco homens jovens, todos vagabundos. O cara de Wolfeboro havia deixado esta breve nota, em um bloco de notas ao lado de seu tabuleiro Ouija: Não posso sair da casa. Portas todas trancadas. Ouço-o comendo. Tentei algodão. Não adiantou.

E o pobre cretino iludido, provavelmente pensou ter ouvido de fato, havia murmurado Pop, após ouvir este relato, de uma fonte confiável.

Havia ainda o sujeito de Dunwich, Massachusetts, a quem Pop vendera certa vez um chamado clarim dos espíritos, por noventa dólares. O homem levara o clarim ao Cemitério de Dunwich e devia ter ouvido algo extremamente desagradável, porque estava encerrado em uma cela acolchoada em Arkham, totalmente insano, louco furioso, ia fazer seis anos. Quando entrara no cemitério, seus cabelos eram negros; tinham ficado tão brancos como o rosto desvairado, quando seus gritos acordaram os poucos vizinhos que viviam perto do cemitério o suficiente para ouvi-los, e a polícia havia sido convocada.

Havia também a mulher de Portland que perdera um olho quando a sessão com o tabuleiro Ouija terminara cataclismicamente errada... o homem em Kingston, Rhode Island, que havia ficado sem três dedos da mão direita, quando a porta traseira de um carro, no qual dois adolescentes se tinham suicidado, bateu e se fechou sobre eles... a velha senhora que fora parar no Hospital Memorial de Massachusetts sem a maior parte de uma orelha, quando sua gata Claudette, igualmente idosa, tivera um ataque de agressividade, segundo se supunha, durante uma sessão...

Pop acreditava em algumas destas coisas, desacreditava de outras e, em geral, não mantinha opinião — não por lhe faltar suficiente e sólida evidência de uma forma ou de outra, mas porque estava se peidando para fantasmas, sessões, bolas de cristal, clarins dos espíritos, gatos enlouquecidos e tudo o mais. No que dizia respeito a Reginald Marion “Pop” Merrill, todos os Chapeleiros Malucos podiam

respeito a Reginald Marion "Pop" Merrill, todos os Chapeleiros Malucos podiam tomar um maldito disco voador para a lua.

Desde que, é claro, algum deles lhe pagasse um preço considerável pela câmara de Kevin Delevan, antes de embarcar no primeiro disco da ponte aérea.

Pop não chamava estes entusiastas de Chapeleiros Malucos devido a seus espectrais interesses; chamava-os assim porque a grande maioria — por vezes ficava tentado a dizer todos eles — parecia ser rica, composta de aposentados e começando a ser explorados. Quem quisesse gastar quinze minutos com eles, assentindo e concordando, enquanto garantiam ser capazes de distinguir um médio embusteiro de um legítimo, apenas entrando na sala, quanto mais se estivessem sentados à mesa da sessão, ou se gastasse o mesmo período de tempo ouvindo ruídos engrolados que podiam ou não ser palavras em uma fita gravada, mostrando no rosto a adequada expressão de reverente temor, poderia vender-lhes por cem dólares um peso de papel de quatro, se explicasse que um homem certa vez vira nele, de relance, uma aparição da mãe falecida. Oferecendo-lhes um sorriso, o indivíduo arrancava um cheque de duzentos dólares. Acrescentada uma palavra encorajadora, eles preenchiam um cheque de dois mil dólares. Se lhes fossem apresentadas as duas coisas ao mesmo tempo, eles simplesmente entregavam o talão de cheque ao tal indivíduo e lhe diziam para preenchê-lo.

Sempre havia sido tão fácil quanto surrupiar uma bala de um bebê.

Até agora.

Em sua sala de trabalho, Pop não mantinha um arquivo marcado CHAPELEIROS MALUCOS, da mesma forma como não mantinha outros para COLECIONADORES DE MOEDAS ou COLECIONADORES DE SELOS. Ele nem mesmo tinha arquivo. O mais próximo disto que possuía era um velho e surrado livrinho com números de telefones, sempre enfiado no bolso traseiro da calça (um livrinho que, como sua bolsa, no correr dos anos adquirira o raso e nada generoso esboço da curva de seu magro traseiro, contra o qual jazia todos os dias). Pop mantinha seus arquivos onde um homem, trabalhando em seu ramo de atividade, sempre deveria mantê-los: na cabeça. Durante o correr dos anos, havia oito Chapeleiros Malucos plenamente desabrochados, com os quais tinha negociado. Eram pessoas que não somente se imiscuíam no oculto, como também eram rematadas fanáticas, girando em torno do assunto. O mais rico era um industrial aposentado, chamado McCarty, que vivia em sua própria ilha, a cerca de vinte quilômetros da costa. McCarty desprezava embarcações, de modo

que tinha um piloto contratado em tempo integral que, havendo necessidade, voava com ele ao continente e o trazia de volta.

Pop foi ver McCarthy no dia 28 de setembro, um dia após ter obtido a câmara de Kevin (ele não considerava isto exatamente um roubo; afinal, a ideia do garoto era mesmo desintegrá-la em pedacinhos, e, o que ele ignorava, não poderia magoá-lo).

Em seu carro velho, mas perfeitamente conservado, ele foi até a pista de um aeroporto particular, logo ao norte de Boothbay Harbor, depois trincou os dentes, apertou os olhos e agarrou-se à caixa de aço com fechadura que continha a Polaroid Sun 660, como que para escapar à morte, enquanto o Beechcraft do Chapeleiro Maluco disparava pela pista de terra batida como um cavalo selvagem, erguendo-se no ar justamente quando Pop jurava que iam ultrapassar a borda e virar gelatina amassada nas rochas mais abaixo. Em seguida, avançaram para o céu outonal. Ele já fizera a mesma viagem duas vezes e, em cada uma delas, jurara que nunca mais tomaria a entrar naquele maldito ataúde voador.

Eles saltaram e sacolejaram juntamente com o esfomeado Atlântico, a menos de duzentos metros abaixo, enquanto o piloto conversava alegremente o tempo todo.

Pop assentia e dizia hum-hum no que considerava os lugares certos, embora estivesse mais preocupado com sua morte iminente do que com qualquer coisa que o homem estivesse dizendo.

Então, a ilha surgiu à frente deles, com sua horrivelmente, aflitivamente, suicidamente curta pista de pouso e a escarrapachada casa construída em pedra e sequóia.

O piloto disparou para baixo, deixando o pobre e velho estômago de Pop, encolhido pelo ácido, em algum ponto no ar acima deles, e pousaram com um baque. Logo

após, de algum modo miraculoso, estavam taxiando para uma parada, ainda vivos e inteiros, fazendo com que Pop tornasse a crer firmemente que Deus era apenas outra invenção dos Chapeleiros Malucos... pelo menos até ele ter que entrar novamente naquele maldito avião, para a viagem de volta.

— Um dia formidável para voar, não, Sr. Merrill? — perguntou o piloto, desdobrando os degraus para ele.

desdobrando os degraus para ele.

— Espetacular — grunhiu Pop.

Em seguida, seguiu pelo caminho acimentado até a casa, onde o peru do Dia de Graças estava em pé à porta, sorrindo de anciosa expectativa. Pop havia prometido mostrar-lhe “a coisa mais incrível que já vi” e Cedric McCarty mal podia esperar para ver também. Ele havia dado um rápido olhar, por pura formalidade, pensou Pop, para então rejeitar de cara. Pop retornou ao continente quarenta e cinco minutos mais tarde, agora mal percebendo os saltos e solavancos, as quedas de enrolar as tripas, enquanto o Beechcraft atravessava alguma ocasional turbulência. Era um homem castigado e pensativo.

Apontara a Polaroid para o Chapeleiro Maluco e lhe batera a foto. Enquanto aguardavam o processo de revelação, o Chapeleiro Maluco bateu uma foto de Pop...

e quando o flash espoucara, teria ele ouvido algo? Teria ouvido o surdo e feio rosnado daquele cão preto ou tinha sido apenas imaginação? Imaginação, era o mais provável. Em sua época, Pop tinha feito alguns negócios magníficos, e ninguém consegue isto sem imaginação.

No entanto...

Cedric McCarty, industrial aposentado par excellence e Chapeleiro Maluco extraordinaire, observou a revelação das fotos com aquela mesma ansiedade infantil, mas quando elas finalmente ficaram nítidas, ele pareceu divertido e mesmo talvez um pouco desdenhoso. Pop adivinhou, com a infalível intuição desenvolvida por quase cinquenta anos, que argumentar, lisonjear, até mesmo insinuar vagamente que tinha outro cliente simplesmente implorando uma chance de comprar aquela câmara —

nada, nenhuma dessas técnicas geralmente infalíveis, iria funcionar. Na mente de Cedric McCarty surgira um enorme cartaz amarelo com as palavras NÃO COMPRAR.

Ora, mas por quê?

Maldição, por que!

Na foto batida por Pop, aquele brilho que Kevin descobrira entre as pregas do

focinho do cão negro havia-se tornado claramente um dente — exceto que dente não seria a palavra exata, nem por um esforço de imaginação. Aquilo era uma presa. Na foto batida por McCarty, era possível ver-se o início do dente vizinho.

O maldito cachorro tem uma boca igual a uma armadilha para ursos, pensou Pop. Sem ser convidada, uma imagem de seu braço na boca daquele cão surgiu-lhe na mente. Ele viu o cão, não mordendo, não comendo, mas estraçalhando sua mão, da maneira como os muitos dentes de uma serra estraçalhavam a casca do tronco de uma árvore, folhas e pequenos galhos. Quanto tempo ele vai levar? perguntou-se, e perscrutou aqueles olhos sujos que o fitavam, incrustados na cara exorbitante, e soube que não demoraria muito. Ou, supondo-se que o cão o agarrasse pelas virilhas?

Ou, supondo-se...

McCarty, no entanto, havia dito algo e esperava uma resposta, o que fez Pop voltar sua atenção para ele. Então, evaporou-se qualquer remota esperança de que efetuasse uma venda para aquele sujeito. O Chapeleiro Maluco extraordinaire, que passaria alegremente uma tarde com você tentando invocar o fantasma de seu tio Nad, há muito falecido, havia desaparecido. Em seu lugar estava o outro lado de McCarty: o realista de cabeça dura, que durante doze anos a fio surgira na revista Fortune na lista dos homens mais ricos da América. Isto não acontecera por ele ser um cabeça oca que tivera a boa sorte de herdar um monte de dinheiro e uma equipe honesta e eficiente para manipulá-lo e expandi-lo, mas porque havia sido um gênio no campo do desenho e aperfeiçoamentos aerodinâmicos. Não era tão rico quanto Howard Hughes e tampouco tão maluco como Hughes ficara no final. Em se tratando dos fenômenos psíquicos, o homem era um Chapeleiro Maluco. Fora dessa área, no entanto, ele era um lince, fazendo indivíduos como Pop Merrill parecerem uma rã nadando em um charco lodoso.

— Perdão — disse Pop. — Eu pensava em outra coisa, Sr. McCarty.

— Eu disse que é fascinante — replicou McCarty. — Em particular as sutis indicações de passagem do tempo, de uma foto para a seguinte. Como é que funciona?

Uma câmara dentro da câmara?

— Não entendo o que quer dizer.

— Não, não é uma câmara — disse McCarty, falando para si mesmo. Apanhou a máquina fotográfica e a sacudiu junto ao ouvido. — É mais provável que seja alguma espécie de dispositivo rolante.

Pop ficou olhando fixamente para ele, sem a menor noção do que McCarty dizia... exceto que podia ser traduzido por NÃO COMPRAR, fosse o que fosse. Aquela maldita viagem no aviãozinho (e com outra iminente), tudo por nada. Qual o motivo?

Por quê? Estivera plenamente seguro sobre este homem, o qual provavelmente acreditaria que a Ponte de Brooklyn era uma ilusão espectral do “outro lado”, se alguém Lhe dissesse que era. Então , porquê?

— Fendas, naturalmente! — exclamou McCarty, tão deliciado quanto uma criança.

— Fendas! Há um cinto circular sobre correias, dentro do envoltório da câmara, provido de várias fendas. Cada fenda contém uma foto Polaroid exposta deste cão.

A continuidade sugere — ele tornou a observar cautelosamente as fotos — sim, que o cão podia ter sido filmado, com as fotos Polaroid oriundas de quadros individuais.

Presionado o obturador, uma foto cai de sua fenda e emerge. A bateria gira o cinto, o suficiente para ficar em posição para a foto seguinte, e... voilà!

Sua expressão satisfeita havia subitamente desaparecido, e Pop viu um homem que bem podia ter feito caminho para a fama e a fortuna pisando nos cadáveres desarticulados e sangrentos de seus competidores... e que gostava disso.

— Joe o levará de volta — disse ele. Sua voz se tomara gélida e impessoal. — É muito bom, Sr. Merrill — sombriamente, Pop percebeu que ele nunca mais tornaria a chamá-lo de Pop — e eu admito o fato. Excedeu-se finalmente, mas conseguiu enganar-me por muito tempo. Quanto já me arrancou? Por quem me toma? Era tudo bazófia?

— Jamais o enganei em um centavo — disse Pop, mentindo sobranceiramente. — Nunca lhe vendi uma só coisa que eu próprio não considerasse o artigo legítimo, e o que quero dizer é que isso vale também para essa câmara

legítimo, e o que quero dizer é que isso vale também para essa câmara.

— O senhor me dá náuseas — disse McCarty. — Não por eu ter confiado no senhor; já confiei em outros que eram mentirosos e trapaceiros. Não porque ficou com meu dinheiro; aliás, nem foi tanto assim. Dá-me náuseas porque homens como o senhor é que têm mantido a pesquisa científica dos fenômenos psíquicos na era do obscurantismo, algo que provoque hilaridade, algo para ser rejeitado, como única província de idiotas e excêntricos. O senhor ficou ambicioso e tentou passar adiante algo ridículo como isto. Quero que vá embora, Sr. Merrill!

Pop tinha o cachimbo na boca e um fósforo Diamante Ponta Azul na mão trêmula.

McCarty apontou um dedo para ele, e os olhos gélidos acima daquele dedo faziam parecer o cano de uma arma.

— E se acender essa coisa fedorenta aqui — disse ele — farei com que Joe a arranque de sua boca e despeje as brasas dentro de seus fúndilhos. Portanto, a menos que queira deixar minha casa com seu traseiro magro em chamas, eu sugiro...

— O que há com o senhor, Sr. McCarty? — explodiu Pop. — Nenhuma dessas fotos saiu da câmara revelada! O senhor viu a revelação com seus próprios olhos!

— Uma emulsão que qualquer garoto com um conjunto de química poderia preparar — disse McCarty friamente. — Não é o fixador-catalisador que o pessoal da Polaroid usa, mas está perto disso. Você expõe suas Polaroid — ou as cria a partir do filme cinematográfico, se é o que fez — para depois levá-las a um quarto escuro padrão e pintá-las com a gelatina. Quando secas, é só carregá-las na câmara. Ao serem expelidas da máquina, parecem qualquer outra Polaroid que ainda não começou a revelar-se. Cinzento sólido em uma moldura branca. Quando a luz bate em sua emulsão feita em casa, há uma mudança química que em seguida evapora-se, mostrando uma foto que você mesmo tirou horas, dias ou semanas antes. Joe?

Antes que Pop pudesse dizer qualquer coisa, seus braços foram agarrados e, em vez de caminhar, ele quase foi empurrado para fora da espaçosa sala de estar de paredes envidraçadas. De qualquer modo, ele não pretendia mesmo dizer nada.

Outra das boas coisas que um bom negociante precisa saber é quando está vencido.

Não obstante, ele gostaria de gritar por sobre o ombro: Quando alguma puta idiota de cabelos pintados e uma bola de cristal comprada através da revista Fat faz flutuar um livro, um abajur ou uma maldita página de partitura em uma sala escura, você se borra de prazer, mas se lhe mostro um a câmara capaz de tirar fotos de algum outro mundo, você me expulsa de sua casa! Você é maluco como um chapeleiro, sem dúvida! Pois bem, foda-se! Há outros peixes no mar!

E havia mesmo.

Assim, no dia 5 de outubro, Pop entrou em seu carro perfeitamente conservado e partiu para Portland, a fim de visitar as Irmãs Pus.

As Irmãs Pus eram gêmeas idênticas, que viviam em Portland. Andavam pelos mais ou menos oitenta anos, porém pareciam mais idosas do que Stonehenge. Fumavam cigarros Camel, um atrás do outro, o que tinham feito desde os dezessete anos, como tinham a satisfação de contar. Jamais haviam tido tosse de fumante, apesar dos seis maços que fumavam diariamente em conjunto. Naquelas raras ocasiões em que saíam de sua mansão colonial de tijolos vermelhos, eram conduzidas em um Lincoln Continental 1958, que tinha a sombria aparência de um carro fúnebre. Este veículo era dirigido por uma mulher negra, apenas um pouco mais nova do que as Irmãs Pus.

Esta motorista feminina provavelmente seria muda ou apenas algo um pouco mais especial: um daqueles poucos seres humanos realmente taciturnos que Deus já pôs no mundo. Pop não sabia e nunca perguntara. Fazia quase trinta anos que tinha negócios com as duas velhas senhoras, e a negra estivera com elas todo este tempo, em geral dirigindo o carro, às vezes lavandoo, às vezes cortando a grama ou aparando as sebes em torno da casa, às vezes indo até a caixa do correio na esquina com cartas das Irmãs Pus só Deus sabia para quem (ele ignorava se a negra já havia entrado na casa ou tinha permissão para isso, pois nunca a vira lá dentro) e, durante todo este tempo, nunca ouvira esta maravilhosa criatura falar.

A mansão colonial ficava no distrito Rramhall de Portland, que é para Portland o que a área de Beacon Hill é para Boston. Nesta última cidade, na terra da fava e do bacalhau, dizem que os Cabot só falam com os Lowell e os Lowell só falam com Deus, porém as Irmãs Pus e suas poucas remanescentes contemporâneas em

Portland afirmavam calmamente que os Lowell haviam transformado uma conexão privada em linha comunitária alguns anos depois que os Deere e seus contemporâneos de Portland tinham instalado o fio original.

E, naturalmente, ninguém em seu juízo perfeito as chamaria de Irmãs Pus diante de seus rostos idênticos, como ninguém em seu juízo perfeito enfiaria o nariz em uma serra de fita para aliviar uma coceira incômoda. Elas eram as Irmãs Pus quando não estavam presentes (e quando se tinha uma razoável certeza de que nas proximidades não havia um ou dois fofoqueiros), porém seus nomes reais eram Srta. Eleusippus Deere e Sra. Meleusippus Verrill. O pai delas, em sua determinação de combinar um devoto cristianismo com uma exibição da própria erudição, dera-lhes os nomes de dois dos trigêmeos que tinham sido santificados... mas que, infelizmente, haviam sido santos masculinos.

O marido de Meleusippus falecera muitos e muitos anos antes, durante a Batalha do Golfo de Leyte em 1944, para sermos exatos, tendo ela resolutamente mantido o sobrenome dele desde então, o que tomava impossível apelar-se para o meio mais fácil e simplesmente chamá-las de Senhoritas Deere. Nada disso; tinha-se que treinar aqueles malditos nomes de quebrar a língua, até eles saírem tão deslizantes quanto merda em um traseiro oleado. Bastaria um só tropeço e elas ficariam ofendidas, cortando relações com o infeliz por seis meses ou um ano. Havendo um segundo tropeço, esse infeliz nem precisaria dar-se ao trabalho de telefonar. Nunca mais.

Pop rodava em seu carro, tendo no assento ao lado a caixa de aço que continha a câmara Polaroid, enquanto isso treinando os nomes delas incessantemente, em voz baixa: “Eleusippus, Meleusippus. Eleusippus e Meleusippus. Hum-hum. Tudo bem.”

Entretanto, conforme depois ficou sabendo, esta era a única coisa que estava bem. Elas não quiseram a Polaroid, da mesma forma como McCarty não a quis... embora aquele encontro houvesse deixado Pop tão abalado, que ele agora estava preparado para pedir dez mil dólares a menos — ou cinquenta por cento de sua confiante estimativa original sobre quanto poderia valer a câmara fotográfica.

A idosa negra puxava folhas secas com um ancinho, revelando um gramado que, outubro ou não, continuava tão verde como o feltro de uma mesa de bilhar. Pop a cumprimentou com um movimento de cabeça. Ela olhou para ele, olhou através dele, e continuou puxando folhas com o ancinho. Pop tocou a cigarra da porta e ouviu uma sineta soar nas profundezas da casa. Mansão, era a palavra

porta e ouviu uma sineta soar nas profundezas da casa. Mansão, era a palavra perfeitamente adequada para indicar a residência das Irmãs Pus. Embora não tão grande como algumas das velhas casas no distrito de Bramhall, a perpétua penumbra que reinava no interior dava-lhe uma aparência de muito maior. O som de sineta realmente parecia vir flutuando através de uma profundidade de aposentos e corredores, e, na mente de Pop, aquele som sempre despertava uma imagem específica: a carroça dos mortos, passando pelas ruas de Londres durante o ano da praga, com o condutor tocando incessantemente sua sineta e gritando, “Tragam os mortos pra fora! Tragam os mortos pra fora! Pelo amor de Jesus, tragam os mortos pra fora!”

A Irmã Pus que abriu a porta uns trinta segundos mais tarde não só parecia morta, como embalsamada; uma múmia, entre cujos lábios alguém introduzira, como piada, a ponta fumegante de um cigarro.

— Merrill! — exclamou a dama.

O vestido dela era azul-profundo, os cabelos coloridos em um tom que combinava. Ela tentou falar com ele como falaria uma grande dama a um vendedor que se enganara de porta, mas Pop podia ver que, à sua maneira, a velha estava tão excitada quanto estivera aquele filho da mãe do McCarty. A diferença era apenas que as Irmãs Pus tinham nascido no Maine, sido criadas no Maine e morreriam no Maine, ao passo que McCarty viera de algum lugar do Meio-Oeste, onde a arte e habilidade da taciturnidade não eram, aparentemente, consideradas uma parte importante na criação de um filho.

Uma sombra flutuou em um lugar perto da extremidade oposta do vestíbulo, apenas visível acima do ombro ossudo da irmã que abrira a porta. Era a outra. Oh, sim, elas estavam ansiosas. Pop começou a pensar se poderia extrair delas uns doze mil, afinal de contas. Talvez até quatorze.

Pop sabia que poderia dizer, “Tenho a honra de dirigir-me à Srta. Deere ou Sra. Verrill?” e seria absolutamente correto, absolutamente polido, mas já havia lidado com aquela dupla de velhotas excêntricas anteriormente e sabia que, embora a Irmã Pus que lhe abrira a porta não erguesse uma sobrancelha ou tremesse uma narina, limitando-se a dizer-lhe com quem estava falando, ele perderia pelo menos mil pratas agindo assim. As duas sentiam grande orgulho de seus curiosos nomes masculinos e tendiam a ficar mais gentis com uma pessoa que tentasse e falhasse, do que com aquela que preferisse a saída dos covardes.

Assim, rezando rápida e mentalmente para que sua língua não lhe falhasse, agora

Assim, rezando rápida e mentalmente para que sua língua não lhe falhasse, agora que era chegado o momento, ele deu o máximo de si e ficou satisfeito ao ouvir os nomes pronunciados tão melosamente por sua bocacomo as palavras de um camelô.

— Eleusippus ou Meleusippus? — perguntou, seu rosto sugerindo a mais absoluta despreocupação, como se elas fossem Joan e Kate.

— Meleusippus, Sr. Merrill — disse ela e, ah, ótimo, ele agora era Sr. Merrill, deixandoo certo de que tudo transcorreria tão naturalmente como desejaria e que, sem dúvida, apenas estivera errado em seus julgamentos. — Não quer entrar?

— Certamente, obrigado — disse Pop, e entrou nas sombrias profundezas da Mansão Deere.

— Oh, céus! — exclamou Eleusippus Deere, quando a foto começou o processo da revelação.

— Que fera ele parece! — exclamou Meleusippus Verrill, em tons de legítima aflição e legítimo medo.

O cão estava ficando mais feroz, Pop era forçado a admitir, havendo algo que o preocupava ainda mais: a sequência-tempo das fotos parecia acelerar-se.

Para a foto de demonstração, ele fizera as Irmãs Pus posarem em seu sofá Rainha Anne. A câmara relampagueou sua viva luminosidade branca, por um rápido instante transformando a sala daquela zona purgatorial entre a terra dos vivos e dos mortos, onde aquelas duas velhas relíquias existiam de algum modo, para algo insípido e de mau gosto, como a foto policial de um museu no qual foi cometido um crime.

Contudo, a foto que emergiu não mostrou as Irmãs Pus sentadas lado a lado no sofá de sua sala de estar, como dois idênticos suportes de livros. A foto mostrou o cão negro, agora virado a tal ponto que sua cara inteira olhava para a câmara e o fotógrafo, fosse quem fosse ele, doido o suficiente para ficar lá, tirando instantâneos do animal. Agora, todos os dentes estavam à mostra, em um rosnado louco e homicida, a cabeça tomando uma ligeira e predatória inclinação para a esquerda.

Aquela cabeça, pensou Pop, continuaria inclinando-se enquanto ele saltava para sua vítima, cumprindo dois propósitos: protegera área vulnerável do pescoço

contra um possível ataque e deixando a cabeça em tal posição que uma vez solidamente cravados os dentes em carne ele poderia revirar-se e ficar ereto de novo, levando consigo um grande naco de tecido vivo de seu alvo.

— Ele é tão horrível! — exclamou Eleusippus, levando uma mão mumificada à carne pregueada do pescoço.

— Tão medonho! — Meleusippus quase gemeu, acendendo um novo Camel no toco do anterior, com mão tão trêmula que por pouco não queimou o rachado e fissurado canto esquerdo da boca.

— É totalmente inexplicável! — exclamou Pop triunfalmente, enquanto pensava: Eu gostaria que você estivesse aqui, McCarty, seu filho da mãe asqueroso. Eu gostaria que estivesse. Aqui temos duas damas que já dobraram o Cabo, indo e vindo algumas vezes, mas não pensam que esta maldita câmara seja apenas algum truque barato de feira de diversões!

— A câmara mostra alguma coisa que aconteceu? — sussurou Meleusippus.

— Ou alguma coisa que vai acontecer? — acrescentou Eleusippus, em um sussurro igualmente temeroso.

— Eu não sei — disse Pop. — Sei apenas que já vi algumas coisas muito estranhas na vida, mas nada que se compare a estas fotos.

— Não é de surpreender! — exclamou Eleusippus.

— Também acho! — disse Meleusippus.

Pop se dispôs inteiramente a iniciar a conversa na direção do preço — um tema delicado quando se lidava com qualquer um, porém muito mais quando se lidava com as Irmãs Pus: em negócios, ao chegar-se no preto no branco, as duas eram tão mimosas quando um par de virgens — o que, por tudo quanto Pop sabia, uma delas era. Ele começara a decidir-se por Para começar, jamais me passou pela mente vender uma coisa como esta, mas... (uma abordagem provavelmente mais velha do que as próprias irmãs Pus — embora talvez nem tanto, poder-se-ia dizer, após observar-se as duas detidamente — mas quando se lidava com Chapeleiros Malucos, isso não importava nem um pouco; de fato, os Chapeleiros Malucos gostavam de ouvir isto, assim como crianças pequenas gostam de ouvir as mesmas histórias de fadas, sempre e sempre), quando Eleusippus o esmagou

inteiramente, ao dizer:

— Bem, não sei sobre minha imiã, Sr. Merrill, mas eu não me sentiria à vontade olhando para alguma coisa que o senhor pudesse ter a oferecer-nos — aqui uma ligeira e dolorida pausa — em caráter de negócio, enquanto não puser essa... essa câmara ou seja lá que coisa terrível for... novamente em seu carro.

— Eu sou da mesma opinião — disse Meleusippus, amassando seu Camel fumado pela metade em um cinzeiro na forma de peixe, o qual fazia tudo, menos conservar pontas de cigarro.

— Fotos de fantasmas — disse Eleusippus — são uma coisa. Possuem uma certa...

— Dignidade — sugeriu Meleusippus.

— Isto! Dignidade! Esse cão, no entanto... — A velha chegou a estremecer de fato.

— Ele dá a impressão de prestes a saltar dessa foto e morder uma de nós.

— Todos nós! — elaborou Meleusippus.

Até este momento, Pop estivera convencido — talvez porque tivesse que estar — de que as irmãs haviam apenas iniciado sua parte na pechincha do objeto, e em estilo admirável. Entretanto, o tom de suas vozes, tão idênticos quanto seus rostos e corpos (se fosse possível dizer-se que elas possuíam coisas como corpos), estava além do seu poder de descrer. As duas não tinham dúvidas de que a Sun 660 exibia algum tipo de comportamento paranormal... demasiado paranormal para convir-lhes. Elas não estavam pechinchando; não estavam simulando; não estavam fazendo brincadeiras com ele, a fim de que baixasse o preço. Ao dizerem que não queriam partilhar da câmara e da coisa singular que ela fazia, era exatamente o que desejavam. As Irmãs Pus não tinham feito a ele a descortesia (e, em suas mentes, era justamente isto que teria sido) de supor ou mesmo sonhar que a vinda dele até ali fora com o propósito de vender-lhes a câmara.

Pop relanceou os olhos pela sala. Era como a sala da velha que ele vira certa vez em um filme de horror, em seu vídeo — um filmezinho vulgar, intitulado Oferendas Queimadas, onde a gorda velhota tentou afogar o filho na piscina, mas sem que nenhum dos dois pelo menos tirasse a roupa. A sala daquela dama

mas sem que nenhum dos dois pelo menos tirasse a roupa. A sala daquela dama era cheia, sobrecarregada, em realidade, entulhada de fotografias novas e antigas. Estavam em cima das mesas e do console da lareira em todo tipo de moldura; cobriam as paredes a tal ponto, que nem mesmo era possível adivinhar-se o padrão do papel que as revestia.

A sala das Irmãs Pus não chegava a tal exagero, mas, ainda assim, ali havia uma fartura de fotos, talvez chegando a umas cento e cinquenta, um total que parecia triplicado, em um aposento tão pequeno e penumbroso como aquele. Pop já estivera lá vezes suficiente para reparar na maioria delas, pelo menos de passagem, embora conhecendo outras muito bem, pois ele é que as tinha vendido para Eleusippus e Meleusippus.

Elas possuíam muito mais “fotografias de fantasmas", como Eleusippus Deere as chamava, talvez umas mil ao todo, mas, aparentemente, até mesmo as duas haviam percebido que um aposento do tamanho de sua sala de estar era limitado em termos de espaço para expor, se não em questão de gosto. O resto das fotografias de fantasmas fora distribuído entre os outros quatorze aposentos da mansão. Pop tinha visto todos eles. Era um dos raros felizardos aquinhoado com o que as Irmãs Pus qualificavam, com singela grandiosidade, A Turnê. Entretanto, era ali, naquela sala, que elas expunham suas “fotografias de fantasma" de primeiro quilate, com a melhor de todas, o supra-sumo da perfeição, atraindo o olhar pelo simples fato de permanecer um solitário esplendor no topo do fechado Stenway de cauda, perto das janelas de balcão. Naquela foto, um cadáver levitava de seu caixão, diante de cinquenta ou sessenta horrorizados carpidores e carpideiras. Era uma impostura, claro. Uma criança de dez anos — diabo, uma criança de oito — saberia que era um embuste. Em comparação, fazia as fotos dos elfos dançantes, que haviam fascinado o pobre Arthur Conan Doyle no fim de sua vida, parecerem espetaculares e perfeitas. De fato, enquanto relanceava os olhos pela sala, Pop viu apenas duas fotos que não eram óbvios embustes. Seria preciso um exame mais de perto para ver como fora feito o truque naquelas. Não obstante, aquelas duas cadelinhas anciãs, que haviam colecionado “fotografias de fantasmas" a vida inteira e se achavam grandes peritas no assunto, agiam como duas adolescentes vendo um filme de terror, ao lhes ser mostrada não apenas uma fotografia paranormal, mas uma maldita câmara paranormal que, em vez de executar sua façanha uma vez apenas, como aquela da dama-fantasma vendo os caçadores de raposa voltando para casa, era capaz de repetir-se e repetir-se... incessantemente. E quanto elas haviam gasto naquele material que nada mais era senão falcatrua? Milhares? Dezenas de milhares? Centenas de...

— ... para mostrar-nos? — Meleusippus perguntava a ele.

Pop Merrill forçou os lábios a esboçarem o que devia ter sido pelo menos uma imitação razoável de seu Sorriso de Filósofo de Botequim, porque elas não registraram nenhuma surpresa ou desconfiança.

— Perdoe-me, cara senhora — disse Pop. — Penso que estive devaneando por um ou dois minutos. Acho que isto acontece a todos nós, à medida que vamos entrando em anos...

— Estamos com oitenta e três, mas nossa cabeça continua tão límpida como uma vidraça de janela — disse Eleusippus, com visível desaprovação.

— Vidraças recém-lavadas — acrescentou Meleusippus. — Eu perguntava se teria algumas fotografias novas para mostrar-nos... depois que pusesse bem longe essa coisa horrorosa, naturalmente.

— Faz séculos que não vemos fotos novas realmente boas — disse Eleusippus, acendendo um novo Camel.

— No mês passado, fomos a Providence, assistir à Convenção Psíquica e de Tarot da Nova Inglaterra — disse Meleusippus — e embora as palestras fossem esclarecedoras...

— ... e animadoras...

— ... muitas das fotografias eram berrantes embustes! Até mesmo uma criança de dez...

— ... de sete anos!...

— ... teria percebido a falsificação. Portanto... — Meleusippus fez uma pausa. Seu rosto assumiu uma expressão de perplexidade, como se aquilo pudesse doer (os músculos de seu rosto há muito se tinham atrofiado em expressões de brando prazer e sereno conhecimento). — Estou abismada, Sr. Merrill. Devo admitir que estou um tanto abismada.

— Eu ia dizer a mesma coisa — falou Eleusippus.

— Por que trouxe essa coisa horrível? — perguntaram Eleusippus e Meleusippus

— Por que trouxe essa coisa horrível? — perguntaram Eleusippas e Meleusippas em perfeito e harmonioso dueto, estragado apenas pelo travo de nicotina em suas vozes.

Foi tão forte a ânsia de Pop em responder Porque eu não tinha ideia de que vocês fossem duas coroas velhas tão nojentas, que por um aterrorizante segundo ele acreditou ter falado isso, e encolheu-se, esperando os gritos gêmeos de ultraje elevarem-se nos penumbrosos e tenebrosos confins da sala de estar, gritos que seriam como o uivo de enferrujadas serras de fita mordendo nós em madeira de pinho, elevando-se em estridência até estilhaçarem os vidros nas molduras de cada foto fraudulenta no aposento, pulverizados na agonia da vibração.

A ideia de ter expressado tão terrível pensamento em voz alta durou apenas um breve segundo, mas pareceu-lhe muito mais tempo, posteriormente, em suas noites insones, com os relógios marcando o ritmo sonolentamente no andar de baixo (e com a Polaroid de Kevin Delevan trancada na gaveta de sua mesa de trabalho, agachada e vigilante). Naquelas horas insones, às vezes via-se desejando ter falado em voz alta, e perguntava a si mesmo se não estaria perdendo o juízo.

O que ele fez foi reagir com uma velocidade e sagaz instinto pela autopreservação, que foram quase nobres. Explodir diante das Irmãs Pus poderia deixá-lo imensamente gratificado, mas, infortunadamente, seria uma gratificação de vida breve. Se as bajulasse — exatamente como elas esperavam, desde que tinham passado a vida inteira ouvido melosas bajulações (embora isso não lhes tivesse feito à pele qualquer bem) — ele talvez pudesse vender-lhes mais “fotografias de fantasmas’ fraudulentas, no valor de três ou quatro mil dólares, se elas continuassem imunes ao câncer pulmonar que certamente reclamava uma ou ambas, desde pelo menos uns doze anos antes.

Afinal de contas, havia outros Chapeleiros Malucos no arquivo mental de Pop, embora não tantos quanto imaginara, no dia em que fora visitar Cedric McCarty. Uma checagem ligeira havia revelado que dois deles tinham morrido e que um atualmente aprendia a tecer cestas em uma das casas de repouso do norte da Califórnia, dedicadas aos incrivelmente ricos que, por acaso, também eram irremediavelmente insanos.

— Em realidade — disse ele —, eu trouxe a câmara para que as senhoras a vissem.

O que quero dizer — apressou-se ele, observando as expressões consternadas

O que quero dizer — apressou-se ele, observando as expressões consternadas das duas — é que sei o quanto ambas são experientes neste campo.

A consternação transformou-se em gratificação; as irmãs trocaram olhares vaidosos e satisfeitos. Pop viu-se desejando encharcar dois daqueles malditos maços de Camel em fluido de isqueiro para churrasco e depois enfiá-los em seus apertados traseiros de velhas solteironas, em seguida acendendo um fósforo. Elas os fumariam então, claro Fumariam os cigarros como duas chaminés geminadas, era o que ele queria dizer.

— Pensei que pudessem dar-me alguma orientação sobre o que devo fazer com a câmara, é o que quero dizer — finalizou ele.

— Destrua-a — declarou Eleusippus prontamente.

— Eu usaria dinamite — disse Meleusippus.

— Primeiro ácido, depois dinamite — emendou Eleusippus.

— Exato — concluiu Meleusippus. — Essa câmara é perigosa. A gente nem precisa olhar para esse cão-demônio, para saber.

Entretanto, ela havia olhado; as duas tinham olhado, e expressões idênticas de repulsa e medo haviam passado por seus rostos.

— Pode-se sentir o maaal saindo dela — disse Eleusippus, em voz tão empolada que seria hilariante, como uma ginasiana fazendo o papel de uma feiticeira em Macbeth, mas que de certo modo não despertava o riso. — Destrua-a, Sr. Merrill!

Antes que aconteça alguma coisa terrível. Antes — que talvez, repare que falei apenas talvez — ela o destrua.

— Ora, vamos! — exclamou Pop, irritado ao perceber que também se sentia um tanto inquieto, contra a vontade — o quadro está um pouco forte. O que quero dizer é, bem, não passa de uma máquina fotográfica!

Eleusippus Deere disse quietamente:

— E aquela prancheta que arrancou o olho da pobre Colette Simineaux, faz alguns anos... também não passava de um pedaço de compensado!

— Pelo menos, até que aquelas pessoas tolas, tolas, tolas descobrissem a coisa e abrissem os olhos — disse Meleusippus, em voz ainda mais quieta e impassível.

Parecia que nada mais havia para dizer. Pop ergueu a câmara — pela correia, cuidadosamente, sem tocar na máquina, embora dizendo para si mesmo que agia assim apenas por causa das duas cadelinhas velhas — e levantou-se.

— Bem, as senhoras é que são peritas — disse.

As duas anciãs entreolharam-se e sorriram.

Sim, recuar. A resposta era bater em retirada... pelo menos por enquanto, porém ele ainda não entregara os pontos. Araruta tem seu dia de mingau, e a espera pode dar frutos.

— Não pretendo tomar mais seu tempo e, de maneira alguma, desejaria importuná-las.

— Oh, em absoluto! — exclamou Eleusippus, levantando se também.

— Temos tido tão poucas visitas atualmente! — exclamou Meleusippus, ficando em pé.

— Ponha isso em seu carro, Sr. Merrill — disse Eleusippus — e depois...

— ...venha tomar chá conosco.

— Chá com bolinhos!

Embora Pop nada mais quisesse na vida do que estar fora dali (e dizer a elas precisamente, Não, muito obrigado, prefiro mover meu traseiro para BEM LONGE daqui), fez uma pequena e cortês inclinação, desculpando se da mesma forma!

— Seria um prazer, mas infelizmente tenho que atendera um outro compromisso.

Não venho à cidade com a frequência que desejaria... — Se você vai dizer uma mentira, pode perfeitamente dizer um monte delas, repetira muitas vezes o pai de Pop, e ele seguira o conselho ao pé da letra. Fingiu consultar o relógio: —Já demorei mais do que devia. Ambas fizeram com que me retardassem, porém

suponho não ter sido o primeiro homem de quem conseguiram isso.

Elas deram risadinhas contidas, ambas ruborizaram-se de maneira idêntica, e seu rubor tinha a tonalidade de rosas muito velhas.

— Oh, Sr. Merrill! — exclamou Eleusippus, emocionada.

— Convidem-me da próxima vez — disse ele, sorrindo até seu rosto dar a impressão de que racharia. — Convidem-me da próxima vez, sim, senhoras! À mais leve insinuação, verão como digo "aceito" mais depressa do que um cavalo pode trotar!

Pop saiu da casa e uma delas fechou rapidamente a porta (talvez pensem que o sol desbotará suas malditas e mentirosas fotografias de fantasmas, pensou Pop, irritado). Então, virando-se, ele bateu um instantâneo da negra, que continuava amontoando folhas secas com o ancinho. Fez isto levado por um impulso, como um indivíduo mesquinho que, por impulso, faria o carro guinar em uma estrada rural a fim de matar uma doninha ou racum.

O lábio superior da idosa negra arreganhou-se em um rosnado e, para seu espanto, Pop a viu fazer-lhe o sinal contra mau-olhado.

Entrando no carro, ele desceu a entrada da garagem em rápida marcha-ré.

A traseira do carro estava pela metade na rua, e ele se virava a fim de observar o trânsito, quando seus olhos caíram sobre a Polaroid que acabara de bater. Ainda não estava inteiramente revelada; mostrava a aparência leitosa e difusa de todas as fotos Polaroid ainda no processo de revelação.

Entretanto, já estava clara o suficiente para que Pop, ao vê-la, interrompesse a respiração que instintivamente levava aos pulmões, como uma brisa que, por um momento, cede sem qualquer motivo. Seu próprio coração pareceu parar em meia batida.

O que Kevin imaginara estava acontecendo agora. O cão finalizara seu giro e iniciava a incessante e inevitável aproximação para a câmara e quem quer que a estivesse empunhando... ah, mas ele a empunhara desta vez, não? Ele, Reginald Marion 'Pop" Merrill, tinha empunhado a câmara e batido o instantâneo da velha negra, em um impulso de momento, como uma criança espancada que dispara com sua espingarda de ar comprimido contra uma garrafa de refrigerante posta

sobre um pilar de cerca, porque não pode disparar contra o pai, embora nesse momento humilhante, com o traseiro ainda latejando das pancadas, ficasse feliz em fazê-lo.

O cão estava vindo. Kevin soubera o que ia acontecer em seguida, e Pop também teria sabido, se tivesse tempo de pensar a respeito, o que não acontecera — embora a partir deste momento sentisse dificuldade em pensar em outra coisa que não naquela câmara, tendo percebido que tais pensamentos tomavam mais e mais o seu tempo, fosse dormindo ou acordado.

Ele está vindo, pensou Pop, com a espécie de gélido terror que um homem sentiria, em pé no escuro, enquanto alguma Coisa, alguma Coisa indizível e insuportável aproxima-se, com dentes e garras afiados como navalhas. Oh, meu Deus, ele está vindo, esse cão está vindo!

Só que ele não estava apenas vindo, estava mudando.

Era impossível dizer como. Seus olhos doíam, presos entre o que deveriam estar vendo e o que estavam vendo. Por fim, a única explicação que encontrou era muito vaga: era como se alguém houvesse trocado a lente da câmara por uma outra especial, de maneira que a testa do cão, com seus coágulos de pêlo emaranhado, de certo modo parecia avolumar-se e recuar ao mesmo tempo, com os assassinos olhos do animal dando a impressão de haverem captado sujas faíscas vermelhas, quase imperceptíveis, como as cintilações que um flash Polaroid às vezes coloca nos olhos das pessoas.

O corpo do cão parecia ter-se alongado, mas não afinado, ao contrário — até parecia mais espesso — não mais gordo, mas fortemente musculado.

E os dentes eram maiores. Mais compridos. Mais aguçados.

De repente, Pop se lembrou de Cujo, o São Bernardo de Joe Camber — o que matara Joe e aquele velho beberrão Gary Pervier, além de “Big” George Bannerman.

O cão havia ficado raivoso. Encurralara uma mulher e um menino pequeno em seu carro, na propriedade de Camber e, após dois ou três dias, o garoto tinha morrido. Agora Pop perguntava a si mesmo se isto era o que eles tinham visto durante aqueles longos dias e noites, presos na estufa fumegante em que o carro se tornara; isto, ou alguma coisa semelhante, os lodosos olhos vermelhos, os

dentes compridos e agudos...

Uma buzina estrondeou impacientemente.

Pop gritou, seu coração não somente recomeçou a bater, mas disparou, como o motor de um carro de corridas da Fórmula 1.

Um furgão guinou à volta de seu sedã, que ainda estava com metade na entrada de carros e metade na estreita rua residencial. O motorista do furgão esticou o punho pela aberta, com o dedo médio espetando o ar.

— Vá tomar no rabo, seu filho da puta! — gritou Pop.

Fez de ré o resto da saída, mas tão desajeitadamente, que bateu no meio-fio da calçada oposta. Torceu furiosamente o volante (sem querer apertando a buzina enquanto isto) e então afastou-se. Três quarteirões ao sul, precisou parar e ficar sentado atrás do volante uns dez minutos, esperando que o tremor diminuísse o suficiente para permitir-lhe dirigir.

Tudo isto, graças às Irmãs Pus.

Nos cinco dias seguintes, Pop percorreu os nomes remanescentes de sua lista mental. O preço pedido, que começara com vinte mil dólares para McCarty e caíra para dez com a irmãs Pus (não que, nos dois casos, as negociações houvessem avançado o bastante para ele mencionar um preço), caiu a prumo, enquanto ele percorria os candidatos. Sobrou-lhe finalmente Emory Chaffee, com a possibilidade de talvez conseguir dois mil e quinhentos.

Chaffee apresentava um fascinante paradoxo: em toda a experiência de Pop com os Chapeleiros Malucos — uma experiência longa e espantosamente variada — Emory Chaffee era o único crente no "outro mundo" que não possuía a menor dose de imaginação, em absoluto. Que ele houvesse reservado um só pensamento para o "outro inundo", possuindo tal mentalidade, era surpreendente; que ele acreditasse nisso, era espantoso; e que pagasse um bom dinheiro para colecionar objetos relacionados ao tema, era algo que Pop achava francamente estarrecedor. No entanto, assim era, e ele o teria colocado em posição bem mais alta em sua lista se não fosse o incômodo fato de Chaffee ser, de longe, o menos opulento entre os que Pop considerava seus Chapeleiros Malucos “ricos”. Chaffee conseguia viver bem, mas precisando empenhar-se em reler os últimos fios desfiados do que um dia fora uma grande fortuna da família. Naturalmente, isto ocasionava mais uma enorme queda no preço que lhe pediria pela Polaroid

isto ocasionava mais uma enorme queda no preço que lhe pediria pela Polaroid de Kevin.

Entretanto, pensava Pop, enveredando com seu carro pela entrada de garagem, tomada de mato rasteiro, para o que fora uma das melhores residências de verão do Lago Sebago nos anos 20, mas que agora estava apenas a um ou dois passos de tornar-se uma das mais decadentes residências permanentes do lugar (a casa dos Chaffee, no distrito Bramhall, de Portland, tinha sido vendida para pagamento de impostos, quinze anos antes), se alguém comprar esta merda de máquina, admito que será Emory.

A única coisa que realmente o afligia — e afligia mais e mais, à medida que ia inutilmente percorrendo os cadidatos de sua lista — era a parte demonstrativa. Ele poderia descrever o que a câmara fazia, até perder o fôlego, mas nem um inutil como límory Chaffee soltaria um bom dinheiro em troca de somente uma explicação.

Por vezes, Pop achava que fora estupidez fazer Kevin bater todas aquelas fotos, a fim de que ele pudesse montar o videoteipe. Contudo, pensando melhor, acreditava que isso não teria feito qualquer diferença. Lá naquele mundo (porque ele, como Kevin, passara a pensar nele como sendo um mundo real), o tempo passava, e passava muito mais lentamente do que neste mundo aqui... mas não estaria acelerando, enquanto o cão se aproximava da câmara? Pop achava que sim. O movimento do cão ao longo da cerca, mal havia sido perceptível de início; agora, somente um cego deixaria de ver que o cão estava cada vez mais próximo, a cada foto batida, era possível notar-se a diferença, mesmo sendo tiradas duas fotos, uma logo após a outra.

Era quase como se o tempo de lá, estivesse tentando... bem, tentando emparelhar de algum modo, entrar em sincronização com o tempo daqui.

Se isso fosse tudo, já seria ruim o bastante. Só que não era tudo.

Aquilo não era nenhum cão, droga!

Pop ignorava o que fosse, mas sabia tão bem, como sabia que sua mãe estava sepultada no Cemitério em Homeland, que aquilo não era um cão.

Ele acreditava que houvera sido um cão, quando o animal ainda farejava a caminhada ao longo daquela cerca de ripas pontudas, que agora tinha ficado uns bons três metros para trás; ele havia parecido um cão, embora excepcionalmente

bons três metros para trás, ele havia parecido um cão, embora excepcionalmente malévolo, ao girar a cabeça o suficiente para ter-se uma boa visão de sua fisionomia.

Entretanto, para Pop ele agora não parecia qualquer criatura que já houvesse existido neste mundo de Deus e, provavelmente, nem no inferno de Lúcifer. O que o deixava ainda mais preocupado era isto: as poucas pessoas para quem batera fotos de demonstração não pareciam notar coisa alguma. Elas inevitavelmente retraíam-se, inevitavelmente diziam ser aquele o vira-lata mais feio, vagabundo e malvado que já tinham visto, mas era só. Ninguém sugerira que o cão da Sun 660 de Kevin transformava-se aos poucos em uma espécie de monstro, na medida de sua aproximação do fotógrafo. Quando se aproximava da lente que poderia ser uma espécie de portal, entre aquele e este mundo.

Pop tornou a pensar (como fizera Kevin), Ora, ele nunca o atravessará. Nunca.

Se alguma coisa está para acontecer, eu lhe direi o que será, porque essa coisa é um ANIMAL, talvez um bicho infernalmente horrendo, até mesmo assustador, como o tipo de coisa que um garotinho imagina estar dentro de seu armário, depois que mamãe apaga as luzes, mas a coisa continua sendo um ANIMAL, e, se algo acontecer, será isto: haverá um último retrato em que você nada mais verá além de um borrão, porque o demônio-cão terá saltado, você não pode ver o que ele pretende fazer e, depois disso, a câmara não funcionará ou, se funcionar, não tirará fotos que se revelam, porque serão apenas quedrados negros. Já que ninguém tira fotos com uma câmara de lente quebrada, isto é, que se quebrou em dois pedaços, pois se quem quer que seja o dono dessa sombra deixar a câmara cair quando o demônio-cão o atingir, e imagino que acontecerá exatamente assim, ele irá cair sobre a calçada e, com o tombo, provavelmente se QUEBRARA. Afinal, a maldita coisa não passa de um pedaço de plástico; plástico e cimento dificilmente se dariam bem em uma colisão.

Entretanto, agora Emory Chaffee chegava a seu estilhaçado alpendre, cujas tábuas pintadas estavam descascando, com as próprias tábuas mostrando farpas, e cujas telas estavam adquirindo a cor ferrugenta de sangue seco, algumas delas mostrando furos enormes; Emory Chaffee, usando um bléizer que um dia fora de um garboso azul, mas que após ser lavado tantas vezes, mostrava o cinza fosco de uniformes de ascensorista; Emory Chaffee, de testa alta estendendo-se para trás e para trás, até finalmente desaparecer sob o pouco cabelo que lhe restara, sorrindo o seu *Pop-pop, ora, ora, meu velho, muito bem, o que há?* um sorriso que mostrava seus enormes dentes salientes, dando-lhe a aparência que Pop

imaginava ser a do Coelho Pernalonga, se o Pernalonga houvesse sofrido algum cataclísmico retardamento mental.

Pop pegou a câmara pela correia — Céus, como estava odiando aquela coisa! — saiu do carro e se forçou a retribuir o aceno e sorriso do homem.

Afinal de contas, negócios eram negócios.

— Um cachorro danado de feio, não concorda?

Chaflee estava estudando a Polaroid, agora quase inteiramente revelada. Pop havia explicado o que a câmara fazia, sendo encorajado pelo franco interesse e curiosidade de Chaffee. Então, entregara a Sun a ele, convidando-o a bater uma foto de qualquer coisa que quisesse.

Exibindo aquele repulsivo sorriso de dentes acavalados, Emory Chaflee virou a Polaroid na direção de Pop.

— Não, eu não! — exclamou Pop apressadamente. — Eu preferiria que você me apontasse uma arma para a cabeça, em vez dessa câmara!

— Quando alguém vende uma coisa, deve realmente vendê-la — replicou Chaffee, intrigado.

Entretanto, terminou voltando a Sun 660 para a ampla panorâmica com vista para o lago, uma vista magnífica, que continuava tão deslumbrante agora, tão rica, como o fora a própria família Chaffee, naqueles anos iniciados após a Primeira Guerra Mundial, os anos dourados que, de algum modo, haviam sido transformados em latão, por volta de 1970.

Ele pressionou o obturador.

A câmara gemeu.

Pop pestanejou. Descobria que agora sempre pestanejava, a cada vez que ouvia aquele som — aquele chorinho lamentoso. Tentara conter o pestanejamento e, para sua aflição, percebera que era impossível.

— Sim, senhor! Uma fera infernalmente feia! — tornou a exclamar Chaffee, após examinar a foto revelada.

Pop ficou soturnamente satisfeito, ao ver que o repulsivo e ensalivado sorriso de dentes de coelho por fim desaparecera. Pelo menos, a câmara fora capaz, de conseguir isso.

Não obstante, estava igualmente claro para Pop, que o homem não via o mesmo que ele. Aliás, Pop estava mais ou menos preparado para tal eventualidade, embora continuando muitíssimo abalado, por trás de sua máscara impassível de ianque. Em sua opinião, se a Chaffee houvesse sido conferido o poder (pois isso era o que parecia ser) de ver o que Pop via, o imbecil fodido teria corrido para a porta mais próxima, em velocidade máxima.

O cão — bem, agora deixara de ser um cão, porém precisava ser chamado de alguma coisa — ainda não iniciara o salto para o fotógrafo, porem já se preparava para o pulo; as patas traseiras estavam simultaneamente retesadas e agachando-se na direção da rachada e anônima calçada, de uma forma que fez Pop recordar o carro envenenado de um rapazola, estremecendo e mal contido pela embreagem, durante os últimos segundos de um sinal vermelho; a agulha no mostrador de rpm já subindo para 60 x 10, o motor uivando através de tubulações cromadas, os pneus gordos prontos para arrancar fumaça do asfalto, em um beijo ardente.

A cara do animal deixara de ser algo reconhecível. Estava contorcida e distorcida para uma aberração exibida em feiras, parecendo possuir apenas um olho escuro e malevolente, nem redondo e nem oval, mas de certa forma escorrido, como ,uma gema de um ovo que foi desmanchada pelos dentes de um garfo. Seu focinho era um bico negro, com fundos e dilatados buracos a cada lado. E havia fumaça saindo daqueles buracos — como vapores das ventas de um vulcão? Talvez sim — ou talvez esta parte fosse apenas imaginação.

Não importa, pensou Pop. Basta você continuar acionando esse obturador ou deixar que idiotas como este o acionem , e então descobrirá, não é mesmo?

Entretanto, ele não queria descobrir. Olhou para a coisa negra e homicida, cujo pelame emaranhado prendera talvez umas duas dúzias de teimosas bardanas, a coisa que não mais tinha pêlos, exatamente, mas algo semelhante a espigões animados e uma cauda como uma arma medieval. Observou a sombra — que precisara de um maldito e catarrento rapazola para ser identificada — e viu que havia mudado. Uma das sombras-pernas dava a impressão de ter recuado um passo — um passo bem longo, mesmo avaliando-se o efeito do sol que nascia ou se punha (um sol que estava descendo: de algum modo, Pop ficara bem certo de

que ele descia, que naquele mundo de lá era a noite que chegava, não o dia).

O fotógrafo daquele mundo finalmente descobrira que o tema para sua foto não pretendia posar para ser retratado, que isto jamais fizera parte de seu plano. Ele pretendia comer, não posar. Esse era o plano.

Comer e, talvez, de algum modo que Pop não entendia, escapar.

Descubra! pensou ele, ironicamente. Vá em frente! E só continuar batendo fotos! Você descobrirá! Descobrirá PLENAMENTE!

— E o senhor — estava dizendo Emory Chaffee, porque havia parado apenas um momento; criaturas de escassa imaginação, raramente se interrompem o suficiente para coisas triviais como considerações — é um vendedor danado de bom!

A lembrança de McCarty ainda estava muito próxima da superfície da mente de Pop, ainda incomodava.

— Se acha que é um embuste... — começou.

— Um embuste? De maneira nenhuma! De maneira... nenhuma! — O sorriso de dentes protuberantes ampliou-se, em todo o seu repulsivo esplendor. Chaffee. Ele estirou as mãos para os lados, em um movimento de certamente-você-está-brincando. — Entretanto, compreenda, acho que não podemos fazer negócio sobre este particular objeto, Sr. Merrill. Lamento dizer isto, mas...

— Por quê? — exclamou Pop, sem se conter. — Se não acha que essa maldita coisa seja um embuste, por que, raios, não a quer?

Ele próprio ficou surpreso, ao perceber que elevava a voz em uma espécie de lamentosa e desapontada fúria. Jamais acontecera algo semelhante a isto, nunca na história do mundo, Pop tinha certeza, nem jamais tomaria a acontecer. No entanto, era como se não conseguisse desfazer-se da miserável coisa.

— Bem, mas... — Chaffee parecia atônito, como se não soubesse de que maneira explicar, porque o que quer que tivesse para dizer, parecia-lhe por demais óbvio.

Naquele momento, assemelhava-se a um simpático, mas não muito apto professor do pré-primário, tentando ensinar uma criança retardada a amarrar os

cordões dos sapatos. — Essa câmara não faz coisa nenhuma, faz?

— Como, não faz! — Pop quase gritou. Não podia acreditar que havia perdido o controle a tal ponto, que continuava a perdê-lo o tempo todo. O que estava acontecendo com ele? Ou, indo mais fundo, o que aquela câmara filha da mãe estava fazendo a ele? — Não faz coisa nenhuma? Será que está cego? Ela tira fotos de outro mundo! Ela tira fotos que se movem no tempo, de uma para a seguinte, pouco importando onde as tire ou quando as tire neste mundo! E essa... essa coisa... esse monstro...

Oh! Oh, céus, finalmente chegara! Finalmente chegara longe demais. Podia percebê-lo, na maneira como Chaffee olhava para ele.

— Bem, mas é apenas um cão, não é? — disse Chaffee, em voz baixa e consoladora.

Seu tom era o que seria usado para acalmar-se um louco, enquanto as enfermeiras voavam para o armário onde guardavam as hipodérmicas e o material para dopar e abater um ser humano.

— Hum-hum — disse Pop, lenta e cansadamente. — Nada mais do que um cão... porém o senhor mesmo disse que era uma fera infernalmente feia.

— Certo, certo, eu disse — falou Chaffee, concordando com demasiada prontidão.

Pop pensou que se o sorriso do homem ficasse mais amplo e exibicionista, ele bem merecia ser presenteado com a visão dos três quartos superiores da cabeça do idiota, tombando em seu colo. — Só que... certamente compreenderá, Sr. Merrill... o problema que isto apresenta para o colecionador. O colecionador sério.

— Não, creio que não compreendo — disse Pop.

Entretanto, após percorrer toda a lista de Chapeleiros Malucos, uma lista que inicialmente lhe parecera tão promissora, começava a compreender. De fato, começava a ver toda uma legião dos problemas que a Polaroid Sun apresentava ao colecionador sério. Quanto a Emory Chaffee... somente Deus sabia o que Emory pensava, exatamente.

— Sem dúvida, é verdade que existam coisas como fotografias de fantasmas —

disse Chaffee, em voz tão cheia e pedante, que Pop sentiu vontade de estrangulá-lo — , mas estas não são fotografias de fantasmas. Elas...

— Tão certo como o inferno, elas não são fotografias normais!

— Concordo plenamente — disse Chaffee, franzindo de leve as sobrancelhas —, mas que espécie de fotos elas são? A gente dificilmente poderia responder, certo?

Podemos apenas mostrar uma câmara perfeitamente normal, que tira fotos de um cão parecendo pronto para saltar. E, quando der o salto, ele escapará da moldura da foto. A esta altura, pode acontecer uma entre três coisas. A câmara poderá começar a tirar fotos normais, isto é, de coisas para as quais for apontada; poderá não tirar mais quaisquer fotos em absoluto, uma vez encerrado o seu único propósito, que seria fotografar — documentar, poder-se-ia dizer — esse cão; ou poderia, simplesmente, continuar tirando fotos dessa cerca branca e do maltratado gramado por trás dela. — Chaffee fez uma pausa, e acrescentou: — Suponho que alguém poderia passar o fundo em algum ponto, quarenta fotografias adiante — ou quatrocentas — mas a menos que o fotógrafo erguesse seu ângulo, o que não parece ter feito em qualquer destas fotos, conseguiríamos apenas ver o transeunte da cintura para baixo. Mais ou menos. — E, repetindo o pai de Kevin, sem mesmo saber quem era o pai de Kevin, ele acrescentou: — Perdoe-me por dizer isto, Sr. Merrill, mas o senhor me mostrou algo que pensei jamais chegar a ver: uma ocorrência paranormal inexplicável e quase irrefutável que, de fato, é absolutamente tediosa.

Este surpreendente, mas aparentemente sincero comentário, forçou Pop a ignorar o que quer que Chaffee pudesse pensar sobre sua sanidade, e tornou a perguntar:

— Em sua opinião, trata-se realmente de apenas um cão?

— É claro — respondeu Chaflee, parecendo algo surpreso. — Um vira-lata perdido, que parece ter um temperamento excessivamente ruim.

Ele soltou um suspiro.

— Aliás, claro que não seria levado a sério. Estou querendo dizer é que ele não seria levado a sério por pessoas que não o conheçam pessoalmente, Sr. Merrill.

Pessoas não familiarizadas com sua honestidade e confiabilidade em tais

assuntos. A coisa toda parece um truque, entende? E, por falar nisto, nem mesmo parece um bom truque. Para mim, é mais semelhante a um brinquedo para criança, tipo Bola-Oito Mágica.

Duas semanas antes, Pop teria argumentado cansativamente contra tal ideia.

Entretanto, isso seria antes de ter, não ido embora, mas de fato, sido expulso da casa daquele filho da puta do McCarty.

— Bem, se esta é a sua palavra final... — disse Pop, levantando-se e pegando a câmara pela correia.

— Lamento imensamente, o senhor ter feito essa viagem com tão pouco propósito — disse Chaffee... e então seu horrendo sorriso foi novamente exibido, os lábios carnudos e os dentes enormes brilhando de saliva. — Eu ia preparar um sanduíche para mim, quando o senhor apareceu. Gostaria de fazer-me companhia, Sr. Merrill?

Sei prepará-los muito saborosos, acredite. Acrescento um pouco de rábano-picante e cebola das Bermudas — aí está o meu segredo — e depois então...

— Agradeço, mas não — disse Pop pesadamente. Como na sala de estar das irmãs Pus, tudo que ele desejava no momento era colocar quilômetros de distância entre si mesmo e aquele idiota sorridente. Pop sentia uma visível alergia a lugares onde jogava e perdia. E, ultimamente, tais lugares pareciam proliferar. Proliferar diabolicamente. — Eu já almocei, é o que quero dizer. Preciso ir andando.

Chaffee riu gostosamente.

— O mourejar do trabalhador nos vinhedos é extenuante, mas oferece grande recompensa — disse ele.

Não ultimamente , pensou Pop. Ultimamente não me tem oferecido nenhuma merda de recompensa.

— Tem-se que ganhar a vida, afinal — replicou Pop.

Eventualmente ele saiu da casa, que era úmida e gélida (Pop não imaginava como seria morarem tal lugar, quando fevereiro chegasse), com aquele cheiro de rato, um cheiro bolorento, que podia provir das cortinas decadentes, da cobertura

fato, um cheiro bolorento, que podia provir das cortinas decadentes, da cobertura dos sofás e coisas assim... ou ser apenas o cheiro deixado para trás pelo dinheiro gasto por longo tempo em um lugar, antes de sua partida. Ele decidiu que o ar fresco de outubro, matizado com apenas um leve sabor do lago e um toque mais forte de agulhas de pinheiro, jamais tivera um cheiro tão bom.

Pop entrou em seu carro e ligou o motor. Ao contrário da Irmã Pus que se tinha limitado a levá-lo até a porta, em seguida fechando-a rapidamente atrás dele, como se receando que o sol pudesse atingi-la e em seguida transformá-la em pó, como a um vampiro, Embory Chaffec estava em pé no alpendre, sorrindo seu sorriso de idiota e realmente acenando, como se Pop estivesse partindo para um maldito cruzeiro pelo mar.

Então, sem pensar, exatamente como batera o instantâneo de velha negra movido por um impulso, ele também bateu uma foto de Chaffee e da casa apenas-começan-do-a-desfazer-se, que era tudo quanto restava dos bens da família Chaffee. Ele não se lembrava de ter apanhado a câmara no assento, onde a jogara com irritação, só tendo ficado cônscio de que a tinha entre as mãos ou de que pressionara o obturador, quando ouviu o gemido do mecanismo expelindo a foto, como se fosse uma língua, coberta por algum brando fluido acinzentado — Leite de Magnésia, talvez. Aquele som parecia vibrar agora ao longo de seus terminais nervosos, fazendo-os gritar; era como a sensação experimentada quando algo muito frio ou muito quente atingia uma obturação recente.

Pop estava perifericamente cônscio de que Chaffee ria, como se aquela fosse a piada mais diabolicamente interessante do mundo, antes de arrancar a foto da fenda, em uma espécie de furioso horror, enquanto dizia a si mesmo que havia imaginado o momentâneo e apagado som de um rosnado, um som semelhante ao que se poderia ouvir, se um barco a motor estivesse aproximando-se, com a pessoa tendo a cabeça debaixo d'água; enquanto dizia a si mesmo ter imaginado a momentânea sensação de que a câmara inchara em suas mãos, como se alguma forte pressão interna houvesse empurrado as laterais para fora, por uma fração de segundo. Apertou com força o botão do porta-luva, jogou lá dentro e tornou a fechá-lo, tão rudemente e tão depressa, que quebrou a unha do polegar até o sensível sabugo.

Arrancou com o carro aos solavancos, o motor quase afogando, depois por pouco não batendo em um dos majestosos e velhos abetos que flanqueavam o final da comprida entrada de carros dos Chaffee. Enquanto engrenava e subia o restante da empinada entrada de carros, julgou ouvir Emory gargalhando, em

ruidosos, despreocupados e satisfeitos urros de som: Ha! Ha! Ha! Ha!

Seu coração martelava no peito e a cabeça dava a impressão de alguém usar uma marreta dentro dela. Os pequenos grupamentos de veias aninhadas nas concavidades de cada têmpora pulsavam firmemente.

Pop conseguiu controlar-se aos poucos. Oito quilômetros adiante, o homenzinho dentro de sua cabeça parou de usar a marreta. Com quinze quilômetros (agora já quase a meio caminho de volta a Castle Rock), as batidas do coração retornavam ao normal. E ele disse para si mesmo: Você não vai olhar para a foto. NÃO VAI. Deixe a maldita coisa apodrecer aí dentro. Você não precisa olhar para ela e tampouco precisará bater outras. Chegou a hora de considerar a venda dessa coisa com o perdida. Chegou a hora de fazer o que devia ter deixa do o garoto fazer, antes de mais nada.

Assim, claro que quando alcançou a área de descanso de Castle View, um desvio lateral de onde se podia — assim parecia — avistar todo o oeste do Maine e metade de New Hampshire, ele manobrou para lá e desligou o motor. Abrindo o porta-luva, pegou a foto batida pouco antes, sem não mais intenção ou consciência do que teria um homem ao fazer alguma coisa enquanto caminhava como sonâmbulo. A foto se revelara no porta-luva, evidentemente; os produtos químicos inseridos naquele quadrado engenhosamente liso tinham ganho vida e executado sua costumeira e eficiente tarefa. Para uma foto Polaroid, ambiente claro ou escuro não fazia qualquer diferença.

A coisa-cão agora se agachava em todo o comprimento para o solo. Encolhera-se tão inteiramente, como um gatilho puxado para trás em toda a extensão. Os dentes do animal salientavam-se da boca, de modo que o rosnado agora parecia não ser apenas uma expressão de fúria, mas mera necessidade; como era possível que aquela boca conseguisse fechar-se sobre dentes tão enormes? Como aquelas mandíbulas mastigariam? O animal mostrava mais semelhança com uma espécie de estranho urso selvagem do que com um cão, porém de fato em nada se parecia a qualquer coisa que Pop já tivesse visto na vida. Olhar para a fera fazia mais do que dor nos olhos; doía na mente. Aquilo o fazia sentir-se como se fosse enlouquecer.

Por que não se livra dessa câmara aqui mesmo? pensou subitamente. Você pode fazer isso. Basta sair do cairo, caminhar até o guard-rail lá adiante e jogá-la longe. Pronto! Adeus!

Entretanto, isso teria sido um ato impulsivo, e Pop fazia parte da tribo Racional — pertencia a ela de corpo e alma, é o que quero dizer. Ele não pretendia, no impulso do momento, fazer algo de que mais tarde se arrependesse, e...

Se você não fizer isto, mais tarde ficará arrependido.

Não. E não. E não. Um homem não pode agir contra sua natureza. Era antinatural.

Ele precisava de tempo para pensar. Para ter certeza.

Justificou-se, jogando a foto fora, em vez da câmara, e então rodou rapidamente para fora do desvio. Por um ou dois minutos, teve a impressão de que vomitaria, mas a ânsia passou. Então, sentiu-se um pouco mais ele mesmo. Uma vez em segurança de volta à sua loja, destrancou a caixa de aço, tirou dela a Sun, remexeu uma vez mais as chaves que tinha em seu molho e localizou a da gaveta em que guardava seus itens “especiais”. Começou a colocar a câmara lá dentro... e parou, de cenho franzido. A imagem do cepo de cortar lenha penetrou em seu cérebro com tal nitidez, cada detalhe tão cristalinamente visível, que era como uma fotografia em si.

Ele pensou: Pouco importa esse negócio de um homem não poder agir contra sua natureza . Isso é tolice e sabe muito bem. Não está na natureza do homem comer terra, mas você comeria uma tigela cheia dela, por todos os demônios, se alguém apontasse uma arma para sua cabeça e lhe mandasse fazer isso. Você sabe que chegou a hora, meu chapa — hora de fazer o que devia ter deixa do o garoto fazer, antes de mais nada. Afinal de contas, você não fez nenhum investimento nisto!

Neste momento, outra parte de sua mente levantou-se em irado protesto, como que sacudindo um punho fechado. Sim, eu fiz! Eu fiz um investimento, porra!

Aquele garoto estraçalhou uma câmara Polaroid perfeitamente boa! Ele ignorava o fato , porém isso não muda a verdade de que perdi cento e trinta e nove pratas!

— Oh, mas que merda! — murmurou ele agitadamente. — Não se trata disso! Não se trata do fodido dinheiro !

Não — não se tratava do fodido dinheiro. Pelo menos, ele podia admitir que não era uma questão de dinheiro. Pop tinha condições para gastá-lo; aliás, tinha condições de gastar muito mais, incluindo-se sua própria mansão no distrito

condições de gastar muito mais, incluindo-se sua própria mansão no distrito Bramhall, de Portland, e um Mercedes-Benz novo em folha, estacionado no galpão. Ele nunca compraria tais coisas — Pop juntava suas moedinhas e preferia parecer quase patologicamente miserável, nada mais do que o bom e velho ianque sovina — porém isto não significava que não poderia ter a mansão e o carro, se assim preferisse.

Não se tratava de dinheiro; tratava-se de algo muitíssimo mais importante do que o dinheiro poderia ser. Era uma questão de não ser logrado. Pop trabalhara duro a vida inteira, para não ser logrado, e nas poucas ocasiões em que fora passado para trás, sentira-se como um homem com formigas vermelhas perambulando dentro do crânio.

Por exemplo, aquele negócio da maldita vitrola Kraut. Quando Pop soube que aquele negociante de antiguidades de Boston — Donahue, era esse o nome dele — tinha conseguido cinquenta pratas mais do que deveria conseguir por um gramofone Victor-Graff 1915 (que não passava de um muito mais comum modelo 1919), havia perdido sono no valor de trezentos dólares, ruminando o assunto, algumas vezes tramando várias formas de vingança (cada uma pior e mais ridícula do que a última), em outras apenas amaldiçoando-se por ser um tolo, dizendo a si mesmo que devia estar decaindo, para um homem da cidade como o tal Donahue passar a perna em Pop Merrill. Havia ocasiões em que imaginava o cretino comentando com seus parceiros de pôquer como tinha sido fácil, que diabo, aqueles caras de lá eram todos uns otários; na opinião deles, se alguém tentasse vender a Ponte de Brooklyn para um sujeito como aquele rato-do-campo Merrill, de Castle Rock, o grande imbecil perguntaria “Quanto é?” Então, ele e os parceiros de jogo sacudiam-se nas cadeiras de tanto rir, em volta da mesa de pôquer (Pop não sabia por que sempre os via sentados àquela mesa, em seu mórbido devaneio, mas a verdade é que os via), fumando charutos de um dólar e urrando gargalhadas, como um bando de entes sobrenaturais.

O caso da Polaroid o estava corroendo como ácido, mas ele ainda não estava disposto a largá-lo de mão.

Não inteiramente disposto.

Você está louco! gritou uma voz para ele. Está louco, se pretende continuar com isto!

— Uma ova que eu fisgo essa isca — murmurou ele soturnamente para aquela voz e para sua sombria loja vazia, que tiquetaqueava macia para si mesma, como

voz e para sua sombria loja vazia, que tiquetaqueava macia para si mesma, como uma bomba em uma valise. — Uma ova que eu fisgo!

Contudo, isto não significava que ia perambular por aí em outras viagens cretinas, tentando vender a filha da mãe daquela câmara e, com toda certeza, não significava que ia tirar mais fotos com ela. Pop imaginava que haveria pelo menos mais três fotos “seguras” nela, provavelmente umas sete no máximo, porém ele é que não iria descobrir. Em absoluto.

Ainda assim, poderia surgir qualquer coisa. Nunca se sabe. E que mal faria, a ele ou outra pessoa qualquer, deixara câmara trancada dentro de uma gaveta — que mal?

— Nenhum — concordou Pop vivamente consigo mesmo.

Deixou a câmara cair dentro da gaveta, tornou a enfiar as chaves no bolso, e então foi até a porta, onde virou o aviso de FECHADO para ABERTO, com o ar do homem que finalmente deixou para trás algum incômodo problema de uma vez por todas.

DEZ

Pop acordou às três da madrugada seguinte, banhado de suor, com os olhos perscrutando o escuro temerosamente. Os relógios haviam iniciado outra laboriosa corrida para dar as horas.

Não havia sido este som que o acordara — embora talvez sim, porque não estava em sua cama no andar de cima, mas na própria loja, no térreo. O Emporium Galorium era uma caverna de escuridão, entulhada de sombras gigantescas, criadas pela luz do poste da rua, que através das vitrines sujas enviava apenas claridades suficiente para produzir a desagradável sensação de coisas escondidas além dos limites da visão.

Ele não havia sido acordado pelos relógios, mas pelo flash.

Pop horrorizou-se ao se ver de pijama, em pé ao lado de sua mesa de trabalho, tendo nas mãos a Polaroid Sun 660. A gaveta “especial" estava aberta. Ele tinha consciência de que, embora tivesse batido uma só foto, seu dedo ficara pressionando incessantemente o obturador. Teria batido muitas mais fotos além daquela que se destacava da fenda na parte inferior da câmara, se não fosse a pura sorte.

Dentro da máquina fotográfica, restara apenas um único retrato no pacote de filmes.

Pop começou a baixar os braços — estivera segurando a câmara apontada para a frente da loja, o visor com sua rachadura mínima, como um fio de cabelo, erguido diante de um olho aberto e sonolento — e quando os desceu até junto das costelas, eles começaram a tremer. Os músculos que seguravam as articulações dos cotovelos pareciam ter perdido a força. Seus braços descambaram, os dedos se abriram, e a câmara escapou para dentro da gaveta “especial", caindo lá com ruído. A foto que ele havia batido deslizou da fenda e revoluteou no ar. Bateu na borda da gaveta aberta, inclinou-se primeiro para um lado, como se fosse seguir a câmara, e depois para o outro. Tombou no chão.

Ataque do coração, pensou Pop, incoerentemente. Vou ter um maldito, miserável ataque do coração.

Tentou erguer o braço direito, querendo massagear o lado esquerdo do peito,

mas o braço não obedeceu. A mão em sua extremidade pendeu tão flácida, como um morto na ponta de uma corda. O mundo oscilou, entrando e saindo de foco. O som dos relógios (os mais atrasados agora já terminavam) extinguiu-se em ecos distantes.

Então, a dor no peito diminuiu, a claridade pareceu retornar em parte, e ele percebeu que tudo quanto fazia era tentar desmaiar.

Obrigou-se a sentar na cadeira giratória, atrás da mesa de trabalho, e o ato de arriar no assento, como o ato de baixar a câmara, começou perfeitamente bem, mas antes de haver baixado metade da distância, aquelas dobradiças, as que uniam coxas e pernas na altura dos joelhos, também cederam. Ele não se sentou na cadeira, despencou nela. A cadeira rodou uns trinta centímetros para trás, bateu em um caixote cheio de antigas revistas Life e Look, para então parar.

Pop baixou a cabeça, do jeito como alguém faz ao sentir-se estonteado, e o tempo passou. Mais tarde, ele não fazia ideia de quanto demorara assim, em absoluto. Talvez até tivesse cochilado um pouco. Quando levantou a cabeça, sentiu-se mais ou menos bem de novo. Havia um latejamento insistente e difuso em suas têmporas e na testa, talvez por haver permanecido muito tempo naquela posição, mas descobriu que podia levantar-se e sabia o que tinha a fazer. Se aquela coisa o impressionara tanto, a ponto de fazê-lo caminhar dormindo, depois fazê-lo (sua mente tentou revoltar-se a esse verbo, esse fazer, mas ele não entregou os pontos) tirar fotos com ela, isso era o bastante. Pop não tinha ideia do que fosse a maldita coisa, porém havia uma certeza: não deveria comprometer-se com ela.

Era hora de fazer o que devia ter deixado o garoto fazer, antes de mais nada.

Certo. Só que não esta noite. Ele estava exausto, encharcado de suor e tremendo.

Decidiu que seria trabalho demais apenas subir a escada para seu apartamento novamente, quando mais esgrimir aquela marreta. Supôs que poderia encerrar tudo ali mesmo, simplesmente tirando a câmara da gaveta e batendo-a contra o chão, várias vezes, porém havia uma verdade mais profunda, sendo melhor admiti-la francamente: não queria mais lidar com aquela câmara esta noite. Pela manhã haveria tempo suficiente... e a câmara não causaria dano algum enquanto isso, não? Claro, ela não continha filme algum.

Pop fechou a gaveta e a trancou. Depois ficou lentamente em pé, mais parecendo

um homem na casa dos oitenta do que na dos setenta, e arrastou-se devagar para a escada. Subiu um degrau a cada vez, descansando em cada um, aferrando-se ao corrimão (em si não muito sólido) com uma das mãos e segurando na outra o pesado monte de chaves, em seu anel de aço. Afinal chegou ao topo. Após trancar a porta, sentiu-se um pouco mais forte. Foi para seu quarto e deitou-se na cama, como sempre sem sentir o forte cheiro de suor e de velhice que subia no ar quando se deitava — Pop mudava os lençóis da cama no primeiro dia de cada mês e achava bom assim.

Não quero dormir agora , pensou, e depois: Sim, você vai dormir. Vai dormir porque pode, e você pode porque amanhã cedo vai pegar a marreta, destroçar essa fodida coisa em pedacinhos e pôr um fim nisto.

Este pensamento e o sono chegaram simultaneamente. Pop então dormiu sem sonhar, quase sem se mover, pelo resto da noite. Ao acordar, surpreendeu-se ao ouvir que os relógios do andar de baixo pareciam dar uma pancada extra, todos eles: oito, em vez de sete. Só depois de ver a luz espalhando-se no chão e na parede em um oblongo ligeiramente enviezado, percebeu que, de fato, eram oito horas; pela primeira vez em dez anos, dormira além da conta. Então, recordou a noite anterior.

Agora, à luz do dia, todo o episódio parecia menos fantasmagórico; estivera mesmo a ponto de perder os sentidos? Ou talvez fosse apenas um tipo natural de fraqueza que acometia um sonâmbulo, ao despertar inesperadamente?

Bem, só podia ser isso, não? Entretanto, uma pouco brilhante manhã de sol não ia modificar aquele fato central: ele tinha caminhado enquanto dormia, tinha tirado pelo menos uma foto, e tiraria um monte inteiro delas, se houvesse mais filmes no pacote.

Pop saiu da cama, vestiu-se e desceu para o térreo, com a intenção de destroçar aquela coisa em pedacinhos antes do café da manhã.

ONZE

Kevin desejou que sua primeira visita à cidade bidimensional de Polaroidsville fosse também a última, porém não foi este o caso. Depois do primeiro sonho, ele voltou a tê-lo mais e mais frequentemente nas treze noites que se seguiram. Se o taciturno sonho parecia dar-lhe uma noite de folga — umas feriazinhas, Kev, mas volto logo, certo? — era provável que o tivesse duas vezes na noite seguinte. Agora ele sempre sabia que era um sonho, e assim que começava, Kevin dizia a si mesmo que tudo quanto tinha a fazer era acordar, droga, apenas acordar! Às vezes ele acordava, e em outras ocasiões o sonho apenas desfazia-se em sono mais profundo, mas nunca fora capaz de fazer-se acordar.

Agora era sempre Polaroidsville — nunca Oatley ou Hildasville, os dois primeiros esforços de sua mente confusa para identificar o local. E, como acontecia com as fotos, cada sonho fazia a ação avançar um pouquinho mais. Primeiro, o homem do carrinho de compras, que nunca estava vazio, mas entulhado de trastes indefinidos... que agora eram principalmente relógios, mas todos do Emporium Galorium, e todos com a aparência fantasmagórica, não de coisas reais, mas antes de fotografias de coisas reais, recortadas de revistas que, de algum modo impossível, paradoxalmente, tinham sido enfiadas no carrinho de compras. E este, sendo bidimensional como os próprios objetos, não tinha largura em que estocá-los. No entanto, as fotografias de relógios estavam lá, e o velho inclinava-se protetoramente sobre elas, dizendo a Kevin que fosse embora, que ele era um latrão fotido... com a diferença que, agora, ele também dizia a Kevin que, se ele não fosse embora, "Fou atiçar o cachorro de Pop contra focê! Fai fer só se não faço isso!"

A mulher gorda, que não podia ser gorda porque era absolutamente achatada, mas sendo gorda assim mesmo, vinha em seguida. Aparecia empurrando seu próprio carrinho de compras cheio de câmaras Polaroid Sun. Ela também se dirigia a Kevin, antes de ele ultrapassá-la. “Tome cuidado, garoto”, dizia ela, na voz alta mas sem inflexões de alguém totalmente surdo. “O cachorro de Pop rebentou a correia e é um bicho perigoso. Já destroçou três ou quatro pessoas na Fazenda Trenton, em Camberville, antes de vir para cá. É difícil tirar a foto dele, mas a gente não pode fazer tudo, a menos que tenha uma câmara.”

A gorda inclinava-se para pegar uma das câmaras, às vezes chegava a erguê-la, e Kevin esticava a mão para apanhá-la, sem saber por que a mulher achava que ele devia tirar a foto do cão ou por que ele quereria tirá-la... mas, não estaria apenas

querendo ser polido?

De um modo ou de outro, não fazia diferença. Os dois moviam-se com a majestática lentidão de nadadores debaixo d'água, como fazem frequentemente as pessoas nos sonhos, sempre deixando de fazer conexões por muito pouco; quando Kevin pensava nesta parte do sonho, costumava lembrar-se da famosa pintura de Deus e Adão, executada por Miguel Ângelo no teto da Capela Sistina: ambos com os braços estirados, estiradas as mãos nos respectivos braços, os indicadores quase — não de todo, mas quase — se tocando.

Então, a mulher desaparecia momentaneamente, já que não tinha espessura, para tornar a reaparecer, mas agora fora de alcance. Neste caso, irei atrás dela. pensava Kevin, quando o sonho chegava a esta altura, mas não podia. Seus pés o levavam direta e serenamente para a cerca de ripas pontudas com a tinta descascando, para Pop e o cão... só que o cão deixara de ser cão, para tomar-se uma horrível coisa mesclada, que expelia fogo e fumaça como um dragão, com os dentes e o focinho torcido, esfolado, de um porco selvagem. Pop e o cão da Polaroid se viravam para ele ao mesmo tempo. Pop tinha a câmara — a sua câmara, Kevin sabia, por causa do lascado no lado — erguida para o olho direito. O olho esquerdo estava apertado, fechado. Seus óculos sem aros equilibravam-se no alto da cabeça, refletindo a luminosidade enevoada do sol. Tanto Pop como o cão da Polaroid possuíam três dimensões. Eram as únicas coisas que a possuíam, naquela deprimente e espectral cidadezinha sonhada.

— Alí está ele! — gritava Pop, em voz estridente e temerosa. — Ele é o ladrão!

Pegue-o, garotão! Ponha-lhe as fodidas tripas pra fora , é o que quero dizer!

E enquanto ele bradava a última frase, um alvo relâmpago riscava o dia, porque Pop apertara o obturador da câmara e o flash. Kevin então dava meia-volta e corria.

O sonho terminava aqui, da segunda vez em que o tivera. Agora, em cada ocasião subsequente, as coisas avançavam um pouco. De novo ele se movia com a aquática lentidão de um artista em um balé submarino. Ele sentia que, se houvesse estado fora de si mesmo, até pareceria um dançarino, os braços girando como as lâminas de uma hélice começando a mover-se, a camisa contorcendo-se com seu corpo, estirando-se sobre o peito e o ventre, ao mesmo tempo em que ouvia a aba libertando-se das calças na parte das costas, emitindo um ruído exagerado, como de lixa.

exagerado, como de lixa.

Então, corria de volta pelo caminho em que viera, cada pé levantando-se lerdamente e então flutuando sonhadoramente (claro que sonhadoramente, o que mais queria você, seu tolo? pensava ele a cada vez, nesta altura do sonho) para baixo, até pisar no cimento liso e rachado da calçada, as solas dos tênis achatando-se ao receberem-lhe o peso e erguendo nuvenzinhas de areia, em um movimento tão vagaroso, que ele podia ver as partículas isoladas, revolvendo-se como átomos.

Ele corria lentamente, sim, claro está. E o cão Sun, um vira-lata perdido e sem nome, uma coisa que viera de nenhures e nada significando, possuindo todo o senso de um ciclone, mas mesmo assim existindo, corria em sua perseguição... só que não tão lentamente.

Na terceira noite, o sonho se fundiu em sono normal, no momento em que Kevin começava a virar a cabeça, naquele arrastado e enlouquecedor movimento em câmara lenta, a fim de ver quanta dianteira tinha sobre o animal. Então, uma noite não houve sonho. Na noite seguinte ele voltou — em duplicata. No primeiro sonho, virara metade da cabeça e pudera ver a rua à sua esquerda desaparecendo em limbo atrás dele, enquanto corria por ela; no segundo (e, deste, acordou com o toque do despertador, suando levemente, encolhido em posição fetal, no extremo oposto da cama), havia virado a cabeça o suficiente para ver o cão, precisamente quando as patas dianteiras pisavam em suas próprias pegadas. Viu também que aquelas patas abriam pequeninas crateras desmoronantes no cimento, porque tinham garras como esporões... e que de trás de cada articulação inferior das patas projetava-se um comprido espinho ósseo, também semelhante a esporão. O olho lodoso e avermelhado da coisa estava fixo em Kevin. Das narinas fluía e pingava um fogo indistinto.

Jesus, Jesus Cristo! É CATARRO em fogo, pensou Kevin, e, acordando, ficou horrorizado ao ouvir-se sussurrar, rápida e repetitivamente: “...catarro em fogo, catarro em fogo, catarro em fogo...”

De noite para noite, o cão encurtava a distância entre ambos, enquanto Kevin disparava calçada abaixo. Mesmo não se virando para olhar, ele ouvia o cão da Polaroid se aproximando. Sentia espalhar-se uma quentura que brotava nas virilhas, e sabia que seu medo era suficiente para fazê-lo urinar-se, embora a emoção chegasse da mesma forma diluída, entorpecida, com que ele parecia mover-se naquele mundo.

Kevin podia ouvir as patas do cão da Polaroid batendo no cimento, podia ouvir o cimento que rachava, ruindo com seco estalido. Também ouvia o morno ofegar do animal, o silvo do ar ao ser sugado e passar por entre aqueles dentes horrendos.

Foi na noite em que Pop acordou e descobrira que não apenas tinha caminhado durante o sono, mas que tirara pelo menos uma foto enquanto isto, Kevin não apenas ouviu a respiração do cão da Polaroid, como a sentiu pela primeira vez; uma rajada morna de ar em suas nádegas, como o jato opressivo de vento que um trem subterrâneo, em corrida expressa, faz varrer a estação onde não tem que parar. Ele sabia que, agora, o cão estava próximo o bastante para pular em suas costas, que isto aconteceria em seguida; sentiria mais uma respiração dele, esta não apenas morna, mas fervente, tão ardente como azia subindo pela garganta, para depois aquela boca contorcida, semelhante a uma armadilha vivente para ursos, afundar na carne de suas costas, entre as omoplatas, arrancando pele e carne da espinha. Então, continuaria pensando que aquilo era apenas um sonho? e continuaria?

Deste último sonho, Kevin acordou justamente quando Pop chegava ao alto da escada para seu apartamento e fazia uma última pausa, antes de voltar para a cama.

Desta vez, Kevin despertou enquanto se sentava ereto e bruscamente na cama, o lençol e o cobertor que tivera sobre o corpo, amarfanhados em torno da cintura, a pele molhada de suor, mas congelada, com um milhão de poros arrepiados espalhando-se pelo ventre, peito, costas e braços, como estigmas. Até mesmo suas faces pareciam solidarizar-se em arrepios.

E seu pensamento naquele momento não incluiu o sonho ou, pelo menos, não diretamente; em vez disto, ele pensou: Está errado, o número está errado, marca três, porém não pode...

Então, descambou para trás, à maneira das crianças (porque, aos quinze anos, a maioria dele continuava criança a assim permaneceria, até mais tarde nesse dia), e voltou a cair em sono profundo.

O despertador acordou-o às sete e meia, como sempre fazia nas manhãs em que tinha aula. Kevin se viu sentado novamente na cama, de olhos arregalados, cada peça de súbito no lugar. A Sun que havia destroçado não fora a sua Sun, daí porque vinha tendo aquele sonho louco repetidamente. Pop Merrill, aquele

afável velho filósofo de botequim, consertador de câmaras, relógios e pequenos aparelhos domésticos, tinha ludibriado ele e seu pai tão perfeita e competentemente, como um jogador dos barcos dos rios ludibriava os novatos em um filme antigo de faroeste.

Seu pai...!

Ele ouviu a porta no andar de baixo se fechar com uma batida e pulou da cama.

Correu dois passos para a porta do quarto, vestido apenas com a roupa de baixo, mas pensou melhor, virou-se, ergueu a com um movimento brusco e berrou “Papai!” no momento exato em que seu pai agachava-se para entrar no carro e ir trabalhar.

DOZE

Pop tirou o molho de chaves do bolso, abriu a gaveta “especial” e apanhou a câmara, de novo tomando o cuidado de erguê-la pela correia apenas. Com certa esperança, olhou para a frente da Polaroid, pensando poder ver a lente fora estilhaçada em seu último tombo, desejando que o olho da maldita coisa se tivesse furado, poder-se-ia dizer, mas seu pai costumava falar que o diabo sempre tem sorte, e este parecia ser o caso com a diabólica máquina fotográfica de Kevin Delevan. O ponto lascado no lado daquela coisa ficara um pouquinho mais lascado, porém era tudo.

Ele fechou a gaveta e, ao girar a chave na fechadura, viu a única foto que batera enquanto dormia, jazendo de face contra o chão. Incapaz de não olhar para ela — como a mulher de Lot fora incapaz de não se virar e deixar de olhar para a destruição de Sodoma — ele recolheu a foto, com aqueles dedos rudes que ocultavam sua destreza ao mundo com tanta perfeição, e a virou.

O cão-criatura iniciara o salto. As patas dianteiras mal haviam deixado o solo, porém ao longo da acidentada espinha e nos feixes de músculos sob a pele, com o pelame em filamentos eriçados, semelhantes a negras cerdas de aço em escovas, ele podia ver toda a energia cinética que começava a ser liberada. Nesta foto, a cara e a cabeça do cão estavam realmente um pouco borradas, a boca um pouco mais arreganhada e, erguendo-se da foto, como um som ouvido abaixo de um vidro, ele pareceu captar um rosnado rouco e gutural, transformando-se em rugido. Pela sombra do fotógrafo, tinha-se a impressão de que ele tentara recuar mais um passo, porém, de que adiantava? Havia fumaça brotando dos buracos no focinho daquele cão-coisa, sem dúvida, era fumaça, e mais fumaça fluía das articulações das mandíbulas abertas, no pequeno espaço em que terminava a horrível muralha de estacas que eram os dentes. Qualquer homem fugiria de semelhante horror, qualquer homem tentaria dar meia volta e fugir, mas tudo que Pop precisava fazer, era olhar para aquilo e dizer que o homem (claro que era um homem, talvez um dia havia sido um menino, um adolescente, mas quem possuía a câmara agora?) autor daquela foto, em um mero reflexo sobressaltado, com uma espécie de tique nervoso no dedo... esse homem não tinha chances no valor de um níquel. Esse homem poderia continuar em pé ou tropeçar nos pés e cair, mas toda a diferença consistia em saber como morreria: enquanto em pé ou após cair sentado sobre o traseiro.

Pop amassou a foto entre os dedos e tornou a enfiar o molho de chaves no bolso.

Virou-se, segurando pela correia o que tinha sido a Polaroid Sun 660 de Kevin Delevan, mas que agora era a sua Polaroid Sun 660, e começou a caminhar para os fundos da loja; faria uma parada apenas para pegar a marreta. Então, ao aproximar-se da porta para o depósito existente nos fundos, um súbito flash, enorme, branco e inaudível, foi acionado, não diante de seus olhos, mas por trás deles, em seu cérebro.

Pop deu meia-volta e, agora, seus olhos estavam tão vazios como os de um homem temporariamente cego por alguma luz ofuscante. Passou junto da mesa de trabalho, com a câmara agora segura entre as mãos, ao nível do peito, como alguém carregando uma urna votiva ou qualquer espécie de oferenda ou relíquia religiosa. A meio caminho entre a mesa de trabalho e a porta da rua, havia uma secretária coberta de relógios. À sua esquerda, ficava uma das vigas de suporte de estrutura semelhante a um celeiro; de um gancho ali fincado, pendia outro relógio, uma imitação do relógio de cuco alemão. Pop agarrou-o pelo teto e o tirou do gancho, indiferente aos contrapesos, que imediatamente ficaram com as respectivas correntes emaranhadas entre si, e ao pêndulo, que se soltou quando as perturbadas correntes tentaram abraçá-lo. A portinhola abaixo do teto do relógio escancarou-se; o pássaro de madeira assomou com o bico e um olho assustado. Emitiu apenas um som abafado — cuco! — como que em protesto pelo rude tratamento, antes de esgueirar-se novamente para dentro.

Pop pendurou a Sun pela correia no gancho onde estivera o relógio, tornou a virar-se e, pela segunda vez, caminhou na direção dos fundos da loja, tendo os olhos ainda absortos e ofuscados. Ele segurava o relógio pelo teto, balançando-o indiferentemente para diante e para trás, sem ouvir os ruídos desencontrados dentro dele ou o som estrangulado e ocasional do que poderia ter sido o pássaro tentando escapar, não percebendo quando um dos contrapesos se chocou contra a extremidade de uma velha cama, soltou-se e rolou para baixo dela, deixando uma trilha funda na imperturbada poeira de anos. Ele se movia com a inexpressiva e insensata deliberação de um robô. No depósito, parou apenas para pegar a marreta por seu cabo liso.

Com as duas mãos assim ocupadas, teve de usar o cotovelo esquerdo para erguer o gancho do ferrolho, a fim de abrir a porta do depósito e ir para o pátio.

Caminhou até o cepo de cortar lenha e colocou sobre ele a imitação do relógio cuco alemão. Ficou parado um momento, com a cabeça inclinada para o relógio, as duas mãos agora segurando o cabo da marreta. O rosto de Pop continuava

as duas mãos agora segurando o cabo da marreta. O rosto de Pop continuava absorto, os olhos vagos e ofuscados, porém uma parte de sua mente não apenas pensava com clareza, mas pensava claramente em tudo que ele estava pensando — e fazendo. Esta parte dele não via um relógio cuco que, para começar, não valia grande coisa e, agora em troca estava quebrado; esta parte via a Polaroid de Kevin. E acreditava realmente que Pop descera para o térreo, tirara a Polaroid da gaveta e tinha ido diretamente para os fundos, parando apenas para apanhar a marreta.

E era disto que esta parte se lembraria mais tarde... a menos que fosse conveniente para ele recordar alguma verdade. Ou, por falar nisto, qualquer verdade.

Pop Merrill ergueu a marreta acima do ombro direito e a desceu com força — não com tanta força como Kevin, mas com força suficiente para cumprir sua tarefa. Ela bateu em cheio no teto da imitação de relógio cuco alemão. O relógio não apenas se quebrou ou estilhaçou, mas desintegrou-se; pedacinhos de plástico imitando madeira, pequeninas molas e peças voaram para todos os lados. E o que aquela pequena parte de Pop capaz de ver recordaria (a menos que, naturalmente, fosse conveniente recordar outra coisa), eram pedacinhos de câmara, espalhados por toda parte.

Ele ergueu a marreta do cepo e ficou parado um instante, com os olhos meditativos, que não viam, pousados nos destroços. O cuco, que para Pop assemelhava-se exatamente a um pacote de filmes, um pacote de filmes para Polaroid Sun, jazia caído de costas, com as patinhas de madeira espetadas no ar, parecendo mais morto do que já parecera qualquer pássaro, fora de um desenho animado mas, de certo modo, ao mesmo tempo dando a sensação de miraculosamente ileso. Pop espiou-o, depois virou-se e tornou a caminhar para a porta do depósito.

— Pronto — murmurou baixinho. — Isso foi o bastante.

Alguém parado muito perto dele talvez fosse incapaz de compreender as palavras ditas, porém seria difícil não perceber o tom de alívio com que foram pronunciadas.

— Isso acabou. Não tenho mais que me preocupar com isso. E agora, o que vem?

Fumo para cachimbo, não?

Fumo para cachimbo, não?

Entretanto, quando ele entrou no drugstore que ficava no outro lado do quarteirão, quinze minutos mais tarde, o que pediu não foi fumo para cachimbo (embora fosse o que recordaria haver pedido). Ele pediu filmes.

Filmes Polaroid.

TREZE

— Kevin, vou acabar chegando atrasado ao trabalho, se não...

— Você não pode ligar para lá? Não pode? Ligar e dizer que vai chegar atrasado — ou que talvez não vá? Se houvesse alguma coisa realmente, realmente, realmente importante?

Com cautela, o Sr. Delevan perguntou:

— E o que é essa alguma coisa?

— Você poderia?

A Sra. Delevan estava à porta do quarto de Kevin. Meg encontrava-se atrás dela.

As duas olhavam para o homem em seu terno de trabalho e para o adolescente alto, ainda usando apenas a cueca, tomadas de curiosidade.

— Eu acho que... sim, acho que poderia. Só que não vou telefonar, enquanto não souber o que há.

Kevin baixou a voz e, apontando os olhos para a porta, disse:

— É sobre Pop Merrill. E a câmara.

A princípio apenas intrigado com o que os olhos de Kevin faziam, o Sr. Delevan então caminhou para a porta. Murmurou algo para a esposa, e ela assentiu. Depois fechou a porta, ignorando os lamentosos protestos de Meg, da mesma forma que ignoraria um pássaro trinando uma enfiada de notas sobre um fio telefônico, fora da janela do quarto.

— O que você disse para mamãe? — perguntou Kevin.

— Que era um assunto entre homens. — O Sr. Delevan sorriu de leve. — Segundo penso, ela talvez ache que você queira falar sobre masturbação.

Kevin ficou vermelho. O Sr. Delevan pareceu preocupado.

— Você não faz isso, faz? Quero dizer, você sabe sobre...

— Eu sei, eu sei — respondeu Kevin precipitadamente.

Não diria a seu pai (e ignorava se conseguiria escolher as palavras certas, mesmo querendo), que ficara momentaneamente perturbado ao descobrir que não somente ele sabia sobre masturbar-se — o que naturalmente não deveria tê-lo surpreendido em absoluto, mas surpreendera de certo modo, deixando-o surpreso com sua própria surpresa — mas que sua mãe, de algum modo também sabia.

Não importava. Nada disto tinha a ver com os pesadelos ou com a nova certeza que se ajustara ao lugar, dentro de sua cabeça.

— É sobre Pop, como lhe disse. E sobre alguns sonhos ruins que venho tendo... mas principalmente sobre a câmara. Porque, não sei como, Pop a roubou, pai.

— Kevin...

— Eu a esmaguei naquele cepo de cortar lenha, sei disso. Só que aquela não era a minha câmara. Era outra câmara! Bem, mas isto não é o pior, pai. O pior é que ele continua usando a minha para tirar fotos! E aquele cão vai escapar! Quando escapar, acho que virá me matar. Naquele outro mundo, ele já começou a sal-sal-sal..

Kevin não conseguiu terminar. Ficou novamente surpreso consigo mesmo — agora, por irromper em lágrimas.

Quando John Delevan conseguiu acalmar Kevin, eram dez para as oito, e já se conformara em, pelo menos, chegar tarde ao trabalho. Tomou o filho nos braços — o que quer que estivesse acontecendo, realmente deixara o garoto abalado e, se realmente tudo não passasse de uma sucessão de sonhos, o Sr. Delevan supunha que encontraria sexo na raiz do assunto, em algum lugar.

Quando Kevin ficou tremendo, apenas fungando forte, em um ocasional soluço seco, o Sr. Delevan foi até a porta e a abriu cautelosamente, esperando que Kate tivesse levado Meg para baixo. Tinha acertado. O corredor estava vazio. Um ponto para o nosso lado, enfim, pensou, voltando para junto de Kevin.

— Consegue falar agora? — perguntou.

— Pop ficou com a minha câmara — respondeu Kevin roucamente. Os olhos vermelhos, ainda lacrimosos, perserutaram o pai quase de maneira míope. — Ficou com ela de algum modo, e agora a está usando.

Ficou com ela de algum modo, e agora a está usando.

— E isto foi algo que você sonhou?

— Sim... e me lembro de uma coisa.

— Kevin... aquela era a sua câmara. Lamento, filho, mas era. Eu mesmo vi o lascadinho no lado.

— Ele deve ter feito alguma trapaça e...

— Kevin, isso me parece francamente ridí...

— Ouça — disse Kevin, ansioso. — Quer apenas me ouvir?

— Está bem. Sim, estou ouvindo.

— O que me lembrei foi de que, quando ele me passou a câmara... quando voltamos lá para estraçalhá-la, lembra-se?

— Claro, mas...

— Eu espiei por aquela janelinha onde a câmara mostra a quantidade de filmes que sobraram. E ali havia um três, pai! Havia um três!

— Muito bem e daí?

— Havia filmes dentro dela! Filmes! Sei, porque lembro de ter visto uma daquelas coisas pretas e lustrosas saltando fora, quando bati com a marreta na câmara. Elas saltaram fora e voaram até o chão.

— Eu repito: e daí?

— Não havia filme nenhum em minha câmara, quando a entreguei a Pop! E isso aí! Eu bati vinte e oito fotos. Ele quis que eu batesse mais trinta, para dar um total de cinquenta e oito. Eu podia ter comprado mais filmes, se soubesse o que ele pretendia, mas provavelmente, não. Àquela altura, eu já estava com medo da coisa...

— Hum-hum. Eu também estava um pouco.

Kevin olhou para ele, respeitosamente.

Kevin olhou para ele, respeitosamente.

— Você estava?

— Estava. Continue. Acho que entendo aonde quer chegar.

— Eu ia dizer que ele contribuiu na compra do filme, mas não o suficiente — nem mesmo metade. Ele é um pão-duro danado pai.

John Delevan esboçou um leve sorriso.

— Ele é mesmo, garoto. Um dos maiores do mundo, é o que quero dizer. Continue e termine. *Tempus* está *fugiting* como louco.

Kevin olhou para o relógio. Quase oito horas. Embora nenhum deles soubesse, Pop acordaria dentro de dois minutos e iniciaria seus negócios da manhã, bem poucos dos quais se lembraria corretamente.

— Certo — disse Kevin. — Estou tentando explicar que eu não poderia ter comprado mais filme, mesmo querendo. Gastei todo o dinheiro que tinha comigo, comprando os três pacotes de filme. Até pedi emprestada uma prata a Meg, e depois deixei que ela batesse duas fotos.

— E entre vocês dois, usaram todas as exposições? Cada uma?

— Sim! Sim ! Ele mesmo disse que eram cinquenta e oito! E eu não comprei mais filme nenhum, entre o momento quando terminei de bater todas as fotos que ele queria, e ao irmos lá, ver o teipe que Pop tinha feito. A câmara estava absolutamente vazia quando a entreguei, papai! O número que aparecia na janelinha era um zero!

Eu mesmo vi, eu me lembro! Portanto, se aquela era mesmo a minha câmara, como seria possível mostrar um três na janelinha, ao voltarmos para o andar de baixo?

— Ele não poderia ter...

Seu pai interrompeu-se, e uma expressão curiosa, soturna e não característica sombreou-lhe o rosto, quando percebeu que Pop poderia, que a verdade a respeito era esta: ele, John Delevan, não queria acreditar que Pop pudesse; que inclusive a amarga experiência não fora imunização bastante contra a tolice, e

que Pop lhe jogara um véu nos olhos, assim como nos de seu filho.

— Não poderia ter o que? Em que está pensando, papai? Acabou de descobrir alguma coisa?

Sim, acabara de descobrir algo. A ansiedade de Pop em descer para o térreo, a fim de pegar as fotos Polaroid originais, para que todos examinassem melhor a coisa à volta do pescoço do cão, a coisa que se revelara como sendo a mais recente gravata de cordão que Kevin ganhara de presente da tia Hilda, aquela com um fecho mostrando um pássaro que se parecia a um pica-pau.

Nós podemos descer com o senhor, dissera Kevin, quando Pop se oferecera para pegar as fotos, mas o velho não se apressara em descer sozinho, alvoroçado como um chapim? Não demoro um minuto , respondera ele, ou algo parecido, mas na verdade, disse o Sr. Delevan para si mesmo, eu mal percebi o qu e ele dizia ou fazia, porque queria ver novamente o maldito teipe. E a verdade era também isto: Pop nem precisara lançar mão do velho recurso da troca diante deles — embora, com os olhos agora bem abertos, o Sr. Delevan estava querendo relutantemente acreditar que o velho filho da mãe provavelmente estaria preparado para tal, que provavelmente teria feito isto também, já entrado na casa dos setenta ou não. Com pai e filho no andar de cima e ele no andar de baixo, presumivelmente não fazendo outra coisa senão apanhar as fotografias de Kevin, Pop poderia ter trocado vinte câmaras, a seu bel-prazer.

— Pai?

— Suponho que poderia — disse o Sr. Delevan, — mas por quê?

Kevin apenas abanou a cabeça. Não sabia por quê. Entretanto, isso era certo; o Sr. Delevan achava que ele fizera a troca, o que já era um certo alívio. Homens honestos talvez não tivessem que aprender as verdades mais simples do mundo, incessantemente. Com o tempo, era possível que algumas dessas verdades se aderissem. Ele teria apenas que fazer a pergunta em voz alta, para encontrar a resposta. Por que os Pop Merrill deste mundo faziam qualquer coisa? Para obter lucro. Aí estava o motivo, o verdadeiro motivo, nada mais. Kevin quisera destruir a câmara. Após ver o videoteipe de Pop, o Sr. Delevan ficara de acordo com o filho.

Deles três, quem seria o único a enxergar mais longe?

Ora, Pop, naturalmente. Reginald Marion “Pop” Merrill

Ora, Pop, naturalmente. Reginald Marion "Pop" Merrill.

John Delevan estivera sentado na beira da cama de Kevin, com um braço passado pelos ombros do filho. Agora, levantava-se.

— Vista-se — disse. — Vou para baixo, dar um telefonema. Direi a Brandon que provavelmente chegarei atrasado ou que talvez nem apareça por lá.

Ele estava preocupado com isto, já falando mentalmente com Brandon Reed, mas não tão preocupado que deixasse de perceber a gratidão iluminando o rosto preocupado de seu filho. O Sr. Delevan sorriu de leve, sentindo que a não característica expressão sombria primeiro se suavizava, depois desaparecera inteiramente. Pelo menos havia isso: seu filho ainda não era velho bastante para extrair consolo dele ou para aceitá-lo como um poder superior, a quem por vezes podiam ser dirigidos apelos, com a certeza de que seriam atendidos; tampouco ele era velho o bastante para extrair consolo do consolo de seu filho.

— Eu penso — disse ele, caminhando para a porta — que devíamos fazer uma visita a Pop Merrill. — Olhou para o relógio de Kevin na mesinha de cabeceira. Eram oito e dez. Lá, no Emporium Galorium, uma marreta estava descendo sobre uma imitação de relógio cuco alemão. — Ele geralmente abre por volta de oito e meia. Acho que é o tempo suficiente para chegarmos lá. Se nos apressarmos, quero dizer.

Fez uma pausa antes de sair e, em sua boca, pairou um breve e frio sorriso. Ele não estava sorrindo para o filho.

— Creio que ele tem algumas explicações a dar, é o que quero dizer.

O Sr. Delevan saiu, fechando a porta atrás de si. Kevin começou a vestir-se rapidamente.

QUATORZE

O Super Drug Store LaVerdiere’s de Castle Rock era muito mais do que um mero drugstore. Em outras palavras, era de fato apenas um drugstore, como uma rellexão tardia. Era como se alguém houvesse percebido no último instante — pouco antes da grande inauguração, digamos — que uma das palavras do nome no letreiro ainda era “Drug". Como se alguém houvesse feito uma anotação mental para dizer a mais alguém, um membro da direção da firma, que ali estavam eles, abrindo mais um LaVerdiere’s e que, por mero descuido, novamente haviam deixado de corrigir o nome para, mais simples e acuradamente, figurar como Super Store LaVerdiere’s... e, após feita a anotação mental, o alguém encarregado de perceber tais coisas houvesse adiado a inauguração por um ou dois dias, a fim de que pudessem encaixar um balcão para o aviamento de receitas médicas, com o tamanho de uma cabine telefônica, no canto mais negligenciado, mais distante e mais escuro da alongada construção.

De fato, o Super Drug Store LaVerdiere’s era mais um esnobe estabelecimento para a venda de artigos baratos do que outra coisa. O último verdadeiro estabelecimento de artigos baratos da cidade havia sido The Ben Franklin Store, um comprido aposento penumbroso, com lâmpadas mortiças em globos salpicados de sujeiras de moscas, pendurados em correntes, refletindo-se obscuramente no assoalho de madeira, estalante, mas encerado com frequência. Esta casa tinha deixado de existir em 1978, substituída por uma galeria de videogames chamada Galaxia e Aluguel de Vídeos E-Z, na qual terça-feira era um dia especial, em que ninguém com menos de vinte anos podia ter acesso à sala dos fundos.

O LaVerdiere’s possuía tudo o que o velho Ben Franklin possuíra, porém as mercadorias eram banhadas pela claridade impiedosa dos tubos de luz fluorescente, que infundiam em cada artigo exposto seu próprio brilho hético e febril. Compre-me! parecia bradar cada item. Compre-me ou você pode morrer! Ou sua esposa pode morrer! Ou seus filhos! Ou seu melhor amigo! Possivelmente todos eles ao mesmo tempo! Por quê? Ora, como vou saber? Sou apenas um artigo inerte, exposto em uma prateleira pré-fabricada LaVerdiere's! E ela não parece legítima?

Você sabe que sim ! Portanto, compre-me, e compre-me JÁ... AGORA!

Havia um corredor com artigos para costura, dois corredores com produtos de primeiros-socorros e panacéias e um corredor com teipes de vídeo e áudio (tanto virgens, como gravados). Havia uma comprida prateleira com revistas, passando para livros de bolso, uma mostra de isqueiros abaixo de uma caixa-registradora digital e uma mostra de relógios abaixo de outra (uma terceira registradora ficava dissimulada no recanto escuro, onde o farmacêutico se movia furtivamente em suas sombras solitárias). Os doces para o Dia das Bruxas apossavam-se da maioria do corredor de brinquedos (estes últimos, não somente retornando após o Dia das Bruxas, como eventualmente monopolizando dois corredores inteiros, à medida que os dias aproximavam-se, incessantes, da data do Natal). E, como algo simples demais para existir em realidade — exceto como uma espécie de taciturna admissão de haver uma coisa chamada Fado, com F maiúsculo, e que fado poderia, à sua maneira própria, indicar a existência daquele "outro mundo' inteiro com que Pop nunca se preocupara antes (exceto em termos de como ele poderia faturar para sua carteira de notas) e no qual Kevin jamais havia pensado — à frente do estabelecimento, na área principal de exibição, via-se um trabalho promocional cuidadosamente arrumado e rotulado como o FALL FOTO FESTIVAL.

Este arranjo promocional consistia de uma cesta cheia de coloridas folhas outonais espelhando-se para o chão em vivida inundação (aliás, uma inundação demasiada para ter vindo realmente apenas daquela cesta, poderia concluir um observador mais meticuloso). Por entre as folhas, havia várias câmaras Kodak e Polaroid — entre estas últimas, inúmeras Sun 660 — e todo o tipo de outro equipamento: estojos, álbuns, filmes, cubos de flashes. No centro desta singular cornucopia, erguia-se um tripé antiquado, semelhante a uma das máquinas da morte marcianas de H.G. Wells, erguendo-se acima das contraídas ruínas de Londres. O tripé sustentava um aviso, informando a todos os interessados em olhar, que naquela semana haveria SUPER-DESCONTOS NAS VENDAS DE TODAS AS CÂMARAS POLAROID E ACESSÓRIOS!

As oito e meia daquela manhã, meia hora após o LaVerdiere's abrir as portas para o dia, "os interessados' resumiram-se em Pop Merrill e mais ninguém. Ele não reparou no arranjo promocional, tendo ido diretamente para o único balcão aberto, onde Molly Durham acabara de arrumar os relógios, dispostos sobre o tecido imitação de veludo, onde eram exibidos.

Oh, não, aí vem o velho Olho Guloso, pensou ela, fazendo uma careta. A ideia de Pop sobre um modo realmente entusiástico de passar algum tempo tendo mais ou menos a duração da folga para o café de Molly era uma espécie de debruçar

ou menos a duração da folga para o café de Molly era uma espécie de debruçar-se sobre o balcão onde ela trabalhava (ele sempre escolhia o dela, mesmo que tivesse de ficar na fila; de fato, Molly achava que ele preferia quando houvesse fila) e comprar um saquinho de fumo Príncipe Alberto. Um indivíduo comum poderia fazer tal compra em cerca de trinta segundos, mas se ela conseguisse livrar-se de "Olho Guloso" em menos de três minutos dava-se por muito satisfeita. Ele guardava todo o dinheiro em uma rachada bolsa de couro presa a uma corrente, que tirava do bolso

— Molly tinha a impressão de que, enquanto isso, o velho apalpava a contento as moedas tilintantes na bolsa — e então a abria. E, ao abrir-se, ela costumava emitir um leve screee-eek! e, por Deus, a gente esperava ver uma traça voejar para fora, como nos desenhos de caricaturas representando um unha-de-fome. No topo do conteúdo da bolsa havia um bolo de notas, de certo modo parecendo que não se poderia manuseá-las, como se estivessem revestidas dos micróbios de alguma doença. Mais abaixo, moedas tilintavam. Pop pescava uma nota de um dólar, para em seguida apertar as outras notas a um lado, com um daqueles dedos grossos, a fim de chegar às moedas mais abaixo — ele jamais dava duas notas, nada disso, porque tal operação seria rápida demais para convir-lhe — e nisto também procurava demorar. Durante todo o tempo, seus olhos ficavam ocupados, baixando à bolsa por um ou dois segundos, mas principalmente deixando que os dedos selecionassem as moedas adequadas pelo tato, enquanto seus olhos lhe percorriam os seios, o ventre, as coxas, e retornavam aos seios. Jamais se fixavam em seu rosto; nem chegavam até a boca, que era uma parte de uma jovem em que a maioria dos homens parecia interessar-se; não, Pop Merrill interessava-se apenas pelas porções inferiores da anatomia feminina.

Quando ele finalmente terminava — e pouco importando quão rápido fosse, a Molly sempre parecia demorar três vezes mais — e ia para o inferno, tornando a sair do estabelecimento, ela costumava sentir vontade de ir a algum lugar e tomar uma ducha prolongada.

Então, procurava conter-se, afivelava seu melhor sorriso de são-apenas-oito-e-meia-e-ainda-tenho-sete-horas-e-meia-pela-frente, e mantinha-se ereta no balcão, enquanto Pop aproximava-se. Dizia para si mesma, ele só está olhando para você, os caras não fazem outra coisa, desde que deixou de ser menina, o que era verdade, mas não a mesma coisa. Isto porque Pop Merrill não era como os outros caras que desfilavam olhares por sua estrutura espetacular, bem construída e eminentemente "olhável" desde dez anos antes. Em parte, por Pop ser velho, porém isto não era tudo.

A verdade era que alguns sujeitos a olhavam e alguns — bem menos numerosos — pareciam realmente tateá-la com os olhos, e Merrill era um desses. O olhar dele parecia ter peso; quando ele remexia o interior daquela bolsa rangente de solteirona, presa àquela corrente incongruentemente masculina, ela parecia de fato sentir os olhos dele contorcendo-se para cima e para baixo na frente de seu corpo, abrindo caminho por seus seios acima, os nervos ópticos escalando-os como girinos, para depois escorregarem carnosamente por seus vales, fazendo-a desejar ter ido trabalhar nesse dia vestindo um hábito de freira, ou, talvez, uma armadura.

Sua mãe, no entanto, gostava de dizer o que não tem remédio, remediado está.

Molly qu rida, e até que alguém descobrisse um método de pesar olhares, a fim de que aqueles sujeitos nojentos, jovens e velhos, pudessem ser repudiados ou, mais provavelmente, até que Pop Merrill morresse, assim prestando um favor a todos em Castle Rock, a fim de que fosse demolida a asquerosa armadilha para turistas em que ele morava, ela não tinha alternativa senão manobrar a situação o melhor que pudesse.

Hoje, no entanto, estava-lhe reservada uma agradável surpresa — ou pelo menos assim pareceu a princípio. A costumeira e faminta avaliação de Pop nem mesmo chegava a ser a de um cliente comum, era algo absolutamente alheado. Não que o velho olhasse através dela ou que sua contemplação a tocasse e ricocheteasse de volta. Molly o achou tão absorto em pensamentos, que o olhar costumeiramente penetrante só avançou até meio caminho, depois desviando-se — como um homem tentando, a olho nu, localizar e observar uma estrela no ponto mais distante da galáxia.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, Sr. Merrill? — perguntou ela.

Seus pés já tomavam posição, a fim de que pudesse virar-se rapidamente e estender a mão para onde ficavam as bolsas de fumo. Com Pop, ela executava esta operação o mais depressa possível, porque ao virar-se para pegar a mercadoria, sentia os olhos dele rastejando ativamente por seu traseiro, descendo para uma rápida checagem das pernas e depois subindo de novo para as nádegas, a fim de um último e ocular aperto, talvez um beliscão, antes que ela tomasse a virar-se de frente.

— Pode — respondeu ele, calmo e sereno, como que falando para uma daquelas máquinas automatizadas dos bancos, a julgar por todo o interesse que mostrava

em Molly. Isto foi ótimo para ela. — Eu gostaria de um...

A seguir, Pop disse uma palavra que Molly não ouviu bem ou que talvez estivesse totalmente engrolada. Se fosse algo desconexo, pensou ela, com certa esperança, talvez estivesse finalmente desmoronando as primeiras partes da complicada rede de diques, barragens e comportas que o velho descarado houvesse construído contra o crescente mar da senilidade. Sua impressão foi de que ele dissera *dopacfilme* , que não era um produto que tivessem em estoque... a menos que fosse o nome de algum medicamento.

— Como disse, Sr. Merrill?

— Filme — respondeu ele, tão clara e firmemente, que Molly ficou mais do que desapontada.

Estava convencida de que ele devia ter dito exatamente aquilo da primeira vez, que seus ouvidos haviam captado errado. Então, ela é que devia estar perdendo seus diques e comportas.

— De que tipo deseja?

— Polaroid — disse ele. — Dois pacotes.

Molly não sabia ao certo o que acontecia, porém era evidente que o velho asqueroso número um de Castle Rock estava mudado neste dia. Os olhos dele continuavam desfocados, e as palavras... faziam-na recordar alguma coisa, algo que associava a Ellen, sua sobrinha de cinco anos, porém que não conseguia discernir bem.

— Para que modelo, Sr. Merrill?

Para si mesma, ela soava prestimosa, como uma atriz representando, mas Pop Merrill longe estava de perceber alguma coisa. O velho encontrava-se extraviado no ozônio.

Após um momento de consideração em que não olhou para ela, mais parecendo ocupado em estudar as prateleiras de cigarros situadas por trás do ombro esquerdo de Molly, ele soltou:

— Para uma câmara Polaroid Sun. Modelo 660.

Então, a lembrança lhe veio, quando ainda dizia para ele que teria de apanhar os artigos pedidos no mostruário. Sua sobrinha tinha um grande e macio panda de brinquedo, chamado Paulette por motivos que provavelmente só fariam sentido para outra garotinha. Dentro do corpo do urso havia um circuito eletrônico e um chip de memória, armazenando cerca de quatrocentas frases curtas e simples como "Eu gosto de abraçar, e você?" e "Quero que você nunca vá embora". Sempre que Paulette era apertado acima do peludo umbiguinho, havia uma breve pausa, e então uma daquelas frases encantadoras era acionada, quase se soltava para fora do brinquedo, em uma voz de certo modo remota e sem entonação, por seu próprio tom parecendo negar o sentido das palavras. Ellen achava que Paulette era conversa fiada. Molly pensava existir algo arrepiante naquilo; vivia esperando que Ellen apertasse o ventre do panda de brinquedo qualquer dia, quando então o urso surpreenderia todos eles (exceto a tia Molly, de Castle Rock), ao dizer o que realmente tinha em mente. “Esta noite, depois que você dormir, acho que vou estrangulá-la”, talvez, ou apenas “Eu tenho uma faca".

Esta manhã, Pop Merrill soava como Paulette, o urso de brinquedo. Seu olhar vago era singularmente semelhante ao do urso. Molly havia pensando que qualquer variação da lubricidade costumeira do velho seria bem-vinda, mas estava enganada.

Inclinando-se para o mostruário, pela primeira vez inconsciente da maneira como arrebitava o traseiro e tentando encontrar o mais depressa possível o que o velho queria, tinha certeza de que, ao virar-se, Pop estaria olhando para qualquer outra coisa que não ela. Desta vez, estava certa. Ao apanhar os dois pacotes de filmes e começar a virar-se (limpando de um dos pacotes umas duas folhas errantes do outono), Pop continuava olhando para as prateleiras de cigarros. Olhava tão atentamente, que parecia estar inventariando o estoque. Molly levou um ou dois segundos para notar que essa expressão não era expressão em absoluto, mas um ar de quase divina opacidade.

Por favor, vá embora daqui, rezou ela. Por favor, pegue seus filmes e vá embora. E, faça o que fizer, não me toque. Porfavor!

Se ele a tocasse enquanto olhava daquela maneira, Molly pensou que seria capaz de gritar. Por que tinha de haver tão pouca gente por ali, nesse momento? Por que não haveria pelo menos algum outro cliente, de preferência o Xerife Pangbom, mas já que ele parecia ocupado em outra coisa, qualquer pessoa, enfim? Supôs que o Sr. Constantine, o farmacêutico, estaria em qualquer outro lugar do estabelecimento, mas o balcão da farmácia parecia a quase trezentos

lugar do estabelecimento, mas o balcão da farmácia parecia a quase trezentos metros dali e, mesmo sabendo que não podia ser tão distante assim, continuava longe demais para que o Sr. Constantine acudisse rapidamente, caso o velho Merrill decidisse tocá-la. E se o Sr. Constantine houvesse ido tomar um café na Nan’s com o Sr. Keeton, do departamento de pessoal? Quanto mais pensava em tal possibilidade, mais provável ela parecia.

Quando algo tão estranho como isto acontecia, não era quase a conclusão prévia de que tinha de acontecer quando alguém estivesse sozinho?

Ele está tendo um colapso nervoso de alguma espécie.

Molly se ouviu dizendo, com afetada jovialidade:

— Aqui está, Sr. Merrill.

Colocou a mercadoria em cima do balcão e imediatamente deslizou para a esquerda e atrás da registradora, querendo-a entre eles dois. A antiga bolsa de couro emergiu das calças de Pop Merrill e os dedos trêmulos de Molly apertaram as teclas erradas da registradora, forçando-a a anular a compra e começar de novo.

Pop estendia-lhe duas notas de dez dólares.

Ela disse para si mesma que as notas estavam apenas amassadas, após ficarem espremidas com as outras naquela bolsinha, talvez nem mesmo fossem velhas, embora assim parecessem. Entretanto, isto não deteve sua mente galopante. E sua mente insistia em que as notas não estavam apenas amassadas, mas amassadas e sebentas. Insistia ainda mais que velha não era a palavra certa, que para aquelas notas em particular nem mesmo a palavra antigas serviria. Aquelas eram notas de dez dólares pré-históricas, de algum modo impressas antes do nascimento de Cristo e da construção de Stonehenge, antes que o primeiro homem de Neanderthal, sem pescoço e com cenho saliente, houvesse rastejado para fora de sua caverna. Elas pertenciam a uma era em que o próprio Deus havia sido bebê.

Molly não queria tocá-las.

Molly tinha de tocá-las.

O homem ia querer seu troco.

Fortalecendo-se, ela pegou as notas e as jogou dentro da caixa registradora o mais rápido que pôde, fechando-a com tanta força, que lascou a maior parte da unha, produzindo uma dor aguda que, em seu extremo estado de aflição, só viria a sentir mais tarde... quando aquietasse a mente conturbada o suficiente para censurar-se por agir como uma jovenzinha neurótica na iminência do primeiro período menstrual.

Naquele momento, contudo, Molly concentrou-se apenas em enfiar as notas na registradora tão depressa quanto pôde e recuar com a mão daquele contato, porém, mesmo mais tarde, recordaria a sensação da superfície daquelas notas. Era como se, de fato, rastejassem e se movessem sob a polpa de seus dedos; como se bilhões de germes, micróbios enormes, quase grandes o bastante para serem vistos a olho nu, deslizassem ao longo dos dedos em direção a ela, ansiosos em infeccioná-la com o que quer que ele tivesse.

Entretanto, o homem queria seu troco.

Molly concentrou-se nisto, os lábios tão comprimidos, que estavam mortalmente pálidos; quatro notas de dólar que, absolutamente, não queriam soltar-se da presilha que as prendia na gaveta da caixa. Depois uma moeda de dez centavos, oh, pelo amor de Deus, não havia centavos, e, diabo, o que havia de errado com ela, o que tinha feito para ficar tanto tempo ocupada com aquele velho esquisito, na única manhã da história registrada em que ele, de fato, parecia querer ir logo embora dali?

Molly pescou uma moeda de 5 centavos, sentindo o vulto silente e o mau cheiro dele tão próximos (e pensava que quando finalmente tivesse que erguer os olhos, ia vê-lo ainda mais perto, inclinado sobre o balcão em sua direção), depois três moedas de um centavo, quatro, cinco... mas a última caiu de volta na gaveta, entre as de vinte e cinco centavos, obrigando-a a catá-la com os dedos frios e dormentes. A moeda quase tornou a escapar-lhe; Molly sentia o suor escorrendo pela nuca e na pequena tira de pele entre o nariz e o lábio superior. Então, apertando firmemente as moedas na mão e rezando para que ele não tivesse as dele estendidas para receber o troco — a fim de que ela não precisasse tocar-lhe a pele seca, reptiliana — mas de algum modo sabendo, certa de que o velho as estenderia, ergueu os olhos. Sentia seu largo e jovial sorriso LaVerdiere’s estirando-lhe os músculos do rosto como um grito congelado, tentou revigorar-se para inclusive isso, disse para si mesma que não duraria muito, pouco importando a imagem que sua mente idiota e insistente ficava querendo fazê-la ver: uma imagem daquela mão seca, fechando-se subitamente sobre a sua com as

ver: uma imagem daquela mão seca, fechando-se subitamente sobre a sua com as garras de algum pássaro velho e horrendo, não uma ave de rapina, nem mesmo isso, mas uma ave comedora de carniça. Disse para si mesma que não via tais imagens, que absolutamente NÃO as via, mas que continuava vendo da mesma forma, e ergueu a cabeça, com aquele sorriso gritando em seu rosto, tão vividamente como um grito de assassinato em uma noite quente e de ar parado. A casa estava vazia.

Pop fora embora.

Havia ido enquanto ela fazia o troco.

Molly começou a tremer de alto a baixo. Se precisava de uma prova concreta de que o velho nojento não estava bem, era esta. Esta era a prova positiva, prova indubitável, prova irrefutável: porque, pela primeira vez que se lembrasse (e, podia apostar, tendo ganho a aposta, pela primeira vez na história da cidade), Pop Merrill, que se recusava a dar gorjetas, mesmo nas raras ocasiões em que era forçado a comer em um restaurante onde não havia serviço automático, saíra de um estabelecimento comercial sem esperar por seu troco.

Molly tentou abrir á mão e soltar as quatro notas de um dólar, a moeda de 5 centavos e as cinco moedas de 1 centavo. Ficou espantada ao ver que não conseguia.

Precisou usar a outra mão, a fim de abrir os dedos. O troco de Pop caiu sobre o vidro do balcão e ela o empurrou para um lado, não querendo tocá-lo.

Ao mesmo tempo, nunca mais queria tornar a ver Pop Merrill.

QUINZE

Pop continuou com aquele olhar de expressão vazia enquanto deixava o LaVerdiere’s. Continuou assim, ao cruzar a calçada com os pacotes dos filmes na mão.

Chegando ao meio-fio, seu olhar alheado interrompeu-se e foi substituído por uma expressão de inquieta vigilância... e ele parou ali, com um pé na calçada e o outro plantado entre os detritos formados por pontas amassadas de cigarro e sacos vazios de batata frita. Aquele era um Pop que Molly não teria reconhecido, mas que as pessoas envolvidas nos sagazes negócios do velho conheciam muito bem. Aquele não era Merrill, o libertino, nem Merrill, o robô, mas Merrill, o animal em alerta. De repente, ele estava ali, de uma forma que raramente permitia a si mesmo, quando em público. Mostrar tanto de seu verdadeiro eu em público não era uma boa ideia, na opinião de Pop. Esta manhã, no entanto, estava longe de manter o controle próprio e, por outro lado, não havia ninguém para observá-lo. Se houvesse, essa pessoa não teria visto Pop, o filósofo de botequim e tampouco Pop, o sagaz mercador, mas algo como a essência do homem. Naquele momento de estar inteiramente ali, Pop tinha toda a aparência de um cão vira-lata, um cão sem dono que ficou selvagem, e faz uma pausa entre a carnificina em um galinheiro à meia-noite, as orelhas estropiadas em pé, a cabeça de banda, os dentes raiados de sangue um pouco à vista, enquanto ele ouve algum som provindo da casa do fazendeiro, e pensa na espingarda com seus grandes buracos negros, semelhantes à figura de um oito, de prontidão ao lado do dono. O cão nada entende de figuras em oitos, porém mesmo um cão é capaz de reconhecer a vaga forma da eternidade quando seus instintos estão suficientemente aguçados.

Do outro lado da praça, ele podia ver a fachada amarelo-urina do Emporium Galorium, erguendo-se ligeiramente afastada dos vizinhos mais próximos: o prédio vazio que abrigara o estabelecimento The Village Washtub, até começos do ano, a Lanchonete Nan’s, e You Sew and Sew, a loja de vestidos e artigos para costura, dirigida pela bisneta de Ewie Chalmers, Polly — uma mulher sobre quem falaremos em outro momento.

Havia vagas enviezadas de estacionamento diante de todas as lojas da parte baixa da Rua Principal, todas elas vazias... exceto por uma, que estava sendo agora ocupada por uma camionete Ford, que Pop reconheceu. O ligeiro pulsar de seu motor estava claramente audível no ar parado da manhã. Depois

interrompeu-se, as luzes de freio apagaram-se e Pop puxou de volta o pé que estivera na sarjeta, prudentemente retirando-se para a esquina do LaVerdiere’s. Ali permaneceu, tão quieto como o cão que fora alertado no galinheiro por algum som diminuto, o tipo de som que seria menosprezado no frenesi homicida de cães não tão velhos nem tão espertos como este.

John Delevan saiu de trás do volante da camioneta. O garoto desembarcou pelo lado do passageiro. Os dois foram para a porta do Emporium Galorium. O homem começou a bater impacientemente, alto o bastante para que o som das pancadas chegasse com tanta nitidez até Pop como chegara o som do motor. Delevan fez uma pausa, os dois ficaram ouvindo, e depois o homem recomeçou a bater, desta vez martelando a porta, e ninguém precisava ser um maldito ledor de mentes para perceber que ele estava deitando fumaça pelas ventas.

Eles sabem, pensou Pop. Não sei como, mas sabem. Foi muito bom eu ter destroçado a maldita câmara.

Ficou ali parado mais algum tempo, movendo apenas os olhos de pálpebras caídas, em seguida deslizando em torno da esquina do drugstore e internando-se no beco entre ele e o banco vizinho. Fez isso com tal facilidade, que um homem cinquenta anos mais novo invejaria a agilidade quase sem esforço do movimento.

Esta manhã, decidiu Pop, seria um pouco mais prudente voltar para casa via pátio dos fundos.

DEZESSEIS

Ao ver que ainda ninguém respondia, Jonh Delevan atacou a porta uma terceira vez, esmurrando-a tão forte que as vidraças chocalharam frouxas no emassado antigo, e ele machucou a mão. Foi a dor na mão que o fez perceber o quanto estava furioso.

Não que sentisse sua raiva de algum modo injustificada, se Merrill havia feito o que Kevin imaginava — e, sim, quanto mais pensava nisto, mais John Delevan achava que Kevin estava certo. Entretanto, surpreendeu-se por só agora ter reconhecido sua fúria pelo que ela era.

Esta parece uma manhã para aprender sobre mim mesmo, pensou, e havia algo de professoral nisso, permitindo-lhe sorrir e relaxar um pouco.

Kevin não sorria, e tampouco parecia relaxado.

— Parece que aconteceu uma entre três coisas — disse o Sr. Delevan para o filho.

— Merrill ainda não se levantou, não está atendendo à porta ou imaginou que estamos esquentando e escondeu-se com sua câmara. — Ele fez uma pausa, depois até riu. — Acho que ainda existe uma quarta. Ele talvez tenha morrido enquanto dormia.

— Ele não morreu. — Kevin estava com a cabeça contra a vidraça suja daquela porta que, antes de mais nada, desejava ardentemente jamais haver cruzado. Tinha as mãos em concha à volta dos olhos, fazendo viseiras porque o sol que se erguia pelo lado leste da praça lançava uma rude claridade contra o vidro. — Veja!

O Sr. Delevan colocou as mãos em concha aos lados do rosto e apertou o nariz à vidraça. Ficaram os dois lado a lado, de costas para a praça, espiando para as penumbras do Emporium Galorium, como os mais ferrenhos espiadores de vidraças do mundo.

— Bem — disse ele, após alguns segundos, — se ele se escondeu parece ter deixado sua merda para trás.

— Certo, mas não foi isso que eu quis dizer. Você está vendo?

— Certo, mas não foi isso que eu quis dizer. Você está vendo?

— Vendo o quê?

— Pendurada naquela trave. Aquela perto da secretária cheia de relógios em cima.

Após um momento, o Sr. Delevan a viu: a câmara Polaroid, pendurada pela correia, em um gancho na trave. Julgou até poder ver a parte lascada, embora isto pudesse ser atribuído à imaginação.

Não é sua imaginação.

O sorriso desapareceu-lhe dos lábios, ao perceber que começava a sentir o mesmo que Kevin: aquela singular a agoniante certeza de que uma peça de mecanismo simples, mas terrivelmente perigosa, estava em movimento... e que, ao contrário da maioria dos relógios de Pop, não se atrasava nem adiantava, estava no tempo correto.

— Você acha que ele está quieto lá em cima, esperando que a gente vá embora? — perguntou o Sr. Delevan em voz alta, embora em realidade falasse para si mesmo.

A fechadura na porta parecia nova e cara... mas ele podia apostar que se um dos dois — talvez Kevin estivesse em melhor forma — forçasse aquela porta com força suficiente, a fechadura se soltaria da madeira velha. Murmurou, ao acaso: Uma fechadura só presta se a porta em que foi colocada também presta. As pessoas nunca pensam nisto.

Kevin virou o rosto tenso para o pai. Naquele momento, John Delevan ficou tão impressionado pelo rosto do filho, como este ficara pelo seu, não muito tempo antes.

E pensou: Eu gostaria de saber quantos pais têm uma chance de ver como se parecerão seus filhos quando homens. Ele nem sempre estará tão tenso, com o rosto tão contraído — Deus, espero que não — mas é como se parecerá. E, céus, vai ser atraente!

Como Kevin, ele havia tido um momento no meio de fosse o que fosse que acontecia ali; foi um momento breve, mas que ele também jamais esqueceu, porque sempre estaria dentro do alcance de sua mente.

— O que foi? — perguntou Kevin roucamente. — O que foi, pai?

— Você quer arrombar a porta? Se quiser, eu topo.

— Ainda não. Acho que não precisaremos. Não creio que ele esteja aqui... mas anda por perto.

Você não pode saber tal coisa. Nem mesmo pensar nela.

Entretanto, seu filho pensava, e ele acreditava que Kevin estivesse certo. Alguma espécie de elo se criara entre Pop e seu filho. “Alguma espécie” de elo? Diga a verdade! Ele sabia muito bem qual era esse elo. Era aquela fodida câmara pendurada lá dentro, e quanto mais isto demorasse, mais ele sentia aquele mecanismo se movendo, as engrenagens rangendo, suas malignas e irracionais rodas dentadas girando, e menos gostava de tudo.

Quebre a câmara e estará quebrado o elo, pensou.

— Você tem certeza, Kev? — perguntou.

— Vamos dar a volta pelos fundos. Experimentaremos a porta de lá.

— Há um portão. Ele o conserva trancado.

— Talvez possamos passar por cima.

— Tudo bem — disse o Sr. Delevan.

Ao lado do filho, desceu os degraus do Emporium Galorium e os dois dobraram para o beco. Enquanto isto, John Delevan perguntava a si mesmo se tinha perdido o juízo.

O portão, entretanto, não estava trancado. Em algum momento ao longo da linha, Pop esquecera de trancá-lo, e embora o Sr. Delevan não tivesse gostado da ideia de pular o muro ou talvez despencando dele, com toda probabilidade esfolando os colhões enquanto isto, de certa forma gostou ainda menos de encontrar o portão aberto. De qualquer modo, ele e Kevin o cruzaram, entrando no sujo pátio dos fundos de Pop, cuja aparência nem mesmo os turbilhões das folhas caídas de outono conseguiam melhorar.

Kevin foi abrindo caminho entre os montes de detritos que Pop jogara ali, mas sem se dar ao trabalho de levá-los para a lixeira, e o Sr. Delevan o seguiu. Chegaram ao cepo de cortar lenha, quase ao mesmo tempo em que Pop saía do pátio dos lundos da Sra. Althea Linden para a Rua Mulberry, um quarteirão a oeste. Ele seguiria pela Rua Mulberry até alcançar os escritórios da companhia madeireira WolfJaw. Embora os caminhões transportadores de madeira da companhia já estivessem rodando pelas estradas da região oeste do Maine, e os urros e silvos das motosserras dos cortadores subissem nos ares desde umas seis e meia, na área em que iam diminuindo as pilhas de toras, ninguém chegaria ao escritório senão às nove, e ainda faltavam uns bons quinze minutos para isto. A parte traseira do pequeno pátio dos fundos da companhia madeireira era constituída de tábuas altas. Tinha um portão, esse portão era trancado, mas Pop possuía a chave. Destrancaria o portão e, dali, passaria para seu próprio pátio dos fundos.

Kevin chegou ao cepo de cortar lenha. O Sr. Delevan alcançou-o, seguiu o olhar do filho e pestanejou. Abriu a boca para perguntar que diabo era tudo aquilo, depois a fechou de novo. Começava a ter uma ideia de que diabo era tudo aquilo, sem qualquer ajuda de Kevin. Não era certo ter tais idéias, não era natural e, através da amarga experiência (em que Reginald Marion “Pop” Merrill desempenhara um papel a certa altura, conforme contara ao filho, não fazia muito), sabia que agir por impulso era uma boa maneira de tomar a decisão errada e levar a pior, porém não importava.

Embora sem pensar nestes termos, seria justo dizer que o Sr. Delevan apenas desejaria candidatar-se à readmissão na tribo dos Racionais, quando tudo islo estivesse encerrado.

Inicialmente, ele pensou estar olhando para os restos esmagados de uma câmara Polaroid. Sem dúvida, era apenas sua mente querendo encontrar alguma racionalidade na repetição, pois o que jazia em torno do cepo não tinha a menor semelhança com uma câmara, Polaroid ou não. Todas aquelas pecinhas e rodinhas dentadas só podiam pertencer a um relógio. Então, avistou o passarinho morto de história em quadrinhos, com isto descobrindo até qual seria o relógio. Abriu a boca para perguntar a Kevin por que, em nome de Deus, Pop traria um relógio-cuco para os fundos e o destroçaria com uma marreta. Refletindo melhor, decidiu que, afinal, não era preciso perguntar, porque a resposta estava vindo. A verdade custava a chegar, já que indicaria ao Sr. Delevan o que parecia loucura em grande escala, mas não fazia diferença; ele começava a perceber.

Tem-se que pendurar um relógio-cuco em algum lugar. É essencial, por causa dos pesos dos pêndulos. E em que se pendura? Ora, em um gancho, naturalmente.

Talvez um gancho pregado em uma trave.

Como aquela de onde pendia a Polaroid de Kevin.

Agora ele finalmente falou, e suas palavras pareciam vir de muito longe:

— Diabo, o que há de errado com ele, Kevin? Será que o velhou ficou biruta?

— Não ficou — respondeu Kevin, e sua voz também parecia vir de uma grande distância, enquanto estavam parados junto ao cepo, olhando para os remanescentes do relógio. — Foi levado a isso. Pela câmara.

— Temos de destruí-la — disse o Sr. Delevan, a voz parecendo flutuar até seus ouvidos, muito depois das palavras saírem da boca.

— Ainda não — disse Kevin. — Antes, precisamos ir ao drugstore. Eles estão fazendo uma promoção.

— Uma promoção sobre o...

Kevin tocou o braço do pai. John Delevan olhou para ele. Seu filho tinha a cabeça erguida e parecia um alce, farejando fogo. Naquele momento, o adolescente era mais do que bonito; estava quase divino, como um jovem poeta na hora de sua morte.

— O quê? — completou o Sr. Delevan, ansioso.

— Você ouviu alguma coisa?

A atitude alerta mudava lentamente para outra de dúvida.

— Ouvi um carro na rua — replicou o Sr. Delevan.

Quanto mais velho era ele do que seu filho? perguntou-se de repente. Vinte e cinco anos? Céus, não era hora de começar a agir? Afastou para longe de si a sensação de estranheza, lutou desesperadamente para encontrar sua maturidade e descobriu um pouquinho dela. Envergá-la, era como envergar um sobretudo em

farrapos.

— Tem certeza de que foi só isso, pai?

— Tenho. Ouça, Kevin, você está tenso demais. Procure controlar-se ou... — Ou o quê? Bem, ele sabia, e riu tremulamente. — Ou fará com que nós dois comecemos a correr, como dois coelhos.

Kevin o fitou pensativamente por um instante, como alguém despertando de um sono profundo, talvez mesmo de um transe, e assentiu.

— Vamos.

— Kevin, por quê? O que você quer? Ele bem pode estar no andar de cima, sem querer receber ninguém...

— Eu lhe direi quando chegarmos lá, pai. Vamos.

Kevin quase arrastou o pai para fora do pátio entulhado de sujeira e dali para o beco estreito.

— Quer largar meu braço, Kevin, antes que o arranque? — exclamou o Sr, Delevan, quando chegaram à calçada.

— Ele estava lá — disse Kevin. — Escondido. Esperando que fôssemos embora. Eu o senti.

— Ele estava... — o Sr. Delevan parou, depois recomeçou a andar. — Bem... digamos que estava. Apenas isto, digamos que estava. Não devíamos voltar e agarrá-lo? — E, pouco depois: — Onde é que estava?

— No outro lado do muro — disse Kevin. Seus olhos pareciam flutuar, fazendo o Sr. Delevan gostar cada vez menos daquilo. — Ele já estava lá. Já conseguiu o que precisa. Precisamos apressar-nos.

Kevin começava a caminhar para o meio-fio, sugerindo com isto que atravessassem a praça, na direção do La Verdiere’s. O Sr. Delevan estendeu o braço e segurou o filho, como um chefe de trem agarraria um indivíduo que surpreendeu tentando embarcar sem o bilhete da passagem.

— Kevin, de que você está falando?

Então, Kevin realmente disse: olhou para o pai e disse:

— Ele está vindo, pai. Por favor. Trata-se da minha vida. — Fitou o pai, suplicando com o rosto pálido e seus olhos extraviados, flutuantes. — O cão está vindo. De nada adiantaria a gente invadir a casa e apanhar a câmara. O cão já está além disso agora.

Por favor, não me detenha. Por favor, não me acorde. É a minha vida! O Sr. Delevan fez um último e grande esforço para não rejeitar aquela horripilante loucura... e então entregou os pontos.

— Vamos — disse, enganchando a mão em torno do cotovelo do filho, quase o arrastando para a praça. — Seja o que for, vamos em frente e acabar com isto. — Fez uma pausa. — Temos tempo suficiente?

— Não estou certo — disse Kevin, acrescentando com relutância: — Acho que não.

DEZESSETE

Pop esperou atrás do muro de tábuas, observando os Delevan por um orifício deixado por um nó da madeira. Enfiara o fumo no bolso de trás de maneira que tinlia as mãos livres para fechar e abrir os dedos, fechar e abrir os dedos.

Vocês estão em minha propriedade, sussurou sua mente, e se sua mente tivesse poder para matar, ele a teria usado para fulminá-los. Vocês estão em minha propriedade, maldição, em minha propriedade!

O que lhe competia fazer neste momento era invocar a velha Lei e flagrar aqueles dois intrometidos. Era isso que devia fazer. E Pop o teria feito, imediatamente, se eles não estivessem parados junto aos destroços da câmara que o próprio garoto supostamente desintegrara duas semanas atrás, com as suas bênçãos. Pensou que talvez conseguisse levar a melhor em tudo aquilo, de algum modo, porém sabia o que pensavam a seu respeito nesta cidade. Pangbom, Keeton, todos os demais ligados à Lei. Lixo. Era o que pensavam dele. Lixo.

Até que ficassem em apuros, de traseiros apertados, precisando de um empréstimo rápido e que o sol já se tivesse escondido, claro.

Fechar e abrir. Fechar e abrir os dedos.

Os dois estavam falando, mas Pop não ouvia o que diziam. Sua cabeça era uma forja fumegante. Agora, a litania se tornara em: “Eles estão em minha maldita propriedade e nada posso fazer sobre isso! Eles estão em minha maldita propriedade e nada posso fazer sobre isso! Malditos sejam! Malditos sejam!

Por fim, os dois se foram. Quando Pop ouviu o enferrujado rangido do portão para o beco, usou sua chave para abrir o do muro de tábuas. Esgueirou-se por ele e disparou pelo pátio até sua porta dos fundos — correu com insuspeita agilidade para um homem de setenta anos, tendo uma das mãos apoiada com firmeza sobre a coxa direita, como se, ágil ou não, lutasse contra uma forte dor reumática naquele lugar.

Na verdade, Pop não sentia dor alguma. Sua intenção era de que as chaves ou as moedas na bolsa não tilintassem, nada mais, para o caso dos Delevan ainda se acharem ali, escondidos logo além de onde pudesse ver. Pop não se surpreenderia se pai e filho estivessem fazendo precisamente isso. Quando se

lida com gambás fedorentos, há sempre a expectativa de que soltem seu fedor.

Ele tirou as chaves do bolso. Agora elas tilintaram e, embora o som fosse amortecido, pareceu-lhe muito alto. Virou os olhos à esquerda por um momento, certo de que veria a cara de basbaque daquele pirralho olhando para ele. A boca de Pop mostrava uma dura e tensa careta de medo. Não havia ninguém ali.

De qualquer modo, ainda não.

Encontrou a chave certa, inseriu-a na fechadura e entrou. Tomou o cuidado de não abrir demais a porta para o galpão, cujas dobradiças rangiam lamentosamente, ao ser escancarada.

Já no interior, girou a trava de segurança com feroz torção, e passou para o Emporium Galorium. Pop sentia-se mais do que em casa, entre aquelas sombras.

Poderia caminhar dormindo pelos estreitos corredores marginados de refugos... aliás, já fizera isto, embora o fato por enquanto lhe houvesse fugido da mente, como tantas outras coisas mais.

Perto da frente da loja, havia uma imunda janelinha lateral dando para o beco estreito que os Delevan tinham usado para entrar em seu pátio. Dali também se tinha uma visão fortemente em diagonal da calçada e de parte da praça.

Pop deslizou para essa , entre pilhas de revistas inúteis e sem valor, as quais exalavam no ar escuro seu poeirento e amarelado cheiro de museu. Espiou para o beco e o viu vazio. Olhando à direita, avistou os Delevan, formas tremulando como peixes em um aquário, vistas através daquela vidraça suja e ordinária, cruzando a praça logo além do coreto. Não os ficou espiando até desaparecerem de vista e nem foi para as vitrines da fachada, de onde teria deles um ângulo melhor. Decidiu que os dois se dirigiam ao LiVerdiere’s e, como já haviam estado em seu pátio, certamente fariam perguntas sobre ele. O que lhes poderia dizer aquela prostitutazinha do balcão? Apenas que ele estivera lá e se fora. O que mais?

Informaria, simplesmente, que comprara duas bolsas de fumo.

Pop sorriu.

Comprar fumo para cachimbo certamente não era nenhum crime.

Pop encontrou um saco de compras, saiu, foi até o cepo de cortar lenha, refletiu e mudou de rumo, dirigindo-se ao portão do beco. Ser descuidado uma vez não significava ser descuidado novamente.

Após trancar o portão, levou o saco até o cepo de cortar lenha e recolheu os restos da destroçada câmara Polaroid. Fez isto o mais depressa que pôde, mas procurou ser minucioso.

Recolheu tudo, exceto diminutos estilhaços e cacos que seriam encarados como lixo anônimo. Uma unidade de investigação de laboratório policial provavelmente identificaria parte do que ficaria espalhado ali; Pop já vira filmes de crimes na televisão (isto é, quando não estava vendo filmes pornográficos no videocassete), nos quais aqueles sujeitos cientistas surgiam na cena do crime com escovinhas, aspiradores e até pinças, colocando coisas em saquinhos de plástico, mas o xerifado de Castle Rock nem mesmo possuía uma de tais unidades. E Pop duvidava que o Xerife Pangbom solicitasse à Polícia Estadual o envio de seu furgão criminal, mesmo que o próprio Pangbom fosse persuadido a fazer o esforço — jamais para um caso que não passava do roubo de uma câmara, sendo isto tudo de que os Delevan poderiam acusá-lo sem parecerem loucos. Após ter "policiado” a área, Pop tornou a entrar, abriu sua gaveta “especial” e depositou dentro dela o saco de compras.

Tornou a trancar a gaveta e guardou as chaves no bolso. Isso estava correto. Ele também sabia tudo a respeito de mandados de busca. Seria um dia nevado no inferno, antes que os Delevan convencessem Pangbom a ir ao tribunal do distrito pedir um dos tais mandados. E mesmo que o xerife fosse louco o bastante para tentar, os remanescentes da maldita câmara já teriam desaparecido — permanentemente — muito antes de eles desvendarem o truque. Tentar livrar-se daqueles fragmentos para sempre, no momento presente, seria mais perigoso do que deixá-los na gaveta trancada. Os Delevan voltariam e o surpreenderiam em plena tarefa. Era melhor esperar.

Porque eles voltariam.

Pop Merrill tinha tanta certeza disto quanto tinha de seu próprio nome.

Talvez mais tarde, depois que toda esta confusão e tolice morressem, ele poderia procurar o garoto e dizer-lhe Sim. É isso mesmo. Tudo que você pensou que eu fiz, eu fiz. E agora, por que não esquecer tudo, voltar a ser como antes, quando não nos conhecíamos? Certo? Podemos perfeitamente fazer isso. A princípio,

você talvez julgue impossível, mas podemos. Porque, escute aqui — você queria destruir a câmara por achá-la perigosa, enquanto eu queria vendê-la, por julgá-la valiosa. No fim das contas, você estava certo e eu errado, aí está toda a vingança que poderia desejar. Se me conhecesse melhor, saberia porque — nesta cidade não há muitos homens que já me ouviram dizer tal coisa. Isto vai contra a minha vontade, é o que quero dizer, mas não importa; quando estou errado, gosto de pensar que sou grande o bastante para superá-lo, por mais que me doa. No fim , garoto, fiz o que você inicialmente queria fazer. Desembocamos todos na mesma rua, é o que quero dizer, e penso que devemos esquecer o que passou. Sei o que pensa de mim e sei o que penso de você; nenhum de nós votaria no outro para ser o Grand Marshall na parada anual de Quatro de fulho, mas tudo bem; podemos conviver com isto, não podemos? O que quero dizer é apenas que ambos estamos contentes com o desaparecimento da maldita câmara, portanto, vamos dar o caso por encerrado, e que cada um vá para o seu lado.

Entretanto, isso ficaria para mais tarde, e, mesmo assim, era somente talvez. Agora de nada adiantaria, sem a menor dúvida. Eles precisavam de tempo para acalmar-se.

Neste exato momento, ambos estariam ávidos por arrancar um pedaço de seu traseiro, como...

(o cão naquela foto)

como... bem, não importava como eles estariam. O principal agora era estar ali no térreo, ocupado em fazer suas coisas como de costume e tão inocente como uma criancinha, quando eles voltassem.

Porque eles iam voltar.

Tudo bem, no entanto. Tudo bem, porque...

— Porque está tudo sob controle — sussurrou Pop. — É isso o que quero dizer.

Agora, ele caminhou até a porta da frente e virou o sinal de FECHADO par o de ABERTO (em seguida, tornou a virá-lo rapidamente para FECHADO, mas não se lembrava de tê-lo feito e nem se lembraria mais tarde). Tudo bem; isso era um começo. O que viria em seguida? Fazer com que aquele dia parecesse normal como qualquer outro, sem mais nem menos. Precisava mostrar surpresa absoluta e de-que-diabo-vocês-estão-falando, quando eles voltassem fumegando pelo

colarinho, dispostos a liquidar o que já estava morto, não só morto, como desinfetado.

Portanto... o que seria a coisa mais normal que poderiam encontrá-lo fazendo quando voltassem, com ou sem o Xerife Pangbom?

Os olhos de Pop fixaram-se no relógio-cuco, pendendo da viga ao lado daquela bela secretária que conseguira na liquidação de uma propriedade em Sebago, um mês ou seis semanas atrás. Aquele não era um relógio-cuco muito bonito. Provavelmente houvesse sido adquirido com cupons oferecidos por casas comerciais, por alguém tentando economizar (na opinião de Pop, pessoas que somente tentavam economizar, eram pobres seres perplexos, que vagavam pela vida em ofuscado e constante estado de desapontamento). Ainda assim, se pudesse dar um jeito no relógio para que funcionasse um pouco, talvez o vendesse a um dos esquiadores que chegariam à cidade dentro de um ou dois meses, alguém precisando de um relógio em seu chalé ou pavilhão de esqui, porque a última pechincha havia durado pouco tempo, não compreendendo ainda (e talvez jamais compreendendo) que outra pechincha não era a solução, mas o problema.

Pop lamentava por essa pessoa, e regatearia com ele (ou ela) tão razoavelmente como pensava que fazia, porém não decepcionaria o comprador. Caveet emperor não era apenas o que ele queria dizer, mas que dizia frequentemente e, afinal, tinha que trabalhar para viver, não tinha?

Sim. Em vista disto, ficaria ali sentado em sua mesa de trabalho, às voltas com aquele relógio, vendo se conseguia fazê-lo funcionar. Quando os Delevan voltassem, era isto que o encontrariam fazendo. Talvez houvesse até alguns fregueses em perspectiva perambulando por ali, a essa altura; Pop esperava que sim, embora aquele sempre fosse um período fraco do ano. De qualquer modo, os fregueses estariam enfeitando o bolo. O principal seria o quadro oferecido: apenas um sujeito sem nada a esconder, seguindo os movimentos e ritmos comuns de seu dia comum.

Pop chegou junto da viga e desceu o relógio-cuco, acautelando-se para não enredar os contrapesos. Levou-o para sua mesa de trabalho, cantarolando em surdina. Acomodou-o, depois tateou o bolso de trás. Fumo fresco. Isso também era bom.

Pop decidiu cachimbar um pouquinho enquanto trabalhava.

DEZOITO

— Você não pode saber que ele esteve aqui, Kevin!

O Sr. Delevan ainda protestava fracamente quando entraram no LaVerdiere’s.

Ignorando-o, Kevin foi direto ao balcão em que ficava Molly Durham. A ânsia de vômito que ela sentira havia passado e então estava bem melhor. Todo aquele episódio agora lhe parecia algo tolo, como um pesadelo que temos e, após acordados, pensamos, em seguida ao alívio inicial: Eu, com medo DISSO? Como poderia ter pensado que ISSO estava acontecendo realmente comigo, mesmo em um sonho?

Não obstante, quando o garoto Delevan chegou ao balcão com aquele rosto pálido e tenso, ela soube como era possível ter-se medo, sim, oh, sim, ainda que de coisas tão ridículas como as que acontecem em sonhos, porque Molly voltara a cair novamente em seu sonho, que era como uma fuga em estado de vigília.

A questão era que Kevin Delevan tinha quase a mesma expressão no rosto: como se estivesse tão mergulhado interiormente em algum lugar que quando sua voz e seu olhar por fim a atingiram pareciam quase exauridos.

— Pop Merrill esteve aqui — disse Kevin. — O que ele comprou?

— Por favor, desculpe meu filho — falou o Sr. Delevan. — Não está se sentindo b...

Então, ele viu o rosto de Molly e interrompeu-se. Ela dava a impressão de ter acabado de ver um homem perdendo o braço em uma máquina de fábrica.

— Oh! — exclamou ela. — Oh, meu Deus!

— Foi filme? — perguntou-lhe Kevin.

— O que há de errado com ele? — perguntou Molly fracamente. — Eu percebi que havia qualquer coisa no minuto em que chegou. O que foi? Terá ele... feito alguma coisa?

Céus, pensou John Delevan. Ele SABE. Então, é tudo verdade! Naquele momento, o Sr. Delevan tornou uma decisão quietamente heróica: entregou os

pontos por completo. Cedeu de todo e colocou inteiramente nas mãos do filho não apenas ele próprio, mas também o que achava poder ser ou não verdadeiro.

— Foi filme, não foi? — insistiu Kevin. Seu rosto ansioso a censurava pelos tremores e vacilações que ela mostrava. — Filme Polaroid. Dali — acrescentou ele, apontando para o mostruário.

— Sim, foi. — O rosto dela agora estava branco como porcelana; o toque de ruge aplicado pela manhã destacava-se em manchas heticas e vivas. — Ele estava... tão estranho! Parecia um boneco falante. O que há de errado com ele? O que...

Kevin já se desligara dela, virava-se para o pai.

— Eu preciso de uma câmara! — exclamou, incisivo. — Preciso dela agora mesmo.

Uma Polaroid Sun 660. Eles a têm aqui. Está até havendo uma promoção desse modelo. Entende?

Entretanto, apesar de sua decisão, a boca do Sr. Delevan não abandonou os últimos fios pendentes de racionalidade.

— Ora... — começou ele, e foi até onde Kevin o deixou ir.

— Eu não SEI por quê! — gritou o garoto, e Molly Durham deixou escapar um gemido. Não sentia vontade de vomitar; Kevin Delevan estava assustado, mas não tanto. O que ela queria fazer agora era simplesmente ir para casa, esgueirar-se para seu quarto e puxar as cobertas sobra a cabeça. — Só sei que precisamos tê-la, e o tempo está quase esgotado, papai!

— Dê-me uma dessas câmaras — disse o Sr. Delevan, puxando a carteira de notas com mãos trêmulas, sem reparar que Kevin já disparava para o mostruário.

— Pegue uma — ela ouviu dizer uma voz trêmula, totalmente diversa da sua. — É só pegar uma e ir embora!

DEZENOVE

No outro lado da praça, acreditando estar tranquilamente reparando um relógio-cuco barato, Pop Merrill se sentia tão inocente como se tivesse um bebê nos braços.

Terminou de carregar a câmara de Kevin com um dos pacotes de filmes e trancou a máquina. Ela emitiu seu chorinho lamentoso.

Maldito cuco, dá a impressão de estar com um caso sério de laringite. Penso que pulou dois dentes da roda dentada. Muito bem, eu sei como curar essa falha.

— Vou consertar você — disse Pop, e ergue a câmara.

Aplicou um olho esgazeado ao visor com a rachadura da grossura de um lio de cabelo, tão diminuta, que só era percebida quando vista muito de perto, como agora.

A câmara estava apontada para a frente da loja, mas isso não fazia diferença; para onde quer que fosse apontada, estaria focalizando um certo cão negro, que não era nenhum cão jamais produzido por Deus em uma cidadezinha chamada Polaroidsville (na falta de um nome melhor), a qual tampouco tinha sido feita por Ele.

FLASH!

De novo o chorinho lamentoso, quando a câmara de Kevin expeliu unia nova foto.

— Pronto! — exclamou Pop, com quieta satisfação. — Talvez eu faça mais do que botar você falando, passarinho. O que quero dizer é que bem poderia deixá-lo cantando. Não prometo, mas vou tentar.

Pop mostrou nos lábios um sorriso seco e coriácco, depois tornou a apertar o botão.

FLASH!

Eles já chegavam ao meio da praça, quando John Delevan avistou uma silenciosa luz branca encher as vitrines sujas do Emporium Galorium. A luz era

silenciosa, mas em seguida a ela, à maneira de um choque retardado, ele ouviu um rumor surdo e soturno, que pareceu chegar-lhe aos ouvidos como proveniente da loja de quinquilharias do velho... mas somente porque a loja de quinquilharias do velho era o único lugar aonde tal som encontraria uma saída. Em verdade, era um som que parecia emanar de baixo da terra... ou seria a terra o único lugar suficientemente grande para aninhar o dono daquela voz?

— Corra, papai! — gritou Kevin. — Ele já começou!

O flash repetiu-se, iluminando as vitrines como uma fria pulsação de eletricidade.

Foi seguido novamente por um rosnado subaural, era o som de um boom sônico em um túnel de vento, o som de um animal sendo despertado de seu sono com um pontapé, e cuja hediondez a compreensão não saberia como descrever.

Incapaz de conter-se e quase inconsciente do que fazia, o Sr. Delevan abriu a boca para dizer ao filho que um clarão tão grande e tão vivo não poderia brotar do flash embutido de uma câmara Polaroid, mas Kevin já começara a correr.

O Sr. Delevan começou também a correr, sabendo perfeitamente o que pretendia: agarrar o filho pela gola e puxá-lo para trás, antes que algo terrível, além do seu alcance de todas as coisas terríveis, pudesse acontecer.

VINTE

A segunda Polaroid que Pop bateu forçou a primeira para fora da fenda de saída. A foto planou acima da superfície da mesa, depois aterrando nela com um baque mais pesado do que seria possível provir de um quadrado de papelão tratado quimicamente. O cão da Polaroid agora enchia quase todo o espaço da foto; em primeiro plano estava sua cabeça impossível, os buracos negros dos olhos, as mandíbulas fumegantes, povoadas de dentes. O crânio parecia ter-se alongado para uma forma semelhante a uma bala de arma de fogo ou uma gota de lágrima, porque a velocidade da coisa-cão e o encurtamento da distância entre o animal e a lente, acentuavam o desfocamento. Agora, somente o topo das ripas aguçadas da cerca, mais atrás, estava visível; o volume dos ombros flexionados da coisa ocupava todo o restante da fotografia.

A gravata de cordão do aniversário de Kevin, que havia repousado perto da câmara Sun em sua gaveta, surgia agora na parte inferior da foto, refletindo uma faixa de enevoada luz solar.

— Quase dei um jeito em você, seu filho da puta — disse Pop, em voz aguda e dissonante. Seus olhos estavam ofuscados pela luz. Ele não via o cão e nem a câmara.

Via apenas o cuco sem voz, que se tornara a missão de sua vida. — Você vai cantar, maldito! Eu o farei cantar!

FLASH!

A terceira foto expulsou a segunda da fenda de saída. Ela tombou muito depressa, mais como um pedaço de pedra do que um quadrado de cartolina e, ao bater na mesa, mergulhou através do antigo e surrado mata-borrão que ali havia, e enviou pelos ares estilhas da madeira mais abaixo.

Nesta foto, a cabeça do cão ficara ainda mais fora de foco, tomando-se uma longa coluna de carne, que dava ao retrato um aspecto estranho, quase tridimensional.

Na terceira, ainda apontando da fenda no fundo da câmara, o focinho do cão Polaroid parecia — impossivelmente — estar de novo entrando em foco. Era impossível, porque estava o mais próximo da lente que poderia estar; tão

próximo, que se assemelhava ao focinho de algum monstro marinho, logo abaixo daquele frágil menisco que denominamos superfície.

— Esta maldita coisa ainda não chegou ao ponto certo — disse Pop.

Seu dedo tornou a acionar o obturador da Polaroid.

VINTE E UM

Kevin subiu correndo os degraus do Emporium Galorium. Seu pai esticou o braço, agarrando apenas o ar, a dois centímetros da aba voejante da camisa do filho, tropeçou e caiu sobre as palmas das mãos. Seus dedos escorregaram através do penúltimo degrau para o topo, enviando um estremecimento de pequenas espetadas em sua pele.

— Kevin!

Ele ergueu os olhos e, por um momento, o mundo quase ficou perdido em outro daqueles ofuscantes flashes brancos. Desta vez, o rugido foi muito mais alto. Era o som de um animal enlouquecido, na iminência de escapar de uma jaula enfraquecida por suas arremetidas. Ele viu Kevin de cabeça baixa, uma das mãos protegendo os olhos contra o intenso clarão branco, seu corpo congelado em meio àquela iluminação estroboscópica, como se ele próprio se houvesse tomado uma fotografia.

Também viu rachaduras, semelhantes a relâmpagos, abrirem um caminho ziguezagueante nas vidraças da porta.

— Kevin, cuid...

As vidraças explodiram para fora, em cintilante pulverização. O Sr. Delevan afundou a cabeça, enquanto estilhaços voavam à sua volta, como um chuveiro. Ele os sentiu polvilhando seus cabelos, as faces ficaram arranhadas, mas nenhuma lasca de vidro feriu profundamente o menino ou o homem; a maioria delas fora reduzida a partículas mínimas.

Houve um som forte, de madeira cedendo. Tomando a erguer a cabeça, o Sr. Delevan viu que Kevin havia entrado justamente como ele tinha pensado antes: forçando a porta agora sem vidraças, com o ombro, e arrancando o ferrolho novo da madeira velha e carcomida.

— KEVIN, PELO AMOR DE DEUS! — ele gritou.

Levantando-se, quase tornou a cair sobre um joelho, quando um pé tropeçou no outro, depois ficou ereto e mergulhou atrás do filho.

Alguma coisa tinha acontecido ao maldito relógio-cuco. Alguma coisa ruim

Alguma coisa tinha acontecido ao maldito relógio-cuco. Alguma coisa ruim.

O relógio soava e soava — o que já era mim o bastante, porém ainda havia mais.

Ele também adquirira peso nas mãos de Pop... além de estar ficando desconfortavelmente quente.

Olhando para baixo, Pop de repente tentou gritar, horrorizado, por entre mandíbulas que pareciam presas uma à outra, por meio de arames.

Ele percebeu que havia estado totalmente cego, também tendo subitamente percebido que, em suas mãos, não havia nenhum relógio-cuco.

Tentou fazer as mãos relaxarem a pressão mortal sobre a câmara e ficou aterrado, quando descobriu que não conseguia abrir os dedos. O campo de gravidade em torno da máquina Polaroid parecia ter aumentado. O singularmente terrível era a sensação de que o calor aumentava firmemente. Entre os dedos abertos de Pop, com unhas lívidas, o plástico cinzento da câmara começava a fumegar.

Seu dedo indicador direito rastejou para cima, na direção do botão vermelho do obturador, como uma mosca aleijada.

— Não — murmurou ele, acrescentando, em uma súplica: — Por favor...

O dedo não atendeu. Chegou ao botão vermelho e pousou sobre ele, no momento em que Kevin jogava o ombro contra a porta e a arrombava. As vidraças dos painéis de madeira rangeram e se partiram.

Pop não apertou o botão. Ainda que cego, ainda que sentindo a carne dos dedos começando a arder e chamuscar, ele sabia que não devia apertar o botão. Entretanto, quando o dedo pousou em cima dele, o campo gravitacional em torno primeiro pareceu duplicar, depois triplicar. Pop tentou erguer o dedo, afastá-lo do botão. Era como tentar manter uma posição de flexão sobre o planeta Júpiter.

— Solte-a! — gritou o garoto, de algum ponto na orla de sua escuridão. — Deixe-a cair, deixe-a cair!

— NÃO! — gritou Pop em resposta. — O que quero dizer é, NÃO POSSO!

O botão vermelho começou a deslizar para seu ponto de contato.

Kevin estava em pé, as pernas afastadas, inclinado para a câmara que tinham acabado de trazer do LaVerdiere’s, cuja caixa jazia a seus pés. Conseguira pressionar o botão que fazia a frente da câmara abrir-se como uma porta, revelando o amplo compartimento de colocar o filme. Estava tentando enfiar nele um dos pacotes de filme, o qual se recusava teimosamente a encaixar-se — era como se esta câmara também se revelasse traidora, talvez em solidariedade à irmã.

Pop gritou de novo, porém agora não houve palavras, apenas um inarticulado brado de dor e medo. Kevin sentiu cheiro de plástico ardendo e carne tostando.

Ergueu o rosto, e viu que a Polaroid derretia-se, estava de fato derretendo-se nas mãos congeladas do velho. Sua silhueta quadrada, à maneira de caixa, reorganizava-se em curiosa forma arqueada. De algum modo, os vidros do visor e da lente também se haviam transformado em plástico. Ao invés de se quebrarem ou se soltarem do invólucro cada vez mais deformado da câmara, aqueles vidros alongavam-se, espichando-se para baixo como calda açucarada, como se fossem dois olhos grotescos, semelhantes aos de uma máscara de tragédia.

Pelos dedos e dorso das mãos de Pop, escorreu plástico escuro e aquecido ao ponto de amolecimento, como cera quente, formando riachos espessos, corroendo-lhe a came. O plástico cauterizava o que queimava, porém Kevin viu sangue brotando das margens daqueles riachos, e o sangue deslizava pela carne de Pop, indo pingar na mesa em gotículas fumegantes, que chiavam como gordura quente.

— Seu filme ainda está embrulhado! — berrou seu pai atrás dele, rompendo a paralisia de Kevin. — Desembrulhe-o! Passe-o para mim!

O Sr. Delevan passou em torno dele, chocando-se com tanta força em Kevin, que quase o derrubou. Arrancou-lhe da mão o pacote de filme, ainda envolto no papel laminado, e rasgou uma extremidade. Depois retirou o pacote do filme de seu envelope laminado.

— AJUDEM-ME! — guinchou Pop, e foram as últimas palavras coerentes que eles o ouviram pronunciar.

— Depressa! — gritou o Sr. Delevan, colocando nas mãos do filho o pacote de filme recém-desembrulhado. — Depressa!

O chiado de carne quente. O pingar de sangue quente sobre a mesa, antes apenas um chuveiro, agora uma tempestade, quando as veias e artérias maiores nas costas das mãos e dedos de Pop começaram a romper-se. Um regato de plástico fervente enrolou-se no pulso esquerdo, como um bracelete, e o amontoado de veias tão perto da superfície, naquele ponto, não suportou mais a pressão. O sangue começou a esguichar, como se através de uma junta de vedação que primeiro começara a vazar em vários lugares, para então desintegrar-se, simplesmente, sob a insistente e compassada pressão.

Pop urrou como um animal.

Kevin tentou encaixar novamente o pacote de filme.

— Porra! — exclamou, quando não conseguiu.

— Está ao contrário! — bradou o Sr. Delevan.

Tentou arrancar a Polaroid das mãos de Kevin, mas seu filho recuou com um safanão, e ele ficou com apenas um pedaço de camisa na mão, nada mais. Kevin retirou o pacote de filme do compartimento da máquina e, durante um instante, ele tremulou nas pontas de seus dedos, quase caindo ao chão — e Kevin sentia que o chão ansiava por realmente arquear-se para cima, na forma de um punho, a fim de esmagar o filme, quando caísse.

Então, segurou-o firme, girou-o, encaixou-o no lugar e trancou a frente da câmara, que pendia flácida para baixo, como uma criatura com o pescoço quebrado.

Pop urrou novamente, e...

FLASH!

VINTE E DOIS

Desta vez, era como estar em pé no centro de um sol que, em um clarão súbito e sem calor, transforma-se em supernova. Kevin teve a sensação de que sua sombra fora arrancada brutalmente do lugar e jogada na parede. Talvez isto fosse pelo menos parcialmente verdade, porque a parede inteira atrás dele ficou estorricada em um átimo, riscada por mil rachaduras loucas, exceto por uma área afundada, onde a sombra dele havia caído. O contorno da sombra de Kevin, tão claro e indiscutível como uma silhueta recortada, ficou tatuado naquele local, com um cotovelo projetando-se em formato de cunha alada, perfeitamente delineado, quando o braço produtor da sombra lançou sua imagem congelada para trás, no momento em que ele erguia a nova câmara até o rosto.

O topo da câmara de Pop soltou-se do resto, produzindo um som espesso, semelhante ao pigarro de um homem muito gordo, limpando a garganta. O cão Polaroid rosnou e, desta vez, esse trovão de baixo foi alto o bastante, claro o bastante, perto o bastante para estilhaçar os vidros da frente dos relógios, para enviar os vidros dos espelhos e de retratos emoldurados impetuosamente através do piso, em arcos momentâneos de cristal, com espantosa e improvável beleza.

A câmara não gemeu nem choramingou desta vez; o som de seu mecanismo foi um grito, agudo e estridente, como uma mulher agonizando nos estertores de um parto com o nascituro em posição invertida. O quadrado de cartolina que foi expelido como uma bala por aquela estreita abertura estorricou-se e fumegou. Então, a escura fenda de saída da foto começou a derreter-se, um lado torcendo-se para baixo, o outro enrugando-se para cima, o buraco iniciando um bocejo, como uma boca desdentada. Uma bolha se formou sobre a superfície reluzente da última foto, ainda pendente da boca alargando-se no canal por onde a Polaroid Sun paria suas fotografias.

Enquanto Kevin olhava, espiando através de uma cortina de pontos flamejantes em disparada, posta diante de seus olhos pela última explosão branca, o cão da Polaroid rugiu novamente. O som era mais fraco agora, havendo menos daquela impressão de provir de baixo de toda parte, porém era também mais mortal, por ser mais real, mais ali.

Parte da câmara que se dissolvia explodiu para trás, em um enorme pedaço acinzentado, atingindo o pescoço de Pop Merrill e expandindo-se em uma espécie de colar. De repente, a jugular e a carótida do velho cederam,

esguichando jatos de sangue para cima e para fora, em vividas espirais. A cabeça de Pop foi lançada invertebradamente para trás.

A bolha na superfície da foto cresceu. A foto em si começou a estremecer na fenda bocejante do fundo da câmara agora decapitada. Seus lados alargaram-se, como se a fotografia não estivesse mais fixada em uma cartolina, mas em alguma substância flexível como um tecido de náilon. Ela se encolhia para diante e para trás na fenda, e Kevin pensou nas botas de vaqueiro que ganhara no aniversário de dois anos antes, pensou em como precisava encolher os pés dentro delas, por estarem um pouco apertadas.

Os lados da foto bateram contra as bordas da fenda de saída da câmara, onde deviam ter ficado presos firmemente. Entretanto, a câmara já deixara de ser um sólido; de fato, perdera qualquer semelhança com o que havia sido. As bordas da foto deslizaram através das laterais da Polaroid, tão destramente como as bem afiadas lâminas duplas de uma faca deslizariam através de carne tenra. Projetaram-se para fora do que tinha sido o invólucro da Polaroid, enviando gotas cinzentas de plástico fumegante em voo pelo ar sombrio. Uma das gotas caiu sobre uma pilha de revistas Popular Mechanics, secas e quebradiças, cavando nelas um buraco estorricado e fumegante.

O cão tornou a rugir, foi um som medonho e furioso — o grito de alguma coisa que nada mais tinha em mente além de atacar e matar. Apenas isto, nada mais.

A foto oscilou na borda da fenda frouxa e derretendo-se, agora mais semelhante à campanula de algum deformado instrumento de sopro do que de outra coisa, para em seguida despencar sobre a mesa com a velocidade de uma pedra caindo dentro de um poço.

Kevin sentiu uma mão aferrar-lhe o ombro.

— O que essa coisa está fazendo? — perguntou seu pai roucamente. — Deus Todo-Poderoso, Kevin, o que ela está fazendo?

Kevin se ouviu respondendo, em uma voz remota, quase desinteressada:

— Está nascendo.

VINTE E TRÊS

Pop Merrill morreu reclinado na cadeira atrás de sua mesa de trabalho, onde havia passado tantas horas sentado: sentado e fumando; sentado e consertando coisas, a fim de que funcionassem pelo menos durante algum tempo e ele vendesse o imprestável aos descuidados; sentado e emprestando dinheiro aos impulsivos e imprevidentes, depois que o sol se punha. Morreu olhando para o teto, do qual seu próprio sangue pingava de volta, salpicando-lhes as faces e os olhos.

A cadeira perdeu o equilíbrio e despejou seu corpo flácido no assoalho. Sua bolsa e seu molho de chaves tilintaram.

Em cima da mesa, a Polaroid final continuava a contorcer-se incessantemente.

Suas laterais distenderam-se, e Kevin pareceu captar alguma coisa desconhecida, viva e não viva ao mesmo tempo, grunhindo em medonho e inconhecível trabalho de parto.

— Temos que ir embora daqui — ofegou seu pai, puxando-o.

Os olhos de John Delevan estavam esbugalhados e frenéticos, grudados naquela fotografia móvel que se ampliava e agora cobria metade da mesa de trabalho de Merrill. Sua semelhança com qualquer fotografia desaparecera por completo. Os lados avolumavam-se como as bochechas de alguém tentando freneticamente assobiar. A bolha reluzente, agora com uns trinta centímetros de altura, arqueava-se e estremecia. Cores estranhas e inomináveis iam e vinham, percorrendo aereamente uma superfície que parecia destilar alguma oleosa espécie de suor. Aquele rugido, cheio de frustração, de propósito e desvairada fome, tornou a varar-lhe o cérebro, ameaçando dividi-lo repetidamente, levando-o à loucura.

Kevin afastou-se bruscamente do pai, com isto rasgando a camisa na altura do ombro. Sua voz estava impregnada de profunda e estranha calma.

— Não — essa coisa iria atrás de nós. Penso que é a mim que ela quer, porque se quisesse Pop já o teria apanhado e, afinal de contas, fui eu o primeiro dono da câmara. E essa coisa, esse cão, não pararia aí. Apanharia você também. E talvez ainda seja pouco para ele.

— Você não pode fazer nada! — gritou seu pai.

— Posso — respondeu Kevin. — Ainda tenho uma chance.

Ao falar, ele ergueu a câmara.

As bordas da fotografia chegaram às bordas da mesa de trabalho. Ao invés de penderem para baixo, enrolaram-se para cima, continuando a contorcer-se e aumentar. Agora pareciam curiosas asas, de algum modo providas de pulmões, tentando respirar de maneira torturada.

Toda a superfície daquela coisa amorfa e pulsante continuava latejando; o que devia ter sido uma área achatada e lisa, agora se tomara um horrendo tumor, com os lados encaroçados destilando o líquido repugnante. O cheiro que expelia era de geléia de mocotó.

Os rugidos do cão eram agora contínuos, os uivos encurralados e furiosos de um cão de caça infernal, tentando escapar. Alguns relógios do falecido Pop Merrill começaram a soar incessantemente, como que em protesto.

O desejo frenético de escapar desertara do Sr. Delevan; ele se sentia dominado por funda e perigosa lassidão, uma espécie de sonolência letal.

Kevin manteve o visor da câmara colado ao olho. Ele estivera caçando alces apenas algumas vezes, porém recordava como era, chegada a sua vez de esperar, emboscar-se, com o rifle de prontidão, enquanto os parceiros de caça caminhavam pela floresta na direção dele, fazendo deliberadamente o máximo de ruído que podiam, esperando com isto afugentar algo do meio das árvores para a clareira em que ele esperava, tendo o campo de tiro em ângulo seguro, cruzado à frente dos homens. Não era preciso preocupar-se com a possibilidade de atingi-lo; a única preocupação era atingir o alce.

Havia tempo para pensar se o atingiria, quando e se ele aparecesse. Também havia tempo para pensar se chegaria mesmo a disparar. Tempo para desejar que o alce permanecesse hipotético, a fim de que o teste não tivesse de ser feito... e, de fato, era o que geralmente acontecia. Da única vez em que houvera um alce, Bill Roberson, amigo de seu pai, é que ficara de tocaia. O Sr. Roberson colocara a bala precisamente onde devia ser colocada, na junção do pescoço e do ombro, e eles pediram ao guarda-florestal que tirasse a foto de todos em torno do alce, um macho de galhada completa, que faria o orgulho de qualquer caçador.

Aposto como gostaria de que fosse a sua vez na tocaia, não é, filho? havia dito o guarda-florestal, desmanchando-lhe o cabelo (Kevin tinha doze anos então, e ainda faltava um ano para começar a arrancada de crescimento desde dezessete meses atrás, que o deixara até então faltando apenas três centímetros para um metro e oitenta... isto significando que, naquela época, ainda não era grande o bastante para ficar ressentido com um homem que lhe desmanchasse os cabelos). Kevin assentira, guardando seu segredo para si mesmo: estava contente por não ser a sua vez na tocaia, por não ser seu, o rifle responsável por disparar ou não a bala... e, se encontrasse coragem para atirar, sua recompensa teria sido apenas outra perturbadora responsabilidade: dar um tiro certeiro. Kevin não sabia se teria coragem de meter outra bala no animal, se a morte não fosse imediata, ou força de espírito bastante para seguir a trilha do sangue e os fumegantes e assustadores excrementos do alce, a fim de terminar o que começara, caso a presa fugisse.

Ele erguera o rosto sorridente para o guarda-floresta, assentira, e seu pai tirara uma foto disso. Portanto, não houvera necessidade de dizer para o pai que o pensamento por trás daquela testa erguida e sob a mão do guarda-florestal desmanchando-lhe os cabelos, havia sido Não. Eu não gostaria. O mundo está cheio de testes, mas um garoto de doze anos ainda é muito novo para ir atrás deles. Estou contente por ter sido o Sr. Roberson. Ainda não estou preparado para envolver-me em testes de homens.

Agora, no entanto, era ele que estava na tocaia, não? E o animal estava vindo, não?

E desta vez não era nenhum inofensivo comedor de capim, certo? Desta vez, era uma máquina mortífera, grande o bastante e cruel o bastante para engolir um tigre inteiro, isto significando devorá-lo, e seria apenas o começo, sendo ele o único capaz de deter a fera.

O pensamento de entregar a câmara para o pai cruzou sua mente, mas apenas por um momento. Algo no fundo dele próprio sabia a verdade: entregar a Polaroid equivaleria a assassinar seu pai e ele suicidar-se. A câmara não funcionaria com seu pai, mesmo que ele conseguisse libertar-se do aturdimento em que se encontrava, e pressionar o obturador.

A câmara funcionaria somente com ele, Kevin.

Assim, aguardou o teste, espiando pelo visor da máquina fotográfica, como se

fosse a mira de um rifle, espiando para a fotografia, enquanto ela continuava a expandir-se e forçar mais e mais para cima, mais e mais para os lados, aquela bolha lustrosa e liquescente.

Então, começou a acontecer o nascimento real do cão da Polaroid neste mundo.

A câmara pareceu adquirir peso, transformando-se em chumbo, enquanto a coisa tornava a rugir, com um som semelhante a uma chicotada, acompanhada do disparo de uma bala de aço. A Polaroid tremeu-lhe nas mãos, e ele sentiu os dedos molhados, escorregadios, simplesmente querendo encolher-se e soltá-la. Intensificou a pressão, os lábios arreganhando-se dos dentes, em um sorriso desesperado e doentio. O suor escorreu para dentro de um olho, duplicando-lhe a visão momentaneamente. Kevin jogou a cabeça para trás, afastando o cabelo que caíra na testa e sobrancelhas, em seguida tornando a aninhar o olho ao visor da Polaroid, enquanto um estrondoso som dilacerante, como de tecido grosso sendo rasgado ao meio por mãos fortes e lentas, enchia todo o recinto do Emporium Galorium.

A superfície lustrosa da bolha se rompeu. Um jato de fumaça vermelha, como o vapor de uma chaleira de chá diante de neon vermelho, esguichou para fora da bolha.

A coisa rugiu novamente, um som homicida e furioso. Uma gigantesca mandíbula, repleta de dentes ameaçadores, irrompeu através da membrana que se encolhia na bolha recém-furada, como a mandíbula arreganhada de uma baleia-guia. A coisa rasgou, mascou e estraçalhou a membrana, que terminou de romper-se com sons chapinhantes e viscosos.

Os relógios deram horas aloucadas e descontroladamente.

O Sr. Delevan tornou a agarrá-lo, com tanto esforço que os dentes de Kevin bateram contra o corpo de plástico da câmeras que por um triz não escapou de suas mãos para estatelar-se na chão.

— Dispare! — gritou seu pai, acima dos uivos tenebrosos da coisa. — Dispare, Kevin, se puder dispará-la, DISPARE AGORA, pelo amor de Deus, essa coisa vai...

Kevin arrancou-se da mão de seu pai.

— Ainda não — respondeu. — Ainda n...

A coisa ululou, ao som da voz de Kevin. O cão da Polaroid arremeteu de onde quer que estivesse, aumentando a fotografia ainda mais. Ela cedeu e distendeu-se, com uma espécie de resmungo, logo substituído pela tosse espessa de tecido sendo novamente rasgado.

E, de repente, o cão da Polaroid estava à vista, a cabeça erguendo-se negra, áspera e emaranhada através do buraco, surgindo para a realidade, como algum esquisito periscópio inteiramente enoveiado em metal retorcido e lentes cintilantes, ofuscantes... exceto que não se tratava de metal, mas daquele pelo retorcido e em pé, e tampouco se tratava de lentes, mas dos olhos insanos e enfurecidos da coisa. Era para isto que Kevin olhava agora.

A cabeça da coisa ficou presa pelo pescoço, os espinhos de seu pelame estraçalhando as orlas do buraco que tinha feito, em um curioso padrão rasgado de raios solares. O cão rugiu de novo, e um fogo repugnante, amarelo-avermelhado escapou de sua boca.

John Delevan deu um passo atrás, chocando-se contra uma mesa entulhada de exemplares de Contos Estranhos e Universo Fantástico. A mesa inclinou-se, e o Sr. Delevan tentou equilibrar-se inutilmente contra ela, os calcanhares primeiro indo para trás e depois escorregando sob ele. Homem e mesa caíram ao chão com estrondo. O cão da Polaroid rugiu novamente, depois encolheu a cabeça com insuspeitada delicadeza e rompeu a membrana que a prendia. A membrana se rasgou. A coisa latiu uma fina torrente de fogo, a qual incendiou a membrana e a transformou em cinzas. Tornando a arremeter para diante, a besta mostrou aos olhos de Kevin que o fecho da gravata, em torno de seu pescoço, agora se tomara o instrumento em forma de colher com que Pop Merrill costumava limpar o cachimbo.

Nesse momento, o garoto se viu invadido por absoluta calma. Seu pai gritava de surpresa e medo, enquanto tentava libertar-se da mesa sobre a qual tinha caído, porém Kevin nada percebeu. Os gritos pareciam chegar até ele vindos de muito longe.

Está tudo bem, papai, pensou, focalizando mais firmemente no visor a besta que se contorcia e emergia. Está tudo bem, vê? Enfim, pode estar tudo bem... porque o amuleto que a coisa usa agora é outro.

Kevin pensou que talvez o cão da Polaroid também tivesse um dono... e esse dono tinha percebido que aquele garoto deixara de ser uma presa segura.

Enfim, talvez houvesse um apanhador de cães vadios naquela estranha cidade de Polaroidsville em nenhures; devia haver, ou então, por que a mulher gorda estivera em seu sonho? Ela é que lhe dissera o que devia fazer, dissera por conta própria ou porque aquele apanhador de cães a colocara lá, para que ele visse e percebesse: a gorda bidimensional, com seu carrinho de compras bidimensional, cheio de câmaras. Tome cuidado, garoto. O cachorro de Pop rebentou a correia e é um bicho perigoso... E difícil tirar a foto dele, mas a gente não pode fazer tudo, a menos que tenha uma câmara.

Pois agora ele tinha a sua câmara, não tinha? Não havia certeza, de maneira nenhuma, porém, pelo menos ele a tinha.

O cão fez uma pausa, girando a cabeça quase que aereamente...até seu olhar lodoso e ardente pousar em Kevin Delevan. Seus lábios negros deixaram à mostra as presas enrodilhadas de urso, o focinho se abriu para revelar o canal fumegante da garganta, e houve um uivo agudo e estridente de fúria. Os antigos globos pendentes que iluminavam a casa de Pop à noite, estilhaçaram-se um após outro, enviando para baixo estiletes de vidro pintalgados de excrementos de moscas. A coisa avançou, o peito ofegante irrompendo entre a membrana que separava os mundos.

O dedo de Kevin pousou no disparador da Polaroid.

A coisa tornou a avançar, e agora as patas dianteiras ficaram livres, os cruéis esporões ósseos, como espinhos gigantescos, riscando e arranhando a mesa em busca de apoio. Traçaram compridas cicatrizes verticais em movimento, escavando por um apoio naquele lugar lá (onde quer que existisse aquele lugar lá), e soube que estes seriam os curtos e finais segundos em que a coisa estaria encurralada e à sua mercê; a próxima e convulsiva arremetida a enviaria voando sobre a mesa e, uma vez livre do buraco através do qual se contorcia, seus movimentos seriam tão rápidos como morte líquida, atacando através do espaço entre eles. Então, ele teria as calças incendiadas por aquele hálito ardente, frações de segundos antes da coisa dilacerar-lhe as entranhas cálidas.

Com toda clareza, Kevin instruiu:

— Diga giz, seu filho da mãe!

E apertou o botão disparador da Polaroid.

VINTE E QUATRO

O clarão do flash foi tão brilhante, que mais tarde Kevin seria incapaz de concebê-lo; em verdade; mal conseguiria recordá-lo. A câmara em suas mãos não ficou aquecida e derreteu-se; em vez disto, houve três ou quatro rápidos e decisivos sons de algo se rompendo no interior, como se a lente se houvesse quebrado e as molas ficassem soltas ou, simplesmente, desintegradas.

No alvo instante após o flash, ele viu o cão da Polaroid congelar-se, uma perfeita foto Polaroid em preto e branco, a cabeça jogada para trás, cada torcida dobra e pregueados em seu pêlo selvagemente emaranhado assemelhando-se à complicada topografia do leito seco de um rio, no fundo de algum vale. Os dentes da besta reluziram, não mais sutilmente matizados de amarelo, mas tão brancos e horrendos como ossos velhos, naquele vazio estético onde a água deixara de correr desde milênios. Seu inchado e único olho, desaparecida a escura e sanguinolenta escotilha da íris pela ação do flash impiedoso, era tão branco como um olho na cabeça de um busto grego. Um catarro enfumaçado escorria das narinas dilatadas, deslizando como lava quente pelas estreitas sarjetas entre o focinho franzido para trás e as gengivas.

Era como um negativo de todas as Polaroids que Kevin já vira; tudo em preto e branco, ao invés de colorido, em três dimensões, ao invés de duas. E era como ver uma criatura viva transformada instantaneamente em pedra por um olhar descuidado para a cabeça de Medusa.

— Você está liquidado, seu filho da puta! — bradou Kevin.

Sua voz era entrecortada e histérica ao gritar aquilo. Como que em concordância, as congeladas patas dianteiras da besta perderam o ponto de apoio em cima da mesa e começaram a desaparecer, primeiro devagar, depois rapidamente, voltando para o buraco de onde tinham vindo. A coisa pareceu ser sugada por aquele buraco, por entre um gutural som de tosse, como uma avalancha.

O que verei, se for até lá e espiar naquele buraco? perguntou-se Kevin, incoerentemente. Verei aquela casa, aquela cerca, o velho com seu cairinho de compras, espiando com olhos arregalados de espanto para o rosto de um gigante, não de um garoto, mas de um Garoto, que também o espia, através de um buraco aberto e chamuscado no céu enevoado? E se eu for sugado para lá? O que acontecerá?

Em vez disto, ele soltou a Polaroid e levou as mãos ao rosto.

Somente John Delevan, caído no chão, viu o ato final: a membrana morta e contorcida, encolhendo-se sobre si mesma, formando uma complicada, mas não importante protuberância em torno do buraco, amarfanhando-se ali e então caindo (ou sendo inalada) sobre si mesma.

Houve um som ululante no ar, elevando-se de um arquejo amplo e um agudo assobio de chaleira.

Em seguida, a membrana se virou pelo avesso e desapareceu. Desapareceu simplesmente, como se jamais houvesse existido.

Levantando-se, trêmula e vagarosamente, o Sr. Delevan viu que a inalação final (ou exalação, supôs ele, dependendo de que lado do buraco a pessoa estivesse) de ar sugou o mata-borrão da mesa e as outras fotos tiradas pelo velho, levando-os consigo.

Seu filho estava em pé no meio do aposento, com as mãos no rosto, chorando.

— Kevin — disse ele em voz baixa, passando os braços em torno de seu garoto.

— Eu tinha que tirar o retrato dele — disse Kevin, por entre as lágrimas e por entre as mãos. — Era a única maneira de ficar livre dessa coisa. Tinha que tirar o maldito retrato desse maldito cachorro. É isso o que quero dizer.

— Sim. — Seu pai abraçou-o mais forte. — Sim, e você o tirou.

Kevin olhou para o pai, com o rosto nu e lacrimoso.

— Como se tivesse que dar um tiro nele, papai. Você entende?

— Entendo — respondeu seu pai. — Sim, eu entendo. — Ele beijou a face quente do garoto. — Vamos para casa, filho.

Aumentou a pressão em torno dos ombros de Kevin, querendo empurrá-lo para a porta, afastá-lo do corpo fumegante e ensanguentado do velho (Kevin não o tinha percebido realmente, pensou o Sr. Delevan, mas acabaria percebendo, se ficassem mais tempo ali). Por um momento, Kevin resistiu.

— O que os outros irão dizer?

O tom de Kevin era tão formalista e afetado, que o Sr. Delevan riu, apesar dos nervos abalados.

— Que digam o que bem quiserem — respondeu. — Nunca chegarão a dois metros da verdade, e, por outro lado, não acredito que alguém se esforce muito para saber o que houve. — Ele fez uma pausa. — Compreenda, afinal, ninguém o apreciava muito.

— Eu nunca vou querer ficar a dois metros da verdade — sussurrou Kevin. — Vamos para casa.

— Sim, vamos. Eu o amo, Kevin.

— Eu também amo você — disse Kevin, em voz enrouquecida.

Os dois saíram daquela fumaça e do cheiro de coisas velhas que seria melhor esquecerem, em direção à claridade brilhante do dia. Atrás deles, uma pilha de revistas velhas irrompeu em chamas... e o fogo foi rápido em estirar seus famintos dedos alaranjados.

EPÍLOGO

Era o décimo sexto aniversário de Kevin, e ele tinha ganho exatamente o que queria: um computador WordStar 70 PC para processamento de texto. De fato, nada daquilo o fazia recordar vivamente o passado. A câmara que segurava podia tê-lo feito voltar aos velhos tempos, mas em janeiro, cerca de três meses após o confronto final no Emporium Galorium, a tia Hilda falecera tranquilamente enquanto dormia. Em verdade, ela havia Feito Alguma Coisa por Kevin e Meg; aliás, Fizera Muito pela Família Inteira. Quando o testamento foi aprovado oficialmente em começos de junho, os Delevan se viram mais ricos em quase setenta mil dólares... e isso após descontados os impostos, não antes.

— Poxa, é o máximo! Obrigado! — exclamou Kevin.

Beijou a mãe, o pai e inclusive sua irmã Meg (que deu risadinhas contidas mas, sendo um ano mais velha, não tentou escondê-las; Kevin não saberia dizer se tal mudança era ou não um passo na direção certa). Ele ficou a maior parte da tarde em seu quarto, às voltas com o computador, experimentando o programa-teste.

Por volta das quatro horas, desceu ao térreo e foi ao estúdio do pai.

— Onde estão mamãe e Meg? — perguntou.

— Elas foram à feira de artesanato em... Kevin? Kevin, o que há de errado?

— É melhor vir cá em cima — disse Kevin, em tom soturno.

À porta de seu quarto, virou o rosto pálido para o rosto igualmente pálido do pai.

Havia algo mais a pagar, estivera pensando o Sr. Delevan, enquanto subia a escada atrás do filho. Claro que havia. Não aprendera também isso com Reginald Marion “Pop” Merrill? A dívida em que se incorre é o que machuca.

Entretanto, são os juros que nos arqueiam as costas.

— Podemos conseguir outro dele? — perguntou Kevin.

Ele apontava para a tela do computador em cima de sua mesa, de onde um místico oblongo de luz amarela caía sobre o mata-borrão que a forrava.

— Eu não sei — disse o Sr. Delevan, aproximando-se da mesa. Kevin ficou atrás dele, como um lívido espectador. — Penso que, se tivermos de...

Ele interrompeu a frase e ficou olhando para a tela.

— Eu estava testando o programa processador de texto, e datilografei “A ágil raposa marrom saltou sobre o preguiçoso cão adormecido” — disse Kevin, — mas foi isso que apareceu impresso.

O Sr. Delevan ficou parado, lendo silenciosamente o texto impresso. Suas mãos e a testa estavam muito frias. As palavras diziam:

O cão está solto novamente.

Ele não está adormecido.

E tampouco é preguiçoso.

Ele está vindo buscá-lo, Kevin.

É a dívida original que nos machuca, ele pensou outra vez; os juros, entretanto, é que nos arqueiam as costas. As duas últimas linhas diziam;

Ele está esfomeado.

E também MUITO zangado.

Stephen King, consagrado unanimemente pela crítica mundial com o o Mestre do Horror Moderno, reúne em Depois da Meia-Noitequatro histórias sobre pessoas que, habituadas à realidade cotidiana e palpável, encontram-se subitamente envolvidas por acontecimentos que desafiam a sanidade. São histórias que se referem não à meia-noite física — aquela que os velhos relógios anunciam com doze badaladas — mas o sutil momento de transição entre nossa realidade e outra, bizarra, ilógica. Uma realidade formada pela substância da qual são feitos os pesadelos.

O talento de Stephen King para manipular a atenção dos leitores é elevado ao nível da arte em Depois da Meia-Noite. Para ser tragado por realidades tão misteriosas quanto cativantes, basta ao leitor abrir em qualquer história e aventurar-se a ler a primeira linha.

Francisco Alves
Há 137 anos editando o Brasil

Dedicado à todos os Leitores Féis

Dezembro 2019